
Colleen Hoover


É assim que acaba
Colleen Hoover
Galera

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Slammed
Métrica
Pausa
Essa garota

Série Hopeless
Um caso perdido
Sem esperança
Em busca de Cinderela
Em busca da perfeição

Série Nunca jamais
Nunca jamais
Nunca jamais: parte dois
Nunca jamais: parte três

Série Talvez
Talvez um dia
Talvez agora

O lado feio do amor
Novembro, 9
Confesse
É assim que acaba
Tarde demais
As mil partes do meu coração
Todas as suas (im)perfeições
Verity
Se não fosse você
Layla
Até o verão terminar

Colleen Hoover

É assim que acaba

Tradução
Priscila Catão

1ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO
2022

EDITORA-EXECUTIVA
Rafaella Machado

COORDENADORA EDITORIAL
Stella Carneiro

EQUIPE EDITORIAL
Juliana de Oliveira
Isabel Rodrigues
Lígia Almeida
Manoela Alves

CAPA
Gabriella Gouveia

TÍTULO ORIGINAL
It ends with us

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hoover, Colleen, 1979-
H759a
É assim que acaba [recurso eletrônico] / Colleen Hoover ; tradução Priscila Catão. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2018.
recurso digital

Tradução de: It ends with us
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11349-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Catão, Priscila. II. Título.

17-46635

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © 2016 by Colleen Hoover
Copyright da edição em português © 2018 por Editora Galera Record Ltda.

Publicado mediante acordo com a editora original, Atria Books, um selo da Simon & Schuster, Inc.
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-11349-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para meu pai, por fazer o que pôde para não mostrar o pior de si.
E para minha mãe, por garantir que nunca víssemos o pior dele.

Sumário

Parte Um

- Capítulo Um
- Capítulo Dois
- Capítulo Três
- Capítulo Quatro
- Capítulo Cinco
- Capítulo Seis
- Capítulo Sete
- Capítulo Oito
- Capítulo Nove
- Capítulo Dez
- Capítulo Onze
- Capítulo Doze
- Capítulo Treze
- Capítulo Catorze
- Capítulo Quinze
- Capítulo Dezesseis
- Capítulo Dezessete

Parte Dois

- Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Epílogo
Nota da Autora
Agradecimentos

Parte Um

Capítulo Um

Enquanto estou aqui sentada, com um pé em cada lado do parapeito, observando as ruas de Boston a doze andares abaixo, pensar em suicídio é inevitável.

Não no *meu*. Gosto o suficiente de minha vida para querer vivê-la.

Estou pensando em outras pessoas e em como decidem simplesmente acabar com a própria vida. *Será que elas se arrependem em algum momento?* No instante depois de se jogar, e no segundo antes do impacto deve haver algum remorso durante aquela breve queda livre. Será que veem o chão se aproximando depressa e pensam: *Ah, que droga, que ideia péssima!*

Por algum motivo, acho que não.

Penso muito na morte. Ainda mais hoje, considerando que acabei de — doze horas antes — fazer um dos discursos fúnebres mais épicos que o povo de Plethora, no Maine, já testemunhou. Tudo bem, talvez não tenha sido o mais épico, mas poderia muito bem ser o mais desastroso. Acho que depende se a pergunta for feita para mim ou para minha mãe. *Minha mãe, que provavelmente vai passar um ano inteiro sem falar comigo depois de hoje.*

Não me entenda mal: meu discurso fúnebre não foi tão marcante a ponto de entrar para a história, como o de Brooke Shields no funeral de Michael Jackson. Ou o da irmã de Steve Jobs. Ou o do irmão de Pat Tillman. Mas foi épico à própria maneira.

No início, fiquei nervosa. Afinal, era o funeral do extraordinário Andrew Bloom. Prefeito idolatrado de minha cidade natal: Plethora, no Maine. Dono da agência imobiliária de maior sucesso da cidade. Marido da idolatrada Jenny Bloom, a mais reverenciada professora auxiliar de toda Plethora. E pai de Lily Bloom, aquela garota estranha, de excêntrico cabelo ruivo, que certa vez se apaixonou por um mendigo e envergonhou toda a família.

Eu sou Lily Bloom, e Andrew era meu pai.

Assim que terminei o discurso fúnebre, peguei um voo para Boston e sequestrei o primeiro telhado que encontrei. *Mais uma vez, não porque sou suicida*. Não tenho nenhum plano de saltar deste telhado. Só precisava de ar fresco e silêncio, nada mais. Algo impossível de conseguir em meu apartamento no terceiro andar, sem acesso ao telhado, e morando com uma garota que adora se ouvir cantando.

Porém, não pensei em como estaria frio aqui em cima. Não está insuportável, mas também não está nada confortável. Pelo menos dá para ver as estrelas. Pais falecidos, irritantes colegas de apartamento e discursos fúnebres questionáveis não parecem nada mal quando o céu noturno está límpido o suficiente para, literalmente, espelhar o esplendor do universo.

Amo quando o céu me faz sentir insignificante.

Estou gostando desta noite.

Bem... vou reformular a frase para que ela reflita meus sentimentos de maneira mais apropriada, no passado.

Eu *estava* gostando desta noite.

Mas, para minha infelicidade, a porta foi aberta com tanta força que quase esperei ver a escada cuspir um humano no telhado. A porta se fecha novamente, e passos se movem com pressa pelo piso. Não me dou o trabalho de erguer o olhar. Seja quem for, é muito provável que nem me perceba em cima do parapeito à esquerda da porta. A pessoa saiu com tanta pressa que não será culpa minha se presumir que está sozinha.

Suspiro baixinho, fecho os olhos e encosto a cabeça na parede de estuque atrás de mim, xingando o universo por ter me tirado o momento introspectivo de paz. O mínimo que o universo pode fazer é garantir que seja uma mulher, não um homem. Se vou ter companhia, prefiro uma mulher. Sou durona para meu tamanho, e provavelmente consigo me virar sozinha na maior parte das situações, mas estou relaxada demais para ficar sozinha com um desconhecido no telhado, tarde da noite. Temo pela minha segurança e sinto que preciso ir embora, mas não queria ir. Como disse... estou relaxada.

Finalmente permito que meus olhos percorram o trajeto até a silhueta inclinada por cima do parapeito. Infelizmente, tenho certeza de que é um homem. Mesmo naquela posição, noto que é alto. Ombros largos criam grande contraste em relação à maneira frágil como ele apoia a própria cabeça nas mãos.

Mal percebo o pesado subir e descer de suas costas enquanto ele inspira fundo, para exalar com força em seguida.

Parece à beira de um colapso. Considero dizer alguma coisa, ou pigarrear, para alertá-lo de que tem companhia, mas, antes que eu o faça, ele gira e chuta uma das cadeiras do terraço.

Eu me retraio quando o móvel arranha o telhado, mas, como ele não imagina ter plateia, não para com um só chute. Ele atinge a cadeira repetidamente, sem parar. E, em vez de se render sob a força bruta daquele pé, a cadeira apenas se afasta cada vez mais.

Aquela cadeira deve ser feita de polímero resistente à maresia.

Certa vez, vi meu pai atropelar uma mesa de jardim feita desse polímero: a coisa praticamente riu. O para-choque amassou, mas a mesa nem arranhou.

O cara parece notar que não é páreo para um material de tamanha qualidade porque finalmente desiste de chutar. Fica ali, perto do móvel, os punhos cerrados nas laterais do corpo. Para ser sincera, sinto um pouco de inveja. Ele desconta muito bem a raiva na mobília. É óbvio que teve um dia péssimo, assim como eu, mas enquanto guardo minha frustração até ela se manifestar de forma passivo-agressiva, ele encontra uma verdadeira válvula de escape.

Minha válvula de escape costumava ser minha horta. Sempre que eu me estressava, era só ir até o quintal e arrancar toda erva daninha que encontrasse. Porém, desde que me mudei para Boston, há dois anos, não tenho mais horta. Nem terraço. Nem sequer ervas daninhas.

Talvez eu devesse investir em uma cadeira de polímero resistente à maresia.

Fico observando o rapaz mais um pouco, e me pergunto se ele não vai se mexer. Está simplesmente parado, encarando a cadeira. Não está mais de punhos cerrados. As mãos estão apoiadas nos quadris, e percebo que sua camisa não tem um caimento bom no bíceps. Tem um caimento ótimo no restante do corpo, mas seus braços são enormes. Ele começa a remexer nos bolsos até encontrar o que está procurando, e — na provável tentativa de administrar ainda mais a raiva — acende um baseado.

Tenho 23 anos, já terminei a faculdade e usei a mesma droga recreativa uma ou duas vezes. Não vou julgar o rapaz por achar que precisa fumar sozinho. Mas é esta a questão: ele *não* está sozinho. Só não sabe disso ainda.

Ele dá uma longa tragada no baseado e começa a se voltar para o parapeito. Percebe minha presença ao expirar. Para de andar no instante que nossos olhares se encontram. Sua expressão não é de susto nem de humor. Ele está a uns três

metros de distância, mas a luz das estrelas é suficiente para que eu enxergue seus olhos observando meu corpo sem revelar um único pensamento. Esse cara sabe esconder o jogo; estreitando os olhos e comprimindo os lábios, ele parece a versão masculina da *Mona Lisa*.

— Como você se chama? — pergunta ele.

Sinto a voz no estômago. O que não é nada bom. As vozes deviam parar nos ouvidos, mas, às vezes — não é nada comum, na verdade —, uma voz penetra em meus ouvidos e reverbera por meu corpo. Ele tem uma dessas vozes. Grave, confiante e um pouco parecida com manteiga.

Como não respondo, ele leva o baseado à boca e dá mais uma tragada.

— Lily — revelo, por fim.

Odeio minha voz. Pareceu baixa demais para chegar a seus ouvidos, ainda mais para reverberar dentro de *seu* corpo.

O cara ergue um pouco o queixo e aponta a cabeça para mim.

— Pode descer daí, por favor, Lily?

Só quando ele pede isso percebo sua postura. Está em pé, corpo ereto, até mesmo rígido. Quase como se estivesse nervoso, achando que vou cair. *Não vou*. O parapeito tem no mínimo 30 centímetros de largura, e a maior parte de mim está no telhado. Seria muito fácil me segurar antes de cair, sem falar que o vento está a meu favor.

Olho para minhas pernas e, depois, para ele.

— Não, obrigada. Estou bem confortável aqui.

Ele se vira um pouco, como se não conseguisse me olhar diretamente.

— Por favor, desça. — Agora é mais uma ordem, apesar de ele ter dito *por favor*. — Tem sete cadeiras vazias aqui.

— Por pouco não seis — corrijo, lembrando que ele quase assassinou uma delas.

Ele não acha graça na resposta. Como não obedeço à ordem, ele dá dois passos em minha direção.

— Você está a meros 7 centímetros da morte. E ela já me fez companhia por tempo demais hoje. — Ele gesticula novamente para que eu desça. — Está me deixando nervoso. Sem falar que isso corta meu barato.

Reviro os olhos e passo as pernas por cima do parapeito.

— Deus me livre desperdiçar um baseado. — Dou um pulo para descer e limpo as mãos na calça jeans. — Melhorou? — pergunto, enquanto me aproximo.

O cara expira com força, como se tivesse prendido a respiração ao me ver em cima do parapeito. Passo por ele em direção ao lado do telhado com a melhor vista e, no meio-tempo, não deixo de perceber como ele é incrivelmente bonito.

Não. Bonito é um insulto.

O cara é *lindo*. Tem as mãos cuidadas, cheira a dinheiro e parece ser bem mais velho que eu. Seus olhos se enrugam ao me seguir, e seus lábios parecem em bico, mesmo quando relaxados. Quando chego ao lado do prédio com vista para a rua, eu me inclino e fico olhando os carros lá embaixo, tentando não demonstrar minha admiração. Só pelo corte de cabelo já dá para perceber que esse é o tipo de homem que impressiona facilmente, e eu me recuso a alimentar seu ego. Não que tenha feito alguma coisa para me convencer de que *é* metido. Porém, está vestindo uma camisa casual da Burberry, e acho que nunca estive no radar de alguém com dinheiro para, casualmente, comprar uma dessas.

Escuto passos se aproximando atrás de mim, e ele se inclina na grade a meu lado. De soslaio, eu o observo dar uma tragada no baseado. Após terminar, ele o oferece, mas recuso com um gesto. A última coisa de que preciso é me drogar perto desse cara. Sua voz já é praticamente uma droga. Meio que quero ouvi-la de novo, então pergunto:

— Então, o que aquela cadeira fez para te deixar tão zangado?

Ele olha para mim. Quero dizer, *realmente* me olha. Seus olhos encontram os meus, e ele me encara com firmeza, como se todos os meus segredos estivessem bem no rosto. Jamais vi olhos tão escuros. Talvez eu até tenha visto, porém parecem mais escuros quando associados a uma presença tão intimidante. Ele não me responde, mas minha curiosidade não é facilmente saciada. Se ele me obrigou a descer de um parapeito muito confortável e tranquilo, espero que ele me entretenha com respostas para minhas perguntas indiscretas.

— Foi uma mulher? — pergunto. — Ela partiu seu coração?

Ele ri um pouco.

— Quem me dera se meus problemas fossem tão triviais quanto assuntos do coração. — Ele se encosta na parede e se vira para mim. — Você mora em que andar? — Lambe os dedos e aperta a extremidade do baseado antes de guardá-lo no bolso. — Nunca te encontrei.

— É porque não moro aqui. — Aponto para meu apartamento. — Está vendo aquele prédio da seguradora?

Ele semicerra as pálpebras enquanto olha na direção indicada.

— Ahã.

— Moro no prédio ao lado. É baixo demais para ver daqui. São só três andares.

Ele se volta para mim, apoiando o cotovelo no parapeito.

— Se mora ali, por que está aqui? É o apartamento de seu namorado ou algo assim?

Por algum motivo, seu comentário faz com que me sinta fácil. Foi óbvio demais... uma cantada amadora. Pela aparência, sei que é mais habilidoso. Então fico com a impressão de que ele deixa as cantadas mais difíceis somente para as mulheres 'merecedoras'.

— Seu telhado é legal — respondo.

Ele ergue a sobrancelha, esperando que eu explique melhor.

— Eu queria tomar ar fresco. Um lugar para pensar. Abri o Google Earth e encontrei o prédio com um terraço decente mais próximo.

Ele me olha sorrindo.

— Pelo menos você é econômica — comenta. — Essa é uma boa qualidade.

Pelo menos?

Assinto, porque *sou mesmo* econômica. E essa *é mesmo* uma boa qualidade.

— Por que estava precisando de ar fresco? — pergunta ele.

Porque enterrei meu pai hoje, fiz um discurso fúnebre epicamente desastroso e agora sinto como se não conseguisse respirar.

Eu me viro para a frente de novo, expiro lentamente.

— A gente pode ficar um pouco em silêncio?

Ele parece aliviado com o pedido. Inclina-se por cima do parapeito e deixa o braço se balançar enquanto olha a rua. Ele fica assim por um instante, e eu o encaro durante todo o tempo. Provavelmente sabe que o estou observando, mas parece não se importar.

— Um cara caiu daqui no mês passado — revela ele.

Eu até teria me irritado por ele ter desrespeitado meu pedido de silêncio, mas fico um pouco intrigada.

— Foi acidente?

Ele dá de ombros.

— Ninguém sabe. Aconteceu no fim da tarde. A esposa contou que preparava o jantar quando o marido subiu para tirar fotos do pôr do sol. Ele era fotógrafo. Acham que estava se inclinando por cima do parapeito para tirar uma foto do horizonte, e acabou escorregando.

Olho por cima do parapeito, me perguntando como alguém se coloca em uma situação com risco real de acidente, mas então me lembro de que estava sentada no parapeito do outro lado do teto há apenas alguns minutos.

— Quando minha irmã me contou o que aconteceu, fiquei pensando se ele tinha conseguido a foto ou não. Torci para que a câmera não tivesse caído também, porque teria sido o maior desperdício, sabe? Morrer por causa do amor pela fotografia, mas sem conseguir a foto que custou sua vida.

O pensamento me faz rir, mas não sei se devia achar graça.

— Você sempre diz exatamente o que pensa?

Ele dá de ombros.

— Para a maioria das pessoas, não.

Isso aumenta meu sorriso. Fico feliz em saber que, mesmo sem me conhecer, por algum motivo ele não me considera *a maioria das pessoas*.

Ele apoia as costas no parapeito e cruza os braços.

— Você nasceu aqui?

Balanço a cabeça.

— Não. Eu me mudei do Maine depois da formatura.

Ele enruga o nariz, o que é meio sensual. Ver esse homem — usando uma camisa da Burberry e com um corte de cabelo de duzentos dólares — fazendo careta.

— Então está no purgatório de Boston, é? Deve ser péssimo.

— Como assim? — pergunto.

Ele retorce o canto da boca.

— Os turistas a tratam como nativa, enquanto os nativos a tratam como uma turista.

Rio.

— Uau! Que descrição mais precisa.

— Estou aqui há dois meses. Nem cheguei ao purgatório ainda, então está se saindo melhor que eu.

— Por que veio a Boston?

— Minha residência. E minha irmã mora aqui. — Ele bate o pé. — Bem aqui embaixo, na verdade. Casou com um especialista em tecnologia daqui de Boston, e eles compraram o último andar.

Olho para baixo.

— O último andar *inteiro*?

Ele confirma com a cabeça.

— O filho da mãe é um sortudo que trabalha de casa. Nem precisa tirar o pijama e ganha mais de sete dígitos por ano.

É mesmo um filho da mãe sortudo.

— Que tipo de residência? Você é médico?

Ele assente.

— Neurocirurgião. Falta menos de um ano para terminar a residência, depois disso é oficial.

Estiloso, eloquente *e* inteligente. *E fuma maconha*. Se fosse uma questão do vestibular, eu perguntaria qual alternativa não combina com as outras.

— E médicos deviam fumar maconha?

Ele abre um sorriso irônico.

— Provavelmente não. Mas, se a gente não se desse esse luxo de vez em quando, juro que o número de médicos pulando desses parapeitos seria bem maior.

Ele está virado para a frente de novo, apoiando o queixo nos braços. Está de olhos fechados, como se aproveitasse o vento no rosto. Assim, não parece tão intimidante.

— Quer saber de algo que só quem mora em Boston sabe?

— Com certeza — responde ele, voltando a atenção para mim.

Aponto para o leste.

— Está vendo aquele prédio? Com o teto verde?

Ele assente.

— Há um prédio atrás dele, na rua Melcher. Tem uma casa em cima do prédio. Tipo, uma casa mesmo, construída bem no teto. Não dá para ver da rua, e o prédio é tão alto que poucas pessoas sabem disso.

Ele fica impressionado.

— Sério?

Confirmo com a cabeça.

— Vi quando estava procurando no Google Earth, então pesquisei o local. Pelo visto concederam uma licença para a construção em 1982. Deve ser muito legal, não acha? Morar em uma casa no topo de um prédio.

— O telhado seria todo seu — argumenta ele.

Eu não tinha pensado nisso. Se eu fosse dona do telhado, poderia ter hortas. Eu teria uma válvula de escape.

— Quem mora lá? — pergunta ele.

— Ninguém sabe. É um dos grandes mistérios de Boston.

Ele ri e depois me olha com curiosidade.

— Qual seria outro grande mistério de Boston?

— Seu nome.

Assim que digo isso, dou um tapa na própria testa. Soou como uma cantada muito brega, e tudo o que posso fazer é rir de mim mesma.

Ele sorri.

— É Ryle — revela ele. — Ryle Kincaid.

Suspiro, me encolhendo.

— Que nome incrível.

— Por que isso a deixou triste?

— Porque eu faria de tudo para ter um nome legal.

— Não gosta de Lily?

Inclino a cabeça e ergo a sobrancelha.

— Meu sobrenome é... Bloom, florescer em inglês.

Ele fica em silêncio. Sinto que tenta não demonstrar piedade.

— Eu sei. É péssimo. É o nome de uma menina de 2 anos, não de uma mulher de 23.

— Uma menina de 2 anos sempre vai ter o mesmo nome, independentemente da idade. Nós não nos livramos do nome quando envelhecemos, Lily Bloom.

— Que pena — rebato. — Mas o pior é que adoro jardinagem. Amo flores. Plantas. Cultivar coisas. É minha paixão. Sempre foi meu sonho abrir uma floricultura, mas tenho medo de que as pessoas não julguem uma vontade autêntica. Pensem que só estou tentando me aproveitar de meu nome, que ser uma florista não é o trabalho de meus sonhos.

— Pode ser — comenta ele. — Mas por que isso importa?

— Acho que não importa. — Noto que estou sussurrando. — *Lily Bloom*. — Eu o vejo abrir um sorriso. — É um ótimo nome para uma floricultura. Mas tenho mestrado em administração. Seria dar um passo atrás, não acha? Trabalho para a maior empresa de marketing em Boston.

— Ser dona do próprio negócio não é dar um passo atrás — argumenta ele.

Ergo a sobrancelha.

— A não ser que dê errado.

Ele assente, concordando.

— A não ser que dê errado — concorda. — E qual seu nome do meio, Lily Bloom?

Resmungo, e ele se anima com isso.

— Quer dizer que é ainda pior?

Apoio a cabeça nas mãos e faço que sim.

— Rose?

Balanço a cabeça.

— Violet?

— Quem me dera. — Eu me contraio e murmuro. — *Blossom*. Desabrochar em inglês.

Há um momento de silêncio.

— Caramba! — exclama ele, baixinho.

— Pois é. Blossom era o sobrenome de solteira de minha mãe, e meus pais acharam que os sobrenomes sinônimos eram um sinal do destino. Então é óbvio que, quando nasci, quiseram me dar um nome de flor.

— Seus pais devem ser uns babacas.

Um deles é. *Era*.

— Meu pai morreu esta semana.

Ele olha para mim.

— Ah, tá. Não vou cair nessa.

— Estou falando sério. Por isso vim até aqui hoje. Acho que eu estava precisando chorar um pouco.

Ele fica me encarando por um instante, desconfiado, para ter certeza de que não o estou enganando. Mas não se desculpa pela gafe. Em vez disso, os olhos ficam um pouco mais curiosos, como se ele estivesse realmente intrigado.

— Vocês eram próximos?

Que pergunta difícil. Apoio o queixo nos braços e volto a olhar a rua.

— Não sei — respondo, dando de ombros. — Como filha, eu o amava. Mas como ser humano, eu o odiava.

Sinto que ele continua me observando, depois diz:

— Gosto disso. De sua sinceridade.

Ele gosta de minha sinceridade. Devo estar corando.

Ficamos em silêncio por mais um tempo, até que ele pergunta:

— Você às vezes deseja que as pessoas fossem mais transparentes?

— Como assim?

Ele passa o polegar em um pedaço de estuque descascado até soltá-lo. Dá um peteleco, jogando-o por cima do parapeito.

— Sinto que todo mundo finge ser quem é, que, no fundo, somos todos igualmente ferrados. Alguns apenas escondem isso melhor que os outros.

Ou ele está ficando meio chapado, ou é muito introspectivo. Seja como for, acho bom. Minhas conversas preferidas são as sem nenhuma resposta real.

— Não acho um pouco de reserva ruim — avalio. — Nem sempre as verdades nuas e cruas são bonitas.

Ele me encara por um instante.

— *Verdades nuas e cruas* — repete ele. — Gostei disso.

Ele se vira e vai até o meio do telhado. Ajeita o encosto de uma espreguiçadeira atrás de mim e depois se acomoda ali. É reclinável, então ele põe as mãos atrás da cabeça e observa o céu. Vou para a do lado e me ajeito até ficar na mesma posição.

— Me conte uma verdade nua e crua, Lily.

— Sobre o quê?

Ele dá de ombros.

— Não sei. Algo de que você não se orgulha. Algo que me faça sentir menos ferrado.

Ele encara o céu, esperando minha resposta. Meus olhos seguem a linha de seu maxilar, a curva das bochechas, o contorno dos lábios. Suas sobrancelhas estão unidas, contemplativas. Não sei o motivo, mas ele parece precisar de uma conversa. Penso na pergunta e tento encontrar uma resposta sincera. Quando consigo, desvio o olhar e volto a encarar o céu.

— Meu pai era violento. Não comigo... com minha mãe. Ficava tão alterado quando brigavam que, às vezes, até batia nela. Quando isso acontecia, ele passava uma ou duas semanas tentando recompensá-la pelo que acontecera; comprava flores ou nos levava para jantar fora. Às vezes, ele comprava alguma coisa para mim porque sabia como eu odiava essas brigas. Quando eu era criança, ansiava por elas, porque sabia que, se ele batesse em minha mãe, as duas semanas seguintes seriam ótimas. — Paro. Acho que nunca admiti isso nem para mim mesma. — Lógico que, se fosse possível, eu nunca permitiria que a machucasse. Mas a violência era inevitável no casamento dos dois e se tornou nosso padrão. Quando fiquei mais velha, percebi que não fazer nada também me tornava culpada. Passei boa parte da vida o odiando por ser uma pessoa tão ruim, mas não sei se sou melhor. Talvez nós dois sejamos pessoas ruins.

Ryle olha para mim, pensativo.

— Lily — diz ele, enfaticamente. — Não existe isso de *pessoas ruins*. Todos nós somos humanos e, às vezes, fazemos coisas ruins.

Abro a boca para responder, mas suas palavras me deixam em silêncio. *Todos nós somos humanos e, às vezes, fazemos coisas ruins*. Acho que isso é verdade, de certa maneira. Ninguém é exclusivamente ruim ou exclusivamente bom. Algumas pessoas só precisam se esforçar mais para suprimir o lado ruim.

— Sua vez — digo a ele.

Com base em sua reação, acho que não quer participar da própria brincadeira. Ele suspira fundo e passa a mão no cabelo. Abre a boca para falar, mas depois a fecha de novo. Fica pensando por um instante, finalmente diz:

— Vi um garotinho morrer esta noite. — A voz sai abatida. — Só tinha 5 anos. Ele e o irmão mais novo encontraram uma arma no quarto dos pais. Enquanto o mais novo a segurava, o revólver disparou por acidente.

Meu estômago se revira. Acho que isso já é verdade demais para mim.

— Quando ele chegou à mesa de cirurgia, não dava para fazer mais nada. Todo mundo ao redor, as enfermeiras, os outros médicos... todos sentiram muita pena da família. "*Coitados dos pais*", disseram. Mas, quando fui até a sala de espera dar a notícia aos dois, não senti um pingo de pena. Eu queria que sofressem. Queria que sentissem o peso de sua ignorância ao deixar uma arma carregada ao alcance de crianças inocentes. Queria que entendessem que, além de perder um filho, tinham arruinado a vida do que puxou o gatilho.

Meu Deus. Eu não estava preparada para algo tão pesado.

Nem consigo imaginar como uma família supera uma coisa assim.

— Coitado do irmão do garoto — comento. — Não consigo imaginar como isso vai afetá-lo... testemunhar algo desse nível.

Ryle dá um peteleco em alguma coisa na calça jeans.

— É algo que vai destruir sua vida, é isso que vai acontecer.

Eu me viro para ele, ficando de lado e apoiando a cabeça na mão.

— É difícil? Ver essas coisas todo dia?

Ele balança um pouco a cabeça.

— Devia ser muito mais difícil, porém, quanto mais tempo passo perto da morte, mais se torna parte da vida. Não sei como me sinto em relação a isso. — Ele faz contato visual de novo. — Me conte outra — pede. — Acho que a minha foi mais perturbadora que a sua.

Discordo, mas confesso a coisa perturbadora que fiz há apenas doze horas.

— Dois dias atrás, minha mãe me pediu para fazer o discurso fúnebre no enterro de meu pai. Eu disse que não ficaria à vontade, que não conseguiria encarar a multidão, que cairia em prantos, mas era mentira. Eu simplesmente não queria; acho que discursos fúnebres devem ser feitos por pessoas que respeitam o falecido. E eu não respeitava muito meu pai.

— Você fez o discurso?

Confirmo com a cabeça.

— Fiz. Hoje de manhã. — Eu me sento e puxo as pernas para debaixo do corpo enquanto continuo, virada para ele: — Quer escutar?

Ele sorri.

— Com certeza.

Ponho as mãos no colo e respiro fundo.

— Eu não fazia ideia do que dizer. Cerca de uma hora antes do funeral, eu avisei minha mãe de que não queria discursar. Ela pediu algo simples, disse que deixaria meu pai feliz. Garantiu que eu só precisaria ir até o púlpito dizer cinco coisas boas sobre meu pai. Então... foi exatamente o que fiz.

Ryle se apoia no cotovelo, parecendo ainda mais interessado. Ele nota, em meu olhar, que a situação vai piorar.

— Ah, não, Lily. O que você fez?

— Vou reencenar.

Levanto e sigo até o outro lado da espreguiçadeira. Eu me empertigo e ajo como se estivesse olhando para a mesma plateia com que me deparei pela manhã. Pigarreio.

— Oi. Meu nome é Lily Bloom, filha do falecido Andrew Bloom. Agradeço a presença de todos aqui hoje, em luto por essa perda. Eu queria aproveitar este momento para homenagear a vida de meu pai e compartilhar com vocês cinco coisas boas sobre ele. A primeira...

Olho para Ryle e dou de ombros.

— Foi isso.

Ele se senta.

— Como assim?

Eu me sento na espreguiçadeira e depois me deito de novo.

— Fiquei lá parada por dois minutos inteiros sem dizer mais nada. Eu não tinha nada de bom para dizer sobre aquele homem, então fiquei encarando todo mundo até minha mãe perceber minha intenção e pedir para meu tio intervir.

Ryle inclina a cabeça.

— Está brincando? Você fez o oposto de uma homenagem no funeral de seu pai?

Assinto.

— Não estou orgulhosa do que fiz. *Acho* que não. Quero dizer, se dependesse de mim, ele teria sido uma pessoa bem melhor, e eu falaria uma hora sobre ele.

Ryle se deita de novo.

— Uau! — exclama ele, balançando a cabeça. — Você meio que é minha heroína. Zombou de um falecido.

— Que coisa de mau gosto.

— Bem, a verdade nua e crua dói.

Eu rio.

— Sua vez.

— Não vou conseguir superar isso — diz ele.

— Tenho certeza de que consegue chegar perto.

— Não sei, não.

Reviro os olhos.

— Consegue, sim. Não faça eu me sentir a pior pessoa aqui. Me conte seu pensamento mais recente, um que a maioria das pessoas não diria em voz alta.

Ele põe as mãos atrás da cabeça e me encara nos olhos.

— Quero te comer.

Fico boquiaberta. Depois me recomponho.

Acho que estou sem palavras.

Ele me olha com inocência.

— Você pediu meu pensamento mais recente, então contei. Você é linda. Eu sou homem. Se você gostasse de sexo casual, eu te levaria para meu quarto lá embaixo e te comeria.

Nem consigo olhar para ele. Seu comentário me faz sentir várias coisas ao mesmo tempo.

— Bem, eu não gosto de sexo casual.

— Imaginei — diz. — Sua vez.

Ele está tão tranquilo, nem parece que acabou de me deixar sem palavras.

— Preciso de um instante para me recompor depois dessa — explico, rindo.

Tento pensar em algo que vá deixá-lo um pouco chocado, mas não consigo esquecer o que ele acabou de dizer. *Em voz alta.* Talvez seja porque é

neurocirurgião; jamais imaginei alguém tão instruído falando algo vulgar de forma aleatória.

Eu me recomponho... um pouco... e depois digo:

— Tá. Já que estamos nesse assunto... O primeiro cara com quem transei era um mendigo.

Ele se anima e se vira para mim.

— Ah, preciso saber mais sobre essa história.

Estico o braço e apoio a cabeça ali.

— Cresci no Maine. A gente morava em um bairro bem razoável, mas a rua de trás não estava em condições tão boas. Nosso quintal era colado a uma casa condenada, adjacente a dois terrenos abandonados. Fiz amizade com um cara chamado Atlas, que dormia no lugar. Ninguém sabia que ele morava ali, só eu. Eu lhe levava comida, roupas, coisas. Até meu pai descobrir.

— E o que ele fez?

Contraio o maxilar. Não sei por que mencionei isso, já que me obrigo a não pensar nesse assunto todos os dias.

— Bateu no cara. — Não quero mais ser nua e crua em relação ao assunto. — Sua vez.

Ele me observa em silêncio por um instante, como se soubesse que a história não acaba assim, mas depois desvia o olhar.

— Sinto repulsa só de pensar em casar — confessa ele. — Estou com quase 30 anos e não tenho a menor vontade de encontrar uma esposa. E *principalmente* não quero filhos. A única coisa que quero na vida é sucesso. Muito. Mas, se eu admitir isso em voz alta para alguém, vai parecer arrogância.

— Sucesso profissional? Ou status social?

— As duas coisas. Qualquer pessoa pode ter filhos. Qualquer pessoa pode casar. Mas nem todo mundo pode ser um neurocirurgião. Tenho muito orgulho disso. E não quero ser só um ótimo neurocirurgião. Quero ser o melhor em minha área.

— Você tem razão. Fica parecendo arrogância mesmo.

Ele sorri.

— Minha mãe acha que estou desperdiçando minha vida no trabalho.

— Você é neurocirurgião, e sua mãe está *desapontada*? — Rio. — Meu Deus, que absurdo! Será que os pais jamais ficam satisfeitos com os filhos? Nunca somos bons o bastante?

Ele balança a cabeça.

— Meus filhos não seriam. Poucas pessoas são tão determinadas como eu, e isso só desencadearia seu fracasso. Por isso jamais vou ter filhos.

— Na verdade, acho algo digno, Ryle. Muitas pessoas se recusam a admitir serem egoístas demais para ter filhos.

Ele balança a cabeça.

— Ah, sou egoísta *demais* para ter filhos. E com certeza sou egoísta demais para me relacionar com alguém.

— Então como evita isso? Simplesmente não sai com ninguém?

Ele me olha e sorri.

— Quando tenho tempo, algumas garotas satisfazem minhas necessidades. Não estou precisando de nada nesse departamento... se é o que está perguntando. Mas nunca me senti atraído pelo amor. Sempre foi mais um fardo que qualquer outra coisa.

Eu queria pensar assim. Minha vida seria tão mais fácil...

— Que inveja! Acredito que exista um homem perfeito para mim. E vivo me decepcionando, porque ninguém corresponde a meus padrões. Parece que estou em uma busca infinita pelo Santo Graal.

— Devia testar meu método — aconselha ele.

— Qual?

— Sexo casual.

Ele ergue a sobrancelha, como se fosse um convite.

Ainda bem que está escuro, porque meu rosto parece em brasas.

— Eu nunca conseguiria transar com alguém sabendo que não daria em nada — argumento, em voz alta, mas minhas palavras carecem de convicção.

Ele inspira fundo e devagar, depois se deita.

— Você não é esse tipo de garota, né? — pergunta ele, um pouco desapontado.

Também me sinto assim. Nem sei se o rejeitaria se ele tentasse alguma coisa, mas acho que acabei de frustrar essa possibilidade.

— Se você não *transaria* com alguém que acabou de conhecer... — Seus olhos encontram os meus de novo. — Até onde você iria?

Não sei responder. Eu me deito porque a maneira como me olha me faz reavaliar essa história de sexo casual. Acho que não sou necessariamente contra. Apenas jamais recebi a proposta de alguém que me faria considerar a opção.

Até agora. *Acho*. E será que ele está mesmo me propondo algo? Sempre fui péssima nesse lance de flerte.

Ele estende o braço e segura a beirada de minha espreguiçadeira. Com um movimento rápido e pouquíssimo esforço, Ryle a puxa para perto até encostar na sua.

Meu corpo inteiro enrijece. Ele está tão perto que sinto o calor de sua respiração cortando o ar frio. Se eu olhasse para ele, seu rosto estaria a meros centímetros do meu. Eu me recuso a encará-lo, porque ele provavelmente me beijaria, e não sei absolutamente nada sobre esse homem, além de algumas verdades nuas e cruas. Porém, isso não me pesa nem um pouco na consciência quando ele põe a mão em minha barriga.

— Até onde você iria, Lily?

Sua voz está indecente. Gostosa. Vai direto para a ponta de meus pés.

— Não sei — sussurro.

Seus dedos começam a se aproximar da costura de minha camisa. Passam a subir lentamente até desnudar parte de minha barriga.

— *Ah, meu Deus!* — murmuro, sentindo o calor de sua mão subindo pelo estômago.

Apesar de saber que não devo, eu me viro para ele, e a expressão em seus olhos me cativa de vez. Ele parece esperançoso, ávido e totalmente confiante. Afunda os dentes no lábio inferior enquanto sua mão começa a explorar minha camisa de forma provocante. Sei que ele sente meu coração batendo acelerado no peito. Droga, deve até *escutá-lo*.

— Fui longe demais? — pergunta ele.

Não sei de onde está vindo esse meu lado, mas balanço a cabeça e digo:

— De jeito algum.

Com um sorriso, seus dedos roçam a parte de baixo de meu sutiã, fluindo levemente por minha pele, que está toda arrepiada.

Assim que fecho as pálpebras, um som penetrante rasga o ar. Sua mão enrijece quando nós dois percebemos que é um celular. O *dele*.

Ele encosta a testa em meu ombro.

— Droga!

Franzo o cenho quando sua mão abandona minha pele. Ele remexe no bolso procurando o celular, se levanta e se afasta alguns metros para atender a ligação.

— Dr. Kincaid — diz ele. Escuta atentamente, agarrando a nuca. — E Roberts? Não estou de plantão. — Mais silêncio. — Ok, me dê dez minutos. Estou indo.

Ele encerra a ligação e guarda o celular no bolso. Ao se virar para mim, parece um pouco desapontado. Aponta para a porta que leva à escada.

— Eu preciso...

Balanço a cabeça.

— Tudo bem.

Ele me analisa por um instante e, depois, ergue o dedo.

— Não se mexa — ordena Ryle, pegando o celular mais uma vez.

Ele se aproxima e o posiciona, como se estivesse prestes a tirar uma foto minha. Quase protesto, mas nem sei por quê. Estou totalmente vestida. Mas por algum motivo não me sinto assim.

Ryle tira uma foto minha: deitada na espreguiçadeira, os braços relaxados acima da cabeça. Não faço ideia do que pretende fazer com aquilo, mas gosto do fato de que a tirou. Gosto de saber que sentiu vontade de lembrar como sou, por mais que imagine jamais voltar a me ver.

Observa a foto na tela por alguns segundos e sorri. Eu me sinto meio tentada a tirar uma foto sua também, mas não sei se quero uma lembrança de alguém que nunca mais verei. Pensar nisso é um pouco deprimente.

— Foi um prazer conhecê-la, Lily Bloom. Espero que você desafie as probabilidades e realmente conquiste seu sonho.

Sorrio, triste e confusa em relação ao rapaz. Não sei se eu já havia conhecido alguém assim, com um estilo de vida e uma faixa de imposto de renda totalmente diferentes dos meus. Provavelmente nunca mais o farei. Porém, perceber que não somos tão diferentes assim é uma boa surpresa.

Equívoco confirmado.

Ele olha para os próprios pés por um instante, parado de um jeito bastante incerto. Como se estivesse dividido entre a vontade de dizer mais alguma coisa e a necessidade de partir. Ele me olha uma última vez... nesse momento, seu rosto não está impassível. Percebo o desapontamento na linha de sua boca antes de ele se virar e seguir na direção oposta. Abre a porta, e escuto seus passos esvaecerem enquanto ele desce a escada correndo. Estou sozinha no telhado de novo, mas, para minha surpresa, fico um pouco triste com isso.

Capítulo Dois

Lucy, *minha colega de apartamento que adora se ouvir cantando,* corre pela sala, pegando chaves, sapatos, óculos escuros. Estou sentada no sofá, abrindo caixas de sapato repletas de coisas antigas que eu trouxe de casa. Peguei tudo essa semana, quando voltei para o funeral de meu pai.

— Vai trabalhar hoje? — pergunta Lucy.

— Não. Estou de licença até segunda... luto.

Ela para bruscamente.

— Até segunda? — zomba ela. — Sua vaca sortuda.

— Sim, Lucy. Foi a *maior* sorte meu pai morrer — ironizo, obviamente, mas me contraio ao perceber que na verdade não pareci tão sarcástica assim.

— Você entendeu o que eu quis dizer — murmura ela, pegando a bolsa enquanto se equilibra em um pé e coloca o sapato no outro. — Não vou dormir em casa hoje. Vou ficar com Alex.

Ela bate a porta ao sair.

Aparentemente, temos muito em comum; mas, além do mesmo manequim, da mesma idade e de nomes com quatro letras, começados por *L* e terminados por *Y*, somos só duas meninas dividindo um apartamento. Por mim tudo bem. Além da cantoria incessante, ela é bem tolerável. É limpa e passa muito tempo fora. Duas das qualidades mais importantes para uma pessoa que mora com você.

Estou destampando uma das caixas quando meu celular toca. Estendo o braço até o canto e o pego. Quando vejo que é minha mãe, afundo o rosto no sofá e finjo chorar na almofada.

Levo o celular até o ouvido.

— Alô?

São três segundos de silêncio, depois:

— Oi, Lily.

Suspiro e me sento de novo.

— Oi, mãe.

Estou realmente surpresa por ela falar comigo. Só se passou um dia desde o funeral. Eu esperava ter notícias só daqui a 364 dias.

— Como você está? — pergunto.

Ela suspira dramaticamente.

— Estou bem — responde. — Sua tia e seu tio voltaram para Nebraska hoje de manhã. Vai ser minha primeira noite sozinha desde que...

— Você vai ficar bem, mãe — garanto, tentando passar confiança.

Ela fica em silêncio por tempo demais, depois diz:

— Lily. Só queria que você soubesse... não precisa sentir vergonha por ontem.

Fico quieta. *Eu não estava com vergonha. Nem um pouco.*

— Todo mundo congela de vez em quando. Eu não devia tê-la pressionado daquele jeito, ainda mais em um dia tão difícil. Devia ter pedido para seu tio fazer o discurso.

Fecho os olhos. *Lá vai ela de novo.* Encobrindo o que não quer ver. Assumindo uma culpa que nem é sua. Ela se convenceu, *lógico,* de que fiquei paralisada ontem, e por isso me recusei a falar. *É óbvio.* Penso seriamente em confessar que não foi um erro. Não congelei. Simplesmente não tinha nada de bom a dizer sobre o homem medíocre que ela escolheu para ser meu pai.

Mas em parte me sinto culpada pelo que fiz — especialmente porque minha mãe não devia ter testemunhado aquilo —, então acabo aceitando sua deixa e entro no jogo.

— Obrigada, mãe. Me desculpe por ter paralisado.

— Tudo bem, Lily. Preciso ir, preciso ir à seguradora. Amanhã teremos a reunião sobre as apólices de seu pai. Me ligue, ok?

— Ligo, sim — respondo. — Te amo, mãe.

Encerro a ligação e jogo o celular do outro lado do sofá. Abro a caixa de sapatos no colo e retiro o conteúdo. Bem no topo, há um coraçãozinho oco de madeira. Passo os dedos por ele e me lembro da noite em que o ganhei. Assim que começo a assimilar a lembrança, afasto o objeto. A nostalgia é uma coisa curiosa.

Separo algumas cartas antigas e recortes de jornal. Embaixo de tudo, encontro o que eu sabia estar nessas caixas. E, ao mesmo tempo, esperava que *não* estivesse.

Meus Diários de Ellen.

Passo as mãos por cima das capas. São três nessa caixa, mas, provavelmente, oito ou nove no total. Não li nenhum desde a última vez que escrevi algo.

Quando era mais nova, eu me recusava a admitir a existência de meu diário: era muito clichê. Em vez disso, me convenci de que eu fazia algo legal porque, tecnicamente, não era um diário. Toda vez, eu escrevia para Ellen DeGeneres; comecei a assistir ao programa no dia em que estreou, em 2003, quando ainda era uma criança. Eu o sintonizava todo dia, depois da escola, e tinha certeza de que Ellen me amaria se me conhecesse. Escrevi cartas para ela regularmente até os 16 anos, mas na forma de diário. Óbvio que eu sabia que a última coisa que Ellen DeGeneres provavelmente ia querer eram os textos de uma garotinha qualquer. Felizmente, jamais enviei nenhum, mas gostava de escrever no diário como se este fosse destinado a ela, então continuei fazendo isso até parar de vez.

Abro outra caixa de sapato e encontro mais cadernos. Eu os reviro até achar o de quando eu tinha 15 anos. E o abro, procurando o dia em que conheci Atlas. Antes disso não aconteceu muita coisa digna de nota em minha vida, mas de alguma maneira consegui encher seis diários antes de nosso relacionamento.

Jurei que nunca mais leria essas coisas, mas com a morte de meu pai passei a pensar muito na infância. Talvez, lendo esses diários, encontre forças para perdoá-lo. Apesar de ter medo de acabar acumulando ainda mais ressentimento.

Eu me deito no sofá e começo.

Querida Ellen,

Antes de contar o que aconteceu hoje, tenho uma ideia maravilhosa para um novo quadro do programa. Ele se chama Ellen em casa.

Acho que muitas pessoas gostariam de te ver fora do trabalho. Sempre fico imaginando como você é em casa, quando está sozinha com Portia, sem nenhuma câmera por perto. Talvez os produtores possam dar uma câmera a ela, e de vez em quando ela flagraria você de surpresa e te filmaria fazendo coisas normais, tipo vendo TV, cozinhando, cuidando do jardim. Ela poderia filmar você por alguns segundos sem que percebesse e depois gritar "Ellen em casa!" e te assustar. Acho justo, porque você adora pegadinhas.

Tá, agora que contei isso (queria contar há um tempo e sempre esquecia), vou falar sobre meu dia de ontem. Foi interessante. Provavelmente o dia mais interessante que já tive para contar, tirando o dia em que Abigail Ivory deu um tapa no Sr. Carson por ter olhado para seu decote.

Lembra que um tempo atrás eu falei para você sobre a Sra. Burleson, que morava atrás da gente e morreu na noite daquela grande nevasca? Meu pai disse que ela devia tantos impostos que a filha não conseguiu ficar com a casa. Tenho certeza de que não se incomodou, porque a casa estava começando a cair aos pedaços. Provavelmente teria sido mais um fardo que outra coisa.

A casa está vazia desde a morte da Sra. Burleson, e isso já tem uns dois anos. Sei que está vazia porque a janela de meu quarto tem vista para o quintal, e não me lembro de ver ninguém entrar ou sair dali.

Até ontem à noite.

Eu estava na cama, embaralhando cartas. Sei que parece estranho, mas é algo que costumo fazer. Nem sei jogar baralho. Mas, quando meus pais brigam, embaralhar cartas é algo que simplesmente me acalma às vezes, prende minha atenção.

Enfim, estava escuro lá fora, então logo notei a luz. Não era muito forte, mas vinha da casa antiga. Parecia mais luz de velas que outra coisa, então fui até a varanda dos fundos pegar os binóculos de papai. Tentei ver o que estava acontecendo, mas não consegui identificar nada. Estava escuro demais. Então, depois de um tempo, a luz se apagou.

Hoje de manhã, enquanto me arrumava para o colégio, vi alguma coisa se movendo atrás da casa. Eu me agachei na janela do quarto e notei uma pessoa saindo escondida pela porta dos fundos. Era um rapaz e tinha uma mochila. Olhou ao redor, como se quisesse ter certeza de que ninguém estava espiando, e depois passou entre nossa casa e a do vizinho, então seguiu e parou no ponto de ônibus.

Nunca vi esse homem. Foi a primeira vez que andou em meu ônibus. Ele se sentou nos fundos, e eu, no meio, então não falei com ele. Mas, quando desceu do ônibus no ponto do colégio, vi ele entrar ali, então deve ser onde estuda.

Não faço ideia de por que ele estava dormindo naquela casa. É provável que lá não tenha eletricidade nem água. Achei que talvez ele tivesse perdido uma aposta com alguém, mas hoje ele desceu do ônibus no mesmo ponto que eu. Seguiu pela rua como se fosse para outro lugar, mas fui correndo para meu quarto e fiquei olhando da janela. E, alguns minutos depois, eu o vi entrar escondido pelos fundos na casa vazia.

Não sei se eu devia dizer alguma coisa para minha mãe. Odeio ser enxerida, porque isso não é de minha conta. Mas, se aquele menino não tem para onde ir, acho

que minha mãe saberia como ajudar porque ela trabalha no colégio.

Não sei. Talvez eu espere alguns dias antes de dizer alguma coisa, para ver se ele volta para casa. Talvez só precise de um tempinho longe dos pais. Algo que eu mesma gostaria, às vezes.

Ok. Depois eu conto o que acontecer amanhã.

Lily

Querida Ellen,

Quando vejo seu programa, avanço todo trecho em que você dança. Eu costumava ver o começo quando você dançava no meio da plateia, mas agora acho um pouco chato e prefiro só escutar você falar. Espero que não fique brava.

Tá, descobri quem é o rapaz, e, sim, ele continua morando lá. Já se passaram dois dias, e eu ainda não contei pra ninguém.

O nome dele é Atlas Corrigan, e está no último ano, mas é tudo o que sei. Perguntei a Katie quem era ele quando ela se sentou a meu lado no ônibus. Ela revirou os olhos e me contou o nome. Mas depois disse: "Eu não sei mais nada sobre ele, mas ele fede". Ela enrugou o nariz como se estivesse enojada. Eu queria gritar com ela e dizer que não é culpa dele, que o menino não tem água em casa. Mas, em vez disso, só olhei para ele. Talvez eu tenha olhado demais, porque ele percebeu que eu o estava encarando.

Quando cheguei em casa, fui cuidar da horta no quintal. Meus rabanetes estavam prontos para serem colhidos, então fiquei lá fora fazendo isso. Só sobrou isso na horta. Está começando a esfriar, então não tem muita coisa que eu possa plantar. Eu provavelmente poderia ter esperado mais alguns dias antes de tirá-los, mas também fui lá para fora porque estava sendo enxerida.

Enquanto os puxava, percebi que alguns estavam faltando. Parecia que tinham acabado de desenterrá-los. Sei que não fui eu que os tirei, e meus pais nunca mexem na horta.

Então pensei em Atlas, e muito provavelmente tinha sido ele. Eu não tinha me dado conta de que, se ele não tem acesso à água, também não devia ter comida.

Entrei em casa e fiz dois sanduíches. Peguei dois refrigerantes na geladeira e um pacote de batatas fritas. Coloquei tudo numa bolsa térmica, fui até a casa abandonada e deixei a bolsa na varanda dos fundos, perto da porta. Eu não sabia se ele tinha me visto, então bati bem forte e depois voltei correndo para minha casa,

seguindo direto para meu quarto. Quando cheguei na janela para ver se ele ia sair, a bolsa já tinha sumido.

Então descobri que ele andava me observando. Agora estou um pouco nervosa por ele saber que eu sei de sua presença. Não sei o que dizer se ele tentar falar comigo amanhã.

Lily

Querida Ellen,

Hoje vi sua entrevista com o candidato à presidência Barack Obama. Isso não te deixa nervosa? Entrevistar pessoas que podem governar o país algum dia? Não entendo muito de política, mas acho que eu não conseguiria ser engraçada sob tanta pressão.

Cara. Muita coisa aconteceu com nós duas. Você acabou de entrevistar alguém que pode vir a se tornar nosso próximo presidente, e eu estou levando comida para um mendigo.

De manhã, quando cheguei ao ponto de ônibus, Atlas já estava lá. No início éramos só nós dois, e, não vou mentir, foi constrangedor. Vi que o ônibus virava a esquina, e torci para que ele viesse mais rápido. Assim que o ônibus parou, Atlas se aproximou de mim e, sem erguer o olhar, disse: "Obrigado".

As portas do ônibus se abriram e ele me deixou entrar primeiro. Eu não disse "de nada" porque fiquei meio que chocada com minha reação. A voz me arrepiou, Ellen.

A voz de algum garoto já causou isso em você?

Ah, espere. Desculpe. A voz de alguma garota *já causou isso em você?*

Ele não se sentou perto de mim nem nada do tipo no caminho até o colégio, mas na volta ele foi o último a subir no ônibus. Não tinha nenhum lugar vazio, mas, pela maneira como ele olhou para todo mundo no ônibus, eu percebi que não estava procurando um lugar para se sentar. Estava me procurando.

Quando seus olhos encontraram os meus, olhei depressa para meu colo. Odeio não ser muito confiante com garotos. Talvez seja algo que eu supere quando finalmente completar 16 anos.

Ele se sentou a meu lado e colocou a mochila entre as pernas. Então entendi o que Katie estava falando. Ele fedia um pouco, mas não o julguei por causa disso.

Ele não disse nada a princípio, mas ficou remexendo em um buraco na calça jeans. Não era um buraco que deixava a calça mais estilosa. Dava para perceber que era um buraco de verdade, porque a calça era velha. Até parecia um pouco pequena

para ele, porque seus tornozelos estavam aparecendo. Mas ele era magro o suficiente para que ficasse bem nas outras partes.

— Você contou para alguém? — perguntou.

Olhei para ele quando falou, e ele estava me encarando, parecendo preocupado. Foi a primeira vez que consegui olhar direito para ele. Seu cabelo era castanho-escuro, mas achei que, se ele o lavasse, talvez não ficasse tão escuro quanto estava naquele momento. Seus olhos eram claros, diferentemente do restante de seu corpo. Olhos azuis de verdade, parecidos com os de um husky siberiano. Eu não devia comparar seus olhos aos de um cachorro, mas foi a primeira coisa que me passou pela cabeça quando os vi.

Balancei a cabeça e olhei pela janela. Achei que ele ia se levantar e encontrar outro lugar para se sentar, afinal eu disse que não tinha contado a ninguém, mas ele não fez isso. O ônibus parou algumas vezes, e o fato de que ele ainda estava ali me deu um pouco de coragem, então falei, em um sussurro:

— Por que não mora em casa com seus pais?

Ele me encarou por alguns segundos, como se estivesse tentando decidir se podia confiar em mim ou não. Depois respondeu:

— Porque eles não querem.

Foi então que ele se levantou. Achei que eu tivesse deixado ele irritado, mas então percebi que tinha se levantado porque chegamos ao ponto. Peguei minhas coisas e desci do ônibus logo atrás. Ele nem tentou disfarçar para onde estava indo, como costuma fazer. Normalmente, ele segue pela rua e dá a volta no quarteirão para que eu não o veja passando pelo quintal. Mas hoje ele foi andando até meu quintal comigo.

Quando chegamos aonde eu normalmente me viraria para entrar em casa e ele continuaria andando, nós dois paramos. Ele chutou a terra com o pé e olhou para minha casa atrás de mim.

— Que horas seus pais chegam?

— Umas 17h — respondi.

Eram 15h45.

Ele assentiu e parecia que ia dizer mais alguma coisa, mas não fez isso. Simplesmente balançou a cabeça mais uma vez e começou a seguir na direção daquela casa sem comida, eletricidade e água.

Agora, Ellen, eu sei que o que fiz em seguida foi uma burrice, então nem precisa me dizer isso. Chamei ele e, depois que parou e se virou, falei:

— Se você se apressar, pode tomar um banho antes que eles cheguem.

Meu coração estava muito acelerado, porque eu sabia que estaria muito encrencada se meus pais chegassem em casa e encontrassem um mendigo no chuveiro. Provavelmente me matariam. Mas não consegui vê-lo ir embora para casa sem oferecer nada.

Ele olhou novamente para o chão, e senti seu constrangimento como uma pontada na barriga. Ele nem balançou a cabeça. Simplesmente me acompanhou até em casa e não disse nada.

Enquanto ele tomava uma ducha, eu estava em pânico. Fiquei olhando pela janela em busca do carro de meu pai ou de minha mãe, apesar de saber que demoraria uma hora para eles chegarem. Fiquei nervosa achando que um dos vizinhos poderia ter visto ele entrar aqui em casa, mas não me conheciam o suficiente para achar que era anormal receber uma visita.

Eu tinha dado roupas limpas para Atlas, e sabia que não só ele precisava estar fora de nossa casa quando meus pais chegassem, mas precisava estar bem longe. Tenho certeza de que meu pai reconheceria as próprias roupas em um adolescente qualquer de nosso bairro.

Enquanto olhava pela janela e conferia o relógio, comecei a encher uma mochila velha com várias coisas. Comida que não precisava de refrigeração, algumas camisetas de meu pai, uma calça jeans que provavelmente era dois tamanhos maior que o dele e um par de meias.

Estava fechando a mochila quando ele apareceu do corredor.

Eu tinha razão. Mesmo molhado, dava para perceber que seu cabelo era mais claro do que parecia antes. Isso deixou seus olhos ainda mais azuis.

Ele deve ter feito a barba enquanto estava lá dentro, porque parecia mais novo que quando entrou no banheiro. Engoli em seco e olhei para a mochila, chocada ao ver como ele estava diferente. Fiquei com medo de que meus pensamentos estivessem estampados no rosto.

Olhei pela janela mais uma vez e lhe entreguei a mochila.

— Talvez seja melhor você sair pela porta dos fundos para ninguém te ver.

Ele pegou a mochila e me encarou por um minuto.

— Qual seu nome? — perguntou, colocando a mochila no ombro.

— Lily.

Ele sorriu. Foi a primeira vez que sorriu para mim, e tive um pensamento péssimo e superficial. Eu me perguntei como alguém com um sorriso tão lindo poderia ter pais tão ruins. Fiquei com raiva de mim por ter pensado aquilo, porque é indiscutível que os pais deveriam amar os filhos fossem eles bonitos ou feios, magros ou

gordos, inteligentes ou burros. Mas às vezes não dá para controlar a própria mente. É preciso treiná-la para nunca mais pensar a mesma coisa.

Ele estendeu a mão e disse:

— Meu nome é Atlas.

— Eu sei — respondi, sem apertar sua mão.

Não sei por que não fiz isso. Não foi porque eu estava com medo de encostar nele. Quer dizer, eu estava com medo de encostar nele. Mas não porque eu me achava melhor que ele. Ele me deixava muito nervosa, só isso.

Ele abaixou a mão, balançou a cabeça e depois disse:

— Acho melhor eu ir, então.

Dei um passo para o lado para que ele pudesse passar. Atlas apontou para a cozinha, perguntando silenciosamente se a porta dos fundos ficava naquela direção. Assenti e o acompanhei pelo corredor. Quando ele chegou à porta dos fundos, eu o vi parar por um segundo ao ver meu quarto.

De repente, fiquei com vergonha por ele estar vendo meu quarto. Ninguém nunca vê meu quarto, então nunca achei que precisava deixá-lo com uma aparência mais madura. A coberta e a cortina, ambas cor-de-rosa, são as mesmas desde que eu tinha 12 anos. Pela primeira vez na vida, tive vontade de arrancar meu pôster de Adam Brody.

Atlas não pareceu se importar com a decoração do quarto. Ele olhou fixo para minha janela — a que dá para o quintal — e depois me olhou de novo. Antes de sair de minha casa, disse:

— Obrigado por não ser detrativa, Lily.

E depois foi embora.

É evidente que eu já ouvi essa palavra, mas foi estranho ouvir um adolescente dizer isso. O mais estranho é como tudo em Atlas me parece muito contraditório. Como um rapaz que é nitidamente modesto, educado e usa palavras como detrativa *não tem onde morar? Como um adolescente vira um mendigo?*

Preciso descobrir, Ellen.

Vou descobrir o que aconteceu com ele. Espere só pra ver.

Lily

✦✦✦

Estou prestes a ler outra carta quando meu celular toca. Engatinho no sofá para pegá-lo, e não fico nem um pouco surpresa ao ver o número de minha mãe.

Sozinha depois da morte de meu pai, provavelmente ela vai me ligar o dobro de vezes que ligava antes.

— Alô?

— O que acha de eu me mudar para Boston? — pergunta ela, bruscamente.

Agarro a almofada ao lado e enfio o rosto ali, abafando meu grito.

— Hum. *Nossa!* — exclamo. — Sério?

Ela fica em silêncio, depois acrescenta:

— Acabei de pensar nisso. Amanhã a gente conversa. Estou quase atrasada para a reunião.

— Tá. Tchau.

E, como num passe de mágica, sinto vontade de sair de Massachusetts. *Ela não pode se mudar para cá.* Não conhece ninguém aqui. Iria pedir atenção todos os dias. Amo minha mãe, não me entendam mal, mas eu me mudei para Boston em busca de independência, e eu me sentiria menos livre com ela na cidade.

Meu pai foi diagnosticado com câncer há três anos, quando eu ainda cursava a faculdade. Se Ryle Kincaid estivesse ali, eu lhe contaria a verdade nua e crua de que me senti um pouco aliviada quando Andrew Bloom ficou doente demais para machucar alguém fisicamente. Isso mudou de vez a dinâmica do relacionamento de meus pais, e não senti mais a obrigação de ficar em Plethora para garantir o bem-estar de mamãe.

Agora que papai faleceu e que não preciso mais me preocupar com minha mãe, eu ansiava por abrir as asas e voar, por assim dizer.

E agora ela vai se mudar para Boston?

Sinto como se tivessem cortado minhas asas.

Cadê minha cadeira de polímero resistente à maresia quando preciso de uma?!

Estou realmente estressada e não faço ideia do que vou fazer caso ela se mude. Não tenho jardim nem quintal, nem terraço, nem ervas daninhas.

Preciso achar outra válvula de escape.

Decido arrumar as coisas em casa. Guardo no armário do quarto todas as velhas caixas cheias de diários e bilhetes. Depois, organizo meu armário inteiro. Minhas joias, meus sapatos, minhas roupas...

Ela não pode se mudar para Boston.

Capítulo Três

Seis meses depois

— Ah.

É tudo o que ela diz.

Minha mãe se vira e observa o prédio, passando o dedo no peitoril da janela a seu lado. Ela limpa a camada de pó entre os dedos.

— É...

— Precisa de muito trabalho, eu sei — interrompo. Aponto para as vitrines logo atrás. — Mas olhe só a fachada. Tem potencial.

Ela observa as vitrines de cima a baixo, balançando a cabeça. Às vezes faz um barulho no fundo da garganta, quando ela concorda com um "hum", mas os lábios permanecem fechados. O que significa que, *na verdade*, ela não concorda. E faz esse barulho. *Duas vezes*.

Abaixo os braços, desistindo.

— Acha que foi idiotice minha?

Ela balança de leve a cabeça.

— Depende do que acontecer, Lily — responde ela. O local costumava ser um restaurante e ainda está cheio de mesas e cadeiras velhas. Minha mãe vai até uma mesa próxima, puxa uma das cadeiras e senta. — Se as coisas derem certo e sua floricultura for um sucesso, as pessoas vão dizer que foi uma decisão de negócios corajosa, ousada e *inteligente*. Mas, se der errado e você perder toda a herança...

— As pessoas vão dizer que foi uma decisão de negócios *idiota*.

Ela dá de ombros.

— É assim que as coisas são. Você se formou em administração, então sabe disso. — Ela olha lentamente ao redor, como se estivesse imaginando como vai ficar daqui a um mês. — Mas faça mesmo algo corajoso e ousado, Lily.

Sorrio. *Isso eu aceito.*

— Não acredito que comprei sem consultar você — comento, sentando à mesa.

— Você é adulta. É seu direito — argumenta ela, mas noto um quê de desapontamento.

Acho que está se sentindo ainda mais sozinha agora que preciso cada vez menos dela. Já se passaram seis meses desde a morte de meu pai, e apesar de ele não ter sido uma boa companhia, minha mãe deve achar estranho ficar sozinha. Ela arranjou um emprego em uma escola de ensino fundamental local, então acabou se mudando. Ela escolheu uma cidade pequena nos arredores de Boston. Comprou uma linda casa de dois quartos, com um quintal enorme, em uma rua sem saída. Sonho em construir uma horta ali, mas precisaria de cuidados diários. Meu limite é uma visita semanal. Às vezes duas.

— O que vai fazer com todo esse lixo? — pergunta ela.

Tem razão. Há muito lixo. Vou demorar uma eternidade para esvaziar o lugar.

— Não faço ideia. Acho que tenho trabalho de sobra antes de ao menos pensar em decoração.

— Quando é seu último dia na empresa de marketing?

Sorrio.

— Foi ontem.

Ela suspira e, em seguida, balança a cabeça.

— Ah, Lily. Espero mesmo que dê certo.

Nós duas começamos a nos levantar, e a porta se abre. Tem algumas prateleiras na frente da porta, então inclino a cabeça para ver uma mulher entrar. Seus olhos dão uma rápida examinada no local até me encontrarem.

— Oi — cumprimenta ela, acenando.

Ela é bonita. Está bem vestida, mas de calça capri branca. No meio de todo esse pó, é um desastre anunciado.

— Posso ajudá-la?

Ela enfia a bolsa debaixo do braço e se aproxima de mim, estendendo a mão.

— Meu nome é Allysa — apresenta-se.

Aperto sua mão.

— Lily.

Ela aponta o polegar por cima do ombro.

— Eu vi a placa de "estamos contratando" ali na frente.

Olho por cima de seu ombro e ergo a sobrancelha.

— É?

Não coloquei nenhuma placa.

Ela confirma com a cabeça e dá de ombros.

— Mas parece velha — comenta ela. — Deve estar há um tempo. Eu estava caminhando por aqui e vi a placa. Fiquei curiosa, só isso.

Gosto dela quase que de imediato. A voz é agradável, e o sorriso parece genuíno.

A mão de minha mãe toca meu ombro. Ela se inclina e me beija a bochecha.

— Preciso ir — diz ela. — O *open house* é hoje à noite.

Eu me despeço e a observo partir, depois volto a atenção para Allysa.

— Ainda não estou contratando — aviso. Gesticulo, mostrando o local. — Vou abrir uma floricultura, mas vai demorar uns dois meses, no mínimo.

Eu não deveria julgá-la sem conhecer, mas ela não tem jeito de quem vai ficar satisfeita com um salário mínimo. Sua bolsa deve custar mais que minha loja.

Seus olhos brilham.

— Sério? Eu amo flores! — Ela gira, fazendo um círculo. — Este lugar tem muito potencial. De que cor você vai pintar?

Cruzo os braços e agarro meu cotovelo. Balançando nos calcanhares, respondo:

— Não sei ainda. Faz só uma hora que peguei as chaves, então ainda não fiz a planta do projeto.

— Lily, não é?

Assinto.

— Não vou fingir que sou formada em design, mas é o que eu mais gosto no mundo. Se precisar de ajuda, eu faria de graça.

Inclino a cabeça.

— Você trabalharia de graça?

Ela confirma com a cabeça.

— Eu não estou mesmo precisando de um emprego, só vi a placa e pensei *Ah, vou ver no que dá*. Fico entediada às vezes. Adoraria ajudar no que você precisar. Limpar, decorar, escolher as cores das tintas. Sou a louca do Pinterest. — Alguma coisa atrás de mim chama sua atenção, e ela aponta. — Posso

transformar aquela porta quebrada em algo incrível. *Tudo isso*, na verdade. Dá para aproveitar quase tudo, sabia?

Olho ao redor, sabendo muito bem que não vou conseguir me virar sozinha. Provavelmente nem consigo erguer metade dessas coisas sem ajuda. E vou terminar contratando alguém mesmo.

— Não vou te deixar trabalhar de graça. Mas posso pagar 10 dólares a hora se estiver falando sério.

Ela começa a bater palmas e, se não estivesse de salto, acho que teria dado um pulinho.

— Quando posso começar?

Olho para a calça capri branca.

— Pode ser amanhã? É melhor vir com uma roupa descartável.

Ela gesticula, fazendo pouco caso, e põe a bolsa Hermès sobre a mesa empoeirada a seu lado.

— Que nada — diz ela. — Meu marido está assistindo ao jogo do Bruins em um bar na rua. Se não se incomodar, posso ficar aqui e começar agora mesmo.

✦✦✦

Duas horas depois, tenho certeza de que conheci minha nova melhor amiga. E ela é mesmo a louca do Pinterest.

Escrevemos "Guardar" e "Jogar Fora" em post-its e os colamos por toda loja. Ela também acredita em *upcycling*, então pensamos em ideias para pelo menos 75% das coisas abandonadas ali. Quanto ao resto, ela diz que o marido pode jogar fora quando tiver um tempinho. Depois de decidir o que vamos fazer com tudo, pego um caderno e uma caneta e nos sentamos a uma das mesas para anotar ideias de design.

— Tá — começa ela, se recostando na cadeira. Quero rir porque sua calça capri está toda empoeirada, mas ela parece não se importar. — Você tem algum objetivo para este lugar? — pergunta, olhando ao redor.

— Eu tenho *um* objetivo — digo. — Ter sucesso.

Ela ri.

— Não tenho dúvida de que você vai conseguir. Mas precisa de uma visão.

Penso no que minha mãe disse: "Faça mesmo algo corajoso e ousado, Lily". Sorrio e me empertigo na cadeira.

— Corajoso e ousado — elaboro. — Quero que este lugar seja diferente. Quero correr riscos.

Ela semicerra os olhos enquanto morde a ponta da caneta.

— Mas você só vai vender flores — argumenta. — Como pode ser corajosa e ousada com flores?

Olho ao redor e tento visualizar o que estou pensando. Nem eu sei direito o que é, mas estou inquieta, como se estivesse prestes a ter uma grande ideia.

— De quais palavras você lembra quando pensa em flores? — pergunto.

Ela dá de ombros.

— Não sei. Acho que são meigas, talvez? São vivas, então eu penso em vida. E talvez em cor-de-rosa. E na primavera.

— Meigas, vida, cor-de-rosa, primavera — repito. E depois acrescento: — Allysa, você é genial! — Eu me levanto e começo a andar de um lado para o outro. — Vamos pegar tudo que as pessoas amam nas flores e fazer o oposto!

Ela faz uma careta, indicando que não está me entendendo.

— Tá — digo. — E se, em vez de mostrarmos o lado *meigo* das flores, a gente mostrasse o lado *vilão*? Em vez de tons cor-de-rosa, usássemos cores mais escuras, como roxo-escuro ou até mesmo preto? E, em vez de somente primavera e vida, também celebrássemos o inverno e a morte?

Allysa arregala os olhos.

— Mas... e se alguém quiser flores *cor-de-rosa*?

— Bem, com certeza vamos fornecer o que a pessoa quiser. Mas também vamos oferecer algo que ela não *sabe* que quer.

Ela coça a bochecha.

— Então está pensando em flores *pretas*?

Allysa parece preocupada, e não a culpo. Está vendo apenas o lado mais sombrio da ideia. Eu me sento à mesa novamente, e tento fazer com que ela entenda.

— Certa vez, alguém me disse que não existem pessoas ruins. Todos nós somos humanos e, às vezes, fazemos coisas ruins. Isso nunca me saiu da cabeça porque é mesmo verdade. Todos nós temos um pouco de bondade e de maldade. Em vez de pintar as paredes com uma cor meiga e péssima, vamos pintar de roxo-escuro com detalhes pretos. E, em vez de expor somente flores nos usuais tons pastel, dentro de tediosos vasos de cristal, para as pessoas pensarem na vida, vamos adotar um jeito mais provocador. Corajoso e ousado. Vamos expor flores mais escuras, envoltas em couro ou correntes prateadas. E, em vez de vasos de

cristais, vamos colocar as flores em ônix preto ou... não sei... vasos de veludo roxo com tachas prateadas. São muitas possibilidades. — Eu me levanto de novo. — Tem uma floricultura em toda esquina para quem ama flores. Mas que floricultura foi feita para todas as pessoas que *odeiam* flores?

Allysa balança a cabeça.

— Nenhuma — sussurra ela.

— Exatamente. Nenhuma.

Nós ficamos nos encarando por um instante, e depois não consigo mais me segurar. Estou explodindo de entusiasmo e começo a rir feito uma criança empolgada. Allysa ri também, depois levanta da cadeira e me abraça.

— Lily, é tão perturbador, é brilhante!

— Eu sei! — Me sinto renovada. — Preciso de uma mesa de trabalho para me sentar e elaborar um projeto! Mas meu futuro escritório está cheio de engradados velhos para vegetais!

Ela vai até os fundos da loja.

— Bem, vamos tirá-los daqui e te comprar uma mesa!

Entramos no escritório e começamos a separar os engradados, um a um, colocando-os no cômodo dos fundos. Subo na cadeira para deixar as pilhas mais altas, assim vamos ter mais espaço para nos movimentar.

— Isto é perfeito para as vitrines que estou imaginando.

Ela me entrega mais dois engradados e se afasta, e, quando estou na ponta dos pés, colocando-os bem no topo, a pilha começa a desmoronar. Tento encontrar algo em que me segurar para me equilibrar, mas os engradados me derrubam da cadeira. Assim que caio no chão, sinto meu pé virar para o lado errado. Logo depois, sinto a dor subindo rapidamente pela perna e descendo até os dedos do pé.

Allysa entra depressa e precisa tirar dois engradados de cima de mim.

— Lily! — chama ela. — Meu Deus, você está bem?

Eu me ergo, sentando, mas nem tento me apoiar no tornozelo. Balanço a cabeça.

— Meu tornozelo.

Ela tira imediatamente meu sapato e puxa o celular do bolso. Começa a discar um número e depois olha para mim.

— Sei que é uma pergunta idiota, mas por acaso você tem uma geladeira e gelo?

Balanço a cabeça.

— Foi o que imaginei — diz ela.

Ela põe o celular no viva voz e o deixa no chão enquanto começa a enrolar minha calça. Eu me contraio, não tanto pela dor. É que não acredito ter feito uma idiotice tão grande. Se eu quebrei o tornozelo, estou ferrada. Acabei de gastar toda a herança em uma loja que só vou poder renovar daqui a meses.

— *Ooooi*, Issa — cantarola uma voz no celular de Allysa. — Onde você está? O jogo acabou.

Allysa pega o celular e o aproxima da boca.

— Estou no trabalho. Olhe, preciso...

O cara a interrompe e pergunta:

— No *trabalho*? Querida, você nem tem emprego.

Ela balança a cabeça e responde:

— Marshall, escute. É uma emergência. Acho que minha chefe quebrou o tornozelo. Preciso que traga um pouco de gelo para...

Ele a interrompe, rindo:

— Sua *chefe*? Querida, você nem tem emprego — repete ele.

Allysa revira os olhos.

— Marshall, você está bêbado?

— É dia do *kigurumi* — responde ele, embolando as palavras. — Você sabia disso quando nos deixou aqui, Issa. Cerveja grátis até...

Ela resmunga.

— Passe o celular para meu irmão.

— Tá, tá — murmura Marshall.

Escuto um barulho abafado vindo do aparelho, e depois:

— Oi?

Allysa fala rapidamente nosso endereço.

— Venha para cá agora, por favor. E traga um saco de gelo.

— Sim, *senhora* — diz ele.

O irmão também parece um pouco bêbado. Escuto risadas, e, depois, um deles diz: "Ela está de mau humor". E a ligação é encerrada.

Allysa guarda o telefone no bolso.

— Vou esperar lá fora, eles estão aqui na rua. Você vai ficar bem?

Faço que sim e estendo o braço para a cadeira.

— Talvez eu devesse tentar andar.

Allysa empurra meus ombros até eu encostar de novo na parede.

— Não se mexa. Espere eles chegarem, tá?

Não faço ideia do que dois bêbados vão fazer por mim, mas concordo com a cabeça. Minha nova funcionária parece mais minha chefe... e está meio que me assustando.

Fico esperando nos fundos por cerca de dez minutos quando finalmente escuto a porta da loja se abrir.

— Que *diabo* é isso aqui? — pergunta uma voz masculina. — Por que está sozinha neste lugar esquisito?

Escuto Allysa responder:

— Ela está lá atrás.

Depois entra, seguido de um homem usando um *kigurumi*. Ele é alto, mais para magro, e tem uma beleza infantil, com olhos arregalados e sinceros, e cabelo escuro, bagunçado, do tipo que já passou da hora de cortar há muito tempo. Está segurando um saco de gelo.

Já falei que está de kigurumi? *Aqueles macacões de pelúcia?*

Estou falando de um homem de verdade, adulto, usando um macacão pijama do Bob Esponja.

— Este é seu marido? — pergunto, erguendo a sobrancelha.

Allysa revira os olhos.

— Infelizmente — responde ela, olhando para ele. Outro homem (também de macacão) entra, mas estou prestando atenção em Allysa, que me explica por que ambos usam pijamas em uma tarde de quarta-feira. — Há um bar aqui na rua que dá cerveja grátis para todo mundo vestido em um *kigurumi* durante os jogos do Bruins. — Ela se aproxima de mim e gesticula para que os dois a acompanhem. — Lily caiu da cadeira e machucou o tornozelo — avisa ao outro homem.

Ele passa por Marshall, e a primeira coisa que percebo são seus braços.

Caramba. Conheço esses braços.

São os braços de um neurocirurgião.

Allysa é sua irmã? A irmã dona do último andar, com o marido que trabalha de pijama e ganha mais de sete dígitos por ano?

Assim que meus olhos encontram os de Ryle, seu rosto é tomado por um sorriso. Não o vejo desde... *Meu Deus, há quanto tempo foi aquilo?* Seis meses? Não posso dizer que não pensei no cara nos últimos seis meses, porque pensei várias vezes. Mas jamais achei que o veria novamente.

— Ryle, esta é Lily. Lily, este é meu irmão, Ryle — apresenta ela, gesticulando. — E este é meu marido, Marshall.

Ryle se aproxima de mim e se ajoelha.

— Lily — diz ele, olhando para mim e sorrindo. — É um prazer conhecê-la.

Está na cara que se lembra de mim, dá para perceber pelo sorriso metido. Mas, assim como eu, está fingindo não me conhecer. Não sei se estou a fim de explicar como já nos conhecemos.

Ryle toca meu tornozelo e o analisa.

— Consegue mexer?

Tento, mas uma dor aguda sobe rapidamente pela perna. Inspiro, entre dentes, e balanço a cabeça.

— Ainda não. Está doendo.

Ryle gesticula para Marshall.

— Encontre alguma coisa para colocar o gelo.

Allysa sai com Marshall. Depois que os dois vão embora, Ryle olha para mim e sorri.

— Não vou cobrar nada por isso, mas só porque estou um pouco bêbado — avisa ele, dando uma piscadela.

Inclino a cabeça.

— Quando te conheci, você estava chapado. Agora está bêbado. Não sei se será um neurocirurgião muito competente.

Ele ri.

— É o que parece — comenta. — Mas garanto que raramente fico chapado, e hoje é meu primeiro dia de folga em mais de um mês, então precisava mesmo de uma cerveja. Ou cinco.

Marshall volta com gelo enrolado em um pano velho. Ele o entrega para Ryle, que o encosta em meu tornozelo.

— Vou precisar daquele kit de primeiros socorros de seu porta-malas — diz Ryle para Allysa.

Ela assente e agarra a mão de Marshall, levando-o de novo para fora do cômodo.

Ryle coloca a palma na sola de meu pé.

— Pressione minha mão — pede ele.

Faço força para baixo com o tornozelo. Dói, mas consigo mover sua mão.

— Está quebrado?

Ele mexe meu pé de um lado para outro e depois diz:

— Acho que não. Temos de esperar alguns minutos para saber se conseguirá se apoiar nele.

Assinto e o observo se acomodar a minha frente. Ele se senta com as pernas cruzadas e puxa meu pé para o colo. Dá uma olhada no cômodo e depois volta a atenção para mim.

— Então, que lugar é esse aqui?

Abro um sorriso exagerado.

— Lily Bloom. Vai ser uma floricultura daqui a uns dois meses.

Juro que seu rosto inteiro se iluminou com orgulho.

— Não acredito! — exclama. — Você fez mesmo isso? Vai realmente abrir o próprio negócio?

Confirmo com a cabeça.

— Vou. Achei que seria melhor tentar enquanto ainda sou jovem o bastante para me recuperar do fracasso.

Uma de suas mãos está segurando o gelo em meu tornozelo, mas a outra envolve meu pé descalço. Ele está roçando o dedão para a frente e para trás, como se tocar em mim não fosse nada de mais. Mas percebo bem mais sua mão em meu pé que a dor no tornozelo.

— Estou ridículo, não é? — pergunta ele, olhando para o *kigurumi* vermelho.

Dou de ombros.

— Pelo menos o seu não é de nenhum personagem. Parece uma opção mais madura que Bob Esponja.

Ele ri, e seu sorriso desaparece quando apoia a cabeça na porta ao lado. Ele me encara, feliz.

— Você é ainda mais bonita de dia.

É nesses momentos que odeio ter cabelo ruivo e pele clara. A vergonha aparece não só nas bochechas, mas em meu rosto inteiro, meus braços e meu pescoço ficam corados.

Encosto a cabeça na parede e fico o encarando da mesma maneira como ele me encara.

— Quer ouvir uma verdade nua e crua?

Ele assente.

— Desde aquela noite, sinto vontade de voltar a seu telhado. Mas fiquei com muito medo de te encontrar lá. Você meio que me deixa nervosa.

Seus dedos param de acariciar meu pé.

— Minha vez?

Confirmo com a cabeça.

Ele semicerra os olhos enquanto sua mão toca a sola de meu pé. Ele desce lentamente dos dedos do pé até meu calcanhar.

— Ainda sinto muita vontade de te comer.

Alguém bufa, e não sou eu.

Ryle e eu olhamos para a porta, e Allysa está parada, de olhos arregalados. Ela está boquiaberta, apontando para Ryle.

— Você acabou mesmo de... — Ela olha para mim. — Peço *mil* desculpas por ele, Lily. — Depois ela olha para Ryle com uma expressão hostil. — Você realmente acabou de dizer que quer *comer* minha chefe?

Ai, meu Deus!

Ryle morde o lábio inferior por um instante. Marshall surge atrás de Allysa e pergunta:

— O que está acontecendo?

Allysa olha para Marshall e aponta para Ryle de novo.

— Ele acabou de dizer que quer *comer* Lily!

Marshall olha de Ryle para mim. Não sei se quero rir ou me esconder embaixo da mesa.

— Disse isso mesmo? — questiona ele, olhando para Ryle, que dá de ombros.

— Parece que sim — diz ele.

Allysa apoia a cabeça nas mãos.

— Meu Deus! — diz ela, olhando para mim. — Ele está bêbado. Os dois estão bêbados. Por favor, não me julgue só porque meu irmão é um babaca.

Sorrio e gesticulo para indicar que não tem problema.

— Tudo bem, Allysa. Muitas pessoas querem me comer. — Olho de novo para Ryle, que continua acariciando meu pé, distraído. — Pelo menos seu irmão fala o que pensa. Poucas pessoas têm coragem de revelar o que estão pensando.

Ryle dá uma piscadela para mim e depois tira meu tornozelo do colo com cuidado.

— Vamos ver se consegue pisar — encoraja ele.

Ele e Marshall me ajudam a levantar. Ryle aponta para uma mesa encostada na parede, a alguns metros de distância.

— Vamos tentar ir até a mesa para que eu possa enfaixar esse tornozelo.

Seu braço envolve minha cintura, e ele está segurando meu braço com força para me impedir de cair. Marshall está mais ou menos parado a meu lado, só para me dar apoio. Eu pouso um pouco o tornozelo e sinto dor, mas não é forte.

Consigo pular até a mesa com o auxílio precioso de Ryle. Ele me ajuda a subir e me sentar no tampo, até eu me encostar na parede com a perna estendida à frente.

— Bem, a boa notícia é que não está quebrado.

— E qual é a notícia ruim? — pergunto.

— Vai precisar imobilizá-lo por alguns dias — responde ele, abrindo o kit de primeiros socorros. — Talvez uma semana ou mais, dependendo da recuperação.

Fecho os olhos e encosto a cabeça na parede atrás de mim.

— Mas eu tenho tanta coisa para fazer... — me queixo, choramingando.

Ele começa a enfaixar com cuidado meu tornozelo. Allysa está parada logo atrás, observando o irmão.

— Estou com sede — diz Marshall. — Alguém quer beber alguma coisa? Tem uma farmácia do outro lado da rua.

— Estou bem — responde Ryle.

— Eu aceito uma água — digo.

— Um Sprite — pede Allysa.

Marshall agarra a mão da mulher.

— Você vem comigo.

Allysa afasta a mão e cruza os braços.

— Não vou a lugar algum — afirma. — Não dá para confiar em meu irmão.

— Allysa, está tudo bem — asseguro. — Era só brincadeira.

Ela me encara em silêncio por um instante, depois diz:

— Ok. Mas você não pode me demitir se ele fizer mais alguma besteira.

— Prometo que não vou te mandar embora.

Depois disso, ela segura novamente a mão de Marshall e sai. Ryle ainda está enfaixando meu pé.

— Minha irmã trabalha para você? — pergunta.

— Ahã. Eu a contratei algumas horas atrás.

Ele vai até o kit de primeiros socorros e pega fita.

— Você sabe que ela nunca trabalhou na vida, né?

— Ela já me avisou — respondo. Ele está com o maxilar cerrado e não parece tão relaxado quanto antes. Deve pensar que eu a contratei só para me aproximar. — Eu não fazia ideia de que era sua irmã até você entrar aqui. Juro.

Ele me olha e depois observa meu pé.

— Eu não estava sugerindo nada.

Ele começa a passar a fita pela atadura elástica.

— Sei que não. Mas prefiro deixar assegurado que eu não tentei te encurralar de alguma maneira. Nós queremos coisas diferentes da vida, lembra?

Ele assente e, com cuidado, põe meu pé de volta na mesa.

— Certo — diz ele. — Sou especialista em sexo casual, e você está buscando seu Santo Graal.

Eu rio.

— Você tem boa memória.

— Tenho mesmo — concorda ele, exibindo um sorriso lânguido. — Mas você também é difícil de esquecer.

Nossa. Ele *precisa* parar de dizer essas coisas. Apoio as palmas da mão na mesa e ponho a perna para baixo.

— Uma verdade nua e crua a caminho.

— Sou todo ouvidos — rebate ele, encostando na mesa a meu lado.

Não escondo nada.

— Sinto uma forte atração por você — confesso. — Gosto de quase tudo em você. E como queremos coisas diferentes, se nos encontrarmos de novo, eu gostaria que não fizesse mais esses comentários que me deixam tonta. Não é justo.

Ele balança uma vez a cabeça e depois diz:

— Minha vez. — Ele põe a mão na mesa ao lado da minha e se inclina um pouco. — Também sinto uma forte atração por você. Não tem muita coisa em *você* que eu não goste. Mas espero que a gente nunca mais se encontre, porque não gosto do tanto que penso em você. Não é grande coisa, mas é mais do que eu gostaria. Então, se você continua não querendo passar uma noite comigo, vamos fazer o possível para evitar um ao outro. Porque não seria bom para nenhum de nós.

Não sei como ele veio parar tão perto de mim, mas está a apenas uns 30 centímetros. Com ele tão perto, fica difícil prestar atenção nas palavras que saem de sua boca. Seu olhar baixa brevemente até a minha boca, mas, assim que escutamos a porta da frente se abrir, ele vai para o outro lado do cômodo. Quando Allysa e Marshall se aproximam, Ryle está empilhando de novo todos os engradados caídos. Allysa olha para meu tornozelo.

— Qual é o veredito? — pergunta ela.

Faço um biquinho.

— Seu irmão médico disse que devo ficar imobilizada por alguns dias.

Ela me entrega a água.

— Que bom que você tem a mim. Posso trabalhar e adiantar o possível enquanto você descansa.

Tomo um gole de água e depois seco a boca.

— Allysa, você foi eleita a funcionária do mês.

Ela sorri e se vira para Marshall.

— Ouviu isso? Sou a melhor funcionária do estabelecimento!

Ele põe o braço ao redor da esposa e beija o topo de sua cabeça.

— Estou orgulhoso de você, Issa.

Acho fofo ele a chamar de *Issa*, um apelido para Allysa. Penso em meu próprio nome e me pergunto se algum dia vou encontrar um cara que me chame de algum apelido ridiculamente fofo. *Illy*.

Não. Não é a mesma coisa.

— Precisa de ajuda para chegar em casa? — pergunta ela.

Salto da mesa e testo o pé.

— Talvez só até meu carro. É meu pé esquerdo, então provavelmente vou conseguir dirigir.

Ela se aproxima e põe o braço a meu redor.

— Se quiser deixar as chaves comigo, eu tranco tudo, volto amanhã e começo a limpar.

Os três me acompanham até o carro, mas Ryle deixa Allysa fazer a maior parte das coisas. Por algum motivo, ele parece ter medo de encostar em mim. Quando já estou acomodada no banco do motorista, Allysa põe minha bolsa e outras coisas no chão e se senta no banco do carona. Ela pega meu celular de novo e salva seu número nos contatos.

Ryle se enfia pela janela.

— Coloque o máximo de gelo possível nos próximos dias. Ficar na banheira também ajuda.

Assinto.

— Obrigada pela ajuda.

— Ryle? — chama Allysa, inclinando-se. — Será que você pode acompanhá-la no carro e voltar para casa de táxi por garantia?

Ele olha para mim e balança a cabeça.

— Acho que não é uma boa ideia — argumenta ele. — Ela vai ficar bem. Tomei algumas cervejas, é melhor não dirigir.

— Pode pelo menos ajudar ela em casa — sugere Allysa.

Ryle balança a cabeça e dá um tapinha no teto do carro enquanto se vira e sai andando.

Ainda estou o observando quando Allysa me devolve o celular e diz:

— Sério, me desculpe por ele. Primeiro dá em cima de você, depois se comporta como um babaca egoísta. — Ela sai do carro, fecha a porta e depois se apoia na janela. — Por isso ele vai passar o resto da vida solteiro. — Ela aponta para meu celular. — Me avise quando chegar em casa. E ligue se precisar de alguma coisa. Não conto favores como horas de trabalho.

— Obrigada, Allysa.

Ela sorri.

— Não, *eu* é que agradeço. Não fico tão animada com minha vida desde o show de Paolo Nutini que vi ano passado.

Ela se despede e se aproxima de Marshall e de Ryle.

Eles começam a andar pela rua, e eu os observo pelo retrovisor. Ao virarem a esquina, percebo Ryle olhar em minha direção.

Fecho os olhos e solto o ar.

Meus dois encontros com Ryle foram em dias que provavelmente prefiro esquecer. No dia do funeral de meu pai e no dia que torci o tornozelo. Porém, por algum motivo, sua presença fez esses desastres parecerem menores.

Odeio o fato de que ele é irmão de Allysa. Tenho a sensação de que essa não é a última vez que o verei.

Capítulo Quatro

Demoro meia hora para ir do carro até o apartamento. Liguei duas vezes para Lucy; queria sua ajuda, mas ela não atendeu. Quando entro no apartamento, fico um pouco irritada ao vê-la deitada no sofá com o celular no ouvido.

Bato a porta, e ela ergue o olhar.

— O que aconteceu com você? — pergunta ela.

Uso a parede como apoio para pular até o corredor.

— Torci o tornozelo.

Quando alcanço a porta de meu quarto, ela grita:

— Desculpe por não ter atendido o telefone! Estou falando com Alex! Eu ia te ligar depois!

— Tudo bem! — grito de volta, e bato a porta do quarto.

Vou para o banheiro e encontro alguns analgésicos velhos guardados no armário. Engulo dois, me jogo na cama e fico encarando o teto.

Não acredito que vou passar uma semana inteira presa no apartamento. Pego o celular e mando uma mensagem para minha mãe.

Torci o tornozelo. Estou bem, mas preciso de umas coisas. Pode comprar para mim?

Largo o celular na cama e, pela primeira vez desde que minha mãe se mudou, fico feliz por ela morar razoavelmente perto. Na verdade, não tem sido tão ruim. Acho que gosto mais dela agora que meu pai faleceu. Guardei muito ressentimento por ela nunca tê-lo deixado. Apesar de boa parte desse ressentimento ter passado, o que sinto por meu pai continua.

Não deve fazer bem guardar tanta mágoa do próprio pai. Mas, caramba, ele foi horrível. Comigo, com minha mãe, com Atlas.

Atlas.

Estava tão ocupada com a mudança de minha mãe, e com minha busca secreta pela loja enquanto ainda trabalhava, que nem tive tempo de terminar de ler os diários encontrados meses atrás.

Dou um pulo ridículo até o armário e tropeço apenas uma vez. Felizmente, eu me seguro na cômoda. Depois que pego o diário, volto para a cama e me acomodo.

Não tenho nada melhor a fazer na próxima semana já que não posso trabalhar. Por que não lamentar meu passado se vou ser obrigada a lamentar meu presente?

Querida Ellen,

Sua apresentação do Oscar foi a melhor coisa que aconteceu na TV no ano passado. Acho que nunca comentei isso com você. A cena com o aspirador de pó me fez mijar nas calças de tanto rir.

Ah, hoje eu recrutei um novo seguidor para você: Atlas. Antes que comece a me julgar por eu ter deixado ele entrar de novo em minha casa, me deixe explicar o que aconteceu.

Depois que deixei ele tomar banho aqui ontem, não o vi mais à noite. Mas hoje de manhã ele se sentou a meu lado no ônibus. Parecia um pouco mais feliz que antes, porque até sorriu para mim quando se sentou.

Não vou mentir, foi um pouco estranho ver ele usando as roupas de meu pai. Mas a calça ficou bem melhor que imaginei.

— Adivinha só? — disse ele, inclinando-se para a frente e abrindo a mochila.

— O quê?

Ele pegou uma sacola e a entregou para mim.

— Encontrei isso na garagem. Tentei limpar para você porque estavam empoeiradas, mas sem água não dá para fazer muita coisa.

Seguro a sacola e o encaro, desconfiada. Nunca vi ele falar tanto. Finalmente dou uma olhada na sacola e a abro. Parecia um monte de ferramentas de jardinagem.

— Vi você cavando com aquela pá no outro dia. Não sabia se você tinha ferramentas de jardinagem de verdade, e ninguém estava usando essas aqui, então...

— Obrigada — agradeci.

Fiquei meio chocada. Eu costumava usar uma espátula, mas o plástico do cabo quebrou e comecei a ficar com bolhas nas mãos. Pedi para minha mãe me dar ferramentas de jardinagem de aniversário no ano passado, e, quando ela me deu uma

pá grande e uma enxada, não tive coragem de dizer que não era daquilo que eu precisava.

Atlas pigarreou, depois bem mais baixo, disse:

— Eu sei que não é um presente de verdade. Não comprei nem nada do tipo. Mas... eu queria te dar alguma coisa. Sabe... por ter...

Ele não terminou a frase, então balancei a cabeça e amarrei de volta a sacola.

— Acha que pode ficar com elas até depois das aulas? Não tenho espaço em minha mochila.

Ele pegou a sacola, colocou a mochila no colo e a guardou ali dentro. Depois abraçou a mochila.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele.

— Quinze.

Seu olhar deu a impressão de que ele ficou um pouco triste com minha idade, não sei o porquê.

— Está no primeiro ano?

Fiz que sim, porque sinceramente não consegui pensar em nada para dizer. Eu não costumava interagir muito com garotos. Ainda mais do terceiro ano. Quando me sinto nervosa, simplesmente fico quieta.

— Não sei quanto tempo vou ficar lá — disse ele, sussurrando de novo. — Mas, se precisar de ajuda com o jardim ou alguma outra coisa depois da escola, eu não tenho muita coisa pra fazer. Porque não tenho eletricidade, né?

Eu ri e depois me perguntei se deveria ter rido do comentário autodepreciativo.

Passamos o resto do trajeto de ônibus conversando sobre você, Ellen. Quando ele fez esse comentário sobre tédio, perguntei se já tinha visto seu programa. Ele disse que gostaria de ver, porque acha você engraçada, mas para ter TV precisa de eletricidade. Mais uma vez eu ri, sem saber se deveria ou não.

Eu disse que ele poderia assistir ao programa comigo depois do colégio. Sempre gravo no DVR e vejo enquanto faço as tarefas domésticas. Pensei em passar o ferrolho na porta da frente, e se meus pais chegassem cedo, Atlas só precisaria sair correndo pela porta dos fundos.

Não o vi novamente até a volta para casa. Ele não se sentou a meu lado porque Katie subiu no ônibus antes dele e ocupou o lugar. Eu queria pedir para ela mudar de banco, mas aí ela acharia que estou a fim de Atlas. Katie ia encher o saco, então deixei ela ficar ali.

Atlas estava na parte da frente do ônibus, então desceu antes de mim. Ele meio que ficou parado no ponto, me esperando, meio constrangido. Quando saí, ele abriu a

mochila e me entregou a sacola com as ferramentas. Não disse nada sobre o convite que fiz mais cedo para ele ver TV comigo, então simplesmente agi como se fosse óbvio.

— Vamos — falei.

Ele me acompanhou até dentro de casa, e eu passei o ferrolho na porta.

— Se meus pais chegarem cedo, saia correndo pela porta dos fundos e não deixe que eles te vejam.

Ele concordou com a cabeça.

— Não se preocupe, vou fazer isso — disse ele, meio que rindo.

Perguntei se queria beber alguma coisa, e ele disse que sim. Preparei um lanche para a gente e levei as bebidas para a sala. Eu me sentei no sofá, e ele, na poltrona de meu pai. Sintonizei seu programa, e isso foi basicamente tudo o que aconteceu. Não conversamos muito porque eu adiantei o vídeo na parte de todos os comerciais. Mas percebi que ele riu nos momentos certos. Acho que entender o timing para comédia é uma das coisas mais importantes na personalidade de uma pessoa. Toda vez que ele ria de suas piadas, eu me sentia melhor por tê-lo deixado entrar escondido em minha casa. Não sei o motivo. Talvez eu me sinta menos culpada quando percebo que poderíamos ser amigos.

Ele foi embora assim que seu programa acabou. Eu queria perguntar se ele precisava tomar outro banho, mas ficaria muito perto da hora de meus pais chegarem. E a última coisa que eu queria era que ele saísse correndo pelado pelo quintal.

Mas, ao mesmo tempo, isso seria hilário e incrível.

Lily

Querida Ellen,

Qual é, cara? Reprises? Uma semana inteira de reprises? Entendo que você precise de uma folga, mas eu queria fazer uma sugestão: em vez de gravar um programa por dia, devia gravar dois. Assim vai fazer o dobro em metade do tempo, e a gente nunca precisaria ver reprises.

Eu digo "a gente" porque estou me referindo a Atlas e a mim. Ele passou a assistir regularmente a seu programa comigo. Acho que ele gosta de você tanto quanto eu, mas nunca vou contar que escrevo para você todos os dias. Ele acharia meio infantil...

Faz duas semanas que ele está morando naquela casa. Tomou mais alguns banhos aqui, e dou comida para ele sempre que me visita. Até lavo suas roupas enquanto ele está aqui depois do colégio. Ele fica pedindo desculpas, como se fosse um

fardo. Mas, sinceramente, eu adoro. Desse jeito eu me distraio e até fico ansiosa pelos momentos juntos todos os dias depois do colégio.

Hoje à noite meu pai chegou tarde em casa, o que significa que ele foi para o bar depois do trabalho. O que significa que ele provavelmente vai brigar com minha mãe. O que significa que ele provavelmente vai fazer alguma besteira.

Juro que às vezes fico com muita raiva dela por ainda estar com ele. Sei que só tenho 15 anos e que não entendo todas as razões que a levam a ficar com ele, mas eu me recuso a deixar ela me usar como desculpa. Não me importa se é pobre demais para sair de casa, nem se a gente teria de se mudar para um apartamento péssimo e comer miojo até eu me formar. Seria melhor que a situação atual.

Estou ouvindo ele gritar com ela. Às vezes, quando fica assim, eu apareço na sala para ver se ele se acalma. Meu pai não gosta de bater nela quando estou por perto. Talvez eu devesse tentar fazer isso.

Lily

Querida Ellen,

Se eu tivesse acesso a uma arma ou a uma faca agora, eu mataria meu pai.

Assim que entrei na sala, eu o vi empurrando minha mãe no chão. Eles estavam na cozinha, e ela agarrou o braço dele, para tentar acalmá-lo, mas ele a esbofeteou com as costas da mão e a derrubou no chão. Tenho certeza de que ele ia chutá-la, mas me viu entrar na sala e parou. Murmurou algo para ela, foi para o quarto e bateu a porta.

Corri até a cozinha e tentei ajudá-la, mas ela nunca quer que eu a veja nesse estado. Então gesticulou para que eu me afastasse e disse:

— Estou bem, Lily. Estou bem, a gente teve uma maldita briga, só isso.

Ela estava chorando, e já dava para ver a vermelhidão em sua bochecha, onde ele tinha batido. Quando me aproximei, para ter certeza de que estava bem, minha mãe se virou de costas e agarrou o balcão.

— Já disse que estou bem, Lily. Volte para seu quarto.

Saí em disparada pelo corredor, mas não voltei para o quarto. Corri até a porta dos fundos e atravessei o quintal. Eu estava com muita raiva por ela ter sido grosseira comigo. Não queria nem ficar na mesma casa que os dois, e, apesar de já estar escuro, fui até onde Atlas estava e bati à porta.

Eu escutei ele se movimentando lá dentro, como se tivesse derrubado algo sem querer.

— Sou eu. Lily — sussurrei.

Alguns segundos depois, a porta dos fundos se abriu e ele olhou para além de mim, depois para minha esquerda e para minha direita. Só quando ele me olhou no rosto percebeu que eu estava chorando.

— Você está bem? — perguntou, saindo para a varanda.

Usei minha camisa para enxugar as lágrimas, e percebi que ele tinha saído da casa em vez de me convidar para entrar. Eu me sentei no degrau da varanda, e ele se acomodou a meu lado.

— Estou bem — respondi. — Só estou zangada. Às vezes choro quando fico zangada.

Ele estendeu o braço e colocou meu cabelo atrás da orelha. Gostei disso, e de repente minha raiva diminuiu. Então, ele pôs o braço a meu redor e me puxou para perto, deixando minha cabeça apoiada em seu ombro. Não sei como ele me acalmou sem dizer nada, mas foi o que aconteceu. A simples presença de algumas pessoas acalma, e com ele é assim. É o completo oposto de meu pai.

Ficamos sentados assim por um tempo, até que vi a luz de meu quarto se acender.

— É melhor você ir — sussurrou ele.

Nós dois vimos minha mãe parada no quarto, me procurando. Só naquele instante percebi a vista perfeita que ele tinha do cômodo.

Enquanto voltava para casa, tentei pensar em todo o tempo que Atlas passara naquela casa. Tentei lembrar se eu tinha andado alguma vez com a luz acesa durante a noite, porque normalmente, quando estou no quarto à noite, fico só de camiseta.

E, olha só a maluquice, Ellen: eu torcia para ter feito isso, sim.

Lily

Fecho o diário quando os analgésicos começam a fazer efeito. Amanhã leio mais. *Talvez*. Ler sobre as coisas que meu pai fazia com minha mãe me deixa meio mal-humorada.

Ler sobre Atlas me deixa meio *triste*.

Tento dormir e pensar em Ryle, mas toda a situação me deixa meio zangada e triste.

Talvez eu pense em Allysa, e em como estou feliz por ela ter aparecido hoje. Seria bom ter uma amiga — e também ajudaria — durante os próximos meses. Tenho a impressão de que vai ser bem mais estressante do que imaginei.

Capítulo Cinco

Ryle estava certo. Depois de alguns dias, meu tornozelo já havia melhorado o suficiente para que eu pudesse andar. Mas esperei uma semana inteira antes de tentar sair do apartamento. A última coisa que quero é me machucar de novo.

Óbvio que o primeiro lugar visitado foi minha floricultura. Allysa estava lá quando cheguei, e dizer que fiquei chocada quando entrei na loja é eufemismo. Parecia completamente diferente do estabelecimento que comprei. Ainda tem muito trabalho a ser feito, mas ela e Marshall se livraram de todo o lixo. Todo o resto foi organizado em pilhas. As janelas foram lavadas, passaram pano no chão. Ela até esvaziou a área onde pretendo montar o escritório.

Hoje eu a ajudei por algumas horas, mas no início Allysa não me deixou fazer muita coisa, então praticamente fiquei planejando a loja. Escolhemos as cores das tintas e definimos uma data para a inauguração, daqui a aproximadamente cinquenta e quatro dias. Depois que ela foi embora, passei as horas seguintes fazendo tudo o que minha funcionária não me deixou fazer. Eu me senti ótima por estar de volta. Mas, *caramba*, como estou cansada!

Por isso me pergunto se devo ou não levantar do sofá e abrir a porta para quem quer que tenha batido. Lucy está na casa de Alex de novo, e falei com minha mãe ao telefone cinco minutos atrás, então sei que não é nenhuma das duas.

Vou até a porta e confiro o olho mágico antes de abrir. Não o reconheço de imediato, porque está de cabeça baixa, mas então ele olha para cima e para a direita, e meu coração acelera!

O que ele está fazendo aqui?

Ryle bate outra vez, e tento afastar o cabelo do rosto, domando-o com a mão, mas é um caso perdido. Trabalhei demais hoje, e estou horrorosa, então, a

não ser que eu tenha meia hora para tomar uma ducha, passar maquiagem e me vestir antes de abrir a porta, ele simplesmente vai ter de lidar comigo assim.

Abro a porta, e sua reação me confunde.

— Meu Deus! — exclama ele, baixando a cabeça e a encostando na moldura da porta. Ele está ofegante, como se estivesse malhando, e então percebo que ele parece tão cansado e sujo quanto eu. Não faz a barba há uns dois dias, nunca o vi assim, e seu cabelo não foi penteado como de costume. Está um pouco irregular, assim como seu olhar. — Sabe em quantas portas bati até te encontrar?

Balanço a cabeça, porque não faço ideia. Mas já que ele tocou no assunto... *Como sabe onde moro?*

— Vinte e nove — diz ele. Em seguida, ergue a mão e repete os números com os dedos enquanto sussurra: — *Dois... nove.*

Observo sua roupa. Ele está com o uniforme do hospital, e eu *odeio* que ele esteja vestindo aquilo. *Caramba. Tão* melhor que o macacão pijama e *muito* melhor que a camisa da Burberry.

— Por que bateu em vinte e nove portas? — pergunto, inclinando a cabeça.

— Você não me disse em que apartamento morava — justifica ele, inexpressivamente. — Disse que morava neste prédio, mas não consegui lembrar se falou o andar. E, só para constar, quase comecei no terceiro. Eu teria chegado aqui uma hora antes, se tivesse seguido meu instinto.

— Por que você está *aqui*?

Ele passa as mãos no rosto e depois aponta por cima de meu ombro.

— Posso entrar?

Olho por cima do ombro e abro a porta mais um pouco.

— Acho que sim. Se me disser o que quer.

Ryle entra e eu fecho a porta. Ele olha ao redor, com seu uniforme hospitalar ridículo e sensual, e põe a mão nos quadris enquanto me encara. Parece um pouco desapontado, mas não sei se comigo ou com ele mesmo.

— Lá vem uma grande verdade nua e crua, tá? — diz ele. — Prepare-se.

Cruzo os braços e o observo inspirar, preparando-se para falar.

— Os próximos dois meses são os mais importantes de toda minha carreira. Preciso me concentrar. Estou terminando a residência, e, depois, são as provas. — Ele está todo agitado, andando de um lado para outro na sala, falando e gesticulando com as mãos. — Mas, na última semana, não consegui parar de pensar em você. Não sei por quê. No trabalho, em casa. Só consigo pensar em como é gostoso estar a seu lado, e preciso que isso passe, Lily. — Ele para de

andar e se vira para mim. — *Por favor*, faça isso parar. Só uma vez... É só disso que preciso. Juro.

Estou cravando os dedos nos braços enquanto o observo. Ele continua ofegante, e seus olhos parecem frenéticos, mas ele me olha de um jeito suplicante.

— Quando foi a última vez que você dormiu? — pergunto.

Ele revira os olhos, como se estivesse frustrado por eu não entender.

— Acabei de sair de um plantão de 48 horas — responde ele, fazendo pouco caso. — *Concentre-se*, Lily.

Balanço a cabeça e penso no que ele confessou. Se eu não tivesse uma cabeça boa... eu diria que ele...

Inspiro para me acalmar.

— Ryle — começo, com cautela. — É sério? Você bateu em vinte e nove portas só para me dizer que pensar em mim está infernizando sua vida, e que eu deveria transar com você e assim te ajudar a me esquecer? Está *brincando*, né?

Ele comprime os lábios e, depois de uns cinco minutos pensando, faz que sim lentamente.

— Bem... sim, mas... exposto desse jeito, parece bem pior.

Dou uma gargalhada exasperada.

— Porque é ridículo, Ryle!

Ele morde o lábio inferior e olha ao redor, como se de repente quisesse fugir. Abro a porta e faço um gesto para ele ir embora. Mas ele não vai. Apenas olha meu pé.

— Seu tornozelo parece bom — comenta. — Como ele está?

Reviro os olhos.

— Melhor. Consegui ajudar Allysa hoje na loja pela primeira vez.

Ele assente e faz menção de se aproximar da porta. Porém, assim que me alcança, ele se vira e bate as mãos na porta, cada uma de um lado de minha cabeça. Fico boquiaberta com sua proximidade e sua persistência.

— Por favor? — insiste.

Balanço a cabeça, por mais que meu corpo queira me trair, implorando para minha mente ceder.

— Sou muito bom nisso, Lily — avisa ele, sorrindo. — Você não vai ter de fazer quase nada.

Tento não rir, mas sua determinação é igualmente encantadora e irritante.

— Boa noite, Ryle.

Ele abaixa a cabeça e depois a balança para trás e para a frente. Afasta-se da porta e se empertiga. Ele se vira, seguindo na direção do corredor, mas de repente se ajoelha e põe os braços ao redor de minha cintura.

— Por favor, Lily — pede Ryle, com uma risada autodepreciativa. — *Por favor*, transe comigo. — Ele está me encarando com um olhar de cachorro pidão e um sorriso esperançoso e ridículo. — Quero tanto, tanto você, e juro que, se transar comigo, nunca mais nos falamos. Prometo.

Ver um neurocirurgião *literalmente* de joelhos, implorando para transar comigo me convence. *É muito ridículo.*

— *Levante-se* — peço, afastando seus braços. — Está fazendo um papelão.

Ele fica de pé lentamente, arrastando as mãos pela porta, uma em cada lado de meu corpo, até me prender entre os braços.

— Está dizendo sim?

Seu peito mal encosta no meu, e odeio gostar de me sentir desejada assim. Eu não devia achar isso nem um pouco atraente, mas mal consigo respirar quando o encaro. Ainda mais quando está exibindo esse sorriso sugestivo.

— Não estou me sentindo sexy, Ryle. Trabalhei o dia todo, estou exausta, cheirando a suor e devo estar com gosto de poeira. Se me der um tempinho para tomar uma ducha primeiro, talvez eu me sinta sexy o bastante para transar com você.

Ele balança a cabeça fervorosamente antes mesmo que eu termine de falar.

— Tome sua ducha. Demore o tempo que quiser. Eu espero.

Eu o afasto e fecho a porta do apartamento. Ele me acompanha até o quarto e digo que me espere na cama.

Por sorte, arrumei o quarto ontem à noite; normalmente, há roupas espalhadas por todo canto, livros empilhados na mesa de cabeceira, sapatos e sutiãs que eu jamais guardo no armário. Mas hoje está arrumado. Até minha cama foi feita, inclusive com as almofadas feias que minha avó repassou para toda a família.

Dou uma rápida conferida no cômodo, só para garantir que não há nada vergonhoso à vista. Ele se senta na cama, e eu o observo analisar o quarto. Paro na porta do banheiro e ofereço uma última saída a ele.

— Você disse que ia parar, Ryle, mas quero logo avisar uma coisa: sou como uma droga. Se transar comigo hoje, as coisas só tendem a piorar para seu lado. Mas você só vai conseguir isso uma única vez. Não vou ser uma das várias

garotas que usa para... Como foi que você falou naquela noite? *Satisfazer* suas *necessidades?*

Ele se inclina para trás, se apoiando nos cotovelos.

— Você não é esse tipo de garota, Lily. E eu não sou o tipo de cara que procura alguém mais de uma vez. Não precisamos nos preocupar com nada.

Fecho a porta, me perguntando como esse cara me convenceu a fazer isso.

Foi o uniforme hospitalar. Esses uniformes são meu ponto fraco. Não teve nada a ver com ele.

Será que tem como ele não tirar o uniforme enquanto a gente transa?

***

Nunca demorei mais de meia hora para me arrumar, mas levo quase uma para terminar meu ritual. Raspei mais partes do corpo que provavelmente necessário, e depois passei uns bons vinte minutos surtando e tendo de me convencer a não abrir a porta e mandar Ryle embora. Porém, agora que meu cabelo está seco e estou mais limpa que nunca, acho que vou conseguir. Óbvio que consigo transar com um cara só uma vez. Tenho 23 anos.

Abro a porta, e ele ainda está na cama. Fico um pouco desapontada quando vejo sua camisa do uniforme no chão, mas não encontro a calça, então ainda deve estar com ela. Ele está debaixo da coberta, então não tenho como saber.

Fecho a porta do banheiro e fico esperando ele se virar e me olhar, mas isso não acontece. Dou alguns passos e, então, escuto seu ronco.

Não é um ronco leve, do tipo *Ah, acabei de pegar no sono*. É o ronco de quem está no meio do sono R.E.M.

— Ryle? — sussurro.

Ele nem se mexe quando balanço seu corpo.

Só pode ser brincadeira.

Eu me sento na cama, sem me importar se vou acordá-lo. Acabei de passar uma hora inteira me arrumando depois de trabalhar para caramba, e é assim que ele lida com a noite?

Mas não posso ficar zangada com ele, ainda mais ao ver como parece tranquilo. Nem consigo imaginar como deve ser um plantão de 48 horas. Além disso, minha cama é muito confortável. É tão confortável que faria uma pessoa cair no sono de novo mesmo depois de uma noite bem dormida. *Eu devia ter avisado.*

Confiro a hora no celular: são quase 22h30. Coloco o aparelho no silencioso e me deito ao lado de Ryle. Seu celular está ao lado da cabeça, no travesseiro, então eu o pego e rolo a tela para cima em busca da câmera. Ergo o celular e faço questão de ficar com um decote bonito, os seios unidos. Tiro uma foto só para que ele veja o que perdeu.

Apago a luz e rio sozinha, porque estou prestes a dormir ao lado de um homem seminu que sequer beijei.

✦✦✦

Antes mesmo de abrir os olhos sinto seus dedos subindo por meus braços. Eu me contenho para não dar um sorriso cansado e finjo que ainda estou dormindo. Seus dedos percorrem meu ombro e param na clavícula, logo antes de alcançarem o pescoço. Tenho uma tatuagem pequena ali, fiz enquanto cursava a faculdade. É o contorno simples de um coração ligeiramente aberto em cima. Sinto seus dedos contornarem a tatuagem, depois ele se inclina para a frente e a beija. Fecho os olhos com ainda mais força.

— Lily — sussurra ele, colocando o braço ao redor de minha cintura.

Resmungo, tentando acordar, e depois me deito de costas para encará-lo. Quando abro os olhos, ele está me fitando. Pela luz do sol que entra pelas janelas e ilumina seu rosto, percebo que não são nem sete da manhã.

— Sou o homem mais desprezível que já conheceu. Não é?

Rio e confirmo ligeiramente com a cabeça.

— Quase isso.

Ele sorri e afasta meu cabelo do rosto. Inclina-se para a frente e pressiona os lábios em minha testa, e fico com raiva por ele ter feito isso. Agora *eu* é que vou acabar atormentada pelas noites insones, revivendo este momento.

— Preciso ir — diz ele. — Estou bastante atrasado. Mas, primeiro, peço desculpas. E, segundo, nunca mais farei isso. E nunca mais vou falar com você, prometo. E, terceiro, me desculpe *mesmo*. Você não faz ideia de como sinto muito.

Forço um sorriso, mas quero franzir a testa porque odiei completamente sua segunda declaração. Na verdade, não vou me incomodar se ele tentar isso de novo, mas depois me lembro: queremos coisas diferentes da vida. E acabou sendo bom ele ter dormido, e a gente nunca ter se beijado, porque, se eu tivesse

transado com ele de uniforme hospitalar, eu é que ia aparecer na porta de sua casa de joelhos, implorando por mais.

Isso é bom. Arrancar o Band-Aid de uma só vez e deixá-lo partir.

— Tenha uma vida boa, Ryle. Desejo todo o sucesso do mundo para você.

Ele não responde a minha despedida. Fica me encarando em silêncio, meio que franzindo o rosto, depois diz:

— Tá bom. Igualmente, Lily.

Ele rola para longe de mim e se levanta. Não consigo encará-lo, então me viro de lado e fico de costas para Ryle. Escuto ele calçar os sapatos e pegar o celular. Há uma longa pausa antes que ele se mexa novamente, e sei que é porque estava me observando. Fecho os olhos até escutar a porta do apartamento bater.

Meu rosto esquenta de imediato, e eu me recuso a ficar triste por causa disso. Eu me obrigo a sair da cama. Preciso trabalhar. Não posso ficar chateada só porque não sou o suficiente para um rapaz reavaliar seus objetivos de vida por minha causa.

Além disso, tenho de me preocupar com meus *próprios* objetivos de vida. E estou muito animada com eles. Tanto que não tenho tempo para um cara em minha vida.

Nenhum tempo.

Não.

Sou uma garota ocupada.

Sou uma empreendedora corajosa e ousada, que está se lixando para homens com uniforme hospitalar.

Capítulo Seis

Faz cinquenta e três dias que Ryle saiu de meu apartamento. O que significa que faz cinquenta e três dias que não tenho notícias suas.

Mas tudo bem, porque, nos últimos cinquenta e três dias, andei ocupada demais organizando este momento para pensar no médico.

— Está pronta? — pergunta Allysa.

Assinto, e ela vira a placa para o lado *Aberto*. Nós duas nos abraçamos e damos gritinhos feito crianças.

Seguimos depressa para trás do balcão e esperamos nosso primeiro cliente. É um *soft opening*, então ainda não fiz nenhuma campanha de marketing, só queremos conferir se não tem nada de errado antes da grande inauguração.

— Está tão bonito aqui dentro! — elogia Allysa, admirando nosso trabalho árduo.

Olho ao redor, morrendo de orgulho. É evidente que quero ter sucesso, mas a esta altura nem sei mais se isso importa. Eu tinha um sonho e me esforcei como uma louca para que se tornasse realidade. O que quer que aconteça depois disso vai ser a cereja do bolo.

— Está com um cheiro muito bom aqui! — comento. — *Amo* este cheiro.

Não sei se vamos receber algum cliente hoje, mas nós duas agimos como se isso fosse a melhor coisa que já nos aconteceu, então acho que não importa. Além disso, em algum momento Marshall vai passar aqui hoje, e minha mãe vem depois do trabalho. Já são dois clientes garantidos, o que é muito.

Allysa aperta meu braço quando a porta começa a se abrir. De repente, sinto um leve pânico, porque imagina se algo der errado?

E então entro de vez em pânico, porque algo deu mesmo errado. *Muito* errado. Nosso primeiríssimo cliente é ninguém menos que Ryle Kincaid.

Ele para depois de entrar; a porta bate e ele olha ao redor, impressionado.

— O quê? — pergunta, girando. — Como...? — Ele olha para mim e Allysa. — Que incrível. Nem parece o mesmo lugar!

Ok, talvez não eu não veja nenhum problema em ele ser o primeiro cliente.

Ryle leva alguns minutos para chegar até o balcão porque não consegue parar de tocar nas coisas, observa tudo. Quando finalmente se aproxima de nós duas, Allysa dá a volta no balcão e o abraça.

— Não está lindo? — pergunta ela, acenando em minha direção. — Foi tudo ideia de Lily. Tudo. Eu só ajudei com o trabalho sujo.

Ryle ri.

— É difícil acreditar que suas habilidades no Pinterest não tenham influenciado um pouco.

Confirmo com a cabeça.

— Ela está sendo modesta. Com as habilidades, já tínhamos metade do caminho andado para tornar isso realidade.

Ryle sorri para mim, mas poderia muito bem ter cravado uma faca em meu peito. *Ai!*

— Sou o primeiro cliente oficial? — pergunta ele, batendo a mão no balcão.

Allysa lhe entrega um de nossos panfletos.

— Na verdade você tem de comprar alguma coisa para ser considerado um cliente.

Ryle olha para o panfleto e o coloca no balcão. Depois vai até uma das vitrines e pega um vaso de lírios roxos.

— Quero este aqui — diz Ryle, colocando-o no balcão.

Sorrio, me perguntando se ele percebeu que acabou de escolher lírios. *Que ironia.*

— Quer que a gente entregue em algum lugar? — pergunta Allysa.

— Vocês fazem isso?

— Allysa e eu não — respondo. — Temos um entregador a postos. A gente não sabia se precisaria dele hoje.

— Está mesmo comprando as flores para uma garota? — indaga Allysa.

Ela está apenas se intrometendo na vida amorosa do irmão como qualquer irmã faria, mas então percebo que me aproximei dela para escutar melhor a resposta.

— Estou — responde ele, e seus olhos encontram os meus. — Mas não penso muito nela. Quase nunca.

Allysa pega um cartão e o desliza pelo balcão até ele.

— Coitada — diz ela. — Você é o maior babaca. — Ela tamborila o dedo no cartão. — Escreva a mensagem na frente, e o endereço da entrega atrás.

Fico observando Ryle se encurvar sobre o cartão e escrever em ambos os lados. Sei que não tenho o direito, mas estou morrendo de ciúmes.

— Vai convidá-la para meu aniversário na sexta? — pergunta Allysa.

Presto muita atenção em sua reação. Mas Ryle só balança a cabeça e responde, sem olhar para cima:

— Não. Você vai, Lily?

Não dá para perceber pelo tom de voz se ele quer que eu vá ou não. Considerando o estresse que pareço causar em sua vida, acho que é a segunda opção.

— Ainda não decidi.

— Ela vai — afirma Allysa, respondendo por mim. Ela olha para mim e semicerra os olhos. — Você vai a minha festa querendo ou não. Se não for, peço demissão.

Quando Ryle termina de escrever, põe o cartão no envelope anexado às flores. Allysa diz o preço, e ele paga em dinheiro. Depois olha para mim enquanto conta as notas.

— Lily, sabia que lojas novas têm o costume de emoldurar o primeiro dólar que ganham?

Confirmo com a cabeça. *Óbvio* que sei disso. Ele *sabe* que eu sei disso. Só está me jogando na cara que seu dólar vai ficar emoldurado para sempre na parede da loja. Quase peço para Allysa devolver o dinheiro, mas negócios são negócios. Preciso deixar meu orgulho ferido fora disso.

Depois de pegar a nota fiscal, ele bate o punho no balcão para chamar minha atenção. Abaixa um pouco a cabeça e, com um sorriso genuíno, diz:

— Parabéns, Lily.

Ele se vira e sai da loja. Assim que a porta se fecha, Allysa pega o envelope.

— Para quem ele vai mandar flores, hein? — pergunta ela, pegando o cartão. — Ryle *nunca* envia flores.

Ela lê o cartão em voz alta.

— Faça isso parar.

Puta merda.

Ela encara o cartão por um instante e repete a frase.

— *Faça isso parar?* O que diabo significa isso? — pergunta ela.

Não aguento nem mais um segundo. Agarro o cartão e o viro. Ela se inclina e lê a parte de trás comigo.

— Ele é o maior idiota — diz, rindo. — Atrás ele escreveu o endereço aqui da loja.

Ela pega o cartão de minhas mãos.

Caramba.

Ryle acabou de comprar flores para mim. E não uma flor *qualquer*. Comprou um buquê de lírios.

Allysa pega o celular.

— Vou mandar uma mensagem e dizer que ele se enganou. — Ela faz isso e ri enquanto encara as flores. — Como um neurocirurgião pode ser tão *idiota*?

Não consigo parar de sorrir. Fico aliviada por ela estar olhando para as flores e não para mim, porque poderia perceber.

— Vou deixá-las no escritório até a gente descobrir o endereço de entrega.

Pego o vaso e levo rapidamente minhas flores.

Capítulo Sete

— Pare de se mexer — reclama Devin.

— Não estou me mexendo.

Ele entrelaça o braço no meu enquanto me acompanha até o elevador.

— Está, sim. E se tentar cobrir o decote mais uma vez, vai acabar com o propósito desse vestidinho preto.

Ele agarra meu vestido e o puxa para baixo, depois enfia a mão dentro do decote para ajeitar meu sutiã.

— Devin!

Dou um tapa em sua mão, e ele ri.

— Relaxe, Lily. Já toquei em peitos bem melhores que os seus e continuo sendo gay.

— Pois é, mas aposto que os outros peitos estão grudados em pessoas que você vê com mais frequência.

Devin ri.

— É verdade, mas parte disso é culpa sua. Foi você que nos abandonou para brincar com suas flores.

Devin era um dos colegas de quem eu mais gostava na empresa de marketing onde eu trabalhava, mas não ficamos tão próximos a ponto de nos tornarmos amigos. Ele passou na floricultura hoje à tarde; Allysa gostou dele no mesmo instante e implorou para que me acompanhasse à festa. Como eu não estava muito a fim de chegar sozinha, implorei também.

Passo as mãos pelo cabelo e tento olhar meu reflexo nas paredes do elevador.

— Por que está tão nervosa? — pergunta ele.

— Não estou. É que odeio lugares onde não conheço ninguém.

Devin dá um sorriso sarcástico, como se tivesse entendido tudo, e pergunta:

— Qual é o nome dele?

Solto o ar que estava prendendo. *Sou tão óbvia assim?*

— Ryle. Ele é neurocirurgião. E quer muito, muito transar comigo.

— Como sabe que ele quer transar com você?

— Porque ele literalmente se ajoelhou e disse: *por favor, Lily, por favor transe comigo*.

Devin ergue a sobrancelha.

— Ele implorou?

Confirmo com a cabeça.

— Não foi tão ridículo quanto parece. Ele costuma ser mais controlado.

O elevador faz um barulho, e as portas começam a se abrir. Escuto a música vindo do corredor. Devin segura minhas mãos e pergunta:

— Então, qual é o plano? Preciso deixar esse cara com ciúme?

— Não — respondo, balançando a cabeça. — Não seria certo. — Mas... toda vez que nos vemos, Ryle faz questão de me dizer que nunca mais queria me ver. — Talvez um pouco? — arrisco, enrugando o nariz. — Um pouquinho só?

— Pode deixar — responde Devin, estalando o maxilar.

Ele põe a mão em minha lombar ao sair comigo do elevador. Só vemos uma porta no corredor, então vamos até ela e tocamos a campainha.

— Por que só tem uma porta? — pergunta ele.

— O último andar é todo dela.

Ele ri.

— E ela trabalha para *você*? Caramba, sua vida está cada vez mais interessante.

A porta começa a se abrir, e fico extremamente aliviada ao ver Allysa. Escuto música e risadas vindo do apartamento. Ela está com uma taça de champanhe na mão, e um chicote na outra. Percebe que estou encarando o chicote com um olhar confuso, então o joga por cima do ombro e agarra minha mão.

— Longa história — diz ela, rindo. — Entrem, entrem!

Ela me puxa para dentro, eu aperto a mão de Devin e o arrasto atrás de mim. Ela continua nos puxando pela multidão até chegarmos ao outro lado da sala.

— Ei! — exclama, puxando o braço de Marshall.

Ele se vira, sorri para mim e me puxa para um abraço. Olho para trás dele e depois ao redor, mas não vejo sinal de Ryle. *Talvez eu tenha dado sorte, e ele esteja trabalhando hoje.*

Marshall estende a mão para Devin e a aperta.

— E aí, cara? Prazer!

Devin põe o braço ao redor de minha cintura.

— Eu me chamo Devin! — grita ele mais alto que a música. — Sou o parceiro sexual de Lily!

Rio e lhe dou uma cotovelada, depois me inclino para perto de seu ouvido.

— Este é Marshall. O cara errado, mas bela tentativa.

Allysa agarra meu braço e me afasta de Devin. Marshall começa a conversar com ele, e estico a mão para trás enquanto sou puxada na direção oposta.

— Você vai ficar bem! — grita Devin.

Sigo Allysa até a cozinha, onde ela coloca uma taça de champanhe em minha mão.

— Tome — manda. — Você merece!

Bebo um gole do champanhe, mas nem consigo curtir agora que estou reparando o tamanho da cozinha; é de tamanho industrial com dois fogões completos e uma geladeira maior que meu apartamento.

— Puta merda — sussurro. — Você mora mesmo aqui?

Ela dá uma risadinha

— Pois é. — diz Allysa. — E quando penso que nem me casei com ele por dinheiro... Marshall tinha sete dólares e dirigia um Mercury Bobcat quando me apaixonei por ele.

— Ele não continua dirigindo um Mercury Bobcat?

Ela suspira.

— Ahã, mas temos muitas memórias boas naquele carro.

— Que nojo.

Ela mexe as sobrancelhas.

— Então... Devin é bonito.

— E deve estar mais a fim de Marshall que de mim.

— Ah, cara — diz ela. — Que droga. Achei que estava dando uma de cupido quando convidei ele para a festa.

A porta da cozinha se abre, e Devin entra.

— Seu marido está atrás de você — avisa ele para Allysa, que sai rodopiando da cozinha, sem parar de rir. — Adoro ela.

— É ótima, né?

— Então... acho que acabei de conhecer O Implorador — comenta ele, se apoiando na ilha da cozinha.

Meu coração palpita. Acho que *O Neurocirurgião* soa melhor. Tomo outro gole de champanhe.

— Como sabe que era o cara certo? Ele se apresentou?

Devin balança a cabeça.

— Não, mas ele escutou Marshall dizer que vim com você. Achei que ia me fuzilar com o olhar. Por isso a fuga para a cozinha. Gosto de você, mas não topo morrer por isso.

Eu rio.

— Não se preocupe, tenho certeza de que o olhar mortal foi na verdade um sorriso. Essas duas coisas costumam se confundir em Ryle.

A porta se abre novamente, e eu fico rígida na mesma hora, mas é só um garçom. Suspiro aliviada.

— *Lily* — diz Devin.

Ele pronuncia meu nome como um lamento.

— O que foi?

— Você está com cara de quem vai vomitar — acusa ele. — Você gosta do cara de verdade.

Reviro os olhos. Mas depois relaxo os ombros e finjo que estou chorando.

— Gosto, sim, Devin. Gosto, mas não *quero* gostar.

Ele pega minha taça de champanhe e bebe o resto, depois entrelaça o braço no meu.

— Vamos nos enturmar — convida, me tirando da cozinha contra minha vontade.

A sala está ainda mais cheia. Deve ter mais de cem pessoas aqui. Acho que nem conheço tanta gente assim.

Damos uma volta pela sala. Fico mais atrás enquanto Devin puxa assunto com os outros. Ele tem algum conhecido em comum com todas as pessoas com quem conversamos até o momento, e depois de cerca de meia hora o seguindo, estou convencida de que, para ele, é um desafio pessoal encontrar uma ligação com todos os presentes. Enquanto me enturmo, minha atenção fica metade com ele e metade com o resto da sala, procurando algum sinal de Ryle. Não o vejo em lugar algum, e começo a me perguntar se Devin o viu mesmo.

— Bem, que estranho — diz uma mulher. — O que você acha que é?

Ergo o olhar e percebo que ela está observando uma obra de arte na parede. Parece uma fotografia ampliada em uma tela. Inclino a cabeça para analisar.

— Não sei por que uma pessoa transformaria esta foto em obra de arte — diz a mulher, ao erguer o nariz. — É horrível. Está tão desfocada que nem dá para ver o que é.

Ela se afasta, irritada, e fico aliviada. Quero dizer... é um pouco estranho, mas quem sou eu para julgar o gosto de Allysa?

— O que você acha?

A voz, baixa e grave, soa *bem* atrás de mim. Fecho os olhos por um instante e respiro fundo para me acalmar antes de soltar o ar silenciosamente, esperando que ele não perceba como sua voz me afeta.

— Eu gosto. Não sei direito o que é, mas é interessante. Sua irmã tem bom gosto.

Ele passa por mim para ficar a meu lado. Dá um passo até ficar tão perto que roça meu braço.

— Você veio com alguém?

Ryle pergunta isso como se fosse uma curiosidade casual, mas sei que não é. Quando não respondo, ele se inclina até sussurrar em meu ouvido. Ele repete a frase, mas dessa vez não é uma pergunta.

— Você veio com *alguém*.

Encontro coragem para encará-lo, e me arrependo imediatamente. Ele está com um terno preto que faz o uniforme hospitalar parecer coisa de criança. Primeiro, engulo o nó inesperado em minha garganta e depois digo:

— Seria um problema? — Desvio o olhar e foco na fotografia na parede. — Apenas quero facilitar as coisas para você, sabe? Tentando *fazer isso parar*.

Ele dá um sorriso sarcástico e bebe o resto do vinho.

— Como você é *prestativa*, Lily.

Ele joga a taça vazia em uma lixeira no canto da sala. Acerta, mas o vidro estilhaça ao bater no fundo do lixo vazio. Olho ao redor, mas ninguém reparou no que aconteceu. Quando olho de novo para Ryle, ele está no meio do corredor. Some dentro de um quarto, e eu fico parada, observando a foto outra vez.

Então me dou conta.

A foto está desfocada, então foi difícil distinguir de imediato o que era. Mas eu reconheceria aquele cabelo em qualquer lugar. É *meu* cabelo. Difícil não perceber, assim como a espreguiçadeira de polímero resistente à maresia na qual estou deitada. *Foi a foto que ele tirou no telhado, na noite em que nos conhecemos.* Deve ter mandando ampliar e distorcer para que ninguém percebesse o que era.

Levo a mão ao pescoço, porque sinto como se meu sangue estivesse borbulhando. *Está muito quente aqui.*

Allysa aparece a meu lado.

— É estranho, não é? — pergunta ela, olhando a foto.

Coço meu peito.

— Está muito quente aqui — digo. — Não acha?

Ela olha ao redor.

— Está? Não percebi, mas estou um pouco bêbada. Vou pedir para Marshall ligar o ar-condicionado.

Ela desaparece de novo, e, quanto mais encaro o quadro, mais zangada fico. Aquele homem tem uma foto minha pendurada na parede do apartamento. Ele comprou flores para mim. Está irritado comigo porque apareci acompanhada na festa de sua irmã. Está se comportando como se tivéssemos alguma coisa, mas sequer nos beijamos!

Então tudo me invade a mente de uma vez. A raiva... a irritação... a meia taça de champanhe que bebi na cozinha. Estou com tanta raiva que nem consigo pensar direito. Se ele quer tanto transar comigo... não devia ter dormido! Se não quer que eu fique encantada por ele, não devia me dar flores! E, acima de tudo, não devia pendurar imagens misteriosas onde mora!

Preciso de ar fresco. Ainda bem que sei exatamente onde encontrar.

Um tempo depois, disparo pela porta do telhado. Alguns convidados escaparam da festa e estão ali em cima. Três pessoas, sentadas nos móveis de varanda. Eu as ignoro, vou até o parapeito com a vista bonita e me inclino sobre ele. Respiro fundo várias vezes e tento me acalmar. Quero descer e exigir de Ryle uma maldita decisão, mas sei que preciso estar de cabeça fria para isso.

O ar está gelado, e, por algum motivo, coloco a culpa em Ryle. Tudo é sua culpa esta noite. *Tudo*. As guerras, a fome, a violência armada... tudo está de alguma maneira relacionado a Ryle.

— Podemos ficar a sós um minuto?

Eu me viro, e ele está parado perto dos outros convidados. Imediatamente, os três assentem e se levantam para nos dar privacidade.

— Esperem — peço, erguendo as mãos. Nenhum deles olha para mim. — Não precisa. Sério, vocês não têm de ir embora.

Ryle está parado estoicamente, mãos nos bolsos, e um dos convidados murmura:

— Não tem problema, a gente não se incomoda.

Eles começam a descer a escada. Reviro os olhos e me volto para o parapeito quando me vejo sozinha com Ryle.

— Todo mundo sempre faz o que você pede? — pergunto, irritada.

Ele não responde. Seus passos são lentos e cautelosos enquanto se aproxima. Meu coração começa a bater como se eu estivesse em um *speed dating*, e coço o peito novamente.

— Lily — chama ele, atrás de mim.

Eu me viro e seguro o parapeito com ambas as mãos. Seus olhos baixam até meu decote. Assim que fazem isso, puxo a parte de cima do vestido para que ele não consiga ver nada, depois seguro o parapeito novamente. Ele ri e dá outro passo à frente. Estamos quase nos tocando, e sinto que meu cérebro derreteu. Isso é ridículo. Sou ridícula.

— Tenho a impressão de que você tem muito a dizer — diz ele. — Então queria te dar a oportunidade de contar sua verdade nua e crua.

— Rá! — digo, rindo. — Tem certeza?

Ele faz que sim com a cabeça, e eu me preparo para atacá-lo. Empurro seu peito e inverto nossas posições, deixando-o encostado no parapeito.

— Não dá para saber o que você *quer*, Ryle! E toda vez que passo a não dar a mínima, você reaparece do nada! Surge em meu trabalho, na porta de meu apartamento, nas festas... você...

— Eu moro aqui — diz ele, achando uma desculpa para a última coisa.

Fico ainda mais irritada e cerro os punhos.

— Sério! Está me deixando louca! Você me quer ou *não*?

Ele se empertiga e dá um passo em minha direção.

— Ah, eu quero você, Lily. Não duvide disso. Mas eu não *quero* querer você.

Meu corpo inteiro suspira com esse comentário. Parte em frustração, parte porque tudo o que ele diz me faz estremecer, e odeio perceber que lhe dou esse poder.

Balanço a cabeça.

— Você não entende, não é? — digo, baixando a voz. Estou me sentindo derrotada demais para continuar gritando. — Gosto de você, Ryle. E saber que você só me quer por uma noite me deixa muito, *muito* triste. Se fosse quando nos conhecemos, a gente poderia ter transado e ficaria tudo bem. Você teria ido embora, e eu teria seguido com minha vida. Mas já se passaram meses. Você esperou tempo demais, e agora já investi muito de mim em você, então, por favor, pare de dar em cima de mim. Pare de pendurar minhas fotos em seu

apartamento. E pare de me mandar flores. Porque, quando você faz essas coisas, eu não me sinto *bem*, Ryle. Na verdade, chega a doer um pouco.

Eu me sinto vazia, exausta e pronta para sumir. Ele me observa em silêncio, e respeitosamente dou um tempo para ele se defender. Mas não faz isso. Ele apenas se vira, se inclina por cima do parapeito e olha a rua, como se não tivesse escutado uma palavra do que eu disse.

Atravesso o telhado e abro a porta, meio que esperando que ele me chame ou me peça para não ir embora. Só perco a esperança de que isso aconteça quando volto ao apartamento. Abro caminho pela multidão e entro em três cômodos diferentes antes de encontrar Devin. Ao ver minha expressão, ele simplesmente balança a cabeça e se aproxima de mim.

— Está pronta para ir? — pergunta ele, entrelaçando o braço no meu.

Faço que sim.

— Sim. *Muito* pronta.

Encontramos Allysa na sala principal. Desejo boa noite para ela e Marshall, usando a desculpa de que estou exausta por causa da semana de inauguração e de que quero dormir um pouco antes do trabalho amanhã. Allysa me abraça e nos acompanha até a porta.

— Volto na segunda — avisa ela, me dando um beijo na bochecha.

— Feliz aniversário — digo.

Devin abre a porta, mas, antes de sairmos para o corredor, escuto alguém gritar meu nome. Eu viro e me deparo com Ryle abrindo caminho pela multidão, vindo do outro lado da sala.

— Lily, espere! — grita ele, ainda tentando me alcançar.

As batidas de meu coração estão irregulares. Ele se aproxima depressa, contornando os outros, ficando cada vez mais frustrado com as pessoas no meio do caminho. Finalmente chega a uma clareira no meio da multidão e faz contato visual de novo. Fica me encarando enquanto chega mais perto. Não desacelera. Allysa precisa sair da frente enquanto ele vem direto em minha direção. A princípio, acho que vai me beijar, ou pelo menos se defender depois de tudo que eu disse lá em cima. Mas estou completamente despreparada para o que ele faz. Ele me pega nos braços.

— Ryle! — grito, agarrando seu pescoço, com medo de que me solte. — Me coloque no chão!

Ele está com um braço embaixo de minhas pernas, o outro em minhas costas.

— Preciso pegar Lily emprestada pelo resto da noite — diz ele a Devin. — Tudo bem?

Encaro Devin e balanço a cabeça, os olhos arregalados.

— Ótimo — responde Devin, dando um sorrisinho.

Traidor!

Ryle começa a se virar e a voltar para a sala. Olho para Allysa ao passar por ela. Seus olhos estão arregalados, confusos.

— Vou matar seu irmão! — grito para ela.

Todos na sala ficam nos encarando. Estou com tanta vergonha que afundo o rosto no peito de Ryle enquanto ele segue pelo corredor até o quarto. Depois que a porta se fecha, ele coloca lentamente meus pés de volta ao chão. Começo a gritar na mesma hora, e tento empurrá-lo para que saia da frente, mas ele me gira e me empurra contra a porta, agarrando meus pulsos. Ele os pressiona acima de minha cabeça e diz:

— Lily?

Está me olhando com tanta intensidade que paro de me debater e prendo a respiração. Seu peito pressiona o meu, minhas costas pressionam a porta. E, então, sua boca encosta na minha. Sinto uma pressão quente nos lábios.

Apesar da força, seus lábios parecem seda. Fico chocada com o gemido que reverbera em meu corpo, e ainda mais chocada quando abro os lábios e quero mais. Sua língua desliza pela minha, e ele solta meus pulsos para segurar meu rosto. O beijo fica mais intenso, e eu agarro seu cabelo, puxando-o para perto, sentindo seu beijo no corpo inteiro.

Nós dois nos tornamos uma mistura de gemidos e arfadas à medida que o beijo nos faz passar do limite, nossos corpos querendo mais que nossas bocas são capazes de dar. Sinto suas mãos quando ele as abaixa, agarra minhas pernas, me erguendo, e as coloca ao redor de sua cintura.

Meu Deus, como ele beija bem! Parece até que ele leva o beijo tão a sério quanto a profissão. Começo a me afastar da porta quando percebo que, sim, sua boca é capaz de muita coisa. Mas sua boca não conseguiu responder a tudo que falei lá em cima.

Pelo que sei, acabei de ceder. Estou dando o que ele quer: uma noite comigo. E é a última coisa que Ryle merece no momento.

Afasto a boca da sua e empurro seus ombros.

— Me coloque no chão.

Ele continua me levando para a cama, então repito:

— Ryle, me coloque no chão agora.

Ele para de andar e me obedece. Preciso me afastar e me virar de costas para poder pensar. Não consigo encará-lo enquanto ainda sinto seus lábios nos meus.

Seus braços envolvem minha cintura, e ele apoia a cabeça em meu ombro.

— Desculpe — sussurra ele. Depois se vira, leva a mão a meu rosto e roça o polegar em minha bochecha. — Minha vez agora, ok?

Não reajo ao toque. Mantenho os braços cruzados, esperando para descobrir o que ele tem a dizer antes de me permitir reagir a seu toque.

— Mandei fazer aquela foto no dia em que a tirei — explica ele. — Está no apartamento há meses, porque você era a coisa mais linda que eu já tinha visto e eu queria olhar para aquilo todos os dias.

Ah.

— E aquela noite em seu apartamento... fui atrás de você porque, em toda a minha vida, ninguém jamais mexeu tanto comigo. Eu não sabia lidar com isso. E mandei as flores esta semana porque estou muito, muito orgulhoso por você ter ido atrás de seu sonho. Mas, se eu mandasse flores toda vez que tenho vontade de te mandar flores, você nem conseguiria entrar em seu apartamento. Porque eu penso muito em você. E, sim, Lily, tem razão. Estou fazendo você sofrer, mas *eu* também estou sofrendo. E até esta noite... eu não sabia o motivo.

Não faço ideia de como encontrar forças para falar alguma coisa depois disso, mas pergunto:

— Por que você está sofrendo?

— Porque sim — responde ele, e encosta a testa na minha. — Não tenho ideia do que estou fazendo. Você me dá vontade de ser uma pessoa diferente, mas e se eu não souber ser o que você precisa? É tudo novidade para mim, e quero provar que a desejo por muito mais que uma noite.

Ryle parece tão vulnerável... Quero acreditar em seu olhar genuíno, mas ele tem sido tão inflexível desde o dia em que o conheci, dizendo que quer exatamente o oposto do que eu quero. Tenho muito medo de ceder e ele ir embora.

— Como posso provar a você, Lily? Apenas me diga, e eu faço.

Não sei. Eu mal o conheço, mas também já o conheço para saber que transar com ele não será o bastante. Mas como posso saber se ele só está atrás de sexo?

Meus olhos se fixam imediatamente nos de Ryle.

— Não transe comigo.

Ele me encara por um instante, inexpressivo. Porém, em seguida, começa a concordar com a cabeça, como se finalmente entendesse.

— Tá certo — diz, balançando a cabeça. — Certo. Não vou transar com você, Lily Bloom.

Ele passa por mim, vai até a porta e a tranca. Apaga a luz, deixando apenas um abajur aceso, tira a camisa e se aproxima.

— O que você está fazendo?

Ele joga a camisa na cadeira e tira os sapatos.

— A gente vai dormir.

Olho para a cama. Depois de volta para ele.

— Agora?

Ele faz que sim e se aproxima. Com um movimento rápido, tira meu vestido pela cabeça, e eu fico parada no meio do quarto, de calcinha e sutiã. Eu me cubro, mas ele nem me olha direito. Apenas me puxa na direção da cama e ergue as cobertas para que eu deite. Enquanto vai para o outro lado da cama, ele diz:

— Até parece que a gente já não dormiu juntos sem transar. Vai ser moleza.

Eu rio. Ele estende o braço e coloca o celular no carregador. Passo um tempo examinando o lugar. Certamente não é o tipo de quarto a que estou acostumada. Este é o triplo do meu. Tem um sofá encostado na outra parede, uma poltrona de frente para a televisão e um escritório que parece completo em uma área separada; tem até uma estante de livros do chão ao teto. Ainda estou tentando reparar em tudo quando o abajur é apagado.

— Sua irmã é *muito rica* — digo, enquanto ele cobre nós dois. — O que diabo faz com os dez dólares por hora que eu lhe pago? Limpa a bunda com o dinheiro?

Ele ri e segura minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Provavelmente ela nem desconta os cheques — diz ele. — Já conferiu alguma vez?

Nunca conferi. Agora fiquei curiosa.

— Boa noite, Lily — diz ele.

Não consigo parar de sorrir, porque isso é meio ridículo. E muito bom.

— Boa noite, Ryle.

⋆⋆⋆

Acho que estou perdida.

Tudo é tão branco e claro que chega a ofuscar. Eu me arrasto por uma das salas e tento encontrar a cozinha. Não faço ideia de onde meu vestido foi parar ontem à noite, então vesti uma das camisas de Ryle, que me bate nos joelhos. Eu me pergunto se ele compra camisas grandes demais só por causa dos braços.

São janelas demais e sol em excesso, então me vejo obrigada a proteger os olhos enquanto entro e procuro café.

Abro as portas da cozinha e encontro uma cafeteira.

Obrigada, meu Deus.

Eu a ligo e procuro uma caneca quando as portas se abrem atrás de mim. Eu me viro e fico aliviada ao ver que Allysa nem sempre é uma combinação perfeita de maquiagem e joias. Seu cabelo está preso num coque bagunçado, e há manchas de rímel em suas bochechas. Ela aponta para a cafeteira.

— Vou precisar de um pouco — avisa ela, e se senta na ilha, curvada para a frente.

— Posso fazer uma pergunta?

Ela mal tem energia para responder que sim.

Gesticulo para a cozinha.

— Como isso aconteceu? Como sua casa ficou impecável entre a festa de ontem e a hora em que eu acordei? Você passou a noite limpando?

— Temos pessoas para isso — responde, rindo.

— Pessoas?

— Sim — assente. — Temos gente para fazer *qualquer coisa* — diz ela. — Você ficaria surpresa. Pense em algo. Qualquer coisa. Há alguém que faz isso.

— Compras para a casa?

— Sim — responde ela.

— Decoração de Natal?

Ela faz que sim.

— Também.

— E presentes de aniversário? Tipo, para familiares?

Ela sorri.

— Sim. *Também*. Todo mundo de minha família recebe um presente, com cartão, em todas as datas especiais, e nunca mexo um dedo.

Balanço a cabeça.

— Caramba. Há quanto tempo você é rica assim?

— Três anos — diz ela. — Marshall vendeu muito bem alguns aplicativos que desenvolveu para a Apple. A cada seis meses, ele cria as atualizações e as

vende também.

O café começa a pingar lentamente, então pego uma caneca e a encho.

— Quer que eu coloque alguma coisa no seu? — pergunto. — Ou tem gente para isso também?

Ela ri.

— Sim, você, e eu quero açúcar, por favor.

Coloco um pouco de açúcar na caneca, mexo, e a entrego para ela, depois me sirvo. Ficamos em silêncio enquanto misturo o creme, esperando que ela faça algum comentário sobre mim e Ryle. Esse assunto é inevitável.

— A gente pode acabar logo com o constrangimento? — pede ela.

Suspiro, aliviada.

— Por favor. Odeio isso.

Eu me viro para ela e tomo um gole do café. Ela deixa a caneca de lado e se apoia no balcão.

— Como foi que isso *aconteceu*?

Balanço a cabeça, me esforçando ao máximo para não sorrir como se estivesse apaixonada. Não quero que ela me ache fraca ou tola por ter cedido.

— Nós dois nos conhecemos antes que eu conhecesse você.

— Espere aí — diz ela, inclinando a cabeça. — Antes de a gente se conhecer *melhor* ou antes de a gente se conhecer *mesmo*?

— Mesmo — respondo. — Tivemos algo em uma noite, tipo, uns seis meses antes de eu te conhecer.

— Algo? — pergunta ela. — Tipo... passaram a noite juntos?

— Não — retruco. — Não, a gente jamais havia se beijado antes de ontem à noite. Não sei, não consigo explicar. A gente meio que flertou por bastante tempo, e finalmente fizemos algo concreto ontem à noite. Só isso.

Ela pega o café de novo e dá um gole, lentamente. Fica encarando o chão por um tempo, e percebo que parece um pouco triste.

— Allysa, você não está com raiva de mim, está?

Ela balança a cabeça imediatamente.

— Não, Lily. É que... — Ela põe o café de volta no balcão. — É que conheço meu irmão. E o amo. De verdade. Mas...

— Mas o quê?

Allysa e eu olhamos na direção da voz. Ryle está parado na porta, com os braços cruzados. Está vestindo uma calça de corrida cinza quase caindo dos quadris. Sem camisa.

Vou adicionar este look a todos os outros que cataloguei em minha mente.

Ryle se afasta da porta e entra na cozinha. Vem até mim e tira o café de minhas mãos. Ele se inclina e me beija na testa, depois toma um gole enquanto se encosta no balcão.

— Eu não queria interromper — diz ele a Allysa. — Por favor, podem continuar a conversa.

— Pare com isso! — reclama Allysa, revirando os olhos.

Ele me devolve o café e se vira para pegar a própria caneca. Começa a se servir.

— Parecia que você ia alertar Lily sobre alguma coisa. Eu só queria saber o que você ia dizer.

Allysa sai do balcão e leva a caneca até a pia.

— Ela é minha amiga, Ryle. Você não tem um histórico de relacionamentos muito bom. — Ela lava a caneca e depois encosta o quadril na pia, de frente para nós. — Como *amiga*, acho que tenho o direito de opinar sobre os caras com quem ela fica. É isso que amigas *fazem*.

De repente, fico constrangida à medida que a tensão entre os dois aumenta. Ryle nem sequer bebe o café. Ele se aproxima de Allysa e joga a bebida na pia. Ele está bem na frente da irmã, mas ela nem o encara.

— Bem, como seu *irmão*, eu esperava que você tivesse um pouco mais de fé em mim. É o que os *irmãos* fazem.

Ele sai da cozinha, empurrando a porta. Depois que ele vai embora, Allysa respira fundo. Balança a cabeça e leva as mãos ao rosto.

— Desculpe — pede ela, forçando um sorriso. — Preciso tomar uma ducha.

— Não tem gente para fazer isso por você?

Ela ri enquanto sai da cozinha. Lavo a caneca na pia e volto para o quarto de Ryle. Assim que abro a porta, eu o encontro sentado no sofá, mexendo no celular. Ele nem me olha quando passo, e por um segundo acho que também deve estar com raiva de mim. Mas então deixa o telefone de lado e se recosta no sofá.

— Vem cá — chama Ryle.

Agarra minha mão e me puxa para seu colo, para que eu o monte. Depois, aproxima minha boca da sua e me beija tão intensamente que me pergunto se ele não está tentando provar que a irmã está errada.

Ryle se afasta da minha boca, e seus olhos devoram meu corpo.

— Gosto de te ver com uma roupa minha.

Sorrio.

— Bem, preciso trabalhar, então infelizmente não posso ficar com ela.

— Tenho uma cirurgia muito importante em breve, e preciso me preparar — diz, e afasta o cabelo de meu rosto. — O que significa que devo ficar alguns dias sem te ver.

Tento disfarçar meu desapontamento, mas acho que preciso me acostumar, se ele realmente quer fazer as coisas darem certo entre nós. Já me avisou que trabalha demais.

— Também estou ocupada. A grande inauguração é na sexta.

— Ah, te encontro antes de sexta. Prometo.

Não contenho o sorriso.

— Tá bom.

Ele me beija de novo, dessa vez por um minuto inteiro. Começa a me colocar no sofá, mas depois se afasta de mim e diz:

— Não. Gosto demais de você para te agarrar assim.

Eu me deito no sofá e fico o observando se vestir para o trabalho.

Para minha alegria, ele coloca o uniforme hospitalar.

Capítulo Oito

— A gente precisa conversar — diz Lucy.

Ela está sentada no sofá, com manchas de rímel nas bochechas.

Ai, merda.

Largo a bolsa e me aproximo depressa. Assim que me sento a seu lado, ela começa a chorar.

— O que aconteceu? Alex terminou com você?

Ela balança a cabeça, então fico prestes a surtar de verdade. *Por favor, não diga câncer*. Seguro sua mão e, então, percebo.

— Lucy! Você ficou noiva?

Ela assente.

— Desculpe. Sei que ainda temos seis meses de aluguel, mas Alex quer que eu more com ele.

Eu a encaro por um instante. *Por isso ela está chorando? Por que quer se livrar do aluguel?* Ela pega um lenço e começa a dar batidinhas nos olhos.

— Eu me sinto péssima, Lily. Você vai ficar totalmente sozinha. Vou me mudar, e você não vai ter *ninguém*.

O quê...

— Lucy? Hum... eu vou ficar bem. Prometo.

Ela olha para mim com uma expressão esperançosa.

— Jura?

Por que diabo ela tem essa impressão de mim? Balanço a cabeça de novo.

— Juro. Não estou zangada, mas feliz por você.

Ela me abraça.

— Ah, obrigada, Lily! — Ela começa a rir em meio às lágrimas. Ao me soltar, ela levanta do sofá. — Preciso contar a Alex! Ele estava tão preocupado

que você não me aliviasse o aluguel!

Ela pega a bolsa e os sapatos, e desaparece pela porta do apartamento.

Eu me deito no sofá e fico encarando o teto. *Será que ela acabou de me enganar?*

Começo a rir, porque até então não tinha percebido como eu queria que isso acontecesse. *O apartamento inteiro só para mim!*

Melhor ainda é que, quando eu decidir transar com Ryle, a gente vai poder fazer isso aqui o tempo inteiro, sem se preocupar com barulho.

A última vez que falei com Ryle foi sábado, ao sair de seu apartamento. Concordamos em fazer um teste. Nada de compromisso ainda. Apenas sentir o relacionamento para ver se é algo que nós dois queremos. É segunda à noite, e estou um pouco desapontada por ele não ter me procurado. Dei meu número de telefone antes de nos despedirmos, mas realmente não sei nada sobre o protocolo para mensagens de texto, ainda mais no caso de *testes*.

De qualquer jeito, não vou mandar mensagem primeiro.

Em vez disso, decido me ocupar com minha angústia juvenil e Ellen DeGeneres. Não vou ficar esperando um cara com quem nem transei. Mas não sei por que presumi que ler sobre o *primeiro* cara com quem transei me faria parar de pensar no cara com quem *não* estou transando.

Querida Ellen,

O nome de meu bisavô é Ellis. Passei a vida inteira achando que era um nome ótimo para um velho. Depois que ele morreu, li o obituário. Acredita que seu nome verdadeiro nem era Ellis? Era Levi Sampson, e eu não fazia ideia.

Perguntei a minha avó de onde veio esse nome. Ela disse que suas iniciais eram L.S., e como todo mundo o chamava pelas iniciais, com o passar dos anos acabou virando Ellis. Por isso o chamavam assim.

Eu estava olhando seu nome agora mesmo, e fiquei pensando nisso. Ellen. Será que esse é seu nome de verdade? Você poderia ser igual a meu avô e usar as iniciais como disfarce.

L.N.

Estou de olho, "Ellen".

Por falar em nomes, você acha Atlas um nome estranho? É, não é?

Ontem, enquanto assistíamos a seu programa juntos, perguntei qual era a origem do nome dele. Atlas disse que não sabia. Sem pensar, eu disse que ele devia perguntar

à mãe por que ela escolheu esse nome. Ele apenas olhou para mim por um instante e comentou:

— É tarde demais para isso.

Não sei o que ele quis dizer. Não sei se sua mãe faleceu, ou se ela o colocou para adoção. Já somos amigos há semanas, e ainda não sei nada sobre ele, nem por que não tem onde morar. Eu poderia perguntar, mas não sei se ele já confia em mim. Parece ter dificuldades em confiar nos outros, e acho que não posso culpá-lo.

Estou preocupada com ele. Começou a fazer muito frio esta semana, e na próxima deve piorar. Se ele não tem eletricidade, não tem aquecedor. Espero que pelo menos tenha cobertores. Imagina como eu ficaria mal se ele morresse congelado? Muito, muito mal, Ellen.

Vou procurar uns cobertores essa semana e entregar a ele.

Lily

Querida Ellen,

Vai começar a nevar em breve, então decidi fazer a colheita hoje mesmo na horta. Eu já tinha tirado os rabanetes, então queria apenas colocar húmus e adubo, o que não devia demorar, mas Atlas insistiu em me ajudar.

Ele me fez várias perguntas sobre cuidados com a horta, e gostei de ver que parecia interessado em meus interesses. Mostrei como cobrir o solo com adubo e húmus para que a neve não causasse muitos danos. Minha horta é pequena em comparação à maioria das hortas. Talvez 3 metros por 4. Mas meu pai só me deixou usar esse pedaço do quintal.

Atlas cobriu tudo enquanto fiquei sentada na grama, de pernas cruzadas, só observando. Eu não estava sendo preguiçosa, mas ele assumiu e quis fazer, então deixei. Dá para notar que é um trabalhador dedicado. Será que ele esquece os problemas quando está ocupado e por isso sempre quer me ajudar tanto?

Ao terminar, ele veio até mim e se sentou a meu lado na grama.

— O que te deu vontade de cultivar? — perguntou ele.

Olhei para ele, que estava sentado de pernas cruzadas, me encarando. Naquele momento, percebi que provavelmente ele é o melhor amigo que já tive, e não sabemos quase nada do outro. Tenho amigos no colégio, mas por motivos óbvios eles nunca podem me visitar. Minha mãe vive com medo de que algo aconteça com meu pai, e que acabem descobrindo seu temperamento. Também nunca vou à casa dos outros, mas não sei direito por quê. Talvez meu pai não queira que eu durma na casa de

minhas amigas porque eu veria como um bom marido trata a esposa. Talvez ele queira que eu acredite que a maneira como trata minha mãe é normal.

Atlas é meu primeiro amigo que já entrou em casa. Ele também é meu primeiro amigo que sabe que eu gosto de jardinar. E agora ele é meu primeiro amigo que me perguntou por que gosto de jardinar.

Abaixo o braço e puxo uma erva daninha. Começo a picotá-la em pedacinhos enquanto penso na resposta.

— Quando eu tinha 10 anos, minha mãe fez uma assinatura para mim num site chamado Sementes Anônimas — respondi. — Todo mês, eu recebia um pacote de sementes sem identificação pelos correios, com instruções de como plantar e cuidar delas. Eu só descobriria o que estava plantando quando brotava do solo. Todo dia, depois das aulas, eu vinha correndo para o quintal, querendo ver o progresso. Eu ficava ansiosa por aquilo. Cultivar coisas parecia uma recompensa.

Senti o olhar de Atlas fixo em mim quando ele perguntou:

— Uma recompensa pelo quê?

Dei de ombros.

— Por ter amado minhas plantas da maneira certa. Plantas recompensam a pessoa com base na quantidade de amor que recebem. Se for cruel ou negligenciá-las, elas não te dão nada. Mas, se cuidar delas, se amá-las do jeito certo, vão te recompensar com presentes na forma de verduras, frutas ou flores.

Olhei para a erva daninha que eu estava picotando, e só sobrou 1 centímetro. Enrolei-a e dei um peteleco.

Eu não queria olhar para Atlas porque dava para perceber que ele ainda estava me encarando, então só olhei para minha horta coberta de húmus.

— Somos tão parecidos... — disse ele.

Meus olhos se fixaram nos seus.

— Eu e você?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Plantas e humanos. As plantas precisam ser amadas do jeito certo para sobreviver. Os humanos também. Desde que nascemos, dependemos do amor de nossos pais para continuarmos vivos. E, se eles demonstrarem o tipo certo de amor, nos tornamos pessoas melhores. Mas, se formos negligenciados...

A voz ficou mais baixa, quase triste. Ele limpou as mãos nos joelhos, tentando se livrar um pouco da terra.

— Se formos negligenciados, acabamos sem ter onde morar e incapazes de fazer qualquer coisa importante.

Suas palavras me deixaram tão murcha quanto o húmus que ele acabara de espalhar. Eu não sabia o que responder. Ele realmente acha isso de si mesmo?

Ele parecia prestes a se levantar. Mas, antes que fizesse isso, eu disse seu nome.

Ele se sentou de novo na grama. Apontei para a fileira de árvores alinhadas na cerca à esquerda do quintal.

— Está vendo aquela árvore ali?

No meio da fileira de árvores, tinha um carvalho mais alto que todos os outros.

Atlas o observou e depois fixou o olhar no topo da árvore.

— Ele cresceu sozinho — falei. — A maioria das plantas precisa de muito cuidado para sobreviver. Mas algumas coisas, como as árvores, são fortes o bastante para sobreviver dependendo somente de si mesmas e de mais ninguém.

Não fazia ideia se ele sabia o que eu estava tentando dizer sem que eu dissesse explicitamente. Só queria que ele soubesse que eu o achava forte o suficiente para sobreviver ao que quer que estivesse acontecendo em sua vida. Eu não o conhecia bem, mas dava para perceber que ele era resistente. Bem mais do que eu jamais seria se estivesse no lugar dele.

Seus olhos estavam fixos na árvore. Demorou muito para ele piscar. Quando finalmente piscou, balançou a cabeça e olhou para a grama. Pela maneira como sua boca se contorceu, achei que ele ia franzir a testa, mas, em vez disso, ele deu um sorrisinho.

Ver aquele sorriso fez meu coração achar que eu tinha acabado de acordar de um sono profundo.

— Somos parecidos — disse ele, repetindo o que tinha dito antes.

— Plantas e humanos? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Eu e você.

Fiquei boquiaberta, Ellen. Espero que ele não tenha percebido, mas, verdade, cheguei a arfar. O que diabo eu responderia àquilo?

Fiquei apenas sentada, quieta e constrangida até ele se levantar. Depois se virou como se estivesse prestes a ir para casa.

— Atlas, espere.

Ele olhou para mim. Apontei para suas mãos e disse:

— Por acaso você quer tomar uma ducha rápida antes de ir? O adubo é feito de estrume de vaca.

Ele ergueu as mãos, olhou para elas e depois observou as roupas cobertas de adubo.

— Estrume de vaca? Sério?

Sorri e confirmei com a cabeça. Ele riu um pouco e, antes que eu percebesse, estava no chão a meu lado, limpando as mãos em mim. Nós dois rimos quando ele estendeu o braço para o saco ao lado, enfiou a mão ali dentro e espalhou adubo em meus braços.

Ellen, tenho certeza de que a próxima frase que estou prestes a escrever jamais foi escrita ou dita em voz alta.

Enquanto ele limpava a merda de vaca em mim, eu provavelmente nunca fiquei tão excitada.

Depois de alguns minutos, nós estávamos deitados no chão, ofegantes e ainda rindo. Ele se levantou, por fim, e me ajudou a ficar de pé, sabendo que não podia desperdiçar qualquer minuto se queria tomar uma ducha antes de meus pais chegarem.

Quando ele entrou no banho, fui lavar as mãos na pia e depois fiquei parada, me perguntando o que ele quis dizer quando falou que éramos parecidos.

Será que foi um elogio? Pelo menos, pareceu. Será que ele estava dizendo que também me acha forte? Porque, na maior parte do tempo, eu certamente não me acho forte. Naquela hora, só de pensar nele me senti fraca. Fiquei pensando no que iria fazer em relação ao que estava começando a sentir perto dele.

Também me perguntei por quanto tempo mais eu conseguiria escondê-lo de meus pais. E eu queria saber por quanto tempo ele ficaria naquela casa. Os invernos do Maine são insuportavelmente frios, e ele não vai sobreviver sem aquecedor.

Ou cobertores.

Eu me recompus e fui atrás de todos os cobertores sobrando. Queria entregar a ele quando saísse do banho, mas já eram 17h e ele saiu apressado.

Amanhã eu dou.

Lily

Querida Ellen,

Harry Connick Jr. é engraçado demais. Não sei se ele já foi alguma vez a seu programa, mas odeio admitir que devo ter perdido um ou dois episódios desde que você está no ar, mas, se nunca o tiver recebido, devia fazer isso. Na verdade, você já assistiu a Late Night with Conan O'Brien*? Tem um cara chamado Andy que sempre fica sentado no sofá. Eu queria que Harry ficasse em seu sofá em todos os episódios. Ele tem as melhores respostas, e ver vocês dois juntos seria épico.*

Queria te agradecer. Sei que você não tem um programa na TV só para me fazer rir, mas, às vezes, é o que parece. Às vezes, minha vida me faz sentir como se tivesse perdido a capacidade de rir, mas então sintonizo seu programa e, seja qual for meu humor quando ligo a TV, sempre me sinto melhor depois do show.

Então é isso. Obrigada.

Sei que provavelmente você quer saber sobre Atlas, e vou contar logo mais, porque primeiro preciso contar o que aconteceu ontem.

Minha mãe é professora auxiliar na Escola Primária Brimer. Demora um pouco para chegar de carro, por isso ela só volta umas 17h. Meu pai trabalha a 3 quilômetros de casa, então ele sempre chega logo depois das 17h.

Temos uma garagem, mas só cabe um carro por causa de todas as coisas de meu pai. Ele guarda o carro na garagem, e minha mãe deixa o dela na frente de casa.

Bem, ontem minha mãe chegou um pouco mais cedo. Atlas ainda estava aqui em casa, e a gente estava quase terminando de ver seu programa quando escutei o portão da garagem se abrindo. Ele saiu correndo pela porta dos fundos, e eu me apressei para limpar as latas de refrigerante e os lanches na sala.

Tinha começado a nevar muito forte mais ou menos na hora do almoço de ontem, e minha mãe estava com muita coisa para carregar, então parou na garagem para poder entrar com tudo pela porta da cozinha. Era material de trabalho e algumas compras. Enquanto eu a ajudava a trazer tudo para dentro, meu pai parou na frente de casa. Começou a buzinar porque ficou bravo por minha mãe ter estacionado na garagem. Acho que ele não queria ter de sair do carro na neve. Só consigo pensar nesse motivo para ele querer que ela tirasse o carro bem naquele instante, em vez de simplesmente esperar que ela descarregasse tudo. Pensando bem, por que meu pai sempre fica na garagem? Um homem não deveria deixar a mulher que ama na pior vaga.

Enfim, minha mãe ficou com aquele olhar bem assustado quando ele começou a buzinar, e me disse para colocar tudo na mesa enquanto ela tirava o carro.

Não sei o que aconteceu quando ela voltou lá para fora. Escutei um estrondo, depois o grito, então saí da garagem achando que talvez ela tivesse escorregado no gelo.

Ellen... nem quero descrever o que aconteceu em seguida. Ainda estou um pouco chocada com tudo.

Abri o portão da garagem e não vi minha mãe. Só vi meu pai atrás do carro fazendo alguma coisa. Dei um passo para perto e percebi porque não estava

conseguindo ver minha mãe. Ele a tinha empurrado sobre o capô e estava com as mãos em seu pescoço.

Ele a estava estrangulando, Ellen!

Só de pensar, dá vontade de chorar. Ele estava gritando com ela, encarando-a com muito ódio. Dizendo que ela não respeitava seu trabalho árduo. Não sei por que estava zangado, afinal eu só conseguia ouvir o silêncio de mamãe enquanto se esforçava para respirar. Os próximos minutos são um borrão, mas sei que comecei a gritar com ele. Pulei nas costas de meu pai e comecei a bater em sua têmpora.

E depois não estava mais.

Não sei mesmo o que aconteceu, mas acho que ele me jogou para longe. Só lembro que uma hora eu estava nas costas dele, e depois estava no chão, com a testa muito dolorida. Minha mãe estava sentada a meu lado, segurando minha cabeça e pedindo desculpas. Olhei ao redor em busca de meu pai, mas não o encontrei. Ele tinha saído de carro depois que bati a cabeça.

Minha mãe me deu um pano e me disse para colocar na cabeça, porque estava sangrando. Ela me ajudou a entrar no carro e me levou para o hospital. No caminho, só me disse uma coisa:

— Quando perguntarem o que aconteceu, diga que escorregou no gelo.

Quando ela disse isso, eu só olhei pela janela e comecei a chorar. Porque tinha certeza de que havia sido a gota de água, que ela o deixaria depois de ele ter me machucado. Foi naquele momento que percebi que ela nunca o largaria. Eu me senti muito derrotada, mas fiquei com medo demais para dizer algo a ela.

Precisei levar nove pontos na testa. Ainda não sei onde bati a cabeça, mas não importa. O fato é que foi por causa de meu pai que me machuquei, e ele nem ficou para conferir como eu estava. Simplesmente deixou nós duas no chão da garagem e foi embora.

Cheguei em casa muito tarde ontem à noite, e logo peguei no sono porque eles me deram algum analgésico.

Hoje de manhã, enquanto andava até o ônibus, tentei não olhar diretamente para Atlas, para que ele não reparasse em minha testa. Eu tinha ajeitado o cabelo para que não desse para ver, e ele nem percebeu na hora. Quando nos sentamos um ao lado do outro, nossas mãos se encostaram enquanto colocávamos as coisas no chão.

As mãos dele pareciam gelo, Ellen. Gelo.

Então percebi que tinha me esquecido de dar os cobertores que havia separado para ele ontem porque minha mãe chegou antes do esperado. O incidente na garagem meio que dominou meus pensamentos, e me esqueci completamente. Tinha nevado e

geado a noite inteira, e ele havia ficado naquela casa no escuro, sozinho. E agora ele estava tão frio que nem sei como estava vivo.

Segurei suas mãos e disse:

— Atlas, você está congelando.

Ele não disse nada. Começou a esfregar as mãos nas minhas para aquecê-las. Encostei a cabeça em seu ombro e fiz a coisa mais vergonhosa de todas: comecei a chorar. Não choro com frequência, mas eu ainda estava muito chateada com o que tinha acontecido ontem, e me senti muito culpada por não ter lembrado de levar os cobertores, e tudo isso me atingiu de uma só vez, no caminho para o colégio. Ele não disse nada. Apenas afastou as mãos para que eu parasse de esfregá-las, e as colocou em cima das minhas. Ficamos sentados assim até chegar ao colégio, com as cabeças encostadas uma na outra e as mãos dele em cima das minhas.

Eu teria achado meigo se não fosse tão triste.

Na volta do colégio ele reparou em minha testa.

Sinceramente, eu já tinha esquecido. Ninguém no colégio me perguntou nada, e quando ele se sentou a meu lado no ônibus, eu nem estava tentando esconder com o cabelo. Ele olhou diretamente para mim e questionou:

— O que aconteceu com sua cabeça?

Eu não sabia o que dizer. Só consegui tocar no local com os dedos e olhar pela janela. Tenho tentado fazer com que ele confie mais em mim, na esperança de que me conte por que não tem onde morar, então não quis mentir. Mas eu também não queria contar a verdade.

Quando o ônibus começou a se mover, ele disse:

— Ontem, depois que saí de sua casa, escutei alguma coisa acontecendo lá. Ouvi gritos. Seu grito. Depois vi seu pai indo embora. Eu ia lá conferir se estava tudo bem com você, mas enquanto me aproximava, vi você saindo de carro com sua mãe.

Ele deve ter escutado a briga na garagem e visto minha mãe saindo comigo para que eu levasse os pontos. Eu não conseguia acreditar que ele tinha ido até minha casa. Sabe o que meu pai faria com ele se o visse com suas roupas? Fiquei muito preocupada, porque acho que ele não sabe do que meu pai é capaz.

Olhei para ele e disse:

— Atlas, você não pode fazer isso! Não pode passar lá em casa quando meus pais estão.

Atlas ficou em silêncio e depois argumentou:

— Ouvi você gritar, Lily.

O tom deu a entender que minha segurança era mais importante que tudo.

Eu me senti mal porque sei que ele só estava tentando ajudar, mas no fim teria piorado muito as coisas.

— Eu caí — falei.

Assim que disse isso, me senti mal por mentir. E, para ser sincera, ele pareceu um pouco desapontado, porque acho que nós dois sabíamos que não foi uma simples queda.

Então ele arregaçou a manga da camisa e estendeu o braço.

Ellen, senti o maior frio na barriga. Era muito feio. Ele tinha pequenas cicatrizes no braço inteiro. Algumas pareciam queimaduras de cigarro, como se alguém tivesse pressionado a guimba em seu braço e segurado.

Ele virou o braço para que eu visse o que tinha do outro lado.

— Eu também caía muito, Lily.

Em seguida, ele abaixou a manga e não disse mais nada.

Por um segundo, quis dizer que não era nada disso, que meu pai nunca me machuca e que só queria que eu saísse de cima dele. Mas então percebi que, se fizesse isso, estaria usando as mesmas desculpas que minha mãe.

Fiquei um pouco envergonhada por ele saber o que acontece em minha casa. Passei o resto do caminho olhando pela janela, porque não sabia o que dizer a ele.

Quando chegamos em casa, o carro de minha mãe estava lá. Na frente da casa, óbvio. Não na garagem.

O que significava que Atlas não podia assistir ao programa comigo. Eu ia dizer que mais tarde levaria cobertores, mas ao sair do ônibus ele nem se despediu. Saiu andando pela rua, como se estivesse zangado.

Já escureceu e estou esperando meus pais dormirem. Mas daqui a pouco vou levar alguns cobertores para ele.

Lily

Querida Ellen,

A situação está ficando complicada demais para mim.

Às vezes você faz coisas que sabe que são erradas, mas que, de alguma maneira, também são certas? Não sei como explicar de forma mais simples.

Quero dizer, só tenho 15 anos e certamente não deveria deixar garotos dormirem em meu quarto. Mas, se a pessoa sabe que alguém precisa de um lugar para dormir, não é responsabilidade dela, como ser humano, ajudá-lo?

Ontem à noite, depois que meus pais dormiram, saí escondida pela porta dos fundos para entregar os cobertores a Atlas. Levei uma lanterna porque estava escuro. Ainda estava nevando muito, então, quando cheguei à casa, estava congelando. Bati na porta dos fundos e, assim que ele abriu, passei por ele para me livrar do frio.

Mas... eu não saí do frio. De algum modo, a casa estava ainda mais fria. Mantive a lanterna ligada e iluminei a sala e a cozinha. Não tinha nada lá, Ellen!

Nenhum sofá, nenhuma cadeira, nenhum colchão. Entreguei os cobertores a ele e continuei olhando ao redor. Tinha um buraco enorme no teto da cozinha, e o vento e a neve simplesmente entravam com força. Quando iluminei a sala, vi as coisas dele num dos cantos. Sua mochila e a mochila que eu dei. Havia mais uma pequena pilha de outras coisas que eu tinha dado, como algumas roupas de meu pai. E duas toalhas no chão. Imagino que ele se deitava numa e se cobria com a outra.

Pus a mão na boca porque fiquei horrorizada. Ele estava morando daquele jeito há semanas!

Atlas colocou a mão em minhas costas e tentou me levar até a porta.

— Você não devia estar aqui, Lily — disse ele. — Vai acabar se encrencando.

Então agarrei sua mão e disse:

— Você também não devia estar aqui. — Comecei a carregá-lo até a porta, mas ele puxou a mão de volta. — Pode dormir no chão de meu quarto hoje. Eu tranco a porta. Não pode dormir aqui, Atlas. Está frio demais, você vai pegar uma pneumonia e morrer.

Ele parecia não saber o que fazer. Tenho certeza de que a possibilidade de ser flagrado em meu quarto era tão assustadora quanto pegar pneumonia e morrer. Ele olhou para seu cafofo na sala, balançou a cabeça uma vez e disse:

— Tá bom.

Então me diga, Ellen, foi um erro deixar ele dormir em meu quarto? Não me parece que foi. Sinto que fiz a coisa certa. Mas eu certamente estaria muito encrencada se tivessem nos flagrado. Ele dormiu no chão, então não foi nada de mais, eu estava apenas oferecendo um lugar quente para ele dormir.

Mas aprendi um pouco mais sobre ele ontem à noite. Depois que entrou escondido pela porta dos fundos e foi até o quarto comigo, tranquei a porta e montei uma cama para ele no chão, ao lado da minha. Coloquei o alarme para as 6h e disse que a gente precisaria se levantar antes de meus pais, pois às vezes minha mãe me acorda de manhã.

Eu me deitei na cama e fui para a beirada, a fim de olhar para ele enquanto a gente conversava um pouco. Perguntei por quanto tempo ele achava que ia ficar

naquela casa, e ele disse que não sabia. Então perguntei como ele foi parar lá. O abajur ainda estava aceso, e estávamos sussurrando, mas ele ficou em silêncio absoluto quando eu disse isso. Ficou um tempo olhando para cima, com as mãos atrás da cabeça. E então disse:

— Não conheço meu pai verdadeiro. Ele nunca teve nenhuma relação comigo. Sempre fomos eu e minha mãe, mas ela se casou de novo uns cinco anos atrás com um cara que jamais gostou muito de mim. A gente brigava muito. Quando fiz 18 anos, há alguns meses, brigamos feio e ele me expulsou de casa.

Atlas respirou fundo, como se não quisesse me contar mais nada. Depois recomeçou a falar:

— Então fiquei na casa de um amigo, mas o pai foi transferido para o Colorado e eles se mudaram. Óbvio que não podiam me levar junto. Os pais só estavam fazendo a gentileza de me deixar ficar lá, e eu sabia disso, então falei que tinha conversado com minha mãe e que ia voltar para casa. No dia em que eles foram embora, eu não tinha para onde ir. Por isso voltei para casa e disse para minha mãe que queria morar lá até me formar. Ela não deixou. Disse que isso incomodaria meu padrasto. — Ele virou a cabeça e encarou a parede. — Então fiquei perambulando por uns dias até ver aquela casa. Imaginei que poderia ficar lá até aparecer algo melhor ou até me formar. Eu me alistei para ingressar na Marinha a partir de maio, então estou tentando me virar até lá.

Faltam seis meses para maio, Ellen. Seis.

Eu estava com lágrimas nos olhos quando ele terminou de contar tudo isso. Perguntei por que simplesmente não pedia ajuda a alguém. Ele disse que tentou, contudo é mais difícil para um adulto que para um adolescente, e ele já tem 18 anos. Ele falou que uma pessoa deu os telefones de alguns abrigos que poderiam ajudá-lo. Existiam três abrigos a um raio de 37 quilômetros de nossa cidade, mas dois eram para mulheres vítimas de agressão. O outro era para mendigos, mas só tinha algumas camas disponíveis e era longe demais para ele ir andando até o colégio todo dia. Além disso, a fila para conseguir uma cama é enorme. Ele disse que tentou uma vez, mas se sente mais seguro na casa velha que no abrigo.

Como sou ingênua sobre essas situações, perguntei:

— Mas não existem outras opções? Não pode contar para a orientadora da escola o que sua mãe fez?

Ele negou com a cabeça e explicou que é velho demais para acolhimento familiar. Como tem 18 anos, não podem fazer nada se sua mãe não o deixa voltar para casa. Ele disse que ligou para arranjar cupons de alimentos na semana passada, mas não

tinha carona nem dinheiro para ir até lá buscar as coisas na hora marcada. Sem falar que ele não tem carro, então não pode arranjar um emprego. Mas ele disse que tem procurado. Quando sai da minha casa à tarde, ele pede emprego em alguns lugares, mas não tem endereço nem telefone para colocar no cadastro, então fica difícil.

Eu juro, Ellen, ele tinha resposta para todas as minhas perguntas. É como se ele tivesse tentado de tudo para sair dessa situação, mas não existe ajuda suficiente para pessoas como ele. Fiquei com tanta raiva da situação toda que falei que era loucura ele se alistar. Eu não estava sussurrando nem um pouco quando disse:

— Por que diabo você quer servir a um país que te deixou nessa situação?

Sabe o que ele respondeu, Ellen? Seus olhos se entristeceram, e ele disse:

— Não é culpa do país se minha mãe não dá a mínima para mim. — Em seguida, estendeu o braço e apagou o abajur. — Boa noite, Lily.

Não dormi muito depois disso. Eu estava zangada demais. Nem sei com quem eu estava zangada. Fiquei pensando em nosso país e no mundo inteiro e em como é uma barbaridade as pessoas não se ajudarem mais. Não sei quando foi que os humanos passaram a cuidar somente deles próprios. Talvez sempre tenha sido assim. E isso me fez pensar em quantas pessoas existem por aí na mesma situação de Atlas. Será que não tem outro aluno em nosso colégio também sem casa? Vou para o colégio todo dia, e reclamo internamente disso a maior parte do tempo, mas jamais pensei que talvez o colégio seja o único lar de algumas pessoas. É o único lugar onde Atlas sabe que vai ter comida.

Nunca mais vou conseguir respeitar os ricos, sabendo que eles preferem gastar dinheiro com coisas materiais em vez de ajudar os outros.

Sem ofensas, Ellen. Sei que você é rica, mas acho que não estou me referindo a pessoas como você. Vi tudo o que você fez pelos outros em seu programa, e todas as entidades que você apoia. Mas sei que tem muitos ricos egoístas por aí. Caramba, existem até pessoas pobres egoístas. E pessoas de classe média egoístas. Meus pais, por exemplo. Não somos ricos, mas certamente não somos pobres demais para não ajudar os outros. No entanto, acho que meu pai nunca fez nenhuma caridade.

Lembro que uma vez entramos num mercado e havia um homem tocando um sino para o Exército da Salvação. Perguntei a meu pai se a gente podia dar algum dinheiro, e ele disse que não, que trabalha muito para ter seu dinheiro e não ia deixar que eu doasse. Disse que não é culpa dele se os outros não querem trabalhar. Enquanto estávamos no mercado, ele passou o tempo inteiro me dizendo que as pessoas se aproveitam do governo, e que até o governo parar de ajudar essas pessoas com donativos, o problema nunca vai ter solução.

Ellen, eu acreditei nele. Isso foi há três anos, e passei todo esse tempo achando que mendigos não têm onde morar porque são preguiçosos, viciados ou simplesmente porque não querem trabalhar. Sendo que agora sei que não é verdade. É evidente que o que ele disse era parcialmente verdade, mas estava falando da pior das hipóteses. Nem todo mundo é mendigo por escolha. Os mendigos estão na rua porque não tem ajuda suficiente para todos.

E pessoas como meu pai são o problema. Em vez de ajudar, usam os piores casos como uma desculpa para o próprio egoísmo, para a própria ganância.

Nunca vou ser assim. Juro! Quando crescer, vou fazer o que puder para ajudar os outros. Vou ser como você, Ellen. Mas provavelmente não tão rica.

Lily

Capítulo Nove

Deixo o diário no peito. Fico surpresa ao sentir lágrimas escorrendo pelo rosto. Toda vez que pego este diário acho que vou ficar bem, que tudo aconteceu muito tempo atrás e não vou sentir o mesmo que senti na época.

Sou muito boba. Fico com vontade de abraçar tanta gente do passado... Especialmente minha mãe, porque no último ano não parei para pensar em tudo pelo que ela passou antes de meu pai morrer. Sei que ainda deve doer.

Pego o telefone para ligar para ela e vejo que na tela há quatro mensagens de Ryle. Meu coração acelera imediatamente. *Não acredito que estava no silencioso!* Reviro os olhos, irritada comigo mesma, porque eu *não* devia estar tão animada assim.

Ryle: Está dormindo?
Ryle: Acho que sim.
Ryle: Lily...
Ryle: :(

A carinha triste foi enviada há dez minutos. Aperto *Responder* e digito: "Não. Acordada". Dez segundos depois, recebo outra mensagem.

Ryle: Ótimo. Estou subindo sua escada. Chego aí em vinte segundos.

Sorrio e pulo da cama. Vou até o banheiro e confiro meu rosto. *Está razoável.* Ando até a porta e a abro assim que Ryle chega pela escada. Ele praticamente se arrasta no último degrau e, depois, para quando enfim chega a minha porta, querendo descansar. Ele parece exausto. Seus olhos estão vermelhos e com olheiras. Seus braços deslizam ao redor de minha cintura, e ele me puxa para perto, enterrando o rosto em meu pescoço.

— Que cheirosa — diz ele.

Eu o puxo para dentro do apartamento.

— Está com fome? Posso preparar alguma coisa para você comer.

Ele nega com a cabeça enquanto tira a jaqueta com dificuldade, então passo pela cozinha e vou direto até o quarto. Ele me segue e joga a jaqueta nas costas da cadeira. Usa os pés para tirar os sapatos e os empurra para a parede.

Ele está de uniforme hospitalar.

— Você parece exausto — comento.

Ele sorri e põe as mãos em meus quadris.

— E estou. Acabei de participar de uma cirurgia de 18 horas.

Ele se inclina e beija a tatuagem de coração em minha clavícula.

Não surpreende que ele esteja exausto.

— Como isso é possível? — digo. — Dezoito *horas?*

Ele assente e me acompanha até a lateral da cama, onde me puxa para que eu me sente a seu lado. Nós nos acomodamos até ficarmos virados um para o outro, dividindo um travesseiro.

— Mas foi incrível. Inovador. Vão escrever sobre isso nos periódicos de medicina, e eu pude participar, então não estou reclamando. Estou cansado, só isso.

Eu me inclino e lhe dou um selinho. Ryle leva a mão até minha têmpora e se afasta.

— Sei que deve estar pronta para transar loucamente, mas hoje não tenho energia. Desculpe. Mas senti saudade e, por algum motivo, durmo melhor quando estou com você. Tudo bem se eu ficar aqui?

Sorrio.

— Tudo mais que bem.

Ele se inclina e beija minha testa. Pega minha mão e a segura entre nós dois no travesseiro. Seus olhos se fecham, mas mantenho os meus abertos e o encaro. Ele tem o tipo de rosto que afasta as pessoas porque é muito fácil se perder ali. E pensar que eu posso olhar para ele o tempo inteiro... Não preciso ser recatada e desviar o olhar porque ele é meu.

Talvez.

É um teste. Preciso me lembrar disso.

Depois de um minuto, ele larga minha mão e começa a dobrar os dedos. Olho para sua mão e me pergunto como deve ser isso... ficar em pé por tanto tempo usando suas excelentes habilidades motoras por 18 horas seguidas. Não consigo pensar em nada comparável a tal nível de exaustão.

Saio da cama e pego um hidratante no banheiro. Volto para a cama e me sento de pernas cruzadas a sua frente. Coloco um pouco na mão e puxo seu braço para o colo. Ryle abre os olhos e me encara.

— O que está fazendo? — murmura.

— Shh. Volte a dormir — respondo.

Pressiono os polegares na palma de sua mão e giro para cima e depois para fora. Seus olhos se fecham, e ele geme no travesseiro. Continuo lhe massageando essa mão por cerca de cinco minutos antes de passar para a outra. Ele fica de olhos fechados o tempo inteiro. Quando termino, viro-o de barriga para baixo e me sento em suas costas. Ele me ajuda a tirar sua camiseta, mas seus braços parecem moles como macarrão.

Massageio seus ombros, seu pescoço, suas costas e seus braços. Ao terminar, saio de cima e me deito a seu lado.

Estou passando os dedos por seu cabelo e lhe massageando o couro cabeludo quando ele abre os olhos.

— Lily? — sussurra, me olhando com sinceridade. — Acho que você pode ser a melhor coisa que já me aconteceu.

Essas palavras me envolvem como um cobertor. Não sei o que responder. Ele ergue a mão e a coloca em minha bochecha. Sinto seu olhar bem no fundo de mim. Ele se inclina devagar para a frente e pressiona os lábios nos meus. Eu esperava um selinho, mas ele não se afasta. A ponta de sua língua desliza por meus lábios, separando-os delicadamente. Sua boca está tão quente que gemo quando o beijo fica mais intenso.

Ele me faz deitar e passa a mão por meu corpo, descendo até o quadril. Depois se aproxima, deslizando a mão por minha coxa. Pressiona o corpo no meu, e uma onda de calor se espalha dentro de mim. Agarro seu cabelo e sussurro em sua boca:

— Acho que já esperamos demais. Eu queria muito que você me comesse agora.

Ele praticamente rosna com energia renovada e começa a tirar minha camisa. É um interlúdio de mãos, gemidos, língua e suor. Sinto como se fosse a primeira vez que um homem me toca. Os poucos que vieram antes dele eram apenas garotos, com mãos nervosas e bocas tímidas. Mas Ryle exala confiança. Ele sabe exatamente onde me tocar e como me beijar.

O único momento que ele não dedica toda a atenção a meu corpo é quando estende o braço para o chão e pega uma camisinha na carteira. Ao voltar para

debaixo das cobertas, ele coloca a camisinha e nem hesita: me possui descaradamente com um movimento rápido, e eu arfo em sua boca, sentindo todos os músculos se contraindo.

Sua boca está selvagem e carente, beijando todos os lugares ao alcance. Fico tão tonta que sou capaz apenas de sucumbir. Ele me come com determinação. Apoia a mão entre a cabeceira e o topo de minha cabeça enquanto se empurra cada vez mais forte, fazendo a cama bater na parede a cada movimento.

Minhas unhas se enterram na pele de suas costas enquanto ele enterra o rosto em meu pescoço.

— Ryle — sussurro.

— Meu *Deus* — digo.

— Ryle! — grito.

E, então, mordo seu ombro para abafar todos os sons que emito depois. Meu corpo inteiro está sentindo... Da cabeça aos dedos dos pés e, depois, subindo de novo.

Tenho medo de desmaiar por um instante, então contraio as pernas a seu redor, que tensiona o corpo.

— *Caramba*, Lily.

Seu corpo treme, e ele se enfia dentro de mim mais uma vez. Geme, parando em cima de mim. Ele treme, em gozo, e minha cabeça cai no travesseiro.

Demoramos um minuto inteiro para conseguir nos mexer outra vez. E, mesmo depois disso, preferimos ficar parados. Ele encosta o rosto no travesseiro e suspira fundo.

— Não consigo... — Ele se afasta e olha para mim. Seus olhos estão marcados por alguma coisa... não sei o que é. Ele pressiona os lábios nos meus. — Você tinha toda a razão.

— Sobre o quê?

Ele sai lentamente de dentro de mim, se apoiando nos antebraços.

— Você me avisou. Disse que uma vez com você não seria o suficiente. Disse que você era como uma droga. Mas não falou que era o tipo de droga mais viciante de todos.

Capítulo Dez

— Posso fazer uma pergunta pessoal?

Allysa assente enquanto aperfeiçoa um buquê de flores a ser entregue. Faltam três dias para a grande inauguração, e o movimento só aumenta.

— O quê? — pergunta ela, virando para mim.

Ela se encosta no balcão e começa a cutucar as unhas.

— Não precisa responder se não quiser — aviso.

— Bem, só posso responder se você perguntar.

Bem lembrado.

— Você e Marshall fazem doações para caridade?

— Sim. Por quê? — responde, confusa.

Dou de ombros.

— Só estava curiosa. Eu não os julgaria nem nada do tipo. É que ando pensando que eu gostaria de abrir uma instituição de caridade.

— Para prestar que tipo de caridade? — pergunta ela. — A gente doa para instituições diferentes agora que temos dinheiro, mas minha preferida é uma com a qual nos envolvemos no ano passado. Eles constroem escolas em outros países. A gente financiou três construções só no ano passado.

Eu sabia que gostava de Allysa por algum motivo.

— Eu, com certeza, não tenho tanto dinheiro assim, mas queria fazer *algo*. Só não sei o que.

— Vamos deixar essa inauguração passar, daí você começa a pensar em filantropia. Um sonho de cada vez, Lily.

Ela dá a volta no balcão e pega a lixeira. Eu a observo tirar o saco cheio e dar um nó. Eu me pergunto por que — se ela tem empregados para tudo — ela tem vontade de ter um trabalho onde precisa tirar o lixo e sujar as mãos.

— Por que você trabalha aqui? — pergunto.

Ela olha para mim e sorri.

— Porque gosto de você — responde.

Porém, percebo que o brilho desaparece completamente de seus olhos antes de ela se virar e ir para os fundos jogar o lixo fora. Quando volta, ainda estou olhando para ela com curiosidade.

— Allysa? Por que você trabalha aqui? — insisto.

Ela para o que está fazendo e respira fundo, como se estivesse em dúvida sobre ser sincera comigo. Ela volta para o balcão e se encosta ali, cruzando os tornozelos.

— Porque... — diz ela, olhando para os próprios pés. — Não consigo engravidar. Estamos tentando há dois anos, mas nada deu certo. Eu estava cansada de chorar em casa o tempo inteiro, então decidi ocupar o tempo de alguma forma. — Ela se empertiga e limpa a mão na calça jeans. — E você, Lily Bloom, está me deixando *bem* ocupada. — Ela se vira e volta a mexer no mesmo buquê. Faz meia hora que ela o está aperfeiçoando. Por fim, pega um cartão e o coloca nas flores, depois se vira e me entrega o vaso. — Aliás, isso é para você.

Está na cara que Allysa quer mudar de assunto, então pego as flores.

— Como assim?

Ela revira os olhos e gesticula para que eu vá até o escritório.

— Está escrito no cartão. Leia.

Pela reação irritada, percebo que é de Ryle. Sorrio e vou correndo até o escritório. Eu me sento à escrivaninha e pego o cartão.

Lily,

Estou com a maior crise de abstinência.

Ryle

Ainda sorrindo, coloco o cartão de volta no envelope. Pego o celular e tiro uma foto com a língua para fora, segurando as flores. Mando para Ryle.

Eu: Eu avisei.

Ele começa a digitar uma resposta no mesmo instante. Fico observando ansiosamente os pontinhos no celular se moverem para a frente e para trás.

Ryle: Preciso da próxima dose. Vou terminar aqui em trinta minutos. Posso te levar para jantar?

Eu: Não dá. Minha mãe quer que eu vá a um restaurante novo com ela. Ela é toda gourmet. :(

Ryle: Eu gosto de comida. Eu como. Aonde vai com ela?

Eu: Um lugar chamado Bib's, na Marketson.

Ryle: Tem lugar para mais um?

Fico encarando a mensagem por um instante. *Ele quer conhecer minha mãe?* A gente nem está namorando oficialmente. Quero dizer... não me *importo* se ele conhecer minha mãe. Ela vai adorar Ryle. Ele não queria saber de namoro, depois aceitou um teste e agora vai conhecer minha mãe, tudo em cinco dias? *Meu Deus*. Sou *mesmo* uma droga.

Eu: Óbvio. Encontre a gente lá em meia hora.

Saio do escritório e vou direto até Allysa. Seguro o celular na frente de seu rosto.

— Ele quer conhecer minha mãe.

— Quem?

— Ryle.

— Meu irmão? — pergunta ela, parecendo tão chocada quanto eu.

Confirmo com a cabeça.

— Seu irmão. *Minha mãe.*

Ela pega meu celular e vê as mensagens.

— Hum. Que coisa mais estranha.

Pego o celular de volta.

— Valeu pela confiança.

— Você sabe o que eu quis dizer — diz ela, rindo. — Estamos falando de Ryle. Nunca, em toda a vida, Ryle Kincaid conheceu os pais de uma garota.

Óbvio que rio quando ela diz isso, mas depois me pergunto se ele não está agindo assim só para me agradar. Se ele não está fazendo coisas que na verdade não quer fazer só porque sabe que quero um namorado.

Então sorrio ainda mais, porque não é exatamente essa a questão? Sacrificar-se pela pessoa que você gosta só para vê-la feliz?

— Seu irmão deve gostar *mesmo* de mim — digo, brincando.

Olho para Allysa, esperando que ria, mas ela exibe uma expressão séria.

— Pois é, pelo visto sim. — Ela pega a bolsa embaixo do balcão. — Vou sair agora. Depois me conte como foi, tá?

Ela passa por mim, eu a observo sair e depois fico encarando a porta por bastante tempo.

Fico incomodada por ela não parecer animada com a possibilidade de Ryle e eu namorarmos. Fico me perguntando se tem mais a ver com o que ela sente por mim ou com o que sente pelo irmão.

✦✦✦

Vinte minutos depois, viro a placa para "Fechado". *Só mais alguns dias.* Tranco a porta e vou até o carro, mas vejo alguém encostado ali. Demoro um instante para reconhecê-lo. Ryle está virado para o outro lado, falando ao celular.

Achei que a gente ia se encontrar no restaurante, mas tudo bem.

O alarme de meu carro soa quando aperto o botão de destrancar, e Ryle se vira. Ele sorri ao me ver.

— Sim, concordo — diz ele ao celular. Depois põe o braço ao redor de meu ombro e me puxa para perto, beijando o topo de minha cabeça. — Amanhã nós conversamos. Acabou de acontecer uma coisa muito importante aqui.

Ele desliga, guarda o celular no bolso e me beija. Não é um beijo de oi. É um beijo de "não consigo parar de pensar em você". Ele me envolve com os braços e me gira até eu encostar no carro, e continua me beijando até eu começar a me sentir tonta outra vez. Quando se afasta, está me olhando, contente.

— Sabe qual parte sua me enlouquece mais? — Ele leva os dedos até minha boca e percorre meu sorriso. — Isso. Seus lábios. Amo que eles são tão vermelhos quanto seu cabelo, e você nem usa batom.

Sorrio e beijo seus dedos.

— Então é melhor eu tomar cuidado quando você estiver com minha mãe, porque todo mundo diz que a gente tem a mesma boca.

Ele para de correr os dedos por meus lábios, e o sorriso some.

— Lily... *não.*

Eu rio e abro a porta.

— Vamos em carros separados?

Ele termina de abrir a porta para mim e diz:

— Peguei um Uber do trabalho até aqui. Vamos juntos.

✦✦✦

Minha mãe já está na mesa quando chegamos. Está de costas para a porta, e eu vou na frente.

Fico impressionada com o restaurante. Meus olhos são atraídos pelas cores neutras e quentes das paredes, e pela árvore quase de tamanho real no meio do salão. Parece ter crescido ali no chão, e é quase como se o restaurante inteiro tivesse sido projetado ao redor do tronco. Ryle vem logo atrás de mim, a mão em minhas costas. Quando chegamos à mesa, começo a tirar a jaqueta.

— Oi, mãe.

— Ah, oi, querida — cumprimenta ela, desviando os olhos do celular. Guarda o aparelho na bolsa e gesticula para o restaurante. — Já estou adorando. Olhe só essa iluminação — diz ela, apontando para cima. — As instalações parecem algo que você cultivaria em um de seus jardins. — Então ela percebe Ryle, que está parado pacientemente a meu lado enquanto me sento. Minha mãe sorri para ele. — Vamos querer duas águas, por favor.

Olho para Ryle e depois para minha mãe.

— *Mãe*. Ele está comigo. Não é o garçom.

Ela olha de novo para Ryle, confusa. Ele apenas sorri e estende a mão.

— Um simples engano, senhora. Sou Ryle Kincaid.

Minha mãe retribui o aperto de mão, olhando nós dois. Ryle solta sua mão e senta. Ela parece um pouco desorientada, mas enfim diz:

— Jenny Bloom. Prazer em conhecê-lo. — Ela volta a atenção para mim e ergue a sobrancelha. — É seu amigo, Lily?

Não acredito que não me preparei melhor para este momento. Vou dizer que ele é o quê? Meu teste? Não posso dizer *namorado*, mas também não posso dizer *amigo*. *Pretendente* parece um pouco antiquado.

Ryle percebe minha hesitação, então põe a mão em meu joelho e o aperta para me tranquilizar.

— Minha irmã trabalha para Lily — diz ele. — Você a conhece? Allysa?

Minha mãe se inclina para a frente e diz:

— Ah! Sim! Certo. Vocês dois são muito parecidos, agora que você falou percebi isso — diz ela. — São os olhos, acho. E a boca.

— Nós dois puxamos a nossa mãe.

Minha mãe sorri para mim.

— As pessoas sempre dizem que Lily puxou a mim.

— Puxou mesmo — concorda ele. — Bocas idênticas. Impressionante. — Ryle aperta meu joelho de novo embaixo da mesa enquanto tento conter a risada. — Senhoras, se me dão licença, preciso ir ao toalete. — Ele se inclina e beija

minha têmpora antes de se levantar. — Se o garçom aparecer, quero só uma água.

Os olhos de minha mãe o seguem enquanto ele se afasta, e depois ela se vira lentamente em minha direção. Ela aponta para mim e para o lugar vazio de Ryle.

— Por que eu não tinha ouvido falar dele?

Dou um sorriso discreto.

— As coisas estão meio... Na verdade, não é... — Não faço ideia de como explicar nossa situação para ela. — Ele trabalha muito, então não passamos tanto tempo juntos. Quase nada. Na realidade, hoje é a primeira vez que jantamos juntos.

Minha mãe ergue a sobrancelha.

— É mesmo? — pergunta ela, recostando-se. — Pelo jeito do rapaz, não parece. Quero dizer, ele está muito à vontade com demonstrações de carinho. Não é um comportamento normal para quem acabou de se conhecer.

— A gente não se conheceu agora — digo. — Faz mais de um ano que nos conhecemos. E já passamos tempo juntos, mas não em um encontro. Ele trabalha muito.

— Onde?

— No Massachusetts General Hospital.

Minha mãe se inclina para a frente, e seus olhos praticamente saltam para fora.

— Lily! — sussurra ela. — Ele é *médico*?

Confirmo com a cabeça, contendo o sorriso.

— Neurocirurgião.

— Desejam beber alguma coisa? — oferece um garçom.

— Sim — digo. — Vamos querer três...

Então fecho a boca na hora.

Fico encarando o garçom, e ele me encara de volta. Meu coração foi parar na garganta. Não lembro mais como se fala.

— Lily? — chama minha mãe. Ela vira a mão para o garçom. — Ele está esperando você pedir a bebida.

Balanço a cabeça e começo a gaguejar.

— Eu... hum...

— Três águas — corta minha mãe, interrompendo minhas palavras atrapalhadas.

O garçom sai do transe a tempo de bater o lápis no bloco de papel.

— Três águas — diz ele. — Ok.

Ele se vira e vai embora, mas vejo quando ele me olha de novo antes de empurrar as portas da cozinha.

— O que você tem, hein? — pergunta minha mãe, se inclinando para mim.

Aponto por cima do ombro.

— O garçom — digo, balançando a cabeça. — Ele era igualzinho a...

Estou prestes a dizer *Atlas Corrigan* quando Ryle se aproxima e se senta novamente.

Ele olha para nós duas.

— O que foi que eu perdi?

Engulo em seco, balançando a cabeça. *Evidentemente não era Atlas.* Mas aqueles olhos... aquela boca. Sei que faz anos que não nos vemos, mas nunca vou me esquecer de sua aparência. *Só pode* ser ele. Sei que era, e sei que ele também me reconheceu, porque no instante que nossos olhares se encontraram... parecia que ele tinha visto um fantasma.

— Lily? — chama Ryle, apertando minha mão. — Você está bem?

Faço que sim e forço um sorriso, depois pigarreio.

— Estou. A gente só estava falando de você — digo, olhando de novo para minha mãe. — Ryle participou de uma cirurgia de 18 horas esta semana.

Minha mãe se inclina para a frente, interessada. Ryle começa a contar sobre a cirurgia. Nossa água chega, mas é trazida por um garçom diferente. Ele pergunta se já demos uma olhada nos cardápios e nos informa os pratos especiais do chef. Nós pedimos a comida, e estou fazendo de tudo para me concentrar, mas minha atenção está dispersa pelo restaurante, procurando Atlas. *Preciso me recompor.* Depois de alguns instantes, eu me aproximo de Ryle e aviso:

— Preciso ir ao banheiro.

Ele se levanta para que eu saia, e meus olhos analisam os rostos de todos os garçons enquanto atravesso o restaurante. Empurro a porta do corredor que leva aos banheiros. Sozinha, me encosto na parede. Eu me inclino para a frente e expiro com força. Decido parar por um instante e me recompor antes de voltar. Levo as mãos à testa e fecho os olhos.

Fazia nove anos que eu me perguntava o que acontecera com ele. *Anos.*

— Lily?

Olho para cima e inspiro pela boca. Ele está parado no fim do corredor, parecendo mais um fantasma direto do passado. Meus olhos vão até seus pés para checar se não está pairando no ar.

Não está. Ele é real e está parado bem na minha frente.

Continuo encostada na parede, sem saber o que dizer.

— Atlas?

Assim que digo seu nome, ele solta o ar depressa, aliviado, e depois avança três passos largos. Percebo que faço a mesma coisa. Nós nos encontramos no meio e nos abraçamos.

— Puta merda! — exclama ele, me abraçando com força.

Balanço a cabeça.

— Pois é. Puta merda.

Ele põe as mãos em meus ombros e recua para me olhar.

— Você não mudou nada.

Tapo a boca com a mão, ainda chocada, e o examino. Seu rosto parece o mesmo, mas ele não é mais o adolescente magrelo de que me lembro.

— Já eu não posso dizer o mesmo.

Ele olha para si mesmo e ri.

— Pois é — diz. — Oito anos como militar faz isso com a pessoa.

Estamos chocados, então não dizemos mais nada. Ficamos apenas balançando as cabeças, sem acreditar. Ele ri, e depois eu rio. Por fim, ele solta meus ombros e cruza os braços.

— Por que você está em Boston? — pergunta ele.

Ele fala de maneira muito casual, o que acho bom. Talvez não se lembre de nossa conversa de muitos anos antes sobre Boston, o que me pouparia da vergonha.

— Eu moro aqui — respondo, forçando uma réplica tão casual quanto a sua. — Tenho uma floricultura em Park Plaza.

Ele sorri, como se não estivesse nem um pouco surpreso. Olho a porta, sabendo que devia voltar. Ele percebe e dá outro passo para trás. Olha em meus olhos por um instante, e entre nós paira um silêncio absoluto. Um silêncio excessivo. Temos muito a dizer, mas nenhum de nós sabe por onde começar. O brilho desaparece de seus olhos por um instante, e ele aponta para a porta.

— É melhor você voltar para a mesa — diz ele. — Qualquer dia desses, procuro você. Park Plaza, né?

Faço que sim.

Ele também balança a cabeça.

A porta se abre, e uma mulher segurando uma criança entra. Ela passa por nós, o que nos distancia ainda mais. Dou um passo em direção à porta, mas ele

continua no mesmo lugar. Antes de sair, me viro para ele e sorrio.

— Adorei te ver, Atlas.

Ele sorri um pouco, mas o sorriso não alcança seus olhos.

— Sim. Igualmente, Lily.

⋆⋆⋆

Passo o resto da refeição mais quieta. Mas não sei se Ryle e minha mãe percebem, porque ela não está encontrando nenhuma dificuldade em fazer uma pergunta atrás da outra. Ryle lida muito bem com tudo. Está sendo encantador da maneira perfeita.

Esbarrar em Atlas inesperadamente abalou muito meus sentimentos, mas no fim do jantar Ryle já tinha colocado tudo no lugar de novo.

Minha mãe pega o guardanapo, limpa a boca e aponta para mim.

— Este é meu novo restaurante preferido — diz ela. — Incrível.

Ryle balança a cabeça.

— Concordo. Preciso trazer Allysa aqui. Ela adora conhecer restaurantes novos.

A comida é boa mesmo, mas não quero que eles tenham vontade de voltar aqui.

— Achei normal — digo.

Ele paga a conta, lógico, e depois insiste que a gente acompanhe minha mãe até o carro. A julgar pelo olhar orgulhoso, ela vai me ligar mais tarde para falar sobre ele.

Depois que minha mãe vai embora, Ryle me acompanha até meu carro.

— Pedi um Uber para que você não tivesse de dar uma volta para me deixar. A gente tem aproximadamente... — Ele confere o celular. — Um minuto e meio para se agarrar.

Eu rio. Ele me abraça e beija primeiro meu pescoço, depois minha bochecha.

— Eu me convidaria para ir até sua casa, mas tenho uma cirurgia amanhã cedo, e com certeza meu paciente ficaria feliz em saber que não passei boa parte da noite dentro de você.

Retribuo o beijo, ao mesmo tempo desapontada e aliviada por ele não me acompanhar.

— Minha inauguração é daqui a alguns dias. É melhor eu dormir também.

— Quando é sua próxima folga? — pergunta ele.

— Nunca. Quando é a sua?

— Nunca.

Balanço a cabeça.

— Estamos ferrados. Tem sucesso e determinação demais entre nós.

— Assim vamos ficar na fase da lua de mel até chegarmos aos 80 anos — diz ele. — Vou à inauguração, e depois nós quatro podemos sair para comemorar. — Um carro para a nosso lado, ele passa a mão em meu cabelo e se despede com um beijo. — Aliás, sua mãe é maravilhosa. Obrigado por ter me deixado jantar com vocês.

Ele se afasta e entra no carro. Eu o observo sair do estacionamento.

Estou com uma sensação muito boa em relação a esse homem.

Sorrio e me viro para meu carro, mas coloco a mão no peito e arfo quando o vejo.

Atlas está parado bem atrás de meu carro.

— Desculpe. Não quis te assustar.

Solto o ar pela boca.

— Bem, mas assustou.

Eu me encosto no carro, e Atlas fica onde está, a 1 metro de distância. Ele olha para a rua.

— E então? Quem é o sortudo?

— Ele é... — Minha voz falha. É tudo tão estranho... Ainda estou com um aperto no peito e um frio na barriga, e não sei se é consequência do beijo de Ryle ou da presença de Atlas. — O nome é Ryle. A gente se conheceu há cerca de um ano.

Na mesma hora me arrependo de dizer que nos conhecemos há tanto tempo. Ficou parecendo que Ryle e eu estamos juntos há um ano, e na verdade nem estamos namorando oficialmente.

— E você? Casou? Tem namorada?

Não sei se pergunto para continuar a conversa ou se estou genuinamente curiosa.

— Na verdade, tenho, sim. O nome é Cassie. Estamos juntos há quase um ano.

Azia. Estou com azia. *Um ano?* Coloco a mão no peito e balanço a cabeça.

— Que bom. Você parece feliz.

Ele parece feliz? Não faço ideia.

— Pois é. Bem... adorei te ver, Lily. — Ele se vira para partir, mas depois se volta para mim com as mãos nos bolsos de trás. — Mas vou dizer uma coisa... eu meio que queria ter te reencontrado um ano atrás.

Estremeço com as palavras, tentando me impedir de assimilá-las. Ele volta para o restaurante.

Eu me atrapalho com as chaves e aperto o botão de destrancar o carro. Entro e fecho a porta, agarrando o volante. Por algum motivo, uma lágrima enorme escorre por minha bochecha. Uma lágrima enorme, ridícula, do tipo "O que diabo é essa coisa molhada"?

Eu a seco e aperto o botão para ligar o carro. Eu não esperava ficar tão magoada depois de vê-lo. Mas é bom. Isso aconteceu por um motivo. Meu coração precisava desse ponto final para que eu pudesse entregá-lo a Ryle, e talvez só fosse possível depois que isso acontecesse.

Isso é bom.

Sim, estou chorando.

Mas vai passar. É a natureza humana: curar uma ferida antiga e preparar uma nova pele.

Só isso.

Capítulo Onze

Eu me enrosco na cama e fico o encarando.

Quase acabei. Só faltam mais alguns dias.

Pego o diário e o coloco no travesseiro a meu lado.

— Não vou ler você — sussurro.

Porém, se eu lesse o que falta, eu encerraria. Ter visto Atlas hoje, saber que ele tem uma namorada, um emprego e muito provavelmente uma casa é o ponto final de que eu precisava para esse capítulo. Se eu simplesmente acabar de ler o maldito diário, vou poder guardá-lo na caixa de sapatos e nunca mais abri-lo.

Finalmente o pego e me deito de costas.

— Ellen DeGeneres, você é a *maior* vaca.

Querida Ellen,

"Continue a nadar".

Reconhece a frase, Ellen? É o que Dory diz para Marlin em Procurando Nemo.

"Continue a nadar, nadar, nadar".

Não sou muito fã de desenho animado, mas parabéns por esse. Gosto de desenhos animados que nos fazem rir, mas que também nos fazem sentir algo. Depois de hoje, acho que esse é meu desenho animado preferido. Porque ultimamente sinto como se eu fosse me afogar, e às vezes as pessoas precisam lembrar que só devem continuar a nadar.

Atlas ficou doente. Tipo, muito doente.

Ele tem entrado escondido pela janela e dormido no chão de meu quarto há algumas noites, mas ontem, assim que olhei para ele, percebi algo errado. Era domingo, então eu não o via desde a noite anterior, mas ele parecia péssimo. Seus

olhos estavam vermelhos, sua pele, pálida, e, apesar do frio, seu cabelo pingava suor. Nem perguntei se ele se sentia bem, porque eu já sabia que não. Coloquei a mão em sua testa, e ele estava tão quente que quase gritei para chamar minha mãe.

— Vou ficar bem, Lily — disse ele.

E depois começou a arrumar sua cama no chão. Eu disse para ele esperar um pouco, fui até a cozinha e peguei um copo de água. Achei remédio no armário. Era para gripe, e eu nem sabia o que ele tinha, mas o obriguei a tomar mesmo assim.

Ele ficou deitado no chão, em posição fetal, e meia hora depois disse:

— Lily? Acho que vou precisar de uma lixeira.

Pulei da cama, peguei a lixeira embaixo da escrivaninha e me ajoelhei na frente dele. Assim que a coloquei no chão, ele se inclinou e começou a vomitar.

Meu Deus, estou me sentindo mal por ele. Estar tão doente e não ter um banheiro, nem uma cama, nem uma casa, nem uma mãe. Atlas só tinha a mim, e eu nem sabia o que fazer.

Quando ele terminou, fiz ele tomar um pouco de água e disse para ele se deitar na cama. Ele se recusou, mas não aceitei. Coloquei a lixeira no chão ao lado da cama e o forcei a se deitar.

Ele estava tão quente e tremendo tanto que fiquei com medo de deixá-lo no chão. Eu me deitei a seu lado, e ele vomitou a cada hora nas próximas seis horas. Precisei ir ao banheiro várias vezes para esvaziar a lixeira. Não vou mentir, foi nojento. A noite mais nojenta de minha vida, porém o que mais eu podia fazer? Ele precisava de minha ajuda, e só tinha a mim.

Quando chegou a hora de ele sair de meu quarto hoje pela manhã, eu mandei ele voltar para casa e avisei que passaria lá antes do colégio para ver como ele estava. Fiquei surpresa ao notar que ele tinha energia para saltar minha janela. Deixei a lixeira ao lado da cama e esperei que minha mãe viesse me acordar. Quando ela chegou e viu a lixeira, tocou minha testa imediatamente.

— Lily, você está bem?

Gemi e balancei a cabeça.

— Não. Passei a noite mal. Acho que já estou melhor, mas não dormi.

Ela pegou a lixeira e me disse para ficar na cama; falou que avisaria ao colégio que eu não iria. Depois que ela saiu para o trabalho, fui buscar Atlas e disse que ele poderia passar o dia inteiro em casa comigo. Ainda estava mal, então deixei ele dormir em meu quarto. A cada meia hora eu dava uma olhada nele, e finalmente no horário do almoço ele parou de vomitar. Tomou um banho, e eu fiz sopa para ele.

Atlas estava cansado demais até mesmo para tomá-la. Peguei um cobertor, nos sentamos no sofá e nos cobrimos juntos. Não sei quando foi que comecei a me sentir tão à vontade a ponto de me aconchegar a ele, mas simplesmente pareceu certo. Alguns minutos depois, ele se aproximou um pouco e encostou os lábios em minha clavícula, bem entre meu ombro e meu pescoço. Foi um beijo rápido, e acho que a intenção não foi romântica. Foi mais um gesto de agradecimento, sem o uso de palavras. Mas isso me fez sentir as mais diversas coisas. Foi algumas horas atrás, e continuo tocando os dedos no local porque ainda sinto seu beijo.

Sei que deve ter sido o pior dia da vida dele, Ellen. Mas foi um de meus preferidos.

E estou me sentindo péssima por isso.

Assistimos a Procurando Nemo*, e quando chegou àquela parte em que Marlin está procurando Nemo e se sentindo muito derrotado, Dory disse para ele: "Quando a vida te desanimar sabe o que precisa fazer?... Continue a nadar. Continue a nadar. Continue a nadar, nadar, nadar".*

Atlas agarrou minha mão quando Dory disse isso. Ele não a segurou como um namorado segura a mão da namorada. Ele a apertou, como se estivesse dizendo que aqueles personagens eram nós dois. Ele era Marlin, e eu, Dory, e eu o estava ajudando a nadar.

— Continue a nadar — sussurrei para ele.

Lily

Querida Ellen,

Estou com medo. Muito medo.

Gosto demais de Atlas. Só penso nele quando estamos juntos, e fico preocupada demais quando não estamos. Minha vida está começando a girar em torno dele, e sei que isso não é bom. Mas não consigo evitar, não sei o que fazer, e agora talvez ele vá embora.

Ele foi embora depois que vimos Procurando Nemo *ontem, e quando meus pais foram dormir, ele entrou pela janela. Tinha dormido em minha cama na noite anterior porque estava doente, e sei que eu não devia ter feito isso, mas coloquei os cobertores na máquina de lavar logo antes de me deitar. Ele perguntou onde estava sua cama, e eu disse que ele teria de dormir de novo na minha, porque eu quis lavar os cobertores para que não ficasse doente de novo.*

Por um instante, ele parecia prestes a sair pela janela. Mas depois ele a fechou, tirou os sapatos e se deitou na cama comigo.

Ele não estava mais doente, mas, quando se deitou, achei que eu estava doente, porque fiquei enjoada. Mas não era doença. É que me sinto meio enjoada toda vez que ele fica muito perto de mim.

Estávamos de frente um para o outro na cama, e ele perguntou:

— Quando você faz 16 anos?

— Daqui a dois meses — sussurrei. Nós continuamos nos encarando, e meu coração batia cada vez mais rápido. — Quando você faz 19 anos?

Eu só queria puxar assunto para que ele não ouvisse minha respiração acelerada.

— Só em outubro — respondeu.

Balancei a cabeça. Fiquei pensando... por que ele estava curioso a respeito de minha idade? E, ainda, o que ele achava de garotas de 15 anos? Será que ele me via apenas como uma criança? Uma irmã mais nova? Tenho quase 16 anos, e dois anos e meio de diferença não é tanto assim. Se um tem 15 e o outro, 18, talvez a diferença pareça muito grande. Mas depois que eu fizer 16 anos, aposto que ninguém se importaria com uma diferença de dois anos e meio.

— Preciso te contar uma coisa — disse ele.

Prendi a respiração, sem saber o que ele ia dizer.

— Hoje falei com meu tio. Minha mãe e eu morávamos com ele em Boston. Disse que posso ficar lá depois que ele voltar de uma viagem a trabalho.

Nesse momento eu deveria ter ficado muito feliz por ele. Deveria ter sorrido e dado parabéns. Mas senti toda minha imaturidade quando fechei os olhos e senti pena de mim mesma.

— Você vai? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Não sei. Eu queria falar com você primeiro.

Ele estava tão perto de mim na cama que dava para sentir o sopro quente de sua respiração. Também percebi que ele tinha cheiro de menta... Será que escovava os dentes com água de garrafa antes de vir para cá? Sempre dou muita água para ele levar para casa.

Coloquei a mão no travesseiro e comecei a puxar uma pena que estava para fora. Depois de soltá-la, eu a torci entre os dedos.

— Não sei o que dizer, Atlas. Fico feliz por você ter onde ficar. Mas e o colégio?

— Posso terminar o ano lá — disse ele.

Assenti. Pelo visto, ele já tinha se decidido.

— Quando você vai?

Qual seria a distância de Boston até aqui? Deve ficar a algumas horas, mas é um mundo inteiro de distância para quem não tem carro.

— Ainda não tenho certeza se vou.

Larguei a pena no travesseiro e coloquei a mão do lado do corpo.

— O que está te impedindo? Seu tio está te oferecendo um lugar para ficar. Isso é bom, não é?

Ele comprimiu os lábios e fez que sim. Depois pegou a pena que eu tinha largado e começou a mexê-la entre os dedos. Colocou-a de novo no travesseiro e depois fez algo que eu não esperava: levou os dedos até meus lábios e os tocou.

Meu Deus, Ellen. Achei que ia morrer bem ali. Jamais tinha sentido algo tão intenso dentro de mim. Ele deixou os dedos parados por alguns segundos e disse:

— Obrigado, Lily. Por tudo.

Ele levou os dedos até meu cabelo, depois se inclinou para a frente e deu um beijo em minha testa. Eu estava com a respiração tão acelerada que precisei abrir a boca em busca de mais ar. Percebi que ele arfava tanto quanto eu. Ele olhou para mim, e eu observei seus olhos se voltarem para minha boca.

— Você já foi beijada alguma vez, Lily?

Neguei com a cabeça e ergui o rosto na direção do dele, porque eu precisava que Atlas fizesse algo a respeito dessa situação bem naquele momento, caso contrário eu não conseguiria mais respirar.

Então — quase como se eu fosse tão delicada quanto uma casca de ovo — ele aproximou a boca da minha e parou bem ali. Eu não sabia o que fazer em seguida, mas não me importei. Eu não ligaria se a gente passasse a noite inteira daquele jeito, sem nunca sequer mover as bocas, de tão bom que era.

Seus lábios se fecharam em cima dos meus, e eu meio que senti sua mão tremendo. Fiz o mesmo que ele e comecei a imitar seus movimentos. Senti a ponta de sua língua roçar uma vez em meus lábios, e achei que meus olhos iam se virar para dentro de minha cabeça. Ele fez isso de novo, e depois uma terceira vez, então eu fiz o mesmo. Quando nossas línguas se encostaram pela primeira vez, dei um sorrisinho, porque eu já tinha imaginado muitas vezes meu primeiro beijo. Onde seria, com quem seria. Nunca em um milhão de anos imaginei que me sentiria assim.

Ele me deitou, pressionou a mão em minha bochecha e continuou me beijando. Tudo só melhorou à medida que fui relaxando. Meu momento preferido foi quando ele se afastou por um segundo e ficou me olhando, depois voltou com um beijo ainda mais intenso.

Não sei por quanto tempo nos beijamos. Foi muito tempo. Tanto que minha boca começou a doer e eu não conseguia mais manter os olhos abertos. Quando dormimos, tenho certeza de que a boca de Atlas ainda estava encostando na minha.

Não falamos mais sobre Boston.

Ainda não sei se ele vai se mudar.

Lily

⋆⋆⋆

Querida Ellen,

Preciso te pedir desculpas.

Faz uma semana que não te escrevo, e uma semana que não vejo seu programa. Não se preocupe porque continuo gravando para você não perder a audiência, mas todo dia, quando descemos do ônibus, Atlas toma um banho rápido e a gente fica se agarrando.

Todo dia.

É o máximo.

Não sei exatamente o que ele tem, mas me sinto muito à vontade. Atlas é tão meigo e atencioso. Nunca faz nada que me deixe constrangida, mas até agora ele não tentou fazer nada que poderia me deixar constrangida.

Não sei até que ponto devo revelar aqui, porque nós duas nunca nos conhecemos pessoalmente. Mas vou apenas dizer que, se alguma vez ele se perguntou como seria tocar em meus seios...

Agora ele sabe a resposta.

Não faço a mínima ideia de como as pessoas conseguem cumprir as tarefas do cotidiano quando gostam tanto assim de alguém. Se dependesse de mim, a gente se beijaria o dia inteiro e a noite inteira, sem fazer nada além disso, talvez só conversar um pouco. Ele conta histórias engraçadas. Adoro quando ele está mais tagarela, porque isso não acontece com frequência, mas ele gesticula muito. Também sorri bastante, e eu amo seu sorriso mais que seu beijo. E às vezes eu simplesmente preciso dizer para ele calar a boca e parar de sorrir, de me beijar ou de falar só para que eu possa ficar olhando para ele. Gosto de encará-lo. Seus olhos são tão azuis que se ele estivesse do outro lado do cômodo, uma pessoa perceberia a cor intensa. A única coisa de que não gosto é que ele fecha os olhos durante o beijo.

E não. Ainda não conversamos sobre Boston.

Lily

Querida Ellen,

Ontem à tarde, quando estávamos no ônibus, Atlas me beijou. Não foi nada novo para nós dois, afinal já nos beijamos muito, mas foi a primeira vez que ele fez isso em público. Quando estamos juntos parece que todo o resto some, então acho que ele nem pensou nas outras pessoas nos vendo. Mas Katie viu. Ela estava sentada bem atrás de nós, e assim que ele se inclinou e me beijou, escutei ela dizer:

— Que nojo.

Ela estava falando com a menina a seu lado e acrescentou:

— Não acredito que Lily o deixa encostar nela. Ele usa a mesma roupa quase todo dia.

Ellen, fiquei com tanta raiva! E também me senti péssima por Atlas. Ele se afastou de mim, e percebi que ficou incomodado com o que ela disse. Eu estava prestes a me virar e gritar com ela por ter julgado alguém que nem conhece, mas ele agarrou minha mão e balançou a cabeça.

— Não, Lily — disse ele.

Então não fiz nada.

Mas fiquei morrendo de raiva durante o restante do trajeto. Fiquei com raiva por Katie ter digo algo tão ignorante só para magoar alguém que considerava inferior. Também fiquei magoada por ver que Atlas parecia acostumado a ouvir comentários assim.

Eu não queria que ele achasse que fiquei envergonhada por alguém tê-lo visto me beijar. Conheço Atlas melhor que todas as outras pessoas, e sei que ele é uma pessoa boa, independentemente das roupas que usa ou do cheiro que tinha antes de passar a tomar banho lá em casa.

Eu me aproximei, dei um beijo em sua bochecha e apoiei a cabeça em seu ombro.

— Sabe de uma coisa? — perguntei.

Ele deslizou os dedos entre os meus e apertou minha mão.

— O quê?

— Você é minha pessoa preferida.

Senti ele rir um pouco, o que me fez sorrir.

— Entre quantas pessoas? — perguntou ele.

— Todas.

Ele beijou minha cabeça e disse:

— Você também é minha pessoa preferida, Lily. De longe.

Quando o ônibus parou na minha rua, ele não soltou minha mão enquanto descíamos. Ele foi andando a minha frente pelo corredor, e eu o segui, então ele não viu quando me virei e mostrei o dedo do meio para Katie.

Eu provavelmente não deveria ter feito isso, mas valeu a pena só pelo olhar dela.

Quando chegamos a minha casa, ele pegou a chave de minha mão e destrancou a porta. Foi estranho perceber como ele fica à vontade em minha casa agora. Trancou a porta depois de entrarmos. E então notamos que a casa estava sem luz. Olhei pela janela e reparei que havia um carro da companhia de eletricidade na rua e homens mexendo nos cabos, então a gente não poderia assistir a seu programa. Não fiquei muito chateada, porque assim a gente provavelmente ficaria se beijando por uma hora e meia.

— Seu fogão é elétrico ou a gás? — indagou ele.

— A gás — respondi, um pouco confusa com essa pergunta.

Ele tirou os sapatos (que eram na verdade sapatos velhos de meu pai) e saiu em direção à cozinha.

— Vou preparar uma coisa para você — disse ele.

— Sabe cozinhar?

Ele abriu a geladeira e começou a mexer nas coisas.

— Sei. Provavelmente gosto de cozinhar tanto quanto você gosta de plantar.

Ele tirou algumas coisas da geladeira e pré-aqueceu o forno. Eu me encostei no balcão e fiquei olhando. Ele nem verificou alguma receita. Simplesmente colocava ingredientes nas tigelas e mexia sem nem ao menos usar um copo medidor.

Nunca vi meu pai erguer um dedo na cozinha. Tenho certeza de que ele nem saberia pré-aquecer o forno. Eu meio que achava que todos os homens eram assim, mas ver Atlas fazendo várias coisas na cozinha provou que eu estava errada.

— O que você está preparando? — perguntei.

Apoiei as mãos na ilha e me sentei ali.

— Cookies — respondeu.

Ele me trouxe a tigela e enfiou uma colher na mistura. Depois levou a colher até minha boca, e eu provei. Um de meus pontos fracos é massa de cookie, e a dele foi a melhor que já provei.

— Ah, nossa! — exclamei, lambendo os lábios.

Ele pôs a tigela a meu lado, se inclinou para a frente e me beijou. A massa de cookies com a boca de Atlas é o paraíso, caso esteja se perguntando. Fiz um barulho no fundo da garganta, demonstrando como gostei da combinação, e ele riu. Mas não

parou de me beijar. Ele riu enquanto me beijava, o que derreteu completamente meu coração. Um Atlas feliz era quase incrível. Fiquei com vontade de descobrir do que ele gosta, depois oferecer tudo a ele.

Enquanto Atlas me beijava, fiquei questionando se eu o amava. Nunca namorei ninguém, então não tenho como comparar o que sinto. Na verdade, antes de Atlas jamais quis um namorado ou um relacionamento. Não estou crescendo em uma casa com um bom exemplo de como um homem deve tratar alguém que ama, então sempre tive uma desconfiança enorme sobre relacionamentos e outras pessoas.

Em alguns momentos, até me perguntei se algum dia eu conseguiria confiar num rapaz. Por boa parte do tempo, odeio os homens, porque o único exemplo que tenho é meu pai. Mas ficar tanto com Atlas tem me mudado. Não de uma maneira significativa, acho que não. Ainda desconfio da maioria das pessoas. Mas Atlas me mudou a ponto de me fazer acreditar que talvez ele seja uma exceção à regra.

Ele parou de me beijar e pegou a tigela de novo. Levou-a ao balcão do outro lado e começou a espalhar a massa em duas folhas de papel manteiga para assar.

— Quer saber o truque para cozinhar com um fogão a gás?

Nunca liguei para a cozinha, mas Atlas me dá vontade de aprender tudo o que ele sabe. Deve ter sido por causa de como ele estava feliz enquanto falava sobre o assunto.

— Os fogões a gás têm zonas de calor — explicou, enquanto abria a porta do forno e colocava as folhas de papel manteiga ali dentro. — Precisa checar isso e girar os tabuleiros para que cozinhem igualmente. — Ele fechou a porta, tirou a luva de cozinha da mão e jogou-a no balcão. — Uma pedra para pizza também ajuda. Deixá-la no forno, mesmo quando não estiver assando uma pizza, ajuda a eliminar as zonas de calor.

Ele se aproximou e colocou uma mão em cada lado de meu corpo. A eletricidade voltou bem no instante que ele puxava a gola de minha camisa para baixo. Atlas beijou o ponto de meu ombro que sempre ama beijar, e suas mãos subiram lentamente por minhas costas. Juro que, às vezes, mesmo quando ele não está aqui, sinto seus lábios no meu ombro.

Ele estava prestes a me beijar na boca quando escutamos um carro parar na frente de casa e o portão da garagem se abrir. Desci num pulo da ilha e olhei ao redor freneticamente. Atlas levou as mãos até minhas bochechas e me fez olhar para ele.

— Fique de olho nos cookies. Vão ficar prontos daqui a uns vinte minutos.

Ele pressionou os lábios nos meus e me soltou, correndo até a sala para pegar sua mochila. Saiu pela porta dos fundos enquanto eu escutava o motor do carro de meu

pai desligar.

Comecei a juntar todos os ingredientes, e meu pai entrou na cozinha vindo da garagem. Ele olhou ao redor e notou a luz do forno acesa.

— Está cozinhando? — perguntou.

Fiz que sim porque meu coração estava tão acelerado que tive medo de que ele percebesse minha voz trêmula caso eu respondesse em voz alta. Esfreguei uma parte do balcão que já estava perfeitamente limpa. Então pigarreei e disse:

— Cookies. Estou fazendo cookies.

Ele deixou a maleta na mesa da cozinha, foi até a geladeira e pegou uma cerveja.

— Estávamos sem luz — comentei. — Fiquei entediada, então decidi cozinhar enquanto esperava a eletricidade voltar.

Meu pai se sentou à mesa e passou os seguintes dez minutos perguntando sobre meu colégio e se eu pensava em fazer uma faculdade. De vez em quando, quando nós dois ficávamos sozinhos, eu tinha uma noção de como seria ter um relacionamento normal com um pai. Ficar sentada na cozinha com ele, conversando sobre faculdade, escolhas de carreira e colégio. Por mais que eu o odiasse durante a maior parte do tempo, eu ainda aguardava, ansiosa, por mais momentos assim com ele. Se conseguisse ser sempre o homem que era capaz de ser nesses momentos, as coisas seriam muito diferentes. Para todos nós.

Girei os cookies como Atlas tinha me avisado para fazer, e os tirei do forno quando ficaram prontos. Peguei um da folha e o entreguei para meu pai. Eu odiava ser gentil com ele. Quase parecia que eu estava desperdiçando um dos cookies de Atlas.

— Uau! — exclamou meu pai. — Está muito bom, Lily.

Eu me forcei a agradecer, apesar de não ter feito os cookies. Só que eu não poderia revelar isso.

— São para o colégio, então você só pode comer um — menti.

Esperei o resto esfriar, guardei tudo em um pote e levei para o quarto. Não quis provar sem Atlas, então deixei para fazer isso mais tarde, quando ele viesse para cá.

— Você devia ter provado enquanto estava quente — disse ele. — É quando fica melhor.

— Não quis comer sem você — respondi.

Estávamos sentados na cama, encostados na parede, e comemos metade da tigela de cookies. Eu disse que eram deliciosos, mas não falei que eram de longe os melhores cookies que já tinha comido. Não queria que ele ficasse metido. Eu meio que gostava de como ele era modesto.

Tentei pegar outro, mas ele puxou a tigela e a tampou.

— Se comer demais, vai passar mal e não vai mais gostar de meus cookies.

Eu ri.

— Impossível.

Ele tomou um gole de água e se levantou, virado para a cama.

— Fiz uma coisa para você — disse ele, enfiando a mão no bolso.

— Mais cookies? — perguntei.

Ele sorriu, balançou a cabeça e estendeu o punho cerrado. Ergui a mão, e ele soltou algo duro em minha palma. Era um contorno pequeno de coração, com cerca de 5 centímetros, feito de madeira.

Passei o dedão, tentando não exagerar no sorriso. Não era um coração anatomicamente correto, mas também não parecia um coração desenhado à mão. Era irregular e oco no meio.

— Você fez isso? — perguntei, olhando para ele.

Atlas confirmou com a cabeça.

— Fiz com uma faca para entalhe antiga que achei na casa.

As pontas do coração não se encontravam. Apenas se encurvavam um pouco para dentro, deixando um pequeno espaço no topo. Eu nem sabia o que dizer. Eu o senti sentar de novo na cama, mas eu não conseguia parar de olhar para o coração nem para agradecer a ele.

— Entalhei em um galho — sussurrou ele. — Do carvalho do quintal.

Eu juro, Ellen. Nunca achei que poderia amar tanto alguma coisa. Ou talvez eu não estivesse sentindo algo pelo presente, mas por ele. Cerrei o punho com o coração dentro, me inclinei e o beijei tão intensamente que ele caiu de novo na cama. Joguei a perna por cima de seu corpo e o montei. Atlas agarrou minha cintura e sorriu com os lábios encostados aos meus.

— Assim vou entalhar uma casa inteira naquele carvalho se minha recompensa for essa — sussurrou ele.

Eu ri.

— Você tem de parar de ser tão perfeito — respondi. — Já é minha pessoa preferida, mas agora está ficando injusto com todos os outros seres humanos, porque ninguém nunca vai conseguir te alcançar.

Ele colocou a mão em minha nuca e me rolou até que ficasse por cima.

— Então meu plano está dando certo — disse ele, logo antes de me beijar de novo.

Segurei o coração enquanto a gente se beijava, querendo acreditar que era um presente sem qualquer motivação oculta. Mas parte de mim tinha medo de que fosse um presente para que eu me lembrasse dele depois que fosse para Boston.

Não queria me lembrar dele. Se eu tivesse de me lembrar de Atlas, isso significaria que ele não faz mais parte de minha vida.

Não quero que ele se mude para Boston, Ellen. Sei que estou sendo egoísta, porque ele não pode continuar morando naquela casa. Não sei qual meu maior medo. Ver ele partir ou implorar para ele não ir; bem egoísta.

Sei que a gente precisa conversar sobre isso. Depois vou perguntar a ele sobre Boston, quando vier para cá. Só não quis perguntar ontem porque foi mesmo um dia perfeito.

Lily

Querida Ellen,

Continue a nadar. Continue a nadar.

Ele vai se mudar para Boston.

Não estou muito a fim de falar sobre isso.

Lily

Querida Ellen,

Dessa vez, vai ser difícil para minha mãe disfarçar.

Meu pai normalmente não a acerta onde pode deixar marcas visíveis. A última coisa que deve querer é que as pessoas da cidade descubram que bate na mulher. Já o vi chutá-la algumas vezes, estrangulá-la, golpear suas costas, sua barriga, puxar seu cabelo. Sempre que ele bateu no rosto de minha mãe, foi sempre um tapa, acredito que para minimizar as marcas.

Mas eu jamais o vira fazer o que fez ontem.

Era bem tarde quando eles chegaram. Era fim de semana, então os dois foram a algum evento da comunidade. Meu pai tem uma imobiliária e também é prefeito, então eles têm muitas coisas para fazer em público, como ir a jantares de caridade. O que é irônico, porque meu pai odeia instituições de caridade. Mas acho que ele tinha uma reputação a zelar.

Atlas já estava no quarto quando eles chegaram. Escutei a briga assim que entraram pela porta. Grande parte da conversa estava abafada, mas parecia que meu pai acusava minha mãe de dar em cima de outro homem.

Mas eu conheço minha mãe, Ellen. Ela nunca faria uma coisa dessas. Se tiver acontecido algo, deve ter sido algum homem que olhou para ela e deixou meu pai enciumado. Afinal, minha mãe é muito bonita.

Eu o escutei chamá-la de puta, depois ouvi o primeiro golpe. Comecei a sair da cama, mas Atlas me segurou e me disse para não ir, que eu me machucaria. Argumentei que na verdade isso ajuda. Quando eu entro, meu pai se afasta.

Atlas tentou me convencer, mas acabei me levantando e indo até a sala.

Ellen.

Eu simplesmente...

Ele estava em cima de minha mãe.

Os dois estavam no sofá, e ele estava com a mão em volta de seu pescoço, enquanto a outra mão puxava seu vestido para cima. Ela se debatia para se livrar, e eu fiquei paralisada. Minha mãe continuou implorando para que ele saísse de cima dela, e então ele bateu em seu rosto e a mandou calar a boca. Nunca vou esquecer suas palavras:

— Quer atenção? Eu te dou um pouco de atenção, porra.

Então, ela ficou muito quieta e parou de se debater. Escutei seu choro, quando disse:

— Por favor, faça silêncio. Lily está aqui.

Ela disse: "Por favor, faça silêncio".

"Por favor, faça silêncio enquanto me estupra, querido".

Ellen, eu não sabia que um ser humano era capaz de sentir tanto ódio no coração. E não estou falando de meu pai. Estou falando de mim mesma.

Fui direto para a cozinha e abri uma gaveta. Peguei a maior faca que achei e... não sei explicar. Foi como se eu estivesse fora de mim. Eu me vi andar pela cozinha com a faca na mão, por mais que soubesse que não ia usá-la. Eu só queria estar com alguma coisa que fosse maior que eu, que o assustasse e o fizesse se afastar dela. Mas, antes que eu pudesse sair da cozinha, dois braços envolveram minha cintura e me agarraram por trás. Soltei a faca, e meu pai nem escutou, mas minha mãe sim. Nós nos olhamos enquanto Atlas me carregava de volta para o quarto. Quando estávamos no quarto, comecei a bater no peito dele, tentando voltar para a sala. Eu estava chorando e fazendo de tudo para que Atlas saísse de minha frente, mas ele não se mexeu.

Ele apenas me abraçou e disse:

— Lily, se acalme.

Ele continuou repetindo isso, e me abraçou por bastante tempo até eu aceitar que ele não ia me deixar voltar. Ele não ia me deixar pegar aquela faca.

Ele foi até a cama, pegou o casaco e começou a calçar os sapatos.

— Vamos à casa do vizinho — sugeriu ele. — Vamos chamar a polícia.

A polícia.

Minha mãe já havia me avisado para nunca chamar a polícia. Disse que a carreira de meu pai correria risco. Porém, para ser totalmente sincera, naquele momento eu não ligava para isso. Não ligava se ele era prefeito ou se todos os amigos não conheciam esse seu lado terrível. Eu só queria ajudar minha mãe, então vesti o casaco e fui até o closet pegar um sapato. Quando saí do closet, Atlas estava encarando a porta de meu quarto.

Que estava se abrindo.

Minha mãe entrou e rapidamente fechou a porta, trancando-a. Jamais vou me esquecer de como ela estava. O lábio sangrando. O olho já começando a inchar, e um tufo do cabelo caído sobre o ombro. Ela olhou para Atlas e depois para mim.

Nem parei para sentir medo por ela ter visto um garoto em meu quarto. Não me importei com isso. Eu estava preocupada com ela, nada mais. Eu me aproximei, agarrei suas mãos e a levei até minha cama. Afastei o cabelo de seu ombro e de sua testa.

— Ele vai chamar a polícia, tá bom, mãe?

Seus olhos se arregalaram de forma exagerada, e ela começou a balançar a cabeça.

— Não — respondeu, olhando para Atlas. — Não pode fazer isso. Não.

Ele já estava na janela, prestes a ir embora, então parou e se virou para mim.

— Ele está bêbado, Lily — argumentou minha mãe. — Ele escutou sua porta se fechando, então foi para nosso quarto. Ele parou. Se chamar a polícia, as coisas só vão piorar, acredite em mim. Deixe ele dormir, e isso vai passar, amanhã vai estar melhor.

Balancei a cabeça e senti as lágrimas ardendo nos olhos.

— Mãe, ele estava tentando te estuprar!

Ela negou com a cabeça e se contraiu quando eu disse isso. Balançou a cabeça de novo e disse:

— Não é assim, Lily. Nós somos casados, e às vezes o casamento é simplesmente... Você é nova demais para entender.

Fiquei completamente quieta por um instante e depois disse:

— Nossa, espero nunca entender.

Ela começou a chorar. Apoiou a cabeça nas mãos, começou a soluçar e não pude fazer nada além de abraçá-la e chorar com ela. Jamais havia visto minha mãe tão abalada. Tão magoada. Ou tão assustada. Fiquei de coração partido, Ellen.

Fiquei arrasada.

Quando ela parou de chorar, dei uma olhada no quarto e Atlas já tinha ido embora. Fomos até a cozinha, e eu a ajudei a limpar o lábio e o olho. Ela nunca fez nenhum comentário sobre ele estar em meu quarto. Nem uma palavra. Fiquei esperando ela me botar de castigo, mas isso não aconteceu. Percebi que deve ter sido porque ela é assim: varre para baixo do tapete tudo o que a magoa, e nunca mais toca no assunto.

Lily

Querida Ellen,

Acho que estou pronta para falar sobre Boston.

Atlas foi embora hoje.

Embaralhei minhas cartas tantas vezes que estou com as mãos doendo. Tenho medo de enlouquecer se não escrever e colocar para fora o que estou sentindo.

Ontem à noite não foi tão bom! A gente se beijou muito no início, mas estávamos tristes demais para nos importar. Pela segunda vez em dois dias, ele me disse que tinha mudado de ideia e não ia mais embora. Falou que não queria me deixar sozinha aqui em casa. Mas moro com meus pais há quase 16 anos. Era besteira ele recusar uma casa para ficar só por minha causa. Nós dois sabíamos disso, mas doeu mesmo assim.

Tentei não ficar muito triste, então, enquanto estávamos deitados, pedi para ele me contar sobre Boston. Falei que talvez um dia, quando me formasse, poderia ir para lá.

Seu olhar mudou quando começou a falar sobre a cidade. Com um brilho que eu nunca havia visto. Parecia até que ele estava falando do paraíso. Ele me disse que todo mundo lá tem um sotaque lindo. Em vez de "par", eles dizem "pah". Atlas jamais deve ter percebido que ele mesmo às vezes pronuncia o "r" assim. Disse que morou lá dos 9 aos 14 anos, então acho que pegou um pouco do sotaque.

Contou que o tio mora em um prédio com uma área de lazer incrível no telhado.

— Muitos apartamentos têm isso — disse ele. — Alguns têm até piscina.

Plethora, no Maine, não devia ter nenhum prédio alto o suficiente para ter um telhado com área de lazer. Fiquei imaginando como deveria ser... morar tão alto.

Perguntei se ele já tinha subido lá, e ele disse que sim. Quando era mais novo, às vezes ia ao telhado e ficava sentado, pensando enquanto observava a cidade.

Ele me contou sobre a comida. Eu já sabia que ele gostava de cozinhar, mas não fazia ideia de como era apaixonado por gastronomia. Deve ser porque ele não tem fogão nem cozinha, então tirando os cookies que fez para mim, ele nunca falou sobre culinária.

Contou sobre o porto onde, antes de se casar de novo, sua mãe o levava para pescar.

— Quero dizer, acho que Boston não é diferente das outras cidades grandes — disse ele. — Não se destaca por nada. É que... não sei. Lá tem uma energia. Uma energia muito boa. Quando as pessoas dizem que moram em Boston, elas têm orgulho. Às vezes sinto falta disso.

Passei os dedos em seu cabelo e falei:

— Bem, assim fica parecendo que é o melhor lugar do mundo. Que tudo é melhor em Boston.

Ele olhou para mim, e seus olhos estavam tristes quando disse:

— Quase tudo é melhor em Boston. Menos as garotas. Boston não tem você.

Isso me fez corar. Ele me deu um beijo muito meigo, e eu respondi:

— Boston não me tem ainda. Um dia vou me mudar para lá e te encontrar.

Ele me fez prometer. Disse que, se eu me mudasse para Boston, tudo seria realmente melhor lá, e então se tornaria a melhor cidade do mundo.

Nós nos beijamos mais um pouco. E fizemos outras coisas, mas não quero entediar você falando sobre isso. Mas isso não quer dizer que as coisas que fizemos foram entediantes.

Porque não foram.

Mas hoje de manhã precisei me despedir. Atlas me abraçou e me beijou tanto que achei que morreria se ele me soltasse.

Mas não morri. Porque ele me soltou e eu ainda estou aqui. Ainda estou viva. Ainda respiro.

Mas bem pouco.

Lily

Viro mais uma página e, então, fecho o diário. Só tem mais um texto, e não sei se estou a fim de ler agora. Talvez nunca esteja. Guardo o diário no armário, sabendo que meu capítulo com Atlas acabou. Agora ele está feliz.

Agora *eu* estou feliz.

O tempo definitivamente cura todas as feridas.

Ou pelo menos a maioria.

Apago o abajur e pego o celular para carregá-lo. Tem duas mensagens de Ryle e uma de minha mãe.

Ryle: Oi. Verdade Nua e Crua começando em 3... 2...

Ryle: Eu tinha medo de que um relacionamento fosse aumentar minhas responsabilidades. Por isso os evitei a vida inteira. Já tenho preocupações demais, e ver o estresse que o casamento de meus pais causou para os dois, e os casamentos que deram errado de alguns amigos... eu não queria nenhuma dessas coisas. Mas depois de hoje, percebi que talvez tenha muita gente fazendo tudo errado. Porque o que está acontecendo entre nós dois não parece uma responsabilidade. Parece uma recompensa. E vou dormir pensando no que foi que fiz para merecer isso.

Coloco o celular no peito e sorrio. Depois tiro print da mensagem porque vou guardá-la para sempre. Abro a terceira mensagem.

Mãe: Um médico, Lily? E TAMBÉM o próprio negócio? Quero ser você quando crescer.

Também tiro print dessa.

Capítulo Doze

— O que você está fazendo com essas pobres flores? — pergunta Allysa atrás de mim.

Fecho mais uma junta prateada e a deslizo pelo caule.

— *Steampunk*.

Ficamos paradas admirando o buquê. Quero dizer, pelo menos... eu *espero* que ela esteja admirando. Ficou melhor que imaginei. Usei anilina para tingir algumas rosas brancas de roxo. Depois, decorei os caules com diferentes elementos *steampunk*, como minúsculas juntas metálicas, e até colei um pequeno relógio na faixa de couro marrom usada para amarrar o buquê.

— *Steampunk?*

— É tendência. É um subgênero da ficção, mas está influenciando outras áreas. Arte. Música. — Eu me viro e sorrio, erguendo o buquê. — E agora... *flores*.

Allysa tira as flores de minha mão e as segura a sua frente.

— Elas são tão... estranhas. Amei demais. — Então as abraça. — Posso ficar com elas?

Eu as afasto de Allysa.

— Não, são para a vitrine da inauguração. Não estão à venda.

Pego as flores e o vaso feito na véspera. Na semana passada, encontrei um par de botas velhas com botões em um mercado de pulgas. Elas me lembraram do estilo *steampunk*, e, na verdade, foram as botas que me deram a ideia para as flores. Lavei as botas, sequei-as e colei peças de metal no couro. Depois de pincelá-las com cola, coloquei dentro de cada uma o vaso para a água.

— Allysa? — Coloco as flores na mesa central. — Tenho certeza de que é exatamente isso que eu devo fazer da vida.

— *Steampunk?* — pergunta ela.

Eu rio e me viro.

— Criar! — exclamo.

Depois viro a placa para o lado "aberto", quinze minutos antes.

Nós passamos o dia mais ocupadas que imaginamos. Entre os pedidos por telefone, pedidos pela internet e clientes na loja, nenhuma de nós tem tempo de parar e almoçar.

— Você precisa de mais funcionários — avisa Allysa ao passar por mim às 13h, segurando dois buquês — Você precisa de mais funcionários — diz ela às 14h, segurando o celular no ouvido e anotando um pedido enquanto registra a compra de alguém no caixa.

Marshall passa na loja depois das 15h e pergunta como estão as coisas.

— Ela precisa de mais funcionários — responde Allysa.

Às 16h, ajudo uma mulher a levar um buquê até o carro, e, quando volto à loja, Allysa está saindo, segurando outro buquê.

— Você precisa de mais funcionários — repete ela, exasperada.

Às 18h, ela tranca a porta e vira a placa. Depois se encosta na porta e desliza até o chão, olhando para mim.

— Eu sei — digo. — Preciso de mais funcionários.

Ela apenas concorda com a cabeça.

E depois nós duas rimos. Eu me aproximo e me sento a seu lado. Encostamos nossas cabeças e observamos a loja. As flores *steampunk* estão em grande destaque, e apesar de eu ter me recusado a vender aquele buquê em particular, tivemos oito pedidos do tipo.

— Estou orgulhosa de você, Lily — diz ela.

Sorrio.

— Eu não teria conseguido sem você, Issa.

Ficamos sentadas por vários minutos, curtindo o descanso que nossos pés finalmente desfrutavam. Para ser sincera, esse foi um dos melhores dias de minha vida, mas não consigo deixar de sentir uma tristeza chata por Ryle não ter aparecido. Nem ao menos mandou uma mensagem.

— Teve notícias de seu irmão hoje? — pergunto.

Ela nega com a cabeça.

— Não, ele deve estar ocupado, só isso.

Assinto. Sei que ele está ocupado.

Olhamos para cima quando alguém bate à porta. Sorrio quando o vejo com as mãos em concha ao redor dos olhos, encostando o rosto na vitrine. Ele finalmente olha para baixo e nos encontra sentadas no chão.

— Falando no diabo... — diz Allysa.

Eu me levanto em um pulo e destranco a porta. Assim que faço isso, ele já vai entrando.

— Eu perdi, não foi? Perdi. — Ele me abraça. — Desculpe, tentei chegar o mais rápido que pude.

— Tudo bem — digo, retribuindo o abraço. — Você veio. Foi perfeito.

Estou muito animada porque ele conseguiu vir, no fim das contas.

— *Você* que é perfeita — diz ele, me beijando.

Allysa passa por nós.

— *Você* que é perfeita — imita ela. — Ei, Ryle, adivinhe só?

Ryle me solta.

— O quê?

Allysa pega a lixeira e a coloca no balcão.

— Lily precisa contratar mais funcionários.

Rio de sua repetição sem fim.

— Pelo jeito os negócios foram bem — diz Ryle, e aperta minha mão.

Dou de ombros.

— Não dá para reclamar. Quero dizer... não sou uma *neurocirurgiã*, mas sou muito boa no que faço.

Ryle ri.

— Vocês precisam de ajuda para limpar?

Allysa e eu o colocamos para trabalhar, nos ajudando a arrumar depois do grande dia. Terminamos tudo e deixamos a loja pronta para o dia seguinte, e então Marshall chega assim que acabamos. Ele traz uma sacola e a coloca no balcão. Começa a tirar grandes pedaços amontoados de tecido e joga um para cada um de nós. Pego o meu e o desdobro.

É um kigurumi.

Com estampa de gatinhos.

— Jogo do Bruins. Cerveja de graça. Vamos nos vestir, time!

— Marshall — diz Allysa, gemendo. — Você ganhou seis milhões de dólares este ano. A gente *realmente* precisa de cerveja de graça?

Ele coloca o dedo nos lábios da mulher, empurrando-os em direções opostas.

— Shh! Não fale como uma garota rica, Issa. Que blasfêmia.

Ela ri, e Marshall pega o macacão de suas mãos. Ele abre o zíper e a ajuda a se vestir. Depois que estamos todos prontos, trancamos a porta e vamos para o bar.

Nunca na vida vi tantos homens de macacão pijama. Allysa e eu somos as únicas mulheres vestidas assim, mas meio que gosto disso. Está o maior barulho. Tanto que toda vez que o Bruins acerta uma jogada, eu e Allysa tapamos os ouvidos por causa dos gritos. Depois de meia hora, uma mesa fica vaga no primeiro andar e nós corremos para pegá-la.

— Bem melhor — comenta Allysa enquanto nos sentamos.

Aqui em cima é bem mais silencioso, apesar de ser barulhento se comparado aos padrões normais.

Uma garçonete aparece para anotar o que queremos beber. Peço vinho tinto, e, assim que faço isso, Marshall praticamente pula da cadeira.

— Vinho? — grita ele. — Você está à caráter! Vinho não é grátis com o pijama!

Ele pede à garçonete uma cerveja para mim. Ryle fala para ela trazer vinho. Allysa quer água, o que deixa Marshall ainda mais chateado. Ele insiste para a garçonete trazer quatro garrafas de cerveja, mas depois Ryle diz:

— Duas cervejas, um vinho tinto e uma água.

A garçonete se afasta bem confusa de nossa mesa.

Marshall joga os braços ao redor de Allysa e a beija.

— Como vou tentar te engravidar hoje se você não estiver nem um pouco bêbada?

A expressão de Allysa muda, e imediatamente me sinto mal por ela. Sei que Marshall está brincando, mas ela deve se chatear com essas coisas. Uns dias antes, ela me contou como se sentia deprimida por não conseguir engravidar.

— Não posso beber cerveja, Marshall.

— Então pelo menos tome vinho. Você gosta mais de mim quando está altinha.

Ele ri de si mesmo, mas Allysa não o acompanha.

— Também não posso beber vinho. Não posso tomar *nenhuma* bebida alcoólica.

Marshall para de rir.

Meu coração dá uma cambalhota.

Marshall se vira e lhe agarra os ombros, forçando-a a encará-lo.

— Allysa?

Ela começa a balançar a cabeça, e não sei quem começa a chorar primeiro. Eu, Marshall ou Allysa.

— Vou ser pai? — grita ele.

Ela continua balançando a cabeça, e estou aos prantos feito uma idiota. Marshall se levanta em um pulo da mesa e grita:

— Vou ser pai!

Nem sei descrever em palavras o momento. Um adulto de *kigurumi*, ficando em pé em uma mesa de bar, gritando que vai ser pai para quem quiser ouvir. Ele levanta Allysa e a puxa para cima da mesa. Ele a beija, e é a coisa mais meiga que já vi.

Até eu olhar para Ryle e perceber que ele está mordendo o lábio inferior, como se tentasse conter uma possível lágrima. Ele olha para mim e nota que o estou encarando, então desvia o olhar.

— Cale a boca — diz ele. — Ela é minha irmã.

Sorrio, me aproximo e beijo sua bochecha.

— Parabéns, tio Ryle.

Depois que os futuros pais param de se agarrar, eu e Ryle nos levantamos e desejamos parabéns. Allysa explica que tem se sentido enjoada há um tempo, mas só fez o teste hoje de manhã antes da inauguração. Ela ia esperar e contar para Marshall quando chegassem em casa, mas não conseguiu se segurar por nem mais um segundo.

Nossas bebidas chegam, e pedimos a comida. Quando a garçonete se afasta, olho para Marshall.

— Como vocês se conheceram?

— Allysa conta a história melhor que eu — responde ele.

Allysa se anima e se inclina para a frente.

— Eu o odiava — confessa ela. — Era o melhor amigo de Ryle e estava sempre lá em casa. Eu o achava tão irritante... Havia acabado de se mudar para Ohio, e tinha sotaque de Boston. Ele se achava o máximo por causa disso, mas eu queria dar um tapa em sua cara toda vez que falava alguma coisa.

— Ela é um *amor* — ironiza Marshall.

— Você era um idiota — retruca Allysa, revirando os olhos. — Enfim, um dia Ryle e eu convidamos alguns amigos lá para casa. Nada de mais. Nossos pais estavam viajando, então é evidente que fizemos uma festinha.

— Eram trinta pessoas — corrige Ryle. — Era uma festa de verdade.

— Tá, uma festa de verdade — cede Allysa. — Entrei na cozinha, e Marshall estava lá com uma baranga.

— Ela não era baranga — explica ele. — Era uma garota legal. Tinha gosto de Cheetos, mas...

Allysa o fulmina com o olhar, então ele cala a boca. Então ela se volta para mim.

— Eu surtei — confessa ela. — Comecei a gritar que ele devia levar as piriguetes para a própria casa. A garota ficou com tanto medo de mim que literalmente saiu correndo da casa e não voltou mais.

— Empata-foda — comenta Marshall.

Allysa lhe dá um soco no ombro.

— Enfim, depois que dei uma de empata-foda, fui correndo para meu quarto com vergonha do que tinha feito. Foi puro ciúme, e eu só percebi que gostava de Marshall quando vi suas mãos na bunda de outra. Eu me joguei na cama e comecei a chorar. Alguns minutos depois, ele entrou no quarto e perguntou se eu estava bem. Rolei na cama e gritei: "Eu gosto de você, seu cara de merda ridículo!".

— E o resto é história... — diz Marshall.

Eu rio.

— Ohn. Cara de merda ridículo. Que meigo.

— Está esquecendo a melhor parte — diz Ryle, erguendo o dedo.

Allysa dá de ombros.

— Ah, é! Então Marshall se aproximou de mim, me puxou da cama, me beijou com a mesma boca que estava beijando a piriguete, e a gente ficou se agarrando por meia hora. Até que Ryle entrou em meu quarto e começou a gritar com Marshall. E depois Marshall empurrou meu irmão para fora, trancou a porta e ficou me agarrando por mais uma hora.

Ryle balança a cabeça.

— Fui traído pelo melhor amigo!

Marshall puxa Allysa para perto.

— Eu gosto de sua irmã, seu cara de merda ridículo.

Eu rio, mas Ryle se vira para mim, sério.

— Fiquei sem falar com ele por um mês de tanta raiva. Com o tempo, superei. A gente tinha 18 anos, ela, 17. Eu não podia impedir os dois.

— Nossa! — exclamo. — Às vezes esqueço que vocês têm quase a mesma idade.

— Três filhos em três anos — diz Allysa e sorri. — Tenho muita pena de meus pais.

Todo mundo na mesa fica quieto. Vejo um olhar pesaroso passar de Allysa para Ryle.

— Três? — pergunto. — Vocês têm outro irmão?

Ryle se empertiga e toma um gole da cerveja. Ele a coloca de volta na mesa e diz:

— A gente tinha um irmão mais velho. Ele faleceu quando éramos crianças.

Uma noite tão boa estragada por uma única pergunta. Felizmente, Marshall muda de assunto de forma muito eficaz.

Passo o resto da noite escutando histórias sobre a infância dos três. Acho que nunca ri tanto quanto hoje.

Quando o jogo acaba, todos voltamos para a loja para pegar nossos carros. Ryle disse que veio de Uber mais cedo, então me acompanha. Antes que Allysa e Marshall se despeçam, digo para ela esperar. Entro na loja correndo, pego as flores *steampunk* e volto para o carro dos dois. Seu rosto se alegra quando as entrego a ela.

— Estou feliz pela gravidez, mas não é por isso que estou te dando as flores. Simplesmente quero que fique com elas. Porque você é minha melhor amiga.

Allysa me aperta e sussurra em meu ouvido:

— Espero que ele se case com você um dia. Seremos irmãs ainda melhores.

Ela entra no carro, e eles partem. Fico parada, observando, porque acho que nunca tive uma amiga como ela. Talvez seja o vinho. Não sei, mas estou amando o dia. Tudo o que aconteceu. Amo especialmente ver Ryle com essa aparência, encostado em meu carro, me observando.

— Você fica muito bonita quando está feliz.

Ohn! Que dia! Perfeito!

⋆⋆⋆

Enquanto subimos os degraus de meu prédio, Ryle agarra minha cintura e me joga na parede. E simplesmente começa a me beijar ali, bem no meio da escada.

— Impaciente — murmuro.

Ele ri e aperta minha bunda.

— Não. É o *kigurumi*. Você devia mesmo considerar usar isso no trabalho.

Ele me beija novamente, e só para quando alguém passa por nós, descendo a escada.

— Belos pijamas — murmura um cara ao passar por nós. — Os Bruins ganharam?

Ryle confirma com a cabeça.

— Três a um — responde ele, sem olhar para o rapaz.

— Legal.

Depois que ele vai embora, eu me afasto de Ryle.

— E essa história do pijama, todo homem de Boston conhece, é?

— Cerveja grátis, Lily — responde, rindo. — É cerveja grátis.

Ele me puxa pela escada, e, quando entramos no apartamento, encontramos Lucy na cozinha, fechando com fita uma caixa com suas coisas. Ainda há outra caixa, que ela não fechou, e juro que vi uma tigela que comprei na loja HomeGoods bem em cima. Ela disse que levaria todas as suas coisas na próxima semana, mas tenho a impressão de que vai levar convenientemente alguns objetos *meus* também.

— Quem é você? — pergunta ela, olhando Ryle da cabeça aos pés.

— Ryle Kincaid. Namorado de Lily.

Namorado de Lily.

Escutou isso?

Namorado.

É a primeira vez que ele confirma, e falou cheio de convicção.

— Meu namorado, é?

Entro na cozinha, pego uma garrafa de vinho e duas taças.

Ryle se aproxima por trás enquanto sirvo a bebida, e seus braços envolvem minha cintura.

— Isso mesmo. Seu namorado.

— Então quer dizer que sou sua namorada? — pergunto ao lhe entregar o cálice.

Ele ergue a taça e a encosta na minha.

— Ao fim dos testes e ao começo de coisas definidas.

Estamos sorrindo enquanto tomamos um gole do vinho.

Lucy empilha as caixas e surge na porta.

— Pelo jeito, saí daqui na hora certa — diz ela.

A porta se fecha, e Ryle ergue a sobrancelha.

— Acho que sua companheira de apartamento não gosta muito de mim.

— Você nem imagina. Eu também pensei que ela não gostava de mim, mas ontem me convidou para ser madrinha de seu casamento. Mas acho que só está fazendo isso para ganhar as flores. É muito oportunista.

Ryle ri e se encosta na geladeira. Os olhos se fixam em um ímã que diz *Boston*. Ele o tira da geladeira e ergue a sobrancelha.

— Você nunca vai sair do purgatório de Boston se tiver uma lembrancinha da cidade na geladeira como uma turista.

Rio e pego o ímã, devolvendo-a à geladeira. Fico feliz por ele se lembrar de tanta coisa da noite em que nos conhecemos.

— Foi um presente. Só conta como lembrancinha de turista se eu mesma comprar.

Ele se aproxima de mim e tira a taça de minha mão. Coloca as duas taças no balcão, chega mais perto e me dá um beijo apaixonado e bêbado. Sinto o gosto frutado e ácido do vinho em sua língua dele e acho gostoso. Suas mãos vão até o zíper de meu pijama.

— Vamos tirar essa roupa.

Ele me puxa até o quarto, me beijando enquanto nós, atrapalhados, tiramos nossas roupas. Quando chegamos ao quarto, estou só de calcinha e sutiã.

Ele me encosta na porta, e eu arfo com esse movimento inesperado.

— Não se mexa — diz.

Ele pressiona os lábios em meu peito e começa a me beijar lentamente enquanto desce por meu corpo.

Meu Deus. Impossível este dia ficar ainda melhor.

Passo as mãos em seu cabelo, mas Ryle agarra meus pulsos e os encosta na porta. Ele sobe de volta por meu corpo, apertando meus pulsos com firmeza. Então ergue a sobrancelha, me avisando:

— Eu disse... não se mexa.

Tento não sorrir, mas é difícil disfarçar. Sua boca se arrasta de novo, descendo meu corpo. Ele abaixa minha calcinha lentamente até os tornozelos, mas ele disse para eu não me mexer, então não a tiro do lugar.

Sua boca sobe por minha coxa, deslizando até...

Pois é.

Melhor.

Dia.

De.

Todos.

Capítulo Treze

Ryle: Está em casa ou no trabalho?
Eu: Trabalho. Devo terminar em uma hora.
Ryle: Posso passar aí?
Eu: Sabe quando as pessoas dizem que não existe pergunta idiota? Elas não têm razão. Sua pergunta foi idiota.
Ryle: :)

Meia hora depois, ele bate à porta da floricultura. Já fechei há quase três horas, mas ainda estou no escritório, tentando me organizar em meio ao caos que foi esse primeiro mês. A loja ainda é muito recente para projetar com precisão o retorno. Alguns dias são ótimos, outros são tão lentos que dispenso Allysa. Mas, no geral, estou feliz com o resultado até o momento.

E feliz com Ryle e nosso relacionamento.

Destranco a porta para Ryle entrar. Ele veste uniforme hospitalar azul-claro, e ainda traz o estetoscópio no pescoço. Acabou de sair do trabalho. Um detalhe muito bom. Juro que toda vez que o vejo assim, preciso disfarçar meu sorriso ridículo. Eu lhe dou um beijo rápido e volto a atenção para o escritório.

— Preciso terminar algumas coisas, e depois a gente pode ir lá para casa.

Ele me acompanha até o escritório e fecha a porta.

— Tem um sofá aqui? — pergunta ele, olhando ao redor.

Passei parte da semana dando os retoques finais. Comprei alguns abajures para não ter de ligar as fortes lâmpadas fluorescentes. Os abajures deixam o cômodo com uma luz suave. Também comprei algumas plantas para decorar. Não é um jardim, porém é o mais próximo de um. Este cômodo mudou bastante desde que era usado para guardar engradados.

Ryle se aproxima do sofá e se joga ali, o rosto virado para baixo.

— Não precisa ter pressa — murmura ele no travesseiro. — Fico cochilando aqui até você terminar.

Às vezes, me preocupo por ele ser muito exigente consigo mesmo no trabalho, mas não digo nada. Estou sentada em meu escritório há doze horas, então, quem sou eu para falar sobre ambição demais?

Passo uns quinze minutos finalizando pedidos. Quando termino, fecho o laptop e olho para Ryle.

Achei que ele estaria dormindo, mas está de lado, apoiando a cabeça na mão. Passou o tempo inteiro me observando, e ver seu sorriso me faz corar. Empurro a cadeira para trás e me levanto.

— Lily, acho que gosto de você um pouco demais — confessa ele, enquanto me aproximo.

Enrugo o nariz. Ele se senta no sofá e me põe no colo.

— Um pouco demais? Isso não parece um elogio.

— Porque não sei se é — diz ele, ajustando minhas pernas, uma em cada lado do corpo, e envolvendo minha cintura com os braços. — É meu primeiro relacionamento de verdade. Não sei se eu já devia gostar tanto de você assim. Não quero assustá-la.

Sorrio.

— Como se isso fosse possível. Você trabalha demais, não daria tempo para me sufocar.

Ele esfrega as mãos em minhas costas.

— Você se incomoda que eu trabalhe muito?

Nego com a cabeça.

— Não. Eu me preocupo porque não o quero exaurido. Mas não me incomodo de te dividir com sua paixão. Na verdade, gosto de como é ambicioso. Acho sexy. Talvez seja até o que eu mais goste em você.

— Sabe o que eu mais gosto em você?

— Essa resposta eu já sei — digo, sorrindo. — Minha boca.

Ele inclina a cabeça e a encosta no sofá.

— Ah, é. Isso em primeiro lugar. Mas sabe qual é minha segunda coisa preferida?

Balanço a cabeça.

— Você não me pressionou para que eu fosse algo que não sou capaz de ser. Me aceitou exatamente como sou.

Eu rio.

— Bem, para ser justa, você está um pouco diferente de quando te conheci. Não é mais tão antinamorada.

— É porque você facilita tudo — argumenta ele, deslizando a mão por dentro da parte de trás de minha camisa. — É fácil ficar com você. Ainda posso ter a carreira que sempre quis, mas com todo o apoio que você me dá, ela fica dez vezes melhor. Quando estamos juntos, sinto que posso ter tudo.

Agora sua outra mão também está debaixo de minha camisa, pressionando minhas costas. Ele me puxa para perto e me beija. Sorrio em sua boca e sussurro:

— E o que você acha de ter tudo?

Uma de suas mãos sobe até a parte de trás de meu sutiã e o abre com facilidade.

— Acho bom, mas preciso provar mais uma vez só para garantir.

Ele puxa minha camisa e meu sutiã pela cabeça. Começo a me afastar, querendo tirar a calça jeans, mas ele me puxa de volta para seu colo. Depois pega o estetoscópio, coloca nos ouvidos e pressiona o diafragma em meu peito, bem em cima do coração.

— Por que seu coração está tão acelerado, Lily?

Dou de ombros inocentemente.

— Deve ter alguma coisa a ver com você, Dr. Kincaid.

Ele solta a ponta do estetoscópio e me tira do colo, me empurrando no sofá. Depois abre minhas pernas e se ajoelha entre elas, colocando o estetoscópio em meu peito novamente. Ele usa a outra mão para se apoiar enquanto fica ouvindo meu coração.

— Eu diria que deve estar a uns 90 batimentos por minuto — constata ele.

— Isso é bom ou ruim?

Ele sorri e se acomoda em cima de mim.

— Vou ficar satisfeito quando atingir 140.

Pois é. Se meu coração alcançar 140, também acho que vou ficar satisfeita.

Ele aproxima a boca de meu peito e meus olhos se fecham quando sinto sua língua deslizar em meus seios. Ele me toma em sua boca, mantendo o estetoscópio em meu peito o tempo inteiro.

— Agora deve estar em 100 — diz ele.

Ryle põe o estetoscópio no pescoço de novo e se afasta, desabotoando minha calça. Depois de tirá-la, ele me vira para que eu fique deitada de barriga para baixo, com os braços por cima do braço do sofá.

— Fique de joelhos — pede.

Faço o que ele diz, e, antes mesmo de me ajeitar, sinto o metal frio do estetoscópio em meu peito de novo, desta vez com seu braço me segurando por trás. Fico parada enquanto ele escuta meu batimento cardíaco. Sua outra mão começa a procurar um caminho entre minhas pernas, entrando em minha calcinha e em mim. Agarro o sofá, mas tento fazer o mínimo de barulho enquanto ele ausculta meu coração.

— 110 — diz ele, ainda insatisfeito.

Depois puxa meus quadris para perto, para que eu encoste nele, e então o sinto despir o uniforme. Ele agarra meu quadril com uma das mãos enquanto afasta minha calcinha para o lado com a outra. Depois me penetra até ficar totalmente dentro de mim.

Estou agarrando o sofá com os punhos cerrados em desespero, e ele para, querendo escutar meu coração de novo.

— Lily — diz ele, fingindo decepção. — Cento e vinte. Ainda não chegou aonde eu quero.

O estetoscópio desaparece novamente, e seu braço envolve minha cintura. Sua mão desce deslizando em minha barriga e se acomoda entre minhas pernas. Não consigo mais aguentar seu ritmo. Mal consigo ficar de joelhos. De algum modo, ele está me segurando com uma das mãos, e acabando comigo da melhor maneira possível com a outra. Assim que começo a tremer, ele me ergue até minhas costas encostarem em seu peito. Ele ainda está dentro de mim, mas se concentra em meu coração de novo, enquanto leva o estetoscópio para a frente de meu peito.

Gemo, e ele pressiona os lábios em meu ouvido.

— Shh. Sem barulho.

Não faço ideia de como aguentar os próximos trinta segundos sem gemer. Um de seus braços está a meu redor, com o estetoscópio pressionado em meu peito; seu outro braço está firme em minha barriga, e sua mão continua fazendo mágica entre minhas pernas. De algum modo, ele continua dentro de mim, e eu tento me mover em sua direção, mas Ryle continua firme como uma pedra enquanto os tremores começam a percorrer meu corpo. Minhas pernas estremecem, e minhas mãos estão nas laterais de meu corpo, agarrando suas coxas enquanto uso todas as minhas forças para não gritar seu nome.

Ainda estou tremendo quando ele ergue minha mão e coloca o diafragma no pulso. Depois de vários segundos, afasta o estetoscópio e o joga no chão.

— Cento e cinquenta — diz ele, satisfeito.

Ryle sai de mim e me coloca deitada de costas. Sua boca encontra a minha, e ele me penetra de novo.

Meu corpo está fraco demais para se mover, e nem consigo abrir os olhos para observá-lo. Ele dá várias estocadas dentro de mim, e depois fica parado, gemendo em minha boca. Ele se acomoda em cima de mim, rijo, mas trêmulo.

Depois beija meu pescoço, e seus lábios encostam na tatuagem de coração em minha clavícula. Por fim, se acomoda na curva de meu pescoço e suspira.

— Já disse esta noite como eu gosto de você?

Eu rio.

— Uma ou duas vezes.

— Então vai ser a terceira vez — diz ele. — Eu gosto de você. Gosto de tudo em você, Lily. De ficar dentro de você. De ficar fora de você. De ficar perto de você. Gosto de tudo.

Sorrio, amando sentir suas palavras na pele. Dentro do coração. Abro a boca para dizer que também gosto dele, mas minha voz é interrompida pelo toque de seu celular.

Ele geme em meu pescoço, sai de mim e pega o aparelho. Coloca o uniforme no lugar e ri ao ver o identificador de chamadas.

— É minha mãe — explica ele, se inclinando e beijando meu joelho apoiado na parte de trás do sofá.

Ele deixa o celular de lado, se levanta, vai até minha escrivaninha e pega uma caixa de lenços.

É sempre constrangedor se limpar depois do sexo. Mas acho que nunca foi constrangedor assim, porque sabemos que sua mãe está à espera.

Depois de me vestir, ele me puxa para perto no sofá e eu me deito em cima dele, apoiando a cabeça em seu peito.

Já são mais de 22h, e estou tão confortável que considero passar a noite aqui. O celular de Ryle toca de novo, avisando que ele tem uma nova mensagem de voz. Só de pensar em vê-lo interagindo com a mãe, eu sorrio. Allysa fala pouco sobre os pais, mas jamais falei sobre eles com Ryle.

— Você se dá bem com seus pais?

Seu braço acaricia o meu delicadamente.

— Sim. São gente boa. Passamos por uma fase difícil quando eu era adolescente, mas já nos resolvemos. Agora eu falo com minha mãe quase todo dia.

Cruzo os braços por cima de seu peito e apoio o queixo neles, olhando para Ryle.

— Pode me contar mais sobre sua mãe? Allysa falou que eles se mudaram para a Inglaterra há alguns anos. E que estavam de férias na Austrália, mas isso foi tipo um mês atrás.

Ele ri.

— Minha mãe? Bem... minha mãe é muito autoritária. Bastante crítica, especialmente com as pessoas que mais ama. Ela nunca perdeu um culto na igreja. E jamais a ouvi referir-se a meu pai sem ser como Dr. Kincaid.

Apesar das advertências, ele sorri o tempo inteiro enquanto fala sobre ela.

— Seu pai também é médico?

Ele assente.

— Psiquiatra. Ele escolheu uma área que o permitisse levar uma vida normal. Cara esperto.

— Eles costumam visitar você em Boston?

— Não, minha mãe odeia viajar de avião, então eu e Allysa vamos à Inglaterra cerca de duas vezes ao ano. Mas ela quer te conhecer, então acho que irá conosco da próxima vez.

Sorrio.

— Você falou de mim para sua mãe?

— Óbvio — diz ele. — Isso é meio que extraordinário, sabe? Eu com uma namorada. Ela me liga todo dia para conferir se eu não acabei estragando tudo.

Eu rio, o que o faz pegar o celular.

— Acha que estou brincando? Tenho certeza de que ela mencionou você na mensagem de voz que acabou de deixar.

Ele pressiona alguns números e toca a mensagem de voz.

— *Oi, querido! É sua mãe. Não falo com você desde ontem. Estou com saudade. Mande um beijo para Lily. Ainda estão juntos, não é? Allysa disse que você só fala sobre ela. Ainda é sua namorada, não é? Tá bom. Gretchen está aqui, estamos tomando o chá da tarde. Amo vocês. Beijinhos.*

Apoio o rosto em seu peito e rio.

— Só estamos juntos há alguns meses. Você fala tanto de mim assim?

Ele pega minha mão e a beija.

— Falo. Demais, Lily. Demais mesmo.

Sorrio.

— Não vejo a hora de conhecer seus pais. Além de criarem uma filha incrível, eles fizeram você. É bem impressionante.

Seus braços me apertam, e ele me beija no alto da cabeça.

— Qual era o nome de seu irmão? — pergunto.

Sinto ele se enrijecer um pouco com a pergunta. Eu me arrependo de tocar no assunto, mas é tarde para voltar atrás.

— Emerson.

Pelo tom de voz, percebo que ele não quer falar sobre isso. Em vez de pressioná-lo, ergo a cabeça e chego para a frente, encostando a boca na sua.

Eu devia saber que com Ryle os beijos não param por aí. Em questão de minutos, ele está dentro de mim de novo, mas agora é totalmente diferente.

Dessa vez, fazemos amor.

Capítulo Catorze

Meu telefone toca. Olho a tela para ver quem é e fico um pouco surpresa. É a primeira vez que Ryle me liga. Sempre nos falamos por mensagem. É muito estranho ter um namorado há mais de três meses e nunca ter falado com ele ao telefone.

— Alô?

— Oi, namorada — diz ele.

Sorrio melosamente ao ouvir sua voz.

— Oi, namorado.

— Adivinha só...

— O quê?

— Amanhã estou de folga. E no domingo sua floricultura só abre às 13h. Estou indo para sua casa com duas garrafas de vinho. Quer passar a noite com seu namorado, fazendo sexo embriagado a noite inteira, e dormir até meio-dia?

Fico constrangida com o que as palavras causam em mim. Sorrio e digo:

— Adivinhe só...

— O quê?

— Estou preparando um jantar para você. E estou de avental.

— Ah, é? — diz ele.

— *Só* de avental.

Desligo.

Alguns segundos depois, recebo uma mensagem.

Ryle: Foto, por favor.

Eu: Venha para cá e tire você mesmo a foto.

Estou quase terminando de preparar a mistura do ensopado quando a porta se abre. Coloco tudo na travessa de vidro e não me viro quando o escuto entrar

na cozinha. Falei que estava só de avental, e é verdade. Nem estou de calcinha.

Eu o escuto respirar pela boca quando me abaixo para abrir o forno e colocar a travessa ali dentro. Talvez eu tenha abaixado um pouco mais, só para me exibir. Depois de fechar o forno, não me viro para ele. Pego um pano e começo a limpar o forno, fazendo questão de balançar o máximo possível os quadris. Dou um gritinho quando sinto uma picada no glúteo direito. Eu me viro, e Ryle está sorrindo, segurando duas garrafas de vinho.

— Você me *mordeu?*

Ele me olha com inocência.

— Não provoque o escorpião se não quiser ser picada. — Ele me olha dos pés à cabeça enquanto abre uma das garrafas. Em seguida a ergue antes de nos servir. — É *vintage*.

— *Vintage* — digo, fingindo estar impressionada. — Qual é a ocasião especial?

Ele me entrega uma taça e diz:

— Vou ser tio. Tenho uma namorada muito gostosa. E na segunda-feira vou fazer uma separação de craniopagus raríssima, talvez pela única vez na vida.

— Cranio... *o quê?*

Ele termina de beber a taça e se serve de outra.

— Separação de craniopagus. Gêmeos siameses — diz ele. Depois aponta para um ponto no topo da cabeça e encosta o dedo. — Ligados aqui. Estudamos os dois desde que nasceram. É uma cirurgia muito rara. *Muito* rara.

Pela primeira vez, estou genuinamente animada por ele ser médico. Quero dizer, admiro sua determinação. Admiro sua dedicação. Mas observá-lo se empolgar com o que faz da vida é extremamente sexy.

— Quanto tempo acha que vai demorar? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Não sei direito. Eles são novos, então é preocupante deixá-los sob efeito da anestesia geral por tempo demais. — Ele ergue a mão direita e balança os dedos. — Mas esta aqui é uma mão muito especial, que já passou por quase meio milhão de dólares de especialização. Levo muita fé nesta mão.

Eu me aproximo e pressiono os lábios na palma de sua mão.

— Também gosto um pouquinho desta mão.

Ele desliza a mão até meu pescoço e me vira, me encostando no balcão. Arfo, porque não esperava isso.

Ele se encosta em mim, vindo por trás, e suas mão descem lentamente pela lateral de meu corpo. Encosto as mãos no granito e fecho os olhos, já sentindo o efeito do vinho.

— Esta mão... — sussurra ele. — Esta é a mão mais firme de toda a cidade de Boston.

Ele empurra minha nuca, me fazendo curvar por cima do balcão. Sua mão encosta na parte de dentro de meu joelho e desliza para cima. Bem devagar. *Caramba.*

Ele separa minhas pernas e enfia os dedos em mim. Gemo e tento encontrar alguma coisa onde me segurar. Agarro a torneira quando ele começa a fazer sua mágica.

E, então, feito mágica, a mão desaparece.

Escuto Ryle sair da cozinha. Eu o vejo passar diante do balcão. Pisca para mim, vira o resto do vinho e diz:

— Vou tomar uma ducha rápida.

Que provocador.

— Babaca! — grito para ele.

— Não sou nada babaca! — rebate ele de meu quarto. — Sou um neurocirurgião altamente treinado!

Eu rio e me sirvo de outra taça de vinho.

Ele vai ver quem sabe provocar.

✦✦✦

Estou na terceira taça quando ele sai do quarto.

Sentada no sofá, falo ao telefone com minha mãe e o observo ir até a cozinha e se servir de outra taça.

Esse vinho é mesmo muito bom.

— O que você vai fazer hoje? — pergunta minha mãe.

Eu a coloco no viva voz. Ryle está encostado em uma parede, me vendo conversar com ela.

— Nada de mais. Vou ajudar Ryle a estudar.

— Isso... não parece muito interessante — diz ela.

Ryle pisca para mim.

— Na verdade, é bem interessante — retruco. — Eu o ajudo muito a estudar. Ajudo principalmente com a coordenação motora das mãos. Na

verdade, acho que vamos passar a noite toda estudando.

As três taças de vinho me deixaram ousada. Não acredito que estou flertando com ele enquanto converso com minha mãe. *Eca!*

— Preciso ir — digo a ela. — Amanhã vamos sair para jantar com Allysa e Marshall, então te ligo na segunda.

— Ah, é? Aonde vocês vão?

Reviro os olhos. Ela não se toca.

— Não sei. Ryle, aonde vamos?

— Àquele lugar onde jantamos com sua mãe — responde ele. — Bib's. Fiz uma reserva para às 18h.

Sinto como se meu coração afundasse no peito.

— Ah, ótima escolha — comenta ela.

— Pois é, para quem gosta de pão velho... Tchau, mãe.

Desligo e olho para Ryle.

— Não quero voltar lá. Não gostei. Vamos a um lugar novo.

Não digo que *realmente* não quero voltar lá. Mas como explicar ao namorado novinho em folha que você está tentando evitar seu primeiro amor?

Ryle se afasta da parede.

— Você vai gostar — garante ele. — Allysa está animada para visitar o lugar depois que contei tudo sobre o restaurante.

Talvez eu dê sorte e Atlas não esteja trabalhando.

— Por falar em comida... — diz Ryle. — Estou morrendo de fome.

O ensopado!

— Ah, merda! — xingo, rindo.

Ryle vai correndo até a cozinha, eu me levanto e o acompanho. Entro bem na hora que ele abre o forno e acena para afastar a fumaça. *Estragado.*

De repente, fico tonta por ter me levantado depressa demais depois de tomar três taças de vinho. Eu me seguro no balcão ao lado dele para me equilibrar, e logo depois ele enfia a mão no forno para pegar o ensopado queimado.

— Ryle! Você precisa de um...

— Merda! — grita ele.

— De um pegador de panela.

O ensopado cai de sua mão e se espatifa no chão, espalhando comida para todo lado. Levanto o pé para desviar dos cacos de vidro e do frango com cogumelos. Começo a rir assim que percebo que ele nem considerou usar um pegador de panela.

Deve ser o vinho. *Esse vinho é muito forte.*

Ele bate a porta do forno e vai até a torneira, colocando a mão debaixo da água fria, murmurando palavrões. Tento me segurar para não rir, mas o vinho e todas as coisas ridículas que aconteceram nos últimos segundos não me ajudam. Olho para o chão, para a bagunça que vamos ter de limpar, e caio na gargalhada. Ainda estou rindo enquanto me inclino para dar uma olhada na mão de Ryle. Espero que ele não tenha se machucado muito feio.

De repente, não estou mais rindo. Estou no chão, pressionando a mão no canto do olho.

Em questão de um segundo, o braço de Ryle apareceu do nada e me atingiu, me derrubando para trás. Ele usou força suficiente para que eu me desequilibrasse. Quando caí, meu rosto bateu em um dos puxadores do armário.

Sinto a dor se espalhando a partir do canto do olho, chegando bem perto de minha têmpora.

E então sinto o peso.

Em seguida, aflição, que pressiona cada parte de mim. Muita gravidade empurrando para baixo minhas emoções. Tudo se despedaça.

Minhas lágrimas, meu coração, minha risada, minha *alma*. Despedaçados feito cacos de vidro, caindo ao redor.

Abraço minha cabeça e desejo, com toda a força, que os últimos dez segundos desapareçam.

— Que saco, Lily! — reclama ele. — Não tem graça. Esta mão é minha carreira, porra!

Não o encaro. Dessa vez, sua voz não se infiltra em meu corpo. Parece que está me esfaqueando, as palavras afiadas me atingindo como espadas. Então sinto que ele está a meu lado, com sua *maldita mão* em minhas costas.

Massageando.

— Lily — diz ele. — Meu Deus. *Lily*.

Ele tenta afastar meus braços da cabeça, mas me recuso a permitir. Começo a balançar a cabeça, querendo esquecer os últimos quinze segundos. *Quinze segundos*. Só isso já basta para mudar completamente tudo sobre uma pessoa.

Quinze segundos que nunca teremos de volta.

Ele me puxa para perto e começa a beijar o topo de minha cabeça.

— Me desculpe mesmo. Foi só que... Eu queimei minha mão. Entrei em pânico. Você estava rindo e... me desculpe mesmo, Lily, aconteceu muito rápido. Eu não queria te empurrar, Lily, me desculpe.

Dessa vez, não escuto a voz de Ryle. Tudo que ouço é a voz de meu pai.

"Desculpe, Jenny. Foi um acidente. Me desculpe mesmo".

— Desculpe, Lily. Foi um acidente. Me desculpe mesmo.

Só quero que ele se afaste de mim. Uso todas as forças que tenho nas mãos e nas pernas e o obrigo a ficar longe de mim, *porra*.

Ele cai para trás e se apoia nas mãos. Seus olhos estão cheios de remorso genuíno, mas depois se enchem de outra coisa.

Preocupação? Pânico?

Lentamente, ele ergue a mão direita coberta de sangue, que escorre de sua palma e desce pelo pulso. Olho para o chão, para os cacos de vidro da travessa do ensopado. *Sua mão*. Acabei de empurrá-lo em cima do vidro.

Ele se vira e se levanta. Põe a mão debaixo da água e começa a limpar o sangue. Fico de pé, bem no instante que ele arranca um caco de vidro da palma e o joga no balcão.

Estou morrendo de raiva, mas de algum modo ainda consigo ficar preocupada. Pego uma toalha e a estendo para ele. Está sangrando muito.

É a mão direita.

A cirurgia de segunda-feira.

Tento conter o sangramento, mas estou tremendo muito.

— Ryle, sua mão.

Ele afasta a mão e, com a outra, ergue meu queixo.

— Minha mão que se *foda*, Lily. Não me importo. Você está bem?

Ele observa freneticamente meus olhos, analisando o corte em meu rosto.

Meus ombros começam a tremer, e lágrimas enormes e cheias de mágoa me escorrem pelas bochechas.

— Não. — Estou um pouco chocada, e sei que ele percebe meu coração se partindo quando respondo, porque sinto isso reverberar em todo o corpo. — Meu Deus. Você me *empurrou*, Ryle. Você...

Perceber o que acabou de acontecer dói mais que a própria situação.

Ryle põe o braço ao redor de meu pescoço e me dá um abraço desesperado.

— Me desculpe, Lily. *Meu Deus*, me desculpe mesmo. — Ele enfia o rosto em meu cabelo, me apertando com tudo o que está sentindo. — Por favor, não me odeie. *Por favor*.

Sua voz volta lentamente a ser a voz de Ryle, e eu a sinto na barriga, nos dedos dos pés. Sua carreira inteira depende da mão, então o fato de ele nem estar preocupado com ela só pode significar alguma coisa. *Não*? Estou tão confusa.

Tem coisa demais acontecendo. A fumaça, o vinho, os cacos de vidro, a comida espalhada por todo canto, o sangue, a raiva, os pedidos de desculpa, *é coisa demais*.

— Me desculpe mesmo — repete ele. Eu me afasto, e seus olhos estão vermelhos. Nunca o vi tão triste. — Entrei em pânico. Eu não queria te empurrar, só entrei em pânico. Estava pensando na cirurgia de segunda-feira e na minha mão e... me desculpe.

Ele me beija na boca e respira encostado a mim.

Ele não é como meu pai. Não pode ser. Não é nada parecido com aquele filho da mãe insensível.

Nós estamos chateados, nos beijando, confusos e tristes. Nunca senti nada como estou sentindo agora, nada tão feio e doloroso. Porém, por alguma razão, a única coisa que ameniza a dor recém-causada por este homem *é* este homem. Minhas lágrimas são acalmadas por sua tristeza, minhas emoções são aplacadas pela boca na minha, sua mão me agarrando como se jamais quisesse me soltar.

Sinto seus braços envolverem minha cintura, e ele me levanta, passando cuidadosamente pela bagunça que fizemos. Ainda não sei se estou mais desapontada com ele ou comigo mesma. Com ele por ter se descontrolado, ou comigo porque, de algum modo, encontrei consolo em seu pedido de desculpas.

Ele me carrega e vai me beijando até o quarto. Ainda está me beijando quando me coloca na cama e sussurra:

— Me desculpe, Lily. — Ele aproxima os lábios do local em que meu olho bateu no armário, e me beija ali. — Me desculpe mesmo.

Sua boca está encostada à minha de novo, úmida e quente, e nem sei o que está acontecendo comigo. Estou sofrendo tanto por dentro, mas meu corpo anseia pelo pedido de desculpas com sua boca e suas mãos em mim. Quero atacá-lo e reagir como sempre quis que minha mãe fizesse quando meu pai lhe batia, mas no fundo quero acreditar que tudo não passou de um acidente. Ryle não é como meu pai. *Ele não é nada parecido com ele.*

Preciso sentir sua tristeza. Seu arrependimento. Percebo essas duas coisas na maneira como ele me beija. Abro as pernas para ele, e sua tristeza é demonstrada de outra forma. Com movimentos lentos e arrependidos para dentro de mim. Toda vez que ele me penetra, sussurra mais um pedido de desculpas. E, como um milagre, toda vez que sai de mim, minha raiva sai com ele.

✦✦✦

Ryle está beijando meu ombro. Minha bochecha. Meu olho. Ainda está em cima de mim, me tocando com delicadeza. Nunca fui tocada assim... com tanta gentileza. Tento esquecer o que aconteceu na cozinha, mas não consigo.

Ele me empurrou para longe.

Ryle me empurrou.

Durante quinze segundos, vi um lado seu que *não era* ele. Que não era *eu*. Ri quando devia ter ficado preocupada. Ryle me empurrou mesmo não devendo ter encostado em mim. Eu o empurrei para longe e o fiz cortar a mão.

Foi terrível. Tudo, os quinze segundos inteiros, foram totalmente horrorosos. Jamais quero pensar naquilo.

Ele ainda está com o pano encharcado de sangue enrolado na mão. Empurro seu peito.

— Já volto — aviso.

Ele me beija mais uma vez e sai de cima de mim. Vou até o banheiro e fecho a porta. Olho no espelho e suspiro.

Sangue. Em meu cabelo, nas bochechas, em meu corpo. O sangue é todo de Ryle. Pego um pano e tento limpar, em seguida procuro o kit de primeiros socorros embaixo da pia. Não faço ideia de como está sua mão. Primeiro queimou, depois cortou. Não faz nem uma hora que ele estava me contando como a cirurgia era importante.

Já chega de vinho. Nunca mais podemos tomar vinho vintage.

Pego o kit debaixo da pia e abro a porta do quarto. Ele está saindo da cozinha em direção ao quarto, com uma pequena bolsa de gelo.

— Para seu olho — explica ele, erguendo-a.

Mostro o kit de primeiros socorros.

— Para sua mão.

Nós dois sorrimos e nos sentamos na cama. Ryle se encosta na cabeceira enquanto ponho sua mão no colo. Enquanto cuido do ferimento, ele segura a bolsa de gelo em meu olho o tempo inteiro.

Coloco um pouco de creme antisséptico no dedo e nas queimaduras. Não parece tão grave quanto imaginei, o que é um alívio.

— Pode impedir que fique com bolhas? — pergunto.

Ele nega com a cabeça.

— Se for de segundo grau, não.

Quero perguntar se ele ainda pode fazer a cirurgia se estiver com bolhas nos dedos, mas não toco no assunto. Tenho certeza de que ele deve estar pensando

nisso.

— Quer que eu passe um pouco no corte?

Ele faz que sim. O sangramento parou. Tenho certeza de que, se precisasse de pontos, ele os tomaria, mas acho que está tudo bem. Tiro a atadura elástica do kit de primeiros socorros e começo a envolver sua mão.

— Lily — sussurra. Olho para ele. Está com a cabeça encostada na cabeceira e parece com vontade de chorar. — Eu me sinto péssimo. Se eu pudesse voltar atrás...

— Eu sei — digo, interrompendo-o. — Eu sei, Ryle. Foi terrível. Você me empurrou e me fez questionar tudo o que eu sabia a seu respeito. Mas sei que está se sentindo mal. Não dá para desfazer o que aconteceu. Não quero mais falar sobre isso. — Prendo a atadura ao redor de sua mão e depois o encaro. — Mas Ryle... se acontecer uma coisa dessas de novo, vou saber que não foi só um acidente. E vou largar você sem nem pensar duas vezes.

Ele me encara por um bom tempo, franzindo as sobrancelhas em uma expressão de arrependimento. Ele se inclina para a frente e me beija na boca.

— Não vai acontecer de novo, Lily. Juro. Não sou como ele. Sei que é isso que você está pensando, mas juro que...

Balanço a cabeça, querendo que ele pare. Não aguento o sofrimento em sua voz.

— Sei que você não tem nada a ver com meu pai — digo. — Só... não me faça duvidar de você novamente. Por favor.

Ele afasta o cabelo de minha testa.

— Você é a parte mais importante de minha vida, Lily. Quero trazer felicidade para você. Não quero te magoar. — Ele me beija, se levanta e se inclina, segurando o gelo em meu rosto. — Fique segurando por mais uns dez minutos. Assim não vai inchar.

Substituo a mão dele pela minha.

— Aonde você vai?

— Limpar a bagunça — responde ele, e beija minha testa.

Ryle passa os próximos vinte minutos limpando a cozinha. Escuto vidro sendo jogado na lixeira, vinho sendo derramado na pia. Vou até o banheiro e tomo uma ducha rápida para limpar seu sangue. Em seguida, troco os lençóis da cama. Depois de finalmente limpar a cozinha, ele entra no quarto com um copo e o entrega para mim.

— É refrigerante — diz ele. — A cafeína vai ajudar.

Tomo um gole e sinto o gás descendo a garganta. Na verdade, é mesmo o ideal. Tomo outro gole e deixo o copo na mesa de cabeceira.

— É para ajudar com o quê? Com a ressaca?

Ryle se deita na cama e nos cobre. Balança a cabeça.

— Não, na verdade acho que o refrigerante não ajuda em nada. É que minha mãe costumava me dar um copo de refrigerante quando eu tinha um dia ruim, e isso sempre me fazia sentir um pouco melhor.

Sorrio.

— Bem, funcionou.

Ele acaricia minha bochecha, e vejo em seus olhos e na maneira como me toca que merece pelo menos uma chance de perdão. Se eu não achar uma maneira de perdoá-lo, sinto que o estarei culpando pelo ressentimento que ainda tenho de meu pai. *Ele não é parecido com meu pai.*

Ryle me ama. Ele nunca falou isso, mas sei que me ama. E eu o amo. Tenho certeza de que o que aconteceu na cozinha hoje não vai se repetir. Não depois de ver como ele ficou chateado por ter me machucado.

Todo mundo erra. O que determina o caráter de uma pessoa não são os erros cometidos. É como ela usa esses erros e os transforma em aprendizados, não em desculpas.

Os olhos de Ryle ficam ainda mais sinceros, e ele se inclina para beijar minha mão. Acomoda a cabeça no travesseiro, e ficamos deitados, nos olhando, compartilhando a energia tácita que preenche todos os buracos que a noite nos deixou.

Depois de alguns minutos, ele aperta minha mão.

— Lily — diz, roçando o polegar no meu. — Eu te amo.

Sinto as palavras em cada parte do corpo.

— Também te amo — sussurro.

Foi a verdade mais nua e crua que eu já lhe disse.

Capítulo Quinze

Chego ao restaurante com quinze minutos de atraso. Bem na hora que eu estava fechando a loja, chegou um cliente com um pedido de flores para um funeral. Não tive como recusar porque... infelizmente... funerais são as melhores oportunidades para floriculturas.

Ryle acena para mim, e vou até a mesa, fazendo o possível para não olhar ao redor. Não quero ver Atlas. Tentei fazer com que mudassem o restaurante duas vezes, mas Allysa insistiu em jantar aqui depois dos elogios de Ryle.

Eu me sento, e Ryle se inclina para me beijar.

— Oi, namorada.

Allysa resmunga.

— Meu Deus, vocês são tão fofos que enjoa. — Sorrio para ela, que fixa imediatamente o olhar em meu rosto. Não está tão ruim quanto achei que estaria hoje, deve ter sido porque Ryle insistiu para que eu colocasse gelo. — Meu Deus! Ryle me contou o que aconteceu, mas não achei que estivesse tão ruim.

Olho para ele, querendo saber o que disse a ela. *A verdade?* Ele sorri e diz:

— O azeite se espalhou por todo canto. Quando ela escorregou, foi tão fofo que parecia uma bailarina.

Uma mentira.

Tudo bem. Eu teria feito a mesma coisa.

— Foi bem ridículo — digo, rindo.

De algum modo, o jantar segue sem nenhum incidente. Nenhum sinal de Atlas, nenhum pensamento sobre ontem à noite, e Ryle e eu evitamos beber vinho. Depois de comermos, o garçom se aproxima da mesa.

— Gostariam de sobremesa? — pergunta ele.

Nego com a cabeça, mas Allysa se anima.

— O que vocês têm?

Marshall também parece interessado.

— Estamos comendo por dois, então pode trazer qualquer coisa com chocolate — diz ele.

O garçom assente, e, depois que ele vai embora, Allysa olha para Marshall.

— O bebê ainda está do tamanho de um percevejo. Acho bom você não incentivar maus hábitos pelos próximos meses.

O garçom volta com o carrinho de sobremesas.

— Para as futuras mamães, o chef falou que a sobremesa é por conta da casa — diz ele. — Parabéns.

— É mesmo? — pergunta Allysa, empolgada.

— Por isso o nome do lugar é Bib's, babador em inglês — explica Marshall. — O chef gosta de bebês.

Todos observamos o carrinho de sobremesas.

— Meu Deus! — exclamo, avaliando as opções.

— Este é meu novo restaurante preferido — comenta Allysa.

Escolhemos três sobremesas para a mesa. Enquanto esperamos serem servidas, discutimos nomes de bebês.

— Não — diz Allysa para Marshall. — O bebê não vai ter nome de um estado.

— Mas eu adoro Nebraska — reclama ele. — Idaho?

Allysa apoia a cabeça nas mãos.

— Isso vai causar o divórcio.

— Divórcio — diz Marshall. — Belo nome.

O assassinato de Marshall é interrompido pela chegada das sobremesas. Nosso garçom põe uma fatia de bolo de chocolate na frente de Allysa e se afasta para que o rapaz atrás dele, que está segurando as outras duas sobremesas, se aproxime. O garçom gesticula para o cara que está servindo nossas sobremesas e diz:

— O chef gostaria de parabenizá-la.

— O que acharam da comida? — pergunta ele, olhando para Allysa e Marshall.

Quando seus olhos encontram os meus, minha ansiedade já está passando. Atlas me encara, e, sem nem pensar, pergunto, bruscamente:

— Você é o *chef*?

O garçom se inclina ao redor de Atlas e diz:

— O chef. O dono. Às vezes garçom, outras vezes lavador de pratos. Ele dá um novo significado ao termo "mão na massa".

Ninguém de nossa mesa percebe os próximos cinco segundos, mas para mim passam em câmera lenta.

Os olhos de Atlas focam no corte em meu olho.

Na atadura na mão de Ryle.

Em meu olho de novo.

— Adoramos seu restaurante. É incrível — elogia Allysa.

Atlas não olha para ela. Percebo o movimento em sua garganta enquanto ele engole em seco. Seu maxilar se enrijece, e ele não diz nada ao se afastar.

Merda.

Para tentar disfarçar a saída repentina de Atlas, o garçom sorri e mostra demais os dentes.

— Aproveitem a sobremesa — diz ele, indo para a cozinha.

— Que pena — comenta Allysa. — A gente descobre um novo restaurante preferido, mas o chef é um babaca.

Ryle ri.

— Pois é, mas os babacas são os melhores chefs. Gordon Ramsay?

— Bem lembrado — diz Marshall.

Ponho a mão no braço de Ryle.

— Banheiro — digo a ele.

Ryle assente enquanto saio da mesa, e Marshall diz:

— E Wolfgang Puck? Acha ele um babaca?

Atravesso depressa o restaurante de cabeça baixa. Assim que entro no corredor que já me é familiar, sigo em frente. Abro a porta do banheiro feminino, me viro e o tranco.

Merda. Merda, merda, merda.

O olhar. A raiva em seu maxilar.

Fico aliviada por ele ter ido embora, mas tenho quase certeza de que ele vai estar nos esperando lá fora quando sairmos, pronto para sair no braço com Ryle.

Inspiro pelo nariz, expiro pela boca, lavo as mãos, repito a respiração. Um pouco mais calma, seco as mãos na toalha.

Vou voltar lá e dizer a Ryle que não estou me sentindo muito bem. A gente pode ir embora e nunca mais voltar aqui. Todos eles acham o chef um babaca, então posso usar isso como desculpa.

Destranco a porta, mas não a abro. Ela começa a ser aberta pelo lado de fora, então recuo. Atlas entra no banheiro e fecha a porta. Ele se encosta na madeira enquanto me encara, focando no corte perto de meu olho.

— O que aconteceu? — pergunta.

Balanço a cabeça.

— Nada.

Ele semicerra os olhos, que ainda são azuis como gelo, mas de algum modo estão pegando fogo.

— Você está mentindo, Lily.

Dou um sorrisinho para me safar.

Atlas ri, mas depois fica sério.

— Largue esse cara.

Largar esse cara?

Meu Deus, ele está entendendo tudo errado. Dou um passo à frente e balanço a cabeça.

— Ele não é assim, Atlas. Não foi nada disso. Ryle é uma boa pessoa.

Ele inclina a cabeça e a aproxima um pouco de mim.

— Engraçado. Parece sua mãe falando.

Suas palavras magoam. No mesmo instante, tento alcançar a maçaneta atrás de Atlas, mas ele agarra meu pulso.

— *Largue* ele, Lily.

Afasto minha mão. Fico de costas para ele e respiro fundo. Expiro devagar enquanto me viro de novo em sua direção.

— Só para comparar, eu *nunca* senti tanto medo dele quanto estou sentindo agora de você.

Minhas palavras fazem Atlas parar. Ele começa a balançar lentamente a cabeça, depois com mais determinação, enquanto sai pela porta.

— Eu realmente não queria te incomodar. — Ele gesticula para a porta. — Só estava tentando retribuir a preocupação que você sempre demonstrou ter por mim.

Fico o encarando por um instante, sem assimilar suas palavras. Ele ainda está furioso por dentro, dá para perceber. Mas por fora está calmo... centrado. Está me deixando sair. Estico o braço, destranco a porta e a abro.

Suspiro quando meus olhos encontram os de Ryle. Dou uma rápida olhada por cima do ombro e observo Atlas deixando o banheiro comigo.

Os olhos de Ryle ficam muito confusos enquanto ele olha de mim para Atlas.

— Que *porra* é essa, Lily?

— Ryle.

Minha voz sai trêmula. *Meu Deus, isso parece muito pior do que é.*

Atlas passa por mim e segue em direção às portas da cozinha, como se Ryle nem existisse. Os olhos de Ryle estão fixos nas costas de Atlas. *Continue andando, Atlas.*

Ele para bem no instante que chega às portas da cozinha.

Não, não, não. Continue andando.

No que se torna um dos momentos mais terríveis que consigo imaginar, ele se vira e avança na direção de Ryle, agarrando-o pela gola da camisa. Assim que isso acontece, Ryle joga Atlas para trás e o imprensa na parede oposta. Atlas se lança para cima de Ryle de novo, agora empurrando o antebraço no pescoço deste, prendendo-o na parede.

— Se a tocar de novo, vou cortar a porra de sua mão e enfiá-la em sua garganta, seu merda imprestável!

— Atlas, pare! — grito.

Ele solta Ryle com força, dando um grande passo para trás. Ryle está ofegante, encarando Atlas intensamente. Até que volta a atenção para mim.

— *Atlas?* — diz ele, com familiaridade.

Por que Ryle está dizendo o nome de Atlas desse jeito? Como se já tivesse me escutado falar sobre ele? Jamais lhe contei sobre Atlas.

Espere.

Contei, sim.

Naquela primeira noite no telhado. Foi uma de minhas verdades nuas e cruas.

Ryle ri de incredulidade e aponta para Atlas, mas continua olhando para mim.

— *Este* é Atlas? O garoto sem casa com quem você trepou por *pena*?

Ai, meu Deus!

Imediatamente, o corredor se transforma em um borrão de punhos, cotovelos e gritos de "parem". Dois garçons empurram a porta logo atrás de onde estou, e passam por mim, separando os dois com a mesma rapidez com que a briga começou.

Eles são empurrados contra paredes opostas e ficam se encarando, ofegantes. Não consigo olhar para nenhum dos dois.

Não consigo olhar para Atlas. Não depois do que Ryle acabou de dizer. Também não consigo olhar para Ryle, porque ele deve estar imaginando as piores coisas neste instante.

— Fora! — grita Atlas, apontando para a porta, mas olhando para Ryle. — Saia de meu restaurante, cacete!

Meus olhos encontram os de Ryle enquanto ele passa por mim. Tenho medo do que vou encontrar ali. Mas não vejo nenhuma raiva.

Somente mágoa.

Muita mágoa.

Ele hesita, como se estivesse prestes a me dizer alguma coisa. Porém, me olha desapontado e volta ao restaurante.

Finalmente encaro Atlas e noto sua expressão de decepção. Antes que eu possa explicar o que Ryle disse, ele se vira e vai embora, empurrando as portas da cozinha.

Imediatamente me viro e corro atrás de Ryle. Ele pega a jaqueta na mesa e segue para a saída, sem nem ao menos olhar para Allysa e Marshall.

Allysa olha para mim e ergue as mãos, sem entender. Balanço a cabeça, pego minha bolsa e digo:

— É uma longa história. Amanhã a gente conversa.

Vou atrás de Ryle até lá fora. Ele está andando na direção do estacionamento. Corro para alcançá-lo, e ele simplesmente para e soca o ar.

— Não vim de *carro*, porra! — grita ele, frustrado.

Tiro as chaves da bolsa, e ele se aproxima de mim e as tira de minha mão. Mais uma vez, eu o sigo até meu carro.

Não sei o que fazer. Nem sei se ele quer falar comigo agora. Acabou de me ver trancada no banheiro com o cara por quem eu era apaixonada. Depois, do nada, o sujeito o atacou.

Meu Deus, a situação é feia.

Quando chegamos ao carro, ele vai direto para o lado do motorista. Aponta para o banco do carona e diz:

— Entre, Lily.

Ele não fala nada durante todo o trajeto. Digo seu nome uma vez, mas ele apenas balança a cabeça, como se ainda não estivesse pronto para escutar minha

explicação. Quando chegamos à garagem, ele sai do carro assim que o desliga, de tão desesperado para se afastar de mim.

Ele anda de um lado para outro quando eu salto do veículo.

— Não era o que parecia, Ryle. Juro.

Ele para de andar, e, ao olhar para mim, meu coração se aperta. Há tanto sofrimento desnecessário em seu olhar. Tudo não passou de um mal-entendido ridículo.

— Eu não queria isso, Lily — diz ele. — Eu não queria namorar! Não queria esse tipo de estresse em minha vida!

Por mais que ele esteja magoado por causa do que acha que viu, suas palavras me enfurecem.

— Ué, então *vá embora*!

— *O quê?*

Ergo as mãos.

— Não quero ser um fardo, Ryle! Sinto muito se minha presença em sua vida é tão *insuportável*!

Ele dá um passo à frente.

— Lily, não é nada disso que estou dizendo.

Ele também ergue as mãos, frustrado, e passa por mim. Depois se encosta no carro e cruza os braços. Passamos bastante tempo em silêncio enquanto espero para ouvir o que ele tem a dizer. Ele está de cabeça baixa, mas a levanta um pouco e olha para mim.

— Verdades nuas e cruas, Lily. É tudo o que eu quero de você agora. Pode me dar isso?

Assinto.

— Você sabia que ele trabalhava lá?

Comprimo os lábios e ponho o braço no peito, agarrando meu cotovelo.

— Sabia. Por isso eu não queria voltar lá, Ryle. Não queria encontrá-lo.

Minha resposta parece aliviar um pouco a tensão. Ryle passa a mão no rosto.

— Você contou a ele sobre ontem? Contou a ele sobre nossa briga?

Dou um passo à frente e balanço com firmeza a cabeça.

— Não. Ele presumiu. Viu meu olho e sua mão, e simplesmente presumiu.

Ele exala com força e inclina a cabeça para trás, observando o teto. Quase parece incapaz de fazer a próxima pergunta tamanho seu sofrimento.

— Por que você estava sozinha com ele no banheiro?

Dou outro passo à frente.

— Ele me seguiu até lá. Não sei mais nada sobre ele, Ryle. Nem sabia que ele era o dono do restaurante, achei que era só um garçom. Ele não faz mais parte de minha vida, juro. É que ele... — Cruzo os braços e abaixo o tom de voz. — Nós crescemos em casas violentas. Ele viu meu rosto e sua mão e... ficou preocupado comigo, só isso. Nada além disso.

Ryle tapa a boca com a mão. Escuto o ar passando por seus dedos enquanto ele exala. Endireita a postura, parando um momento para assimilar tudo o que acabei de dizer.

— Minha vez — avisa.

Ele se afasta do carro e atravessa os três passos nos separando. Põe as mãos em meu rosto e me olha bem nos olhos.

— Se não quer ficar comigo... por favor, me diga agora, Lily. Porque, quando o vi com ele... isso *doeu*. Não quero sentir aquilo de novo. E, se está doendo tanto agora, morro de medo quando penso em como seria daqui a um ano.

Sinto as lágrimas começarem a escorrer por minhas bochechas. Ponho as mãos em cima das dele e balanço a cabeça.

— Não quero mais ninguém, Ryle. Só você.

Ele força o sorriso mais triste que já vi em alguém. Ele me puxa para perto e me abraça. Ponho os braços a seu redor com o máximo de firmeza, e ele encosta os lábios em minha têmpora.

— Eu te amo, Lily. *Meu Deus*, como eu te amo.

Eu o aperto com força, beijando seu ombro.

— Também te amo.

Fecho os olhos. Queria poder apagar os dois últimos dias inteiros.

Atlas está errado a respeito de Ryle.

Eu só queria que *Atlas* soubesse que está errado.

Capítulo Dezesseis

— Quero dizer... não estou tentando ser egoísta, mas você não provou a sobremesa, Lily. — resmunga Allysa. — Ah, estava *tãão* boa.

— A gente nunca mais vai voltar — digo.

Ela bate o pé no chão feito uma criança.

— Mas...

— Não. Precisamos respeitar os sentimentos de seu irmão.

Ela cruza os braços.

— Eu sei, eu sei. Por que você foi uma adolescente cheia de hormônios e se apaixonou pelo melhor chef de Boston?

— Ele não era um chef quando nos conhecemos.

— Que seja... — rebate ela, saindo do escritório e fechando a porta.

Meu celular vibra com uma nova mensagem.

Ryle: Cinco horas já se passaram. Faltam mais cinco. Até agora tudo bem. Mão ótima.

Suspiro, aliviada. Eu não sabia se ele conseguiria operar hoje, mas fico feliz porque sabia como ele estava ansioso por essa cirurgia.

Eu: As mãos mais firmes de Boston.

Abro o laptop e checo o e-mail. A primeira coisa que vejo é uma mensagem do *Boston Globe*. Abro e descubro que é de um jornalista interessado em fazer um artigo sobre a loja. Sorrio feito uma idiota e estou começando a responder quando Allysa bate à porta. Ela abre e enfia a cabeça no vão.

— Oi — cumprimenta ela.

— Oi — respondo.

Ela tamborila os dedos na porta.

— Lembra que, há alguns minutos, me disse que eu nunca mais poderia voltar ao Bib's, que é injusto com Ryle, porque o dono é o garoto que você amava na adolescência?

Encosto na cadeira.

— O que você quer, Allysa?

— Se não é justo a gente voltar lá por causa do dono, por que é justo o dono poder vir aqui? — argumenta, enrugando o nariz.

O quê?

Fecho o laptop e me levanto.

— Por que está dizendo isso? Ele está aqui?

Ela assente e entra no escritório, fechando a porta.

— Sim. E perguntou por você. Sei que você está com meu irmão e que estou grávida, mas podemos só parar um instante e admirar em silêncio a perfeição que é aquele homem?

Ela sorri de um jeito sonhador, e eu reviro os olhos.

— Allysa.

— Mas aqueles *olhos*. — Ela abre a porta e sai. Eu a sigo e me deparo com Atlas. — Ela está bem aqui. Gostaria que eu guardasse seu casaco?

A gente não guarda os casacos das pessoas.

Atlas ergue o olhar quando saio do escritório. Seus olhos se voltam para Allysa, e ele balança a cabeça.

— Não, obrigado. Não vou demorar.

Allysa se inclina para a frente por cima do balcão, apoiando o queixo nas mãos.

— Fique o tempo quiser. Na verdade, está procurando um trabalho extra? Lily precisa contratar mais gente, e estamos procurando alguém capaz de levantar coisas bem pesadas. Requer muita flexibilidade.

Semicerro os olhos para Allysa e articulo com os lábios:

— *Chega.*

Ela dá de ombros inocentemente. Mantenho a porta aberta para Atlas, mas evito encará-lo quando passa por mim. Estou sentindo uma culpa imensa pelo que aconteceu ontem à noite, mas também uma raiva imensa.

Dou a volta na escrivaninha e me sento na cadeira, preparada para discutir. Porém, quando o olho, fecho a boca.

Ele está sorrindo. Gesticula ao redor enquanto se senta na minha frente.

— Isso é incrível, Lily.

Faço uma pausa.

— Obrigada.

Ele continua sorrindo para mim, como se estivesse orgulhoso. Depois coloca uma sacola em cima da mesa e a empurra em minha direção.

— Um presente — explica. — Pode abrir mais tarde.

Por que ele está comprando presentes para mim? Tem namorada. E eu tenho namorado. Nosso passado já causou problemas demais a meu presente. Certamente não preciso de lembrancinhas para piorar as coisas.

— Por que está comprando presentes para mim, Atlas?

Ele se encosta na cadeira e cruza os braços.

— Comprei faz três anos. Estava guardando caso a gente se reencontrasse algum dia.

Atlas atencioso. Ele não mudou. Droga.

Pego o presente e o coloco no chão atrás da mesa. Tento liberar um pouco da tensão que estou sentindo, mas é muito difícil quando sua presença me deixa tão tensa.

— Vim pedir desculpas — explica.

Aceno para que ele deixe isso para lá, indicando que não é necessário.

— Não tem problema. Foi um mal-entendido. Ryle está bem.

Ele ri baixinho.

— Não é por causa disso que estou me desculpando — diz ele. — Nunca me desculparia por te defender.

— Você não estava me defendendo — digo. — Não tinha do que me defender.

Ele inclina a cabeça, com o mesmo olhar de ontem à noite. O olhar que indica como está desapontado comigo. Sinto uma pontada na barriga.

Pigarreio.

— Então por que está se desculpando?

Ele fica quieto por um instante. Contemplativo.

— Queria me desculpar por ter dito que você parecia sua mãe. Isso foi ofensivo. Peço desculpas.

Não sei por que sempre sinto vontade de chorar quando estou com ele. Quando penso nele. Quando leio sobre ele. É como se minhas emoções ainda estivessem conectadas a ele de alguma maneira, e não sei como me desprender.

Seu olhar se fixa em minha mesa. Ele estende o braço e pega três coisas. Uma caneta. Um post-it. Meu celular.

Ele anota alguma coisa no post-it e depois começa a desmontar meu celular. Tira a capa e coloca o post-it entre a capa e o celular, depois põe a capa de volta. Ele desliza meu celular pela mesa. Olho para o telefone e depois para ele. Atlas se levanta e joga a caneta na mesa.

— É o número de meu celular. Deixe aí escondido caso precise algum dia.

Eu me contraio com seu gesto. Seu gesto *desnecessário*.

— Não vou precisar.

— Espero que não.

Ele vai até a porta e toca a maçaneta. E sei que é minha única chance de dizer o que preciso dizer antes que ele suma de minha vida para sempre.

— Atlas, espere.

Eu me levanto tão depressa que minha cadeira sai deslizando pelo escritório e esbarra na parede. Ele vira metade do corpo e me encara.

— Sobre o que Ryle te disse ontem. Eu nunca... — Levo a mão trêmula ao pescoço. Sinto meu coração batendo na garganta. — Eu *nunca* disse aquilo a ele. Ryle estava magoado e chateado, então adulterou o sentido de minhas palavras de muito tempo atrás.

O canto da boca de Atlas se contrai, e não sei se ele tentava não sorrir ou não franzir o rosto. Ele se vira completamente para mim.

— Pode acreditar em mim, Lily. Sei que não foi uma trepada por *pena*. Eu estava lá.

Ele sai pela porta, e suas palavras me derrubam na cadeira.

Mas... minha cadeira não está mais no lugar. Está do outro lado da sala, e agora estou no chão.

Allysa entra correndo, e estou deitada atrás da mesa.

— Lily? — Ela dá a volta na escrivaninha e para a meu lado. — Você está bem?

Ergo o polegar.

— Estou. Só não acertei a cadeira.

Ela estende a mão e me ajuda a ficar de pé.

— O que foi que aconteceu?

Olho para a porta enquanto pego a cadeira. Eu me sento e olho meu celular.

— Nada. Ele só queria se desculpar.

Allysa suspira cheia de desejo e olha para a porta.

— Isso quer dizer que ele não quer o emprego?

Uma coisa preciso admitir: mesmo no meio de um turbilhão de emoções, ela me faz rir.

— Volte para o trabalho antes que eu diminua seu salário.

Ela ri e começa a se afastar. Bato a caneta na mesa e digo:

— Allysa. Espere.

— Eu sei — diz ela, me interrompendo. — Ryle não deve saber sobre essa visita. Não precisa me pedir.

Sorrio.

— Obrigada.

Ela fecha a porta.

Estendo o braço e pego a sacola com o presente comprado três anos atrás. Percebo facilmente que é um livro, embrulhado em papel delicado. Rasgo a embalagem e caio para trás na cadeira.

Tem uma foto de Ellen DeGeneres na capa, com o título *É Sério... Estou Brincando*. Rio e depois abro o livro, suspirando baixinho quando vejo o autógrafo. Passo os dedos pelas palavras da dedicatória.

Lily,

Atlas pede que continue a nadar.

Ellen DeGeneres

Passo o dedo pela assinatura. Depois deixo o livro em minha mesa, encostando a testa na capa, e finjo chorar.

Capítulo Dezessete

Chego em casa depois das 19h. Ryle ligou há uma hora e disse que não passaria aqui hoje à noite. A separação do confuxopago (sei lá qual o palavrão que usou) foi um sucesso, mas ele vai passar a noite no hospital para qualquer eventualidade.

Entro no apartamento silencioso. Visto meu pijama em silêncio. Como um sanduíche em silêncio. Depois me deito no quarto silencioso e abro meu novo livro silencioso, esperando que ele silencie meus sentimentos.

Óbvio que, depois de três horas lendo, todos os sentimentos dos últimos dias aos poucos vão ficando para trás. Ponho um marcador na página em que parei, e fecho o livro.

Fico o encarando por um bom tempo. Penso em Ryle. Penso em Atlas. Penso que, às vezes, por mais que você esteja convencida de que sua vida vai seguir determinado rumo, toda a certeza pode sumir com uma simples mudança de maré.

Pego o livro que Atlas me deu e o guardo no armário com meus diários. Em seguida, pego o diário cheio de lembranças. E sei que, finalmente, chegou a hora de ler o último texto. Depois posso fechá-lo de vez.

Querida Ellen,

Na maior parte do tempo, fico feliz por você não saber que eu existo e eu nunca ter te mandado pelo correio essas cartas.

Mas, às vezes, especialmente hoje, eu queria que você me conhecesse, sim. Só preciso de alguém com quem conversar sobre tudo o que estou sentindo. Não vejo Atlas há seis meses, e não faço ideia de onde ele está nem de como está. Muita coisa

aconteceu desde que escrevi pela última vez, quando Atlas se mudou para Boston. Achei que era a última vez que eu o veria por um tempo, mas não foi.

Eu o vi uma vez depois que ele foi embora, várias semanas mais tarde. Era meu aniversário de 16 anos, e, quando ele chegou, aquele se tornou o melhor dia de minha vida.

E depois o pior.

Fazia exatamente quarenta e dois dias que Atlas tinha ido para Boston. Contei cada um deles, como se fosse ajudar de algum modo. Eu estava muito deprimida, Ellen. Ainda estou. As pessoas dizem que adolescentes não sabem amar igual a um adulto. Parte de mim acredita nisso, mas não sou adulta então não tenho como comparar. Mas acredito que deve ser diferente. Tenho certeza de que tem mais conteúdo no amor entre dois adultos que entre dois adolescentes. Deve ter mais maturidade, mais respeito, mais responsabilidade. Porém, por mais que o conteúdo de um amor seja outro em idades diferentes na vida de uma pessoa, sei que o amor precisa ter o mesmo peso. Dá para sentir o peso nos ombros, na barriga e no coração, não importa a idade. E meus sentimentos por Atlas são muito pesados. Toda noite, choro até dormir e sussurro: "Continue a nadar". Mas é muito difícil nadar quando você se sente ancorada dentro da água.

Agora que parei para pensar, eu devia estar passando pelas fases do luto. Negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. Eu estava justamente na fase da depressão na noite de meu aniversário de 16 anos. Minha mãe se esforçou para que eu tivesse um dia bom. Comprou instrumentos de jardinagem, fez meu bolo favorito, e nós duas saímos para jantar. Porém, quando me deitei na cama à noite, não consegui ignorar a tristeza.

Eu estava chorando quando ouvi a batida na janela. No início achei que tinha começado a chover. Mas depois ouvi sua voz. Pulei da cama e corri até a janela, com o coração acelerado. Ele estava parado no escuro, sorrindo para mim. Levantei a janela e o ajudei a entrar, e ele ficou me abraçando por muito tempo enquanto eu chorava.

Atlas estava tão cheiroso... Enquanto o abraçava, percebi que ele tinha ganhado alguns quilos muito necessários nas seis semanas desde que o vi pela última vez. Ele se afastou e enxugou as lágrimas de minhas bochechas.

— Por que você está chorando, Lily?

Eu estava com vergonha de estar chorando. Já tinha chorado muito naquele mês, deve ter sido o mês em que mais chorei na vida. Provavelmente eram os hormônios de

uma adolescente misturados com o estresse de como meu pai tratava minha mãe, e com o fato de que tive de me despedir de Atlas.

Peguei uma camisa no chão e enxuguei os olhos, depois nos sentamos na cama. Ele me puxou para perto e se encostou na cabeceira.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— É seu aniversário — disse ele. — E você ainda é minha pessoa preferida. E eu estava com saudade.

Ele deve ter chegado antes das 22h, mas conversamos tanto que era mais de meia-noite quando olhei outra vez para o relógio. Não lembro sobre o que conversamos, mas lembro como me senti. Ele parecia feliz, e havia um brilho em seus olhos que eu nunca tinha visto. Parecia que ele finalmente havia encontrado seu lar.

Ele disse que queria me contar uma coisa, e seu tom de voz ficou sério. Ele me ajustou para que eu ficasse no seu colo, porque queria que eu o olhasse nos olhos enquanto contava. Eu estava achando que ele ia me dizer que tinha namorada ou que ia entrar para as forças armadas mais cedo. Mas o que ele me disse me chocou.

Falou que, na primeira noite que foi para aquela casa, não o fez porque estava atrás de um lugar para ficar.

Ele foi para se matar.

Levei as mãos até a boca, porque eu não fazia ideia de que ele estava tão mal. Tão mal que nem queria mais viver.

— Espero que você nunca saiba o que é se sentir tão sozinho assim, Lily — disse ele.

Ele continuou e me falou que, na primeira noite naquela casa, estava sentado na sala de estar com uma lâmina no pulso. Quando estava prestes a usá-la, a luz de meu quarto se acendeu.

— Você estava parada parecendo um anjo, iluminada pela luz do céu — disse ele. — Não consegui tirar os olhos de você.

Ele ficou um tempo me observando andar pelo quarto. Viu quando me deitei na cama e escrevi no diário. E deixou a lâmina de lado porque disse que fazia um mês que a vida não lhe provocava nenhum sentimento, mas olhar para mim o fez sentir algo. O suficiente para não ficar mais tão entorpecido a ponto de querer acabar com tudo naquela noite.

Então um ou dois dias depois, levei comida para ele e coloquei na varanda dos fundos. Acho que o resto da história você já sabe.

— Você salvou minha vida, Lily — disse ele para mim. — E eu nem queria que fosse salva.

Ele se inclinou para a frente e beijou o local entre meu ombro e meu pescoço que beija toda vez. Gostei do que ele fez. Não gosto de muita coisa em meu corpo, mas essa área na clavícula se tornou a parte que mais gosto em mim.

Ele segurou minhas mãos e disse que ia entrar para a Marinha antes do que tinha planejado, mas que não podia ir embora sem me agradecer. Disse que passaria quatro anos longe e que a última coisa que desejava para mim era que eu fosse uma garota de 16 anos que não aproveitava a vida por causa de um namorado que nunca mandava notícias, que eu nunca via.

A próxima coisa que ele disse fez seus olhos lacrimejarem até ficarem límpidos.

— Lily. A vida é engraçada. A gente só tem alguns anos para viver, então precisamos fazer o possível para viver esses anos intensamente. Não devemos perder tempo com coisas que talvez aconteçam algum dia ou então nunca.

Entendi o que ele estava dizendo. Que ia se alistar e não queria que eu me prendesse a ele enquanto estivesse longe. Ele não estava terminando nada comigo porque nunca estivemos realmente juntos. Éramos só duas pessoas que se ajudavam quando era preciso e que fundiram seus corações um ao outro no meio do caminho.

Foi difícil ver alguém que nunca ficou comigo de verdade se afastar de mim. Durante todo o tempo que passamos juntos, acho que nós meio que sabíamos que não era algo para sempre. Não sei por quê, afinal eu poderia facilmente amá-lo desse jeito. Acho que talvez em circunstâncias normais, se estivéssemos juntos como típicos adolescentes, e ele tivesse uma vida comum com uma casa, nós dois poderíamos ser esse casal. O tipo de casal que se une com facilidade e cuja vida nunca é interrompida pela crueldade.

Nem tentei fazê-lo mudar de ideia naquela noite. Sinto que a gente tem uma conexão que nem os fogos do inferno quebrariam. Sinto que ele pode passar um tempo no Exército e que eu posso viver mais alguns anos como uma adolescente normal, porque depois tudo vai se encaixar quando for a hora certa.

— Vou te prometer uma coisa — disse ele. — Quando minha vida estiver boa o suficiente para que você faça parte dela, vou te encontrar. Mas não quero que fique me esperando, porque talvez isso nunca aconteça.

Não gostei dessa promessa, pois significava duas possibilidades. Ou ele achava que nunca sairia vivo da Marinha, ou que sua vida nunca seria boa o suficiente para mim.

Sua vida já era boa o suficiente para mim, mas apenas assenti e forcei um sorriso.

— Se você não vier atrás de mim, eu vou atrás de você. E isso não vai ser nada bom, Atlas Corrigan.

Ele riu de minha ameaça.

— Bem, não vai ser muito difícil me achar. Você sabe exatamente onde estarei.

Sorri.

— Onde tudo é melhor.

Ele retribuiu o sorriso.

— Em Boston.

E depois me beijou.

Ellen, sei que você é adulta e sabe tudo sobre o que aconteceu em seguida, mas mesmo assim não me sinto à vontade contando o que fizemos nas duas horas seguintes. Vamos dizer apenas que a gente se beijou muito. Rimos muito. Amamos muito. Respiramos muito. Muito. E nós dois tivemos de tapar as bocas e fazer o máximo de silêncio possível para que não nos flagrassem.

Quando terminamos, ele me abraçou, pele com pele, mão no coração. Ele me beijou e me olhou bem nos olhos.

— Eu te amo, Lily. Tudo que você é. Eu te amo.

Sei que essas palavras são muito repetidas por aí, principalmente por adolescentes. Muitas vezes de forma prematura e sem muito mérito. Mas, quando ele as disse para mim, sei que não queria falar que estava apaixonado por mim. Não era esse tipo de "eu te amo".

Imagine todas as pessoas que você conhece ao longo da vida. São muitas. Elas surgem como ondas, entrando e saindo aos poucos, dependendo da maré. Algumas ondas são muito maiores e causam mais impacto que outras. Às vezes, as ondas trazem coisas lá do fundo do mar e as largam no litoral. Marcas nos grãos de areia que provam que as ondas estiveram lá, muito depois de a maré recuar.

Foi isso que Atlas quis dizer ao falar "eu te amo". Estava me contando que eu era a maior onda que tinha aparecido em sua vida. E eu havia trazido tanta coisa comigo que minhas marcas sempre estariam presentes, mesmo quando a maré recuasse.

Depois de dizer que me amava, ele falou que tinha um presente de aniversário para mim. Pegou uma pequena sacola marrom.

— Não é nada de mais, mas foi tudo o que consegui comprar.

Abri a sacola e tirei o melhor presente que já ganhei. Era um ímã que dizia "Boston" em cima. Embaixo, com letras pequenas, estava escrito: "Onde tudo é melhor". Eu disse que guardaria para sempre e que pensaria nele toda vez que o visse.

Quando comecei a escrever esta carta, falei que meu aniversário de 16 anos tinha sido um dos melhores dias de minha vida. Porque até aquele segundo, tinha sido mesmo.

Os próximos minutos é que não foram.

Antes de Atlas aparecer naquela noite, eu não estava esperando por ele, então não pensei em trancar a porta do quarto. Meu pai me escutou conversando com alguém e, ao escancarar a porta e encontrar Atlas na cama comigo, ele ficou mais zangado do que eu já o vira antes. E Atlas estava em desvantagem, porque não estava preparado para o que veio em seguida.

Nunca vou esquecer aquele momento enquanto estiver viva. Eu não podia fazer absolutamente nada enquanto meu pai o golpeava com um bastão de baseball. O barulho dos ossos se quebrando foi a única coisa que escutei acima de meus gritos.

Ainda não sei quem chamou a polícia. Tenho certeza de que foi minha mãe, mas já se passaram seis meses e ainda não conversamos sobre aquela noite. Quando a polícia apareceu em meu quarto e tirou meu pai de cima dele, eu nem reconheci Atlas de tão ensanguentado que ele estava.

Fiquei histérica.

Histérica.

Não só tiveram de levar Atlas em uma ambulância, como também precisaram chamar uma para mim porque eu não conseguia respirar. Foi o primeiro e único ataque de pânico que já tive.

Ninguém queria me dizer onde ele estava ou se estava bem. Meu pai nem foi preso pelo que fez. Espalharam a notícia de que Atlas estava naquela casa antiga, sem ter onde morar. Meu pai foi venerado pelo ato heroico, por ter salvado a filhinha do mendigo que a manipulou para que transasse com ele.

Meu pai disse que eu tinha envergonhado a família, dando um motivo para a cidade inteira fofocar. E vou te contar, até hoje falam sobre isso. Esta manhã escutei Katie dizer a alguém no ônibus que tentou me alertar sobre Atlas. Disse que sabia que ele era uma má influência desde o momento que o viu. Mas isso é mentira. Se Atlas estivesse no ônibus comigo, eu provavelmente teria ficado de boca calada e agido com maturidade, como ele tentou me ensinar. Em vez disso, fiquei com tanta raiva que me virei e mandei Katie ir para o inferno. Disse que Atlas era um ser humano melhor que ela jamais seria, e que, se eu a escutasse falar mal dele de novo, ela ia se arrepender.

Ela apenas revirou os olhos e disse:

— Meu Deus, Lily. Ele fez lavagem cerebral em você, foi? Era um mendigo sujo e ladrão, que provavelmente usava drogas. Ele te usou porque queria comida e sexo, e agora você o está defendendo?

Ela teve sorte de o ônibus chegar a minha casa bem naquele instante. Peguei minha mochila, saí do ônibus, entrei em casa e passei três horas chorando no quarto. Agora minha cabeça está doendo, mas eu sabia que só ficaria melhor se finalmente colocasse tudo para fora aqui no diário. Já faz seis meses que evito escrever esta carta.

Sem querer ofender, Ellen, mas minha cabeça continua doendo. Meu coração também. Talvez esteja doendo ainda mais que ontem. Esta carta não ajudou nem um pouco.

Acho que vou passar um tempo sem escrever. Porque me lembro dele quando escrevo para você, e tudo isso dói muito. Até ele vir atrás de mim, vou apenas fingir que está tudo bem. Vou continuar fingindo que estou nadando, quando na verdade só estou boiando. Quase sem conseguir manter a cabeça fora da água.

Lily

Viro para a próxima página, mas está em branco. Foi a última vez que escrevi para Ellen.

Também nunca mais tive notícias de Atlas, e uma grande parte de mim jamais o culpou por isso. Ele quase morreu nas mãos de meu pai. Não dá para perdoar.

Soube que ele tinha sobrevivido e ficado bem porque, às vezes, ao longo dos anos, minha curiosidade falava mais alto e eu descobria o que dava sobre ele na internet. Mas não tinha muita coisa. Só o suficiente para que eu soubesse que estava vivo e tinha se alistado.

Porém, ele nunca saiu de minha cabeça. O tempo amenizou as coisas, mas, às vezes, eu me deparava com algo que me fazia lembrar dele, e ficava mal. Só depois de uns dois anos na faculdade, quando comecei a namorar outra pessoa, percebi que talvez Atlas não fosse tudo em minha vida. Talvez fosse só uma parte dela.

Talvez o amor não seja um ciclo completo. Apenas suba e desça, entre e saia, assim como as pessoas em nossas vidas.

Certa noite, eu me sentia muito sozinha na faculdade, então fui a um estúdio de tatuagem e pedi para desenhar um coração onde ele me beijava. É um coração pequeno, mais ou menos do tamanho de um polegar, e parece muito com o coração que ele entalhou para mim em um pedaço de carvalho. Ele não se fecha totalmente no topo, e fico na dúvida se Atlas entalhou o coração assim de

propósito. Porque é desse jeito que meu coração se sente toda vez que penso nele. Parece que tem um buraco, deixando todo o ar sair.

Depois da faculdade, acabei me mudando para Boston, não necessariamente porque esperava encontrá-lo, mas porque eu precisava ver com os próprios olhos se Boston era mesmo melhor. De qualquer jeito, não havia nada para mim em Plethora, e eu queria ficar o mais longe possível de meu pai. Apesar de doente e de não mais conseguir machucar ninguém, ele ainda me dava ânsias de escapar do Maine, então foi exatamente o que fiz.

Ver Atlas no próprio restaurante pela primeira vez me causou tantas emoções que eu não sabia processá-las. Fiquei feliz por saber que ele estava bem. Fiquei feliz ao ver que parecia saudável. Mas eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei um pouco magoada por ele nunca ter tentado me encontrar, como prometeu.

Eu o amo. Ainda amo e sempre amarei. Ele foi uma onda enorme que deixou muitas marcas em minha vida, e vou sentir o peso desse amor até morrer. Já aceitei isso.

Mas agora as coisas são diferentes. Hoje, depois que ele saiu do escritório, pensei muito em nós dois. Acho que nossas vidas estão onde deveriam estar. Eu tenho Ryle. Atlas tem uma namorada. Ambos construímos as carreiras que sempre quisemos. Só porque não terminamos juntos na mesma onda não significa que não somos parte do mesmo oceano.

As coisas com Ryle ainda são bem recentes, mas o que sinto por ele é tão intenso quanto o que eu sentia por Atlas. Ele me ama assim como Atlas me amava. E sei que, se Atlas tivesse a oportunidade de conhecê-lo, perceberia isso e ficaria feliz por mim.

Às vezes, uma onda inesperada surge e te suga, se recusando a cuspir para fora. Ryle é minha onda inesperada da maré, e, no momento, estou tocando de leve em sua bela superfície.

Parte Dois

Capítulo Dezoito

— Meu Deus. Acho que vou vomitar.

Ryle põe o polegar debaixo de meu queixo e inclina meu rosto na direção do seu. Sorri para mim.

— Você vai ficar bem. Pare de surtar.

Balanço as mãos e dou um pulo dentro do elevador.

— Não consigo — digo. — Tudo o que você e Allysa me contaram sobre sua mãe me deixa muito nervosa. — Arregalo os olhos e levo a mão à boca. — Meu Deus, Ryle. E se ela me perguntar sobre *Jesus*? Eu não vou à igreja. Quero dizer, li a Bíblia quando era mais nova, mas não sei responder nenhuma pergunta.

Agora Ryle está rindo de verdade. Ele me puxa para perto e beija minha têmpora.

— Ela não vai falar sobre Jesus. Minha mãe já te ama por causa das coisas que contei a ela. Você só precisa ser você mesma, Lily.

Concordo com a cabeça.

— Ser eu mesma. Ok. Acho que consigo fingir ser eu mesma por uma noite. Não é?

As portas se abrem, ele sai do elevador comigo, e seguimos na direção do apartamento de Allysa. É engraçado o ver batendo à porta, porque acho que tecnicamente não mora mais aqui. Nos últimos meses, ele foi aos poucos passando cada vez mais tempo em minha casa. Todas as suas roupas estão em meu apartamento. Seus itens de higiene pessoal. Na semana passada, ele até pendurou aquela foto minha ridícula e desfocada em nosso quarto, e realmente pareceu algo oficial a partir de então.

— Ela sabe que moramos juntos? — pergunto. — Ela vê algum problema nisso? Quero dizer, não somos casados. E ela vai à igreja todo domingo. Ah, não,

Ryle! E se sua mãe achar que sou uma vagabunda blasfema?

Ryle aponta a cabeça para o apartamento, e, quando me viro, vejo sua mãe parada na porta, chocada.

— Mãe — diz Ryle. — Esta é Lily. Minha vagabunda blasfema.

Ai, meu Deus.

A mãe de Ryle estende a mão e me puxa para um abraço, e sua risada é tudo de que preciso para sobreviver ao momento.

— Lily! — exclama ela, me afastando um pouco para poder me olhar. — Querida, não acho que você seja uma vagabunda blasfema. Você é o anjo que há dez anos peço a Deus para cair no colo de Ryle!

Ela nos acompanha para dentro do apartamento. O pai de Ryle é o próximo a me cumprimentar com um abraço.

— Não, não é de jeito algum uma vagabunda blasfema — diz ele. — Bem diferente do Marshall aqui, que colocou suas garras em minha garotinha quando ela só tinha 17 anos.

Ele lança um olhar fulminante para o genro, que está sentado no sofá.

Marshall ri.

— Está enganado, Dr. Kincaid, porque foi Allysa que colocou as garras em mim primeiro. Minhas garras estavam em outra garota que tinha gosto de Cheetos e...

Marshall se curva para a frente quando Allysa lhe dá uma cotovelada na lateral do corpo.

E, como mágica, todos os meus medos desaparecem. Eles são perfeitos. Normais. Dizem *vagabunda* e riem das piadas de Marshall.

Impossível querer algo melhor que isso.

Três horas depois, estou deitada na cama de Allysa com ela. Seus pais foram dormir cedo, culpando o fuso horário. Ryle e Marshall estão na sala, assistindo a algum jogo. Estou com a mão na barriga de Allysa, esperando sentir o bebê chutar.

— Os pés estão bem aqui — diz, movendo minha mão alguns centímetros. — É só esperar alguns segundos. Ela está bem agitada hoje à noite.

Ficamos em silêncio enquanto esperamos a bebê chutar. Quando acontece, dou um gritinho e rio.

— Meu Deus! Parece um alienígena!

Allysa entrelaça as mãos em cima da barriga, sorrindo.

— Estas últimas dez semanas vão ser um inferno — diz ela. — Já estou pronta para conhecê-la.

— Eu também. Não vejo a hora de ser tia.

— E eu não vejo a hora de você e Ryle terem um bebê — diz ela.

Eu me deito e ponho as mãos atrás da cabeça.

— Não sei se ele quer ter filhos. Nunca conversamos sobre isso.

— Não importa se ele quer ou não — retruca ela. — Ele vai ter. Ryle nem queria se relacionar com alguém antes de você. Não queria se casar antes de você, e sinto que um pedido de casamento deve acontecer em breve.

Apoio a cabeça na mão e me viro para ela.

— Faz só seis meses que estamos juntos. Tenho certeza de que ele quer esperar bem mais que isso.

Não pressiono Ryle a acelerar nosso relacionamento. Nossas vidas estão perfeitas como estão. E, de todo jeito, estamos ocupados demais para organizar um casamento, então não me importo se ele quiser esperar mais tempo.

— E você? — insiste Allysa. — Aceitaria se ele te pedisse em casamento?

Eu rio.

— Está brincando? Com certeza. Eu me casaria com ele hoje mesmo.

Allysa olha por cima de meu ombro para a porta do quarto. Ela comprime os lábios e tenta conter o sorriso.

— Ele está parado na porta, não é?

Ela assente.

— Ele escutou o que eu disse, não foi?

Ela faz que sim de novo.

Eu me deito na cama e olho para Ryle, apoiado no batente da porta com os braços cruzados. Não sei o que está pensando depois de ouvir o que eu disse. Exibe uma expressão tensa; maxilar cerrado, os olhos semiabertos focados em mim.

— Lily — começa ele, firme. — Eu me casaria com você *agora*.

Suas palavras me fazem abrir o maior sorriso envergonhado, em seguida escondo o rosto com um travesseiro.

— Puxa, obrigada, Ryle — digo, minhas palavras abafadas pelo travesseiro.

— Que meigo — comenta Allysa. — Meu irmão é mesmo um fofo.

O travesseiro é puxado de mim, e Ryle está parado a meu lado, segurando-o.

— Então vamos.

Meu coração se acelera.

— Agora?

Ele faz que sim.

— Tirei o fim de semana de folga porque meus pais estão aqui. Seus funcionários podem cuidar da loja. Vamos para Las Vegas nos casar.

Allysa se senta na cama.

— Não pode fazer isso — avisa ela. — Lily é uma garota. Ela quer um casamento de verdade, com flores, madrinhas e todas essas besteiras.

Ryle olha para mim.

— Você quer um casamento de verdade com flores, madrinhas e todas essas besteiras?

Penso por um segundo.

— Não.

Ficamos em silêncio por um instante, e depois Allysa começa a chutar as pernas para cima e para baixo na cama, muito empolgada.

— Eles vão se casar! — grita ela. Depois sai da cama e vai correndo até a sala. — Marshall, faça nossas malas! Vamos para Las Vegas!

Ryle estende o braço e segura minha mão, me puxando para que eu fique de pé. Ele está sorrindo, mas não vou fazer isso de jeito nenhum, a não ser que eu tenha certeza do que ele quer.

— Tem certeza, Ryle?

Ele passa as mãos em meu cabelo e puxa meu rosto para perto, roçando os lábios nos meus.

— Verdade nua e crua — sussurra ele. — Estou tão animado para ser seu marido que até mijaria nas calças.

Capítulo Dezenove

— Já se passaram seis semanas, mãe. Você precisa superar.

Minha mãe suspira ao telefone.

— Você é minha única filha. Desde que nasceu, venho sonhando com seu casamento.

Ela ainda não me perdoou, mesmo estando presente na hora. Ligamos para ela logo antes de Allysa reservar nossos voos. Nós a obrigamos, e os pais de Ryle, a sair da cama, e depois convencemos todo mundo a voar para Las Vegas à meia-noite. Ela não tentou me dissuadir da ideia porque tenho certeza de que percebeu nosso estado de espírito quando chegou ao aeroporto. Mas ela não me deixou esquecer o assunto. Tem sonhado com uma festa enorme de casamento, com provas de vestido e de bolo desde o dia em que nasci.

Chuto os pés para cima no sofá.

— E se eu te recompensar? — sugiro. — E se, quando decidirmos ter um bebê, eu prometer seguir o método tradicional, não comprar um em Las Vegas?

Minha mãe ri, depois suspira.

— Desde que você me dê netos um dia, acho que posso esquecer do assunto.

Ryle e eu conversamos sobre ter filhos no voo para Vegas. Eu queria discutir a possibilidade antes de me comprometer a passar o resto da vida com ele. Ryle disse que isso certamente poderia ser discutido. Depois resolvemos várias outras causas prováveis de problemas futuros. Faço questão de contas bancárias separadas, mas, como ele ganha muito mais, deve me comprar vários presentes e me deixar feliz. Ele concordou. E ainda me fez prometer jamais me tornar vegana. O que foi fácil. Eu amo queijo. Falei que a gente teria de abrir alguma instituição de caridade, ou pelo menos doar para as instituições que Marshall e Allysa indicassem. Ele disse que já faz isso, o que me deixou com vontade de me

casar com ele ainda mais rápido. Ele me fez prometer que eu votaria nas eleições. Disse que eu poderia votar nos democratas, republicanos ou independentes, contanto que votasse. Entramos em acordo.

Quando chegamos a Vegas, estávamos completamente em sintonia.

Escuto a porta da frente destrancar, então me deito.

— Preciso desligar — aviso a minha mãe. — Ryle acabou de chegar. — Ele fecha a porta, então eu sorrio e digo: — Espere. Vou reformular a frase, mãe. Meu *marido* acabou de chegar.

Minha mãe ri e se despede de mim. Desligo e deixo o telefone de lado. Ergo o braço acima da cabeça e o apoio preguiçosamente no braço do sofá. Em seguida, coloco a perna no encosto, deixando minha saia escorregar pelas coxas e se aglomerar na cintura. Os olhos de Ryle devoram meu corpo, e ele sorri enquanto se aproxima. Depois se ajoelha no sofá e lentamente deita em mim.

— Como está minha esposa? — sussurra ele, dando beijos ao redor de minha boca.

Ele pressiona o corpo entre minhas pernas, e eu deixo minha cabeça tombar para trás enquanto ele beija meu pescoço.

Isso é que é vida.

Nós trabalhamos quase diariamente. Ryle trabalha o dobro de horas que eu, e só duas ou três vezes por semana estou acordada quando ele chega. Porém, nesse caso, costumo exigir que passe tais noites dentro de mim.

Ele não reclama.

Ryle escolhe um ponto em meu pescoço e o domina, beijando-o com tanta força que chega a doer.

— Ai.

Ele se abaixa, ainda em cima de mim, e murmura contra meu pescoço:

— Vou deixar um chupão em você. Não se mexa.

Eu rio, mas concordo. Meu cabelo é comprido o suficiente para esconder, e jamais ganhei um chupão.

Seus lábios continuam no mesmo lugar, chupando e beijando até eu parar de sentir dor. Ele pressiona o corpo no meu, se avolumando dentro do uniforme. Mexo as mãos e puxo sua calça o suficiente para que ele possa entrar em mim. Ryle continua beijando meu pescoço enquanto me possui no sofá.

✦✦✦

Ele tomou uma ducha primeiro, e, assim que terminou, eu entrei. Achei melhor nos livrarmos do cheiro de sexo antes de jantar com Allysa e Marshall.

A bebê chega em algumas semanas, então Allysa está requisitando nossa companhia sempre que possível. Ela está preocupada, com medo do impacto em nossa vida social quando a bebê nascer, mas sei que isso é ridículo. Vamos passar a visitá-los mais. Já amo minha sobrinha mais que eles dois.

Ok, talvez não. Mas quase.

Tento não molhar o cabelo enquanto me enxaguo porque já estamos atrasados. Pego a gilete e a encosto na axila quando escuto um estrondo. Paro.

— Ryle?

Nada.

Termino de me depilar e depois tiro o sabão. Mais um estrondo.

Mas o que ele está fazendo?

Fecho a torneira, pego uma toalha e a enrolo no corpo.

— Ryle!

Ele continua sem responder. Visto depressa a calça jeans e abro a porta enquanto enfio a camisa por cima da cabeça.

— Ryle?

A mesa de cabeceira ao lado de nossa cama está virada. Vou até a sala de estar e o encontro ao lado do sofá, a cabeça apoiada na mão. Está olhando para alguma coisa na outra mão.

— O que está fazendo?

Ele me encara, e não reconheço a expressão. Fico confusa sem entender o que está acontecendo. Não sei se ele recebeu alguma notícia ruim ou... *Meu Deus, Allysa.*

— Ryle, você está me assustando. O que aconteceu?

Ele ergue meu celular e olha para mim, como se eu devesse saber o que está acontecendo. Quando balanço a cabeça, confusa, ele mostra um pedaço de papel.

— Engraçado — diz ele, colocando meu celular na mesa de centro à frente. — Derrubei seu celular sem querer. A capa saiu. E encontrei esse número escondido atrás.

Meu Deus.

Não, não, não.

Ele amassa o papel.

— Aí pensei: Hum, que estranho, Lily não esconde coisas de mim. — Ele se levanta e pega meu celular. — Então liguei para o número. — Cerra o punho ao

redor do celular. — Ele deu sorte porque caiu na porra da caixa postal.

Ryle joga meu celular do outro lado da sala. O aparelho bate na parede, se despedaçando no chão.

Há uma pausa de três segundos, e penso que duas coisas podem acontecer.

Ele vai me deixar.

Ou ele vai bater em mim.

Ryle passa a mão no cabelo e vai direto para a porta.

Ele me deixa.

— Ryle! — grito.

Por que nunca joguei aquele número fora?!

Abro a porta e saio correndo atrás dele. Ryle está descendo dois degraus de cada vez, e finalmente o alcanço no patamar do segundo andar. Eu me jogo a sua frente e lhe agarro a camisa com os punhos cerrados.

— Ryle, por favor, me deixe explicar.

Ele agarra meus pulsos e me empurra para longe.

✦✦✦

— Fique parada.

Sinto suas mãos em mim. Delicadas. Firmes.

Lágrimas escorrem e, por algum motivo, doem.

— Lily, fique parada. Por favor.

Seu tom de voz é tranquilizador. Mas minha cabeça dói.

— Ryle?

Tento abrir os olhos, mas a luz está forte demais. Sinto uma ardência no canto do olho e me contraio. Tento me sentar, mas sinto sua mão empurrar meu ombro para baixo.

— Precisa ficar parada até eu terminar, Lily.

Abro os olhos de novo e encaro o teto. É o teto de nosso quarto.

— Terminar o quê?

Minha boca dói quando falo, então toco meus lábios com a mão.

— Você caiu da escada — diz ele. — Está machucada.

Meus olhos encontram os seus. Há preocupação em seu olhar, mas também mágoa. Raiva. Ele está sentindo *tudo*, enquanto só consigo ficar confusa.

Fecho os olhos de novo e tento lembrar por que ele está zangado, magoado.

Meu celular.

O número de Atlas.

A escada.

Agarrei sua camisa.

Ele me empurrou.

— *Você caiu da escada.*

Mas eu *não* caí.

Ele me empurrou. De novo.

É a segunda vez.

Você me empurrou, Ryle.

Sinto o corpo inteiro começar a tremer com meus soluços. Não faço ideia da gravidade de meus ferimentos, mas nem me importo. Nenhuma dor física se compara à do meu coração. Dou tapinhas na mão de Ryle para que se afaste. Sinto ele se levantar da cama enquanto fico em posição fetal.

Espero que ele tente amenizar a situação como fez da última vez que me machucou, mas isso não acontece. Escuto Ryle andar pelo quarto. Não sei o que está fazendo. Ainda estou chorando quando ele se ajoelha a minha frente.

— Talvez você esteja com uma concussão — explica ele, inexpressivo. — Está com um pequeno corte na boca. Só tratei do curativo no olho. Não vai precisar levar pontos.

Seu tom de voz é frio.

— Tem mais algum lugar doendo? Os braços? Suas pernas?

Ele fala como um médico, não parece em nada um marido.

— Você me empurrou — acuso, em meio às lágrimas.

É só nisso que consigo pensar. Só isso que consigo dizer ou ver.

— Você caiu — comunica ele, calmamente. — Cerca de cinco minutos atrás. Logo depois de eu ter descoberto que me casei com a porra de uma mentirosa. — Ele deixa algo no travesseiro a meu lado. — Se precisar de alguma coisa, tenho certeza de que pode ligar para este número.

Olho para o pedaço de papel amassado perto de minha cabeça, com o número de Atlas.

— Ryle — chamo, soluçando.

O que está acontecendo?

Escuto a porta do apartamento bater.

Meu mundo inteiro desmorona ao redor.

— Ryle — sussurro para ninguém.

Tapo o rosto com as mãos e choro, como nunca fiz na vida. Estou destruída.

Cinco minutos.

É o necessário para destruir completamente uma pessoa.

✦✦✦

Alguns minutos se passam.

Dez, talvez?

Não consigo parar de chorar. Ainda não saí da cama. Estou com medo de me olhar no espelho. Estou apenas... com medo.

Escuto a porta da frente se abrir e bater de novo. Ryle aparece na porta, e não faço ideia se devo sentir raiva.

Ou morrer de medo.

Ou me sentir mal.

Como posso estar sentindo as três coisas ao mesmo tempo?

Ele encosta a testa na porta de nosso quarto, e eu fico observando ele bater a cabeça ali. Uma vez. Duas vezes. Três vezes.

Ele se vira, se aproxima depressa de mim e se ajoelha ao lado da cama. Então segura minhas mãos e as aperta.

— Lily — diz ele, o rosto inteiro contorcido em aflição. — *Por favor*, me diga que não é nada. — Ele leva a mão até a têmpora, e sinto suas mãos tremerem. — Não aguento isso, não aguento. — Ele se inclina para a frente e encosta com força os lábios em minha testa, depois encosta a testa na minha. — Por favor, me diga que não está se encontrando com ele. *Por favor.*

Nem sei o que dizer porque não estou com vontade de falar.

Ele continua se encostando em mim, segurando firmemente meu cabelo com a mão.

— Está doendo tanto, Lily. Eu te amo tanto.

Balanço a cabeça, querendo que a verdade saia de mim para que ele perceba o grande erro que cometeu.

— Até esqueci que o número estava lá — sussurro. — No dia seguinte à briga no restaurante... ele passou na loja. Pode perguntar a Allysa. Ele só ficou cinco minutos. Pegou meu celular e colocou o número de seu telefone dentro da capa porque não acreditava que eu estava segura com você. Esqueci que o tinha, Ryle. Nunca sequer olhei para esse papel.

Ele solta o ar, trêmulo, e começa a balançar a cabeça, aliviado.

— Jura, Lily? Jura por nosso casamento, por nossas vidas e por tudo o que é... não fala com ele desde aquele dia?

Ele se afasta para poder me olhar nos olhos.

— Juro, Ryle. Você teve uma reação exagerada antes de me dar a chance de explicar — digo a ele. — Agora dê o fora de meu apartamento, *porra*!

Minhas palavras o deixam sem ar. Percebo claramente. Ele se encosta na parede e me encara em silêncio. Chocado.

— Lily — sussurra ele. — Você caiu da escada.

Não sei se ele está tentando me convencer ou se convencer.

— Dê o fora de meu apartamento — repito, com calma.

Ele continua paralisado. Eu me sento na cama. Levo a mão imediatamente ao olho que está latejando. Ele se levanta do chão. Quando dá um passo à frente, eu recuo na cama.

— Você está machucada, Lily. Não vou te deixar sozinha.

Pego um dos travesseiros e o jogo em Ryle, como se pudesse machucá-lo.

— Sai daqui! — grito. Ele pega o travesseiro que joguei. Agarro o outro, fico em pé na cama e começo a lhe bater enquanto grito: — Sai daqui! Sai! Sai!

Jogo o travesseiro no chão depois que a porta do apartamento bate.

Vou correndo até a porta e passo o ferrolho.

Volto correndo para a cama e me jogo ali. A mesma cama que divido com meu marido. A mesma cama onde ele faz amor comigo.

A mesma cama onde ele me deita na hora de arrumar a bagunça.

Capítulo Vinte

Tentei salvar meu celular antes de dormir ontem à noite, mas não adiantou. Ele se partiu em dois pedaços. Coloquei o despertador para cedo; queria comprar um novo aparelho no caminho para o trabalho.

Meu rosto não está tão ruim quanto eu temia. Só não dá para esconder de Allysa, mas nem tentei. Reparto o cabelo de lado para cobrir a maior parte do curativo que Ryle colocou em meu olho. A única coisa visível do acontecido é o corte no lábio.

E o chupão que ele deixou em meu pescoço.

Que tremenda ironia da porra.

Pego minha bolsa e abro a porta do apartamento. Paro imediatamente quando vejo um volume a meus pés.

O volume se mexe.

Só depois de vários segundos que percebo que o volume é na verdade Ryle. *Ele dormiu ali fora?*

Ele se levanta assim que sente a porta abrir. Está a minha frente, com um olhar suplicante e mãos delicadas tocando minhas bochechas. Há lábios em minha boca.

— Desculpe, desculpe, desculpe.

Eu me afasto e o analiso com o olhar. *Ele dormiu ali fora?*

Saio do apartamento e fecho a porta. Passo calmamente por ele e desço a escada. Ryle me segue o caminho inteiro até o carro, implorando para que eu fale com ele.

Não falo.

Vou embora.

✦✦✦

Uma hora depois, estou com um celular novo nas mãos. Estou sentada no carro diante da loja de celulares quando ligo o aparelho. Dezessete mensagens aparecem na tela. Todas de Allysa.

Acho que faz sentido não serem de Ryle, porque ele sabia o estado de meu telefone.

Estou prestes a abrir uma mensagem quando meu celular começa a tocar. É Allysa.

— Alô?

— Lily! O que é que está acontecendo? — pergunta ela, suspirando. — Meu Deus, você não pode fazer isso comigo, estou grávida!

Ligo o carro e coloco o celular no bluetooth enquanto dirijo até a floricultura. Allysa está de folga hoje. Ela só vai trabalhar mais alguns dias antes de sair de licença-maternidade.

— Estou bem — asseguro. — Ryle está bem. Nós brigamos. Desculpe por não ter te ligado, ele quebrou meu celular.

Ela fica em silêncio por um instante e, então, pergunta:

— Quebrou? Você está bem? Onde você está?

— Estou bem. Indo para o trabalho agora.

— Ótimo, também estou quase lá.

Começo a protestar, mas ela desliga sem me dar a chance.

Quando chego à loja, ela já está lá.

Abro a porta, pronta para responder a suas perguntas e defender meus motivos para expulsar seu irmão do apartamento. Mas paro assim que vejo os dois no balcão. Ryle está encostado ali, e Allysa pousa as mãos em cima da dele, dizendo algo que não consigo escutar.

Os dois se viram para mim ao ouvirem a porta se fechar.

— Ryle — sussurra Allysa. — O que você *fez* com Lily? — Ela dá a volta no balcão e me puxa para um abraço. — Ah, Lily — diz, afagando minhas costas com a mão.

Ela se afasta com lágrimas nos olhos, e sua reação me deixa confusa. Obviamente sabe que Ryle foi o responsável, mas, se isso for verdade, ela deveria atacá-lo, ou pelo menos gritar com ele.

Ela se vira para Ryle, que me lança um olhar arrependido. Ansioso. Como se quisesse estender o braço e me abraçar, mas está morrendo de medo de encostar

em mim. E com razão.

— Você precisa contar a ela — diz Allysa para Ryle.

Imediatamente, ele apoia a cabeça nas mãos.

— Conte — insiste Allysa, mais zangada. — Ela tem o direito de saber, Ryle. É sua esposa. Se você não contar, eu conto.

Os ombros de Ryle caem para a frente, e sua cabeça está totalmente encostada no balcão. Ele está tão angustiado com o que Allysa pede que nem consegue me olhar. Sinto um frio na barriga, uma aflição mais profunda que minha alma.

Allysa se vira e põe as mãos em meus ombros.

— Escute meu irmão — implora. — Não estou pedindo para perdoá-lo, porque não faço ideia do que aconteceu ontem. Mas, por favor, como minha cunhada e minha melhor amiga, dê uma chance para Ryle conversar com você.

⋆⋆⋆

Allysa disse que cuidaria da loja durante a próxima hora até o outro funcionário a render. Eu ainda estava tão chateada com Ryle que não o queria no mesmo carro que eu. Ele disse que pediria um Uber e me encontraria no apartamento.

Fiquei aflita durante o caminho todo até minha casa, pensando no que ele precisa me contar e que Allysa já sabe. Imaginei muitas coisas. Será que ele está morrendo? Ou tem me traído? Ou perdeu o emprego? Ela não parecia saber os detalhes do que aconteceu entre nós, então não faço ideia de como isso tem relação com nossa noite.

Ryle finalmente entra em meu apartamento dez minutos depois de eu chegar. Estou sentada no sofá, mexendo nas unhas, nervosa.

Eu me levanto e começo a andar de um lado para o outro enquanto ele se aproxima lentamente da cadeira e se senta. Depois se inclina para a frente, unindo as mãos diante do corpo.

— Por favor, Lily, sente-se.

Seu tom é de súplica, como se não aguentasse me ver preocupada. Volto para meu lugar no sofá, mas chego perto do braço, ponho os pés em cima da almofada e levo as mãos à boca.

— Você está morrendo?

Ele arregala os olhos e balança a cabeça imediatamente.

— Não. *Não*. Não é nada disso.

— Então o que foi?

Só quero que ele diga de uma vez. Minhas mãos estão começando a tremer. Ele percebe que está me deixando nervosa, então se inclina e afasta minhas mãos do rosto, segurando-as nas suas. Parte de mim não quer que ele me toque depois do que fez ontem à noite, mas a outra parte precisa ser tranquilizada por ele. A ansiedade em relação ao que vou descobrir está me deixando enjoada.

— Ninguém está morrendo. Não estou te traindo. O que vou contar não vai te magoar, tá bom? É coisa do passado. Mas Allysa acha que você precisa saber. E... eu também acho.

Concordo, e ele solta minhas mãos. Agora é ele que se levanta, andando de um lado para o outro atrás da mesa de centro. É como se ele estivesse juntando coragem para encontrar as palavras certas, e isso me deixa ainda *mais* nervosa.

Ele se senta de novo na cadeira.

— Lily? Você se lembra da noite em que nos conhecemos?

Confirmo com a cabeça.

— Lembra quando cheguei ao telhado? De como eu estava zangado?

Faço que sim de novo. Ele saiu chutando a cadeira. Isso foi antes de descobrir que o polímero resistente à maresia era praticamente indestrutível.

— Lembra minha verdade nua e crua? O que eu contei sobre aquela noite e o que me deixou tão bravo?

Fico cabisbaixa, pensando naquela noite e em todas as verdades que ele me disse. Falou que tinha aversão a casamento. Que gostava de passar só uma noite com as mulheres. Que nunca teria filhos. Que estava bravo porque havia perdido um paciente naquela noite.

Começo a balançar a cabeça.

— O garotinho — respondi. — Por isso você estava zangado, porque um garotinho morreu e você ficou chateado.

Ele exala depressa, aliviado.

— Sim. Por isso eu estava zangado. — Ele se levanta de novo, e tenho a impressão de estar vendo sua alma se despedaçar. Ele pressiona as palmas nos olhos e se segura para não chorar. — Quando eu contei sobre ele, lembra o que você me disse?

Sinto que estou prestes a chorar, e ainda nem sei o motivo.

— Lembro. Falei que não conseguia imaginar o que aquilo deve ter causado ao irmão do garoto. O que atirou acidentalmente. — Meus lábios começam a

tremer. — E depois você disse: *"É algo que vai destruir a vida dele, é isso que vai acontecer"*.

Meu Deus.

Onde essa história vai parar?

Ryle se aproxima e se ajoelha diante de mim.

— Lily — diz Ryle. — Eu sabia que aquilo ia destruí-lo. Eu sabia exatamente o que aquele garotinho estava sentindo... porque a mesma coisa aconteceu comigo. Com o irmão mais velho que eu e Allysa tínhamos...

Não consigo conter as lágrimas. Começo a chorar, e seus braços envolvem minha cintura com firmeza. Ele apoia a cabeça em meu colo.

— Eu *atirei* nele, Lily. Em meu melhor amigo. Meu irmão mais velho. Eu só tinha 6 anos. E nem sabia que segurava uma arma de verdade.

O corpo inteiro de Ryle começa a tremer, e ele me agarra com ainda mais firmeza. Beijo seu cabelo, porque ele parece à beira de um ataque de nervos. Assim como naquela noite no telhado. E por mais que eu ainda esteja muito brava com ele, ainda o amo, e estou completamente arrasada por ter descoberto isso a seu respeito. A respeito de Allysa. Ficamos em silêncio por bastante tempo, sua cabeça em meu colo, seus braços ao redor de minha cintura, os lábios em meu cabelo.

— Ela só tinha 5 anos quando aconteceu. Emerson, 7. A gente estava na garagem, então demorou um tempão até alguém escutar nossos gritos. Fiquei sentado ali, e...

Ele se afasta de meu colo e se levanta, se virando para o outro lado. Depois de um longo período de silêncio, ele se senta de volta no sofá e se inclina para a frente.

— Eu estava tentando... — O rosto de Ryle se contorce de dor, e ele abaixa a cabeça, tapando-a com as mãos, se balançando para a frente e para trás. — Eu estava tentando colocar tudo de volta em sua cabeça. Achei que conseguiria *consertá-lo*, Lily.

Levo a mão à boca. Meu suspiro sai tão alto que não dá para disfarçar.

Preciso me levantar para conseguir respirar.

Não adianta.

Continuo sem conseguir respirar.

Ryle se aproxima de mim, segurando minhas mãos e me puxando para perto. Nós nos abraçamos por um minuto inteiro, e depois ele diz:

— Eu jamais usaria isso como desculpa para meu comportamento. — Ele se afasta e me olha com firmeza nos olhos. — Você precisa acreditar. Allysa queria que eu contasse toda a verdade porque, desde que isso aconteceu, eu não consigo controlar algumas coisas. Fico bravo e perco o controle. Faço terapia desde os 6 anos. Mas isso não é desculpa. É minha realidade.

Ele enxuga minhas lágrimas, fazendo carinho em minha cabeça apoiada em seu ombro.

— Quando você veio correndo atrás de mim ontem à noite, juro que não tinha nenhuma intenção de te machucar. Eu estava chateado e bravo. E, às vezes, quando sinto algo tão intenso assim, alguma coisa dentro de mim simplesmente arrebenta. Não me lembro de tê-la empurrado. Mas sei que fiz isso. Eu *sei*. Enquanto você corria atrás de mim, eu só conseguia pensar que precisava sair de perto de você. Eu a queria fora do caminho. Não pensei que tinha uma escada perto de nós dois. Não processei que sou mais forte que você. Eu fiz merda, Lily. Fiz merda.

Ele aproxima a boca de minha orelha. Sua voz falha ao dizer:

— Você é minha *esposa*. Eu deveria te proteger de monstros. E não *ser* um.

Ele me abraça com tanto desespero que começa a chorar. Jamais senti tanto sofrimento sendo irradiado por um ser humano.

Fico arrasada. É algo que me destrói de dentro para fora. Tudo o que meu coração quer é envolver firmemente o dele.

Porém, mesmo depois de tudo o que ele acabou de confessar, continuo relutando em perdoá-lo. Jurei que nunca mais deixaria uma coisa dessas acontecer. Jurei a ele e a mim mesma que, se Ryle me machucasse de novo, eu iria embora.

Eu me afasto, sem conseguir olhá-lo nos olhos. Vou até meu quarto, precisando de uma pausa para recuperar o fôlego. Fecho a porta do banheiro após entrar e me apoio na pia, sem conseguir endireitar a postura. Deslizo até o chão em um amontoado de lágrimas.

As coisas não deveriam ser assim. Durante toda a vida, eu sabia exatamente o que fazer se um homem me tratasse como meu pai tratava minha mãe. Era simples. Eu iria embora, e aquilo nunca mais se repetiria.

Mas eu não fui embora. E agora aqui estou: com machucados e cortes pelo corpo, causados pelo homem que deveria me amar. Causados por meu próprio marido.

E, ainda assim, tento justificar o que aconteceu.

Foi um acidente. Ele achou que estava sendo traído. Estava magoado e zangado, e eu fiquei no caminho.

Levo as mãos até o rosto e soluço, porque estou sofrendo mais por aquele homem lá fora, sabendo pelo que ele passou na infância, que por mim mesma. E não me sinto altruísta nem forte por causa disso. Fico me achando ridícula e fraca. Eu devia odiá-lo. Eu devia ser a mulher que minha mãe nunca teve forças para ser.

Porém, se estou imitando o comportamento de minha mãe, significa que Ryle está imitando o comportamento de meu pai. Mas ele não está. Preciso parar de comparar os dois. Somos outras pessoas em uma situação completamente diferente. Meu pai nunca teve uma desculpa para sua raiva, nem se arrependia logo em seguida. A maneira como ele tratava minha mãe era muito pior que o que aconteceu comigo.

Ryle acabou de desabafar, contando algo que nunca deve ter revelado a ninguém. Ele está se esforçando para se tornar uma pessoa melhor por minha causa.

Sim, ele errou ontem à noite. Mas está aqui tentando me fazer entender seu passado, e por que reagiu daquele jeito. Seres humanos não são perfeitos, e eu não posso deixar que meu único exemplo de casamento influencie meu *próprio* casamento.

Enxugo os olhos e me levanto. Quando me olho no espelho, não enxergo minha mãe. Apenas eu mesma. Uma jovem que ama o marido e que, acima de tudo, quer ajudá-lo. Sei que Ryle e eu somos fortes o bastante para superar isso. Nosso amor é forte o bastante para que consigamos.

Saio do banheiro e volto para a sala. Ryle se levanta e se vira para mim, o rosto cheio de medo. Ele teme não ser perdoado, e não sei se *realmente* o perdoo. Mas não é preciso perdoar para que se aprenda algo.

Eu me aproximo e seguro suas mãos. Digo para ele apenas verdades nuas e cruas.

— Lembra o que me disse naquela noite no telhado? "Não existem *pessoas ruins*. Todos nós somos humanos e, às vezes, fazemos coisas ruins".

Ele assente e aperta minha mão.

— Você não é uma pessoa ruim, Ryle. Eu o conheço. Ainda pode me proteger. Quando estiver chateado, é só se afastar. E eu me afasto também. Deixamos a situação de lado até você se acalmar, até conseguirmos conversar, ok? Você *não* é um monstro, Ryle. É só um ser humano. E nós, seres humanos, não

podemos aguentar sozinhos toda nossa dor. Às vezes, precisamos dividi-la com quem nos ama, assim o peso não nos faz desmoronar. Mas só posso te ajudar se souber do que precisa. Peça minha ajuda. Tenho certeza de que vamos superar isso.

Ele solta o que parece ser todo o ar que prendia desde ontem à noite. Me abraça com firmeza e enfia o rosto em meu cabelo.

— Me ajude, Lily — sussurra ele. — Preciso de sua ajuda.

Ele me abraça, e no fundo do coração sei que estou fazendo a coisa certa. Dentro de Ryle há mais bem que mal. Vou fazer o que puder para convencê-lo disso.

Capítulo Vinte e Um

— Estou indo. Precisa de mais alguma coisa?

Ergo os olhos dos papéis e nego com a cabeça.

— Obrigada, Serena. Até amanhã.

Ela assente e vai embora, deixando a porta de meu escritório aberta.

O último dia de Allysa foi há duas semanas. O bebê pode nascer a qualquer momento. Tenho mais duas funcionárias em tempo integral, Serena e Lucy.

Sim. *Aquela* Lucy.

Ela casou faz alguns meses, e duas semanas atrás passou aqui procurando emprego. Na verdade, até que deu tudo certo. Ela se mantém ocupada, e, se estamos juntas aqui, é só fechar a porta do escritório para não escutar sua cantoria.

Já se passou quase um mês desde o incidente na escada. Mesmo depois de tudo o que Ryle me contou sobre sua infância, ainda assim foi difícil perdoá-lo.

Sei que ele é esquentado. Percebi isso na noite em que nos conhecemos, antes mesmo de nos falarmos. Percebi isso naquela noite terrível em minha cozinha. Percebi isso quando ele encontrou um número de telefone dentro da capa de meu celular.

Mas também sei a diferença entre Ryle e meu pai.

Ryle é compassivo. Faz coisas que meu pai nunca teria feito. Ele doa para caridade, se importa com os outros, me coloca em primeiro lugar. Ryle nunca na vida me faria estacionar na frente de casa e ficaria com a vaga da garagem.

Preciso me lembrar dessas coisas. Às vezes, a garota dentro de mim — a filha de meu pai — tem opiniões muito fortes. Ela me diz que eu não devia ter perdoado Ryle. Ela me diz que eu devia ter ido embora logo na primeira vez que aconteceu. E, às vezes, acredito nessa voz. Mas depois o lado que conhece Ryle

entende que casamentos não são perfeitos. Em determinados momentos acontecem coisas das quais os dois se arrependem. E eu me pergunto como eu me sentiria comigo mesma se tivesse partido depois do primeiro incidente. Ele nunca deveria ter me empurrado, mas também fiz coisas das quais não me orgulho. Se eu tivesse simplesmente ido embora, teria contrariado nossos votos de casamento? *Na alegria e na tristeza*. Eu me recuso a desistir de meu casamento com tanta facilidade.

Sou uma mulher forte. Convivi com situações de violência a vida inteira. Jamais vou me tornar minha mãe. Acredito cem por cento nisso. E Ryle nunca vai se tornar meu pai. O incidente da escada foi necessário para que eu descobrisse seu passado e para que pudéssemos trabalhar a questão juntos.

Na semana passada, brigamos de novo.

Fiquei com medo. Nossas outras duas brigas não acabaram bem, e eu sabia que a próxima poria em teste minha decisão de ajudá-lo com a raiva.

Estávamos discutindo sobre sua carreira. Ele já terminou a residência e se inscreveu em um curso de especialização de três meses em Cambridge, na Inglaterra. Em breve vai descobrir se foi aprovado, mas não foi isso que me deixou chateada. É uma grande oportunidade, e eu nunca o impediria de ir. Três meses não são nada com nossa rotina atribulada, então não foi isso que me chateou. Foi quando ele comentou o que faria *depois* da viagem.

Ryle recebeu uma oferta de trabalho em Minnesota, no Mayo Clinic, e quer que nos mudemos para lá. Disse que o Mass General é considerado o segundo melhor hospital neurológico do mundo. E o Mayo Clinic é o primeiro.

Ele disse que jamais quis ficar em Boston para sempre. Argumentei que deveríamos ter conversado sobre isso quando discutimos nosso futuro a caminho de Las Vegas. Não posso sair de Boston. Minha mãe mora aqui. Allysa mora aqui. Ele disse que Minnesota fica a cinco horas de voo, e que poderíamos visitar sempre que quiséssemos. Falei que seria muito difícil cuidar de uma floricultura morando a vários estados de distância.

A briga ficou ainda mais intensa, e nossa raiva aumentava a cada segundo. Em determinado momento, ele derrubou o vaso de flores de cima da mesa. Eu me assustei, duvidando de minha decisão de ficar com ele. De acreditar que poderíamos lidar juntos com sua raiva.

— Vou sair por uma ou duas horas — disse Ryle, respirando fundo. — Acho que preciso me afastar. Quando eu voltar, a gente continua.

Ele saiu do apartamento e, mantendo sua palavra, voltou uma hora depois, bem mais calmo. Ele largou as chaves na mesa e se aproximou de mim. Segurou meu rosto nas mãos e disse:

— Eu avisei que queria ser o melhor de minha área, Lily. Eu te disse isso na noite em que nos conhecemos. Foi uma de minhas verdades nuas e cruas. Mas, se eu precisar escolher entre trabalhar no melhor hospital do mundo e deixar minha esposa contente... eu escolho você. Você *é* meu sucesso. Enquanto você estiver feliz, não importa onde eu trabalhe. Vamos ficar em Boston.

Então percebi que tinha tomado a decisão certa. Todo mundo merece uma segunda chance. Especialmente as pessoas mais importantes em nossa vida.

A briga completou uma semana, e ele não falou mais sobre a mudança. Eu me sinto mal, como se eu tivesse frustrado seus planos, mas no casamento é preciso chegar a um meio termo, fazer o melhor para o casal como um todo, não individualmente. E ficar em Boston é melhor para todos os lados da família.

Por falar em família, olho meu celular bem na hora que chega uma mensagem de Allysa.

Allysa: Já terminou de trabalhar? Preciso de sua opinião sobre móveis.

Eu: Chego em quinze minutos.

Não sei se é a proximidade do parto ou o fato de não estar trabalhando, mas tenho certeza de que esta semana passei mais tempo na casa de Allysa que na minha. Fecho a loja e vou para seu apartamento.

✦✦✦

Quando saio do elevador, tem um bilhete colado na porta da frente. Vejo meu nome escrito, então o arranco.

Lily,

Estou no sétimo andar. Apartamento 749.

A

Ela tem um apartamento só para guardar móveis extra? Sei que eles são ricos, mas mesmo assim parece exagero. Entro no elevador e aperto o botão do sétimo andar. Quando as portas se abrem, sigo pelo corredor em direção ao apartamento 749. Ao chegar lá, não faço ideia se devo bater ou simplesmente

entrar. Pode ter alguém morando ali, vai saber. Provavelmente uma das *pessoas* de Allysa.

Bato à porta e escuto passos lá dentro.

Fico chocada quando a porta se abre e Ryle aparece a minha frente.

— Oi — digo, confusa. — O que você está fazendo aqui?

Ele sorri e se encosta no batente.

— Eu moro aqui. O que *você* está fazendo aqui?

Olho para o número de estanho do lado da porta e depois para ele.

— Como assim mora aqui? Achei que morasse comigo. Durante todo esse tempo você tinha um apartamento só seu?

Acho que um apartamento deveria ser algo a se revelar a uma esposa em dado momento. Isso é um pouco irritante.

Na verdade, é um absurdo, é enganador. Estou ficando furiosa com ele.

Ryle ri e se afasta da porta. Agora ele está ocupando todo o vão enquanto leva as mãos à trave acima da cabeça e a segura.

— Ainda não tive tempo de te contar sobre o apartamento porque assinei os documentos esta manhã.

Dou um passo para trás.

— Oi? Como assim?

Ele estende o braço para segurar minha mão e me puxa para dentro.

— Bem-vinda a sua casa, Lily.

Paro no hall de entrada.

Sim. Eu disse *hall de entrada*. Tem um *hall de entrada*.

— Você comprou um apartamento?

Ele faz que sim lentamente, avaliando minha reação.

— Você comprou um apartamento — repito.

Ele continua balançando a cabeça.

— Comprei. Tudo bem? Imaginei que seria bom ter mais espaço agora que moramos juntos.

Eu me viro lentamente. Quando vejo a cozinha, eu paro. Não é tão grande quanto a de Allysa, mas é igualmente branca e quase tão bonita. Tem uma adega climatizada e um lava-louça, duas coisas que não existem em meu apartamento. Entro na cozinha e olho ao redor, com medo de tocar nas coisas. *É mesmo minha cozinha? Não pode ser...*

Olho para o teto arqueado da sala de estar e para as enormes janelas com vista para o Porto de Boston.

— Lily? — chama ele atrás de mim. — Não está zangada, está?

Eu me viro para ele, percebendo que aguarda minha reação há vários minutos. Mas estou totalmente sem palavras.

Balanço a cabeça e tapo a boca com a mão.

— Acho que não — sussurro.

Ele se aproxima de mim e ergue minhas mãos.

— Você *acha* que não? — Ele parece preocupado e confuso. — Por favor, me diga uma verdade nua e crua, porque começo a duvidar de que esta é uma boa surpresa.

Observo o piso de madeira. É madeira de verdade. Não é laminado.

— Tudo bem — concedo, olhando para ele. — Acho um disparate você simplesmente comprar um apartamento sem mim. Acho que é uma coisa que devíamos ter feito juntos.

Ele assente e parece prestes a se desculpar, mas ainda não terminei.

— Minha verdade nua e crua é que... é perfeito. Nem sei o que dizer, Ryle. Está tudo tão impecável... Tenho medo de me mudar, porque vou acabar sujando alguma coisa.

Ele solta o ar pela boca e me puxa para perto.

— Pode sujar as coisas, linda. É tudo seu. Pode sujar o quanto quiser.

Ele beija minha têmpora, mas nem agradeço ainda. Parece uma reação pequena demais para um gesto tão grandioso.

— Quando a gente se muda?

Ele dá de ombros.

— Amanhã? Estou de folga. E a gente tem pouca coisa. Podemos passar as próximas semanas comprando móveis novos.

Faço que sim, tentando lembrar qual é a programação de amanhã. Eu já sabia que Ryle estaria de folga, então não planejei nada.

De repente, sinto que preciso me sentar. Não tem nenhuma cadeira por perto, mas pelo menos o chão está limpo.

— Preciso me sentar.

Ryle me ajuda e depois se abaixa a minha frente, ainda segurando minhas mãos.

— Allysa sabe? — pergunto.

Ele sorri e assente.

— Ela está tão animada, Lily! Já faz um tempo que tenho pensado em comprar um apartamento no prédio. Então, quando decidimos ficar em Boston,

simplesmente resolvi te surpreender. Ela ajudou, mas comecei a achar que ia te contar antes que eu o fizesse.

A ficha ainda não caiu. Eu moro aqui? Agora eu e Allysa somos vizinhas? Não sei por que me sinto no dever de ficar incomodada com isso, afinal estou muito animada.

— Sei que você precisa de um minuto para assimilar tudo — diz ele, e sorri. — Mas ainda não viu a melhor parte, e estou perdendo a cabeça com isso!

— Me mostre!

Ryle sorri e me ajuda a levantar. Atravessamos a sala de estar e seguimos pelo corredor. Ele abre as portas e me apresenta a cada cômodo, mas nem consigo entrar. Quando chegamos ao quarto principal, me dou conta de que moramos em um apartamento de três quartos e dois banheiros. Com um escritório.

Nem tenho tempo de assimilar a beleza do quarto enquanto ele me puxa para dentro. Ryle se aproxima de uma parede coberta por uma cortina e se vira para mim.

— Não dá para plantar um jardim, mas com alguns vasos, dá para chegar perto.

Ele abre a cortina e destranca a porta, revelando uma varanda enorme. Eu o sigo até lá fora, já sonhando com todos os vasos de plantas que caberiam ali.

— Tem a mesma vista que a área de lazer do telhado — diz ele. — Sempre teremos a vista da noite em que nos conhecemos.

Demorou um pouco para a ficha cair, o que acontece neste momento, então começo a chorar. Ryle me puxa para o peito e me abraça com firmeza.

— Lily — sussurra ele, passando a mão em meu cabelo. — Eu não queria fazê-la chorar.

Rio em meio às lágrimas.

— Não acredito que moro aqui.

Eu me afasto e olho para ele.

— Nós somos ricos? Como você tem dinheiro para isso?

Ele ri.

— Você se casou com um neurocirurgião, Lily. Não é nenhuma pobretona.

O comentário me faz rir, e depois choro mais um pouco. Por fim, recebemos nossa primeira visita quando alguém bate à porta.

— É Allysa — diz ele. — Ela está esperando no corredor.

Corro até a porta e a escancaro, nós duas nos abraçamos e damos gritinhos. Acho até que vou chorar mais um pouco.

Passamos o resto da noite no apartamento. Ryle pede comida chinesa, e Marshall desce para comer conosco. Não temos mesas nem cadeiras, então nós quatro nos sentamos no meio da sala de estar e comemos direto das caixas. Comentamos sobre como vamos decorar, falamos de todas as coisas que faremos pela vizinhança, conversamos sobre o parto iminente de Allysa...

É tudo e ainda mais.

Mal posso esperar para contar a minha mãe.

Capítulo Vinte e Dois

A data prevista para o parto de Allysa passou faz três dias.

Estamos morando no novo apartamento há uma semana. Conseguimos trazer todas as nossas coisas no dia de folga de Ryle, e Allysa e eu fomos comprar móveis já em nosso segundo dia no apartamento. No terceiro, estávamos praticamente acomodados. Recebemos a primeira correspondência ontem. Era a conta de um serviço público, então agora sim parece oficial.

Estou casada. Tenho um marido ótimo. Uma casa incrível. Minha melhor amiga por acaso é minha cunhada, e estou prestes a ser tia.

Será que me atrevo a perguntar se a vida poderia melhorar?

Fecho o laptop e me arrumo para sair. Tenho saído mais cedo que o normal de tão animada que estou com o novo apartamento. Quando começo a fechar o escritório, Ryle usa sua chave para abrir a porta da loja. Ele deixa a porta bater enquanto entra com as mãos cheias.

Traz um jornal debaixo do braço, e dois cafés nas mãos. Apesar do olhar frenético e dos passos urgentes, ele está sorrindo.

— Lily — diz, ao se aproximar. Ryle me passa um café e depois pega o jornal debaixo do braço. — Três coisas. Um: viu o jornal? — Ele o entrega para mim. O jornal está dobrado de dentro para fora. Ele aponta para a matéria. — Você conseguiu, Lily. Conseguiu!

Tento frear a expectativa enquanto dou uma olhada. Pode ser algo totalmente diferente do que estou pensando. Depois que leio a manchete, percebo que Ryle se referia a *exatamente* o que eu pensava.

— Consegui?

Fui avisada de que a loja tinha sido indicada ao prêmio do Melhores de Boston. É um prêmio anual de votação popular organizado pelo jornal, e a Lily

Bloom's foi indicada na categoria "Melhores novos estabelecimentos de Boston". O critério engloba empresas abertas há menos de dois anos. Suspeitei de que podia ter sido escolhida quando um repórter do jornal me ligou na semana passada e me fez várias perguntas.

A manchete diz: "*Melhores novos estabelecimentos de Boston. Aqui estão os dez mais votados!*".

Sorrio e quase derrubo o café quando Ryle me puxa para perto, me levanta e gira comigo.

Ele disse que eram três notícias, e, se começou com essa, não faço ideia de quais são as outras.

— Qual a segunda coisa?

— Comecei com a melhor — responde ele, me colocando no chão. — Eu estava muito empolgado. — Toma um gole de café. — Fui selecionado para o curso de Cambrige.

Abro o maior sorriso.

— Foi mesmo? — Ele confirma com a cabeça, me abraça e me rodopia de novo. — Estou muito orgulhosa de você! — exclamo, beijando Ryle. — Estamos fazendo sucesso, que ótimo!

Ele ri.

— Número três? — pergunto.

Ele se afasta.

— Ah, é. Número três. — Ele se encosta casualmente no balcão e, bem devagar, toma um gole do café. Com delicadeza, coloca o copo de volta no balcão. — Allysa entrou em trabalho de parto.

— O quê?! — grito.

— Pois é. — Ele indica os cafés com a cabeça. — Por isso trouxe cafeína para você. A gente não vai dormir esta noite.

Começo a bater palmas, a pular e, depois, entro em pânico enquanto procuro minha bolsa, minha jaqueta, minhas chaves, meu celular, o interruptor. Logo antes de chegarmos à porta, Ryle corre até o balcão, pega o jornal e o coloca debaixo do braço. Minhas mãos tremem de empolgação enquanto tranco a porta.

— Vamos ser tias! — digo, enquanto me apresso até o carro.

— *Tios*, Lily. Nós vamos ser *tios* — corrige Ryle, rindo de minha piada.

✦✦✦

Marshall surge calmamente no corredor. Ryle e eu nos animamos e ficamos esperando a notícia. Faz meia hora que está o maior silêncio lá dentro. Ficamos esperando Allysa gritar de dor — um sinal de que tinha dado à luz —, mas não ouvimos nada. Nem o choro de um recém-nascido. Levo as mãos à boca, e o olhar de Marshall me faz temer pelo pior.

Seus ombros começam a tremer, e suas lágrimas escorrem.

— Sou pai. — Ele soca o ar. — Eu sou PAI! — Abraça Ryle, depois me abraça e diz: — Daqui a uns quinze minutos vocês podem entrar para conhecê-la.

Quando ele fecha a porta, Ryle e eu suspiramos aliviados. Depois nos olhamos e sorrimos.

— Você também estava pensando o pior? — pergunta ele.

Faço que sim e o abraço.

— Agora você é tio — constato, sorrindo.

— Você também — diz ele, ao beijar minha testa.

Meia hora depois, Ryle e eu estamos parados ao lado da cama, observando Allysa com a bebê no colo. Ela é perfeita. É nova demais para que a gente saiba com quem se parece, mas é linda mesmo assim.

— Quer segurar sua sobrinha? — pergunta Allysa para Ryle.

Ele se enrijece, como se estivesse nervoso, mas depois confirma com a cabeça. Ela se inclina para a frente e põe o bebê nos braços de Ryle, mostrando como deve segurá-la. Ele fica nervoso ao encará-la, depois vai até o sofá e se senta.

— Já escolheram o nome? — pergunta ele.

— Já — responde Allysa

Ryle e eu olhamos para ela, que sorri, com os olhos marejados.

— Queríamos que ela tivesse o nome de alguém que tanto eu quanto Marshall admiramos muito. Então acrescentamos um *E* a seu nome. O nome é Rylee.

No mesmo instante olho para Ryle, que solta rapidamente o ar pela boca, como se estivesse um pouco chocado. Ele olha para Rylee de novo e abre um sorriso.

— Caramba! — exclama ele. — Não sei o que dizer.

Aperto a mão de Allysa, me aproximo de Ryle e me sento a seu lado. Em vários momentos achei que seria impossível amá-lo mais do que já amo, mas descobri que estava errada. A maneira como ele olha para a sobrinha recém-nascida enche meu coração de felicidade.

Marshall se senta na cama ao lado de Allysa.

— Vocês ouviram como Allysa ficou quieta durante o parto? Não deu um pio. Ela nem tomou medicamento algum. — Ele põe o braço ao redor da mulher e se deita a seu lado na cama. — Eu me sinto naquele filme *Hancock*, com Will Smith, prestes a descobrir que me casei com uma super-heroína.

Ryle ri.

— Ela me encheu de porrada umas duas vezes quando éramos crianças. Então eu não me surpreenderia.

— Nada de palavras feias perto de Rylee — diz Marshall.

— *Porrada* — sussurra Ryle para a bebê.

Nós dois rimos, e depois ele pergunta se quero segurá-la. Já posiciono as mãos para pegá-la, porque eu estava enlouquecendo enquanto esperava minha vez. Puxo a criança para meus braços e fico chocada com o tamanho do amor que já sinto por ela.

— Quando nossos pais chegam? — pergunta Ryle para Allysa.

— Amanhã na hora do almoço.

— Então é melhor eu dormir um pouco. Acabei de terminar um longo turno. — Ele olha para mim. — Você vem comigo?

Nego com a cabeça.

— Quero ficar aqui mais um pouquinho. Pode levar meu carro, eu pego um táxi.

Ele beija minha têmpora e apoia a cabeça na minha enquanto observamos Rylee.

— Acho que a gente devia fazer um desses — diz ele.

Olho para ele, sem saber se entendi direito.

Ele pisca.

— Se eu estiver dormindo quando você chegar, pode me acordar. A gente começa a tentar hoje mesmo.

Ele se despede de Marshall e Allysa, e o amigo o acompanha até lá fora.

Olho para Allysa, que está sorrindo.

— Eu disse que ele ia querer ter filhos com você.

Sorrio e me aproximo da cama. Ela chega para o lado, abrindo espaço para mim. Devolvo Rylee para seu colo, e nós duas ficamos aconchegadas na cama, vendo Rylee dormir, como se fosse a coisa mais magnífica que já testemunhamos.

Capítulo Vinte e Três

Três horas depois, chego em casa e passam das 22h. Fiquei com Allysa por mais uma hora após a saída de Ryle, e ainda voltei ao escritório para terminar algumas coisas e poder ficar dois dias sem voltar à floricultura. Sempre que Ryle tem um dia de folga, tento folgar também.

As luzes estão apagadas quando entro no apartamento, o que significa que Ryle já está na cama.

Passei o trajeto inteiro até em casa pensando no que ele me disse. Eu não estava esperando essa conversa tão cedo. Tenho quase 25 anos, mas, em minha opinião, esperaríamos mais uns dois anos pelo menos antes de tentar engravidar. Ainda não sei se estou pronta, mas saber que ele vai querer isso um dia me deixou incrivelmente feliz.

Decido preparar algo rápido para comer antes de acordá-lo. Ainda não jantei e estou morrendo de fome. Quando acendo a luz da cozinha, dou um grito. Levo a mão ao peito e esbarro no balcão.

— Meu Deus, Ryle! O que você está fazendo?

Ele está encostado na parede, ao lado da geladeira; os pés, cruzados na altura dos tornozelos; os olhos, semicerrados em minha direção. Ele revira alguma coisa entre os dedos e me encara.

Meus olhos se desviam para o balcão à esquerda, e vejo um copo vazio que devia estar com uísque há pouco. Ele bebe de vez em quando porque o ajuda a dormir.

Olho de novo para ele, que exibe um sorrisinho. Meu corpo se aquece imediatamente com esse sorriso, porque sei o que vem em seguida. Esse apartamento está prestes a virar um frenesi de roupas e beijos. Já batizamos quase todos os cômodos desde que nos mudamos, mas ainda falta a cozinha.

Sorrio de volta, o coração ainda batendo erraticamente por causa do susto de tê-lo encontrado no escuro. Seus olhos se fixam em sua mão, e percebo que está segurando o ímã de Boston. Eu o trouxe do apartamento antigo e o coloquei na geladeira quando nos mudamos.

Ele o devolve à geladeira e dá um tapinha nele.

— De onde veio isso?

Olho para o ímã e depois para ele. A última coisa que quero é dizer que o ganhei de Atlas em meu aniversário de 16 anos. Isso apenas traria à tona um assunto ainda sensível para nós dois, e estou animada demais com o que vai acontecer daqui a pouco para contar uma verdade nua e crua.

Dou de ombros.

— Não lembro. Tenho há um tempão.

Ele me encara em silêncio e se empertiga, dando dois passos para perto de mim. Eu me encosto no balcão e fico sem ar. Sua mão vai até minha cintura, e ele a desliza entre minha bunda e a calça jeans, me puxando para perto. Sua boca toma a minha, e ele me beija enquanto começa a baixar minha calça.

Então vamos fazer isso agora mesmo.

Seus lábios se arrastam em meu pescoço enquanto descalço os sapatos, e ele tira de vez minha calça.

Acho que posso comer depois. Batizar a cozinha acabou de se tornar minha prioridade.

Quando sua boca volta para a minha, ele me levanta e me coloca em cima do balcão, se posicionando entre meus joelhos. Sinto seu hálito de uísque e meio que gosto. Já estou ofegante quando seus lábios quentes deslizam pelos meus. Ele agarra meu cabelo e me puxa delicadamente para que eu o encare.

— Verdade nua e crua? — sussurra, observando minha boca, como se estivesse prestes a me devorar.

Faço que sim.

Sua outra mão começa a subir por minha coxa até não ter mais aonde ir. Ele enfia dois dedos quentes em mim, prendendo meu olhar no seu. Inspiro pela boca enquanto minhas pernas se enrijecem ao redor de sua cintura. Começo a me mover lentamente na direção contrária de sua mão, gemendo baixinho enquanto ele me encara, excitado.

— De onde veio aquele ímã, Lily?

O quê?

Sinto como se meu coração estivesse batendo ao contrário.

Por que ele insiste na pergunta?

Seus dedos continuam se movendo dentro de mim, e seus olhos ainda demonstram que ele me quer. *Mas sua mão...* A mão em meu cabelo começa a puxar com mais força, e eu estremeço.

— Ryle — sussurro, mantendo o tom de voz calmo, por mais que esteja começando a ficar trêmulo. — Isso dói.

Seus dedos param de mexer, mas seu olhar não desvia do meu. Ele tira lentamente os dedos de mim e coloca a mão ao redor de meu pescoço, apertando delicadamente. Seus lábios encontram os meus, e sua língua entra em minha boca. Eu aceito, porque não faço ideia do que está lhe passando pela cabeça, e torço para que eu esteja exagerando.

Quando ele encosta em mim, sinto que está duro dentro da calça. Mas então ele recua. Suas mãos saem de mim, e ele se encosta na geladeira, me olhando de cima a baixo, como se quisesse me possuir bem aqui na cozinha. Meu coração começa a se acalmar. *Estou exagerando.*

Perto do fogão, ele põe o braço atrás de mim e pega um jornal. É o mesmo jornal que me mostrou mais cedo, com a matéria sobre os prêmios. Ele o ergue e depois o joga para mim.

— Já leu?

Solto o ar pela boca, aliviada.

— Ainda não — respondo, fixando os olhos no artigo.

—Então leia em voz alta.

Olho para ele. Sorrio, mas estou com frio na barriga de tanta ansiedade. Tem alguma coisa diferente em Ryle. Na maneira como está agindo. Não sei o que é...

— Quer que eu leia? — pergunto. — Agora?

Não estou nada confortável, sentada seminua no balcão da cozinha, segurando um jornal. Ele confirma com a cabeça.

— Primeiro quero que tire a camisa. E *depois* leia em voz alta.

Fico encarando Ryle, tentando interpretar seu comportamento. Será que o uísque o deixou mais excitado que o normal? Muitas vezes, quando transamos, é um ato tão simples quanto fazer amor. Mas, de vez em quando, fazemos sexo selvagem. Um pouco perigoso, assim como seu olhar no momento.

Deixo o jornal no balcão, tiro a camisa e depois pego o jornal de volta. Começo a ler em voz alta, mas ele dá um passo para a frente e diz:

— A matéria toda, não. — Ele vira para a outra página do jornal, no meio da matéria, e aponta para uma frase. — Leia os últimos parágrafos.

Olho para baixo, ainda mais confusa. Mas faço o que for para esquecermos logo isso e irmos para a cama...

— "O estabelecimento mais votado não é surpresa para ninguém. O icônico Bib's, na Marketson, foi inaugurado em abril do ano passado e rapidamente se tornou um dos restaurantes mais bem avaliados da cidade, de acordo com o TripAdvisor".

Paro de ler e olho para Ryle. Ele serviu mais uísque e está tomando um gole.

— Continue lendo — ordena, indicando com a cabeça o jornal em minhas mãos.

Engulo em seco com força, a saliva na boca engrossando a cada segundo. Tento controlar o tremor nas mãos enquanto continuo lendo.

— "O dono, Atlas Corrigan, é um chef duplamente premiado e também membro da Marinha dos Estados Unidos. Não é nenhum segredo que o acrônimo de seu restaurante de sucesso, Bib's, significa *Better in Boston*".

Suspiro.

Tudo é melhor em Boston.

Aperto minha barriga, tentando manter as emoções sob controle enquanto continuo:

— "Mas, quando foi entrevistado sobre seu prêmio mais recente, o chef finalmente revelou a verdade por trás do nome. *É uma longa história*, afirmou o chef Corrigan. *Foi uma homenagem a alguém que teve grande impacto em minha vida. Alguém que foi muito importante para mim. Ela ainda é muito importante para mim*".

Deixo o jornal no balcão.

— Não quero mais ler.

Minha voz falha ao passar pela garganta.

Ryle dá dois passos rápidos para a frente e agarra o jornal. Continua de onde parei, com a voz alta e zangada:

— "Quando perguntamos se a garota sabia que o nome do restaurante era por causa dela, chef Corrigan sorriu compreensivamente e disse: *Próxima pergunta*".

A raiva na voz de Ryle me deixa enjoada.

— Ryle, pare — digo, calma. — Você bebeu demais.

Passo por ele e saio depressa da cozinha, indo para o corredor que leva ao quarto. Tem muita coisa acontecendo, e acho que não estou entendendo nada.

A matéria não citou a pessoa de quem Atlas estava falando. Atlas sabe que sou eu, e *eu* sei que sou eu, mas por que diabo Ryle pensaria isso?

E o ímã. Por que ele está deduzindo que ganhei o ímã de Atlas só com base nessa matéria de jornal?

Exagero.

Eu o escuto me seguir enquanto vou até o quarto. Escancaro a porta e paro imediatamente.

A cama está cheia de coisas. Uma caixa de mudança vazia com as palavras "Coisas de Lily" escritas na lateral. E tudo o que estava dentro da caixa... espalhado. Cartas, diários, caixas de sapato vazias. Fecho os olhos e inspiro lentamente.

Ele leu o diário.

Não.

Ele. Leu. O. Diário.

Seu braço envolve minha cintura por trás. Sua mão sobe por minha barriga e segura meu seio com firmeza. Sua outra mão roça meu ombro enquanto ele afasta o cabelo de meu pescoço.

Fecho os olhos enquanto seus dedos começam a percorrer minha pele, indo até meu ombro. Seu dedo passa lentamente pelo lado do coração, e meu corpo todo estremece. Seus lábios encostam bem em cima de minha tatuagem, e depois seus dentes cravam minha pele com tanta força que eu grito.

Tento me afastar, mas ele está me segurando com tanta força que nem se mexe. A dor de seus dentes perfurando minha clavícula se espalha pelo ombro e desce pelo braço. Imediatamente, começo a chorar. A *soluçar*.

— Ryle, me solte — digo, com um tom de voz suplicante. — Por favor, se afaste.

Seus braços machucam os meus enquanto ele me segura com força por trás.

Ryle me vira, mas continuo de olhos fechados. Estou assustada demais para encará-lo. Suas mãos se afundam em meus ombros enquanto ele me empurra na cama. Começo a me debater para escapar, mas não adianta. Ele é forte demais. Está zangado. Magoado. *E não está sendo Ryle.*

Estou deitada de costas na cama e me arrasto freneticamente até a cabeceira, tentando fugir.

— Por que ele ainda está aqui, Lily? — Sua voz não está mais tão controlada quanto na cozinha. Ele está muito zangado. — Esse cara está em *tudo*. No ímã

da geladeira. No diário que achei na caixa em nosso armário. Na merda de sua *tatuagem* que antes era a parte que eu *mais* gostava em você, porra!

Ele sobe na cama.

— Ryle — imploro. — Posso explicar. — As lágrimas me escorrem pelas têmporas e molham meu cabelo. — Você está zangado. Por favor, não me machuque. *Por favor*. Vá embora, e eu explico quando você voltar.

Sua mão agarra meu tornozelo, e me puxa até me colocar debaixo dele.

— Não estou zangado, Lily — retruca, com a voz perturbadoramente calma. — Só acho que ainda não demonstrei como eu te amo.

Seu corpo se aproxima do meu, e ele prende meus pulsos acima de minha cabeça, pressionando-os no colchão.

— Ryle, por favor. — Estou soluçando, tentando afastá-lo com alguma parte de meu corpo. — Saia de cima de mim. *Por favor.*

Não, não, não, não.

— Eu te amo, Lily — diz ele, e suas palavras atingem minha face. — Mais do que ele *jamais* amou. Por que você não *enxerga* isso?

Meu medo dá lugar à raiva. Tudo o que vejo ao fechar os olhos é minha mãe chorando no sofá de nossa antiga sala... meu pai a forçando. O ódio esgarça meu corpo e começo a gritar.

Ryle tenta abafar meus gritos com a boca.

Mordo sua língua.

Sua testa bate na minha.

Em um instante, toda a dor passa quando um manto de escuridão cobre meus olhos e me consome.

✦✦✦

Sinto sua respiração no ouvido quando ele murmura algo inaudível. Meu coração está acelerado, meu corpo inteiro continua tremendo, minhas lágrimas ainda escorrem, e estou ofegante. Suas palavras me atingem no ouvido, mas a dor faz minha cabeça latejar demais e não as decifro.

Tento abrir os olhos, mas sinto uma ardência. Tem alguma coisa escorrendo para dentro de meu olho direito, e imediatamente percebo que é sangue.

Meu sangue.

Suas palavras começam a ficar mais nítidas.

— Desculpe, desculpe, desculpe...

Sua mão ainda pressiona a minha no colchão, e ele continua em cima de mim. Mas não está mais tentando se forçar para dentro de mim.

— Lily, eu te amo, me desculpe mesmo.

Suas palavras estão cheias de pânico. Ele está me beijando, seus lábios delicados roçando minha bochecha e minha boca.

Ele sabe o que fez. Voltou a ser Ryle, e sabe o que acabou de fazer comigo. Conosco. Com nosso futuro.

Tiro vantagem de seu pânico. Balanço a cabeça e sussurro:

— Está tudo bem, Ryle. Está tudo bem. Você estava zangado, está tudo bem.

Seus lábios agitados encontram os meus, e o gosto de uísque me dá vontade de vomitar. Ele ainda está sussurrando pedidos de desculpa até que o quarto começa a esvaecer mais uma vez.

⋆⋆⋆

Meus olhos estão fechados. Continuamos na cama, mas ele já não está totalmente em cima de mim. Está a meu lado, apoiando com firmeza o braço em cima de minha cintura. Sua cabeça pressiona meu peito. Continuo rígida enquanto analiso tudo ao redor.

Ele não está se movendo, mas sinto a respiração pesada do sono. Não sei se ele apagou ou se acabou dormindo. A última coisa de que me lembro é sua boca na minha, o gosto de minhas lágrimas.

Fico deitada sem me mexer por vários minutos. Minha dor de cabeça piora a cada minuto consciente. Fecho os olhos e tento pensar.

Cadê minha bolsa?

Cadê minhas chaves?

Cadê meu celular?

Demoro cinco minutos para me desvencilhar. Fico com muito medo de me mexer demais de uma vez só, então me movo um centímetro de cada vez, até conseguir rolar para o chão. Quando deixo de sentir suas mãos em mim, um soluço inesperado me irrompe do peito. Tapo a boca com a mão enquanto me levanto e saio correndo do quarto.

Encontro a bolsa e o celular, mas não faço ideia de onde estão minhas chaves. Procuro freneticamente pela sala e pela cozinha, mas mal consigo enxergar.

Quando ele me golpeou com a cabeça, deve ter machucado minha testa, porque tem sangue demais em meus olhos e vejo tudo borrado.

Deslizo até o chão perto da porta e fico tonta. Meus dedos tremem tanto que só na terceira tentativa acerto a senha do celular.

Hesito assim que aparece a tela para digitar o número. Penso primeiro em ligar para Allysa e Marshall, mas não posso sobrecarregá-los agora. Ela teve um bebê há apenas algumas horas. Não posso fazer isso com eles.

Eu poderia ligar para a polícia, mas não estou em condições de assimilar as consequências. Não quero depor. Não quero prestar queixa, porque sei as implicações para sua carreira. Não quero Allysa zangada comigo. Simplesmente não sei. Não descarto completamente denunciar à polícia. Mas não tenho energia para decidir agora.

Aperto o telefone nas mãos e tento raciocinar. *Minha mãe.*

Começo a discar seu número, mas, quando penso no que isso lhe causaria, começo a chorar de novo. Não posso envolvê-la nessa confusão. Ela já passou por muita coisa. E Ryle vai tentar me encontrar. Vai procurá-la primeiro. Depois, Allysa e Marshall. E então vai atrás de todo mundo que conheço.

Enxugo as lágrimas dos olhos e começo a discar o número de Atlas.

Nunca me odiei tanto quanto agora.

Eu me odeio porque, quando Ryle achou o número de Atlas em meu celular, eu menti e disse que tinha me esquecido de que estava ali.

Eu me odeio porque, no dia em que Atlas me deu o número, eu abri e olhei o papel.

Eu me odeio porque, no fundo, eu sabia que talvez fosse precisar daquilo um dia. *Então decorei.*

— Alô?

A voz está cautelosa. Curiosa. Ele não reconhece o número. Assim que atende, começo a chorar. Tapo a boca e tento ficar quieta.

— Lily? — Sua voz fica bem mais alta. — Lily, onde você está?

Eu me odeio porque ele sabe que as lágrimas são minhas.

— Atlas — sussurro. — Preciso de ajuda.

— Onde você está? — repete ele.

Noto o pânico em sua voz. Eu o escuto andando, remexendo em algumas coisas. Ouço uma porta bater do outro lado da linha.

— Vou te mandar uma mensagem — murmuro, com medo demais para continuar falando em voz alta.

Não quero acordar Ryle. Desligo e encontro forças para acalmar minhas mãos enquanto mando meu endereço e o código para entrar no prédio por sms. Depois envio uma segunda mensagem que diz: **Me avise quando chegar. Por favor, não bata na porta.**

Engatinho até a cozinha e encontro minha calça, vestindo-a com dificuldade. Acho minha camisa no balcão. Depois de me vestir, vou para a sala. Penso em abrir a porta e encontrar Atlas lá embaixo, mas tenho medo de não conseguir chegar sozinha à portaria. Minha testa ainda está sangrando, e me sinto fraca demais até mesmo para levantar e esperar perto da saída. Deslizo até o chão, seguro o celular com a mão trêmula e o encaro, esperando a mensagem.

Depois de vinte e quatro minutos agonizantes, meu celular acende.

Cheguei.

Eu me levanto com dificuldade e abro a porta. Braços envolvem meu corpo, e meu rosto encosta em algo macio. Começo a chorar, chorar, tremer e chorar.

— Lily — sussurra ele. Jamais ouvi meu nome dito com tanta tristeza. Atlas me faz olhar para ele. Seus olhos azuis examinam meu rosto, e eu vejo quando acontece. Noto a preocupação desaparecer quando Atlas vira a cabeça na direção da porta. — Ele ainda está lá dentro?

Fúria.

Sinto a fúria emanar de Atlas, e ele dá um passo na direção do apartamento. Agarro sua jaqueta com os punhos cerrados.

— Não. *Por favor,* Atlas. Só quero ir embora.

Vejo o sofrimento tomá-lo quando ele para, tentando decidir se deve me escutar ou simplesmente derrubar a porta. Ele acaba virando as costas para ela e me envolvendo com os braços. Então me ajuda a ir até o elevador e a passar pela portaria. Por algum milagre, só encontramos uma pessoa, que estava virada para o outro lado, falando ao celular.

Quando chegamos à garagem, volto a me sentir tonta. Peço que ande mais devagar, então sinto seus braços embaixo dos joelhos enquanto ele me ergue. E depois estamos dentro do carro, já em movimento.

Sei que preciso levar pontos.

Sei que ele está me levando ao hospital.

Mas não faço ideia de por que digo as próximas palavras:

— Não me leve ao Mass General. Me leve a outro lugar.

Por algum motivo, não quero correr o risco de encontrar algum colega de Ryle. Eu o odeio. No momento, eu o odeio mais do que jamais odiei meu pai.

Porém, minha preocupação com sua carreira ainda consegue partir meu ódio ao meio.

Quando percebo isso, eu me odeio tanto quanto o odeio.

Capítulo Vinte e Quatro

Atlas está parado do outro lado do cômodo. Ele não desgrudou os olhos de mim nem por um segundo enquanto a enfermeira me atende. Depois de colher meu sangue, ela voltou imediatamente e começou a tratar o corte. Ela não fez muitas perguntas, mas está na cara que meus ferimentos foram causados por violência doméstica. Noto seu olhar de pena enquanto limpa a mordida em meu ombro.

Ao terminar, ela olha para Atlas. Então, dá um passo para a direita, bloqueando a visão que ele tinha de mim. Ela se vira em minha direção de novo.

— Preciso fazer algumas perguntas pessoais. Vou ter de pedir que ele saia daqui, ok?

Nesse momento, percebo que julga Atlas culpado pelos machucados. Começo a balançar a cabeça e respondo:

— Não foi ele. Por favor, não o obrigue a sair daqui.

Seu alívio fica evidente. Ela concorda e puxa uma cadeira.

— Está ferida em mais algum lugar?

Balanço a cabeça, porque ela não conseguiria consertar tudo o que Ryle partiu em mim.

— Lily? — Seu tom de voz é suave. — Você foi estuprada?

Meus olhos se enchem de lágrimas, e vejo Atlas se virar para a parede e encostar a testa ali.

A enfermeira espera que eu olhe em seus olhos antes de continuar falando:

— Temos um exame para este tipo de situação. Chama-se SANE. É opcional, lógico, mas em seu caso eu acho muito importante.

— Não fui estuprada — asseguro. — Ele não...

— Tem certeza, Lily? — pergunta a enfermeira.

Faço que sim.

— Não quero fazer.

Atlas se vira de novo para mim, e vejo o sofrimento em seu rosto enquanto ele se aproxima.

— Lily. Você precisa disso.

Seus olhos estão suplicantes.

Balanço a cabeça de novo.

— Atlas, eu juro... — Fecho os olhos e abaixo a cabeça. — Não o estou protegendo desta vez — sussurro. — Ele tentou, mas depois parou.

— Se decidir prestar queixa, vai precisar...

— Não quero o exame — repito, com um tom de voz firme.

Alguém bate à porta, e um médico entra, me poupando do olhar suplicante de Atlas. A enfermeira faz um rápido resumo de meus ferimentos. Em seguida se afasta, e o plantonista examina minha cabeça e meu ombro. Coloca uma luz em meus olhos. Olha de novo a papelada e diz:

— Eu queria descartar uma concussão, mas por causa de seu estado, não quero fazer uma ressonância. Em vez disso, acho melhor você ficar em observação.

— Por que não quer fazer ressonância? — pergunto.

O médico se levanta.

— Não gostamos de fazer radiografias em grávidas, a não ser que seja essencial. Vamos monitorá-la para acompanhar possíveis complicações, e, se não surgir nenhuma alteração, poderá ir embora.

Não escuto mais nada depois disso.

Nada.

A pressão aumenta em minha cabeça. No coração. Na barriga. Agarro as beiradas da mesa de exames em que estou sentada, e fico encarando o chão enquanto os dois deixam o quarto.

Quando a porta se fecha, eu me endireito, suspensa em um silêncio paralisante. Vejo Atlas se aproximar. Seus pés quase encostam nos meus. Seus dedos roçam de leve minhas costas.

— Você sabia?

Expiro depressa e, depois, inspiro mais ar. Começo a balançar a cabeça e, quando seus braços me envolvem, choro mais que imaginava ser capaz. Ele fica o tempo inteiro me abraçando. Ele me abraça durante todo o meu ódio.

Eu fiz isso comigo.

Eu permiti que isso acontecesse comigo.

Eu me tornei minha mãe.

— Quero ir embora — sussurro.

Atlas se afasta.

— Eles querem monitorá-la, Lily. Acho que devia ficar.

Olho para ele e balanço a cabeça.

— Preciso sair daqui. *Por favor*. Quero ir embora.

Ele assente e me ajuda a calçar os sapatos. Tira a jaqueta e a coloca em meus ombros. Em seguida, saímos do hospital sem ninguém perceber.

Ele não me diz nada enquanto estamos no carro. Fico olhando pela janela, exausta demais para chorar. Chocada demais para falar. Estou me sentindo submersa.

Continue a nadar.

✦✦✦

Atlas não mora em apartamento. Ele mora em uma casa. Em um pequeno subúrbio de Boston chamado Wellesley, onde todas as casas são bonitas, grandes, bem-cuidadas e caras. Antes de pararmos na frente da casa de Atlas, eu me pergunto se ele se casou com aquela garota. *Cassie*. Me pergunto o que ela vai pensar ao ver o marido trazendo para casa uma garota que ele amava e que acabou de ser atacada pelo próprio marido.

Ela vai sentir pena de mim. Não vai entender por que nunca o abandonei. Vai questionar como deixei as coisas chegarem a tal ponto. Vai perguntar as mesmas coisas que eu me perguntava sobre minha mãe quando a via na mesma situação. As pessoas passam tanto tempo se perguntando por que as mulheres não vão embora... Onde estão as pessoas curiosas do porquê os homens serem violentos? Não é aí que deveria estar a culpa?

Atlas estaciona na garagem. Não tem mais nenhum veículo ali. Não espero que me ajude a sair do carro. Abro a porta, desço sozinha e depois o sigo até a casa. Ele coloca o código no alarme e acende algumas luzes. Meus olhos observam a cozinha, a sala de jantar, a sala de estar. Tudo é chique, feito de madeira e aço inoxidável, e a cozinha é de um verde-azulado calmante. Da cor do oceano. Se eu não estivesse sofrendo tanto, sorriria.

Atlas continuou nadando, e olhe só para ele agora: nadou até a porra do Caribe.

Ele vai até a geladeira, pega uma garrafa de água e se aproxima de mim. Tira a tampa e me entrega a garrafa. Tomo um gole e fico observando enquanto

acende a luz da sala e do corredor.

— Você mora sozinho? — pergunto.

Ele assente enquanto volta para a cozinha.

— Está com fome?

Balanço a cabeça. Mesmo se estivesse, não conseguiria comer.

— Vou te mostrar seu quarto — diz ele. — Tem banheiro se você precisar.

Preciso. Quero tirar o gosto de uísque da boca. Quero lavar o cheiro estéril de hospital. Quero lavar as últimas quatro horas de minha vida.

Eu o sigo pelo corredor até um quarto extra, onde ele acende a luz. Há duas caixas em uma cama sem lençol, e mais pilhas de caixas encostadas nas paredes. Vejo uma cadeira grande em uma das paredes, virada para a porta. Ele vai até a cama e tira as caixas, colocando-as na parede com as outras.

— Eu me mudei há alguns meses. Não consegui tempo livre para decorar ainda. — Ele vai até uma cômoda e abre uma gaveta. — Vou arrumar a cama para você.

Ele tira lençóis e uma fronha. Começa a fazer a cama enquanto entro no banheiro e fecho a porta.

Fico meia hora ali dentro. Passo alguns minutos encarando meu reflexo no espelho. Mais um tempo tomando uma ducha. Durante o resto do tempo, fico curvada na privada, vomitando ao me lembrar das últimas horas.

Saio do banheiro enrolada na toalha. Atlas não está mais no quarto, mas encontro roupas dobradas na cama recém-arrumada. Uma calça de pijama masculino que é grande demais para mim, e uma camiseta que bate na altura de meus joelhos. Amarro o cadarço da calça e me deito. Desligo o abajur, puxo as cobertas e me cubro.

Então choro tanto que nem faço barulho.

Capítulo Vinte e Cinco

Sinto cheiro de torrada.

Eu me espreguiço na cama e sorrio, porque Ryle sabe que torrada é minha comida preferida.

Meus olhos se abrem, e a claridade me esmaga com a força de uma colisão frontal. Fecho os olhos quando percebo onde estou, por que estou aqui e que o cheiro de torrada não é meu marido meigo e carinhoso prestes a trazer café da manhã na cama para mim.

No mesmo instante fico com vontade de chorar de novo, mas me obrigo a sair da cama. Eu me concentro em meu estômago vazio enquanto uso o banheiro, e digo a mim mesma que posso chorar depois de comer alguma coisa. Preciso comer antes de passar mal de novo.

Quando saio do banheiro e volto para o quarto, percebo que a cadeira virada para a porta agora está na direção da cama. Tem um cobertor embolado em cima da almofada, então é óbvio que Atlas entrou aqui ontem à noite, enquanto eu dormia.

Ele devia estar preocupado, achando que sofri uma concussão.

Quando entro na cozinha, ele está se movendo entre a geladeira, o fogão e o balcão. Pela primeira vez em doze horas, sinto um vago sinal de algo que não é sofrimento, porque lembro que ele é um chef. Um chef *bom*. E está preparando meu café da manhã.

Ele me olha enquanto entro na cozinha.

— Bom dia — cumprimenta ele, tomando cuidado para não demonstrar muita animação. — Espero que esteja com fome.

Ele desliza um copo e uma jarra de suco de laranja para mim por cima do balcão, e depois se volta para o fogão.

— Estou, sim.

Ele olha por cima do ombro e me dá um sorriso sutil. Eu me sirvo do suco e vou até o outro lado da cozinha, onde tem uma copa. Há um jornal na mesa, e começo a dar uma folheada. Quando vejo o artigo sobre os melhores estabelecimentos de Boston, minhas mãos começam a tremer na mesma hora e largo o jornal na mesa. Fecho os olhos e, lentamente, tomo um gole do suco de laranja.

Alguns minutos depois, Atlas põe um prato a minha frente e se senta do outro lado da mesa. Ele puxa seu prato para perto e corta o crepe com o garfo.

Olho para meu prato. Três crepes com calda e enfeitados com um pouco de chantilly. Tem pedaços de laranja e morango alinhados à direita.

É quase bonito demais para comer, mas estou com muita fome para me importar. Dou uma garfada e fecho os olhos, tentando não deixar tão óbvio que é o melhor café da manhã que já provei.

Finalmente me permito admitir que seu restaurante mereceu o prêmio. Por mais que eu tenha tentado convencer Ryle e Allysa a não voltarmos, foi o melhor restaurante a que já fui.

— Onde você aprendeu a cozinhar? — pergunto.

Ele toma um gole de café.

— Na Marinha — responde, colocando a xícara na mesa. — Treinei um pouco durante meu primeiro período, mas depois me realistei como chef. — Ele apoia o garfo na lateral do prato. — Gostou?

Faço que sim.

— Está delicioso. Mas você está errado. Sabia cozinhar antes de se alistar.

Ele sorri.

— Você se lembra dos cookies?

Assinto de novo.

— Os melhores cookies que já comi.

Ele se encosta na cadeira.

— Aprendi o básico sozinho. Minha mãe tinha dois empregos quando eu era pequeno, então, se eu quisesse jantar à noite, precisava preparar sozinho. Ou cozinhava ou passava fome, por isso comprei um livro de receitas em um bazar e testei todas ao longo do ano. E eu só tinha 13 anos.

Sorrio e fico chocada por conseguir fazê-lo.

— Da próxima vez que te perguntarem onde aprendeu a cozinhar, devia contar *essa* história. Não a outra.

Ele balança a cabeça.

— Só você sabe alguma coisa de minha vida antes de meus 19 anos. E eu gostaria que continuasse assim.

Ele começa a me contar como foi trabalhar como chef nas forças armadas. Poupou o máximo possível para que, quando saísse, pudesse abrir o próprio restaurante. Ele começou com uma pequena cafeteria que fez muito sucesso, e depois abriu o Bib's um ano e meio atrás.

— Está indo bem — diz ele, com modéstia.

Dou uma olhada na cozinha e depois me volto para ele.

— Parece estar indo mais que bem.

Ele dá de ombros e se serve de mais comida. Fico quieta enquanto terminamos de comer, porque minha mente está ocupada com seu restaurante. Com o nome. Com o que ele disse na entrevista. E, óbvio, esses pensamentos me levam a Ryle e à raiva em sua voz enquanto gritava a última frase da entrevista para mim.

Acho que Atlas percebe a mudança em meu comportamento, mas não diz nada enquanto retira os pratos.

Ao se sentar de novo, ele escolhe a cadeira bem a meu lado. Põe a mão em cima da minha para me tranquilizar.

— Preciso passar algumas horas no trabalho — avisa ele. — Não quero que você vá embora. Fique o tempo que precisar, Lily. Mas... não volte para casa hoje.

Balanço a cabeça quando noto a preocupação em suas palavras.

— Não vou voltar. Vou ficar aqui — digo. — Prometo.

— Precisa de alguma coisa antes que eu saia?

Nego com a cabeça.

— Vou ficar bem.

Ele se levanta e pega a jaqueta.

— Vou tentar ser o mais rápido possível. Volto depois do almoço e trago alguma coisa para você comer, ok?

Forço um sorriso. Ele abre uma gaveta e tira caneta e papel. Faz uma anotação antes de sair. Depois que ele vai embora, eu me levanto e vou até o balcão para ler o que ele escreveu. Listou instruções para ligar o alarme. Anotou o número de seu celular, por mais que eu saiba o número de cor. Também anotou o número do trabalho, o endereço de sua casa e o endereço do restaurante.

Embaixo de tudo, em letra pequena, ele escreveu: *Continue a nadar, Lily.*

Querida Ellen,

Oi. Sou eu. Lily Bloom. Bem... tecnicamente, agora sou Lily Kincaid.

Sei que faz muito tempo que não te escrevo. Muito tempo mesmo. Depois de tudo que aconteceu com Atlas, simplesmente não consegui abrir os diários outra vez. Não consegui ver seu programa depois do colégio, porque assistir sozinha me fazia sofrer. Na verdade, qualquer pensamento relacionado a você me deixava meio deprimida. Quando eu pensava em você, pensava em Atlas. E, para ser sincera, eu não queria pensar nele, então também precisei tirá-la de minha vida.

Me desculpe por ter feito isso. Tenho certeza de que você não ficou com saudade de mim tanto quanto eu fiquei de você, mas, às vezes, as coisas mais importantes na vida de uma pessoa são as que mais a magoam. E, para superar essa mágoa, precisa cortar todas as extensões que a prendem a essa dor. Você era uma extensão de minha dor, então acho que foi isso que eu fiz. Só queria evitar um pouco o sofrimento.

Mas tenho certeza de que seu programa continua maravilhoso, como sempre. Ouvi falar que você ainda está dançando no início de alguns episódios, mas passei a gostar disso. Acho que esse é um dos maiores sinais de que a pessoa está amadurecendo: saber admirar coisas que importam para os outros, mesmo que elas não signifiquem muito para você.

Acho que eu deveria te contar as novidades de minha vida. Meu pai morreu. Agora estou com 24 anos. Eu me formei na faculdade, trabalhei com marketing por um tempo e agora sou dona de minha própria loja. Uma floricultura. Objetivos de vida, u-hu!

Também tenho um marido, e não é Atlas.

E... moro em Boston.

Eu sei. Chocante.

Da última vez que te escrevi, eu tinha 16 anos. Estava passando por um período péssimo e andava muito preocupada com Atlas. Não estou mais preocupada com ele, mas também estou passando por um período péssimo agora. Pior do que quando te escrevi da última vez.

Me desculpe por não escrever quando estou bem. Parece que você só fica sabendo do lado merda de minha vida, mas é para isso que servem os amigos, não é?

Nem sei por onde começar. Sei que você não sabe nada sobre minha vida atual nem sobre meu marido, Ryle. Mas dizemos "verdades nuas e cruas" um para o outro, e aí somos obrigados a ser totalmente sinceros e dizer o que pensamos de verdade.

Então... verdade nua e crua.

Prepare-se.

Estou apaixonada por um homem que me machuca fisicamente. Não faço ideia de como pude chegar a este ponto, logo eu.

Muitas vezes, quando era mais nova, eu ficava imaginando o que minha mãe pensava nos dias que meu pai lhe batia. Eu me perguntava como era possível ela amar um homem que a machucava. Que vivia lhe batendo. Que prometia nunca mais fazer aquilo. Mas sempre a machucava de novo.

Odeio ser capaz de me identificar com ela agora.

Estou sentada no sofá de Atlas há mais de quatro horas, me debatendo com meus sentimentos. Não consigo controlá-los. Não consigo compreendê-los. Não sei como processá-los. E, me mantendo fiel ao passado, percebi que talvez eu devesse simplesmente escrever sobre eles. Peço desculpas, Ellen. Mas se prepare para uma carta enorme.

Se eu tivesse que comparar este sentimento a alguma coisa, compararia à morte. Mas não a morte de qualquer pessoa. Mas a morte daquela *pessoa. Da pessoa mais próxima de você no mundo. Aquela pessoa cuja morte, mesmo imaginada, lhe enche os olhos d´água.*

É assim que estou me sentindo. Como se Ryle tivesse morrido.

É um luto astronômico. Uma dor imensa. É a sensação de que perdi meu melhor amigo, meu amante, meu marido, meu porto seguro. Mas a diferença entre essa sensação e a morte é a presença de outra emoção que não vem necessariamente com uma morte verdadeira.

O ódio.

Estou com tanta raiva, Ellen. Não existem palavras que expressem o tamanho do ódio que sinto por ele. No entanto, de alguma maneira, no meio de todo o ódio, há argumentos dentro de mim. Começo a pensar em coisas do tipo: "Mas eu não devia ter aquele ímã. Eu devia ter contado a verdade sobre a tatuagem desde o início. Não devia ter guardado os diários".

Esses argumentos são a parte mais difícil. É algo que me corrói aos poucos, desgastando a força que o ódio me dá. Os argumentos me obrigam a imaginar nosso futuro juntos, e me mostram que existem coisas que eu poderia fazer para evitar esse tipo de raiva. Nunca mais vou traí-lo. Nunca mais vou guardar segredos. Nunca mais vou dar motivos para que reaja daquela maneira de novo. É só a gente se esforçar mais de agora em diante.

Na alegria e na tristeza, não é?

Sei que minha mãe pensou essas coisas. Mas a diferença entre nós duas é que as preocupações dela eram maiores. Ela não tinha a estabilidade financeira que tenho.

Não tinha recursos para largar meu pai e me dar o que considerava um lugar decente para morar. Ela não queria me afastar de meu pai, porque eu já estava acostumada a morar com os dois. Tenho a sensação de que os argumentos a espancaram uma ou duas vezes.

Nem consigo começar a processar a possibilidade de ter um filho com esse homem. Tem um ser humano dentro de mim que fizemos juntos. E o que quer que eu escolha — quer eu decida ficar ou partir — não vai ser o que desejo para meu filho. Crescer num lar dividido ou num lar violento? Só faz um dia que sei da existência desse bebê, e já o desapontei.

Ellen, eu queria que você pudesse me responder. Queria que pudesse me dizer algo engraçado justo agora, porque meu coração está precisando. Nunca me senti tão sozinha. Tão arrasada. Tão zangada. Tão magoada.

As pessoas que estão de fora de situações assim costumam se perguntar por que a mulher volta para o agressor. Li em algum lugar que 85% das mulheres voltam para situações violentas. Foi antes de eu perceber que era uma delas, e, quando vi essa estatística, considerei essas mulheres burras. Achei que eram fracas. Pensei isso várias vezes de minha própria mãe.

Mas, de vez em quando, as mulheres voltam simplesmente porque estão apaixonadas. Eu amo meu marido, Ellen. Amo tantas coisas nele... Eu queria que suprimir meus sentimentos pela pessoa que me machucou fosse tão fácil quanto eu julgava ser. Impedir o coração de perdoar uma pessoa que você ama é, na verdade, muito mais difícil que simplesmente perdoá-la.

Agora eu sou uma estatística. As coisas que pensei sobre mulheres como eu são o que os outros pensariam de mim se soubessem de minha situação.

"Como ela pode amar o cara depois do que ele fez com ela? Como ela pode sequer considerar voltar para ele?"

Acho triste saber que esses são os primeiros pensamentos que passam pela cabeça de uma pessoa quando alguém sofre violência. Não deveríamos sentir um desgosto maior pelos agressores que pelas pessoas que continuam os amando?

Penso em todo mundo que passou por isso antes de mim. Em todo mundo que vai passar por isso depois de mim. Será que todas nós pensamos nas mesmas coisas nos dias seguintes a uma agressão cometida pelas mãos de quem nos ama? "Prometo estar contigo na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe".

Talvez esses votos não devessem ser interpretados tão literalmente quanto algumas esposas fazem.

Na alegria e na tristeza?
Foda-se.
Essa.
Merda.
Lily

Capítulo Vinte e Seis

Estou deitada na cama do quarto de hóspedes de Atlas, encarando o teto. É uma cama normal. Bem confortável, na verdade. Mas sinto como se estivesse sobre um colchão de água. Ou talvez em um bote, à deriva no mar. E eu enfrento as ondas gigantes, cada uma carregando uma coisa. Algumas são ondas de tristeza. Outras são ondas de raiva. Algumas são ondas de lágrimas. Outras são ondas de sono.

De vez em quando, ponho as mãos na barriga e surge uma pequena onda de amor. Não faço ideia de como já posso amar tanto algo, mas amo. Penso se vai ser menino ou menina, e no nome. Imagino se vai se parecer comigo ou com Ryle. E então surge outra onda de raiva que destrói a pequena onda de amor.

Sinto que me roubaram a alegria que uma mãe deve sentir quando se descobre grávida. Sinto que Ryle roubou isso de mim ontem à noite, e é só mais um motivo para alimentar o ódio.

O ódio é exaustivo.

Eu me obrigo a sair da cama e a tomar uma ducha. Passei boa parte do dia no quarto. Atlas voltou para casa há várias horas, e o escutei abrir a porta em determinado momento para ver como eu estava, mas fingi dormir.

É estranho estar aqui. Foi por causa de Atlas que Ryle ficou zangado comigo ontem à noite, mas foi ele quem eu chamei quando precisei de ajuda. Estar aqui me enche de culpa. Talvez eu até esteja com um pouco de vergonha, como se ter ligado para Atlas viabilizasse a raiva de Ryle. Mas eu não tenho mais para onde ir. Preciso de alguns dias para processar tudo, e, se eu for para um hotel, Ryle pode rastrear a cobrança no cartão de crédito e me encontrar.

Ele me acharia na casa de minha mãe. Na de Allysa. Na de Lucy. Até Devin ele encontrou algumas vezes, então provavelmente passaria lá também.

Mas não o consigo imaginar procurando Atlas. Ainda não. Tenho certeza de que, se eu passar uma semana evitando suas ligações e mensagens, ele vai procurar em todo lugar possível. Mas, por enquanto, acho que ele não apareceria aqui.

Talvez por isso ainda não parti. Eu me sinto mais segura ali que em qualquer outro lugar que consigo imaginar. E Atlas tem um sistema de alarme, então isso também conta.

Olho para a mesa de cabeceira a fim de conferir meu celular. Ignoro todas as mensagens perdidas de Ryle e abro a de Allysa.

Allysa: Oi, tia Lily! Vamos para casa hoje à noite. Venha nos visitar amanhã quando chegar do trabalho.

Ela me mandou uma foto com Rylee, o que me faz sorrir. E chorar. Malditas emoções.

Espero meus olhos secarem antes de ir até a sala. Atlas está sentado à mesa da cozinha, trabalhando no laptop. Ao me ver, ele sorri e fecha o computador.

— Oi.

Forço um sorriso e olho para a cozinha.

— Tem alguma coisa para comer?

Atlas se levanta depressa.

— Tem, sim — diz ele. — Tem, sim, pode se sentar que eu te preparo algo.

Eu me acomodo no sofá enquanto ele se movimenta pela cozinha. A televisão está ligada, mas no mudo. Coloco o som de volta e clico no DVR. Ele tem alguns programas gravados, mas o que chama minha atenção é o *Ellen DeGeneres Show*. Sorrio e clico no episódio mais recente.

Atlas traz para mim uma tigela de macarrão e um copo de água gelada. Ele olha para a TV e se senta a meu lado no sofá.

Nas próximas três horas, vemos os programas de uma semana inteira. Rio umas seis vezes. É gostoso, mas quando faço uma pausa para ir ao banheiro e volto para a sala, o peso de tudo começa a me sufocar de novo.

Eu me sento no sofá com Atlas. Ele está apoiando os pés na mesa de centro. Eu me encosto a ele naturalmente, e, assim como fazia quando éramos adolescentes, ele me puxa para seu peito e nós ficamos em silêncio. Seu polegar roça a parte externa de meu ombro, e sei que é sua maneira silenciosa de dizer que está ali para o que eu precisar, que se sente mal por mim. E, pela primeira vez desde que ele me buscou ontem à noite, sinto vontade de tocar no assunto.

Estou com a cabeça apoiada em seu ombro, as mãos no colo. Estou mexendo no cadarço da calça grande demais para mim.

— Atlas? — chamo, e minha voz não passa de um sussurro. — Desculpe ter ficado tão brava com você no restaurante. Você tinha razão. No fundo, eu sabia que você tinha razão, mas não queria acreditar. — Ergo a cabeça e o encaro, abrindo um sorriso digno de pena. — Pode dizer *"Bem que eu avisei"*.

Ele franze as sobrancelhas, como se tivesse ficado magoado com minhas palavras.

— Lily, eu não queria ter razão sobre isso. Rezei todo dia para estar errado sobre ele.

Estremeço. Não devia ter dito isso. Sei que Atlas nunca diria algo do tipo *Bem que eu avisei*.

Ele aperta meu ombro e se inclina para a frente, beijando o topo de minha cabeça. Fecho os olhos enquanto absorvo sua familiaridade. Seu cheiro, seu toque, seu aconchego. Nunca entendi como alguém poderia ser resistente como uma pedra e, ao mesmo tempo, reconfortante. Porém, sempre o enxerguei assim. Como se ele pudesse suportar tudo e, ainda assim, sentisse o peso que todos os outros carregam.

Não gosto de jamais ter conseguido esquecê-lo completamente, por mais que tentasse. Penso na briga com Ryle por causa do telefone de Atlas. Nas brigas por causa do ímã, da matéria no jornal, do que ele leu em meu diário, da tatuagem. Nada disso teria acontecido se eu tivesse simplesmente deixado Atlas para trás e jogado tudo fora. Ryle não teria encontrado motivo algum para se chatear.

Levo as mãos ao rosto depois de pensar nisso, frustrada ao perceber que uma parte de mim ainda tenta se culpar, e à ligação com Atlas, pelo comportamento de Ryle.

Não tem desculpa. Nenhuma.

É só mais uma onda que sou obrigada a surfar. Uma onda de completa confusão.

Atlas sente a mudança em meu humor.

— Você está bem?

Não estou.

Não estou bem, porque até o momento eu não fazia ideia de como estava magoada por ele jamais ter me procurado. Se ele tivesse ido atrás de mim como prometeu, eu nunca teria conhecido Ryle. E nunca teria me metido *nessa* situação.

Pois é. Estou mesmo confusa. Como posso culpar Atlas por tudo isso?

— Acho que preciso dormir — digo baixinho, me afastando.

Eu me levanto, e Atlas também.

— Amanhã vou passar quase o dia todo fora — avisa ele. — Vai estar aqui quando eu voltar?

Eu me contraio com sua pergunta. Lógico que ele quer que eu me recupere e encontre outro lugar para ficar. O que ainda estou fazendo ali?

— Não. Não, posso ir para um hotel, tudo bem.

Eu me viro para o corredor, mas ele põe a mão em meu ombro.

— Lily — diz, me virando. — Eu não estava te pedindo para partir. Só queria ter certeza de que ainda estaria aqui. Quero que fique o tempo que precisar.

Seus olhos estão sendo sinceros, e, se eu não achasse inapropriado, jogaria os braços a seu redor e o abraçaria. Ainda não estou pronta para ir embora. Preciso de mais alguns dias antes de ser obrigada a descobrir qual o próximo passo.

Balanço a cabeça.

— Preciso passar algumas horas no trabalho amanhã — digo. — Resolver algumas coisas. Mas, se não for incômodo, eu gostaria de ficar mais alguns dias aqui.

— Não é incômodo algum, Lily. Eu até prefiro.

Forço um sorriso e vou para o quarto de hóspedes. Pelo menos ele está amortecendo a situação antes que eu precise confrontá-la.

Ainda que sua presença em minha vida esteja me confundindo, jamais senti tanta gratidão.

Capítulo Vinte e Sete

Minha mão treme enquanto toco a maçaneta. Nunca tive medo de entrar em minha loja, mas também jamais estive em situação tão tensa.

Está tudo escuro quando entro, então prendo a respiração ao acender as luzes. Eu me encaminho lentamente para o escritório, abrindo a porta com cuidado.

Ele não está ali, mas está em todo lugar.

Quando sento à mesa, ligo o celular pela primeira vez desde que fui me deitar ontem à noite. Eu queria dormir bem, sem ter de me preocupar se Ryle tentava me contatar.

Quando o aparelho liga, tenho vinte e nove mensagens perdidas de meu marido. Por acaso esse é o mesmo número de portas em que Ryle bateu até encontrar meu apartamento no ano anterior.

Não sei se rio ou se choro da ironia.

Passo o resto do dia assim. Olhando por cima do ombro, observando a porta toda vez que ela abre. Será que ele acabou comigo? O medo que sinto nunca vai me abandonar?

Enquanto cuido da papelada, metade do dia se passa sem um único telefonema. Allysa me liga depois do almoço, e, pelo tom de voz, percebo que ela não faz ideia da nossa briga. Eu a deixo falar um pouco sobre a bebê antes de fingir que preciso atender um cliente e desligar.

Pretendo ir embora quando Lucy voltar da pausa do almoço. Ela ainda tem meia hora.

Ryle entra pela porta da frente três minutos depois.

Estou sozinha.

Assim que o vejo, fico gélida. Estou em pé atrás do balcão, a mão na caixa registradora porque o grampeador está ali perto. Óbvio que um grampeador não machucaria muito os braços de um neurocirurgião, mas vou usar o que tiver à mão.

Ele se aproxima lentamente do balcão. É a primeira vez que o vejo desde aquela noite, quando ele ficou em cima de mim em nossa cama. Meu corpo volta imediatamente àquele momento, e sou tomada pelas mesmas emoções intensas que senti naquela hora. Medo e raiva percorrem meu corpo quando ele chega ao balcão.

Ryle ergue a mão e põe um molho de chaves a minha frente no balcão. Meus olhos focam nas chaves.

— Vou para a Inglaterra hoje à noite — avisa ele. — Vou passar três meses fora. Já paguei todas as contas para que você não precise se preocupar com nada enquanto eu estiver fora.

Sua voz está calma, mas as veias em seu pescoço provam que ele está se esforçando ao máximo para mantê-la assim.

— Você precisa de tempo. — Ele engole em seco. — E eu quero que tenha isso. — Ele faz uma careta e empurra as chaves do apartamento em minha direção. — Volte para casa, Lily. Não vou estar lá. Prometo.

Ele se vira e segue para a porta. Percebo que ele nem tentou se desculpar. Não estou com raiva disso. Entendo. Ele sabe que um pedido de desculpas jamais vai desfazer o que aconteceu. Ele sabe que o melhor para nós, no momento, é ficarmos separados.

Ele sabe que cometeu um grande erro... mas, ainda assim, me sinto impelida a cutucar um pouco mais a ferida.

— Ryle.

Ele olha para mim, e é como se um escudo tivesse se erguido entre nós. Não se vira completamente e fica tenso enquanto espera para ouvir o que tenho a dizer. Ele sabe que minhas palavras vão magoá-lo.

— Sabe qual foi a pior parte disso tudo? — pergunto.

Ele não diz nada. Fica me encarando, esperando minha resposta.

— Tudo o que você precisava ter feito quando encontrou meu diário era pedir uma verdade nua e crua. Eu teria sido sincera com você. Mas não fez isso. Decidiu não pedir minha ajuda, e agora nós dois vamos arcar com as consequências de suas ações pelo resto da vida.

Ele contrai o rosto a cada palavra.

— Lily — diz ele, se virando para mim.

Ergo a mão para que ele não diga mais nada.

— Não. Pode ir embora. Divirta-se na Inglaterra.

Percebo que ele trava um conflito interno. Ryle sabe que não vai conseguir nada de mim agora, por mais que queira implorar por perdão. Ele sabe que a única escolha é se virar e sair pela porta, mesmo sendo a última coisa que deseja.

Quando ele finalmente se obriga a sair pela porta, vou correndo trancá-la. Deslizo até o chão e abraço os joelhos, apoiando o rosto ali. Estou tremendo tanto que sinto meus dentes rangerem.

Não acredito que tem uma parte desse homem crescendo dentro de mim. E não acredito que um dia vou ter de contar isso a ele.

Capítulo Vinte e Oito

Depois que Ryle me entregou as chaves à tarde, fiquei na dúvida se deveria voltar para nosso novo apartamento. Até parei na frente do prédio, mas não consegui sair do táxi. Sei que se voltasse para lá hoje, provavelmente encontraria Allysa em algum momento. E não estou pronta para explicar os pontos na testa. Não estou pronta para ver a cozinha onde as palavras terríveis de Ryle me dilaceraram. Não estou pronta para entrar no quarto onde fui completamente destruída.

Então, em vez de voltar, pedi ao taxista que me levasse até a casa de Atlas. Parece ser meu único porto seguro no momento. Não preciso confrontar nada enquanto estou escondida ali.

Atlas já havia me mandado duas mensagens hoje para saber como eu estava, então, quando recebo outra mensagem alguns minutos antes das 19h, presumo que é dele. Mas não, é de Allysa.

Allysa: Já chegou do trabalho? Suba aqui para nos visitar, estou entediada.

Sinto um aperto no peito ao ler a mensagem. Ela não faz ideia do que aconteceu entre mim e Ryle. Fico na dúvida se Ryle ao menos contou a ela que viajou hoje para a Inglaterra. Meu polegar digita algo e apaga, depois digita mais um pouco enquanto tento encontrar uma boa desculpa para não passar lá.

Eu: Não posso. Estou na emergência. Bati a cabeça na prateleira do depósito da loja. Estou levando pontos.

Odeio mentir para ela, mas assim não terei de explicar o corte, nem por que não estou em casa.

Allysa: Ah, puxa! Está sozinha? Marshall pode ficar com você já que Ryle viajou.

Então ela sabe que Ryle foi para a Inglaterra. O que é bom. E ela acha que estamos bem. Isso também é bom. Significa que tenho pelo menos três meses antes de contar a verdade.

Olha só quem está varrendo merda para debaixo do tapete, assim como a mãe.

Eu: Não, estou bem. Já está terminando, não daria tempo de Marshall chegar. Passo aí amanhã depois do trabalho. Dê um beijo em Rylee por mim.

Bloqueio a tela do celular e o largo na cama. Está escuro lá fora, então vejo imediatamente os faróis de um carro pararem na frente da casa. Sei que não é Atlas, porque ele usa a entrada da lateral e estaciona na garagem. Meu coração começa a disparar enquanto sou dominada pelo medo. Será que é Ryle? Ele descobriu onde Atlas mora?

Momentos depois, escuto alguém bater ruidosamente à porta. Ou melhor, golpear a porta. A campainha também toca.

Vou nas pontas dos pés até a janela e puxo as cortinas apenas o suficiente para dar uma olhada lá fora. Não dá para ver quem está na porta, mas tem uma caminhonete na entrada. Não é de Ryle.

Será que é a namorada de Atlas? Cassie?

Pego o celular e sigo pelo corredor na direção da sala de estar. Os golpes na porta e o som da campainha persistem. Quem quer que esteja ali não tem nenhuma paciência. Se for Cassie, já a estou achando extremamente irritante.

— Atlas! — grita um cara. — Abre a porta, pô!

— Meu saco está congelando! Já virou uma uva-passa, cara, abre logo! — grita outra voz masculina.

Antes de abrir a porta e avisar que Atlas não está, mando uma mensagem para ele na esperança de que esteja chegando em casa e resolva isso sozinho.

Eu: Cadê você? Tem dois homens na porta de sua casa, e não faço ideia se devo deixar eles entrarem.

Espero escutando mais batidas e mais campainha, mas Atlas não me responde. Por fim, vou até a porta e deixo o ferrolho no lugar, mas destranco a fechadura e abro só alguns centímetros.

Um dos caras é alto, com mais ou menos 1,80m. Apesar do rosto jovem, seu cabelo é um pouco grisalho. É preto com alguns fios cinzentos salpicados. O outro é alguns centímetros mais baixo, tem cabelo castanho e rosto de bebê. Os dois parecem ter 20 e tantos anos, talvez 30 e poucos. O mais alto exibe uma expressão confusa.

— Quem é você? — pergunta ele, espiando pela porta.

— Lily. Quem é você?

O mais baixo se inclina para a frente do mais alto.

— Atlas está aí?

Não quero dizer a verdade, pois assim saberão que estou sozinha. Nessa semana, não estou confiando nem um pouco na população masculina.

O telefone em minha mão toca, e nós três nos sobressaltamos com o barulho inesperado. É Atlas. Deslizo o botão de atender e levo o aparelho ao ouvido.

— Alô?

— Está tudo bem, Lily, são meus amigos. Esqueci que era sexta, e a gente sempre joga pôquer nas sextas. Vou ligar para eles agora e dizer para irem embora.

Olho para os dois, que estão parados me observando. Estou me sentindo mal por Atlas achar que precisa cancelar seus planos só porque estou ficando em sua casa. Fecho a porta, solto o ferrolho e a abro novamente, gesticulando para que entrem.

— Está tudo bem, Atlas. Não precisa cancelar seus planos. Eu já ia dormir mesmo.

— Não, já estou chegando. Vou pedir para irem embora.

Ainda estou com o celular no ouvido quando os dois homens entram na sala de estar.

— Até daqui a pouco — digo para Atlas, e desligo.

Os próximos segundos são constrangedores, porque os rapazes me analisam e eu os analiso de volta.

— Como vocês se chamam?

— Eu sou Darin — diz o mais alto.

— Brad — fala o mais baixo.

— Lily — me apresento, apesar de já ter falado meu nome. — Atlas já está chegando.

Eu me aproximo da porta para fechá-la, e eles parecem relaxar um pouco. Darin vai até a cozinha e abre a geladeira de Atlas.

Brad tira a jaqueta e a pendura.

— Você sabe jogar pôquer, Lily?

Dou de ombros.

— Faz alguns anos, mas eu jogava com os amigos na faculdade.

Os dois se aproximam da mesa de jantar.

— O que aconteceu com sua cabeça? — pergunta Darin, enquanto se senta.

Ele pergunta muito casualmente, como se nem considerasse que pode ser um assunto delicado.

Não sei por que me dá vontade de contar uma verdade nua e crua a ele. Talvez eu só queira ver como alguém vai reagir ao descobrir que meu marido fez isso comigo.

— Meu marido aconteceu. Nós brigamos duas noites atrás, e ele me deu uma cabeçada. Atlas me levou para a emergência. Tomei seis pontos e descobri que estou grávida. Agora estou me escondendo aqui até descobrir o que fazer.

O coitado do Darin fica paralisado, meio sentado, meio em pé. Não faz ideia de como reagir. A julgar pela expressão, deve estar pensando que sou louca.

Brad puxa a cadeira e se senta, apontando para mim.

— Você devia passar Rodan and Fields. O rolo esfoliante é ótimo para cicatrizes.

Não sei como, mas caio na gargalhada com a resposta inesperada.

— Meu Deus, Brad! — diz Darin, finalmente se sentando. — Você é pior que sua esposa com essa merda de venda direta. Parece um infomercial ambulante.

Brad ergue a mão para se defender.

— Qual o problema? — pergunta ele, com inocência. — Não estou tentando vender nada a ela, só estou sendo sincero. O negócio funciona. Você saberia se usasse nessa acne ridícula.

— Vá se ferrar — retruca Darin.

— Fica parecendo que você quer ser adolescente para sempre — murmura Brad. — Acne não é legal em uma pessoa de 30 anos.

Brad puxa a cadeira a seu lado enquanto Darin começa a embaralhar as cartas.

— Sente-se, Lily. Um de nossos amigos decidiu ser um idiota e se casar na semana passada, agora a esposa não deixa mais ele participar da noite do pôquer. Você pode substitui-lo até ele se divorciar.

Eu tinha toda a intenção de passar a noite escondida no quarto, mas é difícil ficar longe desses dois. Eu me sento ao lado de Brad e estendo o braço por cima da mesa.

— Me dê isso aqui — peço a Darin.

Ele está embaralhando as cartas feito uma criança de um braço só.

O rapaz ergue a sobrancelha e empurra as cartas na mesa. Não entendo muito de jogos de baralho, mas sei embaralhar como se minha vida dependesse disso.

Separo as cartas em duas pilhas e as junto, pressionando os polegares nas extremidades, observando elas se misturarem lindamente. Darin e Brad encaram o baralho, e, de repente, escutamos outra pessoa bater à porta. Dessa vez, a porta se escancara sem hesitação, e um sujeito com uma sofisticada jaqueta de tweed entra. Ele está de cachecol e começa a desenrolá-lo assim que fecha a porta. Aponta a cabeça em minha direção enquanto se aproxima da cozinha.

— Quem é você?

Ele é mais velho que os outros dois, deve estar na casa dos 40 anos.

Os amigos de Atlas são mesmo uma mistura curiosa.

— Esta é Lily — responde Brad. — Ela é casada com um babaca e acabou de descobrir que está grávida desse babaca. Lily, este é Jimmy. Ele é metido e arrogante.

— Metido e arrogante significam a mesma coisa, seu idiota — retruca Jimmy. Ele puxa a cadeira ao lado de Darin e aponta a cabeça para o baralho em minhas mãos. — Atlas trouxe você para enganar a gente? Nenhuma pessoa normal sabe embaralhar desse jeito.

Sorrio e começo a distribuir as cartas.

— Acho que vamos ter de jogar uma rodada para descobrir.

✦✦✦

Estamos na terceira rodada de apostas quando Atlas finalmente chega. Ele fecha a porta e nos observa. Brad disse alguma coisa engraçada logo antes de Atlas aparecer, então estou no meio de uma crise de riso quando ele me olha. Aponta para a direção da cozinha e anda naquela direção.

— Passo — aviso, colocando as cartas na mesa enquanto me levanto para segui-lo.

Quando chego à cozinha, eu o encontro parado em um canto abrigado dos olhares da mesa de jogo.

— Quer que eu peça para irem embora?

Nego com a cabeça.

— Não, não faça isso. Estou me divertindo de verdade. E me distraindo.

Ele assente e percebo que cheira a ervas. Mais especificamente, alecrim. Fico com vontade de vê-lo em ação no restaurante.

— Está com fome? — pergunta ele.

Balanço a cabeça.

— Na verdade, não. Comi algumas horas atrás um pouco do macarrão que sobrou.

Encosto as mãos no balcão, uma em cada lado do corpo. Ele se aproxima e põe a mão em cima da minha, roçando o polegar ali. Sei que não passa de um gesto reconfortante, mas, quando ele me toca, sinto muito mais que isso. Uma onda de calor me sobe o peito, e eu imediatamente olho para nossas mãos. Atlas para de mexer o dedo por um instante, como se também estivesse sentindo. Ele afasta a mão e dá um passo para trás.

— Desculpe — murmura.

Ele se vira para a geladeira, fingindo procurar alguma coisa. Obviamente está tentando me poupar do momento constrangedor que acabou de acontecer.

Volto para a mesa e pego minhas cartas da próxima rodada. Alguns minutos depois, Atlas chega e se senta a meu lado. Jimmy distribui uma nova leva de cartas para todo mundo.

— E então, Atlas, como você e Lily se conheceram?

Atlas pega uma carta de cada vez.

— Lily salvou minha vida quando éramos adolescentes — revela, inexpressivamente.

Ele olha para mim e dá uma piscadela, e sou tomada pela culpa ao perceber o que o gesto causa em mim. Especialmente em um momento como aquele. *Por que meu coração está fazendo isso comigo?*

— Ah, que meigo! — diz Brad. — Lily salvou sua vida, agora você está salvando a dela.

Atlas abaixa as cartas e lança um olhar fulminante para Brad.

— Como é?

— Relaxe — diz Brad. — Eu e Lily somos amigos, então ela sabe que estou brincando. — Brad olha para mim. — Sua vida deve estar a maior merda, Lily, mas vai melhorar. Confie em mim, já passei por isso.

— Você já levou uma surra enquanto estava grávido e se escondeu na casa de outro homem? — pergunta Darin, rindo.

Atlas coloca com força as cartas na mesa e empurra a cadeira para trás.

— Qual é seu problema, hein? — grita ele com Darin.

Estendo o braço e aperto o dele para tranquilizá-lo.

— Relaxe — peço. — A gente ficou amigo antes de você chegar. Não me incomodo se fizerem piada com minha situação. Na verdade, deixa tudo um pouco menos pesado.

Ele passa a mão no cabelo, balançando a cabeça, frustrado.

— Estou tão confuso — confessa ele. — Você só passou dez minutos sozinha com eles.

Eu rio.

— Dá para conhecer bastante sobre alguém em dez minutos. — Tento mudar de assunto. — E como todos vocês se conhecem?

Darin se inclina para a frente e aponta para si mesmo.

— Sou *sous-chef* no Bib's. — Ele aponta para Brad. — Ele lava a louça.

— Por enquanto — retruca Brad. — Estou subindo aos poucos na carreira.

— E você? — pergunto a Jimmy.

— Adivinhe — instiga, com um sorriso sarcástico.

A julgar pela roupa e por ter sido chamado de arrogante e metido, eu diria que ele é...

— *Mâitre?*

Atlas ri.

— Na verdade, Jimmy é o manobrista.

Olho para Jimmy e ergo a sobrancelha. Ele joga três fichas na mesa e diz:

— É verdade. Eu estaciono carros em troca de gorjetas.

— Não caia na dele — avisa Atlas. — Ele trabalha como manobrista porque é tão rico que fica entediado.

Sorrio e me lembro de Allysa.

— Tenho uma funcionária assim. Ela só trabalha porque está entediada. E, na verdade, é minha melhor funcionária.

— Isso aí — murmura Jimmy.

Dou uma olhada em minhas cartas e jogo as três fichas. O celular de Atlas toca, e ele o tira do bolso. Estou aumentando a aposta com mais uma ficha quando ele pede licença para atender a ligação.

— Passo — diz Brad, jogando as cartas na mesa.

Fico observando o corredor por onde Atlas saiu apressado. Será que está falando com Cassie? Ou tem alguma outra pessoa em sua vida? Sei com o que ele trabalha. Sei que ele tem pelo menos três amigos. Mas não sei nada sobre sua vida amorosa.

Darin coloca as cartas na mesa. Quadra. Baixo meu straight flush e estendo o braço para pegar todas as fichas enquanto Darin resmunga.

— Cassie nunca participa da noite do pôquer? — pergunto, tentando descobrir mais informações sobre Atlas.

Informações que tenho medo de perguntar diretamente a ele.

— Cassie? — pergunta Brad.

Empilho as fichas a minha frente e assinto.

— Não é esse o nome da namorada de Atlas?

Darin ri.

— Atlas não tem namorada. Nós nos conhecemos há dois anos, e ele jamais mencionou uma garota chamada Cassie.

Ele começa a distribuir as cartas, mas estou tentando absorver essa nova informação. Pego minhas duas primeiras cartas, e Atlas reaparece.

— Oi, Atlas — diz Jimmy. — Quem diabo é Cassie? E por que a gente nunca ouviu falar dela?

Ai, merda.

Estou completamente mortificada. Seguro as cartas com mais força e tento não olhar para Atlas, mas todos ficam em um silêncio absoluto e eu chamaria ainda mais atenção se *não* olhasse para ele.

Ele está encarando Jimmy. Jimmy o encara de volta. Brad e Darin olham para mim.

— Não existe nenhuma Cassie — responde Atlas, comprimindo os lábios.

Seus olhos encontram os meus, apenas por um breve segundo. Mas nesse breve segundo, noto o que está estampado em seu rosto.

Cassie *nunca* existiu.

Ele mentiu para mim.

— Olhe... Eu devia ter cancelado hoje. A semana foi meio... — diz Atlas, e pigarreia.

Ele esfrega a boca com a mão, e Jimmy se levanta.

— Semana que vem vai ser lá em casa, então — diz, ao apertar os ombros de Atlas.

Atlas concorda com a cabeça, como se agradecesse. Os três começam a juntar as cartas e as fichas de pôquer. Brad puxa com dificuldade as cartas de minha mão porque não consigo me mexer, portanto as estou segurando com firmeza.

— Foi um prazer conhecê-la, Lily — diz Brad.

De algum modo, encontro forças para sorrir e me levantar. Abraço todos eles, e, depois que a porta se fecha, só resta Atlas e eu.

E nenhuma Cassie.

Cassie sequer esteve aqui porque Cassie não existe.

Como assim?

Atlas não saiu de perto da mesa. Nem eu. Ele está parado, de braços cruzados. Sua cabeça está levemente inclinada para baixo, mas seus olhos me fulminam do outro lado da mesa.

Por que ele mentiria para mim?

Ryle e eu nem estávamos oficialmente juntos na primeira vez que encontrei Atlas no restaurante. Caramba, se Atlas tivesse me dado qualquer motivo para acreditar que poderia acontecer alguma coisa entre nós dois naquela noite, eu o teria escolhido, sem nenhuma dúvida. Eu mal *conhecia* Ryle naquela época.

Mas Atlas não disse nada. Ele mentiu para mim e disse que namorava há um ano. Por quê? Por que ele faria isso, a menos que quisesse me convencer de que não teria chance com ele...

Talvez eu tenha me equivocado durante todo esse tempo. Talvez ele nem me amasse, para início de conversa, e ele sabia que, se inventasse essa tal de Cassie, me afastaria de vez.

No entanto, aqui estou eu. Dormindo em sua casa. Interagindo com seus amigos. Comendo sua comida. Usando seu chuveiro.

Sinto lágrimas nos olhos, e a última coisa que quero é chorar na sua frente. Dou a volta na mesa e passo por ele. Mas não vou muito longe porque ele agarra minha mão.

— Espere.

Paro, ainda virada para o outro lado.

— Converse comigo, Lily.

Ele está bem atrás de mim, ainda segurando minha mão. Puxo o braço e vou para o outro lado da sala.

Eu me viro no mesmo instante que a primeira lágrima escorre por minha bochecha.

— Por que você nunca me procurou?

Ele parecia pronto para ouvir qualquer coisa que eu tivesse a dizer, menos minhas últimas palavras. Ele passa a mão pelo cabelo, vai até o sofá e senta. Depois de expirar pela boca para se acalmar, ele olha para mim com cautela.

— Eu te procurei, Lily.

Não permito que o ar entre ou saia de meus pulmões.

Fico imóvel, processando sua resposta.

Ele me procurou?

Ele une as mãos diante do corpo.

— Na primeira vez que saí da Marinha, voltei ao Maine atrás de você. Fiz algumas perguntas e descobri qual faculdade você estava cursando. Eu não sabia o que esperar quando chegasse lá, porque nós já éramos duas pessoas diferentes. Não nos víamos há quatro anos. Eu sabia que provavelmente tínhamos mudado muito nesse tempo.

Sinto uma fraqueza nos joelhos, então me aproximo da cadeira ao lado e me abaixo. *Ele realmente me procurou?*

— Passei o dia inteiro andando pelo campus tentando te encontrar. Finalmente, no fim da tarde, eu te vi. Estava sentada no pátio com um grupo de amigos. Fiquei te olhando por muito tempo, tentando juntar coragem para me aproximar. Você estava rindo. Estava feliz. Nunca a vi tão animada. E nunca senti tanta felicidade por outra pessoa quanto senti ao vê-la naquele dia. Só de saber que estava bem...

Ele hesita. Estou com as mãos na barriga, porque está doendo. Dói saber que ficamos tão perto e eu nem sabia.

— Comecei a me aproximar quando apareceu alguém atrás de você. Um cara. Ele se ajoelhou a seu lado, e, quando você olhou para ele, sorriu e o abraçou. E depois o beijou.

Fecho os olhos. *Era só um garoto que namorei por seis meses. Não senti por ele nem uma migalha do que eu sentia por Atlas.*

Ele expira pela boca com força.

— Fui embora depois daquilo. Ver que você estava feliz foi a melhor e a pior coisa que senti. Mas naquela época eu achava que minha vida ainda não era suficientemente boa para você. Eu não tinha nada a oferecer além de amor, e para mim você merecia mais. No dia seguinte, me alistei para mais um período na Marinha. E agora...

Ele ergue lentamente as mãos, como se nada em sua vida fosse impressionante.

Apoio a cabeça nas mãos em busca de uma pausa. Sofro em silêncio ao pensar em como as coisas poderiam ter sido. Em como são. Em como não foram. Toco a tatuagem em meu ombro. Será que algum dia vou conseguir preencher

esse buraco? Será que, às vezes, Atlas sente o mesmo que eu quando fiz essa tatuagem? Como se todo o ar estivesse saindo desse coração...

Ainda não entendo por que ele mentiu para mim quando me encontrou no restaurante. Se realmente sentia o mesmo que eu, por que inventou algo desse tipo?

— Por que você mentiu que tinha namorada?

Ele passa a mão no rosto, e noto seu arrependimento antes mesmo de escutá-lo em sua voz.

— Eu disse aquilo porque... você parecia feliz naquela noite. Quando a vi se despedir de Ryle, sofri demais, mas também fiquei aliviado porque parecia muito bem. Eu não queria que se preocupasse comigo. E não sei... talvez eu tenha ficado com um pouco de ciúme. Não sei, Lily. Na mesma hora me arrependi de ter mentido para você.

Levo a mão à boca. Minha mente começa a disparar quase na mesma velocidade do coração. Fico considerando as possibilidades. *E se ele tivesse sido sincero comigo? E se tivesse me contado o que sentia? Onde estaríamos?*

Quero perguntar por que ele fez aquilo. Por que não lutou por mim. Mas não é preciso porque já sei a resposta. Ele julgou que me dava o que eu queria, porque o tempo todo só queria minha felicidade. E, por algum motivo idiota, achou que eu jamais conseguiria isso a seu lado.

Atlas atencioso.

Quanto mais eu penso, mais tenho dificuldade em respirar. Penso em Atlas. Em Ryle. Na noite de hoje. Em duas noites atrás. É demais.

Eu me levanto e vou para o quarto de hóspedes. Pego o celular e minha bolsa, depois volto para a sala de estar. Atlas não se mexeu.

— Ryle foi para a Inglaterra hoje — digo. — Acho que é melhor eu voltar para casa. Pode me levar?

Seu olhar emana tristeza, e, quando percebo, sinto que ir embora é a decisão certa. Nenhum de nós colocou um ponto final em nossa história. Talvez isso nunca aconteça. Começo a achar que ponto final é só um mito, e ficar com ele enquanto ainda processo tudo o que está acontecendo em minha vida só vai piorar tudo. Preciso eliminar o máximo de confusão possível e, no momento, meus sentimentos por Atlas estão no topo da lista das confusões de minha vida.

Ele comprime os lábios, depois assente e pega as chaves.

✦✦✦

Nenhum de nós diz nada no caminho até minha casa. Ele não para na frente do prédio. Entra no estacionamento e sai do carro.

— Vou me sentir melhor se te acompanhar até lá em cima — explica ele.

Concordo com a cabeça, e continuamos em silêncio enquanto subimos no elevador até o sétimo andar. Ele me acompanha até meu apartamento. Procuro as chaves na bolsa e só percebo o tremor em minhas mãos na terceira tentativa de abrir o ferrolho. Atlas pega as chaves com calma, e me afasto enquanto ele abre a porta para mim.

— Quer que eu confira se não tem ninguém aqui? — pergunta ele.

Assinto. Sei que Ryle não está aqui porque viajou para a Inglaterra, mas, sinceramente, tenho um pouco de medo de entrar sozinha no apartamento.

Atlas entra antes de mim e acende a luz. Ele continua andando pelo apartamento, acendendo todas as luzes e entrando em todos os cômodos. Ao voltar para a sala de estar, enfia as mãos nos bolsos da jaqueta. Respira fundo e diz:

— Não sei o que acontece agora, Lily.

Ele sabe. Sabe, sim. Só não quer que aconteça, porque nós dois sabemos como dói nos despedir.

Desvio o olhar, porque ver sua expressão me causa um aperto no peito. Cruzo os braços e encaro o chão.

— Tenho muita coisa para resolver, Atlas. *Muita*. E tenho medo de não conseguir fazer isso com você em minha vida. — Ergo os olhos até os seus. — Espero que não fique ofendido, porque na verdade é um elogio.

Ele me encara em silêncio, nada surpreso com o que eu disse. Mas percebo que tem muita coisa que ele gostaria de dizer. Eu também queria lhe dizer mais coisas, mas sabemos que discutir nosso relacionamento não é adequado agora. Sou casada. Estou grávida de outro homem. E ele está parado na sala do apartamento que outro homem comprou para mim. Acho que esse não é o melhor cenário para discutir tudo o que deveríamos ter dito um para o outro tanto tempo atrás.

Ele olha para a porta, como se estivesse tentando decidir se fala ou se vai embora. Vejo seu maxilar se contrair logo antes de me encarar.

— Se precisar de mim, quero que me ligue — diz ele. — Mas só se for uma emergência. Não consigo lidar casualmente com você, Lily.

Fico surpresa com suas palavras, mas só por um instante. Por mais inesperada que fosse a confissão, ele está certo. Desde que nos conhecemos,

nosso relacionamento não teve nada de casual. É tudo ou nada. Por isso nos afastamos quando ele se alistou. Ele sabia que uma amizade casual nunca daria certo entre nós. Teria sido doloroso demais.

Pelo jeito, isso não mudou.

— Adeus, Atlas.

Repetir essas palavras me deixa quase tão chorosa quanto da primeira vez que lhe disse isso. Atlas estremece, se vira e se aproxima da porta, como se estivesse ansioso para ir embora. Quando a porta se fecha, vou até ela e a tranco. Em seguida, encosto a cabeça ali.

Dois dias atrás, eu me perguntava como minha vida poderia melhorar. Hoje, me pergunto o oposto.

Dou um pulo para trás quando alguém bate à porta. Só se passaram dez segundos desde que ele saiu, então sei que é Atlas. Destranco e a abro, e, de repente, estou pressionada em algo macio. Os braços de Atlas me apertam com firmeza, desesperados, e seus lábios roçam minha têmpora.

Fecho os olhos e finalmente deixo as lágrimas escorrerem. Já chorei tanto por Ryle nos últimos dois dias que nem sei como ainda sobrou alguma lágrima para Atlas. Mas sobrou, porque lágrimas molham minhas bochechas, como chuva.

— Lily — sussurra ele, ainda me abraçando com firmeza. — Sei que é a última coisa de que precisa agora. Mas tenho de falar, porque já fiquei longe tempo demais sem dizer o que eu realmente queria.

Ele se afasta para me olhar, e, ao ver minhas lágrimas, leva as mãos até meu rosto.

— No futuro... se por algum milagre você achar que é capaz de se apaixonar de novo... se apaixone por mim. — Ele encosta os lábios em minha testa. — Você ainda é minha pessoa preferida, Lily. E sempre será.

Ele me solta e sai, sem precisar de uma resposta.

Quando fecho a porta de novo, deslizo até o chão. Meu coração parece querer desistir. Eu entendo. Ele foi partido duas vezes de formas diferentes em apenas dois dias.

E sinto que vou precisar de um bom tempo para que ele comece a sarar dessas mágoas.

Capítulo Vinte e Nove

Allysa se joga no sofá, ao lado de Rylee e de mim.

— Estou com tanta saudade de você, Lily — confessa. — Estou pensando em voltar a trabalhar um ou dois dias por semana.

Eu rio, um pouco chocada com a sugestão.

— Eu moro no mesmo prédio e te visito quase todo dia. Como pode sentir minha falta?

Allysa faz um bico enquanto puxa as pernas para o sofá, sentando-se em cima delas.

— Tá! Não é de você que sinto saudade. É do trabalho. E, às vezes, só quero sair um pouco de casa.

Rylee já completou seis semanas, então tenho certeza de que ela pode voltar a trabalhar. Mas, na verdade, não achei que fosse querer, agora que tem uma filha. Eu me inclino para a frente e dou um beijo no nariz de Rylee.

— Você levaria a neném para o trabalho?

Allysa nega com a cabeça.

— Não, você me ocupa demais. Marshall pode ficar cuidando de Rylee enquanto eu trabalho.

— Quer dizer que você não tem *pessoas* para isso?

Marshall passa pela sala nesse instante e me ouve.

— Shh, Lily. Não fale como uma garota rica na frente de minha filha. Que blasfêmia!

Eu rio. Por isso os visito algumas noites na semana, porque é o único momento que eu consigo rir. Já se passaram seis semanas desde que Ryle viajou para a Inglaterra, e ninguém sabe o que aconteceu entre nós. Ryle não contou

para ninguém, e eu também não. Todo mundo, inclusive minha mãe, acredita que ele só foi estudar em Cambridge e nada mudou.

Também não contei para ninguém sobre a gravidez.

Fui ao médico duas vezes. Na verdade, eu já estava com doze semanas de gravidez na noite em que descobri, então agora estou com dezoito semanas. Ainda estou tentando entender tudo. Tomo pílula desde os 18 anos. Pelo jeito, esquecer algumas vezes acabou fazendo efeito.

Minha barriga está começando a aparecer, mas está frio, então tem sido fácil esconder. É fácil disfarçar com um suéter largo e uma jaqueta.

Sei que logo preciso contar a alguém, mas sinto que Ryle precisa ser a primeira pessoa a saber. E não quero fazer isso por telefone. Ele volta em seis semanas. Se eu conseguir manter o segredo até lá, depois decido o que fazer.

Olho para Rylee, que sorri para mim. Faço caretas para que ela sorria ainda mais. Em vários momentos, eu quis contar sobre a gravidez para Allysa, mas é complicado porque nem o irmão conhece meu segredo. Não quero colocá-la nesse tipo situação, por mais que eu sofra por não poder contar a ela.

— Como você está sem Ryle? — pergunta Allysa. — Já está querendo que ele volte?

Assinto, mas não digo nada. Sempre tento mudar de assunto quando ela fala sobre ele.

— Ele ainda está gostando de Cambridge? — pergunta Allysa, se encostando no sofá.

— Está — respondo, mostrando a língua para Rylee.

Ela sorri. Será que meu bebê vai ser parecido com ela? Espero que sim. Ela é muito fofa, mas talvez eu seja um pouco suspeita para falar.

— Ele já entendeu como funciona o metrô? — Allysa ri. — Juro que toda vez que nos falamos, ele está perdido. Não sabe se é para pegar a linha A ou B.

— Pois é — digo. — Ele entendeu, sim.

Allysa se afasta do sofá.

— Marshall!

Ele entra na sala, e Allysa tira Rylee de minhas mãos. Ela a entrega para o marido.

— Pode trocar a fralda dela? — pergunta.

Não sei por que ela está perguntando isso, afinal ele acabou de trocar a fralda da bebê.

Marshall enruga o nariz e pega Rylee dos braços de Allysa.

— Quem é a porquinha do papai?

Eles estão usando o mesmo macacão.

Allysa agarra minhas mãos e me puxa do sofá tão depressa que grito.

— Aonde a gente está indo?

Ela não me responde. Vai até o quarto e bate a porta depois de entrarmos. Ela anda de um lado para outro algumas vezes, depois me encara.

— Acho bom você me contar o que está acontecendo, Lily!

Eu me afasto, chocada. *Do que ela está falando?*

No mesmo instante levo as mãos à barriga, porque acho que talvez Allysa tenha percebido, mas ela não olha para minha barriga. Dá um passo para a frente e cutuca meu peito com o dedo.

— Cambridge *não tem* metrô, sua idiota!

— Como assim?

Estou totalmente confusa.

— Eu inventei! — diz ela. — Faz muito tempo que você está estranha. E é minha melhor amiga, Lily. Além do mais, eu conheço meu irmão. Falo com ele toda semana, e ele está diferente. Aconteceu alguma coisa entre vocês, e quero saber o que foi!

Merda. Acho que isso vai acontecer antes do que eu esperava.

Levo as mãos à boca, sem saber o que dizer. Sem saber até que ponto contar. Só agora percebo que estava enlouquecendo por não poder conversar sobre isso. Quase fico aliviada por ela me conhecer tão bem.

Eu me aproximo da cama e me sento.

— Allysa — sussurro. — Sente-se.

Sei que ela vai ficar quase tão magoada quanto eu. Ela anda até a cama e se senta a meu lado, segurando minhas mãos.

— Nem sei por onde começar.

Ela aperta minhas mãos, mas não diz nada. Durante os próximos quinze minutos, conto tudo. Conto da briga. Conto que Atlas foi me buscar. Conto do hospital. Revelo a gravidez.

Conto que chorei até dormir nas últimas seis semanas, porque nunca me senti tão assustada e sozinha.

Quando termino de contar tudo, estamos chorando. Ela não respondeu nada, disse apenas "Ah, Lily" algumas vezes. Mas ela não precisa responder. Ryle é seu irmão. Sei que ela quer que eu leve em conta seu passado, assim como fez da última vez que isso aconteceu. Sei que ela quer que eu me resolva com ele,

porque é seu irmão. A gente devia ser uma grande família feliz. Sei exatamente o que ela está pensando.

Allysa fica bastante tempo em silêncio, assimilando com dificuldade tudo o que contei. Por fim, ela me olha nos olhos e aperta minhas mãos.

— Meu irmão te *ama*, Lily. Ele te ama muito. Você mudou toda a vida dele, e o transformou numa pessoa que jamais o achei capaz de ser. Como irmã, o que eu mais queria era que você encontrasse uma maneira de perdoá-lo. Mas, como sua melhor amiga, preciso dizer que, se voltar para ele, nunca mais vou falar com você.

Demoro um instante para assimilar suas palavras, mas, quando faço isso, começo a chorar.

Ela começa a chorar.

Ela me abraça, e nós duas choramos por causa do amor mútuo que sentimos por Ryle. Choramos por causa da raiva que estamos sentindo no momento.

Depois de vários minutos chorando pateticamente na cama, ela me solta, se aproxima da cômoda e pega uma caixa de lenços de papel.

Nós enxugamos os olhos e fungamos.

— Você é a melhor amiga que já tive — digo.

Ela assente.

— Eu sei. E agora eu vou ser a melhor tia. — Ela enxuga o nariz e funga de novo, mas está sorrindo. — Lily. Você vai ter um *bebê* — diz, com animação, e é a primeira vez que sinto alguma alegria com a gravidez. — Odeio dizer isso, mas percebi que você tinha engordado. Achei que estava deprimida e comendo muito depois que Ryle viajou.

Ela vai até o closet e começa a pegar várias coisas para mim.

— Tenho tanta roupa de grávida para te dar!

Começamos a dar uma olhada nas roupas, e ela puxa uma mala e a abre. Joga várias coisas ali dentro, até transbordar.

— Jamais conseguiria usar isso — digo a ela, erguendo uma camisa que ainda está com etiqueta. — É tudo de grife. Vou acabar sujando.

Ela ri e mesmo assim enfia as roupas na mala.

— Não precisa me devolver. Se eu engravidar de novo, é só pedir para minhas pessoas comprarem mais. — Ela tira uma camisa do cabide e me entrega. — Tome, prove essa aqui.

Tiro a camisa e enfio a camisa de grávida pela cabeça. Depois de vesti-la, me olho no espelho.

Eu pareço... grávida. Grávida do tipo *não-dá-pra-disfarçar-essa-porcaria*.

Ela põe a mão em minha barriga e olha para o espelho comigo.

— Já sabe se é menino ou menina?

Balanço a cabeça.

— Não quero saber.

— Espero que seja uma menina — diz ela. — Nossas filhas seriam melhores amigas.

— Lily?

Nos viramos e vemos Marshall parado na porta. Ele está com os olhos fixos em minha barriga. E na *mão* de Allysa que está em minha barriga. Ele inclina a cabeça e aponta para mim.

— Você... — diz ele, confuso. — Lily, tem um... Você sabe que está grávida?

Allysa se aproxima calmamente da porta e põe a mão na maçaneta.

— Tem algumas coisas que você nunca, jamais, pode repetir se quiser que eu continue sendo sua esposa. Essa é uma delas. Entendeu?

Marshall ergue as sobrancelhas e dá um passo para trás.

— Ok. Entendi. Lily não está grávida. — Ele dá um beijo na testa de Allysa e olha para mim. — Não estou te parabenizando, Lily. Por nada.

Allysa o expulsa do quarto e fecha a porta, depois se vira para mim.

— Precisamos planejar o chá de bebê — diz ela.

— Não. Antes preciso contar a Ryle.

Ela acena com a mão em um gesto de desdém.

— Não precisamos dele para planejar o chá de bebê. É só mantermos isso em segredo até lá.

Ela pega o laptop, e, pela primeira vez desde que descobri a gravidez, fico feliz.

Capítulo Trinta

É muito conveniente ter de pegar apenas um elevador para chegar em casa depois de visitar Allysa, por mais que às vezes eu tenha vontade de sair do apartamento. Ainda acho estranho morar aqui. Só tivemos uma semana no imóvel antes de nos separar e Ryle ir para a Inglaterra. Sequer tive a oportunidade de me sentir em casa, e agora o local está um pouco arruinado. Não consigo dormir em nosso quarto desde aquela noite, então tenho ficado no quarto de hóspedes, em minha antiga cama.

Allysa e Marshall ainda são os únicos que sabem sobre a gravidez. Só se passaram duas semanas desde que lhes contei, o que significa que estou com vinte semanas. Sei que deveria contar para minha mãe, mas Ryle volta daqui a algumas semanas. Acho que ele devia saber antes que outra pessoa descubra. Isso se eu conseguir manter a barriga escondida de minha mãe até ele voltar para os Estados Unidos.

Talvez eu devesse logo aceitar que muito provavelmente terei de contar a ele por telefone. Não vejo minha mãe há duas semanas. Jamais passamos tanto tempo sem nos ver desde que ela se mudou para Boston, então, se não marcarmos algo em breve, ela vai aparecer em minha casa quando eu não estiver preparada.

Juro que minha barriga dobrou de tamanho nas últimas semanas. Se algum amigo me encontrar, vai ser impossível esconder. Até o momento, ninguém na floricultura perguntou. Ainda estou no limite entre o "será que ela está grávida ou será que só engordou".

Começo a destrancar a porta do apartamento, mas ela começa a abrir por dentro. Antes que eu possa puxar a jaqueta para esconder a barriga de quem quer que esteja do outro lado da porta, os olhos de Ryle se fixam em mim. Estou

usando uma das camisas que Allysa me deu, e é meio impossível disfarçar que estou com uma camiseta de grávida quando ele está olhando diretamente para ela.

Ryle.

Ryle está aqui.

Meu coração começa a golpear meu peito. Sinto uma coceira no pescoço, então ergo a mão, sentindo a batida de meu coração contra minha palma.

Meu coração está acelerado porque morro de medo dele.

Meu coração está acelerado porque sinto ódio dele.

Meu coração está acelerado porque eu estava com saudade dele.

Ele olha lentamente de minha barriga até meu rosto. Uma expressão de mágoa o transfigura, como se eu tivesse acabado de esfaqueá-lo no coração. Ele dá um passo para trás, entrando no apartamento, e leva as mãos à boca.

Começa a balançar a cabeça, confuso. Posso ver a traição gritando em seu rosto, mas ele mal consegue dizer meu nome:

— *Lily?*

Fico paralisada, com uma das mãos na barriga para me proteger, e a outra no peito. Estou com muito medo para me mexer ou dizer alguma coisa. Não quero reagir antes de saber exatamente como *ele* vai reagir.

Ao notar o medo em meus olhos e o ofegar em minha respiração, ele ergue a mão para me tranquilizar.

— Não vou te machucar, Lily. Estou aqui só para conversar. — Ele abre mais a porta e aponta para a sala. — Olhe.

Dá um passo para o lado, e vejo alguém parado atrás dele.

Agora sou *eu* que me sinto traída.

— Marshall?

Ele ergue imediatamente as mãos para se defender.

— Eu não fazia ideia de que ele voltaria antes, Lily. Ryle me mandou uma mensagem e pediu minha ajuda. Falou especificamente para eu não contar nada para você nem para Issa. Por favor, não deixe ela se divorciar de mim, não passo de um mero espectador inocente.

Balanço a cabeça, tentando entender o que estou vendo.

— Pedi para ele me encontrar aqui para você se sentir mais à vontade enquanto conversa comigo — explica Ryle. — Ele está aqui por sua causa, não por mim.

Olho para Marshall, e ele assente. Isso me tranquiliza para entrar no apartamento. Ryle ainda está bastante chocado, o que é compreensível. Ele não para de fixar os olhos em minha barriga, e depois os devia, como se sofresse ao olhar para mim. Ele passa as mãos no cabelo e depois aponta para o corredor enquanto olha para Marshall.

— Estaremos no quarto. Se escutar que estou ficando... Se eu começar a gritar...

Marshall sabe o que Ryle está pedindo.

— Não vou a lugar algum.

Sigo Ryle até o quarto e me pergunto como deve ser; não ter ideia do que pode te irritar, nem de quão intensa sua reação pode ser. Não ter nenhum controle sobre as próprias emoções.

Por um breve momento, sinto uma pontinha de pena. Porém, quando fixo o olhar em nossa cama e me lembro daquela noite, minha pena passa totalmente.

Ryle empurra a porta, mas não a fecha. Ele parece ter envelhecido um ano nos dois meses que passamos separados. Está com olheiras, a testa franzida, a postura encurvada. Se o arrependimento adotasse a forma humana, seria gêmeo de Ryle.

Seus olhos se fixam em minha barriga de novo, e ele avança um passo, incerto. Depois outro. Está sendo cauteloso, e com razão. Estende a mão tímida, pedindo permissão para tocar em mim. Assinto sutilmente.

Ele dá mais um passo adiante e encosta com firmeza a mão em minha barriga.

Sinto o calor de sua mão passar pela camisa, e fecho os olhos. Apesar do ressentimento que guardo no coração, minhas emoções continuam presentes. Não paramos de amar uma pessoa só porque ela nos magoou. Não são suas ações que magoam mais. É o amor. Se não houvesse amor ligado à ação, a dor seria um pouco mais fácil de suportar.

Ryle acaricia minha barriga, e eu abro os olhos de novo. Ele balança a cabeça, como se não conseguisse processar o que está acontecendo. Fico o observando se ajoelhar lentamente a minha frente.

Seus braços envolvem minha cintura, e ele pressiona os lábios em minha barriga. Depois entrelaça as mãos em minha lombar e encosta a testa em mim.

É difícil descrever o que estou sentindo por ele. Como qualquer mãe desejaria para o filho, é bonito ver o amor que ele já demonstra. Tem sido difícil não dividir isso com alguém. Tem sido difícil não dividir isso com *ele*, por mais

que eu guarde ressentimentos. Levo as mãos até seu cabelo enquanto ele me abraça. Parte de mim quer gritar com ele e chamar a polícia, como eu devia ter feito naquela noite. Mas outra parte de mim sente pena do garotinho que segurou o irmão nos braços e o viu morrer. Parte de mim queria nunca o ter conhecido. Mas outra parte de mim queria perdoá-lo.

Ele afasta os braços de minha cintura e pressiona a mão no colchão ao lado. Ele ergue o corpo e se senta na cama. Apoia os cotovelos nos joelhos e leva as mãos à boca.

Eu me sento a seu lado, sabendo que precisamos ter aquela conversa, por mais que eu não queira.

— Verdades nuas e cruas?

Ele faz que sim.

Não sei qual de nós deve começar. Não tenho muito a dizer a esta altura, então fico esperando ele falar primeiro.

— Nem sei por onde começar, Lily — diz, esfregando as mãos no rosto.

— Que tal começar com: *Me desculpe por ter te atacado.*

Seus olhos encontram os meus, arregalados, mas confiantes.

— Lily, você não faz ideia. Me desculpe *mesmo*. Você não imagina o que eu passei nesses dois meses sabendo o que tinha feito com você.

Ranjo os dentes. Sinto meu punho cerrar, agarrando o cobertor ao lado.

Eu não faço ideia do que *ele* passou?

Balanço lentamente a cabeça.

— *Você* não faz ideia, Ryle.

Eu me levanto, a raiva e o ódio transbordando de mim. Depois me viro, apontando para ele.

— *Você* não faz ideia! Não faz *nenhuma* ideia de como é passar pelo que passei! Temer pela própria vida nas mãos do homem que você ama? Vomitar só de pensar em como ele a machucou? *Você* não faz ideia, Ryle! *Nenhuma!* Vá se *foder*! Vá se foder por ter feito isso comigo!

Inspiro com força pela boca, chocada comigo mesma. A raiva veio como uma onda. Enxugo as lágrimas e me viro, sem conseguir encará-lo.

— Lily — começa ele. — Eu não...

— Não! — grito, me virando de novo. — Não terminei! Você só pode dizer sua verdade quando eu terminar a minha!

Ele tem a mão no maxilar, apertando-o para aliviar o estresse. Seus olhos se fixam no chão, incapazes de encarar a raiva nos meus. Dou três passos em sua

direção e me ajoelho. Apoio as mãos em suas pernas, obrigando-o a me olhar nos olhos enquanto falo.

— Sim. Eu guardei o ímã que Atlas me deu quando éramos adolescentes. Sim. Eu guardei meus diários. Não, eu não contei sobre minha tatuagem. Sim, provavelmente deveria ter contado. E, sim, ainda amo Atlas. E vou amá-lo até morrer, porque ele fez grande parte de minha vida. E, sim, sei que isso te magoa. Mas nada disso te dá o direito de fazer o que fez comigo. Mesmo que você tivesse entrado no quarto e nos flagrado, *mesmo assim* você não teria o direito de encostar um dedo em mim, seu filho da mãe maldito!

Eu me afasto de seus joelhos e me levanto.

— *Agora* é sua vez! — grito.

Continuo andando de um lado para o outro. Meu coração dispara, como se quisesse sair do peito. Eu queria ser capaz de arrancá-lo. Eu libertaria o filho da puta agora mesmo se pudesse.

Vários minutos se passam, e eu continuo andando de um lado para o outro. O silêncio de Ryle e minha raiva se misturam e se transformam em dor.

As lágrimas me exauriram. Estou muito cansada de sentir. Caio desesperadamente na cama e choro no travesseiro. Afundo o rosto com tanta força na almofada que mal consigo respirar.

Sinto Ryle se deitar a meu lado. Ele põe a mão com delicadeza em minha nuca, tentando amenizar o sofrimento que está me causando. Meus olhos estão fechados, ainda pressionados no travesseiro, mas o sinto encostar a cabeça na minha com gentileza.

— A verdade é que não tenho absolutamente nada a dizer — confessa ele, baixinho. — Jamais serei capaz de desfazer o mal causado a você. E você não acreditaria, mesmo que eu prometesse nunca mais perder o controle. — Ele dá um beijo em minha cabeça. — Você é meu mundo, Lily. *Meu mundo.* Quando acordei nesta cama naquela noite e você tinha partido, entendi que não voltaria para mim. Vim aqui para dizer que estou totalmente arrependido. Vim dizer que decidi aceitar o emprego em Minnesota. Vim me despedir. Mas, Lily... — Seus lábios encostam em minha cabeça, e ele exala com força. — Lily, não posso mais fazer isso. Tem uma parte de mim dentro de você. E já amo esse bebê mais que já amei qualquer coisa na vida. — Sua voz falha, e ele me segura com ainda mais força. — Por favor, não tire isso de mim, Lily. *Por favor.*

O sofrimento em sua voz se espalha por meu corpo, e, quando ergo meu rosto cheio de lágrimas para encarar Ryle, ele pressiona desesperadamente os

lábios nos meus e depois se afasta.

— Por favor, Lily. Eu te amo. Me *ajude*.

Seus lábios tocam rapidamente os meus mais uma vez. Como não o afasto, sua boca se reaproxima uma terceira vez.

Uma quarta.

Quando seus lábios encontram os meus pela quinta vez, eles não se afastam mais.

Ryle me envolve em seus braços e me puxa para perto. Meu corpo está cansado e fraco, mas se lembra do seu. Meu corpo lembra como seu corpo consegue aliviar tudo o que estou sentindo. Como seu corpo tem uma delicadeza que o meu corpo passou dois meses desejando.

— Eu te amo — sussurra ele em minha boca.

Sua língua encosta com suavidade na minha, e é tão errado, gostoso e doloroso. Antes que eu perceba, estou deitada de costas e ele está em cima de mim. Seu toque é tudo de que preciso, tudo que deveria evitar.

Sua mão agarra meu cabelo, e em um instante sou levada de volta para aquela noite.

Estou na cozinha, e sua mão puxa meu cabelo com tanta força que dói.

Ele afasta o cabelo de meu rosto, e em um instante sou levada de volta para aquela noite.

Estou na porta, e sua mão percorre meu ombro, logo antes de ele me morder com toda a força.

Sua testa encosta delicadamente na minha, e em um instante sou transportada de volta para aquela noite.

Estou nesta mesma cama debaixo de Ryle quando bate a cabeça na minha com tanta força que preciso levar seis pontos.

Meu corpo para de reagir. A raiva volta a tomar conta de mim. Sua boca para de se mover na minha quando ele sente que fiquei paralisada.

Quando se afasta para me olhar, nem preciso dizer nada. Nossos olhos, se encarando, falam mais verdades nuas e cruas que nossas bocas jamais falaram. Meus olhos dizem para os seus que não suporto mais seu toque. Seus olhos dizem para os meus que ele já sabe disso.

Ele começa a balançar lentamente a cabeça.

Ele se afasta de mim, engatinhado por meu corpo até chegar à beirada da cama, de costas para mim. Ele ainda está balançando a cabeça enquanto se

levanta devagar, totalmente ciente de que não vai ganhar meu perdão esta noite. Começa a andar até a porta do quarto.

— Espere — digo a ele.

Ryle vira metade do corpo, me olhando da porta.

Ergo o queixo, olhando para ele com determinação.

— Eu queria que este bebê não fosse seu, Ryle. Com todas as minhas forças, eu queria que esse bebê não fosse uma parte de você.

Se eu achava que seu mundo não podia desmoronar mais, estava enganada.

Ele sai do quarto, e eu coloco o rosto no travesseiro. Achei que, se eu o magoasse como ele me magoou, eu me sentiria vingada.

Mas não me sinto.

Em vez disso, me sinto vingativa e má.

Eu me sinto igual a meu pai.

Capítulo Trinta e Um

Mãe: Estou com saudade. Quando posso te ver?

Fico encarando a mensagem. Faz dois dias que Ryle descobriu que estou grávida. Sei que está na hora de contar para minha mãe. Não estou nervosa por contar a ela. Só sinto medo de conversar com ela sobre minha situação com Ryle.

Eu: Também estou. Passo em sua casa amanhã à tarde. Pode fazer lasanha?

Assim que fecho a mensagem, recebo outra.

Allysa: Suba para jantar com a gente. É noite de pizza caseira.

Faz alguns dias que não vou na casa de Allysa. Desde antes de Ryle voltar. Não sei onde ele está hospedado, mas imagino que seja com eles. E a última coisa que quero nesse momento é ficar no mesmo apartamento que ele.

Eu: Quem vai estar aí?

Allysa: Lily... eu não faria isso com você. Ele vai trabalhar até às 8 da manhã. Seremos só nós três.

Ela me conhece bem demais. Respondo a mensagem e aviso que passo lá assim que terminar o trabalho.

***

— O que bebês comem nessa idade?

Estamos sentados ao redor da mesa. Rylee dormia quando cheguei, mas a acordei para poder segurá-la no colo. Allysa não se importou. Ela disse que não queria a bebê acordada quando chegasse a hora de dormir.

— Leite materno — diz Marshall, com a boca cheia. — Mas às vezes molho o dedo no refrigerante e coloco em sua boca para que sinta o gosto.

— Marshall! — grita Allysa. — Acho bom que isso seja brincadeira.

— Lógico que é — diz ele, mas não tenho certeza.

— Mas quando começam a comer comida de bebê? — pergunto.

Imagino que preciso aprender essas coisas antes de dar à luz.

— Com uns quatro meses — responde Allysa, bocejando.

Ela deixa o garfo no prato e se encosta na cadeira, esfregando os olhos.

— Quer que ela durma lá em casa hoje à noite para vocês terem uma boa noite de sono?

— Não, não precisa — responde Allysa.

— Seria ótimo — diz Marshall, ao mesmo tempo.

Eu rio.

— É sério. Moro bem aqui embaixo. Não vou trabalhar amanhã, então, se eu não dormir à noite, é só ficar na cama até mais tarde.

Allysa parece considerar a possibilidade por um instante.

— Posso deixar o celular ligado caso precise de mim.

Olho para Rylee e sorrio.

— Está ouvindo? Você vai dormir na casa da tia Lily!

✦✦✦

Com tudo o que Allysa está jogando na bolsa de fraldas, dá para atravessar o país inteiro com Rylee.

— Ela avisa quando fica com fome. Não use o micro-ondas para esquentar o leite, é só...

— Eu sei — interrompo. — Já preparei umas cinquenta mamadeiras para ela desde que nasceu.

Allysa balança a cabeça e se aproxima da cama. Deixa a bolsa de fraldas a meu lado. Marshall está na sala, dando leite para Rylee uma última vez, então Allysa se deita a meu lado enquanto esperamos. Ela apoia a cabeça na mão.

— Sabe o que isso significa? — pergunta ela.

— Não. O quê?

— Que vou transar hoje. E já se passaram quatro meses.

Enrugo o nariz.

— Eu não precisava saber disso.

Ela ri e cai no travesseiro, mas depois se senta.

— Merda! — diz ela. — Então é melhor eu raspar as pernas. Acho que faz uns quatro meses que também não faço isso.

Eu rio, mas depois suspiro. Levo as mãos rapidamente para a barriga.

— Meu Deus! Acabei de sentir uma coisa!

— Sério?

Allysa põe a mão em minha barriga, e ficamos em silêncio por uns cinco minutos enquanto esperamos acontecer de novo. O movimento se repete, tão sutil que é quase imperceptível. Rio de novo.

— Não senti nada — diz Allysa, fazendo bico. — Acho que vai demorar mais algumas semanas para quem está de fora perceber. É a primeira vez que sente o bebê se mexer?

— É. Eu estava com medo, achando que meu bebê é o mais preguiçoso de todos os tempos.

Mantenho as mãos na barriga, na esperança de sentir de novo. Ficamos em silêncio por mais alguns minutos e, sim, gostaria que as coisas fossem diferentes. Ryle deveria estar aqui. Era ele que deveria estar a meu lado, a mão em minha barriga. Não Allysa.

Pensar isso quase rouba minha alegria. Allysa deve ter percebido, porque pega minha mão e a aperta. Quando a fito, não está mais sorrindo.

— Lily. Tem uma coisa que eu queria te dizer.

Meu Deus. Não estou gostando desse tom de voz.

— O que foi?

Ela suspira e força um sorriso melancólico.

— Sei que fica triste por estar passando por isso sem Ryle. Independentemente do envolvimento de meu irmão, só queria que soubesse: isso vai ser a melhor experiência de sua vida. Você vai se tornar uma mãe maravilhosa, Lily. Esse bebê tem *muita* sorte.

Fico feliz por estar sozinha com Allysa, porque suas palavras fazem meu nariz escorrer enquanto rio e choro ao mesmo tempo, como se eu fosse uma adolescente cheia de hormônios. Eu a abraço e agradeço. É impressionante como suas palavras me devolveram a alegria.

— Agora vá pegar minha bebê e levá-la embora para que eu possa transar com meu marido podre de rico — acrescenta, sorrindo.

Rolo da cama e me levanto.

— Você sabe mesmo tornar uma situação mais leve. Eu diria que é seu ponto forte.

Ela sorri.

— Por isso estou aqui. Agora dê o fora.

Capítulo Trinta e Dois

De todos os segredos dos últimos meses, o que me deixa mais triste é ter de esconder tudo de minha mãe. Não sei como ela vai reagir. Sei que vai ficar feliz com a gravidez, mas não faço ideia do que vai achar da separação. Ela ama Ryle. E, com base em seu histórico nessas situações, provavelmente vai achar fácil uma desculpa para o comportamento de meu marido e tentar me convencer a voltar para ele. E, para ser sincera, é também por causa disso que tenho adiado esse encontro, porque tenho medo de que haja alguma chance de ela conseguir fazer isso.

Na maior parte dos dias, sou forte. Na maior parte dos dias, estou tão zangada com ele que acho um absurdo até mesmo pensar em perdoá-lo. Porém, tem dias que sinto tanta saudade que não consigo respirar. Sinto saudade de como me divertia com ele. Sinto saudade de fazer amor com ele. Sinto saudade de *sentir saudade* dele. Ele trabalhava tantas horas que, quando chegava em casa à noite, eu saía correndo e pulava em seus braços. Sinto falta até de como ele adorava que eu fizesse isso.

É nos dias que não estou tão forte que eu queria que minha mãe soubesse de tudo o que está acontecendo. Às vezes, tudo o que eu queria era ir até sua casa e me deitar no sofá enquanto ela põe meu cabelo atrás da orelha e diz que vai ficar tudo bem. Às vezes, até mulheres adultas precisam do consolo da mãe, só para deixar um pouco de lado a obrigação de ser forte o tempo inteiro.

Estou sentada no carro, parado na frente de sua casa. Demoro uns cinco minutos para juntar forças e entrar. É um saco fazer isso porque sei que, de certa maneira, também vou partir seu coração. Odeio vê-la triste, e contar que me casei com um homem que talvez seja igual a meu pai vai deixá-la muito triste.

Quando entro em sua casa, eu a encontro na cozinha, colocando macarrão em uma panela. Não tiro o casaco ainda por razões óbvias. Não estou com camiseta de grávida, mas é quase impossível esconder minha barriga sem um casaco. Ainda mais de uma mãe.

— Oi, querida! — diz ela.

Entro na cozinha e a abraço de lado enquanto ela salpica queijo em cima da lasanha. Depois que a coloca no forno, vamos até a sala de jantar e nos sentamos à mesa. Ela se encosta na cadeira e toma um gole de chá.

Está sorrindo. Odeio ainda mais a situação ao ver que ela parece tão feliz.

— Lily — diz. — Preciso te contar uma coisa.

Não estou gostando disso. *Eu* que vim aqui para falar com ela. Não estou preparada para *ela* me dizer alguma coisa.

— O que foi? — pergunto, hesitante.

Ela pega o copo com ambas as mãos.

— Estou namorando.

Fico boquiaberta.

— Sério? — pergunto, balançando a cabeça. — Isso é...

Eu ia dizer *bom*, mas fico imediatamente preocupada; imagino se ela está se colocando na mesma situação que vivia com meu pai. Ela percebe minha preocupação, então segura minhas mãos.

— Ele é ótimo, Lily. É ótimo mesmo. Juro!

O alívio toma conta de mim, porque noto que ela está me contando a verdade. Vejo a felicidade em seus olhos.

— Nossa! — exclamo, completamente surpresa. — Fico feliz por você. Quando posso conhecê-lo?

— Hoje, se quiser — diz ela. — Posso convidá-lo para comer conosco.

Balanço a cabeça.

— Não — sussurro. — Não é um bom momento.

Ela aperta minhas mãos assim que percebe que vim lhe contar uma coisa importante. Começo pela novidade boa.

Eu me levanto e tiro o casaco. No início, ela não acha nada de mais. Pensa que estou só querendo ficar mais confortável. Mas então pego sua mão e a encosto em minha barriga.

— Você vai ser avó.

Ela arregala os olhos e, por vários segundos, fica chocada e sem palavras. Mas, então, as lágrimas começam a surgir. Ela se levanta de um pulo e me abraça.

— Lily! — diz ela. — Ai, meu Deus! — Ela se afasta, sorrindo. — Que rápido! Vocês estavam tentando? Faz tão pouco tempo que se casaram.

Balanço a cabeça.

— Não, foi uma surpresa. Acredite em mim.

Ela ri. Depois de outro abraço, nós duas nos sentamos. Tento continuar sorrindo, mas não é o sorriso de uma grávida eufórica. Ela percebe quase imediatamente e tapa a boca com a mão.

— Querida — sussurra. — O que foi?

Até este momento, me esforcei para me manter forte. Eu me esforcei para não sentir muita pena de mim mesmo na presença de outras pessoas. Mas sentada com minha mãe, me rendo à fraqueza. Só quero desistir por um tempo. Quero que ela assuma o controle, me abrace e me diga que vai ficar tudo bem. E, nos próximos quinze minutos, enquanto choro em seus braços, é exatamente o que acontece. Simplesmente paro de lutar por mim mesma, porque preciso que outra pessoa o faça por mim.

Eu a poupo da maior parte dos detalhes de nosso relacionamento, mas conto as coisas mais importantes. Que ele me bateu mais de uma vez, que não sei o que fazer. Que tenho medo de ter este bebê sozinha. Tenho medo de tomar a decisão errada. Tenho medo de estar sendo fraca demais, de que o certo seja mandá-lo para a cadeia. Tenho medo de estar sendo sensível demais, não sei se estou exagerando. Basicamente, conto tudo o que não tive coragem de admitir para mim mesma.

Ela pega alguns guardanapos na cozinha e volta para a mesa. Depois de secarmos nossas lágrimas, ela começa a embolar o guardanapo nas mãos, rolando-o e o mirando.

— Você quer voltar para ele? — pergunta ela.

Não digo que sim. Mas também não digo que não.

É a primeira vez desde que tudo aconteceu que estou sendo completamente sincera. Sou sincera com minha mãe *e* comigo. Talvez por ela ser a única pessoa que conheço que passou por isso. É a única pessoa que conheço que entenderia toda a minha confusão.

Balanço a cabeça, mas também dou de ombros.

— A maior parte de mim sente que nunca mais vou conseguir confiar em Ryle. Mas uma grande parte de mim sente falta do que eu tinha com ele. Éramos ótimos juntos, mãe. Passei com ele alguns dos melhores momentos de minha vida. E, de vez em quando, acho que não quero abrir mão disso.

Passo o guardanapo embaixo do olho, secando mais lágrimas.

— Às vezes... quando estou com muita saudade... digo a mim mesma que talvez as coisas não tenham sido tão ruins. Talvez eu pudesse suportar os piores momentos só para poder ficar com ele nos melhores momentos.

Ela põe a mão em cima da minha e a acaricia com o polegar.

— Entendo exatamente o que está dizendo, Lily. Mas não perca seu limite de vista. Por favor, não deixe isso acontecer.

Não faço ideia do que ela quis dizer. Quando percebe que estou confusa, aperta meu braço e explica com mais detalhes:

— Todos temos nossos limites, o que estamos dispostos a aguentar antes de arrebentarmos. Quando me casei com seu pai, eu sabia exatamente qual era meu limite. Mas aos poucos... a cada incidente... meu limite foi aumentando mais um pouco. E mais um pouco. Na primeira vez que seu pai me bateu, ele se arrependeu na mesma hora. Jurou que nunca mais aconteceria. Na segunda vez, ele ficou *ainda mais* arrependido. Na terceira, foi mais que um golpe. Foi uma surra. E eu sempre voltava para ele. Mas, na quarta vez, foi só um tapa. E, quando isso aconteceu, fiquei aliviada. Lembro que pensei "pelo menos ele não me bateu desta vez, não foi tão ruim". — Ela leva o guardanapo aos olhos e continua: — Todo incidente abala um pouco seu limite. Toda vez que você decide ficar, torna muito mais difícil abandoná-lo da próxima vez. Com o passar do tempo, você perde completamente seu limite de vista porque começa a pensar: "Eu já aguentei cinco anos, então por que não mais cinco"?

Ela toca minhas mãos e as segura enquanto choro.

— Não seja como eu, Lily. Sei que você acredita que ele te ama, e tenho certeza de que isso é verdade. Mas ele não está te amando da maneira certa. Ele não te ama como você merece ser amada. Se Ryle te ama de verdade, não vai deixar vocês voltarem. Ele mesmo vai optar pela separação, para garantir que nunca mais te machuque. Esse é o tipo de amor que uma mulher merece, Lily.

Desejo do fundo do coração que ela não tivesse aprendido essas coisas por experiência própria. Eu a puxo para perto e a abraço.

Por algum motivo, achei que precisaria ficar na defensiva quando lhe contasse. Nunca pensei que aprenderia com ela. Já devia ter imaginado. Eu costumava achar minha mãe fraca, mas, na verdade, ela é uma das mulheres mais fortes que conheço.

— Mãe? — digo, me afastando. — Quero ser você quando crescer.

Ela ri e afasta meu cabelo do rosto. Pela maneira como está me olhando, percebo que ela trocaria de lugar comigo num piscar de olhos. Está sofrendo mais por mim que jamais sofreu por si mesma.

— Quero te contar uma coisa — confessa ela, pegando minhas mãos de novo. — Sabe o dia do discurso no funeral de seu pai? Sei que você não ficou paralisada, Lily. Ficou lá parada naquele púlpito e se recusou a dizer alguma coisa boa sobre aquele homem. Eu nunca senti tanto orgulho de você. Foi a única pessoa em minha vida que me defendia. Você foi forte quando eu estava com medo. — Uma lágrima cai de seu olho quando acrescenta: — Seja *aquela* garota, Lily. Corajosa e ousada.

Capítulo Trinta e Três

— O que vou fazer com três cadeirinhas para carro?

Estou sentada no sofá de Allysa, examinando todas as coisas. Hoje ela organizou um chá de bebê para mim. Minha mãe está ali. Até a mãe de Ryle veio, direto da Inglaterra, mas está dormindo no quarto de hóspedes por causa do *jet lag*. As garotas da floricultura vieram, e alguns amigos de meu antigo trabalho também. Até Devin compareceu. Na verdade, foi bem divertido, apesar de eu ter passado semanas com receio da festa.

— Por isso falei para você fazer uma lista de presentes, para não receber presentes repetidos — explica Allysa.

Suspiro.

— Acho que posso pedir para minha mãe devolver a dela. Também já comprou coisas demais.

Eu me levanto e começo a juntar todos os presentes. Marshall disse que me ajudaria a levá-los para o apartamento, então Allysa e eu colocamos tudo em sacos de lixo. Seguro as sacolas enquanto ela cata tudo no chão. Estou com quase trinta semanas de gravidez, então fico com a tarefa mais fácil: a de segurar o saco.

Acondicionamos tudo, e Marshall está indo pela segunda vez a meu apartamento. Abro a porta de Allysa, pronta a arrastar um saco cheio de presentes até o elevador. Mas eu não estava preparada para encontrar Ryle parado diante da porta, me olhando. Nós dois ficamos igualmente chocados quando nos vemos, considerando que não nos falamos desde que brigamos há três meses.

Mas o encontro era inevitável. Não posso ser a melhor amiga e vizinha da irmã de meu marido sem que o encontre por acaso.

Tenho certeza de que ele sabia do chá, porque sua mãe veio só para isso, mas, mesmo assim, ele parece um pouco surpreso ao ver todas as coisas atrás de mim. Será que ele chegou bem na hora que estou saindo por coincidência ou por conveniência? Ele olha para o saco de lixo que estou segurando e o pega de minhas mãos.

— Pode deixar que eu levo.

E eu deixo. Ele carrega o saco, depois outro, enquanto pego minhas coisas. Ele e Marshall estão entrando no apartamento enquanto estou prestes a sair.

Ryle pega o último saco e se aproxima da porta. Eu o sigo, e Marshall me olha em silêncio, na dúvida se Ryle pode descer comigo. Balanço a cabeça. Não posso evitar Ryle para sempre, então por que não discutir logo de uma vez nosso futuro?

São só alguns andares entre o apartamento de Allysa e o meu, mas essa descida de elevador na companhia de Ryle parece a mais longa de minha vida. Percebo que ele olha algumas vezes para minha barriga, e me pergunto como deve ter sido passar três meses sem me ver grávida.

A porta de meu apartamento está destrancada, então a empurro, e ele entra comigo. Depois leva o restante das coisas para o quarto do bebê, e o escuto mexer em tudo, abrir caixas. Fico na cozinha limpando o que nem precisa ser limpo. Estou com o coração disparado por senti-lo no apartamento. Não estou com medo. Só estou nervosa. Quero estar mais preparada para a conversa, porque realmente detesto confrontos. Sei que precisamos discutir o bebê e nosso futuro, mas não estou a fim. Pelo menos não agora.

Ele se aproxima pelo corredor e entra na cozinha. Percebo que está olhando para minha barriga de novo. Depois desvia o olhar com a mesma rapidez.

— Quer que eu monte o berço enquanto estou aqui?

Eu devia dizer não, mas ele também é responsável pela criança que está crescendo dentro de mim. Se ele oferecer esforço físico, eu aceito, por mais que ainda esteja zangada.

— Quero, ajudaria muito.

Ele aponta para a lavanderia.

— Minhas ferramentas ainda estão lá?

Faço que sim, e ele vai até a lavanderia. Abro a geladeira e fico olhando para o que tem ali dentro só para não o ver cruzando a cozinha. Depois que Ryle finalmente volta para o quarto do bebê, fecho a geladeira e encosto a testa na

porta, segurando o puxador. Inspiro e solto o ar enquanto tento assimilar tudo o que está acontecendo dentro de mim no momento.

Ryle está muito bonito. Faz tanto tempo que não o vejo que esqueci como ele é lindo. Sinto vontade de correr até o quarto e pular em seus braços. Quero sentir sua boca na minha. Quero escutá-lo dizer que me ama. Quero que ele se deite a meu lado e ponha a mão em minha barriga como imaginei tantas vezes.

Seria tão fácil... Minha vida seria tão mais fácil se eu simplesmente o perdoasse e voltasse para ele.

Fecho os olhos e repito as palavras de minha mãe: *Se Ryle te ama de verdade, não vai deixar vocês reatarem.*

É só por lembrar disso que não vou correndo até o quarto.

***

Eu me mantenho ocupada na cozinha durante uma hora enquanto ele fica no quarto. Em determinado momento, preciso ir até lá pegar o carregador do celular. Enquanto passo pelo corredor, paro diante da porta do quarto do bebê.

O berço está montado. Ryle até colocou o jogo de cama. Ele está parado bem ao lado, segurando a grade e observando o berço vazio. Está tão quieto e imóvel que parece uma estátua. Está imerso nos próprios pensamentos e nem percebe que estou na porta. No que será que está pensando?

Será que é no bebê? Na criança que vai dormir nesse berço sem nem ao menos morar na mesma casa que o pai?

Até então eu nem sabia se ele queria participar da vida do filho. Mas sua expressão diz que sim. Nunca vi tanta tristeza em alguém, e nem estou de frente para ele. Sinto que sua melancolia não tem nada a ver comigo, e tudo a ver com o que está pensando sobre a criança.

Ele ergue os olhos e me encontra na porta. Afasta-se do berço e sai do transe.

— Terminei — avisa, indicando o berço. Depois começa a guardar as ferramentas na caixa. — Tem mais alguma coisa que precisa que eu faça enquanto estou aqui?

Nego com a cabeça enquanto me aproximo do berço e o admiro. Como não sei se é menina ou menino, escolhi a natureza como tema. O jogo de cama é verde e caramelo, estampado com plantas e árvores. Combina com as cortinas, e vai combinar com o mural que pretendo pintar na parede. Também pretendo

trazer algumas plantas da floricultura. É inevitável sorrir ao ver tudo ficando pronto. Ele colocou até o móbile. Estendo o braço e o ligo. A Canção de Ninar de Brahms começa a tocar. Observo o móbile dar a volta completa, e depois olho para Ryle. Ele está parado a alguns metros de distância, me observando.

Enquanto o encaro, penso em como é fácil julgar os outros quando estamos de fora. Eu, inclusive, passei anos julgando minha mãe.

Quando estamos de fora, é fácil acreditar que conseguiríamos ir embora num piscar de olhos se alguém nos tratasse mal. É fácil dizer que não continuaríamos amando quem nos trata mal se não somos nós que amamos a tal pessoa.

Quando se sente isso na pele, não é tão fácil odiar a pessoa que te trata mal, porque na maior parte do tempo ela é uma benção divina.

Os olhos de Ryle ficam um pouco esperançosos. Fico com raiva por ele ter percebido que baixei temporariamente a guarda. Ele começa a dar um passo lento em minha direção. Sei que está prestes a me puxar para perto e me abraçar, então me apresso a recuar.

E, imediatamente, o muro volta a se erguer entre nós.

Deixar ele voltar a este apartamento já foi um grande passo para mim. Ele precisa entender isso.

Ryle exibe uma expressão estoica para esconder a rejeição que está sentindo. Põe a caixa de ferramentas debaixo do braço e depois pega a caixa do berço. Está cheia com plásticos e tudo não usado na montagem.

— Vou levar para o depósito de lixo — diz ele, indo para a porta. — Se precisar de mais alguma ajuda, é só me avisar, ok?

— Obrigada — murmuro, assentindo.

Quando escuto a porta do apartamento se fechar, me viro para o berço. Meus olhos se enchem de lágrimas, mas não são por minha causa. Nem por causa do bebê.

Choro por Ryle. Porque, apesar de ele ser responsável pela situação em que se meteu, sei que está triste. E, quando amamos alguém, ver a pessoa triste também deixa *você* triste.

Nenhum de nós mencionou nossa separação ou qualquer chance de reconciliação. Nem ao menos falamos do que vai acontecer quando o bebê nascer daqui a dez semanas.

Ainda não estou pronta para ter essa conversa, e o mínimo que ele pode fazer por mim no momento é ter paciência.

A paciência a mim devida, por todas as vezes que ele não teve nenhuma.

Capítulo Trinta e Quatro

Acabo de enxaguar a tinta dos pincéis e volto ao quarto do bebê a fim de admirar o mural. Passei boa parte da véspera e todo aquele dia pintando.

Faz duas semanas que Ryle montou o berço. Agora que o mural está terminado, e que eu trouxe algumas plantas da loja, sinto que o quarto finalmente está pronto. Dou uma olhada ao redor, e fico um pouco triste por não ter ninguém aqui comigo para admirar o quarto também. Pego o celular e mando uma mensagem para Allysa.

Eu: Mural terminado! Você devia descer para ver.

Allysa: Não estou em casa. Resolvendo coisas. Mas amanhã passo aí.

Franzo a testa e decido mandar uma mensagem para minha mãe. Ela vai trabalhar amanhã, mas sei que vai achar tão empolgante ver o mural quanto eu fiquei ao terminá-lo.

Eu: Está a fim de vir para a cidade hoje à noite? O quarto do bebê finalmente ficou pronto.

Mãe: Não posso. Noite de recital na escola. Vou chegar tarde. Mas mal posso esperar para ver! Amanhã passo aí!

Eu me sento na cadeira de balanço e sei que não devia fazer o que estou pensando, mas faço de todo jeito.

Eu: O quarto do bebê está pronto. Quer ver?

Todos os nervos de meu corpo ganham vida quando aperto "Enviar". Fico encarando o celular até receber a resposta.

Ryle: Quero. Estou indo.

Eu me levanto imediatamente para dar os retoques finais. Afofo as almofadas da namoradeira e endireito um dos quadros na parede. Assim que me

aproximo da porta, escuto as batidas. Abro e... *Caramba, ele está de uniforme hospitalar.*

Dou um passo para o lado para deixá-lo entrar.

— Allysa disse que você ia pintar um mural.

Eu o sigo pelo corredor, em direção ao quarto do bebê.

— Demorei dois dias para terminar — comento. — Sinto como se tivesse corrido uma maratona, mas só subi e desci a escada algumas vezes.

Ele olha por cima do ombro, e noto sua expressão de preocupação. Ele está aflito porque fiz tudo sozinha. Mas não devia. Eu dou conta.

Quando chegamos ao quarto, ele para na porta. Na parede oposta, pintei uma horta. Está completa, com quase todas as frutas e legumes de que pude me lembrar. Não sou pintora, mas é impressionante o que dá para fazer com um projetor e papel transparente.

— Uau! — exclama Ryle.

Sorrio ao reconhecer a surpresa em sua voz, porque sei que é genuína. Ele entra no quarto e dá uma olhada ao redor, balançando a cabeça o tempo inteiro.

— Lily. Está... uau!

Se ele fosse Allysa, eu bateria palmas e daria pulinhos. Mas é Ryle, e seria um pouco estranho fazer isso, considerando como as coisas estão entre nós.

Ryle se aproxima da janela, onde coloquei um balanço. Ele o empurra de leve, e o balanço começa a se mexer de um lado para o outro.

— Ele também se move para a frente e para trás — aviso.

Não faço ideia se ele sabe alguma coisa sobre balanços para bebês, mas fiquei muito impressionada com essa característica.

Ryle vai até o trocador e pega uma fralda no porta-fraldas. Ele a desdobra e a segura à frente.

— É tão pequena — diz ele. — Não me lembro de Rylee tão pequena assim.

Ouvi-lo falar de Rylee me deixa um pouco triste. Estamos morando em casas separadas desde a noite em que ela nasceu, então nunca tive a oportunidade de vê-los interagindo.

Ryle dobra a fralda e a guarda. Ao se virar para mim, ele sorri, erguendo as mãos para indicar o quarto.

— Está incrível, Lily. Tudo. Você está mesmo... — Ele põe as mãos nos quadris, e seu sorriso diminui. — Você está muito bem.

O ar fica mais pesado. De repente, fica difícil respirar, porque, por algum motivo, sinto vontade de chorar. Estou adorando este momento, e fico triste

porque não pudemos passar a gravidez inteira vivendo coisas assim. É bom compartilhar isso com ele, mas, ao mesmo tempo, tenho medo de enchê-lo de falsas esperanças.

Agora que ele está aqui e viu o quarto, não sei o que fazer em seguida. É mais que óbvia a necessidade de conversarmos sobre muitas coisas, mas não faço ideia de por onde começar. Ou de como começar.

Eu me aproximo da cadeira de balanço e me sento.

— Verdade nua e crua? — sugiro, olhando para ele.

Ryle solta o ar demoradamente e faz que sim, depois se senta na namoradeira.

— *Por favor*. Lily, por favor, me diga que está pronta para conversar sobre isso.

Sua reação me deixa um pouco menos nervosa, porque agora sei que ele está pronto para conversar sobre tudo. Ponho os braços ao redor da barriga e me inclino para a frente na cadeira.

— Você primeiro.

Ele coloca as mãos entre os joelhos. Depois lança um olhar tão sincero para mim que preciso desviar os olhos.

— Não sei o que você quer de mim, Lily. Não sei que papel espera que eu exerça. Estou tentando te dar todo o espaço de que precisa, mas, ao mesmo tempo, quero ajudar mais do que você consegue imaginar. Quero participar da vida do bebê. Quero ser seu marido e quero ser um bom marido. Mas não faço ideia do que você está pensando.

Suas palavras me enchem de culpa. Apesar do que aconteceu no passado, ele ainda é o pai do bebê. Tem o direito de ser pai, independentemente do que eu sinta. E eu *quero* que ele seja pai. Quero que ele seja um *bom* pai. Mas, no fundo, ainda estou presa a um de meus maiores medos, e sei que preciso conversar com ele sobre isso.

— Eu nunca te impediria de ver seu filho, Ryle. Fico feliz em saber que você quer participar, mas...

Ele se inclina para a frente e apoia o rosto nas mãos quando digo a última palavra.

— ... que tipo de mãe eu seria se uma pequena parte de mim não se preocupasse com seu temperamento? Com a maneira como você se descontrola? Como vou saber que não vai perder a cabeça quando estiver sozinho com o bebê?

Seus olhos se enchem de sofrimento, e acho que vão explodir feito barragens. Ele começa a balançar a cabeça com determinação.

— Lily, eu nunca...

— Eu sei, Ryle. Você nunca machucaria seu filho de propósito. Também não acredito que você me machucou de propósito, mas o fato é que me machucou. E, confie em mim, quero acreditar que você jamais faria uma coisa dessas. Meu pai só era violento com minha mãe. Existem muitos homens, e até *mulheres*, que são violentos só com a pessoa com quem estão envolvidos, sem nunca se descontrolarem com os outros. Do fundo do coração, quero acreditar em suas palavras, mas você precisa entender de onde vem meu medo. Nunca vou impedir que você se relacione com seu filho. Mas vou precisar que seja muito paciente comigo enquanto você reconquista toda a confiança que destruiu.

Ele concorda com a cabeça. Precisa saber que estou dando muito mais do que ele merece.

— Certo — diz. — Você determina as condições. Vai ser tudo de acordo com suas decisões, ok?

As mãos de Ryle se unem novamente, e ele começa a morder o lábio inferior, nervoso. Sinto que ele tem mais a dizer, mas não sabe se deve ou não falar.

— Aproveite que estou disposta a conversar e diga o que está pensando.

Ele inclina a cabeça para trás e olha para o teto. O que quer que seja, é algo difícil para ele. Não sei se é uma pergunta difícil, ou se ele tem medo da resposta.

— E nós? — sussurra.

Também inclino a cabeça para trás e suspiro. Eu sabia que essa pergunta viria, mas é muito difícil dar uma resposta que não tenho. Divórcio ou reconciliação são as duas únicas opções que temos, mas não quero escolher nenhuma.

— Não quero te dar falsas esperanças, Ryle — respondo, baixinho. — Se eu tivesse que escolher hoje... provavelmente escolheria o divórcio. Mas, sendo totalmente sincera, não sei se a decisão seria fruto dos milhares de hormônios da gravidez. Ou algo que realmente quero. Acho que não seria justo decidir antes do nascimento do bebê.

Sua respiração está trêmula, e ele leva a mão à nuca, apertando-a com força. Depois se levanta e se vira para mim.

— Obrigado — agradece. — Por ter me convidado. Por ter conversado comigo. Eu queria te visitar desde que estive aqui, há duas semanas, mas não sabia o que você ia achar.

— Também não sei o que eu ia achar — retruco, sendo totalmente sincera.

Tento me levantar da cadeira de balanço, mas, por algum motivo, isso ficou muito mais difícil do que era na semana passada. Ryle se aproxima e pega minha mão para me ajudar.

Não sei como vou aguentar até o dia do parto se nem ao menos consigo me levantar de uma cadeira sem resmungar.

Depois que fico de pé, ele não solta minha mão imediatamente. Estamos a apenas alguns centímetros, e sei que, se eu olhar para ele, alguns sentimentos vão despertar. E não quero isso.

Ele encontra minha outra mão e fica segurando as duas, uma em cada lado de meu corpo. Entrelaça os dedos nos meus, e seu toque repercute até meu coração. Encosto a testa em seu peito e fecho os olhos. Sua bochecha encosta no topo de minha cabeça, e ficamos completamente parados, com medo de nos mexer. Tenho medo de me mover porque talvez eu esteja fraca demais para recusar seu beijo. Ele tem medo de se mexer porque acha que vou me afastar se ele tentar.

Durante o que parecem ser cinco minutos, nenhum de nós move um músculo.

— Ryle — digo, por fim. — Me promete uma coisa?

Sinto ele concordar com a cabeça.

— Até o bebê nascer, por favor, não tente me convencer a te perdoar. E, *por favor*, não tente me beijar... — Eu me afasto de seu peito e o encaro. — Quero lidar com uma coisa importante de cada vez, e agora minha prioridade é o bebê. Não quero mais estresse ou confusão com tudo o que já está acontecendo.

Ele aperta minhas mãos para me tranquilizar.

— Uma coisa monumental de cada vez. Entendi.

Sorrio, aliviada por finalmente termos tido essa conversa. Sei que não tomei nenhuma decisão final sobre nós dois, mas mesmo assim sinto como se tivesse tirado um peso dos ombros agora que estamos em sintonia.

Ele solta minhas mãos.

— Estou atrasado para meu turno — avisa, apontando o polegar por cima do ombro. — É melhor eu ir para o trabalho.

Faço que sim e o acompanho até a porta. Só depois que a fecho e fico sozinha em meu apartamento é que percebo que estou sorrindo.

Ainda estou terrivelmente zangada com ele por estarmos nessa situação, para começo de conversa, então meu sorriso é só por causa de nosso pequeno avanço.

Às vezes, os pais precisam resolver suas diferenças e lidar com uma situação de forma madura para decidir o melhor para os filhos.

É exatamente o que estamos fazendo. Aprendendo a lidar com a situação antes que nosso filho seja incluído na equação.

Capítulo Trinta e Cinco

Sinto cheiro de torrada.

Eu me espreguiço na cama e sorrio porque Ryle sabe que torrada é minha comida preferida. Fico deitada mais um tempo antes de tentar me levantar. Sinto como se precisasse da força de três homens para conseguir rolar para fora da cama. Respiro fundo, jogando os pés para o lado e me erguendo do colchão.

Primeiro vou fazer xixi. É praticamente só isso que ando fazendo. Daqui a dois dias é a data prevista para o parto, mas meu médico disse que talvez leve mais uma semana. Minha licença-maternidade começou na semana passada, então minha vida se resume a isso no momento: fazer xixi e ver televisão.

Quando chego à cozinha, Ryle está preparando ovos mexidos. Ele se vira quando me ouve entrar.

— Bom dia — diz ele. — Nada de bebê ainda?

Nego com a cabeça e ponho a mão na barriga.

— Não, mas fiz xixi nove vezes ontem à noite.

Ryle ri.

— Bateu o recorde. — Ele põe os ovos em um prato e joga bacon e torrada em cima. Ele se vira e me entrega o prato, dando um beijinho em minha têmpora. — Preciso ir. Já estou atrasado. Vou deixar o celular ligado o dia inteiro.

Sorrio ao olhar para meu café da manhã. *Tá, também ando comendo. Faço xixi, como e vejo TV.*

— Obrigada — agradeço, alegre.

Levo o prato até o sofá e ligo a TV. Ryle cata depressa suas coisas pela sala.

— Passo aqui na hora do almoço para ver como você está. Vou trabalhar até tarde hoje, mas Allysa disse que pode trazer seu jantar.

Reviro os olhos.

— Eu estou *bem*, Ryle. O médico disse para eu pegar leve, não ficar completamente parada.

Ele começa a abrir a porta, mas para, como se tivesse esquecido algo. Volta correndo até mim e se inclina para beijar minha barriga.

— Vou dobrar sua mesada se você decidir sair daí hoje — diz ele ao bebê.

Ryle conversa muito com o bebê. Finalmente fiquei à vontade para deixá-lo sentir o bebê chutar umas duas semanas atrás, e desde então ele passa aqui de vez em quando só para conversar com minha barriga. Nem fala muito comigo. Mas eu gosto. Gosto de ver sua animação em ser pai.

Pego o cobertor que Ryle usou para dormir no sofá ontem à noite e me enrolo nele. Já faz uma semana que Ryle tem dormido aqui, me esperando entrar em trabalho de parto. No início fiquei meio desconfiada do plano, mas, na verdade, tem ajudado muito. Continuo dormindo no quarto de hóspedes. O terceiro quarto virou o do bebê, o que significa que a suíte principal está livre para Ryle. Mas, por algum motivo, ele prefere dormir no sofá. Acho que as lembranças daquele quarto lhe causam tanto tormento quanto causam a mim, então nenhum de nós sequer põe os pés ali.

As últimas semanas têm sido muito boas. Tirando o fato de que não existe absolutamente nenhum relacionamento físico entre nós, parece que tudo voltou a ser como antes. Ele continua trabalhando muito, mas passei a jantar com todo mundo lá em cima quando ele tem uma noite de folga. Mas nunca jantamos sozinhos como um casal. Evito tudo que pareça um encontro romântico ou programas de casal. Ainda estou tentando focar em uma coisa importante de cada vez, e até o bebê nascer e meus hormônios se normalizarem, eu me recuso a tomar uma decisão sobre meu casamento. Sei muito bem que a gravidez é uma desculpa para adiar o inevitável, mas meu estado me permite um pouco de egoísmo.

Meu celular começa a tocar, abaixo a cabeça no sofá e resmungo. O aparelho está lá na cozinha. Tipo a uns 5 metros daqui.

Saco.

Eu me levanto do sofá, mas nada acontece.

Tento de novo. *Continuo sentada.*

Seguro o braço da poltrona e ergo o corpo. *Três é o número da sorte.*

Quando me levanto, derrubo o copo de água. Resmungo de novo... e depois suspiro.

Eu não estava segurando um copo de água.

Puta merda.

Olho para baixo e vejo a água escorrer pela perna. Meu celular continua tocando no balcão da cozinha. Vou andando — ou cambaleando — até lá e o atendo.

— Alô.

— Oi, é Lucy! Uma pergunta rápida. Nosso pedido de rosas vermelhas foi danificado no transporte, mas o funeral da família Levenberg é hoje, e eles pediram especificamente rosas vermelhas para o buquê do caixão. Temos algum plano B?

— Temos, ligue para a floricultura da Broadway. Eles me devem um favor.

— Ok, obrigada!

Começo a desligar a fim de chamar Ryle e dizer que minha bolsa estourou, mas escuto Lucy pedir:

— Espere!

Coloco o celular de novo no ouvido.

— E as faturas? Você quer que eu pague hoje ou espera...

— Pode esperar, não tem problema.

Mais uma vez, estou prestes a desligar, mas ela grita meu nome e começa a disparar outra pergunta.

— Lucy — digo com calma, interrompendo-a. — Eu te ligo amanhã. Acho que minha bolsa acabou de estourar.

Ela faz uma pausa.

— Ah. AH! ANDE LOGO!

Desligo bem na hora que sinto a primeira dor na barriga. Eu me contraio e começo a ligar para Ryle, que atende ao primeiro toque.

— Precisa de mim?

— Preciso.

— Ai, meu Deus. Sério? Está acontecendo?

— Está.

— Lily! — exclama ele, empolgado.

E, então, o celular fica silencioso.

Passo os próximos minutos juntando tudo de que vou precisar. Já tenho uma bolsa pronta para o hospital, mas estou me sentindo meio nojenta, então resolvo tomar uma ducha para me limpar. Sinto a segunda dor repentina uns dez minutos depois da primeira. Eu me curvo para a frente e seguro a barriga,

deixando a água escorrer pelas costas. Bem no fim da contração, escuto a porta do banheiro ser escancarada.

— Você está tomando *banho*? — pergunta Ryle. — Lily, saia daí, vamos!

— Me dê uma toalha.

A mão de Ryle surge ao redor da cortina do chuveiro alguns segundos depois. Tento me enrolar na toalha antes de puxar a cortina. É estranho esconder o corpo do próprio marido.

A toalha não cabe. Cobre meus seios, mas depois se abre, formando um V de cabeça para baixo na barriga.

Sinto mais uma contração enquanto saio do chuveiro. Ryle agarra minha mão e me ajuda a respirar, depois me acompanha até o quarto. Escolho com calma as roupas limpas para usar no caminho até o hospital, então o observo.

Ryle está fitando minha barriga. Não consigo decifrar seu olhar.

Seus olhos encontram os meus, e eu paro o que estou fazendo.

Durante um momento, não sei se ele vai franzir a testa ou sorrir. De alguma maneira, seu rosto consegue fazer as duas coisas, e ele solta o ar pela boca, baixando os olhos até minha barriga.

— Você está linda — sussurra ele.

Sinto uma pontada no peito que não tem nada a ver com as contrações. Eu me dou conta de que é a primeira vez que ele viu minha barriga nua. É a primeira vez que ele viu minha aparência com seu bebê crescendo dentro de mim.

Eu me aproximo e seguro sua mão. Coloco-a em minha barriga e a seguro ali. Ele sorri para mim, roçando o polegar para a frente e para trás. É um momento bonito. Um de nossos momentos bons.

— Obrigado, Lily.

Está na cara pela maneira como ele toca minha barriga, pela maneira como seus olhos olham os meus. Ele não está me agradecendo por este momento, nem por nenhum momento antes. Está me agradecendo por todos os momentos que o tenho deixado passar com o bebê.

Até que eu resmungo e me inclino para a frente.

— Puta que pariu.

E o momento acabou.

Ryle pega minhas roupas e me ajuda a me vestir. Junta todas as coisas que peço para que carregue, e depois vamos para o elevador. Devagar. Tenho uma contração no meio do caminho.

— Você devia ligar para Allysa — digo, quando saímos da garagem.

— Estou dirigindo. Ligo para ela quando chegarmos ao hospital. E para sua mãe também.

Assinto. Sei que eu poderia ligar para elas agora, mas meio que quero chegar ao hospital primeiro, porque sinto que o bebê está muito impaciente e quer fazer sua estreia bem aqui no carro.

Chegamos ao hospital, mas o tempo entre as contrações é menor que um minuto. Depois que o médico está preparado e que já me colocaram na cama, estou com 9 cm de dilatação. E apenas cinco minutos mais tarde, estão me dizendo para fazer força. Ryle nem tem tempo de ligar para ninguém, porque tudo acontece muito rápido.

Aperto sua mão cada vez que faço força. Em determinando momento, penso em como a mão é importante para sua carreira, mas ele não diz nada. Simplesmente me deixa apertá-la o máximo possível, e é exatamente o que faço.

— A cabeça está quase saindo — diz o médico. — Só precisa fazer mais um pouco de força.

Não consigo descrever os próximos minutos. É um borrão de dor, respiração ofegante, ansiedade e pura alegria. E pressão. Uma pressão imensa, como se eu estivesse prestes a implodir. Até que Ryle diz:

— É uma menina! Lily, nós temos uma filha!

Abro os olhos, e o médico está segurando a bebê. Consigo ver apenas o contorno de seu corpo, porque meus olhos estão cheios de lágrimas. Quando a colocam em meu colo, é o melhor momento de toda a minha vida. Toco imediatamente em seus lábios vermelhos, em suas bochechas, em seus dedos. Ryle corta o cordão umbilical, e, quando a tiram de mim para limpá-la, eu me sinto vazia.

Alguns minutos depois, ela está novamente em meu colo, enrolada em um cobertor.

Não consigo fazer nada além de encará-la.

Ryle se senta na cama a meu lado e puxa o cobertor para baixo, até a altura de seu queixo, para vermos melhor seu rosto. Contamos os dedos das mãos e dos pés. Ela tenta abrir os olhos, e achamos a coisa mais engraçada do mundo. Ela boceja, e sorrimos e nos apaixonamos ainda mais por ela.

Depois que a última enfermeira sai do quarto e finalmente ficamos sozinhos, Ryle me pede para segurá-la. Ele ergue a parte superior da cama para que seja mais fácil para nos acomodarmos ali. Depois que entrego nossa filha a ele, encosto a cabeça em seu ombro. Não conseguimos parar de olhá-la.

— Lily — sussurra ele. — Verdade nua e crua?

Faço que sim.

— Ela é tão mais bonita que a bebê de Allysa e Marshall!

Eu rio e lhe dou uma cotovelada.

— Estou brincando.

Mas entendo exatamente o que ele quer dizer. Rylee é uma bebê linda, mas ninguém nunca vai se comparar a nossa filha.

— Que nome vamos escolher? — pergunta ele.

Não tivemos um relacionamento típico durante a gravidez, então ainda não discutimos o nome.

— Eu queria dar o nome de sua irmã — digo, olhando para ele. — Ou de seu irmão?

Não sei o que ele acha disso. Acho que colocar o nome do irmão em nossa filha seria muito bom para seu processo de cura, mas talvez ele tenha outra opinião.

Ele me encara, como se não esperasse a resposta que dei.

— Emerson? — diz ele. — É um nome bonito para uma menina. Podemos chamá-la de Emma. Ou Emmy. — Ele sorri com orgulho e olha para ela. — Na verdade, é perfeito.

Ele se inclina e beija a testa de Emerson.

Depois de um tempo, me afasto de seu ombro para poder observá-lo com ela no colo. É lindo vê-lo interagir com ela assim. Já percebo como a ama só depois desse tempinho. Sei que ele faria de tudo para protegê-la. De tudo no mundo.

E só neste momento finalmente tomo uma decisão sobre ele.

Sobre nós.

Sobre o que é melhor para nossa família.

Ryle é incrível de muitas maneiras. Ele é bondoso. É prestativo. É inteligente. É carismático. É motivado.

Meu pai também tinha algumas dessas características. Não era muito bondoso com os outros, mas, durante alguns momentos que passamos juntos, eu sabia que ele me amava. Ele era inteligente. Era carismático. Era motivado. Mas eu o odiava muito mais que o amava. Eu não conseguia enxergar suas qualidades por causa do que via durante seus piores momentos. Nem mesmo cinco anos de seu lado bom compensariam cinco minutos testemunhando seu lado ruim.

Olho para Emerson e depois para Ryle. E sei o que preciso fazer por ela. Pelo relacionamento que espero que ela tenha com o pai. Não decido por mim

nem por Ryle.

Decido por ela.

— Ryle?

Ele está sorrindo ao se virar para mim. Mas para ao se deparar com meu olhar.

— Quero o divórcio.

Ele pisca duas vezes. Minhas palavras o atingem como uma corrente elétrica de alta voltagem. Ele estremece e olha para nossa filha, os ombros encurvados para a frente.

— Lily — diz, balançando a cabeça para trás e para a frente. — Por favor, não faça isso.

Seu tom de voz é suplicante, e fico com raiva porque ele estava esperançoso achando que eu ia acabar voltando para ele. Sei que em parte é culpa minha, mas acho que só entendi qual era minha decisão na hora que segurei minha filha pela primeira vez.

— Só mais uma chance, Lily. *Por favor.*

Sua voz falha por causa das lágrimas.

Sei que o estou magoando no pior momento possível. Estou partindo seu coração no que deveria ser o melhor dia de sua vida. Mas sei que, se não fizer isso agora, jamais vou convencê-lo de que não posso correr o risco de reatar com ele.

Começo a chorar, porque estou sofrendo tanto quanto Ryle.

— Ryle — digo, com delicadeza. — O que você faria? Se um dia essa garotinha te olhasse e dissesse: *Pai, meu namorado bateu em mim*. O que você diria a ela, Ryle?

Ele puxa Emerson para o peito e apoia o rosto no cobertor.

— Pare, Lily — implora ele.

Endireito a postura na cama. Ponho a mão nas costas de Emerson e tento fazer Ryle me olhar nos olhos.

— E se ela chegasse e te dissesse: *Pai, meu marido me empurrou pela escada. Ele disse que foi um acidente. O que devo fazer?*

Seus ombros começam a tremer, e pela primeira vez desde o dia em que o conheci, ele está chorando. Lágrimas de verdade escorrem por seu rosto enquanto ele abraça a filha com força. Também estou chorando, mas continuo, pelo bem *dela*.

— E se... — Minha voz falha. — E se ela chegasse para você e dissesse: *Meu marido tentou me estuprar, pai. Ficou me segurando enquanto eu implorava para ele*

parar. Mas ele jura que isso nunca mais vai se repetir. O que devo fazer, pai?

Ele beija a testa da filha sem parar, deixando as lágrimas caírem de seu rosto.

— O que você diria a ela, Ryle? Me diga. Preciso saber o que você diria para nossa filha se o homem que a amasse de todo o coração a machucasse.

Um soluço irrompe de seu peito. Ele se inclina em minha direção e me envolve em um abraço.

— Eu imploraria para que ela o largasse — confessa, em meio às lágrimas. Seus lábios tocam desesperadamente minha testa, e sinto algumas de suas lágrimas nas minhas bochechas. Ele leva a boca a meu ouvido e nina nós duas com seu corpo. — Eu diria que ela merece *muito* mais que isso. E *imploraria* para que ela não voltasse para ele, por mais que a amasse. Ela merece muito mais.

Nós nos transformamos em uma confusão de lágrimas, corações partidos e sonhos destruídos. Nos abraçamos. Abraçamos nossa filha. E, por mais que seja uma escolha difícil, nós destruímos o padrão antes que o padrão nos destrua.

Ele a devolve para mim e enxuga os olhos. Levanta-se ainda chorando. Ainda tentando recuperar o fôlego. Nos últimos quinze minutos, perdeu o amor de sua vida. Nos últimos quinze minutos, se tornou pai de uma linda menininha.

É isso que quinze minutos podem fazer com uma pessoa. Podem destruí-la.

Podem salvá-la.

Ele aponta para o corredor, me avisando que precisa se recompor. Enquanto ele sai do quarto, percebo que nunca o vi tão triste. Mas sei que um dia vai me agradecer por isso. Sei que um dia vai entender que tomei a decisão certa para sua filha.

Quando a porta se fecha, olho para ela. Sei que não vou lhe dar a vida que sonhei que ela tivesse. Um lar para morar com os pais que a amam e que a criam juntos. Mas não quero que ela tenha a mesma vida que eu. Não quero que ela veja o pior lado do pai. Não quero que o veja perder a cabeça comigo e que deixe de reconhecê-lo como seu pai. Porque, por mais que ela tenha bons momentos com Ryle ao longo da vida, sei por experiência própria que só os piores momentos ficariam na memória.

Ciclos existem porque é doloroso acabar com eles. Interromper um padrão familiar é algo que requer uma quantidade astronômica de sofrimento e de coragem. Às vezes, parece mais fácil simplesmente continuar nos mesmos círculos familiares em vez de enfrentar o medo de saltar e talvez não fazer uma boa aterrissagem.

Minha mãe passou por isso.

Eu passei por isso.
Mas nem morta vou deixar minha filha passar por isso.
Beijo sua testa e lhe faço uma promessa.
— É assim que acaba. Nós vamos colocar um ponto final nisso.

Epílogo

Abro caminho pela multidão da Boston Street até chegar à rua transversal. Empurro o carrinho mais devagar e, então, paro diante do meio-fio. Empurro a parte de cima para trás e olho para Emmy. Ela está chutando para cima e sorrindo como sempre. É uma bebê muito feliz. E tem uma energia calma viciante.

— Qual é a idade? — pergunta uma mulher, parada na calçada, olhando para Emerson com interesse.

— Onze meses.

— Ela é linda — elogia. — É igual a você. Bocas idênticas.

Sorrio.

— Obrigada. Mas você devia ver o pai. Os olhos dos dois são iguais.

O sinal abre para os pedestres, e tento ser mais rápida que a multidão ao atravessar. Já estou meia hora atrasada, e Ryle me mandou duas mensagens. Mas ele ainda não sentiu a alegria das cenouras. Hoje vai descobrir a bagunça que elas fazem, porque coloquei várias na bolsa da bebê.

Quando Emerson tinha três meses, saí do apartamento que Ryle comprou. Arranjei um apartamento próprio mais perto do trabalho, então posso ir a pé, o que é ótimo. Ryle voltou para o apartamento que comprou, mas com minhas visitas a Allysa e os dias que Ryle passa com Emerson, parece que fico quase tanto tempo naquele prédio quanto no meu.

— Quase chegando, Emmy. — Viramos a esquina, e estou com tanta pressa que um homem precisa desviar e se encostar ao muro para não ser atropelado por mim. — Desculpe — murmuro para ele.

Abaixo a cabeça e passo pelo homem.

— Lily?

Paro.

Eu me viro lentamente, porque essa voz repercutiu até nos dedos de meus pés. Só duas vozes já causaram esse efeito em meu corpo, sendo que a de Ryle não me afeta mais tanto assim.

Quando me viro para ele, seus olhos azuis estão semicerrados por causa do sol. Ele ergue a mão para protegê-los e sorri.

— Oi.

— Oi — cumprimento.

Meu cérebro frenético tenta desacelerar para que eu acompanhe o que está acontecendo.

Ele observa o carrinho e aponta para Emmy.

— É... é seu bebê?

Assinto, e ele vai para a frente do carrinho. Então se ajoelha e abre um grande sorriso para ela.

— Nossa. Ela é linda, Lily — elogia ele. — Como se chama?

— Emerson. Às vezes, chamamos ela de Emmy.

Ele põe o dedo na mão da bebê, que começa a chutar, balançando o dedo de Atlas para a frente e para trás. Ele a observa com interesse por um instante, depois se levanta.

— Você está ótima — diz ele.

Tento não lhe dar uma olhadela tão óbvia, mas é difícil. Está lindo como sempre, mas é a primeira vez que o vejo e não tento negar como ficou bonito. Totalmente diferente do garoto sem-teto em meu quarto. Mas, ao mesmo tempo... ele continua exatamente igual.

Meu celular vibra no bolso de novo ao receber uma mensagem. *Ryle*.

Aponto para a rua.

— Estamos muito atrasadas — digo. — Ryle está nos esperando há meia hora.

Quando digo aquele nome, os olhos de Atlas se enchem de tristeza, mas ele tenta disfarçar. Apenas balança a cabeça e dá um passo lento para o lado, nos deixando passar.

— Hoje é seu dia de ficar com ela — explico.

Com essas palavras, digo mais do que conseguiria em conversas inteiras.

Vejo o alívio brilhar em seus olhos. Ele faz que sim e aponta para trás.

— Pois é, também estou atrasado. Abri um restaurante novo em Boylston no mês passado.

— Uau! Parabéns. Então vou ter de levar minha mãe até lá em breve para conhecê-lo.

Ele sorri.

— Devia mesmo. Me avise antes, e eu mesmo cozinho para vocês.

Depois de uma pausa constrangedora, aponto para a rua.

— A gente precisa...

— Ir — completa ele, sorrindo.

Concordo com a cabeça, depois olho para baixo e continuo andando. Não faço ideia de por que estou reagindo assim. Como se eu não conseguisse ter uma conversa normal. Quando estou a vários metros de distância, olho para trás. Ele não se mexeu. Continua me observando enquanto me afasto.

Viramos a esquina, e vejo Ryle esperando ao lado do carro, na frente da floricultura. Ele se alegra quando nos vê.

— Recebeu meu e-mail?

Ele se ajoelha e começa a soltar Emerson do carrinho.

— Sim, sobre o *recall* do chiqueirinho?

Ele assente e pega a filha.

— A gente já não comprou um para ela?

Aperto os botões para dobrar o carrinho, e depois o levo para a mala do carro de Ryle.

— Compramos, mas quebrou um mês atrás. Joguei no lixo.

Ele abre o porta-malas e toca no queixo de Emerson com os dedos.

— Ouviu isso, Emmy? Sua mãe salvou sua vida.

Ela sorri para ele e dá um tapinha em sua mão com um jeito brincalhão. Ele beija sua testa, depois pega o carrinho e o guarda. Fecho o porta-malas e me inclino para dar um rápido beijo em minha filha.

— Te amo, Emmy. Até de noite.

Ryle abre a porta de trás para colocá-la na cadeirinha. Eu me despeço e começo a seguir depressa pela rua.

— Lily! — grita ele. — Aonde você vai?

Tenho certeza de que ele imaginava que eu fosse entrar na loja, afinal já passou da hora de abrir. E é o que eu deveria fazer mesmo, mas estou com um frio irritante na barriga que não me deixa em paz. Preciso fazer algo a respeito disso. Eu me viro e ando para trás.

— Esqueci uma coisa! Nos vemos quando eu for buscar Emmy à noite!

Ryle ergue a mão de Emerson, e os dois acenam para se despedir de mim. Assim que viro a esquina, começo a correr. Desvio das pessoas, esbarro em algumas, uma mulher inclusive me xinga, mas o instante que vejo aquela nuca faz tudo valer a pena.

— Atlas! — grito. Ele está indo para o outro lado, então continuo abrindo caminho à força pela multidão. — Atlas!

Ele para de andar, mas não se vira. Inclina a cabeça, como se não quisesse confiar totalmente no que ouviu.

— Atlas! — grito de novo.

Desta vez, quando ele se vira, o faz com determinação. Seus olhos encontram os meus, e, durante uma pausa de três segundos, nós dois nos entreolhamos. Mas pouco depois começamos a nos aproximar, com passos decididos. Vinte passos nos separam.

Dez.

Cinco.

Um.

Nenhum de nós dá o último passo.

Estou sem ar, ofegante e nervosa.

— Eu me esqueci de te contar o nome do meio de Emerson. — Apoio as mãos nos quadris e expiro. — É Dory.

Ele não reage imediatamente, mas depois de um tempo seus olhos se enrugam um pouco nos cantos. Sua boca se contrai, como se ele tentasse não sorrir.

— Que nome perfeito para ela.

Faço que sim e sorrio, depois paro.

Não sei o que fazer agora. Só queria que ele soubesse disso, mas já contei, e não pensei no que faria ou diria em seguida.

Balanço a cabeça de novo e olho ao redor, apontando o polegar por cima do ombro.

— Bem... acho que eu vou...

Atlas dá um passo à frente, me agarra e me puxa com força para seu peito. Fecho os olhos imediatamente quando ele faz isso. Sua mão sobe minha nuca, e ele me abraça enquanto ficamos parados, cercados de ruas movimentadas, buzinas, pessoas esbarrando em nós ao passar apressadas. Ele dá um beijo delicado em meu cabelo, e tudo o mais some.

— Lily — diz ele baixinho. — Acho que agora tenho uma vida boa o suficiente para você. Então, quando você estiver pronta...

Agarro sua jaqueta sem tirar o rosto de seu peito. De repente, sinto como se tivesse 15 anos de novo. Meu pescoço e minhas bochechas coram com suas palavras.

Mas eu *não* tenho 15 anos.

Sou uma adulta com responsabilidades e uma filha. Não posso simplesmente deixar meus sentimentos de adolescente falarem mais alto. Não sem alguma garantia, pelo menos.

Eu me afasto e olho para ele.

— Você faz doações para instituições de caridade?

Atlas ri, confuso.

— Várias. Por quê?

— Quer ter filhos um dia?

Ele confirma com a cabeça.

— Óbvio que sim.

— Acha que vai querer se mudar de Boston algum dia?

Ele nega com a cabeça.

— Não. Nunca. Tudo é melhor aqui, lembra?

Era dessa garantia que estava precisando. Sorrio para ele.

— Ok. Estou pronta.

Ele me puxa para perto com firmeza, e eu rio. Depois de tudo que aconteceu comigo desde o dia em que ele apareceu em minha vida, eu nunca imaginaria esse fim. Torci muito para que isso acontecesse, mas até então eu não tinha certeza de que se tornaria realidade.

Fecho os olhos quando sinto seus lábios encostarem em minha clavícula. Ele dá um beijo delicado ali, e parece exatamente a primeira vez que ele me beijou no mesmo lugar tantos anos atrás. Ele leva a boca a meu ouvido e sussurra:

— Pode parar de nadar agora, Lily. Finalmente chegamos à costa.

Nota da Autora

Recomenda-se ler esta parte somente depois de terminar o livro, porque contém spoilers.

✦✦✦

A lembrança mais antiga de minha vida é de quando eu tinha 2 anos e meio. Não havia porta em meu quarto, mas um lençol pregado em cima do batente. Eu me lembro de escutar meu pai gritando, então espiei de trás do lençol bem no instante que ele pegou nossa televisão e a jogou em minha mãe, derrubando-a no chão.

Ela se divorciou antes de eu completar 3 anos. Depois disso, toda lembrança que tenho de meu pai é boa. Ele nunca perdeu a cabeça comigo ou com minhas irmãs, apesar de ter feito isso tantas vezes com minha mãe.

Eu sabia que seu casamento era violento, mas minha mãe jamais falou sobre esse assunto. Conversar sobre isso seria o mesmo que falar mal de meu pai, algo que ela nunca fez. Queria que meu relacionamento com ele fosse livre de qualquer tensão que existisse entre os dois. Por causa disso, tenho o máximo respeito por pais que não envolvem os filhos na dissolução de seus relacionamentos.

Certa vez, perguntei a meu pai sobre as agressões. Ele era muito sincero sobre o relacionamento com minha mãe. Ele bebia muito nos anos que foi casado com ela, e era o primeiro a admitir que não a tratava bem. Até me contou que precisou substituir duas articulações na mão porque bateu em minha mãe com tanta força que se machucou ao lhe atingir a cabeça.

Meu pai passou a vida inteira arrependido da maneira como tratou minha mãe. Maltratá-la foi o pior erro que cometeu na vida, e ele disse que envelheceria e morreria loucamente apaixonado por ela.

Sinto que foi um castigo muito leve considerando o que ela suportou.

Quando decidi escrever esta história, primeiro pedi permissão a minha mãe. Falei que queria escrevê-la para mulheres como ela. Também queria escrevê-la para as pessoas que não compreendem muito bem mulheres como ela.

Eu era uma dessas pessoas.

A mãe que eu conheço não é fraca. Não é alguém que consideraria perdoar um homem que a tratou mal em diversas ocasiões. Porém, enquanto eu escrevia este livro e entrava na mente de Lily, logo percebi que as coisas não são tão simples quanto parecem.

Em mais de uma ocasião, quis mudar o enredo enquanto escrevia o livro. Eu não queria que Ryle fosse quem ele seria, porque me apaixonei por ele nos primeiros capítulos, assim como Lily. Assim como minha mãe se apaixonou por meu pai.

O primeiro incidente entre Ryle e Lily na cozinha foi o que aconteceu na primeira vez que meu pai bateu em minha mãe. Ela estava preparando um ensopado, e ele tinha bebido. Então tirou o ensopado do forno sem usar uma luva. Ela achou engraçado e riu. De repente, ele a atingiu com tanta força que ela voou para o outro lado da cozinha.

Minha mãe decidiu perdoá-lo por esse único incidente, porque seu arrependimento e seu pedido de desculpas pareceram convincentes. Ou, pelo menos, suficientemente convincentes a ponto de que lhe dar uma segunda chance doesse menos que abandoná-lo de coração partido.

Com o tempo, os incidentes que se seguiram foram semelhantes ao primeiro. Meu pai sempre demonstrava remorso e prometia nunca mais fazer aquilo. Finalmente chegou ao ponto em que ela sabia que as promessas não valiam nada, mas àquela altura já era mãe de duas filhas e não tinha dinheiro para abandoná-lo. E, diferentemente de Lily, minha mãe não teve muito apoio. Não havia nenhum abrigo para mulheres. Naquela época, a ajuda do governo era quase nula. Deixá-lo significaria que não teríamos onde morar, mas, para ela, isso era uma alternativa melhor.

Meu pai faleceu há vários anos, quando eu tinha 25 anos. Ele não foi o melhor pai. Certamente não foi o melhor marido. Mas, graças a minha mãe, pude ter um relacionamento muito próximo com ele, porque ela deu os passos

necessários para destruir o padrão antes que o padrão nos destruísse. E não foi fácil. Ela o largou pouco antes de eu completar 3 anos e de minha irmã mais velha fazer 5. Passamos dois anos inteiros vivendo à base de feijão e macarrão com queijo. Ela era uma mãe solteira sem formação universitária, criando duas filhas sozinha, sem praticamente nenhuma ajuda. Mas seu amor por nós duas a fortaleceu a ponto de que conseguisse dar esse passo aterrorizante.

De forma alguma minha intenção é usar a situação de Ryle e Lily para definir violência doméstica. Nem usar o personagem de Ryle para definir as características da maioria dos agressores. Cada situação é diferente. Cada resultado é diferente. Escolhi moldar a história de Lily e Ryle baseada na história de meu pai e de minha mãe. Pensei em Ryle com base em vários aspectos de meu pai. Eles são bonitos, gentis, engraçados e inteligentes... mas têm momentos em que se comportam de forma imperdoável.

Moldei Lily com base em vários aspectos de minha mãe. Ambas são mulheres afetuosas, inteligentes e fortes que simplesmente se apaixonaram por homens que não mereciam seu amor de jeito algum.

Dois anos após se divorciar de meu pai, minha mãe conheceu meu padrasto. Ele era o exemplo de um bom marido. As lembranças que tenho dos dois durante minha infância determinaram o casamento que eu queria para mim mesma.

Quando finalmente chegou minha hora de casar, a coisa mais difícil que já fiz na vida foi contar a meu pai biológico que ele não entraria na igreja comigo, pois eu pediria para meu padrasto fazer isso.

Senti que precisava fazer isso por vários motivos. Meu padrasto assumiu responsabilidades como marido que meu pai nunca assumiu. Meu padrasto assumiu responsabilidades financeiras que meu pai nunca assumiu. E meu padrasto nos criou como se fôssemos suas próprias filhas, sem nunca nos proibir de ter um relacionamento com nosso pai biológico.

Eu me lembro de me sentar na sala de meu pai um mês antes de meu casamento. Falei que o amava, mas que ia pedir para meu padrasto entrar na igreja comigo. Estava preparada para me defender de sua reação de toda maneira possível. Mas não esperava de jeito algum a resposta que ele me deu.

Ele concordou com a cabeça e disse: "Colleen, ele criou você. Merece levá-la para o altar no dia de seu casamento. E você não deve se sentir culpada por isso, porque é a coisa certa a se fazer".

Eu sabia que minha decisão tinha deixado meu pai completamente arrasado. Mas ele era altruísta o suficiente como pai não só para respeitar minha decisão, como para querer que *eu* a respeitasse também.

Meu pai ficou sentado na igreja enquanto outro homem me levava ao altar. Eu sabia que as pessoas não entendiam por que não pedi para os dois me acompanharem. Mas, quando penso nisso hoje em dia, percebo que tomei essa decisão em respeito a minha mãe.

A escolha da pessoa que ia entrar comigo na igreja não teve a ver com meu pai, e na verdade também não teve a ver com meu padrasto. Teve a ver com ela. Eu queria que o homem que a tratava como ela merecia tivesse a honra de entrar com sua filha na igreja.

No passado, eu dizia sempre que escrevia só para entreter. Não escrevo para educar, persuadir ou informar.

Mas este livro é diferente. Para mim, não foi entretenimento. Foi a coisa mais difícil que já escrevi. Às vezes, eu queria apertar a tecla Delete e desfazer a maneira como Ryle tratou Lily. Quis reescrever as cenas em que ela o perdoava, e quis substituí-las por uma mulher mais resistente, uma personagem que tomava todas as decisões certas em todos os momentos certos. Mas não era sobre esses personagens que eu estava escrevendo.

Não era essa a história que eu estava contando.

Eu queria escrever algo realista relacionado à situação de minha mãe, que é uma situação enfrentada por muitas mulheres. Eu queria explorar o amor entre Lily e Ryle para sentir o que minha mãe sentiu quando teve de decidir se ia abandonar meu pai, um homem que ela amava do fundo do coração.

Às vezes, me pergunto como minha vida teria sido diferente se minha mãe não houvesse tomado essa decisão. Ela abandonou alguém que amava para que suas filhas nunca achassem aceitável aquele tipo de relacionamento. Ela não foi resgatada por outro homem, por um príncipe de conto de fadas. Tomou sozinha a iniciativa de abandonar meu pai, sabendo que enfrentaria uma luta completamente diferente com o estresse adicional de ser mãe solteira. Para mim, foi importante que o personagem de Lily incorporasse esse mesmo empoderamento. Lily tomou a decisão final de deixar Ryle pelo bem da filha. Apesar de haver uma pequena possibilidade de Ryle acabar mudando para melhor, certos riscos nunca valem a pena. Ainda mais quando esses riscos já desapontaram a pessoa no passado.

Antes de escrever este livro, eu tinha muito respeito por minha mãe. Agora que o terminei e consegui explorar uma fração minúscula da dor e da luta que ela enfrentou para chegar onde está hoje, só tenho uma coisa a dizer a ela:

Quero ser você quando crescer.

Agradecimentos

O nome que aparece como a autora do livro pode ser um só, mas eu não teria conseguido escrevê-lo sem a ajuda das seguintes pessoas:

Minhas irmãs. Eu amaria vocês duas tanto quanto amo mesmo se não fossem minhas irmãs. Ter o mesmo pai que vocês é só um bônus.

Meus filhos. Vocês são a maior conquista de minha vida. Por favor, nunca me façam me arrepender de ter dito isso.

Ao Weblich, ao CoHorts, ao TL Discussion Group, ao Book Swap e a todos os outros grupos que posso buscar na internet quando preciso de um pouco de energia positiva. Em boa parte, é por causa de vocês que posso ganhar a vida fazendo isso, então obrigada.

À equipe inteira da agência Dystel & Goderich Literary Management. Obrigada pelo apoio e incentivo contínuos.

A todos da editora Atria Books. Obrigada por tornar os dias de lançamento inesquecíveis, esses foram alguns dos melhores dias de minha vida.

A Johanna Castillo, minha editora. Obrigada por apoiar este livro. Obrigada por me apoiar. Obrigada por ser a pessoa que mais apoia meu trabalho dos sonhos.

A Ellen DeGeneres, uma das quatro pessoas que espero nunca conhecer. Você é a luz no meio da escuridão. Lily e Atlas agradecem seu brilho.

A meus leitores-beta e primeiros apoiadores de cada livro meu. O feedback, o suporte e a amizade de vocês é mais do que eu mereço. Amo todos vocês.

A minha sobrinha. Vou conhecê-la a qualquer momento, e nunca fiquei tão empolgada. Vou ser sua tia preferida.

A Lindy. Obrigada pelas lições de vida e pelos exemplos de o que é ser uma pessoa altruísta. E obrigada por uma das frases mais profundas que nunca vai

sair de minha cabeça: "*Não existem pessoas ruins. Todos somos humanos e, às vezes, fazemos coisas ruins*". Fico grata por minha irmã mais nova ter você como mãe.

A Vance. Obrigada por ser o marido que minha mãe merecia e o pai que você não precisava ser.

Meu marido, Heath. Até sua alma é boa. Eu não poderia ter escolhido uma pessoa melhor para ser o pai de meus filhos e passar a vida a meu lado. É muita sorte termos você conosco.

A minha mãe. Você é tudo para todos. Isso às vezes pode ser um fardo, mas por algum motivo você enxerga os fardos como bênçãos. Nossa família inteira agradece.

E, por último, mas não menos importante, a meu maldito papai, Eddie. Você não está aqui para ver este livro ganhar vida, mas sei que teria me apoiado mais que qualquer pessoa. Você me ensinou muitas coisas na vida, a maior delas foi que não precisamos ser a mesma pessoa que já fomos em algum momento. Prometo não me lembrar de você com base em seus piores dias. Vou me lembrar de você com base em seus melhores dias, que foram muitos. Vou me lembrar de você como uma pessoa que conseguiu superar o que muitos não conseguem. Obrigada por ter se tornado um de meus amigos mais próximos. E obrigada por me ter me apoiado daquela maneira no dia de meu casamento, pois a maioria dos pais não teria agido assim. Eu te amo. Saudades.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.


Todas as suas imperfeições
Galera
Colleen Hoover

Obras da autora publicadas pela Galera Record

***Série* Slammed**
Métrica
Pausa
Essa garota

***Série* Hopeless**
Um caso perdido
Sem esperança
Em busca de Cinderela
Em busca da perfeição

***Série* Nunca jamais**
Nunca jamais
Nunca jamais: parte dois
Nunca jamais: parte três

***Série* Talvez**
Talvez um dia
Talvez agora

O lado feio do amor
Novembro, 9
Confesse
É assim que acaba
Tarde demais
As mil partes do meu coração
Todas as suas (im)perfeições
Verity
Se não fosse você
Layla
Até o verão terminar

Colleen Hoover

Todas as suas imperfeições

Tradução
Adriana Fidalgo

1ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO

2022

EDITORA-EXECUTIVA
Rafaella Machado

COODERNADORA EDITORIAL
Stella Carneiro

EQUIPE EDITORIAL
Juliana de Oliveira
Isabel Rodrigues
Lígia Almeida
Manoela Alves

CAPA
Gabriella Gouveia

TÍTULO ORIGINAL
All your perfects

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
INDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hoover, Colleen

H759t

Todas as suas (im)perfeições [recurso eletrônico] / Colleen Hoover ; tradução de Adriana Fidalgo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2019.
recurso digital

Tradução de: All your perfects
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11791-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Fidalgo, Adriana. II. Título.

19-58657

CDD: 813
CDU: 82-31(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Copyright © 2018 by Collen Hoover

Copyright da edição em português © 2019 por Editora Galera Record Ltda.

Publicado mediante acordo com a editora original, Atria Books, um selo da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-11791-5

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para Heath.

Eu te amo hoje mais do que jamais amei.

Obrigada por ser genuíno.

Sumário

Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte

Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Epílogo
Agradecimentos
Colofon

Capítulo um

Antes

O porteiro não sorriu para mim.

Sou atormentada por esse pensamento durante todo o trajeto de elevador até o andar de Ethan. Vincent é meu porteiro favorito desde que Ethan se mudou para este prédio. Ele sempre sorri e conversa comigo. Mas, hoje, simplesmente abriu a porta com uma expressão indiferente. Não disse nem um Oi, Quinn, como foi a viagem?

Mas acho que todos temos dias ruins.

Checo meu celular e vejo que já passa das sete. Ethan deve chegar às oito, então tenho bastante tempo para preparar tudo. Quero surpreendê-lo com o jantar. E comigo. Cheguei um dia antes, mas decidi não avisar. Temos andado tão ocupados planejando o casamento; já faz semanas desde que tivemos uma refeição caseira juntos. E que fizemos sexo.

Quando chego ao andar de Ethan, hesito assim que saio do elevador. Um sujeito está marchando bem na frente do apartamento. Ele dá três passos, então para e olha para a porta; avança outros três passos na direção contrária e se detém de novo. Eu fico observando, esperando que vá embora, mas isso não acontece. Ele apenas continua andando de um lado para o outro, encarando a porta do apartamento. Não acho que seja amigo de Ethan. Eu o reconheceria se fosse.

Caminho na direção dele e pigarreio. O sujeito me encara, e eu aceno para a porta, indicando que preciso passar. Ele dá um passo para o lado, abrindo

espaço, e evito um contato visual desnecessário. Procuro a chave na bolsa. Quando a encontro, ele para ao meu lado, pressionando a palma da mão na porta.

— Você vai entrar aí?

Olho para ele, e então para a porta de Ethan. Por que ele está me perguntando isso? Meu coração acelera com a ideia de estar sozinha em um corredor, exceto por um estranho questionando se estou prestes a abrir a porta de um apartamento vazio. Será que ele sabe que Ethan não está em casa? Sabe que estou sozinha?

Pigarreio e tento esconder o medo, embora o sujeito pareça inofensivo. Mas acho que o mal não tem cara, então não dá para saber.

— O meu noivo mora aqui. Ele está aí dentro — minto.

O rapaz assente com veemência.

— É. Ele está mesmo aí dentro. — Ele cerra o punho e bate na parede ao lado da porta. — Está aí dentro fodendo a minha namorada.

Tive aulas de defesa pessoal uma vez. O instrutor nos ensinou que devemos segurar uma chave entre os dedos, apontada para fora, assim, se formos atacadas, podemos acertar o agressor no olho. Então me preparo para o ataque do psicopata, que deve acontecer a qualquer momento.

Ele exala, e não consigo deixar de notar que o ar se enche com um perfume de canela. Que coisa estranha para se pensar quando estou prestes a ser atacada. Isso soaria muito bizarro na delegacia. Ah, não consigo dizer o que meu agressor estava vestindo, mas seu hálito cheirava bem. Como chiclete.

— Apartamento errado — aviso a ele, torcendo para que vá embora sem discussão.

Ele balança a cabeça em pequenos movimentos bruscos, indicando que eu não poderia estar mais errada, e ele, mais certo.

— É o apartamento certo. Tenho certeza. Seu noivo tem um Volvo azul?

Ok, então ele está perseguindo Ethan? Minha boca fica seca; um copo de água cairia bem agora.

— Ele tem mais ou menos 1,80 metro? Cabelo preto, usa uma jaqueta da North Face grande demais?

Pressiono uma das mãos na barriga. Vodca cairia bem.

— Seu noivo trabalha para o Dr. Van Kemp?

Agora eu sacudo a cabeça. Ethan não apenas trabalha para o Dr. Van Kemp... Seu pai é o Dr. Van Kemp. Como esse cara sabe tanto sobre Ethan?

— Minha namorada trabalha com ele — revela, olhando para a porta do apartamento com repugnância. — Mais do que trabalha, pelo visto.

— Ethan nunca...

Sou interrompida por aquilo. A foda.

Ouço o nome de Ethan em um leve sussurro. Pelo menos parece um sussurro deste lado da porta. O quarto de Ethan fica na outra extremidade do apartamento, o que significa que, seja quem for, ela não está sendo muito discreta. Está gritando o nome dele.

Enquanto ele trepa com ela.

No mesmo instante, me afasto da porta. A realidade do que está acontecendo ali dentro me deixa enjoada. Todo o meu mundo fica incerto. Meu passado, meu presente, meu futuro; tudo está saindo do controle. O sujeito segura meu braço e me ampara.

— Você está bem? — Ele me apoia contra a parede. — Desculpe. Eu não devia ter jogado as coisas na sua cara assim.

Abro a boca, mas só consigo demonstrar minhas dúvidas.

— Você... tem certeza? Talvez esse barulho não venha do apartamento de Ethan. Talvez seja um casal no apartamento ao lado.

— Que conveniente! O vizinho de Ethan também se chama Ethan?

É uma pergunta sarcástica, mas vejo o arrependimento em seus olhos no mesmo instante. É legal de sua parte; sentir pena de mim quando está ocupado demais com sua própria situação.

— Eu segui os dois — explica ele. — Estão juntos aí dentro. Minha namorada e seu... namorado.

— Noivo — corrijo.

Cruzo o corredor e me encosto à parede antes de escorregar para o chão. Talvez não devesse me agachar assim, porque estou de saia. Ethan gosta de saias, por isso achei que seria uma roupa legal para vestir, mas agora tudo o que quero é arrancar a peça, enrolá-la em seu pescoço e enforcá-lo. Fixo o olhar em meus sapatos por tanto tempo que mal noto que o sujeito se sentou ao meu lado, até que pergunta:

— Ele está esperando você?

Balanço a cabeça.

— Era uma surpresa. Estive fora da cidade com minha irmã.

Mais um grito abafado abre caminho através da porta. O rapaz ao meu lado se encolhe e tampa os ouvidos. Também tampo os meus. Ficamos assim por um

momento, nos recusando a permitir que qualquer som invada nossa audição até que tudo tenha acabado. Não deve demorar. Ethan não consegue continuar por mais do que alguns minutos.

— Acho que terminaram — digo, dois minutos depois. Ele tira a mão das orelhas e apoia os braços sobre os joelhos. Abraço os meus joelhos, pousando o queixo nos braços. — Será que a gente deveria abrir a porta? Confrontar os dois?

— Não posso. Preciso me acalmar primeiro.

Ele parece bem calmo. A maioria dos homens que conheço estaria arrombando a porta neste momento.

Nem tenho certeza se quero confrontar Ethan. Parte de mim só pensa em ir embora e fingir que os últimos minutos não aconteceram. Eu poderia mandar uma mensagem avisando que cheguei mais cedo, e ele me diria que estava trabalhando até mais tarde, então eu continuaria ignorante e feliz.

Ou eu poderia ir para casa, queimar tudo, vender o vestido de noiva e bloquear o número dele.

Não, minha mãe nunca permitiria.

Ah, meu Deus. Minha mãe.

Solto um gemido, e o sujeito imediatamente se empertiga.

— Você vai vomitar?

Balanço a cabeça.

— Não. Eu não sei. — Levanto a cabeça e me recosto na parede. — Acabou de me ocorrer que minha mãe vai ficar muito puta.

Ele relaxa ao constatar que não estou gemendo por nenhum problema físico, mas por medo da reação da minha mãe ao descobrir que o casamento vai ser cancelado. Porque definitivamente vai ser cancelado. Perdi a conta de quantas vezes ela mencionou como era alto o depósito para entrar na lista de espera do lugar. "Tem noção de quantas pessoas gostariam de casar no Douglas Whimberly Plaza? Evelyn Bradbury casou lá, Quinn. Evelyn Bradbury!"

Minha mãe ama me comparar a Evelyn Bradbury, cuja família é uma das poucas em Greenwich mais proeminentes que a do meu padrasto. Então é óbvio que minha mãe usa Evelyn Bradbury como exemplo de perfeita sofisticação em todas as ocasiões. Não ligo para Evelyn Bradbury. Fico tentada a mandar uma mensagem para minha mãe neste instante, dizendo: O casamento está cancelado e não dou a mínima para Evelyn Bradbury.

— Qual é seu nome? — pergunta o rapaz.

Olho para ele e percebo que é a primeira vez que o enxergo de verdade. É possível que este seja um dos piores momentos da sua vida, mas, mesmo levando isso em consideração, ele é muito bonito. Tem olhos castanho-escuros expressivos, que combinam com o cabelo rebelde. O maxilar é bem-definido, permanentemente tensionado com raiva silenciosa desde que saí do elevador. Os lábios carnudos se comprimem em uma linha fina toda vez que ele olha para a porta. Me pergunto se suas feições pareceriam mais suaves se a namorada não estivesse lá dentro com Ethan neste exato momento.

Ele emana uma certa aura de tristeza. Nada relacionado à presente circunstância. Algo mais profundo... como se fosse inerente a ele. Conheci pessoas que sorriam com os olhos, mas ele faz careta com os dele.

— Você é mais bonito que Ethan. — Meu comentário o pega de surpresa. Sua expressão é tomada pela confusão; deve pensar que estou dando em cima dele. É a última coisa que se passaria em minha mente no momento. — Não é um elogio. É uma simples constatação.

Ele dá de ombros, como se não se importasse.

— É só que, se você é mais bonito que Ethan, sua namorada deve ser mais bonita que eu. Não que eu me importe. Talvez me importe. Não deveria me importar, mas não consigo deixar de imaginar se Ethan se sente mais atraído por ela que por mim. Será que é por isso que ele está me traindo? Provavelmente é. Me desculpe. Normalmente não sou tão autodepreciativa, mas estou com tanta raiva e, por alguma razão, não consigo parar de falar.

Ele me encara por um momento, analisando minha estranha linha de raciocínio.

— Sasha é feia. Não precisa se preocupar.

— Sasha? — pergunto, incrédula, antes de repetir o nome, dando ênfase ao sha: — Sasha. Isso explica muita coisa.

Ele ri, e então eu rio, o que é uma coisa curiosa; rir quando devia estar chorando. Por que não estou chorando?

— Eu sou Graham. — Ele estende a mão.

— Quinn.

Até mesmo seu sorriso parece triste. Eu me pergunto se seu sorriso seria diferente em outras circunstâncias.

— Eu diria que é um prazer conhecê-la, Quinn, mas este é o pior dia da minha vida.

Aquela é uma verdade infeliz.

— Da minha também — admito, frustrada. — Mas estou aliviada por ter encontrado você agora, e não no mês que vem, depois do casamento. Pelo menos não vou desperdiçar meus votos de casamento com ele.

— Você ia se casar daqui a um mês? — Graham desvia o olhar. — Que babaca! — xinga, baixinho.

— É mesmo. — Eu sempre soube disso. Ethan é um babaca. Pretensioso. Mas ele é um bom companheiro. Ou eu pensava que fosse.

Eu me inclino mais uma vez e passo as mãos pelo cabelo.

— Meu Deus, que saco.

Como sempre, minha mãe tem um timing impecável para mandar mensagens. Pego o celular e olho para a tela.

> A prova do bolo foi adiada para as duas horas, no sábado. Não almoce antes. Ethan vai com a gente?

Suspiro com o corpo todo. Estava mais ansiosa para a prova do bolo que por qualquer outra etapa dos preparativos do casamento. Talvez eu consiga não contar a ninguém sobre o cancelamento até domingo.

O elevador apita, e desvio minha atenção do telefone para as portas. Quando elas se abrem, sinto um nó na garganta. Minha mão aperta o celular quando vejo as embalagens de comida para viagem. O entregador começa a andar em nossa direção, e meu coração bate no mesmo ritmo dos passos. Esfregando sal na ferida com classe, Ethan.

— Comida chinesa? Tá de sacanagem! — Eu me levanto e olho para Graham, que ainda está sentado no chão, me encarando. Aceno em direção à comida chinesa. — Essa é uma mania minha! Não de Ethan! Sou eu que gosto de comida chinesa depois do sexo! — Eu me viro para o entregador, e ele está paralisado, olhando para mim, em dúvida se deve seguir para a porta ou não. — Me dê isso! — Pego as sacolas. Ele nem questiona. Despenco de novo no chão, com dois sacos de comida chinesa, e começo a bisbilhotar o conteúdo. Fico puta ao descobrir que Ethan copiou meu pedido usual. — Ele até pediu a mesma coisa! Está alimentando Sasha com a minha comida chinesa!

Graham se ergue de um pulo e tira a carteira do bolso. Paga pela comida, então o pobre entregador abre a porta da escada e sai do corredor mais rápido que se tivesse de voltar até o elevador.

— Tem um cheiro bom — comenta Graham. Ele senta no chão e pega a embalagem com frango e brócolis.

Eu passo um garfo para ele e o deixo comer, embora seja meu prato preferido. Agora não é hora de bancar a egoísta. Pego a carne com batata imperial e começo a comer, mesmo sem fome. Mas me recuso a deixar Sasha ou Ethan provarem qualquer uma dessas comidas.

— Putos — resmungo.

— Putos sem comida — completa Graham. — Talvez os dois morram de fome.

Sorrio.

Em seguida como, imaginando quanto tempo vou continuar sentada no corredor com Graham. Não quero estar aqui quando a porta abrir, porque não quero descobrir como é Sasha. Mas também não quero perder o momento quando ela abrir a porta e der de cara com o namorado sentado no chão, comendo sua comida chinesa.

Então espero. E como. Com Graham.

Depois de alguns minutos, ele pousa a embalagem e vasculha a sacola, pegando dois biscoitos da sorte. Me entrega um e começa a abrir o seu. Graham quebra o biscoito e desenrola o pedaço de papel, então lê sua sorte em voz alta:

— Você terá sucesso em uma grande empreitada comercial hoje. — Ele dobra o papel ao meio depois de ler. — Faz sentido. Fui dispensado do trabalho hoje.

— Merda de biscoito da sorte — murmuro.

Graham amassa sua sorte em uma pequena bola e a joga na porta de Ethan. Abro meu biscoito e puxo o papel de dentro.

— Se você iluminar apenas as suas inperfeições, todas as suas qualidades ficarão na sombra.

— Gostei — diz ele.

Amasso o papel e o jogo na porta do apartamento, como Graham fez.

— Sou viciada em ortografia. O correto é imperfeições. Com "m".

— É por isso que gostei. A única palavra que erraram foi imperfeições. Meio irônico. — Ele engatinha e pega a bolinha de papel, então se esgueira de volta à parede e me entrega. — Acho que você devia ficar com ela.

Imediatamente afasto sua mão e a sorte.

— Não quero uma lembrança deste momento.

Ele me encara, pensativo.

— É. Nem eu.

Acho que nós dois estamos cada vez mais nervosos ante a perspectiva de a porta ser aberta, então ficamos em silêncio e apenas prestamos atenção nas vozes. Graham desfia o rasgo no joelho direito de seu jeans até que haja um pequeno amontoado de fiapos no chão e quase nenhum cobrindo o buraco. Pego um dos fios e o enrolo nos dedos.

— Costumávamos brincar de um jogo de palavras on-line, à noite — revela ele. — Eu era muito bom. Ensinei o jogo a Sasha, mas ela sempre ganhava. Toda maldita noite. — Ele estica as pernas. São bem mais longas que as minhas. — Eu ficava impressionado até que vi uma despesa de oitocentos dólares em seu extrato bancário. Ela estava comprando letras extras a cinco dólares só para ganhar de mim.

Tento visualizá-lo jogando no laptop à noite, mas é difícil. Ele parece o tipo de cara que lê romances, limpa o apartamento duas vezes ao dia e dobra as próprias meias, então coroa tamanha perfeição com uma corrida matinal.

— Ethan não sabe nem trocar um pneu. Passamos por isso duas vezes desde que estamos juntos, e ele teve que chamar um reboque em ambas.

Graham balança a cabeça de leve.

— Não quero arranjar uma desculpa para o que esse babaca fez, mas isso não é tão ruim. Muitos caras não sabem trocar um pneu — argumenta ele.

— Eu sei. Essa não é a parte ruim. A parte ruim é que eu sei como trocar um pneu. Mas ele me proibiu porque seria vergonhoso para ele ficar parado enquanto uma mulher trocava seu pneu.

Tem algo diferente na expressão de Graham. Algo que não notei antes. Preocupação, talvez? Ele me encara, sério.

— Não o perdoe por isso, Quinn.

Sinto um aperto no peito ao ouvir as palavras.

— Não vou — asseguro, com absoluta determinação. — Não quero ele de volta depois disso. Mas não sei por que não estou chorando. Talvez seja um sinal.

Ele tem um brilho perspicaz no olhar, mas, em seguida, as linhas ao redor de seus olhos parecem se acentuar.

— Você vai chorar hoje à noite. Na cama. É quando dói mais. Quando se está sozinho.

Aquele comentário torna tudo mais opressivo de repente. Não quero chorar, mas sei que a ficha vai cair a qualquer minuto. Conheci Ethan logo depois de começar a faculdade, e já estamos juntos há quatro anos. É muito a se perder em

um instante. E, mesmo que eu entenda que acabou, não quero confrontá-lo. Quero apenas ir embora e esquecê-lo. Não preciso dar um fim em nada nem ganhar uma explicação, mas tenho medo de precisar de ambos quando estiver sozinha à noite.

— Talvez devêssemos fazer uns exames.

As palavras de Graham e o medo que me consome ao ouvi-las são interrompidos pelo som da voz abafada de Ethan.

Ele está caminhado em direção à porta. Eu me viro para olhar a entrada do apartamento, mas Graham toca meu rosto e recobra minha atenção.

— A pior coisa que podemos fazer agora é mostrar emoção, Quinn. Não fique zangada. Não chore.

Mordo o lábio e assinto, tentando reprimir todas as coisas que tenho vontade de gritar.

— Ok — sussurro, no momento em que a porta do apartamento de Ethan começa a se abrir.

Tento manter a compostura, como Graham está fazendo, mas a iminente presença de Ethan me deixa nauseada. Nenhum de nós olha para a porta. O olhar de Graham é severo, e ele respira com firmeza enquanto mantém o foco em mim. Nem posso imaginar o que Ethan vai pensar quando abrir a porta, em dois segundos. A princípio, não vai me reconhecer. Vai achar que somos dois estranhos sentados no corredor do prédio.

— Quinn?

Fecho os olhos quando escuto Ethan dizer meu nome. Não me viro em direção à voz. Ouço quando ele dá um passo para fora do apartamento. Posso sentir meu coração por toda a parte agora, mas principalmente na sensação das mãos de Graham em meu rosto. Ethan repete meu nome, porém é mais um comando para encará-lo. Abro os olhos, mas os mantenho em Graham.

A porta se abre ainda mais, e alguém arqueja, em choque. Sasha. Graham pisca e fecha os olhos por um longo momento enquanto inspira para se acalmar. Quando ele os abre, Sasha fala:

— Graham?

— Merda — resmunga Ethan.

Graham não olha para eles. Continua a me encarar. Como se nossas vidas não estivessem desmoronando ao nosso redor, Graham me pergunta, calmamente:

— Quer que eu desça com você?

Assinto com a cabeça.

— Graham! — Sasha pronuncia o nome como se tivesse o direito de se sentir irritada por ele estar aqui.

Graham e eu nos levantamos. Nenhum de nós olha na direção do apartamento de Ethan. Graham aperta minha mão com firmeza conforme me guia até o elevador.

Ela está bem atrás de nós, em seguida ao nosso lado, enquanto esperamos o elevador. Está flanqueando Graham, puxando a manga de sua camisa. Ele aperta minha mão com mais força, então imito seu gesto, deixando evidente que podemos fazer isso sem uma cena. Vamos apenas entrar no elevador e partir.

Quando a porta se abre, Graham me conduz primeiro, depois entra. Não deixa espaço para Sasha nos seguir. Ele bloqueia a entrada, e somos forçados a olhar para as portas. Para Sasha. Ele aperta o botão do térreo, e só levanto o olhar quando as portas começam a fechar.

Percebo duas coisas:

1) Ethan não está mais no corredor, e a porta do apartamento está fechada.
2) Sasha é muito mais bonita que eu. Mesmo chorando.

As portas se fecham, e o caminho até o térreo é longo e tranquilo. Graham não solta minha mão, e não conversamos, mas também não choramos. Saímos em silêncio do elevador e cruzamos o saguão. Quando chegamos à porta, Vincent a abre para nós e nos encara como se pedisse desculpas com o olhar. Graham pega a carteira e dá um punhado de notas ao porteiro.

— Obrigado pelo número do apartamento — agradece Graham.

Vincent assente e pega o dinheiro. Quando seus olhos encontram os meus, estão nadando em arrependimento. Eu lhe dou um abraço, já que é provável que nunca mais o veja.

Do lado de fora, paramos na calçada, atônitos. Será que o mundo parece diferente para Graham agora? Porque certamente parece para mim. O céu, as árvores, as pessoas passando por nós na calçada. Tudo está um pouco mais decepcionante do que antes de eu entrar no prédio de Ethan.

— Quer que eu chame um táxi para você? — pergunta ele, por fim.

— Vim de carro. Está ali. — Aponto para o outro lado da rua.

Ele olha para o prédio atrás de nós.

— Quero dar o fora antes que ela desça. — Graham parece genuinamente preocupado, como se não pudesse encará-la no momento.

Pelo menos Sasha está tentando. Ela seguiu Graham até o elevador, ao passo que Ethan apenas voltou para o apartamento e fechou a porta.

Graham olha para mim de novo, as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta. Aperto o casaco em volta do corpo. Não há muito o que dizer a não ser adeus.

— Adeus, Graham.

Seu olhar é vago, como se nem estivesse presente. Ele recua um passo. Dois passos. Então se vira e começa a andar na outra direção.

Olho para o prédio no momento em que Sasha irrompe pela porta. Vincent está logo atrás, me encarando. Ele acena para mim, então levanto a mão e retribuo o gesto. Ambos sabemos que é um adeus, porque jamais colocarei os pés no prédio de Ethan de novo. Nem mesmo para pegar minhas coisas, espalhadas pelo apartamento. Prefiro que ele as jogue fora a ter que olhar para sua cara outra vez.

Sasha olha para a esquerda, depois para a direita, esperando encontrar Graham. Não o encontra. Apenas a mim. Será que ela sequer sabe quem sou? Será que Ethan contou que iria se casar daqui a um mês? Será que falou que conversamos ao telefone essa manhã, e que ele confessou estar contando os segundos para poder me chamar de esposa? Será que ela sabe que, quando durmo em seu apartamento, Ethan se recusa a tomar banho sem mim? Será que ele disse que os lençóis onde foderam foram um presente de noivado de minha irmã?

Será que ela sabe que ele chorou quando eu aceitei seu pedido de casamento?

Ela não deve ter se dado conta disso ou não teria jogado fora o relacionamento com um cara que em uma hora me impressionou mais que Ethan em quatro anos.

Capítulo dois

Agora

Nosso casamento não desmoronou. Não ruiu de súbito.
Tem sido um processo muito mais lento.

Ele vem se desgastando, digamos assim.

Não sei nem quem é o culpado. Começamos bem, mais confiantes que a maioria. Tenho certeza disso. Mas ao longo dos últimos anos, vacilamos. O mais perturbador é o quanto somos talentosos em fingir que nada mudou. Não tocamos no assunto. Somos parecidos em muitas coisas, uma delas é a nossa habilidade em evitar as coisas que mais precisam de atenção.

Em nossa defesa, é difícil admitir que um casamento possa ter acabado quando ainda existe amor. As pessoas acreditam que um casamento só termina quando não há mais amor. Quando a raiva suplanta a felicidade. Quando o desdém substitui a alegria. Mas Graham e eu não estamos zangados um com o outro. Apenas não somos mais as pessoas que costumávamos ser.

Nem sempre as mudanças se refletem no casamento, porque, às vezes, os casais se movem juntos, na mesma direção. Mas, em outras, as pessoas tomam direções opostas.

Já faz tanto tempo que estou voltada na direção contrária à de Graham que nem me lembro de seu olhar quando ele está dentro de mim. Mas ele com certeza memorizou cada fio de cabelo da minha nuca após as inúmeras vezes que lhe dei as costas à noite.

Nem sempre as pessoas têm controle sobre o poder autotransformador das circunstâncias.

Olho para minha aliança de casamento e mexo nela com o polegar, girando-a em um círculo contínuo ao redor do dedo. Quando Graham a comprou, disse que o joalheiro lhe explicou que a aliança é um símbolo do amor eterno. Um laço infinito. O começo se torna o meio, e jamais deveria existir um fim.

Mas o joalheiro nunca disse, em nenhum momento, que o anel simbolizava eterna felicidade. Apenas eterno amor. O problema? Amor e felicidade não são coincidentes. Um pode existir sem o outro.

Observo meu anel, minha mão, a caixa de madeira que estou segurando, quando, do nada, Graham pergunta:

— O que você está fazendo?

Levanto a cabeça devagar, apesar da surpresa que sua súbita aparição no corredor me causou. Ele já havia tirado a gravata e aberto os três primeiros botões da camisa. Agora está apoiado no batente da porta, a curiosidade fazendo-o franzir o cenho enquanto me encara. Sua presença preenche o quarto.

Eu apenas o preencho com minha ausência.

Mesmo o conhecendo por tanto tempo, Graham ainda guarda um certo ar de mistério, transbordando dos olhos escuros e permeando todos os pensamentos jamais verbalizados. Sua quietude foi o que me atraiu quando nos conhecemos. Fez com que eu me sentisse em paz.

Engraçado como essa mesma quietude me deixa tensa agora.

Nem tento esconder a caixa de madeira em minhas mãos. É muito tarde; ele a observa intensamente. Desvio o olhar para ela. Estava guardada no sótão, intocada, quase esquecida. Eu a encontrei hoje, enquanto procurava meu vestido de casamento. Só queria ver se ainda cabia em mim. Sim, cabe, mas agora minha imagem parece bem diferente de sete anos atrás.

Parece mais solitária.

Graham avança alguns passos para dentro do quarto. Posso ver o medo contido em sua expressão conforme ele olha da caixa de madeira para mim, esperando que eu explique por que a estou segurando. Por que está no quarto. Por que sequer decidi tirá-la do sótão.

Não sei o porquê. Mas tê-la em mãos é uma decisão consciente, então não posso responder com um inocente "Eu não sei".

Ele se aproxima, e sinto o cheiro pungente de cerveja. Graham nunca teve o hábito de beber, a não ser às quintas, quando janta com os colegas de trabalho.

Na verdade, gosto de seu cheiro nas noites de quinta-feira. Tenho certeza de que, se bebesse todo dia, eu acabaria desprezando aquele perfume, especialmente se ele não se controlasse. Seria um motivo de discórdia entre nós. Mas Graham está sempre no controle. Traça uma rotina e é fiel a ela. Essa é uma de suas características que considero mais sexy. Eu costumava ansiar por seu retorno nas noites de quinta. Algumas vezes, me arrumava para ele e o esperava, aqui mesmo na cama, antecipando o doce gosto de sua boca.

Eu ter me esquecido de ansiar por ele esta noite diz muita coisa.

— Quinn?

Posso ouvir todos os seus medos, silenciosamente esmagados entre cada letra do meu nome. Ele caminha em minha direção, e sustento seu olhar todo o tempo. Seus olhos parecem inseguros e preocupados. Não sei quando ele passou a me encarar assim. Graham costumava olhar para mim com diversão e reverência. Agora, seus olhos me inundam de piedade.

Estou cansada desse olhar, de não saber como responder suas perguntas. Já não estou em sintonia com meu marido. Não sei mais como me comunicar com ele. Às vezes, quando abro a boca, o vento parece soprar todas as minhas palavras garganta abaixo.

Sinto falta dos dias em que eu tinha de lhe contar tudo ou explodiria. E sinto falta de quando ele acreditava que o tempo que passávamos dormindo era um tempo perdido para nós. Certas manhãs, eu acordava e o flagrava me observando. Ele sorria, sussurrando "O que eu perdi enquanto você dormia?". Eu rolava de lado e lhe contava tudo sobre meus sonhos, e, às vezes, ele ria tanto que seus olhos se enchiam de lágrimas. Ele analisava os sonhos bons e subestimava os pesadelos. Sempre me fazia sentir que meus sonhos eram melhores que os de qualquer um.

Graham não pergunta mais o que perdeu enquanto eu dormia. Não sei se porque não se interessa mais, ou se porque não sonho com mais nada que valha a pena compartilhar.

Não me dou conta de que continuo girando a aliança até Graham estender a mão e interromper meu movimento colocando o dedo nela. Gentilmente, ele entrelaça nossos dedos e afasta minha mão da caixa. Eu me pergunto se é sua intenção reagir como se eu segurasse uma bomba, ou se ele se sente mesmo desse jeito no momento.

Ele ergue meu rosto e se inclina, beijando minha testa.

Fecho os olhos e sutilmente me afasto, fazendo parecer que ele já me pegou no meio do movimento. Seus lábios roçam minha pele quando me afasto da cama, forçando-o a me soltar, e o vejo recuar um passo.

Eu chamo isso de dança do divórcio. Parceiro um tenta um beijo, parceiro dois não é receptivo, parceiro um finge não notar. Temos dançado essa coreografia já faz algum tempo.

Pigarreio, as mãos apertando a caixa enquanto a levo até a estante.

— Eu a encontrei no sótão — explico, então me inclino e coloco a caixa entre dois livros, na prateleira de baixo.

Graham fez essa estante para mim, como presente de um ano de casamento. Fiquei tão impressionada por ele tê-la construído do nada, com as próprias mãos. Lembro que uma farpa entrou em sua palma enquanto ele movia a estante para nosso quarto. Como forma de agradecimento, eu a pincei de sua mão. Então o pressionei contra o móvel, me ajoelhei e agradeci um pouco mais.

Aquilo foi numa época em que tocar um ao outro ainda trazia esperança. Agora, seu toque é apenas outro lembrete de todas as coisas que jamais serei para Graham. Ouço seus passos cruzando o quarto em minha direção, então me levanto e seguro a prateleira.

— Por que você desceu com ela? — pergunta ele.

Não o encaro, porque não sei como responder. Ele está tão próximo; seu hálito reparte meu cabelo e acaricia minha nuca quando ele suspira. A mão cobre a minha, e ele também segura a estante, apertando-a. Leva os lábios a meu ombro em um beijo calmo.

Estou constrangida com a intensidade de meu desejo por ele. Quero me virar e colocar minha língua na sua boca. Sinto falta de seu gosto, de seu cheiro, de seus sons. Sinto saudades de quando ele estava sobre mim, tão desvairado que parecia querer me rasgar o peito só para encarar meu coração enquanto fazíamos amor. É curioso como posso sentir falta de uma pessoa ainda presente. É curioso como posso sentir falta de fazer amor com quem ainda faço sexo.

Não importa o quanto ainda chore pelo casamento que costumávamos ter, sou em parte — se não completamente — responsável pelo que nosso casamento se tornou. Fecho os olhos, decepcionada comigo mesma. Aperfeiçoei a arte da evasão. Sou graciosa em minhas esquivas; às vezes nem tenho certeza se ele percebe. Finjo dormir antes que ele se prepare para deitar à noite. Finjo não ouvir quando meu nome escapa de seus lábios no escuro. Finjo estar ocupada quando

ele vem em minha direção, finjo estar doente quando me sinto bem, finjo trancar acidentalmente a porta quando estou no chuveiro.

Finjo estar feliz enquanto respiro.

Parece cada vez mais difícil fingir que gosto de seu toque. Não gosto, mas preciso dele. Existe uma diferença. E isso me faz imaginar se ele finge tão bem quanto eu. Será que me quer tanto quanto parece querer? Será que gostaria que eu não me afastasse? Ou está agradecido por eu fazer isso?

Ele me envolve com um braço, e seus dedos espalmam sobre minha barriga. Uma barriga que cabe facilmente em meu vestido de noiva. Uma barriga não maculada por uma gravidez.

Ao menos tenho isso. Uma barriga que a maioria das mães invejaria.

— Você nunca... — Sua voz está baixa e doce e completamente aterrorizada de me perguntar o que quer que esteja prestes a perguntar. — Você nunca pensou em abrir a caixa?

Graham jamais fazia perguntas para as quais não quisesse resposta. Sempre gostei dessa peculiaridade. Ele não preenche o silêncio com conversas desnecessárias. Ou ele tem algo a dizer ou não tem. Ou ele quer saber a resposta para uma pergunta ou não quer. Jamais me questionaria se já pensei em abrir a caixa se não precisasse da resposta.

No momento, é sua característica que menos aprecio. Evito essa pergunta porque não sei como responder.

Em vez de arriscar que o vento empurre as palavras garganta abaixo, apenas dou de ombros. Depois de anos sendo especialistas em subterfúgios, ele finalmente interrompe a dança do divórcio para fazer uma pergunta séria. A única pergunta pela qual tenho esperado já faz um tempo. E qual é minha reação?

Dou de ombros.

É provável que os momentos seguintes sejam o motivo para ele ter demorado tanto tempo para fazer a pergunta. É o momento em que sinto seu coração parar, o momento em que pressiona os lábios em meu cabelo e murmura um suspiro que jamais vai ser retribuído, o momento em que percebe que está com os dois braços a minha volta, mas não me abraça. Já faz tempo que ele não é capaz de me abraçar. É difícil abraçar alguém que há muito se tornou escorregadio.

Não retribuo. Ele me solta. Eu exalo. Ele deixa o quarto.

Continuamos a dança.

Capítulo três

Antes

O céu virou de ponta-cabeça.
Assim como minha vida.

Há uma hora, eu era noiva do homem por quem fui apaixonada durante quatro anos. Agora, não mais. Ligo o limpador de para-brisa enquanto observo as pessoas procurarem abrigo. Algumas delas correm para dentro do prédio de Ethan, incluindo Sasha.

A chuva caiu do nada. Nenhum chuvisco para sinalizar o que estava por vir. O céu apenas emborcou, como um balde cheio de água, e gotas pesadas bateram com força contra minha janela.

Eu me pergunto se Graham mora ali perto ou se ainda está caminhando. Aciono o pisca-alerta e saio da minha vaga habitual em frente ao prédio de Ethan pela última vez. Tomo a mesma direção escolhida por Graham alguns minutos antes. Assim que dobro à esquerda, eu o vejo entrar em um restaurante para se abrigar da tempestade. Conquistadores. É um restaurante mexicano. Não sou fã dele, mas é perto do apartamento de Ethan e ele gosta, então comíamos aqui pelo menos uma vez por mês.

Um carro está saindo de uma vaga bem em frente ao restaurante, então espero pacientemente enquanto o motorista manobra, em seguida estaciono. Salto do carro sem saber o que vou dizer a Graham ao entrar.

Precisa de carona?

Quer companhia?

Que tal fazer sexo por vingança?

A quem quero enganar? A última coisa de que preciso nessa noite é fazer sexo por vingança. Não é para isso que o segui; espero que ele não presuma ser o caso quando me vir. Mas ainda não sei por que vim atrás dele. Talvez porque não queira ficar sozinha. Porque, como ele disse antes, as lágrimas chegarão mais tarde, no silêncio.

Quando a porta se fecha atrás de mim e meus olhos se ajustam à iluminação suave do restaurante, vejo Graham parado no bar. Ele está tirando o casaco molhado e o colocando nas costas da cadeira quando me nota. Não parece chocado em me ver. Puxa a cadeira ao seu lado com a certeza de que vou me aproximar e me sentar.

Eu faço exatamente isso. Sento bem ao seu lado, e nenhum de nós diz nada. Apenas nos solidarizamos em nosso infortúnio silencioso.

— Vocês querem algo para beber? — pergunta o barman.

— Duas doses de qualquer coisa que nos faça esquecer a última hora das nossas vidas — responde Graham.

O barman ri, mas nenhum de nós o acompanha. Ele percebe a seriedade de Graham, e então estica o dedo.

— Tenho a bebida perfeita. — Ele vai até a outra extremidade do bar.

Posso sentir Graham me observando, mas não olho para ele. De fato, não quero ver quão tristes estão seus olhos no momento. Quase tenho mais pena dele que de mim.

Puxo uma tigela de pretzels para perto. São um mix variado, então começo a separar os em formato de palito e monto um jogo da velha no balcão. Em seguida, escolho todos os redondos e empurro os clássicos na direção de Graham.

Coloco um dos redondos no centro. Olho para Graham e espero, em silêncio. Ele observa os pretzels que arrumei estrategicamente sobre o balcão e volta a olhar para mim. Então abre um lento e discreto sorriso antes de estender a mão para a tigela, pegar um pretzel clássico e colocá-lo no quadrado acima do meu.

Escolho o quadrado à esquerda do centro, posicionando meu pretzel com cuidado no lugar.

O barman pousa dois copos a nossa frente. Nós pegamos ao mesmo tempo e giramos as cadeiras até estarmos frente a frente.

Ficamos em silêncio por uns dez segundos, esperando que o outro faça um brinde.

— Não tenho absolutamente nenhum motivo para brindar — diz Graham, por fim. — Foda-se o dia de hoje.

— Foda-se — ecoo, em total acordo. Batemos os copos e jogamos a cabeça para trás. O drinque de Graham desce mais redondo que o meu. Ele bate com o copo no balcão e pega outro pretzel. Em seguida, faz sua jogada.

Estou escolhendo outro pretzel quando meu celular começa a vibrar no bolso do casaco. Eu o pego. O nome de Ethan brilha na tela.

Graham pega seu telefone e fica olhando o aparelho. O nome de Sasha aparece no visor. É cômico, de verdade. O que aqueles dois devem ter pensado quando saíram do apartamento e nos encontraram juntos, sentados no chão, comendo a comida chinesa que eles pediram?

Graham coloca seu celular no balcão, virado para cima. Põe o dedo no aparelho, mas, em vez de o atender, ele lhe dá um pequeno empurrão. Assisto conforme o aparelho desliza pela superfície e desaparece pela beirada. Ouço o aparelho bater no chão do outro lado do balcão, mas Graham age como se não se abalasse com a ideia de quebrar um telefone.

— Você acabou de quebrar seu celular.

Ele joga um pretzel na boca.

— Só tem fotos e mensagens de Sasha. Vou comprar um novo amanhã.

Pouso meu celular no balcão e olho para o aparelho, que fica silencioso por um instante até Ethan ligar uma segunda vez. Assim que seu nome aparece na tela, tenho o ímpeto de fazer o mesmo que Graham. Mereço um novo celular, em todo o caso.

Quando o toque cessa e uma mensagem de Ethan chega, dou um esbarrão no celular. Nós assistimos enquanto ele mergulha do outro lado do bar.

Voltamos ao jogo da velha. Venço a primeira partida. Graham vence a segunda. A terceira dá velha.

Graham come outro pretzel. Não sei se foi a dose que tomei ou se estou abalada pelo tumulto do dia, mas, toda vez que ele olha para mim, sinto um arrepio na pele. E no peito. Na verdade, em todo o corpo. Não sei se Graham me deixa nervosa ou se só estou agitada. De qualquer forma, o sentimento é melhor que a angústia que eu com certeza estaria sentindo se estivesse em casa, sozinha.

Substituo o pretzel que Graham acabou de comer na base do jogo.

— Preciso confessar uma coisa — digo.

— Nada do que disser é páreo para as últimas horas da minha vida. Confesse aí.

Apoio o cotovelo no bar e pouso a cabeça na mão. Olho de esguelha para ele.

— Sasha saiu do prédio. Depois que você foi embora.

Graham consegue ver a vergonha em minha expressão. Suas sobrancelhas se erguem em curiosidade.

— O que você fez, Quinn?

— Ela perguntou para que lado você tinha ido. Me recusei a responder. — Então me endireito e giro a cadeira até encará-lo. — Mas, antes de entrar no carro, dei meia-volta e disse: "Oitocentos dólares em um jogo de palavras? Sério, Sasha?"

Ele me encara. Intensamente. O que me faz refletir se ultrapassei algum limite. Com certeza não devia ter dito aquilo a ela, mas me sentia rancorosa. Não me arrependo.

— O que ela respondeu?

Balanço a cabeça.

— Nada. Seu queixo meio que caiu de espanto, mas depois começou a chover e ela correu para dentro do prédio de Ethan.

Graham continua me encarando com intensidade. Odeio isso. Queria que ele gargalhasse ou ficasse zangado com minha interferência. Qualquer coisa.

Mas ele não diz nada.

Depois de um tempo, abaixa o olhar até encarar o vazio entre nós. Estamos de frente um para o outro, mas nossas pernas não se tocam. A mão de Graham, que repousa em seu joelho, se move um pouco para a frente até os dedos roçarem minha perna, um pouco abaixo da bainha da saia.

É ao mesmo tempo sutil e óbvio. Todo o meu corpo enrijece com o contato. Não porque eu não goste, mas porque não consigo me lembrar da última vez que um toque de Ethan causou uma onda de calor como a que sinto agora.

Graham traça um círculo no topo do meu joelho. Quando ele ergue o olhar de novo, não me sinto confusa com o brilho em seus olhos. Seus pensamentos estão bem nítidos agora.

— Quer dar o fora daqui? — Seu tom é tanto um sussurro quanto um apelo.

Assinto com a cabeça.

Ele se levanta e tira a carteira do bolso. Deixa o dinheiro no balcão e coloca o casaco. Então estende o braço e entrelaça seus dedos aos meus, me guiando em direção à porta do restaurante, para fora dali e, com sorte, em direção a algo que torne esse dia aceitável.

Capítulo quatro

Agora

Certa vez, Graham me perguntou por que eu tomava banhos tão demorados. Não me lembro da desculpa que dei. Tenho certeza de que disse que era relaxante, ou que a água quente fazia bem para minha pele. Mas tomo banhos demorados porque é o único momento em que me permito viver o luto.

Eu me sinto fraca por precisar do luto quando ninguém morreu. Não faz sentido que eu sofra tanto por aqueles que sequer existiram.

Já estou no banho há meia hora. Quando acordei hoje de manhã, presumi, de maneira equivocada, que tomaria uma chuveirada rápida, sem sofrimento. Mas tudo mudou quando vi o sangue. Não deveria me espantar. Acontece todo mês. Aconteceu todos os meses desde que completei 12 anos.

Estou encostada na parede do boxe, deixando o jato de água correr pelo rosto. O fluxo dilui minhas lágrimas e faz com que eu me sinta menos patética. É mais fácil me convencer de que não estou chorando tão desesperadamente quando a maior parte do que escorre pelo meu rosto é água.

Estou me maquiando agora.

Às vezes isso acontece. Em um segundo estou no chuveiro, no seguinte não mais. Eu me perco na dor. Fico tão desnorteada que, quando saio da escuridão, estou em outro lugar. Dessa vez, o outro lugar sou eu, nua, em frente ao espelho do banheiro.

Passo o batom no lábio inferior, depois no de cima. Deixo-o de lado e observo meu reflexo. Meus olhos estão avermelhados, mas a maquiagem está

perfeita, o cabelo, preso, minhas roupas, dobradas de maneira ordenada no balcão. Observo também o reflexo do meu corpo no espelho, cobrindo os seios com as mãos. Fisicamente, pareço saudável. Meus quadris são largos, minha barriga, chapada, os seios, normais e firmes. Quando os homens olham para mim, às vezes, seus olhos se demoram.

Mas, por dentro, não sou nada atraente. No íntimo não tenho apelo, segundo os padrões da Mãe Natureza, porque não possuo um sistema reprodutivo operante. Afinal, a reprodução é o motivo da nossa existência. A reprodução é necessária para completar o ciclo da vida. Nascemos, nos reproduzimos, criamos nossos filhos, morremos, nossos filhos se reproduzem, criam seus filhos, eles morrem. Geração após geração de nascimento, vida e morte. Um lindo ciclo, jamais destinado a ser rompido.

No entanto... Eu sou a ruptura.

Eu nasci. É tudo de que sou capaz até morrer. Estou à margem do ciclo da vida, assistindo ao mundo girar enquanto permaneço em um impasse.

E porque ele é casado comigo... Graham também está em um impasse.

Visto as roupas, cobrindo o corpo que nos frustrou repetidas vezes.

Entro na cozinha e encontro Graham parado em frente à cafeteira. Ele olha para mim, e eu não quero que ele descubra sobre o sangue ou o choro no chuveiro, então cometo o erro de sorrir. Rapidamente, arranco o sorriso do rosto, mas é tarde demais. Ele acha que é um dia bom. Meu sorriso lhe deu esperança. Ele caminha em minha direção porque, como uma idiota, me esqueci de erguer meus escudos. Em geral, faço questão de manter as mãos ocupadas com uma bolsa, uma bebida, um guarda-chuva, um casaco. Às vezes tudo isso ao mesmo tempo. Hoje, não tenho nada com que me defender de seu amor, então ele me dá um abraço de bom-dia. Sou forçada a retribuir.

Meu rosto se encaixa perfeitamente na curva de seu pescoço. Seus braços envolvem com perfeição minha cintura. Quero pressionar os lábios na sua pele e sentir os arrepios na língua. Mas, se fizer isso, sei o que vai acontecer.

Seus dedos roçariam minha cintura.

Sua boca, quente e úmida, encontraria a minha.

Suas mãos tirariam minhas roupas.

Ele estaria dentro de mim.

Ele faria amor comigo.

E, quando acabasse, eu me encheria de esperança.

E, então, toda aquela esperança eventualmente escoaria com o sangue.

Eu ficaria devastada no chuveiro.

Em seguida, Graham me perguntaria: "Por que você toma banhos tão demorados?"

E eu responderia: "Porque são relaxantes. A água quente é boa para minha pele."

Fecho os olhos e pressiono as mãos em seu peito, me desvencilhando. Eu tenho me afastado com tanta frequência que, às vezes, me pergunto se minhas palmas acabaram impressas em seu peito.

— Que horas é o jantar na casa da sua irmã? — Minhas perguntas abrandam a rejeição. Se eu me afasto enquanto pergunto algo, a distração faz tudo parecer menos pessoal.

Graham volta para perto da cafeteira e pega sua xícara. Dá de ombros enquanto assopra a bebida.

— Ela sai do trabalho às cinco, então provavelmente umas sete.

Ergo meus escudos; minha bolsa, uma bebida, meu casaco.

— Ok. Vejo você lá. Amo você. — Eu beijo sua bochecha com meus escudos firmes entre nós.

— Também amo você.

Já estou de costas quando ele diz as palavras. Raramente lhe dou a oportunidade de me dizer isso cara a cara.

Mando uma mensagem para minha irmã, Ava, assim que chego ao carro.

Esse mês não.

Ela é a única com quem ainda discuto o assunto. Parei de conversar com Graham sobre meu ciclo no ano passado. Todo mês, desde que começamos a tentar engravidar, há anos, Graham me consolava sempre que eu descobria que não existiria um bebê. No início, apreciava o gesto. Até ansiava por ele. No entanto, mês após mês, acabei temendo ter que lhe contar como me sentia arrasada. E sabia que, se eu temia sua obrigação em me consolar, então ele já devia estar mais que farto da decepção constante. Decidi, no início do ano passado, tocar no assunto apenas se o resultado fosse diferente.

Até agora, o resultado tem sido sempre o mesmo.

Sinto muito, baby, responde minha irmã. Está ocupada? Tenho novidades.

Saio da garagem e aciono o Bluetooth do celular antes de ligar para ela. Minha irmã atende no meio do primeiro toque. Em vez de alô, ela diz:

— Sei que você não quer tocar no assunto, então vamos falar de mim.

Amo como ela me entende.

— Quais são as novidades?

— Ele conseguiu o emprego.

Agarro o volante com força e me obrigo a parecer animada.

— Jura? Ava, isso é ótimo!

Ela suspira, e noto que está tentando soar triste.

— Nos mudamos em duas semanas.

Sinto as lágrimas ameaçando transbordar, mas já chorei o bastante por um dia. Estou feliz por ela, de verdade. Mas Ava é minha única irmã e vai se mudar para o outro lado do mundo. Seu marido, Reid, vem de uma família francesa enorme, e, mesmo antes de se casarem, ela avisou que poderiam viver na Europa em algum momento. A ideia sempre a agradou, por isso sei que está contendo a animação em respeito a minha tristeza ante a perspectiva da futura distância entre nós. Sei que Reid se candidatou a alguns empregos no último mês, mas uma pequena e mesquinha parte de mim torcia para que não conseguisse uma proposta.

— Vocês vão para Mônaco?

— Não, o emprego de Reid é em Impéria. É em outro país, mas fica a apenas uma hora de carro de Mônaco. A Europa é tão pequena, é bizarro. Aqui você dirige uma hora e chega a Nova York; na Europa, se você dirige uma hora, acaba em um país que fala uma língua completamente diferente.

Nem mesmo sei onde fica Impéria, mas já me parece combinar melhor com ela que Connecticut.

— Mamãe já sabe?

— Não — responde Ava. — Sei que ela vai fazer drama, então achei melhor contar pessoalmente. Estou a caminho da casa dela nesse instante.

— Boa sorte.

— Obrigada. Depois eu ligo para contar o quanto ela apelou para o sentimento de culpa. Vejo você no almoço amanhã?

— Estarei lá. E ela terá um dia inteiro para se acalmar.

Quando desligamos, estou parada em um sinal vermelho em uma rua deserta.

Literal e metaforicamente.

* * *

Meu pai morreu quando eu tinha 14 anos. Minha mãe casou de novo pouco tempo depois. Não me surpreendeu, nem mesmo me aborreceu. Meus pais nunca tiveram um relacionamento invejável. Estou certa de que parecia bom no início, mas, quando tive idade suficiente para compreender o que era amor, sabia que não havia isso ali.

De qualquer forma, não tenho certeza se minha mãe alguma vez casou por amor. Dinheiro é a prioridade quando o assunto é encontrar sua cara-metade. Meu padrasto não a conquistou com sua personalidade. Ele a ganhou com a casa de praia em Cape Cod.

Apesar do guarda-roupa e da atitude, minha mãe não é rica. Ela cresceu em condições modestas, em Vermont, a segunda de sete irmãos. Casou com meu pai quando ele era razoavelmente rico, e, assim que minha irmã e eu nascemos, exigiu que ele comprasse uma casa em Old Greenwich, em Connecticut. Pouco importava que ele tivesse que trabalhar dobrado para sustentar seu padrão de vida dispendioso. Acho que ele gostava do trabalho mais que de casa.

Quando meu pai morreu, herdamos bens, mas não o bastante para minha mãe manter o padrão que estava acostumada. Não levou muito tempo para ela corrigir a situação; casou com meu padrasto em uma cerimônia discreta, menos de um ano depois de enterrar meu pai. Mal precisou viver oito meses com um orçamento apertado.

Embora minha irmã e eu tenhamos crescido em um estilo de vida abastado, não somos ricas. Nossa mãe há muito gastou a herança de meu pai. E meu padrasto tem filhos biológicos que vão herdar sua fortuna quando ele morrer. Portanto, mesmo tendo sido criadas nessas condições, Ava e eu jamais nos consideramos ricas.

É por isso que, tão logo nos formamos, começamos a trabalhar e a pagar nossas contas. Nunca pedi dinheiro para minha mãe. Primeiro, porque acredito ser inapropriado a uma mulher adulta, casada, ter que pedir ajuda aos pais. E segundo, porque ela não é generosa. Tudo tem um preço quando dado por minha mãe.

De vez em quando, ela faz coisas boas por mim e por Ava. No Natal passado, quitou nossos carros. E, quando me formei, antes de conhecer Graham, me ajudou a achar um apartamento e pagou o primeiro mês de aluguel. Mas, em

geral, os gastos que minha mãe tem conosco precisam beneficiá-la de alguma forma. Ela compra roupas que acha que devemos vestir porque não gosta das que usamos. Agenda dias em spas como presente de aniversário e nos força a convidá-la. Visita nossas casas e reclama da mobília, e, dois dias depois de sua partida, um entregador aparece com móveis novos, escolhidos por ela.

Graham odeia quando ela faz isso. Diz que um presente é um belo gesto, mas um sofá é um insulto.

Não é que eu não aprecie as coisas que faz por mim. Mas preciso trilhar meu próprio caminho, porque, embora esteja cercada por ele, não estou nadando em dinheiro.

Uma das coisas pelas quais sou grata é nosso almoço semanal. Sem falta, Ava e eu a encontramos para almoçar no clube perto de sua casa. Odeio o lugar, óbivo, mas amo passar tempo com Ava, e toleramos mamãe o bastante para ansiar por nossa reunião semanal.

Entretanto, tenho a sensação de que tudo vai mudar agora que Ava está indo para a Europa. Os preparativos da viagem vão ocupar sua semana, o que faz desse nosso último almoço. A plenitude recém-agregada a sua vida faz a minha parecer ainda mais vazia.

— Você não pode pegar um avião para almoçar com a gente toda semana? — pergunto a Ava. — Como vou entreter sua mãe sem ajuda? — Sempre nos referimos a mamãe como sua mãe quando estamos falando sobre ela. Começou como uma piada no ensino médio, mas agora se tornou tão natural que precisamos nos policiar na frente dela para evitar uma gafe.

— Leve seu iPad e me chame pelo Skype — responde ela.

Eu dou uma risada.

— Não me tente.

Ava pega o celular e se anima quando lê uma mensagem.

— Tenho uma entrevista.

— Que rápido! Para vaga de quê?

— Professora de inglês para alunos de ensino médio de uma escola local. Paga mal, mas, se eu conseguir o emprego, vou aprender a xingar em francês e italiano bem mais rápido.

Reid ganha o bastante para que Ava não precise trabalhar, mas ela sempre teve um emprego. Minha irmã diz que a vida de dona de casa não é para ela, e acho que foi isso que atraiu Reid. Nenhum dos dois quer filhos, e Ava sempre gostou de se manter ocupada, então funciona para ambos.

Em alguns momentos, invejo sua falta de interesse por crianças. Tantas questões em minha vida e em meu casamento seriam inexistentes se eu não me sentisse tão incompleta sem um filho.

— Vai ser tão estranho sem você aqui, Ava — declara minha mãe, tomando seu lugar à mesa. Pedi a bebida de sempre para ela, um martíni com azeitona extra. Ela coloca a bolsa na cadeira ao lado e morde uma das azeitonas do palito. — Não achei que sua mudança me abalaria tanto. Quando você virá nos visitar?

— Ainda nem fui embora — responde Ava.

Minha mãe suspira e pega o cardápio.

— Não acredito que esteja nos deixando. Pelo menos, você não tem filhos. Nem imagino como me sentiria se meus netos fossem tirados de mim.

Contenho o riso. Minha mãe é a pessoa mais dramática que conheço. Mal queria ser mãe quando Ava e eu éramos pequenas, e sei, de fonte segura, que não tem a menor pressa de se tornar avó. Um traço de sua personalidade que acho reconfortante. Ela não me pressiona para ter um bebê. Apenas reza para que eu jamais adote um.

Ava trouxe o assunto à tona em um de nossos almoços, há dois anos. Minha mãe, de fato, zombou da ideia. "Quinn, por favor, me diga que você não está considerando a ideia de criar o filho de outra pessoa", disse ela. "A criança poderia ter... questões."

Ava apenas me encarou e revirou os olhos, então me enviou uma mensagem escondida. *Sim, porque filhos biológicos nunca têm questões. Sua mãe precisa de um espelho.*

Vou sentir tanto a falta dela.

Já estou com saudades, mando para ela por mensagem.

Ainda estou aqui.

— Sinceramente, meninas, nenhuma de vocês aprendeu a ter modos à mesa?

Ergo o olhar e vejo minha mãe fuzilando nossos telefones. Bloqueio o meu e o jogo dentro da bolsa.

— Como está Graham? — pergunta ela. Seu interesse é pura cortesia. Embora Graham e eu já estejamos juntos há mais de sete anos, ela ainda gostaria que eu tivesse me casado com qualquer outro. Em sua opinião, ele jamais foi bom o bastante para mim, mas não porque ela quer o melhor para a filha. Se dependesse de minha mãe, eu teria me casado com Ethan e estaria morando em

uma casa tão grande quanto a sua, e ela poderia se gabar para todas as amigas de como sua filha é mais rica que Evelyn Bradbury.

— Muito bem — respondo, sem dar detalhes. Porque, na verdade, apenas suponho que esteja ótimo. Já não posso mais dizer como está se sentindo ou no que está pensando, ou se está ótimo ou bem ou péssimo. — Ótimo.

— Você está bem?

— Estou. Por quê?

— Não sei — responde ela, me sondando. — Você parece... cansada. Está dormindo direito?

— Uau! — murmura Ava.

Reviro os olhos e pego o menu. Minha mãe sempre teve talento para insultos sinceros. Nunca me importei, porque ela implica com Ava e comigo na mesma medida. Talvez porque sejamos tão parecidas. Ava é apenas dois anos mais velha. Temos cabelo liso castanho, um pouco abaixo dos ombros, o mesmo formato de olhos, a cor idêntica à dos fios. E, segundo minha mãe, nós duas aparentamos estar cansadas com regularidade.

Fazemos os pedidos e conversamos até a comida chegar. O almoço está quase no fim quando alguém se aproxima de nossa mesa.

— Avril?

Ava e eu erguemos os olhos enquanto Eleanor Watts muda a bolsa azul-bebê da Hermès de um ombro para o outro. Ela tenta parecer sutil, mas seria melhor se nos acertasse a cabeça e gritasse: "Vejam! Posso pagar por uma bolsa de quinze mil dólares!"

— Eleanor! — exclama minha mãe. Ela se levanta, e as duas se cumprimentam com um beijo. Eu forço um sorriso quando Eleanor nos encara.

— Quinn e Ava! Meninas, estão lindas como sempre! — Quase pergunto se não pareço cansada. Ela se senta em uma cadeira e abraça a bolsa. — Como você está, Avril? Não a vejo desde... — Ela hesita.

— Desde a festa de noivado de Quinn e Ethan Van Kemp — completa minha mãe.

Eleanor meneia a cabeça.

— Não posso acreditar que faz tanto tempo. Olhe para nós. Somos avós agora! Como foi que isso aconteceu?

Minha mãe pega seu copo de martíni e bebe um gole.

— Ainda não sou avó — diz ela, quase como se contasse vantagem. — Ava está de mudança para a Europa com o marido. Filhos atrapalham os planos de

viajar — argumenta, com um aceno displicente na direção de Ava.

Eleanor se vira para mim, os olhos examinando minha aliança antes de voltar para meu rosto.

— E você, Quinn? Já está casada há algum tempo. — Ela diz aquilo com uma risada obtusa.

Meu rosto queima, embora eu já devesse estar acostumada àquela conversa a essa altura. Sei que as pessoas não estão sendo insensíveis de propósito, mas boas intenções não diminuem o impacto dos comentários.

Quando você e Graham vão ter um bebê?

Vocês não querem filhos?

Continuem tentando, vocês vão conseguir.

Pigarreio e pego meu copo de água.

— Estamos trabalhando nisso — respondo, antes de tomar um gole. Quero que o assunto não se estenda, mas minha mãe faz questão de continuar. Ela se inclina na direção de Eleanor, como se eu não estivesse presente.

— Quinn tem problemas de fertilidade — revela minha mãe, como se fosse do interesse de qualquer um, não apenas meu e de Graham.

Eleanor inclina a cabeça e me encara com compaixão.

— Ah, querida. — Ela pousa a mão sobre a minha. — Sinto tanto ouvir isso. Vocês já pensaram em fertilização in vitro? Minha sobrinha e o marido não conseguiam conceber do modo tradicional, mas agora vão ter gêmeos.

Se pensamos em FIV? Ela está falando sério? Eu devia apenas sorrir e lhe dizer que era uma ideia genial, mas estou ciente de meu próprio limite e sei que cheguei nele.

— Sim, Eleanor — respondo, puxando a mão. — Na verdade, passamos por três tentativas malsucedidas. Consumiram nossas economias, e tivemos que fazer outra hipoteca na casa.

O rosto de Eleanor enrubesce, e imediatamente me sinto constrangida pela resposta, o que significa que minha mãe deve estar mortificada. Mas nem olho para ela, para não corroborar minha suposição. Vejo Ava tomar um gole de sua água, tentando disfarçar a risada.

— Ah — murmura Eleanor. — Isso é... Sinto muito.

— Não sinta — retruca minha mãe. — Tem um motivo para tudo o que passamos, certo? Até mesmo para as dificuldades.

Eleanor assente.

— Ah, acredito nisso piamente — diz ela. — Deus age de maneira misteriosa.

Eu rio discretamente. Sua observação evoca muitos comentários que minha mãe dirigiu a mim no passado. Sei que não é sua intenção, mas Avril Donnelly é a mais insensível das pessoas.

Graham e eu decidimos tentar engravidar com apenas um ano de casados. Eu era tão ingênua, acreditando que aconteceria de imediato. Depois dos primeiros meses de tentativas frustradas, comecei a me preocupar. Levei o assunto até Ava... e minha mãe, dentre todas as pessoas; confessei minhas preocupações antes mesmo de discuti-las com Graham. Minha mãe teve mesmo a audácia de dizer que talvez Deus ainda não me considerasse preparada para um filho.

Se Deus não permitia que pessoas despreparadas tivessem filhos, então Ele tinha muito o que explicar. Porque algumas das mães a quem ele premiou com fertilidade eram bem questionáveis. Inclusive minha própria mãe.

Graham tem sido solidário durante todo esse martírio, mas às vezes me pergunto se ele se sente tão frustrado quanto eu com todas as perguntas. Fica cada vez pior respondê-las. Às vezes, quando estamos juntos e as pessoas perguntam por que ainda não temos filhos, Graham põe a culpa em si mesmo. "Sou estéril", diz.

Mas ele está longe de ser estéril. Graham se submeteu a um espermograma no início, e estava tudo bem. De fato, estava mais que bem. O médico usou o termo abundante. "Você tem uma abundante contagem de esperma, Sr. Wells."

Graham e eu sempre ríamos disso. Mas, mesmo tentando transformar o assunto em piada, aquilo significava que o problema estava em mim. Não importava sua abundante contagem de esperma, ela era inútil em meu útero. Fazíamos sexo segundo um rigoroso cronograma. Eu media minha temperatura regularmente. Comi e bebi todas as comidas indicadas. Ainda assim, nada. Juntamos cada centavo que tínhamos e tentamos inseminação artificial, então fertilização in vitro, e alcançamos resultados insatisfatórios.

Cogitamos uma mãe de aluguel, mas é tão cara quanto FIV, e, de acordo com nosso médico, por causa de minha endometriose, diagnosticada quando eu tinha 25 anos, meus óvulos não são confiáveis.

Nada funcionou, e não podemos nos dar o luxo de continuar repetindo procedimentos fracassados, ou até mesmo de tentar novas técnicas. Começo a me dar conta de que talvez jamais aconteça.

Esse último ano tem sido o mais difícil de todos. Estou perdendo a fé. Perdendo o interesse. Perdendo a esperança.

Perdendo, perdendo, perdendo.

— Já pensou em adoção? — pergunta Eleanor.

Meus olhos encontram os dela, e tento ao máximo disfarçar a irritação. Abro a boca para responder, mas minha mãe se mete.

— O marido dela não está interessado em adoção — diz.

— Mãe — sibila Ava.

Ela acena com a mão para Ava em um gesto de desdém.

— Não estou espalhando para o mundo inteiro. Eleanor e eu somos praticamente melhores amigas.

— Vocês não se viam faz quase uma década — argumento.

Minha mãe aperta a mão de Eleanor.

— Bem, com certeza não parece tanto tempo. Como está Peter?

Eleanor ri, tão contente com a mudança de assunto quanto eu. Ela passa a contar sobre o novo carro do marido e sua crise de meia-idade que, tecnicamente, nem pode ser uma crise de meia-idade, porque ele já passa dos 60 anos, mas eu não as corrijo. Peço licença e vou ao banheiro na tentativa de fugir da constante lembrança de minha infertilidade.

Eu devia tê-la corrigido quando minha mãe disse que Graham não estava interessado em adoção. Não é que ele não tenha interesse, apenas não tivemos a sorte de ser aprovados por nenhuma agência por causa do passado de Graham. Não entendo como uma agência de adoção ignora que, à exceção de uma devastadora condenação quando adolescente, ele nunca foi nem ao menos multado. Mas, quando se é um dentre milhares de casais na competição, até mesmo uma pequena pisada de bola pode deixá-los no banco.

Além disso, não temos mais recursos para continuar na disputa. Os tratamentos esvaziaram nossa conta bancária, e, agora que temos uma segunda hipoteca, nem saberíamos como arcar com as despesas se fôssemos aprovados.

São tantos fatores, e, embora as pessoas pensem que não analisamos todas as nossas opções, nós as analisamos muitas vezes.

Caramba! Ava trouxe até uma boneca da fertilidade quando foi ao México, três anos atrás. Mas nada — nem mesmo superstição — funcionou conosco. Graham e eu decidimos, no início do ano passado, deixar tudo ao acaso, na esperança de que acontecesse naturalmente. Não aconteceu. E, para ser honesta, cansei de nadar contra a corrente.

A única coisa que me impede de desistir é Graham. No fundo, sei que, se abdicar do sonho de um filho, estarei abdicando de Graham. Não quero lhe tirar a chance de se tornar um pai.

A estéril sou eu. Não Graham. Ele também deveria ser punido por minha infertilidade? Graham diz que filhos não significam tanto para ele quanto para mim, mas sei que só fala isso para não me magoar. E porque ainda tem esperança. Mas, daqui a dez ou vinte anos, vai se ressentir de mim. Ele é humano.

Eu me sinto egoísta quando penso nessas coisas; me sinto egoísta toda vez que Graham e eu fazemos sexo, porque sei que me prendo a uma esperança vã, arrastando-o comigo em um casamento que, eventualmente, se tornará enfadonho para ambos. E é por isso que passo os dias on-line, procurando por alguma coisa que possa me dar uma resposta. Qualquer coisa. Faço parte de grupos de apoio, leio fóruns de mensagens, as histórias de "concepção milagrosa", os grupos de adoção privada. Até participo de diversos grupos de pais para o caso de eu, enfim, ter um bebê. Estarei bem preparada.

A única coisa de que não participo é de redes sociais. Deletei todas as minhas contas no ano passado. Simplesmente, não conseguia lidar com as pessoas insensíveis em minha timeline. Primeiro de abril era o pior dia. Perdi a conta de quantos amigos acham engraçado anunciar uma falsa gravidez.

Eles não têm a menor compaixão por pessoas em minha situação. Se soubessem quantas mulheres haviam passado anos sonhando com um resultado positivo, nem mesmo pensariam em fazer graça com o assunto.

Sem contar a quantidade de amigos que reclamam dos filhos em suas timelines. "Evie passou a noite toda chorando! Argh! Quando ela vai dormir uma maldita noite inteira?" ou "Mal posso esperar pela volta às aulas! Esses meninos estão me fazendo perder a cabeça!"

Se aquelas mães ao menos soubessem...

Se eu fosse mãe, não subestimaria um único momento na vida de meu filho. Seria grata por cada segundo que choramingasse ou gritasse ou adoecesse ou me respondesse. Apreciaria cada segundo que ficasse em casa nas férias de verão, e sentiria saudades a cada segundo em que estivesse na escola.

Por isso saí das redes sociais. Porque, a cada atualização de status, eu me tornava mais e mais amarga. Sei que aquelas mães amam seus filhos. Sei que não os subestimam. Mas não entendem o que é ser incapaz de vivenciar as coisas que lhes causam estresse. E, em vez de desprezar cada pessoa de quem era amiga on-

line, decidi deletar meus perfis na esperança de alcançar um arremedo de paz. Mas não aconteceu.

Mesmo sem rede social, não passa um dia sem que eu seja lembrada que posso jamais me tornar mãe. Toda vez que vejo um bebê. Toda vez que vejo uma grávida. Toda vez que encontro pessoas como Eleanor. Quase todo filme que vejo, todo livro que leio, toda canção que ouço.

E ultimamente... toda vez que meu marido me toca.

Capítulo cinco

Antes

Eu nunca trouxe um homem a meu apartamento que não fosse Ethan. Para falar a verdade, Ethan também mal vinha aqui. Seu apartamento é mais confortável e muito maior, então sempre ficávamos por lá. Mas aqui estou, prestes a transar com um completo estranho, poucas horas depois de flagrar a traição de meu noivo.

Se Ethan é capaz de me trair, com certeza sou capaz de fazer sexo por vingança com um cara muito charmoso. O dia inteiro tem sido um incidente bizarro após o outro. Qual é o problema de mais um?

Abro a porta e confiro se tem alguma coisa que preciso esconder no apartamento. Mas então me dou conta de que teria que esconder tudo, o que não é possível com Graham a um passo atrás de mim. Eu me afasto e abro espaço para ele.

— Entre — convido.

Graham entra depois de mim, observando o apartamento com seu olhar triste. É um quarto e sala, mas todas as fotos que tenho com Ethan o fazem parecer ainda menor. Claustrofóbico.

O restante dos convites de casamento ainda está espalhado sobre a mesa de jantar.

O vestido de noiva que comprei há duas semanas está pendurado na porta do armário da entrada. Olhar para ele me deixa zangada. Eu o arranco dali, dobro a

capa com zíper ao meio e jogo tudo dentro do armário. Nem me incomodo em pendurá-lo no cabide. Espero que fique amassado.

Graham vai até o bar e pega uma foto minha e de Ethan. Eu tinha acabado de aceitar o pedido de casamento de Ethan, e estava exibindo o anel para a câmera. Paro ao lado de Graham e observo a foto com ele. Seu polegar roça o vidro.

— Você parece feliz de verdade.

Não respondo; ele tem razão. Pareço feliz naquela foto porque eu estava feliz. Muito feliz. E ignorante. Quantas vezes Ethan me traiu? Será que aconteceu mesmo antes de ele me pedir em casamento? Tenho tantas perguntas, mas não creio que queira as respostas o bastante para me sujeitar a interrogá-lo.

Graham pousa o porta-retratos no bar, virado para baixo. E, como fizemos com os celulares, pressiona o dedo contra a moldura e o empurra pelo balcão. Ele cai pela beirada e quebra quando atinge o piso da cozinha.

É algo tão rude e imprudente de se fazer no apartamento de outra pessoa. Mas estou feliz que o tenha feito.

Há mais duas fotos no bar. Pego outra nossa e a coloco virada para baixo. Então empurro o porta-retratos pelo balcão e, quando quebra, sorrio. Graham também.

Olhamos para a última foto. Ethan não aparece nessa; é uma foto minha com meu pai, tirada apenas duas semanas antes de sua morte. Graham apanha a moldura e inspeciona a imagem de perto.

— Seu pai?

— Sim.

Ele coloca o porta-retratos de volta no balcão.

— Essa pode ficar.

Graham segue para a mesa, onde os convites de casamento restantes estão jogados. Não escolhi o modelo; foram minha mãe e a de Ethan. Elas até enviaram os convites. Minha mãe largou a sobra aqui há duas semanas, e me aconselhou a pesquisar no Pinterest o que fazer com ela, mas eu não tinha o menor interesse em criar nada com aquilo.

Decididamente vou jogá-los no lixo agora. Não quero uma única recordação desse relacionamento desastroso.

Sigo Graham até a mesa e me sento nela, colocando as pernas para cima. Entrelaço as pernas como um índio enquanto Graham pega um dos convites e começa a ler em voz alta.

— Avril Donnelly e Kevin Whitley (in memoriam), de Old Greenwich, Connecticut, e a Sra. e o Dr. Samson Van Kemp, também de Old Greenwich, convidam para a cerimônia religiosa do casamento de seus filhos, Quinn Dianne Whitley e Ethan Samson Van Kemp, a realizar-se no prestigioso Douglas Whimberly Plaza, no dia...

Graham se interrompe e olha para mim. Ele indica o convite de casamento.

— Seu convite de casamento tem a palavra prestigioso.

Posso sentir o rosto enrubescendo.

Odeio aqueles convites. Quando os vi pela primeira vez, fiz um escândalo por conta da arrogância de tudo aquilo, mas minha mãe e arrogância caminham lado a lado.

— Obra de minha mãe. Às vezes é mais fácil concordar com ela do que criar caso.

Graham levanta uma sobrancelha, em seguida joga o convite de volta à pilha.

— Então você é de Greenwich, é?

Posso ouvir a crítica em sua voz, mas não o culpo. Old Greenwich foi recém-rotulada uma das cidades mais ricas da América. Se você faz parte daquela riqueza, é comum acreditar que é melhor do que os que não fazem. Se você não faz parte daquela riqueza, você julga os que fazem. É uma tendência que me recuso a seguir.

— Você não parece uma garota de Old Greenwich — acrescenta ele.

Minha mãe se sentiria insultada com a declaração, mas o comentário me faz sorrir. É um elogio para mim, e sei que é como ele pretendia que fosse. E Graham tem razão... meu apartamento microscópico e a mobília de forma alguma refletem o lar em que fui criada.

— Obrigada. Eu me esforço para me afastar dos sanguessugas da alta sociedade.

— Você precisaria se esforçar ainda mais se quisesse convencer alguém de que é parte da alta sociedade. E digo isso como um elogio.

Outro comentário que insultaria minha mãe. Estou começando a gostar mais e mais desse cara.

— Está com fome? — Lanço um olhar para a cozinha, imaginando se sequer tenho comida para lhe oferecer. Felizmente, ele balança a cabeça.

— Não. Ainda estou cheio de tanta comida chinesa e infidelidade.

Sorrio, tranquila.

— É, eu também.

Graham estuda meu apartamento mais uma vez, a cozinha e a sala, então o corredor que leva ao quarto. Em seguida, seus olhos se concentram em mim com tamanha intensidade que perco o fôlego. Ele me encara, depois seu olhar cai para minhas pernas. Eu o observo conforme analisa cada parte de meu corpo. É diferente, ser olhada assim por alguém que não é Ethan. Fico surpresa por gostar.

Eu me pergunto no que Graham pensa quando olha para mim. Será que está apenas tão chocado quanto eu por acabar aqui, em meu apartamento, me encarando, em vez de estar no próprio apartamento, junto à própria mesa, encarando Sasha?

Graham enfia a mão dentro do bolso do casaco e pega uma pequena caixa. Ele a abre e me entrega. Tem um anel no interior. É claramente uma aliança de noivado, mas bem menor do que a minha. Na verdade, gosto mais dessa. Queria algo mais sutil, mas Ethan escolheu a mais cara que o pai podia pagar.

— Tenho carregado isso por duas semanas — confessa Graham, então se inclina em direção à mesa ao meu lado e observa o anel em minha mão. — Não tive a chance de fazer o pedido, porque Sasha vivia me enrolando. Eu estava desconfiado havia um tempo. Ela mente tão bem.

Ele diz a última parte como se estivesse impressionado.

— Eu gosto. — Tiro a aliança da caixa e a coloco na mão esquerda.

— Pode ficar com ela. Não vou mais precisar.

— Você devia devolver. Com certeza custou caro.

— Comprei no eBay. Sem reembolso.

Estendo as duas mãos à frente e comparo os anéis. Olho para meu anel de noivado e me pergunto por que nunca me ocorreu avisar a Ethan que não queria nada ostensivo. É como se estivesse tão desesperada para casar com ele que perdi minha voz. Minhas opiniões. A mim.

Tiro minha aliança da mão direita e a coloco na caixa, substituindo-a pelo anel que Graham comprou para Sasha. Entrego a caixa a Graham, mas ele não a aceita.

— Pegue — digo, empurrando-a em sua direção, numa tentativa de trocar os anéis.

Graham se inclina para trás, apoiado nas mãos para que não possa aceitar a caixa.

— Esse anel pode comprar um carro novo, Quinn.

— Meu carro já está pago.

— Então devolva para Ethan. Ele pode dar a Sasha. Com certeza, ela vai preferir esse ao que comprei.

Ele não aceita o anel, então o deixo sobre a mesa. Vou enviá-lo à mãe de Ethan. Que ela decida o que fazer com ele.

Graham se endireita e coloca as mãos no bolso do casaco. Ele é mesmo mais bonito que Ethan; eu não estava só tentando agradá-lo mais cedo. A boa aparência de Ethan é resultado, em grande parte, de dinheiro e confiança. Ele sempre se cuidou, se vestiu bem, com um quê de arrogância. Se uma pessoa acredita que é bonita de verdade, o restante do mundo logo se convence também.

Mas o charme de Graham é mais autêntico. Ele não possui nenhum traço que se destaque de maneira peculiar. O cabelo não é de um tom único de castanho. Os olhos são escuros, mas não pretos ou incomuns. Pelo contrário, o castanho intenso faz seus olhos parecerem mais tristes do que se fossem azuis ou verdes. Os lábios são macios e cheios, mas não de uma maneira que me fizesse pensar nessa particularidade quando não estivessem à minha frente. Não é alto o bastante para que tal característica seja notável. Deve ter por volta de 1,80 metro.

Seu charme vem da soma de todas as suas muitas partes. As feições comuns de alguma forma se combinam e provocam um aperto em meu peito. Amo como ele olha para o mundo, com seus olhos calmos, mesmo quando a vida deu uma reviravolta. Fico completamente hipnotizada pela maneira como sorri, com apenas metade da boca. Às vezes, quando fala, ele hesita e roça um dedo no lábio inferior. É inconscientemente sexy. Não sei se alguma vez na vida já me senti tão atraída por alguém que conhecesse tão pouco.

Graham olha para a porta da frente, e me pergunto se mudou de ideia. Será que fiz algo que o desagradou? Ele parece prestes a encerrar a noite. Se afasta da mesa, e continuo sentada, esperando que ele enumere todas as razões pelas quais isso é uma péssima ideia. Ele se movimenta em minha direção. É como se não soubesse o que fazer com as mãos antes de se despedir, então as enfia nos bolsos do jeans. Seu olhar pousa em meu pescoço, antes de voltar ao rosto. É a primeira vez que seus olhos parecem mais intensos que todo o restante.

— Onde fica o quarto?

Fico chocada com seu atrevimento.

Tento disfarçar meu conflito interno, porque adoraria, mais que tudo, me vingar de Ethan transando com o namorado gato de sua amante. Mas a noção de que esse é também o motivo da presença de Graham em meu apartamento me faz pensar se quero ser usada como vingança de alguém.

Mas isso é melhor do que ficar sozinha agora.

Escorrego para fora da mesa e fico de pé. Graham não se afasta, então nossos corpos se tocam quando passo por ele. Meu corpo todo reage, especialmente meus pulmões.

— Me acompanhe.

Ainda estou nervosa, mas não tão nervosa como quando coloquei a chave na fechadura. A voz de Graham me acalma. Sua presença me acalma. É difícil se sentir intimidada por alguém tão triste.

— Nunca faço a cama — confesso, enquanto abro a porta do quarto. Acendo o abajur, e a silhueta de Graham ocupa a entrada.

— Por que não? — Ele avança alguns passos para dentro do cômodo, e é uma visão estranha. Esse homem que nem conheço, parado em meu quarto. O mesmo quarto onde eu deveria estar na fossa, deitada na cama de coração partido, neste exato momento.

E Graham? Será que isso parece estranho para ele também? Sei que devia estar inseguro quanto a Sasha, ou não a teria seguido até o prédio de Ethan com um anel de noivado no bolso.

Graham vinha procurando uma desculpa para pular fora? E eu? Só percebi agora? Porque, no momento, estou nervosa e ansiosa, e sentindo tudo o que eu não deveria estar sentindo poucas horas depois de minha vida dar uma derrocada.

Encaro Graham em silêncio quando me dou conta de que não respondi sua pergunta sobre o motivo de não arrumar a cama. Pigarreio.

— Leva aproximadamente uns dois minutos para fazer a cama. O que significa que uma pessoa comum gasta 38 dias de sua vida arrumando uma cama que vai bagunçar.

Graham parece achar graça disso. Ele abre um de seus meio-sorrisos, então olha para a cama. Assistir a como ele observa minha cama, faz com que eu me sinta despreparada. Eu estava preparada para uma noite com Ethan. Não para transar com um estranho. Não sei se quero as luzes acesas. Nem sei se quero usar o que estou vestindo. Não quero que Graham tenha de despir roupas que escolhi usar pensando em outro homem. Preciso de um tempo para me recompor. Ainda não tive um momento e acho que preciso de um.

— Preciso... — Indico a porta do banheiro. — Preciso de um minuto.

Os lábios de Graham se franzem em um sorriso ligeiramente mais amplo, e me dou conta, nesse momento, de que aqueles lábios incríveis estão prestes a

tocar os meus. De repente, paro de me preocupar. É um sentimento esquisito porque sou uma mulher confiante. Mas Graham estabelece um padrão para confiança com o qual não estou acostumada. Sua autoconfiança faz a minha parecer incerteza.

Eu me tranco no banheiro e olho para a porta fechada. Por um instante, até esqueço o que estou fazendo aqui, mas então me lembro de que, pela primeira vez em quatro anos, estou prestes a transar com um cara que não é Ethan. Entro em modo acelerado. Abro a porta do armário e procuro a coisa mais despretensiosa possível. É uma camisola de alcinhas nude. Não é transparente, mas ele vai perceber a ausência do sutiã, que estou arrancando neste exato momento. Visto a camisola e vou até a pia do banheiro. Prendo o cabelo em um coque frouxo para tirá-lo do rosto, então escovo os dentes e a língua até estar convencida de que minha boca não vai lembrar a ele a comida chinesa que roubamos mais cedo.

Eu me olho no espelho e fico me observando por um tempo. Não consigo acreditar que o dia vai terminar assim. Comigo... ansiosa para transar com um homem que não é meu noivo.

Respiro para me acalmar, então abro a porta do banheiro.

Não tenho certeza do que esperava, mas Graham parece o mesmo. Ainda está parado em frente à porta do banheiro, ainda vestindo o jeans e a camiseta. E seu casaco. E os sapatos. Estou observando seus sapatos quando ele exclama:

— Uau!

Olho para ele de novo. Está mais perto. O rosto está tão próximo do meu, e quero, de verdade, estender a mão e lhe tocar o queixo. Normalmente, não presto atenção no queixo das pessoas, mas o dele é marcante e coberto pela barba rala, que contorna a boca tão triste quanto seus olhos.

Acho que ele nota nossa proximidade porque, de repente, recua um passo e acena em direção à cama.

Meus travesseiros estão alinhados, e o edredom, enfiado embaixo do colchão e sem uma ruga. Uma das bordas está dobrada com perfeição, revelando o lençol por baixo.

— Você fez minha cama? — Caminho na direção dela e me sento. Não imaginei um começo assim, mas somente porque passei os últimos quatro anos presa à rotina com Ethan.

Graham levanta o edredom, então coloco as pernas para cima e me ajeito na cama. Eu me afasto o suficiente para ele se juntar a mim, mas Graham não o faz;

apenas me cobre e se senta na cama, me encarando.

— É bom, não é?

Ajeito o travesseiro e rolo de lado. Ele prende a ponta do edredom debaixo do colchão para evitar que ceda. Sinto o tecido confortável e apertado em torno de meus pés e pernas. Sinto que gosto disso. E, de algum modo, até o topo da coberta parece me aconchegar.

— Estou impressionada.

Ele estende a mão para uma mecha de cabelo solta e a coloca atrás de minha orelha. O gesto é doce. Não conheço Graham muito bem, mas dá para ver que é uma boa pessoa. Dá para ver que é uma boa pessoa desde o segundo em que Ethan abriu a porta e Graham não o atacou fisicamente. É preciso uma boa dose de confiança e autocontrole para se afastar calmamente de uma situação como aquela.

A mão de Graham pousa em meu ombro. Não sei ao certo o que mudou desde que saímos do bar, muito menos desde que entramos em meu quarto. Mas noto que seus pensamentos não são os mesmos de mais cedo. Ele desliza a mão pelo edredom, parando em meu quadril. Sua expressão parece carregada de incerteza. Tento amenizar a tensão.

— Está tudo bem — sussurro. — Pode ir embora.

Ele suspira, aliviado.

— Achei que pudesse fazer isso. Você e eu. Essa noite.

— Também achei que conseguiria, mas... é muito cedo para isso.

Posso sentir o calor de sua mão através do edredom. Ele a sobe um pouco e segura minha cintura conforme se inclina. Com suavidade, me beija na bochecha. Fecho os olhos e engulo em seco, sentindo seus lábios em minha orelha.

— Mesmo que não fosse muito cedo, eu não aceitaria ser seu casinho. — Sinto quando ele se afasta. — Boa noite, Quinn.

Mantenho os olhos fechados enquanto ele se levanta da cama. Não os abro até que ele apague a luz e feche a porta do quarto.

Ele não aceitaria ser meu casinho?

Isso foi um elogio? Ou foi uma forma de dizer que não está interessado?

Rumino suas palavras de despedida por um momento, mas logo as enterro fundo em minha mente. Vou pensar nas palavras de Graham amanhã. No momento, só consigo pensar em tudo o que perdi nessas últimas horas.

Minha vida inteira mudou hoje. Ethan deveria ser minha cara-metade pelo resto de meus dias. Tudo o que julguei saber sobre meu futuro tinha saído de

foco. Tudo o que julguei saber sobre Ethan tinha sido uma mentira.

Eu o odeio. Eu o odeio porque, não importa o que aconteça daqui para a frente, jamais serei capaz de confiar em alguém como confiei nele.

Deito de costas e olho fixamente o teto.

— Vá se foder, Ethan Van Kemp. — Que tipo de sobrenome é esse, afinal? Digo meu nome em voz alta, adicionando o dele. — Quinn Dianne Van Kemp.

Nunca soou tão estúpido quanto agora. Estou aliviada porque aquele jamais será meu nome.

Estou aliviada porque o flagrei me traindo.

Estou aliviada porque tinha Graham para me ajudar.

Estou aliviada porque Graham decidiu ir embora há pouco.

No calor do momento, naquele restaurante com Graham, eu me senti vingativa. Achei que, de alguma forma, dormir com ele aplacaria a dor que Ethan me causou hoje. Mas, agora que Graham se foi, percebo que nada vai atenuar esse sentimento. É apenas uma enorme, inconveniente e dolorosa ferida. Quero trancar a porta da frente e jamais sair de meu apartamento. A não ser por sorvete. Amanhã, vou sair atrás de sorvete, mas, depois disso, nunca mais deixo meu apartamento.

Até o sorvete acabar.

Afasto as cobertas e vou até a sala trancar a porta. Quando estendo a mão para o trinco, noto um Post-it preso à parede ao lado do batente; com um número de telefone. Embaixo dos números, vejo uma breve mensagem.

Me ligue. Depois que sair com outro cara para superar o término.

Graham.

Meus sentimentos em relação ao bilhete são confusos. Graham parece legal, e já assumi minha atração por ele, mas, a essa altura, não tenho certeza se consigo encarar a ideia de sair com outras pessoas. Faz apenas poucas horas desde que terminei meu relacionamento. E, mesmo que chegue o momento em que eu me sinta confortável em namorar de novo, a última pessoa que eu namoraria seria o ex da cúmplice na destruição de tudo de bom em minha vida.

Quero me manter o mais longe possível de Ethan e Sasha. E, infelizmente, Graham apenas me lembraria dos dois.

Ainda assim, seu bilhete me faz sorrir. Mas apenas por um segundo.

Volto para o quarto e me arrasto para debaixo do edredom. Cubro a cabeça, e as lágrimas começam a cair. Graham estava certo quando disse: Você vai chorar hoje à noite. Na cama. É quando dói mais. Quando se está sozinho.

Capítulo seis

Agora

No dia que Ava se mudou para a Europa, ela me deixou um presente. Era um pacote de chá exótico, um suposto aliado contra a infertilidade. O problema era que o sabor dele fazia parecer que eu havia rasgado um saquinho de chá e derramado o conteúdo direto na língua, depois engolido com grãos de café.

Então... o milagre do chá da fertilidade estava fora de questão. Vou deixar a cargo do acaso novamente. Decidi tentar por mais um mês. Talvez dois, antes de admitir a Graham que desisto de vez.

Mais dois meses antes de dizer a ele que estou pronta para abrir a caixa de madeira em minha estante.

Estou sentada no balcão da cozinha, vestida com uma das camisetas de Graham, quando ele entra pela porta. Balanço minhas pernas nuas, os pés apontando para o chão. Ele não me nota de imediato, mas, assim que o faz, só tem olhos para mim. Seguro o balcão entre as pernas, abrindo-as apenas o necessário para que ele entenda quais são meus planos para a noite. Seus olhos estão fixos em minhas mãos enquanto afrouxa a gravata, tirando-a do colarinho antes de jogá-la no chão.

Isso é uma das coisas que mais amo no fato de ele chegar do trabalho depois de mim. Todo dia, posso assistir enquanto tira a gravata.

— Alguma ocasião especial? — Ele abre um sorriso enquanto me analisa completamente de uma só vez. Caminha em minha direção, e eu lhe dou meu melhor sorriso sedutor. Aquele que diz que quero deixar toda a farsa para trás

por uma noite. A farsa de que estamos bem, a farsa de que estamos felizes, a farsa de que essa é exatamente a vida que escolheríamos se a escolha fosse nossa.

Quando me alcança, seu paletó se foi e os primeiros botões da camisa estão desabotoados. Ele tira o sapato ao mesmo tempo em que as mãos deslizam por minhas coxas. Enlaço seu pescoço, e ele se aperta contra mim, pronto e ansioso. Os lábios encontram meu pescoço, depois meu queixo e então pressionam gentilmente minha boca.

— Onde você quer que eu a possua?

Ele me levanta e me segura no colo enquanto engancho as pernas ao redor de sua cintura.

— No nosso quarto — sussurro em seu ouvido.

Mesmo já tendo desistido de engravidar, é lógico que ainda me prendo a um pequeno fiapo de esperança, pelo menos uma vez ao mês. Não sei se isso significa que sou forte ou patética. Às vezes me sinto as duas coisas.

Graham me coloca na cama, nossas roupas cobrindo a distância entre a cozinha e o quarto, como migalhas marcando o caminho. Ele se posiciona entre minhas pernas e então me penetra com um gemido. Eu o recebo em silêncio.

De todas as maneiras possíveis, Graham é coerente fora do quarto. Mas, dentro dele, jamais sei o que esperar. Às vezes ele faz amor comigo com paciência e abnegação, mas outras vezes é descontrolado, rápido e egoísta. Às vezes é expansivo quando está dentro de mim, sussurrando palavras que me fazem amá-lo ainda mais. Mas outras vezes parece zangado e barulhento, e diz coisas que me deixam envergonhada.

Com ele, nunca sei o que vou enfrentar. Isso costumava me excitar.

Mas agora prefiro apenas uma de suas muitas facetas no quarto. O lado descontrolado, rápido e egoísta de Graham. Eu me sinto menos culpada quando consigo esse lado dele porque, ultimamente, a única coisa que espero do sexo é o resultado final.

Infelizmente, não é a versão egoísta de Graham que encontro no quarto esta noite. Esta noite, ele é o exato oposto do que preciso. Ele saboreia cada momento, me penetrando com investidas controladas enquanto prova todos os detalhes de meu pescoço e meu colo. Tento me sentir tão envolvida quanto ele, às vezes pressionando meus lábios em seu ombro ou puxando seu cabelo. Mas é difícil fingir que não anseio para que acabe logo. Viro o rosto para o lado, permitindo que ele deixe sua marca em meu pescoço enquanto espero.

Graham começa a acelerar o ritmo, e eu me preparo, antecipando o fim, mas ele sai de mim subitamente. Está se inclinando sobre meu corpo, sugando meu mamilo esquerdo, quando reconheço o padrão. Ele vai abrir caminho, degustando cada parte de mim, até enfim deslizar a língua entre minhas pernas, onde vai ficar por preciosos dez minutos, então terei que pensar demais; que dia é hoje, que horas são, o que acontecerá daqui a catorze dias, o que vou fazer ou falar se o teste finalmente der positivo, por quanto tempo vou chorar no chuveiro se der negativo outra vez.

Não quero pensar esta noite. Só quero que se apresse.

Eu o puxo pelo ombro até sua boca se aproximar da minha, e sussurro em seu ouvido:

— Pode gozar, não tem problema.

Tento guiá-lo para dentro de mim novamente, mas ele se retrai. Encontro seu olhar pela primeira vez desde que deixamos a cozinha.

Ele roça meu cabelo com suavidade.

— Não está mais a fim?

Não sei como lhe dizer que jamais estive a fim sem ferir seus sentimentos.

— Está tudo bem. Estou ovulando.

Tento beijá-lo, mas, antes que meus lábios encontrem os seus, ele rola de cima de mim.

Olho para o teto, me perguntando como é possível que fique chateado com meu comentário. Estamos tentando engravidar há tanto tempo. Essa rotina não é novidade.

Graham se levanta da cama. Quando olho para ele, está de costas para mim, vestindo as calças.

— Você está mesmo zangado porque não estou no clima? — pergunto, me sentando. — Se não se lembra, estávamos fazendo sexo há menos de um minuto, independentemente de eu estar no clima ou não.

Graham se vira e me encara, hesitando até organizar os pensamentos. Ele passa a mão pelo cabelo, frustrado, então se aproxima da cama. A tensão em seu maxilar trai sua irritação, mas a voz é calma e baixa quando fala.

— Estou cansado de foder em prol da ciência, Quinn. Seria bacana se, pelo menos uma vez, eu pudesse estar dentro de você porque você me quer. Não porque é um requisito para engravidar.

As palavras machucam. Parte de mim quer revidar e dizer algo doloroso, mas a maior parte sabe que ele está falando a verdade. Às vezes também sinto falta de

fazer amor de forma espontânea. Mas chegamos a um ponto em que todas as tentativas fracassadas de engravidar começaram a magoar demais. Tanto que me dei conta de que quanto menos sexo fizéssemos menos decepcionada eu ficaria. Se tivéssemos relações apenas nos dias de minha ovulação, eu me decepcionaria um número menor de vezes.

Gostaria que ele entendesse. Queria que ele soubesse que, às vezes, a tentativa, para mim, é pior que o fracasso. Tento me solidarizar com seus sentimentos, mas é difícil porque não sei ao certo se ele se solidariza com os meus. Como poderia? Não é ele que fracassa todas as vezes.

Posso ficar decepcionada comigo mesma mais tarde. No momento, só quero que ele volte para a cama. Que volte para dentro de mim. Porque ele tem razão. Sexo com meu marido com certeza é um requisito para engravidar. E hoje é nossa melhor chance no mês.

Chuto as cobertas, deixando meu corpo exposto na cama. Pressiono uma das mãos em minha barriga e chamo sua atenção para o local.

— Me desculpe — murmuro, correndo meus dedos para cima. — Volte para a cama, Graham.

Seu maxilar ainda está tenso, mas os olhos seguem minha mão. Consigo ver seu conflito interior: parte dele quer sair do quarto e outra parte quer entrar em mim. Não gosto que ainda não esteja convencido de que o quero, então fico de bruços. Se tem uma coisa em meu corpo que Graham ama é a visão de quando estou de bruços.

— Eu quero você dentro de mim, Graham. É só o que quero. Juro — minto.

Fico aliviada quando ele geme.

— Porra, Quinn.

E então ele está de novo na cama, as mãos em minhas coxas, os lábios em minha bunda. Desliza uma das mãos embaixo de mim e pressiona minha barriga, me levantando o bastante para que possa me invadir por trás com mais facilidade. Gemo e aperto os lençóis de modo convincente.

Graham segura meus quadris e fica de joelhos, me puxando contra si até se enterrar completamente em mim.

Não tenho mais o Graham paciente. No momento, ele é uma mistura de emoções, investindo com raiva e impaciência. Está concentrado em gozar, nada preocupado comigo, o que é exatamente o que quero.

Eu gemo e vou ao encontro de suas arremetidas, torcendo para que ele não perceba que o restante de mim está desconectado do momento. Depois de um

tempo, não estamos mais de joelhos; de algum modo, acabo pressionada de bruços contra o colchão, todo o peso de Graham sobre as costas. Ele aperta minhas mãos que apertam o lençol, e relaxo quando ele solta um ganido. Espero até que me encha de esperança.

Mas ele não o faz.

Em vez disso, sai de mim, se comprimindo contra a curva de minhas costas. Então geme uma última vez em meu pescoço. Sinto o fluido em minha pele, quente e úmido enquanto escorre por meu quadril e ensopa o colchão.

Ele acabou de...?

Sim, ele fez mesmo isso.

Lágrimas me queimam os olhos quando me dou conta de que ele não gozou dentro de mim. Quero sair de baixo de Graham, mas ele é muito pesado e ainda está tenso, e não consigo me mexer.

Assim que o sinto relaxar, tento me levantar. Ele deita de costas. Eu me afasto, usando o lençol para me limpar. Lágrimas correm por meu rosto, e as enxugo com raiva. Estou tão zangada que não consigo falar. Graham apenas me observa enquanto tento disfarçar a fúria que sinto. E a vergonha.

Graham é meu marido, mas essa noite ele era um meio para atingir um fim. E, embora eu tenha tentado convencê-lo do contrário, ele apenas comprovou suas suspeitas ao me negar a única coisa que eu queria dele hoje à noite.

Não consigo segurar as lágrimas, mas tento mesmo assim. Puxo o cobertor até os olhos, e Graham rola para fora da cama e pega as calças. Minhas lágrimas silenciosas se tornam soluços, e meus ombros começam a tremer. Não é de meu feitio fazer isso na sua frente. Em geral, guardo o desabafo para meus banhos demorados.

Enquanto pega seu travesseiro, parte dele parece querer me consolar enquanto outra parte parece querer gritar comigo. A parte irritada vence, e Graham se dirige à porta.

— Graham — sussurro.

Minha voz o detém, e ele se vira e me encara. Está arrasado, nem mesmo sei o que falar. Queria ser capaz de pedir desculpas por desejar um filho mais que a ele. Mas isso não resolveria nada, porque seria mentira. Não lamento. Eu me sinto amargurada que ele não entenda o que o sexo se tornou para mim nos últimos anos. Graham quer que eu continue a desejá-lo, mas não consigo, não quando sexo e fazer amor sempre me deram esperança de que aquela poderia ser a chance em um milhão de engravidar. E todo o sexo e todo o amor, que me

enchem de expectativas, depois levam ao momento em que toda a esperança é suplantada pela angústia.

Com o passar dos anos, toda a rotina e as emoções associadas começaram a se entrelaçar. Eu não podia separar o sexo da esperança e não conseguia discernir a esperança da angústia. O sexo que se tornou esperança se tornou angústia.

SexoEsperançaAngústia. Angústia. Angústia.

Agora tudo parece angustiante para mim.

Ele jamais vai entender. Jamais vai entender que não é ele que não desejo. É a angústia.

Graham me estuda, esperando que eu acrescente algo depois de seu nome. Mas não digo mais nada. Não consigo.

Ele assente de leve, dando meia-volta. Observo os músculos em suas costas se contraírem. Observo seu punho fechar e abrir. Posso vê-lo exalar um suspiro profundo, embora não possa ouvi-lo. Então ele abre a porta do quarto com tranquilidade antes de batê-la com toda a força.

Um baque alto acerta a porta pelo outro lado. Fecho bem os olhos, e todo o meu corpo fica tenso quando acontece de novo. Então de novo.

Escuto enquanto ele esmurra a porta cinco vezes pelo lado de fora. Escuto enquanto libera sua mágoa e rejeição contra a madeira, porque sabe que não pode despejá-la em nada mais. Quando tudo está em silêncio novamente... eu me despedaço.

Capítulo sete

Antes

Tem sido difícil esquecer Ethan. Bem, não Ethan per se. Perder o relacionamento foi pior que perder Ethan. Quando você se conecta a uma pessoa por tanto tempo, é difícil ficar sozinha outra vez. Levou alguns meses antes que eu finalmente apagasse cada vestígio dele do apartamento. Eu me livrei do vestido de noiva, das fotos, dos presentes que ele me deu ao longo dos anos, das roupas que me faziam lembrar dele. Até comprei uma cama nova, embora isso tenha mais a ver com o fato de querer uma nova do que com as memórias de Ethan.

Já faz seis meses, e a única razão para eu estar em um segundo encontro com esse tal de Jason é porque o primeiro não foi um completo desastre. E Ava me convenceu.

Por mais que minha mãe amasse Ethan e ainda deseje que eu o perdoe, acredito que vá gostar ainda mais de Jason. O que deveria ser um ponto positivo, só que não é. Minha mãe e eu temos gostos bem diferentes. Estou torcendo para que Jason diga ou faça algo que minha mãe não aprovaria, e assim eu possa me sentir um pouco mais atraída por ele.

Ele já repetiu várias perguntas que me fez na última sexta-feira. Perguntou quantos anos eu tinha, e eu respondi que tinha 25, a mesma idade que na sexta passada. Me perguntou quando fazia aniversário, e eu disse que ainda no dia 26 de julho.

Eu me esforço para não ser uma vaca, mas ele não está ajudando. É bem óbvio que não prestou a menor atenção em nada do que eu disse semana passada.

— Então você é de Leão? — pergunta ele.

Assinto com a cabeça.

— Sou Escorpião.

Não faço ideia do que isso diz a seu respeito. Astrologia nunca foi meu forte. Além do mais, é difícil me concentrar em Jason porque há algo muito mais interessante atrás dele. A duas mesas, sorrindo em minha direção, está Graham. Assim que o reconheço, logo baixo meu olhar para o prato.

Jason diz algo sobre a compatibilidade entre escorpianos e leoninos, e eu o encaro, torcendo para que não note o caos que sinto no momento. Mas minha resolução esmorece porque agora Graham está de pé. Não posso evitar, então olho por cima do ombro de Jason e observo Graham pedir licença a sua acompanhante. Ele olha em meus olhos e vem em nossa direção.

Aperto o guardanapo em meu colo, me perguntando por que, de repente, estou mais nervosa com a visão de Graham do que jamais estive na companhia de Jason. Faço contato visual com Graham logo antes de ele alcançar minha mesa. Mas, tão logo eu o encaro, ele desvia o olhar. Assente com a cabeça uma vez, na direção em que caminha, e passa por nossa mesa, a mão mal roçando meu cotovelo. Um resvalar fugaz de seu dedo em minha pele. Eu ofego.

— Você tem irmãos?

Pouso o guardanapo na mesa.

— Ainda só uma. — Arrasto a cadeira. — Já volto. Preciso ir ao banheiro.

Jason se afasta da mesa, meio levantado enquanto coloco minha cadeira no lugar. Sorrio para ele e sigo para o banheiro. Para Graham.

Por que estou tão nervosa?

Os banheiros ficam nos fundos do restaurante. É preciso entrar em uma divisória para encontrar o corredor. Graham já dobrou a esquina, então hesito antes de fazer a curva. Levo a mão ao peito, esperando que, de alguma forma, o gesto acalme o que se passa ali dentro. E então exalo e entro na passagem.

Graham está casualmente encostado à parede, a mão no bolso do terno. A visão tanto me excita quanto conforta, mas também me sinto mal por nunca ter ligado.

Graham abre seu meio-sorriso preguiçoso.

— Olá, Quinn.

Seus olhos ainda franzem um pouco quando sorri, e fico feliz em presenciar aquilo. Não sei por quê. Gosto de como ele sempre parece travar uma eterna batalha secreta.

— Oi. — Paro, constrangida, a alguns passos dele.

— Graham — diz ele, tocando o próprio peito. — Caso tenha esquecido.

Balanço a cabeça.

— Não esqueci. É difícil esquecer qualquer detalhe do pior dia de minha vida.

Meu comentário o faz sorrir. Ele se afasta da parede e dá um passo em minha direção.

— Você nunca ligou.

Dou de ombros, como se não tivesse dedicado a seu telefone a devida atenção. Mas, na verdade, eu olhava para o Post-it todo dia. Ainda está na parede, onde ele o deixou.

— Você disse para eu ligar depois que tivesse um casinho pós-término. E só agora estou entrando em um.

— É o cara que está com você hoje?

Assinto com a cabeça. Ele se aproxima mais um passo, ficando a apenas dois de mim. Mas é como se estivesse me sufocando.

— E você? — pergunto. — A garota de hoje é seu caso pós-término?

— Meu caso pós-término foi duas garotas atrás.

Odeio aquela resposta. Eu a odeio o bastante para acabar com a conversa.

— Bem... parabéns. Ela é bonita. — Graham estreita os olhos como se tentasse decifrar tudo o que deixo de dizer. Dou um passo na direção do banheiro feminino e coloco a mão na porta. — Foi bom ver você, Graham.

Seus olhos continuam semicerrados, e ele inclina a cabeça de leve. Não sei mais o que dizer. Entro no banheiro e deixo a porta bater atrás de mim. Solto um longo suspiro. Aquilo foi intenso.

Por que foi tão intenso?

Vou até a pia e abro a torneira. Minhas mãos tremem, então as lavo com água quente e torço para que o sabonete de lavanda ajude a me acalmar. Seco as mãos, então as examino pelo reflexo no espelho, tentando me convencer de que não me deixei afetar por Graham. Mas fiquei afetada. Minhas mãos ainda estão tremendo.

Por seis meses quis ligar para ele, mas por seis meses me convenci do contrário. E agora, ao saber que ele seguiu com sua vida e que está com alguém,

posso ter perdido minha chance. Não que quisesse uma. Continuo firme na crença de que ele me lembraria demais do que aconteceu. Se decidir me envolver, prefiro que seja com alguém novo em folha. Alguém sem qualquer relação com o pior dia de minha vida.

Alguém como Jason, talvez?

— Jason — murmuro. Melhor voltar para meu encontro.

Quando abro a porta, Graham ainda está no mesmo lugar. Ainda me observando com a cabeça inclinada. Paro de repente, e a porta acerta minhas costas quando se fecha, me empurrando para a frente.

Olho para o fim do corredor, em seguida encaro Graham.

— Não tínhamos terminado?

Ele inspira com calma enquanto dá um passo em minha direção. Dessa vez, fica bem próximo de mim e enfia as mãos nos bolsos.

— Como você está? — Sua voz é baixa, como se fosse difícil para ele pronunciar as palavras. Fica nítido pelo modo como seus olhos buscam os meus que está se referindo a tudo o que tenho passado desde o término; o cancelamento do casamento.

Gosto da sinceridade da pergunta. Sinto o mesmo conforto que sua presença me trouxe há seis meses.

— Bem — respondo, com um pequeno aceno. — Fiquei com alguns problemas de confiança, mas, fora isso, não posso reclamar.

Ele parece aliviado.

— Que bom.

— E você?

Ele me encara por um momento, mas não vejo o que esperava em seus olhos. Em vez disso, vejo arrependimento. Tristeza. Como se, talvez, ainda não tivesse se recuperado da perda de Sasha. Ele dá de ombros, mas não responde com palavras.

Tento não deixar minha compaixão transparecer, mas fracasso.

— Talvez essa nova garota seja melhor que Sasha. E você vá finalmente superar.

Graham ri brevemente.

— Já superei Sasha — diz ele, com convicção. — Certeza de que superei Sasha no momento que conheci você. — Ele me dá quase zero chance de absorver suas palavras antes de me atacar com outras. — Melhor a gente voltar para nossos encontros, Quinn. — Ele dá meia-volta e segue pelo corredor.

Fico parada, atônita com suas palavras. "Certeza de que superei Sasha no momento que conheci você".

Não acredito no que ele acabou de me dizer. Ele não pode simplesmente soltar uma bomba dessas e sair andando! Eu o sigo, mas ele já está a meio caminho da mesa. Encontro o olhar de Jason, e ele sorri ao me ver, se levantando. Tento me recompor, mas é difícil fazer isso quando Graham se inclina e dá um beijo rápido na têmpora de sua acompanhante antes de sentar a sua frente.

Ele está querendo me deixar com ciúmes? Se for o caso, não está funcionando. Não tenho tempo para homens frustrantes. Mal tenho tempo para homens tediosos, como Jason.

Jason deu a volta na mesa para puxar a cadeira para mim. Antes de me sentar, Graham busca meu olhar novamente. Juro que posso vê-lo sorrir com ironia. Não imagino por que desço a seu nível, mas me inclino e dou um beijo leve nos lábios de Jason.

Então me sento.

Tenho uma visão clara de Graham enquanto Jason volta a seu lugar. Graham não está mais sorrindo.

Mas eu sim.

— Estou pronta para sair daqui — digo.

Capítulo oito

Agora

Ava e eu conversávamos por telefone quase diariamente quando ela morava em Connecticut, mas, agora que ela vive do outro lado do mundo, parece que nos falamos ainda mais. Às vezes até duas vezes ao dia, apesar do fuso horário.

— Preciso contar uma coisa.

Ouço um tremor em sua voz. Fecho a porta de casa e deixo minhas coisas no balcão da cozinha.

— Você está bem? — Pouso a bolsa e pego o celular, que estava preso entre o ombro e a orelha.

— Sim. Estou bem. Não é nada nesse sentido.

— Bem, o que é? Você está me assustando, então só pode ser uma notícia ruim.

— Não é. É... boa, na verdade.

Afundo no sofá da sala. Se é uma notícia boa, por que ela parece tão infeliz?

Então tudo se encaixa. Ela nem precisa confessar.

— Você está grávida? — Hesitação. O outro lado da linha fica em silêncio absoluto, então olho para o visor para confirmar se ainda estou conectada. — Ava?

— Estou grávida — confirma.

Agora eu fico em silêncio. Levo a mão ao peito, sentindo o pulsar débil de meu coração. Por um instante, temi o pior. Mas, agora que sei que ela não está

morrendo, não posso evitar me perguntar por que não parece feliz.

— Está tudo bem?

— Sim — responde ela. — É inesperado, óbvio. Ainda mais depois da mudança. Agora que tivemos alguns dias para nos acostumar, na verdade, estamos animados.

Meus olhos se enchem de lágrimas, mas não tenho certeza de por que sinto vontade de chorar. Isso é bom. Ela está animada.

— Ava — sussurro. — Isso é... Uau.

— Eu sei. Você vai ser titia. Digo, sei que já é tia, por conta da sua cunhada, mas nunca pensei que também seria por minha causa.

Forço um sorriso, mas me dou conta de que não é o bastante, então forço uma risada.

— Sua mãe vai ser avó.

— Essa é a parte mais estranha — diz ela. — Mamãe não sabe como digerir a novidade. Ela deve estar se afogando em martínis ou comprando roupas de bebê.

Engulo a inveja que sinto ao compreender que minha mãe soube antes de mim.

— Você... você já contou para ela?

Ava deixa escapar um suspiro carregado de arrependimento.

— Ontem. Eu teria contado para você primeiro, mas... queria o conselho de mamãe. Sobre como contar.

Apoio a cabeça no sofá. Ava tinha medo de me contar? Ela me acha tão desequilibrada assim?

— Você pensou que eu ficaria com inveja?

— Não — responde de pronto. — Não sei, Quinn. Chateada, talvez? Decepcionada?

Outra lágrima cai, mas dessa vez não é uma lágrima de alegria. Eu a enxugo rapidamente.

— Você não devia duvidar de mim. — Eu me levanto na tentativa de me recompor, muito embora ela não possa me ver. — Tenho que desligar. Parabéns.

— Quinn.

Termino a ligação e olho para o telefone. Como minha própria irmã pôde pensar que eu não ficaria feliz por ela? Ela é minha melhor amiga. Estou contente por ela e por Reid. Eu nunca ficaria ressentida por ela ser capaz de engravidar. A única coisa que me magoa é ela conceber tão fácil por acidente.

Ai, Deus. Sou uma pessoa horrível.

Não importa o quanto tente negar, eu estou rancorosa. E desliguei na sua cara. Aquele devia ser um dos melhores momentos de sua vida, mas ela me ama demais para estar plenamente feliz. E sou muito egoísta para permitir isso.

No mesmo instante, retorno a ligação.

— Me desculpe — disparo assim que ela atende.

— Está tudo bem.

— Não, não está. Você tem razão. Agradeço que esteja tentando ser sensível em relação ao que Graham e eu estamos passando, mas, sério, Ava. Estou tão feliz por você e Reid. E estou muito animada com a ideia de ser tia novamente.

Posso ouvir o alívio em sua voz quando ela diz:

— Obrigada, Quinn.

— Mas tem uma coisa.

— O quê?

— Você contou para sua mãe primeiro? Nunca vou perdoar você por isso.

Ava ri.

— Me arrependi assim que contei. Na verdade, ela disse: "Mas você vai criar seu filho na Europa? Ele vai ter sotaque!"

— Deus nos ajude.

Nós duas rimos.

— Preciso batizar um humano, Quinn. Espero que me ajude, porque Reid e eu nunca vamos concordar com um nome.

Conversamos um pouco mais. Faço as perguntas de praxe. Como ela descobriu. Consulta de rotina. Para quando é. Abril. Quando vão saber se é menina ou menino. Preferem a surpresa.

Quando a conversa chega ao fim, Ava diz:

— Antes que desligue... — Ela hesita. — Já teve resposta da última agência de adoção?

Eu me levanto e sigo até a cozinha. De repente, tenho sede.

— Sim. — Pego uma garrafa de água da geladeira, tiro a tampa e a levo até os lábios.

— Não me parece uma boa notícia.

— É o que é — argumento. — Não posso mudar o passado de Graham, e ele não pode mudar meu presente. Não tem sentido insistir.

Por um instante, Ava fica em silêncio.

— E se você tentasse uma adoção privada?

— Com que dinheiro?

— Peça para sua mãe.

— Isso não é uma bolsa, Ava. Não vou deixar sua mãe me comprar um humano. Eu ficaria em débito com ela por toda a eternidade. — Olho para a porta assim que Graham entra na sala de estar. — Tenho que ir. Amo você. Parabéns.

— Obrigada — agradece ela. — Também amo você.

Termino a ligação no momento que os lábios de Graham tocam meu rosto.

— Era Ava? — Ele estende a mão para minha garrafa de água e toma um gole.

Assinto com a cabeça.

— Sim. Ela está grávida.

Ele quase engasga com o líquido. Limpa a boca e ri um pouco.

— Sério? Pensei que ela não quisesse filhos.

Dou de ombros.

— Parece que mudaram de ideia.

Graham sorri, e amo ver que está genuinamente feliz por eles. O que odeio, no entanto, é que o sorriso se apaga e a preocupação tolda seus olhos. Ele não diz nada, mas nem precisa. Vejo a ansiedade. Não quero que me pergunte como me sinto em relação ao assunto, então abro ainda mais o sorriso e tento convencê-lo de que estou perfeitamente bem.

Porque estou. Ou vou ficar. Assim que a ficha cair.

* * *

Graham fez espaguete à carbonara. Insistiu em cozinhar essa noite. Em geral, gosto quando cozinha, mas tenho a impressão de que ele apenas insistiu em cozinhar hoje porque teme que eu possa ter uma reação negativa ao fato de que minha irmã consegue conceber por acidente, enquanto eu sequer sou capaz de engravidar após seis anos de tentativas deliberadas.

— Já teve alguma resposta da agência de adoção?

Ergo os olhos do prato e observo a boca de Graham. A boca que acaba de articular aquela pergunta. Aperto meu garfo e volto os olhos de novo para o prato.

Tínhamos passado um mês sem discutir nossos problemas de infertilidade. Ou o fato de que nenhum de nós havia tomado a iniciativa para transar desde a noite que ele dormiu no quarto de hóspedes. Eu estava torcendo para que pudéssemos passar outro mês sem tocar nesse assunto.

Assinto.

— Sim. Eles ligaram na semana passada.

Noto que ele engole em seco enquanto desvia o olhar e corre o garfo a esmo pelo prato.

— Por que não me contou?

— Estou contando agora.

— Só porque perguntei.

Não digo mais nada. Ele tem razão. Eu devia ter lhe contado semana passada, assim que recebi a ligação, mas machuca. Não gosto de falar sobre coisas que machucam. E, nos últimos tempos, tudo machuca. Motivo pelo qual mal falo.

Mas também não contei porque sei que ele ainda sente culpa pelo incidente. O incidente responsável por nossa terceira rejeição em uma agência de adoção.

— Sinto muito — lamenta ele.

Sinto um aperto no peito, porque sei que não está se desculpando pela troca de farpas. Está se desculpando por saber que fomos recusados por conta de sua antiga condenação.

Aconteceu quando ele tinha apenas 19 anos. Graham não toca muito no assunto. Quase nunca. A batida não foi sua culpa, mas por causa da quantidade de álcool em seu organismo, não fez diferença. A acusação ainda consta em seu registro e vai sempre nos tirar da corrida, já que casais sem antecedentes criminais são aprovados em nosso lugar.

Mas aquilo foi há anos. Não é algo que possa mudar, e ele tinha sido punido com rigor quando era apenas um adolescente. A última coisa de que precisa é que a própria esposa o culpe também.

— Não se desculpe, Graham. Se você se desculpar por não sermos aprovados para adoção, terei que me desculpar por não ser capaz de engravidar. As coisas são como são.

Por um instante, seus olhos encontram os meus, e vejo um brilho de admiração ali.

Ele desliza o dedo pela borda do copo.

— Nosso problema de adoção é resultado de uma má escolha que fiz. Você não pode controlar o fato de que é incapaz de conceber. Existe uma diferença.

Meu casamento com Graham não é exemplar, mas somos um perfeito exemplo de quando e onde a culpa deve ser atribuída. Ele nunca me faz sentir culpada por ser incapaz de engravidar, e eu jamais quero que se sinta culpado por uma escolha pela qual já se martiriza o bastante.

— Pode haver uma diferença, mas não muito grande. Vamos deixar isso para lá. — Estou cansada dessa conversa. Já a tivemos tantas vezes, e não muda nada. Levo outra garfada à boca, pensando em uma maneira de mudar de assunto, mas ele simplesmente continua:

— E se... — Ele se inclina para a frente agora, empurrando o prato para o centro da mesa. — E se você se candidatasse sozinha para adoção? E se me deixasse fora da equação?

Eu o encaro, sopesando tudo o que a pergunta implica.

— Não posso. Somos legalmente casados. — Ele não reage. O que significa que, com certeza, sabe o que está sugerindo. Eu me recosto na cadeira e o observo com cautela. — Está insinuando que deveríamos nos divorciar para que eu possa me candidatar por conta própria?

Graham estende o braço por cima da mesa e cobre minha mão com a sua.

— Não significaria nada, Quinn. Ainda estaríamos juntos. Mas pode aumentar nossas chances se nós simplesmente... você sabe... fingíssemos que não faço parte do quadro. Então minha condenação não afetaria nossas chances.

Analiso a ideia por um momento, mas é tão absurda quanto nossa insistência em tentar engravidar. Quem recomendaria uma mulher solteira, divorciada, para adotar uma criança no lugar de um casal casado, estável, com mais renda e oportunidades? Ser aprovado por uma agência já não é um processo simples, ser selecionado e a mãe biológica seguir com o acordo então é algo ainda mais difícil. Sem mencionar as taxas. Graham ganha duas vezes mais que eu, e, ainda assim, talvez não possamos arcar com as despesas, mesmo que eu consiga, de algum modo, ser aprovada.

— Não temos dinheiro para isso. — Espero que o argumento seja o fim da discussão, mas posso ver em sua expressão que ele tem outra proposta. Também posso ver, pelo modo como não está prontamente sugerindo seja lá o que tem em mente, que a ideia deve envolver minha mãe. Imediatamente, balanço a cabeça e pego meu prato. Levanto. — Não vamos pedir a ela. A última vez que conversei com minha mãe sobre adoção, ela me disse que Deus me daria um filho quando eu estivesse pronta. E como eu disse para Ava mais cedo, a última coisa de que

precisamos é que ela se sinta dona de um pedaço de nossa família. — Levo meu prato até a pia. Graham arrasta a cadeira para trás e se levanta.

— Foi só uma ideia — argumenta ele, me seguindo até a cozinha. — Sabe, tem um cara no trabalho que disse que a irmã tentou engravidar por sete anos. Descobriu há três meses que está grávida. O bebê nasce em janeiro.

Sim, Graham. Isso se chama milagre. E se chama milagre porque as chances de acontecer são nulas.

Abro a torneira e lavo meu prato.

— Você conversa sobre isso com seus colegas de trabalho?

Graham está ao meu lado agora, pousando o prato na pia.

— Às vezes — responde, baixinho. — As pessoas perguntam por que não temos filhos.

Posso sentir a pressão se acumulando em meu peito. Preciso pôr um ponto final nessa conversa. Quero que Graham pare de falar sobre isso também, mas ele se recosta no balcão e abaixa a cabeça.

— Ei.

Olho de esguelha para ele para indicar que estou ouvindo, então desvio minha atenção para os pratos.

— Quase não falamos mais sobre o assunto, Quinn. Não sei se isso é bom ou ruim.

— Nem uma coisa nem outra. Só estou cansada de ter a mesma conversa. Nosso casamento se resume a isso.

— Quer dizer que está conformada?

— Conformada com o quê? — Ainda não o encaro.

— Com o fato de que jamais seremos pais.

O prato escorrega de minha mão. Ele cai no fundo da pia com um ruído alto.

Mas não quebra, como acontece comigo.

Nem mesmo sei por que acontece. Estou agarrando a pia agora, e minha cabeça pende dos ombros, e as lágrimas começam a cair. Merda. Às vezes não consigo mesmo me suportar.

Graham espera alguns segundos antes de vir me consolar. Ele não me estreita nos braços, no entanto. Acho que sabe que não quero chorar agora, e me abraçar é algo que ele aprendeu que não ajuda nessas situações. Não choro na sua frente o tanto que choro sozinha, mas já o fiz um número considerável de vezes para ele entender que prefiro desabar sozinha. Ele passa a mão em meus cabelos e beija minha nuca. Então apenas toca meu braço e me afasta da pia. Ele pega o prato e

termina de lavar a louça. Faço o que faço melhor: me afasto até me sentir forte o bastante para fingir que essa conversa jamais aconteceu. E ele faz o que faz melhor: me deixa sozinha em minha dor, porque eu tornara impossível para ele me consolar.

Estamos nos tornando mestres em interpretar nossos papéis.

Capítulo nove

Antes

Estou em minha cama. Beijando Jason.
E a culpa é de Graham.

Eu nunca teria convidado Jason para meu apartamento se não houvesse encontrado Graham. Mas, por alguma razão, vê-lo me despertou... sentimentos. E assistir ao beijo que deu na têmpora de sua acompanhante me encheu de ciúmes. E observar enquanto ele segurava a mão dela sobre a mesa ao passarmos por eles me encheu de arrependimento.

Por que nunca liguei para ele?

Eu devia ter ligado.

— Quinn. — Jason havia parado de beijar meu pescoço, e agora olhava para mim com uma expressão carregada de tantas emoções que nem quero considerar no momento. — Você tem camisinha?

Minto e respondo que não.

— Desculpe. Não pensei que iria trazer você aqui essa noite.

— Tudo bem — diz ele, levando a boca até meu pescoço novamente. — Vou vir preparado da próxima vez.

Eu me sinto péssima. Tenho quase certeza de que nunca vou transar com Jason. Tenho certeza de que ele não voltará a meu apartamento depois desta noite. Tenho ainda mais certeza de que vou pedir que vá embora. Não tinha tanta certeza antes do jantar. Mas, depois de encontrar Graham, eu me dei conta

de como deveria me sentir com alguém. E a maneira como me sinto com Jason é uma pálida sombra do que sinto quando estou perto de Graham.

Jason murmura algo inaudível em meu pescoço. Seus dedos trilharam o caminho até minha blusa e sobre meu sutiã.

Graças a Deus a campainha toca.

Deslizo para fora da cama, apressada.

— Deve ser minha mãe — digo a ele, ajeitando minhas roupas. — Espere aqui. Já volto.

Jason deita de costas e me observa sair do quarto. Corro até a porta e sei exatamente quem espero que seja antes mesmo de abri-la. Mas, mesmo assim, arquejo quando espio pelo olho mágico.

Graham está parado no corredor, observando os próprios pés.

Encosto a testa na porta e fecho os olhos.

O que ele está fazendo aqui?

Tento ajeitar a blusa e o cabelo antes de abrir a porta. Quando enfim estou frente a frente com ele, fico irritada com o modo como sua presença me perturba. Graham nem mesmo me toca, e já o sinto em toda parte. Jason me toca por toda parte, e não o sinto em lugar algum.

— O que... — As palavras que acabaram de sair de minha boca são mais sussurros que voz. Pigarreio e tento outra vez. — O que você está fazendo aqui?

Graham sorri de leve, levando a mão até o batente da porta. O sorriso em seu rosto e o fato de que está mascando chiclete são duas das coisas mais sexy que já vi juntas.

— Pensei que esse era o plano.

Estou tão confusa.

— O plano?

Ele gargalha com vontade. Em seguida, inclina a cabeça. Gesticula para trás de mim, para dentro de meu apartamento.

— Pensei... — Ele aponta sobre o ombro, para trás de si. — No restaurante. Rolou esse olhar... logo antes de você ir embora. Achei que estava me convidando para vir até aqui.

Seu tom de voz é mais alto que o ideal no momento. Olho para trás para checar se Jason não saiu do quarto. Então tento esconder Graham um pouco melhor, me aproximando mais do outro lado da porta.

— Que olhar?

Os olhos de Graham se estreitam bastante.

— Você não me deu um olhar?

Balanço a cabeça.

— Não dei olhar nenhum. Nem saberia como conjurar um olhar que dissesse: "Ei, se livre de seu encontro e venha até meu apartamento hoje à noite."

Os lábios de Graham formam uma linha fina, e ele olha para o chão, ligeiramente constrangido. Então ergue os olhos.

— Ele está aqui? O cara com que você estava saindo? — pergunta, com a cabeça ainda inclinada.

Agora sou eu que me sinto constrangida. Assinto. Graham suspira e se apoia na maçaneta.

— Uau! Entendi tudo errado.

Quando me encara novamente, noto que o lado esquerdo de seu rosto está vermelho. Eu me aproximo e estendo a mão para sua bochecha.

— O que houve?

Ele sorri e segura minha mão para afastá-la de seu rosto. Mas não a solta. E não quero que solte.

— Levei um tapa. Tudo bem. Eu mereci.

Então eu vejo. O contorno de uma mão.

— Foi a garota com quem você estava?

Ele levanta um dos ombros.

— Depois do que aconteceu com Sasha, prometi ser honesto em meus relacionamentos dali em diante. Jess... a garota de hoje... não acha que isso seja uma qualidade.

— O que você disse a ela?

— Terminei com ela. Confessei que estava a fim de outra garota. E que estava a caminho do apartamento dela.

— Porque essa outra garota, supostamente, lhe deu um olhar.

Ele sorri.

— Foi o que eu achei, pelo menos. — Ele acaricia as costas de minha mão com o polegar, em seguida a solta. — Bem, Quinn. Quem sabe outra hora.

Graham recua um passo, e a sensação é de que arranca todas as minhas emoções ao se virar para ir embora.

— Graham — chamo, saindo para o corredor. Ele dá meia-volta, e não sei se vou me arrepender do que estou prestes a falar, mas vou me arrepender ainda mais se não o fizer. — Volte em quinze minutos. Vou me livrar dele.

Graham abre o perfeito sorriso agradecido, mas, antes que se vá, seus olhos desviam de meu rosto. Para alguém atrás de mim. Eu me viro e vejo Jason parado na porta. Parece furioso. E com razão.

Ele abre mais a porta e sai pelo corredor. Passa por Graham, dando um encontrão em seu ombro. Graham apenas fica parado, em silêncio, encarando o chão.

Eu me sinto péssima. Mas, se não tivesse acontecido assim, eu teria lhe dado o tiro de misericórdia quando ele saísse de meu apartamento mais tarde. Rejeição é um saco, não adianta dourar a pílula.

A porta da escada se fecha com uma batida, e nenhum de nós fala enquanto ouvimos os passos de Jason sumindo degraus abaixo. Quando tudo se acalma, Graham enfim levanta a cabeça e faz contato visual comigo.

— Ainda vai precisar daqueles quinze minutos?

Balanço a cabeça.

— Não.

Graham caminha em minha direção enquanto recuo até o apartamento. Mantenho a porta aberta para ele, certa de que não vai sair daqui tão rápido quanto da última vez. Assim que entra, fecho a porta, então me viro. Graham está sorrindo, observando a parede ao lado de minha cabeça. Sigo sua linha de visão até o Post-it que deixou ali há seis meses.

— Ainda está aqui.

Sorrio, encabulada.

— Eu teria ligado, em algum momento. Talvez.

Graham arranca a nota adesiva e a dobra ao meio, enfiando o papel no bolso.

— Você não vai precisar disso depois de hoje. Vou garantir que saiba meu número de cor, antes de ir embora amanhã.

— Isso tudo é confiança de que vai passar a noite aqui?

Graham avança um passo, determinado. Coloca a mão na porta, do lado de minha cabeça, forçando minhas costas contra a madeira. Só quando faz isso é que me dou conta de por que o acho tão atraente.

É porque ele faz com que eu me sinta atraente. O modo como olha para mim. O jeito como fala comigo. Não me lembro de alguém já ter feito eu me sentir tão bonita quanto ele faz eu me sentir quando me olha. Como se precisasse de todo o autocontrole para manter a boca longe de mim. Seus olhos caem para meus lábios. Ele se inclina mais para perto, posso sentir o sabor do chiclete que está mascando. Hortelã.

Quero que ele me beije. Quero que me beije ainda mais do que ansiei que Jason parasse de me beijar. E isso significa muita coisa. Mas, independentemente do que vai acontecer entre Graham e eu, sinto que deve começar com completa honestidade.

— Beijei Jason. Mais cedo. Antes de você chegar.

Minha confissão não parece desencorajá-lo.

— Imaginei.

Coloco as mãos em seu peito.

— Eu só... quero beijar você também. Mas é estranho, porque acabei de beijar outra pessoa. Gostaria de escovar os dentes primeiro.

Graham ri. Amo sua risada. Ele se inclina e pressiona a testa contra minha têmpora, e meus joelhos travam. Seus lábios estão bem acima de minha orelha quando fala:

— Depressa, por favor.

Eu me desvencilho dele e disparo até o banheiro. Abro a gaveta e pego minha escova e pasta de dente, como se estivesse em uma corrida contra o relógio. Minhas mãos tremem enquanto espremo a pasta na escova. Abro a torneira e começo a escovar os dentes furiosamente. Estou escovando a língua quando olho no espelho e vejo Graham entrar no banheiro atrás de mim. Rio com quão ridícula é aquela situação.

Não tinha beijado um cara em seis meses. Agora estou escovando os dentes para me livrar dos germes de um enquanto o outro espera na fila.

Graham parece se divertir com o absurdo do momento tanto quanto eu. Agora, está recostado na pia ao meu lado, assistindo enquanto cuspo pasta de dente na cuba. Lavo minha escova e então a deixo de lado, pegando um copo de vidro vazio. Eu o encho com água, tomo um gole, bochechando até ter certeza de que minha boca está o mais limpa possível. Cuspo a água e tomo outro gole. Dessa vez, no entanto, apenas engulo, porque Graham pega o copo de minha mão e o pousa na pia. Ele tira o chiclete da boca, jogando-o na lata de lixo, então usa a outra mão para segurar minha cabeça e nem mesmo pergunta se já estou pronta. Aproxima a boca da minha, seguro e impaciente, como se os últimos sessenta segundos de preparação tivessem sido pura tortura. No momento que nossos lábios se tocam, é como se uma brasa, queimando devagar por seis longos meses, finalmente explodisse em chamas.

Ele sequer se dá o trabalho de começar com um beijo lento, preliminar. Sua língua invade minha boca, como se tivesse entrado ali muitas vezes e soubesse

exatamente o que fazer. Ele me gira até minhas costas encontrarem a pia, então me levanta, me senta no balcão do banheiro e se encaixa entre minhas pernas, segurando minha bunda com as duas mãos e me pressionando contra ele. Eu o abraço, envolvendo-o com as pernas. Tento me convencer de que não passei a vida toda ignorante de que esse tipo de beijo existia.

O modo como seus lábios se movem põe em dúvida as habilidades de todo cara que veio antes de Graham.

Ele começa a aliviar a pressão, e me pego puxando-o para mim, não querendo que pare. Mas ele o faz. Lentamente. Então me dá um beijo no canto da boca antes de se afastar.

— Uau! — murmuro. Abro os olhos, e ele está me encarando. Mas não olha para mim com o mesmo fascínio que eu. Seu rosto exibe uma nítida expressão de abatimento.

Graham balança a cabeça devagar, os olhos se estreitando.

— Não acredito que você nunca me ligou. Podíamos estar nos beijando assim há meses.

O comentário me abala. Tanto que me atrapalho com as palavras quanto tento retrucar.

— Eu só... Acho que imaginei que ficar perto de você me faria lembrar de Ethan. De tudo o que aconteceu naquela noite.

Ele assente, como se entendesse.

— Quantas vezes você pensou em Ethan desde que me viu hoje, no restaurante?

— Uma — respondo. — Nesse momento.

— Bom. Porque eu não sou Ethan. — Ele me pega no colo e me leva até a cama. Então me deita e se afasta, tirando a camisa. Não tenho certeza se alguma vez toquei uma pele tão macia, firme, bonita e bronzeada. Graham sem camisa é quase perfeito.

— Gosto de seu... — Aponto para seu peito e faço um movimento circular com o dedo. — Seu corpo. É muito bonito.

Graham ri, pressionando um dos joelhos no colchão. Ele deita ao meu lado.

— Obrigado. Mas você não pode ter esse corpo agora. — Ele ajeita o travesseiro sob a cabeça, ficando à vontade.

Eu me apoio no cotovelo e franzo as sobrancelhas.

— Por que não?

— Por que a pressa? Vou passar a noite toda aqui.

Ele só pode estar brincando. Ainda mais depois daquele beijo.

— E o que devemos fazer enquanto esperamos? Conversar?

Ele ri.

— Desse jeito parece que conversar comigo é a pior ideia do mundo.

— Se conversarmos demais antes do sexo, talvez eu descubra coisas ruins sobre você. E aí o sexo não vai ser tão divertido.

Ele estende a mão e coloca meu cabelo atrás da orelha com um sorriso.

— Ou... você pode descobrir que somos almas gêmeas e o sexo será espetacular.

Ele tem certa razão.

Deito de bruços antes de cruzar os braços sobre o travesseiro e pousar a cabeça ali.

— Melhor começarmos a falar então. Você primeiro.

Graham desliza a mão por meu braço e delineia a cicatriz em meu cotovelo.

— Como arranjou essa cicatriz?

— Eu tinha 14 anos, e minha irmã mais velha e eu estávamos correndo pela casa. Não percebi que a porta de vidro estava fechada e bati direto nela. O vidro estilhaçou, e me cortei em, tipo, uns dez lugares diferentes. Mas essa foi a única cicatriz que ficou.

— Que droga.

— Você tem alguma cicatriz?

Graham se ergue um pouco e aponta para um ponto em sua clavícula, onde há uma cicatriz de uns dez centímetros, que deve ter sido um machucado bem feio.

— Acidente de carro. — Ele se aproxima e coloca a perna em cima das minhas. — Qual seu filme favorito?

— Qualquer um dos irmãos Cohen. Meu predileto é E aí, meu irmão, cadê você?

Pela sua expressão, parece que não faz ideia de que filme estou falando. Mas então ele diz:

— Nós pensamos que você... fosse um sapo.

— Droga! Mas que enrascada!

— Jesus poupa, mas George Nelson saca.

Estamos os dois rindo agora. Meu riso morre em um suspiro, e então Graham sorri com apreciação.

— Viu? Gostamos do mesmo filme. O sexo vai ser incrível.

Sorrio.

— Próxima pergunta — peço.

— Cite algo que odeia.

— Infidelidade e a maioria dos vegetais.

Graham ri.

— Você vive de nuggets e batata frita?

— Amo frutas. E tomate. Mas não sou fã de nada verde. Já tentei gostar de vegetais, mas ano passado decidi, enfim, aceitar que detesto e adicionar os nutrientes em minha dieta de outra maneira.

— Você gosta de malhar?

— Apenas em emergências — admito. — Gosto de atividades ao ar livre, mas não se forem exercícios tradicionais.

— Gosto de correr — diz ele. — Clareia as ideias. E amo qualquer vegetal, exceto tomate.

— Epa! Isso não é nada bom, Graham.

— Não, é perfeito. Você come meus tomates, eu como todos os outros vegetais de seu prato. Nenhum desperdício. Somos o par perfeito.

Gosto de seu jeito de pensar.

— O que mais? Filmes e comida são só o começo.

— Podemos falar de política e religião, mas melhor deixar esses tópicos para quando já estivermos apaixonados.

Ele fala com tanta confiança, mas também como se brincasse. De qualquer forma, concordo que devemos evitar política e religião. Esses assuntos costumam acabar em discussão mesmo quando as pessoas têm a mesma opinião.

— Definitivamente concordo em não falar das duas coisas.

Graham segura meu punho e o puxa de baixo de minha cabeça. Entrelaça os dedos aos meus e pousa nossas mãos entre nós. Tento não pensar muito no quanto acho o gesto fofo.

— Qual seu feriado favorito? — pergunta ele.

— Todos. Mas tenho uma queda pelo Halloween.

— Não esperava essa resposta. Gosta do Halloween por causa das fantasias ou dos doces?

— Os dois, mas principalmente pelas fantasias. Amo me montar.

— Qual a melhor fantasia que já usou?

Penso no assunto por um momento.

— Provavelmente quando meus amigos e eu nos vestimos de Milli Vanilli. Dois de nós falávamos a noite toda, enquanto os outros dois ficavam parados na nossa frente, dublando tudo o que era dito.

Graham rola de costas e ri.

— Que genial! — diz ele, olhando para o teto.

— Você se fantasia no Halloween?

— Não tenho nada contra, mas nunca me fantasiei quando namorava Sasha, porque ela sempre escolhia algo comum e vulgar. Uma animadora de torcida vulgar. Uma enfermeira vulgar. Uma puritana vulgar. — Ele hesita por um segundo. — Não me entenda mal. Amo uma fantasia vulgar. Não tem nada de errado em uma mulher mostrar seus atributos, se é o que ela quer fazer. É só que Sasha nunca me pediu para me fantasiar. Acho que, na verdade, ela queria toda a atenção, não a coisa da fantasia de casal.

— Que saco. Tantas chances desperdiçadas.

— Não é? Eu podia ter me vestido de quarterback vulgar.

— Bem, se ainda estivermos nos falando quando o Halloween chegar, podemos combinar fantasias vulgares.

— Se ainda estivermos nos falando? Quinn, Halloween é daqui a dois meses. Vamos estar quase morando juntos até lá.

Reviro os olhos.

— Você é muito confiante.

— Pode chamar assim.

— A maioria dos homens pressiona para fazer sexo logo. Mas você me dispensa uma noite e aparece seis meses depois, só para me dar um toco outra vez e me forçar a conversar. Não sei se devo me preocupar.

Graham ergue uma sobrancelha.

— Não quero que tenha uma imagem errada de mim. Sou super a favor de sexo no primeiro encontro, mas você e eu temos uma eternidade para isso.

Sei que está brincando pelo modo como tenta manter a expressão neutra. Eu me desencosto do travesseiro e levanto a sobrancelha.

— Não tenho nada contra sexo. Compromisso eterno é que pega.

Graham passa o braço sob mim e me aperta contra si, fazendo minha cabeça repousar em seu peito.

— Você que manda, Quinn. Se preferir que a gente finja que não somos almas gêmeas por mais alguns meses, por mim tudo bem. Sou um ótimo ator.

Rio de seu sarcasmo.

— Almas gêmeas não existem.

— Eu sei — retruca ele. — Não somos almas gêmeas. Almas gêmeas são idiotas.

— Estou falando sério.

— Eu também. Muito sério.

— Você é um palhaço.

Ele encosta os lábios em meu cabelo, beijando o topo de minha cabeça.

— Que dia é hoje?

Ele é tão aleatório. Levanto a cabeça e o encaro.

— Oito de agosto. Por quê?

— Só quero que nunca se esqueça do dia em que o universo conspirou para nos reunir outra vez.

Pouso a cabeça em seu peito de novo.

— Você está pressionando demais. Vai acabar me assustando.

Seu peito se move com o riso silencioso.

— Não, não vou. Vai ver só. Daqui a dez anos, no dia oito de agosto, vou me revirar em nossa cama à meia-noite e sussurrar: "Eu avisei".

— Você é tão convencido assim?

— Muito.

Eu rio. Rio um bocado enquanto conversamos. Não sei quanto tempo ficamos na mesma posição, conversando, mas ainda tenho um milhão de perguntas quando começo a bocejar. Luto contra o sono, porque falar com ele é ainda mais relaxante que dormir, e quero lhe perguntar coisas a noite toda.

Eventualmente, Graham vai até a cozinha para pegar um copo de água. Quando volta ao quarto, apaga a luz e deita na cama às minhas costas, de conchinha. Sinceramente, não é o que eu esperava desta noite. Não depois do modo como me abordou no restaurante, e, então, apareceu em meu apartamento. Pensei que ele tivesse uma só coisa em mente.

Não podia estar mais enganada.

Envolvo seus braços com os meus e fecho os olhos.

— Achei que a história de não transar fosse brincadeira — sussurro.

Eu o sinto rir brevemente.

— Ficar de calça fechada não é tão fácil quanto parece. — Ele se esfrega em minha bunda para reforçar seu argumento. Posso senti-lo duro contra o jeans.

— Isso deve doer — provoco. — Tem certeza de que não quer mudar de ideia?

Ele me aperta mais, beijando um ponto perto de minha orelha.

— Nunca estive tão confortável.

As palavras me fazem enrubescer no escuro, mas não respondo. Não tenho uma resposta boa o bastante. Fico quieta por vários minutos até que ouço sua respiração se acalmar em um padrão regular. Logo antes de eu adormecer, Graham sussurra em meu ouvido:

— Achei que nunca mais veria você.

Sorrio.

— Ainda posso sumir.

— Não suma.

Tento dizer: "Não vou sumir", mas ele coloca a mão entre meu rosto e a almofada e faz com que eu vire a cabeça até sua boca alcançar a minha. Um beijo na medida certa. Não muito breve, mas não tão longo que pudesse levar a algo mais. É o beijo perfeito para o momento perfeito.

Capítulo dez

Agora

— Mais dois batons — avisa Gwenn. Ela desliza o batom muito vermelho sobre meu lábio superior, mas sai tanto da linha que o sinto tocar o nariz.

— Você é muito boa nisso — elogio, rindo.

Estamos na casa dos pais de Graham para um jantar em família. Graham está no chão, brincando com Adeline, a filha de 5 anos de sua irmã Caroline. Gwenn, com 3 anos, está no sofá, me maquiando. Os pais dele estão na cozinha, preparando a comida.

É assim que passamos a maioria dos domingos. Sempre gostei desses domingos, mas, ultimamente, eles se tornaram meus dias favoritos no mês. Não sei por que as coisas são mais fáceis aqui, comigo cercada pela família de Graham, mas são. É mais fácil sorrir. É mais fácil parecer feliz. É mais fácil até mesmo deixar Graham me amar.

Percebi que há uma diferença no modo como o trato em público e como o trato em nossa casa. Em casa, quando estamos somente os dois, sou mais reservada. Evito seu toque e seu beijo porque, no passado, essas coisas sempre acabavam em sexo. E agora tenho tanto medo de sexo, que também temo as coisas que levam a ele.

Mas, quando estamos assim, quando sua afeição não leva a nada, anseio por isso. Gosto quando me toca. Quando me beija. Amo me aconchegar a ele no

sofá. Não sei se nota a diferença em meu comportamento. Se sim, não deixa transparecer.

— Terminei — anuncia Gwenn. Ela se atrapalha tampando o batom que acabou de passar em meus lábios. Eu o pego de sua mão e a ajudo a fechá-lo.

Graham me encara do chão.

— Cacete, Quinn! Quer dizer... caramba.

Sorrio para Gwenn.

— Você me deixou bonita?

Ela começa a dar risadinhas.

Vou até o banheiro e rio quando me vejo no espelho. Estou convencida de que inventaram a sombra azul apenas para esse propósito. Para que crianças de 3 anos as usem em adultos.

Estou lavando o rosto quando Graham entra no banheiro. Ele me observa no espelho e faz uma careta.

— O quê? Não gostou?

Ele beija meu ombro.

— Você está linda, Quinn. Sempre.

Termino de limpar o rosto, mas os lábios de Graham não abandonam meu ombro. Ele deixa um rastro de pequenos beijos em meu pescoço. Saber que aquele beijo não vai levar a sexoesperançaangústia me faz aproveitá-lo mais que se estivesse acontecendo no banheiro de nossa casa.

Isso é tão perturbador. Não entendo como as ações de Graham podem me despertar diferentes reações, dependendo do contexto. Mas, no momento, não vou questionar nada, porque ele parece não questionar nada. Parece estar aproveitando.

Ele continua atrás de mim, me pressionando contra a pia enquanto sua mão passeia por meu quadril e alcança a frente de minha coxa. Seguro a pia e o observo pelo espelho. Graham ergue os olhos e encara meu reflexo enquanto segura a barra do vestido e vai subindo os dedos por minhas coxas.

Faz um mês e meio desde a última vez que tomou a iniciativa. Nosso maior hiato. Sei, pelo modo como as coisas terminaram em nossa última transa, que estava aguardando que eu começasse as coisas. Mas não o fiz.

Já passou tanto tempo desde que me tocou que minha reação parece intensificada.

Fecho os olhos quando sua mão invade minha calcinha. Estou arrepiada dos pés à cabeça, e saber que aquilo não pode ir muito longe me faz querer Graham,

sua boca e suas mãos por todo o meu corpo.

A porta está aberta, e alguém pode cruzar o corredor a qualquer momento, mas isso apenas corrobora a ideia de que a sessão de amasso vai acabar em um segundo. Motivo pelo qual minha mente me permite aproveitar o momento ao máximo.

Ele me invade com um dedo e desliza o polegar em meu centro, e é o prazer mais intenso que seu toque me proporcionou em mais de um ano. Minha cabeça pende para trás, encostando em seu ombro, e ele guia minha boca em direção à sua. Gemo no instante em que seus lábios cobrem os meus. Graham me beija com fome e impaciência, como se estivesse desesperado para extrair o máximo possível do momento antes que eu o afaste.

E continua me beijando com urgência por todo o tempo que me toca. Me beija até que eu goze, e, enquanto soluço e tremo em seus braços, ainda não para de me beijar e de me tocar antes que o momento passe completamente.

Sem pressa, tira a mão da calcinha, mergulhando a língua em minha boca uma vez mais. Então se afasta, e agarro a pia a minha frente, respirando com dificuldade. Ele beija meu ombro, sorrindo ao sair do banheiro, rindo como se tivesse acabado de conquistar o mundo.

Levo vários minutos para me recompor. Eu me certifico de que meu rosto não está mais ruborizado antes de voltar à sala de estar. Graham está deitado no sofá, assistindo à televisão. Abre espaço para mim, me puxando para perto. De vez em quando, me beija ou eu o beijo, e tudo parece igual a antes. E finjo que está tudo bem. Finjo que qualquer outro dia da semana é como os domingos na casa dos pais de Graham. É como se todo o restante desaparecesse quando estamos aqui, e somos somente eu e Graham sem sombra de fracasso.

Depois do jantar, Graham e eu nos oferecemos para lavar a louça. Ele liga o rádio, e nos encostamos à pia juntos. Eu lavo, ele seca. Ele fala do trabalho, eu escuto. Quando começa a tocar uma música do Ed Sheeran, minhas mãos estão cobertas de espuma, mas Graham me puxa para perto mesmo assim e começa a dançar comigo. Nós nos agarramos um ao outro e mal nos movemos enquanto dançamos, seus braços ao redor de minha cintura, os meus em volta de seu pescoço. Sua testa está colada à minha, e, embora saiba que ele está me observando, mantenho os olhos fechados e finjo que somos perfeitos. Dançamos sozinhos até que a música chegue ao fim, mas Caroline entra na cozinha e nos flagra.

Seu terceiro filho deve nascer em poucas semanas. Ela segura um prato de papelão com uma das mãos, e a outra repousa na lombar. Revira os olhos com a cena.

— Nem posso imaginar como vocês são quando estão sozinhos se parecem um polvo em público. — Ela joga o prato na lata de lixo e se dirige para a sala. — Devem ser o típico casal irritante, que transa duas vezes ao dia.

Quando a porta da cozinha se fecha, ficamos sozinhos, a música acaba, e Graham me encara. Sei que o comentário de sua irmã o fez refletir sobre meus sentimentos. Sinto que ele quer me perguntar por que amo tanto seu toque em público, mas o rechaço em privado.

Mas ele não toca no assunto e me dá uma toalha para secar as mãos.

— Está pronta para irmos embora?

Assinto com a cabeça, mas também percebo que está prestes a começar... A tensão crescente na boca do estômago. A preocupação de que ser carinhosa com ele na casa de sua mãe o faça acreditar que quero sua atenção em casa.

Eu me sinto a pior esposa do mundo. Não faço isso por falta de amor. Mas talvez, se houvesse alguma forma de demonstrar melhor meu amor, eu não o faria.

Mesmo sabendo como sou injusta, isso não me impede de mentir para ele no caminho de casa.

— Acho que estou começando a ter uma enxaqueca — digo, encostando a testa no vidro da janela do lado do passageiro de nosso carro.

Quando entramos em casa, Graham me diz para deitar e descansar um pouco. Cinco minutos depois, ele me traz um copo de água e uma aspirina. Desliga a luz e sai do quarto, e choro porque odeio no que transformei esse casamento.

O coração de meu marido é minha salvação, mas seu toque se tornou um inimigo.

Capítulo onze

Antes

Posso sentir o calor de seu corpo junto ao meu. Fico feliz que ele continue aqui mesmo com o sol já tendo nascido.

Sinto Graham se mexer antes de abrir os olhos. Sua mão busca a minha embaixo do travesseiro, e ele entrelaça nossos dedos.

— Bom dia.

Quando abro os olhos, estou sorrindo. Ele levanta o outro braço e acaricia meu rosto com o polegar.

— O que eu perdi enquanto você dormia? Você sonhou?

Acho que aquela foi a coisa mais doce que alguém já me disse. Não sei se isso é bom ou ruim.

— Tive um sonho estranho. Você estava nele.

Ele se ergue, soltando minha mão e se apoiando no cotovelo.

— Sério? Me conte.

— Sonhei que você aparecia aqui, vestido dos pés à cabeça como um mergulhador. Então você me pedia para vestir meu traje de mergulho porque íamos nadar com tubarões. Eu disse que tinha medo de tubarão, e você falou: "Mas, Quinn, aqueles tubarões são, na verdade, gatos!" E depois eu falei: "Mas eu tenho medo do oceano". E você retrucou: "Mas, Quinn, esse oceano é, na realidade, um parque."

Graham ri.

— O que aconteceu depois?

— Vesti meu traje de mergulho, óbvio! Mas você não me levou ao oceano nem ao parque. Me levou para encontrar sua mãe. E fiquei tão constrangida e tão zangada com você porque eu estava vestindo um traje de mergulho à mesa de jantar de minha sogra.

Graham rolou de costas, gargalhando.

— Quinn, esse é o melhor sonho da história dos sonhos.

Sua reação me faz querer lhe contar todos os sonhos que eu tiver pelo resto da vida.

Fico feliz quando se aproxima de mim e me olha como se não houvesse outro lugar onde preferisse estar. Ele se inclina para a frente e cola a boca na minha. Quero ficar na cama com ele o dia todo, mas Graham se afasta e diz:

— Estou com fome. Tem alguma coisa para comer?

Assinto, mas, antes que possa sair da cama, eu o puxo de volta e dou um beijo em seu rosto.

— Gosto de você, Graham. — Eu me desvencilho dele e vou para o banheiro.

Ele grita atrás de mim.

— Lógico que você gosta de mim, Quinn. Sou sua alma gêmea.

Eu rio ao fechar a porta do banheiro. Então quero morrer quando me olho no espelho. Puta merda. Tenho rímel borrado por todo o rosto; uma espinha apareceu na testa da noite para o dia. O cabelo está uma bagunça, mas não daquele jeito sexy, sedutor. Está uma zona. Como se um rato tivesse feito seu ninho ali durante a noite.

Gemo e depois berro:

— Vou tomar um banho!

— Estou procurando comida! — grita Graham da cozinha.

Duvido que ache alguma. Não guardo muita coisa na despensa, porque raramente cozinho, já que moro sozinha.

Entro debaixo do chuveiro. Não faço a mínima ideia se ele vai ficar por aqui depois do café, mas, enquanto tomo banho, dedico especial atenção a certas áreas apenas por desencargo de consciência.

Estou debaixo do chuveiro há três minutos quando escuto a porta do banheiro abrir.

— Não tem nada para comer.

O som de sua voz em meu banheiro me assusta tanto que quase escorrego e caio. Seguro a barra do boxe e me endireito, mas logo largo a barra para cobrir meus seios quando vejo a cortina do boxe se mover.

Graham enfia a cabeça dentro do boxe. Ele olha direto para meu rosto, e para nenhum outro lugar, mas continuo a tentar de tudo para me esconder.

— Não tem nada de comer aqui. Só uns biscoitos e uma caixa de cereal fora da validade. — Ele diz isso como se não fosse nada incomum me ver nua. — Quer que eu vá comprar alguma coisa?

— Hmm... Ok. — Meus olhos estão arregalados. Ainda me sinto chocada com sua invasão confiante.

Graham sorri, mordendo o lábio inferior. Seus olhos começam a percorrer meu corpo com lentidão.

— Meu Deus, Quinn — sussurra. Ele fecha a cortina do boxe e diz: — Volto num minuto. — Antes de deixar o banheiro, eu o ouço murmurar: — Merda.

Não posso evitar um sorriso. Amo como ele faz eu me sentir.

Dou meia-volta e encaro o jato de água de olhos fechados enquanto deixo a água quente castigar meu rosto. Não consigo decifrar Graham. Ele tem a dose certa de confiança e arrogância. Mas equilibra isso com um lado irreverente. É engraçado, inteligente e muito intenso, mas parece genuíno.

Genuíno.

Se tivesse de descrevê-lo em uma só palavra, seria essa.

O que me surpreende, porque nunca pensei isso de Ethan. Sempre houve uma parte de mim que achava sua aparente perfeição uma mera atuação. Como se ele tivesse aprendido a dizer todas as coisas certas, mas não fosse algo inerente. Era como se ensaiasse a versão de si mesmo que apresentava a todo mundo.

Mas, com Graham, tenho a impressão de que ele é quem tem sido a vida toda.

Eu me pergunto se vou aprender a confiar nele. Depois do que passei com Ethan, fiquei com a impressão de que isso nunca iria acontecer.

Quando termino o banho, eu me seco e visto uma camiseta e uma calça de ioga. Não faço ideia se Graham tem alguma intenção de passar o dia por aqui, mas, até descobrir, vou optar pelo conforto.

Quando volto para o quarto, pego o celular na mesinha de cabeceira e noto várias mensagens.

Salvei meu contato em seu telefone. É Graham. Sua alma gêmea.

O que você quer comer?

McDonald's? Starbucks? Donuts?

Ainda está tomando banho?
Você gosta de café?
Não consigo parar de pensar em você no banho.
Ok, então. Vou comprar bagels.

Estou no quarto, guardando a roupa lavada, quando ouço Graham abrir a porta da frente. Vou até a sala, e ele está arrumando a mesa do café. Com muito café.

— Você não especificou o que queria, então eu trouxe tudo.

Meus olhos assimilam a caixa de donuts, a embalagem do McDonald's, e a do Chick-fil-A. Ele até trouxe bagels. E algo da Starbucks.

— Está tentando recriar a cena do café da manhã de Uma linda mulher, quando Richard Gere pede todo o cardápio? — Sorrio e me sento à mesa.

Ele franze o cenho.

— Quer dizer que isso já foi feito antes?

Dou uma mordida em um donut açucarado.

— Sim. Você vai precisar ser mais original se quiser me impressionar.

Ele se senta a minha frente e tira a tampa de um copo da Starbucks. Lambe o creme.

— Acho que vou ter que cancelar a limusine branca que deveria estacionar perto da saída de incêndio hoje de tarde.

Dou uma risada.

— Obrigada pelo café.

Ele se recosta na cadeira, recolocando a tampa no copo.

— Quais são seus planos para hoje?

Dou de ombros.

— É sábado. Estou de folga.

— Não sei nem o que você faz da vida.

— Sou redatora de uma firma de publicidade no centro. Nada extraordinário.

— Nada em relação a você é ordinário, Quinn.

Ignoro o elogio.

— E você?

— Nada extraordinário. Sou contador de uma firma no centro.

— Um cara de exatas, é?

— Minha primeira opção era ser astronauta, mas a ideia de deixar a atmosfera da Terra é meio aterrorizante. Números não são exatamente uma ameaça a minha vida, então acabei preferindo isso. — Ele abre uma das embalagens e pega um biscoito. — Acho que devemos transar hoje. — Ele morde o biscoito. — A noite toda — acrescenta de boca cheia.

Quase engasgo com o pedaço que acabei de engolir. Pego o café que ele trouxe para mim e tomo um gole.

— Você acha, é? O que mudou de ontem para hoje?

Ele quebra um pedaço do biscoito e o joga na boca.

— Ontem, eu estava sendo educado.

— Então suas boas maneiras são apenas fachada?

— Não, sou um cara decente. Mas também me sinto muito atraído por você e quero ver você nua outra vez. — Ele sorri para mim. É um sorriso tímido e tão fofo que me faz sorrir.

— Alguns homens são traídos e se tornam vingativos. Você foi traído e acabou brutalmente honesto.

Ele ri, mas não fala mais nada sobre a possibilidade de transarmos hoje. Comemos em silêncio por um minuto, então ele pergunta:

— O que você fez com seu anel de noivado?

— Eu mandei para a mãe de Ethan.

— E o que fez com o meu?

Um sorriso discreto cruza meus lábios.

— Fiquei com ele. Às vezes até uso. É bonito.

— Quer saber com o que eu fiquei? — indaga ele, depois de me observar por um momento.

Assinto com a cabeça.

— Com nossas sortes.

Leva um tempo para eu me dar conta do que ele está falando.

— Da comida chinesa e da traição?

— Isso.

— Você ficou com aquilo?

— Com certeza.

— Por quê?

— Porque sim. — Ele baixa o olhar para o café e balança o copo em pequenos círculos. — Se visse o que tem na parte de trás, não estaria me perguntando isso.

Eu me inclino na cadeira e o encaro com desconfiança. Ethan e eu abríamos aqueles biscoitos da sorte o tempo todo. Sei exatamente o que tem na parte de trás das tiras de papel, porque sempre achei esquisito. A maioria das sortes traz uma sequência numérica, mas aquele restaurante coloca apenas um número nas deles.

— Só tem um número na parte de trás daquelas sortes.

— Isso mesmo. — Ele tem um brilho malicioso nos olhos.

Inclino a cabeça.

— O quê? Eles tinham o mesmo número ou algo assim?

Ele me encara, sério.

— O número oito.

Sustento seu olhar e fico refletindo por alguns segundos. Na noite passada, ele me perguntou sobre a data. Oito de agosto.

8/8.

O dia em que nos reencontramos.

— Está falando sério?

Graham continua sério por um instante, mas então relaxa e solta uma gargalhada.

— Estou brincando. A sua tinha um sete na parte de trás, e a minha, um cinco ou coisa assim. — Ele se levanta e leva o lixo para a cozinha. — Fiquei com elas porque sou neurótico por limpeza e não quis sujar o piso do corredor. Esqueci que estavam em meu bolso até chegar em casa naquela noite.

Fico me perguntando o quanto disso é verdade.

— Mas você guardou mesmo até hoje?

Ele pisa no pedal da lixeira, e a tampa abre.

— Guardei. — Graham caminha de volta para a mesa e me levanta da cadeira. Envolve minha cintura com os braços e me beija. É um beijo doce, com sabor de caramelo e açúcar. Sua boca segue até minha bochecha, e ele me beija ali, então me puxa contra o peito. — Você sabe que eu só estava brincando, não é? Não acredito de verdade que vamos passar o resto de nossas vidas juntos. Por enquanto.

Meio que gosto da provocação. Muito. Abro a boca para responder, mas o telefone dele toca. Graham levanta um dedo e tira o celular do bolso, então atende de pronto.

— Oi, gata. — Então cobre a base do aparelho e sussurra: — É minha mãe. Não surte.

Dou uma risada e o deixo à vontade enquanto começo a arrumar a mesa. Não creio que tudo aquilo que ele comprou vá caber em minha geladeira.

— Não muito — diz Graham. — Papai está jogando golfe? — Eu o observo conversar com a mãe. Ele age com tanta naturalidade. Quando converso com minha mãe, fico tensa e no limite, revirando os olhos durante todo o bate-papo. — Sim, topo o jantar. Posso levar alguém? — Ele cobre o telefone e olha para mim. — Prepare seu traje de mergulho, Quinn.

Não sei se rio da piada ou se começo a surtar. Ainda nem sei o sobrenome dele. Não quero conhecer seus pais. Apenas articulo um "não" com firmeza.

Ele pisca para mim.

— O nome dela é Quinn — ele responde a pergunta da mãe enquanto me observa. — Sim, é bem sério. Estamos saindo já faz um tempo.

Reviro os olhos para suas mentiras. Ele é incorrigível.

— Espere um minuto, vou perguntar a ela. — Dessa vez, ele não tampa o celular. Na verdade, berra mais alto que o necessário, já que estamos separados por poucos passos. — Gata! Você prefere torta ou bolo de frutas para sobremesa?

Eu me aproximo para que ele possa ouvir a seriedade em meu tom.

— Ainda nem tivemos um encontro oficial — sussurro. — Não quero conhecer sua mãe, Graham.

Ele cobre o telefone dessa vez e gesticula para a mesa.

— Acabamos de ter cinco encontros — murmura. — Chick-fil-A, McDonald's, donuts, Starbucks... — Graham volta a encostar o telefone na orelha. — Ela prefere torta. Nos vemos por volta das seis? — Uma pausa, então. — Ok. Também amo você.

Ele encerra a ligação e coloca o telefone no bolso. Estou encarando-o, séria, mas não dura muito, pois ele se aproxima e me faz cócegas até que eu ria. Então me pressiona contra ele.

— Não se preocupe, Quinn. Quando provar o tempero dela, nunca mais vai querer ir embora.

Suspiro profundamente.

— Você não é nada como eu esperava.

Ele beija o topo de minha cabeça.

— Isso é bom ou ruim?

— Não faço a menor ideia.

Capítulo doze

Agora

Quando paro na rua de Caroline, vejo o carro de Graham estacionado na garagem. Mas parece que, fora sua irmã e o marido, somos os únicos aqui. Eu me sinto aliviada.

Caroline teve o filho ontem de manhã. Um parto em casa. Na verdade, é o primeiro menino na família de Graham desde o nascimento dele.

Carolina é a única irmã de Graham que vive em Connecticut. Tabitha mora em Chicago com a esposa. Ainsley é advogada e está sempre se mudando. Ela viaja quase tanto quanto Ava e Reid. Às vezes sinto um pouco de inveja de seu estilo de vida despreocupado, mas sempre tive outras prioridades.

Graham e eu somos bem presentes na vida das duas filhas de Caroline. Além do tempo que passamos com elas aos domingos, de vez em quando levamos as duas a passeios ou ao cinema para dar algum tempo livre a Caroline e seu marido. Suspeito que, com a chegada do filho, vamos passar ainda mais tempo com as meninas.

Adoro ver Graham com elas. Ele é brincalhão e ama fazê-las rir. Mas também está sempre preocupado com o bem-estar físico e mental das duas. Responde a todo "Mas por quê?" com paciência e honestidade. E, embora ainda sejam crianças, ele as trata como iguais. Caroline brinca que, toda vez que saem com a gente, elas começam cada frase com: "Mas o tio Graham disse..."

Amo tanto o relacionamento que ele tem com as sobrinhas, e vê-lo com o pequeno bebê me deixa ainda mais emocionada em testemunhar seu papel de

tio. Ocasionalmente, em momentos como esse, me deixo levar e imagino o excelente pai que seria, mas me recuso a deixar nossa situação deprimente manchar sua experiência com a família. Então visto minha máscara de felicidade e me certifico de nunca permitir um vislumbre de tristeza.

Ensaio o sorriso no retrovisor. Sorrir costumava ser natural para mim, mas, hoje em dia, quase todo sorriso em meu rosto é falso.

Quando chego à porta da frente, não sei se toco a campainha ou apenas entro. Se o bebê ou Caroline estiverem dormindo, vou me sentir péssima em acordar alguém. Empurro a porta, e a entrada da casa está silenciosa. Ninguém está sentado na sala de visitas, embora haja embrulhos ainda fechados enfileirados no sofá. Atravesso a sala e deixo meu presente e de Graham na mesinha perto do sofá.

Caminho em direção a uma cozinha silenciosa, e então ao refúgio onde Caroline e a família passam a maior parte do tempo. É uma expansão, adicionada à construção logo depois do nascimento de Gwenn. Metade do cômodo é usado como sala de estar; a outra metade, como uma sala de jogos para as meninas.

Estou quase lá, mas paro à porta assim que vejo Graham. Ele está de costas para mim, perto do sofá, segurando seu novo sobrinho, embalando nos braços o recém-nascido embrulhado em um cobertor. Suponho que, se nossa situação fosse diferente, esse seria um momento de pura adoração por meu marido: observá-lo ninar o sobrinho bebê. Em vez disso, sinto uma dor por dentro. Me pergunto em que ele está pensando neste instante. Será que uma pequena parte de Graham se ressente por eu não ter sido capaz de lhe proporcionar um momento assim?

Ninguém pode me ver parada ali, já que Graham está de costas para mim e estou fora da linha de visão de sua irmã, provavelmente sentada no sofá. Ouço sua voz quando diz:

— Você nasceu para isso.

Observo a reação de Graham a suas palavras, mas ele não demonstra nenhuma. Apenas continua a olhar para o sobrinho.

Em seguida Caroline fala algo que me faz segurar a parede a minhas costas.

— Você seria um ótimo pai, Graham. — As palavras cruzam o ar e me atingem na outra sala.

Tenho certeza de que ela nunca diria isso se soubesse que eu podia ouvi-la. Espero a resposta de Graham, curiosa se ele sequer tem uma.

Ele tem.

— Eu sei — retruca em voz baixa, olhando para Caroline. — Fico arrasado que ainda não tenha acontecido.

Levo a mão à boca, porque tenho medo do que pode acontecer caso não o faça. Talvez soluce ou chore ou vomite.

Estou no carro agora.

Dirigindo.

Não pude encará-lo depois daquilo. Aquelas poucas frases confirmaram todos os meus medos. Por que Caroline tocou no assunto? Por que ele respondeu com tamanha franqueza, mas jamais me disse a verdade sobre seus sentimentos?

Foi a primeira vez que me senti como se desapontasse sua família. O que as irmãs falam para ele? O que a mãe diz? Será que o desejo de que ele tenha filhos é maior do que a torcida para que continue casado comigo?

Nunca analisei o assunto por essa perspectiva. Não gosto de como esses pensamentos fazem eu me sentir. Me sinto envergonhada. Como se, talvez, eu não esteja apenas impedindo Graham de ter um filho, mas também privando sua família de amar uma criança que Graham seria perfeitamente capaz de gerar se não fosse por mim.

Paro o carro em uma vaga para me recompor. Seco as lágrimas e digo a mim mesma para esquecer o que ouvi. Pego o celular na bolsa para enviar uma mensagem a Graham.

O trânsito está péssimo. Diga a Caroline que só vou conseguir dar uma passada lá amanhã.

Aperto enviar e me reclino no banco, tentando com afinco apagar aquela conversa da memória, mas a revivo repetidas vezes.

Você seria um ótimo pai, Graham.

Eu sei. Fico arrasado que ainda não tenha acontecido.

* * *

Duas horas depois, estou parada em frente à geladeira quando Graham finalmente volta da casa de Caroline. Quando estou estressada, costumo limpar a geladeira, e foi exatamente o que fiz na última meia hora. Ele coloca suas coisas no balcão da cozinha. As chaves, a maleta, uma garrafa de água. Caminha até

mim e se inclina, me dando um beijo no rosto. Forço um sorriso e, quando o faço, percebo que aquele é o sorriso mais difícil que já precisei fingir.

— Como foi a visita? — pergunto a ele.

Ele estende a mão para dentro da geladeira, desviando-se de mim.

— Boa. — Ele pega um refrigerante. — O bebê é fofo.

Parece tão descontraído, como se hoje não tivesse admitido, em voz alta, que se sente arrasado por não ser pai.

— Você chegou a segurar o bebê?

— Não. Ele estava dormindo.

Lanço um olhar para ele. Por que ele acabou de mentir para mim?

É como se as paredes internas de meu peito se incendiassem enquanto tento manter as emoções sob controle, mas não posso ignorar a declaração de que se sente arrasado porque ainda não é pai. Por que ele continua aqui?

Fecho a porta da geladeira, embora não tenha limpado as prateleiras laterais. Preciso sair da cozinha. Sinto muita culpa quando olho para ele.

— Vou trabalhar até tarde hoje à noite. Tenho muito trabalho atrasado. O jantar está no micro-ondas se estiver com fome. — Vou até meu escritório. Antes de fechar a porta de vez, olho novamente para a cozinha.

As mãos de Graham estão sobre o balcão, e sua cabeça pende dos ombros. Fica assim por quase um minuto inteiro, mas então se afasta com brusquidão, como se estivesse zangado com alguma coisa. Ou com alguém.

Antes de eu fechar a porta do escritório, ele olha em minha direção. Nossos olhares se encontram. Nós nos encaramos por alguns segundos, e é a primeira vez que o vejo como um completo estranho. Não faço a menor ideia do que está pensando agora.

É nesse momento que eu devia lhe perguntar em que está pensando. É nesse momento que eu devia lhe confessar em que estou pensando. É nesse momento que eu devia ser honesta e admitir que, talvez, devêssemos abrir aquela caixa.

Mas, em vez de ser corajosa e enfim falar a verdade, canalizo meu covarde interior. Desvio o olhar e fecho a porta.

Continuamos a dança.

Capítulo treze

Antes

Cada minuto que passei com ele hoje me surpreendeu mais que o anterior.

Toda vez que abre a boca ou sorri ou me toca, só consigo pensar: No que diabos Sasha estava pensando quando decidiu trair esse homem com Ethan?

Azar de umas, sorte de outras.

A casa de seus pais é tudo o que imaginei que seria. Cheia de risos, histórias e pais que olham para o filho como se ele tivesse caído direto do céu. Graham é o mais novo de quatro irmãos e o único menino. Não encontrei nenhuma de suas irmãs hoje, porque duas delas vivem em outro estado e a terceira precisou furar o jantar.

Graham se parece com o pai, um homem forte, com olhos tristes e uma alma alegre. A mãe é toda pequena. Mais baixa que eu, mas transmite uma aura de confiança ainda mais impressionante que a de Graham.

Ela me trata com desconfiança. Parece querer gostar de mim, mas é como se também não quisesse ver o filho de coração partido outra vez. Ela deve ter gostado de Sasha em algum momento. Tenta arrancar algo sobre nosso "relacionamento", mas Graham não lhe dá nada de concreto.

— Há quanto tempo estão saindo juntos?

— Faz um tempo — responde ele, colocando o braço sobre meus ombros.

Um dia.

— Graham já conheceu seus pais, Quinn?

— Algumas vezes. Eles são ótimos — diz Graham.

Nunca. E eles são terríveis.

A mãe sorri.

— Que ótimo. Onde se conheceram?

— No prédio de meu escritório.

Não sei nem onde ele trabalha.

Graham está se divertindo. Toda vez que inventa uma história sobre nós, aperto sua perna ou o cutuco enquanto tento engolir o riso. A certa altura, ele diz à mãe que nós nos conhecemos por causa de uma máquina automática.

— O pacote de balas dela ficou preso na máquina, então coloquei um dólar e comprei um para mim também, tentando soltar o dela. Mas você não vai acreditar no que aconteceu. — Ele olha para mim, me encorajando a terminar a história. — Conte a eles o que houve, Quinn.

Aperto sua perna com tanta força que ele estremece.

— A máquina engoliu o pacote de balas dele também — invento.

Graham ri.

— Dá pra acreditar? Nenhum de nós conseguiu as balas. Então levei Quinn à praça de alimentação para almoçar, e o desenrolar dessa história vocês já sabem.

Precisei morder a bochecha para segurar o riso. Por sorte, ele estava certo quanto à comida da mãe, então passei o restante da refeição com a boca cheia. A mãe dele é uma excelente cozinheira.

— Quer conhecer a casa? — pergunta Graham, quando ela vai até a cozinha para terminar a torta.

Pego sua mão, e ele me conduz para fora da sala de jantar. Assim que ficamos a sós, eu lhe dou um tapinha.

— Você mentiu para seus pais, tipo, umas vinte vezes em menos de uma hora!

Ele segura minhas mãos e me puxa para perto.

— Mas foi divertido, não foi?

Não consigo conter o sorriso que insiste em se abrir.

— Sim, foi mesmo.

Graham cobre minha boca com a sua e me beija.

— Quer o tour padrão em uma casa padrão ou prefere ir ao porão, conhecer meu quarto de quando era garoto?

— Isso nem merece uma resposta.

Ele me guia até o porão e acende a luz. Um pôster desbotado da tabela periódica está pendurado na parede da escada. Quando chegamos ao fim dos

degraus, ele acende outra lâmpada, revelando um quarto de menino que parece não ter sido tocado desde que ele saiu de casa. É como um portal secreto direto para a mente de Graham Wells. Durante o jantar, finalmente descobri seu sobrenome.

— Ela se recusa a redecorar — explica, entrando de costas no cômodo. — Ainda durmo aqui quando estou de visita. — Ele chuta uma bola de basquete jogada no chão. Está murcha, então mal rola para longe. — Odeio isso aqui. Lembra o ensino médio.

— Não gostava do ensino médio?

Ele faz um gesto indicando o quarto.

— Eu gostava de ciências e matemática mais do que gostava de garotas. Dá pra imaginar como foi meu ensino médio.

Sua cômoda está coberta de troféus e porta-retratos. Nem um único prêmio esportivo à vista. Pego uma de suas fotos de família e a examino de perto. É uma foto de Graham e suas três irmãs mais velhas. Todas se parecem muito com a mãe. E então, no meio, se vê o pré-adolescente magro, com aparelho nos dentes.

— Uau!

Ele para atrás de mim, olhando por cima de meu ombro.

— Eu era o modelo perfeito do adolescente esquisito.

Coloco a foto de volta na cômoda.

— Ninguém poderia imaginar isso agora.

Graham caminha até a cama e se senta na colcha de Star Wars. Ele se reclina, apoiado nas mãos, e me admira enquanto continuo a xeretar o quarto.

— Já disse a você o quanto gosto desse vestido?

Estudo meu vestido. Não estava pronta para encontrar os pais do homem que nem meu namorado é, então não tinha muita roupa limpa. Escolhi um vestido simples de algodão azul-marinho e coloquei um suéter branco por cima. Quando saí do quarto, antes de deixarmos meu apartamento, Graham me saudou como se eu fosse da Marinha. Logo dei meia-volta para me trocar, mas ele me impediu e disse que eu estava bonita de verdade.

— Sim, você disse — afirmo, passando o peso do corpo para os calcanhares.

Seu olhar sobe por minhas pernas, devagar.

— Mas não vou mentir. Realmente preferia que você tivesse usado seu traje de mergulho.

— Nunca mais vou contar meus sonhos.

— Você tem que contar. Todos os dias, pelo tempo que estivermos juntos — diz ele, rindo.

Sorrio e dou uma volta para ler alguns dos prêmios nas paredes. São tantos.

— Você é inteligente? — Olho para ele. — Tipo, inteligente mesmo?

Ele dá de ombros.

— Só um pouco acima da média. Consequência de ser um nerd. Não tinha o menor talento com as garotas, então passava a maior parte do tempo aqui, estudando.

Não sei dizer se está brincando porque, mesmo sem ter pistas de como ele era no ensino médio, baseado no que sei sobre ele agora, eu diria que era o quarterback do time e namorado da capitã das líderes de torcida.

— Você ainda era virgem quando se formou no ensino médio?

Ele franze o nariz.

— Só transei quando era calouro na universidade. Eu tinha 19 anos. Porra, não tinha nem beijado uma garota quando fiz 18. — Ele se inclina para a frente, pousando as mãos nos joelhos. — Na verdade, você é a primeira garota que eu trago aqui embaixo.

— Mentira. E Sasha?

— Ela veio jantar algumas vezes, mas nunca mostrei meu antigo quarto. Não sei por quê.

— Até parece. Deve dizer o mesmo para todas que traz aqui. Então seduz as garotas em sua colcha de Star Wars.

— Abra a gaveta de cima — pede ele. — Garanto que tem uma camisinha perdida aí desde que fiz 16 anos.

Abro a gaveta e vasculho o conteúdo. Parece uma gaveta de bagulhos. Recibos velhos, pastas de arquivo, moedas. Uma camisinha no fundo. Dou uma risada e a pego, virando-a nos dedos.

— Perdeu a validade há três anos. — Observo Graham, e ele está olhando para a camisinha em minha mão, como se ponderasse quão acuradas são essas datas. Coloco a camisinha no sutiã. — Vou guardar.

Graham sorri para mim, com admiração. Gosto de como olha para mim. Já me senti fofa antes. Até mesmo bonita. Mas não tenho certeza se já me senti sexy antes de conhecê-lo.

Ele se inclina para a frente outra vez, chegando até a beirada da cama, e me chama com o dedo, querendo que eu me aproxime. Está com aquele brilho no

olhar. O mesmo brilho daquela noite no restaurante, quando tocou meu joelho. Aquele brilho arde em mim agora, como fez no outro dia.

Avanço alguns passos, mas paro a alguns centímetros de Graham. Ele se endireita.

— Chegue mais perto, Quinn. — O desejo em sua voz reverbera em meu peito e em meu ventre.

Dou mais um passo. Ele desliza a mão para a parte de trás de meu joelho e me puxa até estreitar a distância entre nós. Seu toque arrepia minhas pernas e meus braços.

Ele me olha de baixo, eu o olho de cima. Sua cama é rente ao chão, então sua boca está perigosamente próxima de minha calcinha. Engulo em seco quando a mão que havia me segurado pelo joelho começa a deslizar suavemente até a parte de trás de minha coxa.

Não estou preparada para a sensação que seu toque desperta em mim. Fecho os olhos e oscilo um pouco, me apoiando com as mãos em seus ombros. Eu o encaro de novo, no momento em que seus lábios pressionam minha barriga, coberta pelo vestido.

Ele sustenta meu olhar enquanto desliza a outra mão para a parte de trás de minha outra coxa. Estou completamente tomada pela batida de meu coração. Sinto a pulsação por toda parte, tudo de uma vez.

Graham segura a barra de meu vestido e desliza as mãos, pouco a pouco, por minhas coxas acima até minha cintura, em seguida pressiona os lábios no alto de minha coxa. Movo as mãos para seu cabelo, arfando em silêncio enquanto seus lábios passeiam sobre minha calcinha.

Puta merda.

Posso sentir o calor intenso de sua boca quando ele me beija naquele ponto. Um beijo suave, bem na frente de minha calcinha, mas não importa o quão delicado é. Eu o sinto em meu âmago, e ele me faz estremecer.

Fecho os dedos em seu cabelo, me pressionando ainda mais contra sua boca. Suas mãos agora estão em minha bunda, me puxando em sua direção. Os beijos leves se transformam em beijos intensos, e, antes mesmo que ele tenha a chance de tirar minha calcinha, um tremor me percorre, inesperado, repentino, explosivo.

Eu me afasto com um soluço, mas Graham me puxa de volta para sua boca, me beijando lá embaixo com ainda mais intensidade, até que estou agarrando seus ombros, buscando seu apoio para me manter de pé. Todo o meu corpo

começa a convulsionar, e luto para me manter em silêncio e ereta enquanto o quarto inteiro gira a meu redor.

Meus braços tremem, minhas pernas amolecem conforme seus beijos chegam ao fim. Ele desliza a boca por minha coxa e olha para cima, para mim. Preciso de toda a força para não desviar o olhar quando ele levanta ainda mais meu vestido e beija a pele nua da minha barriga.

Graham me segura pela cintura. Estou completamente sem fôlego e um pouco atônita com o que acabou de acontecer. E com quão rápido aconteceu. E com o fato de que quero mais. Quero me deitar sobre ele e usar aquela camisinha.

— Quão precisa você acha que é aquela data de validade? — pergunta Graham, como se pudesse ler minha mente.

Monto em seu colo, ponderando a seriedade da pergunta. Roço os lábios nos dele.

— Tenho certeza de que a data de validade é só precaução.

Graham segura minha nuca e mergulha a língua em minha boca, me beijando com um gemido. Ele enfia os dedos dentro de meu sutiã e pega a camisinha, então para de me beijar apenas tempo o suficiente para abrir a embalagem com os dentes. Ele nos gira, me pressionando contra a colcha de Star Wars. Engancho os polegares no cós da calcinha e a deslizo para baixo enquanto ele abre o zíper do jeans. Estou deitada de costas na cama quando ele se ajoelha no colchão e coloca a camisinha. Nem tenho tempo de estudá-lo melhor antes que deite em cima de mim.

Ele me beija enquanto me penetra devagar. Todo o meu corpo se contrai, e eu gemo. Talvez um pouco alto demais, porque ele ri contra minha boca.

— Shh — pede com os lábios nos meus lábios, com um sorriso. — Teoricamente, estamos passeando pela casa agora. Não um pelo outro.

Dou uma risada, mas, assim que ele começa a me penetrar ainda mais, prendo a respiração.

— Caramba, Quinn. — Graham respira em meu pescoço, então faz outra investida. A essa altura, nós dois soamos um pouco escandalosos. Ele se acalma dentro de mim enquanto tentamos ao máximo ser tão silenciosos quanto possível. Eu arquejo quando ele volta se mover, mas Graham cobre minha boca com a sua, me beijando com paixão.

Ele alterna entre me beijar e me observar, e faz as duas coisas com uma intensidade que não tenho certeza se já presenciei. Seus lábios pairam sobre os

meus, encontrando-os de vez em quando enquanto tentamos nos manter em silêncio. Seus olhos estão fixos nos meus conforme ele se move dentro de mim.

Ele está me beijando de novo quando começa a gozar.

Sua língua toca o fundo de minha boca, e só sei que ele está chegando ao orgasmo porque prende a respiração e para de se mexer por alguns segundos. É muito sutil, porque está lutando para se manter tão quieto quanto possível. Os músculos de suas costas se contraem sob minhas palmas, e nem uma única vez ele desvia os olhos dos meus, mesmo quando se afasta de meus lábios.

Espero que desmorone sobre mim, sem fôlego, mas não faz isso. De algum modo, se segura, mesmo depois de gozar, me estudando como se temesse perder algo. Ele inclina a cabeça e me beija de novo. E, mesmo quando sai de mim, ainda não desmorona sobre meu corpo. Coloca o peso sobre seu flanco e deita ao meu lado, sem interromper o beijo.

Corro a mão por seu cabelo e o seguro contra minha boca. Nós nos beijamos por tanto tempo que quase esqueço onde estou.

Quando toma fôlego, Graham me observa silenciosamente por um instante, a mão ainda em meu rosto, então inclina a cabeça e me beija de novo, como se não soubesse como parar. Também acho que não sei como parar. Queria mais que tudo que estivéssemos em outro lugar. Minha casa... sua casa... qualquer lugar que não nos obrigue a parar e voltar lá para cima em algum momento.

Não sou inexperiente quando o assunto é sexo. Mas acho que sou inexperiente quanto a isso. A sensação de não querer que termine mesmo muito depois de ter acabado. A sensação de desejar me enterrar em seu peito para ficar ainda mais perto. Talvez isso não seja novo para ele, mas, pelo modo como me observa entre beijos, eu diria que há mais confusão que familiaridade em sua expressão.

Vários segundos se passam enquanto nos encaramos. Nenhum de nós fala. Talvez ele não tenha nada a dizer, mas não consigo falar por conta da implacável intensidade brotando em meu peito. O sexo foi ótimo. Rápido, mas incrível.

Mas o que está acontecendo nesse momento... a incapacidade de desapegar... o desejo de que os beijos não parem... não ser capaz de desviar o olhar... Não sei dizer se é uma parte do sexo que nunca experimentei ou se é algo mais profundo. Como se, talvez, o sexo não fosse o mais íntimo. Talvez haja todo um nível de conexão que eu nem sabia que poderia existir.

Graham fecha os olhos por alguns segundos, então encosta a testa na minha. Depois de um rápido suspiro, ele se afasta, quase como se tivesse de se forçar a

fechar os olhos para nos separar. Me ajuda a levantar, e procuro minha calcinha enquanto se livra da camisinha e fecha o zíper do jeans.

Ficamos em silêncio enquanto me visto. Não nos encaramos. Ele pega a embalagem rasgada da camisinha do chão e a joga na lata de lixo ao lado da cama.

Agora estamos de frente um para o outro. Meus braços estão cruzados, e ele olha para mim como se não tivesse certeza de que os últimos quinze minutos de fato existiram. Eu devolvo o olhar como se quisesse uma reprise.

Ele abre a boca, prestes a falar alguma coisa, mas, então, apenas dá um aceno rápido de cabeça e um passo à frente, segura meu rosto e me beija outra vez. É um beijo rude, como se dissesse que ainda não tinha terminado. Eu correspondo ao beijo com igual intensidade. Depois de um minuto, ele começa a andar de costas, na direção das escadas. Nós nos separamos para tomar fôlego, e ele só ri, pressionando os lábios contra meu cabelo.

Subimos dois degraus antes de me dar conta de que não me olhei num espelho. Acabei de transar com esse homem e estou prestes a sorrir para seus pais. Penteio freneticamente o cabelo com os dedos e ajeito o vestido.

— Como estou?

Graham sorri.

— Como se tivesse acabado de transar.

Tento lhe dar um tapinha, mas ele é mais rápido; segura minhas mãos e nos gira até minhas costas estarem coladas à parede da escada. Ele ajeita alguns fios soltos do cabelo, então passa os polegares debaixo de meus olhos.

— Pronto — diz ele. — Está linda. E inocente, como se tivesse dado um simples passeio pela casa. — Ele me beija de novo, e sei que sua intenção era ser rápido e gentil, mas seguro sua cabeça e o puxo para mais perto. Não me canso de seu gosto. Quero apenas estar de volta a meu apartamento, em minha cama com ele, beijando-o. Não quero ter que voltar lá para cima e fingir que quero torta, quando tudo que quero é Graham.

— Quinn — murmura, segurando meus punhos e os pressionando contra a parede. — Quão rápido você acha que consegue comer uma fatia de torta?

É bom saber que temos as mesmas prioridades.

— Muito rápido.

Capítulo catorze

Agora

Apesar de Graham sempre voltar para casa cheirando a cerveja nas noites de quinta, nunca o vi, de fato, bêbado. Acho que prefere não tomar mais que uma ou duas cervejas por vez, porque ainda se sente culpado pela perda do amigo, Tanner, há muitos anos. A sensação de embriaguez provavelmente o lembra da própria angústia. Do mesmo modo que o sexo me lembra de minha angústia.

Eu me pergunto por que ele está angustiado esta noite.

É a primeira vez que precisa ser trazido em casa por um colega de trabalho em uma quinta-feira à noite. Observo da janela enquanto Graham tropeça na direção da porta da frente, um dos braços jogado ao acaso em volta do sujeito que está tentando fazê-lo chegar ao lar.

Caminho até a entrada e destranco e abro a porta. Graham ergue os olhos e me lança um sorriso largo.

— Quinn!

Ele acena para mim; voltando a cabeça na direção do amigo ao seu lado.

— Quinn, esse é meu bom amigo, Morris. Ele é meu bom amigo.

Morris assente, constrangido.

— Obrigada por trazê-lo para casa — agradeço, então estendo a mão e ajudo Graham a se separar do amigo, colocando seu braço em meus ombros. — Onde está o carro dele?

Morris aponta por cima do ombro com o polegar no momento que o carro de Graham é estacionado na entrada da garagem. Outro colega de trabalho de Graham salta do carro. Eu o reconheço do escritório. Acho que se chama Bradley.

Bradley caminha até a porta da frente enquanto Graham coloca os dois braços ao meu redor, transferindo ainda mais peso para mim. Bradley me passa as chaves e ri.

— É a primeira vez que conseguimos fazê-lo beber mais de duas cervejas — explica ele, indicando Graham com a cabeça. — Ele é bom em muitas coisas, mas não tem resistência ao álcool.

Morris dá uma risada.

— Amador.

Os dois se despedem com um aceno e seguem para o carro de Morris. Entro em casa com Graham e fecho a porta.

— Eu ia pegar um táxi — balbucia Graham. Ele me solta e caminha até a sala de estar, desabando no sofá. Eu riria e acharia a situação engraçada se não estivesse tão preocupada com a possibilidade de que o motivo que o levou a beber tanto essa noite tenha algo a ver com quanto estava chateado depois de segurar o sobrinho recém-nascido no colo. Ou talvez fossem as mágoas de nosso casamento que quisesse afogar.

Vou até a cozinha para pegar um copo de água para ele. Quando volto à sala, Graham está sentado ereto no sofá. Eu lhe estendo o copo, assimilando como seus olhos parecem diferentes. Ele está sorrindo para mim enquanto toma um gole. Não parecia tão feliz há muito tempo. Vê-lo bêbado faz com que eu me dê conta de como parece triste quando está sóbrio. Não percebi que sua tristeza o consumia ainda mais que de costume. É provável que eu não tenha notado porque a tristeza é como uma teia de aranha. Você não a vê até ser capturado por ela e então precisa lutar para se libertar.

Eu me pergunto há quanto tempo Graham vem tentando se libertar. Parei de lutar havia anos. Apenas deixo a teia me consumir.

— Quinn — diz Graham, deixando a cabeça cair no sofá. — Você é bonita pra caralho. — Seus olhos devoram meu corpo, então param na minha mão. Ele envolve meu punho em seus dedos e me puxa para si. Estou tensa. Não me rendo. Queria que ele estivesse bêbado o bastante para desmaiar no sofá. Em vez disso, está bêbado apenas o suficiente para esquecer que não tomou a iniciativa

desde aquela noite em que dormiu no quarto de hóspedes. Está bêbado apenas o bastante para fingir que não temos discutido tanto quanto temos feito.

Graham se inclina para a frente e me agarra pela cintura, me puxando para o sofá, ao seu lado. Seu beijo é embriagador e fluido. Ele me deita de costas. Meus braços estão acima da cabeça, e sua língua, em minha boca, e Graham tem um gosto tão bom que esqueço de me fechar para ele por um momento. O momento se transforma em dois, e logo minha camiseta está enrolada na cintura e as calças dele estão abertas. Toda vez que abro os olhos e o observo, está me encarando com olhos tão diferentes dos meus. Tão alheios ao desânimo que permanentemente exibo.

A ausência de tristeza em Graham é intrigante o suficiente para que eu o deixe me possuir, mas não intrigante o bastante para me fazer reagir com o mesmo abandono com que ele me toma.

No início de nosso casamento, costumávamos transar quase diariamente, mas era a quinta-feira que eu aguardava ansiosamente. Era uma de minhas noites preferidas na semana. Eu vestia uma lingerie e o esperava no quarto. Às vezes enfiava uma de suas camisetas e o aguardava na cozinha. Na verdade, não importava o que eu estivesse usando. Ele cruzava a porta, e, de repente, eu não tinha mais nada no corpo.

Não faltava sexo em nosso casamento; conheço cada palmo de seu corpo. Entendo cada gemido que solta e o que cada gemido significa. Sei que gosta de ficar por cima na maior parte do tempo, mas jamais se importou quando assumi o controle. Sei que gosta de manter os olhos abertos. Sei que ama beijar durante a transa. Sei que gosta de transar pela manhã, mas prefere tarde da noite. Sei tudo que há para saber sobre ele em relação ao sexo.

No entanto, nos últimos dois meses... não transamos nem uma vez. O mais próximo que chegamos disso até agora foi quando nos pegamos no banheiro da casa de seus pais.

Ele não tomou a iniciativa desde então, nem eu. E não conversamos sobre a última vez que transamos. Não precisei acompanhar minha ovulação a partir de então, e, honestamente, tem sido um grande alívio. Após passar, enfim, alguns meses sem verificar meu ciclo, eu me dei conta de que preferia nunca mais transar. Se eu nunca mais transasse, então todo mês, quando minha menstruação descesse, seria exatamente o que eu estava esperando, e não um sentimento avassalador.

Tento conciliar minha necessidade de evitar sexo com meu desejo por Graham. Só porque não desejo sexo não quer dizer que não o deseje. Agora, apenas me obrigo a sentir outro tipo de desejo. Um desejo emocional. São meus desejos físicos que não acabam bem. Desejo seu toque, mas, se permitir que me toque, acaba em sexo. Desejo seu beijo, mas, se o beijar por muito tempo, acaba em sexo. Desejo seu lado sedutor, mas, se apreciar demais, acaba em sexo.

Quero tanto curtir meu marido sem a única coisa que sei ser imprescindível a ele, a coisa que eu menos quero. Mas ele faz tantos sacrifícios por mim; sei que, às vezes, eu devia fazer o mesmo por ele. Só queria que o sexo não fosse um sacrifício para mim.

Mas é. E um que decido fazer por ele esta noite. Já se passou tanto tempo, e ele tem sido muito paciente.

Ergo uma das pernas para as costas do sofá e levo a outra ao chão quando ele me penetra. Seu hálito quente envolve meu pescoço conforme ele investe contra mim repetidas vezes.

Hoje é dia treze.

Qual é a data daqui a catorze dias?

— Quinn — murmura ele, os lábios mal tocando os meus. Mantenho os olhos fechados e o corpo descontraído, permitindo que me use em uma foda terapêutica a fim de curar a bebedeira. — Me beije, Quinn.

Abro a boca, mas continuo de olhos fechados. Meus braços estão relaxados acima da cabeça, e conto nos dedos os dias desde minha última menstruação. Sequer estou ovulando? Quase termino de contar quando Graham pega minha mão direita e a envolve em seu pescoço. Ele enterra o rosto em meu cabelo enquanto agarra uma de minhas pernas e a enlaça na cintura.

Não estou.

Já se passaram cinco dias de minha ovulação.

Suspiro profundamente, desapontada que não haja a menor chance de aquilo resultar em algo. Já é difícil o bastante me forçar a continuar a fazer amor, então a noção de que esse momento nem mesmo conta me enche de arrependimento. Por que não aconteceu na semana passada em vez disso?

Graham hesita. Anseio por seu gozo, mas nada nele tensiona. Ele tira o rosto de meu cabelo e me encara. Suas sobrancelhas estão franzidas, e ele balança a cabeça, em seguida a pousa em meu pescoço novamente.

— Será que você não pode pelo menos fingir que ainda me deseja? Às vezes sinto como se fizesse amor com um zumbi.

Suas próprias palavras o fazem parar.

Lágrimas escorrem por meu rosto quando ele sai de mim, arrependido.

Seu hálito é quente em meu pescoço, mas dessa vez odeio a sensação. Odeio o modo como cheira a cerveja, o que lhe deu coragem de me dizer aquelas palavras.

— Me largue.

— Me desculpe. Me desculpe.

Pressiono as mãos em seu peito, ignorando o imediato e intenso arrependimento em sua voz.

— Sai de mim, porra.

Ele rola de lado, segurando meu ombro, tentando me arrastar com ele.

— Quinn, não foi minha intenção. Estou bêbado, me desculpe...

Pulo do sofá e praticamente saio correndo da sala, sem aceitar suas desculpas. Vou direto para o chuveiro para lavar a sensação de Graham em mim e deixo a água purgar minhas lágrimas.

Será que você não pode pelo menos fingir que ainda me deseja?

Fecho os olhos com força enquanto a humilhação me invade.

Às vezes sinto como se fizesse amor com um zumbi.

Com raiva, limpo as lágrimas. Óbvio que ele sente que está fazendo amor com um zumbi. Porque está. Há anos não me sinto viva por dentro. Aos poucos, tenho apodrecido, e essa podridão agora consome meu casamento a ponto de eu não conseguir mais disfarçar.

E Graham não consegue mais suportar.

Quando termino o banho, penso que vou encontrá-lo em nossa cama, mas ele não está ali. Provavelmente está tão bêbado que desmaiou no sofá. Por mais furiosa que esteja com sua declaração, também sinto pena suficiente para checar se está bem.

Quando atravesso a cozinha escura a caminho da sala, não o noto encostado ao balcão até passar ao seu lado e ele agarrar meu braço. Arquejo, surpresa.

Ergo os olhos, pronta para gritar, mas não consigo. É difícil gritar com alguém por dizer a verdade. A lua lança uma luz suave pelas janelas, e posso ver que a tristeza voltou a seus olhos. Ele não diz nada. Apenas me puxa para si e me abraça.

Não... ele se prende a mim.

A parte de trás de minha camiseta está amarfanhada em dois sólidos punhos conforme ele intensifica o abraço. Posso sentir seu pesar por ter deixado aquelas

palavras escaparem de sua boca, mas Graham não pede perdão de novo. Apenas me abraça em silêncio, porque sabe que, a essa altura, um pedido de desculpas é inútil. Pedidos de desculpas são ótimos para admitir arrependimento, mas de pouco valem para esvaziar a verdade das ações que causaram remorso.

Permito que me abrace até minha mágoa abrir um abismo entre nós. Eu me afasto e baixo o olhar para os pés por um momento, me perguntando se quero dizer algo a ele; me perguntando se ele vai me dizer algo. Quando o cômodo continua em silêncio, eu me viro e vou para nosso quarto. Ele me segue, mas tudo o que fazemos é rastejar até a cama, dar as costas um ao outro e evitar o inevitável.

Capítulo quinze

Antes

Engoli a fatia de torta em cinco dentadas.

Os pais de Graham pareceram um pouco confusos com nossa saída apressada. Ele disse à mãe que tínhamos ingressos para uma queima de fogos e precisávamos ir antes que perdêssemos o grand finale. Fiquei aliviada por ela não ter pescado o trocadilho na mentira.

Quase não conversamos no caminho de volta. Graham diz que gosta de dirigir com as janelas abertas à noite. Ele liga o rádio e pega minha mão, segurando-a durante todo o trajeto até minha casa.

Quando chegamos a meu apartamento, abro a porta e caminho até a metade da sala de estar antes de me dar conta de que ele não me acompanhou. Dou meia-volta, e ele está encostado ao batente, como se não tivesse a menor intenção de entrar.

Noto uma expressão preocupada em seu rosto, então caminho de volta até a porta.

— Está tudo bem?

Ele assente, mas o gesto não convence. Os olhos passeiam pela sala, em seguida encontram os meus com muita gravidade. Eu estava me acostumando ao lado brincalhão e sarcástico de Graham. Agora o lado intenso, sério, ressurgiu.

Graham desencosta da porta e passa uma das mãos pelo cabelo.

— Talvez isso seja... muito intenso. Muito rápido.

Sinto o rosto esquentar; não de um jeito bom, mas de um jeito tão carregado de irritação que deixa o peito em chamas.

— Você está de sacanagem? Foi você que me obrigou a encontrar seus pais antes mesmo de eu saber seu sobrenome. — Levo a mão à testa, completamente atordoada com sua decisão de desistir agora. Depois de me foder. Dou uma risada, não acreditando em minha estupidez. — Isso é surreal.

Recuo para fechar a porta, mas ele avança e a abre, me puxando pela cintura.

— Não. — Ele balança a cabeça com convicção. — Não. — Ele me beija, mas se afasta antes que eu sequer tenha a chance de rejeitá-lo. — É só que... Deus, não consigo encontrar as palavras nesse momento. — Sua cabeça pende para trás, como se não fosse capaz de digerir a própria confusão. Ele me solta e segue para o corredor, então anda de um lado para o outro enquanto organiza os pensamentos. Parece tão atormentado quanto da primeira vez que o vi. Também estava andando de um lado para o outro naquele dia, do lado de fora do apartamento de Ethan.

Graham dá um passo em minha direção, agarrando o batente da porta.

— Passamos um dia juntos, Quinn. Um. Tem sido perfeito e divertido, e você é tão bonita. Quero pegar você no colo e levar você até sua cama, e ficar dentro de você a noite toda, e amanhã, e depois, e é... — Ele passa uma das mãos pelo cabelo rebelde, depois aperta a própria nuca. — Está dando um nó em minha cabeça, e sei que, se não me afastar agora, vou ficar bem decepcionado quando você perceber que não sente o mesmo.

Levo pelo menos dez segundos antes de compreender tudo o que acabou de dizer. Minha boca se abre, e, antes que eu possa admitir que tem razão, que é mesmo tudo muito intenso e muito rápido, solto:

— Sei o que quer dizer. É assustador.

Ele se aproxima.

— É.

— Você já se sentiu assim antes? Tão rápido?

— Nunca. Nem perto.

— Eu também não.

Ele desliza a mão em meu pescoço e enfia os dedos em meu cabelo. Sua outra mão pressiona a curva de minhas costas e me puxa para ele. Graham murmura a pergunta contra meus lábios:

— Você quer que eu vá embora?

Respondo com um beijo.

Nenhum de nós questiona nada do que acontece depois. Não há arrependimentos quando ele fecha a porta com o pé. Nenhum receio de que isso esteja indo rápido demais quando rasgamos as roupas um do outro. Nenhum de nós hesita no caminho até o quarto.

E, pela próxima hora, a única pergunta que faz é:

— Quer que eu fique por cima agora?

Graham só precisa que eu responda uma vez, mas digo sim pelo menos cinco vezes antes do fim.

Agora, ele está deitado de costas, comigo atracada a ele, como se não houvesse meio metro de colchão nos ladeando. Nossas pernas estão entrelaçadas, e minha mão desenha círculos em seu peito. Temos ficado em silêncio na maior parte do tempo desde que terminamos, mas não por falta do que dizer. Acho apenas que estamos refletindo sobre como nossas vidas eram há dois dias em comparação ao que são agora.

É muito para assimilar.

Graham corre os dedos por meu braço, para cima e para baixo. Seus lábios pousam no topo de minha cabeça em um beijo rápido.

— Ethan tentou reconquistar você?

— Sim, por algumas semanas. — Acho que seu fracasso fica implícito. — E Sasha?

— Sim — responde ele. — Ela foi incansável. Me ligava três vezes ao dia, por um mês. Meu correio de voz vivia entupido.

— Você devia ter trocado de número.

— Não podia. Era a única maneira de você me encontrar.

A confissão me faz sorrir.

— Eu com certeza nunca ia ligar — admito. — Deixei seu número na parede porque gostava de como me fazia sentir. Mas não achei que seria uma boa ideia, levando em conta como nos conhecemos.

— Ainda pensa assim?

Deslizo para cima dele, e sua expressão preocupada se desmancha com um sorriso.

— A essa altura, pouco me importa como nos conhecemos, só me interessa que o fizemos.

Graham beija o canto de minha boca, entrelaçando nossas mãos.

— Na verdade, achei que tivesse aceitado Ethan de volta, e por isso nunca me ligou.

— Eu nunca o aceitaria de volta. Ainda mais depois de tentar culpar Sasha pelo caso. Ele a pintou como uma sedutora, disse que o iludiu. Até mesmo a chamou de puta uma vez. Foi a última vez que falei com ele.

Graham balança a cabeça.

— Sasha não é uma puta. É uma pessoa razoavelmente decente, que, às vezes, toma decisões terríveis e egoístas. — Ele me deita de costas e começa a deslizar um dedo preguiçosamente sobre minha barriga em círculos. — Tenho certeza de que fizeram aquilo porque pensaram que não seriam pegos.

Não faço ideia de como consegue tratar o assunto com tanta calma. Fiquei tão brava nas semanas após a traição de Ethan. Levei para o lado pessoal, como se eles tivessem tido um caso apenas para pesar em nossa consciência. Graham vê o caso como se houvesse acontecido apesar de nós.

— Você ainda fala com ela?

— De jeito nenhum — responde ele, com uma risada. — Só porque não acredito que Sasha é uma pessoa ruim não significa que quero manter algum contato com ela.

Sorrio diante dessa verdade.

Graham beija a ponta de meu nariz, em seguida recua.

— Está aliviada com o que aconteceu? Ou sente falta dele?

As perguntas não parecem nascer do ciúme. Graham dá a impressão de estar apenas curioso sobre coisas que aconteceram em minha vida. E por isso respondo com total honestidade.

— Senti saudades por um tempo, mas agora que tive a chance de refletir, entendo que não tínhamos, de fato, nada em comum. — Rolo de lado e apoio a cabeça na mão. — Em tese, tínhamos muito em comum. Mas aqui — toco meu coração — não fazia sentido. Eu o amava, mas não creio que era o tipo de amor que pudesse enfrentar um casamento.

Graham ri.

— Você fala como se o casamento fosse um furacão de categoria 5.

— Não o tempo todo. Mas acredito que haja períodos de categoria 5 em todo casamento. Acho que Ethan e eu não teríamos sobrevivido a esses momentos.

Graham olha para o teto, perdido em pensamentos.

— Sei o que quer dizer. Eu teria decepcionado Sasha como marido.

— Por que diabos pensa isso?

— Tem mais a ver com ela que comigo. — Graham estende a mão, toca meu rosto e limpa alguma coisa.

— Então ela seria uma esposa decepcionante. Não faria de você um marido decepcionante.

Graham sorri para mim com simpatia.

— Você se lembra do que dizia seu biscoito da sorte?

Dou de ombros.

— Já faz um tempo. Alguma coisa sobre imperfeições, acompanhada de um erro ortográfico.

Graham solta uma risada.

— Dizia: se você iluminar apenas suas imperfeições, todas as suas qualidades ficarão na sombra.

Amo que ele tenha guardado minha sorte. Amo ainda mais que a tenha memorizado.

— Somos cheios de defeitos. Centenas deles. São como pequenos furos em nossa pele. E, como sua sorte disse, às vezes prestamos muita atenção em nossas imperfeições. Mas algumas pessoas tentam ignorar as próprias falhas ao destacar as dos outros, a ponto de torná-las seu único foco. Elas as cutucam, pouco a pouco, até que se rasgam, e é só o que nos tornamos para essas pessoas. Uma gigantesca imperfeição. — Graham me encara, e, muito embora suas reflexões sejam um pouco melancólicas, ele não parece desapontado. — Sasha é esse tipo de pessoa. Se eu tivesse casado com ela, não importa o quanto tentasse evitar, em algum momento ela se decepcionaria comigo. É incapaz de se concentrar nas qualidades das outras pessoas.

Fico feliz por ele. A ideia de Graham preso em um casamento infeliz me deixa triste. E a ideia de quase acabar em um casamento infeliz me afeta de modo visceral. Franzo o cenho, compreendendo que, por pouco, não vivenciei esse tipo de casamento. Observo minha mão, inconscientemente esfregando meu dedo anelar nu.

— Ethan costumava fazer o mesmo. Mas não percebi até depois do rompimento. Eu me dei conta de que me sentia mais feliz sem ele que com ele. — Encaro Graham outra vez. — Por muito tempo, achei que ele era bom para mim. Me sinto tão ingênua. Não confio mais em meu próprio julgamento.

— Não seja tão dura consigo mesma — argumenta ele. — Agora você já sabe exatamente o que deve procurar. Quando conhecer alguém bom, ele não vai encher você de insegurança, focando em seus defeitos. Vai encher você de inspiração, porque vai iluminar suas qualidades.

Rezo para que ele não consiga sentir a intensidade das batidas de meu coração neste instante. Engulo em seco, então gaguejo uma resposta patética:

— Isso é... mesmo lindo.

Seu olhar intenso não vacila até ele fechar os olhos e colar a boca à minha. Nós nos beijamos em silêncio por um momento, mas é tão forte que quase não consigo respirar quando nos separamos. Baixo o olhar e inspiro discretamente antes de encará-lo de novo. Abro um sorriso forçado, na tentativa de acalmar a intensidade em meu peito.

— Não acredito que você guardou aquela sorte.

— Não acredito que deixou meu número de telefone na parede por seis meses.

— Touché.

Graham estende a mão para meu rosto e desliza o polegar por meus lábios.

— Na sua opinião, qual seu pior defeito?

Beijo a ponta de seu dedo.

— Família conta como defeito?

— Não.

Penso no assunto um pouco mais.

— Tenho muitos. Mas acho que o que eu mais gostaria de mudar se pudesse é minha inabilidade de ler as pessoas. É difícil para mim olhar uma pessoa e saber exatamente no que está pensando.

— Não creio que haja muitas pessoas capazes disso. Elas apenas pensam que são.

— Talvez.

Graham se ajeita, enroscando minha perna sobre ele, enquanto seus olhos brilham divertidos. Ele se inclina para a frente e roça os lábios nos meus, me provocando com um golpe de sua língua.

— Tente me ler agora — sussurra. — No que estou pensando? — Ele se afasta e desce o olhar para minha boca.

— Você está pensando em se mudar para Idaho e comprar uma fazenda de batatas.

Ele ri.

— É exatamente no que estou pensando, Quinn. — Ele deita de costas, me puxando para cima de seu corpo. Eu me apoio em seu peito e sento, montada em Graham.

— E você? Qual seu pior defeito?

O sorriso desaparece do rosto de Graham, e seus olhos ficam tristes novamente. A variação em sua expressão é tão extrema. Quando está triste, parece mais triste que qualquer pessoa que já conheci. Mas, quando está feliz, parece a mais feliz de todas.

Graham entrelaça os dedos nos meus e os aperta.

— Fiz uma escolha bem estúpida no passado, com consequências desastrosas. — Sua voz é baixa, e percebo que não quer falar sobre o assunto. Mas amo que o faz mesmo assim. — Eu tinha 19 anos. Estava com meu melhor amigo, Tanner. O irmão dele, Alec, de 16 anos, também estava com a gente. Tínhamos ido a uma festa, e eu era o menos bêbado dos três, então dirigi os três quilômetros até em casa.

Graham aperta minha mão e inspira fundo. Não me encara, então sei que a história não acaba bem, e fico mal por ele. Eu me pergunto se esse é o defeito que o faz parecer tão triste às vezes.

— Estávamos a cerca de um quilômetro de minha casa quando batemos. Tanner morreu. Alec foi atirado para fora do veículo e teve várias fraturas. O acidente não foi nossa culpa. Um caminhão ultrapassou o sinal vermelho, mas não fez diferença, porque eu não estava sóbrio. Fui indiciado por dirigir alcoolizado e passei uma noite na cadeia. Mas como eu era réu primário, fui acusado apenas por lesão corporal contra menor e cumpri um ano de pena em liberdade pelo que aconteceu a Alec. — Graham solta um suspiro profundo. — Não é bizarro? Fui acusado pelos ferimentos que Alec sofreu na batida, mas não pela morte de meu melhor amigo.

Sinto o peso de sua tristeza no peito enquanto o observo. É tão intensa.

— Você diz isso como se sentisse culpa por não ter sido acusado da morte de seu amigo.

Os olhos de Graham encontram os meus, enfim.

— Me sinto culpado todos os dias porque estou vivo, e Tanner não.

Odeio que pense que precisa me contar isso. É óbvio que é difícil para ele tocar nesse assunto, mas fico feliz que o tenha feito. Levo uma de suas mãos aos lábios e a beijo.

— Com o tempo passa — assegura Graham. — Quando digo a mim mesmo que poderia facilmente ser eu naquele banco de passageiro, e Tanner ao volante. Nós dois tomamos decisões estúpidas naquela noite. Ambos tivemos culpa. Mas, independentemente das consequências que eu tenha enfrentado, estou vivo, e ele não. E não posso evitar pensar se minhas reações teriam sido mais rápidas caso

não tivesse bebido. E se não tivesse decidido que estava sóbrio o bastante para dirigir? E se eu tivesse sido capaz de me desviar do caminhão? Acho que isso é o combustível de minha culpa.

Nem mesmo tento lhe oferecer palavras de conforto. Às vezes as coisas não têm um lado positivo, só um bocado de lados tristes. Estendo a mão e toco seu rosto. Então traço o canto de seus olhos tristes. Meus dedos se movem até a cicatriz em sua clavícula, que ele me mostrou na noite passada.

— Foi assim que conseguiu essa cicatriz?

Ele assente.

Deito sobre ele e pressiono os lábios contra a cicatriz. Eu a beijo de um canto a outro, depois me afasto e encaro Graham.

— Sinto muito pelo que aconteceu.

Ele abre um sorriso forçado, que desaparece tão rápido quanto surgiu.

— Obrigado.

Deslizo os lábios para sua bochecha e o beijo ali, suavemente.

— Sinto muito que tenha perdido seu melhor amigo.

Posso sentir quando Graham solta um suspiro de alívio enquanto me abraça.

— Obrigado.

Movo os lábios de seu rosto para a boca e o beijo com delicadeza. Então me afasto e o encaro novamente.

— Sinto muito — sussurro.

Graham me observa em silêncio por alguns breves segundos, em seguida rola por cima de mim. Pressiona a mão em meu pescoço, segurando meu maxilar com dedos gentis. Ele estuda meu rosto enquanto me penetra, a boca esperando, ansiosa, por meu arquejo. Assim que meus lábios se abrem, sua língua mergulha entre eles e Graham me beija do mesmo modo que me possui. Sem pressa. Rítmico. Determinado.

Capítulo dezesseis

Agora

A primeira vez que sonhei com uma traição de Graham, acordei no meio da noite encharcada de suor. Estava ofegante porque, no sonho, eu chorava tanto que mal conseguia respirar. Graham acordou e logo me abraçou. Ele me perguntou qual era o problema, e fiquei com tanta raiva. Eu me lembro de empurrá-lo para longe porque a fúria de meu sonho ainda estava presente. Como se ele tivesse, de fato, me traído. Quando contei a ele o que aconteceu, Graham riu e apenas me abraçou e me beijou até que minha raiva passasse. Então, fez amor comigo.

No dia seguinte, me mandou flores. O cartão dizia: Me desculpe pelo que fiz em seu pesadelo. Por favor, me perdoe essa noite, quando sonhar.

Ainda tenho o cartão. Sorrio toda vez que me lembro dele. Alguns homens não são capazes de se desculpar nem pelos erros que cometem na vida real. Mas meu marido se desculpa pelos erros cometidos em sonhos.

Eu me pergunto se vai se desculpar esta noite.

Eu me pergunto se, de fato, tem algo pelo que se desculpar.

Não sei por que estou desconfiada. Começou na noite em que chegou em casa bêbado demais para lembrar na manhã seguinte, e a suspeita continuou até a última quinta-feira, quando voltou para casa e não cheirava nem um pouco a cerveja. Jamais desconfiei dele antes deste mês, mesmo após minha experiência com Ethan. Mas alguma coisa não me pareceu certa na quinta-feira. Ele veio

direto para casa e trocou de roupa sem me beijar. E nada pareceu certo desde então.

O medo bateu forte hoje, direto em meu peito. Tão forte que solucei e cobri a boca.

É como se eu pudesse sentir sua culpa a todo segundo, independentemente de onde ele esteja. Sei que é impossível... duas pessoas tão conectadas a ponto de uma sentir a outra mesmo quando não estão fisicamente juntas. Imagino que tenha mais a ver com o milimétrico avanço de minha negação até, enfim, estar sob os holofotes no palco de minha consciência.

As coisas nunca estiveram tão ruins entre nós. Quase não nos falamos. Não somos carinhosos. Mesmo assim, perambulamos pelos cômodos da casa, fingindo ainda ser marido e mulher. Mas, desde a noite da bebedeira, parece que Graham deixou de se sacrificar. Os beijos de despedida passaram a ser menos frequentes. Os beijos de cumprimento cessaram por completo. Ele finalmente chegou a meu nível nessa relação.

Ou se sente culpado por alguma coisa ou, enfim, desistiu de lutar pela sobrevivência de nosso casamento.

Mas não era o que eu queria? Que ele parasse de lutar com tanto afinco por algo que apenas lhe trará mais sofrimento?

Não tenho o costume de beber, mas mantenho uma garrafa de vinho para emergências. Com certeza, isso é uma emergência. Tomo a primeira taça na cozinha enquanto vigio o relógio.

Tomo a segunda no sofá enquanto vigio a entrada da garagem.

Preciso do vinho para acalmar as dúvidas que estou tendo. Meus dedos tremem conforme observo o vinho. Meu estômago parece transbordar de preocupação, como se eu estivesse dentro de um de meus pesadelos.

Estou no canto direito do sofá, sentada sobre os pés. A TV não está ligada. A casa está às escuras. Ainda estou olhando para a entrada da garagem quando o carro de Graham finalmente estaciona, às 19h30. Tenho uma visão nítida dele conforme desliga o motor e os faróis escurecem. Posso vê-lo, mas ele não pode me ver.

As mãos apertam o volante. Ele continua sentado no carro, como se o último lugar do mundo em que quisesse estar fosse dentro de casa, comigo. Bebo outro gole de vinho e o observo enquanto pressiona a testa contra a direção.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Por quinze segundos, ele fica sentado ali. Quinze segundos de pavor. Ou arrependimento. Não sei o que está sentindo.

Ele larga o volante e se endireita no banco. Verifica o reflexo no retrovisor e limpa a boca. Ajeita a gravata. Enxuga o pescoço. Quebra meu coração. Suspira profundamente e, em seguida, salta do carro.

Quando atravessa a porta da frente, não me nota de imediato. Caminha pela sala, na direção da cozinha e de nosso quarto. Está quase na cozinha quando finalmente me vê.

Inclino a taça nos lábios. Sustento seu olhar enquanto tomo outro gole. Ele apenas me encara em silêncio. Com certeza está se perguntando o que faço aqui, sentada no escuro. Sozinha. Bebendo vinho. Seus olhos seguem o trajeto de mim até a janela da sala de estar. Nota como é visível seu carro desse ângulo. Como seus atos devem ter me parecido nítidos enquanto estava dentro do carro. Está se perguntando se eu o vi limpar os vestígios da outra de sua boca. De seu pescoço. Está se perguntando se eu o vi ajeitar a gravata. Está se perguntando se o vi pousar a cabeça no volante com pavor. Ou culpa. Ele não me encara de novo. Em vez disso, baixa o olhar.

— Qual o nome dela? — pergunto, de algum modo conseguindo não soar rancorosa. Eu o questiono no mesmo tom que geralmente uso para lhe perguntar como foi seu dia.

Como foi seu dia, querido?

Qual o nome de sua amante, querido?

Apesar do tom agradável, Graham não me responde. Ele levanta o olhar até encontrar o meu, mas permanece em obstinado silêncio.

Sinto um peso no estômago, como se fosse ficar doente de verdade. Estou atônita com quanto seu silêncio me irrita. Estou pasma com quanto isso tudo dói mais na vida real que nos pesadelos. Não achei que pudesse ser pior que em sonhos.

De algum modo me levanto, ainda segurando a taça. Quero atirá-la. Não em cima de Graham. Só preciso arremessá-la em alguma coisa. Eu o odeio com cada fibra de minha alma nesse momento, mas não o culpo o bastante para jogar o copo nele. Se pudesse jogá-lo em mim, eu o faria. Mas não posso, então o arremesso na direção de nossa foto de casamento, pendurada na parede oposta.

Repito as palavras quando minha taça acerta a fotografia, se despedaçando, sangrando pela parede e pelo piso.

— Qual a porra do nome dela, Graham?

Minha voz não é mais agradável.

Graham nem mesmo pisca. Não olha para a foto do casamento, não olha para o chão sangrando abaixo, não olha para a porta da frente, não olha para os próprios pés. Ele olha direto para mim e diz:

— Andrea.

Assim que o nome finalmente deixa seus lábios, ele desvia o olhar. Não quer testemunhar o que sua brutal honestidade faz comigo.

Lembro o momento em que estava prestes a encarar Ethan depois de descobrir que ele me traiu. O momento em que Graham segurou meu rosto e disse: "A pior coisa que podemos fazer agora é mostrar emoção, Quinn. Não fique zangada. Não chore."

Foi mais fácil daquela vez. Quando Graham estava do meu lado. Não é tão fácil enfrentar isso sozinha.

Meus joelhos encontram o piso, mas Graham não está aqui para me amparar. Assim que disse o nome da outra, ele saiu da sala.

Faço todas as coisas que Graham me aconselhou a não fazer da última vez que isso me aconteceu. Mostro emoção. Fico zangada. Choro.

Eu rastejo até a bagunça que fiz no chão. Recolho os pequenos cacos de vidro e os empilho. Estou chorando demais para distingui-los. Mal enxergo através das lágrimas quando pego um punhado de guardanapos para enxugar o vinho do assoalho de madeira.

Ouço o chuveiro. Ele provavelmente está lavando os vestígios de Andrea enquanto limpo o resto do vinho tinto.

As lágrimas não são novidade, mas são diferentes dessa vez. Não estou chorando por uma coisa que nunca chegará a acontecer. Estou chorando por algo que está chegando ao fim.

Pego um caco de vidro e me arrasto até a parede, me apoiando ali. Estico as pernas à frente e olho para baixo, para o caco de vidro. Eu viro a mão e pressiono o vidro contra minha palma, furando minha pele. Pressiono com mais força. Observo enquanto o caco entra cada vez mais fundo em minha palma. Observo conforme o sangue borbulha ao redor do vidro.

De algum modo, meu peito dói mais que minha mão. Muito mais.

Solto o caco de vidro e limpo o sangue com um guardanapo. Em seguida, encolho as pernas e abraço os joelhos, enterrando o rosto ali. Ainda estou chorando no momento que Graham volta para a sala. Eu aperto o abraço ao redor dos joelhos quando ele se ajoelha perto de mim. Sinto sua mão no cabelo,

seus lábios no cabelo. Seu braço ao meu redor. Ele me puxa para si e se senta, apoiado na parede.

Quero gritar com ele, esmurrá-lo, fugir. Mas só o que consigo fazer é me encolher ainda mais enquanto choro.

— Quinn. — Seus braços me envolvem com força, e seu rosto está em meu cabelo. Meu nome parece pura agonia quando sai de seus lábios. Jamais o odiei tanto. Cubro os ouvidos porque não quero ouvir sua voz nesse momento. Mas ele não diz mais nada. Nem mesmo quando me desvencilho dele, caminho até o quarto e tranco a porta.

Capítulo dezessete

Antes

Inseparáveis.

É o que somos.

Já faz dois meses e meio desde que, supostamente, eu lhe dei um olhar, naquela noite no restaurante.

Mesmo depois de passar todo o tempo livre juntos, ainda sinto sua falta. Jamais estive tão envolvida com alguém em minha vida. Nunca achei que fosse possível. Não é uma obsessão doentia, porque ele me dá espaço se eu quiser. Mas não quero espaço. Ele não é possessivo ou superprotetor. Não sou ciumenta ou carente. É só que o tempo que passamos juntos parece uma fuga eufórica, e quero aproveitar ao máximo.

Dormimos separados apenas uma vez nas dez semanas desde que começamos a nos ver. Ava e Reid brigaram, então deixei que ela ficasse em meu apartamento, e falamos absurdos sobre homens e só comemos besteiras a noite toda. Foi tragicômico, mas, cinco minutos depois que ela passou pela porta, eu estava ligando para Graham. Vinte minutos depois que ela foi embora, ele estava batendo à porta. Vinte e um minutos depois que ela se foi, estávamos fazendo amor.

Isso resume tudo. Dez semanas de nada mais que sexo, risadas, sexo, comida, sexo, risadas e mais sexo.

Graham brinca que temos de nos acomodar em algum momento. Mas não hoje.

— Caramba, Quinn. — Ele geme em meu pescoço enquanto desaba sobre mim. Está ofegante, e não sou de grande valia, porque também estou.

Isso não devia ter acontecido. É Halloween, e devíamos estar em uma festa na casa de Ava e Reid, mas, assim que coloquei meu vestidinho vulgar, Graham não conseguiu tirar as mãos de mim. Quase transamos no corredor, perto do elevador, mas ele me carregou de volta ao apartamento para manter nossa dignidade intacta.

Ele me fez manter a promessa de agosto, de nos fantasiarmos no Halloween. Decidimos ir como nós mesmos, mas em versão vulgar. Não chegamos a nenhuma conclusão de como uma fantasia vulgar de nós mesmos deveria parecer, então decidimos vestir o mínimo necessário. Estou usando maquiagem pesada. Graham diz que sua missão é me apalpar a noite toda para ter certeza de que estamos dando um show no quesito demonstrações de carinho.

No momento, nossas roupas estão espalhadas pelo chão, embora meu vestido tenha ganhado outro rasgo. A espera pelo elevador sempre é nossa perdição.

Graham se inclina sobre mim e outra vez enterra a cabeça em meu pescoço, me beijando até minha pele arrepiar.

— Quando vou conhecer sua mãe?

A pergunta quebra o clima, e sinto minha alegria se esvair.

— Nunca, se eu puder evitar.

Graham afasta o rosto de meu pescoço e me encara.

— Ela não pode ser tão ruim.

Solto uma risada hesitante.

— Graham, foi ela que colocou a palavra prestigioso em meu convite de casamento.

— Você me julga por meus pais?

Amo os pais de Graham.

— Não, mas eu conheci seus pais em nosso primeiro dia juntos. Eu não conhecia você o suficiente para julgar.

— Você me conhecia, Quinn. Não sabia nada sobre mim, mas me conhecia.

— Você parece tão seguro de si.

Ele ri.

— Eu sou. Nós nos descobrimos na noite em que nos encontramos naquele corredor. Às vezes as pessoas se encontram e as aparências não contam, porque conseguem enxergar além delas. — Graham desce a boca até meu peito e deposita um beijo sobre meu coração. — Eu soube tudo de que precisava saber

na noite em que conheci você. Nada externo poderia mudar minha opinião sobre você. Nem mesmo meu juízo da mulher que a criou.

Quero beijar Graham. Ou casar com ele. Ou foder com ele.

Eu me decido por um beijo, mas um rápido, porque tenho medo de que, se não me afastar, acabe confessando que estou apaixonada por ele. Está bem na ponta da língua, e é mais difícil me conter que simplesmente colocar para fora. Mas não quero ser a primeira a dizer. Ainda não, afinal.

Rolo para fora da cama rapidamente, e pego nossas fantasias.

— Ok. Pode conhecer minha mãe na próxima semana. — Jogo as roupas para ele. — Mas essa noite você vai conhecer Ava. Se vista, estamos atrasados.

Enquanto ajeito a fantasia, Graham ainda está sentado na cama, me encarando.

— E sua calcinha? — pergunta ele.

O vestido é bem curto, e em nenhuma outra noite eu ousaria usar algo assim. Olho para minha calcinha no chão e penso quanto Graham ficaria enlouquecido de saber que não estou usando nada embaixo desse vestido já curto demais a noite toda. Deixo a lingerie no chão e abro um sorriso safado para ele.

— Não combina com a fantasia.

Graham balança a cabeça.

— Você ainda me mata, Quinn. — Ele se levanta e se veste enquanto retoco a maquiagem.

Chegamos à porta.

Chegamos ao corredor.

Porém, mais uma vez, nos distraímos enquanto esperamos o elevador.

* * *

— Você está atrasada. — É tudo que Ava diz quando abre a porta e me vê parada ali com Graham. Ela veste um terninho, e seu cabelo foi penteado como se tivesse acabado de sair de uma cena de Mulheres perfeitas. Nós entramos, então ela bate a porta. — Reid! — berra Ava e se vira para procurá-lo, mas ele está bem ao seu lado. — Ah. — Ela gesticula na direção de Graham. — Ele está aqui.

Reid estende a mão e aperta a de Graham.

— Prazer em conhecê-lo.

Ava dá uma conferida em Graham. Depois em mim.

— Suas fantasias são muito impróprias. — Ela se afasta sem olhar para trás.

— Que porra é essa? — reclamo, olhando para Reid. — Por que ela está sendo tão grossa?

Reid ri.

— Tentei avisar a ela que a fantasia não era muito óbvia.

— Ela está vestida de quê? Vaca?

Reid fica vermelho. Ele se inclina na direção de Graham e de mim.

— Ela está fantasiada de sua mãe.

Graham começa a rir de repente.

— Então ela não é sempre tão... desagradável?

Reviro os olhos e seguro sua mão.

— Vamos. Preciso reapresentar você a minha irmã.

De fato, Ava é simpática com Graham no segundo encontro. Mas, então, ela entra na personagem pelo restante da noite e finge ser nossa mãe. O mais engraçado é que ninguém na festa faz a menor ideia do que está fantasiada. É um segredo entre nós quatro, o que torna tudo ainda melhor a cada vez que ela diz a alguém quanto essa pessoa parece cansada ou quanto odeia crianças.

A certa altura, ela chega perto de Graham e diz:

— Quanto você ganha? — Em seguida, acrescenta: — Vai precisar assinar um acordo pré-nupcial antes de casar com minha filha.

Ela está tão bem como nossa mãe que fico aliviada que a festa esteja chegando ao fim, pois não creio que aguente nem mais um segundo.

No momento, estou com ela na cozinha, ajudando com a louça.

— Achei que você e Reid tinham uma lava-louças. Estou maluca? — pergunto. Ava levanta um dos pés e aponta para um frigobar com uma porta de vidro a alguns metros. — Aquilo é uma adega? Onde a lava-louças costumava ficar?

— Sim.

— Mas... por quê?

— Uma das desvantagens de se casar com um francês. Ele acredita que um amplo suprimento de vinho gelado é mais importante que uma lava-louças.

— Isso é terrível, Ava!

Ela dá de ombros.

— Concordei com a troca porque ele me garantiu que lavaria a maior parte dos pratos.

— Então por que ele não está lavando os pratos?

Ava revira os olhos.

— Porque seu namorado é um brinquedo novo, e meu marido está apaixonado.

É verdade. Graham e Reid tinham passado a maior parte da noite conversando. Passo o último prato para Ava.

— Reid me chamou em um canto mais cedo e me disse que já gosta mais de Graham do que gostava de Ethan.

— Somos dois — admite Ava.

— Somos três.

Quando terminamos de lavar a louça, dou uma olhada na sala de estar e flagro Graham contando algo a Reid que exige muito movimento de braço. Não creio que já o tenha visto tão animado. Reid se dobra ao meio, gargalhando. Graham me vê, e o sorriso que aparece em seu rosto durante nossa rápida troca de olhares me aquece por dentro. Ele sustenta meu olhar por alguns segundos, em seguida volta sua atenção para Reid. Quando dou meia-volta, Ava está parada no corredor, observando enquanto tento apagar o sorriso do rosto.

— Ele está apaixonado por você.

— Shh. — Volto para cozinha, e ela me acompanha.

— Aquele olhar — diz ela, então pega um prato de papelão e se abana. — Aquele homem está apaixonado por você e quer se casar com você e quer que você seja a mãe dos filhos dele.

Não posso evitar um sorriso.

— Deus te ouça!

Ava se endireita e ajeita o terninho.

— Bem, Quinn. Ele tem uma boa aparência, mas, como sua mãe, devo admitir que acho que você merece alguém mais rico. E agora onde está meu martíni?

Reviro os olhos.

— Por favor, pare.

Capítulo dezoito

Agora

Não sei se Graham dormiu no quarto de hóspedes ou no sofá na noite passada, mas, independentemente de onde tenha sido, duvido que tenha conseguido dormir. Tentei imaginá-lo com seus olhos tristes, as mãos no cabelo. De vez em quando, me sentia mal por ele, mas então tentava imaginar como seria a tal Andrea. Como ela pareceria através do olhar triste de meu marido enquanto ele a beijava.

Eu me pergunto se Andrea sabe que Graham é casado. Eu me pergunto se ela sabe que ele tem uma mulher em casa que é incapaz de engravidar. Uma mulher que passou a noite e o dia inteiro trancada no quarto. Uma mulher que enfim saiu da cama por tempo o bastante para arrumar a mala. Uma mulher que está... acabada.

Quero já ter ido embora quando Graham voltar para casa.

Ainda não liguei para minha mãe para contar que vou passar um tempo com ela. Definitivamente, nem vou ligar. Vou apenas aparecer. Temo esse confronto com tanta intensidade que protelo ao máximo a conversa com mamãe.

"Eu avisei", ela vai dizer.

"Você devia ter se casado com Ethan", vai dizer. "Todos traem em algum momento, Quinn. Pelo menos, Ethan teria sido um traidor rico."

Destranco a porta do quarto e sigo até a sala de estar. O carro de Graham não está na garagem. Perambulo pela casa para ver se tem alguma coisa que queira levar comigo. Isso me lembra de quando tirei todos os vestígios de Ethan de meu

apartamento. Não queria nada que tivesse a ver com ele. Nem mesmo as recordações.

Vasculho minha casa enquanto meus olhos assimilam todas as coisas que Graham e eu acumulamos por anos. Nem mesmo saberia por onde começar se eu quisesse levar alguma coisa. Então não começo por lugar algum. Só preciso de roupas.

Quando volto ao quarto, fecho o zíper da mala. Eu a arrasto da cama, e meus olhos encontram a caixa de madeira na prateleira do fundo da estante. Imediatamente, caminho até o móvel e pego a caixa, depois a levo até a cama. Forço a fechadura, mas ela não cede. Eu me lembro de que Graham prendeu a chave à madeira, para que nunca a perdêssemos. Viro a caixa e enfio a unha debaixo da fita adesiva. Acho que enfim vou descobrir o que tem ali dentro, afinal de contas.

— Quinn.

Levo um susto quando ouço sua voz. Mas não o encaro. Não consigo olhar para ele agora. Mantenho o olhar baixo e termino de desprender a fita até soltar a chave.

— Quinn. — A voz de Graham transborda de pânico. Congelo, esperando que diga seja lá o que precisa dizer. Ele entra no quarto e se senta ao meu lado na cama. Suas mãos se fecham sobre a minha, que segura a chave. — Eu fiz a pior coisa que poderia ter feito com você. Mas, por favor, me dê uma chance para me redimir antes de abrir isso.

Posso sentir a chave na palma de minha mão.

Que ele fique com ela.

Pego sua mão e a viro. Coloco a chave em sua palma e, em seguida, fecho seus dedos em punho. Eu o encaro.

— Não vou abrir a caixa. Mas é só porque não dou mais a mínima para que merda tem aí dentro.

Nem ao menos me lembro da dor que sinto enquanto deixo minha casa e dirijo, mas agora estou parada na entrada da garagem de minha mãe.

Eu admiro a enorme casa, em estilo vitoriano, que significa mais para minha mãe que qualquer coisa fora dessas paredes. Incluindo a mim.

É evidente que ela nunca admitiu isso. Não pegaria bem admitir em voz alta que jamais quis ser mãe de verdade. Às vezes eu me ressinto dela por isso. Minha mãe foi capaz de engravidar — por acidente — e seguir com a gestação. Duas vezes. E ela não ficou feliz em nenhuma das duas. Reclamou por anos das estrias

que minha irmã e eu lhe causamos. Odiou o peso a mais que ganhou e do qual nunca se livrou. Nos dias em que nós realmente a estressávamos, ela chamava a babá, cujo número já estava na memória do telefone, e dizia: "Sinceramente, Roberta. Não consigo suportar nem mais um minuto. Por favor, venha assim que possível, preciso de um dia no spa."

Eu me reclino no assento e olho para o quarto que costumava ser meu. Há muito ela o tinha transformado em um closet extra para suas caixas de sapatos vazias. Eu me lembro de, certa vez, estar à janela, observando o jardim da frente. Graham estava comigo. Era a primeira vez que eu o havia levado até ali para conhecer minha mãe.

Nunca vou me esquecer do que ele disse naquele dia. Foi a coisa mais bonita e honesta que já tinha me dito. E foi naquele momento — parada com ele junto à janela de meu quarto — que me apaixonei por Graham.

É a melhor recordação que tenho da casa de minha mãe, e nem ao menos é uma lembrança com ela. É uma memória com Graham. O marido que acabou de me trair.

Sinto que ficar na casa de minha mãe seria pior que ficar dentro de mim mesma. Não posso enfrentá-la agora. Preciso lidar com meus questionamentos antes de permitir que ela enfie o nariz em minha vida.

Começo a manobrar para fora da vaga, mas tarde demais. A porta da frente se abre, e a vejo sair, cerrando os olhos para discernir quem está na entrada de sua garagem.

Encosto a cabeça de volta no assento. Fuga frustrada.

— Quinn? — chama ela.

Salto do carro e caminho em sua direção. Ela mantém a porta da casa aberta, mas, se eu entrar, vou me sentir em uma armadilha. Sento no último degrau e olho para o jardim da frente.

— Não quer entrar?

Balanço a cabeça, então abraço os joelhos e apenas começo a chorar. Depois de um tempo, ela se senta ao meu lado.

— O que houve?

É nessas horas que eu queria ter uma mãe que de fato se importasse quando estou chorando. Ela apenas segue o protocolo e dá batidinhas desajeitadas em minhas costas.

Não lhe conto sobre Graham. Não digo nada de início porque estou chorando demais. Quando enfim me acalmo o bastante para recuperar o fôlego,

tudo o que consigo perguntar é algo que soa pior do que eu pretendia.

— Por que Deus daria filhos a alguém como você, mas não dá a mim?

Minha mãe se enrijece. De repente, levanto e olho para ela.

— Desculpe. Eu não queria ser tão insensível.

Ela não parece nada ofendida. Apenas dá de ombros.

— Talvez não seja culpa de Deus — argumenta ela. — Talvez sistemas reprodutores só funcionem ou não funcionem. — Aquilo faria mais sentido. — Como soube que eu nunca quis ter filhos?

Solto uma risada hesitante.

— Você disse. Muitas vezes.

Ela parece culpada de verdade; desvia o olhar e estuda o jardim.

— Eu queria viajar — explica ela. — Quando seu pai e eu nos casamos, tínhamos planos de morar em um país diferente a cada ano, por cinco anos, antes de comprar uma casa. Para que a gente pudesse vivenciar outras culturas antes de morrer. Mas em uma noite imprudente, não tomamos cuidado e veio sua irmã, Ava. — Ela me encara e acrescenta: — Eu nunca quis ser mãe, Quinn. Mas fiz o melhor que pude. De verdade. E sou grata por você e por Ava. Mesmo que seja difícil para mim demonstrar. — Ela segura minha mão e a aperta. — Não foi minha primeira escolha de vida perfeita, mas pode ter certeza de que fiz o melhor que pude com minha segunda chance.

Assinto com a cabeça, enxugando uma lágrima. Não posso acreditar que ela está me confessando tudo isso. E não posso acreditar que estou sentada aqui, confortável com suas afirmações de que nem eu nem minha irmã éramos o que queria da vida. Mas o fato de estar sendo honesta, e até de dizer que está agradecida, é mais do que sequer imaginei conseguir arrancar dela. Eu a envolvo nos braços.

— Obrigada.

Ela também me abraça, embora seja formal, e não como eu abraçaria meus filhos se tivesse algum. Mas ela está aqui e está me abraçando, e isso já serve de alguma coisa.

— Tem certeza de que não quer entrar? Posso fazer um pouco de chá.

Balanço a cabeça.

— Está tarde. É melhor eu voltar para casa.

Ela assente, embora eu perceba que hesita em me deixar aqui fora, sozinha. Simplesmente não sabe o que fazer ou dizer, além do que já disse, sem tornar tudo ainda mais constrangedor. Ela acaba entrando, mas não vou embora de

imediato. Fico no pórtico mais um pouco, porque ainda não quero voltar para casa.

Também não quero ficar aqui.

Eu gostaria de não ter que estar em lugar nenhum.

Capítulo dezenove

Antes

— Estou com saudades. — Tento não fazer beicinho, mas é uma ligação e ele não pode me ver, então franzo os lábios.

— Nos vemos amanhã — assegura ele. — Prometo. Só tenho medo de estar sufocando você e você ser boazinha demais para me dizer.

— Não sou. Sou má e brusca e diria para você ir embora se eu realmente quisesse isso. — É verdade. Eu diria a ele se precisasse de espaço. E ele me daria, sem questionar.

— Passo aí amanhã, assim que sair do trabalho, então pego você e vamos ver sua mãe.

Suspiro.

— Ok. Mas vamos transar antes de ir para a casa de minha mãe, porque já estou estressada.

Graham ri, e posso dizer, por sua risada, que está pensando em sacanagem. Ele tem diferentes risadas para diferentes reações, e aprender a diferenciá-las tem sido um de meus passatempos prediletos. Minha risada favorita é a que ele solta de manhã, quando conto o que sonhei na noite anterior. Ele sempre acha que meus sonhos são engraçados, e há uma rouquidão em sua risada matinal porque ainda não está completamente desperto.

— Vejo você amanhã — diz, baixinho, como se já sentisse minha falta.

— Boa noite. — Desligo depressa. Não gosto de falar com Graham ao telefone, porque ele ainda não disse que me ama. Eu também não disse a ele.

Então, quando estamos nos despedindo, fico apavorada que seja o momento que ele vai escolher para se declarar. Não quero que a primeira vez seja em uma conversa por telefone. Quero que ele se declare quando estiver olhando para mim.

Passo as duas horas seguintes tentando lembrar como era minha vida antes de Graham. Tomo um banho sozinha, assisto à TV sozinha, jogo no celular sozinha. Pensei que talvez fosse legal, mas estou basicamente entediada.

É estranho. Fiquei com Ethan por quatro anos e devia passar uma ou duas noites por semana com ele. Amava ter tempo para mim quando Ethan e eu estávamos namorando. Mesmo no início. Ficar com ele era legal, mas ficar sozinha também era.

Não é assim com Graham. Depois de duas horas, surto com o tédio. Acabo desligando a televisão, o celular e a luz. Quando tudo está no escuro, tento clarear os pensamentos para dormir e poder sonhar com ele.

* * *

O despertador começa a tocar, mas está tão claro que pego um travesseiro e o coloco sobre o rosto. Em geral, Graham está aqui e sempre desliga o alarme para mim e me dá alguns minutos até eu acordar de vez. O que significa que meu despertador não vai parar se eu não tomar coragem.

Movo o travesseiro e assim que estendo a mão para o despertador, ele para. Abro os olhos e vejo Graham rolando de volta para me encarar. Está sem camisa e parece ter acabado de acordar.

Ele sorri e me dá um selinho.

— Não consegui dormir — explica ele. — Depois da meia-noite, finalmente desisti e vim para cá.

Eu sorrio, muito embora seja cedo demais para ter vontade de sorrir.

— Você sentiu minha falta.

Graham me puxa para si.

— É estranho. Eu costumava ficar bem sozinho. Mas agora que tenho você, me sinto solitário quando estou sozinho.

Às vezes ele fala coisas tão doces. Palavras que quero anotar para guardar para sempre e jamais esquecer. Mas nunca as escrevo porque, toda vez que ele diz

algo doce, tiro suas roupas e preciso senti-lo dentro de mim mais do que preciso registrar suas palavras.

É exatamente o que acontece. Fazemos amor, e eu me esqueço de anotar suas palavras. Estamos tentando recuperar o fôlego quando ele me pergunta:

— O que perdi enquanto você dormia?

Balanço a cabeça.

— É esquisito demais.

Ele se apoia no cotovelo e me olha como se eu não tivesse escapatória. Suspiro e deito de costas.

— Ok, tudo bem. No sonho, estávamos em seu apartamento. Mas seu apartamento era um buraco em Manhattan. Acordei antes de você, porque queria ser gentil e fazer seu café da manhã. Só que eu não sabia cozinhar e você só tinha caixas de cereal, então decidi preparar uma tigela de Lucky Charms. Mas toda vez que eu tentava derramar o cereal na tigela, a única coisa que saía da caixa eram pequenos comediantes com microfones.

— Espera — interrompe Graham. — Você disse comediantes? Tipo pessoas que contam piadas?

— Eu avisei que era esquisito. E sim. Eles estavam contando piadas idiotas. Eu ficava tão zangada porque tudo o que queria era preparar uma tigela de Lucky Charms, mas uma centena de microcomediantes invadiram sua cozinha, contando piadas sem graça. Quando você acordou e entrou na cozinha, me encontrou chorando. Eu estava soluçando, histérica, correndo pela cozinha, tentando esmagar os comediantes com um pote de conserva. Mas, em vez de surtar, você apenas chegou por trás de mim e me abraçou. E disse: "Quinn, está tudo bem. Podemos comer torradas."

Na mesma hora, Graham deita o rosto no travesseiro, sufocando a gargalhada. Então lhe dou um tapinha no braço.

— Tente decifrar esse, sabichão.

Graham suspira e me puxa para perto.

— Quer dizer que talvez eu deva fazer o café da manhã a partir de agora.

Gosto daquele plano.

— O que você quer comer? Torrada francesa? Panquecas?

Eu me ergo e o beijo.

— Só você.

— De novo?

Assinto com a cabeça.

— Quero reprise.

Ganho exatamente o que eu queria de café da manhã. Então tomamos banho juntos, tomamos café juntos e saímos para o trabalho.

Não conseguimos nem mesmo passar uma noite inteira separados, mas não acho que isso queira dizer que estamos morando juntos. É um grande passo que nenhum de nós quer admitir já ter tomado. Quando muito, acho que significa que não moramos mais sozinhos. Se é que existe diferença.

A mãe de Graham provavelmente pensa que já moramos juntos, porque, para ela, estamos saindo há muito mais tempo. Eu visitava a casa dos pais de Graham pelo menos uma vez por semana desde aquele primeiro convite. Felizmente, ele parou de inventar histórias. Estava preocupada com minha incapacidade de acompanhar tudo o que ele inventou para a mãe na primeira noite.

Sem dúvida, sua mãe me ama agora, e seu pai já se refere a mim como sua nora. Não me importo. Sei que estamos juntos há apenas três meses, mas Graham será meu marido um dia. Isso sequer está em questão. É o que acontece quando você encontra seu futuro marido. Eventualmente, você casa com ele.

E eventualmente... você o apresenta a sua mãe.

Que é o que está acontecendo esta noite. Não porque eu queira que ele a conheça, mas porque é justo, uma vez que já conheço seus pais. Eu mostro o meu se você mostrar o seu.

* * *

— Por que você está tão nervosa? — Graham estende a mão entre os bancos e pressiona meu joelho. O joelho que estou balançando desde que entramos no carro. — Sou eu que vou conhecer sua mãe. Eu que devia estar nervoso.

Aperto sua mão.

— Você vai entender depois de conhecê-la.

Graham solta uma risada antes de levar minha mão à boca e dar um beijo nela.

— Você acha que ela vai me odiar?

Entramos na rua de minha mãe agora. Tão perto.

— Você não é Ethan. Ela já odeia você.

— Então por que está nervosa? Se ela já me odeia, não tem como eu desapontá-la.

— Não me importo se ela odiar você. Tenho medo de que você odeie minha mãe.

Graham balança a cabeça, como se eu estivesse sendo ridícula.

— Eu jamais poderia odiar a pessoa que gerou você.

Ele diz isso agora...

Observo a expressão de Graham enquanto estaciona. Seus olhos assimilam a enorme casa onde cresci. Posso sentir seus pensamentos. Também posso ouvi-los porque ele os diz em voz alta.

— Puta merda. Você cresceu aqui?

— Pare de me julgar.

Graham coloca o carro na vaga.

— É só uma casa, Quinn. Não define você. — Ele se vira no banco para me encarar, colocando a mão no encosto de cabeça atrás de mim enquanto se aproxima mais. — Sabe o que mais não define você? Sua mãe. — Ele se inclina e me beija, então estende o braço para abrir a minha porta. — Vamos acabar logo com isso.

Ninguém nos recebe à porta, mas, assim que entramos, encontramos minha mãe na cozinha. Quando nos ouve, ela se vira e examina Graham dos pés à cabeça. É constrangedor porque Graham tenta abraçá-la ao mesmo tempo que ela estende o braço para um aperto de mão. Ele vacila um pouco, mas é a única vez. Durante todo o jantar, se comporta como a pessoa adorável e charmosa que é.

Todo o tempo, eu o observo, completamente impressionada. Ele fez tudo certo. Cumprimentou minha mãe como se estivesse feliz de verdade em conhecê-la. Respondeu a todas as perguntas com educação. Falou o bastante sobre a própria família enquanto dava a impressão de estar mais interessado na nossa. Elogiou a decoração, riu das piadas sem graça, ignorou os insultos dissimulados. Mas, mesmo ao observá-lo se sobressair, eu não tinha visto nada além de julgamento nos olhos de minha mãe. Nem preciso ouvir sua opinião porque ela sempre deixou as emoções transparecerem no rosto. Apesar dos anos de Botox.

Ela odeia que ele tenha dirigido até aqui em seu Honda Accord, e não em algo mais vistoso.

Ela odeia que ele tenha ousado vestir jeans e camiseta quando seria apresentado a ela.

Ela odeia que ele seja contador em vez de um dos milionários para quem faz a contabilidade.

Ela odeia que ele não seja Ethan.

— Quinn — chama ela, enquanto se levanta. — Por que não mostra a casa a seu amigo?

Meu amigo.

Ela nem mesmo se dignou a nos rotular.

Fico aliviada por ter uma desculpa para sair da sala de visitas, mesmo que apenas por alguns minutos. Pego a mão de Graham e o puxo para fora do cômodo enquanto minha mãe leva a bandeja de chá de volta à cozinha.

Começamos pelo salão, que é apenas um nome chique para uma sala de estar onde ninguém tem permissão de sentar.

— Nunca vi minha mãe ler um livro sequer. Ela só finge ser sofisticada — sussurro, indicando a parede cheia de livros.

Graham ri e finge se importar enquanto caminhamos com calma pelo salão. Ele para em frente a uma parede cheia de fotos. A maioria delas é de minha mãe com minha irmã e eu quando garotas. Logo que nosso pai morreu e ela se casou de novo, mamãe sumiu com quase todas as fotos dele. Mas manteve uma. É uma foto de meu pai, com Ava em um de seus joelhos, eu no outro. Como se Graham soubesse exatamente qual foto eu estava analisando, ele a tira da parede.

— Você e Ava são mais parecidas agora do que eram aqui.

Assinto.

— Sim, as pessoas sempre perguntam se somos gêmeas quando estamos juntas. Mas não notamos a semelhança.

— Quantos anos você tinha quando seu pai morreu?

— Catorze.

— Tão jovem — comenta ele. — Vocês eram muito próximos?

Dou de ombros.

— Não é que não fôssemos. Mas ele trabalhava muito. Quando éramos pequenas, não víamos meu pai mais que duas vezes por semana, mas ele mais que compensava quando o víamos. — Dou um sorriso forçado. — Gosto de pensar que seríamos bem mais próximos agora, se ele estivesse vivo. Ele era um pai mais velho, então acho que era difícil para ele se relacionar com garotinhas, sabe? Mas acho que teríamos uma boa relação como adultos.

Graham devolve a foto à parede. Ele para a cada quadro e toca minha foto, como se pudesse aprender mais sobre mim através das imagens. Quando finalmente voltamos à sala de visitas, eu o guio até a porta dos fundos para lhe

mostrar a estufa. Mas, antes que passemos da escada, ele pousa a mão na curva de minhas costas e sussurra em meu ouvido:

— Quero ver seu quarto primeiro.

Seu tom sedutor deixa clara sua intenção. Fico excitada com a ideia de recriar o que aconteceu em seu antigo quarto. Pego sua mão e o conduzo degraus acima com pressa. Deve fazer um ano ou mais desde que visitei meu quarto. Estou excitada que ele o veja porque, depois de ter estado no seu, acho que aprendi bem mais sobre Graham.

Quando chegamos ao meu quarto, abro a porta e deixo que ele entre primeiro. Assim que acendo a luz, fico decepcionada. Essa experiência não vai ser igual à que tive em seu quarto.

Minha mãe empacotou tudo. Caixas vazias de sapatos de grife estão empilhadas contra duas das paredes, do chão ao teto. Caixas vazias de bolsas de grife cobrem uma terceira parede. Todas as minhas coisas, que no passado cobriam as paredes do quarto, estão agora embaladas em velhas caixas de mudança, com meu nome rabiscado de um lado a outro. Vou até a cama e corro os dedos por uma das caixas.

— Ela deve ter precisado de um quarto extra — digo, baixinho.

Graham para ao meu lado e acaricia minhas costas de um modo reconfortante.

— É uma casa pequena — ironiza ele. — Posso entender por que ela precisou de um quarto extra.

Seu sarcasmo me faz rir. Ele me puxa para um abraço, e fecho os olhos enquanto me aconchego em seu peito. Eu me odeio por ter ficado tão excitada com a ideia de ele ver meu antigo quarto. Eu me odeio por ficar tão triste ao entender que minha mãe jamais vai me amar como a mãe de Graham o ama. Há dois quartos de hóspedes nesta casa, no entanto minha mãe decidiu usar justamente meu antigo quarto como depósito. Eu me sinto envergonhada por Graham testemunhar isso.

Eu me afasto e reprimo minhas emoções. Dou de ombros, esperando que ele não note o quanto isso me incomoda. Mas ele percebe.

— Você está bem? — pergunta, enquanto ajeita meu cabelo para trás.

— Sim. É só que... não sei. Conhecer seus pais foi descobrir uma qualidade inesperada sua. Gostaria que você pudesse ter a mesma experiência. — Rio um pouco, constrangida de sequer ter dito aquilo. — Quem dera.

Cruzo o quarto até a janela e olho para fora. Não quero que ele veja a decepção em meu rosto. Graham me segue e me abraça por trás.

— A maioria das pessoas é produto do meio, Quinn. Venho de um bom lar. Cresci com pais ótimos, estáveis. Era esperado que eu me tornasse uma pessoa relativamente normal. — Ele me vira e coloca as mãos em meus ombros. Então inclina a cabeça e me encara com tanta sinceridade. — Estar aqui... conhecer sua mãe e ver de onde você veio e no que se tornou... é inspirador, Quinn. Não sei como conseguiu ser essa mulher altruísta, maravilhosa e incrível.

A maioria das pessoas não consegue apontar o exato momento em que se apaixonaram por alguém.

Eu consigo.

Acabou de acontecer.

E talvez seja apenas coincidência, ou talvez seja algo mais, no entanto Graham escolhe este exato instante para encostar a testa na minha e dizer:

— Eu amo você, Quinn.

Eu o envolvo, agradecida por cada parte dele.

— Também amo você.

Capítulo vinte

Agora

Desligo o carro e ponho o banco para trás, esticando a perna sobre o volante. A única luz acesa dentro de casa é a da cozinha. É quase meia-noite. Com certeza, Graham está dormindo porque trabalha amanhã.

Essa manhã, quando acordei, esperava ver Graham ainda do lado de fora do quarto, batendo à porta, implorando perdão. Fiquei irritada por ele ter saído para trabalhar. Nosso casamento está desmoronando, ele confessou ter outra mulher, me enfiei em nosso quarto a noite toda... mas ele acordou, se vestiu e seguiu para o trabalho.

Ele deve trabalhar com Andrea. Provavelmente, quis avisá-la de que eu sabia de tudo, caso eu perca a linha e apareça no escritório para arrebentar a cara dela.

Eu não faria isso. Não estou zangada com Andrea. Não é ela que tem um compromisso comigo. Ela não me deve lealdade, ou eu a ela. Estou irritada com a única pessoa que se encaixa nessa descrição, e essa pessoa é meu marido.

A cortina da sala de estar se mexe. Considero me abaixar, mas sei, por experiência própria, como a entrada da garagem fica visível de nossa sala. Graham consegue me ver, então não vale a pena me esconder. A porta da frente se abre. Ele sai de casa e começa a caminhar em direção ao carro.

Está vestindo o pijama de frio que lhe dei no Natal do ano passado. Nos pés, usa meias de pares diferentes. Uma preta, outra branca. Sempre achei que aquele era um traço contraditório de sua personalidade. Ele é muito organizado e previsível em várias coisas, mas, por alguma razão, nunca se importa se suas

meias combinam. Para Graham, meias são uma necessidade prática, não uma questão de moda.

Olho para fora da janela conforme ele abre a porta do lado do passageiro e entra no carro. Quando fecha a porta, parece sugar todo o meu ar. Sinto um aperto no peito, e meus pulmões se comportam como se alguém os tivesse perfurado com uma faca. Abaixo o vidro para poder respirar.

Ele tem um cheiro bom. Odeio que, não importa o quanto tenha magoado meu coração, o restante de mim jamais recebe o memorando de que deve rejeitá-lo. Se um cientista descobrisse uma forma de alinhar coração e cérebro, não haveria tanta agonia no mundo.

Espero que comece com as desculpas. As justificativas. Possivelmente, até mesmo a culpa. Ele toma fôlego.

— Por que nunca compramos um cachorro?

Graham está sentado no banco de passageiro, o corpo meio virado para mim e a cabeça apoiada no encosto. Me encara com bastante seriedade, apesar da pergunta inacreditável que acaba de deixar seus lábios. O cabelo está úmido, como se tivesse saído do chuveiro agora. Os olhos estão vermelhos. Não sei se pela noite maldormida ou porque esteve chorando, mas tudo o que quer saber é por que nunca tivemos um cachorro?

— Você está de brincadeira comigo, Graham?

— Sinto muito — desculpa-se ele, balançando a cabeça. — Foi só um pensamento que me ocorreu. Não sabia se havia um motivo.

Seu primeiro Sinto muito desde que admitiu estar tendo um caso, e é uma desculpa sem relação à própria infidelidade. Não é de seu feitio. Ter um caso não é de seu feitio. Sinto como se não conhecesse o homem sentado ao meu lado.

— Quem é você agora? O que fez com meu marido?

Ele olha para a frente e se reclina no assento, cobrindo os olhos com o braço.

— Com certeza está com minha mulher em algum lugar. Já faz um tempo que não a vejo.

Então é assim que vai ser? Pensei que ele viria até aqui e tornaria todo esse martírio um pouco mais suportável, mas, em vez disso, está me dando toda a razão do mundo para justificar minha raiva. Desvio o olhar e concentro minha atenção no lado de fora da janela.

— Odeio você nesse momento. Muito. — Uma lágrima escorre por meu rosto.

— Você não me odeia — argumenta ele, baixinho. — Para me odiar, você teria que me amar. Mas você tem sido indiferente em relação a mim já faz muito tempo.

Enxugo uma lágrima.

— Se isso serve de desculpa para si mesmo por ter dormido com outra mulher, Graham... Eu odiaria que você se sentisse culpado.

— Nunca dormi com ela, Quinn. Nós só... Nunca chegou a tanto. Juro.

Sua confissão me faz hesitar.

Ele não dormiu com ela? Isso faz alguma diferença?

Dói menos? Não. Me deixa menos furiosa com ele? Não. Nem um pouco. O fato é... Graham se tornou íntimo de outra mulher. Pouco importa se foi só uma conversa, um beijo ou uma maratona de sexo. A traição machuca igual, independentemente do nível, quando é seu marido o traidor.

— Nunca dormi com ela — repete ele, com calma. — Não que isso vá fazer você se sentir melhor. Fiquei pensando sobre isso.

Tapo a boca com a mão e tento abafar um soluço. Não dá certo porque tudo o que ele está dizendo, tudo o que está fazendo... não é o que eu esperava dele. Eu precisava de consolo e garantias, e ele está me dando justamente o contrário.

— Saia de meu carro. — Destravo as portas, apesar de já estarem destrancadas. Eu quero que ele vá para longe de mim. Agarro o volante e endireito o banco, aguardando que ele apenas vá embora. Ligo o motor. Ele não se mexe. Eu o encaro outra vez. — Saia, Graham. Por favor. Saia do carro. — Pressiono a testa no volante. — Mal consigo olhar para sua cara agora. — Fecho os olhos com força e espero a porta abrir, mas, em vez disso, o motor para. Eu o ouço tirar as chaves da ignição.

— Não vou a lugar algum até explicar tudo — diz ele.

Balanço a cabeça, enxugando mais lágrimas. Estendo o braço para a porta, mas ele agarra minha mão.

— Olhe para mim. — Ele me puxa em sua direção, se recusando a me deixar sair do carro. — Quinn, olhe para mim!

É a primeira vez que grita comigo.

Na verdade, é a primeira vez que o ouço gritar.

Graham sempre foi um guerreiro silencioso. A força de sua voz e o modo como reverbera dentro do carro me faz congelar.

— Preciso contar a você por que fiz o que fiz. Quando eu terminar, você decide o que quer fazer, mas por favor, Quinn. Me deixe explicar primeiro.

Bato minha porta e me recosto no banco. Fecho os olhos, e as lágrimas continuam a cair. Não quero ouvi-lo. Mas parte de mim precisa saber de cada detalhe porque, se não conhecer os fatos, tenho medo de que minha imaginação pinte um cenário ainda pior.

— Depressa — sussurro. Nem mesmo sei quanto tempo sou capaz de ficar sentada aqui antes de surtar.

Ele respira fundo para se acalmar. Leva um minuto até que decida por onde começar. Ou como começar.

— Ela foi contratada pela firma há alguns meses.

Posso ouvir as falhas em sua voz. Ele tenta se manter firme, mas o arrependimento transparece. É a única coisa que me ajuda a suportar a dor... saber que ele também está sofrendo.

— Nós conversamos algumas vezes, mas nunca a vi como nada mais que uma colega de trabalho. Nunca olhei para outra mulher como olho para você, Quinn. Não quero que pense que foi assim que começou.

Posso senti-lo me observando, mas mantenho os olhos cerrados. Minha pulsação está tão acelerada, acho que a única coisa que a acalmaria seria sair da atmosfera claustrofóbica do carro. Mas sei que ele não vai permitir até que eu o tenha ouvido, então me concentro em respirar com regularidade enquanto ele fala.

— Às vezes ela fazia coisas que chamavam minha atenção. Não porque a achasse atraente ou enigmática... mas porque o jeito dela me lembrava de você.

Balanço a cabeça e abro a boca para falar. Ele percebe que estou prestes a interrompê-lo, então sussurra:

— Apenas me deixe terminar.

Fecho a boca e me inclino para a frente, cruzando os braços sobre o volante. Encosto a testa nos braços e rezo para que ele termine logo.

— Nada aconteceu até semana passada. Tivemos um trabalho na quarta-feira, então passamos o dia juntos. Percebi, conforme as horas passavam, que estava encantado por ela... Atraído por ela. Mas não porque ela tem algo que falta a você. Estava atraído por Andrea porque ela lembrava você demais.

Tenho tantos motivos para gritar nesse momento, mas me controlo.

— Estar com ela naquela quarta-feira me fez sentir falta de você. Então saí mais cedo do trabalho, pensando que, se convidasse você para um jantar bacana ou para qualquer programa que deixasse você feliz, talvez você sorrisse para mim como costumava fazer. Ou se interessasse pelo meu dia. Ou por mim. Mas,

quando cheguei, vi você cruzando a sala. Sei que me ouviu abrir a porta. Mas, por alguma razão, em vez de ficar feliz por eu ter voltado mais cedo, você se trancou no escritório para me evitar.

Não estou apenas cheia de raiva agora. Estou cheia de vergonha. Não achei que ele notasse todas as vezes que tentei evitá-lo.

— Você só me disse duas palavras naquela noite. Duas. Você lembra quais foram?

Assinto, mas mantenho a cabeça enterrada nos braços.

— Boa noite.

Sou capaz de ouvir as lágrimas em sua voz quando ele diz:

— Fiquei tão bravo. Às vezes entender você é como uma maldita charada, Quinn. Eu estava cansado de tentar descobrir o modo certo de me comportar perto de você. Estava tão zangado que nem dei um beijo de despedida em você quando saí para o trabalho na quinta-feira.

Eu percebi.

— Quando terminamos o projeto na quinta, eu devia ter voltado para casa. Devia ter ido embora, mas em vez disso... fiquei. E conversamos. E eu... a beijei. — Graham esfrega as mãos no rosto. — Não devia ter feito isso. E, mesmo depois de ter começado, eu devia ter acabado com aquilo. Mas não consegui. Porque, durante todo o tempo que mantive os olhos fechados, fingi que era você.

Levanto a cabeça e o encaro.

— Então a culpa é minha? É isso que está dizendo? — Viro o corpo em sua direção no assento. — Você não consegue a atenção que deseja, então procura alguém que faz você lembrar de mim? Suponho que enquanto puder fingir que é sua mulher, não conta como traição. — Reviro os olhos e relaxo no banco. — Graham Wells, o primeiro homem do mundo a justificar eticamente um caso.

— Quinn.

Não o deixo continuar.

— É óbvio que não se sentiu tão culpado assim, se teve todo o fim de semana para pensar no assunto, depois voltou ao trabalho e fez tudo de novo.

— Foram duas vezes. Quinta-feira passada e ontem à noite. Só isso. Juro.

— E se eu não tivesse descoberto? Teria mesmo parado?

Graham passa uma das mãos na boca, o maxilar tenso. Sua cabeça se move um pouco, e espero que não seja uma resposta a minha pergunta. Espero que seja arrependimento.

— Não sei como responder — admite ele, olhando pela janela. — Ninguém merece isso. Especialmente você. Antes de sair hoje à noite, jurei que nunca mais aconteceria. Mas também nunca acreditei que seria capaz de algo assim, para início de conversa.

Olho para o teto do carro e levo a mão ao peito, exalando rapidamente.

— Então por que fez isso? — A pergunta sai em um soluço.

Graham se vira para mim logo que começo a chorar. Ele se inclina entre os bancos e segura meu rosto, em um apelo silencioso para que eu o encare. Quando enfim encontro seu olhar desesperado, isso me faz chorar ainda mais.

— Nós andamos pela casa como se tudo estivesse bem, mas não está, Quinn. Já faz anos que não estamos bem, e não faço ideia de como consertar. Encontro soluções. É o que faço. É no que sou bom. Mas não faço a menor ideia de como resolver você e eu. Todo dia, volto para casa com esperança de que as coisas melhorem. Mas você mal suporta ficar no mesmo cômodo que eu. Odeia quando toco em você. Odeia quando falo com você. Finjo não notar as coisas que não quer que eu note porque não quero magoá-la mais do que já foi magoada. — Ele solta o ar. — Não estou culpando você pelo que fiz. É minha culpa. É minha culpa. Eu fiz isso. Eu fodi com tudo. Mas não fodi com tudo porque estava atraído por ela. Fodi com tudo porque sinto falta de você. Todo dia, sinto sua falta. Quando estou no trabalho, sinto sua falta. Quando estou em casa, sinto sua falta. Quando você está ao meu lado na cama, sinto sua falta. Quando estou dentro de você, sinto sua falta.

Graham encosta a boca na minha. Posso sentir o sabor de suas lágrimas. Ou talvez sejam minhas lágrimas. Ele se afasta e pressiona a testa contra a minha.

— Sinto sua falta, Quinn. Demais. Você está bem aqui, só que não está. Não sei para onde foi ou quando partiu, mas não faço ideia de como trazer você de volta. Estou tão sozinho. Moramos juntos. Comemos juntos. Dormimos juntos. Mas nunca, jamais me senti tão sozinho em toda a minha vida.

Graham me solta e volta a se recostar em seu banco. Apoia o cotovelo na janela, cobrindo o rosto enquanto tenta se recompor. Em todos os anos que o conheço, nunca o vi tão abalado.

E sou eu que estou fazendo isso com ele, pouco a pouco. Estou tornando-o irreconhecível. Eu o arrastei comigo ao permitir que acreditasse que havia esperança de algo mudar, em algum momento. Que, por um milagre, eu voltaria a ser a mulher por quem se apaixonou.

Mas não posso mudar. Somos fruto de nossas circunstâncias.

— Graham. — Enxugo o rosto na blusa. Ele está em silêncio, mas acaba me encarando com seus olhos magoados e tristes. — Não fui a lugar algum. Estive aqui o tempo todo. Mas você não consegue me ver porque continua procurando pela pessoa que eu costumava ser. Lamento que eu não seja mais a pessoa que era no passado. Talvez eu melhore. Talvez não. Mas um bom marido ama sua esposa nos bons e nos maus momentos. Um bom marido fica ao lado da mulher na saúde e na doença, Graham. Um bom marido, um marido que realmente ama sua esposa, não a trai e depois usa o fato de estar solitário para justificar essa traição.

A expressão de Graham não se altera. Está parado como uma estátua. A única coisa que se mexe é o maxilar conforme ele o move para a frente e para trás. E, então, ele estreita os olhos e inclina a cabeça.

— Você não acredita que eu ame você, Quinn?

— Sei que costumava amar. Mas não creio que ame a pessoa que me tornei.

Graham se endireita. Ele se inclina para a frente, olhando intensamente em meus olhos. Suas palavras soam entrecortadas quando fala:

— Tenho amado você a cada segundo de todos os dias, desde a primeira vez que vi você. Eu te amo hoje mais que no dia em que nos casamos. Eu amo você, Quinn. Caralho, eu amo você!

Ele abre a porta do carro, salta, então a bate com toda a força. O carro inteiro balança. Ele caminha na direção de casa, mas, antes de chegar à porta da frente, dá meia-volta e aponta para mim.

— Eu amo você, Quinn!

Ele está gritando. Está furioso. Tão furioso.

Graham vai até o próprio carro e chuta o para-choque dianteiro com o pé descalço. Ele chuta e chuta e chuta e, então, faz uma pausa para gritar comigo outra vez.

— Eu amo você!

Esmurra o teto do carro, repetidas vezes, até que finalmente desmorona contra o capô, a cabeça enterrada nos braços. Continua nessa posição por um minuto inteiro, o único movimento é o sutil sacudir de seus ombros. Não me mexo. Acho que nem mesmo respiro.

Enfim, Graham se afasta do capô e usa a camisa para enxugar os olhos. Ele olha para mim, completamente derrotado.

— Eu amo você — murmura, balançando a cabeça. — Sempre te amei. Não importa o quanto você deseje o contrário.

Capítulo vinte e um

Antes

Por razões óbvias, nunca pedi nenhum favor a minha mãe. E é justamente por isso que liguei para meu padrasto e pedi permissão para usar sua casa de praia, em Cape Cod. Ele a aluga na maior parte do tempo, e está sempre ocupada no verão. Mas estamos em fevereiro, e a casa ficou vazia a maior parte do inverno. Precisei engolir o orgulho ao fazer o pedido, mas foi muito mais fácil do que se tivesse que falar com minha mãe. Ela deixou explícito, inúmeras vezes desde que conheceu Graham, que eu podia ter arrumado um partido melhor. Na sua opinião, melhor partido significa alguém com uma casa de praia própria, e assim eu nunca precisaria pegar a dela emprestada para o fim de semana.

Graham ficou andando pela casa por uma hora desde que chegamos aqui, reparando nas coisas com o entusiasmo de uma criança na manhã de Natal.

Quinn, olhe só essa vista!

Quinn, venha ver essa banheira!

Quinn, você viu a braseira?

Quinn, eles têm caiaques!

Desde então, sua animação já diminuiu um pouco. Acabamos de jantar, e fui tomar um banho enquanto Graham acendia o fogo. Está quente, incomum para um fevereiro em Massachusetts, mas, mesmo em um dia agradável de inverno, mal chega aos dez graus, e a zero grau à noite. Levo um cobertor comigo até a braseira e me aconchego a Graham no sofá do pátio.

Ele me puxa ainda mais para perto, me envolvendo com um dos braços, enquanto pouso a cabeça em seu ombro. Ele ajeita o cobertor ao nosso redor. Está frio, mas seu calor, somado ao do fogo, torna a temperatura tolerável. Confortável até.

Nunca vi Graham tão relaxado como agora, ouvindo o barulho do mar. Amo seu modo de observar as ondas, como se elas tivessem a resposta para todas as perguntas do mundo. Ele olha para o mar com o devido respeito.

— Que dia perfeito — comenta ele, baixinho.

Sorrio. Fico feliz de saber que um dia perfeito para ele me inclua. Já faz seis meses que estamos namorando. Às vezes olho para ele e sou invadida por uma afeição avassaladora, quase me sinto tentada a escrever cartões de agradecimento a nossos ex. Foi a melhor coisa que já me aconteceu.

É estranho se sentir tão feliz com alguém, amando tanto essa pessoa, e ao mesmo tempo ter um medo latente permeando tudo, de um modo que jamais sentiu antes de conhecê-la. O medo de perdê-la. O medo de magoá-la. Imagino que seja assim quando se tem filhos. Com certeza, é o mais incrível tipo de amor que se pode vivenciar, mas também o mais aterrorizante.

— Você quer ter filhos? — Praticamente deixo escapar a pergunta. Estava tudo tão quieto entre nós, e, de repente, quebro o silêncio com uma pergunta cuja resposta pode determinar nosso futuro. Sutileza não é meu forte.

— Lógico. E você?

— Sim. Quero um monte de filhos.

Graham solta uma risada.

— Quanto é um monte?

— Não sei. Mais de um, menos de cinco. — Afasto a cabeça de seu ombro e o encaro. — Acho que eu seria uma ótima mãe. Não quero me gabar, mas, se tivesse filhos, estou certa de que seriam os melhores filhos de todos os tempos.

— Não tenho dúvidas.

Apoio minha cabeça em seu ombro novamente. Ele me cobre a mão, que está sobre seu peito.

— Você sempre quis ser mãe?

— Sim. É meio constrangedor o quanto a ideia de ser mãe me empolga. A maioria das garotas cresce sonhando com uma carreira de sucesso. Sempre fiquei envergonhada em admitir que preferia trabalhar de casa e ter um monte de filhos.

— Não tem motivo para ficar constrangida.

— Tem, sim. Nos dias de hoje, a mulher deve querer mais que ser apenas mãe.

Graham me afasta de seu peito para alimentar o fogo. Pega duas toras pequenas e as leva até a braseira, então retoma o lugar ao meu lado.

— Devemos ser o que quisermos ser. Você pode ser um soldado, se quiser. Ou uma advogada. Ou uma executiva. Ou uma dona de casa. A única coisa que não deve é ficar com vergonha dos seus sonhos.

Eu o amo. Eu o amo tanto.

— Não quero apenas ser mãe. Algum dia, quero escrever um livro.

— Bem, com certeza já tem imaginação para isso, se levarmos em consideração todos os seus sonhos malucos.

— Eu deveria fazer um registro deles. — Dou uma risada.

Graham sorri para mim com uma expressão desconhecida no rosto. Estou prestes a perguntar no que está pensando, mas ele fala primeiro:

— Me pergunte de novo se quero ter filhos.

— Por quê? Mudou de ideia?

— Sim. Me pergunte de novo.

— Você quer ter filhos?

Ele sorri para mim.

— Só quero ter filhos se for com você. Quero ter um monte de filhos com você. Quero ver sua barriga crescer e observar enquanto você segura nosso bebê no colo pela primeira vez, e quero ver você chorar porque está delirantemente feliz. À noite, quero ficar parado na porta do quarto das crianças e ver você ninar nossos filhos enquanto canta para eles. Não consigo pensar em nada que queira mais do que fazer de você uma mãe.

Beijo seu ombro.

— Você sempre diz coisas tão doces. Queria saber me expressar tão bem quanto você.

— Você é uma escritora. É você que é boa com as palavras.

— Não estou falando de minhas habilidades de escrita. Com certeza, seria capaz de registrar o que sinto por você, mas jamais conseguiria declamar meus sentimentos, como você faz.

— Então faça isso — encoraja ele. — Me escreva uma carta de amor. Nunca recebi uma carta de amor antes.

— Não acredito nisso.

— Estou falando sério. Sempre quis receber uma.

Eu solto uma risada.

— Vou escrever uma carta de amor para você, seu meloso.

— É melhor que tenha mais de uma página. E quero que me conte tudo. O que pensou de mim a primeira vez que me viu. O que sentiu quando estávamos nos apaixonando. E quero que coloque seu perfume nela, como as garotas fazem no ensino médio.

— Mais alguma exigência?

— Não me oporia se colocasse uma foto de você nua no envelope.

Com certeza, posso fazer acontecer.

Graham me puxa para seu colo e monto em suas pernas. Ele nos cobre com a manta, fazendo um casulo para nós. Está vestindo um velho pijama de frio, então tenho uma noção bem distinta do que está pensando no momento.

— Você já fez amor ao ar livre num frio desse?

Sorrio contra sua boca.

— Não. Mas, curioso, é exatamente por isso que não estou usando lingerie.

As mãos de Graham agarram minha bunda, e ele geme ao levantar minha camisola. Eu me ergo um pouco, para que possa se livrar do pijama, em seguida baixo o quadril sobre ele, acomodando-o dentro de mim. Fazemos amor abrigados sob o cobertor, com o vaivém do oceano como trilha sonora. É o momento perfeito, no lugar perfeito, com a pessoa perfeita. E eu sei, sem sombra de dúvida, que vou citar esse instante quando escrever minha carta de amor para ele.

Capítulo vinte e dois

Agora

Ele beijou outra mulher.

Olho para a mensagem que estou prestes a enviar para Ava, mas, então, lembro que ela está algumas horas à frente. Eu me sentiria mal, sabendo que leria isso logo ao acordar. Eu o deleto.

Faz meia hora desde que Graham desistiu e voltou para dentro de casa, mas continuo sentada em meu carro. Acho que estou machucada demais para me mover. Não faço a menor ideia se a culpa é minha ou se a culpa é dele ou se não é culpa de ninguém. A única coisa que sei é que ele me magoou. E me magoou porque eu o tenho magoado. De forma alguma justifica o que ele fez, mas uma pessoa pode entender o comportamento de outra sem desculpá-la.

No momento, estamos tão cheios de dor que nem sei o que fazer. Não importa o quanto você ame alguém... a força desse amor nada significa se supera sua capacidade de perdoar.

Parte de mim se pergunta se qualquer um desses problemas existiria se tivéssemos conseguido ter um filho. Não sei ao certo se nosso casamento teria saído dos trilhos nesse caso, porque eu não estaria me sentindo tão arrasada como venho me sentindo nos últimos anos. E Graham não precisaria pisar em ovos perto de mim.

Mas, então, outra parte de mim se pergunta se não era inevitável. Talvez um filho não tivesse salvado nosso casamento e, em vez de sermos apenas um casal

infeliz, seríamos uma família infeliz. E no que aquilo nos transformaria? Somente outro casal unido pelo bem dos filhos.

Imagino quantos casamentos teriam sobrevivido se não fosse pelas crianças geradas. Quantos casais continuariam a viver felizes para sempre sem as crianças como a cola que mantém a família unida?

Talvez devêssemos comprar um cachorro. Ver se isso resolveria as coisas.

Talvez fosse exatamente nisso que Graham estava pensando quando sentou em meu carro mais cedo e disse: "Por que nunca compramos um cachorro?"

Óbvio que era nisso que estava pensando. Ele tem tanta consciência de nossos problemas quanto eu. Faria sentido que nossa mente apontasse a mesma solução.

Quando o carro esfria, volto para casa e sento na beirada do sofá. Não quero ir até meu quarto, onde Graham está dormindo. Um minuto atrás, ele estava berrando que me ama com todas as forças. Foi um escândalo, tenho certeza de que todos os vizinhos acordaram com a gritaria e as batidas de seu punho no metal.

Mas, no momento, a casa está em silêncio. E esse silêncio entre nós é ensurdecedor; não creio que eu seja capaz de dormir.

No passado, tentamos fazer terapia, pensando que poderia ajudar com as questões que a infertilidade nos fazia enfrentar. Fiquei entediada. Ele ficou entediado. E então nos unimos para falar de quão entediante eram as sessões. Terapeutas não fazem outra coisa que não nos obrigar a encarar nossas imperfeições. Não era um problema para Graham, e não era um problema para mim. Conhecemos nossos defeitos. Nós os reconhecemos. Meu defeito é não conseguir engravidar, e isso me deixa triste. O defeito de Graham é não conseguir resolver meu problema, e isso o deixa triste. Não há cura mágica pela terapia. Não importa quanto tempo passemos tentando lidar com nossas questões emocionais, nenhum terapeuta no mundo pode me fazer engravidar. Portanto, terapia é apenas mais um sinal de menos em uma conta bancária já negativa.

Talvez a única solução para nós seja o divórcio. É estranho pensar em me divorciar de alguém que amo. Mas penso bastante nisso. Penso no tempo que Graham está desperdiçando comigo. Ele ficaria triste se eu o deixasse, mas encontraria alguém. Ele é bom demais para ficar sozinho. Vai se apaixonar de novo, gerar um bebê e voltar ao ciclo da vida, do qual o arranquei. Imaginar

Graham sendo pai um dia sempre me faz sorrir... mesmo que o cenário que o permita ser pai não me inclua como mãe.

Acho que o único motivo para jamais ter desistido completamente dele tem a ver com milagres. Leio artigos, livros e posts de mães que tentaram conceber por anos e, então, assim que estão prestes a desistir, voilà! Grávida!

Os milagres me deram esperança. Esperança suficiente para continuar com Graham por mais um tempo para o caso de conseguirmos um milagre só nosso. Talvez esse milagre nos remendasse. Colocasse um Band-Aid em nosso casamento partido.

Quero odiá-lo por beijar outra pessoa. Mas não consigo, porque um pedaço de mim não o culpa. Venho lhe dando todos os motivos do mundo para me deixar. Já faz um tempo que não transamos, mas sei que não é por esse motivo que procurou algo fora do casamento. Graham passaria uma vida inteira sem sexo se eu lhe pedisse.

Ele se permitiu ferrar com tudo porque desistiu de nós.

Quando estava na faculdade, fui escolhida para escrever um artigo sobre um casal que continuava junto depois de sessenta anos. Os dois estavam na casa dos 80. Quando apareci para a entrevista, fiquei pasma com sua sintonia. Presumi que, após viver com alguém por sessenta anos, ambos estariam cansados um do outro. Mas eles se olhavam como se, de algum modo, ainda se respeitassem e se admirassem, mesmo depois de tudo pelo que haviam passado.

Fiz várias perguntas durante a entrevista, mas aquela que encerrou nossa conversa me causou um impacto profundo.

— Qual o segredo de um casamento tão perfeito? — perguntei.

O senhor se inclinou para a frente e me encarou, muito sério.

— Nosso casamento não é perfeito. Nenhum casamento é perfeito. Houve momentos em que ela desistiu de nós. Houve ainda mais vezes em que eu desisti de nós. O segredo para nossa longevidade é que jamais desistimos ao mesmo tempo.

Nunca vou me esquecer da honestidade na resposta daquele homem.

E agora acredito piamente que é o que estou vivenciando. Creio que é por isso que Graham fez o que fez. Porque desistiu de nós afinal. Ele não é um super-herói. Ele é humano. Não existe ninguém nesse mundo capaz de suportar tamanha indiferença. Graham havia sido nossa força no passado, e eu, sempre o elo mais fraco. Mas agora os papéis se inverteram e Graham se tornou, temporariamente, o elo mais fraco.

O problema é... também penso em desistir. Sinto que ambos desistimos ao mesmo tempo e que talvez não haja volta. Sei que poderia resolver tudo se o perdoasse e lhe dissesse para se esforçar mais, porém parte de mim se pergunta se é a escolha certa.

Por que lutar por algo que muito provavelmente nunca terá solução? Por quanto tempo um casal pode se apegar a um passado que os dois defendem para justificar um presente onde nenhum deles é feliz?

Não tenho dúvidas de que Graham e eu costumávamos ser perfeitos um para o outro. Mas, só porque costumávamos ser perfeitos um para o outro, não significa que somos perfeitos juntos agora. Longe disso.

Olho para o relógio, desejando que, num passe de mágica, pulasse o dia de amanhã. Tenho a impressão de que amanhã vai ser bem pior que hoje. Porque sinto que amanhã seremos forçados a tomar uma decisão.

Teremos que decidir se é chegada a hora de enfim abrir aquela caixa de madeira.

A ideia provoca uma reviravolta em meu estômago. Uma dor me rasga ao meio, e agarro minha camisa enquanto me inclino para a frente. Estou com o coração partido; chego a sentir na pele. Mas não choro porque, na atual situação, minhas lágrimas me causam ainda mais sofrimento.

Caminho até o quarto com os olhos secos. É o máximo de tempo que passei sem derramar uma única lágrima nas últimas 24 horas. Abro a porta de nosso quarto, esperando ver Graham dormindo. Em vez disso, ele está sentado, encostado à cabeceira da cama. Os óculos de leitura se equilibram na ponta de seu nariz, e ele tem um livro no colo. O abajur ao seu lado está aceso, e nossos olhares se cruzam por um breve instante.

Eu me enfio na cama, de costas para ele. Acredito que estejamos os dois arrasados demais para sequer retomar nossa discussão esta noite. Ele continua lendo o livro, e faço o melhor que posso para tentar cair no sono. No entanto, minha mente está inquieta. Vários minutos se passam, e saber que ele está ao meu lado não me deixa relaxar. Ele parece notar que estou acordada porque ouço quando fecha o livro e o coloca sobre a mesa de cabeceira.

— Pedi demissão hoje.

Não digo nada em resposta a sua confissão. Apenas fito a parede.

— Sei que você acha que saí para o trabalho de manhã e larguei você aqui, trancada nesse quarto.

Ele tem razão. Foi exatamente o que pensei.

— Mas só saí de casa porque precisava pedir demissão. Não posso trabalhar no lugar onde cometi o maior erro de minha vida. Vou começar a procurar um novo emprego na semana que vem.

Fecho os olhos com força e puxo as cobertas até o queixo. Ele desliga o abajur, deixando evidente que não precisa de minha resposta. Depois que se deita, deixo escapar um suspiro de alívio ao saber que não vai mais trabalhar com Andrea. Ele parou de desistir. Está tentando outra vez. Ainda acredita que existe uma possibilidade de nosso casamento voltar a ser o que era.

Sinto pena dele. E se estiver errado?

Esses pensamentos me atormentam por mais uma hora. De algum modo, Graham cai no sono... pelo menos, acho que está dormindo. Senão, está fingindo bem.

Mas não consigo dormir. As lágrimas ameaçam cair, e a dor em meu estômago só piora. Eu me levanto e tomo uma aspirina, mas, quando volto para cama, começo a me questionar se agonia emocional pode, de fato, se manifestar como dor física.

Alguma coisa não está certa.

Não deveria doer tanto.

Sinto uma dor aguda. Uma dor profunda. Uma dor forte o bastante para eu rolar de lado. Agarro o cobertor com punhos cerrados e encolho as pernas na direção da barriga. Quando faço isso, eu sinto. Escorregadio e molhado, por todo o lençol.

— Graham. — Tento estender a mão em sua direção, mas ele já está se virando para acender a luz. Outra pontada, tão intensa que me faz perder o fôlego.

— Quinn?

Sua mão toca meu ombro. Ele afasta as cobertas. O que quer que vê o faz pular da cama. As luzes estão acesas, e ele me pega no colo, me dizendo que vai ficar tudo bem, me carregando até o carro, ele acelera, eu suo, olho para baixo, estou coberta de sangue.

— Graham.

Estou apavorada, e ele pega minha mão e a aperta, dizendo:

— Está tudo bem, Quinn. Estamos quase chegando. Estamos quase chegando.

Tudo fica confuso depois disso.

Alguns detalhes se destacam. A lâmpada fluorescente sobre minha cabeça. A mão de Graham envolvendo a minha. Palavras que não quero ouvir, como aborto e hemorragia e cirurgia.

Palavras que Graham está dizendo ao telefone, provavelmente para a mãe, enquanto segura minha mão. Ele sussurra porque pensa que estou dormindo. Parte de mim está, a maior parte, não. Sei que não está falando de coisas que poderiam acontecer. Elas já aconteceram. Não vou entrar em cirurgia. Acabei de sair de uma.

Graham desliga. Seus lábios tocam minha testa, e ele murmura meu nome.

— Quinn?

Abro os olhos e encontro os seus. Seus olhos estão vermelhos, e há um vinco profundo entre suas sobrancelhas que eu nunca vi antes. É recente, provavelmente consequência do que está acontecendo agora. Eu me pergunto se vou me lembrar desse momento toda vez que olhar aquela ruga.

— O que aconteceu?

O vinco entre seus olhos se acentua. Ele passa a mão em meu cabelo e solta as palavras com cuidado:

— Você sofreu um aborto, ontem à noite — confirma ele. Os olhos procuram os meus, se preparando para qualquer que seja minha reação.

É curioso que meu corpo não dê nenhuma pista. Sei que devo estar muito medicada, mas não é algo que eu deveria sentir? Que havia uma vida crescendo dentro de mim que não existe mais? Coloco a mão em meu ventre, imaginando como pude não ter me dado conta. Há quanto tempo estava grávida? Quanto tempo se passara desde a última vez que transamos? Mais de dois meses. Quase três.

— Graham — sussurro. Ele pega minha mão e a aperta. Sei que deveria estar tão arrasada nesse momento que nem mesmo um fio de alegria ou alívio poderia se infiltrar em minha alma. Mas, de algum modo, não sinto a angústia que deveria acompanhar esse momento. Sinto esperança. — Eu estava grávida? Finalmente engravidamos?

Não sei como consigo me concentrar apenas no lado positivo de toda essa situação, mas, depois de anos de constantes fracassos, não posso evitar... encaro isso como um sinal. Fiquei grávida. Conseguimos um milagre parcial.

Uma lágrima escorre do olho de Graham e cai em meu braço. Baixo o olhar para a lágrima e a observo deslizar por minha pele. Meus olhos voltam a

encontrar os dele, e percebo que nem uma única parte de Graham é capaz de ver o lado positivo dessa situação.

— Quinn...

Outra lágrima cai de seu olho. Em todos os anos que o conheço, nunca o vi tão triste. Balanço a cabeça, porque o que quer que o deixe assim tão apavorado de falar não é algo que eu queira ouvir.

Graham aperta minha mão de novo e me olha com tanta tristeza que preciso desviar o olhar quando ele começa.

— Quando chegamos aqui ontem à noite...

Tento bloquear suas palavras, mas meus ouvidos se recusam a me obedecer.

— Você estava tendo uma hemorragia.

A palavra "não" está se repetindo, e não faço ideia se vem de minha boca ou se ecoa em minha cabeça.

— Você precisou fazer...

Eu me encolho e abraço os joelhos, cerrando os olhos com força. Logo que escuto a palavra histerectomia começo a chorar. Soluçar.

Graham se esgueira para a cama de hospital e me envolve em seus braços, me amparando enquanto enterramos os últimos pingos de esperança que ainda nos haviam restado.

Capítulo vinte e três

Antes

É nossa última noite na casa de praia. Voltamos para Connecticut pela manhã. Graham tem uma reunião amanhã à tarde. Tenho que lavar roupa antes de voltar ao trabalho, na terça-feira. Nenhum dos dois está pronto para ir embora ainda. Tem sido tranquilo e perfeito, e já estou ansiosa para voltar aqui com ele. Nem me importo se tiver que puxar o saco de minha mãe por um mês inteiro para planejar nossa próxima escapada. É um preço que estou disposta a pagar por outro fim de semana de perfeição.

Está um pouco mais frio esta noite que nas últimas duas que passamos aqui, mas gosto disso. Liguei o aquecedor da casa no máximo. Congelamos nossa bunda por horas perto da braseira, então nos aconchegamos na cama para descongelar. É uma rotina da qual jamais me cansaria.

Acabei de preparar duas canecas de chocolate quente para nós. Eu as levo para fora e entrego uma para Graham, depois me sento ao seu lado.

— Ok — diz ele. — Próxima pergunta.

Hoje de manhã, Graham descobriu que, embora eu ame observar as ondas, na verdade jamais coloquei o pé no oceano. Ele passou a maior parte do dia tentando descobrir outras coisas que não sabia sobre mim. Agora, virou um jogo e estamos alternando perguntas, querendo descobrir tudo o que há para se descobrir sobre o outro.

Na primeira noite que passamos juntos, ele mencionou que não discutia religião ou política. Mas já faz seis meses e estou curiosa para saber suas

opiniões.

— Ainda nem conversamos sobre religião — argumento. — Ou política. Ainda são tópicos proibidos?

Graham encosta a borda da xícara nos lábios e suga um marshmallow.

— O que quer saber?

— Você é Republicano ou Democrata?

Ele nem mesmo hesita.

— Nenhum dos dois. Não suporto os radicais em ambos os lados, então acho que sou de centro.

— Então você é uma dessas pessoas.

Ele inclina a cabeça.

— Que pessoas?

— O tipo que finge concordar com qualquer opinião para ficar em paz.

Graham arqueia uma sobrancelha.

— Ah, eu tenho opiniões, Quinn. Bem fortes.

Encolho as pernas e as ajeito sob o corpo, encarando-o.

— Quero ouvir suas opiniões.

— O que quer saber?

— Tudo. — Eu o desafio. — Sua posição em relação ao controle de armas. Imigração. Aborto. Tudo isso.

Amo a empolgação em seu rosto, como se ele estivesse se preparando para uma palestra. É adorável como uma palestra tem o poder de animá-lo.

Ele pousa a caneca de chocolate quente na mesa ao seu lado.

— Ok... Vamos ver. Não acho que devemos privar o cidadão do direito de ter uma arma. Mas penso que deveria ser uma dificuldade enorme colocar as mãos em uma. Acredito que as mulheres deveriam decidir o que fazer com seu corpo, desde que seja no primeiro trimestre ou quando se trata de uma urgência médica. Acho os programas de governo absolutamente necessários, mas também acho que um processo mais sistemático precisa ser posto em prática, algo que encoraje as pessoas a deixar o assistencialismo, em vez de continuar a viver da assistência social. Acho que devemos abrir as fronteiras para imigrantes, desde que se legalizem e paguem impostos. Cuidados de saúde básicos deveriam ser um direito humano fundamental, não um luxo que somente os ricos podem pagar. Penso que empréstimos estudantis deveriam ser automaticamente aprovados e, então, quitados à prestação, em um período de vinte anos. Acho que atletas recebem salários altos demais, professores são mal remunerados, a NASA

é subfinanciada, a maconha deveria ser legalizada, as pessoas deveriam ser livres para amar quem quisessem e o Wi-Fi deveria ser acessível e gratuito para todos. — Quando termina, calmamente estende a mão para sua caneca de chocolate quente e a leva de novo à boca. — Você ainda me ama?

— Mais que dois minutos atrás. — Beijo seu ombro, e ele me envolve com o braço, me puxando para si.

— Bem, foi mais fácil do que pensei que seria.

— Não fique aliviado ainda — aviso a ele. — Ainda não discutimos religião. Você acredita em Deus?

Graham desvia o olhar e observa o mar. Ele acaricia meu ombro e pondera sobre minha pergunta por um momento.

— Não costumava acreditar.

— Mas acredita agora?

— Sim. Agora acredito.

— O que fez você mudar de ideia?

— Algumas coisas. — Ele gesticula com a cabeça em direção ao mar. — Aquilo é uma delas. Como algo tão magnífico e poderoso pode existir sem que tenha sido criado por alguma coisa ainda mais magnífica e poderosa?

Admiro a água em sua companhia quando me pergunta no que acredito. Dou de ombros.

— Religião não é um dos fortes de minha mãe, mas sempre acreditei que exista algo mais grandioso que nós por aí. Apenas não sei exatamente o que é. Acho que ninguém sabe ao certo.

— É o que chamam de fé — argumenta ele.

— Então... Como um homem de números e ciência concilia conhecimento e fé?

Graham sorri quando faço a pergunta, como se estivesse morrendo de vontade de discutir o assunto. Eu o amo por isso. Ele tem um adorável lado nerd que se manifesta às vezes, e o torna ainda mais atraente.

— Sabe quão antiga é a Terra, Quinn?

— Não, mas aposto que estou prestes a descobrir.

— Ela tem quatro bilhões e meio de anos. — Sua voz transborda de encantamento, como se fosse seu assunto predileto. — Sabe há quanto tempo nossa espécie surgiu?

— Não faço a menor ideia.

— Há apenas duzentos mil anos. Há apenas duzentos mil anos dentro de quatro bilhões e meio de anos. É inacreditável. — Ele segura minha mão e a coloca sobre sua coxa. Então começa a contornar lentamente o dorso de minha mão com um dedo. — Se as costas de sua mão representassem a idade da Terra e de cada espécie que já viveu, toda a raça humana não seria nem ao menos visível a olho nu. — Graham arrasta os dedos até o centro do dorso de minha mão e aponta para um pequeno sinal. — Do início dos tempos até hoje, poderíamos reunir cada ser humano que já caminhou sobre a terra, todos os seus problemas e preocupações, e o resultado nem ao menos chegaria ao tamanho desse sinal aqui. — Ele bate de leve em minha mão. — Cada uma de suas experiências de vida poderia caber aqui, nessa pequena pinta. Assim como as minhas. E as de Beyoncé.

Eu solto uma risada.

— Quando você analisa a existência da Terra como um todo, não somos nada. Nem sequer estamos aqui há tempo suficiente para ter o direito de nos gabar. No entanto, os seres humanos acham que são o centro do universo. Nos concentramos nas mais estúpidas, mais mundanas questões. Nos estressamos com coisas sem qualquer significado para o universo, quando devíamos apenas nos sentir gratos porque a evolução deu a nossa espécie a chance de ter problemas. Porque algum dia... os seres humanos deixarão de existir. A história se repetirá, e a Terra vai continuar com uma espécie completamente nova. Eu e você... somos apenas duas pessoas, dentro de uma raça inteira que, em retrospecto, ainda é bem menos impressionante, em termos de sustentabilidade, que um dinossauro. Apenas ainda não atingimos nossa data de validade. — Ele entrelaça os dedos nos meus e aperta minha mão.

"Com base em toda a evidência científica que prova o quão insignificantes somos, sempre achei difícil acreditar em Deus. A pergunta mais pertinente teria sido: Deus consegue acreditar em mim? Porque muita coisa aconteceu na Terra em quatro bilhões e meio de anos para eu achar que um Deus possa se importar comigo ou com meus problemas. Mas recentemente concluí que não existe outra explicação para o modo como você e eu acabamos no mesmo planeta, na mesma espécie, no mesmo século, no mesmo país, no mesmo estado, na mesma cidade, no mesmo corredor, na frente da mesma porta, pela mesma razão, no mesmo instante. Se Deus não acreditasse em mim, então eu teria que acreditar que você foi só uma coincidência. E, para mim, você ser uma coincidência em minha vida é bem mais difícil de compreender que a mera existência de um poder supremo.

Ah.

Uau! Perdi o fôlego.

Graham me disse tantas coisas doces, mas isso não foi doce. Foi pura poesia. Foi além de mera expressão de sua inteligência, porque sei como é incrivelmente esperto. Foi uma oferenda. Ele me deu propósito. Graham me fez incrivelmente relevante — crucial — para si, quando nunca havia me sentido relevante, vital ou crucial para ninguém.

— Amo tanto você, Graham Wells. — É só o que consigo dizer porque não posso competir com o que ele acabou de falar. Nem mesmo tento.

— Me ama o bastante para se casar comigo?

Eu me desvencilho de seu braço e me endireito, ainda o encarando.

Ele realmente acabou de me pedir em casamento?

Foi tão espontâneo. Provavelmente, nem pensou direito no assunto. Ele ainda está sorrindo, mas, em alguns segundos, acho que é provável que comece a rir, porque as palavras lhe escaparam sem intenção, sem nem ao menos pensar. Sequer tem um anel, o que comprova que foi um acaso.

— Graham...

Ele enfia a mão debaixo do cobertor. Quando a mostra de novo, está segurando um anel. Sem caixa, sem embrulho, sem pretensão. Somente um anel. Um anel que vem carregando no bolso, à espera do momento no qual, de fato, pensou.

Levo as mãos à boca; estão tremendo porque eu não esperava por isso e estou sem fala e com medo de não conseguir responder a ele porque minha garganta está fechada, mas, de algum modo, consigo sussurrar as palavras.

— Ai, meu Deus.

Graham afasta minha mão esquerda da boca e segura o anel perto de meu dedo anelar, mas não tenta colocá-lo. Em vez disso, abaixa a cabeça para desviar minha atenção de volta a ele. Quando nossos olhares se encontram, ele me encara com toda a clareza e esperança do mundo.

— Seja minha esposa, Quinn. Enfrente os momentos de categoria 5 comigo.

Estou assentindo mesmo antes de ele terminar de falar. Assinto porque, se tentar dizer sim, vou começar a chorar. Nem posso acreditar que ele fez esse fim de semana perfeito ficar ainda melhor.

Assim que começo a fazer que sim com a cabeça, ele ri e deixa escapar um suspiro de alívio. E, quando coloca o anel em meu dedo, morde o lábio porque não quer que eu perceba que também está sem palavras.

— Não sabia que anel comprar — admite ele, voltando a olhar para mim. — Mas, quando o joalheiro me disse que o anel de noivado simboliza um laço infinito, sem começo, meio e fim, não quis quebrar esse laço com diamantes. Espero que goste.

O anel é delicado, um aro de ouro, sem pedras. Não é um reflexo de quanto dinheiro Graham tem ou não. É um símbolo do quanto acredita que nosso amor vai durar. Uma eternidade.

— É perfeito, Graham.

Capítulo vinte e quatro

Agora

— Gravidez ectópica cervical — explica ela. — Muito rara. Na verdade, a chance de uma mulher desenvolver esse tipo de gravidez ectópica é menos de um por cento.

Graham aperta minha mão. Estou deitada na cama do hospital, não querendo outra coisa que não a saída da médica do quarto para que eu possa voltar a dormir. Os medicamentos me deixam tão sonolenta que é difícil prestar atenção a tudo o que ela está dizendo. No entanto, sei que não preciso, porque Graham está atento a cada palavra que sai de sua boca. "Repouso absoluto por duas semanas" é a última coisa que a escuto falar antes de fechar os olhos. É Graham que ama matemática, mas sinto que serei eu a ficar obcecada com aquele menos de um por cento. As chances de engravidar depois de tantos anos de tentativas eram maiores que as chances de uma gravidez resultar em ruptura tubária.

— Qual foi a causa? — pergunta Graham.

— A endometriose, provavelmente. — Ela dá mais detalhes, mas eu a ignoro. Inclino a cabeça na direção de Graham e abro os olhos. Ele está encarando a médica, ouvindo a resposta. Mas posso notar a preocupação em seu semblante. A mão direita cobre a boca, a esquerda ainda segura a minha.

— Seria... — Ele abaixa o olhar até mim, e há tanta preocupação em seus olhos. — Seria possível o estresse ter causado o aborto?

— O aborto era inevitável com esse tipo de gravidez — responde ela. — Nada poderia ser feito para prolongá-la. Houve a ruptura porque uma gravidez ectópica não é viável.

Abortei há dezenove horas. Mas só nesse momento me dou conta de que Graham passou as últimas dezenove horas se sentindo, de algum modo, responsável. Tinha medo de que o estresse de nossa briga fosse a causa.

Depois que a médica sai do quarto, deslizo o polegar em sua mão. É um pequeno gesto, e um bem difícil devido à raiva que ainda sinto, mas ele nota de imediato.

— Você tem motivos para se sentir culpado, mas eu ter abortado não é um deles.

Graham me encara por um momento com olhos vazios e a alma atormentada. Então solta minha mão e sai do quarto. Não volta por meia hora, mas parece que esteve chorando.

Ele chorou algumas vezes em nosso casamento. Na verdade, nunca realmente presenciei o choro até ontem, mas já o vi logo após acontecer.

Graham passa as horas seguintes se certificando de que eu estou confortável. Minha mãe vem me visitar, mas finjo dormir. Ava liga, mas peço a Graham para dizer que estou dormindo. Passo a maior parte do dia e da noite tentando não pensar em nada do que está acontecendo, mas, toda vez que fecho os olhos, me pego desejando, pelo menos, ter descoberto antes. Mesmo que a gravidez tivesse o mesmo desfecho, fico zangada comigo mesma por não ter prestado mais atenção a meu corpo e assim podido aproveitar enquanto durou. Se tivesse prestado mais atenção, teria suspeitado que estava grávida. Teria feito um teste. Teria dado positivo. E então, só uma vez, Graham e eu conheceríamos a alegria de ser pais. Mesmo que fosse um sentimento fugaz.

É um pouco mórbido que eu estivesse disposta a passar por tudo isso novamente, se ao menos tivesse consciência de minha gravidez por um único dia. Após tantos anos de tentativas, parece cruel que nossa recompensa tenha sido um aborto, seguido por uma histerectomia, sem o atenuante de nos sentirmos pais, mesmo que por um momento.

Toda essa provação tem sido injusta e dolorosa. Mais ainda do que será minha recuperação. Por causa da ruptura e da hemorragia, os médicos precisaram fazer uma histerectomia abdominal de emergência, em vez de uma vaginal. O que significa um período de recuperação maior. É provável que

continue no hospital por mais um ou dois dias antes de receber alta. Então vou ficar de cama por mais duas semanas.

Tudo parece tão indefinido entre nós. Não havíamos resolvido nada antes do aborto, e agora tenho a impressão de que a decisão que estávamos prestes a tomar fora colocada em suspenso. Porque não tenho condições de discutir o futuro de nosso casamento neste instante. Devem se passar semanas até que as coisas voltem ao normal.

Tão normal quanto as coisas podem ficar sem um útero.

— Não consegue dormir? — pergunta Graham. Ele não saiu do hospital o dia inteiro. Apenas deixou o quarto mais cedo, por meia hora, mas então voltou e tem se dividido entre o sofá e a cadeira ao lado de minha cama. No momento, está ocupando a cadeira, sentado na beirada, esperando que eu responda. Parece exausto, mas conheço Graham e ele não vai a lugar algum antes que eu receba alta. — Quer beber alguma coisa?

Balanço a cabeça.

— Não estou com sede. — A única luz acesa no quarto é a que fica atrás de minha cama, e ela faz Graham parecer alguém sob os holofotes de um palco solitário.

Sua necessidade de me consolar está em conflito com sua consciência da tensão que existe entre nós há tanto tempo. Mas ele luta contra a tensão e estende a mão para a grade da cama.

— Se importa se eu me deitar com você? — Ele já desceu a grade e está se esgueirando para a cama comigo quando balanço a cabeça. Graham toma o cuidado de me virar para que a mangueira do soro não fique esticada. Então se espreme ao meu lado, ocupando menos da metade da cama, e coloca uma das mãos sob minha cabeça, sacrificando o próprio conforto em meu benefício. Ele beija minha nuca. Uma parte de mim não tem certeza se o quero na cama comigo, mas logo me dou conta de que cair no sono em nossa tristeza partilhada é, de algum modo, mais reconfortante que dormir sozinha.

* * *

— Estou comprando uma passagem para casa — dispara Ava, antes mesmo que eu tenha a chance de dizer alô.

— Não, não faça isso. Estou bem.

— Quinn, sou sua irmã. Quero ficar com você.

— Não — insisto. — Vou ficar bem. Você está grávida. A última coisa de que precisa é passar um dia inteiro no avião.

Ela inspira fundo.

— Além do mais — continuo —, estou pensando em visitar você. — É mentira. Não tinha pensado nisso até agora. Mas a iminência de passar duas semanas de cama me faz compreender o quanto vou precisar colocar algum espaço entre nossa casa e eu quando enfim me recuperar.

— Mesmo? É possível? Quando você acha que vai estar liberada para viajar?

— Vou perguntar à médica quando ela me der alta.

— Por favor, não diga isso se não estiver falando sério.

— Estou falando sério. Acho que vai me fazer bem.

— E Graham? Ele já não vai usar todos os dias de férias em sua recuperação?

Não comento sobre os problemas de meu casamento com ninguém. Nem mesmo com Ava.

— Quero ir sozinha — digo. Não acrescento mais nada. Não lhe contei que Graham pediu demissão nem sobre ele ter beijado outra mulher. Mas, pelo silêncio na linha, posso dizer que ela sabe que algo está errado. Vou deixar para explicar tudo quando estivermos cara a cara.

— Tudo bem — concorda ela. — Fale com sua médica e me avise quando tiver uma data.

— Ok. Amo você.

— Também amo você.

Depois de desligar, ergo o olhar da cama do hospital e vejo Graham parado à porta. Espero ele dizer que não é uma boa ideia planejar uma viagem após ter passado por uma cirurgia. Em vez disso, ele apenas estuda a xícara de café em sua mão.

— Você vai visitar Ava?

Não cita nós. Parte de mim se sente culpada. Mas sem dúvida ele entende que preciso de espaço.

— Só quando a médica me liberar. Mas, sim. Preciso vê-la.

Ele não ergue o olhar da xícara. Apenas assente de leve e pergunta:

— Vai voltar?

— É óbvio.

É óbvio.

Não digo isso com muita convicção, mas há bastante certeza em minha voz para lhe assegurar de que não é uma separação. Apenas um tempo.

Ele engole em seco.

— Quanto tempo vai ficar fora?

— Não sei. Talvez umas duas semanas.

Graham assente com a cabeça e então toma um gole de sua xícara enquanto sai pela porta.

— Temos algumas milhas no cartão. Me avise quando decidir a data, que compro sua passagem.

Capítulo vinte e cinco

Antes

Não me lembro de ter achado os planos de meu casamento com Ethan tão estressantes.

Talvez tenha sido porque deixei minha mãe assumir as rédeas naquela época e tinha muito pouco a ver com o planejamento em si. Mas dessa vez é diferente. Quero decidir com Graham o sabor do bolo. Quero decidir com Graham quem vamos convidar, onde vai ser e a que hora do dia desejamos nos unir pelo resto de nossas vidas. Mas minha mãe não para de tomar decisões que não quero que ela tome, não importa quantas vezes já tenha lhe pedido que pare.

"Só quero que tudo saia perfeito, Quinn", argumenta ela.

"Graham não pode pagar por isso, então só estou tentando ajudar", diz ela.

"Não se esqueça de assinar um acordo pré-nupcial", lembra ela.

"Nunca se sabe se seu padrasto vai deixar alguma coisa para você", comenta ela. "Melhor proteger seus bens."

Ela diz coisas que me fazem pensar se, para minha mãe, o casamento nada mais é que um empréstimo, não um compromisso de amor. Ela insiste tanto na ideia de um acordo pré-nupcial, mas se esquece de que, na atual situação, não tenho bens para proteger. Além do mais, sei que Graham não está se casando comigo pelo dinheiro ou pelas propriedades que meu padrasto pode ou não me deixar um dia. Graham se casaria comigo mesmo que eu estivesse enterrada até o pescoço em dívidas.

Começo a me arrepender da ideia de um casamento sofisticado. Até compartilharia minha frustração com Graham, mas, se fizesse isso, teria que contar por que minha mãe está me enlouquecendo. A última coisa que quero é compartilhar com Graham toda a hipocrisia que minha mãe fala sobre ele.

Olho para meu celular enquanto outra mensagem de minha mãe aparece na tela.

> Você devia repensar a ideia de buffet, Quinn. Evelyn Bradbury contratou um chef exclusivo para o casamento dela e foi tão mais elegante.

Reviro os olhos e coloco o celular com o display para baixo evitando ser incomodada por suas mensagens.

Ouço a porta da frente do apartamento se fechar, então pego a escova. Finjo que estou apenas penteando o cabelo, e não emburrada, quando Graham entra. Apenas sua aparição já me acalma. Minha frustração some e é substituída por um sorriso. Graham me abraça por trás e beija meu pescoço.

— Oi, linda. — Ele ri para meu reflexo no espelho.

— Oi, lindo.

Ele me vira e me dá um beijo ainda mais gostoso.

— Como foi seu dia?

— Bom. E o seu?

— Bom.

Eu me desvencilho de Graham porque ele está me encarando com muita intensidade e posso, acidentalmente, deixar transparecer minhas verdadeiras emoções, e então ele vai me perguntar o que há de errado, e eu vou ter que contar a ele o quanto o casamento está me estressando.

Eu me viro para o espelho, torcendo para que vá até a sala ou a cozinha ou qualquer lugar de onde não possa me encarar como está fazendo neste exato momento.

— O que está incomodando você?

Às vezes odeio o quanto ele me conhece.

Exceto quando transamos. É bem conveniente durante o sexo.

— Por que você não pode ser indiferente ao estado emocional feminino como a maioria dos homens?

Ele sorri e me puxa para si.

— Se eu fosse indiferente a seu estado emocional, eu seria tão-somente um homem apaixonado. Mas sou mais que isso. Sou sua alma gêmea e posso sentir tudo o que você está sentindo. — Ele pousa os lábios em minha testa. — Por que está triste, Quinn?

Suspiro, exasperada.

— Minha mãe. — Ele me solta, então caminho até o quarto e sento na cama. Deito de costas e fico olhando para o teto. — Ela está tentando transformar nosso casamento no casamento que tinha planejado para mim e Ethan. Nem me pergunta o que quero, Graham. Só toma as decisões e depois me comunica.

Graham sobe na cama e se deita ao meu lado, apoiando a cabeça sobre o cotovelo. Ele descansa a outra mão em minha barriga.

— Ontem, ela me contou que reservou o Douglas Whimberly Plaza para a data de nosso casamento. Ela nem me pergunta o que quero, mas, como está pagando, acha que isso dá a ela o direito de tomar todas as decisões. Hoje, ela me mandou uma mensagem, dizendo que encomendou os convites.

Graham faz uma careta.

— Isso significa que vai ter a palavra prestigioso em nosso convite de casamento?

Eu dou uma risada.

— Ficaria mais chocada se não tivesse. — Minha cabeça pende para o lado, e conjuro minha expressão mais patética, quase um beicinho. — Não quero um casamento grandioso, em um hotel de luxo, com todas as amigas de minha mãe.

— O que você quer?

— A essa altura, não sei nem se quero um casamento. — Graham inclina a cabeça, um pouco preocupado com meu comentário. Eu o retifico rapidamente: — Não é que não queira me casar com você. Apenas não quero casar com você no casamento dos sonhos de minha mãe.

Graham abre um sorriso reconfortante.

— Só faz três meses que estamos noivos. Ainda faltam cinco meses até o dia do casamento. Tempo mais que suficiente para você deixar clara sua posição e ter certeza de conseguir o que quer. Se for mais fácil, ponha a culpa em mim. Diga a ela que não concordei com nada, e ela pode me odiar por arruinar seu casamento dos sonhos enquanto mantenho a paz entre vocês.

Por que ele é tão perfeito?

— Não se importa mesmo que eu ponha a culpa em você?

Ele ri.

— Quinn, sua mãe já me odeia. Isso vai dar a ela um motivo a mais para esse ódio, então todo mundo sai ganhando. — Ele se levanta e tira os sapatos. — Vamos sair hoje à noite?

— Você decide. Ava e Reid compraram uma luta no Pay-Per-View e nos convidaram.

Graham desfaz o nó da gravata.

— Parece divertido. Preciso responder alguns e-mails, mas fico pronto em uma hora.

Eu o observo sair do quarto. Deito de novo na cama e sorrio, porque tenho a impressão de que ele acaba de encontrar, em menos de dois minutos, uma solução para algumas de minhas questões. Mas, mesmo que a solução pareça boa — apenas coloque a culpa de tudo em Graham —, minha mãe nunca vai morder a isca. Ela vai apenas frisar que Graham não está pagando pelo casamento, então Graham não tem direito de opinar.

Mas ainda assim. Ele tentou achar uma solução. É o que conta, certo? Estava disposto a levar a culpa por algo só para manter a paz entre minha mãe e eu.

Mal posso acreditar que vou me casar com esse homem daqui a cinco meses. Mal posso acreditar que vou passar o resto da vida com ele. Mesmo que essa vida com ele comece no Douglas Whimberly Plaza, cercada por pessoas que mal conheço e comida extremamente cara, sinônimo de bandejas cheias de carne crua e ceviche que, na verdade, ninguém gosta de comer, mas finge que sim, porque é chique.

Ah, bem. O casamento pode não ser o ideal, mas o que são algumas horas de sofrimento em troca de uma vida de perfeição?

Eu me arrasto para fora da cama, comprometida em, seja como for, me manter sã pelos próximos cinco meses. Passo a meia hora seguinte me aprontando para nosso compromisso. Graham e eu saímos com um monte de amigos nos fins de semana, mas costumamos passar a maior parte desse tempo com Ava e Reid. Eles se casaram pouco antes de eu conhecer Graham. Ava foi esperta. Casou com Reid em Las Vegas. Minha mãe não pôde encomendar os convites ou alugar o local ou, até mesmo, escolher o bolo que mais gostou. Eu era a única que sabia que os dois haviam viajado para Las Vegas para se casar, e, secretamente, invejei a decisão.

Estou abotoando o jeans quando Graham entra no banheiro.

— Está pronta?

— Quase. Falta botar o sapato. — Caminho até o closet, e Graham me segue até lá. Ele se inclina contra o batente da porta e me observa enquanto procuro um par de sapatos. Preciso me vestir bem para o trabalho todos os dias, então uma noite descontraída na casa de Ava e Reid é uma bela folga dos saltos e roupa de trabalho que uso no dia a dia. Estou vasculhando minha prateleira de sapatos, tentando encontrar meu par confortável predileto. Graham me observa o tempo todo. Olho em sua direção algumas vezes, e não posso evitar a sensação de que está armando alguma coisa. Está com um sorriso irônico no rosto. É quase imperceptível, mas está lá.

— O que foi?

Ele descruza os braços e enfia as mãos nos bolsos do jeans.

— E se eu contar a você que passei a última meia hora reorganizando os planos de nosso casamento?

Eu me endireito. Decididamente, agora ele tem toda a minha atenção.

— O que quer dizer?

Ele inspira fundo, como se tentasse se acalmar. Saber que se sente nervoso com o que está prestes a dizer me deixa nervosa com o que ele está prestes a dizer.

— Não me importo com os detalhes de nosso casamento, Quinn. Podemos ter qualquer tipo de cerimônia que quiser, se o resultado final for você como minha esposa. Mas... — Ele entra no closet e para a um passo de mim. — Se a única coisa que quer desse casamento sou eu, o que estamos esperando? Vamos casar de uma vez. Esse fim de semana. — Antes que eu possa responder, ele pega minhas mãos e as aperta. — Reservei a casa de praia até a próxima segunda-feira. Conversei com um pastor que está disposto a celebrar o casamento na propriedade; vai até levar uma testemunha para que não precisemos contar a ninguém. Seremos só você e eu. Vamos nos casar amanhã à tarde, à beira do mar, e então, amanhã à noite, podemos nos sentar perto do fogo, onde a pedi em casamento. Vamos passar a noite inteira comendo marshmallow e perguntando coisas um ao outro, e depois vamos fazer amor e dormir, e acordar casados no domingo.

Fico sem palavras, quase como no momento que me pediu em casamento. E, como há três meses, quando estava muito empolgada e atônita para sequer dizer sim, apenas assinto. Efusivamente. E eu rio e o abraço e o beijo.

— É perfeito, é perfeito, eu amo você, é perfeito.

Tiramos uma mala do closet e começamos a arrumar tudo. Decidimos não contar a ninguém. Nem mesmo para a mãe dele.

— Podemos contar amanhã, depois de casados — diz Graham.

Não consigo parar de sorrir, embora saiba que minha mãe vai surtar quando eu ligar, amanhã à noite, para lhe contar que já estamos casados.

— Minha mãe vai nos matar.

— Provavelmente. Mas é melhor pedir perdão do que permissão.

Capítulo vinte e seis

Agora

Amanhã faz três semanas que cheguei à casa de Ava, e não ouço a voz de Graham desde que ele me deixou no aeroporto.

Ele me ligou uma vez, na semana passada, mas não atendi o celular. Mandei uma mensagem, dizendo que precisava de tempo para pensar. Ele respondeu com um Me ligue quando estiver pronta. Desde então, não me mandou mais nenhuma mensagem, e ainda não me sinto pronta para ligar.

Apesar de me sentir péssima, gosto mesmo de estar aqui com Ava. Não sei ao certo se porque tudo é novo e diferente, ou se porque me sinto alheia a todos os meus problemas. Não tenho passeado muito, por causa de meu estado. Meu corpo ainda está dolorido e mais fraco do que de costume. Mas a casa de Ava e Reid é linda e relaxante, por isso não me importo em passar a maior parte do tempo aqui. Já faz tanto tempo desde que Ava e eu tivemos um momento só para nós, então tenho aproveitado bastante, independentemente das circunstâncias de meu casamento.

No entanto, sinto falta de Graham. Mas sinto falta do Graham que se casou com a minha versão feliz. Combinávamos mais no início do que agora. Sei que é porque minhas peças do quebra-cabeça mudaram de forma mais que as dele. Mas, embora me sinta a parte mais culpada do fracasso de nosso relacionamento, ainda assim isso não muda nada.

Essa viagem tem sido exatamente o que minha mente precisava... uma mudança de ritmo mais que necessária. Pela primeira vez, conversei

honestamente com Ava sobre tudo o que estava acontecendo entre Graham e eu. O que mais gosto em minha irmã é que ela sabe escutar sem dar conselhos. Não preciso mesmo disso. Conselhos não vão mudar como me sinto. Não vão mudar o fato de que não posso engravidar. Conselhos não vão mudar o fato de que Graham disse que se sentia arrasado por ainda não ser pai. Conselhos são bons apenas para elevar a autoestima de quem os dá. Então, em vez de conselhos, ela tem providenciado distração. Não apenas de Graham, mas de nossa mãe. Do trabalho. Da infertilidade. De Connecticut. Da minha vida inteira.

— Que tal essa cor? — Ava ergue uma amostra de tinta amarela.

— Muito... canário — respondo.

Ela baixa o olhar para a amostra e ri.

— É exatamente como é chamada. Canário.

Reid caminha até o fogão e levanta a tampa de uma panela, sentindo o cheiro do molho que está preparando. Estou sentada no bar com Ava, pesquisando possíveis cores para o quarto do bebê.

— Se soubéssemos o sexo, seria bem mais simples — argumenta Reid, tampando a panela outra vez, depois desliga o fogo.

— Não. — Ava se afasta do bar. — Decidimos que não queríamos saber. Só faltam dez semanas. Tenha paciência. — Ela pega três pratos do armário da louça e os leva até a mesa. Acrescento os talheres e os guardanapos enquanto Reid traz o macarrão.

Nenhum dos dois me fez sentir como se estivesse atrapalhando, mas começo a me preocupar que esteja. Três semanas é muito tempo para se hospedar na casa de alguém.

— Devo voltar para casa essa semana — aviso, enquanto me sirvo de uma colher de macarrão.

— Não vá por nossa causa — diz Reid. — Gosto de ter você por aqui. Me deixa mais tranquilo quando estou viajando.

Reid passa duas ou três noites por semana longe de casa, e, com Ava grávida, ele se preocupa em deixá-la sozinha mais do que ela gostaria.

— Não sei por que minha presença o tranquiliza. Ava é mais corajosa que eu.

— É verdade — concorda ela. — Uma vez, fomos a uma casa mal-assombrada e Freddy Krueger surgiu do nada. Quinn me empurrou para cima dele e saiu correndo de volta para a entrada.

— Não — retruco. — Eu empurrei você em cima de Jason Voorhees.

— De qualquer maneira, quase morri — diz Ava.

— Você acha que pode voltar daqui a dois meses, quando Ava tiver o bebê?

— Com certeza.

— Traga Graham da próxima vez — pede Reid. — Sinto falta dele.

Graham e Reid sempre se deram bem. Mas sei, pelo modo como Ava me olha, que ela não contou a ele os problemas entre nós dois. Fico agradecida por isso.

Enrolo o macarrão no garfo, ponderando o quanto tenho me sentido solitária desde que Ava e Reid se mudaram de Connecticut, mas essa é a primeira vez que me dou conta do quanto a mudança também deve ter afetado Graham. Ele perdeu um amigo com a transferência de Reid. Com certeza, seu amigo mais próximo depois de Tanner. Mas ele nunca, nem ao menos uma vez, tocou no assunto, porque minha tristeza preenche a casa, não deixando espaço para a dele.

Pelo restante do jantar, tudo em que consigo pensar são as coisas que Graham não deve me contar porque não quer me sobrecarregar com sua tristeza. Quando terminamos de comer, me ofereço para lavar a louça. Reid e Ava estão sentados à mesa, debruçados sobre mais amostras de cores para o quarto do bebê quando a campainha toca.

— Estranho — diz Ava.

— Muito estranho — concorda Reid.

— Vocês nunca recebem visitas?

Reid se levanta da mesa.

— Nunca. Ainda não conhecemos ninguém bem o suficiente para que venham a nossa casa.

Ele caminha até a porta, e Ava e eu ficamos observando enquanto a abre.

A última pessoa que imagino ver parada na entrada é Graham.

Minhas mãos estão cobertas de espuma, e continuo imóvel enquanto Reid e Graham se cumprimentam com um abraço. Reid o ajuda com a mala, e, assim que Graham atravessa a porta, seus olhos procuram os meus.

Quando finalmente me vê, é como se seu corpo inteiro relaxasse. Reid está sorrindo, olhando de um para o outro, na expectativa do reencontro surpresa. Mas não corro para Graham, e ele não corre para mim. Apenas nos encaramos em silêncio por um instante. O instante é um tanto longo. Longo o bastante para Reid perceber a tensão nesse reencontro.

Ele pigarreia e pega a mala de Graham.

— Vou... levar sua bagagem para o quarto de hóspedes.

— Vou ajudar você — diz Ava, levantando-se depressa. Quando os dois desaparecem no corredor, enfim saio de meu transe e tiro as mãos da água e as seco em um pano de prato. Lentamente, Graham atravessa a cozinha, todo o tempo me encarando com cautela.

Meu coração está acelerado com a visão de meu marido. Não me dei conta do quanto senti sua falta, mas não creio que seja esse o motivo das batidas descontroladas de meu coração. Minha pulsação está fora de controle porque sua presença significa confronto. E confronto significa uma decisão. Não tenho certeza se já estou pronta para isso. É o único motivo pelo qual me mantive escondida na casa de minha irmã, a meio mundo de Graham.

— Oi — cumprimenta ele. Uma palavra tão simples, mas parece mais séria que qualquer coisa que já me disse. Imagino que seja o resultado de mais de três semanas sem falar com meu marido.

— Oi. — Minha resposta soa cautelosa. Mas não tão cautelosa quanto o abraço que eventualmente lhe dou. É rápido e impessoal, e quero tentar outra vez assim que me afasto, mas, em vez disso, estendo a mão para a pia e removo o ralo. — Que surpresa.

Graham dá de ombros, apoiando-se ao meu lado no balcão. Ele examina a cozinha e a sala de estar com uma espiadela, antes de procurar meus olhos outra vez.

— Como está se sentindo?

Assinto com a cabeça.

— Bem. Ainda estou um pouco dolorida, mas tenho conseguido descansar bastante. — Surpreendentemente, eu me sinto mesmo bem. — Pensei que ficaria mais triste, mas me dei conta de que já havia me conformado com a inutilidade de meu útero, então que importa se não faz mais parte de meu corpo?

Graham me encara em silêncio, não sabendo ao certo como responder. Não espero que o faça, mas seu silêncio me dá vontade de gritar. Não sei o que veio fazer aqui. Não sei o que devo falar. Estou furiosa com sua súbita aparição, e furiosa porque estou feliz em vê-lo.

Passo a mão pela testa e apoio as costas no balcão, ao seu lado.

— O que está fazendo aqui, Graham?

Ele se inclina em minha direção e me olha com sinceridade.

— Não aguento nem mais um dia, Quinn. — Seu tom é baixo e suplicante. — Preciso que faça sua escolha. Ou me deixa de uma vez por todas, ou volta

para casa comigo. — Ele estende os braços para mim e me prende em um abraço. — Volte para a casa comigo — repete em um sussurro.

Fecho os olhos e inspiro seu perfume. Quero tanto lhe dizer que o perdoo. Que não o culpo pelo que fez.

Sim, Graham beijar outra pessoa que não eu é a pior coisa que fez em todo o nosso relacionamento. Mas não sou completamente inocente nessa situação.

Perdoá-lo sequer é o motivo de minha preocupação.

Estou preocupada com o que acontece depois de perdoá-lo. Tínhamos problemas antes que ele beijasse outra mulher. Ainda teremos os mesmos problemas se eu o perdoar. Aquela noite no carro, antes do aborto, Graham e eu brigamos por causa da traição. Mas, essa noite, assim que abrirmos as comportas... a verdadeira briga vai começar. É quando vamos conversar sobre todas as questões que causaram todas as outras questões que resultaram em nossas atuais questões. Essa é a conversa que tenho tentado evitar já há alguns anos.

A conversa que está prestes a acontecer porque ele simplesmente voou meio mundo para me confrontar.

Eu me afasto de Graham, mas, antes que possa falar, Reid e Ava nos interrompem, apenas por um momento.

— Vamos sair para comer uma sobremesa — avisa Ava, colocando o casaco.

Reid abre a porta da frente.

— Vemos vocês em uma hora. — Ele fecha a porta, e, de repente, Graham e eu estamos sozinhos na casa, a meio mundo de nosso lar. Meio mundo longe do conforto de nossa negação.

— Você deve estar exausto — comento. — Quer dormir antes? Ou comer?

— Estou bem — responde ele, depressa.

Eu assinto, me dando conta da fatalidade dessa conversa. Ele nem ao menos quer água ou comida antes de começarmos. E não posso fazer nada, a não ser ficar aqui parada, como se estivesse tentando me decidir entre conversar com ele ou fugir, e assim continuar a evitar tudo isso. Jamais houve tamanha tensão entre nós enquanto analisamos nossos próximos passos.

Por fim, ele vai até a mesa. Eu o sigo, e sento a sua frente. Ele cruza os braços sobre a mesa e me encara.

Ele é tão bonito. Todas as vezes que me esquivei no passado, não foi por não me sentir atraída por ele. Esse nunca foi o problema. Mesmo agora, após um dia inteiro de viagem, ele está ainda melhor do que no dia que o conheci. Sempre é

assim com os homens, certo? De algum modo, ficam mais interessantes na casa dos 30, 40 anos que no ápice da juventude.

Graham sempre se cuidou. Ainda hoje, como um reloginho, ele acorda todo dia e sai para correr. Amo que continue em forma, mas não por causa da aparência. Minha parte favorita é que ele nunca toca no assunto. Graham não é do tipo que precisa provar nada a ninguém, ou que faz da rotina de exercícios uma competição com os amigos. Corre para si mesmo, ninguém mais, e amo isso nele.

Neste momento, sua aparência me lembra muito a que exibia na manhã após nosso casamento. Cansada. Nenhum dos dois dormiu muito na noite de núpcias, e, pela manhã, ele parecia ter envelhecido cinco anos em uma noite. O cabelo estava em desalinho; os olhos, ligeiramente inchados pela falta de sono. Pelo menos naquela manhã, ele parecia cansado, mas feliz.

Agora, parece somente cansado e triste.

Ele pressiona uma palma contra a outra e leva as mãos à boca. Parece nervoso, mas também pronto para acabar logo com aquilo.

— No que está pensando?

Odeio o que estou sentindo neste instante. É como se todas as minhas angústias e medos tivessem sido moldados em uma pequena bola, e essa bola está quicando dentro de mim, acertando meu coração, meus pulmões, minhas vísceras, minha garganta. Fazendo minhas mãos tremerem, então eu as aperto uma contra a outra na mesa a minha frente, e tento imobilizá-las.

— Estou pensando em tudo — respondo. — No que deu errado. No que eu fiz de errado. — Solto um leve suspiro. — Estou pensando no quanto costumava parecer certo, e em como eu queria que ainda fosse assim.

— Podemos voltar a ser o que éramos, Quinn. Sei que podemos.

Graham parece tão esperançoso quando diz isso. E ingênuo.

— Como?

Ele não tem uma resposta para essa pergunta. Talvez porque não se sinta estilhaçado. Tudo de defeituoso em nosso casamento vem de mim, e ele não pode me consertar. Tenho certeza de que, se pudesse resolver nossa vida sexual, aquilo seria o bastante para apaziguá-lo por mais alguns anos.

— Você acha que devemos fazer sexo com mais frequência? — Graham quase parece ofendido com minha pergunta. — Isso deixaria você mais feliz, certo?

Ele traça uma linha invisível no tampo da mesa, acompanhando-a com os olhos até que começa a falar:

— Não vou mentir e dizer que estou satisfeito com nossa vida sexual. Mas também não vou fingir que é a única coisa que gostaria que mudasse. O que quero mais que tudo é que você queira ser minha mulher.

— Não, o que você quer de mim é que eu seja a mulher que eu costumava ser. Não acho que me queira como sou agora.

Graham me encara por um momento.

— Talvez você tenha razão. É tão horrível assim que eu sinta saudades de quando tinha certeza de que você estava apaixonada por mim? Quando você ficava feliz em me ver? Quando queria fazer amor comigo porque queria, e não apenas para engravidar? — Ele se inclina para a frente, me prendendo com o olhar. — Não podemos ter filhos, Quinn. E sabe de uma coisa? Por mim, tudo bem. Não casei com você pelos filhos que poderíamos vir a ter um dia. Eu me apaixonei por você e me comprometi com você porque queria passar o resto da vida com você. Era tudo o que me importava quando fiz meus votos. Mas começo a entender que, talvez, você não tenha se casado comigo pelos mesmos motivos.

— Não é justo — digo, baixinho. Ele não pode simplesmente insinuar que eu não teria me casado com ele se soubesse que não poderia ser pai. E ele não pode afirmar que ainda teria se casado comigo se conhecesse os fatos antes de nosso casamento. Uma pessoa não pode alegar, com absoluta certeza, o que teria feito ou como teria se sentido em uma situação que jamais havia vivenciado.

Graham se levanta e caminha até a cozinha. Pega uma garrafa de água da geladeira, e permaneço sentada, em silêncio, enquanto ele a bebe. Espero que volte à mesa para continuar nossa conversa, porque não me sinto pronta para retomar o assunto. Preciso saber tudo o que ele está sentindo antes de decidir o que falar. O que fazer. Quando se senta novamente, estende a mão sobre a mesa e a coloca sobre a minha. Ele me olha com sinceridade.

— Nunca vou colocar um grama de culpa sobre seus ombros por qualquer coisa que eu tenha feito. Beijei outra mulher, e foi um erro meu. Mas esse é um entre dúzias de problemas em nosso casamento, e eles não são todos minha responsabilidade. Não posso ajudar você se não sei o que se passa em sua cabeça. — Ele puxa minha mão para mais perto e a envolve com as suas. — Sei que fiz você sofrer horrores nas últimas semanas. E estou muito, muito arrependido. Mais do que imagina. No entanto, se puder me perdoar por ter feito você passar

pela pior experiência possível, então sei que podemos superar todo o resto. Sei que podemos.

Ele me encara com tanta confiança na expressão. Acho que não é algo difícil de conseguir, já que ele acredita, piamente, que o fato de ter beijado outra mulher é a pior coisa que já havia me acontecido.

Se não estivesse tão ofendida, eu teria rido. Liberto a mão de seu aperto.

Eu me levanto.

Tento tomar fôlego, mas não fazia ideia de que a raiva podia assentar nos pulmões.

Quando enfim sou capaz de responder, eu o faço com calma e tranquilidade porque, se há uma coisa que preciso que Graham entenda, é justamente o que estou prestes a dizer. Eu me inclino para a frente e pressiono as palmas das mãos na mesa, encarando-o.

— Se acredita que o que houve entre você e aquela mulher foi a pior coisa que poderia me acontecer, então você não faz mesmo a menor ideia do que tenho passado. Não faz ideia do que é vivenciar a infertilidade. Porque você não conhece a infertilidade, Graham. Eu sim. Não confunda as coisas. Você pode trepar com outra mulher e fazer um bebê. Eu não posso trepar com outro homem e fazer um bebê. — Eu me afasto da mesa e dou meia-volta. Minha intenção era parar um momento para organizar os pensamentos, mas, aparentemente, não preciso de momento algum, já que me viro e o encaro de repente. — E eu amava fazer amor com você, Graham. Não era você que eu rejeitava. Mas a agonia que vinha em seguida. Sua infidelidade é moleza comparada ao que eu sofria mês após mês, toda vez que fazíamos amor e não resultava em nada além de um orgasmo. Um orgasmo! Grande merda! Como eu podia sequer admitir isso a você? Não tinha como confessar que passei a desprezar cada abraço e cada beijo e cada toque porque tudo isso culminava no pior dia de minha vida, a cada vinte e oito malditos dias! — Largo a cadeira de lado e me afasto da mesa. — Vão se foder, você e seu caso. Estou cagando para sua traição, Graham.

Caminho até a cozinha assim que termino meu desabafo. Não quero nem olhar para a cara dele nesse momento. Nunca fui tão honesta e tenho medo do que isso fez a ele. Também tenho medo porque não me importo com o que isso fez a ele.

Nem sei por que estou discutindo questões tão irrelevantes. Não posso engravidar, não importa o quanto falemos sobre o passado.

Eu me sirvo um copo de água e tomo um gole enquanto me acalmo.

Ficamos em silêncio alguns momentos, antes que Graham se levante da mesa. Ele vem até a cozinha e se apoia no balcão a minha frente, cruzando as pernas na altura do tornozelo. Quando tomo coragem para encará-lo, estou surpresa de ver a calma em seu olhar. Mesmo após a crueza das palavras que deixei escapar, de algum modo ele ainda me olha como se não me odiasse profundamente.

Nós nos encaramos, os dois sem lágrimas nos olhos e repletos de sentimentos que jamais deviam ter ficado reprimidos por tantos anos. Apesar da aparente calma e ausência de animosidade, Graham parece esvaziado pelas palavras que despejei em cima dele; como se minhas palavras fossem alfinetes, fazendo pequenos furos, deixando o ar sair.

Posso ver, pelo cansaço em sua expressão, que ele desistiu novamente. Não o culpo. Por que continuar lutando por alguém que não batalha mais por você?

Graham fecha os olhos e aperta a ponte do nariz entre os dedos. Ele se concentra em acalmar a respiração antes de cruzar os braços. Então balança a cabeça, como se enfim chegasse a uma conclusão à qual jamais quis chegar.

— Não importa o quanto eu tente... Não importa o quanto eu ame você... Não posso ser a única coisa que você sempre quis que eu fosse, Quinn. Jamais serei pai.

Uma lágrima cai de meu olho. Então outra. Mas continuo impassível enquanto ele se aproxima de mim.

— Se isso é tudo o que nosso casamento é... se isso é tudo que pode ser... só você e eu... será o suficiente? Eu basto para você, Quinn?

Estou desconcertada. Sem palavras.

Eu o encaro, incrédula, incapaz de responder. Não porque não consiga. Sei a resposta para sua pergunta. Sempre soube a resposta. Mas continuo em silêncio porque não tenho certeza se devo responder.

O silêncio que paira entre sua pergunta e minha resposta cria o maior equívoco que nosso casamento já testemunhara. O queixo de Graham fica tenso. Seus olhos endurecem. Tudo — até mesmo seu coração — endurece. Ele desvia o olhar, porque meu silêncio significa uma coisa diferente para ele do que representa para mim.

Ele sai da cozinha, em direção à sala. Com certeza para pegar sua mala e partir mais uma vez. Preciso me controlar para não correr atrás dele e implorar para que fique. Quero cair de joelhos e confessar que, se no dia de nosso casamento, alguém tivesse me forçado a escolher entre a possibilidade de ser mãe

ou passar o resto da vida com Graham, eu teria escolhido uma vida com ele. Sem dúvida, eu teria escolhido Graham.

Não acredito que nosso casamento chegou a esse ponto. Um ponto em que meu comportamento convencera Graham de que ele não é o bastante para mim. Ele é o bastante.

O problema é... ele poderia ser muito mais sem mim.

Solto um suspiro trêmulo e me viro, apoiando as palmas da mão no balcão. A agonia de saber a dor que estou lhe causando faz meu corpo inteiro tremer.

Quando ele aparece no corredor, não está carregando sua mala. Está carregando outra coisa.

A caixa.

Ele trouxe a caixa com ele?

Graham entra na cozinha e a coloca ao meu lado, no balcão.

— Se não me impedir, vamos abri-la.

Eu me inclino para a frente e apoio os braços no balcão, e meu rosto nos braços. Mas não o mando parar. Só o que quero é chorar. É o tipo de choro que me ataca nos sonhos. O choro que machuca tanto que você nem deixa escapar som algum.

— Quinn — implora ele, com voz trêmula. Cerros os olhos ainda mais. — Quinn. — Ele murmura meu nome como se fosse seu último apelo. Quando ainda me recuso a pedir que pare, eu o ouço aproximar mais a caixa de mim. Eu o ouço enfiar a chave na fechadura. Eu ouço o cadeado ceder, mas, em vez de escutá-lo tilintando contra o balcão, ele se choca contra a parede da cozinha.

Graham está furioso agora.

— Olhe para mim.

Balanço a cabeça. Não quero olhar para ele. Não quero lembrar como foi fechar aquela caixa juntos, há tantos anos.

Ele passa uma das mãos pelo cabelo e se abaixa, encostando os lábios em meu ouvido.

— Essa caixa não vai se abrir sozinha, e pode ter a maldita certeza de que não vou ser eu a abri-la.

Sua mão deixa o cabelo, e seus lábios deixam meu ouvido. Ele escorrega a caixa pelo balcão até tocar meu braço.

Poucas vezes em minha vida já chorei tanto. Três delas, quando as tentativas de fertilização in vitro não vingaram. Uma delas foi na noite em que descobri que Graham havia beijado outra mulher. Outra, quando soube que tinha sofrido

uma histerectomia. Todas as vezes que chorei assim, em cada uma delas, Graham me aninhou em seus braços. Mesmo quando ele era a causa das lágrimas.

Essa vez é muito pior. Não sei se sou forte o bastante para enfrentar esse tipo de angústia sozinha.

Como se pressentisse isso, sinto seus braços ao meu redor. Seus amáveis, cuidadosos e abnegados braços me envolvem, e, embora estejamos em lados opostos dessa guerra, Graham se recusa a escolher suas armas. Meu rosto agora está encostado em seu peito, e me sinto tão destruída.

Tão destruída.

Tento acalmar a guerra dentro de mim, mas tudo o que escuto são as mesmas frases que vêm se repetindo, de novo e de novo, em minha mente desde a primeira vez que as ouvi.

Você seria um ótimo pai, Graham.

Eu sei. Fico arrasado que ainda não tenha acontecido.

Deposito um beijo no peito de Graham e sussurro uma promessa silenciosa contra seu coração. Um dia vai acontecer com você, Graham. Um dia você vai entender.

Eu me afasto de seu peito.

Abro a caixa.

Finalmente nossa dança chega ao fim.

Capítulo vinte e sete

Antes

Já faz cinco horas desde que dissemos sim em uma praia isolada, na presença de dois desconhecidos que encontramos minutos antes de nossos votos. E não tenho um arrependimento sequer.

Nenhum.

Não me arrependo de ter concordado em passar o fim de semana com Graham na casa de praia. Não me arrependo de ter me casado cinco meses antes do planejado. Não me arrependo de ter mandado uma mensagem para minha mãe assim que a cerimônia terminou, agradecendo pela ajuda, mas avisando que não era mais necessária, pois já havíamos nos casado. E não me arrependo de, em vez de um jantar sofisticado no Douglas Whimberly Plaza, ter assado cachorros-quentes na braseira com Graham, e comido biscoitos de sobremesa.

Acho que nunca vou me arrepender de nada disso. Algo tão perfeito nunca poderia ser causa de arrependimento.

Graham abre a porta de correr de vidro e atravessa a varanda. Fazia muito frio para ficar aqui em cima em nossa primeira visita, há três meses, mas hoje a noite está perfeita. Uma brisa fresca sopra do oceano, balançando meu cabelo apenas o suficiente para afastá-lo do rosto. Graham senta ao meu lado, me puxando para perto. Eu me aconchego a seu corpo.

Ele se inclina de leve e pousa o telefone ao lado do meu, na balaustrada a nossa frente. Graham estava lá dentro, contando à mãe a novidade de que não haveria mais festa de casamento.

— Sua mãe ficou chateada? — pergunto.

— Está fingindo que ficou feliz por nós dois, mas sei que gostaria de ter estado presente.

— Você se sente culpado?

Ele ri.

— De jeito nenhum. Ela organizou a cerimônia de duas de minhas irmãs e agora está planejando o casamento da caçula. Tenho certeza de que se sente aliviada. É com minhas irmãs que estou preocupado.

Não tinha nem pensado nelas. Mandei uma mensagem para Ava ontem, no caminho para cá, acho que ela era a única que sabia. Ava e as três irmãs de Graham seriam as madrinhas do casamento. Fizemos o convite na semana anterior. — O que elas disseram?

— Ainda não falei com elas — responde ele. — Mas tenho certeza de que nem vou precisar. Aposto que minha mãe está no telefone com as três nesse instante.

— Tenho certeza de que vão ficar felizes por você. Além do mais, elas conheceram minha mãe no domingo de Páscoa. Vão entender por que decidimos agir assim.

Meu telefone apita. Graham estende o braço e o pega para mim. É óbvio que dá uma olhada na tela antes de me entregar. Quando vejo que é uma mensagem de minha mãe, tento tirar o telefone de sua mão, mas é tarde demais. Ele o puxa para mais perto e termina de ler o texto.

— Do que ela está falando?

Leio a mensagem e começo a entrar em pânico.

— Não é nada.

Por favor, Graham. Deixe isso para lá.

Sinto que não é o que vai acontecer, porque ele me força a me ajeitar e a encará-lo.

— Por que ela escreveu isso?

Baixo o olhar para o telefone mais uma vez. Para a terrível mensagem.

> Você acha que ele se apressou porque estava empolgado em se casar com você? Acorde, Quinn. Foi a melhor maneira de evitar o acordo.

— Acordo de quê? — pergunta Graham.

Levo a mão ao coração e tento encontrar as palavras certas, mas parecem tão elusivas agora quanto foram nos últimos três meses que venho tentando evitar o assunto.

— Ela está falando sobre um acordo pré-nupcial.

— Para quê? — dispara Graham. E consigo perceber o tom ofendido em sua voz.

— Ela está preocupada que meu padrasto tenha me incluído no testamento. Ou talvez ele já tenha feito isso, não sei. Faria mais sentido, já que ela tem insistido tanto para que eu converse com você sobre esse assunto.

— E por que não conversou?

— Eu ia falar. É só que... Não achei necessário, Graham. Sei que você não se casou comigo por isso. E, mesmo que o marido de minha mãe me deixe algum dinheiro no futuro, não me importo que nós dois herdemos.

Graham engancha o polegar em meu queixo.

— Em primeiro lugar, você tem razão. Não dou a mínima para sua conta bancária. Em segundo, fico muito irritado com o quanto sua mãe trata você mal. Mas... por mais desprezíveis que sejam suas palavras às vezes, ela está certa. Você não devia ter se casado comigo sem um acordo pré-nupcial. Não sei por que nunca tocou no assunto comigo. Eu teria assinado sem discussão. Sou contador, Quinn. É a coisa certa a se fazer quando há bens envolvidos.

Não sei quais eram minhas expectativas, mas não esperava que ele concordasse com minha mãe.

— Ah, bem. Eu devia ter falado com você antes. Não pensei que a conversa seria assim tão fácil.

— Sou seu marido. Meu objetivo é facilitar as coisas para você, não torná-las mais difíceis. — Ele me beija, mas o beijo é interrompido pelo som de meu celular.

É outra mensagem de minha mãe. Antes que eu possa terminar de ler, Graham pega o telefone de minha mão. Ele digita uma mensagem para ela.

Graham concordou em assinar um acordo pós-nupcial. Mande seu advogado tratar dos papéis. Problema resolvido.

Ele pousa o telefone no gradil e, como na primeira noite em que nos encontramos, empurra o aparelho até cair pela beirada da varanda. Antes que meu celular atinja os arbustos abaixo, o de Graham recebe uma mensagem. Então outra. E mais outra.

— Suas irmãs.

Graham se inclina para a frente e também dá um empurrão no próprio celular. Quando o escutamos cair nas plantas lá embaixo, soltamos uma gargalhada.

— Muito melhor. — Ele se levanta e estende uma das mãos para mim. — Venha. Tenho um presente para você.

Seguro sua mão e me levanto de um pulo, empolgada.

— Sério? Um presente de casamento?

Ele me coloca a suas costas e me guia até o quarto.

— Sente-se — diz ele, indicando a cama. — Volto logo.

Pulo para o meio da cama e espero, extasiada, que volte com meu presente. É o primeiro presente que ganho de meu marido, então acho que estou exagerando na reação. Não tenho ideia de quando ele arranjou tempo para comprar alguma coisa. Nem sabíamos que íamos casar até meia hora antes de chegarmos aqui.

Graham volta para o quarto com uma caixa de madeira. Não sei se é o meu presente ou se há alguma coisa ali dentro, mas a caixa em si é tão bonita que não me importaria se fosse aquilo mesmo o presente. É feita de mogno escuro e parece entalhada à mão, com intrincados detalhes na tampa.

— Foi você que fez isso?

— Há alguns anos — admite ele. — Eu costumava construir coisas na garagem de meu pai. Gosto de trabalhar com madeira.

— Não conhecia esse seu lado.

Graham sorri para mim.

— Efeito colateral de casar com alguém que você conhece há menos de um ano. — Ele se senta a minha frente na cama. Não para de sorrir, o que me deixa ainda mais agitada. Mas não me entrega o presente. Abre a tampa e tira alguma coisa de dentro da caixa. Me parece familiar. Um envelope com seu nome.

— Sabe o que é isso?

Pego o envelope de sua mão. Na última vez que visitamos a casa de praia, Graham me pediu que lhe escrevesse uma carta de amor. Tão logo chegamos a meu apartamento, passei uma noite inteira escrevendo aquela carta. Até borrifei perfume no papel e anexei uma foto minha, nua, antes de fechar o envelope.

Depois que a dei a ele, eu me perguntei por que nunca mais a mencionou. Mas fiquei tão envolvida com o casamento que esqueci o assunto. Eu viro o envelope e noto que não foi aberto.

— Por que não abriu?

Ele tira outro envelope de dentro da caixa, mas não me responde. É um envelope maior, com meu nome escrito.

Eu o pego de sua mão, mais excitada com uma carta de amor do que jamais estive em toda a minha vida.

— Você também escreveu uma para mim?

— Primeira carta de amor que escrevo na vida — confessa ele. — Acho que foi uma primeira tentativa bem decente.

Sorrio e uso um dos dedos para começar a abrir a aba do envelope, mas Graham o arranca de minhas mãos antes que eu consiga abri-lo.

— Não pode ler ainda. — Ele segura a carta contra o peito, como se eu fosse tentar tomá-la dele.

— Por que não?

— Porque — começa ele, colocando os dois envelopes de volta na caixa —, ainda não é hora.

— Você escreveu uma carta de amor que não posso ler?

Graham parece se divertir com tudo aquilo.

— Você precisa esperar. Vamos trancar a caixa e deixar para abri-la no nosso aniversário de vinte e cinco anos de casados. — Ele pega um cadeado que estava na caixa e o passa pelo gancho da fechadura.

— Graham! — reclamo, rindo. — Esse é o pior dos presentes! Você me deu vinte e cinco anos de tormento!

Ele solta uma gargalhada.

Por mais frustrante que seja o presente, também é uma das coisas mais doces que ele já havia preparado. Fico de joelhos e me inclino para a frente, abraçando-o pelo pescoço.

— Estou meio irritada por não poder ler sua carta ainda — sussurro. — Mas é um presente muito bonito, na verdade. Você é oficialmente o homem mais doce que conheço, Sr. Wells.

Ele beija a ponta de meu nariz.

— Fico feliz que tenha gostado, Sra. Wells.

Eu retribuo o beijo e então me sento de volta na cama. Corro os dedos sobre o tampo da caixa.

— Fico triste que não vá ver minha foto nos próximos vinte e cinco anos. Exigiu muita flexibilidade.

Graham levanta uma sobrancelha.

— Flexibilidade, é?

Eu sorrio. Baixo o olhar para a caixa, me perguntando o que diz sua carta. Não posso acreditar que terei de esperar vinte e cinco anos.

— Não tem como nos safar dessa espera?

— Só podemos abrir essa caixa antes do nosso aniversário de vinte e cinco anos se for uma emergência.

— Que tipo de emergência? Tipo... morte?

Ele balança a cabeça.

— Não. Uma emergência matrimonial. Tipo... divórcio.

— Divórcio? — Odeio a palavra. — Sério?

— Não vejo motivo para abrirmos essa caixa que não para celebrar nosso tempo juntos, Quinn. Mas, se um de nós, alguma vez, decidir que quer o divórcio, se chegarmos ao ponto em que nos pareça a única solução, temos que prometer que não vamos levar o processo adiante antes de abrir essa caixa e ler as cartas. Talvez lembrar um ao outro como nos sentimos quando fechamos a caixa nos ajude a mudar de ideia, se algum dia precisarmos abri-la mais cedo.

— Então essa caixa não é apenas uma recordação. É também um kit de sobrevivência conjugal?

Graham dá de ombros.

— Pode considerar assim. Mas não temos com que nos preocupar. Estou confiante de que não precisaremos abri-la nos próximos vinte e cinco anos.

— Estou mais que confiante — afirmo. — Até apostaria nisso, mas, se eu perder e nos divorciarmos, não vou ter dinheiro suficiente para pagar, porque você não assinou o acordo pré-nupcial.

Graham pisca para mim.

— Você não devia ter se casado com um interesseiro.

— Ainda posso mudar de ideia?

Graham fecha o cadeado com um clique.

— Tarde demais. Já tranquei a caixa. — Ele pega a chave do cadeado e leva a caixa até a cômoda. — Amanhã, vou prender a chave no fundo com uma fita adesiva para nunca a perdermos — avisa.

Graham contorna a cama e se aproxima de mim, então me agarra pela cintura e me levanta da cama, me jogando sobre o ombro. Ele cruza a porta, me

carregando de volta à varanda, e se senta no balanço, me colocando em seu colo.

Seguro seu rosto entre as mãos.

— Foi mesmo um presente adorável — sussurro. — Obrigada.

— De nada.

— Não comprei nada para você. Não sabia que ia me casar hoje, então não tive tempo.

Graham afasta meu cabelo do ombro e cola os lábios em meu pescoço.

— Não consigo pensar em nenhum presente no mundo que me faria tirar você de meu colo.

— E se eu tivesse comprado uma enorme TV de tela plana? Aposto que você me tiraria de seu colo por uma tela plana.

Ele ri contra meu pescoço.

— Não.

Sua mão sobe por minha barriga até encontrar meu seio.

— E um carro novo?

Devagar, ele desliza os lábios por meu pescoço. Quando sua boca alcança a minha, ele sussurra não mesmo contra meus lábios. Tenta me beijar, mas me afasto um pouco.

— E se eu tivesse comprado uma daquelas calculadoras científicas que custam os olhos da cara? Aposto que você me tiraria do colo pela matemática.

Graham acaricia minhas costas.

— Nem mesmo pela matemática. — Sua língua acha o caminho entre meus lábios, e ele me beija com tanta segurança que minha cabeça começa a rodar. E pela meia hora seguinte, é tudo o que fazemos. Namoramos como adolescentes na varanda externa.

Em dado momento, Graham se levanta, me abraçando contra o peito, sem interromper nosso beijo. Ele me carrega para dentro e me deita na cama. Apaga a luz e abre completamente a porta de correr para que possamos escutar as ondas quebrando na praia.

Quando volta para cama, despe minhas roupas, uma peça de cada vez, rasgando minha blusa no processo. Ele beija meu pescoço, descendo até minhas coxas, dando especial atenção a cada parte de meu corpo.

Quando enfim reencontra minha boca, ele tem meu gosto.

Eu o deito de costas e pago na mesma moeda até que eu tenha seu gosto também.

Quando abre minhas pernas e nos une, parece diferente e novo, porque é a primeira vez que fazemos amor como marido e mulher.

Ainda o sinto dentro de mim quando os primeiros raios de sol espreitam do oceano.

Capítulo vinte e oito

Agora

Graham não faz nada depois que abro a caixa. Apenas fica parado ao meu lado em silêncio, enquanto pego o envelope com seu nome. Eu o entrego a ele e baixo o olhar para a caixa de novo.

Ergo o envelope com meu nome, supondo ser a última coisa que resta na caixa, já que tudo o que havíamos guardado ali dentro foram aquelas duas cartas. Mas então vejo outras, todas endereçadas a mim, com as respectivas datas. Ele vem adicionando cartas. Olho para Graham, questionando-o silenciosamente.

— Eu precisava dizer algumas coisas que você nunca quis ouvir. — Ele segura seu envelope e cruza a porta dos fundos até a varanda na parte de trás da casa. Levo a caixa até o quarto de hóspedes e fecho a porta.

Eu me sento sozinha na cama, segurando a única carta que eu esperava encontrar na caixa. A de nossa noite de núpcias. Ele colocou a data no topo direito do envelope. Abro os outros envelopes e empilho as páginas na ordem em que foram escritas. Estou muito assustada para ler qualquer uma delas. Muito assustada para não ler.

Quando fechamos essa caixa, há tantos anos, eu não tinha a menor dúvida de que não a abriríamos antes de nosso aniversário de vinte e cinco anos de casamento. Mas isso foi antes do choque de realidade. Antes de descobrirmos que nosso sonho de ter filhos jamais se realizaria. Antes de descobrirmos que, quanto mais tempo se passasse, quanto mais momentos desoladores eu vivesse,

quanto mais Graham fizesse amor comigo, tudo isso começaria a cobrar um preço.

Minhas mãos tremem enquanto pressiono as páginas no cobertor, endireitando-as. Levanto a primeira carta e começo a ler.

Não creio que esteja preparada para isso. Não acredito que ninguém que tenha se casado pelos motivos certos espere por algo assim um dia. Enrijeço, como se me preparasse para o impacto, e começo a ler.

Querida Quinn,

Pensei que eu teria mais tempo para escrever esta carta. Não era para nos casarmos agora, então esse é um presente de última hora. Não sou um bom escritor, por isso não tenho certeza se sequer conseguirei expressar em palavras o que preciso dizer. Sou melhor com números, mas não quero entediá-la com um monte de equações matemáticas, tipo, eu mais você igual eternidade.

Se pensa que isso é cafona, tem sorte de ter me conhecido quando eu já estava mais velho, e não mais no ensino fundamental. No sétimo ano, improvisei um poema que pretendia dar a minha primeira namorada. Felizmente, se passariam anos antes que tivesse uma primeira namorada. A essa altura, já tinha me dado conta de que não era uma boa ideia procurar rimas na tabela periódica para um poema de amor.

Entretanto, fico tão à vontade perto de você que acho que é chegada a hora de, enfim, dar uma chance àquele poema de amor da tabela periódica. Porque, sim, eu ainda me lembro dele. Um pouco.

Ei, garota, você é uma gata
Parece esculpida em prata

Seu sorriso me deixa ébrio
Como se eu tivesse cheirado Hélio

E a maciez de sua tez
Me atrai como o Manganês

Beijá-la seria como achar um tesouro
Case comigo, garota, vou cobri-la de ouro

Isso mesmo. Você é a garota especial que tem a sorte de se casar, hoje, com o autor desse poema.

Ainda bem que vão se passar vinte e cinco anos antes de você ler isso, porque, depois que nos casarmos esta tarde, nunca vou deixar você fugir. Sou como o Hotel California. Você pode amar Graham sempre que quiser, mas jamais pode me deixar.

O pastor vai chegar em duas horas. Você está no andar de cima, se preparando para a cerimônia, enquanto escrevo esta carta. Ontem, no caminho para cá, paramos em uma loja de noivas e você me fez esperar no carro enquanto escolhia um vestido. Quando voltou para o carro, com o vestido escondido no saco de roupa, você não conseguia parar de rir. Disse que as vendedoras que te atenderam acharam que você era esquisita por comprar um vestido apenas um dia antes do casamento; disse que surtaram quando você confessou ser uma procrastinadora crônica, e que ainda não tinha escolhido um noivo.

Mal posso esperar para ver você atravessar aquela nave de areia. Será apenas você, em seu vestido, em uma praia, sem decorações, nenhum convidado, nenhuma fanfarra. E o oceano inteiro como cenário. Mas vamos apenas torcer para que nenhuma parte de seu sonho da noite passada se torne realidade.

Hoje de manhã, quando acordou, perguntei o que havia perdido enquanto você dormia. Você me contou que havia sonhado que estávamos casando na praia, mas, bem na hora do sim, um tsunami veio e nos carregou. Mas não morremos. Ambos nos transformamos em assassinos aquáticos; você, num tubarão, e eu, numa baleia. E ainda

estávamos apaixonados, embora você fosse um peixe, e eu, um mamífero. Você disse que, no restante do sonho, apenas tentávamos nos amar em um oceano cheio de criaturas que não aprovavam nosso relacionamento interespécies.

Com certeza, esse é meu sonho predileto até a presente data.

Estou sentado aqui fora, no pátio, escrevendo a carta de amor que pensava ter mais cinco meses para escrever. Em parte, estou um pouco nervoso porque, como eu disse, jamais fui um bom escritor. Minha imaginação não é tão fértil quanto a sua, como seus sonhos evidenciam. Mas escrever uma carta sobre o quanto eu te amo deveria ser fácil, então espero que essa carta e meu presente sirvam seu propósito.

Honestamente, Quinn, nem sei por onde começar. Acho que pelo princípio é a resposta óbvia, certo?

Poderia começar falando do dia em que nos conhecemos naquele corredor. O dia em que me dei conta de que, talvez, minha vida havia saído dos trilhos porque o destino tinha me reservado algo ainda melhor.

Mas, em vez disso, vou falar do dia em que não nos conhecemos. Com certeza, isso será uma surpresa, porque você não se lembra dele. Ou, talvez, você tenha algum resquício de lembrança, mas apenas não tenha se dado conta de que era eu.

Foi alguns meses antes de nos conhecermos no corredor do prédio. O pai de Ethan deu uma festa de Natal para os funcionários, e eu fui o par de Sasha. Você foi o par de Ethan. E, embora eu admita que ainda estava encantado com Sasha na época, havia algo em você que ficou gravado em minha memória naquela noite.

Não tínhamos sido oficialmente apresentados, mas você estava a apenas alguns metros e eu sabia quem era porque, mais cedo, Sasha havia me apontado você e Ethan. Ela disse que Ethan estava na fila para ser o próximo chefe dela e que você estava na fila para ser a esposa dele.

Você usava um vestido preto e sandálias de salto, também pretas. O cabelo estava preso em um coque rígido, e a ouvi brincando com alguém de como se parecia com o pessoal do buffet. Todos vestiam preto, e as

meninas pentearam o cabelo como o seu. Não sei se o buffet estava desfalcado naquela noite, mas me lembro de ver alguém chegar perto de você e pedir um pouco de champanhe. Em vez de corrigi-lo, você simplesmente caminhou até o bar e encheu a taça do homem. Então pegou a garrafa e começou a encher a taça de outras pessoas. Quando enfim chegou até mim e Sasha, Ethan a alcançou e perguntou o que estava fazendo. Você respondeu, como se não fosse nada de mais, que estava enchendo taças, mas ele não gostou. Era visível em sua expressão que aquilo o constrangia. Ele pediu que você deixasse a garrafa de champanhe de lado, porque havia alguém que ele queria que conhecesse. Ele se foi, e jamais esquecerei o que você fez em seguida.

Você virou para mim e revirou os olhos com uma risada, então ergueu a garrafa e me ofereceu outra rodada.

Sorri para você e estendi o copo. Você encheu a taça de Sasha e continuou a encher a dos convidados até que a garrafa estivesse, enfim, vazia.

Não me lembro muito mais daquela noite. Foi uma festa comum, e Sasha estava de mau humor, por isso saímos mais cedo. E, para ser honesto, não pensei muito em você depois disso.

Não até o dia em que a vi de novo, naquele corredor. Quando saiu do elevador e caminhou até a porta do apartamento de Ethan, eu não devia ter sentido nada além de absoluto terror e desgosto pelo que acontecia ali dentro. Mas, por um breve instante, senti vontade de sorrir ao te ver. Ver você me fez lembrar da festa e do quão tranquila você parecia ser. Eu me encantei com como não se importou de que pensassem que você era uma garçonete, e não a namorada do Ethan Van Kemp. E foi no momento que você se juntou a mim no corredor — quando, de algum modo, sua presença quase me fez sorrir no pior dia de minha vida — que eu soube que tudo acabaria bem. Soube que o inevitável fim de meu romance com Sasha não seria também meu fim.

Não sei por que nunca lhe contei isso. Talvez porque gostasse da ideia de termos nos encontrado naquele corredor, nas mesmas

circunstâncias. Ou, talvez, porque estava preocupado que você não fosse se lembrar daquela noite na festa, ou de encher minha taça de champanhe. Afinal, por que se lembraria? Aquele momento não tinha a menor importância.

Até que teve.

Eu escreveria mais sobre nosso encontro no corredor, mas você sabe tudo sobre isso. Ou, talvez, eu poderia escrever sobre a primeira noite em que fizemos amor, ou sobre o fato de que, logo que nos reencontramos enfim, nunca mais quisemos passar outra noite separados. Ou poderia escrever sobre o dia em que a pedi em casamento, e você, de forma estúpida, concordou em passar o resto da vida com um homem que, com certeza, não poderá lhe dar tudo o que merece.

Mas, na verdade, não quero falar de nada disso. Porque você estava presente em cada passo do caminho. Além do mais, tenho quase certeza de que sua carta de amor detalha cada minuto de como nos apaixonamos, então odiaria desperdiçar minha carta, repetindo algo que você, provavelmente, traduziu em palavras de um modo bem mais eloquente do que eu jamais conseguiria.

Acho que isso significa que cabe a mim falar do futuro.

Se tudo sair conforme planejado, você estará lendo esta carta em nosso aniversário de vinte e cinco anos de casados. Pode ser que você derrame algumas lágrimas e manche um pouco as letras. Em seguida, vai se inclinar e me beijar, e faremos amor.

Mas... se, por alguma razão, você estiver abrindo essa caixa porque nosso casamento não correu como esperávamos, deixe-me primeiro dizer o quanto lamento. Porque sei que não estaríamos lendo essas cartas antes sem que tivéssemos feito o possível para evitar.

Não sei se vai lembrar, mas tivemos uma conversa certa vez. Acho que foi na segunda noite que passamos juntos. Você comentou que todos os casamentos tinham momentos de categoria 5 e que acreditava que nenhum de seus relacionamentos anteriores teriam sobrevivido a esses momentos.

Às vezes penso nisso. No que faria um casal sobreviver a um momento de categoria 5, enquanto outro casal pode não conseguir. Tenho pensado nisso o bastante para chegar a uma conclusão plausível.

Furacões não são uma ameaça constante às cidades costeiras. Há mais dias com tempo bom, de perfeitos dias de praia, do que furacões.

Casamentos seguem o mesmo padrão, com muitos dias bons, sem discussão, quando ambos estão plenos de amor um pelo outro.

Mas, então, existem os dias de condições meteorológicas ameaçadoras. Podem ser poucos por ano, mas capazes de causar tanto dano que sua reparação consome anos. Algumas cidades costeiras se preparam para os dias de tempo ruim. Economizam recursos e a maior parte da energia, de modo a estarem abastecidas e prontas para as consequências.

Mas outras cidades não se preparam assim. Investem todos os recursos nos dias de tempo bom, na esperança de que o clima rigoroso jamais chegue. É a escolha preguiçosa e a que traz mais consequências.

Acho que essa é a diferença entre casamentos que sobrevivem e os que não sobrevivem. Algumas pessoas acreditam que o foco de um casamento deve ser voltado para os dias perfeitos. Amam tanto e tão intensamente como podem quando as coisas correm bem. Mas, se a pessoa dá tudo de si nos momentos bons, acreditando que os tempos difíceis nunca vão tocá-la, talvez não haja bastante reservas ou energia de sobra para resistir àqueles momentos de categoria 5.

Sei, sem sombra de dúvida, que vamos ter muitos bons momentos. Não importa o que a vida apronte conosco, vamos criar memórias lindas juntos, Quinn. Isso é certo. Mas também vamos ter dias ruins e dias tristes e dias que testarão nossa determinação.

É nesses dias que quero que sinta todo o peso de meu amor por você.

Prometo que vou amá-la mais durante as tempestades do que vou amá-la nos dias perfeitos.

Prometo amá-la mais quando estiver magoada do que quando se sentir feliz.

Prometo amá-la mais quando formos pobres do que quando estivermos nadando em dinheiro.

Prometo amá-la mais quando você chorar do que quando sorrir.

Prometo amá-la mais quando estiver doente do que quando estiver saudável.

Prometo amá-la mais quando me odiar do que quando me amar.

E prometo... Juro... que vou amá-la mais quando você ler esta carta do que a amei quando a escrevi.

Mal posso esperar para passar o resto da vida com você. Mas posso esperar para iluminar todas as suas qualidades.

Amo você.

Demais.

Graham.

* * *

Querida Quinn,

Vou começar esta carta com um pequeno pedido de desculpas.

Me desculpe por abrir novamente a caixa. Me desculpe porque precisei escrever outra carta. Mas penso que você vai ficar mais satisfeita que aborrecida com isso.

Ok, agora matemática. Sei que odeia matemática, mas eu amo e preciso fazer as contas com você. Faz exatamente um ano que decidimos começar uma família. O que significa que se passaram, aproximadamente, 365 dias entre aquele dia e o de hoje.

Desses 365 dias, fizemos sexo uma média de 200 dias. Aproximadamente, 4 noites por semana. Desses 200 dias, você estava ovulando em apenas 25% do tempo. Cerca de 50 dias. Mas as chances de uma mulher engravidar durante a ovulação são de apenas 20%. São 10

dias de 50. Assim sendo, pelos meus cálculos, do total de 365 dias que se passaram entre o dia que começamos a tentar e o dia de hoje, somente 10 desses dias contam. Dez não é nada.

É como se tivéssemos começado a tentar agora.

Só estou escrevendo isso porque percebi que você está começando a ficar preocupada. E sei que, quando ler essa carta, no 25º aniversário de nosso casamento, vamos estar a poucos anos de nos tornarmos avós e nenhuma dessas contas será relevante. Mas, assim como quero que se lembre dos dias bons, acho que talvez deva falar também um pouco de nossos dias não tão perfeitos.

Você está dormindo no sofá agora. Seus pés estão em meu colo, e, vez ou outra, todo o seu corpo estremece, como se você estivesse pulando em seus sonhos. Continuo tentando lhe escrever esta carta, mas seus pés esbarram em meu braço, fazendo a caneta rabiscar a página. Se minha caligrafia parece uma merda, a culpa é sua.

Você nunca dorme no sofá, mas foi uma longa noite. Sua mãe organizou mais um de seus sofisticados eventos de caridade. Esse até que foi divertido. O tema era inspirado nos cassinos, e havia mesas por toda parte onde se podia apostar. É óbvio, era tudo para caridade, então não havia vencedores de fato, mas foi melhor do que muitos eventos emproados em que temos que sentar à mesa na companhia de pessoas de quem não gostamos, e temos que ouvir discursos de pessoas que não fazem nada, senão contar vantagem.

A noite foi agradável, mas logo percebi que você se sentia sobrecarregada com as perguntas. Eram apenas conversas bobas, inofensivas, mas, às vezes, isso pode ser bem cansativo. Doloroso, até. Escutei, repetidas vezes, enquanto as pessoas perguntavam quando iríamos ter um bebê. Às vezes as pessoas simplesmente presumem que a gravidez acompanha o casamento. Mas as pessoas não pensam nas perguntas que fazem aos outros, e não se dão conta de quantas vezes alguém já foi obrigado a responder a mesma questão.

Nas primeiras vezes em que lhe perguntaram, você apenas sorriu e disse que tínhamos apenas começado a tentar.

Mas na quinta ou sexta vez, seu sorriso parecia cada vez mais forçado. Comecei a responder por você, mas, mesmo assim, podia ver em seus olhos que as perguntas a magoavam. Eu só queria tirar você dali.

Essa noite foi a primeira vez que pude ver sua tristeza. Você é sempre tão positiva e otimista em relação a esse assunto, mesmo quando está preocupada. Mas essa noite você parecia exausta. Como se, talvez, essa noite fosse o último evento ao qual compareceríamos até que tivéssemos, de fato, um bebê nos braços.

Mas entendo. Também estou cansado dessas perguntas. Está acabando comigo ver você tão triste. Eu me sinto... imprestável. Odeio isso. Odeio não ter controle sobre essa situação. Odeio não poder consertá-la para você.

Embora estejamos tentando há mais de um ano, tenho esperança. Vai acontecer um dia. Apenas terá que acontecer de um modo diferente do que pensávamos que iria.

Caramba, nem sei por que estou escrevendo sobre isso, porque você já vai ser mãe quando ler esta carta. Cinco vezes, talvez.

Acho que estou apenas processando o assunto. E temos tanto pelo que ser gratos. Você ama seu emprego. Eu tolero o meu. Depois do trabalho, conseguimos passar os fins de tarde juntos. Fazemos amor o tempo todo e rimos muito. Na verdade, a vida é perfeita. É inegável que há o pequeno detalhe de sua gravidez, que esperamos que torne a vida ainda melhor, mas isso virá com o tempo. E, honestamente, quanto mais demorar, mais valorizado acabará sendo. A gratidão nasce do esforço. E, sem dúvida, temos nos esforçado.

Nossa sobrinha, Adeline, é linda e feliz, e gosta mais de você que de mim. Ano passado, Caroline concordou em deixá-la dormir em nossa casa, e ela não parou de nos visitar desde então. E você espera ansiosamente por essas ocasiões. Acho que isso me fez me apaixonar ainda mais por você. Sei o quanto a magoa ainda não termos gerado um

bebê só nosso, mas testemunhar o quão genuinamente feliz você fica por minha irmã e sua família apenas confirma como é altruísta. Você não compara nosso esforço ao sucesso dela, o que me faz amar sua força interior.

Você continua dormindo no sofá, mas está roncando agora, então preciso parar de escrever esta carta e achar meu celular para gravar. Você discute comigo e diz que não ronca, mas vou conseguir uma prova.

Eu amo você, Quinn. E, embora o tom desta carta seja meio deprimente, a força de meu amor se encontra no máximo. Esse não é um momento de categoria 5. Talvez um de categoria 2. Mas prometo amá-la com mais intensidade esse ano que em qualquer ano anterior.

Amo você.

Demais.

Graham.

* * *

Querida Quinn,

Eu me desculparia por abrir a caixa mais uma vez, mas tenho a sensação de que vai acontecer de novo. Às vezes você não quer falar sobre as coisas que a deixam triste, mas sinto que um dia vai gostar de saber o que penso. Sobretudo esse ano. Tem sido o mais duro de todos.

Já estamos casados há mais de cinco anos. Não quero insistir no assunto, porque tenho a impressão de que é tudo a que nossa vida se resume, mas, nos últimos anos, nada deu certo no que diz respeito a nossos problemas de fertilidade. Passamos por três tentativas de fertilização in vitro antes de dar um basta. Devíamos ter arriscado uma quarta vez, apesar de o médico não ser a favor, mas simplesmente não podíamos pagar.

Existem muitas coisas nesse casamento que quero deixar documentadas, Quinn, mas a angústia que acompanha cada uma dessas tentativas frustradas não é uma delas. Tenho certeza de que se lembra de como é difícil para nós dois, então não faz sentido detalhar aqui.

Sabe como sempre lhe pergunto sobre seus sonhos? Acho que vou parar de fazer isso por um tempo.

No último domingo, quando acordou, perguntei o que eu havia perdido enquanto você dormia. Você me encarou com uma expressão vazia. Ficou em silêncio por um momento, e pensei que estivesse organizando os pensamentos para responder, mas, então, seu queixo começou a tremer. Quando não pôde evitar, pressionou o rosto no travesseiro e começou a chorar.

Meu Deus, Quinn. Eu me senti tão culpado. Apenas a envolvi nos braços e a abracei até que parou de chorar.

Não a pressionei para que falasse sobre o sonho porque não queria que fosse obrigada a relembrá-lo. Não sei se sonhou que estava grávida ou que tivemos um filho, mas, o que quer que fosse, era algo que a deixou arrasada ao acordar e se dar conta de que havia sido apenas um sonho.

Já se passaram seis dias, e não tenho perguntado sobre seus sonhos desde aquela manhã. Não quero fazer você passar por isso outra vez. Com sorte, um dia brincaremos de novo, mas prometo não perguntar mais até que, enfim, seja mãe.

É duro. Sei que não esperávamos nos deparar com esse tipo de obstáculos quando casamos. E sinceramente, Quinn, tento carregá-la sobre eles, mas você é tão independente. Você tenta não chorar na minha frente. Você se esforça para sorrir e dar risada, e finge ainda ter esperança, mas essa situação está mudando você. Está te deixando triste e te enchendo de culpa.

Sei que, às vezes, você se sente mal porque pensa que está me roubando a chance de ser pai. Mas não me importo com isso. Se me disser hoje que desistiu de engravidar, vou me sentir aliviado, porque significa que, talvez, você pare de ficar triste. Só me sujeito a esses

processos de fertilização porque sei que quer ser mãe, mais que qualquer coisa. Eu caminharia sobre o fogo para ver você feliz; daria tudo o que tenho para ver um sorriso genuíno em seu rosto. Se precisássemos abdicar de sexo para sempre, eu faria isso. Caramba, até me privaria de queijo para enfim ver você realizar seu sonho. E você sabe o quanto amo queijo.

Jamais lhe diria isso porque sei que uma parte de você me entenderia mal, mas acho que meus momentos prediletos, no último ano, aconteceram todos fora de casa. Quando saímos com nossos amigos ou visitamos nossos pais. Percebi que, quando estamos em casa, você tem se tornado um pouco mais arredia se eu te toco ou te beijo. Costumávamos não conseguir manter as mãos longe um do outro, mas algo mudou no início desse ano. E sei que tem a ver com o fato de o sexo ter se tornado tão clínico entre nós que se transformou em rotina para você. Até mesmo, talvez, em algo um pouco doloroso, porque nunca leva ao resultado que espera. Às vezes, quando estamos sozinhos e eu a beijo, você não reage como costumava fazer. Não se afasta, mas mal retribui.

Você parece me curtir mais quando sabe que um beijo tem que ficar por isso mesmo. Em público, você reage e se abre para mim, e sei que é uma diferença sutil, mas existe diferença. Acho que nossos amigos pensam que somos o casal mais carinhoso que conhecem, porque estamos sempre nos tocando. Com certeza supõem que nossa vida privada é ainda mais afetuosa.

Mas, na verdade, foi nossa vida privada que estagnou. E não estou reclamando, Quinn. Não casei com você apenas pelos anos bons. Não casei com você apenas pela química incrível que temos. E seria ridículo pensar que nosso casamento poderia durar uma eternidade sem alguns momentos difíceis. Por isso, embora este ano tenha sido o mais duro até então, de uma coisa eu tenho absoluta certeza. Eu te amo mais este ano que em qualquer outro.

Sei que, às vezes, me sinto frustrado. Às vezes, sinto falta de fazer amor por impulso, não por obrigação. Mas por favor, mesmo quando eu

me frustrar, peço que se lembre de que sou apenas humano. E por mais que eu prometa ser um alicerce pelo tempo que você precisar, tenho certeza de que vou fracassar ocasionalmente. Meu propósito na vida é fazer você feliz, e, às vezes, já não me sinto capaz disso. Às vezes, desisto de mim mesmo.

Mas rezo para que você não desista de mim também.

Eu amo você, Quinn. Espero que esta seja a última carta deprimente que eu escreva. Tenho esperança de que, no ano que vem, minha carta trará apenas boas-novas.

Até lá, vou continuar a te amar mais e mais a cada obstáculo enfrentado do que amava quando tudo era perfeito.

Graham.

P.S.: Não sei por que só falei das coisas estressantes. Tanta coisa boa aconteceu nos últimos anos. Compramos uma casa com um quintal enorme e passamos os dois primeiros dias batizando cada cômodo. Você foi promovida há alguns meses. Agora só precisa ir ao escritório uma ou duas vezes por semana; escreve a maior parte dos textos para a firma de propaganda de casa, algo que adora. E temos conversado sobre a possibilidade de eu abrir meu escritório de contabilidade. Estou trabalhando em um plano de negócios. E Caroline nos deu outra sobrinha.

Só coisas boas, Quinn.

Tantas coisas boas.

* * *

Querida Quinn,

Temos tentado.

Temos tentado engravidar. Tentado adotar. Tentado fingir que estamos bem. Tentado esconder as lágrimas um do outro.

É no que nosso casamento se transformou. Uma série de tentativas, quase nenhum êxito.

Acredito, de verdade, que poderíamos ter enfrentado qualquer categoria 5, mas acho que este ano tem sido categoria 6. Por mais que deseje estar enganado e por mais que não queira admitir, tenho a impressão de que abriremos a caixa em breve. Motivo pelo qual estou em um voo para a casa de sua irmã enquanto escrevo esta carta. Ainda estou lutando por algo que nem mesmo sei se é o que você quer.

Sei que a decepcionei, Quinn. Talvez tenha sido autossabotagem ou, quem sabe, eu não seja o homem que pensei que poderia ser por você. De qualquer forma, estou muito decepcionado comigo. Eu te amo muito mais do que minhas ações têm demonstrado, e poderia usar esta carta inteira para dizer o quanto me arrependo. Poderia escrever um livro inteiro com minhas desculpas e, ainda assim, não seria capaz de descrever meu arrependimento.

Não sei por que fiz o que fiz. Nem consigo explicar, mesmo quando tentei, naquela noite, em seu carro. É difícil colocar em palavras porque ainda estou tentando processar tudo isso. Não fiz aquilo por uma atração fatal à qual não consegui resistir. Não fiz porque sentia falta do sexo com você. E, embora eu tenha tentado me convencer de que fazia aquilo porque ela me lembrava você, sei como soa idiota. Nunca deveria ter lhe dito isso. Você tem razão, de certo modo, parecia que eu estava culpando você, o que nunca foi minha intenção. Você não é responsável por meus atos.

Não quero falar sobre isso, mas preciso. Você pode pular esta parte da carta se não quiser ler, mas tenho que destrinchar o assunto e, por alguma razão, escrever sobre as coisas nessas cartas sempre parece me ajudar a organizar os pensamentos. Sei que deveria ser capaz de me expressar melhor, mas sei que nem sempre você quer ouvir.

Acredito que comecei a me sentir assim em um dado momento na casa de minha irmã. Suponho que poderia chamar de epifania, mas soa como uma palavra muito positiva para descrever o que estava sentindo. Aconteceu no dia em que devíamos conhecer nosso novo sobrinho, mas você disse que ficou presa no trânsito.

Sei que era mentira, Quinn.

Sei porque, quando eu estava saindo da casa de Caroline, vi o presente que compramos na sala. O que significa que você havia estado ali em algum momento de minha visita, mas, por algum motivo, não quis que eu soubesse.

Pensei no assunto enquanto dirigia para casa, depois de ter saído da de Caroline. E só pude pensar em uma única coisa que a faria negar que estivera lá; você me viu na sala de Caroline, com Caleb no colo. E, se viu isso, deve ter ouvido o que Caroline falou para mim, e o que respondi. Sobre como me sentia arrasado por ainda não ser pai. Por mais que deseje retirar o que disse, não posso fazer isso. Mas preciso que entenda por que falei aquilo.

Não conseguia parar de admirá-lo, enquanto o segurava no colo, porque ele meio que se parece comigo. Nunca segurei as meninas quando eram tão pequenas, então Caleb foi o ser humano mais minúsculo que já aninhei nos braços. E me fez imaginar como aquilo faria você se sentir, caso estivesse ali. Teria se sentido orgulhosa de me ver com meu sobrinho? Ou teria ficado decepcionada que nunca me veria acalentar assim um bebê só nosso?

Acho que Caroline percebeu a expressão em meu rosto enquanto eu o segurava, e pensou que eu o observava com tamanha intensidade porque queria um filho meu. Mas, na verdade, eu o encarava e me perguntava se você continuaria a me amar, mesmo que nunca me tornasse a única coisa que gostaria que eu fosse.

Sei que Caroline estava apenas me parabenizando quando disse que eu seria um bom pai. Mas a razão para eu ter dito que me sentia arrasado por ainda não haver acontecido era porque estava arrasado por você. Por

nosso futuro. Porque foi apenas naquele momento que me dei conta de que, talvez, eu nunca seria suficiente para você.

Pouco depois, estava saindo da casa de minha irmã quando vi o presente e soube que você havia estado ali. Eu não quis ir para casa. Não quis confrontá-la, porque tinha medo de que confirmasse meus medos, então dirigi sem rumo. Mais tarde naquela noite, quando voltei para casa, você me perguntou se eu tinha segurado Caleb. Então menti, pois queria ver sua reação a minha mentira. Esperava ter me enganado, você não havia, de fato, estado na casa de minha irmã. Talvez o presente fosse de outra pessoa, somente parecido com o que havíamos comprado. Mas, assim que vi sua reação, soube que estivera lá.

E, como continuava escondendo o fato, sei que devia ter ouvido nossa conversa. O que sugeria que também me viu com Caleb no colo. Fiquei preocupado que essa visão, seu marido segurando um recém-nascido como um pai, acabaria gravada em sua mente e a entristeceria toda vez que me olhasse e eu não fosse um pai. Você chegaria à conclusão de que o único modo de se livrar dessas imagens seria se eu saísse de sua vida de uma vez por todas.

Tenho me preocupado com muitas coisas desde que nos casamos, mas acho que nunca havia me preocupado conosco até aquele momento. Tenho lutado para ser sua força há tanto tempo que jamais me ocorreu que posso não ser mais o que a fortalece. E se sou parte daquilo que lhe causa dor?

Eu queria que me confrontasse por mentir. Queria que gritasse comigo por dizer a Caroline que estava arrasado por ainda não ser pai. Queria alguma coisa de você, Quinn. Qualquer coisa. Mas você guarda todos os seus pensamentos e sentimentos com tanto cuidado; vem se tornando impossível decifrá-la.

Mas você não é a única impossível de decifrar. Eu devia ter sido honesto com você naquela noite. No momento em que soube que tinha aparecido na casa de Caroline, eu devia ter dito algo. Mas, em algum lugar entre o dia de nosso casamento e hoje, perdi a coragem. Eu me

tornei covarde demais para ouvir o que se passa, de fato, em sua cabeça e em seu coração, então tenho minha parcela de culpa por não encarar a situação. Se não a forçasse a conversar sobre o problema, nunca precisaria enfrentar a ideia de que nosso casamento estava em crise. Enfrentamento gera ação. Fuga gera inércia.

Tenho sido um marido inerte nesses últimos anos, e lamento muito.

Na noite em que menti sobre segurar Caleb, eu me lembro de ver você entrar em seu escritório. Foi a primeira vez que tive a impressão de que, talvez, precisássemos do divórcio.

O pensamento não me ocorreu porque eu não era feliz com você. A ideia surgiu porque senti que já não fazia mais você feliz. Tive a sensação de que a decepcionava, fazia você afundar cada vez mais dentro de si mesma.

Caminhei até a sala de estar e me sentei no sofá, ruminando as novas possibilidades que se abririam para você caso eu a deixasse. Talvez, se não estivesse presa a mim, poderia conhecer, em algum momento, um homem que já tivesse filhos. Poderia se apaixonar por ele e ser a madrasta das crianças, e devolver certo arremedo de felicidade a sua vida.

Eu desmoronei, Quinn. Bem ali em nossa sala. Naquele momento, me dei conta de que não mais lhe trazia felicidade. Havia me tornado uma das muitas coisas contribuindo para seu sofrimento.

Creio ser esse o caso já há algum tempo, mas, por algum motivo, não fui capaz de admitir até recentemente. E, ainda assim, levou um tempo para que, enfim, me permitisse acreditar.

Sinto como se tivesse fracassado com você. Mas, mesmo sabendo disso, jamais teria tomado a decisão de te deixar. Eu tinha certeza. Mesmo acreditando que você seria mais feliz se eu fosse embora, fui egoísta demais para libertar você. Sei o que me aconteceria se te deixasse, e isso me aterrorizava. Às vezes o medo de não ter você em minha vida superava o desejo de vê-la feliz.

Acho que foi por isso que fiz o que fiz. Porque sabia que nunca seria generoso o bastante para te deixar. Eu me permiti agir de maneira

completamente dissonante de minha personalidade, porque, se me sentisse indigno de você, seria mais fácil me convencer de que você merecia alguém melhor que eu.

É tudo tão confuso.

Nem sei como chegamos a esse ponto. Sou incapaz de analisar nosso casamento em retrospecto e apontar o dia em que meu amor passou a ser algo do qual você se ressentia, e não algo que apreciava.

Costumava acreditar que, se você ama muito alguém, esse amor pode enfrentar qualquer coisa. Desde que duas pessoas continuem apaixonadas, então nada pode separá-las. Nem mesmo uma tragédia.

Mas agora percebo que uma tragédia pode destruir até mesmo a mais forte das coisas.

Você pode ter uma das mais belas vozes de todos os tempos, mas, ainda assim, uma lesão na garganta acabaria com sua carreira. Você pode ser o mais rápido velocista do mundo, mas, ainda assim, uma contusão nas costas mudaria tudo. Você pode ser o mais inteligente professor de Harvard, mas, ainda assim, um derrame o forçaria a uma aposentadoria prematura.

Você pode amar sua esposa como nenhum homem jamais amou uma esposa, mas, ainda assim, uma angustiante luta contra a infertilidade transformaria esse amor em ressentimento.

Mas, mesmo desgastados por anos de tragédias, ainda me recuso a desistir. Não tenho ideia se viajar para a Europa com a caixa que fechamos na noite de núpcias fará alguma diferença. Não sei se um gesto grandioso vai convencê-la de como minha vida fica incompleta sem você. Mas me recuso a passar outro dia sem tentar lhe provar como crianças perdem a importância quando comparadas a nosso futuro. Não preciso de filhos, Quinn. Só preciso de você. Não sei como deixar mais evidente.

Mas, ainda assim, não importa o quanto eu esteja satisfeito com essa vida, não quer dizer que você esteja satisfeita com a sua.

Quando eu chegar à Europa, uma decisão definitiva vai ser tomada, e desconfio de que não vou querer concordar com ela. Se puder adiar essa

conversa para sempre a fim de evitar que você decida abrir a caixa, eu o farei. Mas foi aí que erramos. Paramos de conversar sobre todas as coisas que jamais deveriam ter sido silenciadas.

Não faço mais ideia do que é melhor para nós. Quero estar com você, mas não quero ficar com você quando minha presença lhe causa tanta dor. Muita coisa mudou entre nós desde que fechamos a caixa na noite de nosso casamento. Nossas circunstâncias mudaram. Nossos sonhos mudaram. Nossas expectativas mudaram. Mas a coisa mais importante entre nós nunca mudou. Perdemos muito de nós mesmos nesse casamento, mas jamais deixamos de nos amar. É a única coisa que aguentou firme frente aos momentos de categoria 5. Compreendo agora que, às vezes, duas pessoas podem perder a esperança ou o desejo ou a felicidade, mas perder tudo isso não quer dizer que foram derrotadas.

Ainda não fomos derrotados, Quinn.

E não importa o que tem acontecido desde que fechamos essa caixa, ou o que vai acontecer quando a abrirmos, prometo amá-la custe o que custar.

Prometo amá-la mais quando estiver magoada do que quando se sentir feliz.

Prometo amá-la mais quando formos pobres do que quando estivermos nadando em dinheiro.

Prometo amá-la mais quando você chorar do que quando sorrir.

Prometo amá-la mais quando estiver doente do que quando estiver saudável.

Prometo amá-la mais quando me odiar do que quando me amar.

Prometo amá-la mais como uma mulher sem filhos do que a amaria se fosse mãe.

E prometo... Juro... que se escolher terminar tudo entre nós, vou amá-la mais quando cruzar a porta do que quando cruzou a nave de areia até mim.

Espero que escolha o caminho que a faça mais feliz. Mesmo que não seja uma escolha que eu ame, vou sempre amar você. Quer eu seja parte

de sua vida ou não. Você merece ser feliz mais que qualquer pessoa que conheço.

Amo você. Para sempre.

Graham.

Não sei por quanto tempo choro depois de ler a última carta. Tempo o bastante para sentir um peso na cabeça e pontadas no estômago, e para gastar meia caixa de lenços de papel. Choro por tanto tempo que me perco na dor.

Graham me abraça.

Não sei quando entrou no quarto, ou quando se ajoelhou na cama, ou quando me puxou de encontro ao peito.

Ele não faz ideia de minha decisão. Não faz ideia se as palavras prestes a sair de minha boca serão agradáveis ou odiosas. No entanto, continua aqui, me abraçando enquanto choro, simplesmente porque o magoa me ver assim.

Beijo seu peito, bem acima do coração. E não sei se leva cinco minutos ou meia hora, mas, quando enfim paro de chorar tempo o bastante para falar, afasto a cabeça de seu peito e o encaro.

— Graham — sussurro. — Eu te amo mais hoje do que jamais amei.

Logo que as palavras saem de minha boca, as lágrimas começam a cair de seus olhos.

— Quinn — diz ele, segurando meu rosto. — Quinn...

É tudo o que consegue dizer. Está chorando demais para acrescentar qualquer coisa. Ele me beija, e eu retribuo com tudo o que há em mim, uma tentativa de compensar por todos os beijos que lhe neguei.

Fecho os olhos, repetindo as palavras que mais me tocaram em sua carta.

Ainda não fomos derrotados, Quinn.

Ele está certo. Podemos ter desistido ao mesmo tempo, mas isso não significa que não podemos recuperar a esperança. Quero lutar por ele. Quero lutar por ele com a mesma determinação que ele vem lutando por mim.

— Lamento tanto, Quinn — murmura de encontro a meu rosto. — Por tudo.

Balanço a cabeça, sequer desejando um pedido de desculpas. Mas sei que precisa de meu perdão, então o dou a ele.

— Eu perdoo você. Com todo o meu ser, Graham. Eu o perdoo e não culpo você, eu lamento também.

Graham me envolve em seus braços e me aperta. Ficamos naquela posição por tanto tempo que minhas lágrimas secam, mas ainda me agarro a ele com todas as forças. E vou fazer o possível para me assegurar de jamais deixá-lo escapar outra vez.

Capítulo vinte e nove

Antes

Não consigo imaginar um jeito melhor de terminar nosso primeiro aniversário de casamento do que enrolados em um cobertor no pátio, escutando as ondas quebrando na areia. É o momento perfeito para o presente perfeito.

— Tenho uma coisa para você — digo a Graham.

Em geral, é ele que me surpreende com presentes, então o fato de que trouxe algo para ele prende sua atenção. Ele me encara com expectativa e afasta o cobertor de mim, me empurrando para fora da cadeira. Corro até a casa e, em seguida, volto com seu presente. Está embrulhado com papel natalino, embora ainda falte muito para o Natal.

— Foi o que consegui arrumar — explico. — Não tive tempo de embrulhar o presente antes de sair, então tive que me virar com o que havia no armário daqui.

Ele começa a abrir o presente, mas, antes mesmo que rasgue o papel, disparo:

— É um cobertor. Eu mesma fiz.

Ele solta uma risada.

— Você é péssima com surpresas. — Ele afasta o papel de embrulho e revela o cobertor que fiz a partir de retalhos de nossas roupas. — Isso é... — Ele ergue um dos pedaços de sua camisa de trabalho e solta uma risada.

Às vezes temos problemas em manter nossas roupas intactas quando estamos nos despindo. Acho que devo ter rasgado, no mínimo, meia dúzia das camisas de Graham. Graham rasgou várias minhas. Às vezes faço aquilo pela dramaticidade dos botões saltando. Nem me lembro de como começou, mas se tornou uma

brincadeira para nós. Um jogo caro. E foi por isso que resolvi dar uma utilidade às roupas estragadas.

— É o melhor presente que já ganhei. — Ele joga o cobertor sobre o ombro e, em seguida, me pega no colo. Ele me carrega para dentro e me coloca sobre a cama. Rasga minha camisola, então rasga a própria camisa para se exibir. A cena inteira me faz rir, até que ele deita sobre mim e sufoca meu riso com a língua.

Graham levanta meu joelho e começa a me penetrar, mas empurro seu peito.

— Precisamos de uma camisinha — sussurro, sem fôlego.

Na semana passada, comecei a tomar antibióticos por causa de uma gripe e por isso havia parado com a pílula. Tivemos que usar camisinha a semana toda como método contraceptivo.

Graham rola de cima de mim e caminha até sua bolsa de viagem. Pega uma camisinha, mas não volta de imediato à cama. Apenas olha para a embalagem. Então a joga de volta na bolsa.

— O que está fazendo?

— Não quero usar hoje — responde ele, com uma grande dose de confiança.

Não retruco. Ele não quer usar camisinha? Estou entendendo errado?

Graham caminha de volta para a cama e se deita sobre mim novamente. Ele me beija, depois recua.

— Às vezes penso no assunto. Em você, grávida.

— Pensa? — Não esperava por aquilo. Hesito por um momento antes de continuar: — Só porque pensa no assunto não quer dizer que esteja pronto.

— Mas estou. Quando penso nisso, fico empolgado. — Ele rola de lado e coloca uma das mãos sobre minha barriga. — Acho que você deve parar de tomar a pílula.

Seguro sua mão, atônita com o quanto quero beijá-lo e rir e guiá-lo para dentro de mim. No entanto, por mais que me sinta preparada para ter filhos, não quero que ele faça aquela escolha a não ser que esteja tão seguro quanto eu.

— Tem certeza?

A ideia de nos tornarmos pais me enche de um amor incondicional por meu marido. Tanto que sinto uma lágrima escorrer pelo rosto.

Graham vê a lágrima e sorri quando a enxuga com o polegar.

— Amo que você me ame tanto que, às vezes, isso te faça chorar. E amo que a ideia de termos um filho faça você chorar. Amo o quanto você transborda de amor, Quinn.

Ele me beija. Não acredito que elogie seu beijo o suficiente. Ele tem o melhor beijo que já experimentei. Não sei o que faz seus beijos diferentes dos beijos dos homens que conheci no passado, mas são muito melhores. Às vezes tenho medo de que se canse de me beijar, já que o beijo sem parar. Não suporto ficar ao seu lado sem prová-lo.

— Você beija realmente muito bem — sussurro.

Graham ri.

— Só porque é você quem estou beijando.

Nós nos beijamos ainda mais que o normal quando fazemos amor. E sei que fizemos amor centenas de vezes antes dessa noite. Talvez até milhares de vezes. Mas dessa vez parece diferente. É a primeira vez que não existe uma barreira nos impedindo de criar uma vida juntos. É como se fizéssemos amor com um propósito.

Graham goza dentro de mim, e é uma sensação maravilhosa, saber que nosso amor pode estar criando algo ainda maior que nosso amor um pelo outro. Nem sequer sei se é possível. Como posso amar alguém tanto ou ainda mais do que amo Graham?

Tem sido um dia perfeito.

Tenho vivido muitos momentos perfeitos, mas dias inteiramente perfeitos são raros. É necessário o clima perfeito, a companhia perfeita, a comida perfeita, o itinerário perfeito, o humor perfeito.

Eu me pergunto se as coisas serão sempre perfeitas assim. Agora que decidimos começar uma família, parte de mim imagina se existe um nível de perfeição que ainda não atingimos. Como as coisas serão no ano que vem, quando é provável que sejamos pais? Ou daqui a cinco anos? Dez? Às vezes eu queria ter uma bola de cristal que pudesse mostrar o futuro. Gostaria de saber tudo.

Estou traçando um caminho invisível com os dedos sobre seu peito quando ergo o olhar para ele.

— Como você nos imagina daqui a dez anos?

Graham sorri. Ele ama especular sobre o futuro.

— Com sorte, teremos nossa própria casa em dez anos — responde ele. — Nada muito grande, nem muito pequeno. Mas o quintal vai ser enorme e vamos brincar ao ar livre com as crianças o tempo todo. Vamos ter dois filhos; um menino e uma menina. E você vai estar grávida de um terceiro.

Aquele pensamento me faz sorrir. Ele reage a meu sorriso e continua a falar:

— Você ainda vai escrever, mas de casa e apenas quando sentir vontade. Vou ter meu próprio escritório de contabilidade. Você vai dirigir uma minivan porque, óbvio, seremos aqueles pais que levam os filhos para os jogos de futebol e para a ginástica. — Graham sorri para mim. — Vamos fazer amor o tempo todo. Com certeza não com a mesma regularidade de agora, porém mais que todos os nossos amigos.

Pouso a mão em seu peito.

— Soa como a vida perfeita, Graham.

Porque é. Mas qualquer vida com Graham parece perfeita.

— Ou... — emenda ele. — Talvez nada mude. Talvez ainda moremos em um apartamento. Talvez ainda estejamos nos esforçando financeiramente, porque pulamos de emprego em emprego. Talvez nem sejamos capazes de engravidar, então não teremos um quintal enorme ou uma minivan. Vamos continuar dirigindo os mesmos carros de merda daqui a dez anos. Talvez absolutamente nada mude e, daqui a dez anos, nossa vida continue igual ao que é agora. E só teremos um ao outro.

Assim como aconteceu quando descreveu o primeiro cenário, um sorriso sereno se abre em meu rosto.

— Também soa como a vida perfeita. — E soa mesmo. Contanto que eu esteja com Graham, não creio que a vida possa ser menos do que é agora. E nesse momento ela é incrível.

Relaxo em seu peito e adormeço com o sentimento mais tranquilo no coração.

Capítulo trinta

Agora

— Quinn.

Sua voz soa rouca em meu ouvido. É a primeira manhã, depois de um longo tempo, em que eu havia sido capaz de acordar com um sorriso no rosto. Abro os olhos, e Graham parece uma pessoa completamente diferente do homem arrasado que entrou pela porta da casa de Ava e Reid, ontem à noite. Ele beija meu rosto, em seguida se afasta, tirando meu cabelo do rosto.

— O que eu perdi enquanto você dormia?

Senti tanta falta daquelas palavras. É uma das coisas das quais mais havia sentido saudade entre nós. Significam ainda mais agora, pois sei que só parou de perguntar porque não queria me magoar. Estendo a mão para seu rosto e acaricio sua boca com o polegar.

— Sonhei com nós dois.

Ele beija a ponta de meu dedo.

— Foi um sonho bom ou um sonho ruim?

— Bom — respondo. — Mas não foi um clássico sonho sem pé nem cabeça. Era quase uma memória.

Graham coloca a mão entre a cabeça e o travesseiro.

— Quero saber de cada detalhe.

Espelho sua posição, sorrindo, quando começo a lhe contar sobre o sonho.

— Era nosso primeiro aniversário de casamento. A noite em que decidimos começar uma família. Eu perguntei como você imaginava que estaríamos daqui a

dez anos. Você lembra?

Graham balança a cabeça.

— Vagamente. Como imaginei que estaríamos?

— Você disse que teríamos filhos e que eu ia dirigir uma minivan e que iríamos viver em uma casa com um quintal espaçoso, onde brincaríamos com as crianças. — O sorriso de Graham vacila. Desfaço sua carranca com os dedos, querendo ver seu sorriso outra vez. — É estranho, porque esqueci completamente dessa conversa até que sonhei com ela noite passada. Mas não fiquei triste, Graham. Porque, depois, você disse que poderíamos não ter nada disso. Disse que havia uma chance de pularmos de emprego em emprego, e que talvez não conseguíssemos ter filhos. E que, talvez, nada entre nós estivesse diferente daqui a dez anos, e que tudo que teríamos seria um ao outro.

— Eu me lembro disso — sussurra ele.

— Você se lembra do que eu respondi?

Ele balança a cabeça.

— Eu disse: "Também soa como a vida perfeita."

Graham ofega, como se tivesse esperado uma vida inteira pelas palavras que estou lhe dizendo.

— Me desculpe por ter me esquecido do que realmente importa — murmuro. — De nós. Você sempre bastou para mim. Sempre.

Ele me encara como se tivesse sentido falta de meus sonhos tanto quanto de mim.

— Amo você, Quinn.

— Também amo você.

Ele pousa os lábios em minha testa, depois em meu nariz. Eu o beijo no queixo, e ficamos deitados, aconchegados um ao outro.

Pelo menos até o momento ser arruinado pelo ronco de meu estômago.

— Sua irmã tem algo de comer por aqui? — Graham me puxa para fora da cama, e vamos até a cozinha, em silêncio. Não são nem oito da manhã, então Ava e Reid continuam dormindo. Graham e eu vasculhamos a cozinha, atrás de tudo o que precisamos para fazer panquecas e ovos. Ele acende o fogão, e eu misturo os ingredientes quando noto a caixa de madeira que ele fez para mim sobre o balcão.

Deixo o mixer de lado e caminho até a caixa. Passo a mão sobre a tampa, me perguntando se as coisas teriam terminado diferentes entre nós caso Graham não nos tivesse dado esse presente em nossa noite de núpcias. Ainda me lembro

de lhe escrever a carta de amor. Também me lembro de colocar minha foto nua no envelope. Imagino o quão diferente estou do dia em que tirei aquela foto.

Abro a caixa para pegar sua carta, mas, assim que o faço, noto alguns pedaços de papel no fundo. Um deles é o Post-it amarelo que deixei preso, por seis meses, na parede do lado de minha porta. Os outros dois são nossas sortes.

Eu as pego e leio.

— Não acredito que você guardou essas coisas por todo esse tempo. É tão fofo.

Graham caminha em minha direção.

— Fofo? — Ele tira uma das sortes de minhas mãos. — Não é fofo. É a prova de que o destino existe.

Balanço a cabeça e aponto para sua sorte.

— Sua sorte diz que você teria sucesso em uma grande empreitada comercial naquele dia, mas você nem foi trabalhar. Como isso prova que somos almas gêmeas?

Seus lábios se abrem em um sorriso.

— Se eu tivesse ido trabalhar naquele dia, nunca teria encontrado você, Quinn. Eu diria que é o maior sucesso relacionado ao trabalho que já tive.

Inclino a cabeça, me perguntando por que jamais analisei sua sorte sob aquele ponto de vista.

— E... ainda tem isso. — Graham vira sua sorte e a ergue para mim, apontando para o número oito no verso do papel.

Eu baixo o olhar e leio o número no verso da minha. Um oito.

Dois números oito. A data em que nos reencontramos há tantos anos.

— Você mentiu para mim — acuso, encontrando seu olhar. — Você disse que estava brincando sobre os números no verso do papel.

Graham tira a sorte de minha mão e, com cuidado, coloca as duas dentro da caixa.

— Não queria que se apaixonasse por mim graças ao destino — explica ele, fechando a caixa. — Queria que você se apaixonasse por mim apenas porque não pôde evitar.

Sorrio e o encaro com admiração. Amo como ele é sentimental. Amo por acreditar em destino mais do que acredita em coincidências. Amo por acreditar que eu seja seu destino.

Fico na ponta dos pés e o beijo. Ele agarra minha nuca com as duas mãos e retribui meu beijo com a mesma admiração.

Após alguns instantes nos beijando, e algumas tentativas frustradas de parar, ele se desvencilha de mim e balbucia algo sobre panquecas queimando e vai até o fogão. Levo os dedos aos lábios e sorrio ao me dar conta de que ele acabou de me beijar, e não senti a menor vontade de me afastar. Na verdade, queria que o beijo tivesse durado ainda mais. É uma sensação que eu não tinha certeza se seria capaz de experimentar novamente.

Cogito puxá-lo de volta, porque quero mesmo beijá-lo outra vez. Mas também quero panquecas, então o deixo cozinhar. Eu me volto para a caixa de madeira e estendo a mão para pegar a carta que escrevi para Graham. Agora que sinto que estamos no caminho da cura, tenho vontade de ler as palavras que escrevi para ele quando estávamos começando essa jornada juntos. Viro o envelope para tirar a carta, mas o envelope ainda está colado.

— Graham? — Dou meia-volta. — Você não leu a sua?

Graham olha por cima do ombro e sorri para mim.

— Não precisei, Quinn. Vou ler no nosso aniversário de vinte e cinco anos de casamento.

Ele volta a atenção para o fogão e continua a cozinhar, como se não tivesse acabado de dizer algo que parece mais curativo que qualquer coisa que já me disse ou fez.

Baixo o olhar para a carta, um sorriso no rosto. Mesmo com a tentação de minha foto nua, ele estava tão seguro de seu amor por mim que não precisou ler minha carta como garantia.

De súbito, quero escrever outra carta para acompanhar esta. Na verdade, é possível que eu comece a fazer o que ele tem feito durante todos esses anos, e colocar mais cartas na caixa. Quero lhe escrever tantas cartas que, quando finalmente reabrirmos essa caixa pelos motivos certos, ele vai ter cartas para ocupá-lo por uma semana.

— Como nos imagina em nosso aniversário de vinte e cinco anos de casamento? — pergunto.

— Juntos — responde ele, objetivo.

— Acha que um dia vamos sair de Connecticut?

Ele me encara.

— Você quer?

Dou de ombros.

— Talvez.

— Penso nisso algumas vezes — confessa ele. — Já tenho alguns clientes particulares alinhavados. Se conseguir mais alguns, isso permitiria a mudança, mas provavelmente iria ganhar menos. Mas podemos viajar por um ano ou dois. Talvez mais, se gostarmos.

Essa conversa me lembra da noite em que falei com minha mãe, nos degraus de sua casa. Não dou muito crédito em geral, mas ela tem razão. Posso passar meu tempo concentrada na versão perfeita da vida que jamais terei, ou posso passar meu tempo aproveitando a vida que tenho. E a vida que tenho pode ser tão cheia de oportunidades se eu conseguir sair de minha cabeça tempo o suficiente para correr atrás dessas oportunidades.

— Eu costumava querer ser tantas coisas antes de ficar obcecada com a ideia de ser mãe.

Graham me lança um sorriso doce.

— Eu lembro. Você queria escrever um livro.

Faz tanto tempo que conversamos sobre o assunto que fico surpresa que se lembre.

— Queria. Ainda quero.

Ele está sorrindo para mim quando dá meia-volta para virar o restante das panquecas.

— O que mais você quer fazer, além de escrever um livro?

Eu me aproximo e paro ao seu lado no fogão. Ele me envolve com um dos braços enquanto cozinha com a outra mão. Pouso a cabeça em seu ombro.

— Quero ver o mundo — respondo, baixinho. — E gostaria de aprender outra língua.

— Talvez devêssemos nos mudar aqui para a Itália e aproveitar o professor de Ava.

Seu comentário me faz rir, mas Graham solta a espátula e me encara com um brilho nos olhos. Ele se apoia no balcão.

— Vamos fazer isso. Vamos nos mudar para cá. Não tem nada nos prendendo.

Inclino a cabeça e olho para ele.

— Você está falando sério?

— Seria divertido tentar algo novo. E nem precisa ser na Itália. Podemos nos mudar para onde você quiser.

Meu coração começa a bater acelerado com a ideia de fazer algo tão insano e espontâneo.

— Gosto daqui — digo. — Muito. E sinto saudades de Ava.

Graham assente.

— Sim, e eu confesso que sinto falta de Reid. Mas nunca repita isso.

Tomo impulso e me sento no balcão, ao lado do fogão.

— Semana passada, fui dar um passeio e vi um chalé para alugar a algumas ruas daqui. Podíamos experimentar por um tempo.

Graham me olha como se estivesse apaixonado pela ideia. Ou talvez esteja me olhando como se estivesse apaixonado por mim.

— Vamos lá hoje.

— Ok — concordo, entre risadinhas. Eu me pego mordendo a bochecha para conter o sorriso, mas, de repente, paro de tentar contê-lo. Se tem uma coisa que Graham merece é que minha felicidade seja transparente. E esse momento é o primeiro, em um longo tempo, em que eu sinto tamanha alegria. Quero que ele também a sinta.

É como se fosse a primeira vez que eu, de fato, acredito que vai ficar tudo bem. Que nós vamos ficar bem. É a primeira vez que olho para ele sem me sentir culpada por tudo o que não posso lhe dar, porque sei como está agradecido por tudo o que posso lhe dar.

— Obrigada — sussurro. — Por tudo o que disse em suas cartas.

Ele se encaixa entre minhas pernas, colocando as mãos em meus quadris. Abraço seu pescoço e, pela primeira vez em muito tempo, beijo meu marido e me sinto plena de gratidão. Sei que minha vida, como um todo, não tem sido perfeita, mas estou, enfim, começando a apreciar todas as coisas perfeitas que a compõem. Há tantas delas. Meu trabalho flexível, meu marido, meus sogros, minha irmã, minhas sobrinhas, meu sobrinho.

Aquele pensamento me faz hesitar. Eu me afasto e encaro Graham.

— O que minha sorte dizia? Você sabe de cor?

— Se você iluminar apenas suas imperfeições, todos as suas qualidades ficarão na sombra.

Penso na frase por um instante. Em como aquela sorte é perfeita para minha vida. Havia desperdiçado tanto tempo colocando todo o foco em minha infertilidade. Tanto que meu marido e todas as outras coisas perfeitas em minha vida foram forçadas a ficar na sombra.

Desde o momento em que abrimos aqueles biscoitos da sorte, eu jamais os levara a sério, mas talvez Graham tenha razão. Talvez aqueles biscoitos sejam

mais que mera coincidência. E, talvez, Graham esteja certo sobre a existência do destino.

Se sim, acredito que meu destino esteja parado bem na minha frente.

Graham toca minha boca com a ponta dos dedos e, devagar, contorna o sorriso em meus lábios.

— Você não faz ideia do que esse sorriso significa para mim, Quinn. Senti tanta falta dele.

Epílogo

— Espere, olhe para isso! — Puxo Graham pela mão, fazendo-o parar na calçada outra vez. Mas não posso evitar. Quase todas as lojas dessa rua vendem as roupas de criança mais fofas que eu já tinha visto, e Max ficaria adorável no conjunto da vitrine.

Graham tenta continuar andando, mas eu o puxo pela mão até que ele se rende e entra na loja comigo.

— Quase chegamos ao carro — brinca ele. — Foi por pouco.

Empurro as sacolas com roupas de criança que já havia comprado para cima de Graham e então vou atrás da arara com roupas de bebê.

— Compro a calça verde ou a amarela? — Eu mostro as duas para Graham.

— Definitivamente, a amarela — responde ele.

A verde é mais fofa, mas respeito a escolha de Graham simplesmente porque se deu o trabalho de opinar. Ele odeia comprar roupas, e aquela provavelmente era a nona loja em que o obriguei a entrar.

— Prometo que essa é a última. Então podemos voltar para casa. — Dou um rápido beijo em seus lábios antes de me encaminhar para a caixa.

Graham me segue e tira a carteira do bolso.

— Você sabe que não me importo, Quinn. Faça compras o dia todo, se quiser. Só se faz 2 anos uma vez na vida.

Entrego as roupas à caixa.

— Essa roupa é minha preferida — diz ela, em um carregado sotaque italiano. — Ela ergue o olhar e pergunta: — Quantos anos tem seu garotinho?

— É nosso sobrinho. Amanhã é aniversário dele.

— Ah, perfeito. Quer embrulhar para presente?

— Não, uma sacola está ótima.

Ela diz o total e, enquanto Graham paga, a mulher do caixa olha para mim novamente.

— E vocês dois? Têm filhos?

Sorrio e abro a boca, mas Graham é mais rápido.

— Temos seis filhos — mente. — Mas são adultos e já saíram de casa.

Tento não rir, mas, desde que decidimos mentir para desconhecidos sobre nossa infertilidade, aquilo se tornou uma competição para ver quem conseguia ser mais ridículo. Em geral, Graham vence. Semana passada, ele disse a uma senhora que tínhamos quádruplos. Agora, tenta convencer alguém que um casal de nossa idade já teria seis filhos crescidos, morando fora de casa.

— Seis meninas — acrescento. — Ficamos tentando um menino, mas não era para ser.

A caixa fica de boca aberta.

— Vocês têm seis filhas?

Graham pega a sacola e a nota fiscal.

— Sim. E duas netas.

Ele sempre exagera. Seguro a mão de Graham e balbucio um "obrigada" para a moça, puxando-o para fora tão rápido quanto o trouxe para dentro. Quando estamos de novo na calçada, dou um tapa em seu braço.

— Você é tão bobo — digo, rindo.

Ele entrelaça nossos dedos enquanto começamos a caminhar.

— Devíamos inventar nomes para nossas filhas imaginárias — sugere ele. — Caso alguém insista nos detalhes.

Passamos por uma loja de artigos para cozinha quando ele diz isso, e meus olhos automaticamente caem em um porta-temperos na vitrine.

— Cúrcuma — digo a ele. — Ela é a mais velha.

Graham para e observa o porta-temperos comigo.

— Salsa é a mais nova. E Páprica e Canela são as gêmeas mais velhas.

Solto uma risada.

— Temos dois pares de gêmeas?

— Alecrim e Açafrão.

— Ok, vamos recapitular. Em ordem de nascimento: Cúrcuma, Páprica, Canela, Alecrim, Açafrão e Salsa — enumero, enquanto nos dirigimos até o carro.

Graham sorri.

— Quase. Açafrão nasceu dois minutos antes que Alecrim.

Eu reviro os olhos, e ele aperta minha mão ao atravessarmos a rua juntos.

Ainda me surpreende o quanto mudou desde que abrimos aquela caixa, há dois anos. Chegamos tão perto de perder tudo o que tínhamos construído por causa de algo fora de nosso controle. Algo que deveria ter nos aproximado, mas, ao invés disso, nos afastou.

Fuga soa como uma palavra inofensiva, mas essa palavra pode causar graves danos a um relacionamento. Fugimos de tanta coisa em nosso casamento, simplesmente por medo. Fugimos dos confrontos. Fugimos das discussões sobre os desafios que enfrentávamos. Fugimos de tudo o que nos entristecia. E, depois de um tempo, comecei a fugir completamente do outro lado de minha vida. Fugia de Graham fisicamente, o que levou a uma fuga emocional, que levou a sentimentos nunca verbalizados.

Abrir aquela caixa me fez entender que nosso casamento não precisava de um ajuste. Precisava de uma reconstrução completa, com alicerces drasticamente modificados. Comecei nossa vida juntos com certas expectativas e, quando tais expectativas não foram atendidas, eu não fazia ideia de como seguir adiante.

Mas Graham tem sido a força motriz em meu processo de cura. Finalmente, parei de me sentir triste com nosso destino. Parei de me concentrar em tudo o que jamais poderíamos ter juntos e comecei a me concentrar em tudo o que tínhamos e poderíamos ter. Não eliminou a dor de todo, mas me sinto mais feliz do que em muito tempo.

Lógico que abrir a caixa não resolveu, miraculosamente, todas as coisas. Não aplacou, de imediato, minha vontade de ter filhos, embora tenha, de fato, acirrado meu desejo por uma vida além da maternidade. Não dissolveu por completo minha aversão ao sexo, embora tenha aberto a porta para que eu aprendesse, aos poucos, como separar o sexo da esperança e da angústia. E, eventualmente, ainda choro no chuveiro, mas nunca sozinha. Choro enquanto Graham me abraça, porque ele me fez prometer que tentaria parar de esconder o peso de minha dor.

Não a escondo mais. Eu a aceito. Estou aprendendo a exibir meu esforço como uma medalha, e não me envergonhar. Estou aprendendo a não me sentir pessoalmente ofendida com a ignorância das pessoas em relação à infertilidade. E faz parte desse aprendizado compreender que é preciso senso de humor. Jamais pensei que chegaria ao ponto em que conseguiríamos transformar todas as dolorosas perguntas em um jogo. Na verdade, agora, quando estamos em

público, espero ansiosamente que alguém pergunte se temos filhos. Porque sei que Graham vai dizer algo que me fará rir.

Também aprendi que ter um pouco de esperança é normal.

Durante muito tempo, eu me senti tão abatida e emocionalmente exausta que pensei que, se descobrisse um modo de perder toda a esperança, também perderia toda a expectativa e todo o desapontamento. Mas não funcionou assim. A esperança tem sido o único ponto positivo de minha infertilidade.

Nunca vou perder a esperança de que possamos, efetivamente, ter um filho nosso. Ainda me inscrevo em agências de adoção e consulto advogados. Não sei se algum dia vamos parar de tentar. Mas aprendi que, embora ainda tenha esperança de ser mãe, não significa que não posso viver uma vida plena enquanto continuo tentando.

No momento, estou feliz. E sei que vou continuar feliz daqui a vinte anos, mesmo se ainda formos apenas Graham e eu.

— Merda — resmunga Graham, quando chegamos ao carro. Ele aponta para o pneu. — Está furado.

Dou uma olhada no carro, e o pneu parece completamente vazio. Tão vazio que nenhuma bomba de ar pode salvá-lo.

— Temos estepe?

Estamos com o carro de Graham, então ele abre o porta-malas e ergue o tapete, revelando o estepe e o macaco.

— Graças a Deus — agradece ele.

Coloco as sacolas no banco de trás e o observo enquanto ele pega o pneu e o macaco. Por sorte, o pneu furado é o do lado do passageiro, que está colado à calçada, e não virado para a estrada. Graham rola o estepe até o pneu vazio, então traz o macaco. Ele me encara com uma expressão constrangida no rosto.

— Quinn... — Ele chuta uma pedrinha na calçada, desviando o olhar.

Solto uma risada, porque sua vergonha me diz que não tem a mínima ideia do que fazer em seguida.

— Graham Wells, você nunca trocou um pneu?

Ele dá de ombros.

— Tenho certeza de que posso procurar no Google. Mas você mencionou certa vez que Ethan nunca deixava você trocar pneu. — Ele acena para a roda. — Estou lhe dando a oportunidade.

Eu sorrio. Estou adorando essa situação.

— Puxe o freio de mão.

Graham puxa o freio enquanto posiciono o macaco embaixo do carro e o prendo no lugar.

— Isso é meio sexy. — Graham se apoia em um poste de luz enquanto me observa. Pego a chave de roda e começo a afrouxar os parafusos.

Estamos em uma calçada movimentada, então duas pessoas param e perguntam se podem ajudar, pois não percebem que Graham está comigo. Nas duas ocasiões, Graham diz:

— Obrigado, mas minha mulher tem tudo sob controle.

Solto uma gargalhada quando me dou conta do que está fazendo. Durante todo o tempo que levo para trocar o pneu, Graham se vangloria para todo mundo que passa.

— Veja! Minha esposa sabe trocar um pneu.

Quando finalmente acabo, ele guarda o macaco e o pneu furado no porta-malas. Minhas mãos estão cobertas de graxa.

— Vou dar um pulo numa loja e lavar as mãos.

Graham assente e abre a porta do passageiro enquanto corro até a loja mais próxima. Quando entro no estabelecimento, sou pega de surpresa conforme olho ao meu redor. Esperava outra loja de roupas, mas me enganei. Há cercados para animais na vitrine, e um pássaro — um periquito — empoleirado em uma gaiola perto da porta.

— Ciao! — diz o pássaro, alto.

Levanto uma sobrancelha.

— Oi!

— Ciao! — grita de novo. — Ciao! Ciao!

— É a única palavra que sabe dizer — explica uma senhora, enquanto se aproxima de mim. — Está aqui para adotar ou para comprar suprimentos?

Ergo minhas mãos cheias de graxa.

— Nenhum dos dois. Estou procurando uma pia.

A mulher me indica o banheiro. Abro caminho pela loja, parando para observar os diferentes animais em suas gaiolas. Há coelhos, tartarugas, gatos e porquinhos-da-índia. Mas, quando chego aos fundos da loja, perto do banheiro, eu me detenho de súbito e prendo o fôlego.

Eu o encaro por um momento, porque ele está olhando para mim. Dois grandes olhos castanhos, olhando para mim como se eu fosse a décima quinta pessoa a passar por ali hoje. Mas, ainda assim, seus olhos brilham com esperança... de que, talvez, eu seja a primeira a realmente considerar adotá-lo. Eu

me aproximo da gaiola, rodeada por diversas outras, vazias. É o único cachorro em toda a loja.

— Oi, mocinho — sussurro. Leio o bilhete no canto inferior esquerdo de sua gaiola. Embaixo da descrição em italiano, vê-se a tradução para o inglês.

Pastor alemão
Macho
Sete semanas
Disponível para adoção

Observo o bilhete por um instante, então me obrigo a ir até o banheiro. Esfrego as mãos o mais rápido que posso, pois não consigo suportar a ideia de que aquele filhote me considere apenas mais uma entre dezenas de pessoas que passaram por ali hoje, e não o levaram para casa.

Jamais fui fã de cachorros, porque nunca tive um antes. Sinceramente, jamais pensei que teria um cachorro, mas tenho a impressão de que não vou sair dessa loja sem o filhote. Antes de deixar o banheiro, pego o celular do bolso e envio uma mensagem para Graham.

Venha até a loja. Rápido.

Saio do banheiro, e, quando me vê de novo, o filhote levanta as orelhas. Então ergue a pata e a encosta na gaiola quando me aproximo. Está sentado nas patas traseiras, mas posso vê-lo abanando a cauda, como se quisesse minha atenção, mas tivesse medo de ser apenas algo fugaz e de acabar passando outra noite na gaiola.

Enfio os dedos entre as barras, e ele me cheira, depois me lambe. Sinto um aperto no coração toda vez que nossos olhares se encontram, porque vê-lo tão cheio de esperança, mas com tanto medo de se decepcionar me entristece. Esse filhote me lembra de mim mesma. Ou de como costumava me sentir.

Ouço alguém se aproximar por trás, então dou meia-volta e vejo Graham olhando para o filhote. Ele caminha até a gaiola e inclina a cabeça. O filhote olha de mim para Graham e então se levanta, incapaz de impedir o rabo de balançar.

Nem preciso dizer nada. Graham apenas assente com a cabeça e diz:

— Ei, garoto. Quer ir para casa com a gente?

* * *

— Já faz três dias — diz Ava. — Aquele pobre filhote precisa de um nome.

Ela limpa a mesa, se preparando para voltar para casa. Reid foi embora com Max há cerca de uma hora para colocá-lo na cama. Tentamos nos encontrar para jantar algumas vezes por semana, mas, em geral, vamos para casa de minha irmã, já que Max dorme cedo. Mas agora somos nós que temos um recém-nascido em casa, e, embora o recém-nascido seja um filhote, ele dorme e faz xixi e cocô como qualquer bebê humano.

— Mas é tão difícil pensar em um bom nome — suspiro. — Quero escolher um nome que signifique alguma coisa, mas descartamos cada ideia que tivemos.

— Estão sendo muito exigentes.

— Você levou oito meses para escolher o nome de seu filho. Três dias não é tanto assim para um cachorro.

Ava dá de ombros.

— É tão estranho que diga isso. Hoje, no trabalho, recebi os arquivos de meus futuros alunos de intercâmbio, que vão chegar em algumas semanas. Um deles é uma menina do Texas. O nome na certidão é Seven Marie Jacobs, mas ela atende por Six. Eu me lembrei de Graham quando soube.

— Por que é chamada de Six, se o nome na certidão é Seven?

Ava balança a cabeça.

— Não sei, mas é peculiar. Nem conheço e já gosto dessa garota. — Ava faz uma pausa e me encara. — Que tal batizá-lo com o nome de um dos personagens de seu livro?

Balanço a cabeça.

— Já pensei nisso, mas, agora que terminei o livro, aqueles personagens parecem pessoas reais. Sei que soa estranho, mas quero que o cachorro tenha um nome próprio. Eu me sentiria como se ele estivesse sendo forçado a partilhar.

— Faz sentido — admite Ava, colocando as mãos nos quadris. — Alguma notícia de sua agente?

— Ela ainda não mostrou o original a nenhum editor. Um editor interno está revisando, e depois vão tentar vender o livro.

Ava sorri.

— Espero que consiga, Quinn. Vou surtar se entrar em uma livraria e vir seu livro na prateleira.

— Eu também.

Graham entra com o filhote no colo, e Ava o encontra na porta.

— Está tarde. Preciso ir — diz ela, conversando com o filhote enquanto coça sua cabeça. — Espero que já tenha um nome quando eu vir você amanhã.

Graham e eu nos despedimos de Ava, e ele tranca a porta depois que minha irmã sai. Ele embala o filhote no colo e caminha até mim.

— Adivinhe quem foi ao banheiro duas vezes para que mamãe e papai possam ter algumas horas de sono?

Pego o filhote do colo de Graham e o aperto. Ele lambe meu rosto, em seguida aninha a cabeça na curva de meu braço.

— Ele está cansado.

— Estou cansado também — diz Graham, bocejando.

Coloco o filhote em sua cama e o cubro com o cobertor. Nenhum de nós sabe nada sobre cachorros, então temos lido tudo sobre como treiná-los a usar a cama, o que comem, como devem ser disciplinados, o número de horas de sono ideal.

A coisa mais difícil de acertar até agora tem sido o sono. Ser os donos de um filhote traz certas dificuldades, mas a maior delas é a exaustão. Mas eu não trocaria isso por nada. Toda vez que aquele filhotinho me olha, derreto.

Graham e eu vamos para o quarto. Deixamos a porta aberta para ouvir o filhote, caso comece a chorar. Quando rastejamos para a cama, rolo em direção a Graham e pouso a cabeça em seu peito.

— Nem posso imaginar como é ter um recém-nascido em casa, se um filhote já dá todo esse trabalho — confesso.

— Você está se esquecendo de todas as nossas noites insones com Cúrcuma, Páprica, Canela, Açafrão, Alecrim e Salsa.

Eu dou uma risada.

— Amo você.

— Também amo você.

Eu me aninho ainda mais em Graham, e ele me abraça com vontade. Me esforço para cair no sono, mas minha mente continua escolhendo nomes de filhote até que estou certa de ter esgotado todas as possibilidades.

— Quinn. — A voz de Graham em meu ouvido é quente e baixa. — Quinn, acorde. — Abro os olhos e me afasto de seu peito. Ele aponta para algo atrás de mim e diz: — Veja. — Dou meia-volta e olho para o relógio, no momento que marca meia-noite. Graham se inclina e sussurra em meu ouvido: — Oito de agosto. Dez anos depois, e ainda estamos casados e felizes. Eu avisei.

Suspiro.

— Por que não estou surpresa que você tenha lembrado?

Não sei como não previ esse momento. O número oito carrega tanto significado para nós que a data jamais deveria ter me passado despercebida, mas tenho estado tão preocupada com o filhote esses últimos dias que não me dei conta de que hoje é dia oito de agosto.

— Agosto — sussurro. — É assim que vamos batizar o filhote.

Agradecimentos

A cada livro que escrevo, algumas pessoas leem os rascunhos iniciais que acabo jogando fora. Pessoas para as quais destruo as reviravoltas na trama. Mudo os diálogos. Transformo a leitura de minhas palavras em uma tarefa complexa. Em especial, as muitas versões de Todas as suas (im)perfeições. Um enorme obrigada a Kay Miles, Vilma Gonzalez, Marion Archer, Karen Lawson, Lauren Levine, Vannoy Fite, Kim Jones, Jo Popper, Brooke Howard e Joy Nichols por sempre serem honestos. E me apoiarem.

A Tarryn Fisher. Amo você e toda a sua família estúpida.

Obrigada a minha agente, Jane Dystel, e sua equipe incrível!

Obrigada à incrível equipe da Atria Books. A minha editora, Judith Curr, pelo apoio dos últimos cinco anos. A Ariele Stewart, minha NPTBF. Podemos apagar a primeira letra do acrônimo agora. A Melanie Iglesias Pérez, obrigada por tudo o que faz! E isso significa muita coisa! E a minha editora, Johanna Castillo. Quando tento colocar em palavras o quanto gosto de você, as palavras parecem idiotas. Amo você.

Obrigada a CoHorts. Um grupo de amantes de livros que alimenta meu ego e me lembra diariamente de quem quero ser.

Obrigada a FP. O 21 original. Credito todas as coisas boas em minha carreira àquele primeiro ano. O amor, apoio e empolgação que dividimos é uma coisa linda. Jamais esquecerei. Sempre vou valorizar cada um de vocês.

A meus meninos. Meus belos, maravilhosos homens. Graças ao pai de vocês, minha vida ainda pareceria completa se eu não tivesse tido nenhum de vocês. Mas nunca vou subestimar o fato de que os tive. Vocês alegram minha vida todos os dias. Espero que nunca parem de pedir que os coloque para dormir. Sinto muito orgulho de vocês.

E a meu marido, Heath Hoover. As poucas vezes em que o vi à beira das lágrimas foi por orgulho de nossa família. Nada me faria amá-lo e respeitá-lo mais. Quase tudo de bom em minha vida é por sua causa.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.


Se não fosse você
Galera
Colleen Hoover

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Slammed
Métrica
Pausa
Essa garota

Série Hopeless
Um caso perdido
Sem esperança
Em busca de Cinderela
Em busca da perfeição

Série Nunca jamais
Nunca jamais
Nunca jamais: parte dois
Nunca jamais: parte três

Série Talvez
Talvez um dia
Talvez agora

O lado feio do amor
Novembro, 9
Confesse
É assim que acaba
Tarde demais
As mil partes do meu coração
Todas as suas (im)perfeições
Verity
Se não fosse você
Layla
Até o verão terminar

Colleen Hoover

Se não fosse você

Tradução
Carolina Simmer

1ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO
2022

EDITORA-EXECUTIVA
Rafaella Machado

COODERNADORA EDITORIAL
Stella Carneiro

EQUIPE EDITORIAL
Juliana de Oliveira
Isabel Rodrigues
Lígia Almeida Manoela Alves

CAPA
Gabriella Gouveia

TÍTULO ORIGINAL
Regretting you

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hoover, Colleen, 1979-
H759s
Se não fosse você [recurso eletrônico] / Colleen Hoover ; tradução Carolina Simmer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2020.
recurso digital

Tradução de : Regretting you
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5587-151-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina. II. Título.

20-66600

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Copyright © 2019 by Collen Hoover

Todos os direitos reservados
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-65-5587-151-7

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Este livro vai para a brilhante e fascinante Scarlet Reynolds.
Mal consigo esperar para o impacto que você vai causar no mundo.

Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
Agradecimentos

1

Morgan

Às vezes fico me perguntando se os humanos são os únicos seres capazes de sentir um vazio existencial.

Não entendo como meu corpo pode estar cheio de tudo que nos preenche — ossos e músculos e sangue e órgãos —, e, ainda assim, meu peito parecer oco, como se pudesse ecoar caso alguém gritasse na minha boca.

Faz algumas semanas que me sinto assim. Minha esperança era que passasse logo, porque estou começando a me preocupar com o motivo por trás deste vazio. Tenho um namorado maravilhoso com quem estou há quase dois anos. Se eu não contar os momentos de intensa imaturidade adolescente de Chris (que são, no geral, incentivados pelo álcool), ele é tudo que quero em um namorado. Engraçado, bonito, ama a mãe, tem objetivos. Eu nem mesmo entendo como ele poderia ser a causa desse sentimento.

E então há Jenny. Minha irmã caçula e melhor amiga. Mas sei que meu vazio não é por causa dela. Jenny é minha principal fonte de alegria, apesar de sermos o completo oposto uma da outra. Ela é extrovertida, espontânea, fala alto, tem uma risada que eu daria tudo para ter. Sou mais quieta, e, com frequência, meus risos são forçados.

Sempre brincamos que somos tão diferentes que, se não fôssemos irmãs, nos odiaríamos. Jenny me acharia chata, e eu a acharia irritante, mas, *porque* somos irmãs e nossa diferença de idade é de apenas doze meses, nossas divergências acabam nos unindo. Temos nossos momentos de tensão, mas nunca terminamos

uma briga sem resolver o problema. E, conforme crescemos, passamos a brigar menos e a ficar mais tempo juntas. Principalmente agora que ela está saindo com o melhor amigo de Chris, Jonah. Desde que os garotos se formaram na escola, no mês passado, nós quatro não nos desgrudamos.

Minha mãe poderia ser a fonte do meu humor atual, mas não faria sentido. Sua ausência já é corriqueira. Na verdade, já me acostumei com isso, então, meio que aceitei que eu e Jenny demos azar no quesito pais. Ela não participa da nossa vida desde que papai morreu, há cinco anos. Na época, eu ficava mais amargurada por ter que cuidar da minha irmã. Conforme fui amadurecendo, passei a me incomodar menos com o fato de não ter uma mãe presente, impondo um horário para voltarmos para casa, ou... se importando com as coisas. Sinceramente, é meio divertido ter dezessete anos e a liberdade que a maioria das pessoas da minha idade sonha.

Não houve nenhuma mudança recente na minha vida para explicar esse vazio profundo que sinto. *Ou talvez algo tenha mudado, e só estou com medo demais para notar.*

— Adivinhem só? — diz Jenny. Ela está no banco do carona. Jonah dirige, e ocupo o banco de trás com Chris. Durante minha sessão de introspecção, fiquei olhando meu reflexo na janela, então interrompo meus pensamentos e a encaro. Minha irmã virou no banco, seu olhar animado indo de encontro ao meu, depois para meu namorado. Ela está bem bonita hoje. Pegou emprestado um dos meus vestidos longos e preferiu manter um estilo simples, sem muita maquiagem. É impressionante a diferença entre a Jenny de quinze anos e a de dezesseis. — Hank disse que consegue arrumar pra gente hoje.

Chris ergue o braço e bate na mão de Jenny. Volto a olhar pela janela, sem saber se aprovo o fato de ela gostar de se drogar. Eu caí na pilha algumas vezes — resultado de ter uma mãe como a nossa. Mas Jenny só tem dezesseis anos e toma tudo que encontra em todas as festas a que vamos. Esse é um dos principais motivos para eu preferir *não* participar, porque sempre me senti responsável por minha irmã, já que sou mais velha e nossa mãe não presta atenção em nada do que fazemos.

Às vezes, também me sinto como a babá de Chris. O único neste carro de quem não preciso cuidar é Jonah, mas não por ele não beber nem se drogar. Ele apenas parece manter certo nível de maturidade independentemente de qualquer coisa que coloque no corpo. Sua personalidade é uma das mais consistentes que

já conheci. Jonah é calmo quando está bêbado, chapado, feliz, e, de algum jeito, é calmo até quando fica irritado.

Ele e Chris são melhores amigos desde pequenos e parecem as versões masculinas de mim e Jenny, só que ao contrário. Chris e Jenny são o centro das atenções em todas as festas. Eu e Jonah somos os companheiros invisíveis.

Por mim, tudo bem. Prefiro não chamar atenção, tipo ficar camuflada no papel de parede e observar as pessoas com tranquilidade, do que ser a garota em cima de uma mesa no meio da sala, encarada por todo mundo.

— Essa festa fica muito longe? — pergunta Jonah.

— Mais uns dez quilômetros — responde Chris. — É perto.

— Perto daqui, talvez, mas longe da casa da gente. Quem vai dirigir na volta? — rebate Jonah.

— Eu, não! — dizem Jenny e Chris ao mesmo tempo.

Jonah me encara pelo espelho retrovisor. Ele me fita por um momento, e então assinto. Ele concorda. Sem dar uma palavra, nós dois decidimos permanecer sóbrios hoje.

Não sei como fazemos isso — nos falamos sem verbalizar nada —, mas sempre foi algo automático entre nós. Talvez por sermos muito parecidos, nossa mente está em sincronia na maior parte do tempo. Jenny e Chris não percebem. Eles não precisam se comunicar em silêncio com ninguém, porque tudo que querem dizer sai da boca deles mesmo quando não deveria.

Chris segura minha mão para me chamar. Quando o encaro, ele me beija.

— Você está bonita — sussurra ele.

Eu sorrio.

— Obrigada. Você também não está de todo ruim.

— Quer ficar na minha casa hoje?

Penso na ideia por um instante, mas Jenny se vira de novo e responde por mim:

— Ela não pode me deixar sozinha. Sou uma menor de idade prestes a passar as próximas quatro horas enchendo a cara e talvez usando substâncias ilegais. Quem vai segurar meu cabelo enquanto eu vomitar amanhã se ela ficar na sua casa?

Chris dá de ombros.

— Jonah?

Jenny ri.

— Jonah tem pais normais que querem que ele chegue em casa à meia-noite. Você sabe disso.

— Jonah acabou de se formar — insiste Chris, falando sobre o amigo como se ele não estivesse no banco da frente, escutando cada palavra. — Ele devia tomar vergonha na cara e passar uma noite inteira fora, só para variar.

Jonah estaciona em um posto de gasolina enquanto Chris fala isso.

— Querem alguma coisa? — pergunta ele, ignorando o assunto.

— Quero, vou tentar comprar cerveja — diz Chris, tirando o cinto de segurança.

Isso me faz rir.

— Só em olhar para você, já dá para ver que é menor de idade. Ninguém vai te vender cerveja.

Ele sorri para mim, encarando o comentário como um desafio. Então sai do carro e entra na loja, enquanto Jonah vai abastecer o carro. Eu estico a mão até o painel do carro e pego uma das balas de melancia que Jonah sempre deixa de lado. Melancia é o melhor sabor. Não entendo como alguém seria capaz de não gostar, mas, pelo visto, é o caso dele.

Jenny tira o cinto de segurança e engatinha para o banco de trás. Ela senta em cima das pernas e me encara.

— Acho que vou transar com Jonah hoje — diz minha irmã, com olhos travessos.

Pela primeira vez em uma eternidade, meu peito parece cheio, mas não de um jeito bom. É como se eu tivesse sido inundada com algum líquido espesso. Talvez lama.

— Você acabou de fazer dezesseis anos.

— A mesma idade que você tinha quando transou com Chris pela primeira vez.

— É, só que fazia mais de dois meses que a gente estava saindo. E ainda me arrependo. Doeu à beça, acabou em um minuto, e ele fedia a tequila. — Faço uma pausa, porque parece que acabei de insultar as habilidades do meu namorado. — Ele se aprimorou.

Jenny ri, mas então se recosta no banco com um suspiro.

— Já acho muito eu ter conseguido esperar dois meses.

Quero rir, porque dois meses não são nada. Eu preferia que ela esperasse um ano inteiro. Ou cinco.

Não sei por que sou tão do contra. Jenny tem razão — eu era mais nova do que ela na minha primeira vez. E, se minha irmã vai perder a virgindade com alguém, pelo menos que seja com um cara que sei que é legal. Jonah jamais se aproveitaria dela. Na verdade, faz um ano que ele a conhece, mas só a chamou para sair quando ela completou dezesseis anos. Jenny ficava frustrada com isso, mas foi uma atitude que ganhou meu respeito.

Eu suspiro.

— A gente só perde a virgindade uma vez, Jenny. Não quero que você passe por esse momento bêbada, na casa dos outros, na cama de um desconhecido.

Minha irmã mexe a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse refletindo sobre o que falei.

— Então talvez a gente possa transar no carro dele.

Eu rio, mas não porque acho graça. Rio porque ela está zombando de mim. Foi exatamente assim que perdi minha virgindade com Chris. Apertada no banco de trás do Audi do pai dele. Foi uma experiência completamente desinteressante e muito vergonhosa, e, apesar de termos nos aperfeiçoado, seria legal se nossa primeira vez tivesse sido um momento digno de uma lembrança bonita.

Nem quero pensar nisso. Nem falar disso. É nesses momentos que penso o quanto é difícil ter minha irmã como melhor amiga — quero ficar empolgada por Jenny e ouvir todos os detalhes, mas, ao mesmo tempo, desejo protegê-la dos erros que cometi. Quero algo melhor para ela.

Eu a encaro com um olhar sincero, me esforçando ao máximo para não parecer maternal.

— Se acontecer hoje, pelo menos fique sóbria.

Jenny desdenha do meu conselho e engatinha de volta para o banco da frente, no mesmo instante em que Jonah entra.

Chris também retorna. *Sem* cerveja. Ele bate a porta e cruza os braços.

— É um saco ter cara de criança.

Eu rio e passo a mão em sua bochecha, fazendo com que se concentre em mim.

— Gosto da sua cara de criança.

O comentário o faz sorrir. Ele se inclina e me beija, mas se afasta assim que nossos lábios se encostam. Então dá um tapinha no banco de Jonah.

— Você devia tentar.

Chris tira dinheiro do bolso e estica o braço para a frente do carro, jogando as notas sobre o painel.

— Já não vai ter bebida demais lá? — pergunta Jonah.

— É a maior festa de formatura do ano. Nossa turma inteira vai estar lá, e todo mundo é menor de idade. Precisamos de toda ajuda possível.

Com relutância, Jonah pega o dinheiro e sai do carro. Chris me beija de novo, agora de língua. Mas se afasta bem rápido.

— O que é isso na sua boca?

Mordo a bala para quebrá-la.

— Bala.

— Quero experimentar — diz ele, trazendo a boca de volta à minha.

Jenny suspira no banco da frente.

— Parem. Vocês estão fazendo barulho.

Chris se afasta com um sorriso, mas também com um pedaço de bala na boca. Ele a mastiga enquanto coloca o cinto de segurança.

— Faz seis semanas que nós nos formamos. Que tipo de gente dá uma festa de formatura seis semanas depois? Não que eu esteja reclamando. Só parece que as comemorações já deviam ter acabado a essa altura.

— Não são seis semanas. São quatro — digo.

— Seis — insiste ele. — Hoje é onze de julho.

Seis?

Tento esconder de Chris a súbita onda de tensão que inunda todos os músculos do meu corpo, mas é impossível não reagir ao que ele acabou de dizer. Tudo em mim fica rígido.

Não faz seis semanas. *Faz?*

Se faz seis semanas... minha menstruação está duas semanas atrasada.

Merda. Merda, merda, merda.

A mala do carro de Jonah abre. Eu e Chris nos viramos exatamente quando Jonah a fecha e retorna para a porta do motorista. Quando ele entra no carro, exibe um sorriso presunçoso.

— Filho da puta — resmunga Chris, balançando a cabeça. — Ela nem pediu sua identidade?

Jonah liga o carro e saímos do posto.

— O segredo está no ar de confiança, meu amigo.

Observo Jonah esticar o braço até o outro assento e segurar a mão de Jenny.

Olho pela janela com o estômago embrulhado, a palma das mãos suando, o coração disparado, os dedos silenciosamente contando os dias desde minha última menstruação. Eu nem tinha pensado nisso. Sei que foi durante a formatura, porque Chris ficou chateado por não podermos transar. Mas eu esperava menstruar por esses dias, pensei que só havia um mês desde que os garotos se formaram. Nós quatro estávamos tão ocupados em fazer nada durante as férias de verão que nem pensei no assunto.

Doze dias. Estou doze dias atrasada.



Passei a festa inteira sem conseguir pensar em mais nada. O que mais quero é pegar o carro de Jonah emprestado, ir até uma farmácia vinte e quatro horas e comprar um teste de gravidez, só que ele faria perguntas. Jenny e Chris notariam minha ausência. Em vez disso, preciso passar a noite sendo inundada por uma música tão alta que sinto meus ossos vibrarem. A casa está lotada de corpos suados em todos os cantos, então não há para onde fugir. Estou com medo demais para pensar em beber, porque, se eu estiver grávida, não faço ideia do que é ou não permitido. Nunca me liguei muito em gravidez, então não sei exatamente o quanto um feto pode ser impactado pelo álcool. Nem quero arriscar.

Não acredito nisso.

— Morgan! — grita Chris do outro lado da sala. Ele está em cima da mesa. Há outro cara na mesa ao lado. Os dois estão brincando de se equilibrar em uma perna e tomar shots até alguém cair. É o jogo de bebidas favorito de Chris, eu detesto ficar ao seu lado nessa hora, mas ele acena para mim. Antes de eu conseguir atravessar a sala, o cara na outra mesa cai e Chris ergue um punho vitorioso no ar. Então pula para o chão assim que o alcanço. Ele passa um braço ao meu redor, puxando-me para perto. — Você está chata — diz ele. E leva seu copo até minha boca. — Beba. Vamos nos divertir.

Afasto o copo.

— Vou dirigir. Não quero beber.

— Não, Jonah vai dirigir. Você está livre.

De novo, Chris tenta me dar a bebida, mas eu a afasto outra vez.

— Jonah queria beber, então me ofereci para dirigir — minto.

Chris olha ao redor, procurando alguém. Sigo seu olhar e vejo Jonah sentado no sofá com Jenny, cujas pernas estão jogadas no seu colo.

— Você vai dirigir hoje, não é?

Jonah olha para mim antes de responder. É uma conversa silenciosa de dois segundos, mas ele percebe por minha expressão suplicante que preciso que minta para Chris.

Ele inclina um pouco a cabeça, curioso, mas então fita o amigo.

— Não. Vou encher a cara.

Chris deixa os ombros murcharem e me encara.

— Sei. Acho que vou ter que me divertir sozinho.

Tento não me chatear com suas palavras, mas é difícil.

— Está dizendo que não sou divertida quando estou sóbria?

— Você é divertida, mas a Morgan bêbada é a minha favorita.

Puxa. Fico um pouco triste com o comentário. Mas ele está bêbado, então vou perdoar sua colocação, mesmo que seja só para evitar uma briga. Não estou no clima. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

Bato de leve no peito de Chris.

— Bem, a Morgan bêbada não vai aparecer hoje, então é melhor você se divertir com outras pessoas.

Assim que termino de falar, alguém agarra o braço de Chris e o puxa de volta para as mesas.

— Revanche! — grita o cara.

Com isso, minha sobriedade deixa de ser uma preocupação para ele, e aproveito a oportunidade para escapar de Chris, do barulho, das pessoas. Saio pela porta dos fundos e encontro uma versão mais tranquila da festa e ar fresco. Há uma cadeira vazia ao lado da piscina, e, apesar de ter um casal na água que parece estar fazendo coisas que deviam ser consideradas pouco higiênicas em uma piscina, por algum motivo me parece menos incômodo ficar ali do que dentro daquela casa. Posiciono minha cadeira de costas para a dupla, me recosto e fecho os olhos. Passo os minutos seguintes tentando não ficar obcecada com qualquer sintoma que posso ou não ter sentido no último mês.

Nem tenho tempo para refletir sobre como tudo isso pode afetar meu futuro quando escuto uma cadeira sendo arrastada pelo concreto atrás de mim. Não quero abrir meus olhos e ver quem é. Não vou conseguir lidar com Chris e sua bebedeira agora. Não vou conseguir lidar com Jenny e sua mistura de vinho barato, maconha e dezesseis anos.

— Está tudo bem?

Suspiro aliviada quando escuto a voz de Jonah. Inclino a cabeça e abro os olhos, sorrindo.

— Sim. Está.

Vejo em sua cara que ele não acredita em mim, mas tanto faz. Não há possibilidade de eu contar a Jonah que minha menstruação está atrasada, porque (a) não é da conta dele, (b) nem sei se estou grávida e (c) Chris será a primeira pessoa para quem vou contar caso eu esteja.

— Obrigada por mentir para Chris — digo. — Não estou com vontade de beber hoje.

Jonah assente, compreensivo, e me oferece um copo de plástico. Noto que ele trouxe dois, então aceito um.

— É refrigerante — diz ele. — Encontrei uma garrafa perdida em um cooler.

Tomo um gole e jogo a cabeça para trás. O gosto de refrigerante é melhor do que o de álcool.

— Cadê Jenny?

Jonah aponta com a cabeça para a casa.

— Tomando shots em cima da mesa. Não quis ficar assistindo.

Solto um gemido.

— Odeio tanto essa brincadeira.

Ele ri.

— Como é que a gente acabou ficando com pessoas que são nosso completo oposto?

— Sabe como é. Opostos se atraem.

Jonah dá de ombros. Acho estranho ele dispensar meu comentário assim. Ele me encara por um instante, então afasta o olhar e diz:

— Escutei o que Chris disse para você. Não sei se é por isso que veio para cá, mas espero que saiba que não era sério. Ele está bêbado. Você sabe como ele fica nessas festas.

Acho legal o fato de Jonah defender o amigo agora. Apesar de o meu namorado ser insensível de vez em quando, eu e ele sabemos que o coração de Chris é maior do que o de nós dois juntos.

— Eu até me irritaria se esse tipo de coisa acontecesse o tempo todo, mas é uma festa de formatura. Faz sentido. Ele está se divertindo e quer que eu me divirta também. E, de certa forma, é verdade. A Morgan bêbada é bem melhor do que a Morgan sóbria.

Jonah me encara, sério.

— Discordo completamente.

Assim que ele diz isso, afasto meu olhar e encaro meu copo. Faço isso porque tenho medo do que está acontecendo agora. Meu peito começa a parecer cheio de novo, mas de um jeito bom. Tudo que antes era ausência é substituído por calor, palpitações e emoção, e odeio isso, porque parece que acabei de descobrir o motivo para eu me sentir estranha nas últimas semanas.

Jonah.

Às vezes, quando estamos sozinhos, Jonah me olha de um jeito que, assim que ele afasta o olhar, eu me sinto completamente vazia. É uma sensação que nunca experimentei quando estou com Chris.

E que me deixa apavorada.

Até pouco tempo atrás, eu nunca tinha experimentado um sentimento assim, mas, agora que aconteceu, parte de mim parece desaparecer quando a sensação vai embora.

Cubro o rosto com as mãos. É uma merda perceber que Jonah Sullivan é primeiro da lista de todas as pessoas do mundo de quem quero ficar perto.

É como se meu peito estivesse em uma busca constante pelo pedaço que falta, e Jonah o segurasse na palma de sua mão.

Eu me levanto. Preciso me afastar dele. Sou apaixonada por Chris, então é desconfortável e incômodo ficar perto do seu melhor amigo e pensar essas coisas. Talvez o refrigerante seja responsável por eu estar me sentindo assim.

Ou o medo de estar grávida.

Talvez não tenha nada a ver com Jonah.

Faz uns cinco segundos que estou em pé quando, do nada, Chris aparece. Seus braços se apertam ao meu redor por um instante antes de ele nos jogar na piscina. Fico irritada e aliviada ao mesmo tempo, porque eu precisava me afastar de Jonah, mas, agora, estou afundando em uma piscina na qual não tinha nenhuma intenção de entrar completamente vestida.

Volto à superfície junto com Chris, mas, antes mesmo que eu tenha chance de reclamar, ele me puxa e me beija. Eu retribuo, porque é uma distração necessária.

— Cadê Jenny?

Eu e Chris olhamos para cima, e Jonah se agiganta sobre nós, olhando sério para meu namorado.

— Sei lá — responde Chris.

Jonah revira os olhos.

— Pedi que você ficasse de olho nela. Ela está bêbada.

Ele segue na direção da casa, à procura da minha irmã.

— Eu também — rebate Chris. — Nunca peça que um bêbado cuide de outro bêbado! — Chris se aproxima um pouco até me alcançar e, então, me puxa. Ele apoia as costas na borda da piscina e me posiciona segurando seu pescoço, encarando-o. — Desculpe pelo que falei antes. Não acho que nenhuma versão sua seja chata.

Faço beicinho, aliviada por ele ter reconhecido que foi um babaca.

— Eu só queria que a gente se divertisse. E você não parece estar se divertindo.

— Agora, estou.

Forço um sorriso porque não quero que ele note o turbilhão dentro de mim. Mas é impossível deixar de me preocupar, não importa quanto eu tente deixar a questão de lado até ter certeza do que está acontecendo. Estou preocupada por mim, por ele, por nós, pela criança que podemos trazer para o mundo antes de estarmos prontos. Não podemos bancar algo assim. Não estamos preparados. Nem sei se Chris é a pessoa com quem quero passar o restante da minha vida. E isso, com certeza, é algo sobre o qual alguém devia ter certeza antes de gerar um ser humano.

— Quer saber qual é minha coisa favorita sobre você? — pergunta Chris. Minha camisa não para de flutuar na água, então ele a prende na frente da minha calça jeans. — Você é uma sacrificadora. Nem sei se essa palavra existe mesmo, mas é verdade. Você faz coisas que não quer para melhorar a vida das pessoas ao seu redor. Como dirigir. E isso não é comportamento de gente chata. Isso é heroico.

Eu rio. Chris fica lisonjeiro quando bebe. Às vezes, zombo dele por causa disso, mas, por dentro, adoro.

— Agora, você devia falar alguma coisa que ama em mim — continua ele.

Olho para cima e para a esquerda, como se precisasse pensar muito. Ele aperta minha cintura, brincalhão.

— Adoro como você é divertido — digo. — Você me faz rir, mesmo quando me deixa frustrada.

Chris sorri, e uma covinha aparece em seu queixo. Ele tem um sorriso tão bonito. Se eu estiver grávida, pelo menos espero que a criança tenha o mesmo sorriso de Chris. É a única coisa positiva que consigo pensar nessa situação.

Ergo a mão e toco na covinha, pronta para dizer que adoro seu sorriso, mas acabo falando:

— Acho que você vai ser um ótimo pai algum dia.

Não sei por que falei isso. Talvez esteja sondando o terreno. Vendo como será sua reação. Chris ri.

— Vou mesmo. Clara vai ser obcecada por mim.

Inclino a cabeça.

— Clara?

— Minha futura filha. Já escolhi o nome. Mas ainda estou pensando no de menino.

Reviro os olhos.

— E se a sua futura esposa odiar esse nome?

Ele sobe as mãos por meu pescoço e segura minhas bochechas.

— Você não vai odiar.

Então me beija. E, apesar de o beijo não preencher meu peito como os olhares de Jonah fazem, sou tranquilizada e reconfortada por este momento. Por suas palavras. Por seu amor.

Não importa o resultado do teste de gravidez que farei amanhã... tenho certeza de que ele vai me apoiar. Chris é esse tipo de pessoa.

— Galera, vamos embora — chama Jonah.

Eu e Chris nos afastamos e olhamos para cima. Jonah está segurando Jenny. Os braços da minha irmã estão em torno do pescoço do namorado, o rosto pressionado contra o peito dele. Ela geme.

— Eu falei para ela não subir na mesa — resmunga Chris, saindo da piscina.

Ele me ajuda a sair. Torcemos o máximo de água possível das nossas roupas antes de seguir para o carro. Por sorte, o estofado é de couro. Sento no banco do motorista, já que Chris acredita que Jonah estava bebendo. Jonah vai atrás com Jenny. Enquanto o carro se afasta da festa, Chris escolhe as músicas no rádio.

"Bohemian Rhapsody" começa a tocar, então ele aumenta o volume e resolve cantar. Alguns segundos depois, Jonah canta junto.

Surpreendentemente, eu me junto aos dois, baixinho. Nenhum ser humano é capaz de escutar essa música enquanto dirige e *não* cantar junto. Mesmo morrendo de medo de uma gravidez aos dezessete anos e sentindo coisas por certa pessoa sentada no banco traseiro que eu devia sentir por alguém acomodado no banco do passageiro.

2

Clara

Dezessete anos depois

Olho para o banco do passageiro e me encolho de nojo. Como sempre, há migalhas de algo não identificado emplastadas nas frestas do couro. Pego minha mochila e a jogo no banco de trás, junto com uma velha embalagem de fast-food e duas garrafas de água vazias. Tento limpar as migalhas. Acho que podem ser restos do bolo de banana que Lexie comeu na semana passada. Ou do bagel que eu comia enquanto íamos para a escola hoje cedo.

O tapete está coberto de trabalhos antigos amassados. Eu me estico para pegá-los e acabo guinando o carro para a vala antes de ajeitar o volante e decidir deixar os papéis onde estão. Não vale a pena morrer só para ter um carro limpo.

Quando alcanço a placa de Pare, faço uma pausa e contemplo meu dilema pelo tempo que ele merece. Posso seguir para casa, onde minha família se prepara para um dos nossos tradicionais jantares de aniversário. Ou posso pegar o retorno e voltar ao topo da colina, onde acabei de passar por Miller Adams parado no acostamento.

Ele me evitou o ano inteiro, mas não posso deixar alguém que conheço mais ou menos ilhado neste calor, não importa que exista um clima esquisito entre nós. Faz quase quarenta graus lá fora. Meu ar-condicionado está ligado, mas gotas de suor escorrem por minhas costas, ensopando meu sutiã.

Lexie usa o mesmo sutiã por uma semana inteira antes de lavá-lo. Ela diz que joga desodorante nele todas as manhãs. Para mim, usar um sutiã duas vezes sem lavar é quase tão ruim quanto usar a mesma calcinha por dois dias seguidos.

Que pena que a filosofia de limpeza que aplico aos meus sutiãs não é válida para meu carro.

Dou uma fungada e sinto cheiro de mofo. Cogito borrifar um pouco do desodorante que guardo no porta-luvas, mas decido que, se eu voltar para dar carona a Miller, meu carro vai estar cheirando a desodorante fresco, e não sei o que seria pior: um carro com cheiro natural de mofo ou um carro que cheira a desodorante de propósito, para *cobrir* o cheiro do mofo.

Não que eu queira impressionar Miller Adams. É difícil me preocupar com a opinião de um cara que parece fazer questão de me evitar. *Mas, por algum motivo, me importo.*

Nunca contei isso para Lexie, porque fico com vergonha, mas, no começo do ano, eu e Miller nos tornamos vizinhos de armário. Duas horas depois, Charlie Banks ocupou esse posto. Perguntei se tinham mudado o armário dele, e Charlie me contou que Miller lhe deu vinte pratas para trocarem.

Talvez não tenha nada a ver comigo, mas pareceu pessoal. Não sei bem o que fiz para Miller não gostar de mim, e tento não me importar com o motivo por trás disso. Mas não gosto do fato de ele não ir com a minha cara, então nem a pau que vou perder a oportunidade de desfazer essa impressão, porque *eu sou legal, droga!* Não sou essa pessoa horrível que ele pensa que sou.

Pego o retorno. Preciso que a opinião de Miller sobre mim mude, mesmo que seja apenas por puro egoísmo.

Quando chego ao topo da colina, eu o encontro parado ao lado de uma placa, segurando o celular. Não sei onde está seu carro, e Miller com certeza não parou no meio da estrada durante uma corrida. Ele está de calça jeans azul desbotada e camisa preta, por si só itens mortais neste calor, mas... juntos? É estranho encontrar alguém que busque morrer de insolação, mas cada um sabe de si.

Miller me observa enquanto faço a volta e estaciono logo atrás do seu carro. Ele está a cerca de um metro e meio de distância da frente do veículo, então vejo o sorrisinho em seu rosto enquanto guarda o celular no bolso e me encara.

Não sei se Miller compreende o efeito que sua atenção (ou falta de) pode causar em alguém. Ele olha para as pessoas de um jeito que faz com que se sintam a coisa mais interessante já vista no mundo. De algum jeito, seu corpo inteiro participa do olhar. Ele se inclina para a frente, as sobrancelhas unidas de

curiosidade, concorda com a cabeça, escuta, ri, franze a testa. Suas expressões ao ouvir os outros são cativantes. Às vezes, fico observando de longe enquanto ele conversa com as pessoas — sentindo uma inveja secreta por receberem sua atenção. Sempre me perguntei como seria ter uma conversa de verdade com ele. Eu e Miller nunca nem nos falamos, mas já notei seus olhares no passado, e apenas uma gota minúscula de sua atenção me deixa arrepiada.

Estou começando a achar que eu não devia ter pegado o retorno, mas é tarde demais e estou aqui, então abro a janela e engulo o nervosismo.

— O próximo ônibus vai demorar pelo menos trinta dias para passar por aqui. Quer uma carona?

Miller me encara por um instante, depois olha para trás, para a estrada vazia, como se esperasse que uma opção melhor aparecesse. Ele seca o suor da testa, então fita a placa que segura.

O nervosismo que embrulha meu estômago é um sinal inegável de que me importo muito com a opinião de Miller Adams, por mais que eu tente me convencer do contrário.

Odeio esse clima esquisito entre nós, apesar de eu não ter ideia do motivo por trás desse estranhamento. Mas a forma como ele foge de mim dá a impressão de que tivemos problemas no passado, quando, na verdade, nunca interagimos. É quase como terminar com um cara e depois não saber como manter uma amizade com ele.

Por mais que eu quisesse não desejar saber nada sobre ele, é difícil não almejar sua atenção, porque Miller é especial. E bonitinho. Ainda mais agora, com seu boné dos Rangers virado para trás e mechas de cabelo escuro aparecendo por baixo. Ele precisa muito de um corte. Geralmente, seu cabelo é mais curto, mas notei que, depois das férias de verão, está bem mais comprido. Gosto dele assim. Também gosto dele curto.

Merda. Eu estou prestando atenção no *cabelo* de Miller? Sinto como se meu subconsciente tivesse me traído.

Ele está chupando um pirulito, o que é comum. Seu vício em pirulitos é engraçado, mas também passa a impressão de arrogância. Acho que caras inseguros não andariam por aí chupando bala com tanta frequência, mas Miller sempre aparece na escola com um pirulito na boca e geralmente está com outro no final do almoço.

Ele tira o pirulito e lambe os lábios, e me sinto exatamente como a adolescente suada de dezesseis anos que sou.

— Você pode vir aqui por um segundo? — pergunta ele.

Estou disposta a lhe dar uma carona, mas sair nesse calor não faz parte dos meus planos.

— Não. Está quente.

Ele acena para que eu me aproxime.

— Vai ser rápido. Depressa, antes que me descubram.

Eu não quero mesmo sair do carro. Estou me arrependendo de ter voltado, apesar de finalmente ter conseguido a conversa com ele que sempre quis.

Mas é uma escolha difícil. Conversar com Miller é levemente melhor do que o vento gelado do ar-condicionado do meu carro, então reviro os olhos, dramática, antes de sair do veículo. Preciso que ele entenda o grande sacrifício que estou fazendo.

O betume fresco do pavimento gruda na sola dos meus chinelos. Faz vários meses que esta estrada está em obras, e tenho quase certeza de que meus calçados vão para o lixo por causa disso.

Ergo um dos meus pés e olho para a sola cheia de piche, gemendo.

— Vou te mandar a conta pelos meus sapatos.

Miller lança um olhar questionador para meus chinelos.

— Isso aí não é um sapato.

Olho para a placa que ele agarra. É a que indica os limites da cidade, mantida de pé por uma plataforma de madeira improvisada, apoiada por dois sacos de areia enormes. Por causa da obra, nenhuma das placas está presa ao chão.

Miller seca o suor da testa e então se inclina para baixo, pega um dos sacos de areia e o oferece para mim.

— Carregue isto e venha comigo.

Resmungo quando ele larga o saco de areia nos meus braços.

— Ir aonde com você?

Ele indica a direção de onde acabei de vir com a cabeça.

— A uns seis metros de distância.

Miller devolve o pirulito para a boca, pega o outro saco de areia e o joga tranquilamente por cima do ombro, então sai arrastando a placa. A plataforma arranha o pavimento, e pedacinhos de madeira quebram.

— Você está roubando a placa dos limites da cidade?

— Não. Só vou mudar o lugar dela.

Ele continua andando enquanto fico parada, observando-o arrastar a placa. Os músculos em seus antebraços estão repuxados, e me pergunto como é a

aparência do restante do seu corpo fazendo tanto esforço. *Pare com isso, Clara!* O saco de areia faz meus braços doerem, e minha libido está acabando com meu orgulho, então, com relutância, começo a segui-lo pelos seis metros.

— Eu só queria te oferecer uma carona — digo para a nuca dele. — Nunca imaginei que ia acabar sendo cúmplice de seja lá o que está acontecendo.

Miller endireita a placa, joga seu saco de areia na base de madeira, depois tira o outro saco dos meus braços. Ele o coloca no lugar e ajeita a placa na direção certa. Então tira o pirulito da boca e sorri.

— Perfeito. Valeu. — Ele seca as mãos na calça jeans. — Posso pegar uma carona até minha casa? Juro que ficou uns dez graus mais quente no caminho para cá. Eu devia ter vindo com a picape.

Aponto para a placa.

— Por que mudamos essa placa de lugar?

Ele vira o boné de frente e baixa a aba para bloquear o sol.

— Moro a um quilômetro e meio daqui, para o lado de lá — diz Miller, apontando por cima do ombro com um dedão. — Minha pizzaria favorita não entrega fora dos limites da cidade, então toda semana mudo a placa um pouquinho de lugar. Meu plano é que ela fique do outro lado da nossa garagem antes de terminarem as obras e a cimentarem no chão.

— Você está mudando os limites da cidade? Para comer pizza?

Miller começa a andar na direção do meu carro.

— É só um quilômetro e meio.

— Não é ilegal adulterar placas de estrada?

— Talvez seja. Não sei.

Começo a segui-lo.

— Por que você está mudando a placa um pouco por vez? Não é melhor levar tudo de uma vez para outro lado da sua garagem?

Ele abre a porta do passageiro.

— Se eu for mudando aos poucos, é mais provável que não percebam.

Bom argumento.

Quando entramos no carro, tiro os chinelos cheios de piche e aumento a graduação do ar-condicionado. Miller coloca o cinto e pisa nos meus trabalhos. Ele se inclina para baixo e pega os papéis, então começa a folheá-los e analisar minhas notas.

— Só dez — diz ele, colocando a pilha no banco de trás. — É algo que acontece naturalmente, ou você estuda muito?

— Nossa, que enxerido. E é um pouco das duas coisas. — Começo a sair do acostamento quando Miller abre o porta-luvas e olha lá dentro. Ele parece um cachorrinho curioso. — O que você está fazendo?

Ele pega meu desodorante.

— Para o caso de uma emergência? — Ele sorri e abre a tampa, inalando. — O cheiro é bom.

Miller o devolve ao porta-luvas, depois pega uma embalagem de chicletes e tira um, me oferecendo outro. *Ele está me oferecendo meu próprio chiclete.*

Faço que não com a cabeça, observando enquanto ele inspeciona meu carro com uma curiosidade mal-educada. O chiclete não é comido, porque o pirulito continua na sua boca, mas guardado em um dos seus bolsos antes de ele começar a mudar as músicas no rádio.

— Você é sempre tão intrometido?

— Sou filho único. — A resposta é oferecida como se isso justificasse alguma coisa. — O que você está escutando?

— Minha playlist está em ordem aleatória, mas quem está cantando é Greta Van Fleet.

Miller aumenta o volume no finalzinho da música, então vem um breve silêncio.

— Ela é boa?

— Não é *ela*. É uma banda de rock.

O riff de guitarra de abertura da música seguinte estoura nas caixas de som, e um sorriso enorme se espalha pelo rosto dele.

— Eu estava esperando alguma coisa mais tranquila! — grita Miller.

Olho de volta para a estrada, me perguntando se Miller Adams é assim o tempo todo. Aleatório, enxerido, talvez até hiperativo. Nossa escola não é enorme, mas ele está no último ano, então não temos aulas juntos. Mas o conheço bem o suficiente para reconhecer que anda me evitando. Só que nunca estive neste tipo de situação com ele. Cara a cara. Não sei bem o que eu esperava, mas não era isto.

Miller estica a mão para pegar algo no painel na direção do seu banco, mas antes de eu perceber o que está acontecendo, ele já abriu. Tiro a pasta das suas mãos e a jogo no banco de trás.

— O que é aquilo? — pergunta ele.

É uma pasta com minhas inscrições para faculdade, mas não quero falar sobre esse assunto. É sempre motivo de briga entre mim e meus pais.

— Nada.

— Parecia uma inscrição de faculdade para estudar teatro. Você já está se inscrevendo em faculdades?

— Sério, você é a pessoa mais fofoqueira que já conheci. E não. Só estou reunindo tudo porque quero estar preparada. — *E as escondo no meu carro porque meus pais teriam um ataque se soubessem que quero mesmo ser atriz.* — Você já se inscreveu em alguma?

— Sim. Vou estudar cinema.

A boca de Miller se curva em um sorriso.

Agora ele está zombando de mim.

Miller começa a batucar no meu painel junto com a música. Estou tentando manter os olhos na estrada, mas ele me distrai. Em parte porque é um cara fascinante, mas também porque acho que precisa de uma babá.

De repente, ele dá um pulo, se empertigando, e isso me deixa nervosa, porque não faço ideia do motivo para seu susto. Miller tira o celular do bolso traseiro para atender a uma ligação que não escutei tocar com o barulho da música. Ele desliga meu rádio e tira o pirulito da boca. Não resta quase mais nada. Só uma bolinha vermelha minúscula.

— Oi, gata — diz ele para o telefone.

Gata? Eu me esforço para não revirar os olhos.

Deve ser Shelby Phillips, sua namorada. Faz mais ou menos um ano que os dois estão juntos. Ela estudava na nossa escola, mas se formou no ano passado e foi para uma faculdade a quarenta e cinco minutos daqui. Não desgosto dela, mas nunca interagimos. Shelby é dois anos mais velha que eu, e, apesar de dois anos não serem nada em anos de adultos, é muito em anos de ensino médio. A ideia de que Miller namora uma garota que cursa faculdade faz com que eu afunde um pouco no meu banco. Não sei por que me sinto inferior; é como se estar na faculdade automaticamente tornasse uma pessoa mais intelectual e interessante do que seria possível para alguém no segundo ano do ensino médio.

Encaro a estrada, apesar de querer descobrir todas as expressões que surgem no rosto de Miller durante a ligação. Não sei por quê.

— Estou indo para casa. — Ele faz uma pausa para a resposta dela e diz: — Achei que isso fosse amanhã à noite. — Outra pausa. Então: — Você passou direto.

Levo um segundo para perceber que Miller está falando comigo. Eu o encaro, e ele tampa o telefone com a mão. — Aquela ali era a entrada.

Piso forte no freio. Ele segura o painel com a mão esquerda e murmura, rindo:

— Merda.

Eu estava tão compenetrada, espionando a conversa dele, que esqueci o que fazia.

— Não — diz Miller para o telefone. — Fui dar uma volta, fiquei com muito calor, então peguei uma carona.

Escuto Shelby perguntar do outro lado da linha:

— Quem te deu carona?

Ele me olha por um instante e diz:

— Um cara. Não conheço. Posso te ligar daqui a pouco?

Um cara? Alguém é desconfiada.

Miller desliga o telefone no instante em que entro no seu terreno. É a primeira vez que vejo sua casa. Eu sabia onde ela ficava, mas nunca a vi por causa das fileiras de árvores que cercam a entrada, escondendo o que está por trás do cascalho branco.

Não é o que eu esperava.

É uma construção mais velha, pequena, de madeira, muito necessitada de uma pintura. A varanda da frente abriga o tradicional balanço e duas cadeiras, as únicas coisas acolhedoras no lugar.

Há uma velha picape azul na entrada da garagem e outro carro — não tão velho, mas, por algum motivo, em piores condições do que a casa — à direita, sobre blocos de concreto, com ervas daninhas crescendo nas laterais, engolindo a carcaça.

Estou um pouco chocada. Não sei por quê. Acho que imaginei que ele morava em alguma casa grandiosa, com um lago nos fundos e uma garagem com vaga para quatro carros. As pessoas na nossa escola às vezes são cruéis e parecem julgar a popularidade de alguém por um misto de aparência e dinheiro, mas, talvez, a personalidade de Miller compense sua falta de riqueza, porque ele parece popular. Nunca vi ninguém falar mal dele.

— Não era o que você estava esperando?

Suas palavras me tiram dos meus pensamentos. Estaciono o carro quando chego no final da entrada e me esforço ao máximo para fingir que não estou nem um pouco abalada com sua casa. Mudo completamente de assunto, estreitando os olhos para ele.

— Um *cara*? — pergunto, voltando à palavra que Miller usou para se referir a mim no telefonema.

— Não vou dizer para minha namorada que peguei carona com você — responde ele. — Vou acabar sendo interrogado por três horas.

— Parece um relacionamento muito divertido e saudável.

— E é, quando não estou sendo interrogado.

— Se você detesta tanto ser interrogado, talvez fosse melhor não adulterar os limites da cidade.

Ele já está fora do carro quando digo isso, mas se inclina para dentro para me olhar antes de fechar a porta.

— Se você prometer não contar que estou ajeitando o limite da cidade, não conto que foi minha cúmplice.

— Se você comprar chinelos novos para mim, vou esquecer que o dia de hoje aconteceu.

Miller sorri como se tivesse achado graça, e diz:

— Minha carteira está lá dentro. Venha.

Eu só estava brincando, e, com base nas condições daquela casa, não vou aceitar seu dinheiro. Mas parece que, de algum jeito, criamos uma conexão sarcástica, então, se eu parecer solidária e recusar sua oferta, posso ofendê-lo. É divertido ofender Miller de brincadeira, mas não quero fazer isso *de verdade*. Além do mais, não posso rebater, porque ele já está seguindo para a casa.

Deixo meus chinelos no carro, sem querer sujar a casa de piche, e o sigo descalça pelos degraus que rangem, notando a madeira podre no segundo. Pulo por cima.

Ele repara.

Quando entramos na sala, Miller deixa os sapatos sujos ao lado da porta. Fico aliviada ao ver que o interior da casa é bem melhor do que o exterior. O lugar é limpo e organizado, mas a decoração se mantém brutalmente presa à década de 1960. Os móveis são antigos. Um sofá de feltro laranja, com o encosto coberto por uma tradicional manta artesanal, ocupa uma parede. Duas poltronas verdes, com aparência muito desconfortável, ocupam a outra. Elas têm o estilo da metade do século, mas sem a aparência futurista. É o oposto, na verdade. Tenho a impressão de que esses móveis não saem do lugar desde que foram comprados, bem antes de Miller nascer.

A única coisa que parece bem nova é uma poltrona reclinável virada para a televisão, mas seu ocupante aparenta ser mais velho que os móveis. Só consigo

ver parte do seu perfil e o topo da sua careca enrugada, mas o pouco cabelo que resta é de um branco brilhante. Ele ronca.

Está quente aqui dentro. Quase mais quente do que do lado de fora. O ar que inalo suavemente é abafado e cheira a gordura de bacon. A janela da sala está aberta, ladeada por dois ventiladores oscilantes apontados para o homem. O avô de Miller, provavelmente. Ele é velho demais para ser seu pai.

Miller atravessa a sala e segue para um corredor. Começo a me sentir culpada por segui-lo para pegar seu dinheiro. Era só uma piada. Agora, parece uma demonstração muito patética do meu caráter.

Quando chegamos ao seu quarto, ele abre a porta, mas fico no corredor. Sinto uma brisa atravessar o cômodo e me alcançar. Ela afasta meu cabelo do ombro, e, apesar de o sopro ser quente, sinto alívio.

Meus olhos analisam o cômodo. Mais uma vez, o espaço não equivale às condições do exterior da casa. Há uma cama de casal apoiada na parede oposta. *Ele dorme ali. Bem ali, naquela cama, se revirando nos lençóis brancos durante a noite*. Eu me obrigo a afastar o olhar e observar o pôster enorme dos Beatles que ocupa o espaço onde normalmente haveria uma cabeceira. Fico me perguntando se Miller gosta de músicas antigas ou se o pôster está ali desde a década de 1960, igual aos móveis da sala. A casa é tão velha que eu não duvidaria que aquele fosse o quarto do avô dele quando era adolescente.

Mas o que realmente chama minha atenção é a câmera sobre a cômoda. Não é uma câmera barata. E há várias lentes de tamanhos diferentes ao seu lado. É um conjunto de dar inveja a qualquer fotógrafo amador.

— Você gosta de fotografia?

Miller segue meu olhar até a câmera.

— Gosto. — Ele abre a primeira gaveta da cômoda. — Mas minha paixão é o cinema. Quero ser diretor. — Ele olha para mim. — Eu daria tudo para estudar na Universidade do Texas, mas duvido que consiga uma bolsa. Então o jeito é ir para a faculdade comunitária.

Pensei que Miller estivesse zombando de mim no carro, mas, agora que vejo seu quarto, percebo que era sério. Há uma pilha de livros ao lado da cama. Um deles foi escrito por Sidney Lumet e se chama *Fazendo filmes*. Vou até lá e o pego, folheio as páginas.

— Você é muito enxerida — imita Miller.

Reviro os olhos e devolvo o livro ao lugar.

— A faculdade comunitária tem um departamento de cinema?

Ele balança a cabeça.

— Não. Mas me ajudaria a chegar a algum lugar que tenha. — Miller se aproxima, segurando uma nota de dez dólares entre os dedos. — Os sapatos do Walmart custam cinco pratas. Você pode fazer a festa.

Eu hesito, sem ter mais vontade alguma de aceitar seu dinheiro. Ele nota minha hesitação. Então suspira, frustrado; no instante seguinte, revira os olhos e enfia a nota no bolso da frente da minha calça jeans.

— A casa é uma merda, mas não sou pobre. Aceite o dinheiro.

Engulo em seco.

Miller enfiou os dedos no meu bolso. Ainda consigo senti-los, apesar de não estarem mais lá.

Pigarreio e forço um sorriso.

— Foi um prazer fazer negócios com você.

Ele inclina a cabeça.

— Foi? Porque você parece estar se sentindo terrivelmente culpada por aceitar meu dinheiro.

Normalmente, sou uma boa atriz. Estou decepcionada comigo mesma.

Sigo para a porta, apesar de querer analisar melhor o quarto dele.

— Nada disso. Você estragou meus sapatos. Estava me devendo.

Saio do quarto e começo a atravessar o corredor, sem esperar ser seguida, mas Miller vem atrás de mim. Quando chego à sala, faço uma pausa. O velho saiu da poltrona. Ele está na cozinha, parado do lado da geladeira, abrindo uma garrafa de água. E me encara com curiosidade enquanto toma um gole.

Miller passa na minha frente.

— Tomou seus remédios, vovô?

Ele o chama de vovô. É meio fofo.

O vovô fita Miller e revira os olhos.

— Nunca me esqueci de tomar uma porcaria de remédio desde que a sua avó me largou nesta cidade. Não estou gagá.

— *Por enquanto* — brinca Miller. — E a vovó não te largou aqui. Ela teve um ataque cardíaco e morreu.

— De toda forma, ela me largou.

Miller olha para mim por cima do ombro e pisca. Não sei bem qual o motivo para a piscada. Talvez para amenizar o fato de que seu avô parece o Sr. Epaminondas, de *A casa monstro*, e seu neto querer me garantir de que ele é

inofensivo. Estou começando a achar que Miller teve de onde puxar seu sarcasmo.

— Que abusado — resmunga o vovô. — Aposto vinte pratas que vivo mais do que você *e* toda a sua geração de indicados ao prêmio Darwin.

Miller ri.

— Cuidado, vovô. Seu lado maldoso está dando as caras.

O vovô me encara por um instante, depois volta a olhar para o neto.

— Cuidado, Miller. Sua infidelidade está dando as caras.

Ele ri dessa alfinetada, mas meio que fico com vergonha.

— Cuidado, vovô. Suas veias dilatadas estão dando as caras.

O vovô joga a tampa da garrafa de água e acerta Miller na bochecha.

— Vou tirar você do meu testamento.

— Fique à vontade. Você sempre me diz que sua única posse de valor é o ar.

O vovô dá de ombros.

— Ar que você não vai mais herdar.

Finalmente, eu rio. Antes do arremesso da tampa, estava na dúvida se aquela briga era amigável.

Miller pega a tampa e fecha a mão em torno dela. Então gesticula para mim.

— Essa é Clara Grant. Minha amiga da escola.

Amiga? *Sei*. Aceno rápido para seu avô.

— Prazer.

Ele inclina um pouco a cabeça para baixo, me encarando com seriedade.

— Clara Grant?

Concordo com a cabeça.

— Quando Miller tinha seis anos, ele cagou na calça no meio do supermercado porque morria de medo da descarga automática dos banheiros públicos.

Miller geme e abre a porta da frente, olhando para mim.

— Eu devia ter imaginado que não seria uma boa ideia trazer você aqui dentro.

Ele gesticula para que eu saia, mas continuo onde estou.

— Acho que não quero ir embora agora — digo, rindo. — Quero ouvir mais histórias do vovô.

— Tenho um monte — responde o vovô. — Na verdade, acho que você vai adorar esta. Tenho um vídeo de quando ele tinha quinze anos e estávamos na escola...

— *Vovô!* — repreende Miller, rapidamente o interrompendo. — Vá tirar uma soneca. Faz cinco minutos desde sua última.

Miller agarra meu punho e me puxa para fora da casa, fechando a porta.

— Espere. O que aconteceu quando você tinha quinze anos?

Espero que ele termine a história, porque preciso saber.

Miller balança a cabeça e parece um pouco envergonhado.

— Nada. Ele inventa um monte de merda.

Sorrio.

— Não, acho que é *você* quem está inventando merda. Preciso dessa história.

Miller segura meus ombros e me impulsiona na direção da escada da varanda.

— Você jamais vai descobrir. Nunca.

— Você não sabe como sou persistente. E gostei do seu avô. Talvez eu venha fazer umas visitas a ele — brinco. — Quando os limites da cidade mudarem, posso pedir uma pizza de pepperoni e abacaxi e escutar todas as histórias vergonhosas sobre você.

— *Abacaxi?* Na *pizza?* — Miller balança a cabeça, fingindo estar decepcionado. — Você não é mais bem-vinda aqui.

Desço a escada, pulando o degrau podre. Quando estou segura na grama, me viro.

— Você não tem direito de limitar minhas amizades. E abacaxi na pizza é delicioso. É uma mistura perfeita de doce e salgado. — Pego meu celular. — Seu avô tem Instagram?

Miller revira os olhos, mas está sorrindo.

— A gente se vê na escola, Clara. Nunca mais volte na minha casa.

Estou rindo enquanto sigo para o carro. Quando abro a porta e me viro, Miller está encarando o telefone. Nem olha para mim. No instante em que ele desaparece dentro da casa, uma notificação do Instagram faz meu telefone apitar.

Miller Adams começou a seguir você.

Sorrio.

Talvez aquilo tudo fosse coisa da minha cabeça.

Antes mesmo de eu sair do terreno da casa, ligo para minha tia Jenny.

3

Morgan

Jenny tira a faca da minha mão e me afasta da tábua de cortar.

— Morgan, pare. É seu aniversário. Você não devia fazer nada.

Apoio meu quadril na bancada e a observo começar a picar o tomate. Preciso me controlar, porque ela está cortando fatias muito grossas. A irmã mais velha dentro de mim ainda quer assumir o controle e corrigi-la, mesmo quando temos trinta e poucos anos.

Mas, sério. Daria para cortar três fatias em uma das dela.

— Pare de me julgar — diz Jenny.

— Não estou julgando.

— Está, sim. Você sabe que eu não cozinho.

— E era por isso que eu queria cortar o tomate.

Jenny ergue a faca como se fosse me cortar. Ergo minhas mãos na defensiva e sento sobre a bancada, ao seu lado.

— Então — diz Jenny, me olhando de soslaio. Pelo seu tom de voz, sei que está prestes a me contar algo de que não vou gostar. — Eu e Jonah resolvemos casar.

Surpreendentemente, não tenho nenhuma reação externa ao comentário. Mas, por dentro, as palavras parecem garras, arranhando meu estômago.

— Ele pediu você em casamento?

Jenny baixa a voz para um sussurro, porque Jonah está na sala.

— Na verdade, não. Foi mais uma conversa. Faz sentido esse ser nosso próximo passo.

— Nunca ouvi nada menos romântico.

Jenny estreita os olhos para mim.

— E o seu pedido de casamento foi diferente?

— *Touché*.

Odeio quando ela tem bons argumentos. Mas é verdade. Não foi um pedido de casamento bonito — não foi nem um pedido *simples*. No dia depois de eu contar a Chris que estava grávida, ele disse: *"Bem, acho que a gente devia casar."*

Eu respondi: *"É, acho que sim."*

E só.

Faz dezessete anos que temos um casamento feliz, então não sei por que estou julgando Jenny pela situação em que ela se meteu. Só que parece diferente. Jonah e Chris são pessoas completamente opostas, e nós dois pelos menos estávamos namorando quando engravidei. Nem sei o que está acontecendo com Jonah e Jenny. Os dois não se falavam desde o verão em que descobri que estava grávida, e, agora, ele reaparece de repente na nossa vida e talvez faça parte da nossa família?

O pai de Jonah faleceu no ano passado, e, apesar de fazer anos que nenhum de nós via ou falava com ele, Jenny resolveu ir ao funeral. Os dois acabaram passando a noite juntos, mas ele pegou um voo para casa, em Minnesota, no dia seguinte. Um mês depois, minha irmã descobriu que estava grávida.

Vou dar o braço a torcer para Jonah: ele não fugiu da responsabilidade. Resolveu suas pendências em Minnesota e voltou para cá um mês antes de Jenny dar à luz. Por outro lado, só faz três meses que isso aconteceu, então acho que minha hesitação tem mais a ver com o fato de que não sei exatamente quem é Jonah nesse estágio da vida. Os dois namoraram por dois meses quando Jenny estava na escola, e, agora, ele saiu do outro lado do país para criarem um filho.

— Quantas vezes vocês dois transaram?

Jenny me encara em choque, como se minha pergunta fosse invasiva demais.

Reviro os olhos.

— Ah, pare de se fazer de santa. Estou falando sério. Vocês passaram uma noite juntos e depois só se encontraram quando você estava grávida de nove meses. Seu médico já te liberou?

Jenny concorda com a cabeça.

— Na semana passada.

— E? — pergunto, esperando que ela me responda.

— Três vezes.

— Incluindo a primeira noite?

Ela faz que não com a cabeça.

— Quatro, acho. Ou... bem... *cinco*. Aquela noite conta como duas vezes.

Uau. Eles são praticamente desconhecidos.

— Cinco vezes? E agora você vai *casar* com ele?

Jenny termina de cortar os tomates. Ela os coloca no prato e começa a picar uma cebola.

— Não é como se a gente tivesse acabado de se conhecer. Você adorava Jonah na época da escola, quando a gente namorava. Não sei por que está implicando com ele agora.

Eu me afasto.

— Hum... vamos ver. Ele te deu um pé na bunda, se mudou para Minnesota no dia seguinte, desapareceu por dezessete anos, e, agora, de repente, quer que fiquem juntos pelo resto da vida? Me surpreende você achar que a minha reação é estranha.

— Nós temos um filho, Morgan. Não é por esse mesmo motivo que você está casada com Chris há dezessete anos?

E lá vai ela, usando outro bom argumento.

Seu telefone toca, então ela seca as mãos e o tira do bolso.

— Falando da sua filha. — Jenny atende o celular. — Oi, Clara.

A ligação está no viva-voz, então é doloroso ouvir Clara dizer:

— Você não está com a minha mãe, está?

Os olhos de Jenny se arregalam na minha direção. Ela começa a seguir de costas para a porta da cozinha.

— Não.

Jenny tira o telefone do viva-voz e desaparece na sala.

Não me incomoda o fato da minha filha preferir pedir conselhos à minha irmã em vez de falar comigo. O problema é que Jenny não faz ideia de como aconselhar Clara. Ela passou seus vinte anos na farra, terminando a faculdade de enfermagem aos trancos e barrancos, me procurando quando precisava de um lugar para ficar.

Geralmente, quando Clara liga para contar algo importante e Jenny não sabe o que responder, ela inventa alguma desculpa para desligar e então me liga para

contar tudo. Eu lhe digo o que falar para Clara; então ela retorna a ligação e recita os conselhos como se tivesse pensado neles.

Gosto desse sistema, apesar de achar que o certo seria minha filha simplesmente conversar comigo. Mas entendo. Sou sua mãe. Jenny é a tia legal. Clara não quer que eu saiba sobre certas coisas, e aceito. Ela morreria de vergonha se descobrisse que sei de alguns de seus segredos. Como quando ela pediu a Jenny para marcar uma consulta na ginecologista para começar a tomar anticoncepcional alguns meses atrás, *só para garantir*.

Pulo da bancada e continuo a picar a cebola. A porta da cozinha abre, e Jonah entra. Ele aponta com a cabeça para a tábua de cortar.

— Jenny me disse que eu tenho que assumir o comando, porque você não pode cozinhar.

Reviro os olhos e solto a faca, saindo do caminho.

Encaro a mão esquerda dele, me perguntando como ficaria uma aliança em seu dedo anelar. Eu não consigo imaginar Jonah Sullivan comprometido com alguém. Ainda não acredito que ele voltou para nossa vida, e agora está aqui, na minha cozinha, picando cebolas em uma tábua de cortar que eu e Chris ganhamos de presente no casamento em que ele nem compareceu.

— Você está bem?

Olho para cima para encará-lo. Sua cabeça está inclinada, seus olhos azul-escuros cheios de curiosidade enquanto ele espera pela minha resposta. Tudo dentro de mim parece pulsar — meu sangue, minha saliva, meu ressentimento.

— Estou. — Abro um sorriso rápido. — Estou bem.

Preciso me concentrar em outra coisa — em *qualquer* coisa. Vou até a geladeira e a abro, fingindo procurar algo. Consegui evitar conversas a sós com ele desde sua volta. Não quero mudar isso agora. Especialmente no meu aniversário.

A porta da cozinha abre, e Chris entra com uma assadeira cheia de hambúrgueres recém-saídos da churrasqueira. Fecho a geladeira e encaro a porta da cozinha, que continua balançando às suas costas.

Odeio aquela porta mais do que qualquer outra parte da casa.

Sou grata pela casa, não me entenda mal. Ela foi presente de casamento dos pais de Chris quando eles se mudaram para a Flórida. Mas é a mesma casa em que Chris foi criado, e seu pai, e seu avô. O lugar é tombado, tem até uma plaquinha na frente. Ela foi construída em 1918 e me lembra todos os dias de que tem mais de um século: os pisos são barulhentos, o encanamento precisa de

consertos constantes. Mesmo depois de termos feito uma reforma, seis anos atrás, sua velhice continua dando as caras em todas as oportunidades que encontra.

Chris queria manter a planta original depois da reforma. Então, apesar de muitas coisas serem novas, o fato de todos os cômodos permanecerem fechados e isolados uns dos outros não ajuda. Eu queria um conceito aberto. Às vezes, sinto como se não conseguisse respirar aqui dentro, com tantas paredes.

Agora, por exemplo, não consigo espionar a conversa de Jenny e Clara como eu gostaria.

Chris coloca a assadeira com os hambúrgueres no fogão.

— Preciso tirar os outros do fogo, e então termino. Clara já está chegando?

— Não sei — respondo. — Pergunte a Jenny.

Ele ergue as sobrancelhas, notando meu ciúme. Então sai da cozinha, e a porta fica balançando. Jonah a fecha com um pé e volta a cortar os legumes.

Apesar de nós quatro termos sido melhores amigos, agora vejo Jonah como um desconhecido. Fisicamente, ele continua o mesmo, com sutis diferenças. Quando éramos adolescentes, seu cabelo era mais comprido. Tão comprido que o prendia em um rabo de cavalo de vez em quando. Agora está mais curto, de um castanho mais escuro. Ele perdeu algumas das mechas cor de mel que apareciam no fim de todo verão, porém a cor fechada dá um destaque ainda maior ao azul dos seus olhos. Seus olhos sempre foram bondosos, até quando ele estava com raiva. Só dava para perceber sua irritação quando sua mandíbula angulosa ficava tensa.

Chris é o oposto. Ele tem cabelo louro, olhos esmeralda e uma mandíbula aparente mesmo quando está com a barba por fazer. Seu emprego exige uma aparência impecável, então sua pele lisa o faz parecer anos mais jovem do que realmente é. E ele tem uma covinha fofa que aparece no queixo quando sorri. Adoro quando ele sorri, mesmo depois de tantos anos de casamento.

Comparando os dois, é difícil acreditar que Jonah e Chris têm a mesma idade, trinta e cinco anos. Meu marido continua com a cara de bebê e poderia passar por um cara de vinte e poucos anos. Jonah, por outro lado, nitidamente tem trinta e cinco, e parece ter crescido vários centímetros, mesmo depois da escola.

Isso me faz pensar nas minhas mudanças desde a adolescência. Gosto de acreditar que ainda pareço tão jovem quanto Chris, mas com certeza me sinto mais velha do que trinta e três.

Bem. Trinta e *quatro*, agora.

Jonah esbarra em mim para pegar um prato no armário. Ele me olha e não desvia o olhar. Por sua expressão, sei que quer me dizer algo, mas provavelmente vai ficar quieto, porque vive se remoendo. Ele pensa mais do que fala.

— O quê?

Eu o encaro de volta — esperando por uma resposta.

Jonah balança a cabeça e se vira.

— Nada. Deixa para lá.

— Você não pode me olhar desse jeito e não me contar o que ia dizer.

Ele suspira, ainda de costas para mim enquanto pega a alface e a espeta com a faca.

— É seu aniversário. Não quero falar disso hoje.

— Tarde demais.

Ele me encara de novo com um olhar hesitante, mas cede e me conta o problema:

— Você mal falou comigo desde que voltei.

Uau. Direto ao assunto. Sinto meu peito e meu pescoço esquentando de vergonha por ser colocada contra a parede. Pigarreio.

— Estou falando com você agora.

Jonah aperta os lábios, como se tentasse ser paciente comigo.

— É diferente. As coisas parecem diferentes.

Suas palavras se espalham pela cozinha, e quero desviar delas, mas é tudo apertado demais aqui.

— Diferente do quê?

Ele seca as mãos em um pano de prato.

— De como eram. Antes de eu ir embora. A gente vivia conversando.

Quase zombo desse comentário ridículo. É lógico que as coisas estão diferentes. Somos adultos agora, com filhos, responsabilidades. Não podemos simplesmente voltar à amizade despreocupada que tínhamos naquela época.

— Mais de dezessete anos se passaram. Você achou que iria voltar para cá e nada mudaria entre nós quatro?

Jonah dá de ombros.

— As coisas não mudaram entre mim e Chris. E entre mim e Jenny. Mas mudaram entre nós dois.

Alterno entre querer fugir da cozinha e gritar tudo que está entalado na minha garganta desde que ele foi embora de um jeito tão egoísta.

Tomo um gole do meu vinho para ganhar tempo antes de responder. Ele me encara com olhos cheios de decepção enquanto penso no que vou falar. Ou talvez esteja me encarando com desdém. Seja lá o que estiver sentindo, é o mesmo olhar com que me fitou segundos antes de ir embora, anos atrás.

E, da mesma forma como naquela época, não sei se ele está decepcionado consigo mesmo ou comigo.

Jonah suspira. Consigo sentir o peso de todos os seus pensamentos guardados.

— Desculpe por eu ter ido embora do jeito que fui. Mas você não pode ficar irritada comigo para sempre, Morgan.

Suas palavras saem baixinho, como se ele não quisesse que ninguém mais escutasse nossa conversa. Então, sai da cozinha e encerra o papo.

É só agora que me dou conta de como eu costumava me sentir preenchida quando Jonah estava por perto. Às vezes, naquela época, era sufocante quando dividíamos o mesmo ar, como se ele estivesse sendo egoísta e inalando mais do que o necessário, sem deixar quase nada para mim.

Essa mesma sensação opressiva está de volta, me cercando em minha cozinha.

Apesar de Jonah ter ido embora e a porta estar balançando, ainda sinto um peso no peito.

Assim que paro o movimento da porta com um pé, Jenny a abre de novo. A conversa que me recusei a ter com Jonah entra em segundo plano para ser remoída mais tarde, porque, agora, preciso saber tudo que Clara contou para minha irmã.

— Foi bobagem — começa Jenny, despreocupada. — Ela deu carona para um garoto da escola, e ele começou a seguir seu perfil no Instagram. Clara não sabia se ele estava dando em cima dela.

— Que garoto?

Jenny dá de ombros.

— Morris? Miller? Não lembro. O sobrenome é Adams.

Chris entra na cozinha e coloca outra assadeira sobre o fogão.

— Miller Adams? Por que estamos falando sobre Miller Adams?

— Você conhece ele?

Chris me lança um olhar que diz que eu deveria saber *exatamente* quem é Miller Adams, mas o nome não me parece familiar.

— É o filho de Hank.

— Hank? Ainda existe gente chamada *Hank* no mundo?

Chris revira os olhos.

— Morgan, fala sério. Hank Adams? A gente estudou com ele.

— Eu me lembro vagamente desse nome.

Chris balança a cabeça.

— É o cara que me vendia maconha. Acabou largando a escola no segundo ano. Foi preso por roubar o carro da professora de ciências. E mais um monte de merda. Tenho quase certeza de que faz uns anos que ele está na prisão. — Chris foca em Jenny. — Acho que ele foi pego dirigindo bêbado várias vezes ou algo assim. Por que estamos falando sobre seu filho? Clara não está saindo com ele, está?

Jenny pega a jarra de chá gelado na geladeira e fecha a porta com o quadril.

— Não. Estamos falando sobre um ator famoso chamado Miller Adams. Você está falando de um cara local. Pessoas diferentes.

Chris solta o ar.

— Graças a Deus. Essa é a última família com a qual ela devia se envolver.

Chris tem dificuldade em conversar sobre qualquer assunto que envolva sua filha e um garoto. Ele pega o chá das mãos de Jenny e sai da cozinha para colocá-lo na mesa de jantar.

Eu rio quando tenho certeza de que Chris não vai mais escutar.

— Um ator famoso?

Jenny dá de ombros.

— Não quero arrumar problemas para ela.

Minha irmã sempre pensou rápido. Ela tem tanto talento para improvisar que chega a dar medo.

Olho para a porta para ter certeza de que está fechada, depois encaro Jenny de novo.

— Jonah acha que odeio ele.

Jenny dá de ombros.

— É o que parece, às vezes.

— Eu nunca odiei Jonah. Você sabe disso. É só que... vocês mal se conhecem.

— Nós temos um filho juntos.

— Fazer um filho leva trinta segundos.

Jenny ri.

— Levou umas três horas, se você quer mesmo saber.

Reviro os olhos.

— Eu *não* quero saber.

Chris grita alguma coisa da sala para avisar que a comida está pronta. Jenny sai da cozinha com os hambúrgueres. Coloco o restante dos legumes no prato e levo para a mesa.

Meu marido senta de frente para Jenny e eu, ao lado dele. O que significa que Jonah fica de frente para mim. Nós conseguimos evitar contato visual enquanto fazemos nosso prato. Espero que o restante do jantar prossiga assim. É tudo que eu realmente quero no meu aniversário — pouco ou nenhum contato visual com Jonah Sullivan.

— Está animada para amanhã? — pergunta Chris a Jenny.

Ela concorda com a cabeça, empolgada.

— Você nem imagina o quanto.

Minha irmã é enfermeira no mesmo hospital em que Chris é chefe do controle de qualidade. Ela está em licença-maternidade desde que Elijah nasceu, seis semanas atrás, e amanhã é seu primeiro dia de volta.

A porta da frente é escancarada, e a melhor amiga de Clara, Lexie, entra.

— Vocês começaram sem mim?

— Você está sempre atrasada. Sempre começamos sem você. Cadê Clara?

— Vindo, eu acho — responde Lexie. — Eu ia pegar carona com ela, mas minha mãe me emprestou o carro. — Lexie olha ao redor da mesa, analisando todo mundo. Então acena com a cabeça para Jonah. — Oi, tio-professor.

— Oi, Lexie — responde ele, parecendo irritado com o apelido que a garota lhe deu.

Quando voltou, Jonah arrumou emprego na escola de Clara como professor de história. Ainda não consigo acreditar que ele seja professor. Nem me lembro de nenhum comentário dele sobre *querer* dar aula. Mas acho que não havia muitas opções em nossa cidadezinha no leste do Texas quando ele resolveu se mudar para cá e ajudar Jenny com Elijah. Jonah veio do mundo dos negócios, mas tudo que é necessário para se tornar professor por estas bandas é ter um diploma de bacharelado e se inscrever para a vaga. A escola não costuma ter muitos candidatos ao cargo graças ao salário de merda que oferece.

— Tem certeza de que você não vai se incomodar de cuidar de Elijah nesta semana? — pergunta Jenny para mim.

— Óbvio que não. Estou animada.

Estou mesmo. Ele vai começar a creche na próxima semana, então concordei em bancar a babá nos quatro dias em que Jenny vai trabalhar antes disso.

Às vezes, fico surpresa por eu e Chris não termos tido outro filho depois de Clara. Nós cogitamos a hipótese, mas nunca parecíamos ter a mesma opinião ao mesmo tempo. Houve um período em que eu queria mais um, só que ele estava trabalhando tanto que não se sentia pronto. Então, quando Clara tinha uns treze anos, Chris tocou no assunto, mas a ideia de ter um bebê e uma adolescente ao mesmo tempo me deixava um pouco apavorada. Não conversamos mais sobre isso desde então, e, agora que tenho trinta e quatro, não sei se quero recomeçar.

Elijah é a solução perfeita. Um bebê de meio expediente para eu brincar e depois mandar de volta para casa.

— Que pena que ainda estou na escola — diz Lexie. — Eu daria uma ótima babá.

Jenny revira os olhos.

— Não foi você que largou um cachorro aleatório no meu quintal porque achou que fosse meu?

— Ele parecia seu cachorro.

— Eu nem *tenho* um cachorro — rebate Jenny.

Lexie dá de ombros.

— Bem, achei que tivesse. Desculpe por ser proativa. — Ela finalmente senta após fazer seu prato. — Não posso demorar. Tenho um encontro, do Tinder.

— Ainda não acredito que você usa o Tinder — resmunga Jenny. — Você tem dezesseis anos. As pessoas não precisam ter pelo menos dezoito para criar um perfil?

Lexie sorri.

— No Tinder, eu *tenho* dezoito anos. E, por falar em surpresas, ainda estou chocada que você esteja em um relacionamento que dura mais do que uma noite. É tão incomum. — Ela olha para Jonah. — Sem querer ofender.

— Não me ofendi — responde ele com a boca cheia.

Jenny e Lexie sempre se alfinetam desse jeito. Eu acho divertido, principalmente porque as duas são tão parecidas. Quando estava na casa dos vinte, minha irmã teve uma infinidade de namorados e, se o Tinder existisse naquela época, ela seria sua rainha.

Eu, nem tanto. Chris é o único cara com quem saí. O único cara que beijei. Isso acontece quando você conhece seu futuro marido tão jovem. Caramba, a gente se conheceu antes mesmo de eu saber o que queria estudar na faculdade.

Acho que isso não fez diferença, porque não durei muito tempo lá. Ter Clara tão nova fez com que quaisquer planos que eu tivesse ficassem em segundo lugar.

Ando pensando muito nessas coisas ultimamente. Agora que minha filha está mais velha, sinto um vazio enorme dentro de mim, que parece sugar o ar de todos os dias que passam, quando tudo que faço é viver por Chris e Clara.

Clara finalmente chega em casa, em meio ao meu pensamento autodepreciativo. Então para a um metro e meio da mesa, ignorando todo mundo enquanto passa um dedo pela tela do telefone.

— Onde você estava? — pergunta Chris.

Clara chegou apenas meia hora mais tarde que o normal, mas ele reparou.

— Desculpe — responde ela, colocando o telefone sobre a mesa, ao lado do de Lexie, e se esticando por cima do ombro de Jonah para pegar um prato. — Tive teatro depois da escola, e aí um dos meus colegas precisou de carona. — Ela sorri para mim. — Feliz aniversário, mãe.

— Obrigada.

— Quem precisou de carona? — pergunta Chris.

Eu e Jenny nos olhamos na mesma hora em que Clara diz:

— Miller Adams.

Merda.

Chris larga o garfo sobre o prato.

Lexie diz:

— Como é que *é*? Eu não recebi uma ligação para ficar sabendo disso?

Chris olha para Jenny e depois para mim como se estivesse prestes a nos dar uma bronca por mentir. Aperto sua perna embaixo da mesa. Um sinal de que não quero que ele mencione que estávamos falando sobre isso. Ele sabe tão bem quanto eu que minha irmã é uma boa fonte de informações sobre o que acontece na vida da nossa filha, e, se revelar que Jenny me contou sobre a conversa das duas, todos seremos prejudicados.

— Por que você deu carona para Miller Adams? — pergunta ele.

— Sim — insiste Lexie. — Por que você deu carona para Miller Adams? Conte todos os detalhes.

Clara ignora a amiga, respondendo apenas ao pai.

— Foi menos de um quilômetro. Por que você está tão incomodado?

— Que isso não se repita — diz Chris.

— Eu acho que isso *devia* se repetir — rebate Lexie.

Clara encara Chris com incredulidade.

— Estava quente na rua. Eu não ia deixar ele voltar andando.

Chris ergue uma sobrancelha, algo que não faz com frequência, o que torna o gesto mais intimidante quando ocorre.

— Não quero que se meta com esse cara, Clara. E você não devia dar caronas para garotos. Não é seguro.

— Seu pai tem razão — acrescenta Lexie. — Só dê carona para caras gatos quando *eu* estiver junto.

Clara se recosta na cadeira e revira os olhos.

— Ah, meu Deus, pai. Miller não é um estranho, e não estamos saindo. Faz mais de um ano que ele namora.

— É, mas a namorada dele está na faculdade, então é como se ela não fosse causar problemas — comenta Lexie.

— Lexie? — Chris pronuncia seu nome como se fosse um aviso.

Ela concorda com a cabeça e passa um dedo sobre a boca, como se fechasse os lábios com um zíper.

Estou um pouco chocada por Clara estar sentada ali, fingindo que não acabou de ligar para Jenny e ficar levemente animada pelo garoto ter dado em cima dela. Pela forma como age tanto com Chris *quanto com* Lexie, parece que o que aconteceu foi uma bobagem. Mas sei que não foi, graças a Jenny. Encaro Clara, fascinada com sua dissimulação, ao mesmo tempo que me sinto levemente incomodada. Estou tão impressionada com sua capacidade de mentir quanto fico com a de *Jenny*.

É assustador. Eu não consigo mentir nem por um decreto. Fico aturdida, minhas bochechas coram. Faço tudo que posso para evitar brigas.

— Não me importa se ele é solteiro, casado ou bilionário. Prefiro que você não dê mais carona para esse menino.

Lexie faz o gesto de abrir o zíper imaginário dos seus lábios.

— Você é pai dela, não devia falar esse tipo de coisa. Quando um cara se torna proibido para uma adolescente, isso só faz com que ele seja mais desejado.

Chris aponta para Lexie com o garfo e olha ao redor da mesa.

— Quem fica convidando essa garota para as festas?

Eu rio, mas também sei que Lexie tem razão. Isso não vai acabar bem se Chris continuar assim. Estou sentindo. Clara já tem uma quedinha pelo garoto, e, agora, seu pai proibiu que se falem. Mais tarde, vou ter que avisar a ele para evitar o assunto se não quiser que Hank Adams se torne o futuro sogro da nossa filha.

— Acho que perdi a fofoca — diz Jonah. — Qual é o problema de Miller Adams?

— Não tem fofoca, e não há nada de errado com ele — garante Clara. — São só meus pais, sendo superprotetores como sempre.

Ela tem razão. Quando eu era jovem, minha mãe não cuidou de mim em sentido nenhum, e esse é o motivo para eu ter engravidado aos dezessete anos. Por isso, eu e Chris exageramos às vezes. Nós admitimos. Mas Clara é nossa única filha, e não queremos que acabe na mesma situação que nós.

— Miller é um bom garoto — diz Jonah. — Dou aula para ele. Completamente diferente de Hank naquela idade.

— Você dá aula para ele por quarenta minutos por dia — rebate Chris. — Não o conhece tão bem assim. Filho de peixe, peixinho é.

Jonah encara Chris depois desse comentário. Mas opta por não continuar a conversa. Às vezes, quando meu marido quer defender um argumento, não desiste até a outra pessoa ceder. Quando éramos mais novos, lembro que ele e Jonah se enfrentavam páreo a páreo. Jonah era o único que não desistia, nunca deixava Chris ganhar.

Mas algo mudou desde a sua volta. Ele fica mais quieto perto de Chris. Sempre o deixa dar a última palavra. E não acho que seja um sinal de fraqueza. Na verdade, é algo que me impressiona. Às vezes, meu marido ainda se comporta como o adolescente impetuoso que era quando nos conhecemos. Jonah, por outro lado, parece ter superado essa fase. É como se fosse uma perda de tempo tentar provar que Chris está errado.

Talvez esse seja outro motivo para eu não gostar de sua volta. Não gosto de ver Chris pelos olhos de Jonah.

— Por que você está dizendo essas coisas sobre ele? Filho de peixe, peixinho é? — pergunta Clara. — Qual é o problema dos pais de Miller?

Chris balança a cabeça.

— Não se preocupe com isso.

Clara dá de ombros e morde o hambúrguer. Fico feliz por ela não discutir. Às vezes, minha filha é muito parecida com o pai no quesito argumentativo. Você nunca sabe como ela vai reagir.

Eu, por outro lado, não discuto por nada. É algo que incomoda Chris de vez em quando. Meu marido gosta de provar que está certo, então, quando desisto e não lhe dou essa oportunidade, ele acha que ganhei.

Foi a primeira coisa que aprendi depois de nos casarmos. Às vezes, você precisa sair de uma briga para vencê-la.

Jonah parece tão disposto quanto o restante de nós para mudar de assunto.

— Você não entregou sua inscrição para o trabalho de cinema da Universidade do Texas.

— Eu sei — responde Clara.

— O prazo termina amanhã.

— Não consegui encontrar uma dupla. É difícil demais fazer tudo sozinha.

Fico incomodada por Jonah incentivar essa ideia. Clara quer estudar teatro na faculdade. Sei que ela se daria muito bem no curso, porque é uma atriz fenomenal. Mas também sei quais seriam suas chances de ser bem-sucedida em uma área tão competitiva. Sem mencionar que, se você for um dos poucos a alcançar o sucesso, terá que lidar com o preço da fama. Não quero isso para minha filha. Eu e Chris adoraríamos que o teatro fosse um hobby, não algo que ela usasse para se sustentar financeiramente.

— Você não quer ajudar? — pergunta Jonah, focado em Lexie.

Ela faz uma careta.

— De jeito nenhum. Eu já trabalho demais.

Jonah se volta para Clara.

— Amanhã, venha falar comigo antes da primeira aula. Sei de outro aluno que precisa de uma dupla, e posso perguntar se ele está interessado.

Minha filha concorda com a cabeça no mesmo instante em que Lexie começa a embrulhar o restante de seu hambúrguer.

— Aonde você vai? — pergunta Clara.

— Ao encontro do Tinder — responde Jenny por ela.

Clara ri.

— Ele pelo menos tem a nossa idade?

— É óbvio. Você sabe que detesto caras que estão na faculdade. Todos fedem a cerveja.

Lexie se inclina e sussurra alguma coisa na orelha de Clara. Ela ri, e a outra garota vai embora.

Minha filha começa a fazer perguntas a Jonah sobre os requisitos do trabalho de cinema. Jenny e Chris estão distraídos com sua própria conversa, discutindo tudo que ela perdeu no hospital enquanto estava de licença.

Eu não falo com ninguém e brinco com minha comida.

É meu aniversário e estou cercada por todas as pessoas que são importantes para mim, mas, por algum motivo, me sinto mais sozinha do que nunca. Eu devia estar feliz agora, mas há algo esquisito. Não sei exatamente o quê. Talvez eu esteja entediada.

Ou pior. Talvez eu seja *entediante*.

Aniversários causam esse tipo de coisa. Passei o dia inteiro analisando minha vida, pensando em como preciso de algo meu. Depois de termos Clara tão cedo, eu e Chris nos casamos, e ele sempre cuidou financeiramente de nós depois de se formar na faculdade. Eu fiquei responsável pela casa, mas Clara vai fazer dezessete anos daqui a dois meses.

Jenny tem uma carreira e um bebê, e está prestes a ter um marido.

Chris foi promovido três meses atrás, o que significa que, agora, passa ainda mais tempo no trabalho.

Quando Clara entrar na faculdade e se mudar, o que eu vou ter para fazer?

Depois que terminamos o jantar, meus pensamentos continuam empacados na minha situação. Estou colocando os pratos na lava-louça quando Jonah entra na cozinha. Ele segura a porta antes mesmo de ela começar a balançar. Gosto disso. Jonah é um bom pai e odeia a porta da minha cozinha. *Já são duas coisas*.

Talvez ainda exista esperança para nossa amizade.

Ele segura Elijah contra o peito.

— Um pano úmido, por favor.

É então que vejo que sua camisa está toda cuspida. Pego um pano e o molho antes de entregá-lo. Tiro Elijah dos seus braços enquanto ele se limpa.

Olho para meu sobrinho e sorrio. Ele parece um pouco com Clara nessa idade. Cabelo louro fino, olhos azul-escuros e a cabecinha redondinha. Começo a me balançar para a frente e para trás. Ele é um bebê tão bonzinho. Melhor que Clara. Ela vivia com cólicas e chorava o tempo todo. Elijah dorme e chora tão pouco que, às vezes, Jenny me liga quando ele está aos prantos só para ficarmos apreciando como ele é fofo nos seus momentos de irritação.

Olho para cima, e Jonah está nos observando. Ele afasta o olhar e pega a bolsa de fraldas.

— Tenho um presente de aniversário para você.

Fico confusa. Antes do jantar, ele parecia tão nervoso perto de mim. Agora, quer me dar um presente de aniversário? Ele me entrega algo sem embrulho. Um saco plástico enorme e fechado, cheio de... balas.

A gente tem doze anos agora?

Demoro um instante, porém, assim que vejo que é um saco inteiro de balas de melancia, quero sorrir. Mas, em vez disso, franzo a testa.

Ele lembrou.

Jonah pigarreia e joga o pano na pia. Depois pega Elijah.

— Nós estamos indo. Parabéns, Morgan.

Eu sorrio, e provavelmente esse é o único sorriso verdadeiro que abri para ele desde sua volta.

Temos um momento especial — um olhar trocado por cinco segundos, enquanto ele sorri e eu concordo com a cabeça — antes de Jonah sair da cozinha.

Não sei exatamente o que esses cinco segundos significaram, mas, talvez, seja algum tipo de trégua. Ele está se esforçando de verdade. É ótimo com Jenny, ótimo com Elijah, um dos professores favoritos de Clara.

Por que — mesmo quando Jonah é tão legal com todos que eu amo — continuo desejando que ele não fizesse parte da nossa vida?

Depois que Jenny, Jonah e Elijah vão embora, Clara segue para o quarto. É lá que ela curte a maioria de suas noites. Era comum ela ficar à noite comigo, mas isso antes de completar catorze anos.

Chris passa suas noites na companhia do iPad, assistindo a Netflix ou a esportes.

Eu desperdiço as minhas assistindo à tv. Sempre os mesmos programas. Minhas semanas são tão rotineiras. Costumo me deitar no mesmo horário, todos os dias.

Acordo na mesma hora todos os dias.

Frequento a mesma academia, faço a mesma série, cumpro as mesmas tarefas e cozinho as mesmas refeições programadas.

Talvez seja porque hoje é meu aniversário de trinta e quatro anos, mas sinto que essa nuvem paira sobre mim desde que acordei. Todos ao meu redor parecem ter um propósito, mas eu percebo que cheguei aos trinta e quatro anos sem ter uma vida própria, algo que não se resuma apenas em Clara e Chris. Eu não devia ser tão entediante. Alguns dos meus amigos da escola ainda nem começaram uma família, e minha filha em breve já vai sair de casa.

Chris entra na cozinha e tira uma garrafa de água da geladeira. Então pega o saco de balas e o inspeciona.

— Por que você comprou um saco inteiro do pior sabor?

— Foi presente de Jonah.

Ele ri e larga o saco na bancada.

— Que presente horroroso.

Tento não interpretar o fato de meu marido não lembrar que melancia é meu sabor favorito. Eu, necessariamente, não me lembro de todas as coisas de que ele gostava quando nos conhecemos.

— Vou chegar tarde amanhã. Não precisa se preocupar com o jantar.

Concordo com a cabeça, mas já me preocupei com o jantar. Está na panela elétrica, mas não digo nada. Ele está prestes a deixar a cozinha.

— Chris?

Ele para e se vira para mim.

— Estou pensando em voltar para a faculdade.

— Para quê?

Dou de ombros.

— Ainda não sei.

Ele inclina a cabeça.

— Mas por que agora? Você tem trinta e quatro anos.

Uau.

Chris imediatamente se arrepende do que disse quando vê como suas palavras me magoaram. Ele me abraça.

— Não foi isso que eu quis dizer. Desculpe. — Ele dá um beijo na lateral da minha cabeça. — Eu só não sabia que você continuava interessada em algo assim, já que recebo o suficiente para nos sustentar. Mas, se quer um diploma — ele me dá outro beijo, agora na testa —, entre na faculdade. Vou tomar banho.

Chris sai da cozinha, e encaro a porta, que começa a balançar para a frente e para trás. *Como eu odeio essa porta.*

Minha vontade é vender a casa e recomeçar; no entanto, Chris jamais aceitaria. Poderia ser algo para que eu pudesse gastar minha energia. Porque, agora, percebo minha energia acumulada. Sinto meu corpo inflando enquanto penso no quanto quero uma porta nova na cozinha.

Quem sabe amanhã eu não arranque a porta. Prefiro não ter porta nenhuma a ter uma que nem funcione corretamente. Portas deviam bater com um baita estrondo quando você está irritada.

Abro uma bala e a jogo na boca. O gosto me enche de nostalgia. Penso em quando éramos adolescentes e me vem o desejo de voltar às noites em que andávamos no carro de Jonah — eu e Chris no banco de trás e Jenny na frente. Jonah era viciado em balas, então sempre mantinha um saco delas no painel.

Ele nunca comia as de melancia. Era o sabor de que menos gostava, e o meu favorito, então sempre as deixava para mim.

Não acredito que tenha se passado tanto tempo desde que experimentei uma dessas. Juro que, às vezes, me esqueço de quem eu era e das coisas que eu amava antes de engravidar. É como se, no dia em que descobri a gravidez, eu tivesse me tornado uma pessoa diferente. Meu foco deixou de ser eu mesma. A vida passou a girar em torno daquele lindo e pequenino ser que está sendo criado.

Clara entra na cozinha, não mais um lindo e pequenino ser. Ela é linda e crescida. E, às vezes, sinto saudades da sua infância, quando minha filha se sentava no meu colo ou nós duas nos aconchegávamos na sua cama até que ela dormisse.

Clara enfia a mão no meu saco.

— Oba. Balas. — Ela pega uma e vai até a geladeira, abrindo a porta. — Posso beber um refrigerante?

— Está tarde. Cafeína não vai fazer bem.

Ela se vira e me encara.

— Mas é seu aniversário. A gente ainda não fez seu quadro.

Eu me esqueci do quadro de aniversário. Fico animada pela primeira vez hoje.

— É verdade. Então também quero um refrigerante.

Clara sorri enquanto vou ao armário de artesanato e pego meu quadro de aniversário. Minha filha pode ser velha demais para ser ninada, mas pelo menos ainda fica tão animada com nossas tradições quanto eu. Nós começamos esta quando ela fez oito anos. Chris não participa, então é algo que só eu e Clara fazemos duas vezes por ano. É como um quadro de sonhos, só que, em vez de criarmos um novo a cada ano, apenas acrescentamos desejos ao mesmo. Cada uma tem o seu, e só fazemos acréscimos nos nossos respectivos aniversários. Ainda faltam dois meses para o de Clara, então pego o meu e deixo o dela no armário.

Minha filha senta ao meu lado à mesa da cozinha e escolhe uma canetinha roxa. Antes de começar a escrever, ela lê as coisas que acrescentamos nos anos anteriores. Então passa o dedo por algo que escreveu quando tinha onze anos. *Espero que minha mãe engravide este ano.* Ela desenhou até um chocalho minúsculo ao lado do desejo.

— Ainda não é tarde demais para me tornar uma irmã mais velha — diz ela. — Você só tem trinta e quatro anos.

— Não vai acontecer.

Clara ri. Eu olho para o quadro em busca dos objetivos que escrevi para mim mesma no ano passado. Encontro a foto de um jardim florido que colei no canto esquerdo, porque queria tirar os arbustos do quintal e substituí-los por flores. Fiz isso na primavera.

Encontro meu outro objetivo e franzo a testa quando o leio. *Encontrar algo para preencher todos os cantos vazios.*

Tenho certeza de que Clara achou que eu estava sendo literal quando escrevi isso. Na verdade, eu não queria encher todos os cantos da minha casa com alguma coisa. Meu objetivo era mais interno. No ano passado, eu já me sentia frustrada. Tenho orgulho do meu marido e da minha filha, mas, quando olho para mim e minha vida vejo que ela se separa das deles, há muito pouco do que me orgulhar. Sinto como se estivesse cheia de potencial desperdiçado. Às vezes, meu peito parece oco, como se eu tivesse passado a vida sem encontrar nada importante o suficiente para preenchê-lo. Meu coração está cheio, mas é a única parte do meu corpo que parece ter algum peso.

Clara começa a escrever seu objetivo para mim, então me inclino em sua direção para ler. *Aceitar que sua filha quer ser atriz.* Ela tampa a canetinha e a guarda na embalagem.

Seu objetivo faz com que eu me sinta culpada. Não é que eu não queira que ela siga seus sonhos. Só quero que seja mais realista.

— O que você vai fazer com um diploma inútil se essa história de teatro não der certo?

Clara dá de ombros.

— A gente pensa nisso quando precisar. — Ela puxa uma perna para cima da cadeira e apoia o queixo no joelho. — E você? O que queria ser na minha idade?

Encaro o quadro, me perguntando se sou capaz de responder à pergunta. Não sou.

— Não faço ideia. Eu não tinha talentos especiais. Não era muito boa em nenhuma matéria específica.

— Você era empolgada por alguma coisa como eu sou por atuar?

Reflito por um instante, mas não consigo me lembrar de nada.

— Eu gostava de sair com meus amigos e não pensar no futuro. Achei que resolveria o que fazer da vida quando estivesse na faculdade.

Clara indica o quadro com a cabeça.

— Acho que esse devia ser o objetivo deste ano. Descobrir o que empolga você. Porque *não pode* ser passar a vida como dona de casa.

— Poderia ser — respondo. — Algumas pessoas se sentem completamente realizadas nesse papel.

Eu *costumava* me sentir realizada. Só que isso mudou.

Clara toma outro gole de refrigerante. Escrevo sua sugestão. *Encontrar algo que me empolgue.*

Minha filha pode não gostar de saber disto, mas ela é muito parecida comigo na sua idade. Confiante. Achava que sabia de tudo. Se eu tivesse que descrevê-la usando apenas uma palavra, seria *decidida*. Eu costumava ser decidida, mas, agora, sou só... Nem sei. Se tivesse que me descrever usando apenas uma palavra, com base no meu comportamento atual, seria *reclamona*.

— Quando você pensa em mim, qual é a primeira palavra que surge?

— Mãe — diz ela, instantaneamente. — Dona de casa. *Superprotetora*.

Clara ri desta última.

— Estou falando sério. Que palavra descreveria minha personalidade?

Ela inclina a cabeça e me encara por vários segundos demorados. Então, em um tom muito sincero e sério, diz:

— Previsível.

Fico boquiaberta de tão ofendida.

— *Previsível?*

— Quer dizer... não de um jeito ruim.

Será que *previsível* pode ser usado para descrever alguém de um jeito *bom*? Não consigo pensar em uma única pessoa no mundo que gostaria de ser chamada de previsível.

— Talvez eu quisesse dizer *confiável* — diz Clara. Ela se inclina para a frente e me abraça. — Boa noite, mãe. Feliz aniversário.

— Boa noite.

Minha filha vai para o quarto sem saber que me deixou magoada.

Não acho que ela quisesse ser maldosa, mas eu não queria escutar *previsível*. Porque é tudo que sei que sou e tudo que temia me tornar quando crescesse.

4

Clara

Eu provavelmente não deveria ter chamado minha mãe de previsível na noite passada, porque esta é a primeira vez em muito tempo que acordo para a escola e não a encontro na cozinha, preparando o café da manhã.

Talvez fosse melhor pedir desculpas, porque estou morrendo de fome.

Ela está na sala, ainda de pijama, assistindo a um episódio de *The Real Housewives*.

— O que tem para o café?

— Não estou com vontade de cozinhar. Coma um biscoito.

Eu realmente não deveria ter dito que ela era previsível.

Meu pai entra na sala, ajeitando a gravata. Ele para quando a vê deitada.

— Você está se sentindo bem?

Minha mãe gira a cabeça para nos fitar em sua posição confortável no sofá.

— Sim. Só não quis cozinhar.

Quando ela se vira de novo para a televisão, eu e papai trocamos um olhar. Ele ergue uma sobrancelha antes de se aproximar da minha mãe e lhe dar um beijo rápido na testa.

— A gente se vê à noite. Amo você.

— Também amo você — responde mamãe.

Sigo meu pai até a cozinha. Pego os biscoitos e lhe dou um.

— Acho que a culpa é minha.

— Por ela não ter feito café da manhã?

Concordo com a cabeça.

— Ontem à noite, falei que ela é previsível.

Papai franze o nariz.

— Ah. É, não foi muito legal da sua parte.

— Não quis dizer de um jeito ruim. Ela me pediu que a definisse em uma palavra, e essa foi a primeira em que pensei.

Ele se serve de uma xícara de café e se apoia na bancada, pensando.

— Bem... você não estava errada. Sua mãe gosta de rotina.

— Acorda todo dia às seis. O café fica pronto às sete.

— Jantar às sete e meia todas as noites — continua ele.

— Cardápios alternados.

— Academia às dez da manhã.

— Mercado nas segundas — acrescento.

— Roupa de cama lavada todas as quartas.

— Viu só? — digo, na defensiva. — Ela é previsível. Isso é mais um fato do que uma ofensa.

— Bem — começa ele —, teve aquela vez que chegamos em casa e encontramos um bilhete avisando que ela tinha ido com Jenny para um cassino.

— Eu lembro. Achamos que tinha sido sequestrada.

A gente pensou isso mesmo. Foi um comportamento tão atípico ela resolver viajar e dormir fora sem meses de planejamento que ligamos para as duas só para garantir que tinha sido mesmo minha mãe que escrevera o bilhete.

Meu pai ri e me puxa para um abraço. Adoro seus abraços. Ele usa as camisas de botão brancas mais macias do mundo para trabalhar, e, às vezes, quando seus braços estão ao meu redor, é como ter sido envolvida por um cobertor aconchegante. Só que o cobertor tem cheiro de ar livre e, de vez em quando, me dá broncas.

— Preciso ir. — Ele me solta e acaricia meu cabelo. — Divirta-se na escola.

— Divirta-se no trabalho.

Eu o sigo para fora da cozinha, e descobrimos que mamãe abandonou o sofá e está parada diante da televisão. Ela aponta o controle remoto para a tela.

— Travou.

— Deve ser o controle — diz papai.

— Ou o sinal — digo, tirando o controle dela.

Mamãe sempre aperta o botão errado e não consegue se lembrar de qual apertar para voltar ao seu programa. Aperto todos e nada funciona, então tiro

tudo da tomada.

Tia Jenny chega enquanto tento religar a televisão.

— Ô de casa — diz ela, abrindo a porta.

Papai a ajuda com a cadeirinha de Elijah e um monte de coisas. Ligo a televisão, mas nada acontece.

— Acho que pifou.

— Ah, meu *Deus* — diz minha mãe, como se a ideia de passar o dia inteiro em casa com um bebê e sem televisão fosse um pesadelo.

Tia Jenny lhe entrega a bolsa de fraldas.

— Vocês ainda têm tevê a cabo? Ninguém mais assina isso.

Minha mãe é só um ano mais velha que tia Jenny, mas, às vezes, parece que é mãe de nós duas.

— A gente tenta explicar isso, mas ela insiste em continuar assinando — comento.

— Não quero assistir a meus programas em um iPad — rebate mamãe, na defensiva.

— Na nossa televisão dá para acessar a Netflix — explica meu pai. — Você pode assistir lá.

— Meus canais de reality show não passam na Netflix — responde ela. — Vamos manter a tevê a cabo.

A conversa está me deixando com dor de cabeça, então tiro Elijah da cadeirinha para curtirmos um minuto juntos antes de eu sair para a escola.

Fiquei tão animada quando descobri que tia Jenny estava grávida. Sempre quis um irmão, mas meus pais não quiseram mais filhos depois de mim. Ele é o mais perto que vou conseguir de um, então espero que a gente seja bem próximo. Elijah é a pessoa que mais quero que goste de mim.

— Deixa eu pegar Elijah um pouquinho... — diz meu pai, tirando o bebê de mim.

Acho legal o quanto papai gosta do sobrinho. Isso meio que me faz desejar que ele e mamãe *tivessem* outro filho. Não é tarde demais. Ela só tem trinta e quatro anos. Eu devia ter escrito isso no quadro de aniversário ontem.

Tia Jenny entrega uma lista de instruções para minha mãe.

— Aqui estão os horários das refeições dele. E como esquentar o leite. E sei que você tem o número do meu celular, mas deixei escrito só para o caso da sua bateria acabar. E anotei o de Jonah.

— Já criei um ser humano antes — avisa minha mãe.

— É, mas faz tempo — responde tia Jenny. — Alguma coisa pode ter mudado desde então.

Ela vai até meu pai e dá um beijo na cabeça de Elijah.

— Tchau, querido. A mamãe te ama.

Enquanto tia Jenny sai, pego minha mochila depressa, porque precisamos conversar. Eu a sigo pela porta da frente, mas ela só se dá conta da minha presença quando está quase no carro.

— Miller parou de me seguir no Instagram ontem à noite.

Ela se vira, surpresa com minha presença repentina.

— Já? — Minha tia abre a porta do carro e se apoia. — Ele se irritou com alguma coisa que você disse?

— Não, a gente não se fala desde que saí da casa dele. Não postei nada. Nem comentei nas fotos dele. Não entendo. Por que me seguir e parar horas depois?

— As redes sociais são muito confusas.

— Garotos também.

— Mas não tanto quanto nós — conclui ela. Então inclina a cabeça, me analisando. — Você gosta dele?

Não consigo mentir para tia Jenny.

— Não sei. Tento não gostar, mas Miller é tão diferente de todos os outros caras da escola. Ele faz questão de me ignorar e está sempre chupando pirulitos. E seu relacionamento com o avô é esquisito, mas de um jeito fofo.

— Então... você gosta de um garoto porque ele te ignora, chupa pirulitos e tem um avô esquisito? — Tia Jenny faz cara de preocupada. — Esses... esses motivos são estranhos, Clara.

Dou de ombros.

— Quer dizer, ele também é bonitinho. E, pelo visto, quer estudar cinema na faculdade. A gente tem isso em comum.

— Já é alguma coisa. Mas parece que você mal o conhece. Eu não levaria essa história do Instagram para o lado pessoal.

— Eu sei. — Suspiro e cruzo os braços. — Ficar a fim de alguém é tão idiota. Já estou de mau humor por saber que ele parou de me seguir, e são só sete da manhã.

— Talvez a namorada tenha visto que ele estava te seguindo e tenha ficado irritada — sugere tia Jenny.

Pensei nessa possibilidade por um instante hoje cedo. Mas não gostei de pensar em Miller e na namorada falando sobre mim.

Meu pai sai pela porta da frente, então tia Jenny se despede de mim com um abraço e entra no carro, porque o dela está estacionado atrás do de nós dois. Entro no meu e envio uma mensagem para Lexie enquanto aguardo minha tia manobrar.

> Espero que tenha recebido minha mensagem ontem sobre te buscar meia hora mais cedo. Você não respondeu.

E continuo aguardando uma resposta ao parar na frente da casa de Lexie

Quando estou prestes a ligar, ela sai cambaleando, a mochila pendurada no cotovelo enquanto tenta calçar um sapato. Lexie precisa parar e se apoiar no capô do carro para enfiá-lo no pé. Então se aproxima da porta, o cabelo despenteado, restos de rímel sob os olhos. Ela parece um furacão bêbado.

Lexie entra no carro e fecha a porta, largando a mochila no chão. Então pega a nécessaire de maquiagem.

— Você acabou de acordar?

— Sim, quatro minutos atrás, quando você mandou a mensagem. Desculpe.

— Como foi seu encontro do *Tinder*? — pergunto, sarcástica.

Lexie ri.

— Não acredito que sua família achou mesmo que tenho um perfil no Tinder.

— Você mente sobre isso toda vez que vai lá em casa. Por que eles achariam que não é verdade?

— Eu trabalho demais. Só tenho tempo para a escola e o trabalho, e talvez um banho se tiver sorte. — Ela abre a nécessaire. — Aliás. Você ficou sabendo de Miller e Shelby?

Viro a cabeça na sua direção.

— Não. O que houve?

Lexie abre o rímel assim que me aproximo de uma placa de Pare.

— Pare aqui um minutinho.

Ela começa a passar o rímel, e espero para ouvir as notícias sobre Miller Adams e a namorada. Que coincidência essa ser a primeira coisa que Lexie disse e a única em que consigo pensar desde que dei carona para ele ontem.

— O que houve com Miller e Shelby?

Lexie passa o aplicador para o outro olho. Ela continua sem responder, então pergunto de novo.

— Lexie, o que houve?

— Caramba — diz ela, enfiando o bastão de volta na embalagem. — Espere um segundo. — Então gesticula para que eu continue dirigindo enquanto passa o batom. — Eles terminaram ontem.

Essa é a melhor coisa que já ouvi sair da sua boca.

— Como você sabe?

— Emily me contou. Shelby ligou para ela.

— Por que eles terminaram?

Estou tentando não me importar. Tentando *muito*.

— Pelo visto, por sua causa.

— Por *minha* causa? — Olho de volta para a estrada. — Que ridículo. Eu dei uma carona para ele até em casa. A gente passou três minutos juntos, no máximo.

— Shelby acha que ele a traiu com você.

— Parece que Shelby não confia nos outros.

— Foi só isso mesmo? — pergunta Lexie. — Uma carona?

— Sim. Foi *insignificante* nesse nível.

— Você gosta dele? — pergunta ela.

— Não, óbvio que não. Ele é um babaca.

— Não é. Ele é muito legal. Tão legal que chega a ser irritante.

Lexie tem razão. Ele é mesmo. *Ele só é babaca comigo.*

— Não achou esquisito meu pai sugerir que ele é problemático?

Lexie dá de ombros.

— Nem tanto. Seu pai não gosta nem de mim, e eu sou maravilhosa.

— Meu pai gosta de você — respondo. — Ele só implica com as pessoas de quem gosta.

— E talvez Miller seja assim também — sugere ela. — Talvez ele só ignore as pessoas de quem gosta.

Finjo que não ouvi esse comentário. Lexie se concentra em terminar a maquiagem, mas minha cabeça está girando. *Será que a briga deles teve alguma coisa a ver com aquela carona boba?*

É provável que tenha sido a carona somada ao fato de Miller começar a me seguir no Instagram. O que explicaria por que ele parou de me seguir na noite passada. O que prova que ele está tentando reatar com ela.

— Você acha que os dois vão voltar?

Lexie olha para mim e sorri.

— Que diferença faz para você? Foi *insignificante*.



Jonah me obriga a chamá-lo de Sr. Sullivan na escola. Tenho certeza de que ele gostaria que eu o chamasse de tio Jonah fora daqui, mas uso apenas Jonah. Ainda não o conheço tempo suficiente para considerá-lo meu tio, apesar de ele ter um filho com tia Jenny. Talvez eu acrescente o título depois de os dois se casarem de verdade. Mas, por enquanto, tudo que sei sobre ele foi o que ouvi meus pais comentando — que partiu o coração de Jenny na época da escola e foi embora da cidade sem avisar. Nunca perguntei a ninguém sobre o motivo do término. Acho que não me importava com isso antes, mas, por algum motivo, hoje estou curiosa.

Quando entro na sala, Jonah está sentado à sua mesa, corrigindo trabalhos.

— Bom dia — diz ele.

— Bom dia.

Meu primeiro tempo de aula é com ele, então jogo a mochila no lugar de sempre, mas me acomodo na carteira diante da sua mesa.

— Jenny deixou Elijah com sua mãe? — pergunta Jonah.

— Sim. Fofo como sempre.

— Ele é fofo mesmo. Puxou o pai.

— Rá. Não. Ele puxou a *mim* — corrijo.

Jonah junta os papéis e os afasta. Antes de ele começar a falar sobre o trabalho de cinema, deixo minha curiosidade tomar conta de mim.

— Por que você terminou com tia Jenny na época da escola?

Jonah levanta a cabeça rápido, erguendo as sobrancelhas. Então solta uma risada nervosa, como se não quisesse ter essa conversa comigo. Nem com ninguém.

— Nós éramos jovens. Acho que nem lembro mais.

— Minha mãe não ficou muito feliz quando tia Jenny engravidou de você no ano passado.

— Eu sei que não. A gente não planejou bem as coisas.

— É meio hipócrita da parte dela, levando em consideração que meus pais me tiveram com dezessete anos.

Jonah dá de ombros.

— Só seria hipócrita se a ação contra a qual alguém se opõe ocorresse *depois* da oposição.

— Seja lá o que isso significa.

— Significa que as pessoas aprendem com seus erros. Isso não as torna hipócritas. Só experientes.

— Ninguém te ensinou na faculdade a não dar lições de moral antes do sinal da primeira aula?

Jonah se recosta na cadeira, um brilho de divertimento no olhar.

— Você me lembra sua mãe na sua idade.

— Ah, meu Deus.

— É um elogio.

— De que forma?

Jonah ri.

— Você ficaria surpresa.

— Pare de me ofender.

Jonah ri de novo, mas só estou mais ou menos brincando. Eu amo minha mãe, mas não quero *ser* ela.

Ele pega duas pastas na mesa e me entrega.

— Preencha isto, mesmo que depois mude de ideia. Se você ganhar, vai ser algo ótimo para mencionar nas suas inscrições para a faculdade. Sem contar que vai ter gravações para seu portfólio de atriz.

Abro a pasta e dou uma olhada.

— Então, quem é que está procurando uma dupla?

— Miller Adams. — Minha cabeça se ergue assim que Jonah diz o nome. Ele continua falando: — Quando vocês comentaram sobre ele na noite passada, me lembrei de ter lido nas observações do professor responsável pelo programa no ano passado que Miller estava na equipe classificada. O que significa que tem experiência. Pedi que ele se inscrevesse este ano, mas ganhei um não. Ele disse que está ocupado e é muito trabalho. Mas, se vocês participarem juntos, talvez a ideia pareça mais interessante.

Não vou mentir — no fundo, eu estava torcendo para ser Miller Adams, ainda mais porque ele me contou que gosta de cinema. *Mas Jonah não estava no mesmo jantar que eu na noite passada?*

— Por que você inventaria de colocar nós dois para trabalhar em dupla depois do que meu pai disse ontem?

— Sou professor, não casamenteiro. Miller é perfeito para esse trabalho. E é um bom garoto. Seu pai está enganado.

— De toda forma, ele foi bem enfático.

E já sei que não vou obedecer a nada do que disse.

Jonah me encara por um segundo, pensativo, então cruza os braços sobre a mesa.

— Eu sei. Escute, é só uma sugestão. Acho que o trabalho vai ser bom para você, mas, se seu pai não quer que participe, não posso fazer nada. Por outro lado... você não precisa da permissão de ninguém para se inscrever. Só vai precisar de autorização dos seus pais para enviar o material, e faltam meses para isso.

Eu meio que gosto de ver Jonah me incentivando a desobedecer ao meu pai. Talvez ele e tia Jenny sejam mesmo perfeitos um para o outro.

A porta se abre, e Miller Adams entra. *Valeu pelo aviso, Jonah.*

A primeira coisa que noto são seus olhos vermelhos, inchados. Parece que ele não dormiu. Sua camisa está amassada; o cabelo, todo bagunçado.

Miller olha para Jonah, para mim, e para Jonah novamente. Ele permanece na porta e aponta para mim enquanto olha para o professor.

— É com *ela* que você quer que eu me inscreva?

Jonah concorda com a cabeça, confuso com a reação de Miller. *Eu* não estou confusa. Já me acostumei a vê-lo querendo distância de mim.

— Foi mal, mas não vai dar certo — diz Miller. Ele me encara. — Sem querer ofender, Clara. Tenho certeza de que você entende.

Acho que a namorada dele é *mesmo* o motivo.

— Imaginei depois que você parou de me seguir no Instagram cinco horas depois de me adicionar.

Miller entra na sala e joga a mochila em uma mesa, desabando na cadeira.

— De acordo com Shelby, eu não devia nem ter te seguido.

Eu rio.

— Ela terminou o namoro porque dei uma carona para você em um calor de quarenta graus. Acho isso meio problemático.

— Ela terminou comigo porque menti sobre a carona.

— Sei. E você mentiu porque sabia que ela terminaria o namoro se descobrisse a verdade. E esse é o problema.

Jonah participa da conversa se inclinando para a frente e olhando de um para o outro. Então empurra a cadeira para trás e se levanta.

— Preciso de café. — Ele joga a outra pasta na mesa de Miller e segue para a porta. — Vocês dois se resolvam e me avisem o que decidirem até o fim do dia.

Jonah vai embora, e eu e Miller ficamos sozinhos na sala, nos encarando. Ele afasta o olhar e folheia os papéis na pasta.

Mais uns minutos de sono teriam lhe caído bem. Fico me sentindo mal por Jonah ter pedido a Miller que chegasse mais cedo só por causa disso. Parece que ele foi atropelado por um caminhão entre o tempo que o deixei em casa no dia anterior e o momento em que acordou hoje cedo. Dá para ver que a briga com Shelby, seja lá como foi, está pesando em sua consciência.

— Você parece bem arrasado — digo.

— Estou mesmo — responde Miller com um tom entorpecido.

— Bem... nem tudo está perdido. Desilusões amorosas fazem bem para o desenvolvimento do caráter.

Miller ri, apesar de ser uma risada seca. Ele fecha a pasta e olha para mim.

— Shelby nunca me perdoaria se descobrisse que me inscrevi com você nesse trabalho.

— Então já está certo?

Miller não ri. Na verdade, parece um pouco irritado por eu fazer piada às suas custas. É óbvio que ele não está no clima para isso. E, sinceramente, eu meio que não culpo Shelby por lhe dar um pé na bunda. Se meu namorado mentisse para mim sobre estar em um carro com outra garota, e depois começasse a segui-la no Instagram, ele também seria meu ex.

— Desculpe, Miller. Tenho certeza de que ela é ótima. Se eu puder ajudar de algum jeito, talvez confirmar sua história, é só me pedir.

Ele abre um sorriso grato para mim e levanta, seguindo para a porta da sala. E deixa a pasta sobre a mesa.

— Você devia se inscrever mesmo assim.

Concordo com a cabeça, mas não quero fazer o trabalho sozinha. Por alguns segundos esperançosos, fiquei animada com a possibilidade de ser a dupla de Miller. Agora que senti o gostinho dessa ideia, todas as outras opções parecem horríveis.

Segundos depois, ele desaparece.

Encaro a pasta sobre sua mesa antes de pegá-la e preenchê-la. Nunca se sabe — Shelby e Miller talvez não voltem, e seria péssimo se ele não se inscrevesse só porque tem uma namorada ciumenta.

Jonah volta com dois cafés logo após eu terminar os formulários. Ele me entrega uma das bebidas e se apoia na mesa de um jeito casual.

Faz alguns meses desde seu retorno, e, mesmo assim, não faz ideia do quanto eu detesto café. E é por isso que ainda não o chamo de *tio* Jonah.

— O que foi aquilo? — pergunta ele.

— A namorada de Miller me odeia. Bem... a *ex*-namorada.

Tomo um gole do café por educação. Que nojo.

— Então ela não deve ser um problema, não é?

Eu rio.

— Até parece. — Entrego as duas pastas para ele. — Preenchi tudo, de qualquer maneira. Não conte para Miller. Se ele mudar de ideia, pelo menos vamos ter feito a inscrição dentro do prazo.

— Gosto do jeito como você pensa — diz Jonah, colocando o café sobre a mesa e pegando um pedaço de giz.

Ele está escrevendo a data no quadro quando dois dos meus colegas de classe entram.

Volto para o meu lugar. A sala começa a encher. Jonah se vira e olha meu café sobre a carteira.

— Clara. Alunos não podem trazer bebidas para a sala de aula. Se isso se repetir, vou mandar você para a sala da detenção.

Reviro os olhos, mas quero rir de sua capacidade de entrar no modo professor com tanta facilidade, mesmo que esteja só brincando comigo.

— Sim, Sr. Sullivan — digo em um tom zombeteiro.

Jogo o café no lixo, então pego meu telefone e mando uma mensagem para tia Jenny no caminho de volta para a mesa.

Eu: Está ocupada?
Tia Jenny: No caminho para o trabalho.
Eu: É rápido. Duas coisas. O pai do seu filho é muito metido a besta. E Miller e Shelby terminaram. Não sei se vai durar muito.
Tia Jenny: Por que eles terminaram? Por causa da carona?
Eu: Pelo visto, foi por ele ter me seguido no Instagram.
Tia Jenny: Que boa notícia! Agora você vai poder sair com o cara que tem um avô esquisito.
Eu: Não chamei o avô dele de esquisito. Falei que o relacionamento deles era esquisito, mas fofo. E Miller quer voltar com a namorada, então não sei se tenho chance.
Tia Jenny: Ah, que droga. Então não fique atrás dele. Você não quer ser a outra. Acredite em mim.
Eu: Você já foi a outra? Preciso saber dessa história. Foi por isso que você e Jonah terminaram na época da escola?

Os pontos no telefone indicam que tia Jenny está digitando. Espero para descobrir sobre seu drama adolescente divertido, mas os pontos param.

Eu: Eu te conto tudo. Você não pode insinuar que teve um caso e não explicar.
Eu: Jenny?
Eu: Tia Jenny?

— Clara, guarde o telefone.

Jogo o celular na mochila com uma velocidade impressionante. Não sei de quem tia Jenny foi amante, mas, se Jonah não sabe nada sobre isso, acho que não seria bom para o relacionamento dos dois se ele confiscasse meu telefone e lesse minhas mensagens. Na hora do almoço, vou ligar para ela e obrigá-la a me contar. Mesmo que envolva Jonah, quero saber.

5

Morgan

Uma vez, me disseram que basta uma ligação para todos desabarmos no chão.

É uma verdade absoluta. Minha voz sai em um sussurro trêmulo quando pergunto:

— Ele está bem?

Espero a enfermeira do outro lado da linha afirmar que Chris vai se recuperar. Mas tudo que recebo é um longo período de silêncio. Parece que alguém está retorcendo minha coluna como uma toalha molhada. Quero dobrar meu corpo de dor, mas não é uma sensação física. É uma angústia intangível que parece fatal.

— Não sei os detalhes — responde a enfermeira. — Só me informaram que o trouxeram há pouco tempo, então tente chegar aqui o mais rápido possível.

Solto um "tudo bem" engasgado antes de desligar, mas tenho quase certeza de que ela teria me passado mais informações se a situação não fosse tão ruim.

Se a situação não fosse tão ruim, o próprio Chris teria me ligado.

Elijah está no meu colo. Ele estava no meu colo quando o telefone tocou, e, agora, eu o agarro com mais força, ainda ajoelhada no chão da sala. Por pelo menos um minuto, permaneço paralisada ali. Mas, então, meu sobrinho boceja, e isso me faz voltar para a terrível realidade.

Ligo para Jenny primeiro, mas a ligação vai direto para a caixa postal. É seu primeiro dia de volta ao trabalho. Ela só vai pegar o celular na hora do almoço.

Mas a notícia vai correr pelo hospital, e minha irmã logo vai descobrir o que aconteceu.

Penso em ligar para Jonah logo depois, para ele vir buscar Elijah, mas não tenho seu número salvo no meu telefone. Corro para o papel que Jenny me entregou hoje cedo e digito o número que ela anotou. Entra direto na caixa postal. *Ele está dando aula.*

Posso tentar ligar para a escola e avisar a ele daqui a pouco, mas cada segundo que perco tentando entrar em contato com alguém é tempo que demoro para chegar ao hospital. Coloco Elijah na cadeirinha, pego sua bolsa de fraldas, minhas chaves, e saio.

O trajeto até o hospital passa em um borrão. Fico murmurando orações, apertando o volante, olhando rápido para meu telefone no banco do carona, esperando Jenny me retornar.

Ainda não vou ligar para Clara, ela está na escola. Preciso saber que Chris está bem antes de preocupá-la.

Se ainda não tiverem avisado a Jenny que Chris sofreu um acidente, pedirei que lhe enviem uma mensagem assim que eu chegar. Ela pode pegar Elijah então.

Por enquanto, meu sobrinho tem que ficar comigo, então pego a bolsa de fraldas e a cadeirinha e corro para a entrada da emergência. Sou mais rápida do que as portas automáticas. Mas preciso parar por alguns segundos para que elas se abram o suficiente para que eu possa passar. Assim que entro, vou direto para a recepção. Não reconheço a enfermeira atrás da mesa. Eu costumava conhecer todo o pessoal do hospital, o fato da esposa de Chris saber o nome de todos durante as festas do trabalho era bom para a reputação dele, mas a rotatividade de funcionários é tão grande que nem tento mais me atualizar.

— Onde está o meu marido?

As palavras saem em pânico. Os olhos dela são solidários.

— Quem é o seu marido?

— Chris. — Estou ofegante. — Chris Grant. Ele trabalha aqui, o trouxeram há pouco tempo.

A expressão dela muda quando digo seu nome.

— Vou chamar alguém para ajudar. Acabei de começar meu turno.

— Você pode mandar uma mensagem para minha irmã? Ela também trabalha aqui. Jenny Davidson.

A enfermeira concorda com a cabeça, mas sai apressada, sem tentar entrar em contato com Jenny.

Coloco a cadeirinha de Elijah sobre o assento mais próximo. Tento ligar para Jenny de novo, depois para o celular de Jonah, mas os dois vão direto para a caixa postal.

Não tenho tempo para aguardar até que a enfermeira descubra que porra está acontecendo. Ligo para o hospital e peço para falar com a ala da maternidade. A ligação é transferida depois dos trinta segundos de espera mais torturantes da minha vida.

— Maternidade, como posso ajudar?

— Preciso falar com Jenny Davidson. Uma das enfermeiras daí. É uma emergência.

— Espere um pouco, por favor.

Elijah começa a chorar, então coloco o telefone no viva-voz, sobre o banco, para tirá-lo da cadeirinha. Ando de um lado para o outro, esperando Jenny atender, esperando uma enfermeira, esperando um médico, *esperando, esperando, esperando.*

— Senhora?

Agarro o telefone.

— Jenny está na escala de amanhã. Ela ainda não voltou da licença-maternidade.

Balanço a cabeça, frustrada. Elijah está ficando mais agitado. É fome.

— Não, ela voltou hoje de manhã.

Há um momento de hesitação do outro lado da linha antes de ela repetir.

— Jenny está na escala de amanhã. Estou aqui desde cedo, e ela não veio.

Antes de eu começar a brigar, as portas externas se abrem, e Jonah vem correndo. Ele faz uma pausa rápida, quase como se não esperasse que eu já estivesse ali. Desligo o telefone e o jogo em uma cadeira.

— Graças a Deus — digo, passando Elijah para o pai.

Enfio a mão na bolsa e pego uma chupeta. Coloco-a na boca de Elijah e volto para a recepção, toco a sineta três vezes.

Agora, Jonah está ao meu lado.

— O que você sabe?

— Nada — respondo, irritada. — Só me contaram no telefone que foi um acidente de carro.

Finalmente encaro Jonah, e nunca o vi assim antes. Pálido. Inexpressivo. Por um instante, fico mais preocupada com ele do que comigo mesma, então tiro Elijah de seu colo. Ele vai até uma cadeira e senta. No meio da minha histeria

interna, a irritação começa a dar as caras. Chris é meu marido. Jonah devia estar mais preocupado comigo do que consigo mesmo agora.

A sala de espera está tão vazia que chega a ser preocupante. Elijah só se torna mais agitado, então sento a três cadeiras de distância de Jonah e tiro uma mamadeira da bolsa de fraldas. Está fria, mas é o que temos. No instante em que a coloco na boca do bebê, ele para de choramingar e começa a devorá-la.

Meu sobrinho cheira a talco. Fecho os olhos e pressiono uma bochecha no topo de sua cabeça quente, torcendo para a distração me ajudar a não desmoronar. Lá no fundo, sinto que as coisas podem não terminar bem. Se não estão deixando a gente ver Chris, significa que ele deve estar em cirurgia. Com sorte, uma cirurgia pequena.

Quero minha irmã. Jonah não é alguém capaz de me consolar em um momento como este. Na verdade, seria melhor que ele não estivesse aqui, mas, se eu conseguir falar com Jenny, ela vai tornar tudo mais evidente. E talvez consiga descobrir mais informações sobre Chris. Talvez Jonah já tenha falado com ela.

— Jenny está vindo? — Ergo a cabeça assim que Jonah foca o olhar em mim. Ele não me responde. Apenas me encara com a testa franzida, então continuo: — Tentei ligar para ela, mas a pessoa que atendeu ao telefone na maternidade ficou insistindo que seu nome não está na escala.

Os olhos de Jonah se apertam enquanto sua cabeça balança.

— Não estou entendendo — diz ele.

— Pois é. Eu expliquei que Jenny começava hoje, mas a mulher continuou insistindo.

— Por que você tentou ligar para Jenny?

Ele levanta. A confusão que emana de seu corpo está me deixando mais nervosa do que antes.

— Jenny é minha irmã. É óbvio que quero falar com ela e contar sobre Chris.

Jonah balança a cabeça.

— O que *houve* com Chris?

O que houve com Chris?

Estou tão confusa.

— Como assim? O hospital me ligou e disse que Chris sofreu um acidente. Por que outro motivo eu estaria aqui?

Jonah engole em seco, esfregando o rosto com as mãos. De algum jeito, seus olhos se tornam ainda mais preocupados.

— Morgan. — Ele se aproxima de mim. — Eu vim porque *Jenny* sofreu um acidente.

Se eu já não estivesse sentada, teria caído.

Não emito um som. Apenas o encaro e tento processar tudo. Balanço a cabeça e tento falar, mas minhas palavras saem fracas.

— Você deve ter entendido errado. Os dois não podem ter sofrido...

— Espere aqui — diz Jonah.

Ele vai até a recepção e toca a sineta. Pego meu telefone e ligo para o número de Jenny. Caixa postal de novo. Ligo para o número de Chris. Talvez tenha acontecido algum erro no sistema. O telefone dele também vai para a caixa postal.

Só pode ser um engano.

Alguns segundos se passam sem ninguém dar sinal de vida, então Jonah vai até as portas que levam à emergência. Ele bate nelas até alguém finalmente aparecer na recepção. Reconheço a enfermeira na mesma hora. Ela se chama Sierra. Sua filha é da turma de Clara. Ela me encara, e então seus olhos se focam em Jonah.

— Acho que houve algum engano — diz ele.

Estou ao seu lado agora, segurando Elijah. Não sinto minhas pernas. Nem sei como andei da cadeira até aqui.

— Quem sofreu um acidente? Quem está na emergência? — Não consigo segurar as perguntas que jorram de mim. — Foi meu marido ou minha irmã?

Os olhos de Sierra vão de mim para Jonah, e então para a mesa diante dela.

— Vou buscar alguém que possa ajudar, Morgan.

Jonah agarra o cabelo quando ela se afasta.

— *Droga*.

Fica nítido que ninguém quer estar na nossa presença. As pessoas estão nos evitando, e isso me apavora. Ninguém gosta de dar notícias ruins.

— Os dois não podem ter se machucado — sussurro. — Não podem.

— E não se machucaram — responde Jonah. Sua voz é tão confiante que quase acredito nisso. Mas então ele esfrega a testa e se apoia na parede. — Quem ligou para você? O que disseram?

— O hospital. Uns vinte minutos atrás. A pessoa especificou que era Chris. Ninguém falou de Jenny.

— Foi a mesma coisa comigo, mas me contaram dela.

Nesse instante, Sierra volta, dessa vez abrindo as portas.

— Venham comigo.

Ela não nos leva para um quarto. Vamos para outra sala de espera, dentro da ala da emergência.

Elijah está no colo do pai agora. Nem percebi quando ele o tirou de mim. Sierra diz para sentarmos, mas nós dois continuamos de pé.

— Ainda não sei nada sobre a condição deles.

— Então foram *mesmo* os dois? — pergunta Jonah. — Jenny *e* Chris?

Ela concorda com a cabeça.

— Ah, meu Deus — sussurro.

Baixo a cabeça entre as mãos. Duas lágrimas enormes escorrem por minhas bochechas.

— Sinto muito, Morgan — diz Sierra. — Vocês podem esperar aqui, e volto assim que souber de alguma coisa.

Ela sai da sala e fecha a porta.

Jonah senta ao meu lado.

Faz menos de dez minutos que estamos na emergência, mas o fato de não sabermos nada dá a impressão de que horas se passaram.

— Talvez o carro de um dos dois tenha quebrado — murmura Jonah. — Deve ser por isso que estavam juntos.

Assinto, mas minha mente não consegue processar a frase agora. Não sei por que os dois ocupavam o mesmo carro. Não sei por que Jenny mentiu e disse que ia trabalhar hoje. Nem me importo com nada disso. Só preciso saber que eles estão bem.

Jonah prende um Elijah adormecido na cadeirinha, levanta e começa a perambular pela sala. Vejo a hora no meu celular. Preciso pedir a alguém para buscar Clara. Uma amiga minha. Ou Lexie. Quero que alguém esteja com ela antes que a notícia do acidente chegue por outra fonte.

Eu devia ligar para os pais de Chris.

Não, vou esperar. Quero saber se ele está bem primeiro. Os dois moram na Flórida. Não há muito o que possam fazer de lá além de se preocupar sem necessidade.

Jonah liga para a mãe e pergunta se ela pode vir buscar Elijah. Antes de ele desligar, chamo sua atenção.

— Será que ela pode buscar Clara?

Jonah concorda com a cabeça, compreendendo, e então pede à mãe que busque minha filha na escola. Então liga para a escola e me passa o telefone.

Aviso que a mãe dele vai buscá-la.

Clara já se encontrou com ela algumas vezes, mas vai ficar confusa, e a mãe de Jonah não está na lista de pessoas que podem buscá-la na escola. Só não quero que ela venha dirigindo sozinha até aqui. Clara vai ficar preocupada e em pânico, e não faz tanto tempo assim que tirou a carteira.

Mais alguns minutos se arrastam. Jonah passa o tempo ligando para a delegacia, tentando descobrir mais informações sobre o acidente. Não lhe contam muita coisa. Ele pergunta o modelo do carro que bateu. Era o de Jenny. Um Toyota Highlander. Um homem estava no volante. Mas não fornecem outras informações.

— Por que Chris estava dirigindo o carro dela? — pergunta Jonah. Eu encaro a pergunta como retórica, mas ele murmura outra: — Por que ela mentiu sobre trabalhar hoje?

Continuo vigiando meu telefone como se Jenny ou Chris fossem me ligar para contar que estão bem.

— Morgan — diz Jonah.

Não olho para ele.

— Você acha... será que eles estão tendo um...

— Não termine essa frase — rebato.

Não quero escutar isso. Nem pensar nisso. É um absurdo. É incompreensível.

Levanto e começo a perambular pelo espaço da sala que ainda não foi perambulado por Jonah. Nunca me irritei tanto com sons. Os bipes vindo do corredor, as batidas dos dedos de Jonah contra a tela do telefone enquanto ele manda mensagens para os celulares de Jenny e Chris, os autofalantes chamando médicos e enfermeiras de um lugar para outro, o barulho dos meus sapatos contra o piso de madeira. Estou extremamente irritada com tudo, mas a cacofonia de sons é a única coisa em que desejo pensar agora. Não quero nem imaginar os motivos para Chris e Jenny estarem no mesmo carro.

— Clara já vai chegar. E minha mãe — diz Jonah. — Precisamos bolar uma desculpa para Chris e Jenny estarem juntos.

— Por que mentir? Tenho certeza de que devia ser por causa do trabalho.

Jonah encara o chão, mas vejo que sua fisionomia está cheia de desconfiança. Preocupação. *Medo*.

Limpo as lágrimas e concordo com a cabeça, porque sei que ele pode estar certo. Prefiro acreditar que está errado, mas sua mãe e Clara podem fazer perguntas. Elas vão querer detalhes ou vão começar a ter as mesmas dúvidas que

eu e Jonah. Não podemos dizer que não sabemos por que os dois estavam juntos. Isso só deixaria minha filha mais desconfiada, sem necessidade.

— Podemos dizer que o pneu de Chris furou e Jenny lhe deu uma carona para o trabalho — sugiro. — Pelo menos até os dois poderem se explicar.

Nós fazemos contato visual... algo que evitamos desde que entramos na emergência. Jonah assente, pressionando os lábios, e alguma coisa em seu olhar acaba comigo.

Como se sentisse que estou prestes a desabar... a perder as forças... ele se aproxima e me puxa para um abraço reconfortante. Estou com medo, agarrada aos seus braços, com os olhos fechados bem apertados, quando a porta finalmente se abre.

Nós nos separamos. Jonah dá um passo para a frente, mas, quando vejo o olhar do médico, ando para trás.

Ele começa a falar, mas não sei exatamente o que diz, porque suas palavras não significam nada para mim. Encontro as respostas em seus olhos pesarosos. Na forma como seus lábios se curvam para baixo nos cantos. Em sua postura cheia de remorso.

Quando o médico nos diz que não havia nada que pudessem fazer, Jonah desaba em uma cadeira.

E eu só... *desmorono*.

6

Clara

Quando eu era mais nova, colecionava globos de neve. Havia uma prateleira cheia deles no meu quarto, e, às vezes, eu os chacoalhava, um atrás do outro, e depois sentava na minha cama para assistir aos flocos e purpurina dançando dentro do vidro.

Depois de um tempo, o interior do globo começava a se acalmar. Tudo ficava imóvel, e então minha prateleira voltava a seu estado calmo, tranquilo.

Eu gostava deles porque me lembravam da vida. De como, às vezes, parece que alguém está sacudindo o mundo ao seu redor, e as coisas vêm voando de várias direções, mas, se você esperar por tempo suficiente, tudo começa a se acalmar. Eu gostava da sensação de saber que a tempestade interior sempre acaba se acalmando.

Esta semana provou para mim que nem todas as tempestades melhoram. Às vezes, os danos são catastróficos demais para serem consertados.

Faz cinco dias desde que a mãe de Jonah apareceu na escola para me levar para o hospital. E de lá para cá parece que estou dentro de um globo de neve que alguém sacudiu e depois jogou no chão. Sinto como se minha vida tivesse em cacos, e eles estivessem espalhados pelo piso de madeira empoeirado de alguém.

Fui quebrada de um jeito irreparável.

E só posso culpar a mim mesma pelo que aconteceu.

É injusto como um acontecimento... um segundo... pode abalar todo o seu mundo. Virar sua vida de pernas para o ar. Acabar com cada um dos momentos

felizes que levaram àquele segundo avassalador.

Estamos todos agindo como se nossa garganta estivesse cheia de lava. Como se só o silêncio não nos ferisse.

Minha mãe fica perguntando se estou bem, e só consigo concordar com a cabeça. Além dessas palavras, ela permanece tão quieta quanto eu. É como se estivéssemos em um pesadelo — no qual não queremos comer, beber ou falar. E nossa única vontade é gritar, mas não adianta tentar, porque nada sai de nossa garganta oca.

Não sou de chorar. Acho que puxei minha mãe nesse sentido. Choramos juntas no hospital. Jonah e sua mãe também. Mas, assim que saímos de lá e fomos para a funerária, minha mãe se tornou tão equilibrada e serena quanto as pessoas esperam. Ela consegue aparentar coragem em público e guardar suas lágrimas para o quarto. Sei disso porque faço a mesma coisa.

Meus avós chegaram da Flórida há três dias. Estão aqui em casa. Minha avó ajuda nos afazeres domésticos, e tenho certeza de que isso está sendo bom para mamãe. Ela teve que planejar um funeral não só para o marido, mas também para a irmã.

O funeral de tia Jenny foi ontem. O de papai é agora.

Minha mãe insistiu para que fossem separados, o que me irritou. Ninguém quer passar por isso em dois dias seguidos. Nem os mortos.

Não sei o que é mais cansativo. Os dias ou as noites. Durante os dias desde o acidente, a porta da nossa casa não para de abrir e fechar. Pessoas trazendo comida, oferecendo seus pêsames, aparecendo para ver como estamos. A maioria trabalhava com eles no hospital.

Passo as noites com o rosto enterrado no meu travesseiro ensopado.

Sei que minha mãe quer acabar logo com isso. Que está pronta para os sogros voltarem para casa.

Eu estou pronta para voltar para casa.

Passei a maior parte da cerimônia segurando Elijah. Desde que tudo aconteceu, não sei por que quero tanto segurá-lo. Talvez a juventude do meu primo seja um pouco reconfortante em meio a tanta morte.

Ele começa a ficar inquieto em meus braços. Não é fome — a mãe de Jonah acabou de alimentá-lo. Troquei sua fralda antes de a cerimônia começar. Talvez não goste do barulho. O pastor que minha mãe escolheu parece não saber como segurar um microfone. Seus lábios ficam roçando a superfície. Toda vez que o homem se aproxima das caixas de som, elas chiam.

Quando Elijah começa a chorar alto, olho para o fim do banco em busca de Jonah, mas seu assento está vazio. Por sorte, estou sentada na outra extremidade, perto da parede. Em silêncio, saio dali sem precisar andar pelo meio da igreja. A cerimônia já está quase no fim, de toda forma. Haverá a oração, depois todo mundo vai passar pelo caixão e nos abraçar, e pronto.

Já abracei a maioria dessas pessoas ontem, no funeral de tia Jenny. Não estou com vontade de repetir a dose. Esse é um dos motivos para minha insistência em segurar Elijah. Não posso abraçar ninguém enquanto seguro meu primo.

Saio da capela, vou para o hall, coloco Elijah no carrinho e o levo para fora. Ironicamente, o dia está lindo. O sol aquece minha pele, mas a sensação não é boa. Parece injusto. Meu pai adorava dias assim. Uma vez, ele faltou ao trabalho e me levou para pescar, só porque o clima estava maravilhoso.

— Ele está bem?

Olho para a esquerda, e Jonah está apoiado na parede da igreja, na sombra. Ele se empurra para longe dos tijolos e vem na nossa direção. Acho estranho sua ausência lá dentro. Supostamente, meu pai e Jonah eram melhores amigos, e ele resolveu não participar do funeral?

Acho que não posso falar muito. Também estou aqui fora.

— Elijah estava ficando agitado, então vim para cá.

Jonah coloca a palma da mão sobre a cabeça do filho, passando o dedão pela sua testa.

— Pode voltar. Acho que já vamos para casa.

Estou com inveja por ele poder ir embora. *Eu* quero ir embora.

Não entro de novo. Sento em um banco bem na porta da capela e observo Jonah empurrar o carrinho pelo estacionamento. Depois de prender Elijah na cadeirinha e guardar o carrinho na mala, ele acena para mim enquanto entra no carro.

Eu aceno de volta, incapaz de esconder minha pena. Elijah ainda não completou nem dois meses, e Jonah terá que criá-lo sozinho agora.

Meu primo nunca vai saber como era tia Jenny.

Talvez eu devesse anotar algumas das minhas lembranças favoritas antes de começar a esquecê-las.

Esse pensamento traz à tona minha tristeza. Eu vou começar a esquecê-los. Tenho certeza de que isso não vai ser imediato, mas vai acontecer, com o tempo. Vou esquecer como meu pai era desafinado cantando as músicas de John Denver a plenos pulmões enquanto cortava a grama. Vou esquecer como tia Jenny

piscava para mim sempre que minha mãe dizia algo que deixava transparecer seu lado autoritário. Vou esquecer como meu pai sempre tinha cheiro de café ou grama fresca, e como tia Jenny cheirava a mel, e, quando eu me der conta, vou ter esquecido o tom da voz deles e como era o rosto dos dois ao vivo.

Uma lágrima escorre por minha bochecha, depois outra. Eu deito no banco e encolho as pernas. Fecho os olhos e tento não me deixar engolir por mais culpa. Porém o sentimento enrosca seus braços ao meu redor, me apertando tanto que tira o ar de meus pulmões. Desde que me contaram sobre o acidente, eu soube, no fundo, por que ele aconteceu.

Eu estava trocando mensagens com tia Jenny.

Ela me respondeu no começo... e então parou. Nunca recebi uma resposta, e, duas horas depois, veio a notícia.

Seria bom pensar que a culpa não foi minha, mas tia Jenny disse que estava a caminho do trabalho quando mandei a mensagem. Eu devia ter ficado mais preocupada sobre ela ler as mensagens enquanto dirigia, mas só pensei em mim mesma e nos meus problemas.

Fico me perguntando se mamãe sabe que a batida aconteceu por causa da minha conversa com tia Jenny. Se eu não tivesse insistido em falar com ela naquele instante — se tivesse esperado até que chegasse ao hospital —, minha mãe não teria perdido a irmã e o marido. Não teria que passar pelo fardo de enterrar duas das pessoas mais importantes da sua vida.

Jonah não teria perdido Jenny. Elijah não teria perdido a mãe.

Eu não teria perdido meu pai — o único homem que já amei.

Será que olharam o telefone de tia Jenny? Seria possível descobrir que ela estava mandando mensagens e dirigindo?

Sei que, para minha mãe, descobrir que tudo aconteceu porque eu queria que tia Jenny falasse comigo enquanto dirigia só seria outra fonte de sofrimento.

Essa percepção faz com que eu não queira estar aqui, em um funeral em que todas as lágrimas são derramadas por minha culpa.

— Oi.

Meus olhos se abrem ao som da voz dele. Miller está parado à minha frente, as mãos nos bolsos da calça. Sento no banco, esticando o vestido para cobrir minhas coxas. Estou surpresa em vê-lo. Ele está de terno. Todo de preto. É horrível saber que meu corpo consegue, de algum jeito, sentir tamanha tristeza e ser atiçado com uma pontada de atração assim que Miller surge. Seco as lágrimas do rosto com a palma das mãos.

— Oi.

Ele aperta os lábios e olha ao redor, como se aquela situação fosse tão desconfortável quanto acho que é.

— Eu quis dar um pulo aqui. Para ver como você estava.

Não estou bem. Não mesmo. Quero dizer isso, mas a única coisa que sai é:

— Não quero estar aqui.

Não estou pedindo que ele me leve a algum lugar. Apenas estou sendo sincera sobre o que sinto agora. Mas ele indica o estacionamento com a cabeça.

— Então vamos.



Miller dirige a velha picape azul que estava na frente de sua casa no dia em que lhe dei carona. Nem sei o modelo da picape, mas a cor é igual à do céu agora. As janelas estão abertas, então imagino que o ar-condicionado não funcione mais. Ou talvez ele só goste de dirigir com as janelas abertas. Puxo meu cabelo para cima e faço um coque para que pare de bater na minha cara. Prendo as mechas soltas atrás das orelhas e apoio o queixo no braço enquanto olho pela janela.

Não pergunto aonde vamos. Nem me importo. Só sei que, a cada quilômetro que me afasto daquela funerária, mais a pressão no meu peito é aliviada.

Está tocando uma música, e peço a Miller que aumente. Nunca a escutei antes, mas é bonita e não tem ligação alguma com meus pensamentos. A voz do cantor é tão tranquilizante que parece um curativo. Assim que ela acaba, peço que a toque de novo.

— Não dá — diz Miller. — É o rádio. A picape é velha demais para bluetooth.

— Qual era o nome da música?

— "Dark Four Door", de Billy Raffoul.

— Gostei.

Volto a olhar pela janela quando outra música começa. Ele tem bom gosto. Eu queria poder fazer isto o dia inteiro, todos os dias. Andar por aí escutando canções tristes enquanto Miller dirige. Por algum motivo, a tristeza musical acalma a tristeza da minha alma. É como se quanto mais melancólica for a música, melhor eu me sinto. Canções dramáticas são como drogas, acho. Fazem mal à beça, mas trazem uma sensação boa.

Não falo com propriedade. Nunca usei drogas, então nunca testei essa comparação específica. Nunca nem fumei maconha. É difícil ter atitudes rebeldes normais da adolescência quando se tem pais que se esforçam para compensar os erros que *eles* cometeram quando tinham a sua idade.

— Você está com fome? — pergunta Miller. — Com sede?

Eu paro de olhar a janela e me viro para ele.

— Não. Mas meio que quero ficar chapada.

Seus olhos se desviam um instante da estrada e se focam em mim. Ele abre um sorrisinho.

— Com certeza quer.

— Estou falando sério — digo, me empertigando. — Nunca experimentei antes, e quero muito sair da minha cabeça hoje. Você tem maconha?

— Não — responde Miller.

Eu afundo no banco, decepcionada.

— Mas sei onde você pode conseguir.



Dez minutos depois, Miller estaciona atrás do cinema da cidade. Então me pede que espere na picape. Quase digo para ele deixar para lá, que foi só uma ideia aleatória. Mas parte de mim está curiosa para saber se isso vai melhorar minha tristeza. A essa altura, eu faria qualquer negócio.

Ele entra no cinema e, menos de um minuto depois, volta com um cara que parece um pouco mais velho que nós. Talvez tenha uns vinte e poucos anos. Não o reconheço. Os dois vão até um carro, e, em quinze segundos, dinheiro e maconha são trocados. *Simples assim*. Parece tão fácil, mas o nervosismo me deixa agitada. Maconha não é legalizada no Texas, e Miller só tem dezessete anos.

Sem contar que ele tem uma câmera de monitoramento de trânsito novinha em folha nesta picape velha. Tenho certeza de que ela não filmou a transação, mas, se ele fosse preso agora, a polícia revistaria o carro, provavelmente assistiria ao vídeo e escutaria que as drogas eram para mim.

Meu joelho está balançando de nervosismo quando Miller entra na picape.

Ele dirige até a lateral do cinema e embica para a estrada, de forma que vemos o estacionamento todo. Então tira um saquinho do bolso. O baseado já está

pronto.

A picape é tão velha que tem um daqueles acendedores de cigarro embutidos. Miller o liga e me entrega o baseado. Eu o encaro, sem saber o que fazer com aquilo. Então olho para ele, esperançosa.

— Você não vai acender para mim?

Ele balança a cabeça.

— Eu não fumo.

— Mas... você tem um fornecedor.

Miller ri.

— Ele se chama Steven. Trabalha comigo, não vende maconha. Mas sempre tem.

— Bem, mas que merda. Eu não achei que ia ter que fazer tudo sozinha. Nunca nem acendi um cigarro.

Pego meu telefone e abro o YouTube. Procuro como acender um baseado e começo a assistir a um vídeo.

— O YouTube tem tutoriais sobre como fumar maconha? — pergunta Miller.

— Pois é, que escândalo.

Ele acha graça. Dá para ver pela expressão em seu rosto. Então chega mais perto para assistir ao vídeo comigo.

— Tem certeza de que você quer ficar chapada? Suas mãos estão tremendo.

Ele tira o telefone de mim.

— Seria falta de educação mudar de ideia agora. Você já pagou.

Miller continua segurando o celular virado para a gente. Quando o vídeo termina, tiro o acendedor do buraco e o encaro com hesitação.

— Aqui. Posso tentar.

Eu lhe passo o acendedor, e Miller acende o baseado como um profissional. Isso meio que me faz questionar sua afirmação inicial. Ele traga uma vez, depois sopra a fumaça na direção oposta a mim, pela janela aberta. Então passa o baseado para mim, mas, quando tento tragar, acabo tossindo e babando tudo. Não sou tão elegante quanto ele.

— Se você não fuma maconha, como é que sabe tão bem o que fazer?

Miller ri.

— Eu não disse que nunca tinha fumado. Só que nunca acendi um antes.

Tento de novo, mas ainda não desce bem.

— Que nojento — engasgo.

— Fica melhor quando está na comida.

— Então por que é que você não me arranjou na comida?

— Porque Steven não tinha, e não gosto muito de drogas.

Encaro o baseado que seguro entre dois dedos e me pergunto como vim parar aqui quando devia estar no funeral do meu pai. Acho que também não gosto muito de drogas. Não parece algo natural para mim.

— E do que é que você *gosta*? — pergunto, voltando a olhar para Miller.

Ele recosta a cabeça no banco e pensa um pouco.

— Chá gelado. E broas de milho. Adoro broas de milho.

Solto uma gargalhada. Não era o que eu estava esperando. Enrolo um pouco antes de tragar de novo. Lexie ficaria horrorizada se me visse agora.

Merda. Lexie.

Eu nem contei a ela que fui embora do funeral. Olho para meu telefone, mas ela não mandou mensagem. Só recebi uma da minha mãe, quinze minutos atrás.

Mãe: Cadê você?

Viro a frente do celular. Se eu não estiver vendo a mensagem, ela não existe.

— E você? — pergunta Miller. — Do que gosta?

— De atuar. Mas você já sabe disso.

Ele faz uma careta.

— Por algum motivo, quando você me perguntou do que eu gostava, achei que estivéssemos falando das coisas que gostamos de ingerir.

Eu sorrio.

— Não, pode ser qualquer coisa. O que deixa você fissurado? Qual é a única coisa na vida da qual nunca abriria mão?

É bem capaz de ele responder Shelby.

— Fotografia — responde Miller, rápido. — Filmar, editar. Qualquer coisa que me coloque atrás de uma câmera. — Ele inclina a cabeça e sorri para mim. — Mas você já sabe disso.

— É por isso que tem uma câmera no carro? — pergunto, apontando para ela. — Porque precisa estar atrás da câmera mesmo enquanto dirige?

Ele concorda com a cabeça.

— Também tenho esta. — Miller abre o porta-luvas e pega uma GoPro. — Sempre carrego alguma câmera comigo. Nunca se sabe quando aquele momento fotográfico perfeito vai surgir.

Acho que talvez ele goste tanto de filmagens quanto eu gosto de atuar.

— Pena que sua ex não vai deixar a gente participar juntos do trabalho de cinema. Nós provavelmente seríamos uma boa dupla. — Levo o baseado à boca de novo, apesar de odiá-lo. — Quanto a gente precisa fumar antes de começar a se sentir anestesiado?

— *Nem sempre* a gente se sente anestesiado. Às vezes, ficamos nervosos e paranoicos.

Olho para o baseado, decepcionada.

— Bem, que bosta. — Procuro algum lugar para jogá-lo fora, mas a picape não tem cinzeiro. — O que eu faço com isso? Não gostei.

Miller o tira da minha mão e aperta a ponta com os dedos. Então sai da picape, joga o baseado no lixo e volta.

Que cavalheiro. Primeiro compra maconha para mim, depois joga tudo fora.

Hoje foi um dia muito esquisito. E ainda não sinto nada. Continuo cheia de tristeza.

— Eu voltei com Shelby.

Retiro o que disse. Eu senti isso.

— Que droga — respondo.

— Na verdade, não.

Giro a cabeça e olho bem para ele.

— Não... é, sim. É uma droga. Você nem devia ter tocado nesse assunto.

— Não toquei — responde ele. — Foi você. Você acabou de dizer que ela é minha ex, e achei melhor deixar explícito que voltamos.

Nem sei por que Miller está me dizendo isso. Inclino a cabeça, estreitando os olhos.

— Acha que estou a fim de você? É por isso que fica me contando sobre seu namoro quando estamos juntos?

Miller sorri.

— Você é nervosinha.

Eu rio, desviando meu olhar porque estou com medo de a risada se transformar em choro. Mas é engraçado. Triste e engraçado ao mesmo tempo, porque minha mãe costumava dizer que meu pai também era nervosinho. Comprovando que filho de peixe, peixinho é.

Miller deve estar achando que me ofendeu, porque se inclina um pouco para a frente, tentando chamar minha atenção.

— Eu não quis dizer de um jeito negativo.

Dispenso seu comentário com um aceno de mão, mostrando que não me ofendi.

— Está tudo bem. Você tem razão. Sou nervosinha. Gosto de discutir, mesmo quando sei que estou errada. — Eu o encaro. — Mas estou melhorando. Já aprendi que, às vezes, você precisa sair de uma briga para vencê-la.

Tia Jenny me disse isso uma vez. É algo de que tento me lembrar sempre que fico na defensiva.

Miller sorri de um jeito amigável, e não sei se a maconha finalmente fez efeito ou se é seu sorriso que está me deixando tonta. De toda forma, a dor de cabeça que sinto há cinco dias de tanto chorar desaparece.

— Se você voltou com Shelby, por que veio ver como eu estou? Tenho certeza de que ela não vai gostar.

Seu rosto assume uma expressão culpada. Miller segura com força o volante, depois deixa as mãos escorregarem pela lateral.

— Eu ia me sentir mais culpado se *não* falasse com você.

Quero muito destrinchar esse comentário, mas nossa conversa é estragada pela intromissão de um carro que para ao nosso lado. Olho pela janela aberta e me empertigo.

— Bosta.

— Entre no carro, Clara.

As palavras da minha mãe soam firmes e altas, mas talvez seja porque as janelas estão abertas e ela parou tão perto da picape que acho que não vou conseguir abrir a porta.

— É a sua mãe? — sussurra Miller.

— Ahã. — Mas, por mais estranho que pareça, não fico tão nervosa quanto deveria. Talvez a maconha tenha mesmo ajudado, porque meio que quero rir da presença dela ali. — Esqueci que temos um aplicativo de busca. Ela consegue me encontrar em qualquer lugar.

— Clara — repete minha mãe.

Miller ergue uma sobrancelha.

— Boa sorte.

Eu lhe dou um sorriso apertado e abro a porta. E vejo que estava certa — não consigo sair.

— Você parou perto demais, mãe.

Ela respira fundo devagar e dá marcha a ré. Quando a porta é liberada, saio sem nem olhar para Miller. Vou até o carro da minha mãe e entro. Ela não diz

nada enquanto se afasta do cinema.

Nada até as palavras:

— Quem era aquele?

— Miller Adams.

Consigo sentir seu desgosto, apesar do silêncio. Alguns segundos depois, ela vira a cabeça para mim.

— Ah, meu Deus. Você está chapada?

— Ahn?

— Você estava fumando maconha com aquele garoto?

— Não. A gente só estava conversando.

Eu não pareço muito convincente.

Ela solta um *humpf* e diz:

— Você está fedendo a maconha.

— Estou?

Eu cheiro meu vestido, o que é uma idiotice, porque alguém que sabe que não está fedendo a maconha não se cheiraria para saber se está fedendo a maconha.

A mandíbula dela trinca ainda mais quando nossos olhares se encontram. Algo me entregou completamente. Abro o quebra-sol e vejo meus olhos injetados. *Eita, que rápido.* Fecho o quebra-sol em seguida.

— Não acredito que você saiu do funeral do seu pai para fumar maconha.

— Só fui embora no final.

— Era o *funeral* do seu pai, Clara!

Ela está irritadíssima. Suspiro e olho pela janela.

— Por quanto tempo estou de castigo?

Minha mãe bufa, frustrada.

— Vou decidir depois que conversar com seu pa...

Sua boca se fecha quando ela percebe o que estava prestes a dizer.

Não tenho certeza, porque continuo olhando pela janela, mas acho que minha mãe chora até chegarmos em casa.

7

Morgan

Dois anos, seis meses e treze dias. Essa é a quantidade exata de tempo que eu e Clara vamos conseguir nos bancar com o seguro de vida de Chris se continuarmos vivendo como se nada tivesse mudado. A pensão dele não vai chegar nem perto do seu salário, o que significa que decisões precisam ser tomadas. Gastos precisam ser revistos. A poupança para a faculdade de Clara talvez sofra uns cortes. Preciso arrumar um emprego. Uma *carreira*.

Ainda assim... Não consigo levantar da cama ou do sofá para encarar nada disso. Sinto como se quanto mais horas se passarem entre o acidente e meu momento atual, menor ficará a dor. E quando a dor passar, talvez minha falta de vontade de fazer tudo que precisa ser feito diminua.

Acho que a melhor maneira de sair do ponto A (tristeza) e chegar ao ponto B (menos tristeza) seja dormir. Acho que Clara também se sente assim, porque passamos a maior parte do fim de semana na cama.

Ela mal falou comigo desde o funeral. Tirei seu telefone assim que a encontrei fumando maconha. Mas também não estou no clima para conversar ultimamente, então não forço a barra.

Não forço a barra, mas lhe dou abraços. Não sei se faço isso porque preciso deles ou porque estou preocupada com a forma como ela está lidando com tudo. Na terça, o acidente vai completar uma semana, e não faço ideia se Clara deve voltar para a escola amanhã ou se precisa de mais tempo. Eu lhe daria mais tempo se ela precisasse, mas ainda não tocamos nesse assunto.

Dou uma olhada no quarto dela para ver se está tudo bem. Não sei como lidar com esse tipo de tristeza. Nunca tivemos que enfrentar nada tão terrível. Eu me sinto perdida sem Chris. E até sem Jenny. Os dois sempre foram as pessoas com quem eu falava quando precisava desabafar ou queria ser tranquilizada sobre como educo Clara.

Minha mãe morreu alguns anos atrás, mas, de toda forma, ela seria a última pessoa para quem eu pediria conselhos maternais. Tenho amigas, mas nenhuma delas passou por esse tipo de perda inesperada. Sinto como se eu estivesse navegando em águas desconhecidas por todos que conheço. Quero que Clara faça terapia, mas só daqui a um mês. Assim ela vai ter tempo para digerir a parte mais dolorosa do luto antes de forçá-la a fazer algo que sei que não vai agradá-la.

A casa nunca esteve tão silenciosa. Não há nem o som da televisão ao fundo, porque aquela porcaria continua quebrada. Era Chris quem lidava com todas as contas, então nem tenho certeza do nome da nossa operadora. Vou acabar descobrindo com o tempo.

Sento no chão da sala. Está escuro, e tento meditar, mas, na verdade, a única coisa que faço é tentar pensar em qualquer coisa além de Chris e Jenny, só que é difícil. Quase todas as minhas lembranças incluem os dois.

Eles foram parte de todos os marcos da minha vida. Minha gravidez inteira de Clara. O nascimento dela. Nosso casamento, nossos aniversários, formaturas, férias em família, churrascos, encontros no cinema, pescarias e viagens para acampar, o nascimento de Elijah.

Todos os momentos importantes da minha vida incluíram Chris e Jenny. Eles eram meu mundo inteiro, e vice-versa. E é por isso que me recuso a contemplar o motivo para os dois estarem juntos. Não é possível que eles me trairiam dessa maneira. Que trairiam *Clara* dessa maneira. Eu saberia.

Eu *com certeza* saberia.

Meus pensamentos são interrompidos pela campainha.

Vejo o carro de Jonah pela janela enquanto sigo para a entrada. Não sinto alívio ao vê-lo, porque preferia não receber visitas, mas sua presença também não causa a irritação de sempre. É lógico que estou arrasada por Jenny e Chris, mas tenho bom senso suficiente para entender que a situação é pior para Jonah do que para mim. Ele tem um bebê para criar.

Pelo menos eu tinha Chris, Jenny e meus sogros para ajudar com Clara.

Jonah só tem a mãe.

Acho que ele também tem a mim. Mas não sou de grande ajuda no momento.

Abro a porta, chocada com o que vejo. Jonah não faz a barba há alguns dias. E nem parece ter tomado banho. Ou dormido. Ele provavelmente não anda dormindo mesmo, porque *eu* não consigo dormir mesmo sem ter um filho pequeno para cuidar.

— Oi — diz ele, sua voz inexpressiva.

Abro mais a porta para deixá-lo entrar.

— Cadê Elijah?

— Minha mãe quis passar umas horas com ele.

Isso me deixa feliz. Jonah precisa de uma folga.

Não sei o motivo da visita, mas estou com medo de ele querer falar sobre o que aconteceu. Provavelmente veio analisar o motivo para os dois estarem juntos. Por mim, eu nunca tocaria nesse assunto. Quero fingir que nada aconteceu. O sofrimento de perdê-los já é suficiente. Não quero acrescentar mais esses dois sentimentos: a raiva e a sensação de ter sido traída.

Só quero sentir saudade. E acho que não tenho forças suficientes para odiá-los.

Passamos apenas uns cinco segundos parados em silêncio na sala, mas parece bem mais. Não sei o que fazer. Vamos sentar no quintal dos fundos? Ou à mesa da sala de jantar? No sofá? É uma situação estranha, porque não tenho mais qualquer intimidade com Jonah. Desde que ele voltou, meu hábito sempre foi evitá-lo, e, como não posso fazer isso agora, sinto como se estivéssemos fazendo algo completamente novo.

— Clara está em casa?

Concordo com a cabeça.

— Sim. No quarto.

Ele olha para o corredor.

— Eu queria conversar em particular, acha que é possível?

A sala de estar é o cômodo mais afastado do quarto de minha filha. Tenho uma visão direta do corredor e verei se ela sair de lá, então aponto a poltrona para ele e sento no sofá diante da entrada.

Jonah se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, segurando o queixo com os dedos esticados. Ele solta um suspiro pesado.

— Não sei se é cedo demais para ter esta conversa — começa ele —, mas tenho tantas perguntas.

— Eu *nunca* quero ter esta conversa.

Jonah suspira, se recostando na poltrona.

— Morgan.

Odeio como ele diz meu nome. Cheio de decepção.

— De que adiantaria, Jonah? Nós não sabemos por que eles estavam juntos. Se começarmos a analisar tudo, talvez a gente encontre respostas que não queremos.

Ele aperta o queixo. Passamos um minuto inteiro sentados em um silêncio absoluto, incômodo. Então, como se tivesse um pensamento novinho em folha, os olhos de Jonah encontram os meus.

— Onde está o carro de Chris? — Pela forma como afasto o olhar, ele percebe que eu estava tentando evitar pensar nisso. — Ele saiu daqui de carro naquele dia, não foi?

— Sim — sussurro.

Eu andei me perguntando sobre o carro, mas não tentei encontrá-lo. Estou com medo daquilo que sua localização poderia provar. Prefiro passar a vida inteira sem saber onde ele está do que encontrá-lo estacionado em algum hotel.

— Ele tinha OnStar?

Concordo com a cabeça. Jonah tira o telefone do bolso e sai de casa para fazer um telefonema. Vou correndo para a cozinha, porque preciso de uma bebida. Estou enjoada. Encontro a garrafa de vinho que Jonah e Jenny trouxeram para o meu aniversário, na semana passada. Nunca a abrimos, porque já tínhamos outra aberta. Tiro a rolha e me sirvo de uma taça.

Ela está quase vazia quando Jonah entra na cozinha.

Seu rosto está completamente pálido, e basta um olhar para saber que as notícias não são boas. É bem provável que meu maior medo esteja prestes a se tornar realidade, e, apesar de eu não querer saber, tenho que perguntar.

Cubro a boca com a mão, hesitante.

— Onde ele está? — sussurro.

O rosto de Jonah transmite as palavras antes mesmo de elas serem pronunciadas.

— Estacionado no Langford.

Tiro a mão da boca e aperto a barriga. Devo parecer que estou prestes a desmaiar, porque Jonah tira a taça de vinho de mim e a coloca com cuidado sobre a bancada.

— Liguei para o hotel — continua ele. — Estavam deixando mensagens na caixa postal de Chris. Disseram que podemos ir pegar as chaves e as coisas que deixaram no quarto deles.

No quarto *deles*.

No quarto de hotel da minha irmã e do meu marido.

— Não consigo, Jonah. — Minha voz é um sussurro sofrido.

A expressão no rosto dele agora é solidária. Jonah segura meus ombros e baixa a cabeça.

— Você precisa ir. O carro vai ser rebocado amanhã se a gente não buscá-lo hoje à noite. Você precisa do carro, Morgan.

Meus olhos estão cheios de lágrimas. Aperto os lábios e concordo com a cabeça.

— Certo, mas não quero saber o que tem dentro do quarto.

— Tudo bem. Você pode trazer o carro de Chris para casa, e eu cuido do resto.



Eu e Chris nos hospedamos no Langford uma vez. Foi no nosso aniversário de dois anos de casamento, antes de eu finalmente largar a faculdade. Ele trabalhava nos fins de semana e não conseguiu folga, então fez a reserva para uma noite de quarta. Minha mãe ficou com Clara, e passamos a noite inteira juntos. *Dormindo*.

Foi um paraíso.

Nós dois estávamos tão exaustos, cuidando de um bebê e tentando terminar os estudos, que, assim que conseguimos um momento de paz, aproveitamos. A gente só tinha dezenove e vinte anos. Não éramos nem velhos o suficiente para comprar álcool, mas nosso cansaço equivalia ao de alguém com o dobro da nossa idade.

Chegamos ao ponto em que o valor da creche era mais alto do que o meu salário de meio expediente. Nós mal conseguíamos pagar as contas, e a única explicação lógica seria eu ficar em casa com Clara. Chris disse que eu poderia terminar a faculdade depois que ele conseguisse seu diploma, mas nunca voltei. Depois que ele conseguiu emprego, as dificuldades financeiras diminuíram, e entramos em uma rotina confortável.

Eu estava satisfeita com minha vida. Achei que isso fosse mútuo. Mas, talvez, meu marido não estivesse tão feliz quanto pensei.

Estou sentada no carro de Jonah. Estacionamos ao lado do SUV de Chris. Jonah pegou a chave do quarto na recepção e entrou para encontrar as do carro. Faz cinco minutos que está lá dentro. Eu recosto a cabeça no banco e fecho os olhos, rezando em silêncio. Torcendo para ele voltar e me contar que as coisas que os dois deixaram para trás provam que estávamos completamente enganados. Mas eu já sei. No fundo do meu coração, sei que fui traída da pior maneira possível pela única pessoa que achei que jamais me magoaria.

Minha irmã. Minha melhor amiga.

O fato de Chris ter feito uma coisa dessas dói como uma punhalada no meu coração.

Mas Jenny? Minha alma está em frangalhos.

Quando Jonah volta para o carro, joga a mala de Jenny no assento de trás. A mala que eu e Chris lhe demos de presente de Natal no ano passado. Ele me entrega as chaves do carro.

Encaro a mala, me perguntando por que minha irmã precisaria dela. Jenny saiu de casa naquela manhã para trabalhar em um turno de doze horas — não para uma viagem. Por que precisaria de uma mala?

— Por que a mala estava lá?

Jonah não responde. Sua mandíbula parece dura como concreto enquanto ele encara o nada.

— Por que Jenny precisaria de uma mala, Jonah? Ela disse que ia trabalhar, não é? Não ia passar a noite fora.

— O uniforme dela está lá dentro — responde ele.

Mas algo em sua voz me faz pensar que isso é mentira.

Jenny levou uma mala para poder *tirar* o uniforme depois de sair da minha casa. Mas o que ela pretendia vestir?

Eu me estico para o banco de trás; ele segura meu punho e me impede. Puxo o braço e viro para o outro lado, tentando alcançar a mala de novo. Jonah me bloqueia, então passamos os próximos segundos nos debatendo no carro até ele passar os dois braços em torno de mim, tentando me trazer de volta para o lugar, mas já abri o zíper.

Assim que vejo o acabamento de renda preta da lingerie delicada, desabo sobre o banco do passageiro. Olho para a frente. Imóvel. Tento não deixar as imagens surgirem na minha cabeça, mas saber que minha irmã pretendia usar lingerie para meu marido deve ser uma das piores coisas imagináveis.

Jonah também não se mexe.

Em silêncio, lidamos com a realidade do que aquilo significa. Minhas dúvidas são devoradas por nossa nova verdade terrível. Eu me encolho, puxando os joelhos contra o peito.

— Por quê? — Minha voz se arrasta pelas paredes da minha garganta. Jonah estica um braço consolador, mas o empurro para longe. — Quero ir para casa.

Ele fica imóvel por um instante.

— Mas... o carro de Chris.

— Não quero aquela *merda* de carro!

Jonah me encara por um segundo, depois concorda com a cabeça. Ele liga o motor e dá marcha a ré para sairmos da vaga, deixando o SUV de Chris no mesmo lugar em que já estava havia uma semana.

Espero que ele seja rebocado. Está no nome de Chris — não no meu. Não quero ver aquele carro na minha casa. Por mim, ele pode ser penhorado pelo banco.



Assim que Jonah para na frente da minha casa, escancaro a porta do passageiro. Parece que estou prendendo a respiração desde que saímos do Langford, mas sair para o ar fresco da noite não me ajuda em nada a encher meus pulmões.

Não espero que Jonah venha atrás de mim, mas ele vem. Quando começa a me seguir pelo quintal, viro para encará-lo antes de abrir a porta da frente.

— Você sabia que os dois tinham um caso?

Ele nega com a cabeça.

— Óbvio que não.

Meu peito sobre e desce rápido. Estou com raiva, mas não de Jonah. Acho que não. Estou com raiva de tudo: de Chris, de Jenny, de todas as lembranças que tenho dos dois juntos; sei que, agora, essa é minha nova obsessão. Vou ficar o tempo todo me perguntando quando começou, o que cada olhar trocado significava, o que cada conversa entre eles queria dizer. Será que tinham piadas internas? Será que as faziam na minha frente? Será que riam da minha incapacidade de perceber o que acontecia entre os dois?

Jonah dá um passo hesitante para a frente. Estou chorando agora, mas não são as lágrimas de tristeza que passaram a semana inteira me atacando. Estas lágrimas vêm de uma angústia mais profunda, se é que isso é possível.

Tento puxar o ar, mas é como se meus pulmões estivessem entupidos. Jonah parece ficar mais preocupado conforme me observa, então se aproxima, invadindo meu espaço pessoal, dificultando ainda mais minha respiração.

— Sinto muito — diz ele, tentando acalmar o pânico dentro de mim.

Eu o empurro, mas não entro em casa. Não quero que Clara me veja assim. Estou arfando alto agora, e o fato de eu tentar parar de chorar não ajuda. Jonah me leva até uma cadeira na varanda da frente e me obriga a sentar.

— Não consigo... — Estou ofegante. — Não consigo respirar.

— Vou buscar um copo de água para você.

Ele entra, e, assim que a porta fecha, começo a chorar de soluçar. Cubro a boca com as mãos, tentando parar. Não quero estar triste. Nem com raiva. Só quero me sentir anestesiada.

Vejo algo pelo canto do olho, então me viro para a casa ao lado. A Sra. Nettle está espiando por trás da cortina da sala de estar, me observando chorar.

Essa mulher é a vizinha mais enxerida que já tivemos. Fico irritada por saber que ela está me vigiando, provavelmente se divertindo por me ver no meio de um ataque de pânico.

Quando ela se mudou, três anos atrás, não gostou da cor da nossa grama por achar que não combinava com a dela. Então tentou convencer a associação de moradores a nos obrigar a replantar o quintal com alfafa em vez de grama inglesa.

E isso foi no primeiro mês. Desde então, as coisas só pioraram.

Meu Deus, a raiva aleatória pela vizinha de oitenta anos está piorando minha respiração.

Meu coração bate tão rápido agora que consigo senti-lo martelando no meu pescoço. Levo a mão ao peito no mesmo instante em que Jonah volta com a água e senta ao meu lado, se certificando de que eu tome um gole. Depois outro. Ele coloca o copo na mesa entre nós.

— Incline seu tronco para a frente e coloque a cabeça entre os joelhos — orienta ele.

Obedeço sem questionar.

Jonah puxa o ar devagar, querendo que eu o imite. Imito. Ele repete isso umas dez vezes, até meu coração diminuir bastante o ritmo. Quando me sinto menos à beira de um ataque cardíaco, levanto a cabeça e me recosto na cadeira, tentando encher novamente meus pulmões com ar. Solto um suspiro demorado, depois

olho para a casa vizinha. A Sra. Nettle continua bisbilhotando por trás da cortina.

A mulher nem tenta esconder que é fofoqueira. Mostro o dedo do meio para ela, e dá certo. As cortinas são fechadas com força, e a luz da sala de estar é apagada.

Um som baixo sai da garganta de Jonah, como se ele quisesse rir. Talvez seja engraçado me ver mostrando o dedo do meio para uma mulher de oitenta anos. Mas seria impossível para mim rir de qualquer coisa agora.

— Como você consegue ficar tão calmo? — pergunto.

Ele se recosta na cadeira e olha de esguelha para mim.

— Não estou calmo — responde Jonah. — Estou magoado. Irritado. Mas não perdi tanto quanto você, então acho que é natural termos reações diferentes.

— Não perdeu tanto quanto eu?

— Chris não era meu irmão — respondeu ele, direto. — Não passei metade da minha vida casado com Jenny. Os dois te sacanearam mais do que a mim.

Desvio o olhar de Jonah, porque suas palavras fazem eu querer me retrair. Não gosto dessa descrição. *"Os dois te sacanearam..."*

É a explicação perfeita para como me sinto, mas nunca imaginei que Jenny e Chris poderiam ser culpados por essa sensação.

Eu e Jonah passamos um tempo em silêncio. Parei de chorar, então talvez fosse melhor entrar agora que me acalmei. Ando tentando esconder minhas emoções de Clara. Não a tristeza. A tristeza é natural. Não me importo de mostrar que estou triste. Mas não quero que ela perceba minha raiva. Clara jamais pode descobrir o que Jenny e Chris fizeram. Ela já passou por coisas demais.

Nem imagino como minha filha agiria se descobrisse a verdade sobre os dois. Ela já se rebelou o suficiente com um comportamento completamente atípico.

— Clara foi embora mais cedo do funeral de Chris. Eu a encontrei no cinema fumando maconha com aquele menino. Miller Adams. Lembra que você disse que era um bom garoto?

Não sei por que acrescento esta última parte, como se, por algum motivo, aquilo fosse culpa de Jonah.

Ele suspira.

— Nossa.

— Pois é. E a pior parte é que não sei como lidar com isso. Nem por quanto tempo devo deixá-la de castigo.

Jonah se impulsiona e levanta da cadeira.

— Clara está sofrendo. Todos nós estamos. Duvido que teria feito algo assim em outras circunstâncias. Talvez seja melhor deixar o comportamento dela passar batido essa semana.

Assinto com a cabeça, mas discordo. Seria apropriado ignorar algo mais leve do que usar drogas. Talvez se ela tivesse chegado de madrugada em casa. Não posso ignorar o fato da minha filha ter saído do funeral do pai para se drogar. Sem contar que ela estava justamente com o garoto com quem Chris lhe proibiu de sair. Se eu deixar isso para lá, que outras coisas minha tolerância poderia causar?

Eu levanto, pronta para entrar. Abro a porta e me viro para Jonah. Ele está sob o portal agora, olhando para os pés, e diz:

— Preciso buscar Elijah. — Então olha para cima, e não consigo discernir se está segurando as lágrimas ou se eu apenas esqueci que, tão perto assim de Jonah Sullivan, o azul de seus olhos parece líquido. — Você vai ficar bem?

Solto uma risada desanimada. Minha bochecha ainda está molhada das lágrimas, e ele quer saber se vou ficar bem?

Faz uma semana que não estou bem. Não estou bem agora. Mas dou de ombros e digo:

— Vou sobreviver.

Jonah hesita como se quisesse dizer mais alguma coisa. Só que fica quieto. Ele volta para o carro, e fecho a porta.

— O que houve?

Eu me viro e encontro Clara parada na entrada do corredor.

— Nada — respondo, quase rápido demais.

— Jonah está bem?

— Sim, ele só... está sendo difícil. Cuidar sozinho de Elijah. Ele queria fazer umas perguntas.

Não sou a melhor mentirosa da família, mas, tecnicamente, isso não é mentira. Tenho certeza de que *está* sendo difícil para Jonah. É seu primeiro filho. Ele acabou de perder Jenny. Lembro quando Clara era bebê e Chris estudava em tempo integral, trabalhando todos os dias em que não tinha aula. Sei como é difícil fazer tudo por conta própria. Já passei por isso.

Por outro lado, Elijah é um bebê mais tranquilo do que Clara foi. Os dois parecem gêmeos, mas suas personalidades são completamente diferentes.

— Quem está com Elijah? — questiona ela.

Escuto a pergunta, mas não consigo responder porque meus pensamentos não seguem em frente. Eles estão empacados na última coisa que se passou pela minha cabeça.

Os dois parecem gêmeos.

Agarro a parede depois de ser golpeada com uma revelação de cinco mil quilos.

— Por que você saiu com Jonah? — pergunta Clara. — Aonde vocês foram?

Elijah não parece em nada com Jonah. Ele é igualzinho a Clara.

— Mãe — diz ela, mais enfática, tentando conseguir uma resposta.

E Clara é igualzinha a Chris.

As paredes diante de mim começam a pulsar. Dispenso Clara com um aceno de mão porque sei que sou uma péssima mentirosa e sinto que ela descobriria imediatamente a verdade.

— Você continua de castigo. Vá para o quarto.

— Eu não posso vir para a *sala*? — pergunta ela, confusa.

— Clara, *vá* logo — digo com firmeza, precisando que ela saia dali para eu não desmoronar completamente na sua frente.

Ela sai batendo os pés.

Corro para o meu quarto e bato a porta.

Como se a morte dos dois não bastasse, os golpes continuam vindo, ficando cada vez mais fortes.

8

Clara

Saí de casa assim que minha mãe foi para o quarto e bateu a porta. Estou proibida de sair, então tenho certeza de que isso vai aumentar meu tempo de castigo, mas, a essa altura, estou pouco me lixando. Não aguento mais ficar enfurnada naquela casa. Tudo me lembra meu pai. E sempre que olho para minha mãe, ela está sentada em silêncio em lugares aleatórios, encarando o nada.

Ou brigando comigo.

Sei que ela está sofrendo, mas não é a única. Eu só perguntei onde estava Elijah e por que ela saiu de casa com Jonah, mas sua reação foi um exagero.

É assim que as coisas vão ser de agora em diante? Meu pai morreu, então ela se sente na obrigação de compensar sua ausência e ser ainda mais rígida comigo? *Quem fica de castigo a ponto de não poder ir nem na sala da própria casa?*

Estou proibida de usar o celular, então minha mãe não vai conseguir me encontrar. Fiquei com medo de ela chamar a polícia, então, antes de sair, deixei um bilhete dizendo: "*Estou muito triste. Vou passar umas horas na casa de Lexie, mas volto às dez.*" Eu sabia que, se acrescentasse a parte do "triste", talvez ela não ficasse tão irritada. O luto é uma porcaria, mas também é uma ótima desculpa.

Fui de carro até a casa de Lexie, torcendo para ela estar lá, mas não dei sorte.

Agora, estou sentada no estacionamento do cinema, encarando a picape de Miller.

Vim para cá porque achei que seria bom passar uma hora e meia dentro de uma sala escura e me ajudaria a esquecer da existência do mundo exterior. Mas,

agora que sei que ele está trabalhando hoje, talvez seja melhor não entrar. Vai parecer que vim para cá de propósito, atrás dele.

Será que foi isso mesmo? Nem eu sei.

De toda forma, não é porque Miller tem namorada que vou deixar de vir ao cinema sempre que ele estiver trabalhando. Também não vou deixar de vir só porque acho que vai ser esquisito.

Quer dizer, o cara comprou drogas para mim. Não dá para ficar mais esquisito que isso.

A cabine de venda de ingressos do lado de fora está fechada, mas vejo Miller lá dentro. Eu o observo pelas portas de vidro por um instante. Ele limpa o balcão da bombonière enquanto Steven, o cara que lhe vendeu a maconha, varre pipocas caídas aleatoriamente pelo chão.

O silêncio reina no saguão do cinema quando entro, então os dois erguem a cabeça ao escutarem a porta abrir.

Miller esboça um sorrisinho para mim e para de limpar o balcão. De repente, estou mais nervosa do que esperava.

Ele pressiona as palmas sobre o vidro e se inclina para a frente quando me aproximo.

— Achei que você fosse ficar de castigo.

Dou de ombros.

— Fiquei. Minha mãe tirou meu telefone e disse que não posso sair do quarto. — Leio o cardápio atrás da cabeça dele. — Fugi.

Miller ri.

— As últimas sessões começaram meia hora ou quarenta e cinco minutos atrás, mas você pode escolher a que quiser. A sala quatro é a mais vazia.

— O que está passando lá?

— *Interstate*. É um filme de ação.

— Eca. Tudo bem.

Tiro dinheiro da bolsa, mas ele me dispensa com um aceno de mão.

— Não precisa. Parentes não pagam. Se alguém perguntar, diga que é minha irmã.

— Eu quase prefiro pagar a fingir que somos irmãos.

Miller ri e pega um copo grande.

— O que você quer beber?

— Sprite.

Ele me entrega o refrigerante e depois molha um monte de guardanapos na pia às suas costas. Eu o encaro, confusa, quando recebo o papel molhado.

— Você está suja — diz Miller, passando um dedo pela própria bochecha. — Maquiagem. De chorar.

— Ah.

Eu limpo as bochechas. Não me lembro de ter passado rímel hoje. Parece que estou seguindo minha rotina sem me dar conta. Nem percebi que chorei pelo caminho todo até aqui. Droga, é bem capaz de eu ainda estar chorando. Não sei mais. Parece que a culpa por saber que estava trocando mensagens com tia Jenny na hora do acidente e o vazio que sinto por perder os dois nunca irão embora. As lágrimas que antes surgiam apenas à noite agora me seguem durante o dia. Achei que o tempo facilitaria as coisas, mas, por enquanto, só serviu para acumular meus sentimentos. Meu coração parece inchado, como se fosse explodir caso qualquer tragédia minúscula surja.

Miller enche um saco grande de pipoca para mim enquanto limpo o rímel.

— Quer manteiga?

— Muita.

Jogo os guardanapos em uma lixeira próxima, sem me preocupar se limpei tudo. Ele enche a pipoca de manteiga.

— Não esqueça. Se um funcionário pedir o ingresso, você é minha irmã — diz ele enquanto me passa o saco.

Coloco duas pipocas na boca enquanto me afasto.

— Valeu, maninho.

Miller faz uma cara sofrida quando o chamo assim, quase como se a brincadeira fosse nojenta. Gosto de ver que ele acha repulsiva a ideia de sermos parentes. Isso significa que existe uma chance de ele ter nos imaginado juntos de um jeito completamente diferente.



A pipoca está murcha.

Com certeza foi porque a bombonière já tinha fechado quando Miller encheu o saco. Não posso esperar pipoca fresca no fim da noite. Mas está tão ruim que acho que ela deve ter saído da pilha de restos que passam o dia inteiro na pipoqueira, desde que estouraram de manhã.

Mesmo assim, estou comendo.

Escolhi um lugar na última fileira, porque só tem duas pessoas aqui dentro, no meio. Não quis sentar na frente delas porque meu plano era chorar durante a sessão toda, mas acaba que o filme é interessante o suficiente para me distrair.

Eu não disse que ele era *bom*. Só interessante.

Pelo menos a personagem principal é interessante. É uma mulher durona que não leva desaforo para casa, com cabelo esvoaçante na altura do ombro que balança a cada movimento seu. Passei mais tempo concentrada no cabelo dela do que na história. Meu cabelo é comprido, bate no meio das costas. Meu pai adorava ele assim e me convencia a não cortar sempre que eu cogitava a ideia.

Pego uma mecha e passo os dedos pelo comprimento. Estou cansada dele. Acho que vou cortar em um futuro próximo. Uma mudança cairia bem.

— Oi — sussurra Miller. Olho para cima quando ele se acomoda ao meu lado. — Como está o filme?

— Não sei. Estou pensando em cortar meu cabelo.

Ele enfia a mão na pipoca e pega um punhado, depois se recosta na poltrona e apoia os pés na da frente.

— Tenho uma tesoura na bombonière.

— Não quis dizer agora.

— Ah. Bem, quando você estiver pronta. A tesoura está sempre aqui, então apareça quando quiser que eu corte.

Dou uma risada.

— Eu não disse que queria que *você* cortasse.

— Tudo bem, mas acho melhor avisar. Steven tem mais talento para varrer pipoca do chão e vender maconha do que para cortar cabelo.

Reviro os olhos, apoiando os pés na poltrona diante de mim.

— Chinelos novos? — pergunta ele, olhando para meus pés.

— Pois é. Tive que fazer umas paradas bem bizarras para conseguir esses chinelos.

Miller pega mais um punhado de pipoca, e passamos alguns minutos em silêncio. O filme termina, e as outras pessoas no cinema se levantam quando os créditos começam a rolar. Ele pega mais pipoca.

Não estamos fazendo nada errado, mas sinto como se estivéssemos. Antes de ele sentar ao meu lado, minha sensação era de estar anestesiada, mas, agora, meu corpo vibra de adrenalina. Nossos braços não estão nem encostados. Eu ocupei

os dois descansos, e Miller está inclinado para longe de mim, provavelmente para evitar qualquer tipo de contato.

Mas, mesmo assim, parece errado. Ele está sentado ao lado da única garota da qual não deveria, e nós dois sabemos disso. E apesar de eu me sentir culpada, me sinto bem ao mesmo tempo.

Os créditos ainda estão passando quando Miller diz:

— A pipoca está bem murcha.

— Nunca comi uma pipoca tão ruim.

— Está quase acabando — diz ele, indicando o saco. — Nem parece que você odiou.

Dou de ombros.

— Não sou exigente.

Mais silêncio entre nós. Miller sorri para mim, e uma onda de calor me inunda. Encaro o saco de pipoca e o sacudo como se estivesse procurando por uma boa, porque não quero olhar para ele e me sentir assim sobre alguém que tem namorada. Não quero me sentir assim por ninguém. Por causa de tudo que aconteceu na semana passada, qualquer sensação remotamente boa faz com que eu pense que sou uma merda de ser humano. Mas Miller continua me encarando e ainda não fez menção de ir embora, e, como ele está bloqueando o caminho para o corredor, me sinto na obrigação de puxar papo.

— Há quanto tempo você trabalha aqui?

— Um ano. — Ele se acomoda ainda mais na cadeira. — Não é grande coisa. Acho que trabalhar em um cinema parece mais legal na teoria do que na prática. Passo a maior parte do tempo limpando as coisas.

— Mas você pode assistir a todos os filmes que quiser, não é?

— É por isso que continuo aqui. Assisti a todos os lançamentos desde que comecei. É como se eu estivesse me preparando para minha carreira. Pesquisa.

— Qual é seu filme favorito?

— De todos? — pergunta ele.

— Escolha um dos últimos dez anos.

— Não consigo — responde ele. — Tem tantos bons, e adoro todos por motivos diferentes. Gosto da técnica de *Birdman*. Gosto das atuações em *Me chame pelo seu nome*. *O fantástico Sr. Raposo* é minha animação favorita, porque Wes Anderson é genial pra caralho. — Miller me encara. — E você?

— Acho que *O fantástico Sr. Raposo* não conta. Acho que tem mais de dez anos do lançamento. — Apoio minha cabeça na poltrona e olho para o teto. É

uma pergunta difícil. — Sou igual a você. Não sei se tenho um filme favorito. Costumo avaliar mais pelos atores do que pela história. Emma Stone talvez seja minha atriz favorita. E Adam Driver é o melhor ator da nossa época, mas acho que ainda não encontrou o melhor papel da sua vida. Ele estava ótimo em *Infiltrado na Klan*, mas não gosto muito dos seus outros filmes.

— Mas você viu a esquete de Kylo Ren?

— Vi! — exclamo, me empertigando. — No *Saturday Night Live*? Ah, meu Deus, foi tão engraçado.

Eu sorrio, e isso me deixa mal. Parece estranho sorrir quando estou tão cheia de tristeza, mas é assim que Miller faz eu me sentir sempre que estou ao seu lado. Ele é o único que parece capaz de me distrair de tudo, ao mesmo tempo em que é a única pessoa com quem não posso conviver. *Obrigada, Shelby.*

Que droga. Não gosto de pensar nessas coisas, apesar de estarmos juntos agora. Mas quando eu voltar à escola, tudo será como era antes. Miller vai manter a distância. Vai respeitar seu namoro com Shelby, o que só fará com que eu o admire ainda mais.

E eu vou continuar para baixo.

— Preciso ir — digo.

Miller hesita antes de se mexer.

— É, acho que meu intervalo terminou há dez minutos.

Nós dois nos levantamos, mas não posso ir para o corredor porque ele está bloqueando o caminho, me olhando, sem se mexer. Apenas me encara como se quisesse falar mais alguma coisa. Ou *fazer* mais alguma coisa.

— Sinto muito pelo que aconteceu — diz Miller.

A princípio, não entendo do que ele está falando, e então a ficha cai. Pressiono os lábios e concordo com a cabeça, mas não digo nada porque esse é o último assunto sobre o qual quero conversar ou pensar.

— Eu devia ter dito isso naquele dia. No funeral.

— Tudo bem — respondo. — Estou bem. Ou pelo menos vou *ficar* bem. Com o tempo. — Eu suspiro. — Espero.

Miller me encara como se quisesse me dar um abraço, e torço para que faça isso. Mas ele acaba se virando e seguindo para o corredor, na direção da saída.

Paro no banheiro antes de ir embora. Ele pega uma lata de lixo e a arrasta até a sala de onde acabamos de sair.

— Até logo, Clara.

Eu não me despeço. Entro no banheiro e não me dou ao trabalho de fingir que as coisas serão iguais da próxima vez que nos virmos. Miller vai me evitar para ser completamente fiel e tal, e *dane-se*. Está tudo bem. Preciso parar de interagir com ele de toda forma, porque, por mais que eu me sinta bem nos momentos em que estamos juntos, está começando a doer quando nos separamos. E não preciso acrescentar mais sofrimento à pilha de sentimentos horríveis que já tenho.



Quando chego em casa, espero encontrar minha mãe esperando por mim, irritada e pronta para brigar. Em vez disso, a casa está em silêncio. A luz do quarto dela está apagada.

Ao entrar no meu quarto, me surpreendo quando vejo meu celular sobre o travesseiro.

Uma oferta de paz. Que inesperado.

Deito na cama e leio as mensagens. Lexie quer saber se vou à aula amanhã. Eu não pretendia voltar tão cedo, mas ficar em casa parece pior do que a escola, então respondo que sim.

Abro o Instagram e dou uma olhada no perfil de Miller. Sei que falei que precisava parar de interagir com ele, e vou fazer isso. Mas, primeiro, preciso lhe mandar uma mensagem. Só uma. Depois, nossas interações podem voltar a ser como foram no último ano. Inexistentes.

> Só queria agradecer pelo filme grátis e a pipoca horrível. Você é o melhor irmão que eu já tive.

Miller não me segue, então imagino que a mensagem vá parar em uma caixa de entrada secundária e passar despercebida por um mês. Mas ele me responde em poucos minutos.

Sorrio e viro de barriga para baixo quando a mensagem chega.

> Eu: Sim. Estava no meu travesseiro quando cheguei. Acho que é uma oferta de paz.
> Miller: Sua mãe parece maneira.

Reviro os olhos. *Maneira* é muito generoso.

Eu: Ela é ótima.

Até coloco um emoji sorrindo para minha resposta parecer mais convincente.

Miller: Você vai à escola amanhã?
Eu: Acho que sim.
Miller: Ótimo. É melhor eu parar de falar com você por aqui. Acho que Shelby sabe minha senha.
Eu: Uau. Você vai pedir a mão dela num futuro próximo?
Miller: Você adora implicar com meu namoro.
Eu: É meu passatempo preferido.
Miller: Acho que eu facilito as coisas.
Eu: Ela sempre foi ciumenta? Ou você fez por merecer?
Miller: Shelby não é ciumenta. Ela só tem ciúme de você.
Eu: O quê?! Por quê?
Miller: É uma longa história. E chata. Boa noite, Clara.

É uma história chata? *Que seja*. Vou passar a noite toda pensando no fato de que Miller tem uma história que me inclui.

Eu: Boa noite. Não se esqueça de apagar as mensagens.
Miller: Já apaguei.

Encaro o telefone, sabendo que eu devia parar, mas envio uma última mensagem.

Eu: Aqui está meu número, para o caso do seu coração ser partido de novo.

Envio meu telefone, mas Miller não responde. Provavelmente é melhor assim.

Volto para as fotos dele e vou descendo a página. Já fiz isso antes, mas não desde que paramos para conversar de verdade. Miller sabe usar bem a câmera. Há algumas fotos dele com Shelby, mas a maioria é de coisas aleatórias. Nenhuma dele sozinho, e, por algum motivo, gosto disso.

A imagem que chama minha atenção é uma foto em preto e branco da placa dos limites da cidade. Eu rio e clico duas vezes nela para curti-la.

Estou rolando o *feed* quando recebo uma mensagem de texto de um número desconhecido.

Encrenqueira.

A mensagem me faz rir. De verdade, não curti a foto com más intenções. Só achei graça nela e, por um instante, esqueci que minha curtida poderia fazer com que ele fosse interrogado pela namorada.

Imediatamente salvo o número de Miller nos meus contatos. Fico me perguntando se ele vai salvar o meu usando meu nome real ou um falso. Shelby surtaria se soubesse que ele tem meu telefone. E tenho certeza de que, se ela sabe a senha do Instagram de Miller, provavelmente fuxica seu celular também.

Eu: Você vai salvar meu número com um nome falso para não arrumar briga?
Miller: Eu estava pensando nisso. Que tal Jason?
Eu: Jason é uma boa. Todo mundo conhece um Jason. Ela não vai desconfiar.

Sorrio, mas é um sorriso que dura apenas um segundo. Penso na última mensagem que tia Jenny mandou para mim. *"Você não quer ser a outra. Acredite em mim."*

Ela tem razão. Tia Jenny sempre tinha razão. *O que eu estou fazendo?*

Eu: Deixa para lá. Não salve meu número com um nome falso. Não quero ser Jason no seu telefone e não quero ser sua irmã de mentira no cinema. Ligue para mim quando eu puder ser só Clara.

Os pontos surgem na tela. Desaparecem.

Ele não me responde.

Depois de alguns minutos, dou um print das nossas mensagens e apago seu número.

9

Morgan

Acabei de cair em um sono leve quando levo um susto com uma batida à porta. Sento na cama e estico o braço para sacudir Chris.

Seu lado da cama está vazio.

Eu encaro o colchão, me perguntando quando vou parar de fazer esse tipo de coisa. Faz menos de duas semanas desde a morte dos dois, mas já peguei o telefone pelo menos cinco vezes para ligar para ele ou Jenny. É um gesto tão natural que simplesmente esqueço de tudo o que aconteceu. E então sou obrigada a encarar de novo minha tristeza.

Outra batida à porta. Minha cabeça gira na direção do som. Meu coração acelera com o conhecimento de que vou ter que lidar com essa situação independentemente de estar pronta ou não. Antes, quando algo inesperado acontecia no meio da madrugada, Chris sempre resolvia o problema.

Visto um roupão e corro para a porta para evitar que o visitante acorde Clara. As batidas são tão insistentes que começo a me irritar. É melhor que não seja a Sra. Nettle tentando me culpar por alguma coisa. Uma vez, ela nos acordou às duas da madrugada para reclamar de um esquilo na árvore do nosso quintal.

Acendo a luz da varanda e uso o olho mágico; fico aliviada ao ver que não é a Sra. Nettle. É só Jonah, desgrenhado e segurando Elijah contra o peito. Mas meu alívio desaparece no segundo seguinte, quando percebo que é meia-noite, e Jonah não tem o hábito de aparecer aleatoriamente aqui a uma hora dessas. Alguma coisa deve ter acontecido com o bebê.

Abro a porta.

— Está tudo bem?

Jonah balança a cabeça, seus olhos exibindo um brilho desvairado enquanto ele passa por mim e entra na casa.

— Não.

Fecho a porta e me aproximo dos dois.

— Ele está com febre?

— Não, ele está bem.

Fico confusa.

— Você acabou de dizer que ele não está bem.

— *Ele* está bem. *Eu*, não. — Jonah me passa Elijah, e verifico a temperatura da testa do meu sobrinho só para garantir. Não há febre, então começo a procurar alguma assadura. Não consigo pensar em nenhum outro motivo para uma visita tão tarde da noite. — Ele está *bem* — repete Jonah. — Perfeito, feliz, alimentado, e eu... — Ele balança a cabeça e volta para a porta da frente sem Elijah. — Para mim, chega. Não consigo fazer isso.

Um mau pressentimento me inunda. Corro atrás de Jonah e bloqueio seu caminho, pressionando minhas costas contra a porta.

— Como assim você não consegue *fazer* isso?

Ele dá um passo para trás e vira de costas. Então entrelaça as mãos atrás da cabeça. Percebo que aquilo que a princípio achei ser medo é, na verdade, desolação. Jonah não precisa me contar por que está tão nervoso. Eu já sei a reposta.

Ele vira, me encarando de novo, seus olhos cheios de angústia e lágrimas. E acena uma mão para Elijah.

— Ele sorriu pela primeira vez hoje. — Jonah faz uma pausa, como se o que estivesse prestes a dizer fosse doloroso demais para ser posto em palavras. — Elijah, meu *filho*, tem a porra do *sorriso* de Chris.

Não, não, não. Eu balanço a cabeça, sentindo o sofrimento que exala dele.

— Jonah... — Escuto a porta do quarto de Clara abrindo antes de eu conseguir processar o que aquilo tudo significa. Minha expressão pesarosa logo se transforma em súplica. — Por favor, não faça isso agora — imploro, sussurrando. — Não quero que Clara descubra o que os dois fizeram. Ela vai ficar arrasada.

Os olhos de Jonah se focam em algo atrás de mim. Imagino que em Clara.

— O que houve? — pergunta ela.

Eu me viro, e minha filha está parada na entrada do corredor, esfregando os olhos sonolentos.

Baixinho, Jonah murmura:

— Não consigo fazer isso. Desculpe.

Ele abre a porta. E vai embora.

Vou até Clara e enfio Elijah em seus braços.

— Já volto.

Jonah está quase alcançando o carro quando bato a porta da frente e saio correndo. Ele escuta meus passos e se vira.

— Por que Jenny contaria uma mentira tão *enorme* para mim? — Ele está completamente angustiado, agarrando o cabelo e então se debruçando sobre o carro, como se não soubesse o que fazer com as mãos. Sua cabeça baixa entre os ombros em um sinal de derrota. — Uma coisa é me trair, mas me fazer acreditar que eu era o pai do seu *filho*? Que tipo de pessoa *faz* uma coisa dessas, Morgan?

Jonah sai de perto do carro e vem na minha direção. Nunca o vi tão irritado, e acabo dando passos pequenos para trás.

— Você sabia que ele não era meu filho? — Ele me encara como se, por algum motivo, eu tivesse alguma participação naquela farsa. — Foi por isso que ela apareceu do nada no funeral do meu pai? Por que precisava esconder de quem estava grávida? Isso foi algum plano nojento?

Suas palavras me magoam um pouco, porque é lógico que eu não sabia de nada disso. Só comecei a suspeitar que Chris poderia ser o pai de Elijah há pouco tempo, mas esta é a primeira vez que falo com Jonah desde que pensei nisso.

— Você acha mesmo que eu deixaria os dois fazerem isso?

Ele agarra os lados da cabeça, frustrado, e depois joga os braços para a frente.

— Eu não sei! Você passou metade da vida com Chris. Como é que pode *não* ter desconfiado que ele era pai de Elijah? — Jonah volta para o carro, mas então pensa em mais alguma coisa para dizer que provavelmente vai me irritar ainda mais. — Você sabia que os dois estavam transando, Morgan. No fundo, sabia, mas nós dois sabemos como você tem talento para ignorar o que está bem na sua cara!

Sim. Com certeza estou bem mais irritada agora do que há dez segundos.

Jonah dá um passo para trás, como se suas palavras tivessem voltado como um bumerangue e acertado sua barriga. A raiva dele é imediatamente engolida pela expressão arrependida de seus olhos.

— Você já acabou? — pergunto.

Ele concorda com a cabeça, mas o gesto é rápido.

— Onde está a bolsa de fraldas de Elijah?

Jonah vai até o carro e abre a porta de trás. Então me passa a bolsa. Ele encara o concreto sob seus pés, esperando eu me afastar.

— Você é *tudo que ele tem*, Jonah.

Ele ergue a cabeça e me encara por um instante antes de balançar a cabeça devagar.

— Na verdade, *você* é tudo que ele tem. Elijah é filho da sua irmã. Não há absolutamente nada de mim nele. — As palavras não saem com a mesma raiva de antes. Agora, Jonah está apenas sereno e arrasado.

Eu o encaro com um olhar suplicante. É impossível imaginar como seria estar na sua situação, então me esforço para não julgar aquela reação, mas Jonah ama Elijah. Ele não vai abandonar um bebê que está criando há dois meses, não importa o quanto esteja magoado. E vai acabar se arrependendo disso. Quando falo, meu tom é mais gentil:

— Você é o único pai que Elijah conhece. Vá para casa. Durma. Venha buscá-lo amanhã.

Volto para casa. Minha intenção não é bater a porta, mas é isso que faço. Elijah se assusta e começa a chorar. Clara está sentada no sofá com ele, então eu o tiro dos seus braços para ela voltar para a cama.

— O que houve com Jonah? — pergunta ela. — Ele parecia irritado.

Tento diminuir o incidente o máximo possível, apesar de saber que sou uma péssima mentirosa.

— Ele só está cansado. Eu me ofereci para cuidar de Elijah hoje e lhe dar um descanso.

Clara me encara por um momento. Ela sabe que estou mentindo, mas não me pressiona. No entanto, revira os olhos ao passar por mim.

Quando minha filha volta para o quarto, levo Elijah para o meu e sento na cama, mantendo-o no colo. Ele está completamente acordado agora, mas parou de chorar.

E está sorrindo.

Jonah tem razão. Quando meu sobrinho sorri, uma covinha funda surge no centro de seu queixo.

Ele fica a *cara* de Chris.

10

Clara

Todo mundo achava que Jonah voltaria a dar aula na segunda, mas ele não apareceu. Mamãe disse que ele buscaria Elijah na segunda, mas hoje já é quarta, e ele também não deu as caras.

Não sei o que está acontecendo, porque ela não me conta, então não faço ideia do que dizer quando Lexie me encontra no meu armário depois do último tempo e pergunta:

— O que houve com o tio-professor?

Fecho o armário e dou de ombros.

— Não sei. Acho que teve um colapso nervoso. Jonah deixou Elijah com a gente na noite de sábado, e a única coisa que consegui escutar ele dizer antes de sair correndo da casa foi: *"Não consigo fazer isso. Desculpe."*

— Que merda. Sua mãe ainda está com Elijah?

O jeito como Lexie mastiga seu chiclete faz parecer que estamos falando sobre ir ao shopping em vez da possibilidade de Jonah ter abandonado o filho.

— Está.

Ela se apoia no armário ao meu lado.

— Isso não é promissor.

— Está tudo bem. Ele deve passar lá hoje. Acho que só precisava recuperar o sono perdido.

Lexie sabe que estou inventando desculpas. Ela dá de ombros e estoura uma bola de chiclete.

— É, talvez. Mas acho melhor eu avisar. Meu pai está "recuperando o sono perdido" há treze anos.

Eu rio para agradá-la, mas Jonah não tem nada a ver com o pai biológico de Lexie. Não que eu conheça o homem. Mas Jonah jamais faria algo assim com Elijah.

— Minha mãe disse que ele saiu enfurecido de casa no dia logo depois do Natal, gritando: *"Cansei disso!"* E nunca mais voltou. — Ela estoura outra bola. — Se meu pai tem talento para uma coisa nesta vida, é se cansar. Faz treze anos que ele está cansado.

Lexie fecha a boca de repente e olha para algo atrás de mim. Seu foco mudou de repente para outra coisa. Ou para outra *pessoa*.

Eu me viro e vejo Miller se aproximando. Os olhos dele encontram os meus, e, por três segundos inteiros, nos encaramos. Ele está tão concentrado em mim que precisa virar um pouquinho o pescoço quando passa por nós, antes de parecer se obrigar a olhar para o outro lado.

A gente não se fala desde a noite em que trocamos mensagens. Gosto do fato de ele não ter vindo atrás de mim, ao mesmo tempo que odeio isso. Quero que Miller seja um ser humano decente, mas também gostaria muito que ele não se importasse tanto com seu namoro.

Lexie assobia.

— Eu senti isso.

Reviro os olhos.

— Não sentiu nada.

— Senti, sim. O jeito como ele olhou para você... foi tipo...

— Voltando para Jonah — digo, me afastando do armário. — Ele é um bom pai. Só precisa de um tempo.

— Aposto cinquenta pratas que ele não volta.

Lexie me segue para a saída que leva ao estacionamento.

— Volta para onde? — pergunto. — Para a escola? Ou para buscar Elijah?

— Os dois. Ele não veio para cá só porque Jenny engravidou? Ele deve querer voltar para a vida que tinha antes. Recomeçar. Fingir que o último ano nunca aconteceu.

— Você é terrível.

— Não. Os *homens* são terríveis. Pais são *mais* terríveis ainda — argumenta ela.

Encolho um pouco os ombros com esse comentário. Então suspiro, pensando no meu pai.

— O meu não era. Ele era o melhor de todos.

Lexie para de andar.

— Clara, desculpe. Sou uma idiota.

Eu volto e agarro sua mão, puxando-a para a frente comigo.

— Está tudo bem. Mas você se enganou sobre Jonah. Ele é como o meu pai. Um dos bons. E ama Elijah demais para abandoná-lo desse jeito.

Nós andamos um metro e meio antes de Lexie parar de novo, me puxando junto. Eu me viro, dando as costas para o estacionamento, de olho nela.

— O que houve?

— Não vire agora, mas Miller parou do lado do seu carro.

Eu arregalo os olhos.

— Sério?

— Sim. E preciso de uma carona para casa, mas não quero atrapalhar caso ele esteja esperando para falar com você, então vou voltar para a escola. Mande uma mensagem quando eu puder sair.

— Tudo bem — assinto.

Meu estômago se revira de nervoso.

— E outra coisa, pare de ser mentirosa. Está na sua cara que você gosta dele. Se usar a palavra *insignificante* para falar de Miller mais uma vez, vou te bater.

— Certo.

Lexie volta para a escola, e respiro fundo. Então viro e sigo para o carro, fingindo não notar a presença de Miller até eu chegar à minha porta. As janelas da picape estão fechadas, e o motor, ligado. Ele está sentado lá dentro, apenas olhando para a frente, com um pirulito na boca. Nem presta atenção em mim.

É bem provável que nem saiba que parou ao meu lado, e aqui estou eu, achando que é de propósito. Sou uma idiota.

Começo a virar para meu carro, mas paro quando Miller abre sua porta do passageiro.

E é então que ele vira a cabeça devagar e me olha cheio de expectativa, como se eu devesse entrar na picape.

Penso no assunto. Gosto da forma como me sinto perto dele, então, apesar de saber que não devia lhe dar o gostinho de ser capaz de me convocar para dentro do seu carro com apenas um olhar, entro mesmo assim. Eu sou patética nesse nível.

Quando fecho a porta, sinto como se uma corrente elétrica tivesse me seguido e se trancado junto com a gente. O silêncio entre nós só torna a sensação mais perceptível. Sinto meu corpo pulsar da barriga à garganta, como se meu coração tivesse inchado e ocupado meu torso inteiro.

A cabeça de Miller está recostada no assento, seu corpo voltado para a frente, mas seus olhos me fitam. Eu o encaro da mesma forma, mas não estou tão relaxada. Minhas costas permanecem empertigadas contra o banco de couro.

O ar-condicionado funciona, apesar do que achei da última vez que entrei aqui. Está ligado no máximo, soprando meu cabelo na boca. Fecho a ventilação e uso os dedos para afastar uma mecha. Os olhos de Miller seguem o movimento, se demorando em meus lábios por um instante.

O jeito como ele me encara faz com que seja muito difícil respirar direito. Como se minha reação à sua presença fosse perceptível. Os olhos dele descem para meu peito ofegante, apesar de ser um movimento muito rápido.

Miller tira o pirulito da boca e agarra o volante, desviando o olhar de mim.

— Mudei de ideia. Preciso que você vá embora.

Essas palavras me deixam pasma. E também muito confusa.

— Mudou de ideia sobre o quê?

Miller me encara de novo e, por algum motivo, parece indeciso. Ele respira fundo devagar.

— Não sei. Eu fico muito confuso perto de você.

Ele fica confuso perto de *mim*? Isso me faz sorrir.

Meu sorriso faz Miller franzir a testa.

Não faço ideia do que está acontecendo. Não sei se odeio ou se gosto desta situação, mas entendo que não vou conseguir lutar por muito tempo contra o que causa os sentimentos que tenho perto dele, seja lá o que for. Miller me encara como se estivesse quase chegando ao seu limite.

— Você precisa resolver o que quer, Miller.

Ele assente.

— Acredite em mim. Eu sei. É por isso que preciso que você saia da picape.

Essa conversa toda é tão bizarra que só consigo rir. Minha risada finalmente arranca um sorriso dele. Mas então Miller geme e pressiona a testa contra o volante, agarrando-o com as duas mãos.

— *Por favor*, saia da picape, Clara — sussurra ele.

Eu devia odiar o fato de ele estar travando alguma batalha moral agora. Gosto dessa sensação — de pensar que Miller se sente atraído por mim — bem

mais do que achar que ele me detesta.

Tento pensar em Shelby. Saber que Miller tem uma namorada que ama e com quem se importa me faz controlar a vontade de me aproximar e lhe dar um beijo. Mas sei que não vou fazer nada para ajudá-lo a evitar esse impulso, porque continuo sentada na picape apesar de ele já ter me pedido três vezes para sair.

Talvez eu até piore ainda mais a situação quando estico o braço e tiro o pirulito de sua mão.

— Miller? — Ele vira a cabeça, ainda pressionada contra o volante, e me encara. — Você também está me confundindo.

Coloco o pirulito na boca e seguro a maçaneta.

Miller mantém a cabeça virada para me observar saindo. Assim que fecho a porta, ele a tranca e dá marcha à ré como se estivesse com a maior pressa do mundo para se livrar de mim.

Entro no meu carro totalmente convencida de que tia Jenny se enganou sobre uma coisa. Ela disse que garotas eram mais confusas que garotos. Não acredito nem um pouco nisso.

Saio da vaga depois que Miller desaparece. Quando viro a esquina, meu telefone toca. É Lexie.

Merda. Lexie.

Atendo.

— Desculpe. Já estou dando a volta.

— Você me esqueceu.

— Eu sei. Sou a pior pessoa do mundo. Estou voltando agora.

11

Morgan

Dois anos, seis meses e treze dias. Esse era o tempo que o seguro de vida de Chris *deveria* durar na pior das hipóteses quando fiz as contas. Mas o acréscimo de uma criança vai nos colocar na pobreza. Não posso arrumar um emprego se eu tiver que cuidar de um bebê. Não posso bancar uma creche se eu conseguir um emprego. Não posso entrar na justiça contra Jonah para receber pensão porque ele não é o pai.

Quando Elijah começa a chorar, junto meus papéis e vou cuidar dele. *De novo*. Achei que meu sobrinho fosse completamente diferente de Clara nessa idade, mas estou começando a achar que me enganei. Porque tudo que essa criança fez nos últimos dias foi chorar. Ele tira cochilos ocasionais, mas, no geral, chora. Não sei se é porque minha presença é estranha. Elijah está acostumado com Jenny, e faz um bom tempo que não escuta sua voz. E não escuta a de Jonah desde a noite de sábado. Eu me esforço ao máximo para fingir que vai dar tudo certo, mas estou começando a me preocupar, porque Jonah não respondeu nenhuma das minhas mensagens até agora.

É provável que ele não volte. E eu o culparia? Jonah tem razão — sou eu que tenho um parentesco de sangue com esse bebê. Não ele. É como se Elijah *fosse* inteiramente minha responsabilidade. Apesar do que está escrito na certidão de nascimento, Jonah não tem obrigação alguma de criar uma criança gerada por minha irmã e meu marido.

Eu estava torcendo para que os dois meses que Jonah e Elijah passaram juntos fossem suficientes para formar aquele laço indestrutível entre pai e filho, e que Jonah caísse em si e voltasse, arrependido e inconsolável. Mas isso não aconteceu. Hoje é o quarto dia, e cá estou eu, possivelmente prestes a criar um recém-nascido no meio de tanto caos.

Na noite passada, sentada na sala de estar com meu sobrinho no colo, enquanto ele passava uma hora inteira berrando, não consegui pensar em outra coisa. Na verdade, comecei a rir no meio da gritaria, histérica. E fiquei me perguntando se estava enlouquecendo. É assim que as pessoas loucas sempre são representadas na televisão. Rindo em situações medonhas, quando deveriam reagir de forma mais apropriada. Mas eu só conseguia rir, porque minha vida é uma verdadeira merda. É uma merda. É. Uma. Merda. Meu marido morreu. Minha irmã morreu. O filho ilegítimo dos dois foi deixado na minha casa para eu criar, quando minha própria filha mal fala comigo. Não tenho capacidade de lidar com isso tudo.

E não posso nem assistir à televisão para fugir desta vida de merda, porque aquela porcaria continua quebrada.

— Eu devia ligar para lá.

— Ligar para onde?

Eu me viro, surpresa ao ver Clara em casa. Nem escutei a porta abrir.

— Ligar para onde? — repete ela.

Não me dei conta de que tinha feito o comentário em voz alta.

— Para a operadora da tevê a cabo. Sinto falta dos programas.

Clara balança a cabeça como se quisesse dizer: *Tevê a cabo é coisa do passado, mãe*. Mas ela fica quieta. Só se aproxima e tira Elijah do meu colo.

Há duas operadoras na cidade, mas dou sorte e acerto a nossa na primeira tentativa. Fico aguardando na linha por uma eternidade antes de finalmente conseguir confirmar uma visita. Quando desligo, Clara está me encarando do sofá.

— Você dormiu?

Ela deve ter perguntado isso porque continuo usando as roupas de ontem e não penteei o cabelo. Nem lembro se escovei os dentes. Geralmente, faço isso assim que acordo e antes de dormir, mas não tem sido o caso, porque Clara tem razão. Eu *não* dormi. Quanto tempo será que alguém consegue funcionar assim?

Pelo visto, para Elijah, a resposta é sete horas, porque esse foi o período de intervalo entre sua última soneca e a de agora.

— Ligue para Jonah e diga para ele vir buscar o filho. Você parece prestes a desmaiar.

Evito responder, tirando Elijah dos braços dela.

— Você pode ir comprar fraldas? Só tenho mais uma, e acho que a dele está suja.

— Jonah não pode trazer mais? — pergunta Clara. — A responsabilidade não é dele?

Desvio o olhar, porque minha filha me encara como se eu fosse transparente feito água.

— Dê uma folga para Jonah — digo. — O mundo dele virou de cabeça para baixo.

— O nosso mundo também virou de cabeça para baixo. Isso não é motivo para abandonar um bebê.

— Você não entenderia. Ele precisa de um tempo. Minha carteira está na cozinha — respondo, continuando a evitar colocar a culpa em Jonah, por mais que eu queira.

Clara pega meu dinheiro e sai.

Quando fico sozinha com Elijah, coloco-o no berço improvisado que fiz. Ele finalmente está dormindo, e não faço ideia de quanto tempo isso vai durar, então aproveito para ir à cozinha e lavar suas mamadeiras.

Ele não toma leite materno desde que Jenny morreu, mas parece estar aceitando bem a fórmula. O problema é que tenho muito mais louça para lavar.

Estou esfregando uma das mamadeiras quando acontece.

Começo a chorar.

Ultimamente, quando começo, não consigo parar. Choro com Elijah à noite. Choro com ele durante o dia. Choro no banho. Choro no carro.

Sinto uma dor de cabeça e uma tristeza incessantes; às vezes, só queria que tudo acabasse. Tudo. O mundo inteiro.

Você sabe que sua vida é uma merda quando está lavando mamadeiras, rezando para o juízo final chegar.

12

Clara

Há vários caminhos que posso pegar da minha casa para o mercado, ou da minha casa para a escola, ou da minha casa para praticamente qualquer lugar na cidade. Um deles é a rua principal que atravessa o centro, a rota mais curta. A outra é o retorno, que é fora de mão para mim, porém, mesmo assim, é minha opção favorita há praticamente duas semanas.

Porque é o único caminho que passa pela casa de Miller Adams.

A placa dos limites da cidade está um pouco mais para trás, e entendo agora porque ele faz a mudança aos poucos. A menos que você esteja prestando atenção para ver se ela continua no mesmo lugar, seria difícil notar uma diferença de seis metros a cada semana. Mas eu notei. E sorrio sempre que vejo a placa em um lugar diferente.

Passo por aqui na esperança de Miller estar no acostamento de novo, me dando motivos para parar. Só que nunca o vejo.

Sigo para o mercado, apesar de não fazer ideia do tipo nem do tamanho das fraldas que devo comprar. As mensagens que mando para minha mãe quando chego lá não são respondidas. Ela deve estar ocupada com Elijah.

Abro o contato de Jonah. Encaro a tela, me perguntando por que minha mãe não quer pedir as fraldas para ele. Também estou curiosa sobre o motivo para ela estar cuidando de Elijah há tanto tempo.

Era óbvio que aquela história sobre Jonah precisar descansar era mentira. Dava para ver nos olhos da minha mãe. Ela estava preocupada. Estava torcendo

para ele *só* precisar descansar.

Mas e se Lexie tiver razão? E se Jonah resolver não voltar para buscá-lo?

Se for o caso, é mais uma coisa para eu acrescentar à lista de tragédias que causei. Jonah está estressado por ter perdido a mãe do seu filho e não sabe como criá-lo sozinho, e nada disso estaria acontecendo se não fosse por mim.

Preciso consertar esse problema, mas, para isso, preciso saber exatamente o que está acontecendo.

Resolvi não ligar para Jonah. Guardo o celular no bolso, saio do mercado sem as fraldas, entro no carro e vou direto para a casa dele. Já que tia Jenny não está aqui para me ajudar, e minha mãe com certeza não quer me contar a verdade, a única forma de encontrar respostas é indo direto à fonte.

Escuto o som da televisão quando me aproximo da porta. Solto um suspiro de alívio, porque, se a tevê está ligada, Jonah provavelmente não foi embora da cidade. *Ainda*. Toco a campainha e escuto ruídos lá dentro. Depois passos.

Os passos diminuem, como se estivessem se afastando, tentando fugir do visitante. Começo a bater à porta para mostrar que não vou embora até ele abrir. Se for preciso, entro pela janela.

— Jonah! — grito.

Nada. Tento virar a maçaneta, mas a porta está trancada, então bato de novo com a mão direita enquanto toco a campainha com a esquerda. Faço isso por trinta segundos inteiros até escutar os passos de novo.

A porta abre. Jonah está vestindo uma camisa.

— Você podia esperar um segundo para eu me vestir — diz ele.

Empurro a porta e passo por ele, entrando na casa sem ser convidada. Não venho aqui desde a semana antes de Jenny morrer. É incrível como um homem é capaz de estragar um lugar.

Não que tenha chegado ao ponto de estar nojento, mas com certeza alcançou um nível patético. Roupas no chão. Caixas de pizza vazias na bancada. Dois sacos de batata frita abertos no sofá. Parecendo envergonhado pelo estado da casa, *como deveria estar*, Jonah começa a juntar o lixo e levá-lo para a cozinha.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Jonah pisa no pedal da lixeira, e a tampa abre. Acho que seu plano era jogar tudo lá dentro, mas não tem espaço, então ele solta o pedal e deixa as coisas sobre a bancada da cozinha, junto a outra pilha de lixo.

— Limpando — responde ele. Então tira a tampa da lixeira e começa a fechar o saco.

— Você me entendeu. Por que minha mãe está com Elijah desde domingo?

Jonah tira o saco da lixeira e o coloca ao lado da porta da cozinha, que leva à garagem. Ele para por um instante e olha para mim como se cogitasse me responder com a verdade. Mas então balança a cabeça.

— Você não entenderia.

Estou cansada de ouvir isso. É como se os adultos achassem que ter dezesseis anos faz com que uma pessoa não consiga compreender palavras. Eu entendo o suficiente para saber que não há motivo no mundo para um pai se afastar do filho. Nem o luto.

— Você não está nem um pouco preocupado com ele?

Jonah parece se ofender com a pergunta.

— É óbvio que estou.

— Você demonstra isso de um jeito engraçado.

— Minha cabeça não está boa.

Eu rio.

— Pois é. Nem a da minha mãe. Ela perdeu o marido e a irmã.

A resposta de Jonah é seca.

— Eu perdi meu melhor amigo, minha noiva e a mãe do meu filho.

— E, agora, seu filho perdeu você. Parece justo.

Jonah suspira, se apoiando na bancada. Ele olha para o chão, e percebo que minha presença aqui faz com que se sinta culpado. *Ótimo.* Ele merece se sentir culpado. E eu ainda não acabei.

— Você acha que está sofrendo mais do que a minha mãe?

— Não — responde ele na mesma hora. De um jeito convincente.

— Então por que está jogando suas responsabilidades para cima dela? A sua tristeza não é maior, e agora você largou seu filho lá em casa, como se os seus sentimentos fossem mais importantes do que a situação em que ela está.

Jonah pensa no que eu disse. Dá para notar a ficha caindo, porque sua expressão fica angustiada. Ele se empurra para longe da bancada e vira as costas para mim, como se eu fosse a causa do seu remorso.

— Elijah aprendeu a virar ontem à noite — digo.

Ele vira, seus olhos encontrando os meus.

— Sério?

Balanço a cabeça.

— Não. Mas ele vai fazer isso daqui a pouco, e você vai perder.

Jonah trinca a mandíbula. Consigo perceber sua mudança segundos antes de ela acontecer.

— O que eu estou fazendo? — sussurra ele.

Então corre para a mesa de jantar, pega as chaves do carro. E vai para a porta da garagem.

— Aonde você vai?

Jonah para, olha para mim.

— Buscar meu filho.

Ele abre a porta da garagem, mas, antes que saia, eu grito:

— Posso ficar e limpar a casa por cinquenta pratas!

Jonah volta para a sala, tira a carteira do bolso. Pega duas notas de vinte e uma de dez, e me entrega. Então faz algo inesperado. Ele se inclina para a frente e me dá um beijo rápido na testa. Quando se afasta, me encara com um olhar intenso.

— Obrigado, Clara.

Eu sorrio e sacudo as três notas, mas sei que ele não agradecia pela minha oferta de limpar a casa. Jonah me agradeceu por ajudá-lo a recuperar o juízo.

13

Morgan

Estou na lavanderia, lavando de novo as poucas roupas que tenho de Elijah, quando escuto a porta da frente abrir e fechar. Clara deve ter voltado do mercado com as fraldas. Continuo chorando. Que surpresa. Seco os olhos antes de ligar a secadora e voltar para a sala.

Quando viro no corredor, fico paralisada.

Jonah está parado na sala.

Segurando Elijah. Aconchegando-o contra o peito, beijando o topo da sua cabeça sem parar.

— Desculpe — escuto ele sussurrar. — O papai está muito, muito arrependido.

Não quero interromper o momento. Eu me sinto reconfortada com a cena, o que é estranho, porque estava tão furiosa apenas minutos antes. Mas vejo na cara de Jonah que ele percebeu que não é capaz de abandonar o filho. Não importa quem é seu pai biológico, foi Jonah quem o criou. É Jonah quem Elijah reconhece e ama. Fico feliz por ele não ter transformado meus piores medos em realidade.

Vou para meu quarto e deixo os dois sozinhos por um instante enquanto arrumo a bolsa de fraldas. Quando volto para a sala, Jonah continua no mesmo lugar. Ainda abraça Elijah como se fosse incapaz de se desculpar o suficiente. Como se o bebê conseguisse entender o que aconteceu.

Ele olha para cima, e fazemos contato visual. Por maior que seja meu alívio agora por saber que seu amor por Elijah vai além de qualquer DNA que os dois

compartilhem ou não, continuo um pouco irritada por ele ter demorado quatro dias para cair em si.

— Se você abandonar esse bebê de novo, vou pedir a custódia.

Sem hesitar por um segundo, Jonah atravessa a sala e passa os braços em torno de mim, encaixando minha cabeça sob seu queixo.

— Desculpe, Morgan. Não sei o que eu estava pensando. — A voz dele soa desesperada, como se fosse possível que eu não o perdoasse. — Desculpe.

A questão é que... eu nem *culpo* Jonah.

Se Chris e Jenny já não estivessem mortos, eu mataria os dois por fazerem isso com ele. Passei os últimos dias pensando nisso. Jenny devia saber que havia uma possibilidade de Chris ser pai de Elijah. E se ela sabia, *Chris* sabia. Fico me perguntando por que permitiriam que Jonah acreditasse mesmo por um instante ser pai de uma criança que não é sua. E o único motivo que consigo imaginar não é bom o suficiente.

Acredito que os dois guardaram segredo porque tinham medo das consequências de contar a verdade. Clara jamais os perdoaria. Acho que Jenny e Chris fariam qualquer coisa para esconder isso dela. Inclusive usar Jonah para manter a mentira dos dois.

Pelo bem de Clara, fico aliviada por terem escondido tudo tão bem.

Mas, por Jonah — e por Elijah —, estou furiosa.

E é por isso que não tento fazer Jonah se sentir mais culpado. Ele precisava de tempo para se ajustar a uma notícia tão traumática. Não precisa ficar com a consciência pesada também. Ele voltou e está arrependido, e nada mais importa agora.

Jonah continua me abraçando, pedindo desculpas, como se eu precisasse de explicações mais do que Elijah. Não preciso. Eu entendo completamente o que aconteceu. Só estou aliviada por saber que meu sobrinho não vai crescer sem pai. Essa era minha maior preocupação.

Eu me afasto de Jonah e lhe entrego a bolsa de fraldas.

— Acabei de colocar os macacões dele na secadora. Você pode vir buscar depois.

— Obrigado — diz Jonah. Ele dá um beijo na testa de Elijah e o encara por um instante antes de se preparar para ir embora. Eu os sigo pela sala. Quando Jonah chega à porta, se vira e repete, colocando ainda mais convicção em sua voz: — *Obrigado.*

Assinto.

— Está tudo bem, Jonah. Sério.

Quando a porta fecha, desabo sobre o sofá, aliviada. Acho que nunca estive tão exausta. Da vida. Da morte. De *tudo*.

Acordo uma hora depois, na mesma posição, quando Clara volta para casa.

Sem fraldas.

Esfrego meus olhos sonolentos, me perguntando o que ela estava fazendo se não foi comprar o que pedi. Como se não bastasse o cansaço de passar a semana inteira cuidando de um bebê, ter uma filha adolescente que resolve começar sua fase rebelde no dia do funeral do pai é a cereja no topo do bolo.

Eu a sigo até a cozinha. Ela abre a geladeira, e paro às suas costas, tentando ver se sinto cheiro de maconha de novo. Não sinto, mas, hoje em dia, os adolescentes gostam de mascar aquelas balas. É mais fácil de esconder.

Clara olha por cima do ombro com uma sobrancelha erguida.

— Você está me cheirando?

— Onde você estava? Eu pedi para comprar fraldas.

— Elijah continua aqui?

— Não. Jonah veio buscá-lo.

Ela desvia de mim.

— Então não precisamos de fraldas.

Ela tira do bolso o dinheiro que lhe dei e o coloca sobre a bancada. Então segue para a porta da cozinha, mas tenho sido tolerante demais. Clara só tem dezesseis anos. Tenho o direito de saber onde ela estava.

— Você foi se encontrar com aquele garoto?

— Que garoto?

— O garoto que te deu maconha no funeral do seu pai.

— Achei que a gente já tivesse virado essa página. E não.

Ela tenta passar por mim de novo, mas continuo na sua frente, ainda bloqueando a porta.

— Você não pode mais sair com ele.

— Hum. *Não* estamos saindo. E, se estivéssemos, ele não é um cara ruim. Posso ir para o meu quarto, por favor?

— Depois de você me contar onde estava.

Clara joga os braços para cima.

— Eu estava limpando a casa de Jonah! Por que você sempre imagina o pior?

Não acredito nisso. Por que ela limparia a casa de Jonah?

— Veja no aplicativo, se acha que estou mentindo. Ligue para Jonah.

Ela passa espremida por mim e empurra a porta.

Acho que eu devia ter olhado no aplicativo antes. Só parece que, mesmo com ele, não sei o que Clara anda fazendo. Meu celular indicava que ela estava no cinema no dia do funeral de Chris, mas com certeza não tinha uma notificação de que estava usando drogas. Sinto como se o aplicativo fosse inútil a esta altura.

Eu devia cancelar a assinatura, porque custa caro. Mas Chris usava sua conta para pagar, e seu telefone provavelmente foi destruído no acidente. Ele não estava na caixa de pertences que tiraram do carro de Jenny.

E, mesmo que eu o *encontrasse*, nem saberia a senha. Essa devia ter sido minha primeira pista sobre todas as coisas que ele escondia de mim. Mas quem precisa de pistas quando você nem imagina que deveria estar bancando a detetive? Nunca suspeitei que havia algo errado.

Lá vou eu de novo.

Acho que estou com saudade de quando Elijah estava aqui. Ele me distraía. Eu não precisava pensar no que Jenny e Chris faziam quando todos os minutos eram ocupados por meu sobrinho. Jonah tem sorte nesse sentido. Elijah provavelmente vai mantê-lo tão ocupado e exausto que seu cérebro não vai ter tempo para outras preocupações.

Posso tomar um pouco de vinho. Quem sabe um banho de espuma. Talvez ajude.

Faz uns trinta segundos que Clara saiu da cozinha, mas a porta continua balançando para a frente e para trás. Eu a seguro, depois encaro as costas da minha mão, a palma pressionada contra a madeira. Fixo o olhar na aliança. Ela foi presente de Chris no nosso aniversário de dez anos de casamento. Passei a usá-la no lugar do anel de ouro que ele comprou para mim quando éramos adolescentes.

Jenny o ajudou a escolher.

Será que os dois já tinham um caso nessa época?

Pela primeira vez desde que coloquei esta aliança, sinto a necessidade de tirá-la. Eu a arranco do dedo e a jogo contra a porta. Não sei onde aterrissa, e não me importo.

Empurro a porta da cozinha e vou para a garagem em busca de algo que me ajude a solucionar pelo menos *um* problema na minha vida.

Quero muito um facão, ou um machado, mas só encontro um martelo. Volto com ele para a cozinha para acabar com essa maldita porta de uma vez por todas.

Acerto a madeira com o martelo. Fica um amassado bonito.

Golpeio de novo, me perguntando se não teria sido mais fácil simplesmente soltar as dobradiças. Mas talvez eu só precisasse descontar minha raiva em alguma coisa.

Bato no mesmo lugar, uma vez após a outra, até a madeira começar a lascar. Com o tempo, um buraco vai surgindo, e consigo ver a sala do outro lado. É uma sensação gostosa. Isso meio que me preocupa.

Mas continuo batendo. Sempre que acerto a madeira, a porta balança para longe de mim. Bato de novo quando ela volta. Eu e meu martelo entramos em um ritmo até o buraco ter pelo menos trinta centímetros.

Coloco toda a minha força no próximo golpe, mas o martelo prende na madeira e escorrega das minhas mãos. Quando a porta volta para mim, interrompo seu movimento com um pé. Vejo Clara através do buraco. Ela está parada na sala, me encarando.

E parece espantada.

Estou com as mãos no quadril agora. Minha respiração está ofegante pelo esforço de fazer o buraco. Limpo o suor da testa.

— Você enlouqueceu de verdade — diz Clara. — Eu estaria melhor se fugisse de casa.

Empurro a porta, mantendo-a aberta com a mão. Se ela acha que ficar aqui comigo é tão ruim assim...

— Então pode fugir, Clara — digo, séria.

Ela balança a cabeça, como se *eu* fosse motivo de decepção, e volta para o quarto.

— A porta fica do outro lado! — grito.

Clara bate a porta do quarto, e só levo três segundos antes de me arrepender por ter gritado. Se ela for um pouco parecida comigo nessa idade — *e é* —, deve estar fazendo a mala e planejando escapar pela janela.

Eu não falei sério. Só estou frustrada. Preciso parar de descontar as coisas na minha filha, mas a forma como ela age comigo a torna um alvo fácil.

Vou até seu quarto e abro a porta. Clara não está fazendo a mala. Está apenas deitada na cama, encarando o teto. *Chorando.*

Meu coração se aperta de culpa. Eu me sinto péssima por perder a paciência com ela. Sento na cama e passo a mão por sua cabeça, arrependida.

— Desculpe. Não quero que você fuja.

Dramática, Clara vira e encara a direção oposta. E abraça o travesseiro.

— Vá *dormir*, mãe. Por favor.

14

Clara

Tomei minha primeira xícara cheia de café há duas semanas, na manhã que minha mãe abriu um buraco aleatório na porta da cozinha. Desde então, descobri a única coisa que talvez consiga me salvar da depressão que já dura um mês.

Starbucks.

Não é como se eu nunca tivesse entrado em uma Starbucks antes. Mas sempre fui aquele tipo de pessoa que pede chá em cafeterias. Porém, agora que a insônia se tornou uma realidade, já provei quase todas as bebidas do cardápio e tenho até a minha favorita. O clássico Caramelo Macchiato grande, sem substituir nem acrescentar nada.

Levo minha bebida para uma mesa vazia, a mesma em que sento quase todos os dias nas últimas duas semanas. Quando não estou na casa de Lexie depois da escola, venho para cá. A situação anda tão tensa na minha casa que não quero estar lá. Nos dias de aula, preciso voltar às dez da noite, se não tiver dever de casa. Nos fins de semana, o horário é meia-noite. E a verdade é que, desde a última briga que tive com minha mãe, nunca chego antes das dez.

Se ela não está exigindo saber aonde vou e com quem estou nem me cheirando em busca de sinais de uso de drogas, está vagando deprimida pela casa, esburacando portas aleatórias.

E, então, há tudo sobre o que não conversamos. O fato de que eu estava trocando mensagens com Jenny no dia em que os dois morreram. E sei aonde ela

e Jonah foram no dia em que saíram juntos — ao Langford. Vi no aplicativo. Naquela noite, perguntei o que tinha acontecido, mas ela não quis me responder. Se eu tocasse no assunto de novo, tenho a impressão de que escutaria uma mentira.

As coisas parecem desequilibradas entre nós. Não estamos sincronizadas. Não sabemos mais conversar agora que perdemos papai e Jenny.

Ou talvez seja eu. Não sei. Só sei que não consigo estar em casa agora. Odeio a forma como me sinto lá. É estranho não ver meu pai, e tenho medo de que as coisas nunca mais voltem a ser como eram. Antes, eu me sentia no meu lar. Agora, sinto como se estivesse em um hospital, e eu e minha mãe somos as únicas pacientes.

É triste me sentir mais confortável na Starbucks do que na minha própria casa. Lexie trabalha no Taco Bell cinco dias da semana, e está lá hoje, então me aconchego no meu cantinho da terra da cafeína e abro um livro.

Li apenas algumas páginas quando meu telefone vibra na mesa. Eu viro a tela e vejo a nova notificação do Instagram.

Miller Adams começou a seguir você.

Encaro a notificação, absorvendo seu significado por um instante. Será que Shelby terminou com ele de novo? Essa é sua forma de se vingar dela?

Sinto um sorriso começando a se formar, mas eu o interrompo, porque já estou desnorteada. *Entre na minha picape. Saia da minha picape. Vamos ser amigos no Instagram. Não, não vamos ser amigos. Tudo bem, certo, vamos ser amigos.*

Não vou me permitir ficar feliz com isso até saber que raios ele está fazendo. Abro nossas mensagens no Instagram, já que apaguei seu número, e envio uma.

Eu: Partiram seu coração de novo?
Miller: Acho que fui eu que parti o dela agora.

É impossível evitar meu sorriso agora. Ele é grande demais para ser controlado.

Miller: O que você está fazendo agora?
Eu: Nada.
Miller: Posso ir aí?

Minha casa é o *último* lugar onde quero que ele esteja.

Eu: Vamos nos encontrar na Starbucks.
Miller: Estou indo.

Baixo o telefone e pego o livro de novo, mas sei que não vou conseguir me concentrar nas palavras enquanto espero. Mas não faz diferença, porque, cinco segundos depois, Miller arrasta uma cadeira vazia até minha mesa. Ele senta com o encosto virado para a frente. Apoio o livro no peito e o encaro.

— Você já estava aqui?

Miller sorri.

— Eu estava na fila para pegar meu café quando mandei a mensagem.

O que significa que ele provavelmente me viu sorrindo feito uma idiota.

— Que invasão de privacidade.

— A culpa não é minha se você não presta atenção no que está acontecendo ao seu redor.

Ele tem razão. Quando estou aqui, não tenho noção do que acontece à minha volta. Às vezes, passo duas horas lendo e, quando fecho o livro, fico surpresa ao ver que não estou em casa.

Guardo o livro na bolsa e tomo um gole de café. Então me recosto na cadeira, analisando Miller. Ele parece melhor. Menos arrasado desta vez. Na verdade, parece satisfeito, mas não faço ideia de quanto tempo isso vai durar antes de ele perceber o quanto sente falta de Shelby e parar de me seguir no Instagram de novo.

— Não sei se gosto de ser seu plano reserva para quando você arruma problema com sua namorada.

Miller abre um sorriso gentil.

— Você não é meu plano reserva. Gosto das nossas conversas. E não tenho mais namorada, então já não sinto mais culpa quando falo com você.

— Você acabou de resumir um plano reserva. Quando sua prioridade não dá certo... passe para a segunda opção.

Uma atendente chama o nome de Miller, mas ele passa cinco segundos inteiros me encarando antes de afastar a cadeira da mesa e ir buscar o café. Quando volta, não retoma a conversa. Muda completamente de assunto.

— Quer dar uma volta?

Ele toma um gole de café, e não faço ideia de como algo tão simples quanto um cara bonitinho bebendo algo pode ser tão atraente, mas é, então pego minha bolsa e levanto.

— Com certeza.



Com exceção de alguns encontros escondidos que tive no ano passado com um cara chamado Aaron, nunca saí com ninguém. Não que eu ache que isso seja um encontro de verdade, mas é inevitável fazer uma comparação, mesmo que seja com a única que tive. Meus pais sempre foram extremamente superprotetores, então nunca me dei ao trabalho de perguntar se podia sair com um cara. A regra sempre foi que eu poderia namorar depois que fizesse dezesseis anos, mas faz quase um ano desde o meu aniversário, e evitei tocar no assunto. A ideia de levar um garoto para conhecer meus pais sempre foi apavorante, então, se eu quisesse sair com alguém, geralmente preferia fazer isso às escondidas, com a ajuda de Lexie.

Mas, mesmo diante da minha pouca experiência, entendo o suficiente sobre o assunto para saber que o silêncio é inimigo de um bom encontro. Você precisa tentar preenchê-lo com perguntas bobas que ninguém quer responder, e, então, se conseguir aguentar as respostas péssimas, talvez consiga dar uns amassos no fim da noite.

Porém o que está acontecendo comigo e Miller *não* é um encontro. Nem de longe. Isso porque não trocamos uma palavra desde que entramos na picape, apesar de já estarmos há meia hora aqui. Ele não me força a responder perguntas que não quero que sejam feitas, e não o obrigo a me contar todos os detalhes do seu término com Shelby. Somos só duas pessoas, escutando música, *apreciando* o silêncio.

Estou adorando. Talvez isso seja melhor até que meu cantinho aconchegante na Starbucks.

— Esta picape era do vovô — diz Miller, quebrando nosso silêncio confortável. Mas a interrupção não me irrita. Na verdade, estive realmente me perguntando por que ele dirige um carro tão velho e se existe uma história por trás disso. — Ele o comprou zero quando tinha vinte e cinco anos. E foi o único carro que dirigiu durante a vida.

— Quantos quilômetros ele rodou?

— Eram pouco mais de trezentos e vinte mil antes de a picape ser desmontada e tudo ser trocado. Agora são... — Miller levanta a mão para olhar o painel atrás do volante. — Trinta mil novecentos e dezoito.

— Seu avô ainda dirige?

Miller balança a cabeça.

— Não. Ele não tem mais saúde para isso.

— Achei que ele parecia ótimo.

Miller coça o queixo.

— Ele tem câncer. Os médicos deram seis meses, no máximo.

Sinto como se eu tivesse levado um soco na barriga, nem o conheci direito, só falei uma vez com ele.

— Ele gosta de fingir que nada está acontecendo e que está se sentindo bem. Mas sei que está assustado.

Começo a ficar curiosa sobre a família de Miller. Tipo como é sua mãe, e por que meu pai parecia detestar tanto o pai dele.

— Vocês são muito próximos?

Miller apenas concorda com a cabeça. Pela maneira como se recusa a dar uma resposta em voz alta, sei que vai ser muito difícil para ele quando acontecer. E isso me deixa triste.

— Você devia escrever tudo.

Ele me olha de soslaio.

— Como assim?

— Escreva tudo o que você quer lembrar sobre ele. É surpreendente como a gente se esquece rápido das coisas.

Miller sorri para mim, parecendo agradecido pelo conselho.

— Vou fazer isso — diz ele. — Prometo. Mas também é por esse motivo que passo a maior parte do tempo com uma câmera enfiada na cara dele.

Eu devolvo o sorriso e olho pela janela. Não falamos mais até a picape parar de novo na Starbucks, quinze minutos depois.

Estico as costas e depois os braços antes de tirar o cinto de segurança.

— Obrigada. Eu precisava disso.

— Eu também — concorda Miller.

Ele se apoia na porta do motorista, a cabeça apoiada na mão enquanto me observa pegar a bolsa e abrir a porta.

— Você tem bom gosto para músicas.

— Eu sei — responde ele, seus lábios abrindo um sorrisinho brincalhão.

— A gente se vê na escola amanhã?

— Até lá.

A forma como Miller olha para mim dá a entender que ele não quer que eu vá embora, mas nada é dito, então saio da picape. Fecho a porta e viro para o meu carro, mas escuto o som da porta dele abrindo enquanto procuro as chaves.

Miller está ao meu lado agora, apoiado no meu carro. Seu olhar é intenso. Meu corpo inteiro o sente.

— A gente devia sair de novo. Está ocupada amanhã à noite?

Interrompo a busca pelas chaves e faço contato visual. Amanhã à noite seria legal, mas ficar um pouco mais com ele hoje seria melhor ainda. Ainda falta uma hora antes de eu precisar voltar para casa.

— A gente pode fazer alguma coisa agora.

— Aonde você quer ir?

Olho para as portas da Starbucks, já ansiosa por outra dose de cafeína.

— Seria muito bom tomar outro café.



Todas as mesas menores estavam ocupadas, então tivemos de escolher entre uma mesa com seis cadeiras ou o sofá.

Miller seguiu para o sofá, e não achei ruim. Nós dois sentamos e relaxamos, as cabeças apoiadas nas almofadas, nos encarando. Coloquei os pés em cima do sofá, e Miller levantou uma perna.

Nossos joelhos se encostam.

Agora, boa parte da Starbucks está vazia, e já bebi quase todo meu café, mas não paramos de falar e rir, nem mesmo por poucos segundos. Esta versão de nós é tão diferente de quando estávamos na picape antes, mas me sinto à vontade da mesma maneira.

Estar com ele parece natural. Seja no silêncio, na conversa, nas risadas. Tudo é tão confortável, e eu não tinha me dado conta de que sentia falta disso. Mas sentia. Desde o acidente, tudo na minha vida parece ter ganhado bordas afiadas, e passei o último mês caminhando por esse mundo no escuro, na ponta dos pés, tentando não me machucar.

Não falamos sobre o término do seu namoro, apesar da minha curiosidade sobre o que teria acontecido. Minha esperança era que evitássemos falar sobre o acidente e tudo que ocorreu desde então, mas Miller acaba de me perguntar como está minha mãe.

— Bem, eu acho. — Tomo o último gole do café. — Peguei ela tentando destruir a porta da cozinha com um martelo sem motivo nenhum. Agora, faz duas semanas que tem um buraco aleatório lá.

Miller sorri, mas é um sorriso compreensivo.

— E você? — pergunta ele. — Já destruiu alguma coisa?

Dou de ombros.

— Não. Estou bem. Quer dizer... só faz pouco mais de um mês. Ainda choro todas as noites. Mas já se tornou um pouco mais fácil levantar da cama. — Balanço meu copo de café vazio. — Passar a gostar de cafeína ajudou.

— Quer outro?

Faço que não com a cabeça e coloco o copo na mesa ao meu lado. Então me ajeito no sofá para ficar mais confortável. Miller me imita, e estamos ainda mais próximos agora.

— Pode me fazer um favor? — pergunto.

— Depende do favor.

— Um dia, quando você virar um diretor famoso, pode exigir que os copos de café tenham líquido dentro quando estão nas mãos dos atores em cena?

Ele ri. Alto.

— Essa é a coisa que mais me incomoda — responde Miller. — Os copos estão sempre vazios. E quando os colocam em uma mesa, dá para ouvir o nada lá dentro.

— Assisti a um filme em que o ator estava com raiva, sacudindo o copo de café, e não caía nem uma gota. Acabei me distraindo, e isso estragou o filme todo.

Miller sorri e aperta meu joelho.

— Eu prometo. Todos os copos de café no meu set estarão cheios.

Sua mão continua no meu joelho. É óbvio demais o que está acontecendo para eu fingir não notar, mas tento. Só que fico olhando para baixo. Gosto de ver a mão dele lá. Gosto da sensação do seu dedão fazendo carinho para trás e para a frente.

Gosto de como me sinto quando estamos juntos. E não tenho certeza, mas acho que ele também. Nós dois não paramos de sorrir. Sei que já corei pelo

menos três vezes durante nossa conversa.

A gente sabe que o interesse é mútuo, então não estamos tentando nos fazer de bobos. Para mim, é apenas uma questão de saber o que se passa pela cabeça dele. No que está pensando... se Shelby continua sendo uma preocupação.

— Então — diz Miller. — Você já escolheu a faculdade? Ainda quer estudar teatro?

Essa pergunta me faz suspirar.

— Eu quero muito, mas minha mãe é tão contra. E meu pai também era.

— Por quê?

— As chances de darem certo são mínimas, então eles querem que eu estude algo mais prático.

— Já vi você atuando. Nasceu para isso.

Eu me empertigo no sofá.

— Sério? A que peça você assistiu?

Eu faço teatro todo ano na escola, mas nunca notei Miller na plateia.

— Não lembro qual foi. Só me lembro de você no palco.

Sinto meu rosto corar de novo. Eu me recosto no sofá e abro um sorriso tímido.

— E você? Pelo menos já se inscreveu na Universidade do Texas? Ou em qualquer lugar?

Ele balança a cabeça.

— Não. Não podemos bancar uma faculdade dessas, e, sinceramente, preciso ficar por aqui. Por causa do vovô.

Quero perguntar sobre isso, mas Miller parece triste quando toca no assunto. Não sei se é porque não há outra pessoa para cuidar do seu avô caso ele se mude ou se é porque jamais o abandonaria de toda forma. Provavelmente uma mistura das duas coisas.

Fico incomodada por nossa conversa chateá-lo, então tento mudar de assunto.

— Preciso confessar uma coisa.

Miller me encara com expectativa, esperando que eu continue.

— Preenchi a inscrição do trabalho de cinema.

Ele sorri.

— Que bom. Fiquei com medo de você acabar não participando.

— Talvez eu tenha inscrito você também.

Ele me encara, estreitando os olhos.

— Para o caso de eu terminar com Shelby?

Concordo com a cabeça.

Ele ri um pouco e depois diz:

— Obrigado. — Há uma pausa. — Então nós somos uma dupla?

Dou de ombros.

— Se você quiser. Mas, bem, se você e Shelby acabarem voltando, vou entender se não...

Miller se inclina para a frente, baixando a cabeça enquanto me encara.

— Não vou voltar com Shelby. Esqueça isso.

Uma declaração tão rápida, mas com uma mensagem tão forte que faz uma onda de calor subir pelo meu peito.

Ele parece tão sério que fico nervosa quando continua a falar.

— Antes, quando você disse que era meu plano reserva, me deu vontade de rir. Porque, na verdade, Shelby era meu plano reserva para *você*. — Um sorriso tímido se espalha pelo rosto de Miller. — Faz quase três anos que sou a fim de você.

Suas palavras me deixam tão chocada que não consigo falar por um momento. Então balanço a cabeça, confusa.

— Três anos? Por que você nunca fez nada?

— Nunca achei o momento certo — responde ele, rápido. — Quase tentei, uma vez, mas aí você começou a sair com aquele cara...

— Aaron.

— Isso. *Aaron*. E então comecei a namorar com Shelby. Você e Aaron terminaram dois meses depois.

— E aí você começou a me evitar.

Miller parece arrependido quando digo isso.

— Você percebeu?

Concordo com a cabeça.

— Você pagou vinte pratas para trocar de armário com um cara no primeiro dia de aula deste ano. Levei para o lado pessoal — digo, rindo, mas estou sendo completamente sincera.

— Quis manter distância. Shelby era minha amiga antes de começarmos a namorar, então ela sabia que eu gostava de você.

Muita coisa faz sentido agora.

— Foi por isso que você disse que ela tem ciúme de mim e não de outras garotas?

— Pois é.

Miller se encosta no sofá, agora com ar despreocupado, apoiando a cabeça no encosto. E me observa enquanto absorvo tudo que acabou de contar. Seu olhar é tão vulnerável — como se sua confissão tivesse exigido muita coragem, e ele estivesse nervoso com a minha reação.

Nem sei o que dizer. Meio que quero mudar de assunto, porque fiquei sem graça. Não consigo pensar em nada capaz de impressioná-lo ou de lhe causar a mesma sensação boa que suas palavras me causaram. Por isso, a coisa mais aleatória do mundo sai da minha boca.

— Sua picape tem nome?

Miller aperta os olhos, como se estivesse se perguntando de que raios estou falando. Então ri, e é a melhor risada, profunda.

— Tem. Nora.

— Por que Nora?

Ele hesita. Adoro o sorriso que surge nos seus lábios.

— É uma música dos Beatles.

Eu me lembro do pôster dos Beatles pendurado em seu quarto.

— Então você é fã dos Beatles?

Miller concorda com a cabeça.

— Tenho muitas bandas favoritas. Adoro música. Ela alimenta minha alma.

— Qual é sua letra favorita?

Ele nem hesita.

— Não é dos Beatles.

— E de quem é?

— De uma banda chamada Sounds of Cedar.

— Nunca ouvi falar, mas gostei do nome.

— Se eu contar minha letra favorita deles, você vai querer ouvir todas as músicas que já escreveram.

Abro um sorriso esperançoso.

— Ótimo. Fale algumas estrofes.

Miller se inclina um pouquinho e sorri enquanto repete a letra.

— Desde o momento em que a conheci, acreditei em você. Agora que finalmente a deixei, acredito em mim.

Deixo a letra pairar entre nós enquanto fitamos um ao outro. Fico me perguntando se essa é sua parte favorita por causa do término recente com

Shelby ou se ele já gostava da música antes. Mas não vou perguntar. Em vez disso, suspiro.

— Uau — sussurro. — É trágico *e* inspirador ao mesmo tempo.

Ele abre um sorriso doce.

— Eu sei.

Não consigo esconder como me sinto com Miller agora. Fico grata pela minha tristeza desaparecer por alguns instantes enquanto estou na sua companhia; por ele não fingir ser alguém diferente do que é; por ele ter terminado com a namorada antes de tentar alguma coisa comigo. E, apesar de não nos conhecermos bem, eu o conheço o suficiente para saber que é uma boa pessoa.

Esta última parte me atrai muito — a parte que foi ao funeral do meu pai apenas porque queria ver como eu estava. Gosto mais disso do que da aparência, do senso de humor ou da voz desafinada dele.

Há um turbilhão de sentimentos no meu peito agora, e tenho medo de a cafeteria começar a girar se eu não encontrar meu centro gravitacional. Então me inclino para a frente e pressiono os lábios contra os dele, só para me equilibrar.

É um beijo rápido. Inesperado para nós dois, acho. Quando me afasto, estou mordendo a boca, nervosa, me perguntando se agi certo. Apoio a cabeça no sofá e espero a reação de Miller. Seus olhos não se afastam dos meus.

— Não achei que nosso primeiro beijo seria assim — diz ele, baixinho.

— Assim como?

— Fofo.

— Como você achou que seria?

Os olhos dele passam para os poucos clientes restantes ali dentro.

— Não posso mostrar aqui.

Quando seu olhar encontra o meu de novo, a satisfação em seu sorriso preguiçoso me enche de confiança.

— Então vamos para a picape.

A expectativa por nosso segundo beijo me deixa ainda mais nervosa do que o primeiro. Saímos da Starbucks de mãos dadas. Miller segue para a picape e abre a porta do passageiro para mim. Eu entro, e ele a fecha, depois dá a volta para o lado do motorista.

Não sei por que estou tão nervosa. Provavelmente porque está tudo acontecendo de verdade. Eu e Miller. Miller e eu. Como seria nosso nome de casal? Cliller? Millerra?

Argh. Os dois são péssimos.

Miller fecha sua porta.

— Que cara é essa?

— Que cara?

Ele aponta para meu rosto.

— Essa aí.

Eu rio, balançando a cabeça.

— Nada. Estou me preocupando por antecipação.

Miller pega minha mão e me puxa. Nós nos aproximamos no meio do banco. Essa é a parte legal das picapes antigas. Os bancos são compridos, sem nada para separar os passageiros. Agora, estamos ainda mais perto do que no sofá. Nosso rosto está mais próximo, nosso corpo também. Tudo está bem mais próximo. A mão de Miller para na parte externa da minha coxa, e me pergunto qual será o sabor do pirulito dele.

— Como assim está se preocupando por antecipação? Você se arrependeu de ter me beijado?

Eu rio, porque esta é a última coisa da qual me arrependo.

— Não. Só pensei em como nosso nome de casal seria horrível.

Vejo o alívio tomar conta do rosto dele. Mas então o canto de seus olhos se apertam.

— Ah. É. Seriam horríveis.

— Qual é seu nome do meio?

— Jeremiah. E o seu?

— O tradicional *Nicole*.

— Que nome enorme.

Eu rio.

— Idiota.

Vejo nos seus olhos que ele está bolando uma alternativa.

— Jerecole?

— Horroroso.

Começo a pensar em opções, mas então cai a ficha de como aquilo é esquisito. Nós demos um selinho. Só passamos parte de uma noite juntos sem Miller estar comprometido com outra pessoa, mas agora estamos aqui, conversando sobre nomes de casal. Quero acreditar nos meus sentimentos, mas a verdade é que ele não está solteiro há tempo suficiente para resolver se quer levar adiante o que temos.

— Você está com aquela cara de novo — alerta Miller.

Suspiro, desviando meu olhar. Olho para baixo e pego sua mão.

— Desculpe. É só que... — Faço uma pausa antes de voltar a encará-lo. — Tem certeza de que quer fazer isso? Quer dizer, você terminou com Shelby hoje. Ou ontem. Nem sei quando, mas tanto faz. Não quero começar alguma coisa com você e ser dispensada na próxima semana.

O silêncio, após meu comentário, paira dentro da picape por mais tempo do que seria confortável. Continuamos de mãos dadas, e Miller faz carinho de leve na minha coxa com a outra mão. Ele suspira, mais forte do que eu gostaria. Esse tipo de suspiro geralmente antecede palavras desagradáveis.

— Sabe aquele dia na picape em que você disse para eu decidir o que queria?

Assenti.

— Foi nesse dia que terminei com Shelby. Não foi hoje nem ontem. Faz semanas. E, para ser sincero, eu já sabia o que queria bem antes daquilo. Só não estava disposto a magoar Shelby.

Nada mais é dito com palavras. Apenas com o olhar. Os olhos dele encontram os meus com uma sinceridade tão determinada que perco o ar. Miller transfere a mão da minha perna para meu cotovelo, depois lentamente roça os dedos por meu braço, subindo até o pescoço, parando na minha bochecha.

Estou ofegante, observando seus olhos analisarem meu rosto e pararem nos meus lábios.

— Nicomiah seria bom — sussurro.

O momento é interrompido pela risada de Miller. Então a mão desliza para minha nuca, e ele me puxa para sua boca, ainda sorrindo. É um beijo doce a princípio, parecido com o que lhe dei na cafeteria. Mas então sua língua passa por meus lábios e toca a minha, e toda a doçura desaparece.

Agora a coisa ficou séria.

Reajo com uma avidez quase vergonhosa, puxando-o para mais perto, querendo que ele e o beijo afastem as últimas gotas de tristeza que ainda boiam dentro de mim. Agarro seu cabelo, e uma das mãos dele desce pelas minhas costas.

Nunca senti algo tão bom e perfeito antes. Na verdade, a apreensão começa a aumentar dentro de mim, sabendo que o beijo terá que acabar em algum momento.

Ele agarra minha cintura e me puxa para mais perto, e sento em seu colo. Nossa nova posição o faz gemer, e o gemido faz com que eu o beije com ainda

mais vontade. Não consigo me controlar. Miller tem mais gosto de café do que de pirulito, mas não me importo, porque adoro o gosto de café agora.

Os dedos dele roçam a pele sob meu cóccix, e é fantástico como um toque tão simples pode causar uma reação tão forte. Afasto a boca, com medo da sensação. Da intensidade. É tudo novo para mim, e fico um pouco assustada.

Miller me puxa, enterrando o rosto no meu pescoço. Meus braços estão ao seu redor, minha bochecha está pressionada no topo de sua cabeça. Sinto a respiração dele batendo no meu pescoço em rajadas fortes, quentes.

Ele suspira, apertando mais os braços em torno de mim.

— Esse era mais ou menos o tipo de primeiro beijo que eu estava esperando.

Eu rio.

— Ah, é? Você gostou mais desse do que do meu beijo fofo?

Miller balança a cabeça e se afasta um pouco para me olhar.

— Não, eu adorei o beijo fofo também.

Sorrio e pressiono meus lábios de leve contra os seus, para lhe dar outro beijo fofo.

Ele suspira contra minha boca e me beija de volta, sem língua, só lábios macios e um suave sopro de ar. Então espia por cima do meu ombro, olhando para o relógio e se recosta no banco.

— Você perdeu a hora de voltar para casa — diz Miller com desânimo, como se desejasse que pudéssemos passar a noite toda na picape.

— Estou muito atrasada?

— Quinze minutos.

— Bem, que droga.

Miller me tira de cima dele e então sai da picape. Eu abro minha porta para saltar, e ele entrelaça os dedos aos meus enquanto me acompanha até meu carro. Então abre a porta para mim, apoiando um braço no teto. Nós nos beijamos de novo antes de eu entrar.

Não acredito em tudo que estou sentindo agora. Antes de vir para cá hoje, eu vivia muito bem sem Miller. Agora, acho que todos os minutos que passarmos separados serão uma tortura.

— Boa noite, Clara.

— Boa noite.

Ele me encara por um instante sem fechar a porta. Então geme.

— Amanhã parece tão longe.

Adoro a forma como Miller descreve perfeitamente a forma como me sinto. Ele fecha a porta e se afasta. Mas não para de me observar, não volta para a picape até que eu saia do estacionamento e siga para casa... atrasada.

Isso vai ser divertido.

15

Morgan

Fiquei sentada na varanda dos fundos, refletindo. Não sei bem sobre o quê. Minha mente parece uma bolinha de pingue-pongue, indo de pensamentos sobre Chris para pensamentos sobre como preciso começar a procurar emprego, para pensamentos sobre voltar para a faculdade, para pensamentos sobre Clara e como ela ainda não voltou para casa. São quase dez e meia, então lhe envio uma mensagem. *De novo.*

Você está atrasada. Venha para casa, por favor.

Clara tem passado muito tempo fora, e não faço ideia de onde ou com quem ela está; mal temos nos falado. E quando ela *está* aqui, fica no quarto. O aplicativo sempre mostra sua localização na casa de Lexie ou na Starbucks, mas quem passa tanto tempo assim dentro de uma cafeteria?

Escuto uma leve batida na porta da varanda e olho para cima, quase esquecendo que Jonah está aqui há vinte minutos, consertando a porta da cozinha. Levanto e prendo o cabelo atrás das orelhas quando ele aparece.

— Você tem um alicate?

— Tenho quase certeza que Chris tem, mas sua caixa de ferramentas tem tranca. Talvez eu tenha um na minha caixa.

Entro e vou para a lavanderia. Tenho minha própria caixa de ferramentas para consertar as coisas quando Chris não estivesse por perto. Ela é preta e cor-

de-rosa. Foi um presente de Natal que ganhei de Chris uns anos atrás.

Jenny ganhou uma igual. O pensamento é uma punhalada.

Às vezes, acho que as coisas estão melhorando, mas então as memórias mais simples me lembram de como tudo continua uma porcaria. Pego minha caixa e a entrego a Jonah.

Ele a abre, vasculha o conteúdo. E não encontra o que quer.

— As dobradiças são velhas — explica ele. — Não consigo tirar a última porque está muito gasta. Acho que tenho um negócio lá em casa que pode ajudar, mas já está tarde, então posso voltar amanhã?

Jonah fala como se estivesse esperando uma resposta, então assinto.

— Sim. Certo.

No dia anterior eu havia enviado uma mensagem para ele, explicando que não conseguia tirar as dobradiças da porta da cozinha e pedindo ajuda. Jonah prometeu que viria no dia seguinte à noite, mas talvez um pouco tarde, depois de buscar a irmã no aeroporto. Ele sequer perguntou por que eu queria soltar as dobradiças da porta. Ao chegar, nem questionou por que havia um buraco enorme na madeira. Apenas começou a fazer o que pedi.

Enquanto o acompanho até a porta, espero ser questionada sobre o que aconteceu, mas ele não pergunta. O silêncio me incomoda, então começo a falar sobre algo que não me interessa nem um pouco.

— Quanto tempo sua irmã pretende ficar na cidade?

— Até domingo. Ela adoraria ver você. É só que... sabe como é. Ela não sabia se você queria receber visitas.

Não quero, mas, por algum motivo, sorrio e digo:

— Eu também adoraria.

Jonah ri.

— Não adoraria, não.

Dou de ombros, porque ele está certo. Eu mal a conheço. Nós nos encontramos uma vez quando éramos adolescentes, e depois nos falamos por dez minutos no dia seguinte ao nascimento de Elijah. E ela esteve nos dois funerais. E isso resume a nossa suposta amizade.

— É verdade. Eu estava sendo educada.

— Você não precisa ser educada — diz Jonah. — Nem eu. É a única vantagem dessa situação toda. Ganhamos uma licença de seis meses para sermos babacas. — Eu sorrio, e ele indica seu carro com a cabeça. — Vamos até lá?

Eu o sigo até o carro, mas, antes de entrar, ele apoia as costas na porta do motorista e cruza os braços.

— Sei que você provavelmente não quer tocar nesse assunto tanto quanto eu. Mas é algo que afeta os filhos da gente, então...

Coloco as mãos nos bolsos de trás da calça jeans. Suspiro e olho para o céu noturno.

— Eu sei. Precisamos falar disso. Porque se for verdade...

— Clara e Elijah são meios-irmãos — afirma Jonah.

É estranho ouvir essa possibilidade em voz alta. Solto o ar devagar, nervosa com o que isso significa.

— Você pretende contar a ele um dia?

Jonah concorda com a cabeça, devagar.

— Um dia. Se Elijah perguntar. Se o assunto surgir. — Ele suspira. — Sinceramente, não sei. O que você acha? Quer que Clara saiba?

Eu me abraço. Não está frio, mas, por algum motivo, estremeço.

— Não. Por mim, Clara nunca vai descobrir. Ela ficaria arrasada.

Jonah não parece irritado por eu estar basicamente pedindo para que ele esconda a verdade do próprio filho. Ele só parece triste com nossa situação.

— Odeio que a gente tenha que limpar a bagunça deles.

Concordo. É um desastre. Um desastre que ainda nem consegui entender de verdade. É muito para digerir tão cedo e muito para ser discutido agora. Mudo de assunto, porque, de toda forma, nenhuma decisão será tomada agora.

— O aniversário de Clara é daqui a duas semanas. Pensei em manter a tradição do jantar, mas não sei se ela vai querer. Talvez seja esquisito sem os dois aqui.

— Você devia perguntar a ela — sugere Jonah.

Dou uma risada desanimada.

— Não estamos nos entendendo. Sinto como se eu vivesse pisando em ovos com ela. Qualquer ideia que vier de mim será descartada.

— Clara vai fazer dezessete anos. Seria mais estranho se o relacionamento de vocês fosse perfeito.

Fico grata por ele dizer isso, mas também sei que não é uma verdade absoluta. Conheço muitas mães que se dão bem com as filhas adolescentes. Só não sou uma dessas sortudas. Ou talvez não seja uma questão de sorte. Talvez eu tenha cometido algum erro no percurso.

— Não acredito que ela vai fazer dezessete anos — diz Jonah. — Eu me lembro do dia em que você descobriu que estava grávida.

Também lembro. *Foi um dia antes de ele ir embora.*

Desvio o olhar para o concreto sob meus pés. Encarar Jonah traria à tona muitas emoções, e, a essa altura, estou cansada para sentir qualquer coisa. Pigarreio e dou um passo para trás no mesmo instante em que faróis iluminam o quintal ao nosso redor. Olho para cima e vejo Clara estacionar.

Jonah encara isso como um sinal para ir embora, então abre a porta do carro.

— Boa noite, Morgan.

Ele acena para Clara antes de entrar. Eu lhe dou um aceno silencioso e o observo se afastar. Seu carro já está no fim da nossa rua quando Clara salta.

Cruzo os braços e a encaro com expectativa.

Minha filha fecha sua porta e me cumprimenta com um aceno de cabeça, mas entra em casa. Eu a sigo até a sala, onde ela tira os sapatos ao lado do sofá.

— O que foi aquilo? — pergunta ela.

— O que foi o quê?

Clara gesticula para a varanda.

— Você e Jonah. No escuro. Foi estranho.

Estreito os olhos, me perguntando se ela só está tentando mudar meu foco.

— Por que você está tão atrasada?

Clara olha para o telefone.

— Estou?

— Está. Eu mandei mensagens. Duas.

Ela passa os dedos pela tela.

— Ah. Não escutei. — Então guarda o telefone no bolso de trás. — Desculpe. Fiquei estudando na Starbucks... perdi a noção do tempo. Não percebi que já era tão tarde. — Ela aponta por cima do ombro enquanto dá passos para trás na direção do corredor. — Preciso de um banho.

Nem me dou ao trabalho de pressioná-la a me dar uma resposta mais convincente. Seria inútil.

Vou para a cozinha e pego uma bala de melancia. Então me apoio na bancada e olho distraída para o buraco na porta, me perguntando por que Jonah mencionou o dia em que descobri que estava grávida de um jeito tão despretensioso, como se aquele não tivesse sido um dos piores da minha vida.

Talvez Jonah tenha tocado no assunto porque, com sua partida no dia seguinte, ele não tenha sido tão afetado quanto nós.

Eu me obriguei a nunca mais pensar naquela semana desde que ela aconteceu, mas, agora que Jonah a mencionou, todas as sensações daquele dia começam a repassar em minha mente.

Nós estávamos no lago. Eles três foram nadar, e eu estendi minha toalha na grama e sentei para ler um livro. Todos saíram da água ao mesmo tempo, mas só Jonah veio na minha direção. Chris e Jenny correram pela margem até o parquinho.

— Morgan! — gritou minha irmã. — Vamos no balanço!

Ela subia de costas pela colina, tentando me convencer.

Balancei a cabeça e a dispensei com um aceno de mão. Eu não estava no clima para brincadeiras. Nem queria ter ido ao lago para começo de conversa, mas Chris insistira. Meu plano era passarmos a noite sozinhos, sem Jonah e Jenny. Precisávamos conversar a sós, mas não tivemos um segundo de privacidade naquele dia. Às vezes, Chris não tinha noção nenhuma do que eu sentia, apesar do meu comportamento estar obviamente esquisito desde a noite anterior, quando percebi o atraso de minha menstruação.

— O que deu em você hoje? — perguntou Jonah enquanto sentava na grama ao meu lado. — Está meio estranha.

Quase ri da sua escolha de momento.

— Chris pediu que você conversasse comigo?

Jonah me encarou como se, de algum jeito, eu o tivesse ofendido.

— Chris nem se tocou.

Essa resposta me surpreendeu. Eu tinha notado que ele andava alfinetando Chris. Eram comentários bobos. Inofensivos. Mas notei.

— Achei que vocês dois fossem melhores amigos.

— E somos — disse Jonah. — Eu faria qualquer coisa por ele.

— Às vezes, você age como se não gostasse de Chris.

Jonah não me contradisse. Em vez disso, ele focou no lago diante de nós, como se meu comentário o forçasse a uma reflexão.

Peguei uma pedra e a joguei na direção do lago. Ela nem chegou a alcançar a água.

— As bebidas acabaram — disse Chris, vindo correndo. Ele se jogou dramaticamente na grama e me puxou. Então me beijou. — Vou ao mercado. Quer vir?

Finalmente nós teríamos um momento a sós, e fiquei aliviada. A gente tinha muito o que conversar.

— Quero.

— Preciso fazer xixi — disse Jenny. — Também vou.

Tive que me controlar para não revirar os olhos; toda vez que surgia uma oportunidade para ficar a sós com Chris e contar o que estava acontecendo comigo, algo ou alguém se intrometia.

— Vá com Jenny — sugeri, suspirando. — Eu espero.

— Tem certeza? — perguntou Chris enquanto levantava com um pulo.

Concordei com a cabeça.

— É melhor você correr. Ela já está subindo a colina.

Chris virou e saiu em disparada.

— Você está roubando!

Eu me virei e olhei para Jonah, que dividia a toalha comigo, apoiando os braços nos joelhos dobrados. Ele encarava o lago. Dava para sentir algo fervilhando em sua mente.

— O que deu em *você* hoje? — questionei, repetindo sua pergunta.

Os olhos dele encontraram os meus.

— Nada.

— Tem alguma coisa... — insisti.

O olhar que Jonah me lançou naquele instante parou meu coração. Era a mesma sensação que eu costumava ter sempre que ele me olhava — como se, de alguma forma, sua visão atravessasse meus olhos e descesse por minha coluna.

O reflexo do lago fazia seus olhos parecerem líquidos. Comecei a perceber que eu o encarava do mesmo jeito, então virei o rosto.

Jonah soltou um suspiro pesado e sussurrou:

— Acho que, talvez, a gente tenha se enganado.

Esse comentário me fez perder o fôlego. Não perguntei sobre o que nos enganamos, porque tive medo da resposta.

Tive medo de que ele dissesse que estávamos com as pessoas erradas. É óbvio, Jonah poderia ter respondido qualquer coisa, mas apenas pensei: que outro motivo ele teria para os olhares que me lançava? Eu tentava ignorá-los, uma vez que nós dois nunca tivemos nenhuma ligação romântica. Mas tínhamos uma conexão; algo que nunca senti com Chris.

Eu odiava aquilo. Odiava o fato de Jonah sempre saber quando algo me incomodava, enquanto Chris nem prestava atenção. Odiava o fato de podermos trocar um olhar e sabermos imediatamente o que o outro estava pensando. Odiava como ele sempre guardava as balas de melancia para mim porque era um

gesto fofo, e eu não gostava de saber que o melhor amigo do meu namorado era fofo comigo. Além do mais, ele e Jenny tinham acabado de começar a namorar. Ao contrário dela, eu jamais teria traído minha irmã.

E foi por isso que, naquele dia, às margens do lago, quando Jonah sussurrou *"Acho que, talvez, a gente tenha se enganado"*, falei a única coisa que seria um balde de água fria para nós dois.

— Estou grávida.

Jonah me encarou em silêncio, embasbacado. Vi seu rosto empalidecer. Minha confissão o deixou abalado.

Ele se levantou e se afastou um pouco. Era como se sua cabeça estivesse fervilhando com um milhão de perguntas. Ao se reaproximar, ele parecia ter encolhido uns cinco centímetros.

— Chris sabe?

Balancei a cabeça, observando como os olhos de Jonah tinham passado de líquidos para gélidos em questão de segundos.

— Não. Ainda não contei.

Jonah mordeu o lábio inferior por um instante, assentindo, assimilando minhas palavras. Ele parecia irritado. Ou arrasado.

Então se virou e foi para a areia, entrando na água. Eu o observei com os olhos lacrimejantes. O sol estava se pondo, e o lago ficou escuro. Não consegui enxergar até onde Jonah havia nadado. Ele levou tanto tempo na água que só retornou à areia quando Chris e Jenny chegaram ao estacionamento.

Jonah sentou de novo na toalha, ensopado e prendendo o fôlego. Eu me lembro de observar as gotas de água que pingavam de sua boca.

— Vou terminar com Jenny. — Fiquei perplexa com a confissão. Então ele me encarou, incisivo, como se suas próximas palavras fossem as mais importantes que diria na vida. — Você vai ser uma ótima mãe, Morgan. Chris tem muita sorte.

Era um comentário gentil, mas seu olhar parecia sofrido. E, por algum motivo, senti como se ele estivesse se despedindo de mim, mesmo antes de eu saber que era *efetivamente* uma despedida.

Jonah se levantou e caminhou para o estacionamento.

Minha cabeça girava. Eu queria correr atrás dele, mas o peso daquele dia inteiro me prendia no lugar. Só consegui observar enquanto ele dizia a Jenny que queria ir embora. Fiquei olhando enquanto os dois entravam no carro e partiam.

Quando Chris começou a descer a colina, eu devia ter me sentido aliviada por, finalmente, podermos conversar sozinhos, mas eu estava arrasada. Ele sentou ao meu lado e me passou uma garrafa de água.

Eu amava Chris. Nós teríamos um filho, apesar de eu ainda não ter lhe contado. Mas me sentia culpada, porque, durante todo o tempo em que namoramos, seus olhares nunca me causaram calafrios. Eu tinha medo de nunca mais sentir algo assim. Eu tinha medo de ter me enganado, de que talvez eu amasse Chris, mas não estivesse *apaixonada* por ele.

Ele passou um braço em torno de mim.

— Gata? O que houve?

Sequei meus olhos, respirei fundo e disse:

— Estou grávida.

Não esperei por uma reação. Imediatamente me levantei e fui chorando para o carro. Até mesmo naquele momento, culpei meus hormônios pelas lágrimas. Culpei a descoberta da gravidez. Joguei a culpa delas em tudo, exceto naquilo que realmente as causara.

No dia seguinte, Jonah contou para Jenny que ia morar com a irmã e cursar a faculdade em Minnesota. Ele fez as malas, comprou uma passagem de avião e sequer se despediu de mim ou do melhor amigo.

Chris e Jenny ficaram muito chateados com sua partida, mas eu estava tão atordoada com a descoberta da gravidez que não tinha tempo para me importar com o fato de que ele tinha ido embora. Por muitas semanas, consolei minha irmã e forcei Chris a se concentrar em nós e no bebê, em vez de no melhor amigo que o abandonara. Tentei não pensar mais em Jonah.

Mal sabia eu que essa rotina se prolongaria por longos anos. Que eu seria a esposa dedicada, cuidando da casa, da filha e das necessidades de Chris. Que eu seria leal à minha irmã caçula, ajudando-a a estudar para a faculdade de enfermagem, a resolver os problemas em que ela se envolvia com vinte e poucos anos, a dar abrigo sempre que ela precisava recolocar a vida nos trilhos.

No dia em que descobri que estava grávida, parei de viver por mim.

Acho que chegou a hora de entender quem eu deveria ter sido antes de ter começado a só cuidar dos outros.

16

Clara

Apesar de saber que meu atraso de meia hora irritou minha mãe, não consigo parar de sorrir. O beijo em Miller valeu a pena. Toco meus lábios.

Nunca fui beijada daquele jeito. Os caras que beijei antes pareciam estar com pressa, querendo enfiar a língua na minha boca antes que eu mudasse de ideia.

Miller foi o oposto. Tão paciente, mas de um jeito caótico. Era como se ele já tivesse passado tanto tempo pensando em me beijar que queria saborear cada segundo.

Acho que sempre vou sorrir quando pensar no que aconteceu hoje. Isso meio que me deixa ansiosa com o dia seguinte, na escola. Não faço ideia do que vai acontecer com a gente agora, mas o beijo pareceu marcar uma mudança. Só não sei exatamente que mudança será.

O telefone vibra no bolso de trás da calça. Deito na cama e o pego, depois deito de costas. É uma mensagem de Miller.

Miller: Não sei você, mas, às vezes, quando alguma coisa importante acontece, chego em casa e penso em tudo que eu queria ter feito diferente. Tudo que queria ter dito.
Eu: Isso está acontecendo agora?
Miller: Sim. Acho que não fui totalmente sincero com você.

Viro de barriga para baixo, querendo aliviar a náusea que acabou de me atravessar. A gente estava indo tão bem...

Eu: Sobre o que você mentiu?

Miller: Não menti. Só não fui totalmente sincero, se é que existe uma diferença. Deixei de contar um monte de coisas que quero que saiba.

Eu: Tipo o quê?

Miller: Tipo por que faz tanto tempo que estou a fim de você.

Espero que Miller continue, mas isso não acontece. Encaro tão intensamente meu telefone que quase o derrubo quando ele toca de repente. É Miller. Hesito antes de atender, porque raramente falo ao telefone. Prefiro mandar mensagens. Mas ele sabe que estou no celular, então não posso deixar a ligação cair na caixa postal. Arrasto o dedo pela tela, saio da cama e vou ao banheiro para ter mais privacidade. Sento na borda da banheira.

— Alô?

— Oi — diz ele. — Desculpa. É coisa demais para escrever.

— Você está me deixando nervosa com todas essas insinuações.

— Ah. Não, são só coisas boas. Não se preocupe. Eu só devia ter falado ao vivo. — Miller puxa o ar com força e, então, quando o solta, começa a falar: — Quando eu tinha quinze anos, assisti a uma peça sua na escola. Você era a personagem principal e, em certo momento, apresentou um monólogo que durou uns dois minutos inteiros. E você foi tão convincente, parecia tão triste, que eu queria subir no palco para te dar um abraço. Quando a peça finalmente terminou e os atores voltaram para se apresentar, você estava sorrindo e gargalhando, e não havia sinal nenhum daquela personagem no seu rosto. Fiquei maravilhado, Clara. Você tem um carisma que acho que nem percebe, mas é fascinante. Eu era um cara magricela do segundo ano, e, apesar de ser um ano mais velho, ainda era desengonçado, tinha acne e me sentia inferior a você, então nunca tive coragem de me aproximar. Aí outro ano passou, e continuei te admirando de longe. Tipo naquela vez que você se candidatou a tesoureira da escola e tropeçou no palco, mas pulou, deu um chutinho estranho no ar, jogou os braços para cima e fez todo mundo na plateia rir. Ou naquela vez que Mark Avery puxou a alça do seu sutiã no corredor, e você estava tão de saco cheio de ele viver fazendo isso que o seguiu até a sala, enfiou a mão dentro do moletom, tirou o sutiã e o jogou na cara dele. Lembro que gritou alguma coisa tipo *"Se você quer tanto encostar num sutiã, pode ficar com o meu, seu tarado!"*. E saiu batendo os pés. Foi épico. Tudo que você faz é épico, Clara. E é por isso que nunca tive coragem de me aproximar, porque uma garota épica precisa de um cara

igualmente épico, e acho que nunca me senti épico o suficiente. Eu disse tantos *épicos* em quinze segundos. Desculpe.

Quando finalmente para de falar, Miller está ofegante.

Meu sorriso é tão grande que minhas bochechas doem. Eu não fazia ideia de que ele se sentia assim. *Não* fazia ideia.

Espero alguns segundos para me certificar de que seu discurso acabou; então respondo. Tenho certeza que dá para perceber pela minha voz que estou sorrindo.

— Primeiro, é difícil acreditar que, *um dia na vida*, você já foi inseguro. E segundo, você também é muito épico, Miller. Sempre foi. Mesmo quando era magrelo e tinha acne.

Ele dá uma risadinha.

— Sério?

— Sério.

Escuto ele suspirar.

— Que bom que tirei esse peso da consciência então. A gente se vê na escola amanhã?

— Boa noite.

Nós desligamos, e não sei quanto tempo fico sentada ali, encarando o telefone. Não consigo nem processar a seriedade de tudo que ouvi. Ele gosta mesmo de mim. Ele gosta de mim *há muito tempo*. Não acredito que não percebi.

Um pouco depois, destravo a tela do telefone porque preciso ligar para tia Jenny e contar a ela todos os detalhes da conversa. Estou descendo meus contatos quando me dou conta.

Não posso ligar para ela. Nunca mais vou poder ligar para ela.

Quando a ficha finalmente vai cair?

Conto a novidade antes mesmo de Lexie colocar o cinto de segurança.

— Beijei Miller Adams, e acho que estamos juntos agora.

— Eita. Certo — diz ela, assentindo. — Mas... o que houve com Shelby?

— Faz duas semanas que eles terminaram.

Lexie assimila essa informação por um instante. Eu saio com o carro de sua casa, e ela fica olhando para a frente, pensando. Então me encara e diz:

— Não sei, Clara. Parece meio rápido, como se ele estivesse usando você para superar o término.

— Eu sei. Pensei a mesma coisa, mas não acho que seja isso. Não dá para explicar, mas... sei lá. Tenho a sensação de que ele não tinha a mesma conexão com Shelby.

Sinto o olhar de Lexie.

— Eu sou sua amiga, então preciso dizer isto, mas é doideira pensar assim. Miller passou um ano inteiro com Shelby. Depois de um beijo, acha que ele gosta mais de você do que dela?

Parece loucura, mas Lexie não estava lá.

— Você me conhece melhor do que ninguém, Lex. Sabe que não sinto essas coisas por qualquer um. Acho que devia me levar mais a sério.

— Desculpe — diz ela. — Talvez você tenha razão. Talvez Miller Adams esteja perdidamente apaixonado por você, e o namoro de doze meses com Shelby tenha sido só uma desculpa para te deixar com ciúmes.

— Agora você está gozando da minha cara.

— Foi só um beijo, Clara! Do jeito que você está falando, parece que estão namorando. É óbvio que estou gozando da sua cara.

É fácil ver como pareço ridícula pelo ponto de vista de Lexie. Mas continuo achando que estou certa. Mudo de assunto, porque ela não vai entender.

— Mas foi um beijo muito bom — digo, sorrindo.

Lexie revira os olhos.

— Que ótimo. Só não namore com ele por enquanto. Vocês *não* estão namorando, estão?

— Não. Acho que não. A gente só se beijou. Ele nem me convidou para um encontro.

— Que bom. Quando ele convidar, finja que está ocupada.

— Por quê?

— Para não parecer que gosta tanto dele.

Que conselho confuso.

— Por que eu não quero que Miller saiba que gosto dele?

— Porque ele pode perder o interesse. Você vai assustar o garoto.

— Isso não faz sentido algum.

— Garotos funcionam assim.

— Vamos ver se entendi. Se eu gostar de um cara, e ele gostar de mim, a gente precisa fingir que *não* se gosta para não pararmos de nos gostar?

— Olha, não fui eu que inventei as regras — diz Lexie. Ela se recosta no banco, meio que desmoronando. — Não acredito nisso. Nós sempre fomos solteiras juntas. Nossa amizade vai mudar completamente.

— Não vai, não.

— Vai, sim — diz ela. — Você vai sentar com Miller no almoço. Ele vai começar a encontrar com você antes e depois da escola. Você vai ficar ocupada demais para sair comigo nos fins de semana.

— Você vive trabalhando.

— É, mas eu posso tirar um dia de folga, e, agora, você não vai mais querer me fazer companhia.

— Da próxima vez que você tirar uma folga, vamos passar o dia juntas.

— Jura?

Ergo meu dedo mindinho como sinal de promessa, e Lexie o entrelaça com o dela assim que entramos no estacionamento da escola.

Ela inclina a cabeça.

— Que saco. Ele está esperando você.

Vejo Miller parado perto da sua picape, ao lado da vaga que sempre estaciono. A simples visão de Miller esperando por mim já me faz sorrir. Lexie solta um gemido quando vê que ele sorri de volta.

— Já estou odiando — reclama ela.

Lexie salta do carro assim que paro e encara Miller por trás do capô.

— Essa história entre vocês dois é séria mesmo?

Ah, meu Deus. Saio correndo do carro e fito Miller de olhos arregalados.

— Não responda. — Eu me viro para Lexie. — *Pare* com isso.

Ela não olha para mim, ainda focada em Miller.

— Você tem algum amigo solteiro, já que roubou a minha amiga?

Ele ri.

— Acho que consigo arrumar uns dois para você.

Lexie fecha a porta do carro.

— Só dois?

Ela pisca para mim e segue sozinha para a escola. Eu me sinto um pouco culpada, porque Lexie tem razão. As coisas vão mudar um pouco entre nós.

— Como foi sua noite? — pergunta Miller, chamando minha atenção de volta para ele.

— Não consegui dormir.

— Nem eu — diz ele, ajeitando a mochila no ombro. Então se inclina e me beija, só um selinho rápido. — Você passou a noite toda pensando em mim?

Ergo um ombro.

— Talvez.

Ele segue comigo na direção da escola.

— Lexie está falando sério? Ela quer mesmo um namorado?

— Não sei. Ela é minha melhor amiga, mas nunca sei ao certo quando ela está brincando.

— Então não sou o único?

Faço que não com a cabeça enquanto Miller abre a porta para mim. Quando entramos, ele segura minha mão como se aquilo fosse natural. Minha opinião pode ser um pouco parcial, mas gosto de como nos encaixamos. Ele é pelo menos uns doze centímetros mais alto que eu, só que isso não impede de, juntas, nossas mãos ficarem em uma altura confortável.

Tudo parece tão certo... *até deixar de parecer.*

Quarenta e cinco dias. Essa é a quantidade de tempo que os dois estão mortos, e não faço ideia de como consigo caminhar por esses corredores, sorrindo como se não tivesse perdido duas das pessoas mais importantes da minha vida. Fico me sentindo cheia de culpa, porque minha mãe quase não sorri mais. Nem Jonah. Não apenas roubei vidas com minha indiferença pela segurança de tia Jenny enquanto ela dirigia, mas também roubei os sorrisos de todas as pessoas que meu pai e minha tia deixaram para trás.

Sigo para a sala de Jonah, e Miller vai comigo, segurando a porta para mim quando chegamos lá. Jonah está sozinho quando entramos, ainda de mãos dadas.

Ele encara nossas mãos, e, de novo, sinto a culpa me atravessar. Quanto tempo vou demorar até não sentir peso na consciência por minha felicidade? Eu não devia passar cada segundo do dia deprimida? E não apenas alguns períodos. Me desvencilho da mão de Miller enquanto coloco minhas coisas na mesa.

Jonah inclina a cabeça, curioso.

— Vocês dois estão juntos agora?

— Não responda — peço a Miller.

— *Tudo bem*, então — comenta Jonah, voltando a se concentrar nos papéis que segura. — Já começaram o trabalho de cinema?

— Não. Somente na noite passada foi que contei a Miller que inscrevi a gente.

Jonah olha para ele.

— Ainda está esperando a permissão da sua namorada?

— Não tenho mais namorada. — Miller olha para mim. — Ou talvez tenha uma nova? — Ele parece confuso quando se vira de novo para Jonah. — Acho que ela ainda não quer que eu conte para as pessoas que estamos juntos.

— Estamos? — pergunto. — Juntos?

— Não sei — diz Miller. — É você quem fica me dizendo para não responder a ninguém.

— Eu só não queria que você se sentisse pressionado a colocar um rótulo em tudo.

— Agora me sinto pressionado a *não* colocar um rótulo.

— Bem, Lexie disse que, se eu demonstrasse que gosto de você, acabaria assustando-o.

Miller ergue uma sobrancelha.

— Se aquele telefonema ontem não assustou você, acho que estamos bem. Se gosta de mim, não quero que finja o contrário, ou vou ficar traumatizado.

— Eu gosto de você. Muito. Não fique traumatizado.

— Que bom — avalia Miller. — Também gosto de você.

— Que bom — respondo.

— *Que bom* — acrescenta Jonah, nos lembrando da sua presença. — A data de entrega do trabalho é no fim do semestre. Comecem logo.

— Está bem — respondemos eu e Miller ao mesmo tempo.

Jonah revira os olhos e volta para trás da mesa. Miller se afasta de mim.

— Encontro você depois da aula.

Eu sorrio.

Ele sorri de volta, mas quando sai da sala, fecho o sorriso e franzo a testa. Mais uma vez, me sinto culpada até por sorrir.

— Nossa.

Olho para Jonah.

— O que foi?

— Essa sua cara. Seu sorriso sumiu assim que ele foi embora. Está tudo bem?

Assinto, mas não dou continuidade na conversa.

Porém Jonah não desiste.

— Clara. Qual é o problema?

Balanço a cabeça, porque é uma idiotice.

— Não sei. Só... me sinto culpada.

— Por quê?

— Só faz quarenta e cinco dias, e hoje acordei feliz. Estou me sentindo uma pessoa terrível por me sentir bem, mesmo que seja apenas por um segundo.

Especialmente porque o acidente foi culpa minha. Mas deixo essa parte fora da minha confissão.

— Bem-vinda ao parque de diversões — diz ele.

Eu o encaro com um olhar questionador. Jonah então começa a se explicar.

— Depois de uma tragédia, é comum a sensação de que a gente despencou de um penhasco. No entanto, quando começamos a aceitar a situação, vemos que não é o caso. Na verdade, estamos apenas em uma montanha-russa eterna, que atingiu o ponto mais baixo. E, então, vamos subir, depois descer e, enfim, ficar de ponta-cabeça por um bom tempo. Talvez esse tempo dure para sempre.

— E eu devia me sentir melhor com essa explicação?

Jonah dá de ombros.

— Não sei como fazer você se sentir melhor. Estou na mesma montanha-russa.

A porta é aberta, e os alunos começam a entrar. Não consigo parar de encarar Jonah. Há rugas no canto de seus olhos, e seus lábios parecem levemente curvados para baixo.

Sinto um aperto no peito por vê-lo tão estressado, ou triste, ou seja lá o que for essa expressão em seu rosto. Ele sempre foi introspectivo e um pouco sério, mas seus olhos pareciam felizes. Acho que, desde o acidente, não passei tempo suficiente olhando para seu rosto para saber o quanto ele mudou depois de tudo que aconteceu.

Fico me perguntando o quanto minha mãe teria mudado. Também quase não olho mais para ela. Talvez seja por causa da minha consciência pesada.

Miller não está me esperando depois da aula como prometeu. Como não sei qual a aula que ele teria no primeiro tempo, fico enrolando um pouco no corredor para esperá-lo.

— Clara?

Viro ao escutar a voz da minha mãe. Em uma das mãos ela segura uma pasta enquanto na outra carrega a bolsa da Louis Vuitton. Como é uma bolsa

reservada para ocasiões especiais, não consigo entender o que ela veio fazer aqui, muito menos por que a bolsa saiu do armário, mas fico nervosa na mesma hora.

— O que houve?

Minha mãe ergue a pasta.

— Vim me candidatar a uma vaga de emprego.

— Aqui?

— Estão precisando de professores substitutos. Achei que eu poderia tentar por alguns meses. Para ver se gosto. Resolvi voltar para a faculdade.

O corredor começa a esvaziar. Olho ao redor para me certificar de que ninguém está escutando.

— Isso é *sério*?

Ela me encara como se eu tivesse acabado de ofendê-la.

— Qual é o problema de eu voltar para a faculdade?

Não quis ser ofensiva. Se ela quiser voltar a estudar, fico feliz. Mas não estou nem um pouco animada com a ideia da minha mãe começar uma carreira na escola em que estudo. A gente já não se dá bem em casa. Nem consigo imaginar a possibilidade de ela me dar aula.

Balanço a cabeça.

— Não quis dizer...

Minhas palavras são interrompidas quando lábios beijam minha bochecha e um braço envolve minha cintura.

— Eu estava procurando por você. Em que sala costuma estudar nos tempos livres?

Encaro Miller de olhos arregalados. Então viro de novo para minha mãe. A expressão no meu rosto faz com que ele desvie o foco de mim e olhe para ela. Sinto seu corpo enrijecer, e, então, Miller afasta o braço de mim. É a primeira vez que o vejo envergonhado. Ele estica a mão para minha mãe a fim de se apresentar oficialmente. Ela apenas encara a mão e depois olha para mim.

Miller começa a murmurar um pedido de desculpas:

— Desculpe, Sra. Grant. Achei que fosse uma amiga de Clara. A senhora... a senhora parece muito nova.

Minha mãe está me encarando com irritação, ignorando-o.

— Ela *é* nova — digo para Miller. — Tinha dezessete anos quando eu nasci.

Minha mãe não perde tempo quando, finalmente, se reporta a ele.

— Somos mulheres muito férteis. Tenha cuidado.

Ah, meu Deus.

Cubro os olhos por um breve instante. Não consigo nem olhar para ele quando digo:

— A gente se fala na hora do almoço.

De esguelha, vejo Miller assentir e seguir em disparada na direção oposta.

— Não acredito que você disse aquilo para ele.

— Você está saindo com esse garoto agora? — pergunta ela, gesticulando para o corredor atrás de mim. — Achei que ele tivesse namorada.

— Eles terminaram.

— Por que não me contou?

— Porque eu sabia que você não ia gostar.

— Tem razão. Não gostei. — Seu tom de voz aumenta. Fico aliviada por não ter ninguém no corredor. — Desde o dia que você começou a passar tempo com esse garoto, seu comportamento mudou. Fugiu do funeral do seu pai, usou drogas, nunca fica em casa, volta tarde da rua. Ele não é uma boa influência, Clara.

Não quero brigar agora. Mas ela está completamente enganada sobre Miller. Fico irritada por minha mãe colocar a culpa do meu comportamento em um cara e não no fato de que, talvez, as poucas decisões erradas que tomei tenham sido resultado do que aconteceu quarenta e cinco dias atrás. Aquilo me influenciou mais do que qualquer namorado; saber que minhas mensagens para tia Jenny foram o motivo por trás dessa tragédia toda.

— Não sei mais nada do que está acontecendo na sua vida. Você não me conta nada.

Reviro os olhos.

— Agora que tia Jenny não está mais aqui para contar a você todos os meus segredos?

Sua raiva é substituída por uma expressão de choque, como se ela realmente não desconfiasse que eu sabia que tia Jenny lhe contava tudo. Então minha mãe apenas parece irritada. Magoada.

— Por que acha que sua tia me contava tudo, Clara? É porque todos os conselhos que ela dava a você *vinham* de mim. Jenny passou os últimos cinco anos copiando as mensagens que eu escrevia e mandando para você, fingindo que eram dela.

— Mentira — respondo com raiva.

— É *verdade*. Então pare de falar comigo como se eu não soubesse o que é melhor para você ou como se não entendesse do que estou falando.

Ela está mentindo sobre tia Jenny.

E mesmo que não estivesse... mesmo que minha mãe fosse responsável pela maioria dos conselhos que tia Jenny me dava, por que estragaria essa minha ilusão? Graças a mim, tia Jenny nunca mais vai voltar, e minha mãe tirou aquilo que eu mais gostava na minha tia, jogou tudo num liquidificador e me enfiou goela abaixo.

Odeio sentir que estou prestes a chorar. Sinto tanta raiva dela. De mim. Eu me viro para ir embora antes de dizer algo que possa levar minha mãe a me pôr de castigo, mas ela segura meu braço.

— Clara.

Puxo meu braço e me solto. Viro e dou um passo rápido na direção dela.

— Obrigada, mãe. Obrigada por *estragar* uma das coisas que eu mais amava na minha tia!

Quero muito dizer que ela é uma vaca, mas não quero irritá-la. Quero que se sinta culpada. Quero que se sinta tão culpada quanto eu desde o acidente.

Dá certo, porque minha mãe imediatamente parece estar envergonhada por querer levar o crédito pela amizade que eu tinha com tia Jenny.

— Desculpe — sussurra ela.

Eu me afasto, deixando-a sozinha no corredor.

17

Morgan

Por que eu disse aquilo? Por que senti a necessidade de levar o crédito agora que Jenny morreu?

Eu sei por quê. Estou chateada e magoada com o que minha irmã fez comigo, e o fato de Clara ainda pensar na tia como uma santa só piora minha dor. Eu queria que ela soubesse que Jenny não tinha ideia de como oferecer conselhos maduros e que aprendeu comigo tudo que lhe ensinou. Por algum motivo, eu queria levar o crédito por isso. Crédito de que não preciso. É como se eu quisesse que minha filha compartilhasse toda a raiva que sinto por sua tia e seu pai.

Eu me sinto péssima. Ela tem razão. Eu a magoei e estraguei suas lembranças de Jenny por puro egoísmo. Porque estou irritada com minha irmã. Porque ela *me* magoou.

Isso só faz aumentar ainda mais a certeza de que não posso deixar que Clara saiba o que Jenny e Chris fizeram. Essa pequena revelação já a deixou bastante arrasada. Ela foi quase às lágrimas com apenas o que eu disse.

Meu Deus, como isso dói. Dói tanto que só quero sair daqui. Deste prédio. Quero ir para casa. Eu nunca devia ter cogitado a ideia de me candidatar a uma vaga de emprego nesta escola. Que adolescente quer passar o dia inteiro, todo dia, com a mãe?

Viro e saio correndo pelo corredor, tentando segurar as lágrimas até chegar ao lado de fora. Estou a três metros da porta.

— Morgan?

Fico paralisada ao escutar meu nome. Viro e encontro Jonah parado na porta da sala. Ele sabe imediatamente que não estou bem.

— Venha até aqui — convida ele, gesticulando para eu entrar.

Uma parte enorme de mim quer continuar andando, mas uma parte menor quer encontrar um refúgio, e a sala de aula vazia de Jonah parece um bom lugar.

Ele pressiona a parte inferior das minhas costas e me guia para uma cadeira. Então me entrega um lenço de papel. Aceito e seco os olhos, pressionando-os para controlar as lágrimas. Não sei o que acontece, mas é como se eu finalmente estivesse no meu limite, tivesse perdido as rédeas com Clara, e agora esteja forçando Jonah a ser meu terapeuta temporário. Simplesmente começo a falar sem parar.

— Sempre achei que estava sendo uma boa mãe. Essa foi a única função que exerci desde os dezessete anos. Chris trabalhava no hospital, e minha responsabilidade era cuidar de Clara. Então sempre que ela fazia algo positivo ou nos surpreendia, eu ficava orgulhosa. É como se eu tivesse cultivado esse pequenino ser humano maravilhoso, e sentia orgulho dela. Orgulho de mim mesma. Mas, desde que Chris morreu, comecei a achar que, talvez, não tenha sido eu a responsável pelas boas atitudes dela. Clara não fazia besteiras antes de o pai morrer. Não usava drogas, não mentia sobre ter um namorado nem sobre aonde ia. E se, na verdade, as melhores atitudes dela tenham sido influenciadas por Chris e não pelo fato de eu ter, nesse tempo todo, achado que eu tinha uma ótima filha por eu ter sido uma ótima mãe? Porque, agora que ele não está mais aqui, nós duas só despertamos o pior uma da outra.

Quando comecei a falar, Jonah estava apoiado na mesa. Agora, ele se senta na carteira diante de mim, se inclina para a frente e apoia as mãos nos joelhos.

— Morgan, me escute.

Eu fungo e presto atenção.

— Nós dois temos trinta e poucos anos... é inevitável que tragédias aconteçam na nossa vida. Mas Clara só tem dezesseis. Ninguém nessa idade deveria lidar com uma situação tão traumática. Ela está perdida no meio do luto. Você só tem que deixar que ela encontre o próprio caminho, como fez comigo.

A voz de Jonah é tão calma agora que consigo me reconfortar um pouco com suas palavras. Concordo com a cabeça, grata por seu convite para entrar na sala de aula. Num gesto tranquilizador ele se estica e, com as mãos, aperta a minha.

— Clara não está passando por um momento ruim porque Chris desapareceu. Ela está passando por um momento ruim porque ele nunca mais

vai voltar. Existe uma diferença.

Uma única lágrima escorre por minha bochecha. Eu não esperava que Jonah me consolasse, mas ele tem razão. Ele tem razão sobre Clara, e isso me faz pensar que sua lógica também pode ser aplicada a mim. A presença de Chris não fazia tanta diferença quanto sua ausência faz agora.

Jonah ainda está segurando minhas mãos quando a porta da sala abre. É Miller. Ele entra e para a alguns metros de mim. A forma como me encara dá a impressão de que Clara o encontrou e lhe contou o quanto eu a magoei no corredor.

Ergo uma sobrancelha em advertência.

— Espero que você não tenha vindo me explicar como devo educar minha filha.

Miller dá um passinho para trás. Seus olhos vão de mim para Jonah. Ele parece sem graça quando diz:

— Hum. Não, senhora? Eu só... — Ele aponta para a cadeira que ocupo. — A senhora está no meu lugar.

Ah. Ele veio para a aula.

Olho para Jonah em busca de confirmação. Ele assente e diz:

— Miller tem razão. Você está no lugar dele.

Será que eu ainda tenho mais vergonha para passar hoje?

— Está tudo bem, posso sentar em outro lugar — ameniza Miller.

Eu levanto, gesticulando para a cadeira. Hesitante, o garoto se aproxima e senta.

— Não sou louca — digo a ele, tentando justificar a atitude que acabei de ter. E talvez a que tive no corredor, antes. — Só estou tendo um dia péssimo.

Miller olha para Jonah em busca de confirmação. Ele assente.

— Ela tem razão. Não é louca.

Miller ergue uma sobrancelha e afunda na cadeira, tirando o celular do bolso e querendo escapar daquela conversa.

Outros alunos começam a entrar na sala, então Jonah me acompanha até a porta.

— Passo na sua casa mais tarde para terminar de soltar a porta.

— Obrigada. — Faço menção de ir embora, mas então percebo como odeio a ideia de ficar sozinha lá, pensando nas vergonhas do dia. A única coisa que poderia me distrair de tudo seria Elijah. — Será que posso buscar Elijah na creche? Estou com saudade.

— Ele ia adorar. Já coloquei seu nome na lista de pessoas que podem buscá-lo. Vou direto para sua casa quando eu terminar aqui.

Antes de me virar, eu sorrio com os lábios apertados. Vou para o carro arrependida de não ter dado um abraço em Jonah nem lhe agradecido melhor. Ele merece.

18

Clara

Miller desliza sua bandeja sobre a mesa, ao meu lado.

— Sua mãe me odeia.

Com ar despreocupado, ele abre uma lata de refrigerante e toma um gole.

Não vou tentar amenizar as coisas e dizer que ele está errado.

— Somos dois.

A cabeça dele vira na minha direção.

— Vocês *duas* me odeiam?

Eu rio, balançando a cabeça.

— Não. Minha mãe odeia *nós* dois. — Distraída, giro minha garrafa de água na mesa. — Brigamos depois que você foi embora. Não por sua causa. Só por... coisas. Ela meio que me chateou.

Miller não parece tão despreocupado agora. Ele percebe que estou incomodada, então se vira para mim, ignorando a comida na sua frente.

— Você está bem?

Assinto.

— Sim. A gente só está passando por uma fase ruim.

Ele se inclina e pressiona a testa contra a lateral da minha cabeça.

— Sinto muito por este ano estar sendo uma droga para você. — Ele beija minha cabeça e se afasta, tirando os picles do seu prato e colocando-o no meu. — Pode ficar com meus picles. Isso ajuda?

— Como você sabe que gosto de picles?

Miller abre um sorrisinho.

— Passei três anos tentando não ficar encarando você na hora do almoço. É esquisito, eu sei.

— Mas também é fofo.

Ele sorri.

— Essa é uma boa descrição de mim. Esquisito e fofo.

— *Muito* esquisito e fofo.

Lexie coloca a bandeja do outro lado da mesa.

— Quero alguém esquisito e fofo também. Já encontrou um namorado para mim?

— Ainda não — responde Miller. — Só faz quatro horas desde que você pediu.

Lexie revira os olhos.

— Até parece que tempo faz diferença na sua vida. Você está beijando minha melhor amiga minutos depois de ter dado um pé na bunda da sua namorada de um ano.

Solto um gemido.

— Comporte-se, Lexie. Miller ainda não conhece você bem o suficiente para ser alvo do seu sarcasmo.

— Não é sarcasmo. Ele literalmente terminou com a namorada e deu em cima de você. — Ela olha para Miller. — Estou mentindo?

Miller não parece estar irritado com Lexie. Ele coloca uma batata frita na boca.

— É verdade — diz ele. Então olha para mim e pisca. — Mas Clara sabe o que aconteceu.

— Bem, eu não sei — continua Lexie. — Não sei nada sobre você. Nem sei seu nome do meio. Também é uma marca de cerveja?

Eu olho para Miller quando entendo a pergunta dela.

— Ah, nossa. Não percebi que seu nome *e* sobrenome são marcas de cerveja.

— Não foi intencional. Miller era o sobrenome de solteira da minha mãe. — Ele se vira para Lexie. — É Jeremiah.

— Tão *normal* — diz ela, parecendo decepcionada. E come uma colherada do pudim, lambendo a colher por um segundo. Então a tira da boca e aponta para ele. — Quem é seu melhor amigo, Miller Jeremiah Adams? Ele é gato? Solteiro?

— Meus amigos são todos gatos e solteiros — responde Miller. — O que exatamente você quer?

Lexie dá de ombros.

— Não sou exigente. Prefiro louros com olhos azuis. Alguém com um senso de humor irônico. Um pouco mal-educado. Que odeia passar tempo com outras pessoas. Não se importa em namorar uma garota que é viciada em compras e está sempre certa. Atlético. Mais de um metro e oitenta. E católico.

Eu rio.

— Você não é católica.

— Não, mas católicos são rígidos e precisam se confessar o tempo todo, então talvez ele peque menos que, sei lá, um batista.

— Seu raciocínio é tão, tão errado — digo.

— Conheço o cara certo — responde Miller, levantando. — Quer que eu o chame?

— Agora? — pergunta Lexie, se animando.

— Já volto.

Miller se afasta, e Lexie olha para mim, mexendo as sobrancelhas.

— Talvez eu goste do seu namorado. Ele quer agradar sua melhor amiga.

— Você não disse que eu ainda não podia chamar Miller de namorado?

— Eu estava sendo irônica — declara ela. — Quis dizer que gosto do seu *amigo*.

Nós ficamos olhando enquanto Miller senta à sua mesa habitual do almoço. Ele fala com um cara chamado Efren. Eu o conheço das aulas de teatro, mas ele não se encaixa em nenhum dos quesitos de Lexie. Ou melhor, nas *exigências*.

Efren tem cabelo preto, é mais baixo que ela, e com certeza não é atlético. Veio das Filipinas há alguns anos, antes de começar o ensino médio. Do outro lado do refeitório, ele sorri para nós, mas Lexie geme e tapa o rosto com a mão, bloqueando sua visão.

— Ele está falando sério? Efren Beltran?

— A gente estava na mesma turma de teatro. Efren é muito legal. E bonitinho.

Lexie arregala os olhos, como se aquilo fosse uma traição.

— Ele tem, tipo, um metro e setenta!

Ela espia entre os dedos e vê Miller voltando com o amigo. Lexie solta um gemido e baixa a mão, mas não esconde que está decepcionada com a escolha.

— Este é Efren — diz Miller. — Efren, essa é Lexie.

Os olhos dela se estreitam na direção de Miller antes de irem para o outro garoto.

— Você, por um acaso, é católico?

Ele senta ao seu lado. E parece achar a reação de Lexie mais engraçada do que ofensiva.

— Não, mas moro a quinhentos metros de uma igreja católica. Posso me converter, se precisar.

Eu já gosto dele, mas tenho a impressão de que Lexie não vai mudar de ideia com tanta facilidade.

— Você parece meio inexperiente — diz ela em um tom quase acusatório. — Já namorou antes?

— Conta se for pela internet? — pergunta Efren.

— Não. Com certeza não.

— Então... não.

Lexie balança a cabeça.

Miller resolve se intrometer e olha para o amigo.

— Achei que você e Ashton tivessem saído por um tempo. Isso conta, não é?

Efren indica que não, balançando a cabeça.

— As coisas esfriaram antes mesmo de esquentarem.

— Que droga — diz Miller.

— Seu pai é muito alto? — pergunta Lexie a ele. — Você acha que vai crescer mais?

— Não sei — responde Efren, dando de ombros. — Meu pai saiu de casa quando eu tinha três anos. Nem me lembro da cara dele.

Vejo as sobrancelhas de Lexie levantarem muito sutilmente.

— O meu também. No Natal.

— Agora entendi essa marra toda — diz Efren.

Ela dá de ombros.

— Não sei. Acho que eu já era marrenta antes dos três anos. Deve ser por isso que ele fugiu.

Efren assente.

— Bem provável. Se a gente começar a namorar, é melhor não se acostumar muito comigo, porque é capaz de eu cansar do seu comportamento e ir embora também.

Lexie tenta não sorrir, mas tenho certeza de que o sarcasmo de Efren é mais atraente para ela do que sua altura, caso ele fosse alto.

Sinceramente, eu não esperava que esta conversa chegasse a lugar nenhum, mas os dois parecem estar em nível de igualdade no quesito alfinetadas. Talvez ela até concorde em sair com ele.

Eu olho para Miller, que abre um sorriso travesso antes de comer outra batata.

— Efren é um cara muito legal — sussurra ele. — Ela pode se surpreender se lhe der uma chance.

Miller pega uma batata e a leva à minha boca. Eu a como, e então ele se inclina e me beija.

É só um selinho — dura, talvez, dois segundos —, mas são dois segundos longos demais, porque, um instante depois, alguém nos cutuca no ombro. Nós dois olhamos para cima e encontramos a inspetora do almoço nos encarando.

— Nada de beijos no refeitório. Guardem as bandejas e venham comigo. Detenção durante o almoço.

Olho para Miller e balanço a cabeça.

— Estamos saindo juntos há catorze horas, e você já está me colocando em encrenca.

Ele ri.

— A gente já fazia coisas ilegais juntos havia mais de catorze horas. Você se esqueceu da placa?

— *Vamos* — ordena a inspetora.

Ela nos segue enquanto guardamos as bandejas. Miller surrupia meu saco de batatas quando ela se distrai e o enfia na frente da calça jeans, cobrindo-o com a camisa.

A inspetora nos leva até a biblioteca, onde registra nossa presença. Eu nunca fui para a sala da detenção na hora do almoço. Esta é minha primeira vez, e estou um pouco animada.

Nós sentamos a uma mesa vazia. O inspetor está jogando no celular, com os pés apoiados na mesa. Ele não presta atenção na gente.

Miller começa a mexer sua cadeira aos poucos, sem ninguém perceber. Lembro do seu plano para mudar o lugar da placa dos limites da cidade.

Depois de um tempo, ele se aproxima tanto de mim a ponto de nossas coxas e nossos braços se tocarem. Essa proximidade é boa. Gosto da sensação de estar perto dele. Também gosto do seu cheiro. Normalmente, ele cheira a sabão. Desodorante, talvez. Às vezes, cheira a pirulito. Mas, agora, cheira a salgadinhos ultraprocessados.

Minha barriga ronca, então Miller se recosta devagar na cadeira e enfia a mão na calça jeans. Ele retira o saco de batatas e dá uma tossidinha quando o abre, para encobrir o barulho.

O inspetor da sala da detenção olha para nós. Miller encara a mesa e tenta parecer inocente. Quando o cara volta para seu jogo, Miller estica o saco para mim. Os biscoitos estão todos quebrados, então pego o maior que consigo encontrar e o coloco na boca antes de o inspetor perceber.

Comemos o saco todo desse jeito, nos alternando entre pegar fragmentos de biscoito escondidos e chupá-los até ficarem murchos para que não façam tanto barulho ao serem mordidos. Quando o saco termina, limpo as mãos na minha calça jeans e levanto um braço.

— Com licença?

O inspetor olha para cima.

— Podemos pegar um livro?

— Podem. Vocês têm sessenta segundos.

Alguns instantes depois, nos encontramos no mesmo corredor; a boca de Miller está na minha e minhas costas, pressionadas contra uma parede de livros. Nós rimos enquanto nos beijamos, nos esforçando para não fazer barulho.

— Vão colocar a gente na sala da detenção de novo — sussurro.

— Espero que sim. — A boca dele se encontra com a minha de novo, e elas estão salgadas agora. Suas mãos descem das minhas bochechas para minha cintura. Sua língua é macia, mas os beijos são rápidos. — É melhor a gente voltar. Só temos trinta segundos.

Concordo com a cabeça, mas entrelaço seu pescoço e o puxo para mais perto. Nós nos beijamos por mais dez segundos antes de eu afastá-lo. Suas mãos continuam na minha cintura.

— Vá ao cinema hoje — sussurra Miller.

— Você vai trabalhar?

Ele assente.

— Vou, mas deixo você entrar de graça. Posso até fazer pipoca fresca dessa vez.

— Combinado.

Miller me dá um beijo na bochecha e pega um livro aleatório atrás de mim. Também pego um, e voltamos para nosso lugar.

É difícil ficar parada agora. Ele me deixou completamente eufórica, e quero segurar sua mão ou lhe dar outro beijo, mas temos que nos contentar em ficar

encostando nossas pernas. Depois de um tempo, ele se inclina na minha direção e sussurra:

— Podemos trocar de livro?

Olho para o que Miller pegou, e ele o fecha para mostrar a capa. *Um guia ilustrado do ciclo reprodutor feminino.*

Abafo meu riso com a mão e deslizo meu livro para ele.



Quando voltamos para o meu armário depois da sala da detenção, Lexie aparece. Ela se enfia entre mim e Miller.

— Ele é engraçado. — Acho que está falando de Efren. — Baixinho, mas engraçado.

— Vocês deviam ir ao cinema comigo hoje — sugiro.

Lexie faz som de quem está com ânsia de vômito.

— Nesses anos todos que você me conhece, quando fomos ao cinema juntas?

Penso no assunto, e a resposta é nunca. Só que sempre achei isso normal.

— Você tem alguma coisa contra cinemas? — pergunta Miller.

— Hum, *tenho*. Eles são nojentos. Você sabe quanto esperma tem em uma poltrona daquelas?

— Que nojo — digo. — Quanto?

— Não sei, mas acho que deviam pesquisar.

Lexie se afasta do armário e vai embora. Eu e Miller ficamos olhando para ela.

— Sua amiga é interessante — comenta ele.

— É, sim. Mas, agora, não sei se quero ir ao cinema hoje.

Miller se inclina na minha direção.

— Sou eu que limpo o cinema, e o lugar é um brinco. É melhor você aparecer lá. Às sete?

— Tudo bem. Eu vou. Mas, se você puder passar desinfetante na última fileira de todas as salas, seria ótimo. — Ele se inclina para se despedir de mim com um beijo, mas empurro seu rosto. — Não quero ir para a sala da detenção de novo.

Miller ri enquanto se afasta.

— A gente se vê daqui a seis horas.

— Até logo.

Não digo que existe a possibilidade de eu não ir. Ainda não conversei com minha mãe sobre isso. Depois do que aconteceu no corredor hoje, ficou óbvio que ela não quer que eu saia com Miller. Provavelmente vou passar um tempo na casa de Lexie depois da escola e, então, mentir, dizendo que vamos ao cinema juntas.

Estou ficando boa em enganar minha mãe. É mais fácil do que contar a verdade.

19

Morgan

Jonah bate baixinho à porta da frente antes de abri-la.

Quando ele entra, estou no sofá com Elijah, que dorme.

— Cheguei na creche bem na hora da soneca dele — sussurro.

Jonah olha para Elijah e sorri.

— Eles dormem tanto nessa idade. Eu meio que odeio isso.

Eu rio baixinho.

— Você vai sentir saudade quando ele começar a não querer dormir.

Jonah indica a garagem com a cabeça.

— Não tive tempo de passar em casa depois do trabalho. Posso tentar destrancar a caixa de ferramentas de Chris?

Assinto. Ele segue naquela direção, e passo Elijah para o moisés. Então o coloco do outro lado da sala, na esperança de que o barulho da cozinha não o acorde.

Jonah volta com a caixa de ferramentas de Chris e a leva para a cozinha. Vou atrás para ajudá-lo com a porta.

Eu lhe entrego uma faca, e ele leva apenas alguns segundos para arrombar a tranca. Então abre a tampa e tira a bandeja de cima para procurar o que precisa na parte inferior, maior.

De repente, um olhar perplexo surge em seu rosto. E esse olhar faz com que eu me aproxime da caixa de ferramentas para olhar o interior.

Nós dois encaramos o que estava escondido sob a bandeja de cima.

Envelopes. Cartas. Cartões. Vários, todos endereçados a Chris.

— São seus? — pergunta Jonah.

Eu faço que não com a cabeça e dou um passo para trás, como se a distância fosse capaz de fazer os papéis desaparecerem. Sempre que sinto que uma das minhas muitas feridas está prestes a cicatrizar, algo acontece para abri-la de novo.

Com a letra de Jenny, o nome de Chris está escrito no verso de todos os envelopes abertos. Jonah mexe neles.

Meu coração acelera, sabendo que ali poderiam estar as respostas para todas as nossas perguntas. Quando o caso começou? Por quê? Chris estava apaixonado por ela? Ele a amava mais do que a mim?

— Você vai ler? — pergunto.

Jonah balança a cabeça, determinado. Sua decisão é tão definitiva. Invejo sua falta de curiosidade. Ele entrega tudo para mim.

— Você pode fazer o que quiser, mas não me interessa o que está escrito aí.

Encaro as cartas em minhas mãos.

Jonah pega o que precisa na caixa de ferramentas e a empurra, indo cuidar da última dobradiça trabalhosa.

Eu levo as cartas para o quarto e as jogo na cama. Até segurá-las é doloroso. Não quero olhar para elas enquanto Jonah estiver aqui, então saio e fecho a porta. Posso resolver o que fazer mais tarde.

Sento na banqueta próxima da bancada da cozinha e encaro meus pés, sem conseguir pensar em nada além das cartas, por mais que me esforce para mudar de foco.

Se eu ler o que Jenny escreveu, vou finalmente encerrar o caso? Ou isso só vai piorar minha dor?

Parte de mim tem medo de que as coisas piorem. As pequenas lembranças já são péssimas o suficiente; pela manhã, uma delas quase me fez chorar.

Eu e Jenny estávamos no centro da cidade no ano passado, uma semana antes do aniversário de Chris. Ela estava determinada a comprar para ele um quadro abstrato específico de uma loja. Em todos os nossos anos de casamento, jamais vi meu marido se interessar por arte. Mas a pintura, por algum motivo, fazia Jenny se lembrar dele. Nunca pensei muito no assunto. Afinal, eles eram cunhados. Eu adorava a forma como os dois se davam bem.

O quadro fica pendurado na cozinha, sobre a bancada móvel que deixo encostada na parede.

Eu o encaro agora.

— No ano passado, Jenny insistiu em dar esse quadro de presente de aniversário para Chris.

Jonah para o que está fazendo e olha para o quadro às suas costas. Então seus olhos passam rapidamente por mim antes de retornarem à porta.

— Eu disse que ele ia detestar, e sabe o que ela respondeu?

— O quê? — pergunta Jonah.

— Ela disse: *"Você não conhece Chris tão bem quanto eu."*

Os ombros de Jonah enrijecem, mas ele fica quieto.

— Lembro que ri; achei que fosse brincadeira. Mas, hoje, sabendo o que sei, imagino que ela estivesse falando sério. Jenny realmente achava que conhecia meu marido melhor do que eu, mas acredito que tenha deixado aquilo escapulir. Agora, sempre que olho para o quadro, fico me perguntando qual é sua história. Os dois estavam juntos quando o viram pela primeira vez? Ele mencionou que tinha gostado? Todas as lembranças que tenho dos dois eram concretas. Só que, quanto mais penso nelas, quanto mais penso neles, tudo parece se transformar. E odeio isso.

Jonah finalmente solta a porta da dobradiça. Ele a apoia contra a parede antes de se debruçar na bancada e pegar uma bala. Fico surpresa quando a enfia na boca.

— Você odeia melancia.

— Oi?

— Você acabou de comer uma bala de melancia. E as detesta.

Ele não me responde. Quando começa a falar, está encarando o quadro.

— Na noite antes do acidente, quando a gente estava à mesa, Chris perguntou se Jenny estava animada para o dia seguinte. Eu nem desconfiei quando ela disse *"Você nem imagina o quanto"*, porque aquele supostamente seria seu dia de voltar ao trabalho, e achei que fosse disso que estavam falando. Mas era sobre passarem o dia juntos no Langford. Os dois estavam conversando sobre isso bem na nossa cara.

Eu não tinha parado para pensar sobre aquele momento. Mas Jonah tem razão. Jenny olhou nos olhos de Chris e, mais ou menos, sugeriu que estava empolgada para dormirem juntos. Um calafrio subiu pelos meus braços, então os esfrego.

— Odeio os dois. Odeio os dois por mentirem para você sobre Elijah. Odeio os dois por se fazerem de sonsos com a gente.

Agora juntos, encaramos a pintura.

— Mas que quadro horroroso — diz ele.

— É mesmo. Elijah pintaria algo melhor.

Jonah vai até a geladeira e pega a caixa de ovos. Assim que a porta da geladeira fecha sozinha, ele abre a caixa, pega um dos ovos e o acomoda na mão. De repente, ele o arremessa contra o quadro. Eu observo a gema escorrer pelo canto direito e cair no chão.

Espero que ele saiba que vai limpar isso.

Jonah está na minha frente agora, oferecendo um ovo.

— Dá uma sensação boa. Experimente.

Aceito o ovo e pulo da banqueta. Impulsiono o braço para trás como se fosse lançar uma bola e arremesso o ovo contra a pintura. Ele tem razão. É gostoso observá-lo se espatifar sobre uma memória que Jenny e Chris criaram juntos. Tiro outro ovo da caixa e o jogo. Depois outro.

Infelizmente, só havia quatro ovos lá dentro. O estoque acabou, mas sinto que estou apenas começando.

— Pegue outra coisa — peço, incentivando Jonah a abrir a geladeira.

Por algum motivo, destruir uma das memórias dos dois faz meu corpo ser preenchido por uma onda de adrenalina, algo que eu nem sabia estar precisando. Estou pulando na ponta dos pés, pronta para arremessar outra coisa, quando Jonah me entrega um dos potes de plástico com pudim de chocolate. Eu olho para ele, dou de ombros e o arremesso contra o quadro. A ponta do pote plástico fura a tela.

— A ideia era você *abrir* o pudim, mas também deu certo assim.

Eu rio e pego outro pudim das suas mãos, abro a tampa. Jogo o doce na pintura, mas sua espessura dificulta o processo. Não é tão recompensador quanto o ovo. Mas, então, enfio os dedos no pote e me aproximo do quadro. E espalho o pudim sobre a tela.

Jonah me entrega outra coisa.

— Aqui. Use isto.

Olho para o frasco de maionese e sorrio.

— Chris odiava maionese.

— Eu sei — responde ele com um sorriso.

Enfio a mão inteira dentro do pote, pegando um punhado gelado de maionese antes de esfregar o máximo possível no quadro. Jonah está ao meu lado agora, espirrando mostarda na tela. Normalmente, eu ficaria nervosa com a

sujeira que estamos fazendo, mas a satisfação é muito maior do que o desânimo pela futura limpeza.

Além do mais, estou rindo de verdade. O som é tão estranho que eu espalharia maionese pela casa inteira só para continuar me sentindo assim.

Esfreguei o pote praticamente inteiro no quadro quando Jonah começa a atacá-lo com um frasco de ketchup.

Meu Deus, que divertido.

Penso nas outras coisas na casa que podem abrigar memórias secretas dos dois e que podemos destruir. Aposto que também há quinquilharias na casa de Jenny e Jonah. E talvez ele tenha mais ovos do que eu.

O pote de maionese finalmente está vazio. Eu me viro para pegar outra coisa para jogar, mas a mistura de pés descalços, gema de ovo e pisos cria uma superfície nada confiável. Escorrego e seguro o braço de Jonah enquanto caio. Em uma questão de segundos, nós dois estamos deitados no chão da cozinha. Jonah tenta se levantar, mas nossa bagunça se espalhou por todos os cantos. A palma da sua mão escorrega no chão, e ele cai de novo.

Estou rindo tanto que giro em posição fetal; uso músculos que parecem terem sido atrofiados há séculos. É a primeira vez que rio desde a morte de Chris e Jenny.

Também é a primeira vez que escuto Jonah rir desde então.

Na verdade... não escuto a risada dele desde que éramos adolescentes.

Nossas gargalhadas começam a se dissipar. Eu suspiro na mesma hora em que Jonah vira para mim.

Ele não está mais rindo. Não está nem sorrindo. Na verdade, tudo que era engraçado parece desaparecer no instante em que fazemos contato visual, porque o silêncio reina agora.

A adrenalina que corre pelo meu corpo começa a se transformar, deixando de ser a necessidade de destruir um quadro e virando algo completamente diferente. É inquietante sair de um momento tão divertido e passar para um tão sério. Nem sei por que ficou tão sério, mas aconteceu.

Jonah engole em seco, e, então, em um sussurro rouco, diz:

— Nunca odiei as balas de melancia. Eu só separava porque sabia que elas eram suas favoritas.

Essas palavras me preenchem, lentamente aquecendo minhas partes mais frias. Eu o encaro em silêncio, não porque perdi a fala, mas porque essa deve ter

sido a coisa mais gentil que um homem já me disse, e não saiu nem do meu marido.

Jonah estica a mão, afastando uma mecha grudenta de cabelo da minha bochecha. Assim que ele encosta em mim, sinto como se tivéssemos voltado àquela noite, sentados na grama, diante do lago. Ele me olha da mesma maneira que me olhou na época, pouco antes de sussurrar: *"Acho que, talvez, a gente tenha se enganado."*

Sinto que ele vai me beijar, e não sei o que fazer, porque não estou pronta para algo assim. Nem *quero* algo assim. Um beijo entre nós complicaria tudo.

Então por que estou me inclinando na sua direção?

Por que a mão dele está no meu cabelo agora?

Por que estou completamente obcecada por saber o gosto da sua boca?

A cozinha está tão silenciosa que, além da nossa respiração ofegante, consigo escutar o barulho do motor quando Clara estaciona o carro na frente da casa.

Jonah me solta e rapidamente deita de costas.

Eu me sento na mesma hora, puxando o ar. Nós nos levantamos e, imediatamente, começamos a limpeza.

20

Clara

O carro de Jonah está parado na entrada da minha casa. Espero que ele não tenha enlouquecido de novo e tenha vindo deixar Elijah por mais uma semana. Esta é a última coisa de que eu e minha mãe precisamos agora.

E não sei bem do que precisamos, mas necessitamos de alguma coisa. Uma intervenção? Férias uma da outra?

Espero que ela esteja tão pronta quanto eu para esquecer o que aconteceu hoje na escola. Se há uma coisa que gosto na minha mãe é sua capacidade de evitar brigas quando precisa de tempo para digerir algo. Não quero ser obrigada a ficar trancada em casa e conversar hoje, porque meu plano é entrar, trocar de roupa e sair para encontrar Miller no cinema. *Mas duvido que vá ser tão fácil assim.*

Quando entro, vejo Elijah dormindo no moisés, perto da parede. Começo a me aproximar dele para lhe dar um beijo rápido, mas minha atenção se volta para a cozinha.

A porta sumiu, mas essa não é a parte estranha.

A parte estranha é minha mãe e Jonah. *E a bagunça.*

Mamãe está de quatro no chão, limpando o piso com toalhas de papel. Jonah retira da parede o quadro que tia Jenny deu de aniversário para papai. A tela está toda suja. Inclino a cabeça, tentando ver melhor, mas não sei exatamente o que é.

Comida?

Dou alguns passos na direção da cozinha antes de conseguir entender a cena. Vejo um vidro de maionese vazio sobre a bancada. Potes de pudim vazios no chão. Uma caixa vazia de ovos na bancada. A camisa de Jonah e o cabelo da minha mãe estão sujos.

Que doideira é essa?

— Vocês fizeram uma guerra de *comida*?

Minha mãe olha na minha direção. Ela nem desconfiava que eu estava aqui. Jonah vira e quase escorrega. Ele deixa a pintura cair, mas se segura na bancada. Os dois trocam um olhar; depois me encaram.

— Hum — diz Jonah. — Nós, hum... não temos uma explicação decente.

Ergo uma sobrancelha, mas fico quieta. Se eu não julgar o comportamento estranho dos dois, talvez eles não me julguem por querer sair daqui.

— Sei. Bem... vou ao cinema com Lexie.

Espero escutar uma reclamação da minha mãe, mas o oposto acontece.

— Minha bolsa está no sofá, se você precisar de dinheiro.

Desconfiada, estreito os olhos. *Ela está me testando?* Talvez esteja se sentindo culpada pelo que me disse mais cedo.

Há algo errado, mas, se eu continuar parada aqui, talvez ela também perceba isso. Dou as costas para os dois e vou para o quarto trocar de roupa. Não me dou ao trabalho de pegar o dinheiro na bolsa. Miller nunca me cobra por nada.



Assim que entro no cinema, o rosto de Miller se ilumina, e ele para o que está fazendo para me encontrar do outro lado do balcão. Não há ninguém, então ele me puxa para um abraço e me beija.

— Espere por mim na sala um. Só preciso de cinco minutos.

— Mas... — Aponto para a bombonière. — Pipoca.

Miller ri.

— Vou levar.

Entro na sala um e fico surpresa ao ver que ela está completamente vazia, com as luzes acesas. Nem há nada passando na tela. Sento na última fileira, como sempre, e espero por Miller. Enquanto isso, abro o guia de horários do cinema no meu telefone para ver o que está passando aqui.

Nada.

A última sessão foi um desenho animado, que acabou há uma hora.

Mando uma mensagem para Miller.

Eu: Você disse sala um? Não tem sessão nenhuma aqui hoje.
Miller: Fique aí. Já vou.

Alguns minutos depois, ele entra com uma bandeja de comida. Nachos, cachorros-quentes, pipoca e duas bebidas. Então sobe até a última fileira e senta ao meu lado.

— Acho que fomos muito maltratados na escola hoje — explica Miller. — Tenho certeza de que existe alguma lei que diz que estudantes precisam se alimentar no ambiente escolar. Mesmo que a gente tenha que levar a comida com a gente para a sala da detenção. — Ele me passa um copo e equilibra a bandeja nos encostos dos bancos à nossa frente. — Steven me deve uns cinco favores, então vai passar uma hora cuidando da bombonière.

Pego um cachorro-quente e um sachê de mostarda.

— Que ótimo. Então isto é um encontro?

— Não fique mal-acostumada. Eu geralmente não me esforço tanto.

Passamos os próximos minutos comendo e conversando. Deixo Miller falar na maior parte do tempo, porque gosto disso. Ele é animado e sorri bastante, e, sempre que encosta em mim, sinto aquele frio na barriga clichê.

Quando termina de comer, ele tira um pirulito do bolso.

— Quer um?

Estico a mão, então ele pega outro e me dá.

— Você tem um estoque disso? Está sempre com um na boca.

— Eu trinco os dentes. Os pirulitos ajudam.

— Se você continuar nesse ritmo, não vai ter dentes sobrando para trincar.

— Nunca tive uma cárie. E não finja que acha o gosto ruim.

Sorrio.

— O gosto é ótimo.

— Shelby odiava meu vício em pirulitos — comenta ele. — Dizia que minha boca ficava grudenta.

— Quem?

Faço a pergunta de brincadeira, mas Miller acha que fiquei ofendida por ele falar dela.

— Desculpe. Não quis tocar no assunto. Não quero ser aquele namorado que vive falando da ex.

— Na verdade, tenho muitas perguntas, mas não quero ser aquela namorada que te obriga a falar da ex.

Miller tira o pirulito da boca.

— O que você quer saber?

Penso um pouco. Há muito que quero saber, mas faço a pergunta mais urgente.

— Quando ela terminou o namoro naquele dia da carona, por que você ficou tão triste?

Ando me questionando como ele podia parecer tão chateado *naquele* dia, mas não ter problema nenhum com isso agora. Estou com medo de ele estar escondendo alguma coisa.

Seus dedos roçam o dorso da minha mão.

— Não fiquei triste, necessariamente, por Shelby ter terminado comigo. Fiquei triste porque ela achou que tinha sido traída, e eu não queria que pensasse assim. Então precisava convencê-la a acreditar em mim.

— Shelby sabe que você terminou com ela para ficar comigo?

— Não terminei com ela para ficar com você.

— Ah — digo, um pouco surpresa. — Você meio que deu a entender isso.

Miller se ajeita na cadeira, entrelaçando os dedos nos meus.

— Eu terminei o namoro porque, quando ia dormir à noite, não pensava nela. E, quando acordava de manhã, não pensava nela. Mas não foi só para poder ficar com você. Eu teria terminado mesmo que nós dois não ficássemos juntos.

Não parece haver muita diferença em terminar com alguém *para ficar* com outra pessoa ou *por causa* de outra pessoa, mas, quando ele explica, faz toda diferença do mundo.

— Foi estranho se acostumar? Vocês passaram muito tempo juntos.

Miller dá de ombros.

— É diferente. A mãe dela nunca se importou de eu dormir lá nos fins de semana, então ainda estou me acostumando a ficar em casa com o vovô nos sábados à noite.

— A mãe de Shelby deixava você dormir lá? Tipo... na cama dela?

— Não é normal, eu sei. Mas os pais dela são muito liberais com várias coisas. E, tecnicamente, Shelby é uma adulta na faculdade. Acho que isso fazia muita diferença.

— Minha mãe nunca vai deixar você dormir lá em casa. Só para avisar.

Miller ri.

— Depois de hoje eu ficaria surpreso se ela deixasse eu fazer uma visita durante o dia.

Odeio que ele se sinta assim. Odeio que minha mãe *tenha feito* ele se sentir assim. E, para ser sincera, fico com medo de isso incomodá-lo depois de um tempo, se ela nunca aceitá-lo como meu namorado.

Nem acredito que estou pensando numa coisa dessas. Miller Adams é meu *namorado*.

Nós dois estamos nos encarando agora, nosso corpo virado um para o outro nas poltronas do cinema. Está tão silencioso aqui que ouvimos os ruídos do filme que passa do outro lado da parede.

Tento não pensar em tudo que Miller acabou de contar, porque agora estou preocupada com todas as vezes em que ele dormiu na casa de Shelby. Com todas as vezes que dormiu na cama dela. Será que vai acabar sentindo falta disso? Nunca transei, e, do jeito que minha mãe anda se comportando, duvido que ela algum dia aceite que Miller entre na nossa casa. Talvez até me proíba de sair com ele, só para tentar nos obrigar a terminar. Espero que não, mas, por suas atitudes no último mês, não duvido.

Sinto como se Miller tivesse sido completamente sincero comigo, então quero retribuir. Encaro meu pirulito depois de tirá-lo da boca.

— Então. Só para você saber. Eu sou virgem.

— Sei uma solução para isso — responde Miller.

Meus olhos encontram os seus, mas então ele ri.

— Estou brincando, Clara. — Ele se inclina na minha direção e me dá um beijo no ombro. — Que bom que você me contou. Mas não estou com pressa. Nenhuma.

— Sei. Você está acostumado a fazer isso todo fim de semana. Vai acabar ficando de saco cheio de não transar e voltando para ela. — Eu imediatamente cubro a boca coma mão. — Ah, meu Deus, por que pareço tão insegura? Vamos fingir que eu não disse nada, por favor.

Miller ri um pouco, mas então me encara, intenso.

— Não precisa se preocupar. Eu já me sinto mais feliz, *sem* transar com você, do que me senti durante meu namoro inteiro com ela.

Eu gosto tanto dele. Mais do que achava possível. Sempre que passamos tempo juntos, gosto mais do que no minuto anterior.

— Quando eu decidir que estou pronta... espero que seja com você.

Miller sorri.

— Acredite em mim. Não vou convencer você a mudar de ideia.

Penso em como seria nossa primeira vez. Em *quando* vai ser. Olho para ele e sorrio.

— Nosso primeiro beijo foi um beijo clichê em uma cafeteria. Talvez eu devesse perder a virgindade de um jeito clichê também.

Miller ergue uma sobrancelha.

— Não sei. Acho que vamos ser proibidos de entrar de novo na Starbucks.

Eu rio.

— Estou falando da festa de formatura. É daqui a cinco meses. Se ainda estivermos juntos, quero perder a virgindade de uma forma bem clichê depois da festa.

Minha escolha de palavras faz Miller rir. Ele tira o pirulito da boca, pega o meu e coloca os dois na bandeja de comida. Então se inclina e me dá um beijo rápido. Quando se afasta, diz:

— Você está muito apressadinha. Eu ainda nem convidei você para a festa de formatura.

— Então me convide.

— Você não quer um daqueles pedidos elaborados?

Faço que não com a cabeça.

— Isso é besteira. Não quero nada elaborado.

Miller hesita, como se duvidasse de mim. Então assente e diz:

— Tudo bem, então. Clara Grant, quer ir à festa de formatura e, depois, fazer sexo clichê comigo?

— Eu adoraria.

Miller sorri e me beija. Eu o beijo de volta com um sorriso, mas sinto parte de mim murchar.

Tia Jenny teria adorado essa história.

21

Morgan

Talvez minha cozinha tenha ficado mais limpa do que nunca. Não sei se é porque Jonah sabe limpar as coisas como ninguém (ele cuidou da maior parte) ou se é porque tentou apagar qualquer prova daquele quase beijo na cozinha, para não termos nenhuma lembrança dele.

Meu sentimento de culpa é visível desde que Clara saiu para ir ao cinema. Jonah deve se sentir da mesma forma, porque limpamos em silêncio. E, assim que Elijah começou a despertar, me ofereci para lhe dar a mamadeira, já que o relacionamento com meu sobrinho é o único que parece estar dando certo na minha vida. Talvez ele esteja começando a me reconhecer, porque sorriu ao me ver.

Faz uma hora que estou distraindo o bebê na sala. Jonah limpou a cozinha inteira. Eu não esperava por isso, e até lhe disse para relaxar um pouco na limpeza, mas ele não me obedeceu. Eu teria ajeitado a bagunça, mas fiquei aliviada de verdade quando Elijah acordou. Prefiro não dividir um cômodo com Jonah no momento.

Elijah está cada vez mais forte. Sentei no sofá, e ele agora empurra as pernas contra minha barriga. Estamos nos comunicando através de barulhinhos de bebê quando Jonah aparece, levando a porta da cozinha para a garagem.

Meu sobrinho boceja, então o apoio contra meu peito e dou leves batidinhas em suas costas. Já passou da sua hora de dormir, e, apesar da soneca de meia hora que tirou enquanto eu e Jonah destruíamos a cozinha, Elijah parece prestes

a desmaiar. Ele fica relaxado contra meu peito enquanto começa a adormecer. Pressiono minha bochecha contra o topo de sua cabeça, desejando mais do que tudo não me entristecer quando penso no azar que o bebê teve na vida.

Elijah tem sorte de ter Jonah. Um homem que não fugiu da responsabilidade, mesmo sabendo que existe grande chance de não ser seu pai. Espero, pelo bem de Jonah, que Elijah não sinta rancor se descobrir a verdade algum dia; que só passe a apreciar ainda mais o pai.

Jonah entra na sala e sorri ao ver Elijah dormindo contra meu peito. Ele senta ao nosso lado no sofá e faz carinho nas costas do filho. Então solta um suspiro baixinho, e, quando o encaro, vejo que está olhando para mim. Estamos sentados tão perto um do outro que nossas pernas se tocam.

Os sentimentos inesperados despertados mais cedo na cozinha retornam. Eu estava torcendo para ter sido apenas um evento isolado e que minha reação a Jonah permanecesse adormecida de agora em diante.

— Se afaste um pouco — sussurro.

Seus olhos se estreitam, como se ele não tivesse compreendido o que falei.

— Você está próximo demais. Preciso de espaço.

Jonah entende essa parte. E parece surpreso com minha reação. Ele vai para o outro canto do sofá, dramático. Agora, sinto como se eu o tivesse ofendido.

— Desculpe — digo. — Só estou... confusa.

— Não tem problema — responde ele.

Estico o pescoço para olhar para Elijah. Ele está tão relaxado que agora parece seguro passá-lo para o moisés. Preciso de ar fresco, então faço isso. Depois de acomodá-lo com delicadeza, aguardo a fim de garantir que ele não vai acordar; então eu o cubro.

Não olho para Jonah enquanto sigo para a varanda dos fundos. Tenho certeza de que ele virá no meu encalço, mesmo que eu não o convide. E, sinceramente, precisamos conversar sobre o que estava prestes a acontecer na cozinha, porque a última coisa de que preciso é que Jonah ache que existe alguma chance nesse sentido.

Ele fecha a porta de vidro quando se junta a mim na área externa. Ando de um lado para o outro, olhando o piso de pedra. Foi Chris quem o instalou, alguns anos atrás. Eu e Jenny o ajudamos, o que me fez lembrar do quanto foi divertido. Zombávamos de Chris por ele gostar de ouvir John Denver e cantar a plenos pulmões enquanto trabalhava. Ele nunca escutava John Denver. Apenas quando trabalhava na varanda. Como eu e Jenny passávamos a maior parte do

tempo rindo dele enquanto o ajudávamos, então Chris nos trancou dentro da casa e terminou tudo sozinho.

Fico me perguntando se o caso deles começou antes disso.

Fico me perguntando, com mais frequência do que deveria, quando começou. Não sei por que torço para ser algo recente. A ideia de os dois terem passado anos juntos faz tudo parecer ainda mais pessoal. Acho que, se eu tiver coragem de ler as cartas que encontramos, talvez possa ter as respostas para todas as minhas perguntas.

Jonah senta na cadeira favorita de Chris. Foi presente de Jenny.

Meu Deus, como eu posso ser tão idiota? Que cunhados se dão tão bem quanto eles? Por que nunca enxerguei a verdade?

— Senta — diz Jonah. — Ver você andando está me deixando nervoso.

Desabo na cadeira ao seu lado. Fecho os olhos por um instante, tentando afastar as lembranças. Não quero pensar em tudo nesta casa que possa unir Jenny a Chris. Já destruí o quadro. Não quero ter que quebrar os móveis da varanda nem qualquer outra coisa que eu costume usar.

Quando abro os olhos, observo Jonah. Sua cabeça está confortavelmente apoiada no encosto da cadeira. Está virada na minha direção, mas ele não diz nada. Jonah pensa muito, mas fala pouco.

Não sei por que o silêncio me irrita agora.

— Diga alguma coisa. Está tudo tão quieto aqui.

Como se as palavras já estivessem na ponta da sua língua, ele diz:

— Se você não tivesse engravidado de Clara, teria deixado Chris?

— Que tipo de pergunta é essa?

Jonah dá de ombros.

— Sempre tive essa dúvida. Nunca soube se você decidiu ficar com ele por causa da Clara ou se porque era apaixonada por ele.

Desvio o olhar, porque, sinceramente, isso não é da sua conta. Se ele estivesse mesmo curioso para saber como seria minha vida, não teria ido embora sem avisar.

A voz de Jonah soa mais baixa quando insiste:

— Você não respondeu.

— Jonah, pare.

— Você pediu que eu falasse alguma coisa.

— Não quis dizer... — Eu suspiro. — Não sei o que quis dizer.

De repente, o ar parece abafado demais na varanda. Resolvo entrar, querendo me distanciar de Jonah. Mas ele me segue até o quarto. De novo, fecha a porta para nossa conversa não acordar Elijah. Ele parece um pouco incomodado por eu fugir e mudar de cômodo.

As cartas espalhadas sobre a cama parecem me encarar, me provocando.

— A gente vai falar sobre o que aconteceu na cozinha? — pergunta ele.

Começo a andar de um lado para o outro de novo, sem me importar se o incomodo.

— Nada aconteceu na cozinha.

Jonah me encara como se estivesse decepcionado com a minha incapacidade de lidar com o assunto de forma madura. Aperto a testa, tentando afastar a dor de cabeça que se aproxima com uma massagem. Não olho para ele enquanto falo:

— Você quer conversar? Certo. Tudo bem. Faz poucas semanas desde que fiquei viúva, e quase beijei outra pessoa. E como já não bastasse, foi *você* quem eu quase beijei. Estou me sentindo uma merda.

— Ai.

— E se Clara tivesse visto? Valeria mesmo a pena?

— Clara não tem nada a ver com isso.

— Clara tem, *sim*, a ver com isso. E Elijah *também*. Todo mundo tem a ver com isso, *menos* nós.

— Não acho.

Eu rio.

— É óbvio que você não acha.

— Como assim?

Balanço a cabeça, frustrada.

— Você passou dezessete anos sem manter contato com seus melhores amigos, Jonah. Você só se preocupa consigo mesmo e com as *suas* vontades. Nunca pensa em como suas ações afetam outras pessoas.

Ele me olha de um jeito que me atinge de forma profunda. Nunca vi Jonah olhar para ninguém assim. É um misto de confusão com mágoa.

— Uau — sussurra ele antes de se virar e sair do quarto, batendo a porta.

Jonah Sullivan, fugindo de novo. Por que isso não me surpreende?

Agora estou com raiva. Saio irritada do quarto, pronta para uma discussão, mas ele está saindo com Elijah. Ao me ver, Jonah percebe o nível da minha irritação, porque nossas expressões são idênticas. Mas ele apenas balança a cabeça e diz:

— Pare. Estou indo embora.

Mesmo assim, saio atrás dele porque ainda não sinto que tenha externado tudo. É como se eu fosse um poço infinito, cheio de coisas que preciso jogar na cara dele. Espero até que ele prenda Elijah na cadeirinha e feche a porta.

Assim que Jonah me encara, esperando que eu fale, não consigo pensar em nada para dizer.

Apenas fico parada, sem dar absolutamente um pio sequer.

Sinceramente, não sei por que estamos brigando. A gente nem se beijou. E, como nunca mais vou me envolver em uma situação parecida com ele, não faço ideia do motivo para eu ter ficado tão irritada.

Jonah se apoia no carro e cruza os braços. Ele espera um instante, permitindo que a calma se instaure entre nós. Então ergue a cabeça e me olha, cheio de emoção.

— Jenny era sua *irmã*. Não importava como eu me sentia sobre você, eu jamais ia querer causar conflito entre as duas. Fui embora porque, ao contrário de Jenny e Chris, eu *respeitava* os dois. Eu respeitava *você*. Por favor, nunca mais me chame de egoísta. Aquela foi a decisão mais difícil que já tomei na vida.

Ele entra no carro, bate a porta e vai embora.

Fico sozinha, no escuro, cheia de informações que preferia não saber e sentimentos que nunca me permiti confrontar.

Meus joelhos parecem trêmulos. Não tenho forças para entrar e pensar em tudo que aconteceu hoje, então apenas sento na grama, onde continuo sem ação desde que Jonah foi embora.

Baixo a cabeça entre as mãos, sentindo o peso do dia. Tudo que aconteceu com Clara na escola. Tudo que aconteceu com Jonah na cozinha. Tudo que ele acabou de dizer. E, apesar de haver uma parte de mim que precisava escutar aquilo, nada vai mudar. Porque eu e Jonah nunca daríamos certo, não importa quanto tempo se passe desde que Jenny e Chris deixaram de fazer parte de nossa vida. *Nós* seríamos considerados os vilões da história.

Clara não entenderia. E o que falaríamos para Elijah quando ele fosse mais velho? Que nós quatro resolvemos fazer uma troca de casais? Que tipo de exemplo seria esse?

Nada entre mim e Jonah seria uma boa ideia. Seria uma vida inteira de lembranças que prefiro esquecer. E, agora que ele disse tudo que, provavelmente, estava entalado havia dezessete anos, quero que desfaça o que disse. Quero voltar

para ontem, quando a vida era mais fácil. Quando Jonah podia trazer Elijah para me visitar sem o clima pesado que vai pairar entre nós de agora em diante.

Sinto como se ele achasse que seu desabafo melhoraria as coisas, mas, para mim, a distância entre nós só aumentou. E não sei se um dia vai diminuir.

Éramos adolescentes. Não estávamos apaixonados. O que sentimos era atração, que é algo que confunde nossa cabeça; além disso, não vale a pena virar a vida de Clara de cabeça para baixo só por causa disso.

Olho para cima quando vejo faróis vindo em minha direção.

Clara.

Minha filha estaciona o carro e, quando sai, não me diz nada de imediato. Chego a pensar que não me notara, mas então Clara desvia da calçada e se senta na grama, ao meu lado. Ela dobra os joelhos até o queixo e abraça as pernas enquanto encara a rua escura.

— Estou preocupada com você, mãe.

— Por quê?

— Já é tarde. E você está sentada no quintal, no escuro. Chorando.

Estico a mão até a bochecha e seco as lágrimas que não senti. Solto o ar e olho para ela.

— Desculpe por hoje. Eu não devia ter dito aquilo.

Clara apenas concorda com a cabeça. Não sei se está aceitando meu pedido de desculpas ou concordando que eu devia ter ficado calada.

— Você esteve com Miller hoje?

— Sim.

Eu suspiro. Pelo menos ela está me contando a verdade.

— Ele não é um cara ruim, mãe. Eu juro. Você só precisa conhecê-lo melhor.

Ela defende o garoto, mas eu entendo. Quando você tem dezesseis anos, ignora todos os sinais de alerta. Eu bufo.

— Só tome cuidado, Clara. Não quero que você cometa o mesmo erro que eu.

Minha filha levanta e limpa a parte de trás da calça jeans.

— Não sou como você, mãe. E Miller não é como meu pai. E eu queria muito que você parasse de se referir a mim como um erro.

— Você sabe que não foi isso que quis dizer.

Não tenho ideia se Clara me ouviu, porque já está quase dentro de casa. E bate a porta.

Estou exausta demais para ir atrás dela. Deito de costas na grama e encaro as estrelas. As poucas que consigo ver.

Fico me perguntando se Chris e Jenny estão lá em cima, em algum lugar. Se conseguem me ver aqui. Se estão se sentindo culpados pelo que fizeram com a minha vida.

— Você é um idiota — sussurro para Chris. — Espero que esteja nos vendo agora, porque você estragou muitas vidas, seu *babaca* de merda.

Escuto passos na grama e me sento, assustada. Levo a mão à garganta e solto o ar ao ver a Sra. Nettle parada a alguns metros de distância.

— Achei que você tivesse morrido — diz ela. — Ainda mais quando a escutei xingando o Todo-Poderoso de babaca. — A mulher se vira para voltar para a própria casa. Quando chega à porta, acena a bengala para mim. — Isso é blasfêmia, sabia? Você devia começar a ir à igreja!

Quando ela entra, tenho que rir. A Sra. Nettle realmente me detesta.

Eu me levanto e entro. Quando chego ao quarto, vejo as cartas e os cartões espalhados pela cama. Minhas mãos tremem enquanto começo a contar. No total, há nove cartas e três cartões.

Quero e, ao mesmo tempo, não quero saber o que dizem. Tenho certeza de que só vou ficar mais nervosa se ler o que está escrito neles, e já tive nervosismo suficiente por um dia.

Guardo tudo no fundo da minha cômoda e decido esperar um dia melhor.

Se ele vier.

22

Clara

O fim de semana foi longo. Tanto Lexie quanto Miller trabalharam até tarde. Os únicos contatos que eu tive com Miller foram o tempo que passamos sentados durante seu intervalo na noite de sábado e as duas horas que nos falamos ao telefone no dia anterior. Também quase não conversei com minha mãe. Depois da esquisitice da noite de sexta, ela passou o sábado inteiro no computador, mandando currículos. Fiquei no meu quarto por boa parte do domingo, adiantando o dever de casa.

Chego mais tarde do que o normal na aula de Jonah. Sou a última a entrar antes de o sinal tocar, então fico surpresa quando ele se aproxima e se ajoelha diante da minha mesa. Ele não costuma me dar atenção especial na frente dos outros alunos.

— Como está sua mãe?

Dou de ombros.

— Bem, eu acho. Por quê?

— Ela não respondeu minhas mensagens no fim de semana. Só queria saber se estava tudo bem.

Eu me inclino para a frente, sem querer que ninguém escute o que vou dizer.

— Quando eu cheguei em casa na sexta à noite, ela estava sentada no gramado da frente, chorando. Foi estranho. Às vezes, acho que ela está prestes a ter um colapso nervoso.

Jonah parece preocupado.

— Ela disse por que estava chorando?

Olho ao redor, e todo mundo está conversando, sem prestar atenção em nós.

— Não perguntei. Ela passa mais tempo chorando do que qualquer outra coisa, então parei de perguntar.

O sinal toca, então Jonah volta para sua mesa. Mas ele parece distraído quando começa a explicar a matéria do dia. Parece cansado. Parece de saco cheio.

Fico um pouco decepcionada. Às vezes, acho que deve ser muito mais fácil ser adulto do que ser adolescente, porque, a essa altura, você já deveria saber o que está fazendo da vida. Os sentimentos estão mais amadurecidos, e isso melhora a capacidade de lidar com as crises. Mas ver Jonah tentando se concentrar agora e assistir à minha mãe tentando seguir em frente, como se ainda tivesse forças, é a prova de que preciso para constatar que adultos são tão perdidos quanto adolescentes. Eles só usam máscaras mais convincentes.

Isso me deixa decepcionada.

Meu telefone vibra no bolso. Espero até Jonah virar de costas para a turma antes de pegá-lo e colocá-lo sobre a mesa. Arrasto a tela e leio a mensagem de Miller.

Miller: Estou de folga hoje. Quer começar o trabalho de cinema?
Eu: Quero, mas prefiro ficar longe da minha mãe por enquanto. Pode ser na sua casa?
Miller: Pode. Apareça lá pelas cinco. Preciso levar vovô ao médico às três, então não vou te ver depois da aula.

Miller está esperando por mim na varanda quando paro na frente da casa às dez para as cinco. Ele corre até o carro e pula no banco do passageiro antes mesmo de eu sair.

— O vovô está dormindo — diz ele. — Vamos ao Munchies primeiro para deixá-lo descansar um pouco.

— O que é Munchies?

Ele olha para mim como se eu tivesse dito algo absurdo.

— Você nunca foi ao Munchies? O *food truck*?

Balanço a cabeça.

— Não.

Miller parece completamente perplexo.

— Então você nunca comeu o Mac?

— Isso é de comer?

Ele ri e coloca o cinto de segurança.

— É de *comer* — imita ele. — Espero que esteja com fome, porque você está prestes a ter a melhor experiência da sua vida.



Quinze minutos depois, estou sentada em uma mesa de madeira, encarando a câmera que Miller colocou em um tripé antes de ir pedir nosso lanche. Ela está apontada para mim. Ele disse que vai começar a filmar coisas aleatórias quando estivermos juntos. Vai ser bom ter filmagens extras para o trabalho. Ou um *rolo B*, como chamou. Às vezes, ele fala como se já fosse diretor de cinema.

Fui orientada a não encarar a câmera, porque temos que fingir que ela não existe, então é óbvio que eu a encaro e faço caretas o tempo todo que ele está na fila.

Sinceramente, nunca vi Miller tão entusiasmado com algo. Quase sinto mais ciúme de um sanduíche do que sentia de Shelby. *Esse* é o nível de animação dele. Pelo visto, *o Mac* é um queijo quente com recheio de macarrão cozido em água benta e mais molho de queijo.

Certo, a água benta não é um ingrediente de verdade, mas, do jeito que Miller fala, não me surpreenderia.

Quando ele volta para a mesa, coloca a bandeja diante de mim, abaixando-se como se fizesse uma reverência ao oferecer um presente à rainha. Eu rio e puxo a bandeja, pegando um sanduíche.

Miller senta perto de mim, com uma perna de cada lado do banco, e não do outro lado da mesa. Gosto disso. Gosto do quanto ele quer estar perto de mim.

Quando os sanduíches são abertos, Miller espera que eu dê uma mordida; ele quer ver minha reação ao provar. Aproximo o sanduíche da boca.

— Agora estou me sentindo pressionada a gostar.

— Você vai amar.

Mordo e apoio os braços na mesa enquanto mastigo. É delicioso. Não só o pão é o mais crocante e amanteigado que já provei, mas o macarrão com queijo é tão quente e cremoso que sinto vontade de revirar os olhos.

Mas dou de ombros, porque gosto de provocá-lo.

— É bonzinho.

Miller se inclina para a frente, incrédulo.

— É... *bonzinho*?

Concordo com a cabeça.

— Tem gosto de sanduíche.

— Quero terminar o namoro.

— O pão está meio velho.

— Eu te odeio.

— O queijo tem um gosto artificial.

Miller baixa seu sanduíche, pega o telefone e abre o Instagram.

— Vou parar de te seguir de novo.

Eu rio depois de engolir o primeiro pedaço e beijo sua bochecha.

— É a coisa mais gostosa que já coloquei na boca.

Ele sorri.

— Jura?

Assinto. Depois faço que não.

— Só é menos gostoso do que você depois de chupar um pirulito.

— Acho justo.

Miller pega seu sanduíche e dá uma mordida. Então geme, e o som me faz corar um pouco. Não acho que ele perceba, porque tira um pedacinho minúsculo do pão e estica a mão sobre a mesa, colocando-o ao lado de uma formiga. Depois de um tempo, ela o leva embora.

Ele me dá um beijo na bochecha e morde o sanduíche de novo.

— Já pensou qual tipo de filme a gente pode fazer?

Faço que não com a cabeça e limpo a boca com um guardanapo. Ele estica a mão e tira algo dos meus lábios com o dedão.

— Não temos muito tempo — continua ele.

— Faltam três meses.

— Isso não é muito. Vai ser trabalhoso.

— Droga — digo com um tom sarcástico. — Acho que vamos ter que passar muito tempo juntos então.

Miller segura o sanduíche com a mão enquanto esfrega minha perna com a outra. Ele é tão carinhoso. E não tem vergonha de me beijar em público. Nem na frente de uma câmera.

Desconfio que vamos acabar indo para a sala da detenção mais de uma vez este ano.

— Pare de olhar — diz ele, se referindo à câmera.

— Não consigo — respondo, virando para o outro lado. — Ela está bem na nossa cara.

— E você quer ser atriz?

Eu lhe dou uma cotovelada.

— É diferente. Isso — aceno para a câmera — é esquisito.

— Pode se acostumar, porque pretendo ter muitas gravações extras. Quero ganhar este ano. Da última vez que me inscrevi, ficamos em quarto.

— Na região inteira?

— No estado.

— O quê? Miller, que fantástico!

Ele dá de ombros.

— Nem tanto. Foi chato ficar em quarto. Eles só postam os três primeiros lugares no YouTube. Ninguém se importa com o quarto lugar. Já resolvi que nós dois vamos ganhar a medalha de ouro. — Ele se inclina e me beija, então se afasta e dá outra mordida no sanduíche. — Você acha ruim eu te beijar tanto? — Ele fala com a boca cheia, mas é meio fofo.

— Seria estranho alguém se incomodar com isso. Lógico que não.

— Que bom.

— Eu gosto de você ser carinhoso.

Miller balança a cabeça, limpando a boca com um guardanapo.

— Mas a questão é essa. Não sou. Nunca fui assim com Shelby.

— Por que é diferente comigo?

Ele dá de ombros.

— Sei lá. Estou tentando entender. Só que nunca quis nada tanto quanto quero você.

Esse comentário me faz sorrir, mas levanto uma sobrancelha, implicante.

— Não sei, não, Miller. Você parecia animadinho demais para comer seu sanduíche.

Ainda resta metade do seu sanduíche, mas, assim que digo isso, ele levanta, vai até a lixeira mais próxima e o joga lá dentro. Então volta para a mesa.

— Aquele sanduíche não significava nada para mim. Se eu tivesse que escolher, preferiria sua língua na minha boca a ele sem nem pestanejar.

Franzo o nariz e me afasto.

— Você estava tentando ser sensual? Porque não deu certo.

Ele ri e me puxa para perto, pressionando a boca contra a minha. Mas não é um beijo fofo. Este é cheio de língua. E... *pão*.

Eu o empurro.

— Ainda tem *comida* na sua boca.

Finjo que vou vomitar e tomo um gole da minha bebida.

Seu copo já está vazio, então ele pega o meu e bebe.

Um instante depois, Miller lança um olhar triste para a lixeira e suspira.

— Eu joguei o sanduíche fora para defender meu argumento, mas queria muito comer o resto. — Ele olha para mim. — Seria nojento se eu revirasse a lixeira?

Dou uma risada.

— Seria. E eu nunca mais beijaria você de novo. — Passo o restante do meu sanduíche para o seu lado da mesa. — Aqui. Coma o meu. Não estou com fome.

Miller pega meu sanduíche e o come, depois termina minha bebida. Ele junta o lixo e joga tudo fora, depois volta para a mesa e senta do mesmo jeito, me puxando para perto. Então pressiona a testa contra a minha, sorri e se afasta, prendendo uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Acho que sou vidente. Eu sabia que a gente ia dar certo, Clara.

— Você não é vidente. Não faz nem uma semana que estamos juntos. Amanhã, pode dar tudo errado.

— Mas não vai dar. Tenho um bom pressentimento sobre nós.

— Isso é só tesão. Não é sexto sentido.

— É isso que você acha que existe entre nós? Tesão?

— O que mais seria? A gente mal se conhece.

— Eu abri mão de metade do meu sanduíche por você. Isso vai *bem* além de tesão.

Eu rio da insistência dele.

— É verdade. Foi um gesto muito magnânimo.

Eu me inclino e lhe dou um beijo, mas, quando começo a me afastar, Miller se aproxima, sem querer me soltar. Viro meu corpo na direção do seu e pressiono sua boca com a minha.

Normalmente, eu não seria tão afetuosa em público, mas somos os únicos aqui. Para um *food truck* que faz sanduíches maravilhosos, fico surpresa com o fato de o lugar não estar cheio.

Miller finalmente se afasta e olha para a câmera.

— É melhor a gente parar. Você é menor de idade, e, se esse filme virar um pornô, posso ser preso.

Adoro como ele me faz rir quando não quero.

Antes de sairmos do *food truck*, Miller comprou um sanduíche para o avô. Ele o entrega assim que entramos na sala.

— Isto é o que estou pensando? — pergunta vovô.

— O próprio.

O sorriso no rosto do vovô me faz sorrir também.

— Já disse que você é meu neto favorito?

— Eu sou seu *único* neto — responde Miller.

Ele pega o copo do avô e vai enchê-lo na cozinha.

— É por isso que você vai herdar tudo que tenho — diz vovô.

Miller ri.

— Um montão de ar, pelo visto.

O vovô se vira para mim.

— Clara, não é? — Ele começa a abrir o sanduíche. Sento em uma das poltronas verdes e assinto. — Eu já contei sobre quando Miller tinha quinze anos e fomos à escola... — A mão de Miller surge de trás da poltrona e arranca o sanduíche. Vovô olha para as mãos vazias. — Que diabos foi isso? — pergunta para o neto.

Miller senta na outra poltrona verde, mantendo o sanduíche como refém.

— Se você prometer que não vai contar essa história, devolvo o sanduíche.

— Para, Miller. — Solto um gemido. — Esta é a segunda vez que você não me deixa escutar a história.

O vovô olha para mim como se pedisse desculpas.

— Sinto muito, Clara. Eu contaria, mas você já provou um Mac?

Assinto, compreensiva.

— Tudo bem. Um dia desses, passo aqui quando Miller não estiver, e você vai poder me contar.

Miller entrega o sanduíche para o avô.

— Eu e Clara temos que fazer um trabalho. Vamos para o meu quarto.

— Não precisa mentir para mim — diz o vovô. — Eu já tive dezessete anos.

— Não é mentira — responde Miller. — A gente tem mesmo um trabalho.

— Sei.

Miller revira os olhos enquanto levanta da poltrona. Então pega minha mão e me puxa.

— Peço desculpas pelo meu avô.

— Por quê? Você está mentindo mesmo. A gente não tem trabalho nenhum.

Miller gira a cabeça.

— Temos, *sim*. — Ele lança um olhar crítico para o avô. — Vocês dois estão proibidos de conversar. São parecidos demais.

O vovô sorri para mim enquanto saímos da sala. Passando pelo corredor, dou uma olhada no banheiro. Miller nota minha pausa. Há vários frascos de remédio sobre a bancada, e o lembrete da doença do vovô faz meu estômago se revirar.

Quando entramos no quarto, Miller percebe que meu humor mudou.

— Está pensando no vovô?

Assinto.

— Pois é. É uma situação péssima, de verdade.

Ele tira os sapatos e deita no meio da cama, dando um tapinha no colchão. Também tiro os sapatos e subo, me aconchegando ao seu lado, passando um braço por sua barriga.

— Como foi o médico hoje?

Miller afasta meu cabelo, passando os dedos até as pontas.

— Falamos sobre o que deve acontecer nos próximos meses. Não é seguro para ele ficar sozinho enquanto estou na escola, então vamos ter que interná-lo em breve. No hospital, ele vai ter um acompanhante na maior parte do tempo, então já é um alívio. Não vou precisar parar de estudar.

Eu me apoio em um cotovelo.

— Essa era mesmo sua única opção?

— Era. Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos, e era filha dele. Tenho um tio que mora na Califórnia, mas ele está longe demais para ajudar. Outros parentes sempre vêm visitar. Ajudam com o que podem. Mas moro com ele desde os dez anos, então a responsabilidade maior é minha.

Eu não fazia ideia de que a mãe dele tinha morrido.

— Sinto muito. — Balanço a cabeça. — É pressão demais para alguém da sua idade.

Miller toca minha bochecha.

— Você só tem dezesseis e já passou por tanta coisa. A vida não é fácil para ninguém. — Ele apoia minha cabeça no seu peito. — Não quero falar mais disso. Vamos mudar de assunto.

Miller tem um cheiro bom. De limão, desta vez.

— Quando é seu aniversário? — pergunto.

— Quinze de dezembro. — Ele faz uma pausa. — O seu é na semana que vem, não é?

Assinto, mas prefiro esquecer esse fato. Com meu aniversário, vem o tradicional jantar de aniversário, mas este será o primeiro sem papai e tia Jenny. Não quero pensar nisso, então mudo de assunto.

— Qual é sua cor favorita?

— Não tenho. Gosto de todas, menos laranja.

— Sério? Eu gosto de laranja.

— Mas não devia. É uma cor horrível — sugere ele. — Qual é a cor de que você menos gosta?

— Laranja.

— Você acabou de dizer que *gosta* de laranja.

— Você me fez duvidar de mim mesma, como se houvesse algo errado com laranja que nunca notei.

— Há *muita* coisa errada com laranja — diz ele. — A palavra nem rima com nada.

— Você não gosta da cor ou da palavra?

— Dos dois. Detesto os dois.

— Aconteceu alguma coisa específica para causar tanto ódio?

— Não. Foi natural, acho. Talvez eu tenha nascido assim.

— Existe algum tom de laranja que você deteste mais?

— Odeio todos — responde Miller. — Todos os tons de laranja, de manga a coral.

Eu rio.

— Esta é a conversa mais idiota que eu já tive.

— É, não temos talento para isso. Talvez a gente devesse só se beijar.

Afasto minha cabeça do peito dele e o encaro.

— Depressa, porque estou começando a esquecer qual é a graça que vejo em você.

Miller sorri e gira para cima de mim, afastando meu cabelo enquanto abre um sorriso preguiçoso.

— Precisa de um lembrete?

Concordo com a cabeça. Nosso corpo nunca esteve tão próximo. Nós já nos beijamos de pé. Já nos beijamos na picape. Já nos beijamos sentados. Mas nunca nos beijamos em uma cama, com o corpo dele entre minhas pernas. Miller apoia

a boca na minha, mas não me beija. Então ajeita o travesseiro sob minha cabeça, depois chuta as cobertas, o tempo todo roçando os lábios nos meus.

— Está demorando muito — digo.

— Quero que você esteja confortável. — Ele mantém a boca perto da minha e levanta um pouquinho meu pescoço, tirando meu cabelo de trás de mim. Ele o passa por cima do meu ombro e sussurra: — Pronta?

Começo a rir, mas o som nem chega a sair, porque a língua de Miller afasta meus lábios, e minha quase risada se transforma em uma arfada. É diferente assim — com ele em cima de mim. *Melhor.* O beijo é gostoso. Movimentos lentos da língua dele. Seus dedos descendo pelo meu braço. Os meus passando por suas costas.

Mas então o sinto enrijecer entre as minhas pernas, o que me surpreende e me deixa mais confiante ao mesmo tempo. Enrosco as pernas em torno de sua cintura, querendo aliviar a ânsia que começo a sentir ali, mas isso só piora as coisas. O beijo se torna mais intenso, e Miller se pressiona contra mim, forçando um gemido a escapar da minha garganta. Ele pausa o beijo por um segundo, como se fosse afetado pelo som, mas então traz sua boca de volta com uma necessidade ainda mais urgente.

Levanto a parte de trás de sua camisa, querendo sentir sua pele sob minhas palmas. Passo as mãos por suas costas até chegar às curvas tensas dos músculos dos ombros dele. Quando me dou conta, estou puxando a camisa, querendo tirá-la. Miller obedece e nos separa pelos três segundos necessários para arrancar a blusa e jogá-la no chão.

Nada acontece nos próximos minutos que supere a remoção da camisa, mas nossa intensidade também não diminui. O amasso serve apenas para deixar nós dois subindo pelas paredes, arfando e sem vontade alguma de discutir o trabalho.

Depois de um tempo, Miller gira para se afastar de mim e deita de lado, sem desgrudar a boca da minha. Passamos um minuto nos beijando assim — não é tão empolgante, mas acho que essa é a ideia. Ele está tentando diminuir o ritmo de algo que nem tínhamos a intenção de começar.

Seus olhos estão fechados quando ele finalmente para de me beijar e encosta a testa na minha. Então leva a mão ao meu peito e a deixa lá, sentindo meu coração disparado contra sua palma. Quando se afasta e abre os olhos, sorri para mim.

— Sabe o que mais me irrita na cor laranja?

Eu rio.

— O quê?

— Todos os famosos que usaram aquele quadrado laranja para fazer propaganda do Fyre Festival. E você viu no que deu aquilo.

— É verdade. Laranja é a pior cor.

Ele deita de costas e encara o teto. Ficamos em silêncio por um instante, mas meu coração continua disparado.

— Você queria que eu parasse? — pergunta Miller.

— Parasse com o quê?

— De te beijar.

Dou de ombros.

— Na verdade, não. Eu estava gostando.

— Eu não estava. Não quis ir rápido demais, mas estava morrendo de vontade de tirar sua blusa. Não o sutiã. Só a blusa.

— Tudo bem.

Ele ergue as sobrancelhas.

— É?

— Ahã.

— Seu sutiã é laranja?

— Não, é branco.

— Ótimo.

Miller gira para cima de mim e começamos a nos beijar de novo.

Basta dizer que não adiantamos nada do trabalho, mas ele também manteve sua palavra e nem tentou tirar meu sutiã.

23

Morgan

Acordo com o som do celular vibrando sobre a mesa de cabeceira. Olho para a janela, mas o sol ainda nem nasceu direito.

Ninguém me liga tão cedo.

Estico o braço, pego o aparelho e vejo o nome de Jonah na tela. Devolvo o telefone para a mesa e desabo de novo sobre o travesseiro.

Faz uma semana que não nos falamos, desde a noite em que quase nos beijamos. Recebi duas mensagens dele, perguntando como estou. Não respondi.

É difícil. Quero me afastar dele, mas, ao mesmo tempo, conviver com Elijah. É impossível separar um do outro, e isso é uma droga.

Espero que a gente possa combinar algum esquema de visitas. O ideal seria não precisarmos ir na casa um do outro para deixar ou pegar Elijah. Poderíamos mandá-lo de Uber.

O pensamento me faz rir. Mandar um bebê para casa de Uber. Fico me perguntando se o aplicativo tem uma classificação etária para passageiros.

O celular apita. Uma mensagem. Jogo o braço para a mesa de cabeceira de novo, pego o telefone e sento na cama ao ver quantas ligações perdidas e mensagens recebi de Jonah.

Afasto as cobertas e levanto, apertando a tela com pressa para retornar a ligação. Ele atende ao primeiro toque.

— Morgan?

— Elijah está bem?

Jonah suspira de alívio ao ouvir minha voz.

— Desculpe pedir a você, mas ele passou a noite toda com febre, então não vai poder ir para a creche. Mas não posso faltar ao trabalho hoje. Tenho que aplicar a prova do estado para os alunos do primeiro ano, e, depois da escola, tenho duas conferências para...

— Sem problemas. — Levo a mão ao peito. Meu coração está disparado. Achei que fosse algo pior. — É óbvio. Pode trazer Elijah.

A voz de Jonah se torna mais tranquila. Menos em pânico.

— Só vou poder buscá-lo depois das seis.

— Tudo bem. Estou com saudade dele.

Passo os próximos vinte minutos cozinhando. Jonah parecia tão estressado ao telefone, vai precisar de energia extra hoje se Elijah teve febre durante a noite toda. Eu costumava fazer o mesmo com Chris. Nos seus dias mais atribulados, eu preparava burritos no café da manhã com bastante proteína para ele levar como lanche para o trabalho.

Talvez preparar café da manhã para Jonah também seja minha forma de pedir desculpas. Acho que fui dura demais com ele na semana anterior. Tenho sido muito severa com ele desde sua volta à nossa vida. De toda forma, os burritos podem melhorar a situação.

Também espero que estejamos evoluindo. Talvez a gente possa combinar uma rotina para Elijah participar da minha vida, e, quem sabe, eu e Jonah consigamos construir uma amizade de verdade. Tenho passado noites acordada, pensando em suas palavras na frente do carro, e, apesar de aquilo ter aumentado bastante o rancor que eu sentia por ele, também sei que os sentimentos que Jonah descreveu ficaram no passado.

Éramos adolescentes. Éramos pessoas diferentes. Ele não disse que *ainda* se sentia do mesmo modo. Apenas revelou que se sentia daquele jeito *antes*.

Faz vários meses que Jonah está de volta e não houve nenhum sinal, além daquele quase beijo, de que seus sentimentos continuem os mesmos. Então é óbvio que os anos de distanciamento apagaram o que ele sentiu por mim durante a adolescência, seja lá o que tenha sido. Caso contrário, ele não teria ido para a cama com Jenny, assim que se encontraram no ano anterior. E, se ainda nutrisse algum sentimento por mim, não teria ido morar com ela nem concordado com um casamento.

Isso só aumenta as esperanças de que poderemos ser amigos.

Estou colocando os burritos em um saco quando escuto uma batida à porta. Deixo Jonah entrar, mas paro por um segundo quando o vejo. Ele está arrumado hoje. De camisa preta de botão com mangas compridas e uma gravata preta e prata. A barba foi feita, e o cabelo finalmente foi cortado. Ele parece mais jovem. Penso em elogiá-lo, mas mudo de ideia.

Elijah se remexe na cadeirinha, então o solto e o pego no colo. Sinto o calor do seu corpo quando o apoio contra meu peito.

— Coitadinho. — Seu nariz parece entupido. — Ele está tomando algum remédio?

Jonah assente e tira alguns frascos da bolsa de fraldas.

— Fomos à emergência por volta da meia-noite. O médico me deu estes aqui, mandou que os alternassem a cada quatro horas. — Jonah levanta um dos frascos. — Dê este aqui daqui a duas horas. — Ele baixa a bolsa de fraldas. — Coloquei mais roupas e fraldas aí, caso você precise.

— Vocês foram ao hospital? Você conseguiu dormir esta noite?

Como se o comentário fosse um gatilho, Jonah boceja, cobrindo a boca com a mão. Então balança a cabeça.

— Vou ficar bem. Talvez ainda dê tempo para eu passar na Starbucks.

Ele abre a porta da sala para ir embora.

— Espere. — Vou até a cozinha e pego o saco, voltando correndo, antes que ele escape. — Fiz para você. Burritos de café da manhã. Parece que seu dia vai ser longo.

Jonah olha para mim com gratidão enquanto aceita o saco.

— Obrigado.

Há um tom de surpresa em sua voz, e tento não ficar satisfeita, mas fico. Eu me sinto bem por ajudá-lo. Faz tempo que o trato com rispidez.

— Vou mantendo você a par de como Elijah está, por mensagem. Não se preocupe. Ele está em boas mãos.

Jonah sorri.

— Nunca duvidei disso. Até mais tarde.

Assim que ele vai embora, Clara surge no corredor, arrumada para a escola. Ela vê Elijah no meu colo e se anima, esticando os braços.

— Passa para cá.

Eu entrego o bebê.

— Ele está doente. Não o beije. Você pode acabar contraindo também.

Clara o aninha contra o peito e lhe dá um beijo na testa mesmo assim.

— Bebês doentes precisam de todos os beijos do mundo.

É verdade. Quando Clara era bebê, quanto mais doente ela ficava, mais eu lhe dava abraços e beijos, desejando poder afastar todas as suas dores e incômodos. *Meu Deus, como sinto saudade daquela época.*

Tenho certeza de que, em algum momento no futuro próximo, vou sentir saudades *desta* época. Eu e Clara parecemos uma dupla impossível este ano, mas sei que ficarei triste quando ela se mudar e começar uma vida própria. Vou sentir saudade de tudo — das brigas, dos silêncios, dos castigos, do comportamento rebelde.

— Por que você está me olhando assim? — pergunta Clara.

Sorrio e a puxo para um abraço. Elijah está no seu colo, então ela não pode me abraçar de volta, mas já fico feliz por não tentar se afastar. Beijo a lateral da sua cabeça.

— Eu te amo.

Quando a solto, minha filha me encara com um olhar cauteloso. Então sorri e diz:

— Também te amo, mãe.

Ela segue para o sofá para sentar com Elijah.

— Fiz burritos de café da manhã. Deixei alguns na bancada para você.

Clara se empertiga.

— De bacon ou linguiça?

— Os dois.

— *Eba* — sussurra ela. Então olha para Elijah. — Eu te amo, amiguinho, mas tenho que tomar o café da manhã.

Mando uma mensagem para Jonah por volta das dez para avisar que a febre de Elijah diminuiu um pouco. Recebo uma resposta ao meio-dia.

Jonah: Ele conseguiu dormir?

Eu: Não. Mas aposto que vai desmaiar quando a febre passar.

Jonah: Tomara que ele espere até eu poder desmaiar também. Hoje foi o dia mais longo da vida, e ainda está na metade. O café da manhã me ajudou muito. Obrigado.

Eu: Estou preparando carne assada. Eu e Clara não vamos comer tudo, então você pode levar um pouco quando vier buscar Elijah.

Jonah: Perfeito. Obrigado de novo.

Duas horas depois, recebo outra mensagem.

Jonah: Ele já dormiu?

Eu: Tirou uma soneca de quinze minutos. Continua com febre, mas está menos agitado.

Depois, uma mensagem de Clara.

Clara: Eu e Miller precisamos fazer nosso trabalho depois da escola. Vamos para a Starbucks.

Eu: Que trabalho? Você não me falou nada de um trabalho com Miller.

Clara: Jonah pediu que nos inscrevêssemos em dupla no trabalho de cinema da Universidade do Texas. Temos menos de quatro meses para entregar tudo.

Mando uma mensagem para Jonah.

Eu: Você pediu a Clara que fizesse dupla com Miller Adams no trabalho de cinema?

Jonah: Sim. Algum problema?

Eu: Imagino que exista mais de um, considerando que ela começou a usar drogas com esse garoto. E Chris já tinha avisado que não queria os dois juntos.

Jonah: Miller não é tão ruim quanto você pensa. Chris nem conhecia o garoto, então a opinião dele não conta.

Eu: Mas eu já formei minha própria opinião. Miller convenceu Clara a sair mais cedo do funeral do pai. Os dois fumaram maconha. E, de acordo com uma mensagem que recebi da escola, foram para a detenção na semana passada por se beijarem no refeitório. Ela nunca fez nada assim antes de ele aparecer. E, mesmo que esse garoto não seja o responsável por tudo isso, prefiro que Clara namore alguém que a convença a NÃO fazer essas coisas, e não o tipo de pessoa que incentiva esse comportamento.

Jonah: Acho que esse garoto perfeito não existe.

Eu: Você não está me deixando mais tranquila.

Espero por uma resposta, mas não recebo nada.

Passo o restante da tarde tentando manter Elijah acordado, para ele dormir à noite com Jonah, mas, quando o relógio bate seis horas, não há mais o que fazer. Ele apaga. Seu corpinho fica relaxado em meus braços, profundamente adormecido enquanto o coloco no moisés. A febre finalmente cedeu, há duas horas a temperatura permanece normal; então acho que o pior já passou. Mas tenho a impressão de que Elijah vai dormir algumas horas agora e passar a noite toda acordado com o pai. Talvez eu devesse sugerir que o bebê fique aqui, para Jonah poder descansar.

Pego o telefone para mandar uma mensagem para sugerir exatamente isso quando ele bate à porta da frente. Olho para Elijah, mas o bebê nem se mexe com o som. Ao abrir a porta, sussurro:

— Ele acabou de dormir.

Jonah tirou a gravata. Os dois primeiros botões da camisa estão abertos, e seu cabelo parece mais bagunçado do que hoje cedo. Ele está mais bonito do que antes, apesar da exaustão que o consome. *Por que estou pensando nessas coisas?*

Gesticulo para irmos para a cozinha, para que eu embale a comida para ele levar. Tiro um pote do armário.

— Você já comeu? — pergunta Jonah.

— Ainda não.

— Então posso comer aqui.

Ele abre o armário ao meu lado, onde guardo os pratos, e pega dois. Devolvo o pote ao lugar e aceito um prato.

Está tudo bem. Casual. Amigos comem juntos.

Preparamos o nosso prato e nos sentamos à mesa. Por mais normal que seja jantar com outra pessoa, eu e Jonah nunca fizemos isso sem Chris e Jenny. Essa é a parte esquisita. Como se houvesse dois buracos enormes sugando a normalidade da refeição.

— Está muito gostoso — diz Jonah, comendo outra garfada. — Os burritos também estavam.

— Obrigada.

— Tudo que você cozinha é bom?

Assinto, confiante.

— Sou ótima na cozinha. Chris odiava ir a restaurantes, porque dizia que nada nunca era igual à comida de casa.

— Como ele não engordava? — Jonah balança a cabeça. — Eu engordaria se comesse algo assim todo dia.

— Ele malhava duas vezes por dia. Você sabe disso.

É estranho falar de Chris como se nós dois não o odiássemos, mas eu gosto. Com o tempo, seria bom manter todas as memórias boas sem a mancha das ruins. Nós temos muitas memórias boas juntos.

— Cadê Clara?

Aponto meu garfo para ele.

— Com aquele garoto. E a culpa é sua.

Jonah ri.

— Miller continua sendo um dos meus alunos favoritos. Não me importa o que você acha dele.

— Que tipo de aluna é Clara?

— Ótima — responde Jonah.

— Não, de verdade. Não diga o que eu quero ouvir. Quero saber como ela é quando não está perto de mim.

Jonah me encara em silêncio por um instante.

— Ela é fantástica, Morgan. Ótima. Sempre entrega o dever de casa. Tira boas notas. Não faz bagunça nas aulas. E é engraçada. Gosto do sarcasmo dela. — Ele sorri. — Acho que puxou isso de você.

— Ela é bem parecida comigo nessa idade.

— Ela é bem parecida com você agora. Você não mudou.

Solto uma risada pouco entusiasmada.

— Sei.

Jonah me encara com um olhar sério demais.

— Não mudou mesmo. Em nada.

Olho para o meu prato e brinco com a comida.

— Não sei se isso é um elogio. É meio patético eu continuar a mesma pessoa que era aos dezessete anos. Sem estudo. Sem experiência de trabalho. Com um currículo completamente vazio.

Jonah me encara por um momento, depois olha para o próprio prato, espetando a cenoura com o garfo.

— Eu não estava falando do seu currículo. Mas de todo o restante. Seu senso de humor, sua compaixão, seu bom senso, sua autoconfiança, sua disciplina. — Ele faz uma pausa rápida para pegar fôlego e diz: — Seu sorriso.

Jonah enfia o garfo na boca.

Olho para baixo, perdendo completamente o sorriso que ele acabou de mencionar, porque senti isso. Senti tudo que acabou de ser dito. Todos os

elogios parecem dardos perfurando meu coração. Eu suspiro. Perco o apetite. Levanto e jogo o resto da minha comida no lixo.

Vou lavar o prato na pia. Meu peito está apertado. Minhas mãos tremem. Não gosto de ter nenhuma reação física à presença dele, mas amigos não falam esse tipo de coisa com o olhar que Jonah me lança.

Ele ainda sente alguma coisa por mim.

Não sei como processar isso, porque estou cheia de perguntas. Jonah traz seu prato vazio e o lava. Afasto as mãos e agarro a bancada, encarando a pia.

Ele está parado ao meu lado, me olhando.

Não posso olhar de volta. Estou com vergonha por sentir algo agora, mas sinto, e fico confusa, porque é ciúme puro. O sentimento sempre esteve aqui, mas nunca me permiti reconhecê-lo. Mas o ciúme veio à tona, intenso, querendo ser confrontado.

— Por que você transou com ela no ano passado?

Assim que a pergunta sai da minha boca, me arrependo. Mas, desde o dia que Jenny voltou para casa do funeral do pai de Jonah e me contou que passou a noite com ele, me enchi de raiva. Por algum motivo, eu me sentia traída por Jonah, apesar de ele não ser meu.

Jonah dá um passo na minha direção. Não nos encostamos, mas estamos perto o suficiente para sentir que estamos.

— Não sei. Talvez porque ela estivesse lá — diz ele, baixinho. — Ou talvez porque você *não* estivesse.

Eu o encaro.

— Eu não teria dormido com você, se é isso que quer dizer.

— *Não* foi isso que eu disse. É só que fiquei magoado por meu pai ter morrido e você não ter aparecido. Apesar de a gente não ter mantido contado, você sabia do funeral, porque Jenny foi. — Jonah suspira, pesaroso. — Talvez tenha sido porque eu queria magoar você.

— Esse é um péssimo motivo para transar com alguém.

Ele ri, sem parecer achar graça.

— É, bem, imagino que seja difícil para você entender. Você nunca esteve na minha situação. Nunca teve que ficar de longe, vendo a garota que amava construir uma vida com seu melhor amigo.

Essas palavras me deixam sem fôlego.

Jonah quebra o contato visual comigo.

— Às vezes, o ciúme leva as pessoas a fazer coisas idiotas, Morgan. — Ele se empertiga, sentindo que já está ali há tempo demais. — É melhor eu ir.

— Sim. — Minha voz sai fraca e rouca. — É melhor.

Jonah assente, decepcionado por eu concordar. Ele dá um tapinha na geladeira e sai da cozinha.

Assim que fico sozinha, encho meus pulmões de ar de novo. A presença de Jonah ainda paira ao meu redor enquanto ele junta as coisas de Elijah. Mas, antes de tirar o bebê do moisés, ele para e volta para a cozinha. Fica inerte na porta, com a bolsa de fraldas pendurada no ombro.

— Era mútuo?

Balanço a cabeça um pouco, revelando minha perplexidade.

— Não entendi.

— A forma como eu me sentia. Nunca soube. Às vezes, parecia que você sentia a mesma coisa, mas eu sabia que jamais admitiria por causa de Jenny. Só que... preciso saber. Você se sentia do mesmo jeito?

Meu coração voltou a martelar no peito. Jonah nunca me colocou contra a parede assim. É inesperado. É difícil admitir para outra pessoa algo que você acabou de assumir para si mesma.

Jonah larga a bolsa de fraldas e entra na cozinha a passos largos. Só para quando seu corpo e sua boca estão firmemente pressionados contra os meus.

É um choque completo. Agarro a bancada às minhas costas enquanto as mãos dele se firmam sobre minhas bochechas. Tantas sensações me assolam que fico trêmula e com medo de cair.

Pressiono as mãos contra o peito dele, pronta para empurrá-lo, mas, em vez disso, me vejo puxando-o para perto, agarrando sua camisa.

Quando Jonah abre meus lábios com os seus e sinto sua língua deslizar contra a minha, meu corpo inteiro estremece. São sensações demais de uma vez só. É um despertar, mas também uma morte. É a constatação de que passei a vida inteira beijando o homem errado.

Minha reação responde à pergunta. Nossos sentimentos com certeza são mútuos. Sempre foram, não importa quanto eu tenha me esforçado para negar nossa atração.

Meu corpo se molda ao dele, como se eu tivesse medo de alguma coisa se interpor entre nós caso nos afastemos.

E, então, infelizmente, isso acontece.

24

Clara

— *Mãe?* É a única palavra que consigo dizer, mas é poderosa o suficiente para criar uma separação de um metro e meio entre os dois. Minha mãe vira de costas para mim. Jonah olha para os pés.

Eu apenas encaro a cena, sem acreditar.

Balanço a cabeça, tentando me convencer de que não acabei de ver aquilo. Minha mãe... beijando o noivo da sua irmã morta. Minha mãe... beijando o melhor amigo do seu marido morto.

Saio de perto da porta, como se o cômodo estivesse infestado de traição e eu tivesse medo de ser contaminada. Minha mãe respira fundo e me encara, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Clara...

Não lhe dou a chance de se explicar. Realmente não quero saber por que aquilo estava acontecendo. Corro para o meu quarto, porque preciso de solidão antes de falar com os dois. Bato a porta e a tranco; então, só para garantir, coloco minha mesa de cabeceira na frente.

— Clara, abra a porta — pede minha mãe, a voz embargada e abafada pela porta, batendo o nó dos dedos contra a madeira.

— Clara — chama Jonah agora. — Abra a porta, por favor.

— Me deixem em paz!

Minha mãe chora. Escuto Jonah pedindo desculpas, mas a casa está tão silenciosa que sei que o pedido não é para mim. Ele está se desculpando com minha mãe.

— Vá embora — escuto ela dizer.

Os passos de Jonah se afastam pelo corredor.

Ela bate à porta de novo.

— Clara, *por favor*, abra. Você não entende. Foi... só abra a porta.

Desligo a luz.

— Vou dormir! Não quero falar com você hoje! Vá! Embora!

Eu me jogo na cama. As batidas à porta finalmente cessam. Menos de dois minutos depois, escuto a porta da frente bater.

Minha mãe tenta mais uma vez me convencer batendo à porta, mas viro de lado e a ignoro, cobrindo a cabeça com o travesseiro. Depois de alguns minutos tentando acalmar minha respiração, solto o travesseiro. As batidas cessaram, espero que seja definitivo. Escuto a porta do quarto dela sendo fechada do outro lado do corredor, o que significa que tenho até a manhã do dia seguinte para me convencer a não matá-la.

Eu levanto. Começo a perambular pelo quarto, minha pele fervilhando de raiva. *Como ela teve coragem de fazer uma coisa dessas? Faz só dois meses desde o acidente.*

Um pensamento me atravessa e me faz desabar de novo sobre a cama. Há quanto *tempo* isso está acontecendo?

Começo a me lembrar das últimas semanas. Jonah veio aqui várias vezes depois da morte de papai e tia Jenny. Minhas memórias tomam uma perspectiva completamente nova — a noite em que os dois estavam lá fora, no escuro, quando cheguei, a noite em que ele veio consertar a porta, a desculpa que deu sobre precisar voltar no dia seguinte para terminar. A vez que saíram juntos, e, quando olhei no aplicativo, vi que o telefone da minha mãe esteve no hotel Langford.

Isso foi só uma semana depois da morte deles.

Acho que vou vomitar.

Há quanto tempo os dois têm um caso?

Eu me sinto tão idiota. Jonah vive perguntando sobre ela na escola — se fazendo de preocupado.

Será que Elijah estava mesmo com febre hoje? Cacete, Jonah deve ter dormido aqui, e nem percebi, enfurnada no meu quarto. Isso explicaria por que

ele estava aqui tão cedo. Por que minha mãe finalmente preparou o café da manhã pela primeira vez desde a morte do meu pai.

Espero que papai não tenha desconfiado. Passei esse tempo todo me sentindo tão culpada por, talvez, ter colaborado para estragar a vida de todo mundo, mas Jonah e minha mãe vêm estragando nossa vida desde antes do acidente!

Como ela teve coragem de fazer isso com Jenny? Não tenho uma irmã, mas que tipo de ser humano faria isso com alguém do seu próprio sangue?

Sinto tanto ódio da minha mãe agora. Sinto tanto ódio que nem me incomodaria se a gente nunca mais se falasse. Sinto tanto ódio que sento na beira da cama e penso em todas as maneiras de me vingar pelo que os dois fizeram com nossa família.

Estou esgotando o estoque de formas de me rebelar. Já usei drogas, fui mandada para a sala da detenção, menti, perdi o horário de voltar para casa. A única coisa que me resta para irritá-la seria transar com Miller. Minha mãe sempre me implorou que eu esperasse até ter, pelo menos, dezoito anos, o que nunca pretendi fazer, mas, se ela souber que perdi minha virgindade aos dezesseis, *e com Miller Adams*, vai ficar arrasada.

Olho para o relógio. Não são nem oito horas. Ainda me restam quatro horas para resolver isso antes do meu aniversário amanhã. E preciso muito de Miller agora. Sua presença é muito tranquilizadora, e é disso que estou necessitando.

Pego o telefone e ligo para ele.

— Oi — diz ele, atendendo na mesma hora. — E aí?

— A que horas você sai do trabalho?

— Só daqui a meia hora. Mas você ainda pode vir me dar um beijo de boa-noite antes do seu horário de voltar para casa.

— Quer vir para minha casa quando sair?

— Para sua casa? — Ele faz uma pausa. — Tem certeza?

— Tenho, mas entre pela janela do quarto.

— Ah, você está aprontando? — Consigo ouvir o sorriso em sua voz. — Tudo bem, mas nunca entrei na sua casa. Não sei qual é a sua janela.

— A primeira do lado direito da casa.

— Se eu estiver de frente para ela?

— Sim. E... traga camisinha.

Ele pausa por vários segundos demorados.

— Tem certeza?

— Tenho.

— É... Clara, a gente não precisa.

— Você me prometeu que não ia me convencer a mudar de ideia.

— Não sei se aquilo foi uma promessa. Só imaginei que levaria um tempo antes de a gente...

— Mudei de ideia. Não quero esperar até a formatura.

Miller fica em silêncio de novo. Então diz:

— Tudo bem. Certo. Chego aí em menos de uma hora.

Ligo o rádio para ajudar a abafar qualquer barulho que eu, ou Miller, possa fazer. Acendo duas velas; coloco uma do lado da cama e outra na janela, para ele conseguir enxergar o caminho pelo meu quarto escuro. Enquanto espero, tomo um banho. Tento colocar todas as lágrimas para fora antes de Miller chegar. Surpreendentemente, não há muitas. Estou com raiva demais para chorar, acho. Eu não sabia que era capaz de alcançar este nível de raiva, mas alcancei, e talvez ainda tenha espaço para *mais*. Quem sabe? Acho que vou descobrir do que realmente sou capaz quando, amanhã, eu encarar minha mãe.

Saio do chuveiro e me enrolo em uma toalha. Seco um pouco o cabelo com o secador para ele não ficar ensopado. Passo rímel e aperto minhas bochechas, porque estou pálida demais. Descobrir que sua mãe não é a pessoa que você pensava é algo que realmente suga suas energias.

Estou procurando um brilho labial quando escuto uma batidinha à janela. Corro para o closet para vestir alguma coisa, mas então lembro por que Miller veio. Ele veio tirar minha roupa. A toalha serve.

Abro a janela enquanto Miller tira a tela. Ao entrar, ele olha ao redor antes de se virar para mim. Quando seus olhos finalmente me encontram, ele confirma minhas reais intenções. Tenho certeza de que, até este momento, ele duvidava que eu estivesse falando sério sobre perder a virgindade. Mas, agora que estou parada na sua frente só de toalha, sua reação se torna física.

Miller morde o punho e franze o rosto enquanto me olha da cabeça aos pés.

— Puta *merda*, Clara.

Eu riria, mas ainda estou furiosa demais. E não quero que ele perceba meu humor. Preciso deixar isso de lado por tempo suficiente para fazer o que tem que ser feito.

Miller segura meu rosto com as duas mãos.

— Tem certeza absoluta de que é isso que você quer? — sussurra ele, graças a Deus.

A última coisa de que preciso é que minha mãe estrague essa parte da minha vida também.

Assinto.

— E a sua mãe? Cadê ela?

— No quarto. Tranquei a porta. É só não fazermos barulho. Além do mais, tem a música, então ela não vai escutar.

Miller concorda, mas parece nervoso. Eu não esperava nervosismo da sua parte.

— Desculpe eu ficar perguntando se você tem certeza. É que achei que isso fosse demorar um pouco para acontecer, então...

— Setenta por cento dos casais transa no primeiro encontro. Acho que nós fomos muito pacientes.

Miller ri baixinho.

— Você acabou de inventar uma estatística para se aproveitar de mim?

— Deu certo?

Ele puxa a camisa por cima da cabeça e a joga no chão.

— Teria dado certo até *sem* a estatística falsa.

Miller me beija, então. É um beijo de corpo inteiro — do tipo em que nossas pernas, troncos e braços ficam tão próximos que nem ar passa entre nós. Ele me guia até a cama, mas para antes das minhas pernas encostarem no colchão.

O beijo tornou tudo real. Antes, quando a raiva impulsionava minhas ações, eu sentia como se nada fosse acontecer. Mas, agora que ele está aqui, e sua camisa está no chão, e estou só de toalha, e estamos prestes a deitar na minha cama, tudo é muito real. Vou transar com Miller Adams.

E estou pronta. *Eu acho*.

Se minha mãe soubesse o que está acontecendo a três metros do seu quarto, ficaria destroçada.

Ahã. Com certeza estou pronta.

A raiva me impulsiona a tirar a toalha. Quando faço isso, Miller arfa e encara o teto. Acho estranho ele ficar olhando para cima e não para mim.

— Estou aqui embaixo.

Suas mãos passam para o meu quadril, e ele apenas as deixa lá, ainda encarando o teto.

— Eu sei. É só que... Acho que estou acostumado a sexo ser como beisebol. Sabe, preciso alcançar muitas bases antes de chegar no final. Parece que estou roubando.

Eu rio.

— Você acabou de fazer um *home run*, Miller. É sua noite de sorte.

Ele finalmente baixa a cabeça, mas só olha para o meu rosto.

— Deite embaixo da coberta.

Eu sorrio, me deito na cama e me cubro enquanto Miller passa o tempo todo desviando o olhar. Ele começa a se juntar a mim, mas o interrompo.

— Tire a calça primeiro.

Ele inclina a cabeça.

— Por que estamos com tanta pressa?

— Porque sim. Não quero mudar de ideia.

— Talvez isso seja um sinal de que você não está pronta.

Meu Deus, por que ele não pode ser que nem os outros caras e agir como um babaca?

— Eu estou pronta. Muito pronta.

Miller se concentra no meu rosto por um momento, como se buscasse algum sinal de que estou mentindo. Acho que deve ter esquecido que sou uma ótima atriz. Ele finalmente levanta, abre a calça e a remove. Está usando uma samba-canção com estampa de abacaxis.

— Que sensual.

Miller sorri.

— Achei que você fosse gostar.

Levanto a coberta, e ele deita comigo, mas então ergue um dedo.

— Um segundo. — Miller gira e estica o braço para pegar a calça jeans. Quando vira de novo, me mostra quatro camisinhas, como se a escolha fosse minha. — Comprei no posto de gasolina da esquina. Todas têm sabor de frutas.

— Por que elas têm sabor? Camisinhas são comestíveis?

A pergunta faz Miller rir.

— Não, é para... — De repente, ele cora. — Você sabe. Se você colocar a boca.

A resposta me deixa vermelha. Minha pergunta só serviu para mostrar como sou inexperiente. O máximo que fiz foi ficar sem blusa, dando uns amassos em Miller.

Tiro a camisinha com sabor de laranja da mão de Miller e a coloco na mesa de cabeceira.

— A laranja, não. Vai estragar o momento. Nem acredito que você trouxe uma coisa dessas para dentro da minha casa.

Ele ri.

— Desculpe. Era uma máquina de venda automática no banheiro masculino. Não dava para escolher o que saía de lá.

Miller pega uma das camisinhas restantes e joga as outras duas na mesa de cabeceira, junto com a laranja. Quando se vira para mim de novo, ele passa o braço para baixo da coberta e me puxa para perto.

Isso me assusta. A sensação da sua pele contra a minha. Saber que a samba-canção é a única coisa que nos separa. Ele enrosca a perna por cima de mim, e uma parte minha fica triste por eu estar apressando este momento; foi tão bom quando ficamos nos beijando na sua cama. Mas agora é diferente. Não é tão íntimo, porque tantas etapas são puladas, e sei disso, mas sinto como se eu já estivesse comprometida demais para mudar de ideia. Enterro o rosto na curva do seu pescoço, porque não quero que ele olhe para mim. Tenho medo do que vai ver quando olhar nos meus olhos.

— Não preciso colocar por enquanto — sussurra Miller. — A gente pode fazer outras coisas antes. Quer dizer... tecnicamente, eu ainda nem encostei no seu peito.

Agarro sua mão e a deslizo por minha barriga, até chegar no meu seio. Miller geme, e então é ele quem enterra o rosto no *meu* pescoço.

— Vamos acabar logo com a parte difícil. A gente pode fazer outras coisas depois — sussurro.

Miller assente, se afasta e me dá um beijo leve. Sinto ele remover a samba-canção enquanto me beija. Então tira os lábios dos meus e coloca a camisinha, mas mantém a boca próxima.

Quando ele gira para cima de mim, seus olhos me encaram cheios de sentimentos. Desejo, carinho, fascínio. Quero sentir tudo que Miller sente enquanto temos essa experiência pela primeira vez, mas só consigo me sentir traída. Enganada. *Burra*.

— Relaxe um pouco — diz ele. — Não vai doer tanto se você estiver menos tensa.

Tento relaxar, mas é difícil quando não penso em outra coisa além da pena que sinto de Jenny. E do meu pai. E em como essa é a primeira vez que torço para não existir vida após a morte. Pelo menos não uma em que os dois vejam como Jonah e minha mãe estão pouco se lixando para a morte deles.

Os lábios de Miller encontram os meus, e fico grata pela distração. Então, outra coisa me distrai. Surge uma dor e uma pressão entre as minhas pernas

quando ele começa a entrar em mim, e então uma dor maior, junto com um sopro de ar saindo da boca de Miller.

Eu me retraio. Ele para de se mexer e me dá um beijo leve no canto da boca.

— Tudo bem?

Concordo com a cabeça.

Miller me beija de novo, e, dessa vez, quando se pressiona contra mim, sinto acontecer. É uma sensação forte, como se uma barreira lá dentro nos separasse, mas, agora, ela se foi, Miller está se movendo sobre mim, e *acabei de perder a virgindade*.

É especial, mas não é.

É doloroso, mas não é.

Eu me arrependo, mas não me arrependo.

Fico parada, as mãos nas costas dele, nossas pernas entrelaçadas. Gosto da sensação de Miller contra mim, mas não sei se gosto do que está acontecendo no geral. Não sinto empolgação nenhuma, o que significa que meu corpo luta para se empolgar. Ele está sendo gentil e fofo, e os sons que emite são deliciosos, mas não me sinto à vontade. Estou preenchida demais pelo ressentimento para dar espaço para o que está acontecendo agora.

Parte de mim deseja que eu tivesse esperado. Teria sido com Miller de qualquer forma. No fim, será que enrolar por mais alguns meses faria diferença?

Provavelmente.

Tudo bem, *todas* as minhas partes desejam que eu tivesse esperado. Agora me sinto mal por apressar as coisas. E pela raiva ter me levado a tomar uma decisão impulsiva. Mas Miller parece estar gostando, pelo menos há isso de positivo.

Talvez eu não me sinta da forma como deveria me sentir agora porque acabei de descobri que o amor é tão cheio de sujeiras e traições, e quem sabe eu não queira nada disso para mim. O que sinto por Miller deve ser o que Jenny sentia por Jonah e o que meu pai sentia pela minha mãe, e veja só como as coisas acabaram.

Sua boca está no meu pescoço agora. Sua mão agarra minha coxa, e meio que gosto da posição em que estamos. Talvez, da próxima vez que tentarmos, a dor seja menor, tanto a física quanto a mental, e eu realmente fique animada com o quanto ele gosta disso. Talvez até *eu* goste.

Porém, agora, não gosto de nada. Minha mente não para de voltar ao mesmo ponto. As ações da minha mãe e Jonah me fazem duvidar do que eu e Miller sentimos um pelo outro, e isso me deixa triste. É doloroso, porque quero tanto

acreditar em nós. Quero acreditar na maneira como ele olha para mim, mas já vi minha mãe olhar para o meu pai da mesma forma, então será que isso faz diferença? Quero acreditar em Miller quando ele diz que nunca quis nada tanto quanto quer a mim, mas por quanto tempo isso será verdade? Até ele ficar entediado e encontrar uma garota que deseja mais? *Ainda bem que não tenho uma irmã por quem ele possa se apaixonar.*

Eu o puxo para perto, querendo esconder meu rosto contra sua pele. Odeio pensar desse jeito, *especialmente* agora, mas Miller é a única coisa na minha vida que me deixou feliz desde o acidente, e agora estou com medo da minha mãe e Jonah terem estragado isso. Não apenas questiono os dois, e, agora, Miller, como também toda a noção idiota de monogamia e a força do amor, e penso em como perder a virgindade não é *nem um pouco* especial. Porque, se o amor não for real, então sexo é só sexo, não importa se é a primeira, a quinquagésima ou a última vez.

É só uma parte do corpo entrando na outra. Grande coisa.

Talvez seja por isso que as pessoas tenham tanta facilidade para trair as outras: porque, na verdade, sexo é irrelevante. Igual a trocar um aperto de mão. Talvez transar com seu namorado pela primeira vez tenha tão pouca importância quanto transar com o noivo da sua irmã morta.

— Clara?

Miller diz meu nome no intervalo entre sua respiração ofegante. Entre movimentos. E então para.

Abro os olhos e me afasto do seu pescoço, baixando a cabeça para o travesseiro.

— Estou te machucando?

Balanço a cabeça.

— Não.

Ele afasta meu cabelo do rosto e passa um dedão pela minha bochecha molhada.

— Por que está chorando?

Não quero falar sobre isso. Ainda mais agora. Balanço a cabeça.

— É besteira.

Tento puxá-lo para perto, mas Miller se afasta e gira para sair de cima de mim. Agora, me sinto estranhamente vazia.

— Eu fiz alguma coisa errada? — pergunta ele.

Odeio a preocupação em seus olhos. Odeio que ele ache que qualquer parte da minha reação seja sua culpa, então balanço a cabeça com força.

— Não. Não é você, juro.

Miller parece aliviado, mas só por uma fração de segundo.

— Então o que foi? Você está me assustando — sussurra ele.

— Não é você. É minha mãe. Nós tivemos uma briga feia hoje, e só estou... — Seco as lágrimas. — Estou com tanta raiva dela. Estou com *tanta* raiva, e não sei como processar isso. — Deito de lado, para poder encará-lo. — Ela e Jonah têm um caso.

Miller se afasta um pouco, chocado.

— *O quê?*

Concordo com a cabeça, e vejo pena no seu rosto. Ele coloca uma mão tranquilizadora na lateral da minha cabeça.

— Mais cedo, quando cheguei em casa, peguei os dois na cozinha. Fiquei com tanta raiva. Nunca senti tanta raiva na vida, e acho que a odeio de verdade. Tipo... não consigo tirar da cabeça o quanto ela traiu meu pai e minha tia. Fico pensando em tudo que posso fazer para me vingar e puni-la, porque ela também merece sofrer. — Eu me apoio em um cotovelo. — Não faz tempo suficiente desde a morte deles para ela pensar em outro cara além do meu pai. E é por isso que tenho quase certeza de que os dois já tinham um caso *antes* do acidente.

Miller fica quieto por um instante, me encarando, perplexo, provavelmente sem saber como me consolar quando estou tão nervosa. Ele deita no colchão e encara o teto.

— Foi por isso que você me chamou aqui? — Sua voz é afiada, apesar de permanecer um sussurro. — Por causa da sua *mãe*?

Sua reação é inacreditável. Estico a mão até seu peito, mas ele agarra meu punho e me afasta. Então vira e senta na borda da cama, de costas para mim.

— Não. Miller, *não*.

Digo que não, mas é mentira, e nós dois sabemos. Toco seu ombro, mas ele se esquiva ao meu toque. Então levanta, e ouço o estalo da camisinha enquanto a tira e a joga com raiva na lixeira ao lado da cama. Ele veste a samba-canção e depois a calça jeans. Nem olha para mim.

— Miller, eu juro. Não foi por isso que chamei você.

Ele atravessa o quarto.

— Então por que foi? Você não estava nada pronta para acontecer hoje.

Miller pega a camisa no chão e finalmente me encara. Eu esperava ver raiva em seus olhos, mas só encontro mágoa.

Sento na cama com a coberta puxada até o peito.

— Mas eu *estava*. Juro. Eu queria estar com você. Foi por isso que liguei.

Tento desesperadamente melhorar a situação, mas acho que estraguei tudo. Estou apavorada.

— Você está chateada com a sua *mãe*, Clara. Não queria estar comigo, queria se vingar. Eu sabia que você não estava pronta. Foi esquisito... foi...

Ele bufa, frustrado.

Uso a coberta para secar minhas lágrimas.

— Eu te liguei porque estava nervosa, sim. Mas foi por estar nervosa que eu queria você.

Miller já passou a camisa pela cabeça, mas para antes de cobrir o peito.

— Eu teria vindo, Clara. Sem o sexo. Você sabe disso.

Por que não consigo parar de ofendê-lo? Não quero magoá-lo, mas é só isso que estou fazendo agora.

Miller abre a janela, e a última coisa que quero é que vá embora. Meu plano não era magoá-lo. Nem colocá-lo no meio dessa bagunça. Mas não quero que ele vá embora e me deixe sozinha.

— Miller, espere. — Ele está prestes a subir na janela, então imploro de novo, indo para a beira da cama, ainda enrolada na coberta. — *Por favor*. Não foi pessoal. Juro.

Essas palavras o fazem se afastar da janela e voltar para a cama. Ele se abaixa diante de mim e segura meu rosto com as mãos.

— É verdade. É por isso que estou tão chateado. A coisa que devia ser *mais* pessoal entre nós não foi nem um pouco assim.

Suas palavras me arrebentam, e um soluço alto escapa do meu peito. Não acredito no que fiz. É como se eu tivesse me rebaixado ao nível da minha mãe. Miller me solta e vai para a janela. Cubro a boca com as mãos, incapaz de segurar os sentimentos que me rasgam por dentro. Não é só o que fiz com Miller. É tudo. Sinto *tudo*. Sinto a perda de tia Jenny, e a ausência do meu pai, e a culpa pela forma como os dois morreram, e a traição da minha mãe, e a forma como magoei Miller, e é tanta coisa ao mesmo tempo que acho que não vou aguentar. Eu me arrasto de volta para a cama e enterro o rosto no travesseiro, mas o que queria mesmo fazer era puxar a coberta por cima da minha cabeça, fechar os

olhos e nunca mais sentir nada. É demais. Não é justo. Não é justo, não é justo, não é justo.

Sinto o colchão afundar ao meu lado, e, quando giro na direção de Miller, ele me abraça e me puxa para perto. Isso me faz chorar ainda mais.

Quero pedir desculpas, mas estou chorando tanto que as palavras não saem. Miller pressiona os lábios macios contra a lateral da minha cabeça, e me esforço para falar, mas a única coisa que tenho certeza de que ele consegue entender entre meus soluços é *desculpa*.

Miller não me diz que está tudo bem nem que me perdoa. Não diz nada. A única coisa que faz pelos próximos minutos é me consolar enquanto choro.

Meu rosto está pressionado contra seu peito — enterrado na sua camisa. Quando finalmente recupero a voz, faço uso dela. Fico me repetindo.

— Desculpe. Desculpe mesmo. Você tem razão, me sinto péssima. — As palavras são abafadas contra o corpo dele. — Desculpe.

Miller segura minha nuca com delicadeza.

— Sei que você se sente culpada — sussurra ele. — Eu te perdoo. Mas ainda estou irritado.

Apesar de suas palavras, ele beija meu cabelo, e não preciso de mais nada para me sentir perdoada agora. Miller *devia* estar irritado comigo. Não o culpo. *Eu* estou irritada comigo.

Ele passa um tempo deitado ao meu lado, mas, quando paro de chorar, se afasta e me encara, passando a mão pela minha bochecha.

— É melhor eu ir. Está ficando tarde.

Balanço a cabeça e olho nos seus olhos, implorando.

— Não, por favor. Não quero ficar sozinha agora.

Passo três segundos observando Miller pensar antes de assentir. Então ele senta na cama e tira a camisa. Depois de juntar o tecido, a estica na minha direção e a passa por minha cabeça.

— Vista.

Passo os braços pelas mangas da blusa e, ainda coberta, puxo-a até meu quadril.

Tenho consciência de que, apesar de tudo que aconteceu hoje, Miller ainda não me viu pelada. Ele não olhou para mim depois que tirei a toalha.

Ele entra debaixo da coberta comigo e me puxa para perto, com minhas costas contra seu peito. Dividimos um travesseiro. Ficamos de mãos dadas. E,

com o tempo, caímos no sono, com raiva de pessoas diferentes, mas magoados do mesmo jeito.

25

Morgan

Achei que eu tinha chegado ao fundo do poço enquanto lavava mamadeiras e rezava pelo fim do mundo, mas me enganei. Talvez este seja o fundo do poço.

O que as pessoas fazem quando chegam aqui? Esperam alguém jogar uma corda? Vão definhando até ficarem só pele e osso, esperando para serem encontradas por urubus?

Estou na cama, de onde não saio desde à noite, porém desisti de tentar dormir. Agora que o sol está prestes a nascer, não faz mais sentido.

Fui até o quarto de Clara mais umas duas vezes, mas nem me dei ao trabalho de bater. Ela optou pela música para abafar meus chamados, então resolvi deixar minha filha passar a noite me odiando antes de tentar pedir seu perdão.

Talvez tenha sido uma péssima ideia esperar para começar a terapia. Achei que seria melhor deixar alguns meses passarem — para as piores partes do luto se assentarem. Mas é óbvio que isso foi um erro. Preciso conversar com alguém. *Eu e Clara* precisamos conversar com alguém. Tenho minhas dúvidas de que a gente consiga consertar essa situação por conta própria.

Não quero conversar com Jonah, porque ele só vai pedir desculpas, me dizer que tudo vai ficar bem e que as coisas vão melhorar. E talvez isso seja verdade. Talvez uma chuva desabe, alague meu poço, e eu consiga flutuar até o topo e escapar. Ou pelo menos me *afogar*. As duas opções parecem boas.

Mesmo que a gente comece a terapia agora, nada vai mudar o que aconteceu. Nada vai mudar o fato de que minha filha viu a mãe beijando o melhor amigo do pai logo depois da morte dele. É um absurdo. Imperdoável.

Nem todos os orientadores de escola, terapeutas e livros de autoajuda do mundo seriam capazes de tirar essa imagem da sua cabeça.

Estou morrendo de vergonha. Humilhada.

E não importa quantas mensagens ele enviar — *já foram sete desde que saiu daqui ontem* —, nunca mais vou falar com Jonah. Não por um bom tempo. Não o quero na minha casa. Não gosto do que sua presença faz comigo. Não gosto da pessoa em que me transformo. Beijá-lo na noite passada foi um dos piores erros que já cometi, e eu sabia disso antes mesmo dos nossos lábios se tocarem. Ainda assim, segui em frente. Permiti que aquilo acontecesse. A pior parte era que eu *queria*. Queria havia muito tempo. Provavelmente desde o dia em que nos conhecemos.

Talvez seja por isso que me sinto uma merda agora, porque sei que, se Jonah não tivesse ido embora anos atrás, a gente poderia ter acabado na mesma situação que Jenny e Chris. Saindo escondido, traindo nosso cônjuge. Mentindo para nossa família.

A raiva que sinto deles não diminuiu. Apenas desenvolvi uma raiva nova, com a mesma intensidade, mas voltada contra mim. Não há qualquer lição de vida que eu possa ensinar a Clara a essa altura sem ser hipócrita. Parece que tudo que eu disser a ela a partir de agora vai entrar por um ouvido e sair pelo outro. E talvez isso devesse acontecer mesmo. Quem sou eu para educar outro ser humano? Quem sou eu para dar lições de moral? Quem sou eu para guiar alguém pela vida quando estou vendada, correndo na direção errada?

Pulo da cama quando escuto alguém bater à porta. Deus é testemunha de que, se for Jonah Sullivan, não respondo por mim.

Afasto a coberta e coloco meu roupão. Ainda não consegui falar com Clara, então, até isso acontecer, não quero discutir o assunto com ele. Corro pela casa para atender antes que minha filha acorde.

Abro a porta, mas dou um passo para trás quando vejo a Sra. Nettle parada na minha varanda, segurando a porta de tela.

— Só queria ver se você estava viva — diz ela. — Pelo visto, está.

A mulher larga a porta de tela, que bate contra o batente. E pergunto do outro lado:

— Por que a senhora achou que eu tivesse morrido?

Ela segue andando e mancando, apoiada na bengala.

— Uma das telas da janela está caída fora da casa. Achei que alguém pudesse ter invadido a casa e matado vocês duas no meio da madrugada.

Fico olhando até ela chegar em casa, só para garantir que não sofreu nenhuma queda. Então fecho e tranco a porta. *Que ótimo.* Uma tela de janela quebrada. Outra coisa que Chris resolveria caso estivesse vivo.

Estou voltando para o quarto quando paro.

Eu já tive a idade de Clara. Telas de janela não caem sozinhas. *Ela saiu escondida à noite?*

Viro e vou direto para o quarto da minha filha. Nem bato, porque ela não deve estar ali para responder. Empurro a porta, que continua trancada. É uma dessas trancas de gancho, fáceis de levantar e abrir. Odeio ter chegado ao ponto de arrombar seu quarto, mas preciso ter certeza de que ela saiu antes de me arrumar para procurá-la.

Pego um cabide no armário, passo-o pela fresta da porta até prender no gancho. Quando o solto, empurro a porta, mas ela não abre. Clara fez uma barricada lá dentro?

Meu Deus, ela deve estar mais irritada do que imaginei.

Empurro a porta com o quadril, movendo o que está contra ela. Consigo abri-la alguns centímetros, e espio o interior.

Solto um suspiro imenso de alívio. Ela ainda está dormindo. Não saiu escondida. Ou, se saiu, voltou para casa, e isso é o que mais importa.

Começo a fechar a porta, mas paro quando vejo um movimento. Um braço cobre a barriga de Clara. *Um braço que não é o dela.*

Jogo o corpo inteiro contra a porta para abri-la. Clara senta empertigada na cama, assustada. E Miller também.

— Que *porra* é essa, Clara?

Miller levanta, procurando os sapatos. Ele estica a mão para a mesa de cabeceira e pega as camisinhas, enfiando-as no bolso da calça jeans como se tentasse escondê-las antes que eu as veja, mas *já* vi, e estou com raiva, e quero que esse garoto saia da porcaria da minha casa agora.

— É melhor você ir embora.

Miller assente. Ele se vira para Clara com um olhar pesaroso.

Ela cobre o rosto.

— Ah, meu Deus, que vergonha.

Miller começa a dar a volta na cama, mas então fica imóvel e olha para Clara, depois para mim, depois para Clara, depois para seu peito nu. É então que percebo que minha filha está usando a camisa dele.

Ele acha que vai receber a camisa de volta agora? Esse garoto é idiota? *É. Minha filha está namorando um idiota.*

— Vá embora!

— Espere, Miller — diz Clara.

Ela pega no chão a camisa que usou ontem e entra no closet. Então se fecha lá dentro para se trocar. Miller parece não saber se devia obedecer a ela e esperar pela camisa ou sair correndo antes que eu o mate. Para sua sorte, Clara demora só alguns segundos.

Ela abre a porta e lhe entrega a camisa.

Miller se veste, então grito com ele de novo, agora com mais força:

— Vá *embora*! — Eu me viro para Clara, vestindo uma camisa que mal cobre sua bunda. — Vista alguma coisa!

Miller corre para a janela e começa a abri-la. *Ele é mesmo um idiota.*

— Use a porta da frente, Miller! Jesus Cristo!

Clara está enrolada no lençol agora, sentada na cama, cheia de raiva e vergonha. *Então somos duas.*

Miller passa por mim, nervoso, olhando para Clara.

— A gente se vê na escola? — sussurra ele, como se eu não fosse ouvir.

Clara assente.

Sinceramente. Ela podia levar qualquer garoto para o quarto, e foi *esse* que escolheu?

— Clara não vai à aula hoje.

Ela olha para Miller enquanto ele entra no corredor.

— Vou, sim.

Eu o encaro.

— Não vai. Adeus.

O garoto se vira e sai. *Finalmente.*

Clara se livra do lençol e pega no chão a calça jeans que usou no dia anterior.

— Você não pode me deixar de castigo da escola.

Graças à minha raiva, a preocupação que eu tinha sobre minha moral para ser sua mãe desapareceu. Ela não vai a lugar nenhum hoje.

— Você tem dezesseis anos. Tenho todo o direito de te colocar de castigo da porra que eu quiser.

Olho em torno do quarto, procurando seu celular para confiscá-lo.

— Na verdade, *mãe*, tenho dezessete. — Ela enfia uma perna dentro da calça. — Mas acho que você estava ocupada demais com Jonah para lembrar que hoje é meu aniversário.

Merda.

Eu me enganei.

Este é o fundo do poço.

Tento me recuperar, murmurando:

— *Eu não esqueci.*

Mas é óbvio que sim.

Clara revira os olhos enquanto fecha a calça. Então entra no banheiro e volta com a bolsa.

— Você não vai para a escola assim. Está usando as roupas de ontem.

— Quer apostar? — diz ela, esbarrando em mim para passar.

Eu me pressiono contra o batente da porta do quarto enquanto a observo atravessar o corredor. O certo seria ir atrás dela. Isso não é aceitável. Esconder um garoto dentro do quarto *não* é aceitável, muito menos transar com um cara que ela mal conhece. Há tantas coisas erradas nessa situação, mas tenho medo das minhas capacidades maternais não darem conta. Não sei o que dizer a ela, como puni-la, nem se tenho o *direito* de fazer isso a essa altura.

Escuto a porta da frente bater com força, e me retraio.

Seguro a cabeça e escorrego para o chão. Uma lágrima escorre por minha bochecha, e depois outra. Odeio isso, porque sei que vai resultar numa dor de cabeça dos infernos. Tenho dor de cabeça todos os dias, desde o acidente, graças às minhas crises de choro.

Dessa vez, eu mereço. É como se minhas ações tivessem dado permissão para Clara se rebelar. *Deram mesmo.* Ela nunca mais vai me respeitar. Uma pessoa é incapaz de aprender algo com alguém que não respeita. As coisas não funcionam assim.

Escuto o som baixo do meu telefone tocando do outro lado do corredor. Tenho certeza de que é Jonah, mas parte de mim torce para ser Clara, apesar de ela não ter tido nem tempo de tirar o carro da frente da casa. Corro para o quarto, mas não reconheço o número.

— Alô?

— Sra. Grant?

Pego um lenço de papel e assoo o nariz.

— É ela.

— Aqui é o técnico que está agendado para consertar sua tevê a cabo hoje. Só queria avisar que alguém precisa estar em casa das nove às cinco, para permitir o acesso.

Afundo na cama.

— É sério? Você quer que eu passe o dia inteiro enfurnada aqui?

Há uma pausa. Ele pigarreia e diz:

— São as regras, senhora. Não podemos entrar na casa sem um responsável.

— Entendo que a regra seja que alguém esteja presente, mas você não pode me dar um espaço menor de tempo? Talvez duas horas? Três?

— É difícil especificar um horário, porque cada atendimento varia.

— Sim, mas francamente. Um dia inteiro? Por que preciso ficar trancada na *porra* da casa por oito horas? — *Ah, meu Deus. Falei um palavrão para o técnico da tevê.* Balanço a cabeça, pressionando a palma da mão contra a testa. — Quer saber? Pode cancelar. Não quero mais tevê a cabo. Ninguém mais tem isso. Na verdade, você devia começar a procurar outro emprego, porque, pelo visto, ser técnico não é mais uma carreira estável.

Desligo, jogo o telefone na cama e o encaro.

Tudo bem. Tudo bem. *Este* é o fundo do poço. Este *com certeza* é o fundo do poço.

26

Clara

Chego à escola meia hora mais cedo. Há poucos carros no estacionamento dos alunos, e a picape de Miller não é um deles. Sem chance de entrar na sala de Jonah antes da hora. Então deito no meu banco e me acomodo.

Não vou chorar.

Na verdade, nem sinto mais raiva agora. Se muito, estou anestesiada. Tanta coisa aconteceu nas últimas doze horas que acho que meu cérebro deve ter uma válvula de desligamento de emergência. Não estou triste. Prefiro essa sensação à raiva da noite passada e à vergonha desta manhã, quando minha mãe foi terrivelmente grossa com Miller.

Eu entendo. Levei um garoto escondido para meu quarto. Fiz sexo. Foi um comportamento horrível, mas, na noite anterior, ela perdeu o direito de me dizer o que seja ou não horrível.

Dou um pulo ao ouvir uma batida à janela do passageiro. Miller está parado ao lado do carro, e deixo de me sentir anestesiada, porque basta vê-lo para algo voltar a ganhar vida dentro de mim. Ele abre a porta e se senta, me passando um café.

Nunca o achei tão bonito quanto agora. Certo, ele está cansado, e nenhum de nós escovou os dentes ou penteou o cabelo, e continuamos usando as mesmas roupas do dia anterior, mas Miller está segurando um café e me olha como se não me odiasse, o que é lindo.

— Achei que um pouco de cafeína ajudaria — diz ele.

Tomo um gole e saboreio o calor contra minha língua e o caramelo doce descendo por minha garganta. *Não sei por que demorei tanto para gostar de café.*

— Se adianta de alguma coisa... feliz aniversário?

Ele fala como se fizesse uma pergunta. É uma dúvida válida, acho.

— Obrigada. Apesar de este ser o segundo pior dia da minha vida.

— Acho que ontem foi o segundo pior dia da sua vida. Hoje ainda pode melhorar.

Tomo outro gole e pego sua mão, apertando-a e entrelaçando nossos dedos.

— O que aconteceu depois que fui embora? Ela botou você de castigo?

Eu rio.

— Não. E nem vai fazer isso.

— Você me escondeu no seu quarto. Não sei como seria possível escapar dessa, mesmo *sendo* seu aniversário.

— Minha mãe é uma mentirosa, uma traidora e um péssimo exemplo para mim. Agora pela manhã, decidi que não vou mais seguir suas regras. Vai ser melhor se eu me criar sozinha.

Miller aperta minha mão. Sei que ele se incomodou com o que eu disse, mas não tenta me convencer do contrário. Talvez ache que só preciso de tempo para me acalmar, mas o tempo não vai fazer diferença. Já estou de saco cheio dela.

— O que Lexie disse quando você contou o que aconteceu?

Eu o encaro, erguendo uma sobrancelha.

— Lexie?

Miller assente, tomando um gole de café.

— Merda! Lexie! — Ligo o carro. — Eu me esqueci de passar na casa dela.

Ele ri.

— Bem, em sua defesa, você teve uma manhã agitada. — Então se inclina para a frente e me beija. — A gente se vê no almoço.

Eu o beijo de volta.

— Está bem.

Miller abre a maçaneta e sai do carro. Aperto seu braço, precisando dizer mais uma coisa. Quando ele volta a recostar no banco e me encarar, levo a mão até a lateral da sua cabeça, sem saber quais palavras transmitiriam o quanto me arrependo pela noite passada. Eu o encaro, meu coração cheio de remorso, mas, a essa altura, pareço ter esquecido como verbalizar qualquer coisa.

Miller se inclina para a frente e pressiona a testa contra a minha. Fecho os olhos, e ele fica parado ali por um momento. Então ergue a mão até minha nuca

e faz carinho.

— Está tudo bem, Clara — sussurra ele. — Eu juro.

Seus lábios tocam rapidamente minha testa antes de ele sair do carro e fechar a porta.

Estou completamente ciente de que agi feito uma babaca à noite. Ainda estou morrendo de vergonha. Tanto que já sei que não vou contar a Lexie o que aconteceu com Miller. Nunca vou contar a ninguém. E espero que, um dia, a gente possa refazer aquele momento, porque eu com certeza consegui estragar tudo.



Cheguei tão cedo na escola que Lexie nem percebeu que foi esquecida quando retornei e cheguei à casa dela. Ela veio para o carro com um presente embrulhado e um balão metálico estampado com a frase "Melhore logo".

Lexie sempre faz isso. Deixa para a última hora, até ser tarde demais para encontrar o cartão, o balão ou o papel de presente apropriado. Metade das coisas que me dá vem embrulhada em papel de Natal, não importa a época do ano.

Ainda não acredito que minha mãe tenha se esquecido do meu aniversário. Pelo menos Miller e Lexie lembraram.

Apesar de só fazer algumas horas que tenho dezessete anos, estou orgulhosa da minha recém-descoberta maturidade. Quando entrei na sala de Jonah, há uns trinta minutos, consegui não socá-lo enquanto eu caminhava até minha mesa. Resisti até mesmo quando ele me deu um bom-dia e sua voz falhou no meio da frase. Não fiz nenhum tipo de contato visual.

Faz vinte minutos que ele está falando, e não tomei nenhuma das atitudes com as quais fantasiei desde que cheguei. Já quis gritar com ele, chamá-lo de traidor, contar à turma inteira sobre seu caso com minha mãe, invadir o sistema de alto-falantes e anunciar para a escola toda.

Mas não fiz nada disso, e estou orgulhosa de mim mesma. Permaneci extremamente contida, e, contanto que não olhe para ele, acho que vou conseguir aguentar a aula inteira e escapar sem brigas.

Os dezessete anos estão me fazendo muito bem. Sou praticamente uma adulta agora, graças a Deus, porque não posso mais contar com minha mãe para me criar.

Lexie: Estou começando a gostar de Efren. Vou ter minha primeira folga na sexta desde que a gente começou a se falar, e ele acabou de me perguntar se quero sair.

Sorrio ao receber a mensagem.

Eu: O que você disse?
Lexie: Que não.
Eu: Por quê?
Lexie: Brincadeira. Falei que sim. Estou chocada. Ele é tão baixinho. Mas é meio maldoso comigo, então isso compensa todas as outras coisas que faltam.

Lexie é a pessoa mais exigente que conheço quando se trata de garotos. Sinceramente, estou muito surpresa por ela ter topado sair com ele. Aliviada, mas surpresa.

Começo a digitar uma resposta quando Jonah diz:

— Clara, por favor, guarde o celular.

Meu peito aperta ao som da sua voz. Minha pele se arrepia.

— Vou guardar quando terminar de mandar minha mensagem.

Escuto algumas pessoas arfarem na sala, como se eu o tivesse xingado ou algo assim. Continuo digitando a mensagem para Lexie.

Preciso pedir à coordenação para trocar de turma. Não vou conseguir passar o restante do ano olhando para Jonah. Não quero estar no mesmo cômodo que ele, na mesma casa que ele, na mesma cidade que ele, no mesmo *mundo* que ele.

— Clara.

Jonah diz meu nome com suavidade, quase como se me implorasse para não criar caso. Ele não pode deixar que eu troque mensagens na aula quando ninguém mais tem permissão para usar o celular. Entendo que é uma situação esquisita, que ele não quer chamar minha atenção, mas precisa fazer isso. Eu devia me sentir mal, mas não me sinto. Quase gosto do fato de ele estar desconfortável. Jonah merece uma dose de como me sinto desde que vi suas mãos apalpando minha mãe enquanto sua língua estava enfiada na boca dela.

Meu Deus, por mais que eu tente, não consigo tirar essa imagem da cabeça.

Ergo os olhos e o encaro pela primeira vez desde que entrei na sala. Jonah está parado diante da sua mesa, apoiado nela, os pés cruzados na altura dos tornozelos. Sua pose de professor. Normalmente, eu respeitaria isso, mas, agora, tudo que vejo é o homem que traiu minha tia Jenny. Com minha *mãe*.

Quando ele indica meu celular com a cabeça com uma expressão de pedinte, silenciosamente me implorando de novo para guardá-lo, sou tomada por um ataque de raiva. Pego o celular com a mão direita e o arremesso na lata de lixo ao lado da porta da sala. O aparelho acerta a parede e cai despedaçado no chão.

Não acredito que fiz isso.

Pelo visto, ninguém mais na sala acredita também. Há uma arfada de choque coletiva. Acho, inclusive, que um desses sons saiu de mim.

Jonah se empertiga e vai até a porta da sala. Ele a abre e aponta para o corredor. Pego minha mochila e empurro a mesa para me levantar. Vou marchando até a porta, prontíssima para sair. Eu o encaro com um olhar raivoso quando passo. Tenho certeza de que vou ser acompanhada até a diretoria, então não me surpreendo quando ele fecha a sala e me segue.

— Clara, pare.

Não paro. Não vou escutar Jonah. Nem minha mãe. Cansei de escutar os adultos que sobraram na minha vida. Isso só está prejudicando minha saúde mental.

Jonah agarra meu braço, e o fato de ele tentar me parar e conversar comigo me enche de fúria. Eu me solto e giro. Não sei o que está prestes a sair da minha boca, mas sinto o ódio subindo pela minha garganta.

No instante em que vou atacá-lo, Jonah acaba com o espaço entre nós e me abraça, pressionando meu rosto contra seu peito.

Que porra é essa?

Tento empurrá-lo, mas ele não me solta. Apenas me aperta mais.

O abraço me deixa furiosa, mas também me faz perder o foco por um instante. Que inesperado. Eu achava que seria enviada para a diretoria, receberia uma suspensão ou seria expulsa, mas com certeza não imaginei que ganharia um abraço.

— Desculpe — sussurra ele.

Tento empurrá-lo de novo, mas não com muita força, porque ele está usando o mesmo tipo de camisa que meu pai usava na última vez que me deu um abraço de despedida. Uma camisa de botão branca e macia, gostosa contra minha pele. Minha bochecha está pressionada contra um dos botões, e fecho os olhos, sem saber o que fazer, porque, apesar de eu odiar Jonah agora, seu abraço me lembra o do meu pai.

Até seu cheiro é parecido com o dele. Como grama recém-cortada em uma tempestade. Quando o abraço não termina, começo a chorar. Até a mão de Jonah

contra minha nuca parece a do papai. Eu me odeio por isso, mas me apoio nele e deixo que me abrace enquanto choro. Sinto tanta saudade do meu pai. Agora, a tristeza é maior do que a raiva, então deixo Jonah me abraçar, porque prefiro um abraço a uma briga.

Sinto tanta falta dele.

Não sei como vim parar aqui. Não sei como fui de arremessar meu telefone pela sala a chorar contra o peito dele, mas estou feliz por Jonah não me levar para a diretoria. Ele espera eu me acalmar um pouco, então pressiona a bochecha contra o topo da minha cabeça.

— Desculpe, Clara. Nós dois sentimos muito.

Não sei se isso é verdade, mas, se ele se arrependeu mesmo, não faz diferença. Jonah *devia* se arrepender. Estar arrependido é o mínimo que pode fazer para consertar seu erro.

Simplesmente não consigo entender esse nível de traição. Não entendo como, uma hora, minha mãe está andando toda triste por aí por ter perdido sua alma gêmea, e, na outra, enfia a língua na boca do melhor amigo do marido.

— É como se vocês dois estivessem se lixando para eles.

Talvez eu não ficaria tão irritada se tivesse pegado minha mãe beijando um desconhecido. Mas Jonah não é um uma pessoa qualquer. Ele é Jonah. Ele é o Jonah de *tia Jenny*.

Ele se afasta, passando as mãos para meus ombros.

— É lógico que a gente não está se lixando. O que você viu... não tinha nada a ver com os dois.

Eu me afasto.

— Tinha *tudo* a ver com os dois.

Jonah suspira, cruzando os braços. Ele realmente parece arrependido. Uma pequena parte de mim quer parar de sentir tanta raiva, só para aquele olhar desaparecer do rosto dele.

— Eu e sua mãe... a gente só... sei lá. Não consigo explicar o que aconteceu ontem. Não quero explicar. Isso é um assunto para vocês duas conversarem. — Ele dá um passo para a frente. — Mas a questão é essa, Clara. Você *precisa* conversa com sua mãe. Não pode viver trancada no quarto. Sei que você está com raiva, e isso é um direito seu, mas prometa que vai falar com ela sobre o que aconteceu.

Assinto, mas só porque ele parece tão sincero. *Não* porque vou conversar com ela.

Sinto menos raiva de Jonah do que da minha mãe, porque, na realidade, a culpa não é dele. Acho que noventa por cento da minha raiva está focada nela. Jonah e Jenny nem eram casados. Não fazia tanto tempo que estavam juntos. E meu pai não era irmão de Jonah, então a traição dele e a traição da minha mãe estão em níveis diferentes. Em *continentes* diferentes.

Jonah devia se sentir culpado, mas minha mãe devia se sentir um lixo.

Olho para o teto e esfrego meu rosto. Então baixo as mãos.

— Não acredito que joguei meu celular.

— É seu aniversário. Você tem direito de dar um chilique. Só não conte para os outros alunos.

Fico surpresa, mas uma risada sai de mim. Então solto um suspiro pesado.

— Com certeza não parece ser meu aniversário.

É difícil sentir como se hoje fosse meu aniversário quando minha própria mãe se esqueceu da data. Acho que isso significa que nossos tradicionais jantares de comemoração acabaram de vez.

Jonah aponta para a porta da sala.

— Preciso voltar. Espere a aula acabar no seu carro. Preciso que a turma pelo menos ache que puni você.

Concordo com a cabeça e me afasto. Jonah volta para a sala, e parte de mim quer lhe agradecer, mas tenho a impressão de que eu me arrependeria imediatamente. Não tenho motivo nenhum para agradecer a ele. Se tivéssemos um placar, Jonah ainda estaria me devendo muito.



As próximas três aulas passam sem nenhum ataque. *Progresso.*

Não vejo meu namorado desde hoje cedo, e isso está me matando. Geralmente, passamos o dia trocando mensagens, mas meu telefone deve estar no fundo da lixeira de Jonah. Quando finalmente chego ao refeitório para o almoço, noto o alívio no rosto de Miller quando me aproximo da mesa. Ele abre espaço no banco para mim, se afastando de Efren.

— Tudo bem? — pergunta Miller quando me sento. — Estão falando por aí que você jogou seu celular no Sr. Sullivan.

— Talvez eu tenha jogado o telefone na direção dele, mas mirei na lata de lixo.

— Ele mandou você para a sala da detenção?

— Não. Ele me levou para o corredor e me deu um abraço.

— Espere um pouco — diz Lexie. — Você jogou seu telefone nele e ganhou um *abraço*?

— Não conte para ninguém. Tive que fingir que fui punida.

— *Eu* queria ter um tio-professor — diz Lexie. — Que injusto.

Miller pressiona os lábios sobre meu ombro, apoiando o queixo.

— Mas você está bem? — sussurra ele.

Assinto, porque quero estar bem, mas a verdade é que hoje está sendo um dia horrível. A noite de ontem foi horrível. Os últimos meses foram horríveis, e parece que nada melhora para mim. Sinto um cansaço nos meus olhos, e então Miller levanta a mão e aperta minha nuca.

— O dia está bonito. Quer dar uma volta na Nora?

Essa é a única coisa que poderia melhorar meu humor agora.

— Seria ótimo.

Já saí de um funeral com ele, usei drogas com ele, fui para a sala da detenção com ele, o escondi no meu quarto, perdi minha virgindade com ele. Se comparado a tudo isso, matar metade de um dia de aula parece uma melhora no meu comportamento.

Vamos para o parque da cidade. Fica à beira de um lago enorme — meu pai costumava me levar para pescar ali em dias assim. Miller senta sob a sombra de uma árvore e abre as pernas, batendo no chão entre elas. Sento com as costas apoiadas em seu peito, e ele me abraça enquanto me ajeito, procurando uma posição confortável.

Apoio a cabeça em seu ombro, e ele encosta a bochecha no topo dela enquanto diz:

— Como era o seu pai?

Não faz tanto tempo assim, mas sinto que preciso forçar minha memória para responder.

— Ele tinha uma risada maravilhosa. Era alta e preenchia a sala toda. Às vezes, minha mãe ficava com vergonha quando estávamos em público, porque as pessoas se viravam para olhar. E ele ria de *tudo*. Meu pai trabalhava muito, mas

nunca me irritei com isso. Provavelmente porque, quando estávamos juntos, ele estava presente. Queria saber sobre meu dia, sempre me contava sobre o seu. — Eu suspiro. — Sinto falta disso. Sinto falta de contar a ele sobre meu dia, mesmo quando não havia nada para contar.

— Ele parece muito legal.

Concordo com a cabeça.

— E o seu?

Sinto o peito de Miller se mover, como se ele soltasse uma risada silenciosa, incerta.

— Meu pai era diferente do seu. Completamente diferente.

— Ele criou você?

Sinto Miller balançar a cabeça.

— Não. De vez em quando, na minha infância, a gente passava um tempo juntos, mas ele vivia sendo preso. Quando eu tinha quinze anos, ele finalmente aprontou feio e foi condenado a mais tempo. Deve ser solto daqui a dois anos, mas duvido que a gente vá se falar. Já havia um tempo que nós não nos víamos, desde quando a última prisão aconteceu.

Então foi por *isso* que meu pai fez aquele comentário sobre o pai de Miller. Filho de peixe, peixinho é. *É óbvio que ele estava errado.*

— Vocês mantêm algum contato?

— Não — diz Miller. — Quer dizer... Não odeio ele. Só entendi que algumas pessoas têm mais talento para a paternidade do que outras. Não levo isso para o lado pessoal. Mas acho melhor não termos muita proximidade.

— E sua mãe? — pergunto. — Como ela era?

Sinto ele murchar um pouco antes de dizer:

— Não tenho muitas lembranças, mas nada negativo. — Miller enrosca a perna em torno do meu tornozelo. — Sabe, acho que foi daí que tirei meu amor por fotografia. Depois que minha mãe morreu... eu não tinha nenhuma lembrança. Ela odiava tirar fotos, então não restaram muitas. Nem vídeos. Pedi minha primeira câmera para o vovô pouco depois disso. Desde então, vivo com ela enfiada na sua cara.

— Você provavelmente conseguiria fazer um filme só dele.

Miller ri.

— Sim. Talvez eu faça. Mesmo que seja só para mim.

— Então... o que vai acontecer quando ele...

— Vou ficar bem — diz Miller em um tom determinado, como se não quisesse falar disso.

Eu entendo. O pai preso, a mãe morta, o avô com câncer terminal. É fácil compreender. Eu também não iria querer conversar sobre essas coisas.

Ficamos em silêncio por um tempo até Miller dizer:

— Droga. Eu vivo esquecendo.

Ele me empurra um pouquinho para a frente e vai correndo até a picape. Então volta com a câmera e um tripé, colocando-os a alguns metros de nós.

Depois, se enfia entre mim e a árvore, voltando à mesma posição.

— Não fique olhando para ela dessa vez.

Estou encarando a câmera quando ele diz isso, então olho para a água.

— Talvez fosse melhor a gente desistir do trabalho.

— Por quê?

— Minha cabeça está cheia demais. Vivo de mau humor.

— Você quer muito ser atriz, Clara?

— É tudo que mais quero.

— Então vai ter um choque de realidade quando descobrir que nem todo dia vai chegar ao set de bom humor.

Suspiro.

— Odeio quando você tem razão.

Miller ri e beija a lateral da minha cabeça.

— Você deve me odiar muito, então.

Balanço a cabeça de leve.

— Nem um pouco.

Ficamos em silêncio de novo. Do outro lado do lago, há um homem com dois garotinhos, ensinando-os a pescar. Fico observando, me perguntando se esse cara trai a mãe deles.

Então a raiva volta, porque a partir de agora vou passar o resto da vida procurando o pior nas pessoas.

Não quero falar sobre tia Jenny nem meu pai, ou sobre minha mãe e Jonah, mas as palavras saem.

— Pela maneira como Jonah falou hoje... ele realmente parecia arrependido. Como se, talvez, o beijo tivesse sido um acidente ou só tenha acontecido uma vez. Quero perguntar para minha mãe, mas fico com medo de ela me contar a verdade e me dizer que vai além disso. Acho que é porque sei que eles foram a um hotel menos de uma semana depois do acidente.

— Como você sabe?

— Pelo aplicativo. Por que eles iriam a um hotel se não estivessem juntos?

— De qualquer modo, você precisa conversar com ela. Não tem outro jeito.

— Eu sei. — Bufo. — Sabe, não me surpreende Jonah fazer algo assim. Ele só voltou para nossa cidade e começou a namorar com Jenny porque ela engravidou. Não porque estivessem perdidamente apaixonados. Mas minha mãe... Ela e meu pai estavam juntos desde a época da escola. É como se ela não tivesse respeito nenhum por ele.

— Você não sabe o que está acontecendo. Às vezes, ela e Jonah só estão sofrendo.

— Os dois não pareciam estar sofrendo.

— Talvez procurar consolo um no outro ajude a amenizar o luto.

Não quero pensar nisso. Que jeito mais estranho de amenizar o luto.

— Bem. Matar aula ajuda a amenizar o *meu* luto. Então, obrigada.

— Estou sempre disponível. Bem, menos no último tempo. Tenho prova, então preciso voltar logo.

— Quando você quiser.

— Alguma programação de aniversário hoje?

Dou de ombros.

— A gente sempre teve a tradição de jantar em família nos aniversários. Mas acho que isso já era. Nós mal temos uma família agora.

Os braços de Miller se apertam ao meu redor. Fico com saudade dos abraços do meu pai. Até o abraço de Jonah me fez sentir falta dele hoje.

— Bem, se sua mãe deixar, poderemos sair.

— Duvido muito que ela vá me deixar sair de casa, e talvez eu esteja cansada demais para brigar.

— Fico triste de imaginar você passando seu aniversário sozinha no quarto.

— Bem, paciência. É só mais um dia.

Fico me perguntando o que meu pai pensaria se me visse triste no dia do meu aniversário. Ele provavelmente ficaria decepcionado por a gente não seguir com a tradição do jantar. Aposto que tia Jenny também ficaria. Acho que nunca perdemos um aniversário.

Começo a me perguntar por que eu, automaticamente, presumi que não teríamos mais jantares sem eles. Os dois não iriam querer isso.

Apesar de a minha mãe parecer ter perdido o respeito pela tradição, isso não significa que ela deva ser abolida. Pelo menos desse jeito, posso ver Miller hoje à

noite.

Eu me empertigo e viro para ele.

— Quer saber? Quero fazer meu jantar de aniversário, sim. E quero que você venha.

Ele ergue uma sobrancelha, cauteloso.

— Não sei. Sua mãe não pareceu muito disposta a me receber na sua casa de novo.

— Vou conversar com ela quando chegar. Se houver algum problema, ligo para você.

— Você está sem celular.

— Ligo do telefone de casa.

— Isso ainda existe?

Eu rio.

— Minha mãe só tem trinta e quatro anos, mas sua cabeça é de uma velha.

Eu me recosto nele, pensando no meu aniversário. Não vai ser justo se minha mãe me pôr de castigo hoje. Se isso acontecer, talvez eu jogue o Langford na sua cara. Deixo o ar entrar devagar em meus pulmões. Quanto mais penso nisso, mais irritada fico. A ideia de os dois estarem se encontrando no hotel apenas uma semana depois do acidente faz com que eu queira me vingar.

Tento não pensar no assunto. Viro e sento no colo de Miller, e então o beijo por vários minutos. É uma boa distração, mas, depois de um tempo, ele precisa voltar para a escola.

Espero no meu carro até as aulas acabarem, o que provavelmente é uma péssima ideia, porque passo esse tempo todo sentada ali, bolando formas de me vingar do jeito que meu pai e tia Jenny merecem.

Então vou para casa, sentindo mais raiva do que quando saí pela manhã.

27

Morgan

Estou no quarto de Clara, pendurando roupas, quando ela volta da escola. Passei o dia inteiro me mantendo ocupada, limpando, lavando roupa, organizando as coisas, tentando não pensar. Percebo que não botei o pé para fora de casa hoje, então não devia ter cancelado o técnico da tevê a cabo. Eu podia estar assistindo a *Real Housewives* agora.

Escuto Clara se aproximando pelo corredor, então me preparo para o impacto. Espero que ela grite ou me ignore. Vai ser uma das duas coisas. Estou pendurando a última blusa quando minha filha entra no quarto e joga a mochila na cama.

— O que vamos comer no meu jantar de aniversário hoje? Estou com fome.

Eu a encaro com cautela, porque aquilo parece algum tipo de pegadinha. *Ela ainda quer um jantar de aniversário?* Que surpresa. Mas finjo que nada está errado, só para o caso de ser algo sincero. *Espero que seja sincero.*

— Pensei em lasanha — digo. Lasanha é seu prato preferido.

Clara concorda com a cabeça.

— Perfeito.

Talvez eu precise ir ao mercado agora. A essa altura, faria qualquer coisa pela chance de termos uma conversa sincera e o jantar seria a oportunidade perfeita. Talvez ela tenha percebido isso também. Sem Jenny e Chris, Jonah não virá. Seremos só nós duas. Já está mais do que na hora de falarmos com o coração.

Estou picando tomates para a salada quando a campainha toca. Seco as mãos em um pano de prato e sigo para a porta. Surpreendentemente, Clara chega na frente. Ela escancara a porta, e fico perplexa ao ver Jonah e Elijah.

O que ele veio fazer aqui? Será que ainda acha que continua sendo convidado para o jantar depois do que aconteceu?

Espero Clara bater a porta na sua cara, mas ela não faz isso. Jonah lhe entrega uma caixa, e, apesar de eu estar na ponta dos pés na entrada da cozinha, tentando ver, não faço ideia do que seja o presente.

— Sério? — Ela parece tão animada.

Sinto que estou em uma dimensão paralela.

— Eu tinha um telefone velho em casa — diz Jonah.

— Mas este é o modelo mais novo.

— Eu fiquei com o velho.

Clara o deixa entrar, e volto para a cozinha. Por que ele lhe deu um celular? Será que esse é seu jeito de conquistá-la? *Não é assim que se educa alguém, Jonah.*

— Já coloquei seu chip antigo nele, então deve estar funcionando.

— Obrigada.

É bom ouvir um tom de alegria na voz dela, mas é difícil me sentir aliviada quando Jonah entra na cozinha, às minhas costas.

— Você comprou um celular novo para Clara? — pergunto, sem me virar.

— O dela caiu na aula hoje. Quebrou, então lhe dei um dos meus.

Puxo o ar antes de me virar para encará-lo. Odeio como me sinto perto dele depois da noite passada. Por mais rápido que tenha sido o beijo, é como se não tivesse acabado. Ainda o sinto em meus lábios.

— O que você veio fazer aqui?

— Clara me ligou há uma hora. Disse que ia ter um jantar de aniversário.

Estreito os olhos na direção do quarto da minha filha.

— O que ela está aprontando?

Jonah dá de ombros, ajeitando Elijah nos braços.

— Talvez ela esteja bem com a situação.

— Que situação?

— Com a gente.

— Não está. E *a gente* não existe.

Com isso, me viro e volto para a salada.

Jonah senta à mesa e começa a brincar com Elijah, fazendo caretas. É fofo e terrível. Não consigo parar de olhar de soslaio, porque é maravilhoso ver os dois interagindo. Talvez até mais do que deveria ser, porque sei que Elijah não é seu filho biológico, e, mesmo assim, o amor de Jonah pelo menino é igual. Odeio saber que Elijah é o resultado da traição de Chris e Jenny, mas amo saber que isso não importa para Jonah.

Vê-los juntos está me trazendo muitos pensamentos positivos, então me aproximo e pego o bebê no colo, só para tentar interromper os sentimentos que me atravessam como um foguete. Sento à mesa e viro Elijah para mim. Ele sorri. Seu rosto sempre se anima ao me ver, e meu coração se derrete todas as vezes.

— Você precisa de alguma ajuda? — pergunta Jonah.

— Pode colocar a cobertura no bolo — sugiro.

Qualquer coisa para tirá-lo de perto de mim.

Jonah termina o bolo ao mesmo tempo que a campainha toca. Nós dois trocamos um olhar confuso.

— Vocês estão esperando mais alguém?

Balanço a cabeça, então passo Elijah para ele antes de ir atender. Porém, mais uma vez, Clara vem correndo para a sala, chegando na minha frente. Quando ela abre a porta, fico paralisada.

Miller Adams está parado do outro lado. O garoto parece nervoso, mas não tenho tempo de analisar sua aparência nem de gritar com ele, porque Clara agarra sua mão e o puxa para dentro da casa. Jonah está parado ao meu lado agora. Ela puxa Miller pelo corredor enquanto ele dá um leve aceno para nós.

— Oi, Sr. Sullivan. — Ele engole em seco, e sua voz sai mais baixa ao se endereçar a mim. — Sra. Grant.

Não temos chance de responder nada, porque Clara o leva para fora da sala.

— Não sei o que fazer — sussurro.

— Sobre o quê? — pergunta Jonah.

Eu o encaro, incrédula, mas então me dou conta de que ele não sabe o que Clara fez na noite passada. Levo-o de volta para a cozinha, lhe dando um empurrão no ombro. Ele se vira para me encarar, e tento manter a voz baixa, apesar da minha raiva.

— Eu peguei os dois na cama hoje pela manhã — chio. — Havia camisinhas na mesa. Clara estava praticamente nua. Ele passou a noite inteira no quarto dela!

Jonah arregala os olhos.

— Ah. Eita.

Cruzo os braços e desabo sobre uma das cadeiras.

— Ela está me testando. — Olho para Jonah em busca de conselhos. — Expulso Miller daqui?

Ele dá de ombros.

— É só um jantar. O garoto não vai engravidar Clara na mesa.

— Você é bonzinho demais.

— É aniversário dela. Ela estava chateada, então deve ter convidado Miller só para irritar você. Pelo menos ele está aqui, assim vai ter uma oportunidade de conhecê-lo.

Reviro os olhos e levanto da cadeira.

— O jantar está pronto. Vá chamar os dois antes que ele a engravide.



Que jantar desconfortável. Não apenas porque sei que Miller muito provavelmente tirou a virgindade da minha filha na noite passada, mas porque eu e Jonah quase não nos falamos. Não conversamos sobre o que aconteceu entre nós, e o assunto paira no ar, pesado.

Minha filha só me dá respostas atravessadas quando tento falar com ela, então preferi parar de fazer perguntas, porque a situação estava em um nível vergonhoso. Nem Miller e Clara estão conversando muito, porque ela devora a lasanha como se estivéssemos participando de uma competição para ver quem come mais rápido.

Jonah segura Elijah no colo, alimentando-o enquanto come. É fofo, então me concentro no meu prato para evitar olhar para os dois.

— Como vai o trabalho de cinema? — pergunta Jonah.

Miller dá de ombros.

— Devagar. Ainda não tivemos uma boa ideia, mas vamos chegar lá.

Pois é, porque vocês estão ocupados demais fazendo outras coisas, quero dizer.

Clara aponta com o garfo para o prato de Miller.

— Coma mais rápido.

Vejo a confusão no rosto dele, mas o garoto pega o garfo e come mais um pouco.

Sei exatamente qual é o plano dela. Clara está fazendo média, torcendo para que tudo seja perdoado depois de passar seu jantar de aniversário em família. Acha que, se não criar caso, eu não vou reclamar depois de acabarmos aqui e ela quiser sair com Miller.

Ela não vai sair com ele. De jeito nenhum.

Clara termina a comida e levanta. Leva o prato para a cozinha. E, quando volta, olha para Miller.

— Já acabou?

Ele está no meio de uma garfada quando Clara tira seu prato.

— Ainda temos que comer o bolo — alerto, apontando para o bolo de chocolate de três camadas no meio da mesa.

Clara me encara. Com raiva. Ela tira o garfo de Miller da mão dele sem desviar o olhar e usa-o para tirar um pedaço do meio do bolo, que então enfia na boca.

— Delicioso — diz ela, irônica. Então larga o garfo e pega a mão de Miller. — Pronto?

— Aonde você acha que vai?

— A um jogo — diz Clara.

— Hoje não é dia de jogo.

Ela inclina a cabeça.

— Tem certeza, mãe? Quer dizer, você nem sabia direito que hoje era meu aniversário.

— Eu sabia que era seu aniversário. Só fiquei nervosa por um instante quando vi que seu namorado dormiu na sua cama ontem.

Clara sorri.

— Ah, a gente não *dormiu*.

Às suas costas, Miller murmura:

— Dormimos, sim.

Olho para ele.

— Você pode ir agora. Dê boa-noite a Clara.

Ela olha para Miller.

— Espere. Vou com você.

O garoto olha de mim para Clara, como se estivesse confuso. Eu me sentiria mal por ele se não estivesse tão irritada.

— Miller, acho melhor você ir — pede Jonah.

Clara vira a cabeça, mirando os olhos nele.

— Se Miller vai embora, você também devia ir. Você não mora aqui.

Jonah parece tão cansado do comportamento dela quanto eu.

— Clara, *pare*.

— Não me diga para parar. Você não é meu pai.

— Nem estou tentando ser.

Levantei. Isso já foi longe demais.

Miller vira e vai embora, como se sentisse que uma bomba está prestes a explodir e não quisesse ser atingido pelos estilhaços.

Clara anda de costas até a porta.

— Hoje é meu aniversário. Vou ignorar meu castigo porque foi o *seu* exemplo que me forçou a quebrar as regras ontem. — Ela abre a porta. — Volto cedo.

Faço menção de dar a volta na mesa e correr até lá, mas Jonah segura meu punho.

— Deixa ir.

Olho para a mão fechada em torno do meu braço.

— Você só pode estar de brincadeira.

Jonah levanta, me forçando a olhar para cima, porque ele se agiganta sobre mim.

— Você precisa contar a verdade a ela, Morgan.

— Não.

— Você está perdendo o controle de Clara. Ela odeia você. E culpa você por tudo.

— Ela tem dezesseis anos. Vai superar.

— Clara tem dezes*sete*. E se não superar?

Não consigo ter esta conversa agora.

— Ela tem razão. Você também devia ir.

Jonah não reclama. Só pega as coisas de Elijah, e os dois vão embora. Ele nem se despede.

Olho para a mesa — para toda a comida que sobrou e o bolo quase perfeito.

Desabo mais uma vez sobre uma cadeira, pego um garfo e como um pedaço do bolo.

28

Clara

Estou apoiada na picape, ao lado de Miller, quando Jonah sai com Elijah. Eu viro e encaro a rua para não ter que olhar para ele.

Como já foi provado na aula hoje, fico bem mais irritada quando faço contato visual com ele. E, apesar de Jonah ter sido legal o suficiente para não me punir e depois me dar seu telefone, sei que foi só por remorso, porque ele tem noção do que fez. E agora está aqui, participando do nosso jantar de família, como se meu pai nunca tivesse existido.

Eu escuto Jonah prender Elijah na cadeirinha no banco de trás do carro. Então escuto a porta bater. Suspiro baixinho, aliviada por ele estar indo embora, mas então prendo o ar de novo quando percebo que a porta do motorista não foi aberta. Olho para a frente da picape de Miller e vejo Jonah se aproximando. Minha postura se enrijece quando ele para diante de nós.

Ele põe as mãos em meus ombros, se inclina e me dá um beijo no topo da cabeça.

— Você é melhor que isso, Clara. Todos nós somos. — Jonah se afasta. — Feliz aniversário.

Quando ele finalmente sai com o carro, reviro os olhos e me afasto da picape. Então me apoio no peito do meu namorado, querendo sentir apenas o som tranquilo do seu coração batendo contra minha bochecha. Ele pressiona o queixo sobre minha cabeça enquanto me abraça.

— As coisas aqui são sempre desse jeito? — pergunta Miller.

— Ultimamente, sim.

Seu peito sobe e desce, apenas uma vez. Com força.

— Não sei se consigo continuar assim.

Eu me afasto e olho para cima.

— Você não precisa mais vir aqui. Eu entendo.

Miller me encara com um olhar pesaroso.

— Não estou falando do jantar com a sua família.

Eu o encaro por um momento — por tempo suficiente para notar a irritação em seu rosto. Dou um passo para trás. Ele baixa os braços.

— É meu aniversário.

— Eu sei.

— Você vai terminar comigo no meu *aniversário*?

Miller esfrega o rosto com a mão.

— Não. Eu só...

Ele nem consegue terminar o que ia dizer. Provavelmente porque sabe que está sendo um babaca.

Dou outro passo para trás.

— Você transou comigo ontem e agora está me dando um pé na bunda? *Sério?* — Viro e sigo para minha casa. — Acho que me enganei sobre você também.

Escuto Miller correndo atrás de mim. Ele me alcança antes de eu chegar à varanda. Então segura meu rosto com as mãos, mas não é um gesto carinhoso. Também não é violento, mas, pela raiva na sua expressão, é um toque que eu preferia não sentir.

— Você não tem o direito de jogar isso na minha cara, Clara. *Eu* fui usado ontem. *Não* você.

Com isso, ele afasta as mãos e volta para a picape. Quando escuto sua porta abrir, me retraio.

— Desculpe. — Viro para encará-lo. — Desculpe. O que falei foi babaquice, e o que fiz foi pior ainda. — Volto para a picape. — Mas por que está fazendo isso? Pela manhã, no meu carro, parecia que você tinha me perdoado pela noite passada.

Estou apavorada. A expressão de Miller parece incerta enquanto ele dá batidinhas com o punho na armação da porta. Então ele a fecha e me puxa para um abraço frustrado.

— Sei que você e sua mãe estão se estranhando. — Ele me olha, as mãos inclinando meu rosto para o seu. — Mas sinto como se eu estivesse sendo usado como uma arma nas suas brigas. E isso não é justo comigo.

— Eu não sabia que o jantar acabaria daquele jeito.

— A culpa foi sua por acabar daquela maneira. Você não foi a vítima hoje, Clara. Você provocou tudo.

Eu me encolho e me afasto.

— Se você acha que a culpa foi minha, sua memória está péssima. Caso tenha esquecido, eu descobri que minha *mãe* está tendo um *caso* com *Jonah*.

Miller abre a picape e entra. Eu me enfio no espaço entre o carro e a porta para que não consiga fechá-la. Ele joga a cabeça contra o banco.

— Quero ir para casa.

— Vou com você.

Miller gira a cabeça para me encarar.

— Quero ir sozinho.

Não vou implorar. Já implorei o suficiente na noite passada.

— Que pena.

Eu me afasto para ele fechar a porta. Ele liga a picape, mas abre a janela.

— A gente se vê na escola amanhã.

A voz de Miller perdeu a irritação, mas isso não faz eu me sentir melhor. Ele está me deixando sozinha, no meu aniversário. Sei que o jantar foi uma confusão, mas minha *vida* inteira é uma confusão. *Grande novidade*.

Viro de costas e me afasto.

— Clara.

Ele está me confundindo para cacete com toda essa indecisão.

Eu giro e vou até sua janela, batendo os pés.

— Quer saber? Não preciso disso. Não quero um namorado que faça eu me sentir pior quando já estou para baixo. Não quero mais sair com você. *Eu* estou terminando o namoro. — Então me afasto, mas percebo que ainda não disse tudo que queria, e volto para a picape. — Eles desrespeitaram as duas pessoas mais importantes da minha vida. Eles *me* desrespeitaram. E eu devia fingir que está tudo bem? É esse tipo de namorada que você quer? Alguém que simplesmente desiste e sempre deixa as outras pessoas ganharem?

O braço de Miller está pendurado sobre o volante com um ar despreocupado. Sua voz é calma quando ele diz:

— Às vezes, você precisa sair de uma briga para vencê-la.

Fico furiosa quando o escuto repetir essas palavras. Bato o pé.

— Você não pode terminar comigo e depois citar minha tia morta!

— Eu *não* terminei nada. E estou citando *você*.

— Bem, pare com isso. Não cite *ninguém*! Isso é... é feio!

Não sei como, mas parece que Miller está achando graça.

— Vou para casa agora.

— Que bom!

Ele olha para trás e começa a dar ré. Fico parada onde estou, confusa com nossa briga. Nem sei o que acabou de acontecer.

— A gente terminou? Não entendi!

Miller pisa no freio e olha pela janela.

— Não. Só estamos brigando.

— Sei!

De novo, ele parece achar graça enquanto dá ré até a rua. Quero arrancar o sorriso daquela cara, mas a picape se afasta. Quando ele vira a esquina, entro em casa. Minha mãe está parada na sala, encarando o telefone no viva-voz. Chego já no final da mensagem.

— *... não avisou na diretoria, então só estamos ligando para comunicar que ela vai precisar trazer um bilhete para não ganhar falta nas aulas de hoje à tarde...*

Minha mãe para a mensagem antes do final.

— Você matou aula hoje?

Reviro os olhos ao passar por ela.

— Foram só três tempos. Eu precisava sair de lá. Não conseguia respirar. *Ainda* não consigo.

Bato a porta do quarto, e as lágrimas começam a escorrer pelas minhas bochechas antes mesmo de eu deitar na cama. Pego o celular e ligo para Lexie. Ela atende no primeiro toque, porque sempre posso contar com sua ajuda. Lexie é a única pessoa confiável na minha vida agora.

— Este... — Puxo o ar várias vezes, rápido, tentando engolir as lágrimas. — Este é o pior aniversário do mundo. O *pior*. Você pode... — Puxo o ar de novo. — Vir aqui?

— Estou indo.

29

Morgan

Pego algumas camisas de Chris no armário e tiro-as dos cabides. Jogo-as dentro do saco grande que vou doar para a igreja.

Faz meia hora que Lexie chegou. Cogitei mandá-la de volta para casa, mas prefiro que ela esteja aqui a deixar Clara sozinha. Fiquei aliviada ao abrir a porta e ver Lexie. Do meu quarto, dava para ouvir Clara chorando, e ela se recusa a falar comigo. Ou talvez seja eu que não queira papo.

Acho melhor deixar a conversa para amanhã.

Agora que Lexie chegou, Clara parou de chorar, o que é bom. E, apesar de eu não conseguir entender as palavras, dá para ouvir que conversam. Pelo menos sei que minha filha está em casa e segura, apesar de me odiar.

Tiro mais duas camisas de Chris do armário.

Desde a semana de sua morte, venho lentamente me livrando de suas coisas. Faço isso aos poucos, torcendo para que Clara não perceba. Não quero que ela ache que estou tentando remover todas as memórias dele dessa casa. Chris é seu pai, e meu objetivo não é apagar a existência dele. A ideia é tirá-lo do meu espaço pessoal. Seu travesseiro foi jogado fora na semana passada e sua escova de dente, hoje pela manhã. Agora acabei de me livrar do que restava na sua cômoda.

Enquanto revirava tudo, imaginei que fosse encontrar algum desleixo. Um recibo de hotel, batom na gola de uma camisa. Qualquer indiscrição no caso dos dois. Tirando as cartas trancadas na caixa de ferramentas, não achei nada. Chris sabia manter segredo. Os dois sabiam.

Eu provavelmente devia tirar as cartas da minha cômoda e escondê-las antes de, sem querer, Clara encontrá-las.

Tiro uma caixa com as coisas dele da última prateleira do armário. Depois que engravidei, eu e Chris fomos morar juntos. Não tínhamos muitos pertences, porque éramos adolescentes, mas essa caixa foi uma das poucas coisas que Chris trouxe. Na época, ela abrigava lembrancinhas bobas, como fotos e prêmios que ganhou. Porém, com o passar dos anos, fui acrescentando outras coisas. Penso nela como *nossa* caixa agora.

Sento na cama e olho as fotos soltas de quando Clara era bebê. Fotos minhas e de Chris. Fotos de nós três e Jenny. Inspeciono cada uma, achando que posso encontrar sinais de quando tudo começou. Mas todas exibem apenas um casal feliz.

E acho que fomos mesmo, por um tempo. Não sei bem quando a situação desandou para ele, mas queria que tivesse escolhido qualquer outra mulher no mundo e não Jenny. Seria o mínimo.

Ou, talvez, tenha sido Jenny quem o escolheu.

Pego um envelope da caixa. Está cheio de fotos reveladas de um filme antigo. Jenny não aparece na maioria, porque foi ela quem as tirou, mas há muitas de mim e Chris. Algumas incluem Jonah. Presto atenção nas fotos dele, tentando encontrar alguma em que pareça feliz de verdade, mas não consigo. Ele quase nunca sorria. Até hoje, isso é raro. Não que Jonah fosse triste. Ele parecia feliz na época, mas de um jeito diferente do restante de nós. Jenny se iluminava perto dele, Chris se iluminava perto de mim, mas ninguém fazia Jonah se iluminar. Era como se estivesse preso em uma sombra eterna, projetada por algo que nenhum de nós via.

Passo pelas últimas três fotos, mas algo no que vejo me faz parar. Separo as três, tiradas em sequência, e as analiso. Na primeira, estou no meio, sorrindo para a câmera. Chris sorri para mim. Jonah está do outro lado, lançando um olhar desolado para o amigo.

Na próxima, Chris sorri para a câmera. Eu olho para Jonah, e ele olha para mim, e me lembro desse momento. *Eu me lembro daquele olhar.*

Na última, Jonah saiu da imagem. Ele tinha parado de olhar para mim e ido embora.

Eu me esforcei para esquecer esse dia e os dez minutos antes de a foto ser tirada, e não pensei mais nisso. Não pensei por um bom tempo. Mas as fotografias me forçam a recordar tudo com uma riqueza de detalhes.

Nós estávamos na casa de Jonah, porque ele era o único que tinha piscina. Jenny estava deitada em uma toalha sobre o piso de concreto, tentando se bronzear, no lado mais raso da piscina. Chris saiu da água e entrou na casa, porque estava com fome.

Jonah segurava uma boia a alguns metros de mim, o corpo submerso na água, os braços esticados sobre ela.

A piscina não dava pé para mim, e minhas pernas estavam cansadas, então nadei até ele e agarrei a boia. Ela estava meio murcha porque provavelmente tinha enfrentado verões demais, então não era das mais firmes. Principalmente suportando o peso de duas pessoas. Comecei a escorregar, e Jonah segurou meus braços, enroscando a perna no meu joelho para me prender no lugar.

Acho que nenhum de nós esperava levar um choque com aquele contato, mas percebi que ele sentiu também. Dava para notar pela forma como seus olhos mudaram de formato e escureceram, ao mesmo tempo que estremeci.

Na época, já fazia um tempo que eu estava saindo com Chris, e nunca senti aquele tipo de eletricidade me atravessar. O tipo que não deixa você apenas ofegante, mas também com medo de que vai morrer sufocada se não se afastar. Eu queria escorregar com Jonah para o fundo da piscina e usar sua boca para suprimir meu ar.

O pensamento me assustou. Tentei me afastar, mas Jonah continuou segurando meus braços. Seus olhos imploravam, como se ele soubesse que, no instante em que eu saísse dali, nunca mais nos tocaríamos daquele jeito. Então continuei onde estava. E nos olhamos.

Foi só isso que aconteceu.

Nada foi dito. E, além da forma como ele me segurava pelas pernas por baixo da água para me manter flutuando, eu não diria nem que a gente se tocou de um jeito inapropriado. Se Chris tivesse visto, não veria problema nenhum. Se Jenny tivesse visto, não ficaria irritada.

Mas apenas porque os dois não sentiam o que se passava entre nós. Não ouviam tudo que não era dito em voz alta.

Alguns segundos depois, Chris voltou para a área da piscina e mergulhou. Jonah desenroscou a perna da minha, mas não soltou meus braços. As ondas do mergulho de Chris balançaram a boia, mas nosso olhar não foi quebrado. Nem quando Chris emergiu ao meu lado e jogou água em nós.

Ele me agarrou pela cintura, me puxando para longe da boia. Meus braços começaram a escorregar dos de Jonah, e eu o vi se retrair quando meus dedos

deslizaram dos seus e o deixaram sozinho.

Não havia mais o toque entre mim e Jonah. Chris me segurava, pressionando a boca contra a minha, e eu sabia que Jonah observava nosso beijo.

Naquele momento, me senti tão culpada. Mas não por causa do momento que compartilhamos. Por algum motivo, parecia que eu *traía* Jonah. O que não fazia sentido.

Sai da piscina logo depois. Em segundos, Jenny sacava a câmera, pedindo que a gente posasse para uma foto. Lembro que, depois da primeira, olhei para Jonah. Ele me encarava de um jeito que parecia rachar meu peito. Não entendi a sensação na época. Achei que fosse apenas atração. Um garoto querendo beijar uma garota. Porém, assim que Jenny bateu a segunda foto, Jonah saiu irritado, entrando na casa.

Suas ações me confundiam, e eu queria lhe perguntar sobre o que tinha acontecido, mas nunca fiz isso. Algumas semanas depois, descobri que estava grávida.

E então Jonah Sullivan foi embora.

Encaro a fotografia. A que Jonah olha para mim. Finalmente entendo sua expressão. Não é atração nem desdém.

É angústia.

Devolvo as fotos para a caixa e coloco a tampa no lugar. Eu a encaro, me perguntando o que teria acontecido se ele não tivesse ido embora.

Se Jonah tivesse ficado, será que acabaríamos como Jenny e Chris? Não quero pensar que faríamos isso. Que nos encontraríamos escondido, traindo as pessoas que mais amávamos.

Fiquei com tanta raiva dele por ir embora, mas agora entendo. Era necessário. Jonah sabia que, se ficasse, outras pessoas acabariam magoadas.

Desde sua volta, eu o evitei porque acreditei que meus sentimentos por ele deviam ter ficado no passado. Aquilo era para ser uma paixonite adolescente que acabou depois que fui morar com Chris.

Menti para mim mesma, fazendo de tudo para me convencer de que a única coisa que Jonah despertava em mim era raiva.

Mas sou uma péssima mentirosa. Sempre fui.

Bato de leve à porta da frente. Se Elijah estiver dormindo, não quero acordá-lo.

Dou um passo para trás, me abraçando. Uma brisa leve sopra ao meu redor, mas não sei se os calafrios nos meus braços são causados pelo vento ou por ver Jonah abrir a porta. Ele usa uma calça jeans azul e só. Seu cabelo está molhado e bagunçado. Seus olhos me puxam, como sempre. Porém, dessa vez, não me forço a desviar o olhar.

— Sim — digo.

Ele olha para mim, perplexo.

— Eu fiz uma pergunta?

Assinto.

— Você me perguntou se eu teria largado Chris se não tivesse engravidado. Minha resposta é sim.

Jonah me encara, intenso, e então é como se a parede invisível que sempre o protegeu de mim de repente desaparecesse. Ele se torna uma pessoa completamente diferente. Seus traços ficam mais suaves, os ombros relaxam, os lábios se afastam, o peito sobe e desce, soltando o ar devagar.

— Foi só por isso que você veio aqui?

Faço que não com a cabeça e dou um passo para a frente. Meu coração bate tão rápido que quero virar e correr, mas sei que o único antídoto para a agonia que sinto é Jonah. Quero saber como é a sensação de estar nos seus braços. De estar *com* ele. Esse tempo todo, nunca me permiti imaginar. Agora, quero sentir.

Minhas mãos pendem ao lado do corpo agora. Jonah ergue um dedo, enroscando-o em um dos meus. Um choque elétrico cria um redemoinho no meu peito, e então um calafrio desce pelo meu braço. Os de Jonah estão arrepiados também. O arrepio passa por seu peito e seu pescoço. Deslizo minha mão inteira para dentro da sua, e ele a aperta.

— Posso me arrepender amanhã — aviso.

Jonah dá um passo para a frente, levando a mão livre para minha nuca, me puxando até sua boca. Antes de nossos lábios se encontrarem, seu olhar analisa meu rosto.

— Mas não vai.

Ele me puxa para dentro e fecha a porta. Então me encosta contra a madeira, e sinto como se eu estivesse sendo engolida pelo fogo quando sua boca finalmente toca a minha. É tudo que sempre me recusei a sentir. Nosso beijo na noite passada foi inacreditável, mas este o faz parecer uma mera amostra do que estava por vir.

Jonah pressiona o corpo todo contra o meu, e parece que uma vida inteira de angústia é acalmada com cada toque de seus dedos em minha pele. Com cada movimento da sua língua, com cada som que escapa de nossa garganta. Nós vamos parar no sofá, ele por cima de mim, minhas mãos acariciando suas costas, sentindo os músculos enrijecerem e se mexerem sob minhas palmas.

É como se estivéssemos compensando todos os anos que não nos sentimos assim. Passamos dez minutos nos beijando feito adolescentes. Explorando um ao outro, provando um ao outro, se esfregando um no outro.

Depois de um tempo, preciso virar o rosto para me afastar, só para recuperar o fôlego. Estou tonta. Jonah pressiona a testa contra minha bochecha e puxa todo ar que acabei de roubar.

— Obrigado — sussurra ele, ofegante. Então fecha os olhos e leva a boca à minha orelha. Sua respiração é quente, soprando meu pescoço. — Eu precisava saber que não era maluco. Que as coisas que sentia não estavam apenas na minha cabeça.

Puxo sua boca de volta para a minha. O beijo agora é devagar; depois, ele baixa a cabeça até meu pescoço de novo e suspira.

— Aquele dia na piscina — sussurro. — Você lembra?

Uma risada baixinha bate contra minha pele.

— Estou procurando por aquela sensação desde que Chris afastou você de mim.

Quero dizer *"eu também"*, mas estaria mentindo. Eu não procurei de forma alguma por aquela sensação. Passei todos os anos do meu casamento tentando *esquecê-la* — tentando fingir que conexões assim não existiam de verdade. Sempre que eu me pegava pensando naquele dia, colocava a culpa em outras coisas. No calor. No sol. No cloro da piscina. No álcool que pegávamos escondido da despensa de Jonah.

Ele se afasta e pega minha mão, me ajudando a levantar. Então, em silêncio, me guia para o quarto. Estamos nos beijando enquanto Jonah me conduz até a cama, e adoro sua falta de pressa. Ele não tira nem uma peça de roupa minha. Apenas me beija em todas as posições. Com ele por cima, comigo por cima, com nós dois de lado. A gente fica se agarrando, e me sinto do jeito que torci para me sentir.

Jonah se inclina sobre mim, descendo a boca por meu pescoço. Sua respiração é quente contra a base da minha garganta quando ele diz:

— Estou com medo.

Essas palavras me causam um calafrio. Ele para de me beijar e pressiona a bochecha contra meu peito.

Passo os dedos por seu cabelo.

— De quê?

— Da sua necessidade de proteger Clara. — Jonah me olha. — Da minha necessidade de ser sincero com Elijah. Nós não pensamos igual, Morgan. Passei tempo demais esperando para a gente acabar ficando junto só por uma noite, mas não tenho certeza de que você quer a mesma coisa que eu.

Jonah se empurra para cima no colchão, deslizando a mão por baixo da minha blusa, pressionando a palma contra minha barriga. Eu olho para cima, e juro que o teto parece estar pulsando no ritmo das batidas do meu coração.

— Não sei o que quero. — Nossos olhares se encontram, e eu sei, *sim*, o que quero. Estou mentindo. Sei *exatamente* o que quero. Só não sei se é possível. — Ela nunca vai entender. E o que a gente diria a Elijah?

— Nós contaríamos a verdade. Você acha mesmo que é melhor para Clara acreditar que *nós* somos os vilões da história?

— Você viu como ela ficou arrasada por causa de um beijo. Imagina se descobrisse sobre Elijah, sobre o que Jenny e Chris fizeram... Seria imperdoável.

Vejo um vislumbre de compreensão no seu rosto, mas Jonah balança a cabeça.

— Então... — Ele deita de costas. — Chris e Jenny podem ter um caso. Podem mentir para mim sobre ser pai de uma criança. Podem ser ídolos eternos para Clara. E, enquanto isso, nós dois precisamos ficar de boca calada, vivendo separados e arrasados, por causa de algo que a gente não fez?

— Sei que não é justo. — Eu me apoio no cotovelo e o encaro. Toco seu maxilar tenso e o forço a encontrar meu olhar sério. — Chris foi um marido de merda. Foi um amigo de merda para você. Mas era um ótimo pai. — Aliso os lábios dele, implorando com olhos lacrimosos. — Se ela descobrir que Elijah não é seu, vai ficar arrasada. *Por favor,* não conte a ele. Seu filho não conhece outro pai além de você. Não seria o mesmo que Clara descobrir sobre Chris. Se for para proteger minha filha desse sofrimento, vou levar o segredo para o túmulo.

Jonah vira a cabeça, se afastando do meu toque. A rejeição dói.

— Não penso como você. Não quero mentir para Elijah.

Deito na cama. Mais lágrimas surgem. Eu não devia ter vindo aqui. Foi uma péssima ideia. Passei tanto tempo ignorando e mantendo enterrado esse desejo terrível por Jonah. O que seriam mais cinquenta anos?

— A gente precisa resolver isso. Chegar a um consenso — diz ele. — Quero ficar com você.

— Por isso estou aqui. Para ficarmos juntos.

— Eu não te quero apenas assim.

Fecho os olhos com força por um instante, pensando no que isso significaria. Apesar da infidelidade de Chris, me sinto culpada por estar aqui, na cama de Jonah. Foi tão gostoso beijá-lo enquanto eu não pensava no que estava fazendo. Foi a melhor sensação que tive em muito, muito tempo. Mas, agora que ele me obriga a encarar os rumos que vamos tomar, me sinto arrasada de novo.

Olho nos seus olhos.

— Você diz que está disposto a acabar com todas as lembranças boas que minha filha tem do pai. Mas, na mesma conversa, fala que me quer de outro jeito? Que eu me apaixone por você?

— Não — responde Jonah. — Não estou pedindo para que se apaixone por mim, Morgan. Você já me ama. Só quero que me dê uma chance.

— Eu *não* te amo.

Giro para o outro lado da cama, para longe dele. *Preciso ir embora.*

Começo a me levantar, mas Jonah pega meu braço e me puxa para a cama, de costas.

Pressiono seu peito para afastá-lo, mas ele está em cima de mim agora, me encarando com um olhar familiar. Instantaneamente fico imóvel. Aquele olhar faz com que eu perca as forças. É igual ao da foto. Cheio de angústia.

Ou talvez Jonah fique assim pelo fato de amar tanto uma pessoa a ponto de doer.

De repente, não sinto mais a necessidade urgente de ir embora. Relaxo embaixo dele, nele, ao seu redor. Puxo o ar quando ele baixa a boca até minha mandíbula, arrastando os lábios lentamente até minha orelha.

— Você me ama.

Balanço a cabeça.

— Não amo. Não é por isso que estou aqui.

Jonah me beija um pouco abaixo da orelha.

— Ama, sim — enfatiza ele. — Só consegue esconder bem, mas me dizia isso em todas as conversas silenciosas que já tivemos.

— Conversas silenciosas não existem.

Jonah me olha nos olhos de um jeito que nenhum outro homem já fez. Então, baixa a cabeça e apoia a boca na minha.

— Está tudo bem, não precisa dizer em voz alta. Eu te amo também.

Quando seus lábios se fecham sobre os meus, há uma intensidade no beijo que faz com que eu me perca.

A noção de que sou a primeira escolha de Jonah — talvez até sua *única* escolha — torna todos os seus olhares, toques e todas as palavras capazes de me afetar em um nível que Chris jamais conseguiu. Um nível que sinto tão fundo na minha alma que desejo mais do que toda satisfação que o beijo causa.

Quando ele se posiciona entre minhas pernas, solto um gemido em sua boca e o puxo para mais perto.

Esqueço tudo. Os únicos pensamentos que tenho se limitam a esse momento. Como suas mãos são grossas ao tirar minha blusa. Como seus lábios parecem macios ao encontrar meus seios. Como seus movimentos se tornam suaves ao tirar o jeans. Como nossos gemidos estão sincronizados quando nossa pele finalmente se toca. Como seus olhos são intensos ao me penetrar.

É uma completude que nunca senti antes.

Parece que Jonah sabe exatamente onde me tocar, a intensidade da suavidade, da firmeza, e onde quero seus lábios. É como se ele fosse um professor do meu corpo, e me sinto como uma aluna inexperiente, tocando-o com cuidado, sem saber se meus dedos ou lábios são capazes de retribuir um décimo do que ele me proporciona.

Pressiono a boca contra seu ombro e sussurro:

— Eu nunca estive com ninguém além de Chris.

Jonah está enterrado em mim quando para de repente e se afasta. Nossos olhos se encontram, e ele sorri.

— Eu nunca *quis* estar com ninguém além de você.

Então me beija com carinho, e é assim que se mantém — me beijando, entrando e saindo de mim devagar, até eu não aguentar mais me controlar. Puxo-o para perto para enterrar o rosto contra seu pescoço quando acontece.

Termino primeiro, um momento explosivo de emoções, prazer e anos de supressão finalmente vindos à tona. Meu corpo treme, minhas unhas descem arranhando suas costas quando ele geme contra minha bochecha, estremecendo sobre mim.

Calculo que seja o fim, com ele recuperando o fôlego e, então, girando para fora de mim com um suspiro. Nos últimos dezessete anos de sexo com Chris, era assim que sempre terminava.

Mas Jonah não é Chris, e preciso parar de comparar os dois. *É injusto com Chris.*

Ele segura meu rosto com delicadeza enquanto continuamos a nos beijar. Sinto o que houve entre nós ainda não acabou. Agora que conheci esse lado de Jonah, não sei como vou conseguir viver sem ele.

Isso me assusta, mas estou satisfeita demais para interromper sua boca que se move sobre a minha, passando pela garganta, finalmente parando no meu peito, quando calmamente ele apoia a cabeça. Passamos os próximos minutos esperando a eletricidade entre nós diminuir.

Jonah passa a mão pela minha barriga e começa a alisar preguiçosamente minha pele.

— Eu topo.

Sinto minha respiração falhar.

Ele se apoia em um cotovelo, pairando sobre mim.

— Não vou contar a Elijah. Se você prometer que não colocará um ponto final em nós e que dirá a Clara que quer ficar comigo, não vou contar. — Jonah afasta meu cabelo e me encara com um olhar cheio de sinceridade. — Você tem razão. Clara merece todas as boas lembranças que tem de Chris. Não quero tirar isso dela.

Sinto uma lágrima escorrer até meu cabelo enquanto olho para ele.

— Você também tem razão — sussurro. — Eu te amo *mesmo*.

Jonah sorri.

— Eu sei. É por isso que estamos pelados.

Solto uma gargalhada. Jonah me puxa para cima dele, e, ao encará-lo, percebo que nunca senti como se eu pertencesse a uma pessoa mais do que pertenço a Jonah Sullivan.

30

Clara

Lexie coloca os pés sobre a mesinha de centro, quase derrubando uma das garrafas de vinho.

— Deixa eu ver se eu entendi: Sua mãe está dormindo com o tio-professor?

Solto um soluço. Então assinto.

— Com o noivo da irmã morta dela?

Concordo de novo.

— Eita. — Lexie se inclina e pega mais vinho. — Não estou bêbada o suficiente para isso.

Então toma um gole direto do gargalo. Pego a garrafa, não porque acho que ela esteja exagerando, mas porque desconfio que eu também não esteja bêbada o suficiente. Tomo um gole e prendo a garrafa entre as pernas, segurando o gargalo.

— Há quanto tempo isso está rolando? — pergunta Lexie.

Dou de ombros.

— Impossível saber. Ela está lá agora. A gente tem aquele aplicativo, e ele mostra que ela está. Lá. Com ele.

— Desgraçados — diz Lexie. Depois que o insulto sai de sua boca, ela parece se animar de repente, pulando no sofá. Então perde o equilíbrio, mas se segura antes de cair. — E se a sua mãe e Jonah *causaram* o acidente para ficar juntos?

— Que ideia ridícula.

— Estou falando sério, Clara! Você não assiste a esses programas sobre assassinatos?

Gesticulo para a televisão.

— Não temos mais tevê a cabo.

Ela começa a andar pela sala, um pouco cambaleante, mas sem cair.

— E se foi tudo um plano? Quero dizer, pense um pouco. Seu pai e Jenny estavam juntos no acidente. *Por que* estavam juntos?

— O pneu do meu pai furou. Os dois trabalhavam no mesmo lugar. Jenny lhe deu carona.

Os dois morreram por causa das mensagens que mandei, mas guardo essa parte para mim.

Lexie estreita os olhos e estala os dedos, como se tivesse acabado de resolver o caso.

— Pneus furados podem ser forjados.

Reviro os olhos, pego meu garfo e tiro outro pedaço do bolo sobre a mesa de centro. É o bolo de aniversário mais triste que já tive. Nem um pedaço foi cortado. Há apenas buracos enormes no centro e nas laterais. Falo de boca cheia:

— Minha mãe é uma pessoa horrível. Mas não é uma assassina.

Lexie ergue a sobrancelha.

— E o tio-professor? Faz pouco tempo que ele apareceu. A gente sabe onde ele estava antes? O homem pode ter deixado um rastro de corpos para trás.

— Você assiste à televisão demais.

Ela se aproxima, batendo os pés, e se inclina para a frente, aproximando seu rosto do meu.

— Assisto a programas com casos *reais*! Crimes que foram cometidos de verdade! Essas coisas acontecem, Clara. Com mais frequência do que você pode imaginar.

Enfio uma garfada de bolo na boca de Lexie, para fazê-la ficar quieta.

Mas foi um desperdício, porque, assim que a porta se abre, emudecemos diante da chegada repentina da minha mãe.

Devagar, Lexie começa a se abaixar até a mesinha de centro.

— Oi, Morgan — diz ela, fazendo o máximo possível para parecer sóbria.

Poderia ter funcionado se Lexie não estivesse levantando as pernas e esticando as costas em um movimento estranho diante da mesinha, ao tentar esconder as garrafas de vinho. Seu corpo inteiro está duro e contorcido. Fico grata pelo esforço, mas Lexie superestima a burrice da minha mãe.

Ela fecha a porta e nos encara com um olhar decepcionado. E nota as garrafas sobre a mesa, apesar da tentativa de Lexie de entrar na frente para esconder. Minha amiga não percebeu que também estou com uma garrafa no colo. Não dá para escondê-la agora.

Os olhos de minha mãe se focam em mim.

— *Sério*, Clara?

Sua voz é inexpressiva. Nem um pouco surpresa. Como se nada que eu fizesse fosse surpreendê-la a essa altura.

— Eu já estava indo para casa — diz Lexie, se afastando da mesa.

Ela começa a seguir para a porta, mas minha mãe estica a mão.

— Passe suas chaves.

Lexie gira a cabeça, gemendo. Então tira as chaves do bolso e as entrega.

— Isso significa que posso dormir aqui?

— Não. Chame sua mãe para vir te buscar. — Ela me encara. — Limpe essa bagunça. — E leva as chaves de Lexie para a cozinha.

Minha amiga pega o celular.

— Sério? Você vai me *deixar* aqui? Ela pode ser uma assassina — sussurro.

Não acho que isso seja verdade, mas realmente não quero ficar sozinha com minha mãe assim. Não tenho medo quando ela fica com raiva. Mas, agora, só parece irritada. E isso me assusta. É um comportamento inesperado, o que significa que não sei o que me aguarda.

— O Uber vai chegar em dois minutos — informa Lexie, guardando o celular no bolso. Ela se aproxima e me abraça. — Desculpe, mas não quero ficar para ver o que vai acontecer. Ligue para mim se ela assassinar você, está bem?

— Está bem — respondo, fazendo beicinho.

Lexie vai embora, e olho para a mesinha, pego uma garrafa e começo a beber. Estou no último gole quando ela é arrancada de minhas mãos.

Olho para minha mãe, e talvez seja o efeito do álcool. *Deve* ser o álcool. Mas eu a odeio tanto que nem sei se ficaria triste caso ela morresse. Sempre que a encaro, me pergunto sobre o caso dos dois. Teria começado antes de sua irmã engravidar? Ela já estaria dormindo com Jonah enquanto ele acompanhava tia Jenny nas ultrassonografias?

Sempre pensei que minha mãe fosse uma péssima mentirosa, mas ela é melhor que todo mundo. Até de mim, que sou a atriz da família.

— Então — digo com um tom muito despreocupado. — Há quanto tempo você está trepando com Jonah?

Minha mãe é obrigada a respirar fundo para se acalmar. Seus lábios se apertam de raiva. Não sei se já tive medo de levar uma bofetada antes, mas dou um passo para trás, porque ela parece irritada o suficiente para me acertar.

— Cansei desse comportamento, Clara. — Ela pega a outra garrafa de vinho e os copos vermelhos de plástico que eu e Lexie usamos no início. Quando se empertiga, me olha nos olhos. — Eu *nunca* teria feito uma coisa dessas com Jenny. *Nem* com seu pai. Não me ofenda assim.

Quero acreditar nisso. Eu *meio* que acredito, mas estou bêbada, então minha capacidade de julgar as coisas foi afetada. Ela vai para a cozinha, e vou atrás.

— Era lá que você estava?

Minha mãe me ignora enquanto começa a jogar o pouco que resta do vinho pelo ralo.

— O que você estava fazendo na... — Estalo os dedos, tentando pensar na palavra que usamos para o lugar onde as pessoas moram. Palavras são difíceis agora. — Casa de Jonah! — digo, finalmente. — Por que você estava na casa dele agora?

— A gente precisava conversar.

— Vocês não conversaram. Vocês transaram. Eu sei. Sou especialista nisso agora.

Minha mãe não nega a acusação. Em vez disso, joga as garrafas vazias no lixo, depois encontra a última que sobrou na cozinha e tira sua rolha antes de jogar o líquido na pia.

Estico os braços para ela, batendo palmas.

— Pensando no futuro, saquei. Bom trabalho. *Boa* mãe.

— Bem, não posso confiar e deixar muita coisa por perto, com você nesta situação. Então, não tenho opção.

Quando a garrafa seca, ela a joga no lixo e volta para a sala. Então pega meu celular na mesa. Eu a sigo pelo corredor, apesar de ficar batendo com o ombro na parede. Palavras são difíceis, e andar é mais difícil ainda. Depois de um tempo, me apoio na parede para me equilibrar até chegar ao quarto. Minha mãe está lá dentro, pegando coisas.

Minha televisão.

Meu iPad.

Meus livros.

— Você vai me deixar de castigo dos *livros*?

— Livros são um privilégio. Você pode se esforçar para recuperá-los.

Ah, meu Deus. Ela está tirando tudo que me traz alguma gota de felicidade. Vou batendo os pés até o canto onde, pela manhã, joguei minha almofada favorita. Ela tem lantejoulas roxas e pretas, e gosto de usá-la para fazer desenhos com os dedos. Às vezes, desenho palavrões. É divertido.

— Aqui — digo, entregando-a. — Esta almofada me traz muita alegria também. É melhor levá-la.

Minha mãe a arranca da minha mão, e então procuro outras coisas. É como se estivéssemos em um episódio de Marie Kondo ao contrário. *Traz alegria? Jogue fora!*

Meus fones de ouvido estão na mesa de cabeceira, então os pego.

— Gosto desses. Não dá mais para usar, porque você pegou meu celular e meu iPad, mas talvez eu queira colocar nas orelhas, então leve os fones também! — Arremesso-os no corredor, onde ela coloca todas as minhas coisas. Tiro a coberta da cama. — Meu edredom me esquenta. Ele é gostoso e ainda cheira a Miller. Acho melhor eu me esforçar para recuperá-lo também.

Jogo-o no corredor atrás dela, em cima das minhas outras coisas.

Ela para na porta do quarto, me olhando. Vou até o closet e encontro meus sapatos favoritos. São botas, na verdade.

— Você me deu de Natal e, como aqui no Texas mal tem inverno, nunca uso. Mas adoro quando *consigo* usar, então é melhor levar antes que o inverno chegue!

Jogo-as no corredor, uma de cada vez.

— Pare de zombar, Clara.

Escuto meu telefone apitar. Minha mãe o tira do bolso, lê a mensagem, revira os olhos e o guarda de novo.

— Quem era?

— Não interessa.

— O que a mensagem dizia?

— Você saberia se não tivesse enchido a cara.

Argh. Volto para o closet e tiro uma das minhas blusas favoritas do cabide. Depois outra.

— Melhor levar essas blusas. Leve *todas* as minhas roupas, na verdade. Não preciso delas. Não posso sair de casa. E mesmo que pudesse, não tenho para onde ir, porque meu namorado terminou comigo no meu aniversário. Provavelmente porque minha mãe é maluca!

Jogo um monte de roupas no chão do corredor.

— Pare de ser dramática. Ele não terminou com você. Vá dormir, Clara.

Minha mãe fecha a porta do quarto.

Eu a abro.

— A gente terminou, *sim*! Como você saberia se a gente terminou ou não?

— Porque — explica ela, se virando para mim com uma expressão entediada — a mensagem era dele. Ela dizia *"Espero que você durma bem. Conversamos na escola amanhã."* Pessoas que terminaram não mandam mensagens assim. Nem emojis de coração.

Ela começa a se afastar pelo corredor, então vou atrás, porque preciso saber mais.

— Ele colocou um emoji de coração?

Minha mãe não responde. Só continua andando.

— De que cor era?

Ela me ignora.

— *Mãe!* Era vermelho? Era um coração vermelho?

Estamos na cozinha agora. Eu me apoio na bancada porque sinto algo girando dentro da minha cabeça. Uma onda. Agarro a bancada para me equilibrar, então arroto. Cubro a boca.

Minha mãe balança a cabeça, os olhos cheios de decepção.

— É como se você tivesse feito uma lista de formas de se rebelar e estivesse cumprindo uma de cada vez.

— Não tenho uma lista. Mas, se tivesse, você provavelmente a tiraria de mim também, porque gosto de listas. Listas me deixam feliz.

Minha mãe suspira, cruzando os braços sobre o peito.

— Clara — diz ela com uma voz gentil. — Querida. Como acha que seu pai se sentiria se visse você agora?

— Se meu pai estivesse vivo, eu não estaria bêbada — admito. — Eu o respeitava demais para fazer uma coisa dessas.

— Você não precisa parar de respeitá-lo só porque ele morreu.

— É, pois é. Nem *você*, mãe.

31

Morgan

O comentário de Clara me magoou.

Sei que ela bebeu uma garrafa inteira de vinho sozinha. As duas garrafas estavam completamente vazias. Mas, às vezes, o álcool torna as pessoas mais sinceras do que o normal, o que significa que ela acha mesmo que estou desrespeitando seu pai.

E me sento mortificada ao saber que minha filha acha que eu sou a errada da história.

Espero que passe. Sua raiva, sua rebelião, seu ódio de mim. Sei que ela nunca vai superar isso por completo, mas torço que, nos próximos dias, consiga encontrar uma forma de me perdoar. Tenho certeza de que isso vai acontecer quando a gente sentar para conversar, mas Clara ainda luta contra a ideia de eu e Jonah estarmos nos relacionando. Para ser sincera, *eu* também ainda luto.

Abro a porta mais uma vez para dar uma olhada antes de ir para o meu quarto. Clara está apagada. Sem dúvida, vai acordar com uma ressaca homérica, mas, por enquanto, parece tranquila.

Na verdade, estou meio que torcendo para que tenha uma ressaca. Talvez uma primeira experiência terrível com bebedeira seja a melhor forma de garantir que sua filha nunca mais beba, certo?

Escuto meu celular tocar, então deixo a porta de Clara entreaberta e vou para o quarto. De todas as vezes que Jonah me ligou, esta é a primeira que me sinto empolgada para ouvir sua voz. Sentada, me recosto na cabeceira e atendo.

— Oi.

— Oi — retribui ele.

Consigo ouvir um sorriso em sua voz.

Ficamos em silêncio por um instante, e percebo que ele só ligou para bater papo. Isso nunca aconteceu antes. É animador se sentir desejada.

Deslizo na cama para deitar.

— O que você está fazendo?

— Olhando para Elijah — responde Jonah. — É estranho como fico fascinado só de ver um bebê dormir.

— É sempre assim. Eu estava admirando Clara dormir quando você ligou.

— Que bom. Então as coisas melhoraram quando você voltou?

Eu rio.

— Ah, Jonah. — Pressiono a testa com a mão. — Ela está bêbada. Detonou duas garrafas e meia de vinho com Lexie enquanto eu estava aí.

— Não.

— Sim. Ela vai se arrepender amanhã.

Ele suspira.

— Eu queria poder dar algum conselho, mas não sei o que dizer.

— Pois é. Vou ligar para uma terapeuta de família. Eu já devia ter feito isso, mas antes tarde do que nunca.

— Clara vai à aula amanhã?

— Não sei se ela vai conseguir sair da cama.

Jonah ri, mas é uma risada compreensiva.

— Espero que os anos passem bem devagar antes de Elijah chegar a essa idade.

— Isso não vai acontecer. O tempo vai passar em um piscar de olhos.

Ficamos em silêncio por um tempo. Gosto de ouvir a respiração dele. Queria estar lá agora. Eu me cubro e viro de lado, apoiando o telefone na orelha.

— Quer saber uma das lembranças favoritas que tenho de você? — pergunta Jonah.

Sorrio.

— Que divertido.

— Foi na minha festa de formatura do último ano. Você estava no segundo. Lembra?

— Sim. Você foi com Tiffany Proctor. Passei a festa inteira me esforçando para não olhar enquanto vocês dançavam. Agora posso admitir que estava

morrendo de ciúmes.

— Então éramos dois — diz Jonah. — Chris estava animado com a festa, porque finalmente tinha reservado um quarto de hotel para vocês. Passei a noite toda tentando não pensar nisso. Quando chegou a hora de ir embora, ele estava bêbado.

— *Tão* bêbado — digo, rindo.

— Sim, e eu tive que dar carona para vocês. Deixei Tiffany primeiro, e ela ficou fula da vida. Quando chegamos ao hotel, a gente praticamente teve que arrastar Chris pelas escadas. E quando o colocamos no quarto, ele desmaiou bem no meio da cama.

Eu lembro de tudo isso, mas não sei por que essa é a lembrança favorita que Jonah tem de mim. Antes de conseguir perguntar o que aconteceu de tão especial naquele dia, ele continua a história:

— Você estava com fome, então pedimos pizza. Sentamos um em cada lado de Chris. Assistimos a um filme, *A bruxa de Blair*, até a pizza chegar, mas a gente queria deixar a caixa onde nós dois pudéssemos alcançar.

Sorrio ao lembrar.

— Usamos Chris como mesa.

— Botamos a pizza bem nas costas dele. — Escuto o humor na voz de Jonah. — Não sei por que me diverti tanto naquela noite. Quer dizer... era minha festa de formatura, e nem beijei ninguém. Mas passei a noite inteira com você, apesar de Chris estar desmaiado no meio de nós.

— Foi uma noite divertida. — Continuo sorrindo, tentando pensar em uma das lembranças favoritas que tenho de Jonah. — Ah, meu Deus. Você se lembra da noite em que a polícia parou a gente?

— Qual? A gente sempre era parado.

— Não lembro onde estávamos indo, ou se estávamos voltando, mas era tarde, na estrada vazia. Seu carro era uma merda, então Chris quis saber qual era a velocidade máxima que conseguia alcançar. Você estava a cento e quarenta quando a polícia apareceu. O policial foi até sua janela e perguntou: *"Você sabe qual era sua velocidade?"* Você respondeu: *"Sim, senhor. Cento e quarenta."* E o policial disse: *"Existe algum motivo para estar dirigindo quarenta quilômetros acima do limite?"* Você pensou um pouco e respondeu: *"Não gosto de desperdícios."* O policial ficou te encarando, e você apontou para o painel. *"Eu tenho esse velocímetro inteiro e, na maioria das vezes, não uso nem a metade."*

Jonah ri. Muito.

— Não acredito que você se lembre disso.

— Seria impossível esquecer. O cara ficou tão irritado que obrigou você a sair do carro para ser revistado.

— Tive que prestar serviços comunitários por causa daquilo. Passei três meses tirando lixo da estrada todo domingo.

— É, mas você ficava uma graça com seu colete amarelo.

— Você e Chris achavam hilário passar por lá e jogar latas de refrigerante vazias em mim.

— Foi ideia dele — digo, me defendendo.

— Duvido muito — respondeu Jonah.

Suspiro, pensando em todos os bons momentos. Não só com Jonah, mas com Chris também. E Jenny. Tantos momentos com Jenny.

— Sinto falta deles — sussurro.

— É. Eu também.

— Sinto falta de você — digo, baixinho.

— Também sinto sua falta.

Nós dois nos perdemos nessa sensação por um instante, e então escuto Elijah choramingar. Não dura muito. De algum jeito, Jonah deve ter feito o bebê voltar a dormir.

— Você acha que algum dia vai fazer um teste de paternidade? — pergunto.

Sei que Elijah é a cara de Chris, mas pode ser só coincidência. Ando curiosa para saber se Jonah quer alguma prova.

— Cogitei essa hipótese. Mas, sinceramente, seria jogar cem pratas no lixo. Ele é meu, nada vai mudar isso.

Meu coração parece dar cambalhotas no peito depois desse comentário.

— Meu Deus, eu amo você, Jonah.

Minhas palavras me chocam. Sei que já tínhamos dito isso antes, mas eu não pretendia repetir em voz alta agora. Simplesmente me senti assim, e escapou.

Jonah suspira.

— Você não sabe como é bom ouvir você falar assim.

— Foi bom falar. Finalmente. Eu amo você — sussurro de novo.

— Você pode repetir isso mais umas quinze vezes antes de eu desligar?

— Não, só mais uma. Estou apaixonada por você, Jonah Sullivan.

Ele geme.

— Que tortura. Queria que você estivesse aqui.

— Eu também queria estar aí.

Elijah começa a chorar de novo. Dessa vez, não para.

— Preciso preparar a mamadeira.

— Tudo bem. Dê um beijo nele por mim.

— A gente se vê amanhã?

— Não sei — admito. — Vamos ver o que acontece.

— Tudo bem. Boa noite, Morgan.

— Boa noite.

Quando desligamos, fico surpresa com o peso que sinto no peito. Passei tanto tempo lutando contra esses sentimentos, porém, agora que me abri, quero estar perto de Jonah. Quero estar em seus braços, na sua cama. Quero dormir ao seu lado.

Repasso mentalmente toda a nossa conversa enquanto tento dormir.

Mas um barulho me assusta. O som veio do quarto de Clara. Pulo da cama e atravesso o corredor correndo. Ela não está deitada, então abro a porta do banheiro. E a encontro ajoelhada, agarrando a privada.

Lá vamos nós.

Tiro uma toalha de mão do armário, molho-a e então ajoelho ao lado da minha filha. Seguro seu cabelo enquanto ela vomita.

Detesto que Clara tenha que passar por isso, mas também adoro. Quero que seja doloroso e que ela se lembre de cada segundo terrível da ressaca.

Alguns minutos depois, ela desaba sobre mim e diz:

— Acho que acabou.

Quero rir, porque sei que não acabou. Eu a ajudo a voltar para a cama, porque ainda está muito bêbada. Quando ela deita, noto que está se cobrindo só com um lençol. Vou até o quarto de hóspedes em que coloquei tudo que confisquei. Pego seu edredom, a almofada de lantejoulas e uma lixeira, e levo tudo de volta.

Enquanto a cubro, Clara murmura:

— Acho que tem vômito no meu nariz.

Eu rio e lhe entrego um lenço de papel. Ela assopra o nariz e joga o lenço na lixeira. Estou acariciando seu cabelo quando ela diz, com os olhos fechados:

— Nunca mais quero beber. — As palavras saem arrastadas. — Também detestei a maconha. Fedia tanto. Nunca mais quero vômito nas minhas narinas. É horrível.

— Que bom que você detestou — digo.

— Também detestei fazer sexo. Não quero fazer de novo por muito, muito tempo. A gente nem estava pronto. Ele tentou me convencer a mudar de ideia, mas não escutei.

Sei que Clara está bêbada, mas suas palavras me surpreendem. Como assim ele tentou convencê-la a mudar de ideia?

Foi *ela* que insistiu?

Ainda estou acariciando seu cabelo quando minha filha começa a chorar. Ela pressiona o rosto contra o travesseiro. Odeio que esteja se sentindo tão culpada pelo que aconteceu entre os dois, seja lá o que for.

— Está na cara que ele te ama, Clara. Não chore.

Ela balança a cabeça.

— Não é por isso que estou chorando. — Clara levanta a cabeça do travesseiro e olha para mim. — Estou chorando porque foi minha culpa. Eles morreram por minha culpa, e tento não pensar nisso, mas, quando deito minha cabeça no travesseiro, é impossível pensar em outra coisa. Todas as noites. Tirando uma vez, que cai no sono me perguntando por que ursos de pelúcia têm uma cara fofa, quando ursos de verdade são maus, mas, fora isso, não consigo pensar em nada além de que eles sofreram o acidente por minha causa.

— Do que você está falando?

Clara esconde o rosto no travesseiro de novo.

— Vá embora, mãe. — Antes de eu me mexer, ela levanta a cabeça de novo e diz: — Não, espere. Quero que você fique. — Ela chega para o lado, batendo no colchão. — Cante aquela música de quando eu era pequena.

Ainda estou tentando entender o que ela disse sobre o acidente ter sido culpa sua. Por que Clara acharia isso? Quero perguntar, mas ela está bêbada demais para ter uma conversa de verdade agora, então apenas subo na cama e tento acalmá-la.

— Que música?

— Você sabe, aquela música que cantava para mim quando eu era pequena.

— Eu cantava um monte de músicas. Acho que nunca tivemos uma específica.

— Cante outra, então. Você sabe alguma do Twenty One Pilots? Nós duas gostamos deles.

Eu rio e a puxo contra meu peito.

— Cante aquela da casa dourada — pede Clara.

Passo a mão por sua cabeça, em um gesto tranquilizante, e começo a cantar baixinho.

Minha filha assente enquanto canto, indicando que é a música certa.

Continuo cantando, fazendo carinho em seu cabelo, até a canção terminar e ela finalmente dormir.

Com cuidado, saio da cama e a observo. A versão bêbada de Clara é divertida. Eu preferia ter descoberto isso quando ela fosse maior de idade, mas pelo menos foi algo que aconteceu aqui, quando posso me certificar de que tudo está bem.

Ajeito o edredom em torno dela e lhe dou um beijo de boa-noite.

— Você está me enlouquecendo agora, Clara... mas, meu Deus, como eu te amo.

32

Clara

Nunca me senti tão mal na vida.

Eu provavelmente não devia ter vindo de carro para a escola, porque minha cabeça dói tanto que mal consigo manter os olhos abertos. Só que minha mãe confiscou meu celular, e quero e *preciso* conversar com Miller. Não me lembro direito do que aconteceu depois que Lexie chegou, mas com certeza me lembro do que aconteceu com Miller antes de ele ir embora. E me arrependo de tudo.

Quando vejo sua picape no estacionamento, saio do carro e me aproximo. Miller desliga o motor e abre a porta do passageiro. Não tenho ideia se ele continua irritado comigo, então a primeira coisa que faço ao entrar é deslizar pelo banco e abraçá-lo.

— Desculpe por eu ter agido feito uma maluca.

Ele me abraça de volta.

— Você não foi maluca.

Miller me afasta, mas só para ajeitar nossa posição. Depois de deslizar para o meio do banco, ele me puxa para seu colo, com as pernas ao seu redor, para olhá-lo nos olhos.

— Eu me senti mal por ter ido embora, mas estava chateado. Passei tanto tempo querendo ficar com você, só que prefiro que nosso tempo juntos signifique alguma coisa, não que aconteça por causa dos outros nem para irritar alguém.

— Eu sei. Desculpe. Estou me sentindo péssima.

Miller me puxa contra seu peito e esfrega minhas costas, me tranquilizando.

— Não quero que se sinta péssima. Eu te entendo. Você passou por muita coisa, Clara. Não quero que se estresse ainda mais por minha causa ou por nós. Só quero fazer parte de tudo que torna sua vida melhor.

Meu Deus, eu me sinto tão idiota. Que alívio e que sorte a minha por Miller ser tão compreensivo. Eu lhe dou um beijo na bochecha e o encaro.

— Isso significa que você não quer mais terminar comigo?

Ele sorri.

— Nunca quis. Eu só estava chateado.

— Que bom. — Beijo a palma da sua mão. — Porque vai ser muito ruim quando isso acontecer de verdade. Fiquei arrasada só de pensar por dois segundos que a gente ia terminar.

— Talvez isso nunca aconteça — diz ele, esperançoso.

— Infelizmente, as estatísticas não estão a nosso favor.

Ele alisa meu lábio inferior.

— Que chato. Vou sentir saudade de beijar você.

Assinto.

— Pois é. Eu beijo muito bem. Você nunca vai encontrar ninguém melhor.

Miller ri, e apoio a cabeça em seu ombro.

— Qual você acha que será o motivo para a gente terminar no futuro?

— Não sei — diz ele, seguindo minha conversa distraída. — Mas vai ter que ser bem mais dramático do que na noite passada, porque já estamos envolvidos demais.

— Vai ser — confirmo. — Extremamente dramático. Você provavelmente vai virar um músico famoso, se apaixonar pela fama e me deixar para trás.

— Eu nem sei tocar instrumento nenhum, e sou um cantor de merda.

— Então eu, provavelmente, vou virar uma atriz bem-sucedida. E apresentar você a uma das minhas colegas de cena mais famosa, que vai chamar mais sua atenção, e você vai querer tocar em todos os Oscars dela.

— Impossível. Esse tipo de pessoa não existe.

Sento direito para olhar o rosto dele.

— Talvez colonizem Marte, e eu queira me mudar para lá, e você prefira ficar aqui.

Ele balança a cabeça.

— Ainda vou te amar em um planeta diferente.

Paro de falar.

Miller disse *"Ainda vou te amar"*. Sei que não foi isso que ele quis dizer, mas abro um sorriso travesso.

— Isso quer dizer que você está apaixonado por mim?

Ele dá de ombros, mas então seus lábios se esticam em um sorriso tímido.

— Às vezes, acho que sim. Não sei se é isso tudo ainda. A gente não está junto há tanto tempo. Brigamos mais do que eu gostaria. Mas tenho essa sensação. Lá no fundo. Formigando. Que me faz perder o sono.

— Pode ser só a síndrome das pernas inquietas.

Miller sorri enquanto balança a cabeça devagar.

— Nada disso.

— Talvez esse seja o motivo para nosso término dramático. Você dizer que me ama rápido demais.

— Você acha que é rápido demais? Para mim, meio que parecia o momento perfeito. — Miller se inclina e me dá um beijo leve na bochecha. — Esperei três anos para ficarmos juntos. Se me apaixonar rápido demais vai estragar as coisas, então nem gosto de você. Na verdade, te odeio.

Sorrio.

— Também te odeio.

Ele entrelaça nossos dedos e sorri.

— Sério, talvez a gente não termine. Nunca.

— Mas desilusões amorosas fazem bem para o desenvolvimento do caráter. Lembra?

— Estar apaixonado também — responde Miller.

Que ótimo argumento. Acho tão bom que lhe dou um beijo de recompensa. Mas só um selinho, porque imagino que ele não ia gostar de colocar a língua na minha boca depois de ontem à noite.

— Eu e Lexie enchemos a cara depois que você foi embora. Estou com uma ressaca horrível, então acho que vou só voltar para casa. Minha dor de cabeça é do tamanho de Rhode Island.

— Rhode Island é um estado bem pequeno — diz ele.

— Então Nebraska.

— Ah. Bem, nesse caso, você devia ir mesmo para casa e deitar.

Eu lhe beijo de novo, na bochecha agora.

— Vou te dar um beijo melhor da próxima vez que nos encontrarmos. Mas passei a noite toda vomitando.

— Quando a gente vai se ver?

Dou de ombros.

— Venho à aula amanhã, mas acho que vou passar um bom tempo de castigo.

Miller prende uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, me dá um abraço e diz:

— Obrigado por vir falar comigo.

— Obrigada por me aturar.

Quando saímos da picape, ele me dá um último abraço. É reconfortante, e, no caminho para casa, penso em seus abraços. Nos abraços do meu pai. Nos abraços de Jonah. São todos ótimos.

Mas, para ser sincera, nenhum se compara com o da minha mãe. Nem com seus beijos. Não me lembro de muita coisa da noite passada, mas sei que ela me ajudou no banheiro. E, por algum motivo estranho, tenho a lembrança dela na minha cama, cantando uma música aleatória do Twenty One Pilots.

E me lembro dela dando um beijo na minha testa antes de dizer que me amava. Mesmo com dezessete anos, ainda sinto todos os cuidados da infância quando estou doente e minha mãe me socorre.

Acordei com meu edredom e minha almofada de lantejoulas. Isso me fez sorrir, apesar da dor de cabeça. Apesar da raiva.

Será que eu vou conseguir separar a raiva do amor? Não quero que seus atos com Jonah afetem meus sentimentos. Ela é minha mãe. Não quero odiá-la. Mas e se eu nunca conseguir perdoar tudo que fez?

Por outro lado, como posso ter certeza de que Jenny e meu pai não ficariam felizes por mamãe e Jonah? E se os dois, de alguma forma, fizeram isso acontecer do lugar onde estiverem?

E se minha raiva estiver interferindo com o plano?

Tenho muitas perguntas. Sei que não há respostas para a maioria. E isso só faz minha cabeça doer mais.

Quando finalmente entro em casa, minha mãe já está acordada. Ela está sentada no sofá com o laptop. Provavelmente procurando emprego. Ela olha para mim quando fecho a porta.

— Você está bem?

Assinto.

— Achei que fosse conseguir ir à aula, mas me enganei. Estou com uma dor de cabeça do Nebraska. — Aponto para o meu quarto. — Vou para a cama.

33

Morgan

Procurei no Google o que Clara falou hoje cedo, quando voltou para casa, *dor de cabeça do Nebraska*, mas não consegui descobrir o que significa. Talvez seja uma gíria, mas, se for, deve ser muito nova.

Eu me sinto muito produtiva hoje. Consegui uma entrevista para um cargo de secretária em uma imobiliária na próxima semana. Não é o ideal, porque o salário é baixo, mas já é um começo. A ideia de ser corretora de imóveis parece interessante, então achei que, se conseguir esse emprego, posso ver como as coisas funcionam e descobrir se é isso que quero estudar. Pesquisei formas de manter um emprego e ir para a faculdade ao mesmo tempo. Hoje em dia, há muito mais opções do que quando eu tinha dezoito anos. Se eu pudesse assistir às aulas à noite ou pela Internet quando Clara era mais nova, provavelmente teria terminado meu curso.

Eu vivia me martirizando, mas, na verdade, nem tudo foi culpa de Chris. Sempre soube que ele não era invencível. Eu poderia muito bem ter frequentado a faculdade por meio período para me preparar caso alguma coisa acontecesse. E tenho uma sorte enorme por ele ter feito um seguro de vida que me dará tempo de me reorganizar.

Enquanto eu dava uma olhada nos meus documentos no quarto, encontrei meu quadro de aniversário, que preenchi com Clara na véspera da morte de Chris. Nunca o recoloquei no lugar porque o dia seguinte mudou tudo. De algum jeito, ele foi parar embaixo da minha cama. Lembrei que ainda precisamos

fazer o de Clara. Sei que ela provavelmente não vai se empolgar, mas é uma tradição, então, quando escuto seus passos e o chuveiro sendo ligado, pego as canetinhas e as coloco na mesa. Depois preparo uma tábua de frios e frutas e a posiciono ao lado do seu quadro de aniversário; duvido que ela esteja com fome, mas precisa comer alguma coisa.

Quando minha filha finalmente sai do quarto, estou na mesa com o laptop. Clara encara o quadro de aniversário. Fecho o computador, e, surpreendentemente, ela se aproxima da mesa e senta sem reclamar. Então enfia uma uva na boca. Fazemos contato visual, mas as duas continuam em silêncio. Clara pega uma canetinha azul e eu, a roxa.

Ela encara o quadro — todas as coisas que escrevemos com o passar dos anos. É gostoso ver como sua caligrafia evoluiu com o tempo. O primeiro objetivo foi escrito em giz de cera verde, errado. *Buneca da Americun Gurl*. Era mais um desejo do que um objetivo, mas Clara era pequena. Com o tempo, aprendeu a diferença.

Ela começa a escrever. Não é uma coisa só. São várias. Quando termina, me inclino e leio a lista.

1. *Quero que minha mãe enxergue meu namorado por quem ele realmente é.*
2. *Quero que minha mãe seja sincera comigo, e quero ser sincera com ela.*
3. *Quero ser atriz, e quero que minha mãe apoie esse sonho.*

Clara tampa a canetinha, enfia outra uva na boca e vai pegar uma bebida na cozinha.

Seus objetivos me fazem suspirar. Posso lidar com o primeiro. Posso fingir lidar com o segundo. Mas o terceiro é difícil. Talvez eu seja realista demais. Prática demais.

Também sigo para a cozinha e a encontro se servindo de um copo de água com gelo. Ela pega duas aspirinas e as engole.

— Sei que você quer que eu estude algo mais prático, mas pelo menos não vou fugir para Los Angeles sem ter um diploma — diz ela. — E preciso começar a pesquisar faculdades logo. Preciso saber o que podemos bancar sem papai.

— E se a gente chegar a um meio-termo? E se você estudar algo mais realista, tipo psicologia ou contabilidade, e, depois que se formar, se mudar para Los

Angeles e fazer testes para papéis enquanto tem um emprego *de verdade*?

— Ser atriz *é* um emprego de verdade — diz Clara. Ela volta para a mesa e senta, escolhendo um pedaço de queijo. E mastiga enquanto fala: — Pelos meus cálculos, minha vida pode seguir três rumos.

— Que seriam?

Ela levanta um dedo.

— Eu me formo em teatro na Universidade do Texas. Tento virar atriz. Faço sucesso. — Clara levanta o segundo dedo. — Ou me formo em teatro na Universidade do Texas. Tento virar atriz. Fracasso. Mas pelo menos segui meus sonhos e posso bolar outro plano. — Ela ergue o terceiro dedo. — Ou. Sigo *seus* sonhos, me formo em algo que acho um saco e passo o restante da vida culpando você por não me incentivar a seguir meus sonhos.

Ela baixa a mão e se recosta na cadeira. Eu a encaro por um instante, pensando em tudo que acabei de ouvir. Enquanto a encaro, percebo que algo aconteceu. Não sei quando, nem se foi gradual ou do dia para a noite, mas Clara mudou de verdade.

Ou talvez tenha sido eu que mudei.

Mas ela tem razão. Os sonhos que tenho para sua vida não chegam nem perto de serem tão importantes quanto os sonhos que ela tem para si mesma. Pego minha canetinha e puxo o quadro de aniversário. Escrevo: *"Meus sonhos para Clara < Os sonhos de Clara para si mesma."*

Ela lê e sorri. Então pega outro pedaço de queijo e começa a se levantar da mesa, mas ainda não terminei. Sinto que posso não conseguir outra chance de conversarmos assim por um tempo.

— Clara, espere. Quero falar com você sobre uma coisa.

Ela não senta de novo. Só aperta o encosto da cadeira — sinal de que não quer que a conversa dure muito.

— Ontem à noite, você me disse algo que quero entender. Pode ter sido efeito do álcool, mas... você se culpou. Disse que o acidente foi culpa sua. — Balanço a cabeça, confusa. — Por que você pensaria uma coisa dessas?

Eu a vejo engolir em seco.

— Falei isso?

— Você falou um monte de coisas. Mas essa pareceu deixar você bem chateada.

Os olhos de Clara imediatamente se enchem de lágrimas, mas ela solta a cadeira e se vira.

— Não sei por que falei isso. — Sua voz engasga enquanto ela sai da sala e segue para o quarto.

Dessa vez, sei que minha filha está mentindo.

— Clara. — Levanto e vou atrás dela.

Eu a alcanço antes de entrarmos no corredor. Quando a viro, Clara está chorando. É de partir o coração ver minha filha tão triste, então a puxo para perto, lhe dando um abraço, tentando acalmá-la.

— Eu estava trocando mensagens com tia Jenny quando o carro bateu — diz Clara, agarrada a mim como se tivesse medo de me soltar. — Não sabia que ela estava dirigindo. A gente estava conversando, e, de repente... as mensagens pararam.

Os ombros da minha filha tremem.

Não acredito que pense que a culpa foi dela.

Eu me afasto e seguro seu rosto com as mãos.

— Jenny não estava dirigindo, Clara. Você não tem culpa.

Ela me encara, chocada. Descrente. Então balança a cabeça.

— O carro era dela. Você me disse... no hospital, você me disse que tia Jenny deu carona para papai.

— Eu sei que disse, mas juro que era seu pai quem estava dirigindo. Ele dirigia o carro de Jenny. Eu jamais teria dito isso se soubesse que você se culparia.

Clara dá um passo para trás, completamente confusa. Ela seca os olhos.

— Mas por que você mentiu? Por que falou que tia Jenny estava dirigindo, quando não estava?

Eu me dou conta de que não tenho ideia de como recuperar minha mentira. Também não tenho uma desculpa. Sou uma péssima mentirosa. *Merda*. Dou de ombros, tentando diminuir o que fiz.

— É só que... talvez eu estivesse confusa? Não lembro. — Dou um passo na direção de Clara e aperto suas mãos. — Mas juro que estou contando a verdade agora. Sua tia Jenny estava no banco do passageiro. Se você não acreditar em mim, posso mostrar o boletim de ocorrência do acidente, mas não quero que continue achando que a culpa foi sua.

Clara parou de chorar. Ela me encara com desconfiança.

— Por que papai estava dirigindo o carro de tia Jenny?

— O pneu do carro dele furou.

— Não furou, não. Você está mentindo.

Balanço a cabeça, mas sinto minhas bochechas esquentarem. Meu coração dispara. *Deixe isso para lá, Clara.*

— Por que os dois estavam juntos, mãe?

— Porque estavam. Seu pai precisava de carona.

Viro para a mesa. Talvez se eu me distrair limpando as coisas, não chore. Porém, quando chego à mesa, minhas lágrimas de medo começam a escorrer. Esta é a última coisa que eu queria. A *última*.

— Mãe, o que você não me contou?

Clara está ao meu lado agora, exigindo respostas.

Eu viro para ela, desesperada.

— Pare de fazer perguntas, Clara! *Por favor*. Só aceite o que eu disse e nunca mais fale disso.

Ela dá um passo para trás, como se tivesse levado um tapa. E leva a mão à boca.

— Os dois tinham... — Seu rosto está completamente sem cor. Até os lábios. Ela senta em uma cadeira e encara a mesa por um instante. Então: — Onde está o carro do papai? Se foi só um pneu furado, por que a gente nunca o pegou de volta?

Nem sei como responder. Ela continua.

— Por que você não quis fazer os funerais juntos? Os dois tinham basicamente os mesmos amigos e parentes, então faria mais sentido, só que você parecia tão irritada e ficou insistindo para serem separados. — Clara cobre o rosto com as mãos. — Ah, meu Deus. — Quando ela me encara de novo, seus olhos imploram. E sua cabeça balança de um lado para o outro. — Mãe?

Minha filha me fita com medo.

Estico o braço por cima da mesa. Quero protegê-la desse golpe, mas Clara corre para o quarto. Ela bate a porta, e eu preciso de um momento para ir atrás dela. Agarro o encosto da cadeira e me inclino, tentando respirar devagar — me acalmar. *Eu sabia que isso acabaria com ela.*

Clara abre a porta do quarto. Olho para cima, e ela vem correndo, cheia de mais perguntas. Sei exatamente como é essa sensação, porque continuo com minhas dúvidas.

— E você e Jonah? Há quanto tempo isso está acontecendo? — Sua voz carrega um tom de acusação.

— Nós não... na noite que você nos viu. Aquela foi a primeira vez que nos beijamos. Juro.

Ela está chorando agora. E andando de um lado para o outro, como se não soubesse o que fazer com toda a sua raiva. Em quem descontá-la.

Clara aperta a barriga e para de andar.

— Não. *Por favor*, não. — Ela aponta para a porta da frente. — Foi por isso que ele deixou Elijah aqui? Foi por isso que disse que não ia conseguir? — Clara está arfando entre as lágrimas. Eu a puxo para um abraço, mas não dura muito. Ela se afasta. — Foi meu pai? Elijah não é filho de Jonah?

Sinto a garganta tão apertada que nem os sons passam. Só consigo sussurrar:

— Clara. *Querida*.

Ela afunda no chão, se debulhando em lágrimas. Eu me abaixo e passo os braços ao seu redor. Ela me abraça de volta, e, por mais que seja bom sentir que minha filha precisa de mim agora, eu daria de tudo para que isso não estivesse acontecendo.

— Você sabia? Antes do acidente?

Balanço a cabeça.

— Não.

— Jonah sabia?

— Não.

— Como vocês... quando vocês descobriram sobre eles?

— No dia do acidente.

Clara me aperta ainda mais.

— *Mãe*.

Ela me chama com um sofrimento tão profundo que é como se precisasse de algo que sabe que não posso lhe dar. Um consolo que nem sei como oferecer.

Clara se afasta de mim e levanta.

— Não aguento.

Clara pega a bolsa e as chaves do carro.

Ela está histérica. Não posso deixar que dirija assim. Vou ao seu encontro e pego as chaves. Ela tenta pegá-las de volta, mas não deixo.

— Mãe, *por favor*.

— Você não vai sair. Não nervosa desse jeito.

Clara larga a bolsa, derrotada, e cobre o rosto com as mãos. Ela simplesmente fica parada ali, chorando sozinha. Então deixa as mãos escorregarem pelo rosto e me encara com um olhar de súplica, seus braços pendendo ao lado do corpo.

— *Por favor*. Preciso de Miller.

Essas palavras, junto com seu olhar, me deixam arrasada. Parece que pisotearam minha alma. Porém, de algum jeito, mesmo com toda a dor, eu compreendo. Nesse momento, não sou aquilo de que minha filha precisa, não sou a pessoa que vai lhe oferecer o maior conforto, e, apesar de parecer que uma parte enorme do nosso relacionamento morreu, fico grata por saber que existe alguém que possa lhe oferecer isso além de mim.

Assinto.

— Tudo bem. Levo você até ele.

34

Clara

Miller está com uma fila de clientes quando entro no cinema. Assim que ele me vê, dá para perceber que quer pular por cima do balcão. Meu namorado parece preocupado, mas não pode fazer nada. Ele ergue quatro dedos, então assinto e sigo para a sala quatro.

Dessa vez, sento na poltrona mais próxima da porta. Estou cansada demais para subir até a última fileira.

Fico encarando a tela apagada, me perguntando por que minha tia nunca tentou ser atriz. Ela seria boa nisso. Meu pai também.

Balanço a cabeça, puxando a camisa para secar meus olhos. Eu devia estar aliviada por saber que minhas mensagens não causaram o acidente, já que tia Jenny não dirigia o carro, mas não sinto alívio nenhum. Não sinto nem raiva. Parece que passei tanto tempo direcionando minha raiva para minha mãe que não sobrou nada. Agora, só me sinto decepcionada. Derrotada.

É como se todos os livros de romance que já li fossem fantasias distópicas. Passei a vida inteira achando que tinha exemplos maravilhosos de amor e família ao meu redor, mas era tudo falso. O amor que achei que meu pai sentia pela minha mãe era mentira. E o que mais me incomoda nessa situação é que metade de mim veio dele.

Será que isso significa que sou capaz de me tornar o mesmo tipo de pessoa? O tipo de pessoa que trai a esposa e a filha com um sorriso amoroso no rosto por tantos anos?

Ouço a porta da sala abrir. Miller se aproxima e se inclina para me beijar. Eu me afasto. Não quero beijar ninguém agora. Ou talvez só sinta que não mereço um beijo. Fico com medo de que meus sentimentos por ele, seja lá quais forem, não passem de sinais inventados pelo meu cérebro que, eventualmente, desaparecerão.

Miller passa por mim e senta na poltrona à minha direita.

— Eu fiz besteira?

— Não — respondo, balançando a cabeça. — Mas vai fazer. Todo mundo faz. Todo mundo fode com tudo.

— Ei — diz ele, tocando minha bochecha, virando meus olhos cheios de lágrimas para os seus. — O que houve?

— Meu pai tinha um caso com tia Jenny. Elijah é filho dele. Não de Jonah.

Minha confissão o deixa chocado. Miller baixa a mão e desmorona contra o encosto da poltrona.

— Mas que merda.

Foi estranho dizer aquilo em voz alta.

— Jonah sabe?

— Ele só descobriu depois do acidente.

Miller passa um braço por trás de mim, apesar de eu ter me recusado a beijá-lo antes. E começa a esfregar minhas costas. Eu me encosto nele, apesar de, agora, estar convencida de que o amor é uma bobagem e de que provavelmente vou partir seu coração um dia.

Balanço a cabeça, pensando em tudo, mas ainda sem acreditar.

— Eu idolatrava meu pai. Achava que ele era perfeito. E *ela*. Ela era minha melhor amiga.

Miller beija o topo da minha cabeça.

— Como sua mãe está lidando com isso?

Não sei como responder, porque, pensando bem, não entendo como ela teve forças de levantar da cama depois de descobrir algo assim. Pela primeira vez, desde o acidente, sinto uma angústia por minha mãe, por tudo que ela passou. Por tudo que *ainda* está passando.

— Não sei como ela consegue continuar.

Agora até faz sentido minha mãe e Jonah buscarem consolo um no outro. Não podia ser diferente. Os dois eram as únicas pessoas que sabiam, e com quem ela poderia conversar, além de Jonah?

Ficamos em silêncio por um instante. Tento digerir a situação. Acho que Miller só está me dando um tempo para pensar. Não espero que ele me dê conselhos. Não é por isso que estou ali. Eu só queria ficar a seu lado. Só queria o seu abraço.

Penso em todas as vezes que vi meu pai consolando minha mãe. Não que ela ficasse nervosa com frequência, mas ele costumava abraçá-la nesses momentos.

Agora sei que era tudo falso. Todas as vezes que meu pai a fitava com um olhar preocupado era mentira. Ele estava transando com a irmã dela. Como podia fingir que a amava enquanto fazia algo tão absurdamente cruel?

Eu confiava mais no meu pai do que em qualquer outro homem no mundo. E isso faz com que comece a questionar tudo. Todos. Eu mesma. Talvez até Miller. Nem sei quais eram suas intenções no começo.

Viro para ele.

— Você teria traído Shelby comigo?

Miller parece surpreso com a pergunta.

— Não. Por quê?

— Aquele dia na sua picape. Achei que, talvez, você quisesse.

Ele solta um suspiro pesado, com um olhar culpado.

— Eu estava confuso, Clara. Queria que a gente conversasse, mas, quando você entrou na picape, não gostei de como me senti. Eu não teria traído Shelby, mas senti vontade.

— Vocês ainda se falam?

Miller balança a cabeça, mas revira os olhos. Ele parece frustrado comigo. Essa percepção faz eu me sentir como se tivesse levado um soco no peito. Sempre que estou com raiva, é ele que acabo colocando no meio da situação. Prefiro que termine comigo a perder o respeito por mim, e, se eu continuar me comportando assim, acho que é exatamente isso que vai acontecer.

— Desculpe — digo. — Essa história toda mexeu com minha cabeça, e não sei de quem sentir raiva.

Miller puxa minha mão até sua boca. Então dá um beijo no dorso dela e a aperta, me tranquilizando.

— Lembra quando você disse que me achava épica?

Dou uma risada. *Como alguém me acharia épica?*

— Ainda acho — responde ele. — Épica de um jeito meio *frustrante*.

— Ou epicamente frustrante. Você começou a sair comigo na pior fase da minha vida. Desculpe por ter que lidar com essa merda toda.

Miller ergue a mão e segura meu rosto com delicadeza.

— Só fico triste por *você* ter que lidar com essa merda toda.

Às vezes, quando ele fala comigo, suas palavras parecem entrar em mim pelo meu peito, e não pelo ouvido. Adoro o fato de Miller ser tão compreensivo. Tão paciente. Não sei onde ele aprendeu a ser assim, mas, talvez, quanto mais tempo passarmos juntos, mais eu passe a ser como ele.

— Imagine como vamos ser ótimos juntos quando eu finalmente recuperar minha estabilidade emocional.

Miller me puxa para um abraço.

— Você já é ótima, Clara. Quase perfeita.

— Quase?

— Eu diria que nota nove de dez.

— Por que perdi um ponto?

Ele suspira.

— Foi o abacaxi na pizza, infelizmente.

Eu rio e levanto o braço da poltrona que nos separa para me aconchegar nele. Ficamos em silêncio por um tempo. Miller me abraça enquanto tento organizar meus pensamentos, mas sei que não podemos passar a noite toda aqui. Depois de alguns minutos, ele me dá um beijo no topo da cabeça.

— Preciso voltar para o trabalho. Ainda nem tirei meu intervalo, e o gerente está aqui hoje.

— Que horas você sai?

— Só às nove.

— Posso ficar aqui esperando? Preciso de uma carona para casa.

— Como você veio?

— Minha mãe me trouxe.

— Ah. Ela não sabe que eu trabalho aqui, então?

Assinto.

— Sabe. Foi por isso que ela me trouxe.

Miller ergue uma sobrancelha.

— Isso foi um progresso?

— Espero que sim.

Ele sorri e me beija. Duas vezes.

— Daqui a quinze minutos, vai começar um desenho animado na sala três. Quer assistir enquanto me espera?

Franzo o nariz.

— Um desenho animado? Não sei.

Ele me puxa para fora da poltrona.

— Você precisa de alguma coisa leve agora. Vá assistir, e levo um lanche.

Saímos de mãos dadas. Ele vai comigo até a sala ao lado, mas, antes de eu entrar, lhe dou um beijo na bochecha.

— Qualquer dia desses, vou tratar você melhor — digo, apertando sua mão. — Prometo.

— Você é perfeita desse jeito, Clara.

— Nada disso. Pelo visto, sou só nota nove.

Miller ri enquanto se afasta de mim.

— Pois é, mas eu só mereço uma nota seis.



Encontro uma poltrona vazia longe das crianças, na última fileira. Miller se enganou. O desenho animado não me ajuda, porque não consigo parar de pensar no que aconteceu.

Tenho noção de que minha raiva ao descobrir sobre meu pai e tia Jenny não chega nem perto do que senti quando achei que minha mãe e Jonah tinham um caso.

Fico pensando nisso, e chego à conclusão de que tudo se resume a uma coisa.

Altruísmo.

Parece algo tão insignificante, mas não é. Minha mãe passou pelo evento mais enlouquecedor, doloroso e trágico da sua vida. Mesmo assim, como sempre, me colocou em primeiro lugar. Antes da sua raiva ou tristeza. Ela fez tudo que podia para me proteger da verdade, mesmo que isso significasse levar a culpa injustamente.

Não duvido do amor do meu pai por mim, mas não sei se ele faria o mesmo caso a situação fosse ao contrário. E tia Jenny também.

Por mais que eu esteja arrasada com a verdade, é menos difícil agora do que quando achei que minha mãe fosse a errada.

Desde que nasci, todas as decisões que ela tomou foram para me beneficiar. Eu sempre soube disso. Mas acho que nunca me senti grata por seus sacrifícios antes de hoje.

O desenho terminou, e todos foram embora da sala, mas continuo encarando a tela desligada, me perguntando como está minha mãe. Ela é a verdadeira vítima da história, e fico triste por saber que as duas pessoas com quem mais contou na vida foram as mesmas que não estavam lá para lhe dar apoio no seu pior momento. E que, na verdade, causaram esse pior momento.

Não consigo imaginar todas as feridas invisíveis que minha mãe carrega, e odeio saber que algumas existem por minha causa.

35

Morgan

Liguei para Jonah depois que deixei Clara no cinema. Foi irônico, porque eu precisava dele da mesma forma que minha filha precisava de Miller. Conversamos por um tempo, mas Elijah já estava dormindo, então ele não pôde vir para minha casa.

Eu teria ido encontrá-lo, mas não queria sair para o caso de Clara voltar.

Duas horas se passaram, e as únicas coisas que fiz foram perambular pela casa e encarar a tela da televisão desligada, me perguntando como Clara está. E se Miller está dando o apoio e o consolo de que minha filha precisa.

Mesmo que ele esteja, sinto um vazio dentro de mim que me impulsiona a ir encontrá-la. Passadas duas horas e meia, pego as chaves e decido voltar ao cinema.

Miller está na bombonière quando entro, atendendo dois clientes, mas não vejo Clara. Entro na fila e espero minha vez. Ele entrega o troco para os clientes antes de mim, que vão embora. Então, olha para cima e enrijece.

Ao mesmo tempo que gosto de deixá-lo nervoso, também detesto. Não quero causar esse tipo de sentimento em alguém de quem minha filha gosta tanto.

— Está procurando por Clara? — pergunta ele.

— Sim. Ela ainda está aqui?

Miller olha para o relógio na parede às suas costas, depois confirma:

— Sim, ela deve estar sozinha na sala três. O filme acabou há quinze minutos.

— Ela está... sozinha? Sentada numa sala de cinema, sem ninguém?

Miller sorri e tira um copo de uma pilha, enchendo-o de gelo.

— Não se preocupe, ela gosta. — Ele enche o copo de Sprite e me entrega. — Eu estava ocupado, não consegui levar o refil dela. A senhora quer alguma coisa?

— Não precisa. Obrigada.

Faço menção de me virar, mas paro quando Miller diz:

— Sra. Grant? — Ele olha para a esquerda, depois para a direita, certificando-se de que ninguém nos escuta. Então se inclina um pouco, me olhando nos olhos. E pressiona os lábios, nervoso, antes de falar: — Eu queria me desculpar por ter entrado escondido na sua casa no outro dia. E por... todas as outras coisas. Eu gosto mesmo dela.

Tento encará-lo pela primeira vez sem todas as opiniões precipitadas que Chris tinha sobre ele. Quero vê-lo da mesma forma que Jonah — como um bom garoto. Bom o suficiente para namorar Clara. Ainda não estou convencida disso, mas o fato de Miller ter me oferecido o que pareceu um pedido sincero de desculpas já é um bom começo. Assinto, abrindo um sorrisinho, e vou para a sala três.

Quando entro, vejo Clara na última fileira. As luzes estão acesas, e minha filha está encarando a tela desligada, os pés apoiados na poltrona da frente.

Minha presença só é notada quando começo a subir os degraus. Quando ela bate os olhos em mim, se senta empertigada e abaixa os pés. Chego à última fileira, entrego a ela o Sprite e me sento ao seu lado.

— Miller achou que você poderia querer um refil.

Ela aceita o Sprite e toma um gole, passando seu copo vazio para o suporte do assento do outro lado. Então levanta o braço da poltrona que nos separa e se aconchega em mim. Fico surpresa. Eu não esperava por isso. Clara teve uma noite difícil, e, para ser sincera, fiquei imaginando qual seria sua próxima rebeldia. Tiro vantagem desse raro momento de afeição, passando um braço em torno dela e apertando-a contra mim.

Acho que nenhuma de nós sabe como começar a conversa. Alguns segundos passam antes de Clara perguntar:

— Você já traiu o papai?

Ela não fala como se me acusasse. Parece que está só refletindo sobre as coisas. Sou sincera:

— Não. Antes de Jonah, seu pai era o único homem que eu tinha beijado.

— Você está com raiva deles? De papai e tia Jenny?

Assinto.

— Sim. Dói. Muito.

— Você se arrepende de ter casado com ele?

— Não. Ganhei você.

Ela levanta a cabeça.

— Não quero dizer se ficou arrependida de namorarem nem de engravidar de mim. Mas se arrepende de casar com ele?

Afasto o cabelo dela da testa e sorrio.

— Não. Lamento as decisões que seu pai tomou, mas não as *minhas*.

Clara apoia a cabeça no meu ombro de novo.

— Não quero odiar meu pai, mas estou com raiva por ele ter feito isso com a gente. Também estou com raiva da tia Jenny.

— Eu sei, Clara. Mas você tem que entender que o caso dos dois teve tudo a ver com a gente e nada a ver com a gente.

— *Parece* que teve tudo a ver com a gente.

— Porque teve — respondo.

— Você acabou de dizer que não teve.

— Porque não teve também — digo.

Clara solta uma risada derrotada.

— Você está me confundindo.

Eu a afasto um pouco do meu ombro para nos encararmos. Uso as duas mãos para segurar uma das dela.

— Seu pai era ótimo com você. Mas, como marido, ele fez umas escolhas de merda. Ninguém pode ser perfeito em tudo.

— Mas ele *parecia* tão perfeito.

A decepção em seus olhos me entristece. Não quero que ela passe a vida inteira pensando assim de Chris. Aperto sua mão.

— Acho que esse é o problema. Adolescentes acham que os pais deviam saber o que estão fazendo, mas a verdade é que os adultos estão tão perdidos na vida quanto eles. Seu pai errou muito, mas seus erros não deveriam anular todas as coisas boas que fez. O mesmo vale para sua tia Jenny.

Uma lágrima escorre do olho direito de Clara. Ela a seca rápido.

— A maioria das mães iria querer que as filhas odiassem o pai pelo que ele fez.

— Não sou a maioria das mães.

Clara recosta a cabeça na poltrona de veludo vermelho e olha para o teto. Ela ri enquanto as lágrimas continuam escorrendo para dentro de seu cabelo.

— Graças a Deus.

Não foi um elogio direto, mas, mesmo assim, me sinto bem.

— Se eu contar uma coisa, promete que não vai me julgar? — pergunta ela.

— Óbvio.

Minha filha vira a cabeça para mim, e há certa culpa em sua expressão.

— Um dia, eu estava na picape de Miller. Foi antes de ele terminar com a namorada. Eu queria tanto que ele me beijasse, mãe. E, se ele tivesse tentado, eu deixaria, e isso me incomoda muito. Eu sabia que Miller tinha namorada, e o beijaria mesmo assim. Agora que sei o que papai e tia Jenny fizeram, estou com medo de a capacidade de ter um caso seja algo genético. E se for um tipo de fraqueza moral que atravessa gerações? — Ela volta a olhar para o teto. — E se eu trair Miller algum dia e partir seu coração, como papai e tia Jenny fizeram com você?

Odeio que ela pense assim. Que esteja se questionando. Às vezes, Clara faz perguntas que não sei responder, e fico com medo de essa ser uma delas.

Porém penso em Jonah e na conexão que tínhamos quando éramos mais novos. Talvez seja uma péssima ideia contar isto para minha filha, mas existem momentos na maternidade que nenhum livro explica.

— Aconteceu algo parecido comigo uma vez. Eu tinha a sua idade e estava na piscina com Jonah.

De repente, Clara vira a cabeça para mim, mas fico encarando o teto enquanto falo.

— A gente não se beijou, mas eu queria. Na época, já estava namorando seu pai, e Jonah e Jenny estavam juntos. E, naquele momento, quando olhei para ele, foi como se uma parede bloqueasse todo o resto. A questão ali não era eu estar pouco me lixando para Jenny ou Chris. Foi só que, naquela hora, a única coisa que me importava era a sensação de alguém me olhar daquele jeito. A atração que sentia por Jonah me deixava alheia a tudo. E acho que ele sentia a mesma coisa.

— Foi por isso que ele terminou com tia Jenny e foi embora? — pergunta Clara.

Inclino a cabeça e a encaro.

— Sim — digo com total sinceridade.

— Foi por isso que você ficou tão irritada quando ele voltou para a vida de tia Jenny?

Assinto.

— Foi, mas não entendi na época. Nunca reconheci que eu sentia algo por ele até recentemente. Eu jamais teria feito isso com Jenny.

Clara franze a testa, e odeio ver esse olhar no rosto dela. O olhar de quem percebeu que alguém tão importante na sua vida foi capaz de fazer algo terrível. O medo de repetir os mesmos erros.

Suspiro e volto a encarar o teto.

— Eu tive mais tempo para processar esse assunto do que você, então talvez possa compartilhar um pouco do que aprendi com toda a minha raiva. Pense um pouco. A atração não é algo que acontece só uma vez, com uma pessoa. Ela é parte do que faz os seres humanos funcionarem. Nossa atração um pelo outro, por arte, por comida, por entretenimento. É divertido. Então, quando você resolve se comprometer com alguém, não está dizendo *"Prometo que nunca mais vou me sentir atraído por outras pessoas"*. Você diz *"Prometo me comprometer com você apesar do meu potencial de me sentir atraído por outras pessoas"*. — Olho para Clara. — É por isso que relacionamentos são difíceis. O corpo e o coração não param de encontrar beleza e atração simplesmente porque duas pessoas resolvem ficar juntas. Se um dia acontecer de você se sentir atraída por outra pessoa, é sua responsabilidade se afastar antes que tomar uma atitude seja difícil demais.

— Como Jonah fez?

Assinto.

— Sim. Exatamente.

Clara me encara por um instante.

— Papai não podia se afastar da situação com tia Jenny porque ela estava sempre por perto. Talvez tenha sido por isso que aconteceu.

— Talvez.

— Mas isso não é desculpa.

— Você tem razão. Não é.

Clara volta a apoiar a cabeça no meu ombro. Beijo o topo da sua cabeça, mas ela não vê as lágrimas que começam a escorrer pelo meu rosto. É tão bom finalmente estar tendo essa conversa. É tão bom saber que minha filha tem mais capacidade emocional para descobrir a verdade do que imaginei.

— Tudo que eu fiz... não foi culpa de Miller. Ele só tentou me apoiar. Não quero que você o odeie.

Ela não precisa mais defender o namorado para mim. Quando descobri que o garoto tentou convencê-la a não transarem, parei de detestá-lo. E depois do pedido de desculpas hoje, passei a gostar dele.

— Eu não odeio Miller. Na verdade, vou com a cara dele. Só gostaria *mais* dele se ele nunca mais dormir escondido no seu quarto. Mas gosto do garoto.

— Ele não vai mais fazer isso — diz Clara. — Prometo.

— De toda forma, a Sra. Nettle deduraria vocês.

Ela levanta a cabeça.

— Foi assim que você descobriu?

— Às vezes, ter a vizinha mais fofoqueira do mundo compensa.

Clara ri, mas, quando vê minhas lágrimas, seu sorriso desaparece. Dispenso sua preocupação com um aceno de mão.

— São lágrimas de alegria. Juro.

Ela balança a cabeça.

— Meu Deus. A gente foi *tão* má uma com a outra.

Assinto.

— Não achei que fôssemos capazes daquelas coisas.

— Você me proibiu de ler *livros* — diz ela, rindo.

— Você me chamou de previsível.

— Bem, você provou que eu estava errada.

De algum jeito, estamos sorrindo. Fico grata por ela ter aceitado tão bem a notícia. Sei que seus sentimentos podem mudar amanhã. Tenho certeza de que Clara vai sentir muitas emoções diferentes. Mas, por enquanto, fico grata por termos este momento.

Talvez isso seja algo que eu precise aprender a valorizar mais. Nosso relacionamento nem sempre vai ser um mar de rosas, porém preciso aproveitar os intervalos de calmaria entre as tempestades. Não importa meu humor ou o que estiver acontecendo na minha vida, tenho que apreciar os momentos de alegria com Clara.

— Podemos esquecer o passado e recomeçar? Tipo... podemos ignorar a maconha, a sala da detenção, o álcool e a vez que matei aula? Quero muito meu telefone de volta.

— Não foi só isso que você fez de errado — digo.

— Eu sei, mas estava ficando sem fôlego. A lista é *muito* extensa.

Apesar de tudo pelo que Clara passou, ainda acho que ela precisa ficar de castigo. Mas também quero esquecer e recomeçar. Não me orgulho da forma

como me comportei.

— Vamos fazer assim. Vou devolver seu telefone se você me prometer que não vai mais zombar de mim por preferir a tevê a cabo ao *streaming*.

Clara me encara com muita seriedade.

— Ah, caramba. Não sei...

— Clara!

Ela ri.

— Tudo bem. Combinado.

36

Clara

Eu e minha mãe saímos da sala de mãos dadas. Miller está no fim do corredor, esvaziando uma lixeira. Mamãe não o vê, mas eu vejo. Pouco antes de virarmos para a saída, Miller sorri para mim.

Este momento não se trata de nós dois, mas algo no seu olhar me faz sentir que ele acabou de se apaixonar por mim.

Sorrio de volta, sabendo que vou me lembrar dessa comunicação silenciosa para sempre.

37

Morgan

Hoje, quando acordei, foi o primeiro dia desde o acidente que não senti um clima tenso na casa. Eu estava estudando termos imobiliários para minha entrevista quando Clara me deu um abraço antes de sair, comendo um biscoito.

Depois da aula, ela mandou mensagem para avisar que faria o trabalho de cinema com Miller. Não faço ideia se isso é verdade. Mas ela tem dezessete anos. E sabe a hora de voltar para casa, então, contanto que não se atrase, não vou insistir para saber detalhes do que os dois fazem. Já sei que ela toma pílula e tenho quase certeza de que sua vida sexual não é ativa, graças à sua confissão bêbada.

Vamos conversar sobre isso, mas no momento certo. Antes preciso me acostumar com nossa nova dinâmica. Se eu pressioná-la demais, talvez ela se afaste de novo, e esta é a última coisa que quero.

Convidei Jonah para o jantar. Foi ótimo. Sentamos à mesa e nos alternamos em dar comida para Elijah, rindo de sua animação por provar coisas novas.

O bebê agora está em um colchonete na sala, se distraindo com os brinquedos trazidos por Jonah.

Nós estamos no sofá. Ele está sentado de lado, as pernas abertas para me encaixar no meio. Apoiei as costas no seu peito, e ficamos observando Elijah brincar no chão.

O braço esquerdo de Jonah está em torno da minha barriga, e, de vez em quando, no meio da conversa, ele beija a lateral da minha cabeça. Quanto mais

faz isso, mais me acostumo e menos culpada me sinto. Quero que ele continue me beijando até a culpa desaparecer completamente. Mas acho que vai demorar alguns meses.

Suspiro diante desse pensamento, então, naturalmente, Jonah pergunta:

— O que houve?

— Eu só me preocupo demais, acho. Fico pensando que a traição dos dois vai fazer com que a gente nunca confie de verdade um no outro.

— Não estou preocupado com isso — diz ele, cheio de confiança.

— Por quê?

— Porque não. A gente nunca esteve com a pessoa certa antes.

Inclino a cabeça para olhar para Jonah. E então o beijo por fazer esse comentário.

Ele alisar meu lábio e me encara com um olhar sereno. Acho que nunca vi essa expressão no seu rosto. Jonah está livre depois de ter passado tanto tempo lutando, e sua paz interior é nítida.

— Vamos ficar bem, Morgan. Mais do que bem. Eu juro.

A porta da frente abre, e nós dois reagimos. Clara chegou uma hora mais cedo. Sento no sofá, e Jonah coloca as pernas para baixo.

Ela para na entrada, observando a cena. Então fecha a porta.

— Vocês não precisam mais fingir.

Clara larga a bolsa e se aproxima, sentando ao lado de Elijah.

Jonah olha para mim, perguntando em silêncio se deveria ir embora. Clara nota o olhar. Então estica os braços para Elijah e o pega no colo, se encostando no sofá diante de nós.

— Fique — diz ela para Jonah enquanto fita o bebê. — Quero brincar um pouquinho com ele.

Eu e Jonah ficamos em silêncio enquanto a observamos. Não sabemos que humor esperar. Estávamos bem na noite passada e hoje pela manhã. Mas ainda não conversamos sobre meu relacionamento com Jonah. Não sei se estamos prontas para isso, porque ainda não toquei no assunto nem com ele.

Clara segura Elijah no colo, tentando incentivá-lo a repetir sons.

— Ele já disse alguma palavra? — pergunta ela, olhando para Jonah.

— Por enquanto, não. Acho que ainda vai demorar alguns meses.

Clara olha para Elijah e volta a tentar.

— Você consegue dizer *papá*?

Ele impulsiona as pernas contra sua barriga, pulando e emitindo barulhos aleatórios. E, então, para nosso espanto, repete o que ela acabou de dizer. O som é tão perfeito que ficamos imóveis, porque acho que todos duvidam do que acabamos de escutar.

Então Jonah diz:

— Ele acabou de...?

Clara assente.

— Acho que sim.

Jonah sai do sofá e senta ao seu lado. Elijah é pequeno demais para falar intencionalmente, mas me aproximo para o caso de repetir. Sento no chão, do outro lado de Clara.

Ela repete:

— Papá?

Clara tenta convencer Elijah a imitá-la de novo, mas ele só balbucia vários outros sons. Sei que foi uma coincidência, mas o momento foi perfeito.

Minha filha vira o bebê de frente para Jonah.

— Aí está seu papá — diz ela.

Não sei se é por ouvir Clara se referindo a ele como pai de Elijah, ou se por escutar a palavra saindo da boca do filho, mas os olhos de Jonah se enchem de lágrimas.

Assim que vejo a primeira lágrima escorrer por sua bochecha, *eu* começo a chorar.

Clara olha para Jonah, depois para mim, depois de novo para Jonah.

— Ótimo. Achei que a choradeira tinha terminado.

Agora *ela* está chorando.

Observo minha filha, e, apesar das lágrimas, ela sorri enquanto brinca com Elijah. E, então, faz algo inesperado. Ela suspira e apoia a cabeça no ombro de Jonah.

Aquilo pode não significar muito para Clara, mas faz uma enorme diferença para mim. É um gesto que vale mais do que palavras.

Ela está pedindo desculpas. Desculpas pelo que Chris fez com ele. Desculpas por achar que a culpa era nossa.

Esse pequeno ato faz com que minhas lágrimas caiam com mais intensidade. Acho que também emociona Jonah mais ainda, porque, assim que Clara tira a cabeça do seu ombro, ele olha para o outro lado, tentando esconder o rosto.

De nós quatro, Elijah é o único que não chora.

— Uau — diz Jonah, bufando. Ele seca as lágrimas com a camisa. — Nós somos patéticos.

— Muito patéticos — acrescenta Clara.

Ficamos sentados no chão por um tempo, brincando com Elijah. Rindo das caras que ele faz. Rindo quando ele ri. Tentando convencê-lo a dizer *papá* de novo, mas sem sucesso.

— O que você vai contar a Elijah? — pergunta Clara.

— A verdade — responde Jonah.

Ela assente.

— Que bom. A verdade é sempre a melhor opção. — Então dá um beijo na bochecha de Elijah. — Sempre quis um irmão mais novo. Talvez de um jeito mais convencional, mas assim está bom.

Fico feliz por ela ser madura o suficiente para conseguir separar a origem de Elijah do seu amor por ele. O rancor é uma carga pesada para ser carregada pelo resto da vida.

As últimas vinte e quatro horas me encheram de orgulho. É tão maravilhoso ver minha filha lidar com tudo isso com tanta benevolência e maturidade.

Elijah boceja, então Jonah começa a arrumar as coisas para ir embora. Eu o ajudo, mas, quando paramos diante da porta, prontos para nos despedirmos, é estranho. Quero levá-lo até o carro, mas não sei o que Clara pensaria.

Percebo que Jonah quer me beijar, mas não faria isso na frente dela.

— Boa noite — sussurra ele. E faz uma careta, como se fosse doloroso se afastar sem um beijo, depois de tanto tempo obrigado a fazer isso.

— Ah, fala *sério*, gente — diz Clara, sentindo nosso desconforto. — É esquisito, mas paciência, vou me acostumar.

Nosso rosto é tomado pelo alívio, então saio com Jonah, agora que temos a permissão de Clara.

Depois de colocar Elijah no carro, ele fecha a porta, passa os braços em torno da minha cintura e me gira para pressionar minhas costas contra o carro. E me dá um beijo na bochecha.

A única coisa que sinto em seus braços é alívio. Os últimos dias podiam ter dado errado de várias maneiras, mas não deram. Talvez tenha sido graças a Clara. Ou a Jonah. Ou a todos nós. Não sei.

— Ela é maravilhosa — diz ele.

— É, sim. Às vezes eu me esqueço de como é difícil ser adolescente. Ainda mais na situação dela. Acho que fico subestimando os hormônios e as emoções

próprios dessa idade.

— Você foi muito paciente com Clara o tempo todo.

O elogio me faz rir.

— Você acha? Porque, na minha opinião, perdi a cabeça algumas vezes.

— Espero conseguir ser metade do que você é com ela.

— Você está criando um filho que não é biologicamente seu. Isso já o torna duas vezes melhor do que eu.

Jonah se afasta, sorrindo para mim.

— Gosto quando você elogia minha habilidade paternal. É meio... sexy.

— Também acho. Ver você sendo um bom pai é a coisa que mais me atrai.

— A gente é muito esquisito — diz ele.

— Eu sei.

Jonah entrelaça os dedos aos meus e leva nossas mãos para minhas costas, pressionando-as contra o carro. E beija minha bochecha de novo.

— Posso fazer uma pergunta? — Jonah roça os lábios pelo meu rosto até chegar à boca. Assinto. Ele se afasta, mas só o suficiente para conseguirmos nos olhar. — Quer ser minha namorada?

Eu o encaro por dois segundos antes de soltar uma gargalhada.

— Os homens ainda fazem isso? Pedem as mulheres em namoro?

Jonah dá de ombros.

— Não sei. Mas faz tempo demais que quero perguntar isso, então seria legal você me agradar e dizer que sim.

Eu me inclino, esfregando os lábios nos dele.

— *Óbvio* que sim.

Jonah solta minhas mãos e segura meu rosto.

— Quero te beijar, mas não de língua, porque aí não vou conseguir te soltar. Não quero que Clara ache que estamos nos agarrando aqui fora.

— Mas estamos.

— É, mas ainda deve ser esquisito para ela. — Ele me dá um selinho rápido. — Volte para casa e aja naturalmente.

Eu rio antes de jogar as mãos em torno da cabeça dele e puxá-lo para minha boca. Jonah geme quando nossas línguas se encontram e me pressiona com mais força contra o carro. Passamos um minuto inteiro nos beijando. Dois minutos.

Quando ele finalmente se afasta, balança um pouco a cabeça enquanto me observa.

— É surreal — diz ele. — Faz tanto tempo que desisti de pensar em nós.

— E eu nunca nem me permiti cogitar que a gente era uma possibilidade.

Jonah sorri, mas é um sorriso triste. Ele desliza as mãos por minhas costas.

— Eu abriria mão de tudo se isso pudesse trazer os dois de volta. Por mais feliz que eu fique por estarmos juntos, nunca quis que acontecesse desse jeito. Espero que você saiba disso.

— É lógico que eu sei. Você nem precisava falar isso.

— Entendo. Mas acho que ainda estou tentando processar tudo. É bom finalmente estarmos juntos, só que também me sinto culpado pela forma como tudo aconteceu. — Ele puxa minha cabeça contra seu peito. Passo os braços em torno da sua cintura, e ficamos abraçados por um tempo. — Parte de mim se pergunta se você realmente quer isto. Se *me* quer. Eu entenderia se não fosse o caso. É uma mudança enorme. Não tenho tanto dinheiro quanto Chris tinha, e ainda por cima venho com um bebê a tiracolo. Você pode recomeçar agora, e talvez queira um tempo para ficar sozinha. Sei lá. Mas eu entenderia. Quero que saiba disso.

Meu primeiro impulso é balançar a cabeça e discordar, mas penso no que acabei de ouvir. Se seguirmos em frente, vou criar outra criança e me comprometer com uma vida nova, logo depois da minha antiga sofrer uma mudança tão drástica. A maioria das pessoas precisaria de mais tempo para se ajustar. Especialmente com a ideia de sair de um casamento de anos e entrar em um relacionamento novo; em um intervalo de poucos meses. Entendo por que Jonah esperaria certa hesitação da minha parte.

Fecho os olhos e ajeito a cabeça sobre o peito dele. Consigo ouvir seu coração batendo rápido.

Subo a mão por sua camisa, parando logo acima do seu coração. Mantenho-a ali por um instante, prestando atenção na velocidade com que o órgão bombeia o sangue por seu corpo. Pela rapidez e pela força das batidas, sei que ele está cheio de medo.

Fico triste, porque, se existe algo com que Jonah Sullivan não precisaria se preocupar, são meus sentimentos sobre ele. Mas nunca lhe expliquei por quê.

Levanto a cabeça, olhando nos seus olhos enquanto digo tudo que ele merece ouvir.

— Quando éramos adolescentes, você era o único que ria das minhas piadas. E costumava disfarçar, como se aquilo fosse revelar seu amor por mim. Mas eu prestava atenção na sua reação. E quando eu e Chris brigávamos você nunca usava essas oportunidades para tentar nos separar. Pelo contrário, você ouvia

meus desabafos e, então, me lembrava de todas as qualidades dele. Quando Jenny engravidou no ano passado, eu sinceramente achei que você fosse sumir. Mas não foi isso que aconteceu. E na noite em que voltou para buscar Elijah depois de descobrir que ele não era seu filho biológico... Acho que foi aí que me apaixonei totalmente por você. Não eram apenas algumas partes suas que eu amava. Era a pessoa completa.

Não quero que Jonah pense que precise me responder. Já sei como ele se sente sobre mim. Como sempre se sentiu. Agora é a vez de ele experimentar a sensação de saber que sempre foi a primeira escolha de alguém.

Afasto a mão do seu peito e toco sua bochecha.

— Casei com Chris porque ele era o pai da minha filha, e queria que as coisas dessem certo. Eu o amava — acrescento. — E também sempre vou amar Jenny. Mas você é a primeira e a única pessoa no mundo que amei sem motivo nem razão. Eu te amo porque não consigo evitar, e é um sentimento tão bom. A ideia de criar Elijah ao seu lado me deixa feliz. E sei que, antes de a gente fazer amor pela primeira vez, eu disse que ia me arrepender, mas nunca estive tão enganada. Não me arrependi naquela noite, e não me arrependo agora. Tenho certeza de que nunca vou passar nem um segundo na minha vida me arrependendo de você. — Fico na ponta dos pés e beijo sua boca com delicadeza. — Eu te amo, Jonah. Demais.

Passo por ele e vou para casa. Quando abro a porta da frente, olho para trás, e Jonah continua parado lá, sorrindo para mim.

E é algo lindo de se ver.

Fecho a porta e, pela primeira vez na vida, sinto como se cada pedacinho meu começasse a ser preenchido. Jonah já ocupa todas as partes da minha vida, aquelas que sempre pareceram tão vazias com Chris.

E estou tão orgulhosa de Clara e da mulher que ela está se tornando. O caminho até aqui foi complicado, e minha filha passou por momentos mais difíceis do que a maioria das pessoas com sua idade. Meu orgulho de ser sua mãe voltou.

Ainda não sei bem o que quero ser nem qual carreira seguir, mas foi interessante passar os últimos meses pensando nisso. Faz tempo que quero trabalhar e voltar para a faculdade, mas, por algum motivo, sempre achei que fosse tarde demais. Mas não é. Sou uma pessoa em desenvolvimento. Talvez seja assim para sempre. Não sei se algum dia vou me sentir como um projeto final,

nem sei se quero. A busca por mim mesma está se tornando minha parte favorita dessa nova jornada.

Lembro que escrevi no meu quadro de aniversário: *Encontrar algo que me empolgue*. Talvez eu não me anime com uma coisa apenas. Podem ser várias, e nunca permiti que eu mesma e meus desejos fossem uma prioridade. A ideia de que tenho o restante da vida para me descobrir é animadora. Há tantas coisas que quero experimentar, independentemente de darem certo ou não. Acho que encontrar algo que me empolgue *é* o que me anima.



Depois que Jonah vai embora e Clara se deita, entro no meu quarto e pego todas as cartas de Jenny que Chris escondeu na caixa de ferramentas. Desde o dia em que descobri a verdade, tantas perguntas se passaram por minha cabeça. Eu achava que precisava das respostas, mas isso mudou. Sei que amei as melhores versões de Jenny e Chris. Mas os dois se apaixonaram pelas piores versões de si mesmos — as versões capazes de trair e mentir.

Sempre vou ter minhas lembranças, porque eles eram uma parte imensa da minha vida. Mas as cartas não são minhas. Não são algo que quero saber nem guardar.

Uma por uma, rasgo-as em pedacinhos sem ler nada.

Estou feliz com o rumo que minha vida está tomando, e sei que ficar obcecada pelo passado só vai me manter presa em um lugar que estou mais do que pronta para superar.

Jogo todos os pedaços da história de Jenny e Chris na lixeira do banheiro. Quando olho para cima, vejo meu reflexo no espelho.

Estou começando a parecer feliz de novo. Feliz de *verdade*.

E é algo lindo de ser visto.

38

Clara

Alguns meses depois

Entro na sala e seguro a mão de Miller. Nós dois estamos nervosos. A gente se dedicou tanto ao filme, e quero muito que Jonah goste.

Minha mãe apaga as luzes e senta ao lado de Lexie e Efren. Jonah está sentado na ponta do outro sofá, mais ansioso do que todos para assistir ao nosso trabalho.

No fim, resolvemos fazer um pseudodocumentário. Quando começamos o projeto, nossa vida estava lotada de problemas sérios, então preferi fazer algo divertido, para variar.

Como a duração deveria ser poucos minutos, foi mais difícil do que o esperado bolar algo com começo, meio e fim. Mas espero que tenha dado certo. Só não sabemos se alguém vai achar graça.

Miller olha para mim, e vejo que está nervoso. Sorrimos um para o outro assim que o filme começa.

A tela está preta, mas num tom vivo de laranja surge o título: *CROMOFÓBICOS*.

A cena abre com uma personagem de dezessete anos, *KAITLYN, cujo nome* aparece na tela. Kaitlyn (interpretada por mim) está sentada em um banco, em

uma sala vazia. A luz é direcionada sobre ela enquanto a jovem olha para algo fora da câmera, retorcendo as mãos, aflita.

Alguém fora da imagem pergunta:

— Pode nos contar como começou?

Kaitlyn olha para a câmera, apavorada. Ela assente, com ar nervoso.

— Bem... — É nítido que ela sente dificuldade em tocar no assunto. — Acho que eu tinha cinco anos, talvez? Seis? Não lembro direito... — A câmera se aproxima do seu rosto. — Mas... eu me lembro de todas as palavras daquela conversa, como se tivesse ocorrido hoje. Mamãe e papai... estavam sentados na sala, encarando a parede. Eles seguravam umas... umas... amostras de tinta. Tentavam decidir com qual tom de branco iam pintar as paredes. E foi então que tudo aconteceu. — Kaitlyn engole em seco, mas continua, apesar do desconforto. — Mamãe olhou para papai. Ela só... *olhou* para ele, como se não soubesse que suas palavras estavam prestes a destruir de vez nossa família. — Kaitlyn, obviamente horrorizada com a lembrança, seca uma lágrima que escorre por sua bochecha. Ela respira fundo e continua falando enquanto exala o ar. — Minha mãe olhou para ele e disse: *"Que tal laranja?"*

A lembrança a faz estremecer.

A tela escurece de novo, depois mostra outro personagem. Um idoso, magro e melancólico. Então o nome *PETER* aparece. Ele é interpretado pelo vovô.

Peter está sentado em uma poltrona verde antiga. Ele cutuca o estofado com os dedos frágeis, soltando a linha da costura. Ela cai no chão.

Mais uma vez, uma voz fora da imagem pergunta:

— Por onde quer começar, Peter?

Ele olha para a câmera com os olhos castanho-escuros cercados por anos de rugas, cada uma de profundidades e tamanhos diferentes. Seus olhos estão injetados.

— Pelo começo, acho.

A imagem passa para um flashback... para uma versão mais jovem de Peter, no fim da adolescência. Ele está em uma casa antiga, no quarto. Há um pôster dos Beatles pendurado na cama. O garoto revira o armário, frustrado. A voz do velho Peter começa a narrar a cena.

— Eu não conseguia encontrar minha camisa da sorte — diz ele.

A cena exibida na tela é do adolescente frustrado (interpretado por Miller), saindo do quarto e depois da casa, pela porta dos fundos.

— Então... fui procurar minha mãe. Perguntar se ela sabia onde estava, sabe?

A mãe está parada diante de um varal de roupas no quintal, prendendo um lençol.

— Eu perguntei: *"Mãe, sabe onde está minha blusa azul?"*

A tela volta para a versão mais velha de Peter. Ele encara as próprias mãos, girando os dedões. Então bufa, voltando a olhar para a câmera.

— Ela olhou para mim e respondeu: *"Ainda não lavei."*

A imagem volta para o adolescente. Ele encara a mãe, completamente chocado. E leva as mãos à cabeça.

— Foi então que percebi... — diz a narração de Peter. — Que só havia uma opção.

A cena segue o adolescente enquanto ele volta para a casa, batendo os pés, entra no quarto e abre o armário. Suas mãos afastam as roupas até a câmera focar em uma única camisa, pendurada lá, balançando para a frente e para trás.

— Era minha única blusa limpa.

A imagem volta para o velho Peter. Ele pressiona as mãos suadas contra as coxas, recosta a cabeça na velha poltrona verde. E encara o teto, pensativo.

Uma voz fora da tela o chama.

— Peter? Quer fazer uma pausa?

Ele se inclina para a frente, balançando a cabeça.

— Não. Não, só quero acabar logo com isso. — Ele bufa, voltando a encarar a câmera. — Fiz o que precisava ser feito — continua, dando de ombros.

A câmera segue o adolescente enquanto a camisa é puxada do cabide. Ele arranca a blusa que está usando e, então, veste com raiva a peça limpa que acabou de tirar do armário.

— Eu *não* tinha opção. — O velho Peter agora encara a câmera com seriedade. — Não podia ir sem camisa. Era a década de *cinquenta*. — Ele repete, sussurrando: — Eu não tinha outra opção.

Uma pergunta é feita fora da câmera:

— De que cor era a camisa, Peter?

Ele balança a cabeça. A lembrança é difícil demais.

— Peter — insiste a voz. — De que cor era a camisa?

Ele bufa, frustrado.

— Laranja. Era *laranja*, está bem?

Peter desvia o olhar da câmera, envergonhado.

A tela escurece.

A próxima cena mostra uma nova personagem, vestida de forma profissional. Ela tem cabelo louro comprido e usa uma blusa branca sem nenhum amassado. Está ajeitando a blusa enquanto olha para a câmera.

— Estamos prontos? — pergunta ela.

— Quando quiser — responde a voz fora de cena.

A mulher assente.

— Tudo bem então. Posso começar a falar? — Ela busca orientação de alguém. Então olha para a câmera. — Meu nome é Dra. Esther Bloombilingtington. Sou especialista em cromofobia.

Uma voz fora da imagem pede:

— Pode nos dar uma definição desse termo?

A Dra. Bloombilingtington assente.

— Cromofobia é o medo persistente e irracional de uma cor.

— De que cor, especificamente? — pergunta a voz.

— Ela se manifesta de forma diferente em cada paciente — responde a doutora. — Alguns temem o azul, ou o verde, ou o vermelho, ou o rosa, ou o amarelo, ou o preto, ou o marrom, ou o roxo. Até o branco. Nenhuma cor está fora de cogitação, na verdade. Há quem tema uma *variedade* de cores, ou, em casos mais graves... — Ela encara a câmera. — *Todas* as cores.

A voz faz outra pergunta:

— Mas a senhora não veio falar de todas as cores hoje, não é?

A Dra. Bloombilingtington balança a cabeça, voltando a olhar para a câmera.

— Não. Hoje, estou aqui por um motivo específico. Uma cor que apresenta resultados com uma consistência alarmante. — Ela ergue os ombros enquanto respira fundo. Depois volta a abaixá-los. — Os resultados do nosso estudo são importantes, e acredito que devem ser compartilhados com o mundo.

— O que precisa ser compartilhado?

— Com base em nossas descobertas, acreditamos que a cor laranja não é *apenas* a causa da maioria das ocorrências de cromofobia, como também temos provas irrefutáveis de que o laranja é, de *longe*, a pior cor de todas.

A voz fora de cena pergunta:

— E que provas a senhora tem disso?

A Dra. Bloombilingtington olha para a câmera, muito séria.

— Além de várias curtidas em nossas enquetes no Twitter e muitas visualizações em nossos *stories* do Instagram sobre o assunto, também temos... as *pessoas*. As pessoas e suas histórias. — Ela se inclina para a frente, estreitando os

olhos enquanto uma música lenta e dramática começa a tocar. — Apenas *escute* as *histórias*.

A imagem escurece.

A próxima cena volta com a primeira personagem, Kaitlyn. Agora, ela segura um lenço de papel enquanto fala:

— Assim que mamãe falou isso para meu pai... — Ela ergue os olhos e encara a câmera. — Ele... ele *morreu*.

Kaitlyn seca os olhos com o lenço.

— Ele só... ele só olhou para ela, chocado com a *ideia* de pintar a sala de uma cor como o laranja. Assim que as palavras saíram de sua boca, meu pai largou as amostras de tinta no chão, apertou o peito e simplesmente... simplesmente *morreu*.

Kaitlyn parece atordoada.

— A última palavra que ele disse foi... *laranja*. — Um soluço escapa. Ela balança a cabeça de um lado para o outro. — Nunca vou perdoar minha mãe. Que tipo de pessoa sugere *laranja* para pintar uma *parede*? Essa foi a última coisa que ele ouviu na vida. A *última*!

A imagem escurece imediatamente após o acesso de raiva de Kaitlyn.

Voltamos para o flashback do jovem Peter, que agora dirige uma velha picape azul. Ele usa a camisa laranja. Seu rosto está retorcido e contorcido de raiva.

— Eu queria usar a camisa azul, mas não tive escolha — narra o velho Peter. — Sabia que Mary gostava de azul. Ela me falou isso no dia em que a convidei para sair. Eu falei que seu vestido amarelo era bonito, e ela girou para mim e respondeu: *"Não é?"* Assenti, e ela disse: *"Gosto da sua camisa, Peter. Azul combina com você."*

A câmera está focada no velho Peter agora, sentado na poltrona verde. Seus olhos parecem ainda mais injetados do que no começo.

— Quando cheguei ao cinema... vi Mary parada lá na frente. Sozinha. Estacionei a picape, desliguei o motor e fiquei observando. Ela estava tão bonita, no seu vestido amarelo.

O flashback mostra o jovem Peter sentado na picape, usando a camisa laranja enquanto observa uma menina bonita de vestido amarelo esperando, sozinha. Ele faz uma careta.

— Eu simplesmente não consegui. Não podia deixar que ela me visse daquele jeito.

O jovem Peter liga o carro e começa a sair do estacionamento.

A câmera volta para a versão atual de Peter, na poltrona verde.

— Que *opção* eu *tinha*? — Ele está tão irritado que tenta levantar, mas é velho demais para conseguir ficar em pé. — Eu não podia encontrar com ela usando aquela camisa! Ir embora era minha *única escolha*!

Peter desaba sobre a poltrona. Ele balança a cabeça, obviamente se arrependendo de uma decisão que afetou profundamente o restante de sua vida.

— Peter?

Ele encara a câmera, a pessoa que fala fora da cena.

— Pode nos contar o que aconteceu com Mary?

Peter se retrai, os olhos encontrando uma maneira de formar ainda mais rugas.

— O que aconteceu com Mary, Peter?

Ele tenta se levantar de novo, agitando um braço.

— Ela se casou com Dan Stanley! Foi *isso* que aconteceu! — Peter volta a cair na poltrona, sendo consumido pela tristeza. — Os dois se conheceram naquela noite... no cinema. Na noite em que eu devia me encontrar com ela usando minha camisa azul. E se apaixonaram. Acabaram tendo três filhos e uns bodes. Ou ovelhas. Droga, já esqueci. Mas foram muitos. Eu costumava passar pela fazenda deles todo dia no meu caminho para o trabalho, e aqueles animais malditos pareciam tão... *saudáveis*. Como se Dan Stanley cuidasse muito bem deles. Do mesmo jeito que cuidava bem de Mary, mesmo que ela devesse ter sido *minha*. — Peter estica o braço para a mesinha ao lado da poltrona. Pega um lenço de papel. Assoa o nariz. — Agora, estou aqui. — Ele acena para a sala, como se não tivesse nada para mostrar de sua vida. — Sozinho. — Ele assoa o nariz de novo, olhando para a câmera, que se aproxima do seu rosto. Há uma pausa demorada, pesada. Então Peter diz: — Não quero mais falar desse assunto. Já chega.

A tela escurece de novo.

A próxima cena exibe a Dra. Bloombilingtington, as sobrancelhas unidas de preocupação.

— O que a senhora espera que as pessoas aprendam com esse documentário? — pergunta a voz fora da imagem.

Ela encara a câmera.

— Minha esperança... minha *única* esperança... é que todos que assistam a isso se unam para banir essa cor cruel. O laranja não apenas destrói vidas, como a palavra nem *rima* com nada. As pessoas *tentam* fazer rimas com laranja, mas...

não existe nada que combine. Simplesmente não *existe*. — A câmera se aproxima do seu rosto. A voz dela é um sussurro sério. — E *nunca* existirá.

A tela escurece.

Novas palavras surgem em todas as cores, *menos* laranja. Elas dizem: Se você, ou alguém que conhece, já viu a cor laranja ou disse a palavra laranja em voz alta, pode estar sofrendo de cromofobia. Por favor, entre em contato com um psiquiatra para obter um diagnóstico oficial. Se quiser fazer uma doação ou participar de nossa campanha para banir esse termo de nosso idioma e do mundo, envie um e-mail para CampanhaContraACorQueNãoSeráNomeada@gmail.com.

A tela escurece.

Os créditos começam a subir, mas há apenas três nomes, já que eu, Miller e o vovô interpretamos todos os papéis.

Miller passou o tempo todo segurando minha mão. A dele está suando. Sei que o vídeo só tem cinco minutos, porém pareceu mais demorado. Com certeza a gente levou bem mais tempo para fazer tudo.

A sala está em silêncio. Não sei se isso é bom ou ruim. Olho para Jonah, mas ele continua encarando a tela.

Lexie e Efron olham para o chão.

Minha mãe é a primeira a falar.

— Foi... — Ela se vira para Jonah em busca de ajuda, mas ele continua encarando a televisão. Ela volta a falar: — Foi... *inesperado*. Está muito bem-feito. As atuações foram ótimas. Quer dizer... não sei. Vocês pediram para sermos sinceros, então... não entendi. Talvez eu seja velha demais.

Lexie balança a cabeça.

— O problema não é a idade, porque também estou muito confusa.

— É um *pseudodocumentário* — diz Miller, na defensiva. — A ideia é fazer piada dos documentários de verdade. E ser *engraçado*.

Efren assente.

— Eu ri.

— Não riu, não — diz Miller.

Ele vai até o interruptor e acende a luz.

Ainda estou esperando Jonah dizer alguma coisa. Ele finalmente tira os olhos da televisão e se foca em nós dois. E apenas nos encara em silêncio por um instante.

Mas então... começa a aplaudir.

É devagar no começo, mas as palmas aceleram enquanto se levanta. Ele começa a rir, e sinto que a reação de Jonah faz Miller finalmente começar a se acalmar.

— Foi *brilhante*! — diz Jonah. Ele coloca as mãos no quadril e olha para a televisão. — Quer dizer... a qualidade. As atuações. — Ele nos encara de novo. — Quem fez Peter?

— Meu avô — responde Miller.

— *Muito* bom — diz Jonah. — Achei fantástico. Talvez vocês dois tenham chance de ganhar.

— Você está tentando ser legal? — pergunta minha mãe. — Não sei dizer...

— Não. Quer dizer, acho que começamos achando que ia ser bem mais sério. Talvez mais pessoal. Mas, quando entendi que era um pseudodocumentário, fiquei embasbacado com o quanto deu certo. Vocês acertaram em cheio. Os dois.

Eu e Miller suspiramos aliviados. A gente se esforçou tanto. Sei que é um filme bobo, mas a intenção era essa.

Não fico ofendida por ninguém mais ter entendido. Só estávamos preocupados com a opinião de Jonah, porque é o nome dele que vai aparecer como professor responsável.

Miller me dá um abraço. Sinto o alívio emanando dele enquanto suspira contra meu pescoço.

— Que bom que acabou — diz ele. — Achei que Jonah fosse detestar.

Também estou aliviada.

Que sensação boa.

Miller vai até o laptop que conectou à televisão.

— Certo, tenho mais um vídeo.

Inclino a cabeça, confusa.

— Mas a gente só fez um...

Ele olha para mim e sorri.

— Este é surpresa.

Miller abre outro arquivo e, assim que a televisão se conecta com o computador, corre para apagar as luzes.

Não sei o que ele está aprontando.

Continuo no fundo da sala quando Miller me abraça por trás. E apoia o queixo no meu ombro.

— O que é isso?

— Shh — diz ele. — Só assista.

O filme começa com Miller encarando a câmera. Ele mesmo a segura, apontando-a para o próprio rosto. E acena.

— Oi, Clara. — Então baixa a câmera. Vejo seu quarto. Ele senta na cama e diz: — Certo, eu sei que você falou que não queria nada muito elaborado, mas... meio que comecei isso antes de a gente conversar sobre o assunto. Então... espero que goste.

A tela escurece e volta com uma filmagem de nós dois. É o rolo B que gravamos nos últimos meses. Clipes de nós sentados contra a árvore no parque. De nós conversando sobre o trabalho de cinema. De nós na escola, na casa dele, na minha casa.

A montagem termina, e, na próxima cena, há som. É Miller, mexendo na câmera. Ele está na picape, bate a porta e aponta a câmera para si mesmo.

— Oi, Clara. Acho que você devia ir à festa de formatura comigo. — Sua voz sai em um sussurro.

Ele coloca a câmera em um tripé. E a aponta para mim.

Esse foi o primeiro dia em que ligou a câmera, quando estávamos no *food truck*. Ele se afasta para pedir os sanduíches, e a filmagem me mostra fazendo caretas.

A próxima cena é o dia em que matamos aula. Ele ajeita a câmera no tripé, apontando-a para a árvore. Estou apoiada no tronco, olhando para a água. Miller não aparece na imagem no começo, mas então enfia o rosto da frente da câmera.

— Oi, Clara — sussurra ele, rápido. — Você devia ir à festa de formatura comigo.

Então se afasta e senta entre mim e a árvore, como se nada tivesse acontecido.

Eu não fazia ideia de que ele estava fazendo isso. Viro para encará-lo, mas Miller me incentiva a olhar para a frente.

As próximas três cenas são todas de quando estávamos juntos, com ele sussurrando convites aleatórios para a festa de formatura sem eu ter noção de que fazia isso.

Então começa uma cena dele parado na fila da Starbucks. Miller aponta a câmera para mim. Estou sentada sozinha em um canto, lendo um livro.

Ah, meu Deus. Esse foi o dia em que nos beijamos pela primeira vez.

Miller vira a câmera para si mesmo na fila.

— Você é tão fofa, sentada ali, lendo seu livro — sussurra ele. — Acho que devia ir à festa de formatura comigo.

— Miller — murmuro.

Tento me virar para encará-lo de novo, mas ele não quer que eu tire os olhos da televisão. Estou em choque. Não esperava que nenhuma das imagens fosse de antes de começarmos a namorar.

Na cena seguinte, Miller está do lado de fora, apoiado em um poste. Não reconheço o lugar no começo, mas, quando ele seca o suor do rosto e tira o pirulito da boca, percebo que está parado na frente da placa dos limites da cidade. Ele olha para a câmera e diz:

— *Então*. Clara Grant. Você acabou de passar de carro por mim, e sei que me viu parado aqui no acostamento. Vamos combinar o seguinte. Eu tenho namorada, mas não penso mais nela antes de dormir, e vovô diz que isso é um mau sinal, e que a gente devia terminar. Quer dizer, já faz um bom tempo que tenho uma quedinha por você, e acho que minhas oportunidades estão acabando. Então, vamos fazer um acordo. Se você virar o carro no fim da colina e voltar, vou aceitar isso como um sinal, finalmente prestar atenção nos meus instintos, terminar com minha namorada e, depois de um tempo, convidar você para sair. Talvez eu até a convide para a festa de formatura. Mas, se você *não* virar o carro, vou aceitar que não era para... — Seus olhos se voltam para cima, e ele vê alguma coisa. Então sorri e encara de novo o telefone. — Veja só. Você voltou.

Essa parte do vídeo termina, e, agora, estou chorando.

Quando a próxima cena começa, não reconheço nada. A câmera está apontada para o chão e depois para seu avô.

Ele parece alguns anos mais novo no vídeo. Mais saudável do que agora.

— Tire isso da minha cara — diz o vovô.

Miller vira a câmera para si mesmo. Ele também parece mais novo. Mais magro. Devia ter uns quinze anos.

— Vovô está animado para ver a peça — diz Miller para a câmera, sarcástico.

E aponta a câmera para o palco.

Meu coração dispara no peito quando reconheço o cenário.

Minha mente começa a pensar rápido. O vovô tentou me contar duas vezes sobre algo que aconteceu na escola quando Miller tinha quinze anos. E, nas duas vezes, Miller ficou com tanta vergonha que o fez calar a boca.

Ele beija a lateral da minha cabeça. Sabe que estou esperando para escutar essa história desde o dia em que conheci o vovô.

A câmera é desligada. Quando liga de novo, é a mesma noite, mas no final da peça. Agora o foco sou eu. Tenho catorze anos e estou sozinha no palco,

apresentando um monólogo. A câmera lentamente sai de mim e passa para Miller.

O vovô deve estar filmando agora.

Miller encara o palco. Ele está inclinado para a frente, as mãos entrelaçadas sob o queixo. A câmera se aproxima do seu rosto enquanto ele me observa. E fica ali por um minuto inteiro. Miller presta atenção em cada palavra que digo no palco, completamente fascinado. O vovô nunca desvia a câmera, mas ele não faz ideia de que está sendo filmado.

O monólogo é o fim da peça, então, quando digo a última fala, todos começam a aplaudir.

Miller, não.

Ele está imóvel.

— Uau — sussurra. — Ela é incrível. *Épica*.

E então olha para o lado e vê a câmera apontada para sua cara. Ele tenta tirá-la do avô, que a puxa para trás e a vira para filmar os dois. Miller revira os olhos quando o vovô diz:

— Acho que você acabou de se apaixonar.

Miller ri.

— Cale a boca.

— Foi isso mesmo, e eu filmei. — Ele aponta a câmera para o neto de novo e pergunta: — Como é o nome dela?

Miller dá de ombros.

— Não sei direito. Acho que é Clara. — Então abre o panfleto da peça em busca do meu nome. — Clara Grant interpretou o papel de Nora.

Vovô continua filmando. Miller nem se dá ao trabalho de negar. Todos na plateia agora estão aplaudindo os atores que entram no palco, mas ele encara a câmera.

— Já pode parar.

O vovô ri.

— Achei fofo. Talvez você devesse convidá-la para sair.

Miller ri.

— É, até parece. Ela é nota dez. Eu sou quatro. Talvez cinco.

O vovô vira a câmera para si mesmo.

— Eu daria um seis para ele.

— *Desligue* isso — repete Miller.

O vovô sorri para a câmera. Então a aponta para o neto de novo. Quando anunciam meu nome e é minha vez de agradecer os aplausos, Miller morde o lábio, tentando esconder um sorriso.

— Você parece fissurado — diz o vovô. — Que pena, porque ela é areia demais para o seu caminhãozinho.

Miller olha para a câmera. Ele ri, nem tenta esconder o fato de que está impressionado. Então se inclina, se aproximando da tela, encarando-a.

— Um dia desses, aquela garota vai me notar. Pode esperar.

— Não sou imortal — diz vovô. — Nem você.

Miller olha de volta para o palco e ri.

— Você é meu pior avô.

— Sou seu único avô.

— Graças a Deus — responde Miller, rindo.

Então a câmera é desligada.

Lágrimas escorrem por minhas bochechas. Estou balançando a cabeça, completamente chocada. Miller continua me abraçando. Ele leva a boca até minha orelha.

— E você disse que convites elaborados para a festa de formatura eram chatos.

Eu rio enquanto choro. Então me viro e o beijo.

— É óbvio que vivo falando besteira.

Ele pressiona a testa contra a minha e sorri.

Alguém acende a luz. Nós nos separamos, e minha mãe está secando as lágrimas.

— Era *esse* filme que vocês deviam entregar.

Lexie assente.

— Esse não segue os requisitos — diz Jonah. — Não foi totalmente filmado neste ano. — Ele olha para Miller e pisca. — Mas foi ótimo.

Eu encaro a tela desligada, incrédula. Então, a ficha cai.

— Espere um pouco. — Encaro Miller. — Você disse que o nome da sua picape era em homenagem a uma música dos Beatles. Mas Nora era o nome da minha personagem naquela peça.

Ele sorri.

— Existe alguma música dos Beatles chamada Nora?

Miller balança a cabeça, e fico sem acreditar. Ele nunca vai conseguir superar o que acabou de fazer.

Uma hora depois, ainda estou louca. Não louca de *verdade*. Louca por Miller.

Ele prometeu me levar para fazer um lanche, porque estou morta de fome, mas vai na direção oposta ao centro da cidade.

— Achei que a gente fosse comer.

— Primeiro quero te mostrar uma coisa lá em casa.

Ocupo o meio do banco da picape, apoiando a cabeça no ombro dele. Estou olhando para o telefone quando sinto que começamos a diminuir a velocidade. Mas passamos pela casa de Miller. Ele para no acostamento, no escuro.

— O que você está fazendo?

Ele abre a porta e pega minha mão, me puxando para fora. Então anda comigo por alguns metros e aponta para algo. Vejo a placa dos limites da cidade.

— Notou alguma coisa?

Olho para baixo, e ela está cimentada no chão.

— Uau. Você conseguiu. Mudou os limites da cidade.

— Pensei que a gente podia ficar na minha casa e pedir pizza com o vovô hoje.

— Pepperoni e abacaxi?

Miller balança a cabeça, larga minha mão e começa a andar de volta para a picape.

— Tão perto de gabaritar, Clara. *Tão* perto.

Cinco minutos depois, eu e o vovô agimos como se ver Miller pedir uma pizza fosse a coisa mais fantástica do mundo. Nós dois estamos sentados na ponta das poltronas. Começo a roer as unhas. Miller colocou o telefone no viva-voz, então o clima na sala fica tenso quando o atendente diz:

— Acho que não entregamos tão longe. Nossa área de entrega é dentro dos limites da cidade.

— Mas eu moro dentro dos limites da cidade. A uns seis metros — responde Miller, confiante.

Há silêncio do outro lado da linha antes de o cara responder:

— Certo. Você está no sistema. Deve demorar uns quarenta e cinco minutos.

Quando ele desliga, pulamos e batemos as mãos. O vovô não consegue pular, então me aproximo para bater na mão dele também.

— Sou um gênio — diz Miller. — Cinco meses de trabalho duro e ilegal finalmente foram compensados.

— Estou meio orgulhoso — comenta o vovô. — Apesar de eu não querer apoiar nenhuma ilegalidade. Mas, veja bem... é pizza, então...

Miller ri. O alarme dos remédios do vovô toca, então vou até a cozinha pegar os comprimidos de que ele precisa. Enquanto Miller está no trabalho, tenho ajudado por aqui. Durante o dia, um acompanhante fica com ele, agora ele precisa de cuidados integrais.

Gosto de passar tempo com o vovô. Ele me conta tantas histórias divertidas sobre Miller. Sobre sua própria vida. E, apesar de ainda brincar que foi largado pela esposa na cidade, adoro quando fala sobre ela. Os dois foram casados por cinquenta e dois anos, até ela falecer. Escutar histórias sobre eles me ajuda a voltar a acreditar no amor.

Jonah e minha mãe também ajudam. Foi esquisito por um tempo, ver os dois juntos. Mas eles combinam. E estão indo devagar, resolveram esperar antes de tomar grandes decisões, tipo morarem juntos. Mas jantamos com Jonah e Elijah quase todas as noites.

Ele é uma pessoa completamente diferente com mamãe do que era com tia Jenny. Não que fosse ser infeliz vivendo com minha tia e Elijah. Mas minha mãe o faz se iluminar de um jeito que nunca vi antes. Sempre que ela está por perto, Jonah a encara como se nunca tivesse visto nada tão maravilhoso.

Pego Miller olhando para mim desse jeito, às vezes. Tipo agora, enquanto estou parada na cozinha, organizando os remédios do seu avô.

Levo os comprimidos para a sala e me sento ao lado de Miller, no sofá.

Seu avô toma os remédios e coloca seu copo de água na mesa ao lado da poltrona.

— Então? Acho que hoje finalmente foi o dia de assistir ao vídeo de quando Miller se apaixonou por você?

Eu rio e me apoio no meu namorado.

— Seu neto é muito romântico.

Ele ri.

— Não, meu neto é um idiota. Ele demorou três anos para, finalmente, convidar você para sair.

— Paciência é uma virtude — diz Miller.

— Não quando se tem câncer. — O vovô levanta. — Faz sete meses que estou esperando para morrer, mas nada acontece. Acho melhor acabar logo com

isso.

Com o andador, ele segue lentamente para a cozinha.

— Acabar com o quê? — pergunta Miller.

O vovô abre a gaveta onde guarda seus documentos. Ele folheia os papéis e tira uma pasta, trazendo-a de volta à sala. Então a joga sobre a mesa, na frente do neto.

— Meu plano era esperar e deixar meu advogado dar a notícia depois que eu morresse. Achei que ia ser mais engraçado assim. Mas, às vezes, acho que não vou morrer nunca, e não resta muito tempo para você se inscrever na faculdade.

Miller puxa a pasta, abre-a e começa a ler a primeira página. Parece um testamento. Ele passa os olhos pela folha e ri.

— Você deixou mesmo seus direitos do ar para mim no testamento? — pergunta ele, olhando para cima.

O vovô revira os olhos.

— Faz dez anos que eu digo isso, e você fica rindo de mim.

Miller dá de ombros.

— Talvez eu não esteja entendendo a piada? Como você pode deixar *ar* para alguém?

— São *direitos aéreos*, seu idiota! — O vovô se inclina na cadeira. — Eu comprei quando tinha trinta anos, na época que morava com sua avó em Nova York. Aqueles desgraçados ficam tentando me convencer a vender, mas eu já tinha prometido que ia dar tudo para você, e não quebro minhas promessas.

Estou tão confusa quanto Miller, acho.

— O que são direitos aéreos?

O vovô gira a cabeça.

— Essas escolas não ensinam nada mesmo. É tipo ser dono de uma terra, mas, em cidades maiores, você pode comprar partes do ar para as pessoas não construírem nada na frente ou em cima da sua casa. Tenho um pedacinho do ar em Union Square. Da última vez que conferi, valia uns duzentos e cinquenta mil dólares.

Miller engasga. E continua engasgando. Forte. Bato em suas costas antes de ele levantar e apontar para a pasta.

— Você está brincando?

O vovô faz que não com a cabeça.

— Sei o quanto você quer estudar naquela faculdade em Austin. Meu advogado me disse que seus estudos devem custar uns cento e cinquenta mil.

Além do mais, vai ter que pagar os impostos quando vender os direitos. Acho que deve sobrar o suficiente para dar entrada em uma casa algum dia, talvez viajar. Ou comprar equipamentos de filmagem. Sei lá. Você não vai ser rico, mas é melhor do que nada.

Miller parece prestes a chorar. Ele anda de um lado para o outro da sala, tentando não encarar o avô. Quando o faz, seus olhos estão vermelhos, mas ele ri.

— Esse tempo todo, você ficava dizendo que eu herdaria *ar*. Achei que fosse só uma das suas piadas. — Miller se aproxima do avô e lhe dá um abraço. Então se afasta. — E como assim você estava esperando morrer para eu receber a notícia? Por quê?

O vovô dá de ombros.

— Achei que seria engraçado fazer uma última piada depois de morto, quando você menos esperava.

Miller revira os olhos. Depois olha para mim, sorrindo. Sei que estamos pensando na mesma coisa, e é a melhor notícia do mundo saber que talvez a gente more na mesma cidade depois que eu me formar no próximo ano. Estudaremos na mesma faculdade. Talvez até assistiremos às mesmas aulas.

— Você sabe o que isso significa? — pergunto a ele.

Miller dá de ombros.

— A Universidade do Texas? A cor da sua faculdade será *laranja*, Miller.

Ele ri. O vovô também. Mas Miller não sabe que as piadas ainda não acabaram. Estou guardando uma para a festa de formatura.

Comprei o vestido perfeito para nossa ocasião especial. No pior tom de laranja que consegui encontrar.

FIM

Agradecimentos

Primeiro e principalmente, quero agradecer a você por ler este livro. Eu pareço ser incapaz de me apegar a uma categoria, então o fato de que meus leitores apoiam tudo que estou no humor de escrever é o que mais valorizo na minha carreira.

Minha tendência é ter uma lista enorme de pessoas para agradecer em todos os livros, mas acho que mencionei quase todo mundo que conheço nos agradecimentos de *Verity*. Apesar de eu poder repetir a dose, vou resumir estes para me concentrar primeiro em algumas pessoas que não tiveram nada a ver com a criação deste livro. Kimberly Parker e Tyler Easton, quero agradecer por vocês serem exemplos tão épicos para todos os pais. A forma como lidam com seus filhos e a separação é inspiradora e esperançosa, e acho que isso precisa ser reconhecido. Também quero agradecer a Murphy Fennell e Nick Hopkins pelo mesmo motivo e por serem os melhores pais que minha sobrinha poderia ter.

Obrigada a todos que leram este livro enquanto eu o escrevia. Brooke, Murphy, Amber, Goleb, Tasara, Talon, Maria, Anjanette, Vannoy e Lin: fico grata por sua sinceridade e seu feedback. Vocês me inspiram a querer continuar crescendo nesta carreira, e é por isso que continuam sendo bombardeados com meus rascunhos.

Minha gratidão imensa à minha agente, Jane Dystel, e à equipe inteira. Vocês sempre me impressionam com seu apoio, conhecimento e incentivos intermináveis.

Obrigada a Anh Schluep e todos na Montlake Romance. Este é nosso primeiro livro juntos, e adorei trabalhar com toda a equipe da Montlake. Mal posso esperar para criar mais histórias com vocês!

Obrigada a Lindsey Faber por ser uma companheira de trabalho fantástica. Espero que eu possa ficar com você para sempre.

A todos os meus amigos escritores, leitores, blogueiros, Instagrammers e YouTubers de livros, profissionais da indústria e similares. Obrigada por fazerem parte deste maravilhoso mundo da literatura. A criatividade dentro de todos vocês me mantém inspirada.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.<


O lado feio do amor
Colleen Hoover
Galera

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Slammed
Métrica
Pausa
Essa garota

Série Hopeless
Um caso perdido
Sem esperança
Em busca de Cinderela
Em busca da perfeição

Série Nunca jamais
Nunca jamais
Nunca jamais: parte dois
Nunca jamais: parte três

Série Talvez
Talvez um dia
Talvez agora

O lado feio do amor
Novembro, 9
Confesse
É assim que acaba
Tarde demais
As mil partes do meu coração
Todas as suas (im)perfeições
Verity
Se não fosse você
Layla
Até o verão terminar

Colleen Hoover

O lado feio do amor

Tradução
Priscila Catão

24ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO
2022

EDITORA-EXECUTIVA
Rafaella Machado

COORDENADORA EDITORIAL
Stella Carneiro

EQUIPE EDITORIAL
Juliana de Oliveira
Isabel Rodrigues
Lígia Almeida
Manoela Alves

CAPA
Gabriella Gouveia

TÍTULO ORIGINAL
Ugly Love

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hoover, Colleen

H759L

O lado feio do amor [recurso eletrônico] : ugly love / Colleen Hoover ; tradução Priscila Catão. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2015.
recurso digital

Tradução de: Ugly love
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-10625-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Catão, Priscila. II. Título.

15-25107

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Copyright © 2014 by Colleen Hoover
Copyright da edição em português © 2015 por Editora Galera Record Ltda.
Publicado mediante acordo com a editora original, Atria Books, um selo da Simon & Schuster, Inc.
Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-10625-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.b

Às minhas duas melhores amigas do mundo,
que por acaso também são minhas irmãs,
Lin e Murphy

Sumário

Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte

Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete
Capítulo trinta e oito
Capítulo trinta e nove
Epílogo
Agradecimentos
Carta aos leitores

Capítulo um

TATE

— Alguém esfaqueou seu pescoço, mocinha.

Meus olhos se arregalam, e me viro lentamente para o senhor idoso parado ao meu lado. Ele aperta o botão do elevador e se volta para mim, então sorri e aponta para meu pescoço.

— Sua marca de nascença — explica.

Instintivamente, ergo a mão e toco a marca do tamanho de uma moeda que fica abaixo da minha orelha.

— Meu avô dizia que o local da marca de nascença de uma pessoa revelava a história de como ela perdeu a batalha na vida passada. Pelo jeito, você levou uma facada no pescoço. Mas aposto que foi uma morte rápida.

Sorrio, mas não sei se devo achar graça ou ficar com medo. Apesar de ter puxado papo de uma maneira um tanto mórbida, não vejo como esse senhor pode ser muito perigoso. Sua postura curvada e trêmula indica que não tem menos de 80 anos. Ele dá alguns passos lentos na direção de uma das duas cadeiras de veludo encostadas na parede ao lado do elevador, então solta um grunhido ao se acomodar, e olha para mim mais uma vez.

— Vai para o décimo oitavo andar?

Meus olhos estreitam-se enquanto assimilo a pergunta. Por alguma razão, ele sabe para que andar estou indo, apesar de ser a primeira vez que piso nesse prédio e de, definitivamente, ser a primeira vez que vejo esse homem.

— Sim — digo, cautelosamente. — O senhor trabalha aqui?

— Na verdade, trabalho.

Ele indica o elevador com a cabeça, e meu olhar segue os números iluminados. Onze andares para chegar. Espero que seja rápido.

— Eu aperto o botão do elevador — diz ele. — Acho que meu trabalho não tem um nome oficial, mas gosto de dizer que sou capitão de voo, pois faço as pessoas subirem até vinte andares no ar.

Sorrio com as palavras dele, pois tanto meu irmão quanto meu pai são pilotos.

— Há quanto tempo é capitão de voo aqui? — pergunto, enquanto espero.

Juro que esse maldito elevador é o mais lento que já vi.

— Desde que fiquei velho demais para cuidar da manutenção do prédio. Trabalhei aqui por 32 anos antes de me tornar capitão. Faço as pessoas voarem há mais de quinze se não me engano. O dono me deu esse trabalho por pena, para me manter ocupado até eu morrer. — Ele sorri para si mesmo. — O que não percebeu foi que Deus me deu muitas missões importantes para cumprir na vida, e, nesse momento, estou tão atrasado com elas que *nunca* vou morrer.

Percebo que estou rindo quando a porta do elevador finalmente se abre. Estendo o braço, seguro a alça da minha mala e me viro para ele mais uma vez antes de entrar.

— Qual o seu nome?

— Samuel, mas pode me chamar de Cap. Todos me chamam assim.

— Tem alguma marca de nascença, Cap?

Ele sorri.

— Na verdade, tenho. Parece que, na minha vida passada, levei um tiro bem na bunda. Devo ter sangrado até a morte.

Sorrio e levo a mão à testa, cumprimentando o capitão com a devida continência. Entro no elevador e me viro para as portas abertas, admirando o luxo da portaria. Parece mais um hotel histórico do que um prédio residencial, com colunas grossas e chão de mármore.

Quando Corbin me deixou ficar em sua casa até que eu encontrasse um emprego, eu não fazia ideia de que ele vivia como um adulto de verdade. Achei que seria como da última vez em que o visitei, logo depois de me formar no colégio. Na época, ele tinha começado a estudar para tirar a licença de piloto. Isso foi há quatro anos, e era um prédio meio esquisito de dois andares. Mais ou menos o que eu estava esperando hoje.

Não imaginava de maneira alguma um enorme arranha-céu bem no centro de São Francisco.

Encontro o painel e aperto o botão do 18º andar, depois olho para a parede espelhada do elevador. Passei o dia anterior e boa parte daquela manhã guardando tudo que havia no meu apartamento em San Diego. Felizmente, não tenho muitas coisas. Mas depois de dirigir sozinha 800 quilômetros, a exaustão está bem nítida no meu reflexo. O cabelo está preso com um lápis num coque frouxo no topo da cabeça, pois não consegui encontrar um elástico enquanto dirigia. Normalmente, meus olhos são tão castanhos quanto meu cabelo cor de avelã, mas agora estão uns dez tons mais escuros, graças às olheiras que os acompanham.

Coloco a mão na bolsa e pego um protetor labial na esperança de salvar meus lábios antes que acabem ficando com uma aparência tão desgastada quanto o resto de mim. Assim que as portas do elevador começam a se fechar, elas se abrem novamente. Um rapaz caminha apressado na direção dos elevadores, preparando-se para seguir em frente enquanto cumprimenta o senhor.

— Valeu, Cap.

Não consigo ver Cap de dentro do elevador, mas ouço-o responder com um grunhido. Não parece nem um pouco a fim de puxar papo como fez comigo. Esse cara aparenta ter uns 30 anos, no máximo. Sorri para mim, e sei exatamente o que está pensando, pois acabou de colocar a mão esquerda no bolso.

A mão com a aliança.

— Décimo andar — fala, sem tirar os olhos de mim. Seu olhar desce até o pequeno decote da minha camisa e depois passa para a mala ao meu lado. Aperto o botão do décimo andar. *Devia ter vindo de suéter.* — Está se mudando pra cá? — pergunta, encarando descaradamente minha camisa mais uma vez.

Faço que sim, mas duvido que ele tenha percebido, pois seu olhar empacou bem longe do meu rosto.

— Que andar?

Ah, não, nem vem. Estendo o braço e cubro todos os botões do painel com as mãos para esconder o botão do 18º aceso, então pressiono todos os botões entre o dez e o dezoito.

Ele olha para o painel, confuso.

— Não é da sua conta.

Ele ri.

Acha que estou brincando.

O homem ergue a sobrancelha escura e grossa. É uma bela sobrancelha. E está num belo rosto, que está numa bela cabeça, que está num belo corpo.

Num corpo *casado*.

Babaca.

Sorri sedutoramente após perceber que dei uma conferida nele; só que não foi pelo motivo que ele está pensando. Eu estava me perguntando metalmente quantas vezes esse corpo pressionou alguma moça que não era a sua esposa.

Sinto pena dela.

Ele está olhando para o meu decote mais uma vez quando chegamos ao décimo andar.

— Posso ajudá-la com isso — oferece, inclinando a cabeça na direção da minha mala.

A voz dele é gostosa. Pergunto-me quantas garotas já se entregaram a essa voz casada. Ele se aproxima de mim e estende o braço na direção do painel, apertando corajosamente o botão que fecha as portas.

Encaro-o e aperto o botão para abri-las.

— Eu me viro.

Ele assente como se entendesse, mas ainda há um brilho malicioso em seus olhos, que me confirma que não fui com a cara dele. O homem sai do elevador e se vira para mim antes de se afastar.

— Até mais, Tate — diz, enquanto as portas se fecham.

Franzo a testa, constrangida porque as duas pessoas com quem interagi desde que entrei nesse prédio já sabem quem sou.

Continuo sozinha no elevador, parando em todos os andares até chegar ao meu. Saio, tiro o telefone do bolso e abro as mensagens de Corbin. Não lembro qual era o número do apartamento. Ou é 1816 ou 1814.

Talvez 1826?

Paro na frente do 1814, pois tem um homem apagado no chão do corredor, recostado à porta do 1816.

Por favor, não seja o 1816.

Encontro a mensagem no telefone e tenho um calafrio. É o 1816.

Óbvio que é.

Aproximo-me da porta lentamente, torcendo para não acordar o cara. Suas pernas estão esparramadas para a frente, e ele está encostado na porta de Corbin, com o queixo no peito, roncando.

— Com licença — digo, bem baixinho.

Ele não se move.

Ergo a perna e cutuco seu ombro com o pé.

— Preciso entrar nesse apartamento.

Ele se mexe e abre lentamente os olhos, encarando minhas pernas à frente.

Seus olhos encontram meus joelhos, e ele franze as sobrancelhas enquanto se inclina vagarosamente para a frente, enrugando bastante a testa. Ergue a mão e cutuca meu joelho com o dedo, quase como se nunca tivesse visto um joelho antes. Então afasta a mão, fecha os olhos e cai de novo contra a porta, voltando a dormir.

Maravilha.

Corbin só volta amanhã, então disco o número dele para saber se devo me preocupar com esse cara ou não.

— Tate? — atende, sem nem sequer dizer alô.

— É. Cheguei bem, mas não consigo entrar porque tem um bêbado apagado aqui na sua porta. Alguma sugestão?

— 1816? Tem certeza de que está no apartamento certo?

— Sim.

— Tem certeza de que ele está bêbado?

— Sim.

— Que estranho. O que está vestindo?

— Por que quer saber isso?

— Se estiver de uniforme de piloto, provavelmente mora no prédio. A nossa companhia aérea tem um contrato com o prédio.

O cara não está com nenhum uniforme, mas é inevitável perceber que a calça jeans e a camisa preta ficaram muito bem nele.

— Sem uniforme — confirmo.

— Consegue passar por ele sem acordá-lo?

— Precisaria arrastá-lo. Ele vai cair para dentro do apartamento se eu abrir a porta.

Corbin fica em silêncio por alguns segundos enquanto pensa.

— Vá lá embaixo e chame o Cap — sugere. — Avisei que você chegaria hoje à noite. Ele pode ficar do seu lado até você conseguir entrar.

Suspiro, porque passei seis horas dirigindo e não estou nada a fim de voltar lá para baixo agora. E também porque Cap provavelmente é a última pessoa capaz de me ajudar nessa situação.

— Fique ao telefone comigo até eu entrar.

Gosto bem mais do meu plano. Seguro o telefone contra o ouvido com o ombro e procuro na bolsa a chave que Corbin me mandou. Coloco-a na

fechadura e começo a abrir a porta, mas o bêbado começa a cair para trás a cada centímetro que a porta abre. Ele solta um grunhido, mas não abre os olhos.

— Uma pena estar bêbado — digo para Corbin. — Ele não é feio.

— Tate, entra logo e tranca a porta, porque eu quero desligar.

Reviro os olhos. Ele continua sendo o mesmo mandão de sempre. Sabia que morar com meu irmão não seria bom para o nosso relacionamento; quando éramos mais novos, ele agia como se fosse meu pai. Mas não tive tempo de encontrar emprego, achar apartamento e me acomodar antes de minhas novas aulas começarem, então não tive muita escolha.

Mas espero que agora as coisas sejam diferentes entre nós. Corbin está com 25 anos, e eu, com 23. Se nossa relação não melhorar nem um pouco, significa que ainda temos muito o que amadurecer.

Acho que vai depender mais de Corbin se mudou desde a última vez que moramos juntos. Ele criava problema com todo mundo com quem eu saía, todos os meus amigos e com todas as minhas escolhas — até com a universidade em que eu queria estudar. Não que eu ligasse para a opinião dele. A distância e o tempo que passamos separados parecem ter feito com que meu irmão me deixasse em paz nos últimos anos, mas voltarmos a morar juntos será a prova final para a nossa paciência.

Penduro a bolsa no ombro, mas ela fica presa na alça da mala, então a deixo cair no chão. Continuo segurando firme a maçaneta com a mão esquerda e fecho a porta, para que o rapaz não caia por inteiro dentro do apartamento. Pressiono o pé no ombro dele, afastando-o do centro da porta.

O cara não se mexe.

— Corbin, ele é pesado demais. Preciso desligar para usar as duas mãos.

— Não, não desligue. Coloque o telefone no bolso, mas não desligue.

Olho para o blusão e a legging que estou vestindo.

— Não tenho bolso. Você vai para o sutiã.

Corbin finge que vai vomitar enquanto afasto o telefone do ouvido e o enfio dentro do sutiã. Tiro a chave da fechadura e a solto na direção da bolsa, mas erro o alvo, e ela cai no chão. Estendo o braço para baixo, na tentativa de segurar o bêbado e afastá-lo do meu caminho.

— Vamos lá, cara — digo, fazendo força para afastá-lo do centro da porta. — Foi mal interromper seu cochilo, mas preciso entrar nesse apartamento.

De alguma maneira, consigo erguê-lo e encostá-lo no batente da porta para impedir que ele caia dentro do apartamento. Em seguida, abro-a um pouco mais

e me viro para pegar minhas coisas.

Alguma coisa quente segura meu tornozelo.

Fico paralisada.

Olho para baixo.

— Me solte! — grito, chutando a mão que está agarrando o meu tornozelo com tanta força que tenho certeza que vai deixar um hematoma.

Agora o bêbado está olhando para mim, e sua força me faz cair dentro do apartamento enquanto tento me afastar dele.

— Preciso entrar aí — murmura ele, enquanto minha bunda bate no chão. Ele tenta abrir a porta com a outra mão, me deixando em pânico imediatamente. Puxo minhas pernas para dentro do apartamento e a mão dele vem comigo. Uso a perna livre para fechar a porta com um chute, batendo-a bem no pulso dele.

— Merda! — grita.

Ele está tentando puxar a mão de volta para o corredor, mas meu pé continua pressionando a porta. Diminuo a força o suficiente para que ele se solte, e na mesma hora chuto a porta para fechá-la de vez. Então me levanto, tranco a porta, fecho o trinco e passo o ferrolho o mais rápido possível.

Assim que desacelera um pouco, meu coração começa a gritar comigo.

Meu coração está mesmo gritando comigo.

Com uma voz grave e masculina.

Parece gritar:

— Tate! Tate!

Corbin.

Olho imediatamente para o peito e tiro o telefone do sutiã, levando-o ao ouvido.

— Tate! Me responda!

Contorço-me e afasto o telefone vários centímetros do ouvido.

— Estou bem — respondo, ofegante. — Estou aqui dentro. Tranquei a porta.

— Cacete! — exclama, aliviado. — Quase me matou de susto. O que diabos aconteceu?

— Ele estava tentando entrar. Mas tranquei a porta.

Acendo a luz da sala de estar e dou três passos antes de parar bruscamente.

Que beleza, Tate.

Viro-me lentamente para a porta após perceber o que fiz.

— Hum. Corbin? — chamo, e faço uma pausa. — Deixei lá fora algumas coisas de que vou precisar. Até poderia pegá-las, mas por algum motivo, o bêbado está achando que precisa entrar aqui, então não vou abrir a porta de novo nem a pau. Alguma sugestão?

Meu irmão fica em silêncio por alguns segundos.

— O que deixou no corredor?

Não quero, mas respondo:

— Minha mala.

— Meu Deus, Tate — murmura ele.

— E... minha bolsa.

— Por que diabos sua *bolsa* está lá fora?

— E pode ser que também tenha deixado a chave do apartamento no chão do corredor.

Ele nem responde à última frase. Só solta um gemido.

— Vou ligar para Miles e ver se ele já chegou. Me dê dois minutos.

— Espera. Quem é Miles?

— Ele mora no apartamento da frente. Aconteça o que acontecer, só abra a porta quando eu ligar de novo.

Corbin desliga, e eu me recosto na porta.

Moro em São Francisco há apenas trinta minutos e já estou enchendo o saco dele. Era de se esperar. Vou ter sorte se puder ficar aqui até encontrar um emprego. Espero que não demore, pois me candidatei a três vagas de enfermeira no hospital mais próximo. Talvez isso signifique trabalhar à noite, nos fins de semana ou nos dois, mas aceito qualquer coisa para não precisar usar a minha poupança enquanto volto a estudar.

O telefone toca. Deslizo o dedo pela tela e atendo.

— Oi.

— Tate?

— Sim — respondo, me perguntando por que ele sempre confere se sou eu mesma.

Ele ligou para *mim*, então quem mais atenderia com a voz idêntica a minha?

— Falei com Miles.

— Ótimo. Ele vai me ajudar a pegar minhas coisas?

— Não exatamente. Eu meio que preciso que você me faça um grande favor.

Minha cabeça encosta na porta novamente. Tenho a impressão de que os próximos meses serão cheios de favores inconvenientes, pois ele sabe que me dar

abrigo aqui é uma ajuda e tanto. Lavar louça? Confere. Lavar as roupas de Corbin? Confere. Ir mercado para Corbin? Confere.

— O que é?

— Miles está meio que precisando da sua ajuda.

— O vizinho? — Paro de falar assim que a ficha cai e fecho os olhos. — Corbin, não me diga que o cara que você chamou para me proteger do bêbado *é* o próprio bêbado.

Corbin suspira.

— Preciso que destranque a porta e o deixe entrar. Deixe que durma no sofá. Chego bem cedo amanhã. Quando ficar sóbrio, ele vai perceber onde está e vai direto para casa.

Balanço a cabeça.

— Que prédio é esse em que você está morando? Preciso me preparar para ser apalpada por bêbados toda vez que chegar em casa?

Uma longa pausa.

— Ele apalpou você?

— "Apalpar" talvez seja exagero. Mas ele agarrou meu tornozelo.

Corbin solta outro suspiro.

— Só faça isso por mim, Tate. Me ligue de novo quando tiver colocado Miles e as suas coisas para dentro de casa.

— Está bem — respondo com um grunhido, percebendo a preocupação em sua voz.

Desligo o telefone e abro a porta. O bêbado cai em cima do próprio ombro, e o celular desliza da mão e cai no chão ao lado de sua cabeça. Deito-o de costas e olho para ele, que abre os olhos e tenta olhar para mim, mas suas pálpebras se fecham novamente.

— Você não é Corbin — murmura ele.

— Não. Não sou. Mas sou sua nova vizinha, e pelo jeito você já está me devendo no mínimo cinquenta xícaras de açúcar.

Ergo-o pelos ombros e tento fazer com que ele se sente, mas não dá certo. Na verdade, acho que ele nem consegue sentar. Como uma pessoa fica assim tão bêbada?

Agarro suas mãos e o puxo para dentro do apartamento, centímetro por centímetro, parando apenas quando ele entra o suficiente para que eu consiga fechar a porta. Pego minhas coisas no corredor, fecho e tranco a porta. Tiro uma

almofada do sofá, ergo a cabeça dele e o viro de lado, para o caso de ele vomitar durante o sono.

E é apenas isso que vou fazer por ele.

Depois que ele está confortavelmente adormecido no meio da sala de estar, deixo-o sozinho e vou dar uma olhada no apartamento.

Só nessa sala caberiam três salas do antigo apartamento de Corbin. A de jantar é aberta para a de estar, mas a cozinha é separada por uma bancada. Há vários quadros modernos espalhados pelo cômodo, e os sofás grossos e felpudos cor de canela contrastam com os quadros vibrantes. Da última vez que morei com meu irmão, havia um sofá-cama, um pufe e pôsteres de modelos nas paredes.

Acho que ele finalmente está amadurecendo.

— Muito impressionante, Corbin — elogio em voz alta, enquanto vou de um cômodo para outro e acendo todas as luzes, inspecionando o que acabou de se tornar meu lar temporário.

Eu meio que odeio o fato de o apartamento ser tão legal. Assim fica mais difícil querer encontrar meu próprio lugar depois que juntar dinheiro suficiente.

Entro na cozinha e abro a geladeira. Há uma fileira de condimentos na porta, uma caixa de pizza na prateleira do meio e uma garrafa de leite completamente vazia na prateleira superior.

Óbvio que ele não tem comida. Não dava para esperar que a mudança tivesse sido *completa*.

Pego uma garrafa d'água e saio da cozinha para procurar o quarto em que vou morar nos próximos meses. Há dois deles, então entro no que não é o de Corbin e coloco minha mala na cama. Tenho mais três malas e pelo menos mais seis caixas no carro, sem falar em todas as roupas nos cabides, mas não vou cuidar disso hoje à noite. Corbin disse que estaria de volta pela manhã, então vou deixar que ele resolva isso.

Coloco uma calça de moletom e uma regata, escovo os dentes e me preparo para dormir. Normalmente, ficaria nervosa por ter um desconhecido no mesmo apartamento que eu, mas sinto que não preciso me preocupar. Corbin nunca pediria para que eu ajudasse alguém se achasse que isso representaria algum risco para mim. O que me deixa confusa, porque, se Miles costuma se comportar assim, fico surpresa por Corbin ter pedido para que o trouxesse para dentro de casa.

Meu irmão nunca confiou em rapazes interessados em mim, e, na minha opinião, isso é culpa de Blake, meu primeiro namorado sério e o melhor amigo de Corbin. Blake tinha 17 anos, e eu, 15, e passei meses muito a fim dele. É evidente que minhas amigas e eu éramos muito a fim da maioria dos amigos de Corbin, só porque eram mais velhos do que nós.

Blake ia lá para casa na maioria dos fins de semana para passar a noite com Corbin, e nós sempre arranjávamos uma maneira de ficar juntos quando meu irmão não estava prestando atenção. Uma coisa foi levando à outra, e, depois de vários fins de semana às escondidas, Blake me disse que queria oficializar o namoro. O problema foi que ele não previu a reação de Corbin quando seu melhor amigo partisse meu coração.

E, caramba, ele partiu mesmo. Tanto quanto era possível para uma garota de 15 anos em um namoro secreto de duas semanas. O caso era que Blake estava namorando oficialmente várias garotas durante essas duas semanas. Quando meu irmão descobriu, a amizade dos dois acabou e Corbin avisou a todos os seus amigos quem nem chegassem perto de mim. Foi quase impossível ter um namorado no colégio antes do meu irmão finalmente se mudar. E, mesmo depois, os garotos tinham ouvido as histórias de terror e achavam melhor ficar bem longe da irmã caçula de Corbin.

Por mais que eu odiasse aquilo na época, agora seria maravilhoso. Já cansei de namoros que deram errado depois do colégio. Morei com meu último namorado por mais de um ano antes de percebermos que queríamos coisas diferentes para o futuro: ele queria que eu ficasse em casa; eu queria uma carreira.

Então agora estou aqui. Focando no mestrado em enfermagem e fazendo o possível para evitar namoros. Talvez morar com Corbin não seja tão ruim no fim das contas.

Volto à sala para apagar as luzes, mas paro imediatamente.

Miles não apenas se levantou, como está na cozinha, com a cabeça apoiada nos braços dobrados na bancada. Está sentado na beira de um dos bancos do balcão, parecendo que vai cair a qualquer segundo. Não sei se está dormindo de novo ou se está apenas tentando se recuperar.

— Miles?

Ele não se mexe depois que o chamo, então me aproximo, toco delicadamente seu ombro e o balanço para acordá-lo. No segundo em que meus

dedos apertam o ombro, ele arqueja e se empertiga, como se eu tivesse acabado de acordá-lo de um sonho.

Ou pesadelo.

Imediatamente, desce do banco com as pernas bastante instáveis e começa a balançar, então jogo o braço dele por cima do ombro e tento levá-lo para fora da cozinha.

— Vamos para o sofá, cara.

Ele encosta a testa na lateral da minha cabeça e cambaleia junto comigo, o que dificulta bastante nosso percurso.

— Meu nome não é Cara — protesta, arrastadamente. — É Miles.

Conseguimos chegar à frente do sofá, e começo a afastá-lo de mim.

— Está certo, Miles. Quem quer que você seja, vá dormir.

Ele cai no sofá, mas não solta meus ombros. Caio com ele e tento me soltar imediatamente.

— Rachel, não — implora, agarrando-me pelo braço, tentando me puxar.

— Meu nome não é Rachel — corrijo, soltando-me de sua pegada forte. — É Tate.

Não sei por que digo isso, pois duvido que ele se lembre dessa conversa no outro dia. Vou até onde está a almofada e a pego no chão.

Paro antes de devolvê-la a ele, pois agora Miles está de lado, pressionando o rosto na almofada. Segura o sofá com tanta força que os nós de seus dedos estão brancos. A princípio acho que está prestes a vomitar, mas depois percebo que estou incrivelmente errada.

Ele não está *passando mal*.

Está *chorando*.

Muito.

Com tanta intensidade que não está fazendo nenhum som.

Nem conheço esse cara, mas é difícil testemunhar seu sofrimento, tão evidente. Olho para o corredor e depois para ele, perguntando-me se não seria melhor dar a ele certa privacidade. A última coisa que quero é me envolver nos problemas dos outros. Consegui evitar boa parte dos dramas do meu grupo de amigos até agora, e quero que continue assim. O instinto pede que eu me afaste, mas por alguma razão, me compadeço estranhamente dele. Sua aflição parece realmente genuína, não é apenas o resultado do consumo exagerado de álcool.

Ajoelho-me à sua frente e toco seu ombro.

— Miles?

Ele inspira profundamente, levantando o rosto aos poucos para me olhar. Seus olhos são meras frestas vermelhas. Não sei se é por causa do choro ou da bebida.

— Me desculpe mesmo, Rachel — diz ele, erguendo a mão na minha direção. Ele coloca-a na minha nuca e me puxa para perto, enterrando o rosto no espaço entre meu pescoço e ombro. — Me desculpe mesmo.

Não faço ideia de quem seja Rachel ou do que ele fez com ela, mas, se o cara está sofrendo tanto assim, tenho um calafrio só de pensar no que *ela* está sentindo. Fico tentada a encontrar o telefone dele, procurar o nome dela e pedir que venha dar um jeito nessa situação. Em vez disso, empurro-o delicadamente de volta para o sofá. Arrumo a almofada e o incentivo a se recostar nela.

— Vá dormir, Miles — sugiro, baixinho.

Com os olhos repletos de mágoa, ele se deita na almofada.

— Você me odeia tanto — choraminga, agarrando minha mão.

Seus olhos se fecham mais uma vez, e ele suspira com força.

Encaro-o silenciosamente, deixando-o segurar minha mão até que fique em silêncio, parado, sem mais nenhuma lágrima. Afasto a mão, mas fico do seu lado por mais alguns minutos.

Apesar de estar dormindo, ele ainda parece sofrer imensamente. Está franzindo as sobrancelhas, e sua respiração esporádica não quer se acalmar.

Pela primeira vez, percebo uma discreta cicatriz de uns 10 centímetros de comprimento que percorre uniformemente toda a lateral direita do seu maxilar, terminando a 5 centímetros dos lábios. Sinto uma vontade estranha de tocá-la e passar o dedo por toda a sua extensão, mas em vez disso minha mão vai até seu cabelo. É curto nas laterais e um pouco mais longo em cima, a mistura perfeita de castanho e loiro. Acaricio sua cabeça, consolando-o, embora talvez ele não mereça o gesto.

Talvez esse cara mereça todo o remorso que está sentindo pelo que quer que tenha feito com Rachel, mas pelo menos está sentindo algum remorso. Isso eu preciso reconhecer.

Seja lá o que tenha feito com Rachel, pelo menos ele a ama o suficiente para se arrepender.

Capítulo dois

MILES

Seis anos antes

Abro a porta da sala da administração e levo a lista de presença para a mesa da secretária. Antes de me virar para voltar à aula, ela me interrompe com uma pergunta.

— Você está na turma de inglês do último ano do Sr. Clayton, não é, Miles?

— Sim — respondo para a Sra. Borden. — Quer que eu leve alguma coisa para ele?

O telefone na mesa dela toca, e ela assente, pegando o aparelho e cobrindo-o com a mão.

— Espere mais um minutinho — pede, indicando com a cabeça a sala do diretor. — Estamos com uma aluna nova que acabou de se matricular, e ela também está na aula do Sr. Clayton nesse horário. Preciso que a acompanhe até a sala.

Concordo e me jogo numa das cadeiras próximas à porta. Dou uma olhada na sala da administração e percebo que é a primeira vez que me sento aqui nos meus quatro anos de colégio. O que significa que consegui passar esse tempo todo sem me mandarem para a sala do diretor.

Minha mãe teria ficado orgulhosa em saber disso, mas eu fico um pouco desapontado. A detenção é algo que todo garoto deve enfrentar pelo menos uma vez durante o colégio. Tenho o resto do meu último ano para atingir esse objetivo.

Tiro o celular do bolso, torcendo secretamente para que a Sra. Borden me veja com ele e decida me mandar para a detenção. Ao olhar para cima, percebo que ela ainda está ao telefone, mas faz contato visual comigo; simplesmente sorri e continua seus afazeres.

Balanço a cabeça, desapontado, e abro uma mensagem para Ian. Qualquer besteira anima o pessoal por aqui. Nunca acontece nenhuma novidade.

Eu: Uma novata se matriculou hoje. Último ano.
Ian: Gostosa?
Eu: Não vi ainda. Vou levar ela até a sala de aula.
Ian: Tira foto se ela for gostosa.
Me: Tiro. Aliás, quantas vezes ficou de detenção esse ano?
Ian: Duas. Por quê? O que você fez?

Duas? Pois é, preciso me rebelar um pouco mais antes da formatura. Com certeza, é melhor que eu atrase algum dever de casa esse ano.

Sou ridículo.

A porta da sala do diretor se abre, então fecho o telefone. Guardo-o no bolso e olho para cima.

Nunca mais quero olhar para baixo.

— Miles vai acompanhá-la até a sala do Sr. Clayton, Rachel. — A Sra. Borden aponta na minha direção, e Rachel começa a se aproximar.

Imediatamente fico consciente das minhas pernas e da sua incapacidade de se firmarem no chão.

Minha boca esquece como se fala.

Meus braços esquecem como se cumprimenta alguém para apresentar a pessoa a quem eles pertencem.

Meu coração se esquece de esperar conhecer uma garota antes de começar a rasgar meu peito para chegar até ela.

Rachel.

Rachel.

Rachel, Rachel, Rachel.

Ela é como poesia.

Como prosa e cartas de amor e letras de músicas, cascateando

página

abaixo

bem

no
meio
do
papel.
Rachel, Rachel, Rachel.
Repito o nome dela sem parar na minha cabeça, pois tenho certeza de que é o nome da próxima garota pela qual vou me apaixonar.
De repente, estou em pé. Caminhando na direção dela. Talvez esteja sorrindo, fingindo não estar abalado pelos olhos verdes que espero que um dia sorriam apenas para mim. Ou pelo cabelo ruivo-da-cor-do-meu-coração que parece estar intacto desde que Deus o criou especificamente para ela.
Estou falando com ela.
Digo a ela que me chamo Miles.
Peço que me acompanhe, e digo que vou levá-la até a sala do Sr. Clayton.
Estou encarando-a porque ela não disse nada ainda, mas seu menear de cabeça é a melhor coisa que uma garota já disse para mim.
Pergunto-lhe de onde é, e ela diz que é do Arizona.
— Phoenix — especifica.
Não pergunto o que a fez vir para a Califórnia, mas conto que meu pai faz muitos negócios em Phoenix por ser dono de alguns prédios por lá.
Ela sorri.
Digo que nunca fui a Phoenix, mas que no futuro gostaria de ir.
Ela sorri novamente.
Acho que diz que é uma cidade legal, mas é difícil entender suas palavras quando tudo que escuto na minha cabeça é seu nome.
Rachel.
Vou me apaixonar por você, Rachel.
O sorriso dela me dá vontade de continuar falando, então faço mais uma pergunta enquanto passamos pela sala do Sr. Clayton.
Continuamos andando.
Ela continua falando, porque continuo fazendo perguntas.
Ela assente.
Responde algumas.
Responde outras cantando.
Ou é o que parece.

Chegamos ao fim do corredor bem na hora em que ela diz que espera gostar do colégio, pois não estava a fim de se mudar de Phoenix.

Ela não parece estar muito contente com a mudança.

Ela não sabe o quanto estou contente com a mudança.

— Onde é a sala do Sr. Clayton?

Fico encarando a boca que acabou de fazer aquela pergunta. Seus lábios não são simétricos. Seu lábio superior é um pouquinho mais fino do que o inferior, mas só se percebe isso quando ela fala. Quando ela fala, pergunto-me porque as palavras são tão melhores quando vêm de sua boca do que de todas as outras bocas.

E os *olhos*. É impossível que seus olhos não vejam um mundo mais bonito e pacífico do que todos os outros olhos.

Fico encarando-a por mais alguns segundos; depois aponto para trás de mim e digo que já passamos da sala do Sr. Clayton.

Suas bochechas ficam mais rosadas, como se minha confissão a tivesse afetado da mesma forma como ela está me afetando.

Sorrio novamente.

Meneio a cabeça na direção da sala do Sr. Clayton.

Caminhamos na direção dela.

Rachel.

Você vai se apaixonar por mim, Rachel.

Abro a porta para ela e aviso ao Sr. Clayton que Rachel é nova no colégio.

Também quero acrescentar a todos os outros garotos na sala que Rachel não é deles.

Ela é minha.

Mas não digo nada.

Não preciso, pois a única pessoa que precisa saber que desejo Rachel é *Rachel*.

Ela olha para mim e sorri novamente, sentando-se no único lugar vazio, do outro lado da sala.

Seus olhos me dizem que ela já sabe que é minha.

É apenas uma questão de tempo.

Quero mandar uma mensagem para Ian dizendo que ela não é gostosa. Quero dizer que ela é uma explosão de sabor, mas ele riria disso.

Então, tiro uma foto dela discretamente do meu lugar.

Envio a foto na mensagem para Ian, dizendo: "Ela vai ser a mãe de todos os meus filhos."

O Sr. Clayton começa a aula.
Miles Archer fica obcecado.

***

Conheci Rachel na segunda.
Hoje é sexta.
Não disse nada para ela desde o dia em que nos conhecemos. Não sei por quê. Temos três aulas em comum. Toda vez que a vejo, ela sorri para mim como se quisesse que eu puxasse assunto. Toda vez que crio coragem, convenço-me do contrário.
Eu costumava ser uma pessoa segura.
Até Rachel acontecer.
Estipulei um prazo. Se até hoje eu não criar coragem, estarei abrindo mão da minha única chance. Garotas como Rachel não ficam disponíveis por muito tempo.
Se é que ela está disponível.
Não sei qual a sua história ou se está envolvida com algum cara lá de Phoenix, mas só existe uma maneira de descobrir.
Estou parado ao lado do armário dela, aguardando-a. Ela sai da sala e sorri para mim. Dou um oi quando se aproxima do seu armário. Percebo a mesma mudança sutil na cor de sua pele. Gostei disso.
Pergunto como foi a primeira semana. Ela me diz que foi boa. Pergunto se fez amizades, ao que ela responde, dando de ombros:
— Algumas.
Sinto seu cheiro sutilmente.
Ela percebe mesmo assim.
Digo que está cheirosa.
Diz:
— Obrigada.
Ignoro o barulho do meu coração disparando nos ouvidos. Desconsidero a camada de umidade que está surgindo nas palmas das mãos. Abafo o som do nome dela, que tenho vontade de repetir bem alto, sem parar. Passo por cima de tudo e encaro-a enquanto pergunto se ela não gostaria de fazer alguma coisa mais tarde.

Mantenho tudo a distância e abro espaço para a resposta, pois é a única coisa que quero.

Na verdade, quero aquele menear de cabeça. O que dispensa palavras. Que só pede um sorriso.

Não o consigo.

Ela tem planos para hoje.

Tudo volta com uma força dez vezes maior, como uma enchente que transborda, da qual sou a barragem. O coração disparado, as mãos suadas, o nome dela, uma insegurança inédita, que jamais imaginei que existia, enterrando-se no meu peito. Tudo isso toma conta de mim, parecendo construir um muro ao redor dela.

— Mas não tenho planos para amanhã — complementa, destruindo o muro com suas palavras.

Abro espaço para essas palavras. Muito espaço. Deixo-as me invadirem. Absorvo-as como uma esponja. Colho-as no ar e as engulo.

— Amanhã eu posso — confirmo. Tiro o celular do bolso, sem nem me dar ao trabalho de disfarçar o sorriso. — Qual o seu número? Eu ligo para você.

Ela me diz o número.

Ela está empolgada.

Ela está empolgada.

Salvo o contato dela no meu celular, sabendo que vai ficar lá por muito, muito tempo.

E vou usá-lo.

Bastante.

Capítulo três

TATE

Normalmente, se acordasse, abrisse os olhos e visse um homem zangado me encarando da porta do quarto, eu gritaria. Tacaria coisas. Correria até o banheiro e me trancaria lá dentro.

Mas não fiz nada disso.

Encaro-o de volta, pois não entendo como esse é o mesmo cara que estava desmaiado de tão bêbado no corredor. Como é possível ser o mesmo que chorou até pegar no sono na noite anterior?

Esse cara é intimidante. Esse cara está com raiva. Esse cara está me olhando como se eu devesse pedir desculpas ou me explicar.

Mas é sim o mesmo cara da véspera, pois está com a mesma calça jeans e camisa preta com que dormiu. A única diferença na sua aparência entre a noite e aquela manhã é que agora ele consegue ficar em pé sem ajuda.

— O que aconteceu com minha mão, Tate?

Ele sabe meu nome. Será que sabe por que Corbin contou que eu me mudaria para cá ou por realmente lembrar o que falei na noite anterior? Espero que Corbin tenha dito, pois não quero que ele se lembre da véspera. De repente me sinto envergonhada, pois pode se lembrar de quando o consolei enquanto ele chorava antes de dormir.

Mas, aparentemente, ele não faz ideia do que aconteceu com a mão, então espero que isso também signifique que não se lembra de nada depois daquilo.

Está encostado na porta do meu quarto com os braços cruzados na frente do peito. Parece na defensiva, como se eu fosse a responsável por sua péssima noite.

Rolo para o lado, querendo dormir mais, apesar de ele achar que estou lhe devendo alguma espécie de explicação. Puxo as cobertas para cima da cabeça.

— Tranque a porta ao sair — respondo, esperando que ele perceba a indireta de que está mais do que na hora de voltar para a casa dele.

— Cadê meu celular?

Aperto os olhos e tento ignorar o som suave de sua voz deslizando pelos meus ouvidos, atravessando todos os nervos do meu corpo e me aquecendo em locais que esse cobertor fajuto não esquentou durante a noite.

Lembro que o dono da voz sensual está parado à porta, fazendo perguntas de um jeito grosseiro sem nem reconhecer o fato de que o ajudei na véspera. Queria saber onde está o meu *obrigado*. Ou o meu *oi, sou Miles, prazer*.

Não consigo nada disso desse cara. Ele está preocupado demais com a mão. E com o celular, aparentemente. Preocupado demais consigo mesmo para pensar em quantas pessoas foram importunadas pelo seu descuido da noite anterior. Se ele e esse comportamento serão meus vizinhos nos próximos meses, é melhor ser logo bem clara.

Tiro as cobertas, levanto, vou até a porta e olho em seus olhos.

— Faça-me o favor de dar um passo para trás.

Surpreendentemente, ele obedece. Continuo encarando-o até a porta do quarto bater na cara dele. Sorrio e volto para a cama. Deito-me e puxo as cobertas por cima da cabeça.

Ganhei.

Já falei que não sou muito de acordar cedo?

A porta abre-se novamente.

Escancara-se.

— Qual o seu problema, cacete? — grita ele.

Solto um gemido, sento na cama e o encaro. Ele está parado na porta mais uma vez, ainda me olhando como se eu lhe devesse alguma coisa.

— *Você!* — respondo, aos berros.

Ele parece genuinamente chocado com minha resposta rude, o que me deixa meio mal. Mas é *ele* quem está sendo um babaca!

Eu acho.

Foi ele quem começou.

Eu acho.

Ele me encara firmemente por alguns segundos, inclina a cabeça um pouco para a frente e ergue a sobrancelha.

— Nós... — Ele move o dedo para a frente e para trás entre nós dois. — Nós ficamos ontem? É por isso que está zangada?

Dou uma risada depois de perceber que tinha razão.

É *ele* quem está sendo o babaca.

E isso é uma maravilha. Sou vizinha de um rapaz que enche a cara durante a semana e que obviamente leva tantas garotas para casa que nem consegue lembrar com quem fica ou não.

Abro a boca para responder, mas sou interrompida pelo barulho da porta do apartamento fechando e pela voz de Corbin gritando:

— Tate?

Salto da cama imediatamente e vou correndo até a porta, mas Miles ainda está bloqueando o caminho, fulminando-me com o olhar, esperando alguma resposta para sua pergunta. Encaro-o bem nos olhos para responder, mas eles me surpreendem por um breve instante.

São os olhos azuis mais claros que já vi. Completamente diferente dos olhos pesados e vermelhos de ontem à noite. O azul é tão claro que os olhos quase não têm cor. Continuo encarando-os, meio que esperando conseguir ver ondas se prestar bastante atenção. Diria que são tão cristalinos quanto as águas do Caribe, mas na verdade nunca fui ao Caribe, então não tenho como saber.

Ele pisca, o que imediatamente me faz parar de pensar no Caribe e voltar a São Francisco. A esse quarto. À última pergunta que ele fez antes que Corbin chegasse em casa.

— Não sei se dá para dizer que o que fizemos foi *ficar* — sussurro.

Encaro-o, esperando que saia da minha frente.

Ele se empertiga, vestindo uma armadura invisível com sua postura e linguagem corporal rígida.

Pelo jeito, com base no seu olhar inflexível sobre mim, ele não gosta da ideia de nós dois juntos. Quase parece estar me olhando com nojo, o que me faz achá-lo ainda mais desagradável.

Eu não recuo, e nenhum de nós desvia o olhar quando ele sai da frente e me deixa passar. Corbin aparece no corredor quando saio do quarto. Ele fica olhando para nós dois, então rapidamente correspondo seu olhar indicando que isso que ele está pensando não é nem uma remota possibilidade.

— Oi, mana — diz ele, puxando-me para um abraço.

Não o vejo há quase seis meses. Às vezes é fácil esquecer o quanto você sente saudade de alguém até ver essa pessoa novamente. Não é o caso de Corbin. Sinto

saudade dele o tempo todo. Por mais que às vezes o excesso de proteção encha o saco, isso também prova o quanto somos próximos.

Corbin afasta-se e puxa uma mecha do meu cabelo.

— Está mais comprido — constata. — Gostei.

Acho que nunca passamos tanto tempo sem nos ver. Estendo o braço e dou um peteleco no cabelo que cai em sua testa.

— O seu também. E eu *não* gostei.

Sorrio para mostrar que estou brincando. Na verdade, gostei desse visual mais desgrenhado. As pessoas sempre dizem que somos muito parecidos, mas não acho. Sua pele é bem mais escura do que a minha, o que sempre invejei. Nossos cabelos têm o mesmo tom forte de castanho, mas nossas feições são totalmente diferentes, especialmente os olhos. Mamãe dizia que se juntássemos nossos olhos, eles pareceriam uma árvore. Os dele são verdes como as folhas, e os meus, castanhos como o tronco.

Sempre tive inveja de ele ser as folhas, porque verde era a minha cor preferida quando criança.

Corbin assente, cumprimentando Miles.

— E aí, cara. Noite difícil? — pergunta ele, rindo, como se soubesse exatamente o tipo de noite que Miles teve.

Miles passa por nós dois.

— Não sei. Não me lembro.

Ele entra na cozinha e abre o armário, tirando um copo de lá como se sentisse à vontade.

Não gosto disso.

Não gosto de Miles à vontade.

Miles-à-vontade abre outro armário, tira um frasco de aspirina, enche o copo de água e põe duas aspirinas na boca.

— Subiu todas as suas coisas? — pergunta Corbin para mim.

— Não — confesso, olhando para Miles ao responder. — Passei boa parte da noite me preocupando com seu vizinho.

Miles limpa a garganta, nervoso, enquanto lava o copo e o guarda de volta no armário. Seu constrangimento devido à falta de memória me faz rir. Gosto que ele esteja perdido quanto ao que aconteceu ontem à noite. Até meio que gosto de ver que a ideia de ficar comigo o incomoda. Talvez eu continue mantendo o suspense por um tempo só para satisfazer meu prazer doentio.

Corbin lança um olhar em minha direção como se soubesse o que estou querendo fazer. Miles sai da cozinha e olha para mim, depois para Corbin.

— Até já teria voltado para casa, mas não estou encontrando minhas chaves. Você está com aquela cópia?

Corbin faz que sim e vai até uma gaveta na cozinha. Ele abre-a, pega a chave e a joga para Miles, que a agarra no ar.

— Pode voltar daqui a uma hora e me ajudar a descarregar o carro de Tate? Quero tomar banho primeiro.

Miles faz que sim, mas seus olhos desviam-se brevemente para os meus enquanto Corbin vai para o quarto.

— Podemos colocar o papo em dia quando não for tão cedo — diz Corbin.

Já faz sete anos desde a última vez em que moramos juntos, mas pelo jeito ele lembra que não sou muito de falar durante a manhã. Pena que Miles não sabe disso.

Depois que Corbin desaparece dentro do quarto, eu me viro para Miles outra vez. Ele já está me olhando como se esperasse alguma coisa, como as respostas às perguntas que me fez mais cedo. Tudo o que quero é que ele vá embora, então respondo todas de uma vez só.

— Você estava apagado no corredor ontem à noite quando cheguei. Eu não sabia quem você era, então, quando tentou entrar aqui, talvez eu tenha batido a porta na sua mão. Não está quebrada. Dei uma olhada, está no máximo contundida. É só colocar gelo e deixá-la enfaixada por algumas horas. E, não, não ficamos. Ajudei você a entrar e depois fui dormir. O seu celular está no chão, perto da porta, onde o derrubou ontem porque estava alcoolizado demais para andar.

Viro-me na direção do corredor, querendo apenas fugir da intensidade nos olhos dele.

Viro de volta quando chego à porta do quarto.

— Quando você voltar daqui a uma hora e eu tiver tido tempo para acordar, podemos tentar isso de novo.

Ele está com a mandíbula trincada.

— Tentar *o quê*?

— Começar com o pé direito.

Fecho a porta do quarto, erguendo uma barreira entre mim e aquela voz.

E aquele *olhar*.

***

— Quantas caixas são? — pergunta Corbin.

Ele está perto da porta, colocando os sapatos. Pego minhas chaves no balcão.

— Seis, mais três malas e todas as minhas roupas penduradas.

Corbin atravessa o corredor, bate na porta exatamente na frente da sua, vira-se e segue em direção aos elevadores, então aperta o botão para descer.

— Avisou à mamãe que chegou?

— Sim, mandei uma mensagem ontem à noite.

Escuto a porta do apartamento dele se abrir no instante em que o elevador chega, mas não me viro para vê-lo saindo de casa. Entro no elevador, e Corbin segura a porta para Miles.

Assim que ele aparece, perco a guerra. A guerra que eu nem sabia que estava lutando. Não acontece sempre, mas, quando realmente acho um cara atraente, prefiro que seja alguém com quem *quero* me envolver.

Miles não é essa pessoa. Não quero me interessar por um cara que bebe até cair, chora por outras garotas e nem lembra se comeu você na noite anterior. Mas é difícil não perceber a presença dele quando esta se torna tudo.

— Acho que conseguimos em duas viagens — afirma Corbin para Miles, enquanto aperta o botão do térreo.

Miles está me encarando, e não consigo interpretar seu comportamento, pois ele ainda parece furioso. Encaro-o também, afinal, não importa o quanto ele fica lindo carrancudo: ainda estou esperando o *obrigado* que não escutei.

— Oi — diz Miles, finalmente. Dá um passo para a frente, chega perto demais de mim e estende a mão, ignorando totalmente a etiqueta de elevador. — Miles Archer. Moro no apartamento da frente.

E estou confusa.

— Acho que isso já ficou nítido — retruco, olhando para sua mão estendida.

— Estou começando de novo — explica, erguendo a sobrancelha. — Com o pé direito, não?

Ah. Sim. De fato, falei isso para ele.

Seguro a mão dele e a aperto.

— Tate Collins. Sou a irmã de Corbin.

A maneira como ele dá um passo para trás e continua me encarando me deixa um pouco constrangida, pois Corbin está a 30 centímetros de distância. No entanto, não parece se importar. Ele nos ignora, prestando atenção no celular.

Miles finalmente desvia o olhar e tira o celular do bolso. Enquanto ele não está prestando atenção em mim, aproveito a oportunidade para observá-lo.

Chego à conclusão de que a aparência dele é completamente contraditória. É como se dois criadores diferentes estivessem em guerra quando a imagem dele foi concebida. A força da sua estrutura óssea contrasta com o encanto macio e convidativo dos lábios. Eles parecem inofensivos e acolhedores em comparação às feições grosseiras e à cicatriz no lado direito do maxilar.

O cabelo é incapaz de decidir entre castanho e loiro, e entre ondulado ou liso. Sua personalidade alterna entre convidativa e insensivelmente indiferente, deixando confusa a minha capacidade de distinguir quente e frio. O jeito casual luta contra a intensidade que vi em seus olhos. A compostura daquela manhã contradiz o estado embriagado da noite anterior. Seus olhos não conseguem decidir se querem olhar para o celular ou para mim, pois vão e voltam várias vezes até a porta do elevador se abrir.

Paro de encará-lo e saio do elevador primeiro. Cap está sentado em sua cadeira, vigilante como sempre. Olha para nós três saindo do elevador e se ergue, apoiando nos braços da cadeira e levantando-se lenta e tremulamente. Corbin e Miles cumprimentam-no e continuam andando.

— Como foi sua primeira noite, Tate? — pergunta com um sorriso, parando-me no meio do caminho.

Não me surpreende que ele já saiba o meu nome, pois sabia o andar para o qual eu ia ontem à noite.

Olho para a parte de trás da cabeça de Miles enquanto eles seguem em frente sem mim.

— Movimentada, na verdade. Acho que meu irmão escolheu mal suas companhias.

Olho para Cap, que agora também está encarando Miles. Seus lábios enrugados pressionam-se formando uma linha fina, e ele balança levemente a cabeça.

— Ah, acho que aquele garoto não faz de propósito — diz ele, rejeitando meu comentário.

Não sei se "aquele garoto" se refere a Corbin ou Miles, mas não questiono.

Cap vira-se e começa a se arrastar na direção dos banheiros da portaria.

— Acho que mijei nas calças — murmura.

Observo-o desaparecer pela porta do banheiro, perguntando-me em que momento da vida a pessoa se torna velha o suficiente para ter permissão para falar o que quiser. Apesar de Cap parecer o tipo de homem que *sempre* falou o que quisesse. Meio que gosto disso nele.

— Tate, vamos! — grita Corbin do outro lado da portaria.

Alcanço-os para mostrar onde está meu carro.

Precisamos de três viagens, e não duas, para subir todas as coisas.

Três viagens inteiras em que Miles não diz uma única palavra para mim.

Capítulo quatro

MILES

Seis anos antes

Pai: Onde você está?
Eu: Na casa de Ian.
Pai: Precisamos conversar.
Eu: Não pode ser amanhã? Vou chegar tarde.
Pai: Não. Preciso que venha para casa agora. Estou esperando você desde que as aulas terminaram.
Eu: Tá bom. Estou indo.

Essa foi a conversa que levou ao presente momento. Eu sentado no sofá na frente do meu pai. Ele me contando algo que não estou a fim de ouvir.

— Queria ter contado antes, Miles. É que...

— Ficou se sentindo culpado? — interrompo. — Como se estivesse fazendo algo de errado?

Seus olhos encontram os meus, e começo a me sentir mal por ter falado aquilo, mas afasto o sentimento e prossigo:

— Ela morreu há menos de um ano.

Assim que as palavras saem da minha boca, fico com vontade de vomitar.

Ele não gosta de ser julgado, especialmente por mim. Está acostumado a me ver apoiando suas decisões. Caramba, *eu* estou acostumado a apoiar as decisões dele. Até então, sempre achei que fossem boas.

— Olhe, sei que é difícil para você aceitar, mas preciso do seu apoio. Não faz ideia de o quanto foi difícil seguir em frente depois que ela morreu.

— Difícil?

Estou me levantando. Erguendo a voz. Estou agindo como se me importasse por algum motivo, o que não é verdade. Não dou a mínima para o fato de ele já estar saindo com outras mulheres. Pode sair com quem quiser. Pode transar com quem quiser.

Acho que só estou reagindo assim porque é algo que ela não pode fazer. É difícil defender o próprio casamento quando se está morta. É por essa razão que estou fazendo isso por ela.

— Está na cara que não está achando nada difícil, pai.

Vou até o outro lado da sala.

Volto.

Essa porcaria de casa é pequena demais para toda a minha frustração e decepção.

Encaro-o novamente, percebendo que a questão não é ele estar saindo com outra pessoa. O que odeio é a expressão que surge em seus olhos quando ele fala nela. Nunca o vi falar da minha mãe desse jeito, então, quem quer que a mulher seja, sei que não é apenas casual. Ela está prestes a se infiltrar nas nossas vidas, permeando os arredores do meu relacionamento com meu pai como uma erva daninha. Não seremos mais apenas meu pai e eu. Seremos eu, meu pai e *Lisa*. Não parece correto, considerando que ainda dá para sentir a presença da minha mãe na casa inteira.

Ele está sentado com as mãos unidas na frente do corpo. Olhando para o chão.

— Não sei se vai se tornar algo sério, mas quero tentar. Lisa me faz feliz. Às vezes seguir em frente é... a única maneira de seguir em frente.

Abro a boca para responder, mas minhas palavras são interrompidas pela campainha. Ele olha para mim, levantando-se hesitantemente. Parece menor. Menos heroico.

— Não estou pedindo para você gostar. Nem para se aproximar. Só quero que seja legal com ela.

Os olhos dele estão implorando, fazendo com que eu me sinta culpado por estar resistindo tanto.

Assinto.

— Vou ser legal, pai. Sabe que vou.

Ele me abraça, o que é uma sensação boa *e* ruim. Não parece que acabei de abraçar o homem que idolatrei por 17 anos. Parece que acabei de abraçar um semelhante meu.

Ele pede que eu abra a porta enquanto volta para a cozinha para terminar o jantar, então obedeço. Fecho os olhos e aviso a minha mãe que serei legal com Lisa, mas que, para mim, ela sempre vai ser *Lisa*, independentemente do que acontecer entre eles. Abro a porta.

— Miles?

Observo o rosto dela, que é completamente diferente do rosto da minha mãe. O que acho bom. Ela é bem mais baixa. Também não é tão bonita. Não tem nada que possa se comparar à minha mãe, então nem tento fazer isso. Aceito-a pelo que ela é: nossa convidada para o jantar.

Faço que sim com a cabeça e abro mais a porta para que ela entre.

— Você deve ser Lisa. Prazer em conhecê-la. — Aponto para trás de mim. — Meu pai está na cozinha.

Lisa inclina-se para a frente e me abraça — algo que consigo tornar constrangedor, pois demoro vários segundos para abraçá-la também.

Meus olhos encontram os da garota parada atrás dela.

Os olhos da garota parada atrás dela encontram os meus.

Você
vai
se
apaixonar
por
mim,
Rachel.

— Miles? — sussurra ela, baixinho.

Rachel falou de um jeito parecido com a mãe, só que mais triste.

Lisa olha para nós dois.

— Você se conhecem?

Rachel não assente.

Nem eu.

Nossa decepção derrete no chão, formando uma poça de lágrimas prematuras aos nossos pés.

— Ele, hum... ele...

Rachel está gaguejando, então ajudo-a a terminar a frase:

— Estudo no mesmo colégio que Rachel.

Me arrependo do que disse, pois o que realmente queria dizer era: *Rachel é a próxima garota pela qual vou me apaixonar.*

Mas não posso, porque é óbvio o que está prestes a acontecer. Rachel não é a próxima garota pela qual vou me apaixonar porque Rachel é a garota que muito provavelmente vai se tornar a minha nova meia-irmã.

Pela segunda vez na noite, sinto vontade de vomitar.

Lisa sorri e junta as mãos.

— Isso é ótimo. Que alívio.

Meu pai aparece. Abraça Lisa. Cumprimenta Rachel e diz que é bom vê-la novamente.

Meu pai já conhece Rachel.

Rachel já conhece meu pai.

Meu pai é o novo namorado de Lisa.

Meu pai vai muito a Phoenix.

Meu pai já ia muito a Phoenix mesmo antes de minha mãe morrer.

Meu pai é um canalha.

— Rachel e Miles já se conhecem — diz Lisa para o meu pai.

Ele sorri, e o alívio toma conta do seu rosto.

— Que bom, que bom — assente, repetindo duas vezes como se isso fosse melhorar as coisas.

Não.

Que ruim. Que ruim.

— Isso vai tornar a noite de hoje bem menos constrangedora — constata, rindo.

Olho de novo para Rachel.

Rachel olha para mim.

Não posso me apaixonar por você, Rachel.

Os olhos dela estão tristes.

Meus pensamentos estão mais tristes ainda.

E você não pode se apaixonar por mim.

Ela entra lentamente, evitando o meu olhar enquanto observa os próprios pés a cada passo. São os passos mais tristes que já vi uma pessoa dar.

Fecho a porta.

É a porta mais triste que já fechei na vida.

Capítulo cinco

TATE

— Vai estar de folga no dia de Ação de Graças? — pergunta minha mãe.

Ponho o celular no outro ouvido e tiro a chave do apartamento da bolsa.

— Sim, mas não no Natal. Por enquanto, só estou trabalhando nos fins de semana.

— Ótimo. Diga a Corbin que ainda não estamos mortos, caso ele queria nos telefonar algum dia.

— Pode deixar — respondo, rindo. — Amo você.

Desligo e guardo o telefone no bolso do jaleco. É um emprego de meio período, mas já é um começo. Aquela foi a minha última noite de treinamento antes de começar os turnos de fim de semana amanhã à noite.

Por enquanto, estou gostando do emprego e fiquei realmente chocada por consegui-lo na primeira entrevista que fiz. Além de tudo, se encaixa bem com os horários do mestrado. Vou para a faculdade de segunda a sexta, cumprindo a carga de aulas ou de clínica, e nos fins de semana pego o segundo turno no hospital. Até agora, a transição foi bem tranquila.

Também gostei de São Francisco. Sei que se passaram apenas duas semanas, mas consigo me imaginar ficando aqui depois que me formar no ano que vem, em vez de voltar para San Diego.

Até mesmo a relação com Corbin vai bem, embora ele passe mais tempo fora do que em casa, então tenho certeza de que é só por causa disso.

Sorrio, finalmente sentindo que encontrei meu lugar, e abro a porta do apartamento. O sorriso esvaece assim que me deparo com os olhos de três

rapazes — reconheço apenas dois deles. Miles está em pé na cozinha, e o babaca casado do elevador está sentado no sofá.

Por que diabos Miles está aqui?

Por que *todos eles* estão aqui?

Fulmino Miles com o olhar enquanto tiro os sapatos e solto a bolsa no balcão. Corbin só volta em dois dias, e eu estava morrendo de vontade de ter uma noite calma e silenciosa para estudar um pouco.

— Hoje é quinta — diz Miles ao me ver franzindo a testa, como se o dia da semana fosse alguma espécie de explicação.

Ele está me observando da cozinha, e percebeu que não estou contente.

— É mesmo — respondo. — E amanhã é sexta. — Então, viro-me para os outros dois rapazes sentados no sofá de Corbin. — Por que estão todos aqui no meu apartamento?

O rapaz magro e loiro levanta-se imediatamente e se aproxima de mim, então estende a mão.

— Tate? Meu nome é Ian. Cresci com Miles. Sou amigo do seu irmão. — Ele aponta para o cara do elevador, que ainda está sentado no sofá. — Esse aqui é o Dillon.

Dillon assente, cumprimentando-me, sem se dar ao trabalho de dizer nada. E nem precisa. O sorriso convencido já é o suficiente para que eu entenda o que ele está pensando nesse momento.

Miles volta para a sala e aponta para a televisão.

— É meio que nosso programa das quintas se estamos em casa. É noite de jogo.

Não me importo se é um *programa* deles. Tenho dever de casa.

— Corbin nem está aqui hoje. Não podem fazer isso na casa de um de vocês? Preciso estudar.

Miles entrega uma cerveja a Dillon e depois olha de volta para mim.

— Não tenho TV a cabo.

Óbvio que não.

— E a esposa de Dillon não nos deixa usar o apartamento.

Óbvio que não deixa.

Reviro os olhos e vou até meu quarto, batendo a porta sem querer.

Tiro o uniforme e coloco uma calça jeans. Pego a camisa com que dormi na véspera, e, assim que a passo pela cabeça, alguém bate à porta. Escancaro-a com o mesmo jeito dramático de quando a bati.

Ele é tão *alto*.

Não tinha percebido isso, mas agora que está parado na minha porta — preenchendo-a —, ele parece bem alto. Se me abraçasse nesse momento, meu ouvido ficaria pressionado contra seu coração. E sua bochecha ficaria confortavelmente apoiada no topo da minha cabeça.

Se me beijasse, eu teria que inclinar o rosto para cima para alcançar o dele, mas seria bom, pois ele provavelmente envolveria minha lombar com os braços e me puxaria para perto, para que nossas bocas se encaixassem como peças de um quebra-cabeça. No entanto, elas não se encaixariam muito bem, pois estão longe de ser do *mesmo* quebra-cabeça.

Tem alguma coisa estranha acontecendo no meu peito. Alguma espécie de *palpitação*... Odeio isso, pois sei o que significa. Que meu corpo está realmente começando a gostar de Miles.

Só espero que meu cérebro nunca faça o mesmo.

— Se quiser silêncio, pode ir para o meu apartamento.

Contraio-me ao perceber que a oferta me causa um frio na barriga. Não deveria ficar entusiasmada com a possibilidade de entrar na casa dele, mas estou.

— Vamos ficar aqui provavelmente mais umas duas horas — acrescenta ele.

Há certa culpa em sua voz. É bem provável que só dê para encontrá-la com um grupo de resgate, mas está enterrada em algum lugar, bem debaixo de toda aquela sensualidade.

Expiro de maneira rápida e resignada. Estou sendo uma chata. Esse apartamento nem é meu. É um programa que eles sempre fazem. Quem sou eu para achar que posso simplesmente me intrometer e acabar com tudo?

— Estou cansada, só isso. Está tudo bem. Desculpe se fui mal educada com seus amigos.

— *Amigo*. Dillon *não é* meu amigo.

Não pergunto o que ele quer dizer com isso. Ele olha para a sala e depois para mim. Encosta-se na porta, indicando que não a conversa não chegou ao fim. Ele lança um olhar na direção do jaleco esparramado no colchão.

— Arranjou um emprego?

— Sim — digo, perguntando-me por que ele resolveu puxar papo de repente. — De enfermeira num pronto-socorro.

Ele franze a testa, e não sei se é de dúvida ou fascínio.

— Você ainda não está na faculdade? Como pode já trabalhar como enfermeira?

— Estou fazendo mestrado em enfermagem para trabalhar com anestesiologia. Já sou formada em enfermagem.

A expressão dele continua inflexível, então explico:

— Vou poder dar anestesia.

Miles fica me encarando por alguns segundos antes de se empertigar e se afastar da porta.

— Que bom.

Mas não sorri.

Por que ele nunca sorri?

Ele volta para a sala. Eu saio do quarto e o observo. Miles senta-se no sofá e foca toda sua atenção na TV.

Dillon é quem está *me* dando toda sua atenção, mas desvio o olhar e vou até a cozinha para comer algo. Não tem muita coisa, pois não cozinhei a semana inteira, então pego na geladeira o que preciso para fazer um sanduíche. Quando me viro, Dillon ainda está me encarando. Mas agora a 30 centímetros de distância, e não de lá, do outro lado da sala.

Ele sorri, dá um passo para a frente e estende o braço para a geladeira, ficando a centímetros do meu rosto.

— Então você é a irmãzinha de Corbin?

Acho que concordo com Miles. Também não gosto muito de Dillon.

Estes olhos são bem diferentes dos olhos de Miles. Quando ele olha para mim, seus olhos escondem tudo. Os de Dillon não escondem *nada*, e agora está óbvio que estão tirando minha roupa.

— Sou — digo, curta e grossa enquanto passo por ele.

Vou até o armário e abro-o, procurando o pão. Após encontrar, coloco-o no balcão e começo a fazer meu sanduíche. Pego algumas fatias a mais para fazer um sanduíche para Cap. Meio que passei a gostar dele nesse tempinho desde que cheguei aqui. Descobri que, às vezes, ele trabalha até 14 horas por dia, só porque mora aqui no prédio sozinho e não tem mais o que fazer. Parece gostar da minha companhia e, especialmente, de presentes em forma de comida, então, até que eu faça mais amizades por aqui, acho que vou passar meu tempo livre com um octogenário.

Dillon encosta-se no balcão casualmente.

— Você é enfermeira ou algo do tipo?

Ele abre a cerveja e leva-a até a boca, mas para antes de dar um gole. Quer que eu responda primeiro.

— Sou — digo, secamente.

Ele abre um sorriso e toma um gole da cerveja. Continuo fazendo meus sanduíches, tentando intencionalmente parecer fechada, mas Dillon não capta a mensagem. Só continua me encarando até os sanduíches ficarem prontos.

Não vou me oferecer para fazer uma porcaria de sanduíche para ele, se for isso o que está esperando.

— Sou piloto. — Ele não fala isso de forma presunçosa, mas quando ninguém pergunta o que a pessoa faz da vida e ela solta assim, do nada, no meio da conversa, naturalmente passa a impressão de ser presunçosa. — Trabalho na mesma companhia aérea que Corbin.

Continua me encarando, esperando que eu fique impressionada por ele ser piloto. O que não percebe é que todos os homens da minha vida são pilotos. Meu avô era piloto. Meu pai era piloto, até se aposentar alguns meses atrás. Meu irmão é piloto.

— Dillon, se está tentando me impressionar, está indo pelo caminho errado. Prefiro caras um pouco mais modestos e muito menos *casados*.

Lanço um olhar para a aliança em sua mão esquerda.

— O jogo acabou de começar — avisa Miles, entrando na cozinha.

Suas palavras podem ser inofensivas, mas os olhos estão nitidamente dizendo a Dillon que é hora de voltar para a sala.

Dillon suspira como se Miles tivesse acabado com sua diversão.

— É bom vê-la novamente, Tate — diz ele, agindo como se a conversa fosse chegar ao fim de todo jeito, independentemente da decisão de Miles. — Você deveria ficar na sala com a gente. — Os olhos dele examinam Miles, apesar de estar falando comigo. — Aparentemente o jogo acabou de começar.

Dillon endireita a postura e esbarra com o ombro em Miles enquanto volta para a sala.

Miles ignora a demonstração de irritação de Dillon e põe a mão no bolso de trás, sacando uma chave, e a entrega para mim.

— Vá estudar na minha casa.

Não é um pedido.

É uma ordem.

— Não me incomodo de estudar aqui. — Ponho a chave no balcão e tampo a maionese, recusando-me a ser expulsa do meu próprio apartamento por três rapazes. Cubro os dois sanduíches com papel toalha. — A TV nem está tão alta.

Ele dá um passo para a frente até ficar próximo o suficiente para sussurrar. Tenho certeza de que estou deixando marcas de dedo no pão, pois todas as partes do meu corpo, até os dedos dos pés, acabam de se enrijecer.

— *Eu* que me incomodo de você estudar aqui. Pelo menos, enquanto todo mundo não for embora. Vá. Leve seus sanduíches.

Olho para os sanduíches. Não sei por que fiquei com a impressão de que ele acabou de insultá-los.

— Não são os dois para mim — retruco, na defensiva. — Vou dar um para Cap.

Olho para ele, que mais uma vez está me encarando daquela maneira impossível de interpretar. Com olhos como esses, isso deveria ser ilegal. Ergo as sobrancelhas esperando alguma reação, pois está me deixando bastante constrangida. Não sou uma exposição, mas pelo modo como ele me olha, sinto como se fosse.

— Fez um sanduíche para Cap?

Faço que sim.

— Ele gosta de comida — comento, dando de ombros.

Miles fica analisando a exposição por mais um tempo antes de se aproximar novamente, então pega a chave no balcão atrás de mim e a desliza para o interior do bolso da frente da minha calça.

Nem sei se os dedos dele encostaram no meu jeans, mas inspiro fortemente e olho para o bolso enquanto suas mãos se afastam, porque, *nossa senhora*, não estava esperando por isso.

Fico paralisada enquanto ele volta casualmente para a sala, indiferente. Parece que meu bolso está pegando fogo.

Convenço meus pés a se moverem, precisando de um tempo para assimilar tudo isso. Depois de entregar o sanduíche de Cap, obedeço a Miles e vou para o apartamento dele. Vou porque eu quero, não por ele mandou e nem porque *realmente* tenho muito dever de casa. Vou porque a ideia de ficar sozinha no apartamento dele é algo que acho sadicamente excitante. Sinto como se tivesse acabado de ganhar livre acesso a todos os seus segredos.

***

Devia ter percebido que seu apartamento não daria nenhuma pista a respeito de quem ele é. Nem seus olhos fazem isso.

Tudo bem, aqui realmente está bem mais silencioso do que no meu apartamento, e sim, já passei duas horas inteiras fazendo o dever de casa, mas só porque aqui não tem nenhuma distração.

Nenhuma *mesmo*.

Nenhum quadro nas paredes brancas e sem vida. Nenhuma decoração. Absolutamente nada de cor. Nem a mesa de carvalho que separa a cozinha da sala tem qualquer ornamento. É bem diferente do lar onde cresci, onde a mesa da cozinha era o foco da casa inteira, com direito a trilho de mesa, um candelabro sofisticado e jogo de pratos combinando com a estação.

Miles não tem sequer uma tigela de frutas.

A única coisa impressionante a respeito do apartamento é a estante de livros na sala de estar. Tem dezenas de títulos, e não consigo imaginar nada nessas paredes vazias que pudesse achar mais excitante do que aquilo. Vou até ela inspecionar a coleção, esperando descobrir mais sobre ele com base em suas escolhas literárias.

Tudo o que encontro são fileiras e fileiras de livros sobre aeronáutica.

Após uma inspeção geral no apartamento, fico desapontada ao perceber que tudo que posso concluir é que ele provavelmente é um workaholic sem nenhuma aptidão para decoração.

Desisto da sala e vou até a cozinha. Abro a geladeira, mas não encontro quase nada. Apenas algumas caixas de comida de delivery. Temperos. Suco de laranja. Parece a geladeira de Corbin: vazia e triste, típica de um solteiro.

Abro o armário, pego um copo e coloco um pouco de suco para mim. Bebo e depois lavo o copo. Tem mais louça empilhada no lado esquerdo da pia, então começo a lavá-la. Falta personalidade até nos pratos e copos, que são lisos e brancos e tristes.

Sinto uma vontade repentina de pegar o cartão de crédito e ir até uma loja comprar cortinas, um novo jogo de pratos mais alegre, alguns quadros e talvez até uma ou duas plantas. Esse lugar está precisando de um pouco de vida.

Fico me perguntando a respeito de seu passado. Acho que ele não tem namorada. Até agora, não o vi com ninguém, e o apartamento sem nenhum toque feminino indica que devo ter razão. Duvido que uma garota consiga entrar neste apartamento sem dar pelo menos um toque na decoração antes de ir embora, então presumo que nenhuma garota chegue a entrar aqui.

O que faz com que me pergunte a respeito de Corbin também. Apesar de todos esses anos crescendo juntos, ele nunca foi aberto em relação a seus namoros, mas tenho certeza de que é porque *nunca* namorou. Toda vez que me apresentou a alguma garota, não durou mais de uma semana. Não sei se é porque ele não gosta de ficar com a mesma pessoa ou se é um sinal de que é difícil demais *conviver* com meu irmão. Com base na quantidade de ligações aleatórias que ele recebe de mulheres, tenho certeza de que é a primeira opção.

Considerando a abundância de mulheres com quem passa só uma noite e a falta de um namoro de verdade, fico confusa por ele ter sido tão protetor a meu respeito durante minha adolescência. Vai ver se conhecia muito bem e não queria que eu namorasse alguém parecido com ele.

Pergunto-me se Miles também é como Corbin.

— Está lavando minha louça?

A voz dele me surpreende completamente e levo um susto. Viro-me, avisto Miles e quase derrubo o copo que estou segurando. Ele escorrega, mas, de alguma maneira, consigo agarrá-lo de novo. Respiro para me acalmar, e o coloco delicadamente na pia.

— Terminei o dever — explico, engolindo o nó que acabou de surgir na garganta. Olho para a louça que agora está no secador. — Estava suja.

Ele sorri.

Eu acho.

Assim que seus lábios começam a se encurvar para cima, eles voltam a formar uma linha reta. *Alarme falso.*

— Eles já foram — avisa Miles, indicando que devo dar o fora do seu apartamento.

Ele percebe o suco de laranja no balcão, então pega-o e guarda na geladeira.

— Desculpe — murmuro. — Estava com sede.

Ele vira-se para mim e encosta o ombro na geladeira, cruzando os braços.

— Não ligo de você tomar meu suco, Tate.

Ah, *nossa*.

Que frase estranhamente sexy. Assim como sua aparência ao dizê-la.

E, mesmo assim, nada de sorriso. *Meu Deus*, esse homem. Será que não percebe que expressões faciais são feitas para acompanhar a fala?

Não quero que perceba meu desapontamento, então me viro para a pia. Uso o jato d'água para escoar o resto da espuma até o ralo. É bastante reconfortante, considerando o clima estranho na cozinha.

— Há quanto tempo mora aqui? — pergunto, tentando amenizar o silêncio constrangedor, enquanto me viro novamente em sua direção.

— Quatro anos.

Não sei por quê, mas dou uma risada. Ele ergue a sobrancelha, confuso, sem entender por que sua resposta me fez rir.

— É que seu apartamento... — Olho para a sala e depois para ele. — É meio sem graça. Achei que, talvez, você tivesse acabado de se mudar e, por isso, não tivesse arrumado tempo de decorá-lo.

Não tive a intenção de insultá-lo, no entanto foi exatamente o que pareceu. Estou apenas tentando puxar papo, mas pelo jeito só consegui deixar o clima ainda mais constrangedor.

Seus olhos percorrem o apartamento lentamente, enquanto ele reflete sobre o comentário. Eu queria retirar o que disse, mas nem tento. Provavelmente só pioraria a situação.

— Eu trabalho muito. Nunca recebo visitas, então não me preocupei com isso.

Quero perguntar por que nunca vem ninguém aqui, mas sinto que certas perguntas parecem invadir um território proibido para ele.

— Por falar em visitas, qual é a do Dillon?

Miles dá de ombros, encostando-se completamente na geladeira.

— Dillon é um babaca que não tem o mínimo respeito pela esposa — diz ele, de maneira inexpressiva, então vira-se completamente e sai da cozinha, indo para o quarto. Empurra a porta, deixando-a aberta apenas o suficiente para que eu consiga escutá-lo. — Achei melhor alertá-la antes que você caísse no papinho dele.

— Não caio no papinho de ninguém. Especialmente no de gente como Dillon.

— Ótimo.

Ótimo? Ha! Miles não quer que eu goste de Dillon. Adorei isso.

— Corbin não gostaria que você se envolvesse com ele. Corbin odeia Dillon.

Ah. Não quer que eu goste de Dillon por causa de *Corbin*. Por que isso me deixou decepcionada?

Ele sai do quarto e não está mais de calça jeans e camiseta. Está vestindo um conjunto familiar de calça social e camisa branca bem passada, desabotoada e aberta.

Está colocando o uniforme de piloto.

— Você é piloto? — pergunto, um tanto perplexa.

Minha voz dá a impressão de que estou estranhamente impressionada.

Miles assente e entra na área de serviço adjacente à cozinha.

— É por isso que conheço Corbin. Estudamos juntos na escola de aviação. — Ele volta para a cozinha com um cesto de roupas e o coloca no balcão. — Ele é gente boa.

A camisa dele não está abotoada.

Estou encarando o abdômen dele.

Pare de encarar o abdômen dele.

Meu Deus do céu, ele tem *o V.* Aquelas lindas reentrâncias que os homens têm ao longo dos músculos abdominais exteriores, que desaparecem para dentro da calça como se apontassem para um alvo secreto.

Meu Deus, Tate, você está encarando a porra da virilha dele!

Agora ele está abotoando a camisa, então, de alguma maneira, me armo de uma força sobre-humana e obrigo meus olhos a voltarem para seu rosto.

Pensamentos. Eu devia ter pensamentos, mas não consigo encontrá-los. Talvez seja porque acabei de descobrir que ele é piloto.

Mas por que isso me impressionaria?

O fato de Dillon ser piloto não me impressiona. Mas não descobri que ele é piloto enquanto ele cuidava das roupas e exibia o abdômen. Um rapaz dobrando roupas enquanto exibe o abdômen e é piloto é algo realmente impressionante.

Agora Miles está completamente vestido, calçando os sapatos. Eu o encaro como se estivesse num teatro e ele fosse a atração principal.

— Isso é seguro? — pergunto, conseguindo de alguma maneira encontrar um pensamento coerente. — Você estava bebendo com o pessoal e agora vai pilotar uma aeronave comercial?

Miles fecha o zíper da jaqueta e pega uma mala já pronta no chão.

— Hoje fiquei só na água — diz, logo antes de sair da cozinha. — Não sou muito de beber. E, definitivamente, nunca bebo em noites de trabalho.

Solto uma gargalhada e o acompanho na direção da sala de estar. Vou até a mesa para pegar minhas coisas.

— Acho que está se esquecendo de como nos conhecemos — brinco. — No dia da minha mudança? No dia de tem-alguém-apagado-de-tão-bêbado-no-corredor-?

Ele abre a porta da frente para que eu saia.

— Não faço ideia do que está falando, Tate. Nos conhecemos no elevador. Lembra?

Não sei se ele está brincando, pois não está sorrindo e não há brilho algum em seus olhos.

Saímos, e ele fecha a porta. Devolvo a chave do apartamento, e ele o tranca. Vou até minha porta e a abro.

— Tate?

Quase finjo não escutá-lo, só para que ele precise dizer meu nome mais uma vez. Em vez disso, viro-me, fingindo ser completamente indiferente a esse homem.

— Aquela noite em que me encontrou no corredor... foi uma exceção. Uma exceção *muito rara*.

Há algo não dito em seus olhos, e talvez até em sua voz.

Ele está parado na frente de sua porta, pronto para ir para o elevador. Fica aguardando para ver se tenho algo a dizer. Eu devia dizer tchau. Talvez, desejar um bom voo. Mas tem gente que acha que isso dá azar. Eu devia apenas dar boa-noite.

— A exceção foi por causa do que aconteceu com Rachel?

Sim. Eu realmente preferi dizer isso.

POR QUE acabei de dizer isso?

Sua postura muda. A expressão fica paralisada, como se minhas palavras o tivessem abalado feito um raio. É mais do que provável que esteja confuso por eu ter dito isso, pois está na cara que não se lembra de nada daquela noite.

Rápido, Tate. Conserte isso.

— Você achou que eu era alguém chamada Rachel — explico, rapidamente, numa tentativa de fazer o constrangimento sumir. — Achei que tinha acontecido algo entre vocês dois, e que foi por isso que... você sabe.

Miles inspira profundamente, mas tenta disfarçar. Atingi um ponto fraco.

Pelo jeito, Rachel não é um assunto a se discutir.

— Boa noite, Tate — diz ele, virando-se.

Não sei o que acabou de acontecer. Será que o deixei envergonhado? Irritado? Triste?

Seja lá o que foi que fiz, odeio isso... esse constrangimento que agora ocupa o espaço entre a minha porta e o elevador que ele está esperando.

Entro em casa e fecho a porta, mas o constrangimento está por toda parte. Não ficou lá no corredor.

Capítulo seis

MILES

Seis anos antes

Jantamos, mas é constrangedor.
Lisa e meu pai tentam nos incluir na conversa, mas nem eu nem ela estamos a fim de falar. Ficamos encarando os pratos. Empurramos a comida com os garfos.
Não queremos comer.
Meu pai pergunta a Lisa se ela quer ir sentar nos fundos da casa.
Lisa responde sim.
Lisa pede para Rachel me ajudar a tirar a mesa.
Rachel diz sim.
Levamos os pratos até a cozinha.
Ficamos em silêncio.
Rachel encosta-se no balcão enquanto encho a lava- -louças. Ela me observa fazer o máximo para ignorá-la. Não percebe que ela está por todo canto. Está em tudo. Todas as mínimas coisas acabaram de se tornar Rachel.
E estão me consumindo.
Meus pensamentos não são mais pensamentos.
Meus pensamentos são Rachel.
Não posso me apaixonar por você, Rachel.
Olho para a pia. *Quero olhar para Rachel.*
Inspiro o ar. *Quero inspirar Rachel.*
Fecho os olhos. *Só vejo Rachel.*

Lavo as mãos. *Quero tocar em Rachel.*

Seco as mãos na toalha antes de me virar para ela.

Suas mãos estão segurando o balcão atrás do seu corpo. As minhas estão cruzadas.

— Eles são os piores pais do mundo — sussurra.

A voz dela falha.

O meu coração falha.

— Abomináveis — concordo.

Ela ri.

Eu não devia me apaixonar pela sua risada, Rachel.

Ela suspira. Também me apaixono por isso.

— Há quanto tempo eles estão juntos? — pergunto.

Ela vai ser honesta.

Dá de ombros.

— Há cerca de um ano. Era namoro a distância até nos mudarmos para cá, para ficar mais perto dele.

Sinto o coração da minha mãe se partindo.

Nós dois o odiamos.

— Um ano? Tem certeza?

Ela assente.

Não sabe sobre a minha mãe. Dá para perceber.

— Rachel?

Digo o nome dela em voz alta, algo que quero fazer desde o segundo em que a conheci.

Ela continua olhando diretamente para mim. Engole em seco, depois exala superficialmente.

— Sim?

Aproximo-me dela.

Seu corpo reage. Ela endireita um pouco a postura, mas não muito. Sua respiração fica mais ofegante, mas não muito. Suas bochechas coram, mas não muito.

Tudo é na medida certa.

Minha mão se encaixa na sua cintura. Meus olhos investigam os seus.

Eles não dizem não, então continuo.

Quando meus lábios tocam os seus, é tanta coisa. É bom e ruim, e certo e errado e *vingança*.

Ela inspira, deixando-me um pouco sem ar. Exalo bem perto , dando-a mais do meu ar. Nossas línguas se encostam, e nossa culpa se entrelaça, e meus dedos deslizam pelo cabelo que Deus fez especialmente para ela.

Meu novo sabor preferido é Rachel.

Minha nova coisa preferida é Rachel.

Quero Rachel de aniversário. Quero Rachel de Natal. Quero Rachel de presente de formatura.

Rachel, Rachel, Rachel.

Vou me apaixonar por você mesmo assim, Rachel.

A porta dos fundos se abre.

Solto Rachel.

Ela me solta, mas apenas fisicamente. Ainda a sinto de todas as outras maneiras.

Desvio o olhar, mas tudo ainda é Rachel.

Lisa entra na cozinha. Ela parece feliz.

Tem o direito de ser feliz. Não foi ela quem morreu.

Lisa diz a Rachel que é hora de elas irem.

Despeço-me das duas, mas minhas palavras são apenas para Rachel.

Ela sabe disso.

Termino de lavar a louça.

Digo a meu pai que Lisa é legal.

Ainda não digo a ele que o odeio. Talvez jamais faça isso. Não sei que bem faria contar a ele que não o enxergo mais da mesma maneira.

Agora ele é apenas... *normal*. Humano.

Talvez isso seja um rito de passagem antes de o menino se tornar um homem: perceber que seu pai não entende mais da vida do que você.

Vou para o meu quarto. Pego o celular e mando uma mensagem para Rachel.

Eu: O que faremos em relação a amanhã?

Rachel: Mentimos para eles?
Eu: Pode me encontrar às sete?
Rachel: Sim.
Eu: Rachel?
Rachel: Sim?
Eu: Boa noite.
Rachel: Boa noite, Miles.

Desligo o telefone, pois quero que essa seja a última mensagem de hoje. Fecho os olhos.

Estou me apaixonando, Rachel.

Capítulo sete

TATE

Já faz duas semanas que não vejo Miles, mas apenas dois segundos em que não penso nele. Parece trabalhar tanto quanto Corbin, e, por mais que seja legal ficar com o apartamento só para mim de vez em quando, também é legal quando Corbin não está trabalhando e eu tenho com quem conversar. Até diria que é legal quando Corbin e Miles estão *ambos* de folga, mas isso não aconteceu ainda desde que me mudei para cá.

Até agora.

— O pai dele está trabalhando, e ele está de folga até segunda — diz Corbin. Só agora descobri que convidou Miles para passar o dia de Ação de Graças com a nossa família. Está batendo à porta do apartamento de Miles. — Ele não tem opção.

Tenho certeza de que assinto após ouvir essas palavras, mas me viro e vou direto para o elevador. Estou com medo de que minha empolgação por saber que Miles vai nos acompanhar fique nítida demais quando ele abrir a porta.

Estou no elevador, encostada na parede de trás, quando os dois entram. Miles me avista e balança a cabeça, mas é tudo que ganho. Da última vez que falei com ele, deixei tudo extremamente constrangedor entre nós, então agora não digo nada. Também tento não encará-lo, mas é muito difícil focar em outra coisa. Ele está vestido de forma casual: boné, calça jeans e uma camiseta do 49ers. Acho que é por isso que está sendo difícil desviar o olhar, pois sempre me senti mais atraída por rapazes quando não estão se esforçando muito em parecer atraentes.

Minha vista sobe de suas roupas e encontra seu olhar concentrado. Não sei se devo sorrir de vergonha ou virar o rosto, então decido simplesmente imitar o que ele fizer e fico esperando que desvie o olhar primeiro.

Ele não o faz. Continua me encarando em silêncio durante todo o trajeto do elevador, e eu, teimosamente, faço o mesmo. Quando finalmente chegamos ao térreo, fico aliviada ao vê-lo sair primeiro, pois preciso a soltar a respiração bem perceptivelmente, afinal passei os últimos sessenta segundos prendendo-a.

— Aonde os três vão? — pergunta Cap, quando saímos do elevador.

— Para nossa casa, em San Diego — conta Corbin. — Tem algum plano para o dia de Ação de Graças?

— É um dia bem movimentado para voos — comenta Cap. — Acho que vou ficar aqui, trabalhando. — Ele pisca para mim, e retribuo o gesto antes que ele foque a atenção em Miles. — E você, garoto? Também vai para casa?

Miles fica olhando Cap silenciosamente, do mesmo jeito que fez comigo há pouco. Fico bastante decepcionada, pois, no elevador, tive a mínima esperança de que Miles estivesse me encarando daquele jeito por sentir a mesma atração que sinto por ele quanto estamos juntos. Mas, agora, vendo seu duelo visual com Cap, tenho quase certeza de que, no caso dele, ficar encarando alguém não significa sentir atração. Pelo jeito, Miles olha assim para *todo mundo*. Cinco segundos bem silenciosos e constrangedores se passam sem que nenhum dos dois diga nada. Talvez Miles não goste de ser chamado de "garoto".

— Feliz dia de Ação de Graças, Cap — diz Miles, por fim, sem nem ao menos se dar ao trabalho de responder à pergunta de Cap.

Ele se vira e começa a andar pela portaria com Corbin.

Olho para Cap e dou de ombros.

— Me deseje sorte — peço-lhe, baixinho. — Parece que o Sr. Archer está tendo mais um dia ruim.

Cap sorri.

— Que nada — retruca, dando um passo para trás em direção à sua cadeira. — Algumas pessoas não gostam de perguntas, só isso.

Cap senta-se na cadeira e faz uma continência de despedida, e eu respondo com outra antes de sair.

Não sei se Cap justifica o comportamento rude de Miles porque gosta dele, ou se simplesmente inventa desculpas para *todo mundo*.

— Posso ir dirigindo se quiser — oferece Miles a Corbin quando chegamos ao carro. — Sei que você ainda não dormiu. Dirige na volta amanhã.

Corbin concorda, e Miles abre a porta do motorista. Entro no banco de trás e tento decidir onde me sentar. Não sei se devo ficar atrás de Miles, no meio ou atrás de Corbin. Vou senti-lo onde quer que me sente. Ele está em todo lugar.

Todas as coisas são Miles.

É assim quando alguém se sente atraído por um pessoa. Ela não está em lugar algum e, de repente, está por todo canto, quer você queira ou não.

Fico me perguntando se ele me enxerga em algum lugar, mas o pensamento não dura muito. Sei quando um rapaz se sente atraído por mim, e Miles com certeza não se encaixa nessa categoria. E é por isso que preciso descobrir como acabar com o que quer que seja isso que sinto quando estou perto dele. A última coisa que quero agora é uma paixonite boba por um rapaz quando mal tenho tempo para o trabalho e os estudos.

Tiro um livro da bolsa e começo a ler. Miles liga o rádio, enquanto Corbin reclina o banco e põe os pés no painel.

— Só me acorde quando chegarmos — diz ele, puxando o boné para cima dos olhos.

Olho para Miles, que está ajustando o retrovisor. Ele vira e olha para trás para sair da vaga, e seus olhos encontram os meus por um breve instante.

— Está confortável? — pergunta, e se vira antes que eu possa responder, engatando a marcha.

Ele olha para mim pelo retrovisor.

— Estou — respondo, fazendo questão de colar um sorriso no fim da palavra.

Não quero que ache que estou chateada por ele ter vindo, mas é difícil não parecer tão fechada perto dele quando é exatamente o que estou tentando aparentar.

Ele olha para a frente e eu volto para o meu livro.

Trinta minutos se passam, e o movimento do carro junto à minha tentativa de ler me deu dor de cabeça. Ponho o livro ao meu lado e me acomodo no banco de trás, encostando a cabeça e colocando os pés no console entre Miles e Corbin. Ele olha para mim pelo retrovisor, e seus olhos parecem mãos percorrendo cada centímetro do meu corpo. Fica me encarando por não mais do que dois segundos, então volta a olhar para a estrada.

Odeio isso.

Não faço ideia do que ele está pensando. Ele nunca sorri. Não flerta. Parece que seu rosto está sempre debaixo de uma armadura, separando suas expressões

do resto do mundo.

Sempre tive um fraco por rapazes mais quietos. Em parte, porque a maioria dos caras fala demais, e é doloroso ter que aturar todo e qualquer pensamento que passa pela cabeça deles. Miles, no entanto, me faz desejar que ele fosse o oposto de quieto. Quero saber todos os pensamentos que se passam pela sua cabeça. Especialmente o que está nela agora, escondido por trás de sua expressão estoica e determinada.

Ainda estou encarando-o pelo retrovisor, tentando compreendê-lo, quando ele olha para mim mais uma vez. Baixo o olhar em direção ao celular, um pouco envergonhada por ele ter me flagrado. Mas o espelho é como um ímã, e óbvio que meu olhar se lança de volta para ele.

No segundo em que olho para o espelho novamente, ele faz o mesmo.

Olho para baixo.

Merda.

Esta vai ser a viagem de carro mais longa da minha vida.

Aguento três minutos e olho novamente.

Merda. Ele também.

Sorrio, gostando desse jogo que estamos fazendo, seja lá qual for ele.

Ele sorri também.

Ele.

Sorri.

Também.

Miles olha de volta para a estrada, mas seu sorriso fica ali por vários segundos. Sei disso pois não consigo parar de encará-lo. Quero tirar uma foto antes que ele desapareça de novo, mas seria estranho.

Ele abaixa o braço para apoiá-lo no console, mas meus pés estão no caminho. Ergo-me sobre as mãos.

— Desculpe — digo, enquanto começo a puxá-los para trás.

Os dedos dele envolvem o meu pé descalço, pausando meu movimento.

— Pode deixar.

A mão dele ainda está ao redor do meu pé. Estou encarando-a.

Nossa senhora, o dedão dele acabou de se mexer. Se mexeu *de propósito,* acariciando o lado do meu pé. Minhas coxas apertam-se uma contra a outra, e a respiração para nos pulmões, e as pernas contraem-se, pois juro que a mão dele acabou de acariciar meu pé antes que ele a tirasse dali.

Preciso mastigar o interior da bochecha para não sorrir.

Acho que você está atraído por mim, Miles.

***

Assim que chegamos, meu pai pede para Corbin e Miles pendurarem as luzes de Natal. Levo nossas coisas para dentro de casa e deixo Corbin e Miles ficarem com o meu quarto, pois é o único com duas camas. Fico com o quarto antigo de Corbin e vou para a cozinha ajudar minha mãe a terminar de preparar o jantar.

O dia de Ação de Graças na nossa casa sempre foi para poucas pessoas. Meus pais não gostavam de escolher entre as duas famílias, e meu pai quase nunca estava em casa, pois a época mais movimentada do ano para um piloto são as festas de fim de ano. Minha mãe decidiu que o dia de Ação de Graças seria apenas para a família mais próxima, então todo ano somos apenas eu, Corbin, minha mãe e meu pai — quando ele está em casa. No ano passado fomos apenas mamãe e eu, já que tanto papai quanto Corbin estavam trabalhando.

Nesse ano somos todos nós.

E *Miles*.

É estranho ele estar aqui assim. Mamãe pareceu feliz ao conhecê-lo, então acho que não se importou tanto. Meu pai adora todo mundo, e está mais do que feliz por ter alguém para ajudar a pendurar as luzes de Natal, então acho que a presença de outra pessoa não o incomodou nem um pouco.

Minha mãe passa a panela de ovos cozidos para mim. Começo a quebrá-los para preparar os ovos temperados, e ela se inclina por cima da bancada da cozinha e apoia o queixo nas mãos.

— Aquele Miles é um gatinho — comenta, erguendo a sobrancelha.

Vou explicar uma coisa a respeito da minha mãe. Ela é uma ótima mãe. Uma mãe realmente excelente. Mas nunca me senti à vontade para conversar com ela sobre garotos. Começou quando eu tinha 12 anos e menstruei pela primeira vez. Ela ficou tão animada que ligou para três amigas para contar antes mesmo de me explicar o que diabos estava acontecendo comigo. Aprendi bem cedo que segredos deixam de ser segredos ao chegarem nos ouvidos dela.

— Ele não é feio — digo, mentindo completamente.

Estou mentindo totalmente, pois ele *é* um gato. Seu cabelo castanho-dourado, junto aos olhos azuis hipnotizantes, os ombros largos, a barba por fazer no maxilar definido depois que passa uns dois dias de folga, o cheiro

fantasticamente delicioso que sempre tem, como se tivesse acabado de sair do banho e ainda nem tivesse se secado com a toalha...

Meu Deus.

Quem diabos sou eu nesse momento?

— Ele tem namorada?

Dou de ombros.

— Não o conheço bem, mãe. — Levo a panela até a pia e deixo a água escorrer pelos ovos para afrouxar as cascas. — O que papai está achando da aposentadoria? — pergunto, tentando mudar de assunto.

Minha mãe sorri. É um sorriso perspicaz, e eu o odeio imensamente.

Acho que nunca preciso contar nada para ela, pois é minha mãe. Ela já sabe.

Fico corada, me viro e termino de quebrar os malditos ovos.

Capítulo oito

MILES

Seis anos antes

— Vou à casa do Ian hoje à noite.
Meu pai não se importa. Vai sair com Lisa. Está pensando na Lisa.
O tudo dele é Lisa.
O tudo dele *era* Carol. Às vezes, era Carol e Miles.
Agora, o tudo dele é Lisa.
Tudo bem, porque o meu *era* ele e Carol.
Não mais.
Mando uma mensagem para ver se ela pode me encontrar em algum lugar. Ela diz que Lisa acabou de vir para minha casa. Diz que posso passar na dela e buscá-la.
Quando chegar lá, não sei se devo sair do carro. Não sei se ela quer que eu faça isso.
Eu saio.
Vou até a porta dela e bato. Não sei o que dizer quando ela abri-la. Parte de mim quer pedir desculpas e dizer que não devia tê-la beijado.
Parte de mim quer perguntar milhões de coisas até que eu descubra tudo sobre ela.
A maior parte de mim quer beijá-la de novo, especialmente agora que a porta se abriu e ela está parada à minha frente.
— Quer entrar um pouco? Ela só vai voltar daqui a algumas horas, no mínimo.

Faço que sim com a cabeça. Pergunto-me se ela ama quando eu balanço com a cabeça o tanto quanto eu amo quando faz isso.

Ela fecha a porta atrás de mim, e eu olho ao redor. O apartamento delas é pequeno. Nunca morei num lugar tão pequeno. Acho que gostei. Quanto menor a casa, mais a família é obrigada a se amar. As pessoas não têm espaço extra para *não* fazer isso. Fico com vontade de morar com meu pai num lugar menor. Um lugar onde fôssemos obrigados a interagir. Um lugar onde precisássemos parar de fingir que minha mãe não deixou espaço demais na nossa casa depois que morreu.

Rachel vai até a cozinha. Pergunta se quero tomar alguma coisa.

Vou atrás dela e pergunto o que ela tem. Ela me diz que tem praticamente tudo menos leite, chá, refrigerante, café, suco e bebidas alcoólicas.

— Espero que goste de água — brinca.

Ela ri da própria piada. Rio com ela.

— Água está ótimo. Era a minha primeira escolha mesmo.

Ela pega um copo d'água para cada um. Nos encostamos nos balcões, um na frente do outro.

Ficamos nos encarando.

Eu não devia tê-la beijado ontem.

— Eu não devia ter beijado você ontem, Rachel.

— Eu não devia ter deixado você me beijar — rebate ela.

Ficamos nos encarando mais um pouco. Fico me perguntando se ela me deixaria beijá-la outra vez. Fico me perguntando se eu devia ir embora.

— Vai ser fácil parar com isso — digo.

Estou mentindo.

— Não, não vai — discorda.

Ela está dizendo a verdade.

— Acha que eles vão se casar?

Ela assente. Por algum motivo, dessa vez não amei tanto o gesto. Não amo a pergunta que o antecedeu.

— Miles?

Ela olha para os próprios pés. Disse meu nome como se fosse uma arma e ela estivesse dando um tiro de alerta e eu devesse correr.

Saio em disparada.

— O que foi?

— Nós alugamos o apartamento só por um mês. Escutei minha mãe conversando com ele ao telefone ontem.

Ela olha de novo para mim.

— Vamos nos mudar para a casa de vocês daqui a duas semanas.

Tropeço no obstáculo.

Ela vai se mudar para minha casa.

Ela vai morar comigo.

A mãe dela vai preencher todos os espaços vazios da minha mãe.

Fecho os olhos. *Ainda vejo Rachel.*

Abro os olhos. *Encaro Rachel.*

Eu me viro e seguro no balcão. Deixo minha cabeça cair entre os ombros. Não sei o que fazer. Não quero gostar dela.

Não quero me apaixonar por você, Rachel.

Não sou idiota. Sei como a luxúria funciona.

A luxúria quer o que a luxúria não pode ter.

A luxúria quer que eu fique com Rachel.

O *bom senso* quer que Rachel vá embora.

Fico do lado do bom senso e me viro para Rachel novamente.

— Isso não vai dar em nada. Isso entre nós. Não vai terminar bem.

— Eu sei — sussurra ela.

— Como fazemos isso parar?

Ela olha para mim, esperando que eu responda à minha própria pergunta.

Não consigo.

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

UM SILÊNCIO ALTO, ENSURDECEDOR.

Quero cobrir meus ouvidos com as mãos.

Quero cobrir meu coração com uma armadura.

Eu nem a conheço, Rachel.

— É melhor eu ir — digo.

Ela responde tudo bem.

— Não consigo — sussurro.

Ela responde tudo bem.

Ficamos nos encarando.

Talvez se encará-la por tempo o suficiente, eu me canse de encará-la.

Quero sentir o gosto dela novamente.

Talvez se sentir o gosto dela o suficiente, eu me canse de sentir o gosto dela.

Não espera que eu chegue até lá. Ela me encontra no meio do caminho. Seguro seu rosto, e ela segura meus braços; nossa culpa colide quando nossas bocas colidem. Mentimos para nós mesmos sobre a verdade. Dizemos a nós mesmos que vamos conseguir superar... quando na verdade não vamos de jeito nenhum.

Minha pele fica mais gostosa com o toque dela. Meu cabelo fica mais gostoso com as mãos dela no meio. Minha boca fica mais gostosa com a língua dela dentro.

Queria que pudéssemos respirar assim.

Viver assim.

A vida seria mais gostosa com ela assim.

Agora ela está encostada na geladeira. Minhas mãos estão ao lado da sua cabeça. Afasto-me e olho para ela.

— Quero fazer um milhão de perguntas

— digo a ela.

Ela sorri.

— Então acho melhor você começar.

— Onde você vai fazer universidade?

— Michigan. E você?

— Vou ficar aqui para obter meu bacharelado, e depois eu e meu melhor amigo, Ian, vamos para a escola de aviação. Quero ser piloto. O que você quer ser?

— Feliz — afirma, sorrindo.

É a resposta perfeita.

— Quando é seu aniversário? — pergunto.

— 3 de janeiro. Vou fazer 18 anos. E o seu?

— Amanhã. Vou fazer 18 anos.

Ela não acredita que meu aniversário é amanhã. Mostro a minha identidade. Ela me deseja feliz aniversário adiantado. Me beija novamente.

— O que vai acontecer se eles se casarem? — pergunto.

— Nunca vão aceitar que fiquemos juntos, mesmo se não se casarem.

Ela tem razão. Seria difícil explicar para os amigos deles. Difícil explicar para o resto da família.

— Então por que continuar se sabemos que não vai terminar bem? — pergunto.

— Porque não sabemos como parar.

Ela tem razão.

— Você vai para Michigan daqui a sete meses, e eu vou ficar aqui em São Francisco. Talvez essa seja a nossa resposta.

Ela assente.

— Sete meses?

Faço que sim com a cabeça. Encosto nos seus lábios com o dedo, porque seus lábios são daqueles que precisam ser apreciados mesmo quando não estão sendo beijados.

— Faremos isso por sete meses. Não contaremos para ninguém. E depois...

Paro de falar porque não sei como dizer a palavra *paramos*.

— Depois paramos — sussurra ela.

— Depois paramos — concordo.

Ela assente, e consigo até mesmo ouvir nossa contagem regressiva começar.

Beijo-a, e é mais gostoso ainda agora que temos um plano.

— Vamos conseguir, Rachel.

Ela sorri, concordando.

— Vamos conseguir, Miles.

Aprecio sua boca como ela merece ser apreciada.

Vou amá-la por sete meses, Rachel.

Capítulo nove

TATE

— Enfermeira! — grita Corbin.

Ele entra na cozinha, e Miles vem logo atrás. Corbin dá um passo para o lado e aponta para Miles. A mão dele está coberta de sangue. Pingando. Miles olha para mim como se eu devesse saber o que fazer. Aqui não é um pronto-socorro. É a cozinha da minha mãe.

— Uma ajudinha? — pede Miles, segurando o pulso com força.

Seu sangue está escorrendo pelo chão inteiro.

— Mãe! — grito. — Onde está o kit de primeiros socorros?

Abro os armários tentando encontrá-lo.

— No banheiro do térreo! Debaixo da pia!

Aponto para o banheiro, e Miles me acompanha. Abro o armário e tiro o kit. Fechando a tampa do vaso sanitário, indico que Miles se sente e, depois, eu mesma me sento na beirada da banheira, puxando, em seguida, sua mão.

— O que você fez?

Começo a limpar e analisar o corte. É fundo, bem no centro da palma.

— Agarrei a escada. Ela estava caindo.

Balanço a cabeça.

— Devia ter deixado cair.

— Não. Corbin estava nela.

Olho para ele, que está me observando com aqueles olhos azuis contrastantes e intensos. Volto o olhar para sua mão.

— Vai precisar levar ponto.

— Tem certeza?

— Tenho. Posso levá-lo ao pronto-socorro.

— Não pode dar os pontos aqui?

Balanço a cabeça.

— Não tenho instrumentos para isso. Preciso de material de sutura. Foi bem profundo.

Ele usa a outra mão para remexer no kit de primeiros socorros. Tira um carretel e o entrega para mim.

— Faça o melhor que puder.

— Não é o mesmo que costurar um maldito botão, Miles.

— Não vou passar o dia inteiro numa sala de emergência por causa de um corte. Faça o que puder e está ótimo. Vou ficar bem.

Também não quero que ele passe o dia numa sala de emergência. Dessa forma, ele não estaria *aqui*.

— Se sua mão infeccionar e você morrer, eu nego meu envolvimento nisso tudo.

— Se minha mão infeccionar e eu morrer, vou estar morto demais para culpá-la.

— Bem lembrado.

Limpo a ferida mais uma vez e coloco os instrumentos que vou usar no balcão. Não estou conseguindo um ângulo bom da maneira como estamos posicionados, então me levanto e apoio a perna na beirada da banheira. Ponho a mão dele na minha perna.

Ponho a mão dele na minha perna.

Ai, merda.

Não vai dar certo com o braço dele por cima da minha perna assim. Se quero mãos calmas e firmes, preciso mudar de posição.

— Não vai dar certo assim — digo, virando-me para ele.

Seguro sua mão, coloco-a no balcão e paro bem na frente dele. Do outro jeito era melhor, mas não vou conseguir fazer isso com ele tocando na minha perna.

— Vai doer.

Ele ri como se soubesse o que é dor e isso não chegasse nem perto.

Perfuro sua pele com a agulha, e ele nem se mexe.

Não faz nenhum barulho.

Ele me observa trabalhar silenciosamente. De vez em quando, desvia o olhar da minha mão e fica prestando atenção no meu rosto. Não dizemos nada, como

sempre.

Tento ignorá-lo. Tento me concentrar na mão dele e na ferida, e em como ela precisa desesperadamente ser fechada, mas nossos rostos estão próximos demais, e consigo sentir sua respiração na minha bochecha toda vez que ele expira. E ele começa a expirar muito.

— Vai ficar uma cicatriz — sussurro, baixinho.

Para onde será que foi o resto da minha voz?

Empurro a agulha na pele pela quarta vez. Sei que está doendo, mas ele não demonstra nada. Toda vez que ela o perfura, tenho que me segurar para não fazer uma careta por ele.

Eu deveria estar concentrada no corte, mas tudo que consigo sentir são nossos joelhos se tocando. A outra mão dele está no topo do seu joelho. A ponta de um dos seus dedos toca o meu.

Não faço ideia de como pode estar acontecendo tanta coisa ao mesmo tempo, mas só consigo pensar na ponta desse dedo. Parece que tem um ferro quente encostando na minha calça. Aqui está ele, com um talho sério, com sangue encharcando a toalha sob sua mão, com a agulha perfurando a pele, e só o que consigo pensar é naquele mínimo contato entre o meu joelho e o dedo dele.

Fico imaginando como seria sentir aquele toque se não houvesse uma camada de tecido entre nós.

Nossos olhares encontram-se por dois segundos, então desvio o foco rapidamente para sua mão. Agora ele não está olhando nem um pouco para ela. Fica me encarando, e faço o melhor que posso para ignorar a maneira como ele está respirando. Não sei se a respiração dele acelerou por causa do quanto estamos próximos ou porque ele está sentindo dor.

Duas pontas dos seus dedos estão tocando meu joelho.

Três.

Inspiro novamente e tento me concentrar em terminar os pontos.

Não dá.

É proposital. Esse toque não é acidental. Ele está me tocando porque *quer*. Os dedos dão a volta no meu joelho, e a mão desliza até a parte de trás da minha perna. Ele encosta a testa no meu ombro enquanto solta um suspiro, então aperta minha perna com a mão.

Nem sei como ainda estou em pé.

— Tate.

Ele sussurra meu nome com sofrimento, então paro e espero ele me dizer que está doendo. Espero ele pedir para eu esperar por um instante. É por isso que está me tocando, não é? Porque o estou machucando?

Ele não diz mais nada, então termino o último ponto e dou um nó no fio.

— Terminei — digo, colocando os instrumentos no balcão.

Ele não me solta, então não me afasto dele.

Sua mão começa a deslizar lentamente para cima na minha perna, subindo até a parte de trás da coxa, cercando meu quadril e indo até a cintura.

Respire, Tate.

Seus dedos agarram minha cintura, e ele me puxa para perto, ainda com a cabeça pressionada contra o meu corpo. Minhas mãos encontram seus ombros, pois preciso me segurar em algo para manter o equilíbrio. De alguma maneira, todos os meus músculos se esqueceram de como funcionam.

Ainda estou em pé, e ele ainda está sentado, mas agora que me puxou para perto, estou entre suas pernas. Lentamente, ele começa a levantar o rosto do meu ombro, e sinto necessidade de fechar os olhos, pois ele está me deixando tão nervosa que não consigo olhá-lo.

Sinto-o inclinar o rosto para me olhar, mas meus olhos ainda estão fechados. Fecho-os com um pouco mais de força. Não sei por quê. Não sei de nada nesse momento. Só sei de Miles.

E, neste momento, acho que Miles quer me beijar.

E, neste momento, tenho certeza absoluta de que quero beijar Miles.

Lentamente, sua mão sobe pelas minhas costas até tocar minha nuca. Sinto como se tivesse deixado marcas em todos os locais em que encostou. Os dedos estão na base do meu pescoço, e sua boca está a poucos centímetros do meu maxilar. Está tão perto que não consigo distinguir se são seus lábios ou sua respiração que farfalha sobre minha pele.

Parece que estou prestes a morrer e que não tem porcaria nenhuma nesse kit de primeiros socorros capaz de me salvar.

Ele segura meu pescoço com mais força... e me mata.

Ou me beija. Não sei qual dos dois, pois tenho certeza de que a sensação seria a mesma. Sentir os lábios dele nos meus é sentir tudo. É viver e morrer e renascer, tudo ao mesmo tempo.

Caramba. Ele está me beijando.

A língua dele já está dentro da minha boca, acariciando delicadamente a minha, e nem me lembro de como isso aconteceu. Mas por mim tudo bem. Por

mim tudo bem.

Ele começa a se levantar, mas a boca continua na minha. Afasta-me alguns metros até a parede atrás de mim e substitui a mão que tocava a parte de trás da minha cabeça. Agora, ele toca minha cintura.

Meu Deus, como a boca dele é possessiva.

Seus dedos estão espalhados mais uma vez, enterrando-se no meu quadril.

Nossa senhora, ele acabou de gemer.

A mão dele se afasta da minha cintura e desce deslizando até a perna.

Pode me matar agora. Apenas me mate.

Ele ergue minha perna e envolve seu corpo com ela, e em seguida se pressiona contra mim tão lindamente que eu solto um gemido dentro da sua boca. O beijo para abruptamente.

Por que está se afastando? Não pare, Miles.

Ele solta minha perna, e a palma da sua mão atinge a parede atrás da minha cabeça, como se precisasse se apoiar para continuar em pé.

Não, não, não. Continue. Coloque a boca de volta na minha.

Tento olhar nos olhos dele mais uma vez, mas estão fechados.

Estão se arrependendo disso.

Não os abra, Miles. Não quero ver você se arrependendo disso.

Ele pressiona a testa na parede ao lado da minha cabeça, ainda se apoiando em mim enquanto ficamos parados ali, tentando fazer o ar voltar aos pulmões. Depois de respirar fundo várias vezes, ele se afasta da parede e vai até o balcão. Felizmente, não vi seus olhos e, agora que está de costas para mim, não consigo ver o arrependimento neles. Ele pega a tesoura do kit e corta o rolo de gaze.

Estou grudada na parede. Acho que vou ficar aqui para sempre.

Virei papel de parede. Pronto. É tudo o que sou.

— Eu não deveria ter feito isso.

Sua voz está firme. Dura. Como metal. Como uma espada.

— Eu não me incomodei — respondo.

Minha voz não está firme. Parece líquida. Evapora.

Ele enfaixa a mão ferida e vira-se para mim.

Seus olhos estão com a mesma firmeza de sua voz. Também estão duros como metal. Como espadas, cortando as cordas que seguravam a pequena esperança oscilante que sentia por ele e por mim e por aquele beijo.

— Não me deixe fazer isso de novo.

Quero que faça isso de novo mais do que quero o jantar de Ação de Graças, mas não digo isso. Não consigo falar, pois o arrependimento dele está preso na minha garganta.

Ele abre a porta do banheiro e vai embora.

Ainda estou grudada na parede.

O.

Que.

Diabos.

Foi.

Isso?

***

Não estou mais grudada na parede do banheiro.

Agora estou grudada na minha cadeira, sentada convenientemente ao lado de Miles na mesa de jantar.

Miles, com quem não falo desde que se referiu a si mesmo ou a nós ou ao beijo como "isso".

Não me deixe fazer "isso" de novo.

Eu não seria capaz de impedi-lo nem se quisesse. Quero tanto "isso" que nem quero comer, e ele provavelmente não sabe o quanto amo o jantar de Ação de Graças. O que significa que quero muito "isso", e "isso" não é o prato de comida à minha frente. "Isso" é Miles. Nós dois. Eu beijando Miles. Miles me beijando.

De repente, sinto muita sede. Pego o copo e bebo metade da água em três goles enormes.

— Você tem namorada, Miles? — pergunta minha mãe.

Isso, mãe. Continue fazendo essas perguntas, já que eu não tenho coragem de fazê-las.

Miles limpa a garganta.

— Não, senhora.

Corbin ri, baixinho, o que faz uma nuvem de desapontamento subir do meu peito. Pelo jeito, Miles tem a mesma opinião que Corbin sobre namoros, e Corbin acha engraçado minha mãe presumir que Miles seja capaz de se comprometer com alguém.

Subitamente, passo a achar o beijo de mais cedo bem menos marcante.

— Bem, então você é um partido e tanto. Piloto de companhia aérea, solteiro, bonito, educado...

Miles não responde. Dá um sorriso sincero e coloca um pouco de batata na boca. Não quer falar sobre si mesmo.

Que pena.

— Miles não namora há um bom tempo, mãe — explica Corbin, confirmando minha suspeita. — Mas isso não quer dizer que esteja solteiro.

Minha mãe inclina a cabeça, confusa. Eu também. Miles também.

— Como assim? — indaga. No entanto, seus olhos arregalam-se imediatamente. — Ah! Desculpe. É nisso que dá ser tão enxerida.

Ela diz a última parte da frase como se tivesse acabado de perceber algo que eu ainda não percebi.

Agora, está pedindo desculpas a Miles, envergonhada.

Continuo confusa.

— Perdi alguma coisa? — pergunta meu pai.

Minha mãe aponta o garfo para Miles.

— Ele é gay, querido.

Hum...

— É lógico que não — diz meu pai, com firmeza, rindo da hipótese dela.

Estou balançando a cabeça. *Não balance a cabeça, Tate.*

— Miles não é gay — contesto, em tom de defesa, olhando para minha mãe.

Agora, Corbin parece confuso. Olha para Miles. Tem uma colherada de batatas parada na frente de Miles, que está de sobrancelha erguida. Ele encara Corbin.

— Ah, merda — diz Corbin. — Eu não sabia que era segredo. Cara, foi mal mesmo.

Miles abaixa a colher de purê até o prato, ainda observando Corbin com uma expressão de perplexidade.

— Eu não sou gay.

Corbin assente, então ergue as palmas das mãos e articula um "desculpa" com os lábios, como se não quisesse revelar um segredo tão importante.

Miles balança a cabeça.

— Corbin. Eu não sou gay. Nunca fui e tenho certeza de que nunca vou ser. Que *história* é essa, cara?

Corbin e Miles estão se encarando, e todos os outros prestam atenção em Miles.

— Ma-mas... — gagueja Corbin. — Você disse... uma vez você me disse...

Miles solta a colher e cobre a boca com a mão, abafando o som alto de sua gargalhada.

Meu Deus, Miles. Rindo.

Ria, ria, ria. Por favor, ache isso a coisa mais engraçada do mundo, pois a sua risada é tão melhor do que o jantar de Ação de Graças.

— O que falei para você achar que sou gay?

Corbin recosta-se na cadeira.

— Não lembro exatamente. Você disse que não ficava com nenhuma garota há mais de três anos. Achei que aquela era sua maneira de me dizer que era gay.

Agora todos estão rindo. Inclusive eu.

— Isso foi há mais de três anos! Você passou esse tempo inteiro achando que eu era gay?

Corbin ainda está confuso.

— Mas...

Lágrimas. Miles está chorando de tanto rir.

É lindo.

Sinto-me mal por Corbin. Ele está meio envergonhado. Mas gosto de ver Miles achando engraçado. É como se isso não o envergonhasse.

— Três anos? — repete meu pai, ainda pensando a mesma coisa que eu.

— Isso foi há três anos — diz Corbin, finalmente rindo com Miles. — Agora provavelmente já são seis.

A mesa fica em silêncio. *Isso sim* deixa Miles envergonhado.

Continuo pensando no beijo do banheiro, mais cedo, e em como tenho certeza de que não faz seis anos que ele não fica com uma garota. Um cara com uma boca tão possessiva quanto a dele sabe usá-la, e tenho certeza de que a usa bastante.

Não quero pensar nisso.

Não quero minha *família* pensando nisso.

— Você está sangrando de novo — digo, olhando para a gaze encharcada que ainda está enrolada em sua mão. Viro-me para minha mãe. — Você tem curativo líquido?

— Não. Acho aquilo assustador.

Olho para Miles.

— Depois que comermos, dou uma olhada nisso.

Miles assente, mas não olha para mim. Minha mãe me pergunta sobre o trabalho, e Miles deixa de ser o centro das atenções. Deve estar bastante aliviado com isso.

***

Desligo a luz e vou para a cama, sem saber interpretar aquele dia. Não nos falamos de novo depois do jantar, apesar de eu ter passado uns dez minutos trocando o curativo da sua ferida na sala de estar.

Não dissemos nada durante todo o processo. Nossas pernas não se tocaram. O dedo dele não tocou meu joelho. Sequer olhou para mim. Ficou somente prestando atenção na mão o tempo inteiro, concentrado, como se ela fosse cair do braço se desviasse o olhar.

Não sei o que pensar sobre Miles, nem sobre o beijo. Está na cara que se sente atraído por mim, ou não teria me beijado. Infelizmente, isso já é o suficiente. Não me importa se ele *gosta* de mim. Só quero que se sinta atraído por mim, pois o gostar pode vir depois.

Fecho os olhos e tento adormecer pela quinta vez, mas não adianta. Viro para o lado e fico de frente para a porta bem no instante em que a sombra dos pés de alguém se aproxima. Observo a porta, esperando que se abra, mas as sombras desaparecem, e os passos seguem pelo corredor. Tenho quase certeza de que era Miles, mas só porque é a única pessoa em que estou pensando no momento. Controlo minha respiração por alguns instantes para me acalmar o suficiente e decidir se quero ou não ir atrás. Estou apenas na terceira expiração quando salto da cama.

Me pergunto se não deveria escovar os dentes novamente, mas só se passaram vinte minutos desde a última vez que fiz isso.

Confiro o cabelo no espelho, abro a porta do quarto e caminho o mais silenciosamente possível até a cozinha.

Quando dou a volta no corredor, eu o vejo. Todo ele. Está encostado no balcão, de frente para mim, quase como se estivesse me esperando.

Nossa, odeio isso.

Finjo que foi mera coincidência estarmos aqui na mesma hora, apesar de ser meia-noite.

— Não está conseguindo dormir? — pergunto.

Passo por ele para ir até a geladeira e pego o suco de laranja, então sirvo um copo para mim e me encosto no balcão na frente dele, que está me observando, mas não respondeu à minha pergunta.

— É sonâmbulo?

Ele sorri, com seus olhos me absorvendo dos pés à cabeça como se fossem uma esponja.

— Gosta mesmo de suco de laranja — comenta, achando graça.

Olho para o copo e depois para ele, e dou de ombros. Ele dá um passo na minha direção e gesticula na direção do copo. Entrego-o para ele, que o leva até os lábios, dá um gole lento e o devolve. Todos os movimentos são concluídos sem que ele perca o contato visual comigo nem por um segundo.

Bem, *agora* eu realmente amo suco de laranja.

— Também gosto — diz, embora eu sequer tenha respondido.

Ponho o copo ao meu lado, seguro a beirada do balcão e me ergo para sentar na superfície. Finjo que Miles não está invadindo o meu ser inteiro, mas ainda está por todo canto. Ocupando a cozinha.

A *casa* inteira.

Está silêncio demais. Decido tomar a iniciativa.

— Faz mesmo seis anos que não namora?

Ele assente sem hesitar, e fico chocada e extremamente contente com a resposta. Não sei por que gostei. Acho que é bem melhor do que o que imaginava sobre a vida dele.

— Nossa. Mas você pelo menos... — Não sei como terminar a frase.

— Transei?

Que bom que a única luz acesa agora fica acima do fogão, pois estou completamente corada.

— Nem todo mundo quer as mesmas coisas da vida — diz ele.

Sua voz é suave, como um edredom. Quero rolar nele e me cobrir com essa voz.

— Todo mundo quer amor. Ou, pelo menos, sexo. Faz parte da natureza humana.

Não acredito que estamos tendo essa conversa.

Ele cruza os braços. Seus pés se cruzam na altura dos tornozelos. Percebi que essa é a forma dele de vestir sua armadura particular. Está erguendo o escudo invisível mais uma vez, protegendo-se para não se abrir demais.

— A maioria das pessoas não consegue separar um do outro — explica —, então acho mais fácil abrir mão dos dois.

Ele está me observando, sondando minha reação àquelas palavras. Faço o possível para não demonstrar reação alguma.

— Então, qual dos dois você não quer, Miles? — Minha voz está vergonhosamente fraca. — Amor ou sexo?

Seus olhos continuam os mesmos, mas a boca muda. Os lábios curvam-se num sorriso bastante sutil.

— Acho que você já sabe a resposta, Tate.

Uau.

Expiro controladamente, sem me importar se ele vai perceber o quanto essas palavras me afetaram. A maneira como diz meu nome me deixa tão agitada quanto o beijo. Cruzo as pernas na altura dos joelhos, esperando que ele não perceba que essa é a minha versão de uma armadura particular.

Seus olhos descem até minhas pernas, e eu o vejo inspirar suavemente.

Seis anos. Inacreditável.

Também olho para minhas pernas. Quero fazer outra pergunta, mas não vou conseguir olhar para ele ao perguntar.

— Há quanto tempo não beija uma garota?

— Oito horas — responde, sem hesitar. Ergo os olhos até os seus, e ele sorri, pois sabe o que estou perguntando. — A mesma coisa — confessa, baixinho. — Seis anos.

Não sei o que acontece comigo, mas alguma coisa muda. Alguma coisa derrete. Alguma coisa dura ou fria ou coberta pela minha própria armadura particular está se liquefazendo agora que percebi o que o beijo realmente significou. Sinto como se não passasse de um líquido, e líquidos não sabem ficar de pé ou ir embora, então não me mexo.

— Está brincando? — pergunto, incrédula.

Acho que agora é ele quem está corando.

Estou tão confusa. Não entendo como achei que ele era tão diferente, ou como o que está dizendo sequer era possível. Ele é bonito. Tem um ótimo emprego. E com certeza beija bem, então por que não tem feito isso?

— Qual é a sua, então? — pergunto. — Tem alguma DST?

É meu lado enfermeira. Não tenho filtro quando se trata de saúde.

Ele ri.

— Nadinha.

Mas não se explica.

— Se faz seis anos que não beija uma garota, por que me beijou? Parecia que nem sequer gostava de mim. Você é bem difícil de interpretar.

Ele não me pergunta por que eu estava achando que ele não gostava de mim.

Se acho tão óbvio que fica diferente quando está comigo, tem que ser algo intencional da parte dele.

— Não é que não goste de você, Tate. — Ele suspira forte e passa a mão no cabelo, agarrando a nuca. — É que não *quero* gostar de você. Não quero gostar de *ninguém*. Não quero *namorar* ninguém. Não quero *amar* ninguém. Eu só...

Ele cruza os braços de novo e olha para o chão.

— Você só o quê? — pergunto, incentivando-o a terminar a frase.

O olhar ergue-se até o meu mais uma vez, e preciso de todas as minhas forças para ficar sentada no balcão com ele me olhando dessa maneira: como se eu fosse o jantar de Ação de Graças.

— Sinto-me atraído por você, Tate — prossegue, com a voz baixa. — Quero você, mas quero você sem todo aquele resto.

Meus pensamentos se esvaem.

Cérebro = líquido.

Coração = manteiga.

Contudo, ainda consigo suspirar, então é o que faço.

Espero até conseguir pensar novamente. Então, penso *muito*.

Acabou de admitir que quer transar comigo, só não quer que isso se transforme em nada mais sério. Não sei por que estou me sentindo lisonjeada. Deveria querer dar um murro nele, mas o fato de ter escolhido me beijar depois de passar seis anos inteiros sem beijar ninguém faz com que eu me sinta como se tivesse acabado de ganhar um Pulitzer.

Estamos nos encarando de novo, e ele parece um pouco nervoso. Tenho certeza de que está se perguntando se me deixou zangada. Não quero que pense isso pois, sinceramente, quero gritar "ganhei!" o mais alto possível.

Não faço ideia do que dizer. Desde que nos conhecemos, tivemos conversas bem estranhas e constrangedoras, mas essa com certeza bateu o recorde.

— Nossas conversas são tão estranhas — digo.

Ele ri, aliviado.

— Sim.

A palavra *sim* é tão mais bonita saindo da boca dele, enfeitada com essa voz. Provavelmente, consegue tornar qualquer palavra bonita. Tento pensar numa

palavra que odeio. Meio que odeio a palavra *boi*. É uma palavra feia. Tão pequena e ríspida. Será que a voz dele é capaz de me fazer amar essa palavra?

— Diga a palavra *boi*.

Ele ergue a sobrancelha, como se estivesse duvidando do que escutou. Ele me acha estranha.

Não estou nem aí.

— Apenas diga — insisto.

— Boi — diz ele, hesitando um pouco.

Sorrio. *Amo a palavra* boi. *É minha nova palavra preferida.*

— Você é tão estranha — comenta, curioso.

Descruzo as pernas. Ele percebe.

— Então, Miles, vamos ver se entendi. Você não transa com ninguém há seis anos. Não namora ninguém há seis anos. Não beija ninguém há oito horas. Está na cara que não gosta de namorar. *Nem* de amar. Mas você é um cara. E caras têm necessidades.

Está me observando, ainda curioso.

— Continue — pede, com aquele sorriso involuntariamente sexy.

— Não quer sentir atração por mim, mas sente. Quer transar comigo, mas não quer me namorar. Também não quer me *amar*. E também não quer que *eu* ame *você*.

Ele continua curioso. Continua sorrindo.

— Não percebi que estava sendo tão óbvio.

Você não é nada óbvio, Miles. Confie em mim.

— Se vamos fazer isso, precisa ser com calma — provoco. — Não quero pressioná-lo a fazer algo que não está pronto para fazer. Você é praticamente virgem.

Seu sorriso desaparece, e ele dá três passos propositalmente lentos na minha direção. Paro de sorrir, pois ele é realmente intimidante. Ao chegar perto de mim, põe as mãos nas laterais do meu corpo e se aproxima do meu pescoço.

— Já se passaram seis anos, Tate. Confie em mim... estou pronto.

Todas essas palavras também viraram minhas novas palavras preferidas. *Confie* e *em* e *mim* e *estou* e *pronto*.

Preferidas. Todas elas.

Ele recua, e sem dúvida percebeu que não estou respirando no momento. Volta para onde estava antes, no lugar à minha frente. Balança a cabeça como se não acreditasse no que acabou de acontecer.

— Não acredito que acabei de pedir para transar com você. Que tipo de cara faz isso?

Engulo a seco.

— Praticamente todos.

Ele ri, mas percebo que está se sentindo culpado. Talvez esteja com medo de que eu não dê conta disso tudo. Talvez tenha razão, mas não vou dizer isso para ele. Se achar que não consigo, ele vai retirar tudo que está dizendo. Se retirar tudo que está dizendo, não vou sentir outro beijo como o que ele me deu mais cedo.

Eu concordaria com qualquer coisa para ser beijada por ele de novo. Especialmente se também for sentir *mais* do que somente o beijo dele.

Só de pensar nisso, minha garganta seca. Pego o copo e dou mais um lento gole no suco enquanto reflito silenciosamente sobre o assunto.

Ele só quer sexo comigo.

Sinto falta de sexo. Já faz um tempo.

Não tenho a menor dúvida de que me sinto atraída por ele, e não consigo pensar em nenhuma outra pessoa na vida com quem preferiria fazer sexo casual do que meu vizinho piloto de avião que dobra a própria roupa lavada.

Ponho o copo de suco no balcão e me inclino um pouco para a frente, apoiada nas mãos.

— Olha, Miles. Você é solteiro. Eu sou solteira. Você trabalha demais, e eu estou focando na minha carreira de uma maneira não muito saudável. Mesmo se quiséssemos algo sério, nunca daria certo. Nossas vidas não combinam com namoro. E também não somos amigos de verdade, então não precisamos nos preocupar em arruinar a amizade. Quer transar comigo? Eu deixo mesmo. E muito.

Ele está observando minha boca como se todas aquelas palavras tivessem acabado de se tornar suas novas palavras preferidas.

— Muito?

Faço que sim.

— Sim. Muito.

Ele me olha nos olhos com uma expressão desafiadora.

— OK — diz ele, quase como se fosse um desafio.

— OK.

Ainda estamos a vários metros de distância. Acabei de dizer para o cara que transaria com ele sem esperar nada além disso, e ele ainda está ali, e eu bem aqui

do outro lado, e está ficando bastante evidente que ele é mesmo diferente do que imaginei. Está mais nervoso do que eu. Mas acho que a origem de seu nervosismo é diferente da minha. Está nervoso porque não quer que isso se transforme em nada sério.

Eu estou nervosa porque não tenho certeza se vai ser possível ser *só sexo* com ele. Com base na minha atração, tenho a forte sensação de que o sexo vai ser o menor dos problemas. Mas aqui estou eu, sentada, fingindo que não tem problema ser *só sexo*. Se começar assim, talvez termine virando algo mais sério.

— Bem, não podemos transar agora — avisa.

Droga.

— Por que não?

— A única camisinha que tenho na carteira já deve ter se desintegrado.

Dou uma risada. Adoro seu humor autodepreciativo.

— Mas quero beijá-la de novo — afirma, com um sorriso esperançoso.

Estou realmente surpresa por ele *não* estar me beijando.

— Certo.

Lentamente, ele volta para onde estou sentada, até que meus joelhos estejam nas laterais de sua cintura. Fico observando seus olhos, porque está me olhando como se estivesse esperando que eu mudasse de ideia. Não vou mudar de ideia. Provavelmente quero que isso aconteça mais do que ele.

Ele sobe as mãos e as desliza pelo meu cabelo, acariciando as bochechas com os polegares. Sua respiração está ofegante enquanto encara minha boca.

— Você me deixa sem ar.

Ele pontua a frase com um beijo, levando os lábios para cima dos meus. Todas as partes do meu corpo que ainda não tinham derretido na presença dele se liquefizeram, assim como o resto de mim. Tento me lembrar de alguma vez em que achei tão gostoso sentir uma boca na minha. Sua língua desliza por cima dos meus lábios, depois entra, sentindo meu gosto, preenchendo-me, tomando-me.

Meu... Deus.

Eu.

Amo.

A.

Boca.

Dele.

Inclino a cabeça para sentir mais o gosto dela, e ele inclina a dele para sentir mais o gosto da minha. Sua língua tem uma memória excelente, pois sabe fazer isso muito bem. Ele abaixa a mão machucada e a apoia na minha coxa enquanto agarra a parte de trás da minha cabeça com a outra, fazendo nossos lábios se esmagarem. Minhas mãos não estão mais segurando sua camisa. Elas exploram seus braços, pescoço, costas, cabelo.

Solto um gemido baixinho, e o barulho faz com que ele pressione o corpo contra o meu, puxando-me vários centímetros na direção da beirada do balcão.

— Bem, você definitivamente não é gay — diz alguém atrás de nós.

Ai, meu Deus.

Meu pai.

Pai!

Merda.

Miles. Afastando-se.

Eu. Descendo do balcão.

Meu pai. Passando entre nós dois.

Ele abre a geladeira e pega uma garrafa d'água, como se encontrasse a filha sendo apalpada pelo seu hóspede todas as noites. Vira-se para nós e dá um longo gole. Após terminar, coloca a tampa de volta na garrafa e guarda-a na geladeira, então vem na nossa direção, passando entre nós, criando ainda mais espaço ali.

— Volte para a cama, Tate — diz ele, enquanto sai da cozinha.

Cubro a boca com a mão. Miles cobre o rosto com a dele. Estamos completamente horrorizados. Ele ainda mais do que eu, tenho certeza.

— É melhor irmos dormir — sugere.

Concordo.

Saímos da cozinha sem nos tocar. Chegamos no meu quarto primeiro, então paro e me viro para ele, que também para.

Ele olha para a esquerda e depois rapidamente para a direita, a fim de garantir que estamos a sós no corredor, então dá um passo para a frente e rouba outro beijo. Minhas costas encontram a porta do quarto, mas ele consegue, de alguma maneira, afastar a boca.

— Tem certeza de que não tem problema? — pergunta, procurando alguma dúvida nos meus olhos.

Não sei se não tem problema. É gostoso, é bom sentir o gosto dele, e não consigo pensar em nada que queira mais do que ficar com ele. No entanto, o que me preocupa são as razões por trás dos seus seis anos de abstinência.

— Você se preocupa demais — afirmo, com um sorriso forçado. — Será que ajudaria se tivéssemos regras?

Ele me observa silenciosamente antes de dar um passo para trás.

— Talvez — diz ele. — Nesse momento só consigo pensar em duas.

— Quais?

Seus olhos fixam-se nos meus por vários segundos.

— Não me pergunte sobre o meu passado — fala, com firmeza. — E nunca espere de mim um futuro.

Não gosto nem um pouco delas. As duas me dão vontade de mudar de ideia sobre nosso acordo, virar e sair correndo, mas, em vez disso, concordo. Concordo porque aceito qualquer coisa que me ofereça. Não sou Tate quando estou perto de Miles. Sou um líquido, e líquidos não sabem ser firmes e se defender. Líquidos fluem. É tudo o que quero fazer com Miles.

Fluir.

— Bem, eu só tenho uma regra — sussurro.

Ele espera pela minha regra. Não consigo pensar em nenhuma. Não tenho nenhuma regra. Por que não tenho regras? Ele ainda está esperando.

— Ainda não sei qual é. Mas, quando decidir, você vai ter que obedecê-la.

Miles ri. Ele inclina-se para a frente, beija minha testa e vai para seu quarto. Abre a porta, mas olha para trás e me encara por um breve segundo antes de desaparecer dentro do quarto.

Não sei ao certo, mas tenho certeza de que a expressão que acabei de ver no rosto dele foi medo. Só queria saber do que é que ele tem medo, porque eu sei muito bem do que é que eu tenho medo.

Tenho medo de como isso vai terminar.

Capítulo dez

MILES

Seis anos antes

Ian sabe.
Tive que contar para ele. Depois da primeira semana de aulas, ele soube que tudo tinha se tornado Rachel.
Rachel sabe que Ian sabe. Rachel sabe que ele não vai contar nada a ninguém.
Dou meu quarto a Rachel quando ela se muda, e fico com o quarto extra. O meu é o único que tem banheiro. Quero que Rachel fique com o melhor quarto.
— Quer que eu deixe essa caixa aqui? — pergunta Ian para Rachel, que pergunta o que é, e ele diz que são seus sutiãs e calcinhas. — Achei que devia colocar logo no quarto de Miles.
Rachel revira os olhos para Ian.
— Shh.
Ele ri.
Ele gosta de estar por dentro de algo tão pessoal. É por isso que nunca contaria para ninguém. Ele sabe o poder dos segredos.
Ian vai embora após descarregarmos todas as caixas. Meu pai passa por mim no corredor e hesita. O que significa que também devo hesitar.
— Obrigado, Miles.
Ele acha que estou aceitando bem a situação. Aceitando bem que outra mulher expulse as últimas lembranças da minha mãe.
Não estou aceitando bem.

Estou apenas fingindo aceitar bem, porque nada disso importa. Rachel importa. Ele, não.

— Tudo bem.

Ele começa a se afastar e para novamente. Agradece por eu estar sendo legal com Rachel. Diz que queria que ele e minha mãe pudessem ter me dado um irmão ou irmã quando eu era mais novo.

Diz que sou um bom irmão.

As palavras são terríveis.

Volto para o quarto de Rachel. Fecho a porta.

Somente nós dois.

Sorrimos.

Vou até ela e a abraço, em seguida beijo seu pescoço. Já se passaram três semanas desde a primeira noite em que a beijei. Dá para contar as vezes em que a beijei desde então. Não podemos interagir assim no colégio. Não podemos interagir assim em público. Não podemos interagir assim na frente dos nossos pais. Só posso tocá-la quando estamos a sós, e não tivemos muitas oportunidades de ficar a sós nas últimas três semanas.

Agora?

Agora, beijo-a.

— Precisamos de algumas regras para não nos metermos em encrenca — sugere.

Ela separa-se de mim, então senta-se à minha escrivaninha, e eu sento na minha cama.

Bem... ela se senta à escrivaninha *dela*, e eu me sento na cama *dela*.

— Primeiro — diz ela —, nada de pegação quando eles estiverem em casa. É arriscado demais.

Não quero concordar com essa regra, mas estou assentindo.

— Segundo, nada de sexo.

Não estou mais assentindo.

— Nunca?

Ela está assentindo. Ah, *como* eu odeio esse gesto.

— Por quê?

Ela suspira com força.

— O sexo vai dificultar muito a situação quando nosso tempo acabar. Você sabe disso.

Ela tem razão. Também está completamente errada, mas tenho a impressão de que vai perceber isso depois.

— Posso perguntar qual é a terceira regra antes de aceitar a segunda?
Ela sorri.
— Não existe uma terceira regra.
Eu sorrio.
— Então sexo é a única coisa proibida? E estamos falando de penetração, não é? Não de oral?
Ela cobre o rosto com as mãos.
— Meu Deus, precisa ser tão específico?
Fica uma gracinha quando está envergonhada.
— Só queria deixar explícito. Tem uma vida inteira de coisas que quero fazer com você, e tenho apenas seis meses para fazer todas elas.
— Vamos deixar os detalhes para cada situação — sugere.
— É justo — concordo, admirando suas bochechas coradas. — Rachel? Você é virgem?
Suas bochechas ficam ainda mais coradas. Ela balança a cabeça e nega. Pergunta se me incomodo com isso.
— De jeito nenhum — respondo, sendo sincero.
Ela pergunta se sou virgem, mas com a voz tímida ao perguntar.
— Não. Mas agora que a conheci, meio que queria ser.
Ela gostou do que acabei de dizer.
Levanto e me preparo para ir ao meu novo quarto e começar a reorganização.
Antes de sair, tranco a porta do quarto dela por dentro, me viro e abro um sorriso.
Vou lentamente até ela.
Seguro suas mãos e a levanto. Ponho o braço ao redor de sua lombar e a puxo para perto.
Beijo-a.

Capítulo onze

TATE

— Preciso fazer xixi.

Corbin geme.

— De novo?

— Não faço há duas horas — digo, na defensiva.

Na verdade, não preciso ir ao banheiro, mas preciso sair desse carro. Depois da conversa que tive com Miles na noite anterior, o carro ficou diferente com ele ali dentro. Parece que tem mais dele, e a cada minuto que se passa sem que diga nada, pergunto-me o que está pensando. Se está arrependido da nossa conversa. Se vai fingir que nunca aconteceu.

Queria que meu pai tivesse fingido que nada aconteceu. Antes de irmos embora essa manhã, estava sentada à mesa da cozinha com ele quando Miles apareceu.

— Dormiu bem, Miles? — perguntou ele, enquanto Miles sentava-se à mesa.

Achei que Miles fosse corar de vergonha, mas só olhou para o meu pai e balançou a cabeça.

— Não muito. Seu filho fala dormindo.

Meu pai pegou o copo e o ergueu na direção de Miles.

— Bom saber que estava no quarto de Corbin ontem à noite.

Por sorte, Corbin ainda não havia se sentado e não escutou o comentário do meu pai. Miles passou o resto do café da manhã em silêncio, e a única vez em que o vi falando depois disso foi quando Corbin e eu estávamos no carro. Miles aproximou-se do meu pai e apertou sua mão, dizendo alguma coisa que só meu

pai conseguia escutar. Tentei interpretar a expressão no rosto dele, mas ele se manteve neutro. Meu pai é quase tão bom em esconder os pensamentos quanto Miles.

Quero muito saber o que Miles disse para o meu pai antes de partirmos.

Também quero saber as respostas de mais uma dúzia de perguntas que tenho a respeito de Miles.

Quando éramos mais novos, Corbin e eu sempre concordamos que, se pudéssemos ter qualquer superpoder, escolheríamos a habilidade de voar. Agora que conheci Miles, mudei de ideia. Se pudesse ter um superpoder, seria a habilidade de me infiltrar. Eu me infiltraria na mente dele para enxergar cada pensamento.

Eu me infiltraria no seu coração e me esparramaria por ele como um vírus.

Seria a Infiltradora.

Isso. É um nome legal.

— Vá *fazer xixi* — ordena Corbin agitadamente, enquanto para o carro.

Queria voltar ao colégio só para chamá-lo de bundão. Contudo, adultos não chamam os irmãos de bundão.

Saio do carro e sinto que está mais fácil respirar novamente, até que Miles abre a porta e sai do carro para o mundo. Agora, Miles parece ainda maior, e meus pulmões, menores. Entramos juntos no posto de gasolina, mas não dizemos nada.

É engraçado como as coisas são. Às vezes, não dizer nada fala mais do que todas as palavras do mundo. Às vezes, meu silêncio está dizendo: *não sei falar com você. Não sei o que está pensando. Converse comigo. Me diga tudo que já disse na vida. Todas as palavras. Desde a primeira.*

Pergunto-me o que o silêncio dele está dizendo.

Após entrarmos, ele avista a placa dos banheiros primeiro, aponta a cabeça e vai para a minha frente. Ele me guia. Eu deixo. Porque ele é sólido, e eu, líquido, e agora sou apenas o rastro dele.

Ao chegarmos aos banheiros, ele entra no masculino sem hesitar. Não se vira nem olha para mim. Não espera que eu entre no feminino primeiro. Empurro a porta, mas não preciso ir ao banheiro. Só queria respirar, e ele não está deixando. Está invadindo. Não acho que seja sua intenção. Está apenas invadindo meus pensamentos e minha barriga e meus pulmões e meu mundo.

É o superpoder dele. Invasão.

O Invasor e a Infiltradora. Os dois têm praticamente o mesmo significado, então acho que formamos uma dupla um tanto problemática.

Lavo as mãos e fico enrolando para parecer que realmente precisava que Corbin parasse aqui. Abro a porta do banheiro, e ele está invadindo novamente. Está no meu caminho, parado na frente da porta por onde estou tentando sair.

Não se move, apesar de estar invadindo. Na verdade, porém, não quero que se mova, então o deixo ficar.

— Quer alguma coisa para beber?

Balanço a cabeça.

— Tenho água no carro.

— Está com fome?

Digo que não. Ele parece um pouco desapontado com isso. Talvez não queira voltar para o carro ainda.

— Talvez eu queira algum doce — digo.

Um dos seus raros e apreciados sorrisos aparece lentamente.

— Vou comprar algum doce para você então.

Ele se vira e vai até o corredor dos doces. Paro ao seu lado e vejo minhas opções. Ficamos encarando os doces por tempo demais. Sequer quero um, mas nós os encaramos mesmo assim, e fingimos que os queremos.

— Isso é estranho — sussurro.

— O que é estranho? Escolher um doce ou ter que fingir que nós dois não queremos ir juntos para o banco de trás do carro nesse momento?

Uau. Parece que realmente consegui me infiltrar nos pensamentos dele de alguma maneira. Mas não foram pensamentos, foram palavras que falou voluntariamente. Palavras que fizeram com que eu me sentisse muito bem.

— Os dois — respondo, calmamente, então me viro para ele. — Você fuma?

Ele me lança aquele olhar novamente. O que me diz que sou estranha.

Não me importo.

— Não — fala, casualmente.

— Lembra aqueles cigarros de chocolate que eram vendidos quando éramos crianças?

— Lembro. É meio mórbido se você parar para pensar.

Faço que sim.

— Corbin e eu comprávamos o tempo inteiro. Jamais deixaria meus filhos comprarem aquilo.

— Duvido que ainda sejam fabricados — argumenta Miles.

Viramo-nos para os doces mais uma vez.

— E você?

— Eu o quê?

— Fuma?

Balanço a cabeça.

— Não.

— Ótimo — elogia. Ficamos encarando os doces por mais um tempo, então ele vira-se para mim, e olho para ele. — Quer mesmo algum doce, Tate?

— Não.

Ele ri.

— Então acho que é melhor voltarmos para o carro.

Concordo, mas nenhum de nós se move.

Ele estende o braço e toca tão delicadamente na minha mão que é como se soubesse que é feito de lava, e eu não. Segura dois dos meus dedos, sem nem chegar perto de segurar minha mão inteira, e os puxa com delicadeza.

— Espere — digo para ele, puxando de volta sua mão. Ele olha para mim por cima do ombro e depois se vira completamente na minha direção. — O que disse para o meu pai hoje de manhã? Antes de irmos embora?

Seus dedos seguram os meus com mais força, sem que ele tire do rosto o olhar intenso que sabe dar perfeitamente.

— Pedi desculpas.

Ele se vira para a porta mais uma vez, e, dessa vez, eu o sigo. Só solta minha mão quando estamos perto da saída. Quando finalmente a deixa se afastar, evaporo de novo.

Sigo-o até o carro e torço para que eu não acredite que sou realmente capaz de me infiltrar dentro dele. Lembro-me de que ele é feito de armadura. Ele é impenetrável.

Não sei se consigo fazer isso, Miles. Não sei se consigo seguir a regra número dois, porque de repente quero mais entrar no seu futuro do que no banco de trás do carro com você.

— Fila longa — explica Miles depois que entramos no carro.

Corbin sai com o carro e muda a estação de rádio. Não se importa com o tamanho da fila. Não suspeitou de nada, senão teria dito alguma coisa. Além disso, ainda não tem nada do que suspeitar.

Passam-se quinze minutos inteiros antes que eu perceba que não estou mais pensando em Miles. Durante esse tempo, estive imersa em lembranças.

— Lembra quando éramos crianças e queríamos que nosso superpoder fosse voar?

— Sim, lembro — diz Corbin.

— Agora você tem esse superpoder. Sabe voar.

Corbin sorri para mim pelo retrovisor.

— É. Acho que sou um super-herói, então.

Recosto-me ao banco e fico olhando pela janela, sentindo inveja dos dois. Inveja das coisas que já viram. Dos lugares para os quais viajaram.

— Como é ver o sol nascer lá de cima?

Corbin dá de ombros.

— Na verdade, não fico olhando — admite. — Estou sempre ocupado demais trabalhando quando estou lá em cima.

Fico triste. *Aprecie seu trabalho, Corbin.*

— *Eu* olho — diz Miles. Está olhando pela janela, e sua voz está tão baixa que quase não a escuto. — Toda vez que estou lá em cima, fico olhando.

Mas não descreve nada. Sua voz está distante, como se quisesse guardar a sensação para si. Permito que ele faça isso.

— Vocês estão desobedecendo às leis da natureza ao voarem. É impressionante. Desafiar a gravidade? Ver o nascer e o pôr do sol de onde a Mãe Natureza não planejou que os vissem? Vocês são mesmo super-heróis se pararem para pensar.

Corbin olha para mim pelo retrovisor e ri. *Aprecie seu trabalho, Corbin.* Mas Miles não está rindo. Ainda está olhando pela janela.

— Você salva vidas — diz Miles para mim. — É muito mais impressionante.

Meu coração absorve as palavras no momento de impacto.

Aqui atrás, a regra número dois não vai nada bem.

Capítulo doze

MILES

Seis anos antes

A regra número um, de não dar uns amassos quando nossos pais estivessem em casa, foi alterada.

Agora, significa que podemos quando estivermos protegidos por uma porta trancada.

A regra número dois continua firme, infelizmente. Nada de sexo ainda.

E a regra número três foi criada recentemente: nada de sair escondido do quarto à noite. Às vezes, Lisa ainda confere se Rachel está no quarto no meio da noite, só porque é mãe de uma adolescente e é o que deve ser feito.

Mas odeio isso.

Sobrevivemos a um mês inteiro na mesma casa. Não mencionamos o fato de que falta apenas pouco mais de cinco meses. Não falamos sobre o que vai acontecer quando meu pai se casar com a mãe dela. Não falamos sobre o fato de que, quando isso acontecer, teremos um vínculo que durará muito mais do que cinco meses.

Feriados.

Visitas nos fins de semana.

Reuniões de família.

Ela e eu precisaremos ir a tudo, mas como família.

Não falamos sobre esses assuntos porque assim ficamos sentindo que o que estamos fazendo é errado.

Também não falamos sobre eles porque é difícil. Quando penso que ela vai para Michigan e eu vou ficar em São Francisco, não consigo ver nada depois disso. Não consigo ver nada em que ela não seja o meu tudo.

— Voltamos no domingo — diz ele. — A casa vai ficar toda para você. Rachel vai ficar na casa de uma amiga. Chame Ian para vir para cá.

— Já chamei — minto.

Rachel mentiu também. Ela vai passar o fim de semana inteiro aqui. Não queremos levantar nenhuma suspeita. Já é difícil tentar ignorá-la na frente deles. É difícil fingir que não tenho nada em comum com ela, quando quero rir de tudo o que diz. Quero dar um high-five por tudo que ela faz. Quero me gabar para o meu pai sobre a inteligência dela, suas boas notas, bondade e mente afiada. Quero contar para ele que tenho uma namorada realmente incrível, e que quero que a conheça pois sei que vai adorá-la.

E ele a adora. Mas não da maneira como eu queria que ele a adorasse.

Quero que ele a adore por *mim*.

Nos despedimos dos nossos pais. Lisa diz para Rachel se comportar, mas não está preocupada de verdade. Em sua experiência, Rachel é uma boa garota. Rachel se comporta. Rachel não desobedece.

Exceto à regra número três. Rachel com certeza vai desobedecer à regra número três nesse fim de semana.

Brincamos de casinha.

Fingimos que a casa é nossa. Fingimos que é a nossa cozinha, e ela cozinha para mim. Finjo que ela é minha, e a sigo pelos cantos enquanto ela cozinha, abraçando-a. Tocando-a. Beijando seu pescoço. Puxando-a para perto quando está tentando terminar de fazer alguma coisa, só para sentir seu corpo contra o meu. Ela gosta, mas finge não gostar. Após terminarmos de comer, ela se senta comigo no sofá. Colocamos um filme, mas não vemos nada. Não conseguimos parar de nos beijar. Nos beijamos tanto que nossos lábios doem. Nossas mãos doem. Nossas barrigas doem de tanto que nossos corpos querem quebrar a regra número dois.

O fim de semana vai ser longo.

Decido tomar um banho, ou vou implorar para que a regra número dois seja alterada.

Tomo uma ducha no banheiro dela. Gosto desse chuveiro. Gosto mais do que gostava quando era apenas o meu chuveiro. Gosto de ver as coisas dela aqui. Gosto de ver sua gilete e imaginar Rachel usando-a. Gosto de olhar para seus

shampoos e imaginá-la com a cabeça inclinada para trás debaixo d'água enquanto enxagua o cabelo.

Amo o fato de o meu chuveiro também ser o chuveiro dela.

— Miles?

Está batendo à porta, mas já entrou no banheiro. A água na minha pele está quente, mas a voz dela me fez sentir mais calor ainda. Abro a cortina do boxe. Talvez tenha aberto demais porque quero que ela *queira* quebrar a regra número dois. Ela inspira com calma, mas os olhos param onde quero que parem.

— Rachel — digo, sorrindo ao ver o sorriso envergonhado no seu rosto.

Ela me olha nos olhos.

Quer entrar no chuveiro comigo. Só é tímida demais para pedir.

— Entre.

Minha voz está rouca, como se tivesse gritado.

Minha voz estava bem cinco segundos atrás.

Fecho a cortina do chuveiro para esconder o efeito que está tendo em mim, mas também para que tenha privacidade enquanto ela tira a roupa. Nunca a vi sem roupa. Já senti o que tem por baixo da roupa.

De repente, fico nervoso.

Ela desliga a luz.

— Pode ser? — pergunta, tímida.

Digo sim, mas queria que ela fosse mais confiante. Preciso deixá-la mais confiante.

Rachel abre a cortina, e vejo uma de suas pernas entrar primeiro. Engulo em seco quando o resto do corpo entra também. Felizmente, a luz da noite lá fora a ilumina o bastante, lança um brilho fraco sobre ela.

Consigo enxergá-la o bastante.

Consigo enxergá-la perfeitamente.

Seus olhos encontram os meus outra vez. Ela se aproxima de mim. Fico me perguntando se já tomou banho alguma vez com outra pessoa, mas não digo nada. Dessa vez, sou eu quem dá um passo em sua direção, pois ela parece assustada. Não quero que fique assustada.

Eu estou assustado.

Toco seus ombros e a levo para debaixo d'água. Não pressiono meu corpo contra o dela, embora sinta necessidade de fazer isso. Mantenho um espaço entre nós dois.

Preciso manter.

A única coisa que nos une são nossas bocas. Beijo-a delicadamente, mal tocando os lábios, mas dói tanto. Dói mais do que qualquer outro beijo que já demos. Beijos em que nossas bocas colidiram uma contra a outra. Nossos dentes colidiram. Beijos agitados e tão apressados que acabaram ficando desleixados. Beijos que acabaram comigo mordendo seu lábio, ou ela mordendo o meu. Nenhum daqueles beijos doeu tanto quanto esse, e não sei por que esse está doendo tanto.

Preciso me afastar. Peço que me dê um instante, ao que ela assente e encosta a bochecha no meu peito. Recosto-me na parede e a puxo para mim enquanto mantenho os olhos bem fechados. Mais uma vez, as palavras tentam romper a barreira que ergui. Toda vez que estou com ela, essas palavras querem sair, mas me esforço imensamente para cimentar a parede que as cerca. Ela não precisa escutá-las.

Eu não preciso dizê-las.

Mas estão martelando as paredes. Elas sempre martelam bem forte, até que todos os nossos beijos terminem assim — eu pedindo um instante, e ela deixando. Agora, estão querendo sair mais do que nunca. Precisam de ar. Estão pedindo para serem escutadas. Chega uma hora em que o martelar é tão forte que as paredes desmoronam.

Meus lábios vão atingir o limite, não aguentarão mais tocar os lábios dela sem que essas palavras transbordem por cima dos muros, atravessem as frestas e subam pelo meu peito até que eu segure seu rosto, olhando-a nos olhos, e deixe que destruam todas as barreiras que nos separam de um sofrimento inevitável.

As palavras surgem mesmo assim.

— Não consigo ver nada — digo a ela.

Sei que ela não sabe do que estou falando. Não quero entrar em detalhes, mas *as palavras surgem mesmo assim*. Elas assumiram o comando.

— Depois que você se mudar para Michigan e eu ficar em São Francisco... não consigo ver nada depois disso. Antes, conseguia imaginar qualquer futuro que eu quisesse para mim, mas agora não vejo nada.

Beijo a lágrima que escorre pela bochecha dela.

— Não consigo fazer isso — confesso. — A única coisa que quero ver é você, e, se isso não vai ser possível... nem vale a pena fazer mais nada. Você melhora as coisas, Rachel. Você melhora tudo. — Beijo sua boca intensamente, e aquilo não dói mais, agora que as palavras estão livres. — Eu te amo — digo, libertando-me completamente.

Beijo-a novamente, sem sequer dar a ela a oportunidade de responder. Só preciso ouvi-la dizer essas palavras quando estiver pronta, e não quero que diga que o que estou sentindo é errado.

As mãos estão nas minhas costas, puxando-me, trazendo-me para perto. Suas pernas envolvem as minhas como se ela estivesse tentando se fixar dentro de mim.

Ela já fez isso.

Fica tudo agitado novamente. Dentes batendo, lábios se mordendo, tudo corrido, apressado, ofegante, cheio de mãos.

Ela está gemendo, e sinto-a tentando se separar da minha boca, mas seguro-a pelo cabelo e cubro sua boca desesperadamente, esperando que nunca queira se afastar para respirar.

Ela me obriga a soltá-la.

Encosto a testa na dela, tentando recobrar o fôlego para que meus sentimentos não transbordem.

— Miles — diz ela, ofegante. — Miles, eu amo você. Estou com tanto medo. Não quero que isso tudo acabe.

Você me ama, Rachel.

Afasto-me e a olho nos olhos.

Ela está chorando.

Não quero que fique com medo. Digo que vai ficar tudo bem. Digo que vamos esperar até a formatura, e então contaremos para eles. Digo que vão ter que aceitar. Depois que nos mudarmos daqui, tudo vai ser diferente. Tudo vai ser bom. Eles vão ter que entender.

Digo a ela que vamos conseguir cuidar disso.

Ela assente, empolgada.

— Vamos conseguir — responde, concordando comigo.

Pressiono a testa na sua.

— Vamos conseguir, Rachel — repito. — Não consigo desistir de você agora. De jeito nenhum.

Ela segura meu rosto entre as mãos e me beija.

Você se apaixonou por mim, Rachel.

Seu beijo tira um peso tão grande do meu peito que sinto como se estivesse flutuando. Sinto como se ela estivesse flutuando comigo.

Viro-a até que encoste na parede.

Levanto seus braços e entrelaço meus dedos nos dela, pressionando suas mãos na parede de azulejos atrás. Olhamos nos olhos um do outro... e estilhaçamos completamente a regra número dois.

Capítulo treze

TATE

— Valeu por me obrigar a ir — diz Miles para Corbin. — Exceto por arranjar uma ferida a mais na mão e descobrir que você achava que eu fosse gay, foi divertido.

Corbin ri e se vira para destrancar a porta.

— Ter presumido que você era gay não foi exatamente culpa minha. Você nunca fala sobre garotas e aparentemente passou seis anos inteiros sem incluir sexo na sua pauta.

Corbin abre a porta e entra, indo em direção a seu quarto. Fico parada à porta, virada para Miles.

Ele está olhando diretamente para mim. Me invadindo.

— Agora está na pauta — brinca, sorrindo.

Agora eu sou uma *pauta*. Não quero ser uma pauta. Quero ser um plano. Um mapa. Quero estar no mapa do futuro dele.

Mas isso seria quebrar a regra número dois.

Miles entra de costas no apartamento após abrir a porta e aponta a cabeça na direção do seu quarto.

— Depois que ele for dormir? — sussurra.

Tá bom, Miles. Pode parar de implorar. Serei sua pauta.

Faço que sim antes de fechar a porta.

Tomo banho e me depilo e escovo os dentes e canto e coloco apenas o suficiente de maquiagem para parecer que não coloquei nada. E ajeito o cabelo para que pareça que não o arrumei nem um pouco. E visto a mesma roupa que estava usando antes para não parecer que troquei de roupa. Mas troquei o sutiã e

a calcinha, porque antes não estavam combinando, e agora estão. E, então, entro em crise porque Miles vai me ver de sutiã e calcinha hoje.

E possivelmente vai tocar neles.

Se estiver em sua pauta, talvez até seja ele quem vá tirá-los.

Recebo uma mensagem no celular, e o barulho me assusta, pois receber uma mensagem às 23h não está na minha pauta. A mensagem é de um número desconhecido. Tudo o que diz é:

Ele já foi para o quarto?
Eu: Como você tem meu número?
Miles: Roubei do telefone de Corbin no meio da viagem.

Tem uma voz estranha na minha cabeça cantando: *lá lá lá lá lá, ele roubou meu número.*

Sou muito infantil.

Eu: Não, está vendo TV.
Miles: Ótimo. Preciso resolver uma coisa. Volto em vinte minutos. Vou deixar o apartamento destrancado, caso ele vá dormir antes disso.

Quem tem coisas para resolver às 23h?

Eu: Até já.

Fico encarando minha última mensagem e faço uma careta. Parece casual demais. Estou dando a impressão de que faço isso o tempo inteiro. Ele deve achar que todos os meus dias são mais ou menos assim:

Cara qualquer: Tate, está a fim de transar?
Eu: Com certeza. Deixa só eu terminar aqui com esses dois caras que vou até aí. Aliás, não tenho regra nenhuma, topo tudo.
Cara qualquer: Maravilha.

Quinze minutos se passam, e a televisão finalmente é desligada. Assim que a porta do quarto de Corbin se fecha, a minha se abre. Passo pela sala, saio escondida pela porta e esbarro em Miles, que está no corredor.

— Bem na hora — brinca.

Está segurando uma sacola e passa-a para a outra mão para que eu não a veja.

— Você primeiro, Tate — diz ele, empurrando a porta.

Não, Miles. Eu sigo. É assim que funciona entre nós. Você é sólido, eu sou líquido. Você separa as águas, eu sou seu rastro.

— Está com sede?

Ele vai para a cozinha, mas não sei se consigo segui-lo dessa vez. Não sei fazer isso e estou com medo de que perceba que nunca tive uma regra número um ou dois antes. Se o passado e o futuro são proibidos, nos resta apenas o presente, e não faço ideia do que fazer no presente.

Vou para a cozinha no presente.

— O que tem para beber? — pergunto.

Agora a sacola está no balcão, e ele vê que estou de olho nela, então a empurra para o lado, tirando-a de meu campo de visão.

— Me diga o que quer, e eu vejo se tenho — sugere.

— Suco de laranja.

Ele sorri e estende o braço para a sacola, então tira de lá uma garrafa de suco de laranja, e o mero fato de ter pensado nisso prova sua generosidade. Também prova que não preciso de muito para derreter. Deveria dizer a ele que minha única regra acabou de virar *Pare de fazer coisas que me dão vontade de quebrar suas regras*.

Pego o suco de sua mão com um sorriso.

— O que mais tem na sacola?

Ele dá de ombros.

— Coisas.

Ele me observa abrir o suco. Observa-me dar um gole. Observa-me tampar o suco. Ele me observa colocar o suco no balcão da cozinha, mas não com atenção suficiente para perceber que consigo me lançar na direção da sacola com bastante rapidez.

Agarro-a antes que seus braços envolvam minha cintura.

Ele está rindo.

— Deixa isso aí, Tate.

Abro-a e olho o que tem dentro.

Camisinhas.

Dou uma risada e jogo a sacola de volta no balcão. Quando me viro, seus braços não me soltam.

— Queria muito dizer alguma coisa inadequada ou vergonhosa, mas não consigo pensar em nada. Finja que foi o que fiz e ria mesmo assim.

Ele não ri, mas seus braços ainda estão ao meu redor.

— Você é tão estranha.

— Não me importo.

Ele sorri.

— Essa história toda é estranha.

Está me dizendo o quanto isso é estranho, mas estou achando bem gostoso. Não sei se considera estranho algo bom ou ruim.

— Estranho é bom ou ruim?

— Os dois. Nenhum dos dois.

— Você é estranho — digo.

Ele sorri.

— Não me importo.

Sobe as mãos pelas minhas costas e ombros, e depois desce lentamente pelos braços até suas mãos encostarem nas minhas.

O que me lembra de uma coisa.

Ponho sua mão entre nós.

— Como está o machucado?

— Bem.

— É melhor eu dar uma olhada amanhã.

— Não vou estar aqui. Vou embora daqui a algumas horas.

Dois pensamentos passam pela minha cabeça. Um: *estou muito desapontada por ele ir embora esta noite*. Dois: *por que estou aqui se ele vai embora ainda hoje?*

— Não deveria estar dormindo?

Ele balança a cabeça.

— Não vou conseguir dormir agora.

— Você nem tentou. Não dá para pilotar um avião sem dormir, Miles.

— O primeiro voo é curto. Além disso, serei o copiloto. Durmo no avião.

Dormir não está em sua pauta. *Tate* está.

Tate é mais importante do que dormir, em sua pauta.

Que outras coisas são menos importantes do que Tate?

— Então — sussurro, enquanto solto sua mão.

Paro, pois não tenho nada a dizer depois do *então*. Nada. Nem um *e aí*.

Silêncio.

Está ficando constrangedor.

— Então — diz ele.

Seus dedos movem-se entre os meus e os abrem. Meus dedos gostam dos dedos dele.

— Quer saber há quanto tempo não faço isso, já que sei um detalhe tão íntimo sobre você?

É mais do que justo, já que minha família inteira sabe há quanto tempo ele não faz isso.

— Não — diz ele simplesmente. — Mas quero beijá-la.

Hmm. Não sei como interpretar isso, mas não vou analisar seu *não* se ele foi seguido por uma frase dessas.

— Então me beije.

Seus dedos soltam os meus e se movem até as laterais da minha cabeça, e ele me segura.

— Espero que esteja com gosto de suco de laranja de novo.

Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze.

Conto as palavras dessa última frase e procuro algum lugar na minha cabeça para armazenar essas onze palavras para sempre. Quero escondê-las numa gaveta da minha mente e chamá-la de *Coisas para tirar e ler quando a ridícula regra número dois se tornar um presente triste e solitário.*

Miles está na minha boca. Está me invadindo de novo. Fecho a gaveta da mente e saio da minha cabeça; volto para ele.

Me invada, me invada, me invada.

Devo estar com gosto de suco de laranja, pois ele está agindo como se estivesse adorando meu gosto. Também devo estar adorando o gosto dele, pois estou puxando-o para perto, beijando-o, fazendo o meu melhor para me infiltrar nele.

Ele se afasta para respirar e falar.

— Tinha me esquecido do quanto isso é bom.

Está me comparando. Não gosto do fato de estar me comparando com quem quer que o tenha feito achar isso bom.

— Quer saber de uma coisa? — pergunta.

Quero. Quero saber tudo, mas por alguma razão, escolho esse momento para me vingar daquela palavrinha que ele disse para mim.

— Não.

Puxo-o de volta para minha boca. Ele não retribui o beijo imediatamente, pois está sem saber o que pensar a respeito do que acabou de acontecer. Mas a boca dele reage bem depressa. Acho que odiou minha resposta sucinta tanto quanto odiei a dele, e agora está usando as mãos para ter sua própria vingança. Não sei onde está me tocando, porque assim que me toca num lugar, suas mãos vão para outro. Está me tocando em todos os lugares, em nenhum lugar, sem me tocar, me tocando inteira.

O que mais gosto quando beijo Miles é o som. O som dos lábios dele se fechando por cima dos meus. O som das nossas respirações sendo engolidas uma pela outra. Amo a maneira como ele geme quando nossos corpos se unem. Normalmente, os rapazes retêm mais os sons que fazem do que as garotas.

Miles, não. Miles me quer e quer que eu saiba, e eu adoro isso.

— Tate — murmura contra minha boca. — Vamos para o quarto.

Faço que sim, então ele se afasta da minha boca e estende o braço por cima do balcão para pegar a caixa de camisinhas. Começa a andar comigo até o quarto, mas logo volta para a cozinha e pega o suco de laranja. Ao passar por mim a caminho do quarto, dá uma piscada.

Essa mera piscada mexe tanto comigo que fico morrendo de medo do que vou sentir quando estiver dentro de mim. Não sei se vou conseguir sobreviver.

Quando chegamos ao quarto dele, começo a ficar apreensiva. Em boa parte, porque estamos na casa dele, e toda essa situação está sendo controlada quase totalmente por ele, e sinto que estou um pouco em desvantagem.

— O que foi? — pergunta.

Está tirando os sapatos. Vai até o banheiro, desliga a luz e fecha a porta.

— É que fiquei um pouco nervosa — confesso.

Estou parada no meio do quarto dele, sabendo exatamente o que está prestes a acontecer. Normalmente, esse tipo de coisa não é discutido nem planejado assim. É algo espontâneo, no calor do momento, e os dois lados só sabem o que vai acontecer quando já está acontecendo.

Mas tanto Miles quanto eu sabemos o que está prestes a acontecer.

Ele vai até a cama e senta na beirada.

— Vem cá — chama.

Sorrio e ando alguns metros até onde está. Ele põe as mãos na parte de trás das minhas coxas e pressiona os lábios na camisa que cobre minha barriga. Minhas mãos descem até seus ombros, e olho para ele. Está me encarando, e a calma em seus olhos é contagiante.

— Podemos ir com calma — sugere. — Não precisa ser hoje. Não era uma das nossas regras.

Dou risada, mas também balanço a cabeça.

— Não, está tudo bem. Você vai embora daqui a algumas horas e só volta daqui a quanto tempo, uns cinco dias?

— Dessa vez são nove.

Odeio esse número.

— Não quero fazer você esperar nove dias depois de deixá-lo todo esperançoso.

As mãos dele sobem pelas minhas coxas e vêm para a frente da minha calça. Ele abre o botão sem nenhuma dificuldade.

— Me imaginar fazendo isso com você não é nenhuma tortura — fala, enquanto seus dedos tocam no meu zíper.

Ele começa a abri-lo, e meu coração está martelando tanto meu peito que parece que está construindo alguma coisa. Talvez esteja construindo uma escada para subir até o céu, pois sabe que vai explodir e morrer no instante em que minha calça for tirada.

— Tenho certeza que vai ser torturante para mim — sussurro.

Meu zíper está aberto, e as mãos dele deslizam para dentro da minha calça. Ele leva a mão até meu quadril e começa a puxá-la para baixo.

Fecho os olhos e tento não balançar, mas sua outra mão ergueu minha camisa o suficiente para que seus lábios pressionem minha barriga. É demais para mim.

Agora, as duas mãos estão dentro da minha calça, indo para trás. Ele a empurra para baixo lentamente até que fique na altura do joelho. Sua língua toca minha barriga, e minhas mãos se perdem em seu cabelo.

Quando o jeans finalmente chega aos meus tornozelos, tiro-o junto com os sapatos. As mãos dele sobem pelas minhas coxas de novo, indo até a cintura. Ele me puxa para que eu sente no colo dele, ajusta minhas pernas ao lado do corpo, apalpa meu bumbum e me puxa direto. Solto um arquejo.

Não sei por que está parecendo que eu sou a inexperiente aqui. Não esperava mesmo que ele fosse assumir tanto o comando, mas não estou reclamando.

Nem um pouco.

Ergo os braços para ele, que tenta tirar minha camisa. Joga-a no chão atrás de mim, e seus lábios reconectam-se aos meus enquanto suas mãos cuidam do

fecho do meu sutiã.

Não é justo. Estou prestes a ficar com apenas uma peça de roupa, e ele ainda não tirou nada.

— Você é tão linda — sussurra ele, puxando o sutiã para tirá-lo.

Os dedos vão para debaixo das alças, e ele começa a deslizá-lo pelos meus braços. Estou prendendo a respiração, esperando que o tire. Quero tanto que sua boca venha para mim que não consigo pensar direito. Depois que o sutiã é abaixado, deixando tudo de mim à mostra, ele expira.

— Uau! — exclama, ofegante.

Joga o sutiã no chão e olha para mim. Sorri e pressiona brevemente os lábios nos meus, beijando-os delicadamente. Ao se afastar, ergue as mãos até minhas bochechas e me olha nos olhos.

— Está se divertindo?

Mordo o lábio inferior para não sorrir tanto quanto quero nesse momento. Ele inclina-se para a frente e prende meu lábio com a boca, puxando-o para longe dos meus dentes, o beija por alguns segundos e depois o solta.

— Não morda o lábio de novo. Gosto de vê-la sorrir.

É óbvio que sorrio novamente.

Minhas mãos estão nos seus ombros, então desço-as pelas costas e começo a puxar sua camisa. Ele solta meu rosto e ergue os braços para me ajudar. Inclino-me para trás e fico observando-o, assim como ele está me observando nesse momento. Passo as mãos no seu peito, traçando o contorno de todos os músculos.

— Você também é lindo.

Ele pressiona as palmas nas minhas costas, incentivando-me a ficar sentada. Assim que o faço, ele abaixa a boca até meu peito e desliza delicadamente a língua pelo mamilo. Solto um gemido, e ele o cobre completamente com a boca.

Uma de suas mãos vai até meu quadril e desliza para debaixo da costura da calcinha.

— Quero você deitada — sussurra ele.

Ele deixa a mão nas minhas costas enquanto muda nossas posições sem dificuldade, puxando-me do seu colo para a cama. Agora, está encurvado por cima de mim, puxando a calcinha para baixo enquanto a língua mergulha na minha boca. Minhas mãos lançam-se imediatamente para o botão de seu jeans, e o desabotoo, mas ele se afasta rapidamente. — Eu não faria isso ainda — alerta. — Senão tudo vai acabar antes mesmo de começar.

Não me importo com a duração. Só quero tirar logo a roupa dele.

Ele começa a tirar minha calcinha. Dobra minha perna e a tira pelo meu pé, e depois faz o mesmo com o outro. Definitivamente, não está mais me olhando nos olhos.

Ele deixa minhas pernas caírem de volta na cama enquanto se levanta e se afasta meio metro de mim.

— Uau — sussurra, me encarando.

Está parado, ainda no conforto de sua calça, encarando-me deitada ali, nua.

— Isso não me parece muito justo — protesto.

Ele balança a cabeça e empurra o punho contra a boca, mordendo os nós dos dedos. Fica de costas e respira fundo com calma. Em seguida, se vira de novo, subindo o olhar pelo meu corpo até encontrar meus olhos.

— É demais para mim, Tate.

Sinto o desapontamento se infiltrar por suas palavras. Ele ainda está balançando a cabeça, mas vai até à mesa de cabeceira, pega a caixa de camisinhas e a abre, depois tira uma e a coloca entre os dentes, rasgando a embalagem.

— Desculpe — diz ele, tirando alvoroçadamente a calça. — Queria que fosse gostoso para você. Queria que fosse memorável, no mínimo. — Agora, já está sem calça. Olha-me nos olhos, mas estou achando difícil manter o contato visual, porque agora sua cueca também já era. — Mas, se não estiver dentro de você em dois segundos, isso vai terminar sendo extremamente vergonhoso para mim.

Ele vem rapidamente para perto de mim e consegue, de alguma maneira, colocar a camisinha enquanto separa meus joelhos com a outra mão.

— Farei isso valer a pena para você daqui a alguns minutos. Prometo — afirma, parando no meio das minhas pernas, esperando autorização.

— Miles, não me importo com nada disso. Tudo que quero é você dentro de mim.

— Graças a Deus.

Ele suspira. Segura minha perna por trás do joelho com a mão direita, e seus lábios encontram os meus. Então penetra em mim com força e rapidez tão inesperadas que praticamente grito dentro de sua boca. Ele não faz uma pausa para me perguntar se está doendo. Nem desacelera. Entra mais fundo, com mais força, até não existir nenhuma maneira de ficarmos mais perto um do outro.

Está doendo, sim, mas da melhor forma possível.

Estou gemendo dentro de sua boca, e ele está gemendo contra o meu pescoço, e seus lábios estão por todos os cantos, assim como as mãos. É selvagem. É lascivo e pesado e quente, e nem um pouco silencioso. É rápido, e, pelo jeito como suas costas estão se contraindo sob minhas mãos, ele tinha razão. Não vai demorar muito.

— Tate — sussurra. — *Meu Deus*, Tate.

Os músculos de sua perna contraem-se, e ele começa a tremer.

— *Porra* — geme.

Seus lábios pressionam-se nos meus com força, e ele se mantém parado, apesar dos tremores que percorrem suas pernas e costas. Afasta os lábios dos meus e exala fortemente, descendo a testa para o lado da minha cabeça.

— Meu Deus, *caralho* — exclama, ainda tenso. Ainda tremendo. Ainda bem dentro de mim.

No segundo em que sai de dentro de mim, seus lábios estão no meu pescoço, movendo-se para baixo até encontrarem meus seios. Ele os beija por um instante e volta para a minha boca.

— Quero sentir seu gosto. Posso?

Faço que sim.

Faço que sim enfaticamente.

Ele afasta-se da cama, joga a camisinha fora e volta para seu lugar perto de mim. Fico observando-o o tempo inteiro pois, por mais que ele tenha dito que não queria saber há quanto tempo não fico com ninguém, já faz quase um ano. Não é nada em comparação a seis anos, mas é o suficiente para que eu queira ficar de olhos abertos e curtir o momento. Especialmente agora que posso encarar abertamente o *V* sem ter que ficar com vergonha por não conseguir desviar o olhar.

Agora está olhando para meu corpo com o mesmo fascínio, enquanto sua mão desliza pela minha barriga e desce até chegar nas coxas. Ele afasta minhas pernas enquanto observa o que está fazendo comigo com tanto encantamento que preciso ficar de olhos abertos para observá-lo me observando. Ver o efeito que tenho nele já me excita muito, mesmo sem que ele me toque.

Dois de seus dedos deslizam para dentro de mim, e, de repente, fica bem mais difícil continuar olhando para ele. Seu polegar continua do lado de fora, provocando todos os locais em que consegue encostar. Solto um gemido e deixo as mãos caírem na cama, acima da minha cabeça, enquanto fecho os olhos.

Rezo para que ele não pare. Não quero que pare.

Sua boca encontra a minha, e ele me beija delicadamente, com seus lábios contrastando bastante com a pressão da sua mão. A boca começa lentamente a descer, explorando o meu queixo até chegar ao pescoço e à reentrância da minha garganta, seguindo pelo seio, cobrindo o mamilo, descendo pela barriga, descendo, descendo, *puta merda*, descendo.

Ele se acomoda entre minhas pernas, deixando os dedos dentro de mim enquanto sua língua toca minha pele, me separando, fazendo minhas costas se arquearem e minha mente se entregar.

Simplesmente me entrego.

Não me importo se estou gemendo tão alto que provavelmente acabei de acordar o andar inteiro.

Não me importo se estou enterrando os calcanhares no colchão, tentando me afastar dele porque não estou aguentando.

Não me importo se os dedos saem de dentro de mim para agarrar meus quadris e me segurar contra a boca, impedindo que meu corpo suba e se afaste dele, *graças a Deus*.

Não me importo se é bem provável que eu o esteja machucando, puxando seu cabelo, puxando-o para dentro de mim, fazendo tudo o que posso para chegar a um lugar tão intenso ao qual tenho quase certeza de que nunca cheguei.

Minhas pernas começam a tremer, e seus dedos voltam para dentro de mim, e tenho certeza de que estou tentando me sufocar com o travesseiro, pois não quero que ele seja expulso do prédio por eu gritar tanto quanto preciso agora.

De repente, sinto como se estivesse no ar, voando. Sinto como se pudesse olhar para baixo e ver o sol nascendo sob mim. Sinto como se estivesse pairando.

Estou...

Ah, meu Deus.

Estou...

Minha nossa.

Estou... isso... *ele*.

Estou caindo.

Estou flutuando.

Uau.

Uau, uau, uau.

Nunca mais quero voltar para o chão.

Depois de me derreter completamente na cama, ele sobe avidamente a boca pelo meu corpo, tira o travesseiro do meu rosto e o joga para o lado, e depois me

beija rapidamente.

— Mais uma vez — diz ele.

Sai da cama, volta numa questão de segundos e me penetra novamente, mas desta vez nem tento abrir os olhos. Meus braços esparramam-se acima da cabeça, e seus dedos se entrelaçam nos meus, e ele está empurrando, entrando, vivendo dentro de mim. Nossas bochechas se pressionam, e sua testa está no travesseiro, e não sobrou nenhuma energia para conseguirmos fazer algum barulho.

Ele inclina a cabeça, seus lábios encontram o meu ouvido, e ele desacelera até entrar num ritmo suave, empurrando-se para dentro de mim e depois saindo completamente. Fica parado, depois empurra-se para dentro de mim de novo, e depois sai completamente. Repete isso várias vezes, e tudo que posso fazer é ficar deitada e senti-lo.

— Tate — sussurra, com os lábios próximos do meu ouvido. Sai de mim e fica parado mais uma vez. — Já tenho 100% de certeza de uma coisa.

Ele me penetra de novo.

— Essa é.

Sai e repete o movimento de novo.

— A melhor.

De novo.

— Sensação.

De novo.

— Da

De novo.

— Minha.

De novo.

— Vida.

Ele fica parado, ofegando no meu ouvido, agarrando minhas mãos com tanta força que dói, mas não faz nenhum barulho ao gozar pela segunda vez.

Não nos mexemos.

Não nos mexemos por um bom tempo.

Não consigo tirar esse sorriso exausto do rosto. Tenho certeza de que vai ficar ali para sempre.

Miles afasta-se e olha para mim. Sorri ao ver o meu rosto, e olhar para ele me faz perceber que em nenhum momento ele fez contato visual comigo enquanto estava dentro de mim. Fico me perguntando se foi intencional ou mera coincidência.

— Comentários? — brinca. — Sugestões?

Dou risada.

— Desculpe. É que... não consigo... palavras...

Balanço a cabeça, indicando que ainda preciso de um tempinho antes de conseguir falar.

— Sem palavras. Melhor ainda.

Beija minha bochecha, levanta-se e vai até o banheiro. Fecho os olhos e me pergunto como é que essa coisa entre nós pode terminar bem.

Não pode.

Já tenho certeza, porque nunca mais quero fazer isso com outra pessoa.

Só com Miles.

Ele volta para o quarto e abaixa-se para pegar a cueca samba-canção. Também pega minha calcinha e meu jeans, e os coloca ao meu lado na cama.

Acho que está insinuando que é para eu me vestir, não?

Sento-me e fico olhando enquanto ele pega meu sutiã e minha camisa e os entrega para mim. Toda vez que seus olhos encontram os meus, ele sorri, mas está sendo difícil retribuir o sorriso.

Depois que me visto, ele me puxa para perto, me beija e me abraça.

— Mudei de ideia. Depois disso, tenho certeza de que os próximos nove dias serão pura tortura.

Mordo o lábio, mas ele não percebe, pois ainda estou cercada pelos seus braços.

— Pois é.

Ele me beija na testa.

— Pode trancar a porta ao sair?

Engulo minha decepção e consigo, de alguma maneira, encontrar forças para sorrir quando me solta.

— Posso sim.

Ando na direção da porta do quarto, e o escuto cair na cama.

Vou embora sem saber o que sentir. Ele não me prometeu nada além do que o que acabou de acontecer entre nós. Fiz o que topei voluntariamente: transar.

Só não estava esperando essa sensação avassaladora de vergonha. Não por causa da forma como ele me dispensou imediatamente após transarmos, mas pela maneira como me senti depois que me dispensou. Achei que queria tanto quanto ele que fosse só sexo, mas, com base na surra que meu coração levou nos

últimos dois minutos, acho que não consigo manter algo tão simples assim com ele.

Tem uma voz no fundo da minha cabeça me dizendo baixinho que pule fora dessa situação antes que as coisas fiquem complicadas demais. Infelizmente, tem uma voz dizendo bem mais alto que devo simplesmente me deixar levar; que mereço um pouco de diversão porque trabalho demais.

Só de pensar no quanto gostei da noite, já aceito e até apoio o jeito casual de Miles depois daquilo tudo. Talvez, com um pouco de prática, eu até consiga desenvolvê-lo em mim.

Vou até a porta do meu apartamento, mas paro ao escutar a voz de alguém. Pressiono o ouvido na madeira e fico escutando. Ouço apenas o lado de Corbin da conversa, então deve estar ao celular.

Não posso entrar agora. Ele acha que estou dormindo.

Olho de novo para a porta do apartamento de Miles, mas não pretendo bater nela. Não só seria constrangedor, mas também significaria que ele dormiria menos ainda do que já vai dormir.

Vou até o elevador e decido passar meia hora na portaria, na esperança de que Corbin volte logo para o quarto.

Até o fato de achar que preciso esconder isso de Corbin é ridículo, mas a última coisa que quero é que fique chateado com Miles. E é exatamente o que aconteceria.

Desço para a portaria e saio do elevador, sem saber exatamente o que estou fazendo. Acho que posso ficar esperando no carro.

— Está perdida?

Olho para Cap, que está sentado no lugar de sempre, apesar de ser quase meia-noite. Ele dá um tapinha na cadeira vazia ao seu lado.

— Sente-se.

Passo por ele e vou para a cadeira vazia.

— Não trouxe comida dessa vez. Desculpe.

Ele balança a cabeça em negativa.

— Não é por causa da comida que gosto de você, Tate. Você não cozinha muito bem.

Rio, e é bom rir. Tudo tem sido tão intenso nos últimos dois dias.

— Como foi o dia de Ação de Graças? O garoto se divertiu?

Olho para ele e inclino a cabeça, confusa.

— O garoto?

Ele assente.

— O Sr. Archer. Ele não passou o feriado com você e seu irmão?

Faço que sim com a cabeça, finalmente entendendo a pergunta.

— Sim. — Queria acrescentar que tenho certeza de que o Sr. Archer acabou de ter o melhor dia de Ação de Graças dos últimos seis anos, mas não o faço. — Acho que o Sr. Archer gostou muito.

— E que sorriso é esse?

Faço desaparecer imediatamente o sorriso que surgiu no meu rosto sem que eu percebesse, então enrugo o nariz.

— Que sorriso?

Cap ri.

— Ai, diabos! — exclama. — Você e o garoto? Está se apaixonando, Tate?

Balanço a cabeça.

— Não — respondo, imediatamente. — Não é nada do tipo.

— Então como é?

Desvio o olhar assim que sinto a vergonha subindo sorrateiramente pelo pescoço. Cap ri ao ver minhas bochechas ficarem tão vermelhas quanto as cadeiras em que estamos sentados.

— Talvez eu seja velho, mas isso não significa que não saiba mais ler a linguagem corporal das pessoas. Isso significa que você e o garoto estão... qual o termo que é usado hoje em dia? Ficando? Se pegando?

Inclino-me para a frente e enterro o rosto nas mãos. Não acredito que estou tendo essa conversa com um homem de 80 anos.

Balanço a cabeça rapidamente.

— Não vou responder isso.

— Entendo — diz Cap, assentindo, e então ficamos em silêncio por um instante, enquanto digerimos o que mais ou menos acabei de contar para ele. — Bem, isso é ótimo. Talvez agora aquele garoto sorria de vez em quando.

Faço que sim, concordando completamente. Com certeza, gostaria de vê-lo sorrindo mais.

— Podemos mudar de assunto agora?

Cap vira a cabeça lentamente para mim e ergue a sobrancelha peluda e grisalha.

— Já contei da vez em que achei um cadáver no terceiro andar?

Balanço a cabeça, aliviada por ter mudado de assunto, mas também um pouco confusa por perceber que falar de um cadáver me trouxe alívio.

Sou tão mórbida quanto Cap.

Capítulo catorze

MILES

Seis anos antes

— Acha que gostamos tanto disso porque é algo que não devíamos estar fazendo? — pergunta Rachel.
Está se referindo a me beijar.
Fazemos muito isso.
Toda vez que surge a oportunidade, e até mesmo quando não surge.
— Quando diz *não devíamos*, é por que nossos pais estão juntos?
Ela responde sim. Sua voz está ofegante, porque nesse momento estou subindo pelo seu pescoço com beijos.
Gosto de deixá-la sem ar.
— Lembra a primeira vez em que a vi, Rachel?
Ela solta um gemido que significa sim.
— E lembra de quando a acompanhei até a aula do Sr. Clayton?
Ela me dá mais um sim sem dizer nada.
— Eu queria beijá-la naquele dia. — Subo de volta para a boca e a olho nos olhos. — Você queria me beijar?
Ela assente, e vejo pelos seus olhos que está pensando naquele dia.
No dia em que se
Tornou
O
Meu

Tudo.

— Naquele dia, não sabíamos dos nossos pais — explico. — Mas queríamos fazer isso mesmo assim. Então não, acho que não é por causa disso que gostamos tanto.

Ela sorri.

— Está vendo? — sussurro, roçando os lábios delicadamente nos seus para mostrar a ela o quanto a sensação é gostosa.

Ela se levanta do travesseiro e se apoia no cotovelo.

— E se simplesmente gostarmos de beijar em geral? E se não tiver nada a ver comigo ou com você especificamente?

Ela sempre faz isso. Digo que devia ser advogada, porque adora fazer o papel de advogada do diabo. Mas amo quando faz isso, então sempre entro no jogo.

— É verdade — concordo. — Gosto de beijar. Não conheço ninguém que *não* goste. Mas tem uma diferença entre *isso* e simplesmente gostar de beijar.

Ela olha para mim curiosamente.

— E qual é a diferença?

Levo a boca até a sua mais uma vez.

— *Você* — sussurro. — Gosto de beijar *você*.

Isso responde à sua pergunta, pois ela se cala e leva a boca de volta para a minha.

Gosto do fato de Rachel questionar tudo.

Assim, enxergo as coisas de um jeito diferente.

Sempre gostei de beijar as garotas que beijei no passado, mas só porque sentia atração. Não tinha nada a ver com elas em particular.

Quando beijei todas as outras garotas, senti prazer. É por isso que as pessoas gostam de beijar, porque é gostoso.

Mas, quando você beija alguém por causa de quem a pessoa é, a diferença não se encontra no prazer.

A diferença se encontra na dor que você sente quando *não* está beijando aquela pessoa.

Não dói quando não estou beijando nenhuma das outras garotas que já beijei.

Só dói quando não estou beijando Rachel.

Talvez isso explique por que se apaixonar dói pra caramba.

Gosto de beijá-la, Rachel.

Capítulo quinze

TATE

Miles: Está ocupada?
Eu: Sempre ocupada. E aí?
Miles: Preciso da sua ajuda. Não vai demorar.
Eu: Chego em cinco minutos.

Eu deveria ter dito dez minutos em vez de cinco, porque não tomei banho hoje. Depois de um turno de dez horas na noite anterior, tenho certeza de que estou precisando de um. Se soubesse que estava em casa, o banho teria sido minha prioridade número um, mas achava que ele só iria voltar amanhã.

Prendo o cabelo num coque frouxo e troco a parte de baixo do pijama por uma calça jeans. Ainda não é meio-dia, mas tenho vergonha de admitir que ainda estava na cama.

Bato à porta, e ele pede, com um grito, para que eu entre, então a empurro. Ele está em pé numa cadeira ao lado de uma das janelas da sala. Olha para mim e aponta a cabeça para a outra.

— Pegue aquela cadeira e a empurre até aqui — pediu ele, apontando para um local a alguns metros dele. — Estou tentando medir isso aqui, mas nunca comprei cortinas antes. Não sei se é para medir a moldura de fora ou a própria janela.

Quem diria. Ele vai comprar uma cortina.

Empurro a cadeira para o outro lado da janela e subo nela. Ele me entrega uma extremidade da fita métrica e começa a puxar.

— Depende do tipo de cortina que você quer, então é melhor medir as duas coisas — sugiro.

Veste roupas casuais mais uma vez, com uma calça jeans e uma camiseta azul-escura. Por alguma razão, o tom escuro da camisa deixa seus olhos menos azuis. Eles ficam parecendo límpidos. Quase transparentes, mas sei que é impossível. Não são nada transparentes, considerando a muralha por trás deles.

Miles anota a medida no celular, e depois fazemos uma segunda medição. Após registrar as duas, descemos e recolocamos as cadeiras no lugar.

— E um tapete? — pergunta, encarando o chão debaixo da mesa. — Acha que deveria comprar um tapete?

Dou de ombros.

— Depende do que você gosta.

Ele faz que sim lentamente com a cabeça, ainda encarando o chão nu.

— Não sei mais do que gosto — confessa, baixinho, então joga a fita métrica no sofá e olha para mim. — Quer vir comigo?

Contenho-me para não concordar imediatamente.

— Para onde?

Ele afasta o cabelo da testa e pega o casaco jogado no encosto do sofá.

— Onde quer que as pessoas comprem cortinas.

Eu deveria dizer não. Escolher cortina é algo que casais fazem. Escolher cortina é algo que amigos fazem. Escolher cortina não é algo que Miles e Tate deveriam fazer se querem seguir as regras, mas tenho certeza total e absoluta de que não quero fazer nenhuma outra coisa.

Dou de ombros para que minha resposta pareça mais casual do que é.

— Pode ser. Vou só trancar minha porta.

***

— Qual sua cor preferida? — pergunto, enquanto estamos no elevador.

Estou tentando focar na missão atual, mas não dá para negar o desejo que sinto de que estenda a mão e me toque. Um beijo, um abraço... qualquer coisa. No entanto, estamos parados em lados opostos do elevador. Não nos tocamos desde a noite em que transamos pela primeira vez. Também não nos falamos desde então.

— Preto? — diz ele, duvidando da própria resposta. — Gosto de preto.

Balanço a cabeça.

— Não pode colocar uma cortina preta. Precisa de cor. Talvez algo parecido com preto, mas não preto.

— Azul-marinho?

Percebo que seus olhos não estão mais focados nos meus. Eles descem lentamente do meu pescoço até os pés. Em todo lugar que se fixam, posso sentí-los.

— Azul-marinho talvez dê certo — digo, baixinho.

Tenho certeza de que essa conversa só está acontecendo para que alguma conversa aconteça. Dá para ver pela maneira como ele está me olhando que nesse momento nenhum de nós está pensando em cores, cortinas ou tapetes.

— Você trabalha hoje à noite, Tate?

Assinto. Gosto do fato de estar pensando em hoje à noite, e adoro como termina a maioria das perguntas com meu nome. Adoro como diz meu nome. Eu deveria obrigá-lo a dizê-lo toda vez que fala comigo.

— Só preciso chegar lá às dez.

Chegamos ao térreo, e vamos até a porta ao mesmo tempo. Sua mão encosta na minha lombar, e a corrente que percorre o meu corpo é inegável. Já fiquei a fim de outros rapazes antes, e, nossa, já até me *apaixonei* por outros rapazes, mas nenhum deles conseguia me afetar desse jeito, só com o toque.

Assim que saio do elevador, a mão se afasta das minhas costas. Percebo mais a ausência do seu toque agora do que antes de ele tocar em mim. A cada pouco que recebo, fico desejando muito mais.

Cap não está em seu lugar de sempre, mas aquilo não é nenhuma surpresa, pois ainda é meio-dia. Ele não é de acordar cedo. Talvez seja por isso que nos damos tão bem.

— Está a fim de andar? — pergunta Miles.

Digo que sim, apesar de estar frio lá fora. Prefiro andar, e estamos perto de várias lojas apropriadas para o que ele quer. Sugiro uma pela qual passei algumas semanas atrás, que fica a apenas dois quarteirões daqui.

— Você primeiro — diz ele, segurando a porta para mim.

Saio do prédio e aproximo o casaco do corpo. Duvido mesmo que Miles seja o tipo de cara que segura a mão de alguém em público, então nem me preocupo em deixá-las disponíveis para ele. Abraço meu próprio corpo para me aquecer, e começamos a andar um ao lado do outro.

Ficamos em silêncio por boa parte do caminho, mas não vejo nenhum problema nisso. Não sou o tipo de pessoa que sente necessidade de conversar o tempo inteiro, e estou aprendendo que ele talvez também seja assim.

— Fica bem aqui — aviso, apontando para a direita ao chegarmos numa faixa de pedestres.

Olho para um idoso sentado na calçada, todo empacotado com um casaco fino e esfarrapado. Seus olhos estão fechados, e as luvas em suas mãos trêmulas estão cheias de buracos.

Sempre me compadeci de pessoas que não têm nada, nem lugar para onde ir. Corbin odeia o fato de que nunca consigo passar por mendigos sem dar comida ou dinheiro. Ele diz que a maioria deles mora na rua por ser viciada e que, quando dou dinheiro, só estou estimulando o vício.

Sinceramente, não estou nem aí se isso é verdade. Se alguém mora na rua por necessitar mais de certa coisa do que de uma casa, isso não me desestimula nem um pouco. Talvez seja por ser enfermeira, mas não acredito que o vício seja uma escolha. Vício é doença, e sofro ao ver pessoas que são obrigadas a viver assim por não conseguirem se ajudar.

Daria dinheiro a ele se tivesse trazido minha bolsa.

Percebo que não estou mais andando quando sinto Miles lançar um rápido olhar na minha direção. Está olhando para mim enquanto observo o idoso, então acelero o passo e o alcanço. Não digo nada para defender a expressão preocupada no meu rosto. Não adianta. Já passei por isso o suficiente com Corbin para saber que não tenho vontade de tentar mudar a opinião de todos que discordam de mim.

— É aqui — digo, parando na frente da loja.

Miles para de andar e observa a vitrine da loja.

— Gosta daquilo? — pergunta ele, apontando lá para dentro.

Chego mais perto e olho também. É um quarto, mas tem características que ele está procurando. O tapete no chão é cinza, com várias formas geométricas em diversos tons de azul e preto. Parece mesmo algo do qual ele gostaria.

As cortinas, no entanto, não são azul-marinho. São de um tom de cinza-ardósia, com uma única linha branca vertical do lado esquerdo.

— Gosto.

Ele se move para a minha frente e abre a porta para que eu entre primeiro. Uma vendedora aproxima-se antes mesmo que a porta se feche, e pergunta se pode ajudar em alguma coisa. Miles aponta para a vitrine.

— Quero aquela cortina. Quatro delas. E o tapete.

A vendedora sorri e gesticula para que a acompanhemos.

— Qual a altura e a largura de que precisa?

Miles pega o celular e lê as medidas para ela, que o ajuda a escolher suportes para as cortinas e depois diz que volta num instante. Ela vai para os fundos da loja e nos deixa a sós perto do caixa. Olho ao redor, sentindo uma vontade repentina de escolher coisas para decorar o meu próprio apartamento. Planejo ficar com Corbin por mais uns dois meses, mas não faria mal ter uma ideia do que vou querer para a minha casa quando finalmente sair de lá. Espero que ache tão fácil decidir o que comprar quanto Miles achou hoje.

— Nunca vi ninguém fazer compras tão rápido — comento.

— Ficou decepcionada?

Balanço a cabeça rapidamente. Se tem uma coisa de menina que não sei fazer bem é compras. Estou até aliviada por ele só ter demorado um minuto.

— Acha que devia ter procurado mais?

Agora ele está encostado no balcão, observando-me. Gosto da maneira como olha para mim, como se eu fosse a coisa mais interessante da loja.

— Se gosta do que escolheu, por que continuar procurando? Quando a pessoa sabe, ela sabe.

Olho nos seus olhos, e, no instante em que faço isso, minha boca fica seca. Ele está focado em mim, e o olhar sério no seu rosto faz com que eu me sinta constrangida e nervosa e interessante, tudo ao mesmo tempo. Ele se afasta do balcão e dá um passo para perto de mim.

— Vem aqui.

Seus dedos vão para baixo e cercam os meus, e ele começa a me puxar atrás dele.

Minha pulsação está ridícula. É até triste.

São apenas dedos, Tate. Não deixe isso mexer tanto assim com você.

Ele continua andando até chegar a um biombo de madeira, decorado com algo escrito em alguma língua asiática. É o tipo de biombo que as pessoas colocam nos cantos dos quartos. Nunca entendi a função deles. Minha mãe tem um, e duvido que já tenha trocado de roupa atrás dele alguma vez.

— O que está fazendo?

Ele vira-se para mim, ainda segurando minha mão. Sorri e vai para trás do biombo, puxando-me junto, a fim de que fiquemos isolados do resto da loja. Não

consigo deixar de rir, porque parece que estamos no colégio, nos escondendo do professor.

Seus dedos encostam nos meus lábios.

— Shh — sussurra, sorrindo para mim enquanto encara minha boca.

Paro de rir imediatamente, mas não por não estar mais achando graça. Paro de rir porque assim que o dedo dele pressiona meus lábios, esqueço-me de como é que se ri.

Esqueço-me de tudo.

A única coisa em que consigo pensar nesse momento é no dedo que desliza lentamente pela minha boca e meu queixo. Seus olhos acompanham a ponta do dedo que continua se movendo, descendo delicadamente pela garganta até chegar ao meu peito, descendo, descendo e descendo até minha barriga.

Parece que esse único dedo está me tocando com a sensação de mil mãos. Meus pulmões e a incapacidade deles de manter o ritmo são sinais disso.

Os olhos estão fixados no dedo que para em cima do botão da minha calça jeans. Ele nem está tocando minha pele, mas não daria para perceber isso com base na rápida reação dos meus batimentos. Agora, a mão inteira entra em ação, percorrendo suavemente minha barriga, por cima da camisa, até encontrar a cintura. Suas duas mãos agarram meus quadris e me puxam para a frente, prendendo-me contra ele.

Seus olhos fecham-se por um instante, e, ao abri-los novamente, ele não está mais olhando para baixo. Está olhando diretamente para mim.

— Quero beijá-la desde que entrou no meu apartamento mais cedo — diz ele.

A confissão me faz sorrir.

— Você tem uma paciência incrível.

A mão direita dele deixa meu quadril e sobe para a lateral da minha cabeça, tocando o meu cabelo com o máximo de delicadeza possível. Ele começa a balançar a cabeça, discordando lentamente.

— Se eu tivesse uma paciência incrível, você não estaria comigo agora.

Agarro-me a essa frase e tento imediatamente descobrir seu significado, mas no segundo em que seus lábios encostam nos meus, perco o interesse pelas palavras que saíram da sua boca. Só estou interessada nela e no que sinto quando ela invade a minha.

O beijo é lento e calmo; o oposto da minha pulsação. Sua mão direita vai até a parte de trás da minha cabeça, e a esquerda desliza até minha lombar. Ele

explora minha boca pacientemente, como se planejasse me manter atrás dessa divisória pelo resto do dia.

Estou reunindo toda a força de vontade que me restou para me conter e não lançar pernas e braços ao redor dele. Estou tentando encontrar a paciência que ele demonstra, mas é difícil quando seus dedos e mãos e lábios conseguem arrancar essas reações físicas de mim.

A porta do cômodo dos fundos se abre, e escutamos o barulho do salto da mulher no chão. Miles para de me beijar, e meu coração grita. Por sorte, não dá para escutar esse grito, apenas senti-lo.

Em vez de me puxar na direção do balcão, ele leva as mãos para o meu rosto e me segura enquanto fica me olhando em silêncio por vários segundos. Seus dedos acariciam o meu maxilar com leveza, e ele exala suavemente. Franze as sobrancelhas e fecha os olhos. Pressiona a testa na minha, ainda segurando meu rosto, e eu consigo sentir seu conflito interno.

— Tate.

Ele diz meu nome tão baixinho que sinto seu arrependimento nas palavras que ainda não disse.

— Eu gosto... — Ele abre os olhos e me encara. — Gosto de beijar você, Tate.

Não sei por que achou tão difícil dizer essa frase, mas sua voz diminuiu de volume perto do fim, como se estivesse tentando se impedir de completá-la.

Assim que a frase deixa sua boca, ele me solta e sai rapidamente de trás da divisória, como se estivesse tentando escapar da própria confissão.

Gosto de beijar você, Tate.

Apesar do arrependimento que sente por ter dito essas palavras, tenho certeza de que vou passar o resto do dia repetindo-as silenciosamente.

Fico uns dez minutos inteiros olhando a loja distraidamente, pensando sem parar naquele elogio enquanto espero ele terminar a compra. Quando chego ao balcão, Miles está dando seu cartão de crédito para a vendedora.

— A entrega será feita em no máximo uma hora — afirma ela.

Ela devolve o cartão e começa a tirar as sacolas do balcão e colocá-las atrás de si. Miles pega uma delas no momento em que a mulher a levanta.

— Vou levar essa daqui — diz ele.

Ele vira-se para mim.

— Está pronta?

Saímos da loja, e, por alguma razão, parece que a temperatura caiu uns dez graus desde que estivemos aqui fora. Pode ser somente porque ele fez as coisas parecerem bem mais quentes *lá dentro*.

Chegamos na esquina, e começo a caminhar na direção do prédio, mas percebo que ele parou de andar. Eu me viro, e ele está tirando alguma coisa da sacola em suas mãos. Arranca a etiqueta, e um cobertor se desdobra.

Não acredito.

Ele estende o cobertor para o idoso que ainda está ali na calçada, encolhido. O homem olha para ele e pega o cobertor. Nenhum dos dois diz uma palavra.

Miles vai até uma lixeira próxima e joga a sacola vazia nela, e em seguida volta na minha direção enquanto encara o chão. Ele não faz contato visual comigo quando começamos a andar na direção do prédio.

Quero agradecer, mas não o faço. Se fizer, vai parecer que estou presumindo que ele fez aquilo por mim.

Sei que não fez por mim.

Fez pelo homem que estava com frio.

***

Miles pediu para que eu fosse para casa assim que chegamos. Disse que só queria que eu visse o apartamento quando toda a decoração estivesse pronta, o que foi bom, pois tinha muito dever de casa para fazer de todo jeito. Não tinha separado um tempo na minha agenda para pendurar cortinas, então achei bom que não tivesse contado com minha ajuda.

Ele parecia um pouco empolgado com essa coisa de pendurar as cortinas. Empolgado para o padrão Miles, pelo menos.

Agora, já se passaram várias horas. Preciso chegar ao trabalho em menos de três horas e, assim que começo a me perguntar se ele sequer vai me convidar para voltar para lá, recebo uma mensagem.

Miles: Já comeu?
Eu: Sim.

De repente, fico chateada por já ter jantado. Mas cansei de esperar por ele, que não tinha dito nada a respeito de jantarmos juntos.

Eu: Corbin fez bolo de carne ontem à noite antes de viajar. Quer que eu leve um prato pra você?
Miles: Adoraria. Estou faminto. Pode vir ver agora.

Preparo um prato e o cubro com papel-alumínio antes de atravessar o corredor. Ele abre a porta antes mesmo que eu possa bater, e pega o prato nas minhas mãos.

— Espere aqui — diz ele, então entra no apartamento e volta segundos depois sem a comida. — Pronta?

Não faço ideia de como sei que está empolgado, pois não está sorrindo. Mas dá para perceber pela voz. Tem uma leve mudança nela, e saber que algo tão simples como pendurar cortinas o deixa feliz me faz sorrir. Não sei a razão para isso, mas parece que não tem muita coisa na vida dele que o deixa feliz, então gostei de ver que isso o deixou assim.

Ele abre completamente a porta, e dou alguns passos para dentro do apartamento. As cortinas estão penduradas, e, apesar de ser uma pequena mudança, parece gigantesca. Saber que morou aqui por quatro anos e só agora colocou cortinas dá ao apartamento inteiro um clima diferente.

— Você escolheu bem — digo a ele, admirando o quanto as cortinas combinam com o pouco que sei de sua personalidade.

Olho para o tapete, e ele vê a confusão surgir no meu rosto.

— Sei que era para ficar debaixo da mesa — afirma, olhando para o tapete. — E vai ficar. Depois.

Está posicionado num local estranho. Não está no centro da sala, nem na frente do sofá. Fico sem saber por que o colocou ali, se sabia onde ficaria melhor.

— Deixei ele ali porque queria batizá-lo primeiro.

Olho para ele, e vejo no seu rosto uma deliciosa expressão cheia de esperança que me faz sorrir.

— Gostei da ideia — concordo, olhando de volta para o tapete.

Surge um longo silêncio entre nós. Não sei se quer batizar o tapete agora ou se quer comer primeiro. Para mim tanto faz. Contanto que o plano dele se encaixe nas três horas que tenho.

Ainda estamos encarando o tapete quando ele fala novamente.

— Posso comer depois — conclui, respondendo à pergunta que passava silenciosamente pela minha cabeça.

Ele tira a camisa, eu tiro os sapatos, e o resto de nossas roupas acaba se amontoando ao lado do tapete.

Capítulo dezesseis

MILES

Seis anos antes

Tudo é melhor agora que tenho Rachel.
Adormecer é melhor agora que sei que Rachel está adormecendo do outro lado do corredor.
Acordar de manhã é muito melhor agora que sei que Rachel está acordando do outro lado do corredor.
Ir para o colégio é melhor agora que vamos juntos.
— Vamos matar aula hoje — sugiro a Rachel, quando chegamos ao estacionamento do colégio.
Tenho certeza de que matar aula fica ainda melhor com Rachel.
— E se formos pegos?
Ela não parece estar realmente preocupada com essa possibilidade.
— Eu *espero* que nos peguem — confesso. — Assim ficaríamos de castigo. Juntos. Na mesma casa.
Minhas palavras fazem Rachel sorrir. Ela inclina-se por cima do banco e desliza a mão ao redor do meu pescoço. Adoro quando faz isso.
— Ficar de castigo com você parece bem divertido. Vamos, então.
Ela se inclina para a frente e me dá um selinho.
Os beijos simples ficam melhores quando são de Rachel.
— Você faz tudo ficar melhor — digo a ela. — Minha vida. Ela fica melhor com você.

Aquelas palavras fazem Rachel sorrir mais uma vez. Ela não sabe disso, mas todas as palavras são ditas só por essa razão. *Para fazê-la sorrir.*

Saio do estacionamento e digo a Rachel que vamos para a praia. Ela diz que quer seu biquíni, então passamos em casa primeiro e pegamos nossas roupas de banho. Também levamos algo para almoçar e um cobertor.

Nós vamos para a praia.

Rachel quer se bronzear enquanto lê.

Quero ficar vendo Rachel se bronzear enquanto lê.

Está deitada de bruços, apoiando-se nos cotovelos. Encosto a cabeça nos braços e fico olhando para ela.

Meus olhos acompanham as curvas delicadas dos seus ombros... o arco das costas... a maneira como os joelhos estão dobrados e as pernas estão no ar, com os pés cruzados na altura dos tornozelos.

Rachel está feliz.

Eu faço Rachel feliz.

Faço a vida de Rachel ficar melhor.

A vida dela fica melhor comigo.

— Rachel — sussurro.

Ela põe o marcador dentro do livro e o fecha, mas não olha para mim.

— Quero que saiba de uma coisa.

Ela assente, mas fecha os olhos como se quisesse se concentrar na minha voz, e somente nela.

— Quando minha mãe morreu, parei de acreditar em Deus.

Ela encosta a cabeça nos braços e mantém os olhos fechados.

— Achava que Deus não faria uma pessoa sentir tanta dor física. Achava que Deus não faria alguém sofrer como ela sofreu. Que não seria capaz de fazer alguém passar por algo tão feio.

Uma lágrima cai dos olhos fechados de Rachel.

— Mas então conheci você, e todos os dias depois disso, me perguntei como uma pessoa tão bonita poderia existir se não houvesse um Deus. Eu me perguntei como uma pessoa poderia me deixar tão feliz se Deus não existisse. E percebi... bem agora... que Deus nos dá a parte feia para que possamos dar valor à parte bonita da vida.

Minhas palavras não fazem Rachel sorrir.

Minhas palavras fazem Rachel franzir a testa.

Minhas palavras fazem Rachel chorar.

— Miles — sussurra ela.
Ela diz meu nome tão baixinho que é como se não quisesse que eu o escutasse.
Olha para mim, e percebo que esse não é um dos momentos bonitos para ela.
Não como é para mim.
— Miles... minha menstruação está atrasada.

Capítulo dezessete

TATE

Corbin: Quer jantar? Que horas vai sair do trabalho?
Eu: Em dez minutos. Onde?
Corbin: Nós estamos aqui perto. Encontramos você lá na frente.

Nós?

Não dá para ignorar o entusiasmo que a mensagem me trouxe. Certamente, Corbin se referia a ele e Miles. Não consigo pensar em nenhuma outra pessoa que estaria com ele, e sei que Miles voltou ontem à noite.

Termino o resto da papelada e paro no banheiro para conferir o cabelo (odeio me importar com isso) antes de sair para encontrá-los.

Os três estão parados perto da entrada quando saio do hospital. Ian e Miles estão com Corbin. E Ian sorri ao me ver, pois é o único virado para mim. Corbin vira-se depois que chego até eles.

— Está pronta? Vamos ao Jack's.

Formam um trio e tanto. Todos bonitos de suas próprias maneiras, mas ainda mais quando estão de uniforme de piloto e andando em grupo assim. Não dá para negar que me sinto um tanto desarrumada ao andar ao lado deles em meu jaleco médico.

— Vamos. Estou faminta.

Olho para Miles, que faz que sim com a cabeça sutilmente, mas não sorri. As mãos estão firmemente guardadas nos bolsos da jaqueta, e ele desvia o olhar quando todos começamos a andar. Fica à minha frente o tempo inteiro, então caminho ao lado de Corbin.

— Qual o motivo do jantar? — pergunto, enquanto vamos para o restaurante. — Estamos comemorando o fato de vocês três estarem de folga na mesma noite?

Uma conversa silenciosa surge ao meu redor. Ian olha para Miles. Corbin olha para Ian. Miles não olha para ninguém, fica apenas olhando para a frente, focado na calçada à nossa frente.

— Lembra quando éramos crianças e nossos pais nos levaram ao La Caprese? — instiga Corbin.

Lembro-me daquela noite. Nunca vi meus pais tão felizes. Eu devia ter 5 ou 6 anos, mas é uma das poucas memórias que tenho da infância. Foi o dia em que meu pai virou capitão na companhia aérea.

Paro de andar e olho imediatamente para Corbin.

— Você virou capitão? Não pode virar capitão. É jovem demais.

Sei o quanto é difícil virar capitão e quantas horas um piloto precisa voar para ser considerado para a promoção. A maioria dos pilotos na casa dos vinte são copilotos.

Corbin balança a cabeça.

— Não virei capitão. Mudei muito de companhias aéreas. — Ele lança um olhar para Miles. — Mas o Sr. Pode-Me-Dar-Mais-Horas-de-Voo aqui ganhou uma bela promoção hoje. Quebrou o recorde da companhia.

Olho para Miles, que está balançando a cabeça para Corbin. Sei que está envergonhado por Corbin ter falado disso, porém sua modéstia é apenas mais uma das coisas que acho atraente nele. Tenho a impressão de que, se Dillon fosse promovido a capitão, subiria no balcão de um bar qualquer e anunciaria o fato para o mundo inteiro com um megafone.

— Não é nada de mais — diz Miles. — É uma companhia aérea regional. Não tem tanta gente para ser promovida.

Ian balança a cabeça.

— *Eu* não fui promovido. *Corbin* não foi promovido. *Dillon* não foi promovido. Você é piloto há um ano a menos do que todos nós, sem falar que só tem 24 anos. — Ele vira-se e caminha para trás, ficando de frente para nós três. — Deixe a modéstia de lado dessa vez, cara. Esfregue isso na nossa cara um pouco. É o que faríamos no seu lugar.

Não sei há quanto tempo Miles e ele são amigos, mas gosto de Ian. Dá para perceber que os dois são próximos, pois Ian está genuinamente orgulhoso de Miles e nem um pouco com inveja. Gosto de ver que esses são os amigos de

Corbin. Fico feliz por ter esse apoio. Sempre o imaginei morando aqui, trabalhando demais e passando todo o tempo sozinho e longe de casa. Mas não sei por quê. Nosso pai era piloto e passava muito tempo em casa, então eu não devia ter imaginado essas coisas erradas sobre a vida de Corbin como piloto.

Acho que Corbin não é o único que se preocupa desnecessariamente nessa nossa relação.

Chegamos ao restaurante, e Corbin segura a porta para nós. Ian entra primeiro, e Miles dá um passo atrás, deixando que eu passe na frente dele.

— Vou ao banheiro — diz Ian. — Encontro vocês depois.

Corbin vai falar com a hostess, e Miles e eu o seguimos. Lanço um olhar na direção de Miles.

— Parabéns, capitão.

Digo, baixinho, mas não sei por quê. Não é como se Corbin fosse suspeitar de algo se me escutasse parabenizando Miles. Vai ver acho que, dizendo numa altura que só Miles escute, a palavra adquira um significado a mais.

Miles desvia o olhar para mim, sorri e olha para Corbin. Ao ver que meu irmão ainda está de costas para nós, ele inclina-se e dá um rápido beijo na lateral da minha cabeça.

Eu deveria ter vergonha da minha fraqueza. Um homem não deveria ser capaz de fazer com que eu sinta o que esse beijo roubado me fez sentir. É como se, de repente, eu estivesse flutuando ou afundando ou voando. Qualquer coisa que não requeira apoio das pernas, pois elas acabaram de se tornar inúteis para mim.

— Obrigado — sussurra, ainda com aquele sorriso maravilhoso e modesto ao mesmo tempo. Empurra meu ombro com o seu e olha para os pés. — Você está bonita, Tate.

Quero colar essas quatro palavras num outdoor e me obrigar a passar por ele todos os dias no caminho para o trabalho. Nunca passaria outro dia sem trabalhar.

Por mais que eu queria acreditar na sinceridade daquele elogio, olho para o uniforme que estou usando há mais de 12 horas e franzo a testa.

— Estou de jaleco da Minnie Mouse.

Ele se inclina para perto de mim mais uma vez, até que nossos ombros se encostem.

— Sempre tive um fraco pela Minnie — afirma, baixinho.

Corbin vira-se, então faço o sorriso desaparecer do rosto imediatamente.

— Cabine ou mesa?

Miles e eu damos de ombros.

— Tanto faz — responde para Corbin.

Ian volta do banheiro no instante em que a hostess começa a nos levar para nossos lugares. Corbin e ele vão na frente, e Miles está logo atrás de mim. *Bem perto* de mim. As mãos seguram minha cintura enquanto ele se inclina na direção do meu ouvido.

— Meio que tenho um fraco por enfermeiras também — provoca.

Ergo o ombro para massagear o ouvido em que ele acabou de sussurrar a confissão, pois agora meu pescoço inteiro está arrepiado. Ele solta minha cintura e se distancia de mim ao chegarmos à cabine. Corbin e Ian entram, cada um de um lado. Miles senta-se ao lado de Ian, então eu me sento ao lado de Corbin, bem na frente de Miles.

Ele e eu pedimos refrigerantes, enquanto Ian e Corbin pedem cervejas. Sua escolha de bebida é apenas mais um assunto sobre o qual vou refletir. Várias semanas atrás, Miles admitiu que não costuma beber, mas, considerando que estava mais do que embriagado na noite em que o conheci, imaginei que fosse tomar pelo menos alguma coisinha naquele dia. Ele definitivamente tem o que comemorar. Quando as bebidas chegam à mesa, Ian ergue o copo.

— Por nos humilhar — diz ele.

— De novo.

— Por trabalhar o dobro de horas de vocês — diz Miles, na defensiva, em tom de brincadeira.

— Corbin e eu temos vidas sexuais que interferem em nossas horas extras — responde Ian.

Corbin balança a cabeça.

— Não vou discutir minha vida sexual na frente da minha irmã.

— Por que não? — contesto. — Até parece que não percebo as várias noites aleatórias que você dorme fora quando está de folga.

Meu irmão solta um grunhido.

— É sério. Vamos mudar de assunto.

Atendo ao pedido dele com alegria.

— Há quanto tempo vocês três se conhecem? — pergunto para ninguém em particular, embora só me importe com as respostas que envolvem Miles.

— Miles e eu conhecemos seu irmão na escola de aviação alguns anos atrás. Conheço Miles desde que tinha uns 9 ou 10 anos — explica Ian.

— Onze — corrige Miles. — Nos conhecemos no quinto ano.

Nem sei se essa conversa está quebrando a regra número um, de não perguntar sobre o passado, mas Miles não parece constrangido com o assunto.

A garçonete nos traz um cesto de pães de cortesia, mas ninguém sequer abriu o cardápio ainda, então ela diz que volta depois para anotar nossos pedidos.

— Ainda não consigo acreditar que você não é gay — comenta Corbin para Miles, mudando completamente de assunto mais uma vez enquanto abre o menu.

Miles lança a ele um olhar por cima do cardápio.

— Achei que não fôssemos discutir vida sexual.

— Não — retruca Corbin. — Falei que não iríamos discutir a *minha* vida sexual. Além disso, você nem mesmo tem o que discutir. — Corbin põe o cardápio na mesa e aborda Miles diretamente: — Mas sério mesmo. Por que você nunca namora ninguém?

Miles dá de ombros, mais interessado na bebida nas mãos do que em ficar encarando meu irmão.

— Na minha opinião, os relacionamentos não valem o resultado final.

Alguma coisa no meu coração se parte, e começo a me preocupar, achando que um dos rapazes pode até escutá-lo se fragmentando por cima do silêncio. Corbin recosta-se.

— Caramba. Ela deve ter sido uma escrota mesmo.

Meus olhos de repente grudam-se em Miles, esperando sua reação a uma possível revelação sobre o seu passado. Ele balança de leve a cabeça, negando silenciosamente a suposição de Corbin. Ian limpa a garganta, baixinho, e sua expressão muda, o sorriso que normalmente está no seu rosto desaparece. Pela reação, é óbvio que sabe quais são os problemas do passado de Miles.

Ian endireita a postura e ergue o copo, colocando um sorriso forçado nos lábios.

— Miles não tem tempo para garotas. Está ocupado demais quebrando os recordes da companhia e se tornando o capitão mais jovem do quadro de funcionários.

Aceitamos a interrupção de Ian e erguemos nossos copos, então brindamos e damos um gole.

O olhar de agradecimento que Miles lança na direção de Ian não me passa despercebido, mas Corbin parece não notar nada. Agora, estou ainda mais

curiosa sobre Miles. E igualmente preocupada por achar que estou numa situação complicada, pois quanto mais tempo passo com ele, mais quero saber tudo o que for possível sobre seu passado.

— A gente devia comemorar — sugere Corbin.

Miles abaixa o cardápio.

— Achei que fosse isso que estávamos fazendo.

— Quis dizer *depois* daqui. Vamos sair hoje. Precisamos encontrar uma garota para acabar com essa sua seca — diz Corbin.

Quase cuspo minha bebida, mas ainda bem que consigo segurar a risada. Miles percebe minha reação e bate no meu tornozelo com o pé por debaixo da mesa, deixando o pé bem ao lado do meu.

— Estou bem assim. Além disso, o capitão precisa descansar.

Todas as letras do cardápio começam a se embaçar enquanto minha mente as substitui por palavras como *acabar* e *seca* e *descansar*.

Ian olha para Corbin e assente.

— Eu topo. Vamos deixar o capitão voltar para casa para curar a bebedeira de refrigerante.

Miles me prende com o olhar e ajusta a posição para que nossos joelhos encostem, então põe o pé na parte de trás do meu tornozelo.

— Quero mesmo dormir.

Ele troca o meu olhar pelo cardápio à sua frente.

— Vamos pedir logo para que eu possa voltar para casa e dormir. Parece que não durmo até tarde há nove dias, e não consigo pensar em mais nada além disso.

Minhas bochechas estão pegando fogo, assim como muitas outras partes do corpo.

— Na verdade, meio que estou com vontade de pegar no sono bem agora — continua Miles, desviando o olhar para encontrar o meu. — Bem aqui na mesa.

Agora, a temperatura no resto do meu corpo se igualou ao calor das bochechas.

— Nossa, como você é trouxa — brinca Corbin. — Deveríamos ter trazido Dillon no seu lugar.

— Não *mesmo* — retruca Ian, imediatamente, revirando os olhos de um jeito exagerado.

— Qual é a do Dillon? — pergunto. — Por que vocês todos o odeiam tanto?

Corbin dá de ombros.

— Não é que a gente o odeie, é que a gente não o suporta, e só percebemos isso depois que já tínhamos o convidado para nossas noites de jogo. Ele é um canalha. — Corbin me fulmina com o olhar de um jeito bem familiar. — E não quero nunca você sozinha com ele. Ser casado não o impede de ser babaca.

Aí está ele: o amor fraterno possessivo de que senti falta durante todos esses anos.

— Ele é perigoso?

— Não — diz Corbin. — Mas sei como trata o próprio casamento, e não quero que você se envolva com isso. Já deixei evidente pra ele que é proibido encostar em você.

Dou risada do absurdo.

— Eu tenho 23 anos, Corbin. Já pode parar de se comportar como papai.

Seu rosto se contrai, e, por um instante, ele até fica parecido com nosso pai.

— Nem morto — protesta Corbin, grunhindo. — Você é minha irmã caçula. Seus namorados têm que atender a certos requisitos, e Dillon não atende a nenhum deles.

Não mudou nem um pouco. Por mais que isso tenha sido irritante durante o colégio, e ainda seja um pouco, eu amo o fato de ele desejar o melhor para mim. Só temo que sua percepção do que é melhor para mim talvez não exista.

— Corbin, ninguém nunca vai chegar perto de atender a esses requisitos que você tem.

Ele assente, sentindo-se o dono da razão.

— Não mesmo.

Se ele avisou a Dillon para ficar longe de mim, será que não fez o mesmo com Miles e Ian? Pensando bem, Corbin achava que Miles fosse gay, então provavelmente não via nenhuma possibilidade de algo acontecer entre nós.

Será que Miles atenderia aos requisitos de Corbin?

Meus olhos estão mais do que ávidos para olhar para Miles, mas tenho medo de ser óbvia demais. Em vez disso, forço um sorriso e balanço a cabeça.

— Por que não nasci primeiro?

— Não ia fazer nenhuma diferença — responde Corbin.

***

Ian sorri para a garçonete e faz o sinal da conta.

— Deixem comigo.

Ele põe dinheiro suficiente na mesa para a conta e a gorjeta, e todos nós nos levantamos e nos espreguiçamos.

— Então, quem vai pra onde? — pergunta Miles.

— Bar — responde Corbin, imediatamente, como se não quisesse perder a vez.

— Acabei de completar um turno de 12 horas — digo. — Estou acabada.

— Posso pegar carona com você? — pede Miles, enquanto todos nos encaminhamos para a saída. — Não estou a fim de sair hoje. Tudo que quero é *dormir*.

Gosto do fato de ele não disfarçar a ênfase na palavra *dormir* na frente de Corbin. É como se quisesse garantir que eu perceba que ele não tem a mínima intenção de dormir de verdade.

— Pode, meu carro está no hospital — afirmo, apontando mais ou menos na direção do trabalho.

— Está bem — diz Corbin, unindo as mãos. — Vocês, trouxas, podem ir dormir. Ian e eu vamos sair. — Corbin dá meia-volta, e eles partem na outra direção, sem perder tempo. Então Corbin vira-se para nós outra vez, andando de costas no mesmo ritmo de Ian. — Vamos virar uma dose em sua homenagem, El Capitán!

Miles e eu continuamos parados, cercados por um círculo de luz que provém de um poste enquanto observamos eles se afastarem. Olho para o chão da calçada e levo um dos meus sapatos até a borda do círculo de luz, vendo-o desaparecer na escuridão. Ergo o olhar para o poste, perguntando-me por que está nos iluminando com a intensidade de um holofote.

— Parece que estamos num palco — digo, ainda olhando para a luz estranha.

Ele inclina a cabeça para trás e junta-se a mim na minha inspeção da luz estranha.

— *O Paciente Inglês* — diz ele, ao que respondo com um olhar interrogativo. Ele aponta para o poste. — Se estivéssemos num palco, provavelmente seria numa produção de *O Paciente Inglês*. — Então, aponta para nós dois. — Já estamos com as roupas dos personagens. Uma enfermeira e um piloto.

Fico pensando no que ele disse, talvez um pouco demais. Sei que disse que é o piloto, mas, se realmente estivéssemos no palco encenando *O Paciente Inglês*,

acho que ele estaria mais para o soldado. O soldado é o personagem que se envolve sexualmente com a enfermeira. Não o piloto.

Mas quem tem o passado de segredos é o piloto...

— Foi por causa desse filme que virei enfermeira — conto, com o rosto sério.

Ele põe as mãos de volta no bolso, desviando o olhar do poste para mim.

— Sério?

Deixo escapar uma risada.

— Não.

Miles sorri.

Nós dois nos viramos ao mesmo tempo para voltarmos ao hospital. Percebo que estou aproveitando o instante de calma na nossa conversa para construir um poema terrível na minha cabeça.

Miles não sorri

Para ti

Miles só sorri

Para mim

— Por que o sorriso? — pergunta.

Porque estou recitando versos vergonhosos sobre você, típicos de uma menina do terceiro ano.

Fecho a boca, obrigando o sorriso a desaparecer. Após ter certeza de que realmente sumiu, respondo.

— Só estava pensando no meu cansaço. Estou ansiosa por uma boa noite de... — lanço-lhe um olhar — *sono*.

Agora é ele quem está sorrindo.

— Entendo. Acho que nunca me senti tão cansado. Poderia até dormir assim que entrássemos no carro.

Seria ótimo.

Sorrio, mas me retiro da conversa regada a metáforas. O dia foi longo e estou realmente cansada. Andamos em silêncio, mas não consigo deixar de perceber que suas mãos estão enfiadas nos bolsos da jaqueta com bastante firmeza, como se estivesse me protegendo delas. Ou talvez esteja *as* protegendo de *mim*.

Estamos a apenas um quarteirão do estacionamento quando seus passos desaceleram e, depois, param de vez. Naturalmente, paro de andar e me viro para ver o que chamou sua atenção. Ele está olhando para o céu, e meus olhos focam-

se na cicatriz que percorre seu maxilar. Quero perguntar a ele sobre aquela cicatriz. Quero perguntar sobre tudo. Quero perguntar um milhão de coisas, começando com quando é seu aniversário e como foi seu primeiro beijo. Depois, quero perguntar sobre seus pais e toda a infância, e seu primeiro amor.

Quero perguntar sobre Rachel. Quero saber o que aconteceu entre eles dois e por que o que quer que tenha acontecido fez com que ele quisesse evitar qualquer forma de intimidade por mais de seis anos.

Mais do que tudo, quero saber o que ele viu em mim para finalmente ter vontade de acabar com essa fase.

— Miles — digo, com as perguntas querendo saltar da ponta da minha língua.

— Senti uma gota de chuva.

Antes que ele complete a frase, também sinto uma gota. Agora, ambos estamos olhando para o céu, e engulo todas as perguntas com o nó na garganta. As gotas começam a cair com mais rapidez, mas continuamos parados com os rostos virados para o céu. Os pingos esporádicos transformam-se em chuvisco, e depois em chuva pesada, mas nenhum de nós se mexeu. Nenhum de nós saiu correndo na direção do carro. A chuva está escorrendo pela minha pele, meu pescoço, entrando no meu cabelo e encharcando minha camisa. Meu rosto ainda se inclina na direção do céu, mas agora os olhos estão fechados.

Não existe nada no mundo comparável à sensação e ao cheiro de uma chuva recém-caída.

Assim que esse pensamento me passa pela cabeça, mãos quentes encontram minhas bochechas e deslizam até a base do meu pescoço, roubando a força dos meus joelhos e o ar dos pulmões. Agora, a altura dele está me protegendo de boa parte da chuva, mas fico de olhos fechados e rosto virado para o céu. Seus lábios descem delicadamente até cobrirem os meus, e percebo que estou comparando a sensação e o cheiro de chuva nova com o beijo dele.

O beijo dele é muito, *muito* melhor.

Seus lábios estão molhados de chuva e um pouco frios, algo que compensa com o carinho quente de sua língua contra a minha. A chuva caindo, a escuridão nos cercando e ser beijada assim me faz sentir como se realmente estivéssemos num palco e nossa história tivesse acabado de chegar ao clímax. Parece que meu coração e minha barriga e minha alma estão todos tentando sair de mim e entrar nele. Se todos os meus 23 anos formassem um gráfico, esse momento estaria no topo da curva.

Eu provavelmente deveria ficar um pouco triste e desapontada com isso. Já tive alguns namoros sérios no passado, mas não me lembro de nenhum beijo que tenha me feito sentir tanta coisa. O fato de nem estar namorando Miles e, mesmo assim, ele mexer tanto comigo devia significar alguma coisa, mas estou focada demais na sua boca para analisar esse pensamento.

A chuva ficou torrencial, mas, pelo jeito, não nos incomodamos com isso. Suas mãos descem até minha lombar, e cerro o punho ao redor de sua camisa, puxando-o para perto. A boca se encaixa na minha como duas peças do mesmo quebra-cabeça.

A única coisa capaz de me separar dele nesse momento seria um raio.

Ou o fato de que está chovendo tanto que não consigo respirar. Minhas roupas estão grudadas em partes do corpo onde eu nem sabia que era possível grudar tecido. Meu cabelo já saturou e não consegue absorver nem mais uma gota d'água.

Empurro-o até ele soltar a boca da minha, e em seguida enterro a cabeça debaixo do seu queixo e olho para baixo para poder respirar sem me afogar. Ele põe o braço ao redor dos meus ombros e me acompanha até o estacionamento, erguendo a jaqueta por cima da minha cabeça, então acelera o ritmo, e acompanho seus passos até estarmos ambos correndo.

Finalmente chegamos ao carro, e ele se aproxima da porta do motorista comigo, ainda me protegendo da chuva. Após eu entrar, ele corre para o lado do passageiro. Então nós dois fechamos as portas e o silêncio dentro do carro amplia a intensidade da nossa respiração ofegante. Ponho as mãos atrás da cabeça, junto o cabelo e o torço para tirar o excesso de água, que escorre pelo meu pescoço, minhas costas e meu banco. É a primeira vez que me sinto aliviada por ter bancos de couro na Califórnia.

Abaixo a cabeça e suspiro fortemente, em seguida lanço um olhar em sua direção.

— Acho que nunca fiquei tão molhada na vida.

Vejo um sorriso surgir lentamente no rosto dele. Fica óbvio que seus pensamentos sórdidos falaram mais alto diante dessa frase.

— Tarado — sussurro, em tom de brincadeira.

Ele ergue a sobrancelha e abre um sorriso malicioso.

— Culpa sua.

Miles estende o braço por cima do banco e cerca meu punho com os dedos, me puxando na sua direção.

— Vem aqui.

Faço um rápido inventário dos nossos arredores, mas a chuva está caindo com tanta força que nem consigo enxergar o que tem lá fora. O que significa que ninguém consegue enxergar o que tem *aqui dentro*.

Posiciono-me em cima dele e fico sentada no seu colo enquanto ele reclina o banco o máximo possível. No entanto, ele não me beija. Suas mãos descem pelos meus braços e param nos quadris.

— Nunca transei dentro de um carro — diz ele, com um pouco de esperança na confissão.

— Nunca transei com um *capitão* antes — respondo.

Ele passa as mãos por debaixo da camisa do meu uniforme, subindo-as pela barriga até encontrar meu sutiã. Segura meus seios, inclina-se para a frente e me beija, mas não dura muito, pois ele se separa para falar novamente.

— Nunca transei *sendo* capitão.

Sorrio.

— Eu nunca transei de jaleco.

As mãos deslizam até minhas costas, e ele as mergulha dentro do elástico da cintura e puxa meus quadris para perto no mesmo instante em que se ergue só um pouquinho, imediatamente fazendo com que eu segure seus ombros com mais força e ofegue pelos lábios. Sua boca move-se até meu ouvido enquanto as mãos recriam o ritmo sensual entre nós ao puxar meus quadris para a frente mais uma vez.

— Por mais que fique sexy com esse uniforme, vou achar bem melhor transar com você pelada.

Fico envergonhada ao ver com que facilidade suas palavras me fazem gemer. Também fico envergonhada ao ver com que rapidez sua voz acaba comigo, a ponto de provavelmente querer que minhas roupas desapareçam mais do que ele.

— Por favor, me diga que veio preparado — suplico, com a voz já tomada pelo desejo.

Ele balança a cabeça.

— Só porque sabia que ia vê-la hoje, não significa que vim com expectativas.

Fico desapontada imediatamente. Ele ergue-se do assento e desliza a mão para dentro do bolso de trás.

— Mas vim com esperança pra caramba.

Ele tira a camisinha da carteira sorrindo, e nós dois entramos em ação imediatamente. Minhas mãos prendem-se ao botão da sua calça com mais

rapidez do que nossas bocas se encontram. Ele sobe as mãos por debaixo da minha camisa e começa a abrir meu sutiã, mas eu balanço a cabeça.

— Pode deixar assim — digo, ofegante.

Quanto menos roupas tirarmos, mais rápido nos vestiremos caso alguém nos pegue no flagra.

Ele continua abrindo-o, apesar do meu aviso.

— Só quero ficar dentro de você se puder sentir seu corpo contra o meu.

Uau. Tá bom então.

Depois de abri-lo, ele tira minha camisa pela cabeça, e os dedos deslizam por debaixo das alças do sutiã. Ele puxa-as pelos meus braços até tirá-lo, então joga-o no banco de trás e depois tira a própria camisa. Uma vez que esta se junta ao meu sutiã no banco de trás, ele põe os braços ao meu redor e me puxa contra o corpo até nossos peitos encostarem.

Imediatamente, inspiramos com rapidez. O calor do corpo dele cria uma sensação da qual não quero me afastar. Ele começa a descer pelo meu pescoço com beijos, sua respiração fazendo ondas selvagens contra minha pele.

— Você não faz ideia do efeito que tem em mim — sussurra contra minha garganta.

Sorrio, pois acabei de pensar a mesma coisa.

— Ah, acho que faço sim — respondo.

Sua mão esquerda apalpa um dos meus seios, e ele geme enquanto a mão direita entra na minha calça.

— Tire — ordena, simplesmente, puxando o elástico.

Não precisa pedir duas vezes. Sento de volta no meu banco vazio e começo a tirar o resto da roupa enquanto o vejo abrir o zíper da calça jeans.

Seus olhos estão por todo o meu corpo enquanto ele rasga a embalagem da camisinha com os dentes. Quando a única peça de roupa entre nós é a sua calça desabotoada, aproximo-me dele.

Sinto-me ridiculamente constrangida por estar pelada dentro do meu carro, no estacionamento do meu trabalho. Nunca fiz nada parecido com isso antes. Nunca *quis* fazer nada parecido com isso antes. Adoro o desespero que sentimos um pelo outro nesse momento, mas também sei que nunca tive esse tipo de química com ninguém antes.

Ponho as mãos em seus ombros e começo a sentar nele enquanto ele coloca a camisinha.

— Não faça barulho — brinca. — Seria péssimo se você fosse demitida por minha causa.

Olho para a janela, ainda sem conseguir enxergar o exterior.

— Está chovendo forte demais para que alguém nos escute. Além disso, foi você quem fez mais barulho da última vez.

Ele nega com uma risada rápida e começa a me beijar novamente. Suas mãos agarram meus quadris e me puxam para perto, posicionando-se contra mim. Normalmente essa posição me faria gemer, mas estou me sentindo teimosa em relação aos meus barulhos agora que ele tocou no assunto.

— Não fiz mais barulho que você de jeito nenhum — diz ele, com os lábios ainda tocando os meus. — No máximo, empatamos.

Balanço a cabeça.

— Não acredito em terminar as coisas com empate. É apenas uma fuga para as pessoas que têm medo demais de perder.

Suas mãos encontram meus quadris, e ele está posicionado contra mim de tal maneira que tudo que basta para que ele penetre em mim é que eu permita. No entanto, estou me recusando a aproximar meu corpo do dele simplesmente por gostar de competições, pois sinto que tem uma prestes a começar.

Ele ergue os quadris, obviamente pronto para começar. Minhas pernas contraem-se, e eu me afasto apenas o suficiente.

Miles ri da minha resistência.

— O que foi, Tate? Ficou com medo agora? De que vejamos quem é o barulhento depois que eu meter em você?

Há um brilho desafiador nos seus olhos. Não aceito verbalmente o desafio. Em vez disso, mantenho o olhar fixo no seu enquanto desço lentamente sobre seu corpo. Arquejamos ao mesmo tempo, mas é o único som que há entre nós.

Assim que ele está totalmente dentro de mim, suas mãos vão para minhas costas, e ele me puxa. Nossos únicos barulhos são fortes suspiros e ofegadas ainda mais intensas. A chuva que golpeia as janelas e o teto amplia o silêncio dentro do carro.

A força que precisamos para nos conter está ligada à necessidade de nos agarrar com mais desespero. Seus braços estão ao redor da minha cintura, segurando-me com tanta força que é difícil me mexer. Meus braços cercam seu pescoço, e os olhos estão fechados. Nesse momento, mal estamos nos movendo, devido ao tanto que estamos nos agarrando um contra o outro, mas gosto disso.

Gosto do nosso ritmo lento e constante enquanto focamos em continuar reprimindo os gemidos presos na garganta.

Continuamos do mesmo jeito por vários minutos, movendo nossos corpos apenas o suficiente, mas, ao mesmo tempo, parece *completamente* longe de ser o bastante. Acho que estamos ambos com medo de realizar algum movimento repentino e intenso que faça algum de nós perder.

Uma de suas mãos desliza até minha lombar, e a outra vai para a parte de trás da minha cabeça. Ele segura um tanto do meu cabelo e dá uma leve puxada, até minha garganta ficar exposta à sua boca. Contraio-me no instante em que seus lábios tocam meu pescoço, pois ficar quieta está sendo bem mais desafiador do que eu imaginava. Especialmente considerando que ele está em vantagem devido à nossa posição. Suas mãos estão livres para perambular por onde quiserem, e é exatamente o que estão fazendo.

Perambulando, acariciando, descendo pela minha barriga até conseguir tocar no único local capaz de me fazer conceder a ele a vitória.

Fico com a sensação de que está trapaceando.

Assim que os dedos encontram o local exato que normalmente me faria gritar seu nome, seguro seus ombros com mais força e reposiciono os joelhos para ter mais controle sobre meus movimentos. Quero que ele seja tão torturado nas minhas mãos quanto estou sendo nas dele.

Assim que me reposiciono e consigo descer mais ainda o corpo sobre o dele, o ritmo lento e constante desaparece. Sua boca encontra a minha num beijo descontrolado... com mais desejo e força do que qualquer beijo de antes. É como se estivéssemos fazendo aquilo para nos livrar do desejo natural de verbalizar o quanto está sendo gostoso.

De repente, sou atingida por uma sensação que se espalha por todo o meu corpo, e preciso sair de cima dele e ficar parada para não perder o controle. Apesar da minha necessidade de desacelerar as coisas, ele faz o oposto e me pressiona mais com a mão. Enterro o rosto contra seu pescoço e mordo seu ombro delicadamente para não gemer o nome dele.

No instante em que meus dentes encostam na sua pele, escuto a respiração parar, e sinto suas pernas enrijecerem.

Ele quase perde.

Quase.

Se ele penetrar um único centímetro mais fundo enquanto me toca dessa forma, vai ganhar. Não quero que ele ganhe.

Ao mesmo tempo, meio que *quero* que ele ganhe, e estou achando que ele *quer* ganhar pela maneira como está respirando contra o meu pescoço, abaixando-me delicadamente sobre seu corpo mais uma vez.

Miles, Miles, Miles.

Estou sentindo que isso não vai terminar em empate, então ele me pressiona mais com os dedos ao mesmo tempo em que sua língua encosta na minha orelha.

Ah, uau.

Estou prestes a perder.

A qualquer segundo.

Ai, meu Deus.

Ele ergue os quadris enquanto me puxa contra si, obrigando um *Miles!* involuntário a sair da minha boca, junto a um arquejo e um gemido. Saio de cima dele, mas, assim que percebo que ele acabou de vencer, ele exala fortemente e me puxa de novo contra seu corpo, com ainda mais força.

— Finalmente — exclama, ofegante, no meu pescoço. — Acho que não aguentaria nem mais um segundo.

Agora que a competição acabou, ambos nos entregamos completamente, até fazermos tanto barulho que precisamos nos beijar de novo, só para abafar os sons. Os corpos movimentam-se em sintonia, acelerando, esmagando-se um contra o outro. Continuamos no nosso ritmo frenético por mais alguns minutos, aumentando a intensidade até que eu tenha certeza de que não aguento nem mais um segundo dele.

— Tate — diz ele contra a minha boca, desacelerando meus quadris com as mãos. — Quero gozar com você.

Ah, puta merda.

Se quer que eu demore mais, não pode dizer coisas desse tipo. Faço que sim, incapaz de responder de maneira coerente.

— Você está quase lá? — pergunta ele.

Faço que sim com a cabeça e me esforço ao máximo para conseguir falar desta vez, mas a única coisa que sai é outro gemido.

— Isso é um sim?

Seus lábios pararam de beijar os meus, e ele agora está focado na minha resposta. Levo minhas mãos até a parte de trás de suas costas e pressiono minha bochecha na sua.

— Sim — murmuro, de alguma maneira. — Sim, Miles. *Sim.*

Sinto-me contrair o corpo na mesma hora em que ele inspira fortemente.

Achei que estávamos nos segurando muito antes, mas aquilo nem se compara ao nosso estado agora. Parece que todos os nossos sentidos se fundiram como mágica, e estamos tendo exatamente as mesmas sensações, fazendo exatamente os mesmos barulhos, sentindo exatamente a mesma intensidade e compartilhando exatamente a mesma reação.

O ritmo começa a diminuir aos poucos, junto ao tremor do nosso corpo. Deixamos de nos segurar com tanta força. Ele enterra o rosto no meu cabelo e expira intensamente.

— Perdedora — murmura.

Dou risada e me mexo para morder seu pescoço de brincadeira.

— Você trapaceou — digo. — Colocou um reforço ilegal no jogo quando começou a usar as mãos.

Ele ri, balançando a cabeça.

— Usar a mão é justo. Mas, se acha que trapaceei, talvez devêssemos ter uma revanche.

Ergo a sobrancelha.

— Melhor de três?

Ele me ergue pela cintura e começa a me empurrar contra a porta do passageiro enquanto tenta ir para trás do volante. Devolve minhas roupas, veste a camisa e abotoa a calça jeans. Depois que se ajeita, eu me ajusto no banco do passageiro e termino de me vestir enquanto ele liga o carro, engata a marcha à ré e começa a sair da vaga.

— Aperte o cinto — diz ele, com uma piscadela.

***

Mal conseguimos sair do elevador, e foi pior ainda para chegar na cama dele. Quase me comeu no próprio corredor. O mais triste é que eu não teria me incomodado.

Ele ganhou de novo. Estou começando a perceber que competir para ver quem faz menos barulho não é uma boa ideia quando o meu oponente é a pessoa mais naturalmente quieta que já conheci.

No round três, pego ele. Mas agora não, porque é bem provável que Corbin chegue em casa em breve.

Miles está me encarando, deitado de barriga para baixo, com as mãos dobradas no travesseiro e a cabeça apoiada nos braços. Estou me vestindo, pois quero chegar em casa antes de Corbin para não ter que mentir sobre onde estava.

Miles me segue com os olhos pelo quarto enquanto me visto.

— Acho que seu sutiã ainda está no corredor — avisa ele, rindo. — É melhor ir lá pegar antes que Corbin o encontre.

Enrugo o nariz só de pensar nisso.

— Boa ideia.

Ajoelho-me na cama e o beijo na bochecha, mas ele põe o braço ao redor da minha cintura e me puxa enquanto deita de costas. Ele me dá um beijo ainda melhor do que o que eu estava dando nele.

— Posso fazer uma pergunta?

Ele faz que sim, mas de uma maneira forçada. Fica nervoso com as minhas perguntas.

— Por que nunca faz contato visual quando estamos transando?

Aquilo o pega de surpresa. Ele me olha por vários instantes de silêncio, até que me afasto e sento ao lado dele na cama, esperando a resposta.

Ele se senta e se encosta na cabeceira, olhando para as próprias mãos.

— As pessoas ficam vulneráveis durante o sexo — afirma, dando de ombros. — É fácil achar que sentimentos e emoções são algo que não são, especialmente quando envolve contato visual. — Ele ergue os olhos até os meus. — Isso incomoda você?

Estou balançando a cabeça, dizendo que não, mas meu coração está gritando: *sim!*

— Acho que vou me acostumar. Só estava curiosa.

Adoro ficar com ele, mas, a cada nova mentira que sai dos meus lábios, me odeio mais.

Ele sorri e me puxa para sua boca mais uma vez, beijando-me com jeito de despedida.

— Boa noite, Tate.

Afasto-me e saio do quarto, sentindo seus olhos em mim o tempo inteiro. É engraçado como se recusa a fazer contato visual durante o sexo, mas não consegue tirar os olhos de mim no resto do tempo.

Não estou a fim de voltar ao apartamento ainda, então, depois de pegar meu sutiã, vou ao elevador e desço até a portaria para ver se Cap ainda está por lá.

Mal deu para acenar para ele mais cedo, com Miles me empurrando para o elevador e me atacando.

Obviamente, Cap ainda está enraizado na cadeira, apesar de passar das dez.

— Você não dorme nunca? — pergunto, enquanto vou até a cadeira ao seu lado.

— As pessoas são mais interessantes à noite. Gosto de dormir até tarde. Evito todos aqueles tolos que saem apressados de manhã.

Suspiro bem mais alto do que queria ao encostar a cabeça na cadeira. Cap percebe e olha para mim.

— Ah, não. Problemas com o garoto? Vocês dois pareciam estar se dando muito bem algumas horas atrás. Acho que até vi um sorriso se insinuando no rosto dele quando chegaram.

— Está tudo bem. — Paro por alguns segundos, organizando os pensamentos. — Já se apaixonou alguma vez, Cap?

Um sorriso espalha-se lentamente pelo seu rosto.

— Ah, sim — diz ele. — O nome dela era Wanda.

— Por quanto tempo ficaram casados?

Ele olha para mim e ergue a sobrancelha.

— Nunca me casei. Mas acho que o casamento de Wanda durou uns quarenta anos antes que ela falecesse.

Inclino a cabeça, tentando entender o que está dizendo.

— Você precisa me contar mais do que isso.

Ele endireita a postura na cadeira, com o sorriso ainda no rosto.

— Ela morava num dos prédios onde eu cuidava da manutenção. Era casada com um filho da mãe que só passava duas semanas por mês em casa. Eu me apaixonei por ela quando tinha uns 30 anos. Ela estava com uns 25. As pessoas simplesmente não se divorciavam naquela época. Especialmente mulheres como ela, que vinham de uma família como a dela. Então passei os vinte e cinco anos seguintes amando-a o máximo possível durante duas semanas de cada mês.

Fico encarando-o, sem saber como responder. Não é a história de amor típica que as pessoas costumam contar. Nem sei se isso pode ser *considerado* uma história de amor.

— Sei o que está pensando. Parece deprimente. Parece mais uma tragédia.

Faço que sim, confirmando sua suposição.

— O amor nem sempre é bonito, Tate. Às vezes você passa o tempo inteiro desejando que um dia ele mude. Que melhore. E aí, antes que perceba, você já

voltou para a estaca zero e perdeu o seu coração em algum lugar no meio do caminho.

Paro de olhar para ele e viro para a frente. Não quero que veja minha testa franzindo e não consigo parar de fazer isso.

Será que é isso que estou fazendo? Esperando que as coisas com Miles fiquem diferentes? Melhores? Fico pensando nas palavras dele por tempo demais. Por tanto tempo que até escuto um ronco. Lanço um olhar na direção de Cap, que está com o queixo encostado no peito. Sua boca está escancarada, e ele apagou.

Capítulo dezoito

MILES

Seis anos antes

Massageio suas costas para tranquilizá-la.

— Mais dois minutos — digo.

Ela faz que sim, mas fica com o rosto pressionado nas palmas das mãos. Não quer olhar.

Não digo a ela que, na verdade, não precisamos dos dois minutos. Não digo que o resultado já apareceu, bem nítido.

Não digo a Rachel ainda que ela está grávida, pois ela ainda tem dois minutos de esperança.

Continuo massageando suas costas. Quando o timer apita, ela não se mexe. Não se vira para ver o resultado. Abaixo a cabeça até o lado da sua, deixando a boca perto do seu ouvido.

— Sinto muito, Rachel — sussurro. — Sinto muito, muito mesmo.

Ela cai aos prantos.

Meu coração se despedaça ao ouvi-la.

É culpa minha. A culpa é toda minha.

A única coisa em que consigo pensar nesse momento é em como corrigir a situação.

Viro-me para ela e a abraço.

— Vou dizer a eles que você não está se sentindo bem e que não pode ir ao colégio hoje. Quero que fique aqui até eu voltar.

Ela nem assente. Continua chorando, então pego-a no colo e a carrego até a cama. Volto para o banheiro, guardo o teste e o escondo debaixo da pia, lá atrás. Corro até meu quarto e troco de roupa.

Vou embora.

Passo boa parte do dia fora.

Corrigindo a situação.

Quando finalmente paro o carro na frente de casa, ainda falta quase uma hora para que meu pai e Lisa retornem. Pego tudo no banco da frente e corro lá para dentro para ver como ela está. Esqueci o telefone em casa quando saí apressado de manhã, então não tive mesmo como falar com ela antes, e estaria mentindo se dissesse que isso não me deixou arrasado.

Entro.

Vou até a porta dela.

Tento abrir, mas está trancada.

Bato.

— Rachel?

Escuto algum movimento. Alguma coisa esbarra na porta, e pulo para trás. Quando percebo o que aconteceu, dou outro passo para a frente e bato à porta com força.

— Rachel! — grito, frenético. — Abra a porta!

Escuto-a chorando.

— Vá embora!

Dou dois passos para trás, me jogo para a frente e bato o ombro na porta com o máximo de força. Ela se escancara, e eu corro para dentro do quarto. Rachel está em posição fetal contra a cabeceira da cama, chorando nas próprias mãos. Vou até ela.

Ela me afasta.

Volto para perto dela.

Ela me dá um tapa e sai da cama. Levanta-se, empurrando-me para trás, pressionando as palmas da mão no meu peito.

— Odeio você! — grita, em meio às lágrimas. Agarro suas mãos e tento acalmá-la. Ela fica mais zangada ainda. — Vá logo embora! — exclama. — Se não quer nada comigo, vá embora e pronto!

Fico chocado com as palavras dela.

— Rachel, pare — imploro. — Estou aqui. Não vou a lugar algum.

Agora, as lágrimas estão mais intensas. Ela grita comigo. Diz que eu a abandonei. Que a coloquei na cama de manhã e fui embora porque não sabia enfrentar a situação. Que estava decepcionado com ela.

Amo você, Rachel. Mais do que me amo.

— Amor, não — digo a ela, puxando-a para perto. — Não abandonei você. Falei que ia voltar.

Odeio que ela não tenha entendido por que saí.

Odeio o fato de não ter explicado para ela.

Acompanho-a de volta até a cama e a encosto na cabeceira.

— Rachel — digo, tocando sua bochecha manchada de lágrimas —, não estou decepcionado com você. Nem um pouco. Estou decepcionado comigo mesmo. E é por isso que quero fazer tudo que puder para mudar essa situação para você. Para *nós*. Foi o que fiz hoje. Estava tentando achar uma maneira de melhorar as coisas para nós.

Eu me levanto, pego as pastas e as espalho na cama. Mostro tudo para ela. Mostro os panfletos sobre alojamento familiar que peguei no campus. Mostro os formulários que precisamos preencher para a creche gratuita do campus. Mostro os panfletos de ajuda financeira e aulas noturnas e as avaliações dos cursos on-line e a lista de orientadores acadêmicos e como tudo se encaixa com os meus horários da escola de aviação. Todas as possibilidades estão na frente dela, e quero que veja que, apesar de não termos desejado isso, apesar de não termos planejado isso... nós *vamos conseguir*.

— Sei que vai ser bem mais difícil com um bebê, Rachel. *Sei* disso. Mas não é impossível.

Ela fica encarando tudo o que coloquei na sua frente. Fico observando-a em silêncio até seus ombros começarem a tremer e ela cobrir a boca com a mão. Seu olhar encontra o meu enquanto lágrimas gigantes escorrem. Ela engatinha para a frente e joga os braços ao redor do meu pescoço.

Diz que me ama.

Você me ama tanto, Rachel.

Ela me beija sem parar.

— Vamos conseguir, Miles — sussurra no meu ouvido.

Faço que sim e retribuo o abraço.

— Vamos conseguir, Rachel.

Capítulo dezenove

TATE

É quinta-feira.

Noite de jogo.

Normalmente, o barulho do jogo deles me irrita. Nesse instante, é música para meus ouvidos, pois sei que Miles deve estar na minha casa. Não faço ideia do que esperar dele, nem desse acordo que temos. Não troco mensagens ou falo com ele há cinco dias, desde que viajou.

Sei que não deveria estar fazendo isso, pois tenho pensado demais nele. Para algo que deveria ser casual, o que sinto não parece nada casual. Para mim, tem sido extremamente envolvente. Até mesmo intenso. Praticamente, tudo o que tenho feito é pensar nele desde aquela noite na chuva, e é bem ridículo estender o braço para a maçaneta do meu próprio apartamento e ver que a porcaria da minha mão está tremendo só porque ele pode estar lá dentro.

Abro a porta, e Corbin é o primeiro a olhar para cima. Ele me cumprimenta com a cabeça, mas sequer diz oi. Ian acena do sofá e depois olha de volta para a TV.

Os olhos de Dillon percorrem meu corpo inteiro, e faço o máximo para não revirar os meus.

Miles não faz nada, porque Miles não está aqui.

Meu corpo inteiro suspira, desapontado. Solto a bolsa na cadeira vazia da sala e digo para mim mesma que é bom que ele não esteja aqui, pois, de qualquer forma, tenho dever de casa demais para fazer.

— Tem pizza na geladeira — avisa Corbin.

— Legal.

Entro na cozinha e abro o armário para pegar um prato. Escuto passos aproximando-se de mim, e meu coração acelera.

Sinto um toque na minha lombar, e imediatamente sorrio e me viro para ver Miles.

Mas não é Miles. É Dillon.

— Oi, Tate — diz ele, estendendo o braço ao meu redor na direção do armário. A mão que tocou minha lombar ainda está no meu corpo, mas, agora que me virei para ele, foi para a cintura. Ele mantém o olhar fixo no meu enquanto abre o armário. — Só preciso de um copo para minha cerveja — diz, justificando o fato de estar aqui. Me *tocando*. Com o rosto a meros centímetros do meu.

Odeio o fato de ter me visto sorrindo quando me virei. Acabo de passar a impressão errada.

— Bem, no meu bolso não tem copo nenhum — repreendo, tirando a mão dele de mim.

Desvio o olhar de Dillon no instante em que Miles entra na cozinha. Seus olhos estão perfurando a parte do meu corpo em que Dillon estava tocando.

Miles viu a mão de Dillon em mim.

Miles está olhando para Dillon como se ele tivesse acabado de cometer um assassinato.

— Desde quando você toma cerveja em copo? — questiona Miles.

Dillon vira-se, olha para Miles e depois para mim, dando um sorriso descarado e sedutor.

— Desde que Tate estava perto do armário.

Merda. Não está nem tentando disfarçar. Acha que estou a fim dele.

Miles vai até a geladeira e a abre.

— E aí, Dillon? Como está sua *esposa*?

Miles não tira nada da geladeira. Está parado, encarando-a, com os dedos segurando o puxador. Acho que nunca foi segurado com tanta força.

Dillon ainda olha fixamente para mim.

— Está no trabalho. Por pelo menos mais quatro horas.

Miles bate a porta da geladeira e dá dois passos rápidos na direção de Dillon, que se empertiga. Imediatamente, eu me afasto alguns passos dele.

— Corbin disse especificamente que você não encostasse na irmã dele. Respeita ele, porra!

A mandíbula de Dillon contrai-se, e ele não se afasta nem desvia o olhar. Na verdade, dá um passo para perto de Miles, sem deixar nenhum espaço entre os dois.

— Estou achando que isso aqui não é por causa de *Corbin* — provoca Dillon, fervendo de raiva.

Meu coração dispara. Estou me sentindo culpada por ter passado a impressão errada para Dillon, e ainda mais culpada por estarem discutindo sobre isso agora. Mas, caramba, adoro ver que Miles o odeia tanto. Só queria saber se é porque não gosta de ver Dillon dando em cima de alguém quando tem uma esposa em casa ou se não gosta de ver Dillon dando em cima de *mim*.

E agora Corbin está na porta.

Merda.

— O *que* não é por minha causa? — pergunta Corbin, observando o impasse entre os dois.

Miles dá um passo para trás e se vira para ficar na direção de Dillon e Corbin ao mesmo tempo. Seus olhos continuam bem firmes nos de Dillon.

— Ele está tentando comer sua irmã.

Meu Deus, Miles. Já ouviu falar em eufemismo?

Corbin sequer esboça uma careta.

— Vá para casa atrás da sua esposa, Dillon — manda, com firmeza.

Por mais vergonhoso que isso seja, não faço nada para defender Dillon, pois tenho a impressão de que Miles e Corbin estavam procurando uma desculpa para acabar a amizade com ele havia tempos. Além disso, nunca defenderia um homem que não respeita o próprio casamento. Dillon fica encarando Corbin por vários segundos particularmente longos e, em seguida, se vira para mim, ficando de costas para Miles e Corbin.

Esse garoto quer mesmo morrer.

— Moro no 1012 — sussurra, piscando para mim. — Passe lá quando quiser. Ela trabalha de segunda à sexta durante a noite. — Vira-se e passa entre Corbin e Miles. — Vocês dois podem ir se foder.

Corbin vira-se de punhos cerrados e começa a seguir Dillon, mas Miles agarra seu braço e o puxa de volta para a cozinha. Ele solta o braço de Corbin somente quando a porta do apartamento se fecha.

Corbin vira-se para mim, e parece tão zangado que fico surpresa por não ter fumaça saindo dos seus ouvidos. O rosto está vermelho, e ele está estalando os

nós dos dedos. Havia me esquecido de quão superprotetor ele é comigo. Parece que tenho 15 anos de novo, mas agora tenho *dois* irmãos superprotetores.

— Apague esse número da mente, Tate — manda Corbin.

Balanço a cabeça, um tanto decepcionada por ele sequer achar que iria querer decorar o apartamento de Dillon.

— Tenho critérios, Corbin.

Ele assente, mas ainda está tentando se acalmar. Inspira profundamente, estala o maxilar e volta para a sala.

Miles está encostado no balcão, encarando os próprios pés. Observo-o silenciosamente até que finalmente ergue o olhar para mim. Ele dá uma conferida na sala, afasta-se do balcão e se aproxima. A cada passo dele, pressiono-me mais contra a bancada atrás de mim, tentando me afastar da intensidade em seus olhos, apesar de não ter para onde ir.

Ele me alcança.

Está com um cheiro bom. Parece maçã. *O fruto proibido.*

— Me peça para estudar lá em casa — sussurra.

Faço que sim com a cabeça, me perguntando por que diabos ele pediria algo tão sem sentido depois de tudo que acabou de acontecer. Mas obedeço mesmo assim.

— Posso estudar na sua casa?

Miles abre um sorriso e encosta a testa na lateral da minha cabeça para que seus lábios cubram diretamente o meu ouvido.

— Estava dizendo para você me pedir na frente do seu irmão — explica, rindo baixinho. — Assim, tenho uma desculpa para levá-la até lá.

Ah, isso não foi nada vergonhoso.

Agora ele sabe o quanto não sou Tate quando estou perto dele. Sou apenas líquido. Me adaptando. Fazendo o que pede, fazendo o que manda, fazendo o que quiser que eu faça.

— Ah! — exclamo, baixinho, enquanto vejo-o se afastar de mim. — Isso faz bem mais sentido.

Ele ainda está sorrindo, e eu não tinha percebido o quanto senti falta de ver esse sorriso. Devia sorrir o tempo inteiro. Para sempre. *Para mim.*

Ele sai da cozinha e volta para a sala, então vou para o quarto e tomo banho em tempo recorde.

***

Não sabia que atuava tão bem.

Mas ensaiei. Tive cinco minutos de ensaio. Fiquei parada no quarto, tentando pensar na frase mais casual possível para entrar na sala e pedir a chave de Miles. Decidi esperar algum momento particularmente barulhento do jogo e saí furiosa em direção à sala, gritando com todos eles.

— Ou colocam a maldita TV no mudo ou vão ver o jogo em outro apartamento, pois estou tentando estudar!

Miles olhou para mim e tentou esconder o sorriso. Ian me encarou de um jeito suspeito, e Corbin revirou os olhos.

— Vai *você* para outro apartamento — disse Corbin. — Estamos vendo o jogo. — Ele olhou para Miles. — Ela pode usar seu apartamento, né?

Miles levantou-se imediatamente e disse:

— Lógico. Vou abrir a porta para ela.

Peguei minhas coisas, segui-o até o corredor, e, agora, aqui estamos.

Miles abre a porta do apartamento para mim, apesar de não estar trancada. Corbin não sabe disso, porém. Ele entra, e eu o sigo. Fecha a porta, e nos viramos um para o outro.

— Tenho mesmo dever de casa para fazer.

Não sei o que está esperando que aconteça nesse segundo, mas sinto que preciso demonstrar que ele não é minha prioridade só por ter aparecido depois passar de alguns dias longe.

Apesar de, na verdade, ser sim.

— Tenho mesmo um jogo para ver — diz ele, apontando para o meu apartamento por cima do ombro, mas se aproximando de mim ao mesmo tempo.

Ele tira os livros das minhas mãos e os coloca na mesa. Começa a voltar para perto de mim, e só para quando seus lábios tocam os meus e não podemos mais recuar um passo sequer, porque minhas costas estão encostadas na porta do apartamento.

Suas mãos agarram minha cintura, e as minhas agarram seus ombros. A língua desliza entre meus lábios e entra na minha boca, e a aceito sem nenhum problema. Ele geme e pressiona-se contra mim enquanto minhas mãos sobem por seu pescoço e por seu cabelo. Ele afasta-se com a mesma rapidez e recua vários metros.

Está me olhando como se, de alguma maneira, fosse culpa minha o fato de ter que ir embora. Passa as palmas da mão no rosto, frustrado, e expira profundamente.

— Você não conseguiu comer mais cedo — diz ele. — Vou trazer um pouco de pizza pra você.

Ele volta para perto de mim, e dou um passo para o lado, sem responder. Então, Miles abre a porta e desaparece.

Ele é tão estranho.

Vou até a mesa e começo a organizar minhas coisas para estudar. Estou puxando a cadeira para sentar quando a porta do apartamento se escancara novamente. Viro-me para olhar, e ele está indo até a cozinha com um prato nas mãos. Põe a pizza no micro-ondas, aperta alguns botões e o liga, depois vem diretamente até mim. Está com aquele jeito intimidante que faz com que me afaste naturalmente, mas a mesa está logo atrás de mim, e não posso ir a lugar algum.

Ele chega até mim e pressiona depressa os lábios nos meus.

— Preciso voltar pra lá. Você está bem?

Faço que sim.

— Precisa de alguma coisa?

Balanço a cabeça.

— Tem suco e água na geladeira.

— Obrigada.

Beija-me rapidamente mais uma vez antes de me soltar e sair pela porta.

Deixo-me cair na cadeira.

Ele é tão *gentil*.

Eu poderia me acostumar com isso.

Ponho o caderno na minha frente e começo a estudar. Depois de meia hora, recebo uma mensagem dele.

Miles: Como está o dever de casa?

Estou lendo a mensagem no celular, sorrindo como uma idiota. O cara passa nove dias sem me ver ou falar comigo, e agora manda uma mensagem a 5 metros de distância.

Eu: Ótimo. Como está o jogo?
Miles: Intervalo. Estamos perdendo.
Eu: Que pena.
Miles: Você sabe que não tenho TV a cabo.
Eu: ???
Miles: Mais cedo, quando gritou conosco. Mandou que víssemos o jogo no meu apartamento, mas sabe que não tenho TV a cabo. Acho que agora Ian está desconfiado.
Eu: Ah, não. Não pensei nisso.
Miles: Tranquilo. Ele só está olhando pra mim de vez em quando, como se soubesse que tem alguma coisa acontecendo. Sinceramente, não me importo que ele saiba. Ele sabe todo o resto sobre mim.
Eu: Fico surpresa por ainda não ter contado. Os caras não sempre saem contando por aí com quem transaram?
Miles: Eu não, Tate.
Eu: Acho que você é a exceção. Agora me deixe em paz, preciso estudar.
Miles: Só volte depois que eu aparecer aí para avisar que o jogo acabou.

Ponho o telefone na mesa, sem conseguir tirar o sorriso do rosto.

***

Uma hora depois, a porta do apartamento dele se abre. Olho para cima, e ele entra, fecha a porta e se encosta casualmente nela.

— O jogo acabou.

Solto a caneta.

— Bem na hora. Acabei de terminar o dever.

Os olhos focam nos meus livros espalhados pela mesa.

— Corbin provavelmente está esperando que volte.

Não sei se essa é sua maneira de me dizer que devo ir embora, ou se está apenas puxando papo. De qualquer maneira, levanto-me e começo a juntar os livros, tentando não demonstrar que estou desapontada.

Ele vem até mim e tira os livros das minhas mãos, então afasta-os, deslizando-os por uns 30 centímetros, agarra minha cintura e me empurra para cima da mesa.

— Isso não significa que quero que vá embora — afirma, olhando-me fixamente nos olhos.

Desta vez, não sorrio, pois ele acabou de me deixar nervosa mais uma vez. Sempre que me olha com tanta intensidade, fico nervosa.

Ele me desliza até a beirada da mesa e para no meio das minhas pernas. Suas mãos ainda estão na minha cintura, mas agora os lábios estão no meu maxilar.

— Eu estava pensando... — comenta, baixinho, com a respiração acariciando meu pescoço, deixando-me toda arrepiada — na noite de hoje e em como você teve aula o dia inteiro. — Ele desliza as mãos por debaixo do meu corpo, erguendo-me da mesa. — E em como trabalha o fim de semana inteiro, todos os fins de semana.

Agora, minhas pernas estão ao redor do seu corpo. Ele está me carregando para o quarto.

Agora, está me deitando na cama.

Agora, está em cima de mim, afastando meu cabelo com a mão e me encarando.

— E percebi que nunca tem um dia de folga. — A boca está no meu maxilar novamente, beijando-o com delicadeza entre cada frase. — Você não tira folga desde o dia de Ação de Graças, não é?

Balanço a cabeça, sem entender por que ele está falando tanto, mas adorando aquilo tudo. Ele sobe a mão por dentro da minha blusa, e a palma toca minha barriga, subindo até encostar no meu seio.

— Você deve estar bem cansada, Tate.

Balanço a cabeça.

— Na verdade, não.

É mentira.

Estou exausta.

Os lábios deixam meu pescoço, e ele me olha nos olhos.

— Está mentindo — diz, roçando o polegar por cima do fino tecido do sutiã que cobre meu mamilo. — Dá para perceber que está cansada. — Ele abaixa a boca até pressioná-la contra a minha, tão suavemente que mal a sinto. — Só quero beijá-la por alguns minutos, tudo bem? Depois você vai embora e descansa. Não quero que ache que estou esperando algo só porque ambos estamos em casa.

Sua boca encosta na minha mais uma vez, porém o que os lábios fazem não se compara ao que suas palavras fazem comigo. Nunca achei que consideração pudesse ser tão excitante.

Mas, *meu Deus*. Que tesão.

Sua mão desliza por dentro do meu sutiã, e sua boca me invade. Toda vez que sua boca acaricia a minha, fico com a cabeça rodando. Será que vou me cansar disso em algum momento?

Sei que ele disse que queria apenas me beijar por alguns minutos, mas sua definição de *beijo* e minha definição de *beijo* estão escritas em duas línguas diferentes. A boca dele está por toda parte.

Assim como as mãos.

Levanta minha camisa e puxa um lado do sutiã para baixo até que meu seio fique exposto. Ele me provoca com a língua, olhando para mim. A boca está quente, e a língua, ainda mais, fazendo gemidos escaparem baixinho da minha.

Ele passa a mão na minha barriga e se afasta um pouco do meu corpo, apoiando o próprio peso no cotovelo. A mão percorre minha calça até chegar ao interior das minhas coxas. Ele roça os dedos contra o tecido entre minhas pernas, e deixo a cabeça cair para trás e fecho os olhos.

Meu Deus, amo a versão dele de beijo.

Miles começa a esfregar a mão em mim, pressionando firmemente contra a calça até que meu corpo esteja implorando silenciosamente por ele. A boca não está mais no meu peito, mas no pescoço, e ele está beijando, mordiscando, chupando, tudo no mesmo lugar, como se estivesse tentando deixar uma marca em mim.

Estou tentando não fazer barulho, mas é impossível, quando ele faz essa fricção incrível entre nós. Mas tudo bem, porque ele também não está quieto. Toda vez que solto um gemido, ele grunhe ou suspira ou sussurra meu nome. E é por isso que estou fazendo tanto barulho: porque amo os sons que Miles faz.

Amo.

Sua mão move-se rapidamente até o botão da minha calça, e ele o desabotoa, mas não muda de posição nem se afasta do meu pescoço. Ele abaixa o zíper e desliza a mão por cima da minha calcinha, então volta a fazer os mesmos movimentos, mas, dessa vez, são um milhão de vezes mais intensos, e percebo imediatamente que não vai precisar fazê-los por muito tempo.

Minhas costas arqueiam-se para cima, e preciso de todas as minhas forças para não me afastar de sua mão. É como se ele soubesse exatamente onde deve me tocar para que produza algum efeito.

— Meu Deus, Tate. Você está tão molhada. — Dois de seus dedos puxam minha calcinha para o lado. — Quero senti-la.

E é o fim.

Eu já era.

Seus dedos deslizam para dentro de mim, mas o polegar continua do lado de fora, arrancando gemidos e alguns *ai, meu Deus* e alguns *não pare* como se eu fosse um disco arranhado. Ele me beija, engolindo todos os meus sons enquanto meu corpo começa a tremer debaixo de sua mão.

A sensação demora tanto e é tão intensa que tenho medo de soltá-lo quando acabar. Não quero que ele pare de me tocar. Quero dormir assim.

Estou completamente estática, mas nós dois estamos tão ofegantes que não conseguimos nos mexer. Sua boca ainda está na minha, e nossos olhos estão fechados, mas ele não está me beijando. Após alguns instantes, finalmente tira a mão da minha calça, sobe o zíper e a abotoa. Quando abro os olhos, ele está tirando os dedos da boca lentamente, sorrindo.

Puta merda.

Ainda bem que eu não estava em pé agora, pois ver isso teria me feito cair no chão.

— Nossa — suspiro, enquanto exalo. — Você é muito bom nisso.

Ele sorri ainda mais.

— Ah, obrigado. — Então inclina-se para a frente e beija minha testa. — Agora vá pra casa e durma um pouco, garota.

Ele começa a se erguer da cama, e eu agarro seus braços e o puxo de volta.

— Espere. — Empurro-o para que se deite de costas e subo nele. — Isso não é muito justo com você.

— Não estou contando pontos — diz ele, fazendo com que eu me deite. — Corbin deve estar se perguntando por que você ainda está aqui.

Ele se levanta e agarra meus pulsos para que eu me erga com ele, então me puxa e, a essa distância, posso perceber que ele ainda não está nem um pouco pronto para que eu vá embora.

— Se Corbin comentar alguma coisa, digo que só queria voltar quando terminasse o dever.

Miles balança a cabeça.

— Você precisa voltar, Tate. Ele me agradeceu por ter protegido você de Dillon mais cedo. Como acha que vai ficar se descobrir que só fiz aquilo porque estava sendo egoísta e queria você só pra mim?

Balanço a cabeça.

— Não importa como ele vai ficar. Não é da conta dele.

Miles leva as mãos até minhas bochechas.

— *Eu* me importo. Ele é meu amigo. Não quero que descubra o quanto sou hipócrita.

Ele beija minha testa e me puxa para fora do quarto antes que eu possa responder. Junta meus livros e os entrega para mim quando chego na porta do apartamento, mas, antes que eu saia, ele agarra meu cotovelo e me para. Está me encarando, mas desta vez tem algo a mais em sua expressão.

Tem algo no seu olhar, e não é desejo nem carência nem decepção nem intimidação. É algo não dito. Algo que quer me falar, e que tem medo demais para fazê-lo.

Suas mãos seguram minhas bochechas, e ele pressiona a boca na minha com tanta força que bato na porta atrás de mim.

Ele me beija de maneira tão possessiva e desesperada que eu até ficaria triste se não estivesse gostando tanto daquilo. Inspira fundo e se afasta, expirando com calma, encarando-me com firmeza nos olhos. Solta a mão e dá um passo para trás, esperando que eu vá para o corredor antes de fechar a porta.

Não faço ideia do que foi isso, mas preciso de mais.

De alguma maneira, consigo fazer minhas pernas se moverem e entro no apartamento de Corbin. Ele não está na sala, então coloco os livros no balcão.

Escuto o chuveiro de Corbin.

Corbin está tomando banho.

Imediatamente, saio do apartamento, atravesso o corredor e bato à porta, que se escancara tão rapidamente que parecia que ele ainda estava parado no mesmo lugar. Ele olha para o meu apartamento atrás de mim.

— Corbin está no banho.

Miles olha de volta para mim e, antes mesmo de ter tempo de digerir aquelas palavras, me puxa para dentro. Bate a porta e me empurra contra ela, e, mais uma vez, sua boca está por todo canto.

Não perco tempo e desabotoo sua calça, puxando-a para baixo. Suas mãos assumem o controle e baixam totalmente meu jeans, junto à calcinha. Assim que tira meus pés da roupa, ele me leva para a mesa da cozinha e me vira, posicionando-me de bruços na mesa.

Ele põe a mão entre minhas pernas, afastando-as mais enquanto se livra da calça. As duas mãos movem-se até minha cintura e a seguram com firmeza. Ele posiciona-se contra mim e, depois, me penetra com cuidado.

— Ah, *meu Deus* — geme ele.

Pressiono as palmas na mesa. Não tenho o que segurar, e estou querendo muito segurar em alguma coisa.

Ele se inclina para a frente, pressionando o peito contra minhas costas. Sua respiração está forte e quente e colidindo na minha pele.

— Preciso pegar uma camisinha.

— Está bem — exalo.

Mas ele ainda não se afastou, e naturalmente meu corpo quer que ele entre por completo em mim. Pressiono-me contra ele, empurrando-o mais para dentro, fazendo com que enterre os dedos com tanta força nos meus quadris que faço uma careta.

— *Não,* Tate.

A voz dele está me alertando.

Ou me desafiando.

Faço de novo, e ele geme, saindo completamente de mim com rapidez. Suas mãos ainda estão enterradas no meu quadril, e ele ainda está pressionando-se contra mim. Só não está mais dentro de mim.

— Estou tomando pílula — sussurro.

Ele não se mexe.

Fecho os olhos, precisando que faça alguma coisa. Qualquer coisa. Estou morrendo aqui.

— Tate — murmura.

Ele não diz mais nada. Ficamos parados em silêncio, com ele na mesma posição, a postos e bem perto de mim.

— Droga. — Ele solta minha cintura e encontra minhas mãos espalmadas na mesa. Desliza os dedos entre os meus e os aperta, em seguida enterra o rosto na parte de trás do meu pescoço. — Prepare-se.

Ele se lança para dentro de mim tão inesperadamente que eu grito. Uma de suas mãos solta a minha, e ele a leva até minha boca e a cobre.

— Shh.

Ele fica parado, me dando um instante para que eu me ajuste a ele dentro de mim.

Sai com um gemido e penetra novamente, fazendo-me gritar de novo. Dessa vez, sua mão abafa meus barulhos.

Ele repete os movimentos.

Com mais força.

Mais rápido.

Grunhe a cada estocada, e faço barulhos que nem sabia que era capaz de fazer. Nunca passei por nada assim na vida.

Não sabia que podia ser tão intenso. Tão bruto. Tão animalesco.

Abaixo o rosto e pressiono a bochecha na mesa.

Fecho os olhos com força.

Deixo ele me foder.

***

Silêncio.

O silêncio é tanto que não sei se é porque fizemos barulho demais alguns segundos atrás ou se é só porque ele precisa de um instante para se recuperar.

Miles ainda está dentro de mim, mas já terminou. Só não está se movendo. Uma das mãos ainda cobre minha boca, a outra ainda aperta meus dedos. Seu rosto ainda está enterrado no meu pescoço.

Mas ele está tão incrivelmente imóvel que tenho medo de me mexer. Não estou sentindo nem sua respiração.

A primeira coisa a se mover é a mão dele, afastando-se da minha boca. Ele desentrelaça os dedos dos meus e os endireita, separando-os dos meus lentamente. Pressiona as palmas contra a mesa e ergue o rosto do meu pescoço. Sai de mim sem fazer nenhum barulho.

O silêncio continua tão grande que não me mexo.

Escuto-o colocar a calça e fechar o zíper.

Escuto seus passos enquanto ele vai embora.

Ele está indo embora.

A porta de seu quarto bate, e faço uma careta. Minha bochecha e minhas palmas e minha barriga ainda estão na mesa, mas agora minhas lágrimas também estão.

Estão caindo.

Caindo, caindo, caindo, e não consigo contê-las.

Estou envergonhada. Constrangida. Realmente não sei o que diabos ele tem de errado, mas há orgulho demais e coragem de menos para ir até lá descobrir.

Isso pareceu um fim. Não sei se eu estava pronta para que esse fosse o fim. Não sei se eu estava pronta para que *houvesse* um fim, e me odeio por ter deixado meus sentimentos chegarem a esse ponto.

Também estou furiosa porque aqui estou eu, no meio do apartamento dele, procurando minha calça, tentando parar de chorar essas lágrimas ridículas, ainda sentindo o que sobrou dele escorrer pela minha perna, e não sei por que diabos ele precisou arruinar tudo.

Me arruinar.

Termino de me vestir e vou embora.

Capítulo vinte

MILES

— Seu umbigo está ficando para fora — digo. Passo os dedos por sua barriga e a beijo. — Que bonitinho.

Pressiono a orelha na pele dela e fecho os olhos.

— Aposto que ele está se sentindo sozinho aí dentro — digo. — Está se sentindo sozinho aí, camarada?

Rachel ri.

— Você só o chama de menino. E se for uma menina?

Digo a Rachel que vou amar do mesmo jeito, menino ou menina. *Já* o amo. Ou *a amo*.

Nossos pais estão viajando. Estamos brincando de casinha de novo, mas desta vez não é só brincadeira. É meio que sério.

— E o que vai acontecer se ele realmente a pedir em casamento desta vez? — pergunta ela.

Digo-lhe que não se preocupe. Digo que não vai pedi-la em casamento. Ele falaria comigo antes de fazer isso. Isso, ao menos, sei a respeito dele.

— Precisamos contar pra eles — digo.

Ela faz que sim. Sabe que precisamos contar. Já se passaram três meses. Vamos nos formar em dois. A barriga está começando a aparecer.

O umbigo dela está ficando para fora. É bonitinho.

— Devíamos contar amanhã — sugiro.

Ela concorda.

Afasto-me da barriga dela e deito-me ao seu lado, puxando-a. Toco seu rosto.

— Amo você, Rachel.

Agora ela não está mais com tanto medo. Diz que também me ama.
— Você está se saindo bem — digo. Ela não sabe a que estou me referindo, então sorrio e toco na sua barriga. — Está se saindo bem nisso de cuidar do bebê. Tenho certeza de que vai ser o bebê mais bem cuidado da história.
Ela ri da minha tolice.
Você me ama tanto, Rachel.
Olho para ela — a garota a quem dei meu coração — e me pergunto como pude ter tanta sorte.
Pergunto-me por que ela me ama tanto quanto a amo.
Pergunto-me o que meu pai vai dizer quando descobrir sobre nós dois.
Pergunto-me se Lisa vai me odiar. Se vai querer levar Rachel de volta para Phoenix.
Pergunto-me como posso convencê-los de que conseguiremos dar conta disso.
— Qual vai ser o nome? — pergunto.
Ela fica animada quando pergunto isso. Gosta de discutir nomes. Diz que, se for menina, quer dar o nome de Claire. Em homenagem à avó.
Digo que queria conhecer sua avó. Quero conhecer a mulher que será homenageada com o nome da minha filha. Ela me diz que sua avó teria me adorado. Digo que adoro o nome Claire.
— E se for menino?
— Pode escolher o nome se for menino — diz ela.
Digo que isso é muita pressão. Digo que ele vai precisar conviver com aquele nome pelo resto da vida. Ela retruca:
— Então é melhor escolher bem.
É melhor escolher bem.
— Um nome que tenha algum significado pra você — acrescenta.
Um nome que tenha algum significado para mim.
Digo que já sei o nome perfeito.
Ela quer saber qual é. Digo que não vou contar. Que só conto quando acontecer. Só depois que ele nascer.
Ela me diz que sou louco. Que se recusa a dar à luz o nosso bebê antes de saber seu nome.
Eu rio. Digo que ela não tem escolha.
Ela diz que sou louco.
Você ama isso, Rachel.

Capítulo vinte e um

TATE

Passei o fim de semana trabalhando, então não vejo nem falo com Miles desde quinta à noite. Fico dizendo a mim mesma que é melhor assim, apesar de realmente não ser o que parece, pela maneira como aquilo tem me corroído. É segunda-feira, e é o primeiro de três dias em que Corbin não vai estar em casa, mas Miles *sim*. Sei que ele está ciente de que Corbin viajou, porém, considerando a maneira como deixou a situação na quinta-feira, duvido que se importe muito. Eu meio que esperava que ele fosse acabar me explicando se fiz algo de errado ou que pelo menos me contasse por que ficou tão chateado, mas a última reação que obtive de Miles foi ele se afastar de mim e bater a porta do quarto.

Dá para perceber por que não namora havia seis anos. Está na cara que não faz ideia de como tratar uma garota, o que me surpreende, pois tenho a sensação de que, na verdade, é um cara decente. No entanto, suas ações pós-sexo parecem contradizer seu caráter. É como se pedaços de quem ele era transbordassem por cima de quem está tentando ser.

Se algum outro homem me tratasse daquela maneira, eu acabaria tudo na hora. Não aturo certas coisas que já vi muitas amigas aturarem. No entanto, percebo que não paro de criar desculpas para ele, como se algo realmente fosse capaz de justificar o que fez na semana passada.

Estou começando a temer que, talvez, eu não seja tão durona assim.

O medo confirma-se imediatamente quando meu coração para assim que saio do elevador. Tem um bilhete colado na porta do meu apartamento, então corro até ele e o puxo. É apenas uma folha de papel dobrada, sem nada escrito no exterior. Abro-a: *Preciso resolver uma coisa. Passo aí às 19h se quiser ir comigo.*

Leio o bilhete várias vezes. Está na cara que é dele, e está na cara que é para mim, mas o bilhete é tão incrivelmente casual que, por um segundo, começo a me perguntar se a quinta-feira aconteceu de verdade.

Mas ele esteve aqui. Sabe como a noite terminou entre nós. Sabe que devo estar chateada ou zangada, mas nada no bilhete indica isso.

Destranco a porta e entro antes que me irrite a ponto de bater à porta dele e começar a berrar.

Solto minhas coisas após entrar no apartamento e leio o bilhete mais uma vez, examinando tudo, desde a letra até a escolha de palavras. Amasso-o e o jogo na direção da cozinha, completamente furiosa.

Estou furiosa porque já sei que vou com ele.

Não sei como *não* ir.

***

Escuto uma leve batida à porta exatamente às 19h. A pontualidade me irrita, sem nenhum motivo. Não tenho nada contra pontualidade. Tenho a sensação de que tudo que Miles fizer naquele dia vai me irritar.

Vou até a porta e a abro.

Ele está parado no corredor, a vários metros de distância. Deve até estar mais perto da sua porta do que da minha. Encara os próprios pés quando abro a porta, mas, após um tempo, ergue o olhar e me encara. Suas mãos estão dentro dos bolsos da jaqueta mais uma vez, e ele não levanta completamente a cabeça. É algo que interpreto como um sinal de submissão, apesar de muito provavelmente não ser.

— Quer vir?

Sua voz me invade. Me enfraquece. Me liquefaz mais uma vez. Faço que sim enquanto saio para o corredor e fecho a porta atrás de mim. Tranco-a e me viro para ele, que aponta a cabeça na direção dos elevadores, dizendo-me silenciosamente que virá atrás de mim. Tento interpretar a expressão nos seus olhos apesar de já saber que não adianta.

Vou até o elevador e aperto o botão para descer.

Ele para ao meu lado, mas nenhum dos dois diz nada. O elevador parece demorar anos para chegar até nós. Quando finalmente se abre, nós dois

suspiramos aliviados em silêncio, mas assim que entramos e as portas se fecham, ficamos sem conseguir respirar mais uma vez.

Consigo sentir que ele está me olhando, mas não correspondo.

Não consigo.

Estou me sentindo uma idiota. Quero chorar de novo. Agora que estou com ele e que não faço ideia de para onde vamos, me sinto como uma tola por ter permitido que me trouxesse até mesmo até aqui.

— Desculpe.

A voz dele é fraca, mas também surpreendentemente sincera.

Não olho para ele. Nem respondo.

Ele dá três passos pelo elevador e estende o braço ao meu lado, então aperta o botão de emergência. O dedo demora no botão enquanto ele me observa, mas continuo olhando para baixo. Meu rosto está na altura do seu peito, mas meu maxilar está tenso, e não vou olhar para ele.

Não vou.

— Tate, desculpe — repete.

Ainda não me toca, mas está me invadindo novamente. Está tão perto de mim que consigo sentir sua respiração e ele próprio e o quanto está arrependido, mas nem sei pelo que devo perdoá-lo. Miles nunca me prometeu nada além de sexo, e foi exatamente o que me deu.

Sexo.

Nada menos e, com certeza, nada mais.

— Desculpe — diz, novamente. — Você não merecia aquilo.

Desta vez, toca no meu queixo, erguendo meu olhar até o seu. Sentir seus dedos no meu rosto deixa meu maxilar ainda mais tenso. Estou fazendo o máximo para manter a armadura erguida, pois está sendo difícil conter as lágrimas.

Vejo de novo a mesma coisa que vi nos seus olhos quando me beijou na porta de casa na quinta à noite. Algo não dito que ele queria conseguir dizer, mas as únicas palavras são suas desculpas.

Ele se contrai como se estivesse sentindo uma dor realmente física, e pressiona a testa na minha.

— Me *desculpe*.

Miles pressiona as palmas da mão contra a parede do elevador e se inclina para perto de mim até nossos peitos se tocarem. Meus braços estão ao lado do corpo, e meus olhos se fecharam, e, por mais que agora eu esteja com vontade de

chorar, recuso-me a fazê-lo na frente dele. Ainda não sei pelo que exatamente ele está se desculpando, mas não importa, pois parece que está se desculpando por *tudo*. Por iniciar algo que sabíamos que não terminaria bem. Por não ser capaz de falar sobre o passado. Por não ser capaz de falar sobre o futuro. Por me arruinar quando entrou no quarto e bateu a porta.

Uma de suas mãos envolve a lateral da minha cabeça, e ele me puxa. A outra desce até minhas costas, e ele me aperta, pressionando sua bochecha contra o topo da minha cabeça.

— Não sei o que é isso, Tate — confessa. — Mas juro que não queria magoá-la. Só não sei o que diabos estou fazendo.

O arrependimento na sua voz é suficiente para que meus braços queiram abraçá-lo. Ergo-os e seguro as mangas de sua camisa, então pressiono o rosto em seu peito. Ficamos vários minutos assim, completamente perdidos. Completamente novos nessa situação.

Completamente confusos.

Após um tempo, ele me solta e aperta o botão do térreo. Ainda não disse nada, pois nem sei que palavras usar nessa situação. Quando a porta do elevador se abre, ele segura minha mão e continua assim até chegarmos no seu carro. Ele abre a porta para mim, espera até eu entrar, fecha-a e vai para o outro lado.

Nunca entrei no carro dele antes.

Fico surpresa ao ver o quanto é simples. Sei que Corbin ganha bem e que normalmente gosta de gastar em coisas boas.

Esse carro é discreto, assim como Miles.

Ele sai do estacionamento, e seguimos em silêncio por vários quilômetros. Fico cansada do silêncio e cansada da curiosidade, então a primeira coisa que digo desde que ele me arruinou é:

— Para onde estamos indo?

Parece que minha voz faz o constrangimento desintegrar completamente, pois ele suspira como se fosse um alívio escutá-la.

— Para o aeroporto — explica. — Mas não para trabalhar. Vou até lá às vezes para ver os aviões decolarem.

Ele põe a mão em cima do console e segura a minha. É algo que me tranquiliza e me assusta ao mesmo tempo. Suas mãos estão quentes, o que me faz querer que ele segure meu corpo inteiro com elas, mas fico assustada ao perceber o quanto quero isso.

Ficamos em total silêncio até chegarmos ao aeroporto. Há placas de acesso restrito, mas ele passa por elas como se soubesse exatamente para onde está indo. Finalmente, paramos o carro num estacionamento de frente para a pista.

Há várias aeronaves enfileiradas, esperando para decolar. Ele aponta para a esquerda, e olho bem na hora em que um dos aviões começa a acelerar. O carro dele enche-se com o som dos motores quando a aeronave passa por nós como um raio. Ficamos assistindo à decolagem até que o trem de pouso desaparecesse e o avião fosse engolido pela noite.

— Você vem sempre aqui? — pergunto, enquanto continuo olhando pela minha janela.

Ele ri, então, naturalmente, viro-me em sua direção.

— Pareceu uma cantada — brinca, sorrindo.

Seu sorriso me faz sorrir. Os olhos descem até minha boca, e meu sorriso faz o seu desaparecer.

— Sim, venho — confessa, enquanto olha pela janela mais uma vez para ver o próximo avião se preparar para a decolagem.

Nesse momento, percebo que as coisas não são mais as mesmas entre nós. Aconteceu alguma mudança gigantesca, e não sei se é boa ou ruim. Ele me trouxe até aqui porque quer conversar.

Só não sei sobre o quê.

— Miles — digo, querendo que ele olhe para mim novamente.

Ele não o faz.

— Não é divertido — sussurra. — Isso que estamos fazendo.

Não gostei dessa frase. Quero que a retire, porque parece que está me ferindo. Mas ele tem razão.

— Eu sei — admito.

— Se não pararmos agora, só vai piorar.

Não concordo verbalmente com ele dessa vez. Sei que tem razão, mas não quero parar. Sinto um vazio na barriga só de pensar em não ficar com ele.

— O que eu fiz para deixá-lo tão chateado?

Ele volta seus olhos para os meus, e mal os reconheço devido ao gelo que se acumulou por trás deles.

— Aquilo foi tudo coisa minha, Tate — diz, com firmeza. — Não quero que pense nem por um segundo que meus problemas são por causa de algo que fez ou não fez.

Sinto um leve alívio com a resposta, mas ainda não faço ideia do que aconteceu com ele. Ficamos nos olhando, um esperando que o outro preencha o silêncio.

Não faço ideia das dificuldades do passado dele, mas deve ter sido bem complicado se ainda não as superou seis anos depois.

— Você age como se gostarmos um do outro fosse ruim.

— Talvez seja.

Eu meio que quero que ele pare de falar, porque tudo que diz só me causa mais sofrimento e me deixa ainda mais confusa.

— Então me trouxe aqui para terminar tudo?

Ele suspira fortemente.

— Eu só queria que nos divertíssemos, mas... acho que talvez você esteja esperando algo diferente. Não quero magoá-la, e se continuarmos fazendo isso... *vou* magoá-la.

Ele olha pela janela mais uma vez.

Quero bater em alguma coisa, mas, em vez disso, passo duas mãos frustradas no rosto e deixo o peso cair com força no banco. Nunca conheci alguém que dissesse tão pouco com as palavras. Ele definitivamente é mestre na arte de ser evasivo.

— Você precisa me dizer mais do que isso, Miles. Talvez uma explicação simples. O que diabos aconteceu com você?

A mesma firmeza das suas mãos no volante surge no seu maxilar.

— Eu pedi duas coisas a você. Não pergunte sobre o meu passado e nunca espere um futuro comigo. Está fazendo as duas.

Faço que sim.

— Sim, Miles. Você tem razão. Estou. Porque gosto de você, e sei que gosta de mim, e, quando estamos juntos, é fantástico, então é isso o que as pessoas normais fazem. Quando encontram alguém com quem se dão bem, elas contam coisas uma para a outra. Elas permitem que o outro se aproxime. Elas querem ficar juntas. Elas não fodem alguém na mesa da cozinha e depois vão embora, deixando a pessoa se sentindo uma merda.

Nada.

Ele não revela nada para mim.

Nem uma mínima reação.

Ele vira-se para a frente e liga o carro.

— Você tinha razão — comenta, enquanto põe o carro na ré e prepara-se para sair do estacionamento. — Ainda bem que não éramos amigos. Isso teria sido bem mais difícil.

Viro para o outro lado porque estou com vergonha da raiva que essas palavras me fizeram sentir. Vergonha por estar doendo tanto, mas tudo com Miles dói. Porque sei o quanto nossos momentos bons são bons, e sei que os momentos ruins desapareceriam com facilidade se ele simplesmente parasse de tentar lutar contra isso.

— Tate — diz ele, com remorso.

Quero arrancar a voz da garganta dele.

Sua mão encosta no meu ombro, e o carro não está mais se movendo.

— Tate, não foi o que eu quis dizer.

Afasto a mão dele.

— Não — digo. — Ou admite que quer algo além de sexo comigo ou me leva para casa.

Ele fica em silêncio. Talvez esteja refletindo sobre meu ultimato.

Admita, Miles. Admita. Por favor.

O carro começa a se mover novamente.

***

— O que esperava que fosse acontecer? — pergunta Cap, entregando-me outro lenço.

Quando Miles e eu chegamos no prédio, não aguentei subir no elevador com ele, então sentei ao lado de Cap e deixei que Miles subisse sozinho. Ao contrário da aparência forte que tento demonstrar para ele, perco completamente o controle enquanto desembucho todos os detalhes para Cap, quer ele queira escutá-los ou não.

Limpo o nariz mais uma vez e solto o lenço, juntando-o à pilha ao meu lado no chão.

— Eu estava me iludindo — admito. — Falei para mim mesma que aceitaria se ele nunca quisesse mais nada comigo. Acho que pensei que, se esperasse as coisas acontecerem no seu tempo, ele terminaria mudando de ideia.

Cap estende o braço para pegar uma lixeira do seu lado e a coloca entre nós, para que eu tenha onde jogar fora os lenços.

— Se aquele garoto não consegue enxergar que ficar com você seria uma coisa boa, então não vale a pena perder tempo com ele.

Faço que sim. Tenho coisas bem mais importantes a fazer com meu tempo, mas, por alguma razão, sinto que Miles enxerga *sim* que seria bom se ficássemos juntos. Sinto que quer que isso dê certo, mas tem algo maior do que ele ou do que eu ou do que nós que o impede de tentar. Queria apenas saber o que é.

— Já lhe contei minha piada preferida? — pergunta Cap.

Balanço a cabeça e pego outro lenço na caixa nas mãos deles, aliviada com a mudança de assunto.

— Toc, toc.

Não esperava que a piada preferida dele fosse uma piada "toc, toc", mas entro na brincadeira.

— Quem é?

— A vaca que interrompe — continua.

— A vaca que...

— MUU! — grita ele, me interrompendo.

Fico encarando-o.

E depois dou risada.

Faz um tempão que não rio tanto.

Capítulo vinte e dois

MILES

Seis anos antes

Meu pai fala que precisa conversar conosco.
Ele pede que chame Rachel e encontre com ele e Lisa na mesa de jantar. Digo que sim, e que também precisamos conversar com eles.
A curiosidade surge em seus olhos, mas apenas por um rápido segundo. Ele pensa em Lisa novamente e deixa de ficar curioso.
O tudo dele é Lisa.
Vou até o quarto de Rachel e digo ao *meu* tudo que eles querem falar conosco.
Todos nos sentamos à mesa de jantar.
Sei o que vai dizer. Vai contar que a pediu em casamento. Não queria me importar com isso, mas me importo. Me pergunto por que ele não me contou primeiro. É algo que me deixa triste, mas só um pouco. Nada disso vai importar depois que falarmos o que temos pra contar.
— Eu pedi Lisa em casamento — diz ele.
Lisa sorri para ele. Ele sorri para ela.
Rachel e eu não sorrimos.
— Então nos casamos — diz Lisa, mostrando o anel.
Então.
Nos.
Casamos.
Rachel arqueja baixinho.

Eles já estão casados.

Parecem felizes.

Estão nos olhando, esperando alguma reação.

Lisa está preocupada. Não gosta de ver Rachel tão chateada.

— Querida, foi algo espontâneo. Estávamos em Las Vegas. Nenhum de nós queria uma festa grande. Por favor, não fique com raiva.

Rachel cobre o rosto com as mãos e começa a chorar. Abraço-a e quero consolá-la. Quero beijá-la para tranquilizá-la, mas meu pai e Lisa não compreenderiam.

Preciso contar para eles.

Meu pai parece confuso por Rachel estar tão chateada.

— Achei que não ligariam — diz ele. — Vocês dois vão para a faculdade daqui a alguns meses.

Ele acha que estamos com raiva deles.

— Pai? — começo, mantendo o braço ao redor de Rachel. — Lisa?

Olho para os dois.

Arruíno o dia deles.

Arruíno.

— Rachel está grávida.

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

SILÊNCIO ENSURDECEDOR.

Lisa está chocada.

Meu pai está consolando Lisa. Seu braço está ao redor dela, e ele está massageando suas costas.

— Você nem tem namorado — exclama Lisa, exaltada.

Rachel olha para mim.

Meu pai se levanta. Agora ele está com raiva.

— Quem é o responsável? — grita. Olha para mim. — Me conte quem é, Miles. Que tipo de rapaz engravida uma garota e não tem a coragem de estar ao lado dela quando ela dá a notícia para a própria mãe? Que tipo de rapaz deixa o irmão da garota dar a notícia?

— Não sou *irmão* dela — protesto.

Não sou.

Ele ignora meu comentário. Agora, está andando de um lado para o outro na cozinha. Odeia a pessoa que fez isso com Rachel.

— Pai .

Levanto-me.

Ele para de andar. Vira-se e olha para mim.

— Pai...

De repente, não me sinto mais tão confiante quanto estava quando me sentei aqui.

Eu consigo.

— Pai, fui eu. Fui eu que a engravidei.

Ele está achando difícil digerir minhas palavras.

Lisa está olhando para Rachel e para mim. Ela também não consegue assimilar o que estou dizendo.

— Não é possível — exclama meu pai, tentando afastar todos os pensamentos que dizem que *é* possível.

Espero a ficha cair.

Sua expressão muda de confusão para raiva. Olha para mim como se eu nem fosse seu filho. Olha como se eu fosse o rapaz que engravidou sua nova enteada.

Ele me odeia.

Ele me odeia.

Ele *realmente* me odeia.

— Saia dessa casa.

Olho para Rachel. Ela agarra minha mão e balança a cabeça, implorando silenciosamente para que eu não vá.

— Saia — repete.

Ele me odeia.

Digo a Rachel que é melhor que eu vá.

— É por pouco tempo.

Ela implora para que eu não vá. Meu pai dá a volta na mesa e me empurra. Ele me empurra na direção da porta. Solto a mão de Rachel.

— Vou para a casa do Ian — digo para ela. — Amo você.

Está na cara que essas palavras são demais para o meu pai, pois seu punho se lança imediatamente para cima de mim. Ele afasta a mão e quase parece tão chocado quanto eu por ter acabado de me dar um soco.

Saio, e meu pai bate a porta.

Meu pai me odeia.

Vou até meu carro e abro a porta. Sento-me no banco do motorista, mas não ligo o motor. Olho no espelho. Meu lábio está sangrando.

Odeio meu pai.

Saio do carro e bato a porta. Volto para dentro de casa. Meu pai vem correndo até a porta.

Estendo as palmas da mão. Não quero bater nele, mas bateria. Se ele encostar de novo em mim, eu bato nele.

Rachel não está mais à mesa.

Rachel está no quarto.

— Me desculpe — digo para os dois. — Não queríamos que acontecesse, mas aconteceu, e agora precisamos lidar com isso.

Lisa está chorando. Meu pai abraça-a. Olho para Lisa.

— Eu a amo — digo. — Estou apaixonado pela sua filha. Vou cuidar dos dois.

Vamos conseguir.

Lisa nem consegue me olhar.

Os dois me odeiam.

— Começou antes mesmo que eu conhecesse você, Lisa. Conheci Rachel antes de saber que você e meu pai estavam juntos, e tentamos parar.

Isso é meio que uma mentira.

Meu pai dá um passo à frente.

— O tempo inteiro? Isso estava acontecendo o tempo inteiro desde que ela se mudou pra cá?

Balanço a cabeça.

— Está acontecendo desde *antes* de ela se mudar para cá.

Agora, ele me odeia ainda mais. Quer me bater de novo, mas Lisa está o segurando. Fala para meu pai que eles vão pensar em alguma coisa. Diz que consegue "resolver" o assunto. Diz que tudo vai ficar bem.

— É tarde demais para isso — conto para Lisa. — Ela já está grávida há tempo demais.

Não espero meu pai me bater novamente. Me lanço pelo corredor e vou até Rachel. Tranco a porta após entrar. Ela me encontra no meio do caminho, joga os braços ao redor do meu pescoço e chora na minha camisa.

— Bem — digo. — A parte mais difícil já passou.

Ela ri enquanto chora. Diz que a parte mais difícil ainda não passou. Diz que a parte mais difícil vai ser fazer o bebê sair.

Eu rio.

Eu amo tanto você, Rachel.

— Eu amo tanto você, Miles — sussurra.

Capítulo vinte e três

TATE

Sinto tanta falta de você, Miles.

É por causa de pensamentos como esse que estou afogando as mágoas no chocolate. Faz três semanas que ele me trouxe para casa. Faz três semanas que não o vejo. O Natal chegou e foi embora, mas mal percebi, porque estava trabalhando. Duas quintas-feiras de jogo em que Miles não apareceu. O Ano-Novo chegou e foi embora. Mais um semestre de aulas começou.

E Tate ainda sente falta de Miles.

Pego as gotas de chocolate e o leite achocolatado e vou para a cozinha escondê-los da pessoa que está batendo à porta.

Já sei que não é Miles, porque são Chad e Tarryn. Os únicos amigos que fiz aqui de tão ocupada que estou, e só são meus amigos porque estamos no mesmo grupo de estudos.

E é por isso que estão batendo à minha porta agora.

Abro-a, e Chad está parado sem Tarryn.

— Onde está Tarryn?

— Foi chamada para cobrir um plantão. Não vai poder vir.

Abro mais a porta para que ele entre. Assim que dá um passo para dentro, Miles abre a porta do apartamento do outro lado do corredor. Ele congela quando nossos olhares se encontram.

Prende-me ao seu olhar por vários segundos até desviar os olhos por cima do meu ombro e parar em Chad.

Olho para Chad, que olha para mim e ergue a sobrancelha. Pelo jeito, percebeu que tem alguma coisa acontecendo, então se retira respeitosamente

para o interior do apartamento.

— Vou para o seu quarto, Tate.

É muito gentil da parte de Chad... se oferecer para me dar privacidade com o rapaz do apartamento vizinho. No entanto, avisar que ia esperar no meu quarto provavelmente não foi o respeito que Miles queria ver, porque agora ele está entrando de volta em sua casa.

Seus olhos vão até o chão antes de ele fechar a porta.

A expressão que havia neles fez com que eu sentisse pontadas de culpa na barriga. Preciso lembrar a mim mesma de que foi ele quem escolheu isso. Não preciso sentir culpa de nada, mesmo que esteja interpretando mal a situação que acabou de ver ao abrir a porta de casa.

Fecho a porta e me junto a Chad no quarto. A conversa silenciosa que tive comigo mesma para me animar não diminuiu em nada a culpa. Sento-me na cama, e ele senta-se à mesa.

— Aquilo foi estranho — comenta, me olhando. — Agora estou com medo de sair daqui.

Balanço a cabeça.

— Não se preocupe com Miles. Ele tem problemas, mas eles não são mais meus.

Chad assente e não pergunta mais nada. Abre o guia de estudos e o põe no colo enquanto apoia os pés na cama.

— Tarryn já fez anotações para o capítulo dois, então, se você fizer para o capítulo três, posso fazer para o quatro.

— Combinado.

Recosto-me ao travesseiro e passo a próxima hora preparando as anotações do capítulo três, mas não faço ideia de como consigo me concentrar, pois a única coisa em que consigo pensar é no olhar no rosto de Miles logo antes de ele fechar a porta. Deu para perceber que o magoei.

Acho que agora estamos quites.

***

Depois que Chad e eu trocamos nossas anotações e respondemos às perguntas de estudo no final de cada capítulo, faço cópias na minha impressora. Percebo

que três pessoas dividirem três capítulos e compartilharem suas respostas é trapacear, mas quem diabos se importa? Nunca disse que era perfeita.

Após terminarmos, acompanho Chad até lá fora. Dá para perceber que está um pouco nervoso depois de ter visto o olhar de Miles mais cedo, então espero até que entre no elevador antes de fechar a porta de casa. A verdade é que eu também estava um pouco nervosa por ele.

Vou até a cozinha e começo a preparar um prato com a comida que sobrou. Não faz sentido cozinhar, pois Corbin só vai chegar tarde da noite. Antes de terminar de colocar comida no meu prato, a porta da frente se abre com alguém batendo.

Miles é a única pessoa que abre a porta e bate ao mesmo tempo.

Acalme-se.

Acalme-se, acalme-se, acalme-se.

Acalma aí, Tate!

— Quem era aquele? — pergunta Miles, atrás de mim.

Nem me dou o trabalho de virar. Continuo preparando a comida como se o fato de ele estar aqui após semanas de silêncio não estivesse fazendo uma tempestade de emoções tomar conta de mim. Sendo raiva a mais forte de todas.

— Ele é da minha turma. Estávamos estudando.

Sinto a tensão dele diminuir, e sequer estou virada para ele.

— Durante três horas?

Eu me viro para ele, mas os palavrões que quero gritar ficam presos na garganta no instante em que o vejo. Miles está parado na porta da cozinha, segurando o batedor acima da cabeça. Dá para perceber que não trabalha faz alguns dias, pois há uma fina camada de barba por fazer no maxilar. Está descalço, e a camisa subiu com os braços, deixando à mostra aquele *V*.

Primeiramente, fico encarando-o.

Depois é que grito com ele.

— Se eu quiser passar três horas trepando com um cara no meu quarto, bom para mim! Você não tem o mínimo direito de opinar sobre o que acontece na minha vida. Você é um canalha e tem sérios problemas, e não quero mais fazer parte deles.

Estou mentindo. Quero muito fazer parte dos problemas dele. Quero mergulhar nos seus problemas e me *tornar* seus problemas, mas o certo é ser uma garota independente e determinada, que não cede só porque gosta de um cara.

Ele estreita os olhos, e sua respiração está rápida e intensa. Abaixa os braços e vem rapidamente até mim, agarrando meu rosto e me obrigando a olhar para ele.

Seus olhos estão agitados, e saber que ele está com medo de que eu tenha partido para outra é gostoso demais. Ele espera vários segundos antes de falar, deixando que o olhar percorra meu rosto. Os dedos encostam levemente nas minhas maçãs do rosto de um jeito protetor e bom, e odeio imensamente o fato de querer senti-los por todo canto nesse momento. Não gosto da pessoa em que me transformo quando estou com ele.

— Está dormindo com ele? — pergunta, enfim parando os olhos nos meus enquanto procuram a verdade.

Não é da sua conta mesmo, Miles.

— Não — digo, por fim.

— Você o beijou?

Continua não sendo da sua conta, Miles.

— Não.

Ele fecha os olhos e expira, aliviado. Abaixa as mãos até o balcão, nas laterais do corpo, e encosta a testa no meu ombro.

Não me pergunta mais nada.

Está sofrendo, mas não sei o que diabos fazer a respeito disso. Ele é o único que pode mudar as coisas entre nós e, pelo que sei, ainda não está disposto a fazer isso.

— Tate — sussurra, agonizando. Seu rosto move-se até meu pescoço, e uma das mãos agarra minha cintura. — *Que droga*, Tate. — A outra mão vai até a parte de trás da minha cabeça, e os lábios apoiam-se na pele do meu pescoço. — O que eu faço? — geme. — Que merda devo fazer?

Fecho os olhos com força, pois a confusão e a aflição na sua voz são insuportáveis. Balanço a cabeça. Balanço-a porque não sei responder a uma pergunta que sequer compreendo. Também balanço a cabeça porque não sei afastá-lo fisicamente.

Seus lábios encostam na área bem abaixo da minha orelha, e quero puxá-lo para perto e empurrá-lo para o mais longe possível. A boca continua movendo-se pela minha pele, e sinto meu pescoço se inclinar para que ele encontre ainda mais de mim para beijar. Os dedos emaranham-se no meu cabelo enquanto ele agarra a parte de trás da minha cabeça para me segurar contra a boca.

— Me obrigue a ir embora — implora, com o calor da voz na minha garganta. — Você não precisa disso. — Ele sobe pelo meu pescoço com beijos, parando para respirar apenas quando fala. — Eu simplesmente não sei como parar de querer você. Me mande embora que eu vou.

Não mando-o embora. Balanço a cabeça.

— Não consigo.

Viro o rosto em direção ao seu no instante em que alcança minha boca. Agarro sua camisa e o puxo para mim, sabendo exatamente o que estou fazendo comigo mesma. Sei que esta vez não vai terminar de um jeito mais bonito do que as outras, mas continuo querendo com a mesma intensidade. Senão com *mais*.

Ele para e me olha seriamente nos olhos.

— Não consigo dar a você mais do que isso — alerta, baixinho. — Simplesmente não consigo.

Odeio-o por dizer isso, mas também o respeito.

Reajo puxando-o até nossos lábios se encontrarem. Abrimos a boca na mesma hora e nos devoramos completamente. Estamos agitados, nos puxando, gemendo, agarrando a pele um do outro.

Sexo, lembro a mim mesma. É apenas sexo. Nada além disso. Ele não vai me entregar nenhuma outra parte dele.

Posso repetir isso para mim o quanto quiser, mas, ao mesmo tempo, agarro, agarro e agarro tudo o que for possível. Decifrando todos os sons que ele faz, todos os toques, tentando me convencer de que o que ele está me dando é muito mais do que provavelmente é.

Sou uma imbecil.

Pelo menos sei que sou uma imbecil.

Desabotoo sua calça, e ele abre meu sutiã, e, antes mesmo de chegarmos ao quarto, minha blusa já foi tirada. Nossas bocas não se separam enquanto ele fecha a porta e arranca meu sutiã. Empurra-me para a cama e tira minha calça, e depois fica em pé de novo para tirar a sua.

É uma corrida.

Somos Miles e eu contra todo o resto.

Estamos correndo contra nossas consciências, nossos orgulhos, nossos respeitos, contra a verdade. Ele está tentando entrar em mim antes que qualquer uma dessas coisas nos alcance.

Assim que volta para a cama, ele vem para cima de mim e mete em mim.

Vencemos.

Sua boca encontra a minha novamente, mas é tudo o que ela faz. Ele não me beija. Nossos lábios se tocam, e nossas respirações colidem uma contra a outra, e nossos olhos se encontram, mas não há nenhum beijo.

O que nossas bocas estão fazendo é muito mais do que isso. A cada estocada, seus lábios deslizam por cima dos meus, e os olhos ficam mais desejosos, mas ele não me beija nenhuma vez.

Um beijo é bem mais fácil do que o que estamos fazendo. Quando beijamos, fechamos os olhos. Dá para esquecer os próprios pensamentos beijando. Dá para esquecer a dor, a dúvida e a vergonha beijando. Quando fechamos os olhos e beijamos, nos protegemos da vulnerabilidade.

Não estamos nos protegendo.

Estamos nos confrontando. É uma disputa. É um duelo visual. É um desafio, de mim para Miles e de Miles para mim. *Eu desafio você a tentar parar,* gritamos, silenciosamente.

Os olhos continuam focados nos meus o tempo inteiro enquanto ele entra e sai. A cada investida, escuto as palavras de apenas algumas semanas atrás se repetirem na minha cabeça.

É fácil achar que sentimentos e emoções são algo que não são, especialmente quando tem contato visual no meio.

Agora compreendo completamente. Compreendo tão bem que quase queria que fechasse os olhos, porque é bem provável que ele não esteja sentindo o que eles estão mostrando para mim nesse momento.

— É tão gostoso sentir você — sussurra.

As palavras caem dentro da minha boca, forçando gemidos a saírem como resposta. Ele abaixa a mão direita entre nós, fazendo pressão em mim de maneira que normalmente faria minha cabeça cair para trás e os olhos se fecharem.

Desta vez, não. Não vou fugir deste confronto. Especialmente quando ele está olhando bem no fundo dos olhos, desafiando suas próprias palavras.

Apesar de me recusar a ceder, deixo-o saber o efeito que está tendo em mim. É inevitável, pois não tenho controle algum sobre minha voz neste momento. Ela foi possuída por uma garota que acha que quer exatamente isso dele.

— Não pare — digo, com um gemido, ficando mais possuída à medida que o tempo passa e ele continua.

— Não pretendo parar.

Ele faz mais pressão, tanto dentro quanto fora de mim. Agarra minha perna por trás do joelho e a puxa entre nós, encontrando um ângulo levemente

diferente para me penetrar. Segura minha perna firmemente contra o ombro e consegue entrar ainda mais fundo.

— Miles. Ah, meu *Deus*.

Com um gemido, digo seu nome e o de Deus e grito até para Jesus algumas vezes. Começo a estremecer debaixo dele, e não sei qual de nós cedeu primeiro, mas agora estamos nos beijando. Estamos nos beijando com tanta força e intensidade quanto as estocadas que ele dá em mim.

Ele está fazendo barulho. *Estou fazendo mais ainda.*

Estou tremendo. *Ele está tremendo mais ainda.*

Ele está ofegante. *Estou inspirando o suficiente por nós dois.*

Ele investe uma última vez e pressiona seu peso firmemente contra o meu corpo, me prendendo no colchão.

— Tate — murmura meu nome contra minha boca, enquanto o corpo se recupera dos tremores. — *Porra*, Tate. — Ele sai lentamente de dentro de mim e pressiona a bochecha contra meu peito. — Puta merda! — exclama, baixinho. — É tão gostoso. Isso aqui. Nós dois. Gostoso pra cacete.

— Eu sei.

Ele rola para ficar de lado e mantém o braço em cima de mim. Ficamos deitados juntos, em silêncio.

Eu, sem querer admitir que acabei de deixar que me usasse mais uma vez.

Ele, sem querer admitir que não foi somente sexo.

Ambos mentindo para nós mesmos.

— Onde está Corbin? — pergunta.

— Vai chegar mais tarde.

Ele ergue a cabeça e olha para mim, franzindo a testa de preocupação.

— É melhor eu ir. — Rola para fora da cama e coloca a calça de novo. — Passa lá em casa mais tarde?

Faço que sim enquanto me levanto e visto minha própria calça.

— Pegue minha camisa na cozinha — peço.

Coloco o sutiã e prendo o fecho. Ele abre a porta do meu quarto, mas não sai. Fica parado na porta. Está olhando para alguém.

Merda.

Não preciso vê-lo para saber que Corbin está lá fora. Corro imediatamente até a porta para impedir o que quer que esteja prestes a acontecer. Após abri-la mais um pouco, vejo que está na porta do seu quarto do outro lado do corredor, fulminando Miles com o olhar.

Tomo a iniciativa.

— Corbin, antes que diga qualquer coisa...

Ele ergue a mão para que eu cale a boca. Por um instante, seus olhos descem até meu sutiã, e ele faz uma careta, como se estivesse esperando que o que escutou não tivesse mesmo acontecido. Ele desvia o olhar, e eu me cubro imediatamente, envergonhada por ele ter escutado tudo. Olha de novo para Miles, e nos seus olhos há uma mistura equilibrada de raiva e decepção.

— Há quanto tempo?

— Não responda isso, Miles — digo.

Só quero que ele vá embora. Corbin não tem o direito de questioná-lo assim. É ridículo.

— Um tempinho — admite Miles, envergonhado.

Corbin faz que sim lentamente com a cabeça, assimilando a resposta.

— Você a ama?

Miles e eu nos olhamos. Ele olha de volta para Corbin, como se estivesse decidindo a quem quer agradar com a resposta.

Tenho certeza de que vê-lo fazer que não com a cabeça não agrada a nenhum de nós.

— Mas pelo menos pretende amá-la? — questiona Corbin.

Continuo estudando Miles como se alguém estivesse perguntando para ele qual o sentido da vida. Acho que quero ouvir essa resposta mais do que Corbin.

Miles expira e balança a cabeça novamente.

— Não — sussurra ele.

Não.

Sequer *pretende* me amar.

Eu já sabia a resposta dele. Esperava por ela. Ainda assim, fiquei magoada pra cacete. O fato de Miles nem mesmo conseguir mentir para não desapontar Corbin prova que o que está fazendo não é um jogo.

É o próprio *Miles*. Ele não é capaz de amar. Não mais, pelo menos.

Corbin segura o batente da porta e pressiona a testa contra o braço, inspirando lenta e calmamente. Ele olha para Miles, e seus olhos parecem flechas mirando num alvo. Em toda a minha vida, nunca vi Corbin tão furioso.

— Você acabou de comer a minha *irmã*?

Estou esperando Miles cair para trás com o impacto das palavras de Corbin, mas ele dá um passo em sua direção.

— Corbin, ela é adulta.

Meu irmão dá um passo rápido na direção de Miles.

— Saia daqui.

Miles olha para mim com os olhos pesarosos e cheios de arrependimento. Não sei se é por minha causa ou por Corbin, mas ele faz o que Corbin pede.

Vai embora.

Ainda estou na porta do quarto, olhando para Corbin como se eu pudesse sair voando para o outro lado do corredor e bater nele.

Ele lança um olhar penetrante, tão firme quanto sua postura.

— Você não tem uma irmã, Tate. Nem se atreva a me dizer que não tenho o direito de ficar puto.

Ele volta para o quarto e bate a porta.

Pisco rapidamente, contendo lágrimas de raiva por causa de Corbin, de mágoa por causa de Miles e de vergonha por causa das escolhas egoístas que fiz para mim mesma. Recuso-me a chorar na frente de qualquer um deles.

Vou até a cozinha, pego minha camisa e a visto enquanto vou até a porta e atravesso o corredor. Bato à porta de Miles, e ele a abre imediatamente. Olha para trás de mim como se esperasse ver Corbin parado ali, e depois dá um passo para o lado, me deixando entrar.

— Ele vai superar — digo, depois que Miles fecha a porta.

— Eu sei — concorda, baixinho. — Mas não vai mais ser a mesma coisa.

Miles vai até a sala e senta-se no sofá, então o acompanho e me sento ao seu lado. Não tenho nenhum conselho para dar, pois ele tem razão. É muito provável que as coisas mudem entre os dois. Sinto-me um lixo por ser a causa disso.

Miles suspira enquanto puxa minha mão para o colo e entrelaça os dedos nos meus.

— Tate. Desculpe.

Olho para ele, e seus olhos sobem e encontram os meus.

— Pelo quê?

Não sei por que estou fingindo não saber sobre o que ele está falando. Sei exatamente sobre o que está falando.

— Quando Corbin me perguntou se eu tinha a intenção de amá-la — explica. — Me desculpe por não ter conseguido responder que sim. É que eu não queria mentir nem para você e nem para ele.

Balanço a cabeça.

— Você sempre foi honesto a respeito do que queria de mim, Miles. Não posso ficar com raiva por causa disso.

Ele inspira profundamente enquanto se levanta e começa a andar de um lado para o outro da sala. Continuo no sofá e o observo organizar os pensamentos. Miles acaba parando e juntando as mãos atrás da cabeça.

— Também não tinha o direito de questioná-la sobre aquele rapaz. Não deixo que questione a mim ou à minha vida, então não tenho o direito de fazer isso com você.

Não vou discutir com essa lógica.

— Só não sei lidar com essa nossa situação. — Ele aproxima-se de mim, e eu me levanto. Põe os braços ao redor dos meus ombros e me abraça. — Não sei qual a maneira fácil ou educada de dizer isso, mas o que falei para Corbin é a verdade. Nunca mais vou amar ninguém. Acho que não vale a pena. Mas não estou sendo justo com você. Sei que a estou confundindo, sei que a magoei e peço desculpas. É que gosto de ficar com você, mas toda vez que estamos juntos, fico com medo de que você esteja achando que o que temos é mais do que realmente é.

Sei que devia reagir de alguma forma a tudo que ele acabou de dizer, mas ainda estou digerindo suas palavras. Todas aquelas confissões deveriam servir de sinal vermelho, já que foram acompanhadas da dura verdade de que ele não tem a intenção de me amar ou de namorar comigo, mas o sinal vermelho não acende.

O que acende é o verde.

— Sou eu especificamente que não quer amar ou é o amor em geral que não quer sentir?

Ele me afasta do seu peito para me olhar enquanto responde:

— É o amor em geral que não quero, Tate. Nunca. E é você especificamente que apenas... *desejo*.

Eu me apaixono e desapaixono e reapaixono por essa resposta.

Estou tão ferrada. Era para tudo o que ele falou me fazer sair em disparada, mas, em vez disso, fico com vontade de jogar os braços ao seu redor e entregar tudo que estiver disposto a aceitar de mim. Estou mentindo para ele, estou mentindo para mim mesma e não estou fazendo bem a nenhum de nós, mas não consigo controlar minhas palavras.

— Consigo lidar com isso se for algo simples. Quando aprontou aquela merda algumas semanas atrás... de ir embora e bater a porta... aquilo não foi nada simples, Miles. São coisas daquele tipo que complicam a situação.

Ele assente, refletindo sobre o que eu disse.

— Simples — repete, sentindo a palavra na boca. — Se você topa o simples, eu topo o simples.

— Ótimo — concordo. — E, quando ficar difícil demais para algum de nós, terminamos de vez.

— Não tenho medo que isso fique difícil demais para mim. Estou preocupado que talvez fique difícil demais para *você*.

Também estou preocupada comigo, Miles. Mas minha vontade de ficar aqui e agora é bem maior do que a preocupação com o efeito que isso terá em mim no final.

Ao pensar isso, percebo repentinamente qual é a minha única regra. Desde o início, ele teve seus limites, protegendo-se da vulnerabilidade a que me sujeitei.

— Acho que finalmente criei minha regra — conto-lhe, e ele olha para mim, erguendo a sobrancelha e esperando. — Não me dê falsas esperanças sobre o futuro — digo. — Especialmente se seu coração diz que nunca teremos um.

Sua postura se enrijece imediatamente.

— Eu fiz isso? — pergunta, genuinamente preocupado. — Já dei falsas esperanças pra você?

Sim. Uns trinta minutos atrás, quando me olhou nos olhos durante todo o tempo em que estava dentro de mim.

— Não — nego, rapidamente. — Só tome cuidado para não fazer nem dizer nada que me faça achar outra coisa. Se não interpretarmos nada errado, acho que vamos ficar bem.

Ele fica me encarando em silêncio por um tempo, me analisando. Avaliando minhas palavras.

— Não sei se é muito madura para a sua idade ou se está se iludindo.

Dou de ombros, deixando minhas ilusões bem guardadas dentro do peito.

— Tenho certeza de que é uma mistura nada saudável das duas coisas.

Ele pressiona os lábios no lado da minha cabeça.

— É bem bizarro dizer isso em voz alta, mas prometo que nunca vou lhe dar esperança quanto a nós, Tate.

Meu coração se franze com essas palavras, mas o rosto força um sorriso.

— Ótimo. Você tem sérios problemas, e eles meio que me assustam, então vou preferir me apaixonar algum dia por um homem que seja emocionalmente estável.

Ele ri. Deve ser por saber que a probabilidade de encontrar alguém capaz de aturar esse tipo de relacionamento, se é que dá para chamar disso, é

extremamente baixa. No entanto, de algum modo, a única garota que toparia acabou de se mudar para o apartamento vizinho. E ele até gosta dela.

Você gosta de mim, Miles Archer.

***

— Corbin descobriu — digo, enquanto sento-me no lugar de sempre ao lado de Cap.

— Xiii. O garoto ainda está vivo?

Faço que sim.

— Por enquanto. Mas não sei por quanto tempo.

A porta do prédio se abre, e vejo Dillon entrar. Ele tira o chapéu e sacode a chuva do corpo enquanto caminha na direção do elevador.

— Às vezes, eu queria que meus voos terminassem em acidentes — confessa Cap, olhando para Dillon.

Pelo jeito, Cap também não gosta dele. Estou começando a me sentir meio mal por Dillon.

Ele nos avista um pouco antes de chegar aos elevadores. Cap está se movendo na direção do botão para subir, mas Dillon o alcança antes dele.

— Consigo chamar meu próprio elevador, velhote — dispara.

Lembro-me vagamente de pensar em Dillon uns dez segundos atrás e de me sentir mal por ele. Agora, retiro o que pensei.

Dillon olha para mim e pisca.

— O que está fazendo, Tate?

— Lavando elefantes — digo, séria.

Dillon olha para mim confuso, completamente perdido com minha resposta sem sentido.

— Se não quer uma resposta sarcástica — diz Cap —, não faça uma pergunta estúpida.

A porta do elevador se abre, e Dillon revira os olhos para nós dois antes de entrar.

Cap lança um olhar para mim e sorri. Ele ergue a palma da mão, e dou um *high-five* nele.

Capítulo vinte e quatro

MILES

Seis anos antes

— Por que tudo amarelo?
Meu pai está na porta do quarto de Rachel, olhando para as poucas coisas que compramos desde que descobrimos sobre a gravidez.
— Parece que o Garibaldo vomitou aqui.
Rachel ri. Está parada na frente do espelho do banheiro, dando os toques finais na maquiagem. Eu estava deitado na cama, olhando para ela.
— Não queremos saber se é menino ou menina, então compramos coisas de cores neutras.
Rachel responde à pergunta do meu pai como se fosse uma no meio de muitas, mas ambos sabemos que é a primeira. Ele não perguntou nada sobre a gravidez. Não faz nenhuma pergunta sobre nossos planos. Costuma sair do ambiente se Rachel e eu estamos presentes.
Lisa também não está agindo muito diferente disso. Ela ainda não superou o desapontamento nem a tristeza, então não forçamos. Por mim, tudo bem esperar um pouco, então é o que Rachel e eu estamos fazendo.
Neste momento, Rachel só pode conversar sobre o bebê comigo, e eu com ela, e, apesar de parecer pouco, é mais do que o suficiente para nós dois.
— Quanto tempo vai durar a cerimônia? — pergunta meu pai para mim.
— No máximo duas horas.
Ele diz que devemos ir.

Digo que assim que Rachel estiver pronta, nós vamos.
Rachel diz que está pronta.
Nós vamos.

***

— Parabéns — digo para Rachel.
— Parabéns — repete para mim.
Ambos nos formamos três horas atrás. Agora, estamos deitados na minha cama, pensando no nosso próximo passo. Ou, pelo menos, *eu* estou fazendo isso.
— Vamos morar juntos — sugiro.
Ela ri.
— Nós já meio que moramos juntos, Miles.
Balanço a cabeça.
— Sabe o que quero dizer. Sei que já temos planos para depois que começarmos a universidade em agosto, mas acho que deveríamos fazer isso agora.
Ela se apoia no cotovelo e olha para mim, provavelmente tentando ver pela minha expressão se estou falando sério.
— Como? Para onde iríamos?
Estendo o braço para a mesa de cabeceira e abro a gaveta de cima. Tiro a carta e a entrego para ela.
Rachel começa a ler em voz alta.
Caro Sr. Archer,
Ela olha para mim de olhos arregalados.
Parabéns pela sua matrícula de verão. Estamos contentes em informar que seu pedido de domicílio familiar foi processado e aprovado.
Rachel sorri.
Em anexo, há um envelope já carimbado e os documentos finais que precisam ser enviados antes da data indicada no carimbo postal.
Rachel olha para o envelope e analisa rapidamente os documentos em anexo. Ela volta para a carta no topo da pilha.
Aguardamos ansiosamente os formulários preenchidos. Nossas informações para contato estão abaixo, caso tenha alguma pergunta.
Cordialmente,
Paige Donahue, Secretária Acadêmica

Rachel cobre o sorriso com a mão, joga a carta para o lado, inclina-se para a frente e me abraça.

— Podemos nos mudar agora? — exclama.

Amo o entusiasmo tão nítido na sua voz.

Digo que sim. Rachel está aliviada. Sabe tanto quanto eu que as próximas semanas seriam bastante constrangedoras se ficássemos na mesma casa que nossos pais.

— Já pediu para o seu pai?

Digo que ela se esqueceu de que agora somos adultos. Não precisamos mais pedir permissão. Só informar.

Rachel diz que quer informá-los agora.

Seguro a mão dela, vamos até a sala e informamos a nossos pais que vamos nos mudar.

Juntos.

Capítulo vinte e cinco

TATE

Já se passaram algumas semanas desde que Corbin descobriu. Não aceitou a situação e ainda não falou com Miles, mas está começando a se adaptar. Sabe para onde vou nas noites em que saio sem dar explicação, voltando apenas algumas horas depois. Ele não pergunta nada.

Quanto às coisas com Miles, sou eu que estou me adaptando. Precisei me adaptar às regras dele, porque Miles não vai se adaptar de jeito nenhum se elas forem desobedecidas. Aprendi a parar de tentar entendê-lo e a parar de deixar as coisas entre nós ficarem tão tensas. Estamos fazendo exatamente o que topamos no começo, que foi transar.

Transar muito.

Transar no chuveiro. No quarto. No chão. Na mesa da cozinha.

Até agora, nunca dormi na casa dele, e ainda fico magoada ao ver o quanto ele se fecha logo depois que terminamos, mas ainda não descobri uma maneira de dizer não.

Sei que quero muito mais do que ele está me dando, e que ele quer muito menos do que quero dar a ele, mas estamos simplesmente aceitando o que temos agora. Tento não pensar no que vai acontecer no dia em que eu não conseguir mais fazer isso. Tento não pensar em todas as coisas que estou sacrificando por ainda estar envolvida com ele.

Tento não pensar nem um pouco nisso tudo, mas os pensamentos aparecem mesmo assim. Toda noite, antes de dormir, penso nisso. Toda vez que estou tomando banho, penso nisso. Quando estou na aula, na sala, na cozinha, no

trabalho... penso no que vai acontecer quando algum de nós finalmente criar juízo.

— Tate é apelido para alguma coisa? — pergunta Miles.

Estamos na casa dele. Miles acabou de voltar, depois de quatro dias de trabalho, e, apesar de supostamente nosso acordo ser de apenas transarmos, ainda estamos completamente vestidos. Não estamos nos agarrando. Ele está apenas deitado comigo, fazendo perguntas pessoais sobre meu nome, algo que amo bem mais do que todos os outros dias que passamos juntos.

É a primeira vez que ele me faz uma pergunta semipessoal. Odeio que isso tenha me deixado cheia de sentimentos de esperança, e tudo o que ele fez foi me perguntar se Tate é um apelido.

— Tate é meu nome do meio — explico. — Era o sobrenome de solteira da minha avó.

— Qual seu primeiro nome?

— Elizabeth.

— Elizabeth Tate Collins — pronuncia, deixando a voz fazer amor com meu nome. Nunca soou tão bonito quanto agora, saindo da sua boca. — É quase o dobro de sílabas do meu nome. São muitas sílabas.

— Qual o seu nome do meio?

— Mikel. Mas a maioria das pessoas pronuncia errado: "Michael." É irritante.

— Miles Mikel Archer — digo. — Que nome marcante.

Miles apoia-se no cotovelo e olha para mim com uma expressão pacífica. Ele põe meu cabelo atrás da orelha enquanto os olhos percorrem meu rosto.

— Aconteceu alguma coisa interessante essa semana enquanto eu estava no trabalho, Elizabeth Tate Collins?

Há um certo tom brincalhão na voz dele que desconheço, mas é algo de que gosto. É algo de que gosto muito.

— Na verdade, não, Miles Mikel Archer — brinco, sorrindo. — Fiz muitas horas extra.

— Ainda gosta do seu trabalho?

Os dedos estão tocando meu rosto, deslizando pelos lábios, descendo pelo pescoço.

— Gosto sim — respondo. — Você gosta de ser capitão?

Apenas repito as perguntas que me faz. Imagino que, assim, não estou correndo nenhum risco, pois sei que ele só vai responder o tipo de pergunta que

está disposto a fazer.

Miles acompanha a mão com os olhos enquanto solta o botão mais alto da minha camisa.

— Amo meu trabalho, Tate. — Os dedos ocupam-se do segundo botão da minha camisa. — Só não gosto de passar tanto tempo fora, especialmente quando sei que você está bem na frente do meu apartamento. Assim me dá vontade de ficar em casa o tempo inteiro.

Tento me conter, mas não consigo. Suas palavras me fazem arquejar, apesar de provavelmente ser o suspiro mais baixo que já passou pelos lábios de alguém.

Mas ele percebe.

Seus olhos encontram os meus rapidamente, e vejo que ele está querendo voltar atrás. Ele quer retirar o que acabou de dizer, porque havia esperança nessas palavras. Miles não diz coisas desse tipo. Sei que está prestes a pedir desculpas. Vai me lembrar de que ele não é capaz de me amar, de que não era sua intenção me dar falsas esperanças.

Não retire o que disse, Miles. Por favor, deixe-me ficar com isso.

Nossos olhares permanecem presos um ao outro por vários longos segundos. Continuo encarando-o, esperando que volte atrás. Seus dedos ainda estão no segundo botão da minha camisa, mas não tentam mais abri-lo.

Ele foca na minha boca, depois volta para os olhos e retorna para a boca.

— Tate — sussurra.

Pronuncia meu nome tão baixinho que acho que sua boca nem se mexe.

Nem sequer tenho tempo de responder. Sua mão solta o botão da minha camisa e desliza pelo meu cabelo no mesmo instante em que seus lábios encostam fortemente nos meus. Ele joga o corpo para cima do meu, e seu beijo imediatamente se torna intenso. Profundo. Dominador. O beijo está cheio de algo que nunca senti nele antes. Cheio de sentimento. Cheio de *esperança*.

Até esse momento, eu achava que um beijo não passava de um beijo. Não fazia ideia de que beijos podiam ter significados diferentes, nem de que podiam ser tão completamente opostos um do outro. Até agora, sempre senti paixão e desejo e luxúria... mas desta vez é diferente.

Esse beijo é um Miles diferente, e meu coração sabe que se trata do *verdadeiro* Miles. O Miles que costumava ser. O Miles sobre o qual não posso perguntar.

***

Ele sai de cima de mim após terminar.

Fico encarando o teto.

Minha cabeça está cheia de tantas perguntas. Meu coração está cheio de confusão. O que temos nunca foi fácil. Esperava que ficar só no sexo fosse a coisa mais simples do mundo, mas é algo que me faz questionar todas as minhas ações e qualquer palavra que sai da minha boca. Fico analisando cada olhar que ele me lança.

Nem sei o que devo fazer agora. Será que fico deitada aqui até que peça para que eu vá embora? Nunca dormi na casa dele antes. Será que devo rolar para o lado e colocar os braços ao redor dele, esperando que me abrace até pegarmos no sono? Tenho medo demais de ser rejeitada.

Sou uma idiota.

Sou uma garota muito, muito idiota.

Por que não pode ser só sexo para mim também? Por que não posso chegar aqui, dar a ele o que quer, receber o que eu quero e ir embora?

Rolo para o lado e me sento lentamente. Estendo o braço na direção das minhas roupas, levanto e me visto. Ele está me observando. Em silêncio.

Evito olhar para ele até estar completamente vestida e calçando os sapatos. Por mais que eu queira voltar para a cama com ele, vou até a porta. Não me viro ao dizer:

— Até amanhã, Miles.

Vou até a porta. Ele não diz nada. Não me retribui meu "até amanhã", nem me dá tchau.

Espero que seu silêncio seja uma prova de que ele não gostou do que se sente quando o outro simplesmente vira as costas e vai embora.

Abro a porta, atravesso o corredor e entro em casa. Corbin está sentado no sofá, vendo TV. Ele olha para a porta ao me escutar, e lança um olhar condescendente de desaprovação para mim.

— Relaxa — digo, enquanto entro e tiro os sapatos perto da porta. — Vai ter que superar isso algum dia.

Vejo-o balançar a cabeça, mas o ignoro e vou na direção do meu quarto.

— Ele estava transando com você pelas minhas costas e mentindo para mim — resmunga Corbin. — Não vou *superar* isso.

Viro-me novamente para a sala e vejo que Corbin está olhando para mim.

— Você esperava que ele fosse mais aberto sobre isso com você? Meu Deus, Corbin. Você expulsou Dillon daqui só porque o cara *olhou* para mim do jeito errado.

Corbin levanta-se, agora com raiva.

— Exatamente! — grita. — Achei que Miles estivesse protegendo você de Dillon, mas na verdade estava apenas marcando território! É um hipócrita de merda, e vou ficar furioso com ele o tempo que quiser, então *você* que supere isso!

Dou risada, pois Corbin não tem o menor direito de acusar ninguém.

— Está achando graça de quê, Tate? — explode.

Volto para a sala e paro bem na frente dele.

— Miles sempre foi honesto comigo sobre o que quer. Em momento algum veio com papinho furado pra cima de mim. Sou a única garota com quem ele ficou em seis anos, e você está dizendo que *ele* é hipócrita? — Nem tento mais me segurar para não levantar a voz. — É melhor dar uma olhada no espelho, Corbin. Com quantas garotas ficou desde que me mudei pra cá? Quantas delas não têm irmãos que adorariam lhe dar uma surra se descobrissem a seu respeito? Se tem alguém hipócrita aqui, esse alguém é você!

Corbin está com as mãos nos quadris, olhando para mim com uma expressão insensível. Após ver que ficou sem resposta, viro-me para voltar para o meu quarto, mas a porta do apartamento se abre ao mesmo tempo em que alguém bate nela.

Miles.

Corbin e eu nos viramos no instante em que ele coloca a cabeça para dentro.

— Está tudo bem aqui? — indaga, vindo para a sala.

Olho para Corbin, que me fulmina com o olhar. Ergo a sobrancelha, esperando que responda à pergunta de Miles, pois é ele quem está criando problema.

— Você está bem, Tate? — pergunta Miles, falando só comigo agora.

Olho para ele e assinto.

— Estou. Não sou eu que tenho expectativas irreais para o meu irmão.

Corbin grunhe ruidosamente, vira-se e chuta o sofá. Miles e eu o assistimos deslizar as mãos pelo cabelo e segurar firmemente a nuca. Então, vira-se para Miles mais uma vez e expira fortemente.

— Por que não você não podia simplesmente ser gay?

Miles olha para ele com uma concentração cautelosa. Estou esperando que algum deles reaja, para que eu saiba se posso ou não respirar.

Miles começa a balançar a cabeça assim que um sorriso aparece no seu rosto.

Corbin começa a rir, mas grunhe ao mesmo tempo, indicando que acabou de aceitar nosso acordo, apesar de ainda não concordar com ele.

Sorrio e saio silenciosamente do apartamento, esperando que estejam prestes a consertar o que quer que tenha sido destruído quando entrei em cena.

As portas do elevador se abrem na portaria, e estou pronta para sair, mas Cap está parado na frente delas como se estivesse prestes a entrar.

— Estava vindo atrás de mim?

Faço que sim e aponto para cima.

— Corbin e Miles estão se resolvendo lá em cima. Estou deixando que fiquem a sós por um instante.

Cap entra no elevador e pressiona o botão do vigésimo andar.

— Bem, acho que pode me acompanhar até em casa, então — sugere.

Ele segura as barras atrás de si para se apoiar. Fico ao seu lado e me recosto à parede atrás de mim.

— Posso fazer uma pergunta, Cap?

Ele me autoriza com um gesto de cabeça.

— Adoro que me façam perguntas tanto quanto adoro fazê-las.

Olho para meus sapatos, cruzando um pé em cima do outro.

— O que acha que faria um homem não querer amar nunca mais?

Cap não responde à minha pergunta por pelo menos cinco andares, até que ergo o olhar para ele, que me encara e estreita os olhos, fazendo ainda mais rugas surgirem entre eles.

— Acho que, se um homem vivenciasse o lado mais feio do amor, nunca mais iria querer senti-lo novamente.

Penso em sua resposta, mas ela não ajuda muito. Não sei como o amor pode ficar tão feio a ponto de que alguém queira se isolar completamente dele.

As portas do elevador abrem-se no vigésimo andar, e deixo que Cap saia primeiro. Acompanho-o até a porta do seu apartamento e espero ele abri-la.

— Tate. — Ele está de frente para a porta, e não se vira para terminar a frase. — Às vezes, o espírito de um homem simplesmente não é forte o suficiente para aguentar os fantasmas do passado. — Cap abre a porta do apartamento e entra. — Talvez aquele garoto tenha apenas perdido o espírito no meio do caminho.

Ele fecha a porta e me deixa tentando decifrar uma confusão ainda maior.

Capítulo vinte e seis

MILES

Seis anos antes

Agora, meu quarto é o quarto de Rachel. O quarto de Rachel é o meu quarto.
Nós nos formamos. Estamos morando juntos. Estamos na universidade.
Está vendo só? Estamos conseguindo.
Ian traz a última caixa do carro.
— Onde coloco essa? — pergunta.
— O que tem nela? — questiona Rachel.
Ele diz que parece uma caixa cheia de calcinhas e sutiãs. Ela ri e pede que a coloque ao lado da minha cômoda. Ian obedece. Ian gosta de Rachel. Gosta do fato de não estar me impedindo de nada. Ian gosta que ela queira que eu me forme e conclua a escola de aviação.
Rachel quer que eu seja feliz. Digo a Rachel que serei feliz enquanto ela estiver ao meu lado.
Ela me diz:
— Então vai ser feliz para sempre.
Meu pai ainda me odeia. Meu pai não quer me odiar.
Estão tentando aceitar a situação, mas é difícil. É difícil para todos. Rachel não se importa com o que todo mundo pensa. Ela só se importa com o que eu penso, e só penso em Rachel.
Estou aprendendo que não importa o quanto uma situação seja complicada. As pessoas vão aprendendo a se adaptar. Talvez meu pai e a mãe dela não aprovem,

mas vão se adaptar.

Talvez Rachel não esteja pronta para ser mãe, e talvez eu não esteja pronto para ser pai, mas estamos nos adaptando.

É o que precisa acontecer. É algo necessário quando as pessoas querem ficar em paz com elas mesmas.

Vital, até.

***

— Miles.

Adoro quando meu nome sai de sua boca. Ela não o desperdiça. Só o diz quando precisa de alguma coisa. Só o diz quando algo precisa ser dito.

— Miles.

Ela o falou duas vezes.

Deve estar realmente precisando de alguma coisa.

Rolo para o lado, e ela está sentada na cama. Olha para mim, de olhos arregalados.

— Miles. — *Três vezes*. — Miles. — *Quatro*. — Está doendo.

Merda.

Salto da cama e pego nossa bolsa. Ajudo Rachel a trocar de roupa. Ajudo-a a ir até o carro.

Está com medo.

Talvez eu esteja com mais medo do que ela.

Seguro sua mão enquanto dirijo. Instruo-a a respirar. Não sei por que digo isso. Lógico que ela sabe que deve respirar. Não sei mais o que dizer para ela.

Sinto-me inútil.

Talvez queira sua mãe.

— Quer que eu ligue para eles?

Ela balança a cabeça.

— Ainda não. Depois.

Quer que sejamos apenas nós dois. Gosto disso. Também quero que sejamos apenas nós.

Uma enfermeira a ajuda a sair do carro. Somos levados para um quarto. Pego para Rachel tudo do que ela precisa.

— Precisa de gelo?

Pego para ela.

— Quer um pano frio?

Pego para ela.

— Quer que eu desligue a TV?

Desligo-a.

— Quer mais um cobertor, Rachel? Parece estar com frio.

Não pego um cobertor. Ela não está com frio.

— Quer mais gelo?

Ela não quer mais gelo.

Quer que eu cale a boca.

Calo a boca.

— Me dê sua mão, Miles.

Dou.

Quero minha mão de volta.

Ela está machucando-a.

Deixo-a ficar com ela mesmo assim.

Ela está em silêncio. Não faz nenhum barulho. Apenas respira. Ela é incrível.

Estou chorando. Não sei por quê.

Amo você pra caralho, Rachel.

O médico diz que está quase no fim. Beijo-a na testa.

Então acontece.

Sou pai.

Ela é mãe.

— É um menino — diz o médico.

Ela o está segurando. Está segurando meu coração.

Ele para de chorar. Tenta abrir os olhos.

Rachel chora.

Rachel ri.

Rachel me agradece.

Rachel *me* agradece. Como se não tivesse sido ela quem criou o bebê.

Rachel é maluca.

— Eu o amo tanto, Miles — diz, ainda chorando. — Eu o amo tanto, tanto.

— Eu também o amo — digo para ela.

Toco nele. Quero segurá-lo, mas quero mais ainda que ela o segure. Fica linda com ele no colo.

Rachel olha para mim.

— Pode me contar o nome dele agora, por favor?

Estava querendo que fosse um menino para que eu tivesse esse momento. Estava querendo ter a oportunidade de contar a ela o nome de seu filho, porque sei que vai amar.

Espero que se lembre do momento em que

ela

se

tornou

meu

tudo.

Miles vai acompanhá-la até a sala do Sr. Clayton, Rachel.

— O nome dele é Clayton.

Ela cai aos prantos.

Ela se lembra.

— É perfeito — diz, com as palavras misturadas às lágrimas.

Agora, está chorando demais. Ela quer que eu o segure.

Sento na cama com ela e pego o bebê.

Estou segurando-o.

Estou segurando meu filho.

Rachel encosta a cabeça no meu braço, e ficamos encarando o bebê. Ficamos encarando-o por muito tempo. Digo para Rachel que ele tem o cabelo ruivo dela. Rachel diz que ele tem meus lábios. Digo para Rachel que espero que ele tenha a personalidade dela. Ela discorda e diz que espera que ele seja igual a mim.

— A vida fica bem melhor com ele — diz ela.

— Com certeza.

— Temos tanta sorte, Miles.

— Com certeza.

Rachel aperta minha mão.

— Vamos conseguir — sussurra Rachel.

— Vamos conseguir *mesmo*.

Clayton boceja, o que nos faz rir.

Desde quando um bocejo se tornou algo tão incrível?

Toco os dedinhos dele.

Nós amamos tanto você, Clayton.

Capítulo vinte e sete

TATE

Sento-me na cadeira ao lado de Cap, ainda de uniforme médico dos pés à cabeça. Assim que cheguei do trabalho, passei duas horas estudando. Já são mais de dez da noite e ainda não jantei, e é por isso que agora estou ao lado de Cap, porque está começando a conhecer meus hábitos e pediu uma pizza para nós dois.

Entrego um pedaço a ele, pego um para mim, fecho a tampa e coloco a caixa no chão à minha frente. Dou uma mordida enorme na pizza, mas Cap está encarando o pedaço em sua mão.

— É muito triste quando a pizza chega na sua casa mais rápido do que a polícia — comenta. — Acabei de pedir isso faz dez minutos.

Ele dá uma mordida e fecha os olhos como se fosse a melhor coisa que já comeu.

Terminamos nossas fatias, e estendo o braço para pegar outra. Ele balança a cabeça quando ofereço-o uma segunda fatia, então a guardo de volta na caixa.

— E aí? Algum progresso entre o garoto e o amigo dele?

Acho engraçado ele se referir constantemente a Miles como *o garoto*. Assinto e respondo com a boca cheia.

— Mais ou menos. Eles tiveram uma noite de jogo bem-sucedida, mas acho que isso só aconteceu porque Miles ficou o tempo inteiro fingindo que eu não estava lá. Sei que está tentando respeitar Corbin, mas acabo me sentindo uma merda no meio da história, sabe?

Cap faz que sim como se compreendesse. Não sei se ele compreende mesmo, mas gosto do fato de sempre me escutar atentamente mesmo assim.

— É óbvio que me mandou mensagens sem parar enquanto estava na sala sentado ao lado de Corbin, então pelo menos é alguma coisa. Mas depois tem semanas como essa em que nem sequer estamos no mesmo estado, e é como se eu não existisse para ele. Nenhuma mensagem. Nenhuma ligação. Tenho certeza de que ele só pensa em mim quando estou a menos de 3 metros de distância.

Cap balança a cabeça.

— Duvido. Acho que aquele garoto pensa bem mais em você do que demonstra.

Até gostaria de acreditar nessas palavras, mas não tenho tanta certeza de que são verdadeiras.

— Mas, se não pensar — completa Cap —, você não pode ficar com raiva dele. Não era parte do acordo, certo?

Reviro os olhos. Odeio o fato de sempre mencionar que não é Miles quem está quebrando as regras ou acordos. Sou eu que tenho problemas com o que concordamos, e a culpa disso é toda minha.

— Como me meti nessa confusão? — pergunto, sem ao menos precisar de uma resposta.

Sei como me meti nessa confusão. Também sei como sair dela... só não quero fazê-lo.

— Já escutou aquela expressão "quando a vida te der limões"...

— Faça uma limonada — digo, terminando a frase dele.

Cap olha para mim e balança a cabeça.

— Não é assim. Quando a vida te der limões, é melhor saber nos olhos de quem você precisa espremê-los.

Rio, pego outra fatia de pizza e me pergunto como diabos um octogenário acabou virando meu melhor amigo.

***

O telefone de Corbin nunca toca. Especialmente depois da meia-noite. Saio das cobertas, pego uma camisa e a visto pela cabeça. Não sei por que me dei ao trabalho de me vestir. Corbin está viajando, e Miles só volta amanhã.

Vou até a cozinha no quinto toque, logo antes da secretária eletrônica atender. Cancelo a mensagem e encosto o telefone no ouvido.

— Alô?

— Tate! — exclama minha mãe. — Meu Deus, Tate.

A voz dela está em pânico, o que imediatamente me deixa em pânico.

— O que aconteceu?

— Um avião. Um avião caiu há meia hora, e não consigo falar com a companhia aérea. Você falou com seu irmão?

Meus joelhos caem no chão.

— Tem certeza que era a companhia dele? — pergunto.

Minha voz está tão apavorada que nem a reconheço. Parece tão apavorada quanto a dela da última vez em que isso aconteceu.

Tinha apenas 6 anos, mas lembro de todos os detalhes, como se tivesse acontecido ontem, até mesmo do pijama de estrelas e luas que eu estava vestindo. Meu pai estava num voo doméstico, e tínhamos ligado a TV no jornal logo após o jantar, e vimos que um dos aviões tinha caído devido a uma falha no motor. Todos a bordo morreram. Lembro-me de ver minha mãe ao telefone com a companhia aérea, histérica, tentando descobrir quem era o piloto. Tivemos a informação de que não era ele em no máximo uma hora, mas foi uma das horas mais apavorantes das nossas vidas.

Até agora.

Corro até o quarto, pego o celular na mesa de cabeceira e disco o número dele imediatamente.

— Já tentou ligar para ele? — pergunto, enquanto volto para a sala.

Tento chegar até o sofá, mas por alguma razão, o chão parece mais tranquilizante. Ajoelho-me novamente, quase como se estivesse rezando.

Acho que é o que estou fazendo.

— Sim, não paro de ligar para ele. Só dá caixa postal.

É uma pergunta idiota. É lógico que ela tentou ligar para ele. Tento outra vez mesmo assim, mas vai direto para a caixa postal.

Tento tranquilizá-la, mas sei que não adianta. Até escutarmos a voz dele, não vai adiantar tentar tranquilizar ninguém.

— Vou ligar para a companhia — digo. — Ligo de volta se souber de algo.

Minha mãe nem sequer se despede.

Uso o telefone de casa para ligar para a companhia aérea, e o celular para ligar para Miles. É a primeira vez que ligo para ele.

Rezo para que atenda, porque, por mais que esteja morrendo de medo por Corbin, também estou pensando que Miles trabalha para a mesma companhia.

Estou nauseada.

— Alô? — atende Miles, no segundo toque.

A voz parece hesitante, como se não soubesse por que estou ligando.

— Miles! — digo, tanto agitada quanto aliviada. — Ele está bem? Corbin está bem?

Há uma pausa.

Por que há uma pausa?

— Como assim?

— Um avião — respondo, imediatamente. — Minha mãe me ligou. Aconteceu um acidente de avião. Ele não está atendendo ao celular.

— Onde você está? — pergunta, depressa.

— Em casa.

— Deixe-me entrar.

Vou até a porta e a destranco. Ele empurra a porta, ainda com o telefone no ouvido. Ao me ver, afasta o telefone, corre imediatamente até o sofá, pega o controle remoto e liga a TV.

Muda de canal até encontrar o noticiário. Disca números no celular, vira-se e corre até mim. Segura minha mão.

— Vem aqui. — Puxa-me para perto. — Tenho certeza de que ele está bem.

Faço que sim contra o peito dele, mas não adianta tentar me tranquilizar.

— Gary? — diz ele, quando alguém atende. — É Miles. Sim. Sim, eu soube. Quem estava na tripulação?

Há uma longa pausa. Estou morrendo de medo de olhar para ele. *Morrendo.*

— Obrigado. — Desliga. — Ele está bem, Tate — avisa-me imediatamente. — Corbin está bem. Ian também.

Caio aos prantos de tanto alívio.

Miles acompanha-me até o sofá, senta-se e me puxa para perto. Tira meu celular das minhas mãos e aperta vários botões antes de colocar o aparelho no ouvido.

— Oi, é Miles. Está tudo bem com Corbin. — Ele para de falar por alguns segundos. — Sim, ela está bem. Vou avisá-la para ligar pra você pela manhã. — Mais alguns segundos se passam, e ele se despede, então coloca o celular ao lado dele no sofá. — Sua mãe.

Assinto. Eu já sabia.

E esse simples gesto de ligar para minha mãe faz com que me apaixone ainda mais.

Agora, está beijando o topo da minha cabeça, massageando meu braço para me tranquilizar.

— Obrigada, Miles — digo para ele.

Miles não responde *de nada*, porque não acha que fez algo que mereça agradecimento.

— Você os conhecia? A equipe que estava a bordo?

— Não. Eram de um ponto diferente. Não reconheci os nomes.

Meu telefone vibra, então Miles o devolve para mim. Olho para o aparelho, e é uma mensagem de Corbin.

> Corbin: Se tiver ouvido falar do avião, só quero que saiba que estou bem. Liguei para a sede, e Miles também está bem. Por favor, avise a mamãe se ela souber. Amo você.

Receber a mensagem dele me deixa ainda mais aliviada, pois agora tenho cem por cento de certeza de que ele está bem.

— É uma mensagem de Corbin. Disse que você está bem. Caso estivesse preocupado.

Miles ri.

— Então ele conferiu se eu estava bem? — comenta, sorrindo. — Sabia que não iria conseguir me odiar para sempre.

Sorrio. Adoro que Corbin tenha me avisado que Miles estava bem.

Miles continua me abraçando, e aproveito cada segundo.

— Quando é que ele volta pra casa?

— Daqui a dois dias. Há quanto tempo chegou?

— Há dois minutos — diz ele. — Tinha acabado de colocar o telefone no carregador quando você ligou.

— Fico feliz que tenha voltado.

Ele não responde. Não me diz que também acha bom *estar* de volta. Em vez de falar algo que me dê falsas esperanças, simplesmente me beija.

— Sabe — brinca, puxando-me para o colo. — Odeio as circunstâncias que fizeram com que provavelmente não tivesse tempo de colocar uma calça, mas adoro o fato de você estar sem calça.

Suas mãos sobem pelas minhas coxas, e ele me puxa mais para perto até ficarmos grudados. Beija a ponta do meu nariz, depois meu queixo.

— Miles? — Passo as mãos pelo cabelo dele, descendo pelo pescoço e parando nos ombros. — Eu também estava com medo que tivesse sido você — sussurro. — Por isso fiquei feliz por você estar de volta.

Surge uma ternura em seus olhos, e as rugas entre eles desaparecem. Talvez eu não saiba nada sobre seu passado ou sua vida, mas é óbvio que não deixei de perceber que não ligou para ninguém para avisar que está bem. O que me deixa triste por ele.

Os olhos desviam dos meus e param no meu peito. Ele passa o dedo na parte inferior da minha camisa e a puxa lentamente pela minha cabeça. Agora, estou apenas de calcinha.

Miles inclina-se para a frente, põe os braços ao redor das minhas costas e me puxa contra a boca. Seus lábios fecham delicadamente ao redor do meu mamilo, e meus olhos se fecham involuntariamente. Arrepios irrompem na minha pele enquanto as mãos começam a explorar cada parte das minhas costas e coxas. Sua boca vai até meu outro seio ao mesmo tempo em que a mão desliza para dentro da calcinha na altura do quadril.

— Acho que vou ter que arrancar isso do seu corpo, porque não quero tirar você do meu colo de jeito nenhum — diz ele.

Sorrio.

— Por mim tudo bem. Tem mais de onde essa veio.

Sinto-o sorrir contra minha pele enquanto as mãos puxam o elástico da calcinha. Ele puxa-a para um lado, mas não consegue arrancá-la. Tenta rasgar do outro lado para tirá-la de mim, mas nada cede.

— Assim a calcinha está entrando na minha bunda — digo, rindo.

Ele suspira, frustrado.

— Isso é sempre tão mais sexy na TV.

Ajeito minha posição, sentando-me com a coluna mais ereta.

— Tente de novo — incentivo-o. — Você consegue, Miles.

Ele agarra o lado esquerdo da calcinha e puxa com força.

— Ai! — grito, indo na direção da puxada para amenizar a dor do elástico se enterrando no meu quadril direito.

Ele ri de novo e encosta o rosto no meu pescoço.

— Desculpe. Você não tem uma tesoura?

Faço uma careta só de pensar na ideia de Miles se aproximando de mim com uma tesoura. Saio de cima dele, levanto e puxo a calcinha para baixo, chutando-a para longe.

— Vê-la fazer isso compensou completamente minha tentativa frustrada de ser sexy.

Sorrio.

— E sua tentativa frustrada de ser sexy *deixou* você ainda mais sexy.

Meu comentário faz com que ele ria de novo. Vou até ele e volto para seu colo. Ele me reposiciona para que eu fique sentada nele mais uma vez.

— Você se excita com meus fracassos? — pergunta, num tom provocador.

— Muito — murmuro. — É *tão* sexy.

Suas mãos estão em mim mais uma vez, percorrendo as costas e descendo pelos braços.

— Você teria ficado fascinada por mim quando eu tinha entre 13 e 16 anos. Fracassei em praticamente tudo. Especialmente no futebol americano.

Sorrio.

— Agora sim ficou interessante. Conte-me mais.

— Baseball — continua, logo antes de pressionar a boca no meu pescoço e subir até minha orelha com beijos. — E um semestre de geografia mundial.

— Puta merda — digo, gemendo. — Isso sim é sexy.

Ele move os lábios até minha boca e me puxa para um leve beijo, mal roçando-a na minha.

— Também fracassei nos beijos. Terrivelmente. Uma vez, quase fiz uma garota engasgar com a língua.

Dou risada.

— Quer que eu mostre como foi?

Assim que concordo, ele muda nossa posição no sofá para que eu fique deitada de costas, com ele sobre mim.

— Abra a boca.

Obedeço. Ele abaixa a boca até a minha e enfia a língua lá dentro, dando-me muito possivelmente o pior beijo da minha vida. Empurro o peito dele, tentando tirar sua língua da minha boca, mas ele não se mexe. Viro o rosto para a esquerda, e ele começa a lamber minha bochecha, fazendo com que eu ria ainda mais.

— Meu Deus, isso foi péssimo, Miles!

Ele afasta a boca e se deita em cima de mim.

— Eu melhorei.

Faço que sim.

— Com certeza — digo, com sinceridade.

Nós dois estamos sorrindo. O olhar relaxado no seu rosto me enche de tantas emoções que não consigo nem começar a especificá-las. Estou feliz porque estamos nos divertindo juntos. Estou triste porque estamos nos divertindo juntos. Estou com raiva porque estamos nos divertindo juntos e quero muito mais disso. Muito mais dele.

Ficamos nos encarando em silêncio até ele abaixar a cabeça lentamente, depositando um longo beijo nos meus lábios. Começa a dar leves beijos por toda a minha boca, até que fiquem mais longos e intensos. Após um tempo, sua língua separa meus lábios, e o jeito brincalhão desaparece.

Agora é algo bem sério, com nossos beijos ficando mais apressados, e suas roupas começando a se juntar às minhas no chão, peça por peça.

— No sofá ou na sua cama? — sussurra.

— Nos dois — respondo.

Ele acata.

***

Peguei no sono na minha cama.

Ao lado de Miles.

Nunca antes algum de nós pegou no sono depois. Alguém sempre vai embora. Por mais que esteja tentando me convencer de que isso não significa nada, sei que significa. Toda vez que estamos juntos, consigo algo a mais dele. Seja uma espiada no seu passado, ou o tempo que passamos sem transar, ou até mesmo o tempo que passamos dormindo, ele tem me entregado cada vez mais de si, aos pouquinhos. É algo que acho bom e ruim. É bom porque quero muito mais dele e preciso de muito mais dele, então cada pedacinho que ganho é o suficiente para me satisfazer quando começo a me preocupar com tudo que *não* ganho dele. Mas também é ruim porque toda vez que consigo um pouco a mais dele, outra parte sua fica mais distante. Dá para ver em seus olhos. Está preocupado achando que está me dando esperança, e tenho medo de que ele acabe simplesmente se afastando para valer.

Tudo o que tenho com Miles vai desmoronar de uma vez.

É inevitável. Ele é muito inflexível com as coisas que não quer da vida, e estou começando a entender quão sério ele realmente é. Logo, por mais que tente proteger meu coração de Miles, é inútil. Ele vai quebrá-lo em algum momento, e,

mesmo assim, continuo permitindo que ele o preencha. Sempre que estou com Miles, ele preenche meu coração mais e mais, e, quanto mais se infla de pedaços dele, mais doloroso vai ser quando Miles arrancá-lo do meu peito como se seu lugar de direito nunca houvesse sido ali.

Escuto seu telefone vibrar e sinto-o rolar para o lado e pegá-lo na mesa de cabeceira. Acha que estou dormindo, então não dou nenhum motivo para que pense o contrário.

— Oi — sussurra ele. Há uma longa pausa, e começo a ficar tensa, perguntando-me com quem ele estaria falando. — Sim, desculpe. Deveria ter ligado. Imaginei que estivesse dormindo.

Agora, meu coração está preso na garganta, rastejando para cima, tentando escapar de Miles e de mim e de toda essa situação. Meu coração sabe que está em apuros pela minha reação à ligação. Acabou de entrar no modo lutar ou fugir, e agora está fazendo todo o possível para fugir.

Não culpo meu coração nem um pouco.

— Também amo você, pai.

Meu coração desliza garganta abaixo e reencontra seu lugar de sempre no meu peito. Está feliz por enquanto. *Eu* estou feliz. Feliz por ele ter alguém para quem ligar.

No mesmo instante, também me lembro do quanto não o conheço. Do quanto ele não me mostra. Do quanto esconde de mim, para que, quando eu enfim me despedaçar, a culpa não seja dele.

E também não vai ser uma separação rápida. Vai ser lenta e dolorosa, repleta de muitos momentos como este que me destroem de dentro para fora. Momentos em que pensa que estou dormindo e sai da minha cama. Momentos em que continuo de olhos fechados, mas o escuto se vestir. Momentos em que me asseguro de que minha respiração esteja regular, caso ele esteja prestando atenção quando se inclina e me beija na testa.

Momentos em que ele vai embora.

Porque ele sempre vai embora.

Capítulo vinte e oito

MILES

Seis anos antes

— E se ele for gay? — pergunta Rachel. — Você se incomodaria?
Ela está segurando Clayton, e ambos estamos sentados na cama do hospital.
Estou na beirada, olhando para ela, observando-a encará-lo.
Não para de me fazer perguntas aleatórias. De fazer o papel de advogada do diabo mais uma vez.
Ela diz que precisamos cuidar dessas coisas agora para não termos problemas ao criá-lo no futuro.
— Só me incomodaria se achasse que não pode conversar conosco sobre isso.
Quero que saiba que pode conversar conosco sobre tudo.
Rachel sorri para Clayton, mas sei que o sorriso dela é para mim.
Porque amou minha resposta.
— E se ele não acreditar em Deus?
— Pode acreditar no que quiser. Só quero que as crenças dele, ou a falta de uma crença, o deixem feliz.
Ela sorri de novo.
— E se cometer um crime terrível, abominável e frio, e pegar prisão perpétua?
— Eu me perguntaria onde errei como pai — digo a ela, que olha para mim.
— Bem, com base nesse interrogatório, estou convencida de que ele nunca vai cometer nenhum crime, porque você já é o melhor pai que já conheci.
Agora ela está *me* fazendo sorrir.

Ambos olhamos para a porta quando esta se abre, e uma enfermeira entra. Ela abre um sorriso pesaroso.

— Está na hora — avisa.

Rachel grunhe, mas não faço ideia do que a enfermeira esteja falando. Rachel vê a confusão no meu rosto.

— A circuncisão dele.

Sinto um aperto na barriga. Sei que discutimos isso durante a gravidez, mas agora estou repensando, pois sei o que vão fazer.

— Não é tão ruim assim — explica a enfermeira. — Anestesiamos ele primeiro.

Ela vai até Rachel e começa a tirá-lo dos braços dela, mas me inclino para a frente.

— Espere — peço-lhe. — Deixe-me segurá-lo um pouco.

A enfermeira dá um passo para trás, e Rachel entrega Clayton para mim. Puxo-o até o rosto e olho para ele.

— Desculpe mesmo, Clayton. Sei que vai doer e sei que vai mexer com sua masculinidade, mas...

— Ele só tem um dia — interrompe Rachel, com uma risada. — Mal tem qualquer masculinidade.

Peço para que fique quieta. Digo que é um momento entre pai e filho, e que ela precisa fingir que não está aqui.

— Não se preocupe, sua mãe saiu do quarto — digo para Clayton, piscando para Rachel. — Como eu estava dizendo, sei que vai mexer com sua masculinidade mas depois você vai me agradecer por isso. Especialmente quando for mais velho e se envolver com garotas. Espero que só seja depois dos 18 anos, mas é muito provável que seja com uns 16. Pelo menos comigo foi assim.

Rachel inclina-se para a frente e estende os braços para ele.

— Já basta de momento pai e filho — diz, rindo. — Acho que precisamos repensar os limites dessas conversas de vocês dois enquanto mexem com a masculinidade dele.

Dou um rápido beijo na testa de Clayton e o devolvo para Rachel. Ela o beija também, e o entrega à enfermeira. Ficamos observando-a sair do quarto com ele.

Olho para Rachel e engatinho na direção dela até deitar do seu lado.

— Estamos sozinhos — sussurro. — Vamos nos agarrar.

Ela faz uma careta.

— Não estou me sentindo muito sexy nesse momento — explica. — Minha barriga está flácida, meus seios estão inchados e preciso muito de um banho, mas

tentar tomar banho dói demais.

Olho para o peito dela e puxo a gola da sua roupa hospitalar. Dou uma espiada dentro da camisa e sorrio.

— Por quanto tempo eles vão ficar assim?

Ela ri e afasta minha mão.

— Bem, e sua boca, como está? — pergunto.

Ela me olha como se não tivesse entendido minha pergunta, então explico:

— Queria somente saber se a sua boca está doendo como o resto do seu corpo, porque se não estiver, quero beijá-la.

Ela sorri.

— Minha boca está ótima.

Apoio-me no cotovelo para que ela não tenha que rolar na minha direção. Olho para ela, e vê-la debaixo de mim dessa vez parece diferente.

Parece *real*.

Até ontem, realmente parecia que estávamos brincando de casinha. É inegável que nosso amor é real e o nosso relacionamento é real. No entanto, até vê-la dando a vida ao meu filho, na véspera, tudo o que eu sentia era como uma brincadeira de criança em comparação ao que sinto por ela agora.

— Amo você, Rachel. Mais do que amava ontem.

Seus olhos me encaram como se ela soubesse exatamente do que estou falando.

— Se está me amando mais hoje do que me amava ontem, não vejo a hora de chegar amanhã.

Meus lábios descem até os seus, e beijo-a. Não porque é o que devo fazer, mas porque é o que preciso fazer.

***

Estou do lado de fora do quarto de Rachel. Ela e Clayton estão lá dentro, cochilando.

A enfermeira disse que ele quase não chorou. Tenho certeza de que ela diz isso para todos os pais, mas acredito nela mesmo assim.

Envio uma mensagem para Ian.

Eu: Cortaram a coisinha dele algumas horas atrás. Tirou de letra.

Ian: Ai. Vou conhecê-lo hoje à noite. Chego aí depois das sete.
Eu: Até mais tarde.

Meu pai está se aproximando de mim com dois cafés nas mãos, então guardo o celular no bolso de trás.

Entrega um dos cafés para mim.

— Ele parece com você.

Está tentando aceitar a situação.

— Bem, eu sou a sua cara — digo. — Um brinde aos genes fortes.

Ergo o café, e meu pai encosta o dele no meu, sorrindo.

Está tentando.

Ele se encosta na parede em busca de apoio e olha para o café. Quer dizer alguma coisa, mas está achando difícil.

— O que foi? — pergunto, dando-o a abertura de que precisa.

Ele ergue os olhos do café e os fixa em mim.

— Estou orgulhoso de você — diz, com sinceridade.

É uma afirmação simples.

Quatro palavras.

As quatro palavras mais marcantes que já escutei.

— Obviamente não é o que eu queria pra você. Ninguém quer ver o próprio filho virando pai aos 18 anos, mas... estou orgulhoso de você. Da maneira como lidou com a situação. Como tratou Rachel. — Ele sorri. — Fez o melhor possível numa situação difícil, e, sinceramente, foi mais do que a maioria dos adultos faria.

Sorrio. Agradeço.

Fico achando que a conversa acabou, mas não.

— Miles — diz ele, querendo falar algo a mais. — Sobre Lisa... e sua mãe.

Levanto a mão, sinalizando para que não continue. Não quero ter essa conversa agora. Não quero que esse dia se torne a justificativa dele pelo que fez com minha mãe.

— Tudo bem, pai. Nós conversamos sobre isso em outro momento.

Ele me diz que não. Que precisa discutir isso .

Diz que é importante.

Quero dizer para ele que não é importante.

Quero dizer para ele que Clayton é importante.

Quero focar em Clayton e Rachel e esquecer tudo a respeito do fato de que meu pai é humano e que faz escolhas péssimas, assim como todo o resto de nós.

Mas não digo nada disso.

Escuto.

Porque ele é meu pai.

Capítulo vinte e nove

TATE

Miles: O que está fazendo?
Eu: Dever de casa.
Miles: Está a fim de ir nadar?
Eu: ??? Estamos no inverno.
Miles: A piscina da cobertura é aquecida. Só vão fechá-la daqui a uma hora.

Fico encarando a mensagem e depois olho imediatamente para Corbin.

— Tem uma piscina na cobertura?

Corbin assente, mas não desvia os olhos da TV.

— Tem.

Endireito a postura.

— Está brincando? Moro aqui há um tempão e você não me disse que tem uma piscina aquecida na cobertura?

Agora ele olha para mim e dá de ombros.

— Odeio piscina.

Argh. Poderia dar um tapa nele.

Eu: Corbin nunca me falou da piscina. Vou trocar de roupa e apareço aí.
Miles: ;)

***

Assim que fecho a porta do apartamento dele, percebo que não bati antes de entrar. Sempre bato. Achei que era suficiente avisar na mensagem que iria para a casa dele depois de trocar de roupa, mas, pela maneira como Miles está me encarando da porta do quarto, parece que não gostou de eu não ter batido.

Paro na sala e olho para ele, esperando para ver como anda seu humor hoje.

— Você está de biquíni.

Olho para minha roupa.

— E de short — acrescento, na defensiva, e olho de volta para ele. — O que é que as pessoas devem vestir quando vão nadar no meio do inverno?

Ele ainda está congelado na porta, encarando minha roupa. Dobro a toalha por cima dos braços e da barriga. De repente, passei a me sentir extremamente constrangida e malvestida.

Ele balança a cabeça e finalmente começa a se aproximar.

— É só que... — Ele ainda está encarando meu biquíni. — Espero que não tenha mais ninguém lá em cima, porque se estiver com esse biquíni, vou passar a maior vergonha com essa bermuda aqui.

Ele olha para a própria bermuda. E para o volume nítido no meio delas.

Dou risada. Então ele *gostou* do biquíni.

Dá mais um passo para a frente e desliza as mãos até a parte de trás do meu short, puxando-me contra ele.

— Mudei de ideia — diz, sorrindo. — Quero ficar aqui.

Balanço a cabeça imediatamente.

— Eu vou nadar — afirmo. — Pode ficar aqui se quiser, mas vai ficar sozinho.

Então, Miles me beija e me empurra na direção da porta.

— Então acho que vou nadar também.

***

Miles coloca a senha para entrarmos na cobertura e abre a porta para mim. Fico aliviada ao ver que não tem mais ninguém ali, e encantada com o visual de tirar o fôlego. É uma piscina infinita com vista para a cidade e espreguiçadeiras por toda a lateral até a outra extremidade, onde há uma hidromassagem ligada a ela.

— Não acredito que vocês dois nem pensaram em comentar comigo que isso aqui existia — protesto. — Todos esses meses sem aproveitar.

Miles pega minha toalha e a coloca numa das mesas ao redor da piscina, então volta até mim e põe as mãos no botão do meu short.

— Na verdade, é a primeira vez que venho aqui. — Ele abre o zíper do meu short e o empurra pelos meus quadris. Seus lábios estão próximos dos meus, e há uma expressão brincalhona no seu rosto. — Vamos — sussurra. — Vamos nos jogar.

Tiro o short na mesma hora em que ele tira a camisa. O ar está incrivelmente frio, mas o vapor que sobe da água é promissor. Vou até a extremidade rasa para descer os degraus, e Miles mergulha de cabeça na extremidade funda da piscina. Piso dentro dela, e meus pés são engolidos pelo calor da água, então desço o resto rapidamente. Vou na direção do centro da piscina, ando até a beira e apoio os braços na borda de concreto com vista para a cidade.

Miles chega nadando por trás de mim e me cerca ao pressionar o peito nas minhas costas, colocando as mãos nos dois lados da borda. Ele recosta a cabeça à minha enquanto apreciamos a vista.

— É lindo — sussurro.

Ele não diz nada.

Ficamos observando a cidade em silêncio pelo que parece uma eternidade. De vez em quando, ele faz uma concha com as mãos e coloca água nos meus ombros para aquecê-los e espantar meus calafrios.

— Sempre morou em São Francisco? — pergunto.

Viro-me para me encostar na borda e ficar de frente para ele. Miles mantém os braços nas laterais do meu corpo e assente.

— Perto daqui — afirma, ainda olhando para a cidade por cima do meu ombro.

Quero perguntar onde morou, mas não o faço. Dá para perceber por sua linguagem corporal que ele não quer falar sobre si mesmo. Ele nunca quer falar sobre si mesmo.

— Você é filho único? — pergunto, tentando ver o quanto vou conseguir. — Algum irmão ou irmã?

Agora ele me olha nos olhos. Os lábios estão formando uma linha firme e agitada.

— O que está fazendo, Tate?

Ele não fala de um jeito rude, mas sua pergunta não tem como ser interpretada de outra maneira.

— Só puxando papo — digo.

Minha voz está calma e parece ofendida.

— Tem muitos assuntos melhores do que eu.

Mas só quero saber sobre você, Miles.

Faço que sim com a cabeça, entendendo que, apesar de tecnicamente não estar quebrando as regras dele, estou contornando-as. Ele não se sente muito à vontade com isso.

Viro-me novamente para a borda da piscina. Ele ainda está na mesma posição, pressionado contra mim, mas agora é diferente. Está rígido. Resguardado. Defensivo.

Não sei nada sobre ele. Não sei absolutamente nada sobre sua família, e ele já conhece a minha. Não sei absolutamente nada sobre o seu passado, mas ele dormiu na minha cama de infância. Não sei quais são os assuntos que menciono nem as ações que tomo que o fazem se isolar, mas não tenho nada a esconder dele.

Ele enxerga exatamente quem sou.

Eu não enxergo *nada* nele.

Rapidamente, levanto a mão e enxugo uma lágrima que, por alguma razão, acabou de escapar e escorrer pela minha bochecha. A última coisa que quero é que me veja chorar. Por mais que já esteja envolvida demais para continuar tratando isso como sexo casual, também já estou envolvida demais para acabar com tudo. Morro de medo de perdê-lo de vez, então deixo que não me dê valor e aceito o que posso, apesar de saber que mereço mais.

Miles põe a mão no meu ombro e me vira para ele. Quando prefiro ficar olhando para a água, ele põe o dedo debaixo do meu queixo e me faz encará-lo. Permito que ele vire meu rosto para o seu, mas não faço contato visual. Olho para cima e para a direita, tentando piscar para conter as lágrimas.

— Desculpe.

Nem sei pelo que está se desculpando. Nem sei se *ele* sabe pelo que está se desculpando. Mas ambos sabemos que minhas lágrimas têm tudo a ver com ele, então é bem provável que ele esteja se desculpando só por causa delas. Porque sabe que é incapaz de me dar o que quero.

Ele para de me obrigar a olhar para ele e me puxa para o seu peito. Encosto a orelha no seu coração, e ele apoia o queixo no topo da minha cabeça.

— Acha que devíamos parar? — pergunta, baixinho.

Sua voz está falhando; é como se quisesse que minha resposta fosse não, mas sentisse a obrigação de perguntar mesmo assim.

— Não — murmuro.

Ele suspira fortemente. Parece um suspiro de alívio, mas não tenho certeza.

— Se eu fizer uma pergunta, você vai ser sincera?

Dou de ombros, porque não vou de jeito nenhum responder que sim antes de saber a pergunta.

— Ainda está comigo porque acha que vou mudar de ideia? Porque acha que existe a possibilidade de eu me apaixonar por você?

É a única *razão pela qual ainda estou fazendo isso, Miles.*

Mas não digo isso em voz alta. Não digo nada.

— Porque eu *não consigo*, Tate. Eu simplesmente...

Sua voz esvaece, e ele fica quieto. Analiso suas palavras e o fato de ter dito *não consigo* em vez de *não vou*. Quero perguntar *por que* ele não consegue. Será que está com medo? Que não sou a pessoa certa para ele? Será que tem medo de partir meu coração? Não pergunto nada, pois nenhuma dessas respostas me tranquilizaria. Nenhuma dessas possibilidades é razão suficiente para negar completamente a felicidade a um coração.

E é por isso que não pergunto, porque sinto como se, talvez, eu não estivesse preparada para a verdade. Talvez esteja subestimando o que quer que tenha acontecido no passado que o tornou assim. Porque *alguma coisa* aconteceu. Alguma coisa com que muito provavelmente não me identificaria nem um pouco, mesmo se descobrisse o que é. Algo que roubou todo o espírito dele, exatamente como Cap disse.

Seus braços puxam-me mais para perto, e a maneira como está me segurando diz muito. É mais do que um aconchego. Mais do que um abraço. Está me segurando como se estivesse morrendo de medo de que eu me afogue caso me solte.

— Tate — sussurra. — Sei que vou me arrepender de dizer isso, mas quero que escute. — Ele afasta-se o suficiente para que seus lábios encostem no meu cabelo e me abraça com força mais uma vez. — Se fosse capaz de amar alguém... esse alguém seria você.

Meu coração racha com essas palavras, e sinto a esperança se infiltrar e escorrer para fora de novo.

— Mas não sou capaz. Então se for difícil demais...

— Não é — interrompo, fazendo o que estiver em minhas mãos para impedi-lo de terminar tudo. Não sei como encontro forças para olhá-lo nos olhos e contar a maior mentira que já contei na vida. — Gosto das coisas exatamente como estão.

Ele sabe que estou mentindo. Dá para ver a dúvida em seus olhos preocupados, mas ele concorda mesmo assim. Tento fazê-lo parar de pensar nesse assunto antes que ele consiga enxergar a verdade em mim. Ponho os braços ao redor do seu pescoço sem muita firmeza, mas sua atenção se foca na porta, que agora está se abrindo. Também me viro e vejo Cap arrastando-se lentamente na direção do deck da cobertura. Ele aproxima-se do interruptor na parede que controla os jatos da hidromassagem, então desliga-os e vira-se lentamente na direção da porta, mas não deixa de perceber nossa presença pelo canto do olho. Vira-se completamente para nós, parando a menos de 1,50 metro de distância.

— É você, Tate? — pergunta, estreitando os olhos.

— Sou eu — respondo, ainda na mesma posição, com Miles.

— Hmm — diz Cap, assimilando a nossa presença. — Alguém já disse que vocês dois formam um casal bonito pra caramba?

Faço uma careta, porque sei que agora não é o melhor momento para Miles ouvir isso, especialmente depois da conversa constrangedora que acabamos de ter. Também sei o que Cap está querendo aprontar com esse comentário.

— Vamos desligar a luz ao sair, Cap — garante Miles, ignorando a pergunta de Cap e mudando de assunto.

Cap estreita os olhos para ele, balança a cabeça como se estivesse desapontado e começa a se virar de volta para a porta.

— Era uma pergunta retórica mesmo — murmura. Vejo sua mão ir até a testa, e ele faz uma continência no ar. — Boa noite, Tate — cumprimenta-me em voz alta.

— Boa noite, Cap.

Miles e eu ficamos observando até que a porta se feche atrás de Cap. Tiro as mãos do seu pescoço e empurro seu peito delicadamente até que se afaste, para que eu possa dar a volta nele. Nado para trás, na direção da outra extremidade da piscina.

— Por que você é sempre grosseiro com ele?

Miles abaixa-se na água, separando os braços na frente do corpo e pegando impulso com os pés na parede atrás de si. Nada na minha direção, e vejo seus olhos manterem-se focados nos meus. Nado para trás até encostar na parede

oposta da piscina. Ele continua se aproximando, quase batendo em mim, mas para ao se segurar na borda nos dois lados da minha cabeça, enviando ondas de água em direção ao meu peito.

— Não sou grosseiro com ele. — Seus lábios encostam no meu pescoço, e ele o beija suavemente, subindo aos poucos até a boca chegar perto da minha orelha. — É que não gosto de responder a perguntas.

Acho que já deu para perceber isso.

Afasto o pescoço alguns centímetros para poder enxergar seu rosto. Tento focar nos olhos, mas há gotas de água nos seus lábios, e é difícil não ficar olhando para elas.

— Mas ele é idoso. Ninguém deve ser grosseiro com idosos. Se o conhecesse melhor, veria que ele é muito engraçado.

Miles ri um pouco.

— Você gosta dele, não é?

Ele parece achar isso curioso. Assinto.

— Sim. Gosto muito dele. Às vezes, gosto mais dele do que de *você*.

Desta vez, ele ri alto e se inclina para a frente novamente, dando um beijo na minha bochecha. Sua mão acomoda-se na minha nuca, e os olhos descem até minha boca.

— Gosto do fato de você gostar dele — afirma, subindo os olhos até os meus. — Não vou mais ser grosseiro com ele. Prometo.

Mordo o lábio para que ele não veja o quanto quero sorrir por ter acabado de fazer uma promessa para mim. Foi uma promessa simples. Mas é algo bom mesmo assim.

Ele desliza a mão até meu maxilar, e seu polegar encosta no meu lábio e afasta-o dos meus dentes.

— O que foi que lhe falei sobre esconder esse sorriso?

Ele segura meu lábio inferior com os dentes, morde-o delicadamente e depois o solta.

Parece que a temperatura na piscina subiu uns dez graus.

Sua boca encosta na minha garganta, e ele suspira fortemente contra minha pele. Inclino a cabeça para trás e deixo-a recostar-se na borda da piscina enquanto ele desce pelo meu pescoço com beijos.

— Não quero mais nadar — diz ele, deslizando os lábios da base da minha garganta até minha boca.

— O que quer, então? — sussurro, baixinho.

— Você — provoca, sem hesitar. — No meu chuveiro. Por trás.

Engulo em seco, e sinto o ar chegar até a base da minha barriga.

— Nossa. Que específico.

— E também na minha cama — continua. — Com você em cima, ainda encharcada do banho.

Inspiro fortemente, e ambos escutamos minha respiração trêmula quando exalo.

— Está bem. — Tento dizer, mas a boca dele cobre a minha antes que eu complete a frase.

E, mais uma vez, o que deveria ser uma conversa reveladora para mim termina ficando de lado para dar espaço à única coisa que ele está disposto a me dar.

Capítulo trinta

MILES

Seis anos antes

Andamos em silêncio até uma área de espera vazia. Meu pai se senta primeiro, e eu me sento relutantemente à sua frente.
Fico esperando sua confissão, mas ele não sabe que não preciso dela. Sei sobre o seu relacionamento com Lisa.
Sei há quanto tempo começou.
— Sua mãe e eu...
Ele está olhando para o chão.
Nao consegue sequer fazer contato visual comigo.
— Decidimos nos separar quando você tinha 16 anos. Mas, como eu viajava muito, fazia sentido financeiramente que esperássemos você se formar antes de darmos entrada no divórcio, então foi o que resolvemos fazer.
16 anos?
Ela ficou doente quando eu tinha 16 anos.
— Estávamos separados há quase um ano quando conheci Lisa.
Agora, ele está me olhando. Está sendo honesto.
— Quando ela descobriu que estava doente, era a coisa certa a se fazer, Miles. Ela era sua mãe, e eu não iria abandoná-la quando mais precisava de mim.
Meu peito dói.
— Sei que tirou suas próprias conclusões. Que fez as contas. Sei que tem me odiado por achar que eu estava tendo um caso enquanto ela estava doente, e eu

odiava deixar que você ficasse pensando isso.
— Então por que deixou? — pergunto. — Por que deixou que eu pensasse isso?
Ele olha para o chão novamente.
— Não sei — confessa. — Achei que talvez existisse a possibilidade de que não tivesse percebido que eu estava namorando Lisa há mais tempo do que demonstrei, então achei que falar no assunto faria mais mal do que bem. Não gostava da ideia de você pensar que meu casamento com a sua mãe tinha fracassado. Não queria que pensasse que ela morreu triste.
— Ela não morreu triste — tranquilizo-o. — Você estava ao lado dela, pai. Nós dois estávamos.
Ele aprecia o que digo, pois sabe que é verdade.
Minha mãe estava contente com a vida dela.
Contente comigo.
Pergunto-me se ela não ficaria desapontada agora, ao ver o rumo que minha vida tomou.
— Ela ficaria orgulhosa de você, Miles — diz ele para mim. — Da maneira como lidou com as coisas.
Abraço-o.
Eu precisava ouvir isso mais do que imaginava.

Capítulo trinta e um

TATE

Estou tentando prestar atenção em Corbin contando sobre sua conversa com mamãe, mas só consigo pensar no fato de que Miles vai chegar a qualquer instante. Ele está viajando há dez dias, e é o máximo de tempo que ficamos sem nos ver desde as semanas que passamos sem nos falar.

— Já contou para Miles? — pergunta Corbin.

— O quê?

Corbin vira-se para mim.

— Que vai se mudar.

Ele aponta para a luva de cozinha no balcão ao meu lado.

Jogo-a para ele e balanço a cabeça.

— Não falo com ele desde a semana passada. Devo contar hoje.

Sinceramente, passei a semana inteira querendo contar para ele que achei um apartamento para mim, mas, para isso, precisaria ligar ou mandar mensagem, duas coisas que não fazemos. Só trocamos mensagens quando ambos estamos em casa. Acho que é porque nos ajuda a manter nossos limites.

E a mudança não é nada de mais. Vou morar a apenas alguns quarteirões daqui. Encontrei um apartamento mais próximo do trabalho e da universidade. Está longe de ser um arranha-céu chique do centro, mas eu adorei.

Pergunto-me, no entanto, como isso vai afetar as coisas entre Miles e eu. Acho que foi uma das razões pela qual nem mencionei que estava procurando apartamento. No fundo da mente, está o medo de que não morar mais na frente dele se torne um inconveniente grande demais, e ele simplesmente acabe com o que quer que seja isso que temos.

Corbin e eu erguemos o olhar assim que a porta do apartamento se abre e alguém bate rapidamente. Olho para Corbin, que revira os olhos.

Ele ainda está se adaptando.

Miles entra na cozinha, e vejo o sorriso que quer se espalhar pelo seu rosto no instante em que me olha, mas ele o contém ao ver Corbin.

— O que estão cozinhando? — pergunta Miles para ele.

Recosta-se à parede e cruza os braços, mas os olhos estão subindo pelas minhas pernas. Eles param no instante em que percebe que estou de saia, e ele sorri na minha direção. Felizmente, Corbin ainda está virado para o fogão.

— O jantar — responde Corbin, de maneira sucinta.

Ele demora para se adaptar.

Miles olha para mim de novo e me encara por alguns segundos.

— Oi, Tate — cumprimenta.

Sorrio.

— Oi.

— Como foram as provas?

Seus olhos estão por todo canto, menos no meu rosto.

— Foram boas.

Ele articula com os lábios: *você está bonita.*

Sorrio e queria mais do que tudo que Corbin não estivesse parado aqui agora, pois estou usando de todas as minhas forças para não jogar os braços ao redor de Miles e dar um puta beijo nele.

Corbin sabe por que Miles está aqui. Estamos apenas tentando respeitar o fato de que Corbin ainda não gosta do que está acontecendo entre nós, então é algo que mantemos entre quatro paredes.

Miles está mastigando o interior da bochecha, remexendo na manga da camisa, olhando para mim. Está silêncio na cozinha, e Corbin ainda não se virou para ele. Miles parece que vai explodir.

— Ah, foda-se! — exclama, deslizando pela cozinha na minha direção.

Ele segura meu rosto nas mãos e me beija intensamente, na frente de Corbin.

Está me beijando.

Na frente de Corbin.

Não analise isso, Tate.

Ele está puxando minhas mãos, arrastando-me para fora da cozinha. Até onde sei, Corbin ainda está voltado para o fogão, fazendo o que pode para nos

ignorar.

Ainda se adaptando.

Vamos para a sala, e Miles separa a boca da minha.

— Não consegui pensar em mais nada hoje — conta. — Nadinha.

— Nem eu.

Ele me puxa pela mão na direção da porta do apartamento. Sigo-o. Ele abre a porta, vai até seu apartamento e tira as chaves do bolso. Sua mala ainda está no corredor.

— Por que sua mala está aqui fora?

Miles empurra a porta do apartamento.

— Não passei em casa ainda — diz ele, então vira-se e pega suas coisas no corredor, depois segura a porta para mim.

— Você passou lá em casa primeiro?

Ele assente, joga a bolsa de viagem no sofá e empurra a mala contra a parede.

— Foi — afirma, então agarra minha mão e me puxa para si. — Já falei, Tate. Não estava conseguindo pensar em mais nada.

Ele sorri e abaixa a cabeça para me beijar.

Dou uma risada.

— Ah, você estava com saudade de mim — brinco.

Miles se afasta. Pela maneira como seu corpo fica tenso, parece até que acabei de dizer que o amava.

— Relaxe — digo. — Pode ficar com saudade de mim, Miles. Isso não quebra suas regras.

Ele dá alguns passos para longe de mim.

— Está com sede? — pergunta, mudando de assunto, como sempre.

Vira-se e vai para a cozinha, mas tudo nele mudou. Seu jeito, o sorriso, o entusiasmo por finalmente me ver após dez dias.

Fico parada na sala, assistindo a tudo desmoronar.

A ficha finalmente cai, embora pareça-se mais com um meteoro.

Esse homem nem sequer consegue admitir que está com saudade de mim.

Tinha esperanças de que, se eu não apressasse nada, ele terminaria deixando para trás o que quer que o mantém tão resguardado. Nos últimos meses, presumi que talvez ele não conseguisse aceitar a maneira como as coisas tinham acontecido entre nós, e precisasse de tempo, mas agora está tudo nítido. Não é ele.

Sou *eu*.

Sou *eu* que não aceito nossa situação.

— Você está bem? — pergunta Miles da cozinha.

Ele sai de trás dos armários que bloqueiam sua visão para me ver, e fica esperando que eu responda, mas não consigo fazê-lo.

— Estava com saudade de mim, Miles?

E, mais uma vez, a armadura se ergue, protegendo-o. Ele desvia o olhar e volta para a cozinha.

— Nós não dizemos coisas desse tipo, Tate.

Sua voz está fria mais uma vez.

Ele está falando sério?

— Não? — Dou alguns passos na direção da cozinha. — Miles. É uma frase normal. Não significa compromisso nenhum. Sequer significa amor. Amigos dizem isso um para o outro.

Ele encosta-se no balcão da cozinha e olha calmamente para mim.

— Mas nunca fomos amigos. E não quero quebrar sua única regra de não lhe dar falsas esperanças, então não vou dizer isso.

Não consigo explicar o que acontece comigo, pois não sei o que é. Mas é como se eu fosse atingida de uma vez só por todas as coisas que ele já disse ou fez que me magoaram. Quero gritar com ele. Quero odiá-lo. Quero saber o que diabos aconteceu para que tenha se tornado capaz de falar coisas que me magoam muito mais do que qualquer outra coisa que já escutei.

Cansei de ficar empurrando com a barriga.

Cansei de fingir que não estou desesperada para saber tudo sobre ele.

Cansei de fingir que ele não está por toda parte. Que ele não é tudo. O meu *único* tudo.

— O que ela fez com você? — sussurro.

— Não.

A palavra é um alerta. Uma ameaça.

Estou tão cansada de ver essa aflição nos seus olhos e não saber a causa dela. Cansei de não saber quais palavras são proibidas com ele.

— Me conte.

Ele desvia o olhar.

— Vá para casa, Tate.

Vira-se e se segura na beira do balcão, abaixando a cabeça entre os ombros.

— Vá se foder.

Dou meia-volta e saio da cozinha. Ao chegar na sala, escuto-o vindo atrás de mim, então acelero. Chego na porta do apartamento e a abro, mas a palma de sua mão alcança a porta acima da minha cabeça e a bate.

Fecho os olhos com força, preparando-me para as palavras que vão me destruir completamente, quaisquer que sejam elas, pois sei que é o que vão fazer.

Seu rosto está do lado do meu ouvido, e o peito se pressiona nas minhas costas.

— É o que temos feito, Tate. *Foder*. Deixei isso bem explícito desde o primeiro dia.

Rio, pois não sei o que mais poderia fazer. Eu me viro e olho para ele, que não se afasta. Nunca o achei tão intimidante quanto agora.

— Acha que deixou isso explícito? Pare com essa merda de papo-furado, Miles.

Ele ainda não se mexe, mas sua mandíbula fica tensa.

— Como não? Duas regras. Não dá para ser mais simples do que isso.

Dou risada, incredulamente, então desabafo de uma vez só tudo que está no meu peito.

— Foder e fazer amor com alguém são coisas completamente diferentes. Você não *fode* comigo há mais de um mês. Toda vez que está dentro de mim, está fazendo amor comigo. Dá para ver na maneira como me olha. Sente minha falta quando não estamos juntos. Pensa em mim o tempo inteiro. Não consegue nem esperar dez segundos para entrar no próprio apartamento antes de vir me ver. Então nem se atreva a me dizer que deixou tudo explícito desde o primeiro dia, porque nunca conheci uma merda de homem tão ambíguo quanto você.

Respiro.

Respiro pela primeira vez no que parece um mês.

Pode fazer o que quiser com o que eu disse. Parei de tentar.

Ele expira de maneira controlada e constante enquanto se afasta vários passos de mim. Faz uma careta e se vira, como se não quisesse que eu visse as emoções que obviamente estão presentes em algum lugar lá no fundo dele. Suas mãos agarram firmemente a nuca, e ele fica nessa posição por um minuto inteiro, sem se mexer. Começa a soltar exaladas constantes, uma depois da outra, como se estivesse fazendo tudo que pode para se conter e não chorar. Meu coração começa a doer quando percebo o que está acontecendo.

Ele está desmoronando.

— Ah, Deus — sussurra, com a voz completamente aflita. — O que estou fazendo com você, Tate?

Ele vai até a parede e cai contra ela, deslizando até o chão. Os joelhos sobem, e ele apoia os cotovelos neles, cobrindo o rosto com as mãos para conter as próprias emoções. Os ombros começam a tremer, mas ele não faz nenhum barulho.

Está chorando.

Miles Archer está chorando.

É o mesmo choro arrasador que saiu dele na da noite em que o conheci.

Esse adulto, essa muralha intimidante, essa forte armadura está se despedaçando completamente bem diante dos meus olhos.

— Miles? — murmuro.

Minha voz está fraca em comparação ao seu silêncio robusto. Vou até ele e me ajoelho na sua frente. Ponho o braço ao redor dos seus ombros e encosto a cabeça na sua.

Nem pergunto de novo o que há de errado, pois agora estou morrendo de medo de descobrir.

Capítulo trinta e dois

MILES

Seis anos antes

Lisa ama Clayton.
Meu pai ama Clayton.
Clayton conserta famílias.
Ele já é o meu herói e só tem dois dias de idade.
Logo depois que meu pai e Lisa vão embora, Ian chega. Fala que não quer segurar Clayton no colo, mas Rachel o obriga. Ele fica constrangido, porque nunca segurou um bebê antes, mas o faz mesmo assim.
— Ainda bem que ele se parece com Rachel — brinca Ian.
Concordo.
Ian pergunta a Rachel se contei para ela o que disse a ele logo após conhecê-la.
Não sei do que ele está falando.
Ian ri.
— Depois que o acompanhou até a sala no primeiro dia, ele tirou uma foto sua de onde estava sentado — conta Ian para ela. — Mandou a foto para mim com uma mensagem dizendo: ela vai ser mãe de todos os meus filhos.
Rachel olha para mim.
Dou de ombros.
Estou envergonhado.
Rachel adora o fato de eu ter dito isso para Ian. Adoro o fato de Ian ter contado isso para ela. O médico entra e fala que agora podemos ir para casa. Ian me ajuda

a levar tudo para o carro e o leva para a saída. Antes que eu possa voltar para o quarto de Rachel, Ian toca no meu ombro. Viro-me para ele.

Tenho a impressão de que quer me parabenizar, mas, em vez disso, apenas me abraça.

É constrangedor, mas também não é. Gosto que esteja orgulhoso de mim.

Fico me sentindo bem. Como se estivesse fazendo tudo certo.

Ian vai embora.

Nós também.

Eu e Rachel e Clayton.

Minha família.

Quero que Rachel vá comigo na frente, mas amo o fato de estar no banco de trás com ele. Amo o quanto ela o ama. Amo estar ainda mais atraído por ela depois que se tornou mãe. Quero beijá-la. Quero dizer mais uma vez que a amo, mas acho que falo isso demais. Não quero que se canse de ouvir isso nunca.

— Obrigada por esse bebê — diz ela do banco de trás. — Ele é lindo.

Dou risada.

— É você quem é responsável pela parte linda, Rachel. A única coisa que ele herdou de mim foi o saco.

Ela ri. Ela ri muito.

— Ah, meu Deus, eu sei — afirma. — É enorme.

Nós dois rimos do saco enorme do meu filho.

Ela suspira.

— Descanse — digo a ela. — Você não dorme há dois dias.

Vejo-a sorrir pelo espelho retrovisor.

— Mas não consigo parar de olhar para ele — sussurra.

Eu não consigo parar de olhar para você, Rachel.

Mas paro, porque o tráfego no sentido contrário está mais brilhante do que deveria estar.

Minhas mãos agarram o volante.

Está brilhante *demais*.

Sempre ouvi falar que vemos cenas rápidas da vida momentos antes de morrer.

De certa maneira, é verdade.

No entanto, não é nem sequência e nem numa ordem aleatória.

É apenas uma imagem que

GRUDA

na sua cabeça e se torna *tudo* que você sente e *tudo* que vê.

Não é a sua *verdadeira* vida que passa diante dos seus olhos.

O que passa são as pessoas que *são* sua vida.

Rachel e Clayton.

Tudo o que vejo são eles dois — *minha vida inteira* — passarem diante dos meus olhos.

O som torna-se tudo.

Tudo.

Dentro de mim, fora de mim, passando por mim, debaixo de mim, por cima de mim.

RACHEL, **RACHEL**, **RACHEL.**

Não estou a encontrando.

CLAYTON, **CLAYTON**, **CLAYTON.**

Está molhado. Está frio. Minha cabeça dói. Meus braços doem.

Não consigo vê-la, não consigo vê-la, não consigo vê-la, não consigo vê-lo.

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

SILÊNCIO ENSURDECEDOR.

— Miles!

Abro os olhos.

Está molhado, está molhado, tem água aqui, está molhado.

Tem água dentro do carro.

Desafivelo o cinto e me viro. As mãos dela seguram a cadeira do bebê.

— Miles, me ajude! Está presa!

Tento.

Tento de novo.

Mas ela também precisa sair.

Ela também precisa sair.

Chuto a janela e quebro o vidro. Vi isso num filme uma vez.

Arranje uma maneira de sair antes que haja pressão demais nas janelas.

Vou pegá-lo, Rachel.

Ela não consegue sair. O cinto está preso. Está apertado demais.

Solto a cadeira do bebê e estendo o braço na direção do cinto dela. Minhas mãos estão debaixo d'água quando o encontro.

Ela dá um tapa nos meus braços e tenta me afastar dela.

— Pegue ele primeiro! — grita. — Tire ele primeiro!
Não consigo.
Os dois estão presos.
Você está presa, Rachel.
Meu Deus.
Estou com medo.
Rachel está com medo.
A água está por todo canto. Não consigo mais vê-lo.
Não consigo vê-la.
Não consigo escutá-lo.
Estendo o braço para o cinto dela mais uma vez.
Tiro-o de cima dela.
Seguro suas mãos. Sua janela não está quebrada.
A minha está.
Puxo-a para a frente. Ela está lutando contra mim.
Ela está lutando contra mim.
Ela para de lutar contra mim.
Lute, Rachel.
Lute contra mim.
Mexa-se.
Alguém está estendendo o braço pela minha janela.
— Me dê a mão dela! — Ouço-o gritar.
Agora, a água está entrando pela minha janela.
O banco de trás inteiro é água.
Tudo é água.
Entrego a ele a mão de Rachel. Ele me ajuda a tirá-la.
Tudo é água.
Tento encontrá-lo.
Não consigo respirar.
Tento encontrá-lo.
Não consigo respirar.
Tento salvá-lo.
Quero ser o herói dele.
Não consigo respirar.
Então simplesmente paro.
Silêncio.

Silêncio.
Silêncio.
Silêncio.
Silêncio.
Silêncio.
Silêncio.
Silêncio.
Silêncio.
GRITO ENSURDECEDOR.
Cubro os ouvidos com as mãos.
Cubro o coração com uma armadura.
Tusso até conseguir respirar novamente.
Abro os olhos. *Estamos num barco.*
Olho ao redor. *Estamos num lago.*
Levo a mão até o maxilar.
Minha mão está vermelha.
Coberta de sangue, tão vermelho quanto o cabelo de Rachel.
Rachel.
Encontro Rachel.
Clayton.
Não encontro Clayton.
Ergo as mãos e me movo até a beira do barco.
Preciso encontrá-lo.
Alguém me para. Alguém me puxa para trás.
Alguém não está permitindo.
Alguém está dizendo que é tarde demais.
Alguém diz que sente muito.
Alguém diz que não dá para chegarmos até ele.
Alguém diz que caímos da ponte depois do impacto.
Alguém diz que sente *muito*.
Eu me movo para perto de Rachel.
Tento abraçá-la, mas ela não deixa. Está gritando.
Aos prantos. CHORANDO. BERRANDO.
Ela me bate.
Ela me chuta.
Diz que eu deveria ter salvado ele em seu lugar.

Mas eu tentei salvar vocês dois, Rachel.

— Deveria ter salvado *ele*, Miles! — grita ela.

Você devia ter salvado *ele*.

Você devia ter salvado *ele*.

Eu devia ter salvado *ELE*.

Ela está gritando.

Aos prantos. CHORANDO. **BERRANDO**.

Abraço-a mesmo assim.

Deixo que me bata.

Deixo que me odeie.

Rachel me odeia.

Abraço-a mesmo assim.

Rachel chora, mas em silêncio. Está chorando tanto que sua garganta nem consegue fazer barulho. Seu corpo está chorando, mas a voz, não.

Arruinado.

Arruinado.

ARRUINADO.

Choro com ela. Choro e choro e choro e choro e choramos e choramos e choramos.

Arruinado.

Agora a água é tudo.

Olho para Rachel. *Só enxergo água.*

Fecho os olhos. *Só enxergo água.*

Olho para o céu. *Só enxergo água.*

Dói demais. Nunca soube que um coração podia suportar o peso do mundo inteiro.

Não faço mais a vida de Rachel ficar melhor.

Arruinei você, Rachel.

Minha família.

Eu e você e Clayton.

ARRUINADOS.

Você não vai conseguir me amar depois disso, Rachel.

Capítulo trinta e três

TATE

Minhas mãos estão sobre ele, massageando as costas, tocando o cabelo. Está chorando, e a única coisa que consigo fazer é dizer que ele deixe pra lá. Quero dizer-lhe que esqueça tudo o que eu falei hoje. Quero fazer tudo que puder para tirar essa dor de Miles, pois o que quer que tenha acontecido não deveria importar. O que quer que tenha sido... Ninguém merece sentir o que está sentindo agora.

Tiro os braços do seu rosto e vou para seu colo. Seguro o rosto em minhas mãos e o inclino para o meu. Ele fica de olhos fechados.

— Não preciso saber, Miles.

Ele põe os braços ao redor das minhas costas e enterra o rosto no meu peito. A respiração difícil fica acelerada enquanto tenta conter as emoções. Meus braços envolvem sua cabeça, e eu beijo seu cabelo, então dou beijos na lateral da cabeça, até que ele se afaste e olhe para mim.

A maior armadura do mundo e a muralha mais grossa de todas não seriam capazes de esconder o sofrimento nos seus olhos neste momento. É tão notável e tão grande que preciso prender o fôlego para não chorar com ele.

O que aconteceu com você, Miles?

— Não preciso saber — sussurro de novo, balançando a cabeça.

Suas mãos movem-se até a parte de trás da minha cabeça, e ele pressiona a boca na minha, forte e dolorosamente. Move-se para a frente até que minhas costas chegam ao chão. As mãos puxam minha camisa, e ele me beija desesperadamente, furiosamente, enchendo minha boca com o gosto de suas lágrimas.

Deixo que me use para se livrar da dor.

Faço tudo o que quiser, por quanto tempo quiser, contanto que pare de sofrer como está sofrendo.

Ele põe a mão sob minha saia e começa a puxar a calcinha no mesmo instante em que prendo os polegares no quadril da sua calça, puxando-a para baixo. Minha calcinha desce até os tornozelos, e chuto-a para longe na mesma hora em que ele segura minhas mãos e as empurra acima da minha cabeça, pressionando-as no chão.

Ele encosta a testa na minha, mas não me beija. Fecha os olhos, mas deixo os meus abertos. Não perde tempo ao se posicionar no meio das minhas pernas, afastando-as mais. Move a testa até a lateral da minha cabeça e desliza lentamente para dentro de mim. Após entrar completamente, expira, liberando parte de sua dor. Tirando da mente o horror que ela acabou de sentir, qualquer que seja ele.

Ele sai e me penetra de novo, desta vez com toda a sua força.

Dói.

Me dê a sua dor, Miles.

— Meu Deus, Rachel — sussurra.

Meu Deus, Rachel...

Rachel, Rachel, Rachel.

A palavra fica se repetindo na minha cabeça.

Meu.

Deus.

Rachel.

Viro a cabeça para o outro lado. É a pior dor que já senti. A pior de todas.

Seu corpo para imediatamente dentro de mim quando ele percebe o que disse. A única coisa movendo-se entre nós nesse momento são as lágrimas caindo dos meus olhos.

— Tate — murmura, quebrando o silêncio entre nós. — Tate, me desculpe, de verdade.

Balanço a cabeça, mas as lágrimas não param. Em algum lugar lá no fundo, sinto algo endurecer. Algo que já foi completamente líquido se congela, e é nesse momento que percebo que é o fim.

Esse nome.

Esse nome disse tudo. Nunca vou ter o passado de Miles, porque é *ela* quem o tem.

Nunca vou ter o futuro dele, porque ele se recusa a entregá-lo a qualquer pessoa que não seja ela.

E nunca vou saber o porquê, porque ele nunca vai me contar.

Começa a sair de mim, mas eu contraio as pernas ao redor das suas. Ele suspira fortemente contra minha bochecha.

— Juro por Deus, Tate. Não estava pensando...

— Pare — sussurro. Não quero escutá-lo defender o que acabou de acontecer. — Apenas termine, Miles.

Ele ergue a cabeça e olha para mim. Vejo um pedido de desculpas bem nítido escondendo-se por trás de novas lágrimas. Não sei se foram minhas palavras que acabaram de feri-lo novamente ou se é porque ambos sabemos que é o fim, mas parece que o coração dele acabou de se partir novamente.

Se é que isso é possível.

Uma lágrima cai dos seus olhos e atinge minha bochecha. Sinto-a escorrer e se juntar a uma das minhas.

Só quero que isso acabe.

Ponho a mão na parte de trás de sua cabeça e puxo a sua boca em direção à minha. Não está mais se movendo dentro de mim, então arqueio as costas, pressionando os quadris com mais força contra ele. Miles geme na minha boca, investe contra mim mais uma vez e para de novo.

— Tate — murmura ele, contra meus lábios.

— Apenas termine, Miles. — Peço, em meio às lágrimas. — Apenas termine.

Ele põe a palma da mão na minha bochecha e pressiona os lábios na minha orelha. Agora, estamos ambos chorando mais intensamente, e dá para perceber que sou mais do que isso para ele. *Sei* que sou. Posso sentir o quanto ele quer me amar, mas o que quer que o esteja impedindo é forte demais para ser vencido por mim. Ponho os braços ao redor do seu pescoço.

— Por favor — imploro. — *Por favor,* Miles.

Estou chorando, implorando por alguma coisa, mas nem sei mais pelo quê.

Ele me penetra de novo. Desta vez com força. Com tanta força que me afasto, então ele põe os braços debaixo dos meus ombros e curva as mãos, mantendo-me parada contra seu corpo enquanto me penetra repetidas vezes. Movimentos fortes, longos e profundos que forçam gemidos a saírem de nós dois a cada estocada.

— Mais forte — imploro.

Ele faz mais força.

— Mais rápido.

Ele move-se mais rápido.

Nós dois estamos ofegando entre as lágrimas. É intenso. É de partir o coração. É arrasador.

É feio.

É o fim.

Assim que o corpo dele fica imóvel em cima do meu, empurro seus ombros. Ele sai de cima de mim. Sento-me e enxugo os olhos com as mãos, depois me levanto e visto a calcinha. Seus dedos cercam meu tornozelo. Os mesmos dedos que cercaram o mesmo tornozelo na noite em que o conheci.

— Tate — diz ele, com a voz enigmática, repleta de *tudo*.

Todas as emoções possíveis cercam cada letra do meu nome no instante em que ele sai da sua boca.

Afasto-me das mãos dele.

Vou até a porta, ainda sentindo-o dentro de mim. Ainda sentindo a sua boca na minha. Ainda sentindo as manchas de suas lágrimas na minha bochecha.

Abro a porta e saio.

Fecho a porta, e é a coisa mais difícil que já fiz na vida.

Não consigo nem andar pelo único metro que separa nossos apartamentos.

Desmorono no corredor.

Virei líquido.

Não passo de lágrimas.

Capítulo trinta e quatro

MILES

Seis anos antes

Fomos para casa. Não para *nossa* casa.

Rachel queria ficar com Lisa. Rachel está precisando da mãe.

Eu meio que estou precisando do meu pai.

Todas as noites, abraço-a. Todas as noites, peço desculpas. Todas as noites, nós apenas choramos.

Não entendo como pode ser tão perfeito. Como a vida e o amor e as pessoas podem ser tão perfeitos e lindos.

Até não serem mais.

É tão feio.

A vida, o amor e as pessoas tornam-se feios.

Tudo torna-se água.

Essa noite é diferente. Essa noite é a primeira em três semanas em que ela não está chorando. Abraço-a mesmo assim. Quero ficar feliz por não estar chorando, mas é algo que me assusta. Suas lágrimas significam que está sentindo algo. Mesmo que seja por estar arrasada, ainda é *alguma coisa*. Hoje não há lágrima alguma.

Abraço-a mesmo assim. Peço desculpas mais uma vez.

Ela nunca me diz que está tudo bem.

Ela nunca me diz que não é culpa minha.

Ela nunca me diz que me perdoa.

Mas hoje, ela me beija. Beija-me e tira a camisa. Pede que eu faça amor com ela. Digo que não devíamos. Digo que o certo é esperarmos mais duas semanas. Ela me beija, então paro de falar.

Retribuo o beijo.

Rachel me ama de novo.

Eu acho.

Ela está me beijando como se me amasse.

Sou delicado com ela.

Vou devagar.

Ela está tocando na minha pele como se me amasse.

Não quero machucá-la.

Ela chora.

Por favor não chore, Rachel.

Eu paro.

Ela pede que eu não pare.

Ela pede que eu termine.

Termine.

Não gosto dessa palavra.

Como se isso fosse um trabalho.

Beijo-a novamente.

E *termino.*

***

Miles,

Rachel me escreveu uma carta.

Me desculpe.

Não.

Não consigo fazer isso. Dói demais.

Não, não, não.

Minha mãe vai me levar de volta para Phoenix. Nós duas vamos ficar por lá. Está tudo complicado demais, até mesmo entre eles dois. Seu pai já sabe.

Clayton une famílias.

Miles as destrói.

Tentei ficar. Tentei amar você. Toda vez que olho para você, vejo ele. Tudo é ele. Se ficar, tudo sempre será ele. Você sabe disso. Entende isso. Eu não deveria culpá-lo.

Mas você me culpa.

Me desculpe mesmo.

Deixou de me amar com uma carta, Rachel?

Com amor,

Eu sinto. Todas as partes feias. Está nos meus poros. Nas minhas veias. Nas minhas lembranças. No meu futuro.

Rachel.

A diferença entre o lado bonito e o lado feio do amor é que o lado bonito é bem mais leve. A pessoa se sente como se estivesse flutuando. Ele ergue a pessoa. Carrega-a consigo.

As partes bonitas do amor fazem você ficar acima do resto do mundo. Elas deixam a pessoa muito acima das coisas ruins, e a fazem olhar para todo o resto lá embaixo e pensar: *Caramba. Que bom que estou aqui em cima.*

Às vezes, as partes bonitas do amor se mudam de volta para Phoenix.

As partes feias do amor são pesadas demais para se mudarem de volta para Phoenix. As partes feias do amor não são capazes de erguer uma pessoa.

Elas puxam você para

B

A

I

X

O.

Elas prendem você lá embaixo.

Afogam você.

Você olha para cima e pensa: *queria estar lá em cima.*

Mas você não está.

O amor feio *se torna* você.

Consome você.

Faz com que *odeie tudo.*

Faz com que perceba que todas essas partes bonitas sequer valem a pena. Sem o bonito, você nunca vai correr o risco de sentir *isso.*

Nunca vai correr o risco de sentir o *feio.*

Então você abre mão dele. Abre mão de tudo. Nunca mais quer amar novamente, não importa o tipo de amor, porque não vale a pena sentir o amor feio de novo por nenhum tipo de amor.

Nunca mais vou me deixar amar qualquer outra pessoa de novo, Rachel.

Jamais.

Capítulo trinta e cinco

TATE

— Última viagem — afirma Corbin, pegando as duas últimas caixas.

Entrego a ele a chave do meu novo apartamento.

— Vou dar uma última olhada e encontro você lá.

Abro a porta para meu irmão, que sai do apartamento. Fico sozinha encarando a porta do outro lado do corredor.

Não falo com ele nem o vejo desde a semana passada. Fiquei esperando egoistamente que fosse aparecer aqui e pedir desculpas, mas, pensando bem, pelo que se desculparia? Nunca mentiu para mim. Nunca verbalizou promessas que quebrou.

As únicas vezes em que não foi brutalmente honesto comigo foi quando estava em silêncio. Foi nas vezes em que olhou para mim e eu presumi que os sentimentos nos seus olhos eram mais do que ele era capaz de verbalizar.

Agora está evidente que eu, muito provavelmente, inventei esses seus sentimentos para que se igualassem aos meus. A emoção que aparecia algumas vezes por trás dos olhos quando estávamos juntos era obviamente uma invenção da minha própria imaginação. Uma invenção da minha esperança.

Dou uma examinada no apartamento por uma última vez a fim de garantir que levei tudo. Ao sair e trancar a porta de Corbin atrás de mim, meus movimentos são dominados por algo que desconheço.

Não sei se é bravura ou desespero, mas meu punho está cerrado e batendo à porta dele.

Digo para mim mesma que estou livre para escapar para o elevador se dez segundos se passarem e a porta não se abrir.

Infelizmente, ela se abre depois de apenas sete.

Meus pensamentos começam a se amotinar com a razão enquanto a porta vai se abrindo. Antes que a razão vença e eu saia correndo, Ian aparece. Seus olhos mudam de complacência para compadecimento ao me ver aqui.

— Tate — diz ele, concluindo com um sorriso. Percebo que o olhar vira para o quarto de Miles antes de voltar para o meu. — Vou chamá-lo.

Sinto minha cabeça se erguer ao concordar, mas o coração está no sentido contrário, descendo pelo meu peito, passando pela barriga e indo direto para o chão.

— Tate está na porta. — Escuto Ian dizer.

Inspeciono todas as palavras, todas as sílabas, procurando por pistas onde quer que eu possa encontrá-las. Quero saber se revirou os olhos ao dizer isso, ou se falou de um jeito esperançoso. Se tem alguém que sabe o que Miles acharia disso tudo, esse alguém é Ian. Infelizmente, sua voz não dá nenhum sinal do que Miles acha da minha presença.

Escuto passos. Disseco o som dos passos que se aproximam da sala. São passos apressados? Hesitantes? Zangados?

Quando ele chega na porta, meus olhos focam primeiramente nos seus pés.

Não consigo obter nada deles. Nenhuma pista que me ajude a encontrar a confiança de que preciso desesperadamente nesse momento.

Já consigo perceber que minhas palavras sairão roucas e fracas, mas forço-as mesmo assim.

— Estou indo embora — aviso, ainda encarando seus pés. — Só queria dizer tchau.

Não há nenhuma reação imediata, nem física e *nem* verbal. Meus olhos finalmente fazem a jornada corajosa de subir até os seus. Quando vejo o olhar estoico no seu rosto, fico com vontade de recuar, mas tenho medo de tropeçar no meu coração.

Não quero que me veja cair.

Meu arrependimento por ter decidido vir até aqui me consome devido à brevidade de sua resposta.

— Tchau, Tate.

Capítulo trinta e seis

MILES

Atualmente

Seus olhos finalmente acham coragem para encontrar os meus, mas tento não vê-la. Quando finalmente olho para ela, é demais. Toda vez que estou com ela, seus olhos e sua boca e sua voz e seu sorriso encontram todos os pontos vulneráveis em mim e abrem uma brecha. Dominam. Conquistam. Toda vez que estou perto dela, preciso lutar contra isso, e, desta vez, tento vê-la somente com meus olhos.

Ela diz que está aqui para se despedir, mas não é por isso que está aqui, e sabe disso. Está aqui porque se apaixonou por mim, apesar de eu tê-la instruído que não o fizesse. Está aqui porque ainda tem esperança de que eu possa amá-la também.

Eu quero, Tate. Quero tanto amar você que dói pra cacete.

Nem reconheço minha própria voz quando me despeço dela. A falta de emoção por trás das minhas palavras pode ser interpretada como ódio. Bem diferente da apatia que estou tentando aparentar, e mais diferente ainda da vontade que tenho de implorar que não vá.

Ela olha imediatamente para os próprios pés. Dá para perceber que minha resposta acabou de destruí-la, mas já dei falsas esperanças demais a ela. Toda vez que a deixo se aproximar, ela sofre mais ainda quando preciso afastá-la.

Mas é difícil ficar com pena de Tate. Por mais que esteja sofrendo, ela não sabe o que é dor. Não como eu sei. Faço com que a dor continue viva. De portas abertas. Faço-a prosperar de tanto que a sinto.

Ela inspira e olha de volta para mim, com os olhos um pouco mais vermelhos e reluzentes.

— Você merece muito mais do que está se permitindo ter. — Fica nas pontas dos pés, põe as mãos nos meus ombros e pressiona os lábios na minha bochecha. — Tchau, Miles.

Tate vira-se e vai para o elevador no instante em que Corbin sai dele e a encontra. Vejo-a levantar a mão para enxugar as lágrimas.

Vejo-a ir embora.

Fecho a porta, esperando sentir o mínimo sinal de alívio por ter deixado que partisse. Em vez disso, o que me aguarda é a única sensação familiar que meu coração é capaz de sentir: *a dor.*

— Você é idiota pra cacete — diz Ian atrás de mim. Viro-me, e ele está sentado no braço do sofá, me encarando. — Por que não está indo atrás dela neste momento?

Porque, Ian, eu odeio esse sentimento. Odeio todos os sentimentos que ela desperta em mim, porque me enchem de todas as coisas que passei os últimos seis anos evitando.

— Por que eu faria isso? — pergunto, enquanto vou para o meu quarto.

Paro ao ouvir alguém batendo à porta. Expiro, frustrado, antes de me virar, sem querer ter que rejeitá-la por uma segunda vez. Mas é o que vou fazer. Mesmo se precisar deixar isso explícito de uma maneira que vai magoá-la ainda mais, ela precisa aceitar que acabou. Deixei as coisas chegarem longe demais. Porra, eu não devia sequer ter deixado que elas começassem, pois ambos sabíamos que era bem provável que acabasse assim.

Abro a porta e encontro Corbin na minha frente em vez de Tate. Quero sentir alívio pelo fato de ser ele, e não ela, mas com o olhar fumegante no seu rosto, é impossível ficar aliviado.

Antes que eu possa reagir, seu punho encontra minha boca, e eu cambaleio para trás na direção do sofá. Ian amortece minha queda, e equilibro-me antes de virar para a porta mais uma vez.

— Que merda é essa, Corbin? — grita Ian.

Ele está me segurando, presumindo que quero retaliar.

Não quero. Mereci aquilo.

Corbin troca olhares com nós dois e finalmente para em mim. Ele ergue o punho até o peito e o massageia com a outra mão.

— Todos nós sabemos que eu deveria ter feito isso há muito tempo.

Agarra a maçaneta e fecha a porta, desaparecendo no corredor.

Balanço os ombros para que Ian me solte, então levo a mão até o lábio. Afasto os dedos, e eles estão manchados de sangue.

— E agora? — diz Ian, esperançoso. — Vai atrás dela agora?

Fulmino-o com o olhar antes de me virar e sair raivosamente em direção ao meu quarto.

Ian gargalha bem alto. É o tipo de risada que diz: *você é idiota pra cacete*. Mas ele já disse isso, então estaria apenas se repetindo.

Ele me segue até o quarto.

Não estou muito a fim de ter essa conversa. Ainda bem que sei olhar para as pessoas sem vê-las de verdade.

Sento na minha cama, e ele entra no quarto e recosta-se à porta.

— Cansei disso, Miles. Porra, já faz seis anos que vejo esse zumbi andar por aí no seu lugar.

— Não sou um zumbi — retruco, calmamente. — Zumbis não voam.

Ian revira os olhos, parecendo não estar a fim de escutar piadas. Ainda bem, porque não estou nem um pouco a fim de fazer piada.

Ele continua me fulminando com o olhar, então pego o telefone e deito na cama para fingir que não está aqui.

— Ela é a primeira coisa que soprou um pouco de vida em você desde a noite em que você se afogou naquela merda de lago.

Eu vou bater nele. Se não for embora exatamente agora, vou descer a porrada nele.

— Vá embora.

— Não.

Olho para ele. *Vejo-o* de fato.

— Dá o fora daqui, Ian.

Ele vai até minha mesa, puxa a cadeira e se senta.

— Vá se foder, Miles — exclama. — Não terminei.

— Vá embora!

— Não!

Paro de brigar com ele. Eu mesmo me levanto e vou embora.

Ele me segue.

— Deixe-me fazer uma pergunta — pede, acompanhando-me até a sala.

— Depois vai embora?

Ian assente.

— Depois vou.

— Está bem.

Ele me olha silenciosamente por alguns instantes.

Fico aguardando sua pergunta para que vá embora antes que bata nele.

— E se alguém dissesse que pode apagar aquela noite inteira da sua memória, mas que, para isso, também precisaria apagar todas as coisas boas? Todos os seus momentos com Rachel. Qualquer palavra, qualquer beijo, qualquer *eu amo você*. Todos os momentos que teve com seu filho, mesmo que tenham sido poucos. O primeiro momento em que viu Rachel com ele no colo. O primeiro momento em que *você* o segurou no colo. A primeira vez em que escutou ele chorar ou o viu dormir. Tudo. Já era. Para sempre. Se alguém dissesse que consegue apagar a parte feia, mas que você também teria que perder todas as outras coisas... você aceitaria?

Ele acha que está me perguntando algo que nunca me perguntei. Será que acha que não fico me perguntando essas coisas todo santo dia da minha vida, porra?

— Você não disse que eu precisava responder. Apenas perguntou se podia fazer uma pergunta. Agora já pode ir embora.

Sou o pior tipo de pessoa.

— Você *não pode* responder — afirma. — Não pode dizer que aceitaria.

— Também não posso dizer que não — digo para ele. — Parabéns, Ian. Conseguiu me deixar confuso. Tchau.

Começo a voltar para o quarto, mas ele diz meu nome mais uma vez. Paro, ponho as mãos nos quadris e abaixo a cabeça. Por que não acaba logo com isso? Já se passaram seis malditos anos. Ele devia saber que aquela noite definiu quem sou agora. Deveria saber que não vou mudar.

— Se eu tivesse perguntado isso alguns meses atrás, você teria dito sim antes mesmo que eu pudesse terminar a pergunta — diz ele. — Sua resposta sempre foi sim. Toparia abrir mão de tudo para não ter que reviver aquela noite.

Eu me viro, e ele está indo para a porta. Abre-a, para e vira para mim mais uma vez.

— Se ficar com Tate por alguns poucos meses deixou essa dor tão suportável a ponto de conseguir responder com um *talvez*, imagine o que uma vida inteira com ela faria com você.

Ele fecha a porta.

Eu fecho os olhos.

Alguma coisa acontece. Algo dentro de mim. É como se as palavras dele tivessem criado uma avalanche na geleira que cerca meu coração. Sinto pedaços de gelo endurecido se separarem e caírem ao lado de todos os outros pedaços que se soltaram desde o momento em que conheci Tate.

***

Saio do elevador e vou até a cadeira vazia ao lado de Cap. Ele não demonstra perceber minha presença sequer com contato visual. Está encarando a saída do outro lado da portaria.

— Você a deixou ir embora — afirma, sem ao menos tentar disfarçar a decepção na voz.

Não respondo.

Ele empurra os braços da cadeira com as mãos, mudando de posição.

— Algumas pessoas... ficam mais sábias quando envelhecem. Infelizmente, a maioria apenas envelhece. — Ele vira-se para mim. — Você é um dos que só envelhece, porque é tão burro quanto no dia em que nasceu.

Cap me conhece o suficiente para saber que isso era o que precisava acontecer. Ele me conhece desde que nasci, pois trabalha na manutenção dos prédios do meu pai desde antes que eu existisse. Antes disso, trabalhou para o meu avô fazendo exatamente o mesmo. O que praticamente garante que saiba mais sobre mim e minha família até mesmo do que eu.

— Isso tinha que acontecer, Cap — digo, justificando o fato de que acabei de deixar a única garota que conseguiu mexer comigo em mais de seis anos ir embora.

— Tinha que acontecer, é? — resmunga.

Desde que o conheço, e nas muitas noites que passei aqui conversando com ele, nunca opinou sobre minhas decisões. Sabe a vida que escolhi depois de Rachel. Ele lança pérolas de sabedoria de vez em quando, mas nunca sua opinião. Há meses, vem me escutando desabafar sobre a situação com Tate, e sempre fica sentado em silêncio, ouvindo pacientemente, sem nunca me aconselhar. É disso que gosto nele.

E sinto que isso está prestes a mudar.

— Antes que me dê um sermão, Cap — começo a falar, interrompendo-o antes que tenha a chance de continuar. — Você sabe que ela vai ficar melhor sem

mim. — Viro para ele. — *Sabe* que vai.

Cap dá uma risadinha, assentindo.

— Vai mesmo.

Olho para ele, incrédulo. *Acabou de concordar comigo?*

— Está dizendo que fiz a escolha certa?

Ele fica quieto por um instante antes de suspirar rapidamente. A expressão se contrai, como se seus pensamentos não fossem algo que necessariamente quisesse compartilhar. Ele acomoda-se na cadeira e cruza os braços relaxadamente.

— Falei para mim mesmo que nunca me envolveria nos seus problemas, garoto, porque, para que um homem dê conselhos, é bom que saiba do que diabos está falando. E Deus sabe que, em todos os meus 80 anos, nunca passei por nada parecido com o que você passou. Não sei absolutamente nada sobre como foi aquilo e o efeito que teve em você. Só de pensar naquela noite, sinto um aperto na barriga, então sei que também o sente. E no seu coração. E nos ossos. E na alma.

Fecho os olhos, querendo poder fechar os ouvidos no lugar deles. Não quero escutar isso.

— Nenhuma pessoa na sua vida sabe como é ser você. Nem eu. Nem seu pai. Nem aqueles seus amigos. Nem mesmo Tate. Só tem uma única pessoa que sente o que você sente. Uma única pessoa que sente a mesma dor que você. A mãe daquele bebê, que sente saudade dele da mesma forma que você.

Agora, meus olhos estão bem fechados, e estou fazendo tudo que posso para respeitar o lado dele da conversa, mas estou precisando de todas as minhas forças para não levantar e ir embora. Não tem o direito de mencionar Rachel.

— Miles — diz ele, baixinho, a voz determinada, como se precisasse que eu o levasse a sério. Sempre o levo a sério. — Você acha que roubou a chance que aquela garota tinha de ser feliz, e até confrontar esse passado, nunca vai seguir em frente. Vai ficar revivendo aquela noite por todo santo dia, até o dia em que morrer, a não ser que vá ver com seus próprios olhos que ela está bem. Talvez, assim, consiga perceber que não é nada de errado em você, também, ser feliz.

Inclino-me para a frente e passo as mãos no rosto, em seguida apoio os cotovelos nos joelhos e olho para a frente. Fico observando uma única lágrima cair do meu olho e atingir o chão debaixo dos meus pés.

— E o que vai acontecer se ela não estiver bem? — sussurro.

Cap inclina-se para a frente e une as mãos entre os joelhos. Viro-me para ele, vendo lágrimas em seus olhos pela primeira vez em 24 anos.

— Nesse caso, acho que nada vai mudar. Vai poder continuar se sentindo como se não merecesse uma vida por ter arruinado a dela. Vai poder continuar evitando tudo o que faz você *sentir* de novo. — Ele inclina-se para a frente e abaixa o tom de voz. — Sei que a ideia de confrontar o passado o deixa apavorado. É algo que apavora todo homem. Mas, às vezes, não é algo que fazemos por nós mesmos. É algo que fazemos pelas pessoas que amamos *mais* do que a nós mesmos.

Capítulo trinta e sete

RACHEL

— Brad! — grito. — Tem alguém na porta!

Pego o pano de prato e seco as mãos.

— Deixa comigo — afirma, passando pela cozinha.

Dou uma rápida olhada no cômodo para garantir que não tem nada de que minha mãe possa reclamar. Os balcões estão limpos. O chão está limpo.

Pode vir com tudo, mãe.

— Espere aqui — diz Brad para quem quer que esteja na porta.

Espere aqui?

Brad nunca diria isso para minha mãe.

— Rachel — diz Brad da entrada da cozinha.

Viro para ele e fico tensa imediatamente. A expressão no seu rosto é uma que raramente vejo. É usada apenas para preparação. Quando ele está prestes a me contar algo que não quero escutar, ou algo que ele teme que me magoe. Meus pensamentos imediatos vão parar na minha mãe, e sou tomada pela preocupação.

— Brad — sussurro. — O que foi?

Estou segurando o balcão ao meu lado. O medo familiar que costumava morar e respirar dentro de mim vem à tona, mas agora é algo que só toma conta de mim de vez em quando.

Como agora, quando meu marido está com medo demais para me contar algo que não sabe se quero ouvir.

— Tem alguém na porta querendo falar com você — diz ele.

Não conheço ninguém capaz de deixar Brad tão preocupado quanto agora.

— Quem?

Ele aproxima-se lentamente de mim e segura meu rosto entre as mãos ao me alcançar, então olha nos meus olhos como se estivesse tentando amortecer minha queda.

— Miles.

Não me mexo.

Não caio, mas Brad me segura mesmo assim. Ele põe os braços ao meu redor e me puxa para seu peito.

— Por que está aqui? — questiono, com a voz falhando.

Brad balança a cabeça.

— Não sei. — Ele afasta-se e olha para mim. — Posso pedir que vá embora se você precisar.

Balanço a cabeça imediatamente. Eu não faria isso com ele. Não se ele veio até Phoenix.

Não depois de quase sete anos.

— Precisa de alguns minutos? Posso levá-lo para a sala.

Eu não mereço este homem. Não sei o que faria sem ele. Ele sabe do meu passado com Miles. Sabe de tudo que passamos. Sabe de tudo isso e, mesmo assim, está aqui do meu lado, oferecendo-se para convidar o único outro homem que já amei a entrar na nossa casa.

— Estou bem — asseguro, apesar de não estar. Não sei se quero ver Miles. Não faço ideia de por que ele está aqui. — *Você* está bem?

Brad assente.

— Ele parece chateado. Acho que deveria falar com ele. — Ele inclina-se na minha direção e me beija na testa. — Está no corredor da entrada. Estarei no meu escritório se precisar de mim.

Faço que sim com a cabeça e o beijo. Beijo-o fortemente.

Ele se afasta, e eu fico parada em silêncio na cozinha, com o coração batendo irregularmente no peito. Respiro fundo, mas não consigo me acalmar. Limpo as mãos na camisa e vou até a entrada da casa.

Miles está de costas para mim, mas ouve meus passos quando me aproximo. Vira um pouco a cabeça para trás, quase como se tivesse tanto medo de se virar e me ver quanto eu mesma tenho de vê-lo.

Ele vira-se cautelosamente. Cuidadosamente. De repente, meus olhos fixam-se nos seus.

Sei que se passaram seis anos, mas nesse tempo, de alguma maneira, ele conseguiu mudar completamente, sem de fato mudar nada. Ainda é Miles, mas

agora é um homem. Logo, fico me perguntando o que está vendo ao me encontrar pela primeira vez desde o dia em que o deixei.

— Oi — cumprimenta, tomando cuidado.

Sua voz está diferente. Não é mais a voz de um adolescente.

— Oi.

Perco seu olhar enquanto seus olhos percorrem a entrada da casa. Ele fica assimilando minha casa. Uma casa onde nunca esperei vê-lo. Nós dois ficamos parados em silêncio por um minuto inteiro. Talvez dois.

— Rachel, eu... — Olha para mim. — Não sei por que estou aqui.

Eu sei.

Posso ver nos olhos dele. Passei a conhecer esses olhos muito bem quando estávamos juntos. Sabia tudo o que estava pensando. Suas emoções. Ele não conseguia esconder o que estava sentindo, porque sentia demais. Sempre sentiu demais.

Está aqui porque precisa de alguma coisa. Não sei o quê. Respostas, talvez? Um ponto final? Fico feliz por ter esperado até agora para isso, pois acho que finalmente me sinto pronta.

— É bom ver você — digo.

Nossas vozes estão fracas e tímidas. É estranho quando você vê alguém pela primeira vez em circunstâncias diferentes de quando se separaram.

Eu amava esse homem. Amava-o com todo o meu coração e com todo o meu ser. Eu o amava como amo Brad.

E também o odiava.

— Entre — convido-o, gesticulando na direção da sala. — Vamos conversar.

Ele dá dois passos hesitantes na direção da sala. Viro-me e deixo que me siga.

Ambos nos sentamos no sofá. Ele não fica muito à vontade. Em vez disso, senta-se na beira do sofá e se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Está olhando ao redor, assimilando minha casa mais uma vez. Assimilando minha vida.

— Você é corajoso — afirmo, e ele olha para mim, esperando que eu continue. — Já pensei nisso, Miles. Em vê-lo de novo. Eu só... — Olho para baixo. — Não consegui.

— Por que não? — pergunta ele, quase imediatamente.

Faço contato visual mais uma vez.

— Pelo mesmo motivo pelo qual você não o fez. Não sabemos o que dizer.

Ele sorri, mas não é o sorriso que eu amava em Miles. Esse sorriso é resguardado, e me pergunto se teria sido eu quem fiz isso com ele. Se sou responsável por todas as partes tristes de Miles. Agora, ele tem tantas partes tristes.

Miles pega uma foto minha com Brad na mesa de canto e observa-a por um instante.

— Você o ama? — pergunta, continuando a encarar a foto. — Como me amava?

Ele não pergunta isso de um jeito amargurado ou ciumento. Mas sim de um jeito curioso.

— Sim — respondo. — Tanto quanto a você.

Ele põe a foto de volta na mesa, mas continua a encarando.

— Como? — sussurra. — Como conseguiu fazer isso?

Suas palavras trazem lágrimas aos meus olhos, pois sei exatamente o que está me perguntando. Fiz a mesma pergunta a mim mesma por vários anos até conhecer Brad. Achava que jamais seria capaz de amar alguém de novo. Achava que jamais iria *querer* amar alguém de novo. Por que alguém desejaria se colocar numa situação que pode causar o tipo de dor que faz a pessoa cobiçar a própria morte?

— Quero mostrar uma coisa a você, Miles.

Levanto-me e estendo o braço para segurar a mão dele, que observa minha mão com cuidado por um instante e depois finalmente a segura. Seus dedos deslizam por entre os meus, e ele aperta minha mão enquanto se levanta. Começo a ir em direção ao quarto, e ele me segue de perto.

Chegamos à porta do quarto, e meus dedos param na maçaneta. Sinto um peso no coração. As emoções e tudo pelo que passamos estão vindo à tona, mas sei que preciso deixar isso acontecer se quiser ajudá-lo. Empurro a porta e entro, puxando Miles atrás de mim.

Assim que entramos no quarto, sinto seus dedos apertarem mais os meus.

— Rachel — sussurra.

Sua voz está implorando que eu não faça isso. Sinto-o tentar me puxar de volta em direção à porta, mas não permito. Faço-o vir até o berço dela comigo.

Está parado do meu lado, mas dá para sentir que está sendo difícil, que não quer estar aqui neste momento.

Ele está apertando minha mão com tanta força que sinto a dor no seu coração. Exala rapidamente e olha para ela. Vejo sua garganta se mover enquanto engole em seco, e depois exala mais uma vez para se acalmar.

Vejo sua outra mão subir e agarrar-se à beirada do berço, segurando-a com força igual à da mão que segura a minha.

— Qual o nome dela? — pergunta, baixinho.

— Claire.

Seu corpo inteiro reage à minha resposta. Os ombros começam a tremer imediatamente, e ele tenta prender o ar, mas nada seria capaz de impedi-lo. Nada seria capaz de o impedir de sentir o que está sentindo, então simplesmente deixo que ele sinta tudo aquilo. Afasta a mão da minha e cobre a boca para esconder a rápida rajada de ar liberada pelos pulmões. Ele vira-se e sai rapidamente do quarto. Sigo-o com a mesma velocidade, a tempo de ver suas costas chocarem-se com a parede do corredor na frente do quarto do bebê. Ele desliza até o chão, e as lágrimas começam a cair intensamente.

Não tenta disfarçá-las. Ele passa as mãos no cabelo, recosta a cabeça à parede e olha para mim.

— Ela... — Miles aponta para o quarto de Claire e tenta falar, mas precisa tentar várias vezes até que consegue pronunciar a frase: — É a irmã dele — diz, finalmente, exalando de maneira irregular. — Rachel. Você deu uma irmã a ele.

Afundo no chão ao lado dele e ponho o braço ao redor dos seus ombros, alisando seu cabelo com a outra mão. Ele pressiona as palmas da mão na testa e fecha os olhos com força, chorando baixinho para si mesmo.

— Miles. — Não tento disfarçar as lágrimas na minha voz. — Olhe para mim.

Ele encosta a cabeça de novo na parede, mas não consegue me olhar nos olhos.

— Desculpe por tê-lo culpado. Você também o perdeu. Eu não conhecia nenhuma outra maneira de enfrentar a situação naquela época.

Minhas palavras acabam completamente com ele, e sou consumida pela culpa de ter deixado seis anos se passarem sem que ele ouvisse isso. Inclina-se para mim e põe os braços ao meu redor com firmeza e me puxa. Deixo que me abrace.

Ficamos assim por bastante tempo, até que todas as desculpas e perdões tenham sido absorvidos e só sobrássemos nós dois mais uma vez. Sem lágrimas.

Eu estaria mentindo se dissesse que nunca penso no que fiz com ele. Penso nisso todos os dias. Mas eu tinha 18 anos e estava arrasada, e, depois daquela noite, nada mais importava para mim.

Nada.

Eu só queria esquecer, mas toda manhã em que acordava e não sentia Clayton do meu lado, culpava Miles. Culpava-o por ter me salvado, pois eu não tinha mais razão para viver. Meu coração sabia que Miles tinha feito o possível. Sabia que nunca tinha sido culpa dele, mas, naquele momento da minha vida, eu não estava conseguindo raciocinar nem perdoar. Naquele momento da minha vida, estava convencida de que não seria capaz de mais nada a não ser sentir dor.

Aqueles sentimentos permaneceram inabaláveis por mais de três anos.

Até o dia em que conheci Brad.

Não sei quem Miles encontrou, mas o conflito familiar em seus olhos prova que há alguém em sua vida. Eu costumava ver o mesmo conflito toda vez que olhava no espelho, sem saber se tinha forças para amar novamente.

— Você a ama? — pergunto.

Não preciso saber o nome dela. Já passamos desse ponto. Sei que não veio aqui por ainda estar apaixonado por mim. Está aqui porque não sabe *mesmo* como amar de novo.

Ele suspira e apoia o queixo no topo da minha cabeça.

— Tenho medo de não conseguir amar.

Miles beija o topo da minha cabeça, e fecho os olhos. Escuto seu coração batendo no peito. Um coração que, segundo ele, não sabe amar, mas que, na verdade, é um coração que ama demais. Ele amava muito, e aquela noite tomou aquilo de nós. Mudou nossos mundos. Mudou o seu coração.

— Eu chorava o tempo inteiro — conto para ele. — O tempo inteiro. No banho. No carro. Na cama. Toda vez que ficava sozinha, chorava. Naqueles primeiros dois anos, minha vida era uma tristeza constante, e nada a penetrava. Nem mesmo os bons momentos.

Sinto seus braços apertarem-me com mais firmeza, dizendo-me silenciosamente que ele entende. Sabe exatamente do que estou falando.

— Então, quando conheci Brad, percebi que tinha breves momentos em que minha vida não era mais triste durante todos os segundos do dia. Ia com ele para algum lugar de carro e percebia que era a primeira vez que entrava num carro sem deixar cair uma única lágrima. As noites que passávamos juntos eram as únicas em que eu não pegava no sono chorando. Pela primeira vez, aquela

tristeza impenetrável que tinha me dominado estava sendo quebrada pelos breves momentos bons que eu passava com Brad.

Paro, precisando de um instante. Faz tempo que não preciso pensar nisso, e todas essas emoções e sentimentos são recentes demais. Reais demais. Afasto-me de Miles, encosto na parede e apoio a cabeça no seu ombro. Ele apoia a cabeça na minha e segura minha mão, entrelaçando nossos dedos.

— Depois de um tempo, comecei a perceber que os bons momentos com Brad começaram a ser mais importantes do que todo o rancor. A tristeza que era a minha vida virou os *momentos*, e minha felicidade com Brad virou a minha *vida*.

Sinto-o exalar, e sei que ele sabe do que estou falando. Sei que, independentemente de quem seja essa mulher, ele teve esses momentos bons com ela.

— Durante os nove meses da gravidez de Claire, tive muito medo de não conseguir chorar de alegria quando a visse. Logo depois que ela nasceu, eles a entregaram para mim, da mesma forma que fizeram com Clayton. Claire era igual a ele, Miles. *Igual*. Eu estava encarando-a, segurando-a no colo, e lágrimas escorriam pelas minhas bochechas. Mas eram lágrimas boas, e percebi naquele momento que eram as primeiras lágrimas de alegria desde o dia em que segurei Clayton nos braços.

Enxugo os olhos, solto a mão dele e levanto a cabeça do seu ombro.

— Você também merece isso — afirmo. — Merece sentir aquilo de novo.

Ele assente.

— Quero tanto amá-la, Rachel — confessa, exalando as palavras como se estivessem sendo sufocadas há uma eternidade. — Quero tanto ter isso tudo com ela. Só tenho medo de que o resto da dor nunca vá embora.

— O sofrimento não vai embora nunca, Miles. Jamais. Mas, se você se permitir amá-la, é algo que só vai sentir às vezes, não vai mais consumir toda a sua vida.

Ele põe o braço ao redor de mim e puxa minha testa contra seus lábios. Me dá um beijo longo e forte antes de se afastar. Assente, indicando que entende o que estou tentando explicar.

— Você vai conseguir, Miles — digo, repetindo as mesmas palavras que ele usava para me tranquilizar. — Você vai conseguir.

Miles ri, e é como se eu pudesse sentir parte do peso sendo tirado de cima dele.

— Sabe qual era o meu maior medo hoje? — pergunta. — Estava com medo de que, quando eu chegasse aqui, você estivesse igual a mim. — Ele afasta meu cabelo e sorri. — Estou tão contente por você não estar assim. Sinto-me bem vendo que está feliz.

Ele puxa-me para si e me abraça fortemente.

— Obrigado, Rachel — sussurra, então beija minha bochecha delicadamente antes de me soltar e se levantar. — É melhor eu ir. Tem um milhão de coisas que quero dizer a ela.

Ele segue pelo corredor na direção da sala e se vira para mim uma última vez. Não vejo mais todas as partes tristes dele. Agora, tudo o que vejo ao olhar nos seus olhos é calma.

— Rachel? — Ele para, observando-me em silêncio por um instante. Um sorriso sereno surge lentamente no seu rosto. — Estou muito orgulhoso de você.

Miles desaparece do corredor, e continuo no chão até escutar a porta da casa se fechar atrás dele.

Também estou orgulhosa de você, Miles.

Capítulo trinta e oito

TATE

Fecho a porta do carro e vou até a escada que leva ao segundo andar do meu prédio. Fico aliviada por não precisar mais usar o elevador, mas é óbvio que estou com um pouco de saudade de Cap, mesmo se seus conselhos não fizessem muito sentido na maior parte do tempo. Só de tê-lo ao meu lado para desabafar já era bom. Tenho me mantido ocupada com o trabalho e as aulas, tentando manter a concentração, mas tem sido difícil.

Estou no meu apartamento novo há duas semanas, e, apesar de querer estar sozinha, nunca estou de fato. Toda vez que entro em casa, Miles ainda está por todo canto. Ainda está em tudo, e fico esperando o momento em que não vai mais estar. Fico esperando o dia em que vai doer menos. Em que não vou sentir tanta saudade dele.

Até diria que meu coração está partido, mas não é verdade. Não acho que esteja. Na verdade, não dá nem para saber, porque meu coração não aparece no meu peito desde que o deixei jogado na frente do apartamento de Miles no dia em que me despedi.

Digo a mim mesma que é um dia de cada vez, mas é muito mais fácil falar do que fazer. Especialmente quando os dias viram noites, e preciso me deitar sozinha na cama, escutando o silêncio.

O silêncio nunca foi tão barulhento antes de me despedir de Miles.

Já estou sem a mínima vontade de abrir a porta de casa, e ainda nem estou na metade da escada. Já dá para perceber que essa noite não vai ser diferente de todas as outras depois de Miles. Chego no topo da escada e viro à esquerda na direção do meu apartamento, mas meus pés param de funcionar.

Minhas pernas param de funcionar.

Sinto um coração martelar em algum canto no meu peito pela primeira vez em duas semanas.

— Miles?

Ele não se mexe. Está sentado no chão na frente do meu apartamento, encostado na porta. Aproximo-me lentamente, sem saber como interpretar esta visita. Ele não está de uniforme. Está com roupas casuais, e a barba por fazer indica que não trabalha há alguns dias. Também parece ter um machucado novo debaixo do seu olho direito. Tenho medo de acordá-lo, pois se estiver tão hostil quanto na noite em que o conheci, não quero ter que lidar com isso. Mas, pensando bem, não vou conseguir de jeito nenhum passar por ele e entrar em casa sem acordá-lo.

Olho para cima e inspiro profundamente, perguntando-me o que fazer. Tenho medo de acordá-lo e terminar cedendo. Vou acabar deixando que entre e entregando o que ele quer, que não é mesmo a parte de mim que quero entregar a ele.

— Tate.

Olho para ele, que agora está acordado, levantando-se, observando-me nervosamente. Dou um passo para trás depois que ele se levanta, porque esqueci o quanto é alto. O quanto se torna tudo quando está parado na minha frente.

— Há quanto tempo está aqui?

Ele olha para o celular na sua mão.

— Seis horas. — Miles olha de volta para mim. — Preciso muito usar seu banheiro.

Quero rir, mas não me lembro como se faz.

Viro-me para a porta, e ele dá um passo para o lado a fim de que eu possa destrancá-la.

Minha mão trêmula empurra a porta do apartamento, e eu entro, então aponto para o corredor.

— À direita.

Não olho enquanto ele vai naquela direção. Espero a porta do banheiro fechar, sento no sofá e enterro o rosto entre as mãos.

Odeio o fato de Miles estar aqui. Odeio ter deixado que entrasse sem questioná-lo. Odeio o fato de que vou ser obrigada a mandá-lo embora assim que sair do banheiro. Mas simplesmente não consigo mais continuar fazendo isso comigo mesma.

Ainda estou tentando me recompor quando a porta do banheiro se abre e ele volta para a sala. Olho para ele e não consigo deixar de encará-lo.

Tem alguma coisa diferente.

Ele está diferente.

O sorriso no rosto dele... a serenidade em seus olhos... a maneira como ele se comporta, como se estivesse flutuando.

Só se passaram duas semanas, mas ele parece tão diferente.

Ele se senta no sofá e nem se dá ao trabalho de deixar algum espaço entre nós. Senta-se bem do meu lado e se inclina para perto de mim, então fecho os olhos e fico esperando quaisquer que sejam as palavras que está prestes a dizer para me magoar mais uma vez. É tudo o que sabe fazer.

— Tate — sussurra. — Que *saudade* de você.

Caramba.

Não estava esperando escutar essas quatro palavras de jeito nenhum, mas elas acabaram de se tornar as minhas quatro palavras preferidas.

Que e *saudade* e *de* e *você.*

— Fale isso de novo, Miles.

— Que saudade de você, Tate — repete, imediatamente. — Muita. E não é a primeira vez. Senti saudade de você todos os dias em que não estávamos juntos desde o momento em que a conheci.

Ele põe o braço ao redor do meu ombro e me puxa para perto.

Eu vou.

Caio no peito dele e seguro sua camisa, fechando os olhos com força ao sentir seus lábios pressionarem o topo da minha cabeça.

— Olhe para mim — pede, baixinho, puxando-me para o colo e me deixando de frente para ele.

É o que faço. Olho para ele. Desta vez, realmente o vejo. Não tem nenhuma proteção erguida. Nenhuma muralha invisível me impedindo de aprender e explorar tudo sobre ele. Está me deixando vê-lo desta vez, e ele é lindo.

Bem mais lindo do que antes. A mudança, qualquer que tenha sido, foi algo gigante.

— Quero contar uma coisa pra você. É muito difícil de dizer, porque você é a primeira pessoa para quem já quis contar isso.

Estou com medo de me mexer. Suas palavras estão me deixando apavorada, mas faço que sim.

— Eu tive um filho — diz ele, baixinho, olhando para nossas mãos entrelaçadas.

Nunca ouvi quatro palavras ditas com tanto sofrimento.

Inspiro. Ele olha para mim com lágrimas nos olhos, mas fico em silêncio por ele, apesar de suas palavras terem acabado de me deixar sem ar.

— Ele morreu há seis anos.

Sua voz está baixa e distante, mas ainda é sua voz.

Dá para perceber que essas palavras estão entre as mais difíceis que teve que dizer na vida. Admitir isso representa muito sofrimento para ele. Quero pedir que pare. Quero dizer que não preciso saber se aquilo o faz sofrer. Quero abraçá-lo e arrancar a tristeza da sua alma com minhas próprias mãos, mas, em vez disso, deixo-o terminar.

Miles olha de volta para nossos dedos entrelaçados.

— Ainda não estou pronto para falar sobre ele. Preciso fazê-lo no meu próprio tempo.

Faço que sim e aperto suas mãos para tranquilizá-lo.

— Mas vou falar dele pra você. Prometo. Também quero contar sobre Rachel. Quero que saiba tudo sobre o meu passado.

Nem ao menos sei se ele terminou, mas me lanço para a frente e pressiono meus lábios nos seus. Ele me puxa com tanta firmeza e empurra minha boca com tanta força que é como se estivesse tentando se desculpar sem usar palavras.

— Tate — murmura contra minha boca. Dá para perceber que está sorrindo. — Não terminei.

Ele me ergue e me coloca ao seu lado no sofá. Sua mão faz círculos no meu ombro enquanto ele olha para o próprio colo, formando quaisquer que sejam as palavras que precisa me dizer.

— Nasci e cresci num pequeno subúrbio nos arredores de São Francisco — começa ele, erguendo os olhos de volta para os meus. — Sou filho único. Não tenho nenhuma comida preferida, porque gosto de quase tudo. Quis ser piloto desde que me lembro. Minha mãe morreu de câncer quando eu tinha 17 anos. Meu pai está casado há cerca de um ano com uma mulher que trabalha para ele. Ela é legal, e eles estão felizes juntos. Meio que sempre quis ter um cachorro, mas nunca tive...

Fico olhando-o, hipnotizada. Vejo seus olhos perambularem pelo meu rosto enquanto ele fala. Enquanto me conta tudo sobre sua infância e seu passado, e como conheceu meu irmão e sua amizade com Ian.

Sua mão encontra a minha, e ele a cobre como se estivesse se tornando o meu escudo. A minha armadura.

— Na noite em que a conheci — diz ele, finalmente. — Na noite em que me encontrou no corredor... — Os olhos viram-se para o seu colo, sem conseguir manter o contato visual comigo. — Meu filho teria completado seis anos naquele dia.

Sei que ele disse que queria que eu o escutasse, mas agora preciso abraçá-lo. Inclino-me para a frente e passo os braços ao seu redor. Ele se deita no sofá, puxando-me para cima do próprio corpo.

— Precisei de todas as minha forças para me convencer de que não estava me apaixonando por você, Tate. Toda vez que eu estava com você, as coisas que eu sentia me deixavam apavorado. Havia passado seis anos achando que tinha controle da minha vida e do meu coração, e que nada seria capaz de me magoar novamente. Mas, quando estávamos juntos, havia momentos em que eu não me importava se terminaria me magoando, porque ficar com você quase compensava uma possível dor. Toda vez em que eu começava a me sentir assim, afastava-a mais ainda por culpa e por medo. Sentia como se não merecesse você. Como se não merecesse felicidade alguma, porque era algo que eu tinha roubado das únicas duas pessoas que já amei na vida.

Os braços me apertam com mais força quando ele sente meus ombros tremerem devido às lágrimas que caem dos meus olhos. Os lábios encostam no topo da minha cabeça, e ele inspira calmamente enquanto me dá um beijo longo e forte.

— Desculpe ter demorado tanto — diz ele, com a voz cheia de remorso. — Mas nunca vou conseguir agradecer o suficiente por você não ter desistido de mim. Você viu algo em mim que a deixava esperançosa em relação a nós dois, e não desistiu. E Tate? Essa foi a coisa mais importante que alguém já fez para mim.

Suas mãos encontram minhas bochechas, e ele me ergue do seu peito para me encarar.

— Talvez seja um pedaço de cada vez, mas agora o meu passado é seu. Todo ele. Tudo o que quiser saber, vou lhe contar. Mas só se me prometer que posso ficar com seu futuro também.

As lágrimas escorrem pelas minhas bochechas, e ele as enxuga, apesar de não ser necessário. Não me importo de estar chorando, porque não são lágrimas de tristeza. Não mesmo.

Ficamos nos beijando por tanto tempo que minha boca começa a doer tanto quanto meu coração. Mas, desta vez, meu coração não está doendo de sofrimento. Está doendo porque nunca esteve tão cheio.

Passo os dedos na cicatriz do seu maxilar, sabendo que, com o tempo, ele vai me contar a origem dela. Também toco na área sensível debaixo do seu olho, aliviada por finalmente poder fazer perguntas sem ter medo de chateá-lo.

— O que aconteceu com o seu olho?

Ele ri e deixa a cabeça encostar no sofá.

— Precisei pedir o seu endereço para Corbin. Ele me deu, mas demorei para convencê-lo.

Inclino-me para a frente e beijo seu olho delicadamente.

— Não acredito que ele bateu em você.

— Não foi a primeira vez — admite. — Mas tenho certeza que será a última. Acho que finalmente aceitou que estejamos juntos depois que concordei com algumas regras dele.

Isso me deixa nervosa.

— Que regras?

— Bem, para começar, não posso partir seu coração — diz ele. — Segundo, não posso partir o seu coração *nem a pau*. E, por último, não posso partir o seu coração nem a pau, *porra*.

Não consigo segurar a risada, porque parece mesmo algo que Corbin diria para ele. Miles ri comigo, e ficamos nos observando por vários momentos silenciosos. Agora, consigo ver tudo nos seus olhos. Cada uma de suas emoções.

— Miles — digo, sorrindo —, você está olhando para mim como se estivesse apaixonado.

Ele balança a cabeça.

— Não estou *apaixonado* por você, Tate. Estou *nas nuvens*.

Ele me puxa de volta para perto e me dá a única parte sua que nunca tinha conseguido me dar antes.

Seu coração.

Capítulo trinta e nove

MILES

Estou parado na porta do meu quarto observando-a dormir. Ela não sabe, mas faço isso todas as manhãs que passa aqui. É isso que faz meu dia começar bem.

A primeira vez que fiz isso foi na manhã depois que a conheci. Não me lembrava de muita coisa da noite anterior. Tudo o que me lembrava era ela. Estava no sofá, e ela ficou alisando meu cabelo, sussurrando, dizendo que eu devia dormir. Quando acordei no apartamento de Corbin na manhã seguinte, não consegui parar de pensar nela. Achei que tinha sido um sonho, até ver sua bolsa na sala.

Dei uma olhada no quarto dela só para ver se tinha alguém no apartamento comigo. O que senti no instante em que olhei para ela foi algo que não sentia desde o instante em que vi Rachel pela primeira vez.

Parecia que eu estava flutuando. A pele e o cabelo e os lábios e a maneira como parecia um anjo enquanto eu a encarava ali trouxeram à tona muitos sentimentos que tinham se tornado desconhecidos para mim nos últimos seis anos.

Havia passado tempo demais me impedindo de sentir qualquer coisa por alguém.

Não que pudesse ter controlado meus sentimentos por Tate naquele dia. Não conseguiria controlá-los nem se quisesse.

Sei disso, porque tentei.

Tentei pra caramba.

Mas, no segundo em que ela abriu os olhos e olhou para mim, eu soube de uma coisa: ou ela seria a minha morte... ou a pessoa que finalmente me faria

ressuscitar.

O único problema que havia nisso era o fato de que eu não *queria* ressuscitar. Estava bem. Proteger-me da possibilidade de sentir o que havia sentido no passado era minha única prioridade. No entanto, houve muitos momentos em que esqueci qual devia ser essa minha única prioridade.

O momento que mudou tudo foi quando finalmente cedi e a beijei. Depois daquele beijo, fiquei querendo muito mais. Queria tanto sua boca e seu corpo e sua mente, e só parei porque senti que também estava querendo seu coração. Mas sabia mentir para mim mesmo muito bem. Sabia me convencer de que era forte o bastante para ficar com ela apenas fisicamente. Não queria me magoar de novo, e definitivamente não queria que ela se magoasse.

Mas foi o que fiz mesmo assim. Magoei-a demais. Mais de uma vez. Agora, planejo passar a vida inteira compensando-a por isso.

Vou até minha cama e sento-me na beirada. Ela sente o movimento no colchão e abre os olhos, mas não completamente. Um sorriso se insinua em seus lábios antes de puxar as cobertas por cima da cabeça e rolar para o lado.

Começamos a namorar oficialmente há seis meses, e já foi mais do que o suficiente para que eu percebesse que ela não gosta mesmo de acordar cedo. Inclino-me para a frente e beijo a parte do cobertor que está cobrindo sua orelha.

— Acorde, dorminhoca — sussurro.

Ela grunhe, então ergo as cobertas e deito atrás dela, abraçando-a. O grunhido acaba se tornando um gemido baixinho.

— Tate, você precisa acordar. Temos um voo para pegar.

Isso chama sua atenção.

Ela vira para o lado cautelosamente e tira as cobertas de cima de nossas cabeças.

— Que história é essa de que temos um *voo* para pegar?

Sorrio, tentando conter a ansiedade.

— Levante-se, vá se vestir, vamos.

Ela está me olhando, desconfiado, o que faz bastante sentido, considerando que ainda não são nem cinco da manhã.

— Sei que você sabe quão raro é que eu tenha o dia inteiro de folga, então acho bom isso valer a pena.

Rio e dou-lhe um rápido beijo.

— Isso só depende da nossa capacidade de ser pontual. — Levanto-me e dou vários tapinhas no colchão. — Então levante, levante, levante.

Ela ri e afasta completamente as cobertas. Arrasta-se até a beirada da cama, e ajudo-a a se levantar.

— É difícil ficar irritada com você quando está tão alegre.

***

Chegamos à portaria, e Cap está esperando no elevador assim como pedi. Está com o suco de Tate num copo para viagem e o nosso café da manhã. Adoro o relacionamento deles dois. Estava um pouco preocupado em contar para Ela que conheço Cap desde sempre. Quando finalmente contei, ficou irritada com ambos. Em boa parte porque presumiu que Cap me contava tudo o que confessava para ele.

Garanti que Cap não faria isso.

Sei que não faria isso porque Cap é uma das poucas pessoas do mundo em quem confio.

Ele sabia exatamente o que me dizer sem parecer que estava me dando um sermão ou um conselho. Sempre me dizia apenas o suficiente para que eu refletisse bastante sobre minha situação com Tate. Felizmente, ele é uma das poucas pessoas que fica mais sábia com a idade. Ele tinha plena noção o tempo inteiro do que estava fazendo conosco.

— Bom dia, Tate — cumprimenta-a, sorrindo de uma orelha à outra.

Ele estende os braços para que ela o segure, e ela fica olhando para nós dois.

— O que está acontecendo? — pergunta ela para Cap, enquanto ele a acompanha até a saída da portaria.

Cap sorri.

— O garoto está prestes a me levar para minha primeira viagem de avião na vida. Queria que você viesse também.

Tate diz não acreditar que é a primeira viagem de avião dele.

— É verdade — afirma. — O fato de ter esse apelido não significa que já andei de avião.

O olhar de gratidão que ela me lança por cima dos ombros já é o suficiente para que eu declare que esse dia é um dos meus preferidos, e ainda nem amanheceu.

***

— Está tudo bem aí atrás, Cap? — pergunto no microfone.

Ele está sendo atrás de Tate, olhando pela janela. Faz um sinal positivo com a mão, mas não tira os olhos da janela. O sol nem apareceu ainda no meio das nuvens, e não tem muito o que se ver neste momento. Estamos no avião há somente dez minutos, mas tenho certeza de que ele está tão fascinado e hipnotizado quanto eu esperava.

Volto a atenção para os controles até chegar à altitude ideal, então ponho o fone do Cap no mudo. Olho para Tate, que está me encarando com um sorriso de gratidão nos lábios.

— Quer saber por que estamos aqui? — pergunto para ela.

Tate olha para Cap por cima do ombro e depois para mim.

— Porque ele nunca fez isso antes.

Balanço a cabeça, bem na hora certa.

— Lembra quando estávamos voltando da casa dos seus pais depois do dia de Ação de Graças?

Ela assente, mas agora seus olhos estão curiosos.

— Você me perguntou como é ver o amanhecer daqui de cima. Não dá para descrever, Tate. — Aponto para a janela dela. — É algo que precisa ser visto com os próprios olhos.

Ela vira-se imediatamente e olha para a janela. Suas palmas pressionam o vidro, e, por cinco minutos seguidos, ela não mexe nenhum músculo. Fica observando o tempo inteiro, e, não sei como, mas me apaixono ainda mais por ela nesse momento.

Depois que o sol atravessa as nuvens e o avião é completamente tomado por sua luz, ela finalmente se vira para mim. Os olhos estão cheios de lágrimas, e ela não diz nada. Apenas estende o braço e segura minha mão.

***

— Espere aqui — peço a ela. — Quero ajudar Cap a sair primeiro. Um motorista vai levá-lo de volta ao prédio, porque nós dois vamos tomar café da manhã depois disso aqui.

Ela despede-se de Cap e fica esperando pacientemente no avião enquanto o ajudo a descer os degraus. Ele põe a mão no bolso, me entrega as caixas e abre

um dos seus sorrisos de aprovação. Guardo-as no bolso do casaco e me viro de volta para a escada.

— Ei, garoto! — grita Cap antes de entrar no carro. Paro e me viro para ele, que olha para o avião atrás de mim. — Obrigado — diz, gesticulando ao longo do comprimento da aeronave. — Por isso.

Faço que sim, mas ele desaparece para dentro do veículo antes que eu possa responder.

Subo os degraus de novo e entro no avião. Ela está desafivelando o cinto de segurança, preparando-se para sair, mas volto para o meu assento.

Ela sorri para mim afetuosamente.

— Você é incrível, Miles Mikel Archer. E preciso dizer uma coisa, você fica um tesão pilotando um avião. Deveríamos fazer isso mais vezes.

Ela me dá um rápido beijo na boca e começa a se levantar do assento.

Faço-a se sentar de novo.

— Ainda não terminamos — aviso, virando-me completamente para ela. Seguro suas mãos e olho para ela, inspirando lentamente, preparando-me para dizer tudo o que ela merece escutar. — Sabe o dia em que me perguntou sobre o amanhecer? — Olho nos olhos dela mais uma vez. — Preciso agradecê-la por aquilo. Foi o primeiro momento em mais de seis anos em que senti que queria amar alguém de novo.

Ela exala rapidamente pela boca com um sorriso e puxa o lábio inferior para dentro, querendo disfarçá-lo. Levo a mão até seu rosto e puxo seu lábio, tirando-o dos seus dentes com a pressão do meu dedo.

— Já falei pra não fazer isso. Amo o seu sorriso quase tanto quanto amo você.

Inclino-me para beijá-la novamente, mas fico de olhos abertos para garantir que vou conseguir pegar a caixinha preta primeiro. Quando está na minha mão, paro de beijá-la e me afasto. Seus olhos avistam a caixa e arregalam-se imediatamente, desviando sem parar entre a caixa e o meu rosto. A mão sobe até sua boca, e ela cobre um suspiro.

— Miles — começa a dizer, continuando a olhar para mim e para a caixa.

Interrompo-a.

— Não é o que está pensando — digo, abrindo a caixa imediatamente para deixar a chave à mostra. — *Meio que* não é o que está pensando — acrescento, hesitantemente.

Os olhos estão arregalados e esperançosos, e fico aliviado com sua reação. Dá para perceber pelo sorriso que ela quer isso.

Tiro a chave e viro a mão dela, colocando-a na sua palma. Fica encarando a chave por vários segundos e depois olha de volta para mim.

— Tate — digo, olhando para ela com esperança. — Quer morar comigo?

Ela olha para a chave mais uma vez, e depois diz duas palavras que fazem um sorriso surgir imediatamente no meu rosto.

Sem e *dúvida*.

Inclino-me para a frente e a beijo. Nossas pernas e braços e bocas tornam-se duas peças de um quebra-cabeça, encaixando-se sem nenhum esforço. Ela vem para o meu colo, sentando em cima de mim na cabine do avião.

Está apertado e cheio de coisas.

É perfeito.

— Mas não sei cozinhar muito bem — alerta ela. — E você sabe lavar roupa melhor do que eu. Simplesmente jogo as roupas brancas e coloridas juntas. E você sabe que não sou muito legal pela manhã.

Ela está segurando meu rosto, lançando todos os alertas possíveis, como se eu não soubesse no que estou me metendo.

— Olha, Tate — digo a ela. — Eu *quero* a sua bagunça. Quero suas roupas no chão do meu quarto. Quero sua escova de dentes no meu banheiro. Quero seus sapatos no meu armário. Quero sua comida sem graça na minha geladeira.

Ela ri disso.

— Ah, e quase esqueci — digo, tirando a outra caixa do bolso. Seguro-a entre nós dois e a abro, deixando à mostra o anel. — Também quero você no meu futuro. Para sempre.

Sua boca se abre em choque, e ela está encarando o anel. Está paralisada. Espero que não tenha dúvidas sobre isso, porque não tenho nenhuma em relação a querer passar o resto da vida com ela. Sei que só se passaram seis meses, mas, quando a pessoa sabe, ela sabe e pronto.

O silêncio me deixa nervoso, então pego rapidamente o anel e seguro a mão dela.

— Você quer quebrar a regra número dois comigo, Tate? Porque quero muito me casar com você.

Ela nem precisa dizer sim. As lágrimas, o beijo que me dá e sua risada respondem por ela.

Ela afasta-se e olha para mim com tanto amor e gratidão que meu peito dói.

Está absolutamente linda. A esperança dela é linda. Seu sorriso é lindo. As lágrimas escorrendo por suas bochechas são lindas.

O

amor

dela

é

lindo.

Ela exala baixinho e se inclina para a frente lentamente, pressionando com delicadeza seus lábios nos meus. O beijo é cheio de ternura e afeto, e nele há uma promessa implícita de que, agora, ela é minha.

Para sempre.

— Miles — sussurra contra minha boca, provocando meus lábios com os seus.

— Nunca fiz amor num avião antes.

Um sorriso forma-se imediatamente nos meus lábios. É como se, de alguma maneira, ela tivesse se infiltrado nos meus pensamentos.

— Eu nunca fiz amor com minha *noiva* antes — respondo.

Suas mãos deslizam lentamente pelo meu pescoço e minha camisa até que seus dedos encontram o botão da minha calça jeans.

— Bem, acho que precisamos corrigir isso — afirma, terminando a frase com um beijo.

Quando sua boca encontra a minha mais uma vez, é como se todos os últimos pedaços da minha armadura se desintegrassem, e todos os últimos pedaços de gelo que cercavam a geleira que era meu coração desaparecessem e evaporassem.

É óbvio que a pessoa, quem quer que tenha sido, que inventou a frase *estou morrendo de amor por você* nunca sentiu o tipo de amor que existe entre Tate e eu.

Se tivesse, a frase seria *estou vivendo de amor por você.*

Porque é exatamente o que Tate fez.

Ela me trouxe de volta à vida com seu amor.

Fim.

EPÍLOGO

Lembro-me do dia em que me casei com ela.
Foi um dos melhores dias da minha vida.
Lembro-me de estar parado no altar ao lado de Ian e Corbin. Estávamos esperando a entrada dela quando Corbin inclinou-se para a frente e sussurrou algo para mim.
Ele disse:
— Você é o único que seria capaz de atender aos meus requisitos, Miles. Fico feliz por ser você.
Eu também estava feliz porque era eu.
Aquilo foi há mais de dois anos, e todos os dias desde então, de alguma maneira, consegui me apaixonar um pouco mais ainda.
Ou melhor, estou mais ainda *nas nuvens*.
Mas não chorei no dia em que casei com ela.
As lágrimas dela estavam
caindo
caindo
caindo
naquele dia,
mas as minhas, não.
Estava convencido de que nunca cairiam.
Não da forma como queria.
Foi oito meses atrás que descobrimos que íamos ter um bebê.
Não estávamos tentando ter um bebê, mas também não estávamos *não* tentando.
— Se acontecer, aconteceu — disse Tate.
Aconteceu.

Quando descobrimos, ambos ficamos empolgados.
Ela chorou.
Suas lágrimas estavam
caindo
caindo
caindo,
mas as minhas, não.
Por mais empolgado que eu estivesse, também estava apavorado.
Estava com o medo que surge quando se ama alguém tanto assim.
O medo de que algo de ruim aconteça.
Estava com medo que minhas lembranças falassem mais alto no dia em que me tornasse pai mais uma vez.
Bem, acabou de acontecer.
E ainda estou com medo.
Estou *apavorado*.
— É uma menina — diz o médico.
Uma menina.
Acabamos de ter uma menina.
Acabei de me tornar pai de novo.
Tate acabou de se tornar mãe.
Sinta alguma coisa, Miles.
Tate olha para mim.
Sei que está vendo o medo nos meus olhos. Também sei o tanto de dor que está sentindo agora, mas, mesmo assim, ela consegue sorrir.
— Sam — sussurra, dizendo pela primeira vez o nome dela em voz alta.
Tate insistiu que o nome fosse Sam em homenagem ao verdadeiro nome de Cap, Samuel.
Não conseguiria pensar em uma ideia melhor.
A enfermeira aproxima-se de Tate e coloca Sam em seus braços.
Tate começa a chorar.
Meus olhos ainda estão secos.
Ainda estou com medo demais para tirar os olhos de Tate e ver nossa filha.
Não estou com medo do que vou sentir ao vê-la.
Estou com medo do que *não* vou sentir.
Estou aterrorizado com o medo de que minhas experiências passadas tenham arruinado toda a capacidade que eu tinha de sentir o que todo pai deve sentir

neste momento.
— Vem aqui — diz Tate, querendo que eu me aproxime.
Sento-me ao lado delas na cama.
Ela entrega Sam para mim, e minhas mãos estão tremendo, mas eu a seguro mesmo assim.
Fecho os olhos e exalo lentamente antes de encontrar a coragem para abri-los mais uma vez.
Sinto a mão de Tate encostar delicadamente no meu braço.
— Ela é linda, Miles — sussurra. — Olhe para ela.
Abro os olhos e inspiro fortemente ao vê-la.
Ela é igual a ele, mas com o cabelo castanho de Tate.
Seus olhos são azuis.
Ela tem os meus olhos.
Estou
sentindo.
Está tudo aqui.
Tudo o que senti da primeira vez em que o segurei no colo é tudo que estou sentindo nesse momento enquanto a olho.
Achar que eu não tinha mais a capacidade de amar tanto alguém era o único medo que faltava superar.
Com uma única olhada para Sam, superei-o com sua ajuda.
Ela já é minha heroína, e só tem dois minutos de idade.
— Ela é tão linda, Tate — murmuro. — Tão linda.
Minha voz falha.
Meu rosto está coberto de lágrimas.
Caindo
Caindo
Caindo.
Pela primeira vez desde o instante em que segurei Clayton, estou chorando lágrimas de alegria.
Rachel tinha razão. A dor sempre vai estar presente.
O medo também.
Mas a dor e o medo não são mais minha vida. São apenas momentos.
Momentos que são constantemente ofuscados a cada minuto que passo com Tate.
E, agora, a cada minuto que passo com Sam.

Eu e Tate e Sam.

Minha família.

Beijo-a na testa e depois me inclino e beijo Tate por ter me dado algo tão bonito mais uma vez.

Tate encosta a cabeça no meu braço, e nós dois ficamos olhando para ela.

Nossa filha.

Amo tanto você, Sam.

Estou olhando para a perfeição que criamos quando cai a ficha.

Tudo isso vale a pena.

São os momentos bonitos como esse que fazem valer a pena o amor feio.

AGRADECIMENTOS

Não faço ideia de como cheguei a este momento em que escrevo os agradecimentos para meu oitavo livro. É definitivamente surreal, e eu nunca teria sido capaz de vivenciá-lo se não fosse pelas seguintes pessoas.

Toda a equipe de Dystel & Goderich, pelo apoio e incentivo contínuos.

Johanna Castillo, Judith Curr e toda a família da Atria Books. Vocês tornam isto divertido, e sou eternamente grata por fazer parte de uma das equipes editoriais mais legais da indústria.

A todos os meus amigos e leitores-teste, vocês sabem quem são. Os feedbacks e o apoio de vocês continuam me deixando perplexa. Saibam que amo vocês e que os agradeço muito e que não seria capaz de nada disto sem cada um de vocês.

Minha família incrível. Não sei como dei a sorte de ter a melhor família de todas, mas nunca vou subestimar o valor de cada um de vocês. Especialmente dos meus quatro garotos.

Garotas do FP, vocês sempre sabem exatamente quando disparar os canhões de purpurina e soltar os unicórnios. Formamos uma equipe maravilhosa.

Aos meus Weblichs. Pode ser que não saibamos como pronunciar Weblich corretamente, mas escutamos essa palavra com orgulho. Nem sei o que dizer, quero somente agradecer por terem me dado um lugar para ir quando precisava ouvir um incentivo, dar uma boa risada ou cair na real.

Aos CoHorts por todo o apoio incomparável de vocês, que fazem este trabalho não ter nada de trabalho.

E, por último, mas com certeza não menos importante, ao meu NPTBF. Sempre serei grata pela minha desorganização e por não saber guardar joias.

Caso contrário, eu perderia a oportunidade de ter um dos relacionamentos mais maravilhosos, estranhos, antiéticos e sem sentido da minha vida.

Queridos leitores,

Como sabem, tive o prazer de trabalhar com o músico Griffin Peterson para criar uma trilha sonora original que acompanha *Talvez um dia*. Sei que todos amaram a música, então lá vamos nós novamente! Griffin escreveu uma canção para *O lado feio do amor* também. Você pode ouvi-la nos principais streamings de música.

Divirtam-se!
Colleen Hoover

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Índice

É assim que acaba
- Obras da autora publicadas pela Galera Record
- Rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Sumário
- Parte Um
  - Capítulo Um
  - Capítulo Dois
  - Capítulo Três
  - Capítulo Quatro
  - Capítulo Cinco
  - Capítulo Seis
  - Capítulo Sete
  - Capítulo Oito
  - Capítulo Nove
  - Capítulo Dez
  - Capítulo Onze
  - Capítulo Doze
  - Capítulo Treze
  - Capítulo Catorze
  - Capítulo Quinze
  - Capítulo Dezesseis
  - Capítulo Dezessete
- Parte Dois
  - Capítulo Dezoito
  - Capítulo Dezenove
  - Capítulo Vinte
  - Capítulo Vinte e Um
  - Capítulo Vinte e Dois
  - Capítulo Vinte e Três
  - Capítulo Vinte e Quatro
  - Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Epílogo
Nota da Autora
Agradecimentos
Colofon
Todas as suas (im)perfeições
Obras da autora publicadas pela Galera Record
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Epílogo
Agradecimentos
Colofon
Se não fosse você
Obras da autora publicadas pela Galera Record
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35

36
37
38
Agradecimentos
Colofon
O lado feio do amor
Obras da autora publicadas pela Galera Record
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete
Capítulo trinta e oito
Capítulo trinta e nove
Epílogo
Agradecimentos
Carta aos leitores
Colofon